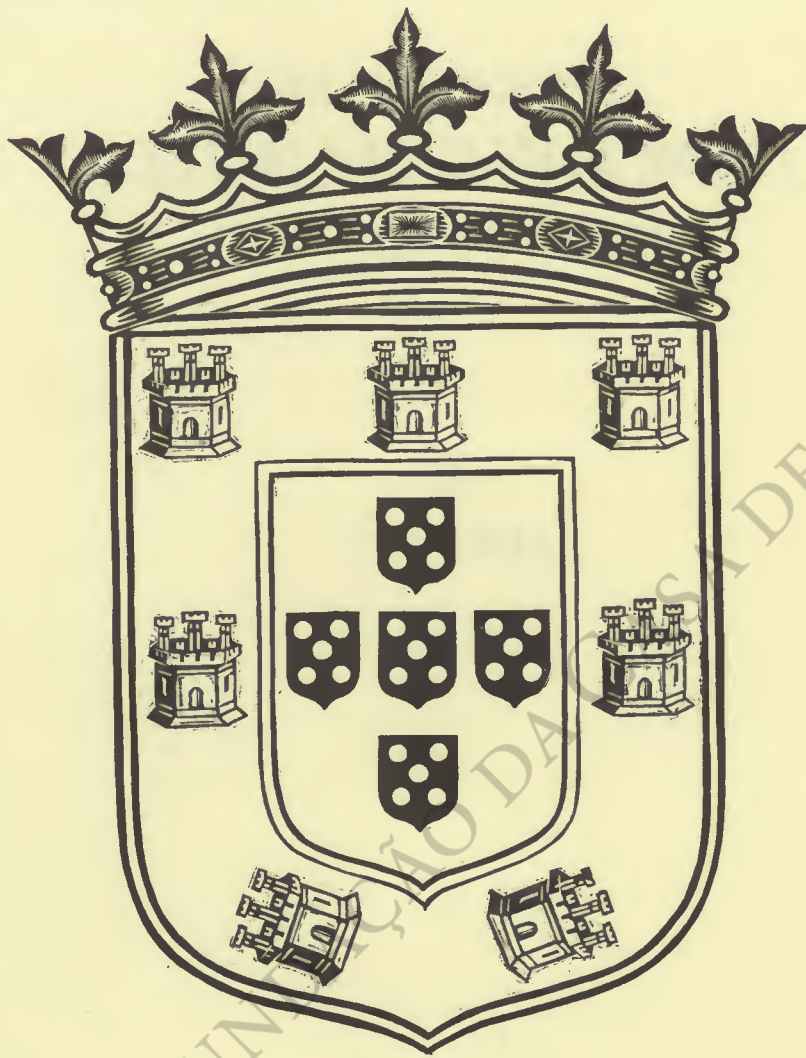
LIVROS ANTIGOS PORTUGUEZES
EARLY PORTUGUESE BOOKS

EARLY PORTUGUESE BOOKS
1489–1600
IN THE LIBRARY OF HIS MAJESTY THE KING OF PORTUGAL

DESCRIBED BY

H.M. KING MANUEL

IN THREE VOLUMES

II

1540–1569

PRINTED AT THE UNIVERSITY PRESS · CAMBRIDGE

AND PUBLISHED BY

MAGGS BROS · LONDON

1932

LIVROS ANTIGOS PORTUGUEZES
1489–1600
DA BIBLIOTHECA DE SUA MAJESTADE FIDELISSIMA

DESCRIPTOS POR

S.M. EL-REI D. MANUEL

EM TRES VOLUMES

II

1540–1569

IMPRESSO NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE CAMBRIDGE
E PUBLICADO POR
MAGGS BROS · LONDRES
1932

TABOA DAS MATERIAS

TABLE OF CONTENTS

INDICE DAS GRAVURAS EXTRA-TEXTO . . . . . . p. x

LIST OF PLATES

41 *Statutos z cõstituycões dos Conegos azuys.* [Lisboa], Germão Galharde, 1540 . 2

42 Padre Francisco Alvares, *Ho Preste Ioam das indias—Verdadera informaçam das terras do Preste Ioam.* [Lisboa], Luiz Rodrigues, 1540 . . . 12

43 André de Resende, *De uerborũ coniugatione commentarius.* Lisboa, Luiz Rodrigues, 1540 46

44 Jorge Coelho, *De Patientia Christiana.* [Lisboa], Luìz Rodrigues, 1540 . 56

45 D. Fr. Balthasar Limpo, *Cõstituições sinodaes do bispado do Porto.* Porto, Vasco Diaz Tanco de Frejenal, 1541 64

46 Martin Laso de Oropesa, *La hystoria que escriuio en latin el poeta Lucano.* Lisboa, Luiz Rodrigues, 1541 96

47 [Boccaccio], *Libro llamado Fiameta.* Lisboa, Luiz Rodrigues, 1541 . . 100

48 Pedro Nunes, *De Crepusculis.* Lisboa, Luiz Rodrigues, 1542 . . . 104

49 *Artijgos das sysas.* Lisboa, Germão Galharde, 1542 110

50 Martin de Azpilcueta Navarro, *In tres de poenitẽtia distinctiones posteriores commentarij.* Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1542 . . 120

51 *REegra z statutos da ordem de Santiago.* Lisboa, Germão Galharde, 1542 . 126

52 D. Jeronymo Osorio, *De Nobilitate Civili.* Lisboa, Luiz Rodrigues, 1542 134

53 D. Fr. João Soares, *Liuro dos remedios contra hos sete peccados mortays.* [Lisboa], Luiz Rodrigues, 1543 148

54 Martin de Azpilcueta Navarro, *Praelectiones in cap. Si quando. & cap. Cum contingat. de rescript.* Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1543 . 154

55 Boscan e Garcilasso de la Vega, *Obras.* Lisboa, Luiz Rodrigues, 1543 . 158

56 Francisco de Monçon, *Libro primero ꝺl espejo del prĩcipe christiano.* Lisboa, Luiz Rodrigues, 1544 164

57 André de Resende, *Vincentivs Levita: et Martyr.* Lisboa, Luiz Rodrigues, 1545 170

58 *Coronica del prĩcipe dõ Florãdo ꝺ Inglatierra.* Lisboa, Germão Galharde, 1545 . 178

59 Garcia de Resende, *Lyuro das obras de Garcia de Refẽde.* [Lisboa], Luiz Rodrigues, 1545 . . . . p. 190

60 Martin de Azpilcueta Navarro, *Commento en Romance ſobre el capitulo Quando. de cõſecratione diſt. prima.* Coimbra, [João de Barreira], 1545 . . . 206

61 Francisco de Monçon, *Norte de cõfeſſores.* Lisboa, Luiz Rodrigues, 1546. 216

62 Martin de Azpilcueta Navarro, *Relectio c. Accepta. de reſtit. ſpoliat.* Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1547 220

63 *REegra z ſtatutos: da ordem de Santiago.* Lisboa, Germão Galharde, 1548 . 224

64 Fr. Antonio de Portalegre, *Meditacam da sacratissima morte & payxã de noſſo Señor.* Coimbra, [João de Barreira e João Alvares], 1548 . . . 228

65 Diogo de Teive, *Cõmentarivs de rebvs in India apvd Divm gestis.* Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1548 232

66 D. Sancho de Noronha, *Tractado Moral de louuores & perígos dalgũs eſtados ſeculares.* Coimbra, Francisco Corrêa, 1549 242

67 Gregorio Martins Caminha, *Tractado da forma dos Libellos.* Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1549 248

68 [São Boaventura], *Liuro chamado Stimulo de amor diuino.* Lisboa, Germão Galharde, 1550 252

69 Martin de Azpilcueta Navarro, *Relectio cap. Ita quorundam. de Iudæis.* Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1550 256

70 Joachim Ringelbergh, *Rhetorica.* Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1550 260

71 Padre M. Gaspar Barzeo, *Carta de la India.* [Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1550?] 262

72 Fernão Lopes de Castanheda, *Hiſtoria do deſcobrimento & conquiſta da India.* Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1551 272

73 [Fr. Rodrigo do Porto], Martin de Azpilcueta Navarro, *Manual de confeſſores.* Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1552 282

74 João de Barros, *Aſia.* Lisboa, Germão Galharde, 1552, 1553 . . 286

75 Samuel Usque, *Consolacam as Tribvlacoens de Israel.* Ferrara, Abraham aben Usque, 5313 [A.D. 1553] 302

76 André de Resende, *Historia, da Antigvidade da Ciidade Evora.* Evora, André de Burgos, 1553 380

77 *Rvdimenta Grammatices.* Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1553 . *p.* 394

78 [Santo Ignacio de Loyola], *Exercitia Spiritvalia.* Coimbra, João de Barreira, 1553 396

79 *Livro das Constitvicoens e Cvstumes da congregacam de sancta Cruz de Coimbra.* Coimbra, Conegos de Santa Cruz, 1553 400

80 Garcia de Resende, *Livro das obras de Garcia de Reesende.* Evora, André de Burgos, 1554 406

81 Diogo de Estella, *Tratado de la vida del apostol san Iuan.* Lisboa, Germão Galharde, 1554 422

82 [Fernão Lopes?], *Coronica do Condeestabre dom Nuno alurez Pereyra.* Lisboa, Germão Galharde, 1554 426

83 Damião de Goes, *Vrbis Olisiponis Descriptio.* Evora, André de Burgos, 1554 440

84 *Primera Parte de las Sentencias por diuersos Autores escriptas.* Lisboa, Germão Galharde, 1554 454

85 Christovão Rodrigues de Oliveira, *Svmmario ẽ qve se contem algvas covsas qve ha na cidade de Lisboa.* Lisboa, Germão Galharde, [1554] . . . 458

86 João de Barros, *Cronica do Emperador Clarimundo.* Coimbra, João de Barreira, 1555 464

87 *Cartas de padres y hermanos dela compañia de Iesus que escriuieron dela India, Iapon, y Brasil.* [Coimbra], João Alvares, 1555 474

88 Lopo de Sousa Coutinho, *Liuro do cerco de Diu.* Coimbra, João Alvares, 1556 486

89 Affonso [Braz] de Albuquerque, *Commentarios de Afonso Dalboquerque.* Lisboa, João de Barreira, 1557 496

90 Fr. Manuel de Goes, *Cantus funerum etiã processionum, iuxta ritum ordinis Carmelitarũ.* Lisboa, João de Barreira, 1557 510

91 Ruy Gonçalves, *Priuilegios & prærogatiuas do genero feminino.* [Lisboa ou Coimbra], João de Barreira, 1557 514

92 *Constituições do Bispado de Euora.* Evora, André de Burgos, 1558 . . . 518

93 Bernardim Ribeiro, *Hystoria de Menina e Moca.* Colonia, Arnold Birckman, 1559 536

94 Fr. Luiz de Granada, *Compendio De doctrina Christãa.* Lisboa, João Blavio, 1559 550

95 *Cõſtituições ſinodaes do Biſpado Dangra.* Lisboa, João Blavio, 1560 . . *p.* 558

96 [Fr. Rodrigo do Porto], Martin de Azpilcueta Navarro, *Manval de Confeſſores.* Coimbra, João de Barreira, 1560. 566

97 Antonio Tenreiro, *Itinerario.* Coimbra, Antonio de Mariz, 1560 . . 572

98 *Cartas de los Jesuitas de la India.* Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1562 590

99 Gil Vicente, *Copilacam de todalas obras de Gil Vicente.* Coimbra e Lisboa, João Alvares, 1562 608

100 Garcia da Orta, *Coloquios dos ſimples, e drogas da India.* Goa, João de Endem, 1563 644

101 João de Barros, *Terceira decada da Aſia.* Lisboa, João de Barreira, 1563 . 660

102 *Horas de Nossa Senhora.* Paris, Jeronymo de Marnef, 1563 . . . 666

103 Elias de Lemos, *Vida da Bẽauẽturada Catherina de Genoa.* Lisboa, João de Barreira, 1564 674

104 D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, *Catechiſmo.* Braga, Antonio de Mariz, 1564 680

105 Manuel de Mesquita Perestrello, *Naufragio da Nao ſam Bẽto.* Coimbra, João de Barreira, 1564 692

106 Fr. Luiz de Montoya, *Obras delos qve aman a Dios.* Lisboa, João de Barreira, 1565 700

107 João Bermudes, *Breue relação da embaixada q̃ o Patriarcha dõ Ioão Bermudez trouxe do Emperador da Ethiopia.* Lisboa, Francisco Corrêa, 1565 . . . 704

108 *Conſtituições do arcebiſpado Deuora.* Evora, André de Burgos, 1565 . . 720

109 [Jeronymo de Santa Fé], D. Gaspar de Leão Pereira, *Tratado cõtra os judeus.* Goa, João de Endem, 1565 726

110 *Cartas de los Jesuitas del Japon.* Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1565 734

111 *Ordenações d'El-Rei D. Manuel.* Lisboa, Manuel João, 1565 . . . 740

112 *Navfragio da Nao Sancta Maria da barca.* Lisboa, Marcos Borges, 1566 . 746

113 Feliciano de Silva, *Coronica delos caualleros don Floriſel de Niquea y Anaxartes.* Lisboa, Marcos Borges, 1566 750

114 *Libro del inuencible Cauallero Primaleon.* Lisboa, Manuel João, 1566 . . 754

115 Damião de Goes, *Chronica DelRei Dom Emanvel.* Lisboa, Francisco Corrêa, 1566–1567 760

116 Damião de Goes, *Chronica do Principe Dom Ioam.* Lisboa, Francisco Corrêa, 1567 . . . . p. 778

117 André de Resende, *Carmen Endecasyllabon, ad Sebastianum Regem.* Lisboa, João de Barreira, 1567 784

118 *O Primeiro Concilio Prouinçial çelebrado em Goa.* Goa, João de Endem, 1568 . 790

119 Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam.* Evora, André de Burgos, 1569 796

120 Duarte Nunez do Leão, *Leis Extravagantes.* Lisboa, Antonio Gonçalves, 1569 802

LIVROS CONSULTADOS PARA A COMPOSIÇÃO DO VOLUME II D'ESTA OBRA 811

BOOKS CONSULTED FOR THE COMPOSITION OF VOLUME II OF THIS WORK

INDICE DAS GRAVURAS EXTRA-TEXTO

LIST OF PLATES

I Carta assignada pelos Reis Catholicos, Fernando e Izabel, em Murcia a 10 de Maio de 1488 . . . . *pp.* 198–199

Letter signed by Ferdinand and Isabella in Murcia on May 10th, 1488

II Carta assignada por El-Rei D. Manuel em Evora a 24 de Abril de 1497 360–361

Letter signed by King Manuel I in Evora on April 24th, 1497

III Carta assignada por El-Rei D. João III em Lisboa a 23 de Novembro de 1541 468–469

Letter signed by King João III in Lisbon on November 23rd, 1541

IV Encadernação Ingleza "Mearne" do seculo XVII, em marroquim, do *Compendio De doctrina Christãa,* Lisboa, 1559 552–553

English XVIIth century "Mearne" morocco binding of the *Compendio De doctrina Christãa,* Lisbon, 1559

V Carta assignada por El-Rei D. Manuel em Lisboa a 4 de Junho de 1502 770–771

Letter signed by King Manuel I in Lisbon on June 4th, 1502

VI Carta assignada por El-Rei D. Manuel em Lisboa a 4 de Junho de 1502 774–775

Letter signed by King Manuel I in Lisbon on June 4th, 1502

VII Copias, escriptas pelo punho de André de Resende, de quatro cartas datadas de Evora em 1534 786–787

Copies, in André de Resende's handwriting, of four letters dated from Evora in 1534

ERRATA ET CORRIGENDA

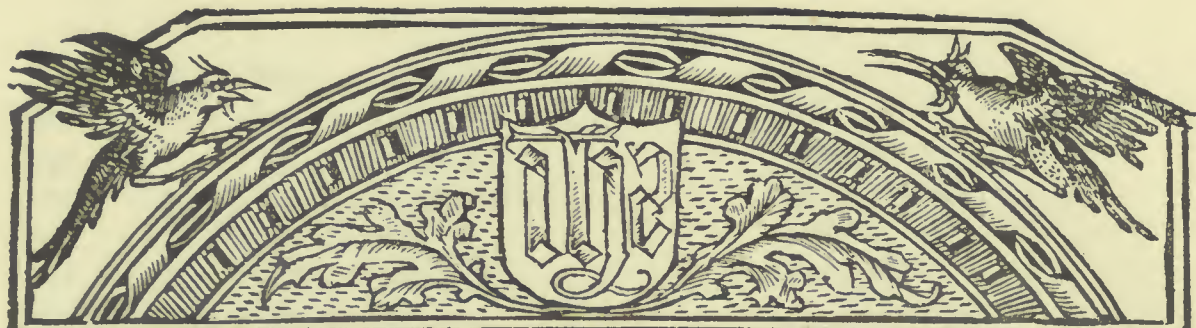
Pag.	*col.*	*linha*	*onde se lê*	*leia-se*
Page	*col.*	*line*	*instead of*	*read*
6	1	11	narraçao	narração
18	1	12	Lourenço Medicis	Lourenço de Medicis
39	1 & 2	6	*Asia*	*Afia*
69	1 & 2	27 & 28	Correa	Corrêa
79	1	22	tomou o seu nome *do Bispo*	tomou o nome *do Bispo*
79	1	25	missa	Missa
79	2	26	mass	Mass
88	1	32	defesa	defeza
103	1 & 2	17 & 19	Correa	Corrêa
112	1	6	EU elrey	"EU elrey
150	1 & 2	25 & 27	Felippe	Filippe
179	—	33	*Tarjas dos lados*	*Tarjas aos lados*
192	—	26	*enquadrado pela portada*	*enquadrado pela mesma portada*
213	1	30	à qual	á qual
227	1	9	João II	D. João II
229	—	2	MORTE E PAYXÃ	MORTE & PAYXÃ
239	2	7	nor	or
257	1 & 2	30–31	1, 8...1 4	I, 8...I 4
269	1	21	todos que	todos os que
269	1	24	então como	então á fórma como
269	1	25	e que	e diz que
289	1	29	encontramos ver	encontramos (ver
292	1	26–27	encommendo-lhe	encommendou-lhe
303	—	33	*sphere*	*Sphere*
315	1	22–23	cavallo com os Condes de Barcellos e Arrayolos e foi	cavallo e, com os Condes de Barcellos e Arrayolos, foi
354	2	23	vice-roy	Vice-Roy
366	1	17	exhaltado	exaltado
383	2	21	banishment	banishment from Evora
385	1	44	quere	quer
409	1	19	neste	n'este
433	1	3	accreditar	acreditar
460 461	1 & 2 1	6 & 5 3	Gomes Brito	Gomes de Brito
475	1	15	os epigraphes	as epigraphes
503	2	38	Malaca	Malacca
506	2	7	East building	East, building
522	1	18	existénica	existéncia

ERRATA ET CORRIGENDA

Pag. *Page*	*col.* *col.*	*linha* *line*	*onde se lê* *instead of*	*leia-se* *read*
540	1	35	dispertam	despertam
575	1	30	egualmente foi	foi egualmente
607	1	6	pôde	poude
623	1	11	decenio	decennio
625	1	28	Felippina	Filippina
679	1	16	Felippina	Filippina
689	1	39	reuniu, Concilio	reuniu Concilio
690	1	13–14	gravamente	gravemente
695	1	33	um chuva	uma chuva
711	2	43	Viceroy	Vice-Roy
755	—	19	de valeroſo	del valeroſo
786	1	30	a seu parecer	o seu parecer

159	—	6	Omitta-se a palavra *Prologo*[2]	The word *Prologo*[2] to be omitted
pp. 112, 150, 152, 156, 385, 424, 447, 449, 499			*onde se lê* / *instead of* Catharina	*leia-se* / *read* Catherina

¶ Statutos ⁊ conſtituy-
cões dos virtuoſos ⁊ reue
rendos padres Conegos
azuys do eſpecial amado
diſcipulo de xp̃o ⁊ ſeu ſin-
gular ſecretario ſam Joã
apoſtolo ⁊ euãgeliſta. ⁊ bo
fundamento de ſua apo
ſtolica ⁊ muy louua
da congregaçã da
clerizia ſecular
reformatiua
em a obſer
uácia de
ſua vi-
da.

1 Folha do rosto dos *Statutos dos Conegos azuys*
Title-page of the *Statutos dos Conegos azuys*
[Lisboa], 1540

41 STATUTOS E CONSTITUYCÕES DOS CONEGOS AZUYS.
[Lisboa], Germão Galharde, 1540.

Statutos z conſtituy- | cões [*sic*] dos virtuoſos z reue | rendos padres Conegos | azuys do eſpecial amado | diſcipulo de xp̃o z ſeu ſin- | gular ſecretario ſam Ioã | apoſtolo z euãgeliſta. z ho | fundamento de ſua apo | ſtolica z muy louua | da congregaçã da | clerizia ſecular | reformatiua | em a obſer | uãcia de | ſua vi- | da.

Titulo a negro e vermelho em linhas alternadas, enquadrado por uma portada ornada de aves e folhagens, que na parte superior, ao meio, tem o monogramma ihs, e na inferior o escudo das Armas Reaes[1].

[fl. 2] Prologo. [...]

[fl. 2 vo.] Segueſe a tauoada dos capitulos | que na preſente obra ſe contẽ. [...]

[fl. 4] [...] Fim da tauoada.

[fl. 4 vo.]

Gravura que representa a Santissima Trindade, no meio de 12 gravuras mais pequenas que representam Santos[2].

fl. j. Começaſſe ho modo da criaçam | da congregaçã de ſam Iorge ẽ | Alga da cidade de Veneza. | Capitulo primeyro. [...]

Gravura que representa Nossa Senhora com o Menino Jesus[3].

fl. xij. Começãſe as cõſtituições dos co- | negos ſeculares viuentes em comũ: | ſegundo a regra dos ſanctos apl'os ẽ | a congregacam [sic] de ſam Iohã euãgeli- | ſta em eſte reyno de Portugal. | Capitulo primeiro. [...]

fl. lij. [...] Laus deo.

fl. lij vo. Forã impreſſas eſtas cõſtituições | per mandado do muyto virtuoſo z Reue- rendo pa | dre ho padre Frãciſco de ſancta Maria ſendo | Rector geral com conſentimento z lugar | do capitulo z padres que pera as | mandar imprimir lhe derã pri | meyro. As quaes foram | impreſſas ẽ caſa de | Germã Ga- | lharde im | primi- | dor. | Acabarãſeaos .xxv. dias do mes Dagoſ- | to. Anno de .M.D.xl.

Folio—[4], lij folhas—37 e 38 linhas—caractéres gothicos—notas marginaes em caractéres menores—com gravuras no começo d'alguns capitulos—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: 4 folhas sem paginação nem assignaturas; A–F, 8 folhas cada caderno; G, 4 folhas; total de 56 folhas.

Encadernação de marroquim azul.

Folio—[4], lij leaves—37 and 38 lines—Gothic letter—marginal notes in smaller type—woodcuts at the beginning of some of the chapters—no catchwords.

Collation by signatures: 4 unnumbered leaves without signature marks; A–F, each 8 leaves; G, 4 leaves; total 56 leaves.

Blue morocco binding.

[1] *Title printed in red and black in alternate lines, within a woodcut border adorned with birds and foliage and having the monogram ihs in the centre at the top, and the Royal Arms at the bottom.*
[2] *Woodcut representing the Holy Trinity, surrounded by 12 smaller woodcuts representing Saints.*
[3] *Woodcut of the Virgin and Child.*

Os *Statutos ꝛ constituycões dos virtuosos ꝛ reuerendos padres Conegos azuys do especial amado discipulo de xp̃o ꝛ seu singular secretario sam Ioã apostolo ꝛ euãgelista* fôram impressos por Germão Galharde em 1540, por mandado do Reitor Geral, Padre Francisco de Santa Maria.

É uma obra muito rara e das que Galharde estampou com maior desvelo. Para a sua execução serviu-se, em parte, de material que já tinha empregado em outros livros: por exemplo, a portada da folha do rosto é a mesma da folha do rosto do *Tratado da Sphera* (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, p. 542). Alem d'isso, foi buscar para o seu livro gravuras e lettras capitaes de que outros "imprimidores"—especialmente Valentim Fernandes e João Pedro Bonhomini de Cremona—já tinham feito uso. Comtudo, conseguiu n'estes *Statutos* um resultado notavel, pois a sua impressão é, certamente, digna de nota pela sua belleza e finura.

Referem-se a esta obra: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 786), Innocencio (*Diccionario*, vol. VII, p. 291 e vol. XIX, 12º do *Supplemento*, p. 236), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 231), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 622), que nos indicam a existencia dos seguintes exemplares: Bibliotheca Nacional de Lisboa (dois exemplares), Archivo Nacional, Bibliotheca de Evora, Bibliotheca de Mafra e Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

Tanto Mattos como Innocencio mencionam tambem um exemplar defeituoso e mutilado na Bibliotheca do Porto. Na Bibliotheca Palha (infelizmente vendida ha pouco tempo para os Estados Unidos da America do Norte, onde, depois de ter deixado o nosso paiz empobrecido de mais algumas preciosidades, foi enriquecer a Bibliotheca da Universidade de Harvard) havia um exemplar (nº 2444 do *Catalogo*).

A historia dos *Conegos azuys* é cheia de encanto e de interesse, e, mais uma vez, demonstra o que

The *Statutos ꝛ constituycões dos virtuosos ꝛ reuerendos padres Conegos azuys do especial amado discipulo de xp̃o ꝛ seu singular secretario sam Ioã apostolo ꝛ euãgelista* (Statutes and constitutions of the virtuous and reverend blue Canons of the order of the especially beloved disciple of Christ and His singular secretary, St John the apostle and evangelist) were printed in 1540 by Germão Galharde at the command of the Rector General, Father Francisco de Santa Maria.

Some of the material Galharde used in the composition of this rare work had already been employed by him in other books: for instance the border on the title-page is the same as that which appears on the title-page of the *Tratado da Sphera* (see *Early Portuguese Books*, vol. I, p. 542). Galharde also made use in this work of woodcuts and capital letters which had previously been used by other printers—especially by Valentim Fernandes and João Pedro Bonhomini de Cremona. However he achieved a notable result with these *Statutos*, for the book is really magnificently printed.

Among those who refer to the *Statutos* are Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, p. 786), Innocencio (*Diccionario*, vol. VII, p. 291 and vol. XIX, 12th of the *Supplement*, p. 236), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 231), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 622). The last-mentioned bibliographers indicate the existence of the following copies: Lisbon National Library (two copies), Archivo Nacional, Evora Library, Mafra Library and the National Library at Rio de Janeiro.

Both Mattos and Innocencio cite a mutilated copy in the Oporto Library. There was also one (*Catalogue* no. 2444) in the Palha Library (which was unfortunately sold to America a short time ago and now enriches the Harvard University Library, leaving Portugal the poorer).

The history of the *Conegos azuys*, or blue Canons, is full of charm and interest and is

foi a admiravel obra social do clero em Portugal. Lamentamos que a falta de espaço não nos permitta narrar muitos factos; mas aquelles que desejarem estudar a historia da Ordem, acharão as informações necessarias em muitos auctores, entre os quaes citaremos: Padre Francisco de Santa Maria (*O Ceo aberto na Terra*, 1697); Fr. Francisco Brandão (*Monarchia Lusitana*, 1672, Parte VI, pp. 309–314); D. Rodrigo da Cunha (*Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga*, 1635, Parte II, pp. 226–228, e *Catalogo dos Bispos do Porto*, 1742, pp. 165–166); Barbosa (*Bibliotheca Lusitana, loc. cit.*); Fortunato de Almeida (*História da Igreja em Portugal*, t. II, pp. 110, 153 *e seg.*, 313, 442, 443; t. III, parte I, pp. 426 e 427; t. III, parte II, pp. 470 e 483).

"O instituto de *cónegos seculares de S. Salvador de Villar* ou *cónegos de S. João Evangelista* teve as suas origens em Portugal, mas veio a ser confirmado com as constituições dos *cónegos seculares de S. Jorge em Alga de Veneza*" (ver Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. II, p. 110).

A congregação Portugueza foi fundada por tres homens illustres, Mestre João, medico d'El-Rei D. João I, mestre em philosophia e Doutor em Medicina, Martim Lourenço, Doutor em Theologia, e D. Affonso Nogueira—mais tarde Bispo de Coimbra e depois Arcebispo de Lisboa—filho de Affonso Eannes Nogueira, Alcaide-Mór de Lisboa. No fim do primeiro quartel do seculo XV, estes tres Portuguezes, impressionados pelos escandalos da sociedade e mesmo do clero, decidiram dedicar-se ao serviço de Deus, fazer o bem, e seguir a vida religiosa. Acompanhados por alguns adeptos, estabeleceram-se primeiro nos Olivaes, juncto de Lisboa; mas difficuldades separaram-os. Mestre João esteve então no Porto, onde o Bispo D. Vasco lhe deu, assim como aos seus religiosos, a egreja de Santa Maria de Cam-

a further example of the admirable social work carried on by the clergy in Portugal. We regret that lack of space prevents us from giving as many facts as we should have liked; but those who desire to study the history of the Order will find information about it in the works of many authors, and especially of Father Francisco de Santa Maria (*O Ceo aberto na Terra*, 1697); Fr. Francisco Brandão (*Monarchia Lusitana*, 1672, Part VI, pp. 309–314); D. Rodrigo da Cunha (*Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga*, 1635, Part II, pp. 226–228, and *Catalogo dos Bispos do Porto*, 1742, pp. 165–166); Barbosa (*Bibliotheca Lusitana, loc. cit.*); and Fortunato de Almeida (*História da Igreja em Portugal*, vol. II, pp. 110, 153 *et seq.*, 313, 442, 443; vol. III, part I, pp. 426 and 427; vol. III, part II, pp. 470 and 483).

"The institute of lay canons of S. Salvador de Villar, or canons of St John the Evangelist, was started in Portugal, but was confirmed with the same constitutions as the lay canons of St George in Alga of Venice" (see Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. II, p. 110).

The Portuguese congregation was instituted by three notable men, Mestre João, physician to King João I, master of philosophy and Doctor of Medicine, Martim Lourenço, Doctor of Theology, and Dom Affonso Nogueira—who became Bishop of Coimbra and afterwards Archbishop of Lisbon—the son of Affonso Eannes Nogueira, Governor of Lisbon. At the end of the first quarter of the XVth century these three Portuguese, moved by the corruption of society and even of the clergy, decided to devote their lives to good works, and dedicated them-selves to God. With a few followers they settled first at Olivaes, near Lisbon; but difficulties soon separated them. Mestre João then went to Oporto and the Bishop Dom Vasco gave the church of Santa Maria de Campanhã to him and his monks. Fresh difficulties caused the

panhã: novas difficuldades causaram a sahida da congregação de Campanhã; finalmente, o Arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, acolheu carinhosamente Mestre João e os seus companheiros, e offereceu-lhes o mosteiro benedictino de S. Salvador de Villar de Frades, que estava abandonado. Mestre João, como superior da communidade, redigiu os estatutos que a deviam governar.

Os *Statutos dos Conegos azuys*, 1540 (fl. v v° *e seg.*), conteem uma narraçao da vida e virtudes de Mestre João e dos seus companheiros, assim como uma descripção da fundação da Ordem, escriptas n'um estylo archaico e cheio de poesia, que, em muitos casos, nos recorda o do *boosco deleytoso* (1515). O seguinte periodo a respeito de Mestre João tem um encanto especial:

"Elrey dom Ioã primeiro de boa memoria: regnando em estas partes de Portugal: daquesta tanta ꝛ tã escorregauel ꝛ fraca copia de homẽs: esse mesmo ds ꝛ senhor todo poderoso criou huũ homẽ hy do lymo da terra: ꝛ destas espinhas sacou hũa frol bem cheirãte. ꝛ dotou ho d spũ de sabedoria ꝛ de entendimẽto. E ho enriquẽtou danimo de conselho ꝛ de fortaleza: ꝛ com lume diuinal ꝛ pedras preciosas: de vertudes ho afermosentou per nome Ioã. foy por tanto homẽ enuiado (sic) per ds ho qual abrisse as carreirasante (sic) a presença do senhor aos seus seruos."

Mestre João nasceu em Lisboa "de honestos parentes," e tendo apprendido boas artes era

"em toda honestidade auantejado ꝛ aformosẽtado per todos outros boõs custumes ꝛ sciencias: aas quaes desde sua mocidade deu muita obra ꝛ de quanto engenho foi ꝛ de quanto saber nessa medicina em que foy graduado de que temperança / de que benignidade / de que fee / que moderaçam de lingoa / que eloquencia de falar / de que saber das cousas antigas / ꝛ dos custumes nouos ꝛ velhos era cousa marauilhosa a todos."

Depois o auctor dos *Statutos* refere-se á devoção

monks to leave Campanhã, and they were finally received by the Archbishop of Braga, Dom Fernando da Guerra, who offered them the deserted Benedictine monastery of S. Salvador de Villar de Frades. As the head of the community, Mestre João drew up the statutes by which it was to be governed.

The *Statutos dos Conegos azuys*, 1540 (fl. v vo. *et seq.*), contain an account of the life and virtues of Mestre João and his companions, together with a description of the founding of the Order. The narrative is written in an archaic style, which is full of poetry and often reminds us of the *boosco deleytoso* (1515). The following passage, where the writer speaks of Mestre João, has a particular charm:

"When King João I of happy memory was reigning in these parts of Portugal, from that lascivious and weakly generation of men this same God and all-powerful Lord created a man there, out of the dust of the earth; and from these thorns He drew a sweet-smelling flower and endowed him with the spirit of knowledge and understanding. And He enriched him with a wise and vigorous mind and beautified him with the divine light and the precious stones of virtue, and his name was João (John). He was therefore a man sent by God to open up the ways into the presence of the Lord unto His servants."

We read further that Mestre João was born in Lisbon "of honest parents," that he was learned in the classics,

"of surpassing honour, and adorned with all other good habits, and with learning, at which he had laboured greatly since his childhood; and the extent of his skill and knowledge in medicine, in which he graduated, his temperance, his benignity, his faith, the moderation of his language, the eloquence of his speech, his knowledge of ancient things and of new and old customs were a wonder to everybody."

The author of the *Statutos* also tells us how

de Mestre João, e em seguida falla da auctoridade que exercia sobre os

"principes da terra: nõ ſoomente acerca das letras ꝺ ſua medicina: mas ainda em q̃lquer outra enſinança ⁊ couſa que ouueſſe dacõſelhar ou prouer prudẽte ⁊ auõdoſo nom menos que virtuoſo foy em a preſença de todos pola qual couſa em riq̃zas ⁊ extimaçã acerca dos principes ⁊ de todollos homẽs muyto creçeo. as quaes couſas aſſi todas engeitadas E os apetitos da carne de ſi lançados ⁊ aborrecidos: elle deſejaua de viuer apartadamẽte vida religioſa ⁊ ſe offerecer ao ſeruiço de deos."

Estabelecidos em S. Salvador de Villar de Frades, Mestre João e os seus religiosos tiveram primeiro o nome de *bons homens de Villar*, sendo a congregação confirmada depois pelo Papa Eugenio IV, que os constituiu conegos seculares, e lhes concedeu

"todolos priuilegios / exẽções / liberdades / inmunidades / indulgẽcias / indultos / ⁊ graças / que ho rector ⁊ conegos ſeculares da congregaçam de ſam Iorge dalga...tem" (*Statutos*, fl. x).

Os religiosos tiveram ao mesmo tempo a faculdade de fazerem constituições e de usarem o habito azul. D. Affonso Nogueira, "por ſua deuaçam," tinha ido visitar a casa de S. Jorge de Alga,

"⁊ aquelles primeyros padres daqueſta congregação em aquellas partes fundadores. E trouxe delles a regra ⁊ abito de coor azul: porque ta aly eſtes noſſos veſtiã pardo" (*Statutos*, fl. vij).

A côr do habito foi a origem do nome de *Conegos azuys*; mas o nome official dos religiosos, após a confirmação de Eugenio IV, era *Congregação dos Conegos de S. Salvador de Villar de Frades*. Comtudo, esse nome foi pouco depois modificado: a grande devoção que a Rainha D. Izabel, mulher d'El-Rei D. Affonso V, tinha pelo Apostolo S. João Evangelista, levou o Soberano a alcançar do Papa Pio II

religious was Mestre João. We are further informed of his great authority over

"the princes of the earth, not only concerning medicine, but in whatever other teaching or matter he had to give counsel or make provision, he showed himself not less abundant in prudence than in virtue in the presence of all; for which reason he grew greatly in riches and esteem before the princes and all men. But rejecting all such things, and casting out and abhorring all the lusts of the flesh, he desired to live a religious life apart from the world and to offer himself to the service of God."

Established in S. Salvador de Villar de Frades, Mestro João and his followers were known first as the *bons homens de Villar* (good men of Villar). The congregation was afterwards confirmed by Pope Eugenius IV, who made its members lay canons and conceded them

"all the privileges, exemptions, liberties, immunities, indulgences, indults and graces that are enjoyed by the rector and canons of the congregation of St George in Alga" (*Statutos*, fl. x).

At the same time the monks were given the right to frame constitutions and to wear the blue habit. Dom Affonso Nogueira had "in his zeal" gone to visit the house of St George in Alga

"and the first fathers who were the founders of that congregation in those parts. And from them he took the rule and the habit of blue, because until then these our monks had worn grey" (*Statutos*, fl. vij).

The name *Conegos azuys* was derived from the colour of their habit, though their official denomination, according to Eugenius IV's confirmation, was the *Congregation of Canons of S. Salvador de Villar de Frades*. Shortly afterwards, however, the name of the congregation was again altered: Queen Izabel, the wife of Dom Affonso V, had such great devotion for St John the Evangelist that the King asked Pope Pius II

que o instituto se intitulasse *Congregação dos Conegos seculares de S. João Evangelista.*

"Coſtumaua dizer eſta Princeza, que ſe vinte filhos lhe dera Deos, a vinte puzera o nome de *Ioaõ*, & com effeito aſſi o fez a tres que ouue, *D. Ioaõ*, que morreo minino, *D. Ioaõ*, q̃ ſuccedeo a ſeu pay, & foi o II. do nome. *D. Ioãna* q̃ morreo ſantamente no moſteiro de IESVS de Aueiro" (D. Rodrigo da Cunha, *Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga*, Parte II, p. 227).

Essa devoção da illustre filha do Regente ficou demonstrada no seu testamento (ver Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, t. II, pp. 51–58), no qual pediu que fôsse edificado um convento em honra de S. João Evangelista, e entregue aos *bons homens de Villar* para "ſer cabeça ꝺ toda a cõgregaçã ꝛ ſer chamado de ſam Ioã euãgeliſta" (*Statutos*, fl. x vº). D. Affonso V, querendo cumprir a vontade da Rainha, pediu ao Abbade de Alcobaça

"que lhe cedesse um oratório que havia edificado em Xabregas, junto a Lisboa, para collégio ou hospício da sua ordem. Ahi se levantou effectivamente um edifício mais amplo, que ficou sendo cabeça da congregação de S. João Evangelista, o que tudo foi confirmado por Pio II em breve de 9 de março de 1461" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. II, p. 156).

Já antes do breve de Pio II, os nossos conegos—que ainda se chamavam de S. Salvador de Villar—receberam em 1438 o convento de Recião, que tinha sido de religiosas benedictinas, e, em 1442, o Regente D. Pedro entregou-lhes o famoso hospital de Santo Eloy em Lisboa. O hospital ou collegio dos Santos Paulo, Eloy e Clemente havia sido fundado em Lisboa pelo Bispo D. Domingos Annes Jardo em 1286 (ver Fr. Francisco Brandão, *Monarchia Lusitana*, Parte V, fl. 96–97 vº). Este mosteiro, conhecido pelo nome de um dos Santos a que havia sido dedicado—Santo Eloy—fez com que os *Conegos azuys* tam-

to change the name of the institute to *Congregation of lay canons of St John the Evangelist.*

"This Princess used to say that if God gave her twenty children she would call all twenty by the name of *João*, and in truth she did this with the three she had, *Dom João*, who died young, *Dom João*, who succeeded his father, and was the second Portuguese King of that name, and *Dona Joanna*, who died a holy death in the monastery of Jesus in Aveiro" (Dom Rodrigo da Cunha, *Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga*, Part II, p. 227).

The devotion of the Regent's daughter was shown in her will (see Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, vol. II, pp. 51–58), where she expressed a wish that a convent should be erected in honour of St John the Evangelist, and made over to the *bons homens de Villar* "to be the head of the whole congregation and to be called after St John the Evangelist" (*Statutos*, fl. x vo.). To fulfil the Queen's request Dom Affonso V desired the Abbot of Alcobaça

"to cede to him an oratory he had built in Xabregas, near Lisbon, to be a college or hospice for his Order. A larger edifice was, in effect, erected there and became the head of the congregation of St John the Evangelist, all of which was confirmed by Pope Pius II in a brief dated March 9th, 1461" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. II, p. 156).

In 1438, before Pius II's brief, the canons—who still bore the name of *S. Salvador de Villar*—had received the convent of Recião, which had belonged to the Benedictine nuns, and in 1442 the famous hospital of St Eloi in Lisbon was given them by the Regent Dom Pedro. The hospital or college of St Paul, St Eloi and St Clement had been founded in Lisbon by the Bishop Dom Domingos Annes Jardo in 1286 (see *Monarchia Lusitana*, Part V, fl. 96–97 vo.). This monastery was known by the name of one of the Saints to which it had been dedicated—St Eloi—so the *Conegos azuys* were also called the canons

bem fôssem chamados de *Santo Eloy*. O povo simplificou a denominação, e os religiosos de S. João Evangelista passaram a ser conhecidos pelo nome de *frades loyos* ou simplesmente *loyos* (de Santo Eloy).

Depois, os *Conegos azuys* tiveram uma casa em Evora, que se começou a edificar em 1485.

Os *loyos* seguiam as tradições e os principios das outras Ordens religiosas em Portugal; ensinavam, e tratavam dos doentes. Nos seus conventos tinham aulas publicas de grammatica e moral, especialmente em Villar de Frades e Santo Eloy de Lisboa; na casa fundada por D. Domingos Jardo no fim do seculo XIII, este benemerito Prelado já havia estabelecido estudos. A esses tão importantes trabalhos junctavam-se as obras de caridade. As admiraveis instituições de beneficencia, as *caridades*, viviam debaixo da protecção do clero, a quem, na maior parte dos casos, eram devidas, e estavam intimamente ligadas á religião, suprema consolação dos que soffrem.

"Quando D. João II quís unir em um só os differentes hospitaes que havia em cada terra, pediu e alcançou a auctorização do pontífice, de tal modo se julgavam aquelles institutos de caridade vinculados á religião" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. II, p. 439).

Os *Conegos azuys* de Santo Eloy repartiam-se pelos hospitaes da capital, limpando as enfermarias, consolando os doentes e ministrando-lhes os Sacramentos; praticavam as mesmas boas obras nas cadeias publicas. Durante a peste de Lisboa em 1458, e na de 1493, que principalmente grassava no Porto, os religiosos de S. João dedicaram-se ao tratamento dos enfermos, sacrificando ás vezes a vida, como aconteceu durante as pestilencias de 1569 e 1579. Os serviços dos *Conegos azuys* nos hospitaes eram relevantes e, na verdade, de utilidade publica.

"D. João III, no intuito de defender os interesses dos hospitaes, determinou confiar aos cónegos seculares de S. João Evangelista (loios)

of St Eloi. The people simplified the title and the monks of St John the Evangelist became the *frades loyos* (brothers of St Eloi) or simply the *loyos*.

Afterwards the *Conegos azuys* had a house in Evora, the construction of which was begun in 1485.

The *loyos* upheld the same traditions and principles as the other religious Orders in Portugal: they taught the people and looked after the sick. They held public classes in grammar and ethics in their convents, especially in Villar de Frades and St Eloi in Lisbon; indeed Dom Domingos Jardo had already inaugurated studies in the house he founded at the end of the XIIIth century. To these important labours were joined the works of charity. These admirable charitable institutions were under the protection of the clergy, to whom, in most cases, they owed their being, and were thus closely connected with religion, the supreme consolation of the suffering.

"When Dom João II wished to unite all the hospitals in the different places into one, he asked and received the pontifical authorisation, so closely were these charitable institutions considered to be linked with religion" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. II, p. 439).

The *Conegos azuys* of St Eloi distributed themselves among the hospitals in the capital, cleansing the sick-rooms, consoling the sick, and administering the Sacraments to them; they carried out the same functions in the public prisons. During the plague in Lisbon in 1458 and during the one centred at Oporto in 1493, the monks of St John devoted themselves to the stricken, and in some cases they lost their lives in treating them, as happened in the pestilences of 1569 and 1579. The work done by the *Conegos azuys* in the hospitals was indeed outstanding, and of great public utility.

"To protect the interests of the hospitals, Dom João III determined to entrust the supreme administration of many of those houses to the lay

2 Gravuras dos *Statutos dos Conegos azuys*
Woodcuts from the *Statutos dos Conegos azuys*
[Lisboa], 1540

¶ Forã impressas estas cõstituições
per mandado do muyto virtuoso ⁊ Reuerendo pa
dre ho padre Frãcisco de sancta Maria sendo
Rector geral com consentimento ⁊ lugar
do capitulo ⁊ padres que pera as
mandar imprimir lhe derã pri
meyro. As quaes foram
impressas ẽ casa de
Germã Ga-
lharde im
primi-
dor.
✠
Acabarãse aos .xxv. dias do mes Dagos-
to. Anno de. M.D.xl.
✠

3 Colophon dos *Statutos dos Conegos azuys*
Colophon of the *Statutos dos Conegos azuys*
[Lisboa], 1540

a suprema administração de muitas de aquellas casas" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. III, parte II, p. 470).

A Ordem instituida por Mestre João serviu Deus e a Patria, sendo realmente interessante e bella a vida do celebre Portuguez que a fundou. O virtuoso Prelado era um medico illustre e mestre em philosophia; é pois natural e comprehensivel que tivesse mostrado aos seus conegos como—sob a benção de Deus—a religião e a sciencia se podiam unir para fazer o bem e a caridade. Em 1429 acompanhou a Infanta D. Izabel e o Infante Santo, seu irmão, quando a filha de D. João I partiu para Flandres para casar com Filippe o Bom, Duque de Borgonha. D'alli seguiu para Roma, onde, graças á sua sciencia, curou de uma grave doença o Cardeal Gabriel Condelmerio que, fallecendo em 1431 Martinho V, foi eleito Papa com o nome de Eugenio IV. O Pontifice, reconhecendo os serviços do seu amigo e estando vago o Bispado de Lamego, nomeou-o para essa diocese, sendo, mais tarde, promovido á Sé de Vizeu. As suas virtudes e a sua auctoridade fizeram com que fôsse escolhido para reformador da Ordem de Christo, sendo Governador o Infante D. Henrique. Velho—tinha 83 annos—o digno Prelado falleceu em Vizeu em 1463, onde jaz na Cathedral. Tão grandes eram as suas virtudes que, reza a lenda, no momento da sua morte ouviram-se vozes celestiaes e todos os sinos de Vizeu dobraram espontaneamente. A lenda, como sempre, tem encanto, e mostra-nos, pelo menos, como era venerado em Portugal o nome do fundador dos *Conegos azuys*, "frol bem cheirãte" nascida "do lymo da terra e deſtas eſpinhas."

canons of St John the Evangelist (the *loyos*)" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. III, part II, p. 470).

The Order founded by Mestre João had served God and Country. Mestre João was a celebrated physician and a master of philosophy, so it was natural for him to show his monks how—with God's blessing—religion and science could be united in good and charitable works. In 1429 he accompanied the Infanta Dona Izabel and her brother, the *Infante Santo*, when the Princess journeyed to Flanders to marry Philip the Good, Duke of Burgundy. Thence he proceeded to Rome, where his medical knowledge enabled him to cure Cardinal Gabriel Condelmerio of a grave illness from which he was suffering. When, upon the death of Martin V in 1431, this Cardinal became Pope Eugenius IV, he did not forget his friend's services, and, as the See of Lamego happened to fall vacant, he appointed Mestre João to that diocese; he was later promoted to the Bishopric of Vizeu. Mestre João was chosen, on account of his virtues and authority, to reform the Order of Christ, when the Infante Dom Henrique was its Governor. He was eighty-three years old when he died in Vizeu in 1463, and was buried in the Cathedral there. So virtuous was he that, legend says, the instant he died celestial voices were heard and all the bells in the city began to toll of their own accord. This, like all legends, has a certain charm and at least shows how greatly the name of the founder of the *Conegos azuys* was venerated in Portugal, the name of that "sweet smelling flower" made out of "the dust of the earth and from these thorns."

Ho Preſte Joam das indias.

Verdadera informaçam das terras do Preſte Joam, ſegundo vio ⁊ eſcreueo ho padre Franciſco Aluarez capellã del Rey noſſo ſenhor. Agora nouamẽte impreſſo por mandado do dito ſenhor em caſa de Luis Rodriguez liureiro de ſua alteza.

4 Folha do rosto do *Preſte Ioam das indias* do Padre Francisco Alvares
Title-page of the *Preſte Ioam das indias* of Father Francisco Alvares
[Lisboa], 1540

42 PADRE FRANCISCO ALVARES, HO PRESTE IOAM DAS INDIAS—VERDADERA INFORMAÇAM DAS TERRAS DO PRESTE IOAM.

[Lisboa], Luiz Rodrigues, 1540.

Ho Preſte Ioam das indias.

Gravura que representa um cavalleiro, precedido de dois soldados de pé, e seguido do seu alferes a cavallo com a bandeira das quinas[1].

Verdadera informaçam das terras do Preſte | Ioam/ ſegundo vio ꝛ eſcreueo ho padre Franciſco Aluarez capellã del Rey noſſo | ſenhor. Agora nouamẽte impreſſo por mandado do dito ſenhor em caſa de Luis | Rodriguez liureiro de ſua alteza.

[fl. 2] Prologo a el Rey noſſo ſenhor [...]

fl. 1. COMECASE [*sic*] HO TRATADO | *da entrada da terra do preſte Ioam.* [...] Capitolo .j. [...]

fl. 121 [aliás 113]. [...] LAUS DEO.

fl. 121 [aliás 113] vo. In nomine dñi amen. Contaſſe neſta parte ho caminho que ſe | fez da terra do Preſte Ioam pera Portugal. | Capitulo .j. [...]

fl. 136 [aliás 128] vo. [...] DEO GRATIAS.

[fl. 1] Começa ha tauoada dos capitolos | que ſe contem no liuro do Preſte Ioam. [...]

[fl. 5 vo.] [...] A honra de deos ꝛ da glorioſa vir⸗ | gẽ noſſa ſñora ſe acabou ho liuro do Preſte Ioã das indias | em q̃ ſe conta todos hos ſitios das terras/ ꝛ dos tra⸗ | tos ꝛ comercios dellas/ ꝛ do que paſſara na viaje de | dom Rodrigo de lima que foy por man⸗ dado de | Diogo lopez de ſequeira que entam era go⸗ | uernador na india: ꝛ aſſi das cartas ꝛ | preſentes que ho Preſte Ioã man⸗ | dou a el Rey noſſo ſenhor/ cõ | outras couſas notaueis q̃ | ha na terra. Ho qual | vio ꝛ eſcreueo/ ho | padre Frãciſco | aluarez ca⸗ | pellã del | Rey | noſſo ſenhor com muita diligencia ꝛ verda⸗ | de. Acabouſe no anno da encarnaçam | de noſſo ſñor Ieſu chriſto a hos | vinte dous dias de Outubro | de mil ꝛ quinhentos ꝛ | quarenta an⸗ | nos.

[fl. 6]

Marca do impressor[2].

Folio—[2], 136 (aliás 128), [6] folhas—42 linhas —caractéres gothicos—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: A, 2 folhas; B–R, 8 folhas cada caderno; S, 6 folhas; total de 136 folhas.

Na sua encadernação original de perga⸗ minho.

Folio—[2], 136 (alias 128), [6] leaves—42 lines —Gothic letter—no catchwords.

Collation by signatures: A, 2 leaves; B–R, each 8 leaves; S, 6 leaves; total 136 leaves.

In the original vellum binding.

[1] *Woodcut of a horseman, preceded by two foot-soldiers, and followed by his ensign on horseback bearing a banner displaying the "quinas" or five escutcheons.*

[2] *Printer's mark.*

O livro intitulado *Ho Preſte Ioam das indias—Verdadera informaçam das terras do Preſte Ioam*, escripto pelo Padre Francisco Alvares, "capellã del Rey noſſo ſenhor," foi acabado de imprimir "em caſa de Luis Rodriguez liureiro de ſua alteza" a 22 de Outubro de 1540. Entre outros auctores, descrevem esta obra rara e tão estimada: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 101), Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 329), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 15), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 243), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 1015), que nos indicam a existencia dos seguintes exemplares: Bibliotheca Nacional de Lisboa (dois exemplares), e Bibliothecas de Evora, Ajuda, Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro, Modena, Stockholm e New York Public Library. Alem d'estes exemplares, temos conhecimento de mais sete: dois no Museu Britannico, um na Bibliotheca da Universidade de Harvard (antiga Bibliotheca Palha, nº 4215 do *Catalogo*), um na Catholic University of America, Washington, outro na Library of the Hispanic Society of America, e finalmente dois na nossa Bibliotheca, ambos completos e admiravelmente conservados, dos quaes um pertenceu a Sua Majestade El-Rei D. Luiz.

A *Verdadera informaçam* foi impressa com todo o cuidado pelo livreiro de D. João III, sendo digno de nota o *Prologo* escripto por Rodrigues que, pela fórma como foi redigido, enganou diversos auctores; Barbosa (*loc. cit.*) considerou-o da auctoria do Padre Francisco Alvares, em quanto que Innocencio (*loc. cit.*) e Mattos (*loc. cit.*) dizem que a *Verdadera informaçam* foi publicada pelo Padre Alvares em Lisboa. Mesmo o illustre Conde de Ficalho, nosso saudoso amigo, a quem tanto devem a sciencia e as lettras Portuguezas, e a cuja auctoridade (*Viagens de Pedro da Covilhan*) havemos de recorrer a cada passo, julgou primeiro (*ob. cit.* p. 57, nota 1) que o *Prologo* tinha sido escripto pelo Padre Alvares.

Ho Preſte Ioam das indias—Verdadera informaçam das terras do Preſte Ioam, by Father Francisco Alvares, "Chaplain to the King our Lord," was printed "in the house of Luis Rodriguez, bookseller to his Highness" and finished on October 22nd, 1540. Among those who describe this rare work are: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, p. 101), Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 329), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 15), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 243), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 1015), who indicate the existence of the following copies: Lisbon National Library (two copies), Evora Library, Ajuda Library, the Gabinete Portuguez de Leitura in Rio de Janeiro, Modena, Stockholm and the New York Public Library. We know of seven more copies: two in the British Museum, one (formerly in the Palha Library, *Catalogue* no. 4215) in the Harvard University Library, one in the Catholic University of America at Washington, another in the Library of the Hispanic Society of America, and two in our own Library, both complete and in a perfect state of preservation, one of them having belonged to His Majesty King Luiz.

Rodrigues' *Prologo* to the *Verdadera informaçam*, where he tells us how he printed the book and what care he took in setting it up, is well worth studying. Several authors have been misled by its wording: Barbosa (*loc. cit.*) considered it to have been written by Father Francisco Alvares, while Innocencio (*loc. cit.*) and Mattos (*loc. cit.*) say that Father Alvares published the *Verdadera informaçam* in Lisbon. Even our dear friend the late Conde de Ficalho, to whom Portuguese literature and science owe so much, and whose work, the *Viagens de Pedro da Covilhan*, we shall consult at every step in these notes, thought at first (*op. cit.* p. 57, note 1) that the *Prologo* had been written by Father Alvares. However, a

Comtudo, em vista de uma carta de D. João III a Balthazar de Faria com data de 27 de Agosto de 1546 (ver Graça Barreto, *Documenta*, CCCXXII; e *Corpo Diplomatico Portuguez*, VI, 69), na qual El-Rei se refere a Francisco Alvares, "meu cappelaão" que "laa faleceo em Roma, pesoa virtuosa e dina de credito," vê-se que Alvares não regressou a Portugal, como muitos pensaram; e Ficalho escreve com inteira razão:

"Não sabemos a data da sua morte, mas seria depois de 1535, em que temos noticias d'elle por D. Henrique de Menezes (Embaixador de Portugal em Roma); e antes de 1540, em que o seu livro se publicou, sem que da sua existencia se fizesse menção."

Ácerca da sua publicação da *Verdadera informaçam*, Rodrigues dirige-se "a el Rey noſſo ſenhor" nos seguintes termos:

"Aleim do Biſpo de Lamego a iſſo me incitar/ voſſa alteza me mandou que ha imprimiſſe dizendo que diſſo leuaria contentamento que pera mim foy muy grande merce....Pois deſta maneira ainda que eu offereça a voſſa alteza eſte pequeno ſeruiço do liuro do preſte Ioam receba com animo alegre/ ha vtilidade delle: porque nelle ſe cõtem muitas couſas notaueis: has quaes tanto ſe moſtram nas palauras/ como nas obras que foram verdade....E como eu ſenhor ſempre deſque ſam ſeu foy meu deſejo endereçado a ſeu ſeruiço pera cõ elle trazer algum fruto: poſto que me faltem has forças nam me falta vontade/ com ha qual fui a Paris buſcar eſtampas caratules de letras/ officiaes ⁊ outras couſas conuenientes a impreſſam/ has quaes nom ſam de menos primor ⁊ calidade/ que has de Italia/ França ⁊ Alemanha onde mais eſta arte florece/ como voſſa alteza pode ver polla obra que tenho aſſentada neſta cidade/ ⁊ nam com pequeno contentamento por me parecer que voſſa alteza niſto leua goſto/ como ſe moſtrou pellas mercees que me tem feitas/ ⁊ eſpero que me faça."

Lendo attentamente o *Prologo*, e especialmente a ultima parte que transcrevemos, confessamos

letter written by Dom João III to Balthazar de Faria on August 27th, 1546 (see Graça Barreto, *Documenta*, CCCXXII; and *Corpo Diplomatico Portuguez*, VI, 69), contains a reference to Francisco Alvares "my chaplain" who "died there in Rome, a virtuous person and worthy of credit," which shows that Alvares did not return to Portugal; and Ficalho says with perfect truth:

"We do not know the date of his death, but it must have been after 1535, in which year we have information about him from Dom Henrique de Menezes (Portuguese Ambassador in Rome), and before 1540, when his book was published, without any mention being made of his existence."

Rodrigues addresses himself "to the King our Lord," and speaks of his publication of the *Verdadera informaçam* as follows:

"Apart from the Bishop of Lamego's encouraging me to do this, your Highness commanded me to print the work, saying that you would derive great satisfaction from it, which was a very great reward for me....For in this way, though I offer your Highness the small service of this book of Prester John, you may receive the usefulness of it with a joyful spirit, because many notable things are contained in it, which are shown as much in the words as in the deeds, which were true....And as, my Lord, ever since I have been yours, my desire has always been directed towards your service, to be fruitful in it: though my strength may fail me, the will never fails me, so I went to Paris to look for woodcuts, *caratules de letras* (founts), craftsmen, and other things proper to printing. These are not of less elegance and quality than those of Italy, France and Germany, where that art is most flourishing, as your Highness may see from the work I have set up in this city, and with no small satisfaction, for it seems to me that your Highness takes pleasure in this, as is shown by the favours you have granted me, and those which I hope you will grant me in the future."

Having carefully read the *Prologue*, and especially the last part we have quoted, we must

não comprehender que elle tenha podido ser attribuido ao Padre Alvares. As referencias feitas pelo auctor do *Prologo*, não sómente a "eſtampas caratules de letras/ officiaes ⁊ outras couſas conuenientes a impreſſam" que foi buscar a Paris, mas á "obra que tenho aſſentada neſta cidade," só pódem dizer respeito—e a nosso ver de uma fórma bem clara—á officina typographica que o livreiro editor Luiz Rodrigues estabelecera recentemente na capital. No vol. I da nossa obra, occupámos-nos detalhadamente do livreiro de D. João III (ver a *Panagyrica Oratio*, 1539; as *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*, 1539; o *Regimento dos Contadores das Comarcas* (1539?)). Na nossa humilde opinião, a ida de Rodrigues a Paris não foi especialmente motivada pela publicação da *Verdadera informaçam*, mas porque carecia para a sua officina typographica das "couſas conuenientes a impreſſam." Sabemos que Rodrigues foi a Paris, por elle assim o declarar no *Prologo*, mas ignoramos em que anno: não foi certamente em 1540, nem mesmo mais tarde do que nos primeiros mezes de 1539, visto que nas obras que estampou n'esse anno, já se serviu dos "caratules de letras" que trouxe de Paris.

Quasi todas as lettras capitaes de que Rodrigues se serviu são diversas das que tinham sido empregadas por Valentim Fernandes, Hermão de Campos, João Pedro Bonhomini de Cremona, Germão Galharde, Jacob Cronberger e pelos Conegos de Santa Cruz de Coimbra; por consequencia, nas primeiras obras que imprimiu, introduziu lettras capitaes que ainda não tinham sido usadas em Portugal, utilizando o material que comprara em Paris. Tendo estudado cuidadosamente duas obras impressas por Rodrigues em 1539—a *Panagyrica Oratio* de Antonio Luiz e a *Repetitio* de Bartholomeu Philippe (da qual possuimos um exemplar adquirido depois da publicação do vol. I da nossa obra)—vêmos que a maioria das lettras capitaes n'estes dois livros são as mesmas de que Rodrigues se serviu na *Verdadera informaçam* de 1540.

confess that we are at a loss to understand how it can have been attributed to Father Francisco. The references to "woodcuts, *caratules de letras*, craftsmen and other things proper to printing,' and to "the work I have set up in this city," can only be connected with the printing-press that the bookseller-publisher, Luiz Rodrigues, had so recently set up in Lisbon. We have made a detailed study of Dom João III's bookseller in the first volume of this work (see the *Panagyrica Oratio*, 1539; the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*, 1539; and the *Regimento dos Contadores das Comarcas* (1539?)). In our humble opinion, Rodrigues' visit to Paris was to obtain the "things proper to printing" for the setting up of his press, and was not directly connected with the publication of the *Verdadera informaçam*. We do not know in what year Rodrigues visited the French capital; but it was certainly not in 1540, nor even later than the first months of 1539, for in the works printed during that year he already makes use of the letters he obtained in Paris.

Almost all the capital letters employed by Rodrigues are different from those which had been used by Valentim Fernandes, Hermão de Campos, João Pedro Bonhomini de Cremona, Germão Galharde, Jacob Cronberger and the Conegos de Santa Cruz of Coimbra; he therefore utilised the material he had brought from Paris in the first works he printed, introducing capital letters new to Portugal. Having made a careful study of two works published by Rodrigues in 1539—the *Panagyrica Oratio* by Antonio Luiz and Bartholomeu Philippe's *Repetitio* (of which we possess a copy bought after the publication of vol. I of our work)—we note that most of the capital letters therein are the same as appear in the *Verdadera informaçam* of 1540. The *Regimento dos Contadores*

Alem d'isso, o *Regimento dos Contadores das Comarcas* que—em vista dos argumentos que apresentámos—consideramos como tendo sido impresso em 1539, contem, póde dizer-se, todas as lettras capitaes que se encontram na *Verdadera informaçam*. É possivel que Rodrigues pensasse em imprimir primeiro o livro do Padre Alvares, e que—como tantas vezes succede—delongas imprevistas o impedissem de o fazer: é uma hypothese admissivel; mas a realidade é que a *Panagyrica Oratio* e a *Repetitio* fôram estampadas antes do *Preste Ioam*; que o *Regimento dos Contadores*, muito provavelmente, tambem o foi; e que o *De uerborũ coniugatione commentarius* de André de Resende e a *De Patientia Christiana* de Jorge Coelho, ambos publicados por Rodrigues em 1540 sem indicação do mez, talvez tenham sido estampados antes da *Verdadera informaçam*, cuja impressão terminou a 22 de Outubro d'esse anno. Por consequencia, parece-nos não haver duvida que na phrase do *Prologo*, Rodrigues se refere á sua typographia, e não á impressão da *Verdadera informaçam*.

Quanto ao Padre Francisco Alvares, sabemos que era natural de Coimbra, onde nasceu, talvez em 1470, e que mais tarde foi nomeado capellão d'El-Rei D. Manuel. A 7 de Abril de 1515 partiu na Embaixada de Duarte Galvão, mandada pelo Venturoso á Abyssinia, e na qual o Soberano reenviava Mattheus—que tambem se chamava Abrahão—Embaixador da Rainha Helena.

Mattheus, o mensageiro escolhido pela Rainha da Ethiopia, era um antigo mercador Armenio. Não podemos n'estas notas fazer larga referencia ao pobre Embaixador, cuja vida foi aventurosa. Acreditado por uns, considerado por outros como um impostor, gozando umas vezes de alta reputação, outras tido por um mentiroso, tendo feito viagens extraordinarias, durante as quaes recebeu frequentemente tractos de polé, teve a má sorte de morrer a 23 de Maio, 1520, quando, após tantos tormentos, entrava de novo na Abyssinia, onde, certamente, os seus serviços terião sido premiados.

das Comarcas, which—for reasons we enumerate in our notes about it—we consider to have been printed in 1539, may also be said to contain all the capital letters in the *Verdadera informaçam*. Rodrigues may possibly have meant to publish Father Alvares' book first, and, as so often happens, unforeseen delays may have prevented his doing so; but the fact remains that the *Panagyrica Oratio*, the *Repetitio* and probably the *Regimento dos Contadores* were printed before it, while Resende's *De uerborũ coniugatione commentarius* and Jorge Coelho's *De Patientia Christiana*, both published in 1540 without indication of the month, may also have been issued before the *Verdadera informaçam*, which was not finished until October 22nd, 1540. So there seems to us no doubt that, in the *Prologo*, Rodrigues was referring to his printing-press, and not to the printing of the *Verdadera informaçam*.

The author of the *Verdadera informaçam*, Padre Francisco Alvares, was born in Coimbra about 1470. He became chaplain to King Manuel, and set out on April 7th, 1515, with the embassy sent to Abyssinia under Duarte Galvão by the Fortunate King. This embassy included Queen Helena's ambassador, Mattheus, an Armenian merchant whom the Ethiopian Queen had chosen to be her messenger.

Mattheus, who was also called Abraham, had a chequered and adventurous career; some believed in him, others considered him to be an impostor, he was sometimes held in high esteem, and sometimes looked upon as a liar. Having made some extraordinary voyages, during which he was often very ill-treated, he had the misfortune to die, on May 23rd, 1520, just when, after all his trials, he was about to enter Abyssinia, where his services would certainly have been rewarded.

A partir d'essa epocha, em que o seu nome se torna conhecido, a vida do Padre Alvares é summamente interessante, por causa das suas viagens no Oriente, e especialmente na Ethiopia, desde 1515 até 1527. A morte de Duarte Galvão a 17 de Julho de 1517 na ilha de Camarão, de "nojo" como diz João de Barros, liquidou a missão. A desgraçada e tão infeliz expedição, á qual se referem Castanheda, João de Barros e Gaspar Correa, foi narrada em cartas escriptas por tres testemunhas oculares: o Padre Alvares, Diniz Fernandes, e André Corsali, cuja *Lettera* a Lourenço Medicis, datada de Cochim a 18 de Setembro de 1517, foi publicada por Ramusio. Ficalho (*ob. cit.* pp. 205–228) conta-nos admiravelmente os tristes successos—devidos principalmente ao governador Lopo Soares—da Embaixada de Duarte Galvão, o auctor da *Chronica de D. Affonso Henriques*, e antigo Embaixador juncto do Imperador Maximiliano, de Luiz XII de França e do Papa Julio II.

Alvares seguiu para India, assim como Mattheus, que na viagem passara maus boccados, como os passou depois em Cochim durante o tempo que lá esteve. O Embaixador Abexim queixava-se, e Alvares escrevia a D. Manuel, pedindo-lhe que se mandasse "outro recado ao Preste eu nam fique." Mas não devia ficar.

"No outono do anno de 1518 chegou á India Diogo Lopes de Sequeira, que ía substituir no governo Lopo Soares. Não levava instrucções especiaes sobre o proseguimento do negocio do Preste, porque no momento em que saiu de Portugal se ignorava sem duvida ainda a morte de Duarte Galvão e o desbarato da primeira embaixada, que se devia suppor a caminho da côrte do Negus, ou chegada já ao seu destino. Quer depois recebesse ordens, quer tomasse elle proprio a iniciativa, quando no anno de 1520 partiu com a armada para o Mar Vermelho, Diogo Lopes deu logar a bordo ao embaixador Mattheus, e ao Padre Alvares que estava com elle em Cochim....Não tinha, porém, plano definido

From 1515 onwards, when we first find mention of his name, Father Alvares' life is extremely interesting, by reason of his travels in the East, and especially in Ethiopia, whence he did not return to Lisbon until 1527. On July 17th, 1517, Duarte Galvão died, of grief according to João de Barros, and the mission came to an end. The story of the unfortunate expedition, to which Castanheda, João de Barros and Gaspar Correa refer, has been told in a series of letters by three eye-witnesses: Father Alvares, Diniz Fernandes, and Andrea Corsali, whose *Lettera* to Lorenzo dei Medici, dated from Cochin on September 18th, 1517, was published by Ramusio. Ficalho (*op. cit.* pp. 205–228) gives an admirable account of the disasters, caused chiefly by the governor, Lopo Soares, which befell the embassy under Duarte Galvão—the author of the Chronicle of Dom Affonso Henriques, and former ambassador to the Emperor Maximilian, to Louis XII of France and to Pope Julius II.

Alvares went on to India in company with Mattheus, who had a hard time on the journey, and for whom circumstances did not become any easier while he was in Cochin. The Abyssinian ambassador complained, and Alvares wrote to King Manuel beseeching him that if he sent "a fresh mission to the Prester, I should not be left behind." But he was not to be left behind.

"In the autumn of 1518 Diogo Lopes de Sequeira, who was to replace Lopo Soares as governor, reached India. He carried no special instructions about the procedure as regards Prester John, because when he left Portugal it must have been thought that the embassy was well on the way to the Court of the Negus, since the news of Duarte Galvão's death and the subsequent breaking up of the expedition had probably not yet been received. Either because he afterwards received orders, or because he himself took the initiative, Diogo Lopes found room for the ambassador Mattheus and for Father Alvares, who had been with him in Cochin, on board the armada that

de organisar nova missão portugueza; e unicamente o de pôr Mattheus em terra e 'deixalo soo' porque todos continuavam a ter o pobre armenio na conta de 'falso e mentiroso'" (Ficalho, *ob. cit.* pp. 224 e 225).

A armada Portugueza chegou ao porto de Massauá a 7 de Abril de 1520. Diogo Lopes de Sequeira desembarcou, e avistou-se primeiro com o chefe Abexim de Arkiko, e depois com o governador de toda aquella provincia litoral, "Barnagais"—como Alvares lhe chama—o poderoso Bahr Nagâch ou *Rei do Mar*, que "trazia comſiguo bem .cc. de cauallo ꝛ mais de dous mil homẽs de pee" (Alvares, *Verdadera informaçam*, fl. 3). Appareceram tambem frades e leigos Abexins do mosteiro de Bizan que "faziã muita honrra" a Mattheus, e festejavam os Portuguezes por serem Christãos.

Tendo o Bahr Nagâch declarado que

"tomaria em ſua guarda Matheus embaixador/ ꝛ aſſi a outros embaixadores ꝛ gẽtes: ſe as elle capitão moor mãdar quiſeſſe pellos reinos ꝛ ſenhorios do preſte Ioam" (Alvares, *ob. cit.* fl. 2 vº),

Diogo Lopes de Sequeira percebeu a opportunidade de pôr em practica os antigos planos do Venturoso.

"Decidiu ir além das suas instrucções; e alli mesmo improvisou uma embaixada, um embaixador, um presente e uma carta para o Preste, e um regimento para o enviado" (Ficalho, *ob. cit.* p. 228).

Estava nomeada a famosa missão—sendo Embaixador D. Rodrigo de Lima—da qual fazia parte Francisco Alvares, "que foi a alma da embaixada, e o seu chronista intelligente e fiel" (Ficalho, *ob. cit.* p. 231).

A importancia de Alvares era reconhecida, e o bom Padre narra—tão singelamente que lhe tira

carried him to the Red Sea, in 1520....He had, however, no definite plan for organising a new Portuguese mission; his only intention was to land Mattheus and 'leave him alone' because everyone still considered the poor Armenian to be 'false and a liar'" (Ficalho, *op. cit.* pp. 224 and 225).

The Portuguese armada reached the port of Massowah on April 7th, 1520. Diogo Lopes de Sequeira disembarked and had an interview first with the Abyssinian chief of Arkiko, and then with Bahr Nagâch (*King of the Sea*), or "Barnagais," as Alvares calls him, the governor of the whole of that coastal province. This powerful ruler "brought with him quite two hundred horsemen and more than two thousand men on foot" (Alvares, *Verdadera informaçam*, fl. 3). There also appeared various Abyssinian monks and lay brothers from the monastery of Bizan who "did great honour" to Mattheus, and celebrated the coming of the Portuguese because they were Christians.

When the Bahr Nagâch declared that

"he would take the ambassador Mattheus under his protection, and also the other ambassadors and people, if the commander-in-chief wished to send them to the kingdoms and dominion of Prester John" (Alvares, *op. cit.* fl. 2 vo.),

Diogo Lopes de Sequeira seized the opportunity of putting King Manuel's old plans into action.

"He decided to go beyond his instructions, and there and then improvised an embassy, an ambassador, a present and a letter for Prester John and a rule of action for the envoy" (Ficalho, *op. cit.* p. 228).

The famous mission headed by Dom Rodrigo de Lima was arranged, and included Francisco Alvares "who was the life and soul of the embassy and its faithful chronicler" (Ficalho, *op. cit.* p. 231).

Alvares' importance was recognised, and the worthy father writes, with a quiet sincerity which

qualquer idea de vaidade—que Diogo Lopes de Sequeira, em presença de todos, dirigiu-se nos seguintes termos a D. Rodrigo de Lima:

"Dõ Rodriguo eu nã mando ho padre Franciſco aluarez com voſco: mas auos mando cõ elle/ ꝛ couſa nenhũa façais ſem ſeu cõſelho" (Alvares, *ob. cit.* fl. 3).

Mattheus, o Embaixador Abexim, ia tambem, e D. Rodrigo levava um presente para o Preste, "a ſaz pobre," e não "tal como elrrey noſſo ſenhor lho mãdaua per Duarte Galuã," segundo conta Alvares.

Sahindo da praia de Arkiko, a Embaixada poz-se a caminho a 30 de Abril de 1520 para a longa viagem que Alvares, "o fiel chronista," havia de narrar. Não pretendemos analysar aqui o livro que elle escreveu; é um estudo que está feito. Ficalho (*ob. cit.* pp. 229–280), no capitulo intitulado *A embaixada de D. Rodrigo de Lima*, conta-nos admiravelmente os diversos successos d'aquella notavel missão, baseando-se sobre o livro do Padre Alvares, ao qual Aubrey Bell (*Portuguese Literature*, p. 219) chama "his fascinating diary of travel." Quem ler a *Verdadera informaçam*, a sua relação cheia de detalhes tão curiosos ácerca do paiz e dos seus habitantes, e sobre a vida que levaram durante seis annos nas terras do Preste João, não póde deixar de a achar na verdade "fascinating." Citando mais uma vez Ficalho, diz-nos aquelle illustre auctor a respeito de Alvares e do seu livro:

"Accusaram-n'o depois de pouco veridico, o que mais ou menos tem succedido a todos os que pela primeira vez penetram em regiões remotas, e dão conta do que lá viram e souberam. Modernamente, porém, tem-se feito uma reacção completa em seu favor, como se fez em favor de Marco Polo, e, até certo ponto, em favor de Fernão Mendes Pinto. E a reacção é perfeitamente justa. Sem duvida, Alvares nem sempre viu bem, e uma ou outra vez acceitou com pouco criterio as informações que lhe deram; mas estes casos são simples e raras excepções. No conjuncto, o seu livro é um modelo de sinceridade e de boa

absolves him from all suspicion of vanity, that Diogo Lopes de Sequeira said to Dom Rodrigo de Lima in the presence of all:

"Dom Rodrigo, I am not sending Father Francisco Alvares with you, but you with him, and you must do nothing without his advice" (Alvares, *op. cit.* fl. 3).

The Abyssinian ambassador, Mattheus, also went. Dom Rodrigo was the bearer of a "somewhat poor" present for Prester John, not nearly so good "as the one the King our Lord sent him by Duarte Galuã," as Alvares says.

Leaving the shores of Arkiko on April 30th, 1520, the embassy started on its long journey, which Alvares, "the faithful chronicler," was to describe. We do not pretend to analyse his book here, for that has already been done by others. Ficalho (*op. cit.* pp. 229–280), in the chapter headed *A embaixada de D. Rodrigo de Lima*, bases his excellent account of the varied fortunes of that notable mission on Alvares' *Verdadera informaçam*, which Aubrey Bell (*Portuguese Literature*, p. 219) calls "his fascinating diary of travel." And in truth, Father Alvares' book, full of curious and arresting details about the country and its inhabitants, and about the life he led during his six years in the land of Prester John, is "fascinating." Ficalho says of Alvares and his work:

"He was afterwards accused of not being very truthful, which has more or less happened to all those who have penetrated into remote regions for the first time and given an account of what they saw and learnt there. In modern times, however, there has been a complete reaction in his favour, as there has been in favour of Marco Polo and, up to a certain point, in favour of Fernão Mendes Pinto. And the reaction is perfectly just. Certainly, Alvares did not always see correctly, and occasionally he accepted without much judgment the information that was given him; but these cases are simple and rare exceptions. As a whole his book is a model of sincerity and careful

observação. Temol-o seguido passo a passo, e, quanto o permitte a indole d'este nosso estudo, temos procurado comparal-o uma ou outra vez com os livros modernos de mais auctoridade; e sempre ou quasi sempre temos encontrado a confirmação ou a explicação das suas palavras. É que Alvares, além de verdadeiro, era um observador attento, exacto e perspicaz, como foram por aquelles tempos varios portuguezes—como foi Duarte Barbosa, como foi depois Garcia da Orta, como foi tambem, atravéz de outras e mais altas qualidades, Affonso de Albuquerque. O livro de Alvares, e é esta a sua feição principal, merece admiravelmente o titulo que elle proprio lhe deu de *Verdadeira informação*" (*ob. cit.* p. 305).

A Embaixada de D. Rodrigo de Lima e o enviado Abexim, Saga Zaâb—Alvares e Damião de Goes chamam-lhe Zagazabo—chegaram a Lisboa a 24 de Junho de 1527, com "assaz prazer," diz Alvares. Havia peste na capital; seguiram, pois, para Coimbra, onde D. João III estava então, sendo a primeira pessoa que os veiu esperar—coincidencia curiosa—o Almotacé Mór, Diogo Lopes de Sequeira, que, como governador, havia nomeado a Embaixada de D. Rodrigo.

Alvares era portador de cartas de David Rei da Ethiopia, ou Preste João, e de uma cruz de ouro para o Papa. Depois de muitas delongas, Alvares e o Embaixador de D. João III juncto da Santa Sé, D. Martinho de Portugal—personagem curioso que, caso extraordinario, representou alternadamente Portugal juncto da Santa Sé, e a Santa Sé juncto d'El-Rei—partiram finalmente para Italia, chegando a Genova a 16 de Novembro de 1532. Clemente VII estava então em Bolonha, onde os dois Embaixadores—D. Martinho, Embaixador de D. João III, e o Padre Alvares, Embaixador do Rei da Ethiopia—fôram solemnemente recebidos pelo Pontifice a 29 de Janeiro de 1533, em consistorio publico, ao

observation. We have followed it step by step, and, as far as the nature of our study has allowed, we have tried to compare it from time to time with modern books of greater authority; and we have always, or almost always, found confirmation or explanation of his words. For Alvares, besides being veracious, was a careful observer, accurate and discerning, as were many Portuguese in those times—as was Duarte Barbosa, as was Garcia da Orta later on, and also, among other and higher qualities, Affonso de Albuquerque. Alvares' book, and this is its principal feature, fully merits the title that he himself gave it of *Verdadeira informação* (truthful information)" (*op. cit.* p. 305).

Dom Rodrigo de Lima's embassy, with the Abyssinian ambassador, Saga Zaâb, or Zagazabo, as Alvares and Damião de Goes call him, reached Lisbon on June 24th, 1527, with "pleasure enough," says Alvares. There was a pestilence in the capital, so they went on to Coimbra, where Dom João III was staying at the time; and it is a curious coincidence that the first person who came to meet them was Diogo Lopes de Sequeira, the *Almotacé Mór* (an officer whose business it was to supply the court with provisions, examine the weights and measures, etc.), the very man who had despatched the embassy.

Alvares bore letters and a golden cross for the Pope from King David of Ethiopia, or Prester John. After many delays, he finally set out for Italy in company with King João III's ambassador to the Holy See, Dom Martinho de Portugal—a curious personage, who alternately represented the Holy See in Portugal, and Portugal in Rome. They reached Genoa on November 16th, 1532; Clement VII was then in Bologna, where the two ambassadors, Dom Martinho, on behalf of King João III, and Father Alvares, on behalf of the King of Ethiopia, were solemnly received by him on January 29th, 1533, in a public consistory, to which the presence of the Em-

qual a presença do Imperador Carlos V dava ainda maior brilho e pompa. Ficalho (*ob. cit.* pp. 281–306) conta-nos detalhadamente a missão de Alvares juncto do Santo Padre. Os negocios de que o bom Padre ia tratar fôram pouco a pouco postos de lado, em grande parte devido a intrigas de D. Martinho, e o Padre Alvares, enganado pelo Embaixador, que se servia d'elle para os seus planos ambiciosos, e em parte esquecido, falleceu, como já dissemos, em Roma, ignorando-se o anno exacto da sua morte. Não recebeu, certamente, a recompensa que merecia pelos seus serviços, mas deixou-nos um legado notavel, a *Verdadera informaçam*.

Impressa em 1540, foi, quasi logo, traduzida e publicada em Italiano, Francez, Hespanhol, e Allemão, havendo, n'estas linguas, edições de 1550, 1557, 1561, 1566, 1567 e 1588, que demonstram a importancia que na Europa se ligou ao livro do Padre Alvares. Em 1625 foi publicada em Inglez (ver H. Thomas, *English translations of Portuguese books before* 1640, p. 8).

Ficalho (*ob. cit.* p. 57, nota 1, e pp. 303–305) examina cuidadosamente as duvidas levantadas por Ramusio ácerca da edição de Rodrigues, em vista das quaes o illustre Italiano sustenta que a publicação de 1540 representa apenas um *summario* da obra de Alvares. Não ha duvida que as primeiras palavras da *Verdadera informaçam* indicam ter Alvares redigido um outro tratado, pelo menos, pois escreve:

"POr que diguo que vim cõ duarte Galuã que deos aja ꝛ aſi he verdade/ ꝛ elle ſe finou em camaram ilha do maar roxo/ ꝛ ceſou ſua embaixada no tempo que lopo ſoarez era capitão mor ꝛ gouernador das Indias: como larguamẽte ja o tenho eſcrito/ ꝛ aqui deixo deſcreuer por não ſer neceſſario."

A obra sahida dos prelos de Rodrigues em 1540 foi, sem duvida, estampada segundo o manuscripto de Alvares, mas, como diz Ficalho, é muito possivel que Alvares tenha escripto outros capitulos ou tratados que, por motivos ignorados,

peror Charles V added even greater pomp and brilliance. Ficalho (*op. cit.* pp. 281–306) gives a detailed account of Alvares' mission. The negotiations which the worthy father wished to carry through were neglected, chiefly because of Dom Martinho's intrigues; and, deceived by the ambassador, who used him to further his own ambitious schemes, and partly forgotten, Father Alvares died in Rome, the exact year of his death being unknown. He did not receive the reward he deserved for his services, but he left a notable legacy in his *Verdadera informaçam*.

The work was translated into Italian, French, Spanish and German very soon after its publication in 1540, for there are editions in these languages of 1550, 1557, 1561, 1566, 1567 and 1588, which show the great importance attached in Europe to Alvares' book, an English version of which was published in 1625 (see H. Thomas, *English translations of Portuguese books before* 1640, p. 8).

Ficalho (*op. cit.* p. 57, note 1, and pp. 303–305) discusses the question raised by Ramusio as to whether Rodrigues' edition of 1540 is not merely a *summary* of Alvares' work. There is no doubt that the first few words of the *Verdadera informaçam* indicate that Alvares composed at least one other treatise, since he writes:

"For I tell you I came with Duarte Galvão, who is with God, and that is the truth; and he died in Kamaran Island in the Red Sea, and his embassy came to an end at the time when Lopo Soares was commander-in-chief and governor of the Indies, as I have already written at great length, and will not write here as it is not necessary."

The work issued by Rodrigues in 1540 was undoubtedly printed from Alvares' manuscript; but, as Ficalho says, it is very possible that Alvares may have written other chapters or treatises, which for some unknown reason were

não chegaram a ser impressos. Ramusio diz-nos ter feito a sua traducção da *Verdadera informaçam* pelo texto impresso em Lisboa, e por uma copia imperfeita mandada por Damião de Goes, mas que continha cousas que não estavam na versão impressa, declarando tambem que alguem em quem confiava havia visto e lido o livro grande que Alvares escrevera. A *Legatio Dauid Aethiopicæ Regis, ad Sanctiſſimum D. N. Clementem Papam VII.* (ver Guilherme J. C. Henriques, *A Bibliographia Goesiana*, p. 16), impressa em Anvers em 1533 (da qual possuimos um magnifico exemplar, assim como de uma traducção Italiana impressa sem data, mas provavelmente na mesma epocha), contem o opusculo *De legatione potentiſſimi Imperatoris Aethiopicæ ad clementem. VII.* Essa noticia, attribuida a Damião de Goes, refere-se á obra de Francisco Alvares, composta em cinco livros, pois diz: "...Franciſcus Aluarez legatus de Abyſsinis Aethiopibus magnum uolumen attulit, in quinque digeſtum libros"; e dá-nos a descripção d'esses cinco livros relativos á Ethiopia. Como escreve Ficalho (*loc. cit.*), esta descripção "não se pode de modo algum applicar á *Verdadera informaçam*, tal qual nos chegou." Por consequencia, é muito plausivel que tenham existido os cinco livros que, segundo a obra Latina citada, Alvares tinha em Italia; a *De legatione* foi impressa em 1533, no anno em que Alvares foi recebido pelo Papa em Bolonha, uns tres annos antes da sua morte em Roma, e sete annos antes de Rodrigues estampar a *Verdadera informaçam* em 1540. É pois possivel, e mesmo natural, que os taes tratados —como acontece a tanta cousa n'este mundo, e especialmente a manuscriptos e livros antigos— se tenham perdido, seja em Roma, seja em Portugal. Que Alvares escreveu mais do que foi impresso pelo livreiro de D. João III, é fóra de duvida, em vista das palavras, que já transcrevemos, do capellão de D. Manuel no primeiro capitulo da *Verdadera informaçam*. Por conse-

not printed. Ramusio tells us that he made his translation of the *Verdadera informaçam* from the text printed in Lisbon, and from a copy sent by Damião de Goes, which contained things which were not in the printed version; and he also declares that someone he trusted had seen and read the complete book which Alvares wrote. The *Legatio Dauid Aethiopicæ Regis, ad Sanctiſſimum D. N. Clementem Papam VII.* (see Guilherme J. C. Henriques, *A Bibliographia Goesiana*, p. 16), printed in Antwerp in 1533 (of which we possess a magnificent copy, as well as an undated Italian translation, which was probably printed about the same time), contains the pamphlet *De legatione potentiſſimi Imperatoris Aethiopicæ ad clementem. VII.* This little treatise, which is attributed to Damião de Goes, refers to Francisco Alvares' complete work in five volumes, for it says: "...Franciſcus Aluarez legatus de Abyſsinis Aethiopibus magnum uolumen attulit, in quinque digeſtum libros," and goes on to describe these five books about Ethiopia. As Ficalho (*loc. cit.*) says, this description "cannot in any way be applied to the *Verdadera informaçam* as it has come down to us." It is, therefore, very probable that the five books did exist and that, as we read in the above-mentioned Latin work, Alvares had them with him in Italy. The *De legatione* was printed in 1533, the year when Alvares was received by the Pope in Bologna, some three years before his death in Rome, and seven years before Rodrigues printed the *Verdadera informaçam.* So it is more than possible that—as happens to so many things in this world, and especially to old books and manuscripts—these treatises may have been lost, either in Rome or in Lisbon. That Alvares wrote more than was printed by King João III's bookseller is proved by the passage we have transcribed above, from the beginning of the

quencia, concordamos inteiramente com a opinião de Ficalho, que diz:

"Podemos, pois, dar como coisa assente, que o editor Luiz Rodrigues não imprimiu na *integra* os manuscriptos de Alvares. Mas não podemos admittir, que o seu livro seja—como quer Ramusio—um *summario*, resumo ou arranjo do manuscripto de Alvares. Sem duvida alguma a parte impressa está fielmente impressa. É o proprio estylo do padre portuguez, mal ordenado, ingenuo e muitas vezes confuso. Luiz Rodrigues imprimiu-o tal qual estava, sem o modificar, e em varios casos sem o perceber bem. A sua impressão é *fiel*, mas não deve ser *completa*. Ou que alguns dos manuscriptos se extraviassem, e não viessem parar ás mãos de Luiz Rodrigues; ou que este, mal avisado, fizesse entre elles uma escolha, o que parece é que imprimiu só uma *parte*, mas essa *fielmente*. Esta julgo ser a conclusão mais segura a que podemos chegar. Por lamentavel que seja a perda do que se extraviou, o que nos ficou é sufficiente para dar ao padre Francisco Alvares um alto lugar entre os nossos escriptores portuguezes, e em geral entre os que trataram de paizes e regiões novas e desconhecidas" (*ob. cit.* pp. 304–305).

Não ha duvida que Alvares tem um alto logar entre os nossos escriptores, e sobretudo porque tratou de uma questão que teve uma influencia especial na historia de Portugal e dos seus descobrimentos: o Preste João. Não podemos, infelizmente, esquadrinhar n'estas simples notas a tão complicada questão do Preste João, da sua origem e da do seu nome, das suas lendas sem numero e da sua religião; esse estudo, se o podessemos fazer, levar-nos-hia tão longe que, muito antes de chegarmos ao fim das nossas investigações, estariamos irremediavelmente perdidos. Por innumeros motivos não tocaremos n'esses assumptos cheios de interesse; alem d'isso, muitos escriptores trataram da origem do Preste João e das lendas que acompanham aquelle mytho, entre os quaes, mencionaremos especialmente

Verdadera informaçam; and we are in complete agreement with Ficalho, who says:

"We can therefore give it as an established fact that the publisher Luiz Rodrigues did not print Alvares' manuscripts in their entirety. But we cannot admit that his book is—as Ramusio would have it—a *summary*, abridgement or arrangement of Alvares' manuscript. There is no doubt whatever that the part which is printed is faithfully printed. It is in Alvares' own style, badly arranged, ingenuous and often confused. Luiz Rodrigues printed it exactly as it was, without altering it, and in some instances without understanding it correctly. His version is *faithful*, but cannot be *complete*. Either because some of the manuscripts went astray and did not fall into Luiz Rodrigues' hands, or because Rodrigues was ill advised enough to make a selection from among them, the fact emerges that he printed only a *part*, but that *faithfully*. I consider this the most definite conclusion it is possible to reach. Though the loss of the part that went astray is lamentable, what remains is sufficient to give Father Francisco Alvares a high place among our Portuguese writers, and among those in general who have treated of new and unknown countries and regions" (*op. cit.* pp. 304–305).

There is no doubt that Alvares has an eminent position in Portuguese literature, especially as he wrote of a subject which had a particular influence on the history of Portugal and her discoveries—the subject of Prester John. We cannot, unfortunately, go fully into the complicated question of Prester John, his origin, his religion, and the numerous legends surrounding his name; for the space at our disposal is limited, and, even were we able to undertake this study, it would carry us so far that we should be hopelessly lost long before we reached the end of our investigations. There are many reasons why we shall not touch upon these subjects, full of interest though they are; in any case, many writers, including

Ficalho (*ob. cit.* pp. 1–33) e, mais recentemente, Sir E. Denison Ross, que n'um notavel estudo, *Prester John and the Empire of Ethiopia* (in *Travel and Travellers of the Middle Ages*, edited by A. P. Newton, chap. IX, pp. 174–194), se occupou d'essa questão.

A idea representada pelo Preste João exerceu uma influencia extraordinaria na Europa, occupando a attenção dos escriptores de maior nomeada—a começar por Otho de Freisingen na sua chronica composta antes de 1185—e de muitos dos seus homens mais illustres. Não era unicamente o enigma que a todos tentava resolver;

"era a importancia da realidade *possivel.* Sobre todos elles...pesavam duras preocupações religiosas e *politicas*, nascidas da apertada situação da Europa, do isolamento da christandade occidental, do poder crescente do Islamismo, da desesperada situação dos principados christãos da Palestina e da Syria, cuja conservação se julgava necessaria, não só á dignidade do christianismo, como á segurança da Europa" (Ficalho, *ob. cit.* pp. 21–22).

O Preste João, entidade mysteriosa, era o Soberano de um vastissimo Imperio, um *Rei dos Reis*, e essa entidade era tão vaga como o seu Imperio. Primeiro julgou-se que os seus dominios eram situados na Tartaria: depois, posta de parte essa lenda, passaram para a India, uma das tres Indias; mas tudo era realmente duvidoso; por isso, o nome de *Preste João das Indias* foi dado ao mysterioso Senhor. Depois, na primeira metade do seculo XIV, Fr. João de Severac, Bispo de Coulão na costa do Malabar, contou historias extraordinarias na sua obra *Mirabilia*; comtudo, já então se refere ao Imperador dos Ethiopes como sendo o Preste João: "quam vos vocatis Prestre Iohan." Nos mappas do fim do seculo XIV e do principio do seculo XV, como a *Carta Catalan* e o *Mappamundi* do Museu Borgia, o Preste João está col-

Ficalho (*op. cit.* pp. 1–33) and, more recently, Sir E. Denison Ross in a notable study, *Prester John and the Empire of Ethiopia* (in *Travel and Travellers of the Middle Ages*, edited by A. P. Newton, chap. IX, pp. 174–194), have already discussed the origin of Prester John and the legends connected with him.

An extraordinary influence was exercised in Europe by the idea of Prester John, who occupied the attention of many notable Europeans and of the most distinguished and renowned writers, from Otho von Freisingen, whose Chronicle was written before 1158, onwards. It was not only that everyone was eager to solve the enigma; but that people realised

"the importance of the possible reality. All were strongly affected by religious and political considerations, born of the strained situation in Europe, of the isolation of western Christianity, of the growing power of Islam, and of the desperate situation of the Christian principalities in Palestine and Syria, the preservation of which was considered necessary, not only to the dignity of Christianity, but to the safety of Europe" (Ficalho, *op. cit.* pp. 21–22).

Prester John was a mysterious entity, ruling over a vast Empire, an entity as vague as his Empire. At first his lands were said to be situated in Tartary, then this idea was discredited and they were moved to India, one of the three Indies; but the position of his kingdom was still very uncertain and it was for this reason that he was known as *Prester John of the Indies*. Later, in the first half of the XIVth century, Jean de Sévérac, Bishop of Quilon on the Malabar coast, refers to the Emperor of the Ethiopians as Prester John, in his *Mirabilia*—"quam vos vocatis Prestre Iohan." In maps made at the end of the XIVth and beginning of the XVth century, such as the *Carta Catalan* and the *Mappamundi* in the Borgia Museum, Prester John is located in Africa; but the map in the

locado em Africa; mas a carta do Museu Pitti (1417) e a do Museu Britannico (1489) deixam-o em paragens mais remotas, nos fins da India. Essa incerteza devia, seguramente, fazer augmentar a curiosidade da Europa, e as victorias do Islamismo a partir do principio do seculo xv, e sobretudo a queda do Imperio de Constantinopla em 1453, incitavam, sem duvida, os Soberanos Christãos do Occidente a descobrir o Soberano Christão do Oriente, que poderia vir a ser um alliado poderoso contra o perigo que os ameaçava.

Em Portugal, a tomada de Ceuta—assumpto que tratámos detalhadamente no vol. I d'esta obra, tanto na *Introducção*, como nas nossas notas sobre o *De Bello Septensi* de Mattheus Pisano—iniciou a era dos descobrimentos e das conquistas, dos "feitos d'alta ventura." Se o *Livro de Marco Paulo* (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 113–157) serviu de incentivo ao Infante D. Henrique nos primeiros tempos das navegações, o Preste João exerceu uma influencia, não só constante mas capital, nos descobrimentos Portuguezes. No tempo do genial Infante, as informações ácerca do Preste João e da situação geographica do seu Imperio eram, como vimos, extremamente vagas. É possivel que as primeiras noticias a respeito do poderoso Soberano Christão do Oriente e dos seus dominios, tenham sido colhidas pelo Infante em Ceuta, cuja conquista lhe abrira novos horizontes: até Ceuta, inicio da sua extraordinaria expansão exterior, Portugal tinha luctado, primeiro pela fundação da sua nacionalidade, e depois pela sua consolidação. As luctas contra os Mouros e contra os paizes vizinhos tinham sido tantas, que não é provavel que a questão do Preste João tivesse sido discutida em Portugal.

Após 1415, a situação era diversa, sendo muito possivel que depois, em Sagres, as vagas informações colhidas em Ceuta fôssem examinadas pelo Infante e os seus collaboradores, como

Pitti Museum (1417) and the one in the British Museum (1489) place him in latitudes more remote, at the ends of India. This uncertainty must surely have increased European curiosity about the elusive monarch; and the victories of Islam from the beginning of the xvth century onwards, and above all the fall of Constantinople in 1453, doubtless encouraged the Christian sovereigns of the West to seek this Christian King of the East, who would be a powerful aid against the perils that menaced them.

In Portugal, the capture of Ceuta (a subject with which we have dealt in vol. I of our work, in the *Introduction* and in our notes on Mattheus de Pisano's *De Bello Septensi*) started the era of discovery and conquest, of "deeds of high venture." As the *Book of Marco Polo* (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 113–157) was a strong incentive to the Infante Dom Henrique in the days of the first voyages, so Prester John had an influence on the Portuguese discoveries which was not only constant but of capital importance. In the Infante's time, the available information about Prester John and the geographical situation of his Empire was, as we have seen, extremely indefinite. Possibly the Prince may have received his first news of the powerful Christian sovereign of the East when he was in Ceuta, the conquest of which opened up fresh horizons before his eyes. Until Ceuta, the beginning of her extraordinary colonial expansion, Portugal had fought first to achieve her nationality and afterwards to maintain it. The struggles against the Moors and against the neighbouring powers had been such, that it is improbable that the Portuguese found much time to study the question of Prester John.

After 1415, the situation changed, and it is very possible that at Sagres the Infante and his collaborators were able to sift out the vague information obtained in Ceuta. It is certainly prob-

é certamente natural que o Infante D. Pedro, quando regressou da sua longa viagem, em 1428, trouxesse ao irmão mais algumas noticias a respeito do Preste João. O cerebro tão fecundo do Infante devia procurar por todos os meios a solução de um problema essencial para os seus planos de sublime ambicioso, e a idea de achar o Preste João, o Soberano Christão do Oriente, devia tambem estimular a fé de D. Henrique, Principe Christão do Occidente. Mais uma vez o espirito da Cavallaria se unia á idea de uma nova cruzada; esses dois sentimentos eram influenciados pelo espirito da Aventura, factor dominante da nossa raça. Nas veias de D. Henrique corria o sangue de gerações de Principes que tinham luctado pela Cruz; descobrir o Monarcha Christão do Oriente, com quem poderia firmar uma alliança para defender a Fé, era o ideal do crente; descobrir a via maritima da India, era o ideal do homem de genio. Achar o Preste João era, aos olhos do Infante, um *descobrimento* tão importante como o da via maritima, pois, alem da questão religiosa, devia, como estadista, encarar a possibilidade de estabelecer relações commerciaes com os habitantes Christãos d'esses paizes longinquos e desconhecidos, e, quem sabe, talvez mesmo esperasse, encontradas as terras do Preste João, poder colher alli informações para o descobrimento da via maritima; por outro lado, descobrindo a via maritima era possivel que encontrasse o Preste João. N'uma palavra, os dois ideaes influenciavam-se mutuamente, sobretudo nos primeiros annos das navegações, quando uma das theorias era que as terras do Preste João se encontravam na India.

A politica de segredo ácerca dos descobrimentos (assumpto de que já tratámos na *Introducção* e nas nossas notas sobre o *Marco paulo*) escondeu-nos innumeros factos, entre os quaes um, que, n'este momento, nos interessaria especialmente: quando, e como, é que D. Henrique teve

able that in 1428, on his return from his journeying, the Infante Dom Pedro may have brought his brother some further news about Prester John. The Infante's fertile brain must have sought by every possible means to solve a problem of such great importance for his far-reaching plans; and the thought of finding Prester John, the Christian King of the East, must have stirred the soul of Dom Henrique, a Christian Prince of the West. Once again the spirit of chivalry was wedded to the idea of a new Crusade; these two feelings were influenced by the spirit of adventure, a dominant factor in our race. The blood of generations of Princes who had fought for the Cross ran in Dom Henrique's veins: to discover the Christian monarch of the East and to conclude an alliance with him for the defence of the Faith was the dream of the believer; and to discover the sea-route to India was the dream of the man of genius. To find Prester John was a *discovery* of as much importance in the Infante's eyes as that of the maritime way; for apart from the religious side of the question, he must, as a statesman, have envisaged the possibility of setting up commercial relations with the Christian inhabitants of those distant and unknown countries. And who knows whether he may not have thought that in the land of Prester John he might be able to obtain information that would lead to the discovery of the maritime way; though, on the other hand, he may have hoped to find Prester John when he discovered the maritime way to India. To put it briefly, the two aims influenced one another mutually, especially during the first few years of voyages of discovery, when one of the theories was that the lands of Prester John were in India.

The policy of secrecy about the discoveries (a subject we have already discussed in the *Introduction* and in our notes on the *Marco paulo*) has hidden many facts from us, and it would be especially interesting at this juncture to learn when and how Dom Henrique first came to

conhecimento que o reino do Preste João era em Africa? Graças ao saudoso Dr Pedro de Azevedo sabemos, por um documento que elle encontrou na Torre do Tombo (*Chancellaria de D. Affonso V*, liv. I, fl. 78), que em 1452, um certo Jorge, Embaixador do Preste João, esteve em Portugal. Se, infelizmente, muitos factos são ainda ignorados, conhecem-se outros que começam a lançar luz sobre algumas cousas que até ha pouco tempo pareciam incomprehensiveis. N'um notavel estudo (*Do Sigilo Nacional sôbre os Descobrimentos—Lusitania*, Janeiro de 1924), o Dr Jayme Cortesão analysou magistralmente essa politica de segredo, demonstrando claramente as suas causas e as suas consequencias; um dos effeitos d'esse sigillo foi a *Chronica de Guiné* de Zurara ter sido mutilada e truncada, privando-nos de valiosissimas noticias a respeito das viagens ordenadas pelo Infante. Cingindo-nos ao assumpto de que tratamos n'estas notas, tem uma importancia especial o que nos diz o Dr Cortesão ácerca das *Viagens por terra ao Preste João e á India.*

"No II capítulo da *Crónica da Guiné—Invocação do autor*, Azurara faz a estranha afirmação de que o Infante fêz grandes 'dádivas de dinheiros e de roupas, passageẽs de navyos, gasalhado de pessoa' a Garamantes, Etiópios e Índios maiores e menores, 'que por visitaçom do apostollo, ou cobiçosos de veer a fremosura do mundo, chegarom a as fiins da nossa Espanha.' Esta afirmação de que os habitantes da Índia e do reino do Preste João tivessem espontâneamente visitado Portugal, ainda que nos navios do Infante, era de facto tão estranha e vem no texto envolta em tamanhas abstrusões retóricas, que passou até aqui despercebida, posto-que uma nota do texto original confirme aquela estada em Portugal. Na seqüência do discurso, logo no período seguinte, Azurara volta a fazer outra não menos extraordinária afirmação—a de que os habitantes do Egipto, nos têrmos da antiga cidade de Tebas, traziam naquele tempo vestidos com a divisa (as armas) do Infante, especificando que as mulheres ostentavam jóias de ricos lavores de

know that Prester John's kingdom was in Africa. Thanks to the late Dr Pedro de Azevedo, who discovered documentary evidence of it in the Torre do Tombo (*Chancellaria de D. Affonso V*, book v, fl. 78), we know that a certain *Jorge*, an ambassador from Prester John, was in Portugal in 1452. Though, unfortunately, many historical facts are unknown to-day, there are a few which are now beginning to throw light on things which, until a short time ago, had seemed incomprehensible. In a remarkable study (*Do Sigilo Nacional sôbre os Descobrimentos*, in *Lusitania* for January, 1924), Dr Jayme Cortesão gives a masterly analysis of this policy of secrecy, its causes and its consequences, one of its results being that Zurara's *Chronica de Guiné* was mutilated and curtailed, so that we have been deprived of much valuable information about the voyages ordered by the Infante. Restricting ourselves to the main subject of these notes, we find that what Dr Cortesão says about the *Journeys by land to Prester John and India* is of the utmost importance.

"In the second chapter of the *Chronica da Guiné—The author's invocation*, Zurara makes the strange statement that the Infante gave many 'gifts of money and clothes, passages on ships and personal hospitality' to Garamantes, Ethiopians and Indians of the greater and the lesser India 'who, either to visit the Apostle, or desirous to see the beauty of the world, had reached the confines of our Spain.' The affirmation that the inhabitants of India and of Prester John's kingdom had spontaneously visited Portugal, though they did so in the Infante's own ships, was in itself so strange, and is so wrapped in abstruse rhetoric in the text, that it has hitherto passed unnoticed, though that visit to Portugal is confirmed by a note in the original text. In the remaining part of the discourse, in the very next passage, Zurara makes another not less extraordinary affirmation—that the inhabitants of Egypt, who lived within the bounds of the ancient city of Thebes, wore the Infante's device (coat of arms) on their clothes at that time, and that the women dis-

ouro e prata, que para ali tinham ido à custa do Infante e levadas pelos seus servidores, que tresmudavam 'nas fiins do oriente as cousas criadas e feitas no occidente.' Desta vez era forçoso concluir que os servidores do Infante fizeram viagens por terra, de carácter comercial, não só ao interior do Egipto, como ao Oriente mais longínquo, segundo a afirmação genérica do autor. Êste facto, junto às passagens em navios do Infante, anteriormente referidas, já podiam explicar que tivessem estado em Sagres os Índios e os Etiópios. Por certo a falta de qualquer confirmação destas afirmações fêz que os historiadores até aqui as tivessem inteiramente desprezado."

Em seguida refere-se ao documento achado pelo D[r] Pedro de Azevedo, prova indiscutivel das declarações do chronista de D. Henrique, e accrescenta:

"Bastaria êste facto para confirmar a afirmação de Azurara no que se refere à estada de Etiópios na côrte do Infante; e como não se compreende que um embaixador do Preste João viesse naquele tempo da Abissínia a Portugal, de mótu-próprio, mas antes e apenas a instâncias e por esforços de D. Henrique, assim se explicam as viagens ao Egipto e ao Oriente e as passagens dos orientais nos seus navios. Por um manuscrito do século xv, *Il Tratatto di Terra Santa e dell' Oriente*, do frade italiano Francisco Suriano, há poucos anos publicado, sabe-se que o curso do Nilo era a via de penetração dos europeus nas suas viagens ao Preste João. Assim o passo de Azurara se compreende perfeitamente. Notemos desde já que o documento da chancelaria de D. Afonso V vai mais longe que uma parte do próprio texto do cronista, confirmando a estada de Etiópios entre nós, mas revelando a importância dêsse facto, pois se tratava duma embaixada do famoso Preste João, o que só por si torna viáveis as suas afirmações restantes. Para mais, dois anos depois da estada daquele embaixador em Portugal, em Junho de 1454, D. Affonso V concedia à Ordem de Cristo, de que era administrador o Infante D. Henrique, a

played jewels of richly worked gold and silver which had gone there at the Infante's expense and been taken by his servants, who transferred 'to the farthest limits of the East things invented and made in the West.' This time the author's generic affirmation forces us to the conclusion that the Infante's servants made journeys of a commercial nature, by land, not only to the interior of Egypt, but to the far distant East. This fact, together with the passages on board the Infante's ships, to which we have already referred, would alone be enough to explain the presence of the Indians and Ethiopians in Sagres. It must certainly have been the lack of any confirmation of these statements which has caused historians utterly to disregard them hitherto."

Dr Cortesão goes on to refer to the document found by Dr Pedro de Azevedo, which furnishes an indisputable proof of the chronicler's declarations about Dom Henrique; and adds:

"This fact would suffice to confirm Zurara's statement about the presence of Ethiopians in the Infante's court; and as it is incomprehensible that an ambassador from Prester John should have come to Portugal from Abyssinia at that time of his own accord, he can only have come at the instance of the Infante and through his efforts, all of which would explain the journeys to Egypt and the East and the travelling of orientals in the Infante's ships. We learn from a recently published xvth century manuscript, *Il Tratatto di Terra Santa e dell' Oriente* by the Italian monk, Francesco Suriano, that to reach Prester John on their journeyings Europeans used to follow the course of the Nile. Thus the passage in Zurara's chronicle may be perfectly understood. Let us note here that the document from the Chancellery of Dom Affonso V goes farther than one part of the chronicler's own text, confirming the presence of Ethiopians in Portugal, but revealing the importance of this fact, for it concerned an embassy from the famous Prester John, which in itself renders possible Zurara's remaining affirmations. Further, two years after that ambassador had been in Portugal, in June, 1454, Dom Affonso V conceded to the Order of Christ, of which the Infante Dom Henrique was admini-

espiritualidade da Guiné, da *Núbia e da Etiópia.* Esta junção da Núbia e da Etiópia não deixa dúvidas de que também aqui se trata do reino do Preste João. A mesma aproximação das datas o confirma, além de que não fôra natural a concessão do Rei, se os servidores do Infante não tivessem visitado aquela terra."

Se a doação de D. Affonso V tem uma importancia especial, devemos pensar que esse documento (ver *Provas da Historia Genealogica*, t. 1, pp. 445 e 446), no qual o Monarcha, "quanto com direito podemos," concede á Ordem de Christo "toda eſpiritual admeniſtraçom e juriſdiçom" das "prayas, coſtas, Ilhas, terras conquiſtadas e por conquiſtar, e de Gazulla, guinea, Hubia, ethiopia, e per quaeſquer outros nomes, q̃ ſejão chamadas," só foi firmado pelo Soberano seis mezes depois da famosa bulla do Papa Nicolau V sobre as conquistas de Africa (ver *Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo*, p. 14 *e seg.*). Com effeito, a expressão "usque ad Indos," empregada pelo Soberano Pontifice seis annos antes da morte do Infante e quarenta e quatro antes da chegada de Vasco da Gama a Calecut, é digna de reflexão. A bulla de 1454 concedida a D. Affonso V, certamente a pedido de D. Henrique, mostra um conhecimento de factos que condizem com aquelles apontados por Zurara e explicados pelo D[r] Jayme Cortesão. A concessão feita por D. Affonso V á Ordem de Christo, sem duvida com a approvação do Papa, não seria natural se não houvesse um conhecimento exacto a respeito da India e das terras do Preste João, e, pelos mesmos motivos, ainda menos natural teria sido a bulla de Nicolau V. Tanto a bulla como a concessão não podem ter sido feitas ao acaso. As palavras do Infante a Antão Gonçalves, citadas por Zurara (*ob. cit.* p. 94), indicam claramente a differença feita por D. Henrique, pois "desejava daver sabedorya...das Indyas, e da terra de preste Joham, se seer podesse." Tudo prova que se

strator, spiritual dominion over Guinea, and over *Nubia and Ethiopia.* This linking together of Nubia and Ethiopia leaves no doubt that here again the reference is to the kingdom of Prester John. The very proximity of the dates confirms it, apart from the fact that the King's concession would have been unnatural had the Infante's servants not visited that land."

If Dom Affonso V's grant has an enormous importance, we must remember that it was not until six months after Pope Nicholas V's famous bull about the conquests in Africa (see *Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo*, p. 14 *et seq.*), that the King set his seal to this document, in which he conceded to the Order of Christ, "as far as we are able by right...all spiritual administration and jurisdiction" over the "shores, coasts, islands, lands conquered and to conquer and of Gazulla, Guinea, Hubia (Nubia), Ethiopia and by whatever other names they may be called" (see *Provas da Historia Genealogica*, vol. 1, pp. 445–446). The expression "usque ad Indos" used by the Pope six years before the Infante's death and forty-four years before Vasco da Gama reached Calecut is certainly worthy of consideration. The bull of 1454, which must surely have been conceded to Dom Affonso V at Dom Henrique's request, shows a knowledge of facts which fit in perfectly with those set down by Zurara and explained by Dr Jayme Cortesão. Dom Affonso V's concession (which must have received the Pope's approval) would have been very strange, and Pope Nicholas IV's bull even more so, if there had not been exact information about India and the lands of Prester John; and neither the bull nor the concession can have been made by chance. The words that, according to Zurara (*op. cit.* p. 94), were spoken by the Infante to Antão Gonçalves clearly show that Dom Henrique differentiated between the two places, for "he desired to have knowledge...of the Indies, and of the land of Prester John, if he could." Every-

trabalhava simultaneamente nas duas emprezas. Continuando o nosso estudo, diz-nos ainda o Dr Cortesão:

"Ouçamos agora o que nos conta Diogo Gomes, um dos servidores do Infante, na sua *Relação do descobrimento da Guiné*, relatando uma viagem que fizera ao Gambia, em 1457: 'O que eu quis experimentar mandando *Jacob, indio, que o senhor Infante comnosco mandou para que se chegassemos á India nos servisse de lingua*, em terra, e mandei-lhe que fosse ao logar que se chama Alcuzet....' Se naquele ano o Infante tinha ao seu serviço um índio, que nos podia servir de língua, e por conseqüência aprendêra o português, de há mais tempo que devia residir em Portugal, o que não só confirma, mas esclarece as restantes afirmações de Azurara na *Crónica da Guiné*. E, ainda quando êsse língua fôsse um índio menor, a comprovada exactidão dalguns dos factos por Azurara neste passo referidos, sabido que neste particular mais esconde que revela, dá-nos direito a ter por certo o que o cronista, em relação aos outros índios, igualmente afirma."

Em seguida, examina em que anno teriam principiado as viagens por terra, ordenadas pelo Infante, á India e ás terras do Preste João, e considera que a quarta razão, citada por Zurara (*ob. cit.* pp. 46 e 47), que levou D. Henrique a emprehender os descobrimentos, póde indicar a data, pois o chronista escreve que havia 31 annos que o Infante guerreava os Mouros sem ter achado Rei Christão ou senhor "de fora desta terra, que por amor de nosso senhor Jhũ Xpõ" o tivesse querido ajudar.

"Querya saber se se acharyam em aquellas partes alguũs principes xpaãos, em que a caridade e amor de Xpõ fosse tam esforçada, que o quisessem ajudar contra aquelles imiigos da fe."

Escreve o Dr Cortesão:

"O que se depreende dêste passo da *Crónica* é que, só 31 anos depois de ter começado a guerra

thing goes to prove that the two enterprises were being carried on simultaneously. Dr Cortesão says further:

"Let us now listen to what Diogo Gomes, one of the Infante's servants, tells us, in his *Relação do descobrimento da Guiné*, when he describes a journey he made to Gambia, in 1457: 'Which I wanted to find out, and sent *Jacob, an Indian, whom the lord Infante sent with us so that if we reached India he might act as an interpreter for us*, on shore, commanding him to go to the place called Alcuzet....' If in that year the Infante had an Indian in his service, who could 'act as an interpreter for us,' and who in consequence had learnt Portuguese, he must have lived in Portugal for some time before, which not only confirms, but throws light upon, the rest of Zurara's affirmations in the *Chronica de Guiné*. And even though this interpreter may have been from the lesser India, the proven accuracy of some of the facts referred to by Zurara in this passage, especially as in this respect he hides more than he reveals, gives us a right to accept as certain what the chronicler also affirms with regard to the other Indians."

Dr Cortesão then tries to ascertain the date of the first land expeditions sent by the Infante to the East and to Prester John's country, and comes to the conclusion that the year may be deduced from the fourth reason given by Zurara (*op. cit.* pp. 46–47) as having led Dom Henrique to undertake the discoveries; for the chronicler says that the Prince had been warring with the Moors for thirty-one years without having found a Christian King or lord "outside this country, who for the love of Our Lord Jesus Christ" would come to his aid.

"He wished to know whether there were any Christian princes in those parts, in whom the love and charity of Christ were so strong that they would wish to help him against those enemies of the faith."

"We perceive from this passage of the *Chronica*," writes Dr Cortesão, "that it was only 31 years after he started the war with the Moors,

aos mouros, isto é, depois de Ceuta (1415), por conseqüência em 1446, e também depois de ter procurado um rei cristão nas partes de África, êle o encontrou. Êsse rei cristão só podia ser o Preste João, donde nos parece lícito concluir que os seus servidores chegaram ao seu reino em 1446. Por mais estranho que se nos afigurem estas viagens neste tempo, devemos notar que a nossa penetração na Etiópia nem sequer um caso isolado representa. Pelo mesmo manuscrito a que já nos referimos, sabe-se que pelo menos desde 1455 vários italianos, um borgonhês e um catalão visitavam o reino do Preste João, levados pela cubiça de riquezas.

"Esta série de factos, todos apoiados em prova documental ou relato coevo constitui indício mais que suficiente para concluir-mos *que o Infante promoveu e realizou antes de D. João II, uma série de viagens por terra ao reino do Preste João e às Índias, coroadas de amplos resultados.*"

Concordamos inteiramente com a opinião habilmente exposta pelo Dr Jayme Cortesão, parecendo-nos que a bulla de Nicolau V, que citámos, é mais uma prova documental de extrema importancia, especialmente por causa da fórma como está redigida. Egualmente julgamos licito suppôr não dever estar longe da verdade o que escrevemos a respeito do documento pontificio, em vista da bulla de Calixto III com data de 13 de Março de 1456, confirmar a de Nicolau V, e conceder á Ordem de Christo a jurisdicção espiritual das terras desde o Cabo Não até á India

"...et locis a capitibus de Boïador et de Nam usque per totam Guineam, et ultra illam meridionalem plagam usque ad Indos acquisitis et acquirendis" (*Alguns Documentos*, p. 21).

As duas bullas são a prova que a Sante Sé approvava a politica do Infante, e certamente com conhecimento de causa.

Sir E. Denison Ross (*ob. cit.* pp. 192–193) diz-nos que só depois das cruzadas terem acabado é que missionarios fôram enviados á Nubia e á

that is 31 years after Ceuta (1415), and therefore in 1446, that, having searched for a Christian King in Africa, he at last found him. This Christian King can only have been Prester John, so it seems to us legitimate to conclude that the Infante's servants reached his kingdom in 1446. However strange those journeys at that time may seem to us, we must note that the Portuguese penetration into Ethiopia does not even represent an isolated case. We learn, from the same manuscript to which we have already referred, that at least from 1455 onwards, various Italians, a Burgundian and a Catalan visited the kingdom of Prester John, drawn thither by the desire for wealth.

"This series of facts, all supported by documentary proof or a contemporary account, constitutes more than sufficient evidence to bring us to the conclusion that, *before Dom João II, the Infante promoted and carried out a series of land expeditions to the kingdom of Prester John and to the Indies, which were crowned with ample results.*"

We are entirely in agreement with the opinion so lucidly expressed by Dr Jayme Cortesão, and it seems to us that Nicholas V's bull, which we have already cited, is a further documentary proof of extreme importance, because of the form in which it is drawn up. We also consider that what we have written about the pontifical document cannot be far from the truth, since Calixtus III's bull, dated March 13th, 1456, confirms Nicholas V's, and concedes to the Order of Christ spiritual jurisdiction over the lands from Cape Nun to India

"...et locis a capitibus de Boiador et de Nam usque per totam Guineam, et ultra illam meridionalem plagam usque ad Indos acquisitis et acquirendis" (*Alguns Documentos*, p. 21).

The two bulls show that the Holy See understood and approved the Infante's policy.

Sir E. Denison Ross (*op. cit.* pp. 192–193) tells us that it was not until after the Crusades were over that missionaries were sent to Nubia and

Ethiopia; refere-se aos Dominicanos mandados pelo Papa João XXII á Ethiopia em 1316, a uma Embaixada Abexim que veiu a Veneza em 1402, a peregrinos Ethiopios que estiveram em Italia em 1408, e a dois Embaixadores, um Christão, outro "infiel" que, em 1427, visitaram a Côrte de Affonso V de Aragão; e accrescenta:

"Friar Jordanus (fourteenth century) places Prester John in Africa, while Fra Mauro (middle of the fifteenth century) in his map expressly identifies him with the King of Abyssinia. (Sobre o mappa de Fra Mauro, ver Charles de la Roncière, *La Découverte de l'Afrique au moyen âge*, t. II, pp. 122–139.) The Portuguese attempts to achieve the circumnavigation of Africa began in 1433, and in 1455 in a letter written in Portugal by the Genoese Uso Di Mare...we find the first allusion to the exact whereabouts of Prester John, which he declares to be about 300 leagues from Gambia, six days' journey from the shore."

Esta carta, escripta em Portugal, é mais um argumento que demonstra o conhecimento que havia no nosso paiz ácerca do Preste João e do seu reino. O Professor Prestage (*Travel and Travellers of the Middle Ages*, chap. x, p. 204, *The Search for the Sea Route to India*), referindo-se á estada do Embaixador do Preste João em Lisboa em 1452, escreve:

"The presence of this man in Portugal suggests that the Prince had previously opened up relations with Abyssinia and perhaps had sent to fetch him from Italy."

É muito possivel que o Infante recebesse, vindas da Italia, as primeiras informações positivas sobre o Preste Africano, depois das que, por ventura, tivesse colhido em Ceuta, e das que, talvez, o Infante D. Pedro lhe tenha trazido em 1428. É provavel que durante os annos seguintes o Infante tenha procurado outras noticias, mais faceis de obter na Italia, pelos factos que expozemos.

Mas alem d'essas fontes d'informação, ha ainda uma que se aproxima mais da data, 1446, em

Ethiopia; he refers to the Dominicans sent to Ethiopia by Pope John XXII in 1316, to an embassy that reached Venice in 1402, to Ethiopian pilgrims who went to Italy in 1408, and to two ambassadors, one Christian and one "infidel," who came to the court of Alfonso V of Aragon in 1427, and adds:

"Friar Jordanus (fourteenth century) places Prester John in Africa, while Fra Mauro (middle of the fifteenth century) in his map expressly identifies him with the King of Abyssinia. (About Fra Mauro's map, see Charles de la Roncière, *La Découverte de l'Afrique au moyen âge*, vol. II, pp. 122–139.) The Portuguese attempts to achieve the circumnavigation of Africa began in 1433, and in 1455 in a letter written in Portugal by the Genoese Uso Di Mare...we find the first allusion to the exact whereabouts of Prester John, which he declares to be about 300 leagues from Gambia, six days' journey from the shore."

Uso Di Mare's letter is a further argument to show how much the Portuguese knew about Prester John and his kingdom. Professor Prestage (*Travel and Travellers of the Middle Ages*, chap. x, p. 204, *The Search for the Sea Route to India*) says, with reference to Prester John's ambassador in Lisbon in 1452:

"The presence of this man in Portugal suggests that the Prince had previously opened up relations with Abyssinia and perhaps had sent to fetch him from Italy."

It is very probable that, having perhaps received news of Prester John when he was in Ceuta, and again, in 1428, from the Infante Dom Pedro, Dom Henrique strove in the years that followed to learn more about the mysterious King, and he possibly received his first positive information about Prester John in Africa from Italy, where it was easier to obtain, for the reasons we have mentioned.

In addition to these sources of knowledge, there is another which brings us nearer to the date of 1446, which was possibly the year when the

que, possivelmente, os servidores do Infante penetraram pela primeira vez na Ethiopia. Em 1439, o Papa Eugenio IV, no seu esforço para a união das Egrejas Latina e Grega (ver no *Quadro Elementar*, t. x, pp. 19–20 a bulla de Eugenio IV, *Gloria a Deus*, ao Infante D. Pedro com data de 7 de Julho de 1439), reuniu o Concilio de Florença. Alem do Imperador João Paleologo e do Patriarcha de Constantinopla, assistiram delegados de outras Egrejas orientaes, Armenios e Abexins. "Estes ultimos acharam-se assim em contacto com os membros da Egreja occidental" (Ficalho, *ob. cit.* p. 152; ver tambem pp. seg., e Charles de la Roncière, *ob. cit.* p. 118). Esta vinda dos Abexins ao Concilio julgou-se sufficientemente importante para ser mencionada no epitaphio de Eugenio IV, diz Ficalho (*loc. cit.*). Certamente D. Henrique terá tomado um particular interesse n'esse Concilio, a respeito do qual Eugenio IV expedira uma bulla ao irmão, o Infante D. Pedro. Seria possivel que Mestre João (ver as nossas notas sobre os *Statutos dos Conegos azuys*), visto a sua exaltada posição juncto de Eugenio IV, a quem salvára a vida, informasse D. Henrique da vinda dos Abexins ao Concilio de Florença e, quem sabe, talvez mesmo pozesse, a seu pedido, o Infante em contacto com esses delegados da Ethiopia? A grata amizade de Eugenio IV, a sua grande sciencia e excepcionaes virtudes, creavam a Mestre João uma situação tão excepcional, que o Infante escolheu-o, e em circumstancias especiaes, para reformador da Ordem de Christo. (Ver Fr. Francisco Brandão, *Monarchia Lusitana*, Parte VI, 1672, pp. 313 e 314.)

Mestre João devia ser da privança do Infante, não só por causa da Ordem de Christo, mas por ter sido medico de D. João I e de D. Duarte, e ter acompanhado a Flandres a Infanta D. Izabel e o Infante D. Fernando. Todas as razões que enumerámos permittem-nos conjecturar, sem demasiada phantasia, que Mestre João talvez tenha sido uma das pessoas que colligiu para o Infante

Infante's servants first penetrated into Ethiopia. In 1439, Pope Eugenius IV assembled the Council of Florence in an attempt to unite the Greek and Latin Churches (see Eugenius IV's bull, *Gloria a Deus* addressed to the Infante Dom Pedro on July 7th, 1439, in the *Quadro Elementar*, vol. x, pp. 19–20). Besides the Emperor John Palæologus and the Patriarch of Constantinople, there were delegates from other oriental Churches, Armenians and Abyssinians. "The latter thus came in contact with the members of the western Church" (Ficalho, *op. cit.* pp. 152 *et seq.*, also see Charles de la Roncière, *op. cit.* p. 118). The coming of the Abyssinians to the council was considered sufficiently important to be mentioned in Eugenius IV's epitaph, says Ficalho (*loc. cit.*). Dom Henrique must certainly have taken a particular interest in this council, in respect of which the Pope had sent a bull to the Prince's brother, the Infante Dom Pedro. Since Mestre João (see our notes on the *Statutos dos Conegos azuys*) had a special position under Eugenius IV, whose life he had saved, it was possibly he who informed Dom Henrique of the coming of the Abyssinians to the Council of Florence, and he may even, at the Infante's request, have put him in touch with the delegates from Ethiopia. Mestre João's great knowledge and virtues, together with the grateful friendship shown him by Eugenius IV, gave him such standing that the Infante chose him to reform the Order of Christ, and in somewhat unusual circumstances. (See Fr. Francisco Brandão, *Monarchia Lusitana*, Part VI, 1672, pp. 313–314.)

Mestre João must have been in the Infante's confidence, not only because of the Order of Christ, but because he had been physician to Dom João I and Dom Duarte, and had accompanied the Infanta Dona Izabel and the Infante Dom Fernando to Flanders. For the above reasons we may reasonably conjecture that Mestre João may have been one of the persons who collected in-

noticias a respeito do Preste João e do seu reino, e que D. Henrique, em vista d'essas informações, tenha mandado enviados á Italia para estabelecer relações com os delegados Abexins que vieram a Florença, e quiçá, organizar uma missão á Ethiopia, da qual terão resultado, então, as viagens commerciaes dos servidores do Infante ao Egypto, á Ethiopia, e mesmo á India. O que escrevemos são meras hypotheses, mas que os factos que narrámos ou transcrevemos, e as datas que citámos tornam acceitaveis. Ignoramos se foi por este meio que as informações chegaram ao Infante, mas o que não póde haver duvida é que existiu uma via, que originou as viagens dos emissarios do Infante á Ethiopia—certamente antes de 1446, se o Rei Christão do Oriente foi encontrado n'esse anno—as relações commerciaes com essas terras longinquas e, facto comprovado, a estada, em 1452, do Embaixador do Preste João em Portugal.

As viagens á India por terra, n'essa epocha, pódem tambem ter sido a consequencia de informações bebidas na mesma fonte, que, naturalmente, eram ampliadas pelas noticias colhidas nas differentes terras descobertas pelos nossos navegadores.

Se as viagens por terra ao Preste João e á India—nas quaes acreditamos absolutamente—ordenadas pelo Infante podessem ser irrefutavelmente provadas com documentos, como está provada a estada do Embaixador do Preste João em Portugal em 1452, teriamos, então, demonstrada, sem discussão possivel, a assombrosa continuidade das duas emprezas iniciadas por D. Henrique. N'esse caso, as viagens ordenadas por D. João II a Pedro da Covilhan e a Affonso de Paiva em 1487, significariam a continuidade da obra do Infante, e o conhecimento que o Principe Perfeito tinha do que havia sido feito no tempo de D. Henrique. Para nós, a parte capital d'essas viagens é, primeiro, a expedição de Pedro da Covilhan á India para colher noticias sobre a via maritima

formation about Prester John and his kingdom for Dom Henrique, and that this intelligence caused the Infante to send envoys to Italy to establish relations with the Abyssinian delegates in Florence, and perhaps to organise an expedition to Ethiopia, which led to the commercial journeys of the Infante's servants to Egypt, Ethiopia and even India. The above are mere hypotheses, but the facts we have enumerated and the dates we have cited render them acceptable. In any case, whether it was by this means or another, Dom Henrique did receive the all-important information that resulted in the journeys of his emissaries to Ethiopia—which must certainly have begun before 1446, if Prester John were found in that year—in the establishment of commercial relations with those distant lands, and, lastly, in the presence of Prester John's ambassador in Portugal in 1452.

The land expeditions to India at that time may also have been the consequence of information from the same source; this knowledge was naturally amplified by the voyages and discoveries, in the course of which more was learned about the different countries.

If the Infante's sending of land expeditions to Prester John and to India—in which we have absolute belief—could be as irrefutably proved with documents, as the presence in Portugal of Prester John's ambassador in 1452, we should have incontestable evidence of the amazing continuity of the two enterprises begun by Dom Henrique. In that case, the journeys to India and to Prester John in Africa undertaken by Pedro da Covilhan and Affonso de Paiva at Dom João II's command in 1487, would signify the continuation of the Infante's work, and the Perfect Prince's understanding of what had been done in Dom Henrique's time. In our opinion, the most important of these journeys were, firstly, Pedro da Covilhan's expedition to India to gather information about the maritime way to the East,

para o Oriente, e ao mesmo tempo, obter informações practicas sobre as especiarias que de lá vinham para Veneza, pois, descoberto o caminho por mar, Lisboa tornar-se-hia o emporio do commercio com o Oriente, tomando o logar da Rainha do Adriatico, como succedeu. Depois, é a viagem de Covilhan até Sofala, para estudar, na costa oriental da Africa, a via maritima. Durante a sua navegação poude não só rectificar indicações do mappa de Fra Mauro e aclarar outras, mas colher preciosos dados para D. João II. Tudo obedecia ao plano do Principe Perfeito, estabelecido sobre as bases assentes pelo Infante.

"A expedição de Bartholomeu Dias por occidente até o rio do Infante, a expedição de Pedro da Covilhan por oriente até Sofala, são os dois grandes factos que preparam o descobrimento do caminho para a India" (Ficalho, *ob. cit.* p. 119).

D. João II comprehendera, certamente, a importancia capital de mandar estudar a costa oriental da Africa, pois, a esse respeito, mesmo o mappa de Fra Mauro era muito confuso. Referindo-se á circumnavegação da Africa, Ficalho diz:

"Tenho para mim, que Pedro da Covilhan foi a Sofala expressamente para estudar a questão, nem outro motivo explicaria bem a sua viagem n'aquellas direcções" (*ob. cit.* p. 114).

Se, como tudo o indica, D. João II deu instrucções a esse respeito ao seu escudeiro, é licito suppôr que tivesse tido conhecimento, pelos servidores do Infante que, por terra, tinham estado na India, que a circumnavegação era possivel. N'esse tempo, se os servidores do Infante já tinham estado na Ethiopia, a questão do Preste João, ainda que tivesse uma grande importancia sob o ponto de vista religioso, já não podia ter o valor que se lhe ligára primeiro. E as proprias viagens de Pedro da Covilhan parecem indicar esse criterio. Hoje, em vista do que tem sido estudado e escripto perante documentos até ha pouco desconhecidos, é licito encarar innumeras questões

and to learn about the spices which came from there to Venice, and which, when the maritime way was discovered, were to make Lisbon—instead of Venice—the emporium of commerce with the Orient; and, secondly, his voyage to Sofala in order to carry on researches about the maritime way on the east coast of Africa. During his navigations he was able, not only to correct some of the indications on Fra Mauro's map, and explain others, but to collect precious data for Dom João II. Everything was done in obedience to the Perfect Prince's plan, a plan built upon the basis constructed by Prince Henry.

"Bartholomeu Dias' expedition by the west to the Rio do Infante, and Pedro da Covilhan's expedition by the east to Sofala are the two great factors that prepared the way for the discovery of the route to India" (Ficalho, *op. cit.* p. 119).

Dom João II must certainly have realised the importance of sending people to study the east coast of Africa, for, in that respect, even Fra Mauro's map was very confused. Referring to the circumnavigation of Africa, Ficalho says:

"For my part I think that Pedro da Covilhan went to Sofala expressly to study the question, nor is there any other motive which could well explain his journey in that direction" (*op. cit.* p. 114).

If, as everything seems to indicate, Dom João II gave such instructions to his squire, it is permissible to suppose that he may have learnt that the circumnavigation was possible, from those of the Infante's servants who had been to India by land. If the Infante's servants had already been in Ethiopia at this time, the question of Prester John, though it was still very important from the religious point of view, can no longer have been a matter of such moment as in the beginning; Pedro da Covilhan's voyages themselves seem to indicate this. To-day, all that has been studied and written in view of newly found documents allows us to look upon many questions from

sob um novo prisma. Ficalho, que não conhecia a estada em Portugal do Embaixador do Preste João em 1452, nem as interpretações das chronicas provocadas pelo achado do documento que prova a vinda do Embaixador, já em 1898 escrevia, contra a opinião de muitos auctores,

"que Pedro da Covilhan e Affonso de Paiva não encontraram casualmente na Africa o que deviam procurar na Asia; mas pelo contrario saíram já de Portugal—pelo menos um d'elles—expressamente enviados á Ethiopia,"

e accrescentava:

"Não quero com isto dizer, que em Portugal se soubesse então muito nitidamente o que era a Ethiopia, ou se conhecessem os seus limites. Aquelle nome fôra sempre—como dissémos já—e conservava-se ainda muito vago. Podia pois facilmente imaginar-se, que o rei da Ethiopia ou Preste João exercesse algum dominio, ou pelo menos alguma influencia na India. Sobre todos estes pontos se deviam ter ideias confusas, e em grande parte erradas; mas, em todo o caso, admittia-se que o Preste João era um rei de Africa oriental, soberano dos conhecidos padres abexins. A este rei da Abyssinia ía directamente dirigido um dos escudeiros de D. João II, segundo parece Affonso de Paiva" (*ob. cit.* p. 62).

O que escreveria hoje o illustre e saudoso professor?

A 7 de Maio de 1487, D. João II concedeu em Santarem a audiencia de despedida aos dois escudeiros, estando presente—mais uma vez a prophetica continuidade—D. Manuel Duque de Beja, o futuro Rei Venturoso. As viagens de Pedro da Covilhan estão admiravelmente descriptas por Ficalho, que se baseou em grande parte sobre a *Verdadera informaçam* do Padre Alvares, para a qual—o proprio auctor o declara—muitos esclarecimentos lhe fôram dados por Pedro da Covilhan quando, em 1520, o encontrou na côrte do Preste João. Já vimos, a traços largos, as duas missões que tinham sido dadas a Pedro da Covilhan; eram, sem duvida, as mais

a fresh standpoint. Ficalho, who did not know about the presence of Prester John's ambassador in Portugal in 1452, nor about the new interpretations of the chronicles, due to the finding of the document which proves the coming of that ambassador, challenged the opinion of many of his contemporaries in 1898 by saying that

"Pedro da Covilhan and Affonso de Paiva did not casually find in Africa what they were meant to seek in Asia; but, on the contrary, they—or at least one of them—were expressly sent to Ethiopia when they left Portugal";

adding:

"I do not mean by this that there was at that time any very clear conception in Portugal of the nature of Ethiopia, or that its boundaries were known. That name always had been—as we have already said—and still continued to be of very vague significance. It was, therefore, easy to imagine that the King of Ethiopia, or Prester John, might exercise some dominion or at least some influence over India. Ideas on all these points must have been very confused, and in large measure incorrect; but in any case it was admitted that Prester John was a king of eastern Africa, the sovereign of the known Abyssinian monks. To this king of Abyssinia, one of Dom João II's squires, apparently Affonso de Paiva, was directly sent" (*op. cit.* p. 62).

What would the learned professor have written to-day on the same subject?

On May 7th, 1487, Dom João II granted a farewell audience to the two squires, and it was a prophetic sign that Dom Manuel, Duke of Beja, the future King of Portugal, was among those present. The voyages of Pedro da Covilhan are admirably described by Ficalho, much of his account being based on the *Verdadera informaçam* of Father Alvares, who, as he himself says, received many explanations from Pedro da Covilhan when he met him at Prester John's court in 1520. We have already given a broad outline of the two missions that had been entrusted to Pedro da Covilhan; they were doubtless of more im-

importantes; a de Affonso de Paiva á Ethiopia não se realizou. Os dois escudeiros separaram-se em Aden, seguindo Pedro da Covilhan para a India, e Affonso de Paiva, provavelmente, para a Ethiopia. Quando Pedro da Covilhan regressou da India e de Sofala ao Cairo, apenas soube que Paiva tinha fallecido, ignorando-se como e onde morreu. É provavel que a sua missão ao Preste João dissesse respeito a uma alliança com o Rei Christão do Oriente: seria natural que D. João II procurasse um alliado n'aquellas longinquas paragens, no momento em que, mais do que nunca, trabalhava para o descobrimento da via maritima para India, via que simultaneamente era estudada por Bartholomeu Dias e Pedro da Covilhan. Um apoio no Oriente era em tudo valioso, e sobretudo o apoio de um Soberano Christão que se oppozesse ao poder do Islamismo. No meio das ideas de conquista e de commercio havia sempre a da lucta pela fé de Christo. Pedro da Covilhan tomou o logar do companheiro fallecido, e, após outras curiosas viagens, entrou na Abyssinia em 1492 ou, mais provavelmente, em 1493 (ver Ficalho, *ob. cit.* pp. 132 e 174). Depois, tudo está dito.

Comtudo, ha um ponto interessante; o escudeiro de D. João II deve ter chegado ao acampamento do Negus Eskender no principio de 1494, mezes antes da morte d'esse Monarcha, que teve logar a 7 de Maio do mesmo anno. Em 1495 era impressa em Lisboa a famosa *Vita Christi* em linguagem. Na *Prohemial epiſtola* dirigida a D. João II pelo "imprimidor" Valentim Fernandes (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. 1, p. 58), lêem-se referencias curiosas á Ethiopia; quem daria a Fernandes as informações que tornaram possiveis essas referencias, e que, sem duvida, parecem indicar um conhecimento mais completo da Ethiopia? Ignoramos, mas as noticias que possuia eram certamente anteriores a quaesquer

portance than Affonso de Paiva's expedition to Ethiopia, which was not carried out. The two squires separated in Aden, and Pedro da Covilhan proceeded to India, while Affonso de Paiva probably turned towards Ethiopia. When Pedro da Covilhan returned from India and Sofala to Cairo, he could only learn that Paiva had died, and the place and manner of his death are unknown. His mission to Prester John may possibly have been to try and bring about an alliance with the Christian King: it would have been but natural for King João II to have sought an ally in those far-off lands, at a time when he was working harder than ever to find the sea route to India, a route that was being studied simultaneously by Bartholomeu Dias and Pedro da Covilhan. Any support in the East would have been valuable to him, and that of a Christian King against the forces of Islam would have been especially so, for behind all the ideas of conquest and commercial gain there was always the thought of fighting for the faith of Christ. Pedro da Covilhan took his dead companion's place, and, after various journeyings, he reached Abyssinia in 1492, or more probably 1493 (see Ficalho, *op. cit.* pp. 132 and 174). The rest has all been written.

There is, however, one particularly interesting point: Dom João II's squire must have reached the encampment of the Negus Eskender at the beginning of 1494, some months before the Abyssinian monarch's death, which took place on May 7th of that year. In 1495 the famous *Vita Christi* in Portuguese was printed in Lisbon. The *Prohemial epiſtola* addressed by the printer Valentim Fernandes to King João II (see *Early Portuguese Books*, vol. 1, p. 58) contains some curious references to Ethiopia, and one wonders who can have given Fernandes the information that enabled him to make these references, which indicate a considerable knowledge of the subject; for the *Prohemial epiſtola* was written long before any report from Pedro da

informes que Pedro da Covilhan podesse ter mandado, não sendo tambem provavel que tivessem sido aquelles trazidos pelo padre Abexim, Lucas Marcos, que esteve em Lisboa "auendo pouco mais de nóue meſes que Pero de Couilhaã ęra partido," diz Barros (*Asia, Decada* I, liv. III, cap. V, fl. 30). Demais, no mesmo capitulo, Barros mostra que D. João II sabia muita cousa a respeito do Preste João e da Ethiopia. Mesmo no primeiro livro impresso em Portuguez, o Preste João exercia a sua mysteriosa influencia!

Descoberta a via maritima, a situação de Portugal era differente. Decorreram-se annos, passados por Pedro da Covilhan na Ethiopia, donde nunca mais sahiu; depois, teve logar a Embaixada de Mattheus enviada pela Rainha Helena a D. Manuel, sendo Mattheus portador de um presente,

"hũa Cruz feita em redondo, com hũa argola de prata, que era do lenho da Cruz em que noſſo Senhor Ieſu Chriſto padeçeo morte por nos ſaluar, metida em hũa caixeta douro" (Damião de Goes, *Chronica DelRei dom Emanuel*, Parte III, cap. lix),

e uma carta da Rainha Helena para D. Manuel (ver a versão Portugueza em Goes, *loc. cit.*, e a versão Latina em Goes, *Fides*, 1540). Esse documento curioso, na redacção do qual Pedro da Covilhan collaborou provavelmente (ver Gaspar Correa, *Lendas da India*, t. III, p. 36), foi traduzido em muitas linguas. D. Manuel recebeu solemnemente o Embaixador da Ethiopia nos Paços de Santos em Fevereiro de 1514. O Venturoso, que em 1487 assistira em Santarem á audiencia de despedida concedida por D. João II a Pedro da Covilhan, deverá ter sentido um certo orgulho em ver deante de si o enviado do Preste João. Certamente, dezeseis annos após a viagem de Vasco da Gama—para o bom resultado da qual Pedro da Covilhan havia contribuido—a importancia do Preste João já não podia ser a mesma para Portugal. Mas restavam, pelo menos, duas razões para acolher de braços

Covilhan could have been available, and it does not seem likely that Fernandes' authority can have been the Abyssinian father, Lucas Marcos, who was in Lisbon "little more than nine months after Pedro da Covilhan had left" (Barros, *Asia*, *Decada* I, book III, chap. V, fl. 30). Further, Barros shows in the chapter we have just quoted, that Dom João II himself knew a great deal about Prester John and Ethiopia. Prester John even exercised his mysterious influence on the first book printed in Portuguese!

Once the sea route had been discovered, the situation changed. Pedro da Covilhan spent all the rest of his life in Ethiopia; after some years Queen Helena sent an embassy to King Manuel under Mattheus, who bore as a present

"a Cross made in a circle, with a ring of silver, in the wood of the Cross on which our Lord Jesus Christ suffered death for our salvation, enclosed in a golden box" (Damião de Goes, *Chronica DelRei dom Emanuel*, Part III, chap. lix),

and a letter from Queen Helena to Dom Manuel (see the Portuguese version in Goes, *Chronica*, *loc. cit.*, and the Latin version in Goes, *Fides*, 1540). This curious document, which Pedro da Covilhan probably helped to compose (see Gaspar Correa, *Lendas da India*, vol. III, p. 36), was translated from the original into many languages. Dom Manuel accorded the Ethiopian ambassador a solemn reception in the Palace of Santos in February, 1514. The Fortunate King, who had been present in 1487 at the farewell audience granted by Dom João II to Pedro da Covilhan, must have felt a certain pride when he saw Prester John's envoy before him. Certainly, sixteen years after Vasco da Gama's voyage—to the successful outcome of which Pedro da Covilhan had contributed not a little—the friendship of Prester John can no longer have been of such vital importance to Portugal, but there were still at least two reasons

abertos o Embaixador do Soberano Christão da Ethiopia. Sem duvida, o mysterio que durante tantos seculos envolvera o nome e o poder fabulosos do Preste João, a distancia que, como sempre, augmentava esse mysterio, e a ignorancia da realidade dos factos, tornavam muito comprehensivel o valor attribuido pelo Venturoso á missão. Com inteira razão escreve Ficalho:

"Para D. Manuel sobretudo, esta embaixada era como o remate da sua empreza. A India e o Preste João haviam sido os sonhos dos dois grandes homens que o precederam, do Infante D. Henrique e de D. João II—a India estava segura nas fortes mãos de Affonso de Albuquerque, e agora chegava aos paços de Portugal um embaixador do Preste" (*ob. cit.* p. 201).

Hoje, podemos dizer que esta Embaixada significa *sobretudo* a continuidade, pois—facto que Ficalho ignorava—em 1452, o Infante recebera tambem um Embaixador do Preste! Mas os motivos não podiam ser os mesmos. D. Manuel considerava tão importante a Embaixada, que notificou a sua chegada á Senhoria de Veneza, ao Rei de Castella, e ao Papa Leão X. O illustre Pontifice levantou os braços ao ceu, dando graças a Deus pela boa nova, pois, como os seus dois predecessores, pensava n'uma cruzada contra o poder do Islamismo, e o apoio do Soberano Christão do Oriente seria, certamente, em extremo valioso. A mesma idea não podia deixar de sorrir a D. Manuel, governador da Ordem de Christo, tal como seu tio, o genial Infante. Para Portugal, a esse espirito da cruzada, junctava-se tambem o lado pratico: o apoio local, que poderia receber para o commercio das especiarias.

O grande Affonso de Albuquerque—um dos poucos que tomou a serio o infeliz Mattheus—encarava, com o seu olhar d'aguia, a questão sob os dois aspectos. Escrevendo a El-Rei a 4 de Dezembro de 1513 um longo e admiravel relatorio, Albuquerque refere-se innumeras vezes ao Preste João. É possivel que o governador estivesse illudido ácerca do poder e riquezas do Preste, mas, sem duvida, comprehendia clara-

for welcoming the ambassador from the King of Ethiopia with open arms. There is no doubt that the mystery which had for so many centuries surrounded the fabulous name and powers of Prester John, and the ignorance that still existed about the real truth, make it easy to understand the value attached to the mission by King Manuel. Ficalho rightly says:

"For Dom Manuel above all, this embassy was like the crowning of his enterprise. India and Prester John had been the dream of the two men who had preceded him, of the Infante Dom Henrique and of Dom João II—India was safe in Affonso de Albuquerque's strong hands, and now an ambassador from Prester John reached the Palace of Portugal" (*op. cit.* p. 201).

To-day we can say that it was especially a proof of continuity, for—a fact that Ficalho did not know—in 1452 the Infante had also received an ambassador from Prester John! The reasons for the embassy, however, cannot have been the same. Dom Manuel considered it so important that he notified the Seigniory of Venice, the King of Castile and Pope Leo X of its arrival. The Pontiff raised his hands to heaven in thanksgiving, for, like his predecessors, he was thinking of a Crusade against Islam, and the support of the Christian King of the East would have been extremely valuable. The same idea must also have occurred to Dom Manuel, who, like his famous uncle Prince Henry, was governor of the Order of Christ. In Portugal the practical advantages were not overlooked, and it was realised that the friendship of Ethiopia would be a very useful factor in the spice trade.

The far-sighted Albuquerque, one of the few people who took the unhappy Mattheus seriously, saw both sides of the question. There are many references to Prester John in the long and remarkable letter he wrote to King Manuel on December 4th, 1513. Though he may possibly have been deluded about the Prester's power and

mente o auxilio que elle nos podia dar, sobretudo para defender a entrada do Mar Vermelho, proteger o nosso commercio e arruinar o poderio do Islamismo n'aquellas paragens. "Albuquerque terribil" dizia a D. Manuel:

"Senhor...façaes força no mar roxo, que nam se poderá crer a Riqeza que averees, e como todo o ouro qe emtra na imdia da terra do preste joham estará todo na vosa mãao, sem nehũua duuida, afora ho gasto de cobre e mercadarias deses Regnos, de que se pode aver gram soma de dinheiro na imdia....ha na terra de preste joham muitas minas d ouro: a meu ver ho ouro que vay ter a çofala, he da terra que obedece ao preste joham."

Ao mesmo tempo, Albuquerque via a importancia do Mar Vermelho para a lucta—a cruzada—contra o Islamismo, idea abençoada pela Santa Sé, e sinceramente approvada por D. Manuel, que seguia as pisadas dos seus predecessores. Era sempre a continuidade. Albuquerque, como grande estadista que era, encarava ao mesmo tempo os dois problemas; a defeza da religião, e a grandeza de Portugal pelo desenvolvimento do seu commercio.

"Ho que me parece do mar Roxo e de nosa emtrada laa, he que vos alteza tem dado ho mayor açoute na casa de mafomede do qe ouue de cemtanos aquá, porque lhe chegastes ao vivo e lugar de toda sua comfiamça, porque judá e meqa nam tem mantimentos, senam ho qe lhe vem por mar...mais me parece, qe se vos fazeis forte no mar Roxo, qe temdes toda a Riqeza do mundo nas mãaos, porqe todo ouro de preste joham está nas vosas mãaos, he tam gramde soma qe nam ouso de falar, por espicyarias e mercadarias desas partes."

E accrescenta:

"Nem he piqeno serviço que farieis a noso senhor, em lhe destroirdes a sua casa d abominaçam e de toda sua perdiçam."

Insistindo n'esse ponto, mostra depois a fórma

riches, Albuquerque clearly understood the help he could give, especially to defend the entrance to the Red Sea, protect Portuguese trade and break down the power of Islam in those parts. "Dread Albuquerque" said:

"My Lord...use force in the Red Sea and the wealth you will gain is unbelievable, for all the gold that goes into India from the land of Prester John will be in your hands, without any doubt, besides all the expenditure on copper and merchandise in these kingdoms, which is worth a large sum of money in India....there are many gold mines in the land of Prester John, and, in my opinion, the gold that goes to Sofala is from the land that is subject to Prester John."

At the same time Albuquerque realised the importance of the Red Sea in the struggle against Islam, an enterprise that was blessed by the Holy See, and sincerely approved by Dom Manuel, who carried on the policy of his predecessors. There was always the same continuity. Albuquerque, like the great statesman he was, saw both sides of the question: defence of religion, and the development of commerce to add to the greatness of Portugal.

"My opinion about the Red Sea and our entering there, is that your Highness has given the house of Mahomet the biggest blow it has had for the last hundred years, because you have reached the very life and centre of its security, for Juda and Mecca can receive no provisions except by sea...further it seems to me that if you strengthen your position in the Red Sea, you have the whole wealth of the world in your hands, because all the Prester John's gold is in your hands, and such a large sum that I dare not name it for the spices and merchandise from these parts."

And he adds:

"It is not a small service that you would render to Our Lord in destroying his house of abomination and perdition."

Insisting on this point, he proceeds to show

de alcançar o que elle considera necessario para consolidar o Senhorio Portuguez no Oriente:

"Pela ventura vos quis noso senhor dar as imdias com tamta fama e riqeza, pera lhe fazerdes este serviço: eu nam duuidaria que ha fee e comfyamça das cousas da imdia, que sómemte ficou a vos alteza depois de tamtas comtrariadades e duuidas de muitos coraçõees, fose espicyall graça de deus: ouso, senhor, d escrever isto a vos alteza, porque vy a ymdia alem do gamje e aquem, e vejo como noso senhor vos ajuda e vol a vay metemdo nas mãaos: gramde balamço e gramde asemto fez a imdia depois qe vosa alteza ganhou goa e malaca, e mamdou emtrar ho mar Roxo, e buscar armada do soldam, e cortar ho caminho da navegação de judá e meqa e tirardes lhe as mercadarias e minas do ouro de preste joham, que he hũua tam gramde soma que se não póde crer. E porqe vos alteza veja mais craro a maneira de que deuees segurar ho mar roxo, por agora he poer se em obra ho feito d adem e forteleza na ilha de meçuá, porqe ten as costas postas no poder do preste joham, e he terra e lugar em que a forteleza per sy soo obrará muito, porque he senhora da pescaria do aljofar, qe jaz toda de redor dela, e fará seu trato e mercadaria na terra firme; e vimdo a ela comtrariadade d algũa parte, nam lhe he necesareo socorro de vosas armadas, abasta a jemte do preste Joham e sua terra e sua ajuda e o amor qe nos tem, e o desejo qe tem d aliamça e amizade com vos alteza, desejadores de pelejar e morrer pola fee de cristo, verdadeiros cristãos....Torno uos, senhor, dizer outra vez qe em aden e na ilha de meçuá vos devees de fazer forte" (*Cartas de Affonso de Albuquerque* publicadas de ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa sob a direcção de Raymundo Antonio de Bulhão Pato, t. I, pp. 199–243).

Sem analysar a tão profunda visão de Affonso de Albuquerque sobre o "sea power," estamos convencidos que as cartas do celebre governador não podiam, por todos os motivos, deixar de influir

the means of achieving what he considers necessary to consolidate the Portuguese dominion in the East:

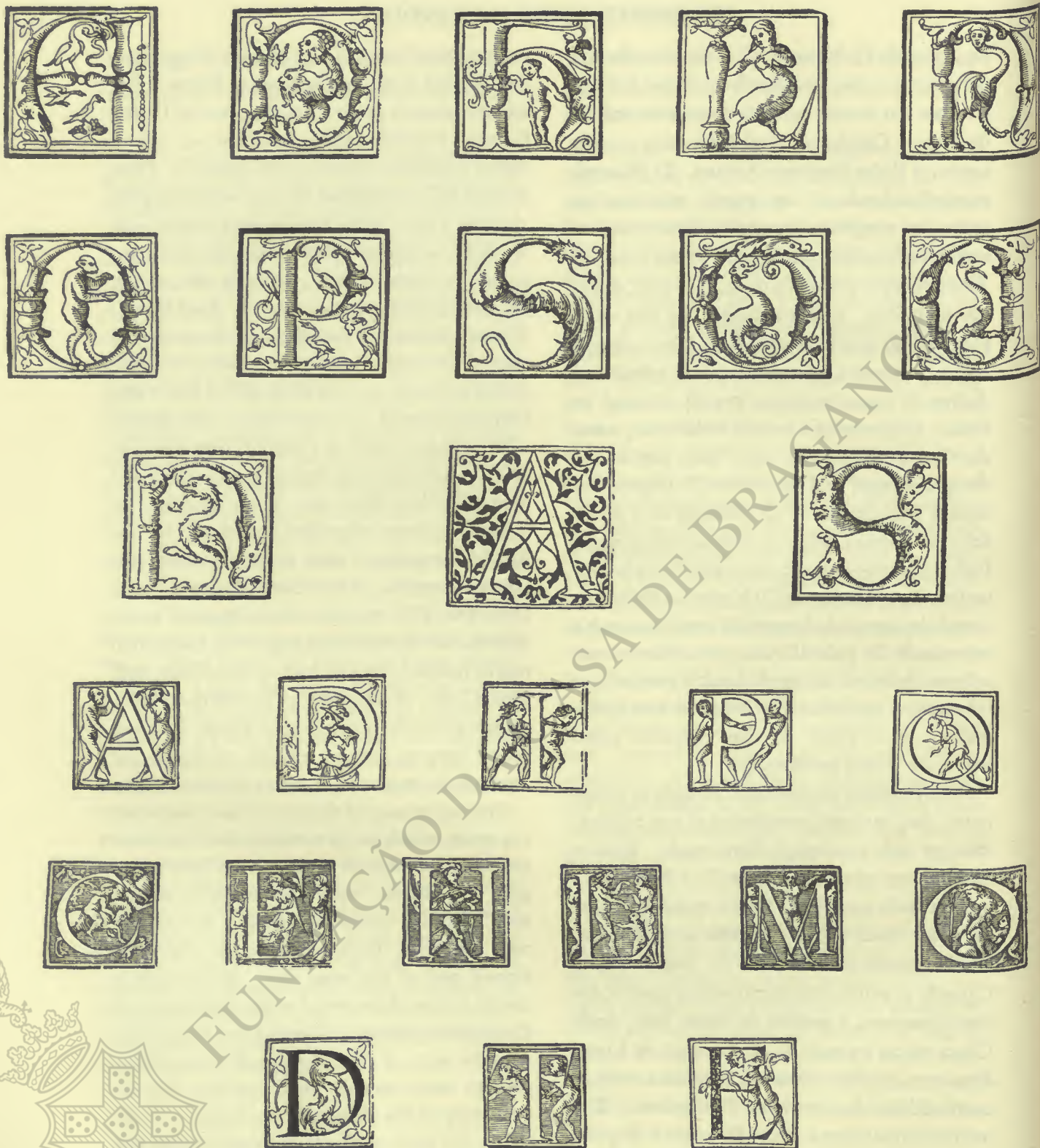
"Perhaps Our Lord was pleased to give you India with all its riches and renown, so that you might do Him this service. I have no doubt that the faith and confidence about things in India, which have come to your Highness only after the doubts and contradictions of many hearts, is an especial grace of God. I am bold enough, my Lord, to write this to your Highness, because I have seen India both on this side of the Ganges and beyond, and I see how Our Lord is helping you and is putting it into your hands. There has been a great upheaval and a great settling down in India since your Highness conquered Goa and Malacca and gave orders to enter the Red Sea and seek the Sultan's armada and cut off the navigation route to Juda and Mecca and deprived them of the merchandise and gold mines of Prester John, which are worth an incredibly large sum. And so that your Highness may see more clearly the way to secure the Red Sea, for the present it is to start the action at Aden and the fortress in the island of Meçua (Musha?), for the shores are in the power of Prester John, and it is a land and place where the fortress in itself will do a great deal, because it commands the pearl fishery, which lies all around there, and also the trade and merchandise on dry land; and if there is any difficulty from anywhere, you will not need to send your armadas to its aid, but Prester John's people and his help will suffice, and the love he bears you and his desire for alliance and friendship with your Highness, as both of you are desirous to fight and die for the love of Christ, like true Christians....I say to you again, my Lord, that you must strengthen your position in Aden and in the island of Meçua" (*Cartas de Affonso de Albuquerque* published by order of the Academia Real das Sciencias of Lisbon under the direction of Raymundo Antonio de Bulhão Pato, vol. I, pp. 199–243).

We will not now analyse Affonso de Albuquerque's profound vision of sea power; but we are convinced that the celebrated governor's letters cannot but have influenced Dom Manuel from

no animo de D. Manuel. O Venturoso decidiu pois mandar uma Embaixada ao Preste João: já tratámos em poucas palavras d'essa trista missão de Duarte Galvão, da qual fazia parte o nosso auctor, o Padre Francisco Alvares. D. Manuel, comprehendendo o seu papel, mandava ao Preste um sumptuoso presente: a lista d'essas assombrosas riquezas, que se póde ler nas *Lendas da India* de Gaspar Correa (t. II, pp. 464–465), deixanos pasmados. E essa narração não está completa; n'um outro estudo (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 34–35) já nos referimos á dadiva de livros mandada por D. Manuel ao Preste. O presente foi parar á India onde, como diz Gaspar Correa (*loc. cit.*), "tudo ysto se perdeo por mingoa de Lopo Soares." Depois teve logar a Embaixada de D. Rodrigo de Lima—fielmente narrada pelo seu dedicado chronista, o Padre Alvares—que alcançou resultados importantes. Após a morte de D. Manuel, a Reforma e o estabelecimento da Inquisição prendiam mais a attenção de D. João III, do que a alliança com o Preste João e o seu apoio local; é possivel que informações recebidas lhe revelassem esse apoio, mesmo sob o ponto de vista religioso, como sendo um pouco problematico.

A importancia do assumpto alongou as nossas notas, que, em parte, completam as que publicámos no vol. I sobre o *Marco paulo*. Ficalho escreveu esta phrase profunda: "O Preste era o meio, a India era o fim." Mas o que é admiravel é a fórma como as duas emprezas se auxiliaram, e como ambas fizeram parte do mesmo plano. Quando se estuda cuidadosamente a epocha dos descobrimentos, a questão do Preste João, desde Ceuta até ao regresso de D. Rodrigo de Lima, demonstra, melhor talvez que nenhuma outra, a continuidade das emprezas Portuguezas. Demonstra egualmente a fé dos Principes e do povo Portuguez, a tenacidade da nossa raça, e a intelligencia dos dirigentes que, bem cedo, comprehenderam a importancia do Presto João para os descobrimentos.

every point of view. The Fortunate King therefore decided to send an embassy to Prester John; we have already given a brief account of Duarte Galvão's ill-fated mission, in which our author, Father Francisco Alvares, was included. Dom Manuel fully understood the part he had to play, and sent Prester John a sumptuous present—the list of the wondrous riches of which it was composed (see Gaspar Correa, *Lendas da India*, vol. II, pp. 464–465) leaves us astounded. And Gaspar Correa's list is not complete: we have already referred in another study (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 34–35) to the gift of books sent by King Manuel to Prester John. The present went to India, where, as Gaspar Correa says (*loc. cit.*), "All this was lost through the fault of Lopo Soares." Then there was Dom Rodrigo de Lima's embassy—described in detail by the faithful chronicler, Father Alvares—which had important results. After Dom Manuel's death, Dom João III's attention was so engaged by the Reformation and the setting up of the Inquisition that he had little time to develop the alliance with Prester John. He may perhaps have received information about the problematical nature of Prester John's support, even in religious questions, and have left the matter in abeyance for that reason.

The importance of the subject has lengthened our notes, which partly complete those we wrote about the *Marco paulo* in vol. I. As Ficalho has said, "The Prester was the means, India was the end." But the remarkable thing is the way the two enterprises helped each other and both formed part of the same plan. If we make a careful review of the period of the discoveries, we find that the question of Prester John, from Ceuta until the return of Dom Rodrigo de Lima, shows, perhaps more strongly than anything else, the continuity of the Portuguese enterprises. It also shows the faith of the Portuguese Princes and people, the tenacity of our race, and the intelligence of the leaders who speedily realised the importance of Prester John from the point of view of the discoveries.

5 Lettras capitaes de obras impressas por Luiz Rodrigues entre 1540 e 1542
Initial letters from works printed by Luiz Rodrigues between 1540 and 1542

A honra de deos ꝛ da gloriosa vir-
gẽ nossa sñora se acabou ho liuro do Preste Ioã das indias
em q̃ se conta todos hos sitios das terras/ ꝛ dos tra-
tos ꝛ comercios dellas/ ꝛ do que passara na viaje de
dom Rodrigo de lima que foy por mandado de
Diogo lopez de sequeira que entam era go-
uernador na india: ꝛ assi das cartas ꝛ
presentes que ho Preste Ioã man-
dou a el Rey nosso senhor/ cõ
outras cousas notaueis q̃
ha na terra. Ho qual
vio ꝛ escreueo/ ho
padre Frãcisco
aluarez ca-
pellã del
Rey
nosso senhor com muita diligencia ꝛ verda-
de. Acabouse no anno da encarnaçam
de nosso sñor Jesu christo a hos
vinte dous dias de Outubro
de mil ꝛ quinhentos ꝛ
quarenta an-
nos.

6 Colophon do *Preste Ioam das indias* do Padre Francisco Alvares
Colophon of the *Preste Ioam das indias* of Father Francisco Alvares
[Lisboa], 1540

L. ANDREAE RESENDII *De uerborũ coniugatione commentarius.* OLISIPONE *Apud Lodouicũ Rhotorigium typographum.*

7 Folha do rosto do *De uerborũ coniugatione* de André de Resende
Title-page of the *De uerborũ coniugatione* of André de Resende
Lisboa, 1540

43 ANDRÉ DE RESENDE, DE UERBORŨ CONIUGATIONE COMMENTARIUS.

Lisboa, Luiz Rodrigues, 1540.

L. ANDREAE | RESENDII | *De uerborũ coniu-* | *gatione commen-* | *tarius.* | OLISI- PONE | *Apud Lodouicũ* | *Rhotorigium ty-* | *pographum.*

Rosto enquadrado por uma portada emmoldurada por vinhetas ornadas de flores, aves e insectos[1].

[fl. 2] *L. RESENDIVS PAVLO* | *ANTONIO SVO* | *S. D.* [...]

[fl. 2 vo.] [...] *Vale. Olisipone idibus Iunijs.* | *M. D. XL.*

[fl. 3] *De modis.* [...]

Começa a obra[2].

[fl. 34 vo.] SECVNDAE CON- | IVGATIONIS PARADIGMA. [...]

[fl. 42] TERTIAE CON- | IVGATIONIS PARADIGMA. [...]

[fl. 50 vo.] QVARTAE CON- | IVGATIONIS PARADIGMA. [...]

[fl. 59] [...] *Finis.*

[fl. 59 vo.] *Diodocus Stephanus ad lectorem.* [...] *M. D. XL.*

4°—[59] folhas—24 linhas—caractéres italicos (Latim) e redondos (Portuguez).

Numeração dos cadernos: A–O, 4 folhas cada caderno; P, 3 folhas; total de 59 folhas.

Encadernação de carneira.

4to.—[59] leaves—24 lines—printed in italics (Latin) and in Roman type (Portuguese).

Collation by signatures: A–O, each 4 leaves; P, 3 leaves; total 59 leaves.

Bound in sheepskin.

São excessivamente raros os exemplares d'esta obra de André de Resende. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, no seu notavel estudo, que já citámos mais de uma vez, *Lucius Andreas Resendius Lusitanus*, escreve ácerca do *De uerborũ coniugatione*:

"Não vi exemplar; sei apenas que um está resguardado na Bibl. Nac. de Lisboa...e que outro existe na Bibl. de Evora. Por isso não posso entrar em pormenores."

Very few copies of this work of Resende's can now be found. Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos says of *De uerborũ coniugatione*, in her *Lucius Andreas Resendius Lusitanus*, which we have quoted more than once:

"I have not seen a copy: I only know that one is kept in the National Library at Lisbon...and that another exists in the Evora Library. For this reason I am unable to enter into details."

[1] *Title within an architectural border framed by a further border of flowers, birds and insects.*
[2] *The beginning of the grammar.*

Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras im-pressas em Portugal no século* XVI, nº 1012) na sua descripção d'esta obra dizem:

"Notícia colhida no cat. Azevêdo-Samodães, 2754 (c. fac-sim.) que se refere a um ex., que não encontrámos, da B. N. de Lisboa."

Estes auctores não mencionam o exemplar da Bibliotheca de Evora a que D. Carolina Michaëlis se refere, e indicam um na Bibliotheca de Ajuda. No Museu Britannico existe egualmente um ex-emplar. O que possuimos está completo, em perfeito estado de conservação, tendo duas emendas escriptas pelo punho de Resende (ver p. 54).

Este livro tem um duplo interesse: o seu auctor e os personagens para quem foi composto. Tanto Barbosa (ver *Bibliotheca Lusitana*, t. I, p. 167), como D. Antonio Caetano de Sousa (ver *Historia Genealogica*, t. V, p. 204) dizem que o *De uerborũ coniugatione* foi composto por André de Resende para D. Leonor de Noronha e para o Conde de Alcoutim seu irmão; comtudo, parece-nos que estes dois veneraveis auctores se enganaram.

Se esses dois escriptores não viram nenhum exemplar do livro de Resende, explica-se que tenham sido induzidos em erro, em vista da verdadeira confusão creada pelo curioso e per-turbativo habito Portuguez, da mesma familia usar appellidos differentes, como aconteceu, por exemplo, aos Menezes e Noronhas. Frequente-mente vêmos irmãos usarem, uns, o nome de familia do pae, e os outros, o da mãe. Para nós Portuguezes esse costume já cria complicações; para os estrangeiros torna-se quasi impossivel achar o fio da meada! Se, pelo contrario, Barbosa e Sousa leram a carta de Resende no principio d'esta obra, julgamos que commetteram um erro, e pelos motivos que passamos a expôr, tentando assim aclarar a questão.

Diz-nos Anselmo Braamcamp Freire (*Brasões da Sala de Cintra*, vol. II, p. 426):

"2º. Conde de Alcoutim.—Em fins de 1499.

Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras im-pressas em Portugal no século* XVI, no. 1012) state that their description of the work is

"taken from the Azevedo-Samodães Catalogue, no. 2754 (with fac-simile), where reference is made to a copy, which we could not find, in the National Library at Lisbon."

These authors do not mention the copy at Evora, to which Dona Carolina Michaëlis refers, but indicate that there is one in the Ajuda Library. There is also a copy in the British Museum. The one we possess is complete and in a perfect state of preservation; it has two manu-script corrections in Resende's own hand (see p. 54).

The book has a two-fold interest: its author, and the persons for whom it was composed. Both Barbosa (see *Bibliotheca Lusitana*, vol. I, p. 167) and D. Antonio Caetano de Sousa (see *Historia Genealogica*, vol. V, p. 204) say that André de Resende wrote the *De uerborũ coniuga-tione* for D. Leonor de Noronha and her brother, the Count of Alcoutim; but it seems to us that these two venerable authors were wrong.

If neither of them ever saw a copy of Re-sende's book, the mistake is excusable, for the Menezes and Noronhas followed the confusing Portuguese custom of using different surnames for members of the same family. Often in Portugal one brother is known by his father's surname while the other is called by his mother's; this procedure is bewildering enough for us Portu-guese, but foreigners find it almost impossible to unravel the tangled threads! If, however, Bar-bosa and Sousa read Resende's dedicatory letter, we think they were definitely wrong, and for reasons which we will now set down, in order to try and clear up the problem.

Anselmo Braamcamp Freire (*Brasões da Sala de Cintra*, vol. II, p. 426) writes:

"2nd Count of Alcoutim [succeeded to the

—D. Pedro de Meneses, filho primogenito e herdeiro do 2º. marquez de Villa Real e 1º. conde de Alcoutim.—Foi D. Pedro, logo que seu pae succedeu na casa de Villa Real, conde de Al-coutim....É certo ter o marquez largado logo o titulo de conde de Alcoutim, porque sem elle o encontro em todos os documentos posteriores que tenho visto....E pelo contrario sei que o filho já em 1512 é intitulado conde, quando foi exercer a capitanía de Ceuta pelo pae....É preciso que isto fique marcado, porque, como a D. Pedro de Meneses só foi confirmado o condado de Alcou-tim em 15 de novembro de 1524, portanto depois da morte do pae, póde-se suppor que em sua vida não havia D. Pedro sido conde. Veio a ser o 3º *marquez de Villa Real* em 1523."

title] at the end of 1499.—Dom Pedro de Menezes, first-born son and heir of the 2nd Marquis of Villa Real and 1st Count of Al-coutim. Dom Pedro became Count of Alcoutim when his father succeeded to the Marquisate of Villa Real....It is certain that the Marquis gave up the title of Count of Alcoutim at that moment, because I find him without it in all the later documents I have seen....And on the other hand I know that the son was already entitled Conde de Alcoutim in 1512, when he went to take up the Captaincy of Ceuta on his father's behalf....It is necessary to point this out because, as Dom Pedro de Menezes was not confirmed as Count of Alcoutim until November 15th, 1524, after his father's death, it might have been sup-posed that Dom Pedro had not been a Count during the life-time of the second Marquis. He became 3rd Marquis of Villa Real in 1523."

Tanto D. Pedro de Menezes como sua irmã D. Leonor de Noronha eram filhos de D. Fernando de Menezes, 2º Marquez de Villa Real e de sua mulher D. Maria Freire, Senhora de Alcoutim. D. Pedro de Menezes, 2º Conde de Alcoutim e 3º Marquez de Villa Real casou em 1520 com D. Brites de Lara, sua prima com-irmã, filha unica de D. Affonso Condestavel de Portugal e da Condestablessa D. Joanna de Noronha, filha de D. Pedro de Menezes, 1º Marquez de Villa Real, e de D. Brites, filha do Duque de Bragança D. Fernando I e da Duqueza D. Joanna de Castro. O Condes-tavel D. Affonso, fallecido em 1504, era filho natural do Duque de Vizeu D. Diogo, irmão d'El-Rei D. Manuel, assassinado em Setubal por El-Rei D. João II em 1484. Segundo nos diz Damião de Goes, o Duque de Vizeu, quando esteve em Castella, "teve trato" com D. Isabel de Sottomayor e Portugal, Duqueza de Villa Hermosa, viuva de D. Affonso de Aragão, 1º Duque de Villa Hermosa, irmão de Fernando o Catholico. A mãe do Condestavel D. Affonso—que D. João havia mandado crear

Dom Pedro de Menezes and his sister, Dona Leonor de Noronha, were the children of Dom Fernando de Menezes, the 2nd Mar-quis of Villa Real, and his wife Dona Maria Freire, *Senhora* (Lady) of Alcoutim. In 1520, Dom Pedro de Menezes, 2nd Count of Alcoutim and 3rd Marquis of Villa Real, married his first cousin Dona Brites de Lara, the only daughter of Dom Affonso, Lord High Constable of Portugal, and his wife Dona Joanna de Noronha, daughter of Dom Pedro de Menezes, 1st Marquis of Villa Real, and Dona Brites, the daughter of Dom Fernando, Duke of Bragança, and Dona Joanna de Castro. The Lord High Constable Dom Affonso, who died in 1504, was the natural son of King Manuel's brother, Dom Diogo, Duke of Vizeu, who was assassinated in Setubal by King João II in 1484. According to Damião de Goes, the Duke of Vizeu, when he was in Castille, paid his addresses to Dona Isabel de Sottomayor e Portugal, Duchess of Villa Hermosa, the widow of Ferdinand the Catholic's brother Dom Affonso of Aragon, 1st Duke of Villa Hermosa. The mother of the Constable Dom Affonso (who, by Dom João's command, was brought

em segredo por Antão de Faria, e que D. Manuel reconheceu como seu sobrinho—era uma senhora de illustre familia, pois descendia d'El-Rei D. Pedro I e de D. Ignez de Castro.

Do casamento do 2º Conde de Alcoutim, D. Pedro de Menezes, com D. Brites de Lara houve descendencia, entre a qual, segundo escreve Braamcamp Freire (*ob. cit.* vol. II, p. 446),

"D. Miguel de Meneses, filho successor do 3º. marquez de Villa Real.—O marquez a 12 de setembro de 1525 ainda se intitulava conde de Alcoutim; a 28 de abril de 1528 já largara o titulo....O conde de Alcoutim foi 4º. *marquez de Villa Real* em 1543."

D. Miguel de Menezes—que casou com D. Filippa de Lancastre, mas não teve descendencia—e sua irmã D. Juliana de Lara são os dois personagens que nos interessam especialmente. D. Juliana de Lara, a quem alguns auctores chamam D. Joanna de Lara, e André de Resende nomeia D. Juliana de Menezes, dando-lhe assim, mais correctamente, o appellido do pae em logar do da mãe que ella usava, casou em 1547 com D. João de Lancastre, 1º Duque de Aveiro, filho do Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, Grão Mestre das Ordens de Aviz e de S. Thiago, filho natural d'El-Rei D. João II. O Duque D. João "foi o primeiro de sua familia que usou do appellido de Lancastre" (Braamcamp Freire, *ob. cit.* vol. II, p. 440). Se fizemos este longo arrazoado genealogico, é para mostrar que a *Arte de grammatica* de André de Resende não póde ter sido composta para o 2º Conde de Alcoutim D. Pedro de Menezes e para sua irmã D. Leonor de Noronha, mas sim, o que é muito mais natural, para os filhos de D. Pedro, D. Miguel, 3º Conde de Alcoutim, e sua irmã D. Juliana.

D. Pedro de Menezes já era Conde de Alcoutim em 1499, e Capitão de Ceuta em 1512: alem de ser illustre nas armas tambem o foi nas lettras,

up in secret by Antão de Faria, and was later acknowledged by King Manuel as his cousin) came of a noble family, for she was descended from King Pedro I of Portugal and Dona Ignez de Castro.

One of the children of the marriage between Dom Pedro de Menezes, 2nd Count of Alcoutim, and Dona Brites de Lara was, as Braamcamp Freire says (*op. cit.* vol. II, p. 446),

"Dom Miguel de Menezes, son and successor of the 3rd Marquis of Villa Real. The 3rd Marquis was still entitled Count of Alcoutim on Sept. 12th, 1525; on April 28th, 1528, he had given up the title....The Count of Alcoutim became the 4th Marquis of Villa Real in 1543."

Dom Miguel de Menezes married Dona Philippa de Lancastre, but had no children. He is one of the persons in whom we are especially interested: the other is his sister Dona Juliana de Lara, whom some writers call Dona Joanna de Lara, and to whom Resende more correctly gave her father's instead of her mother's surname, calling her Dona Juliana de Menezes. In 1547 Dona Juliana married Dom João de Lancastre, 1st Duke of Aveiro and son of King João II's natural son, Dom Jorge, Duke of Coimbra, Grand Master of the Orders of Aviz and of St James. Dom João was "the first of his family to use the name of Lancastre" (Braamcamp Freire, *op. cit.* vol. II, p. 440). We have been forced to give this lengthy genealogical dissertation to show that Resende's Grammar was not composed for Dom Pedro de Menezes the 2nd Count of Alcoutim and his sister Dona Leonor de Noronha, but for Dom Pedro's children, Dom Miguel 3rd Count of Alcoutim, and Dona Juliana.

Dom Pedro de Menezes was already Count of Alcoutim in 1499, and in 1512 he became Captain of Ceuta. Besides being a brave

sendo "igualmente eſtimavel pela eſpada, como pela penna," como diz Barbosa (*ob. cit.* t. III, p. 599). Foi certamente amigo, e provavelmente discipulo, de Cataldo Siculo, que a elle se refere nos seus escriptos, e lhe dedicou poesias. Barbosa reproduz a poesia de Cataldo offerecida ao Conde de Alcoutim, não havendo duvida que se trata de D. Pedro, pois alli escreveu, "*Hic Alcotini Comes eſt, qui nomine Petrus,*" e o 1º Conde d'Alcoutim ter sido, como já vimos, seu pae D. Fernando de Menezes.

Barbosa diz egualmente (*loc. cit.*) que D. Pedro de Menezes compoz a "*Epiſtola ad Valentinum Ferdinandum Morauum Typographum data 21 Februarii anno á partu Virginis 1500.* Eſtá na 1. Part. *Epiſtol. Cataldi Siculi.*" Possuimos, adquirido depois da publicação do vol. I da nossa obra, um admiravel exemplar das *Epistole* de Cataldo, impressas em 1500 por Valentim Fernandes. Este precioso incunabulo é, certamente, um dos livros mais raros da nossa Bibliotheca. Na primeira folha lêem-se as seguintes palavras: "Epiſtole ꝛ orationes quedam Cataldi ſiculi. Cataldus petro meneſio Comiti alcotini. S." Não póde haver duvida de se tratar do Conde de Alcoutim de que nos occupamos, visto seu pae se chamar Fernando, e seu avô, D. Pedro de Menezes egualmente, nunca ter sido Conde de Alcoutim.

A carta, mencionada por Barbosa, foi impressa por Valentim Fernandes na ultima folha das *Epiſtole* de Cataldo, sahidas dos seus prelos a 21 de Fevereiro de 1500. Esse documento não foi, certamente, escripto a 21 de Fevereiro de 1500, como diz Barbosa; o auctor da *Bibliotheca Lusitana* equivocou-se, attribuindo á carta a data da impressão do livro, e enganou-se na sua citação, porque a missiva do Conde de Alcoutim, como podémos constatar no nosso exemplar, está endereçada: "Comes alcotini valentino ferdinãdo morauo. S." Essa carta interessante, na qual o Conde de Alcoutim diz a Fernandes que as suas obras são ainda demasiado toscas para serem im-

soldier, he was no mean scholar, and Barbosa (*op. cit.* vol. III, p. 599) says of him that he was "equally skilled with sword and with pen." He was certainly a friend, and probably a pupil, of Cataldus Siculus, who referred to him in his works and wrote poems in his praise. Barbosa (*op. cit.* vol. III, p. 600) transcribes one of these poems, in which the line: "*Hic Alcotini Comes eſt, qui nomine Petrus*" occurs. We possess a magnificent copy (acquired after the publication of vol. I of our work) of the *Epiſtole Cataldi*, printed by Valentim Fernandes in 1500. This precious incunable is certainly one of the rarest books in our Library. The first page begins "Epiſtole ꝛ orationes quedam Cataldi ſiculi. Cataldus petro meneſio Comiti alcotini. S." There is no doubt that the "Alcotini Comes" referred to in both cases is the one in whom we are interested, for, as we have seen, Dom Pedro's father, Dom Fernando, was the first Count of Alcoutim.

Barbosa (*loc. cit.*) also states, however, that Dom Pedro, the 2nd Count of Alcoutim, wrote the *Epiſtola ad Valentinum Ferdinandum Morauum Typographum data 21 Februarii anno á partu Virginis 1500*, which is published at the end of the first part of the *Epiſtole Cataldi.* These statements are decidedly inaccurate: in the first place, we find in our copy that the first-mentioned letter is addressed "Comes alcotini valentino ferdinãdo morauo. S."; further, February 21st, 1500, was the date when it was printed, so it must have been written earlier, probably some time in 1499. Braamcamp Freire tells us that Dom Pedro did not succeed his father as Count of Alcoutim until the end of 1499, so we consider that Sousa Viterbo, who reprints the letter in the *Archivo Historico Portuguez* (vol. II, p. 265), is perfectly

pressas, como mestre Valentim lhe pede, e que lhe manda em logar as de "Cataldo p̃ceptore nr̃o," foi reproduzida por Sousa Viterbo (*Archivo Historico Portuguez*, vol. II, p. 265), que a considera como tendo sido escripta por D. Fernando de Menezes: e sem duvida tem razão, pois se a carta é de antes de 1499, data em que D. Fernando deixou de usar o titulo de Conde de Alcoutim, parece-nos que D. Pedro seria demasiadamente novo para escrever essa carta, e fallar em composições da sua lavra: Barbosa, por consequencia, errou mais uma vez, como seguramente tambem se enganou attribuindo ao 2º Conde de Alcoutim a *Oratio coram Emmanuele Sereniſſimo Rege habita in Scholis Ulysbonae* que, afinal (ver Arthur Carvalho, *Incunabulos da Bibliotheca Publica do Porto*, p. 40), foi composta por seu avô, D. Pedro de Menezes, 1º Marquez de Villa Real, que falleceu em 1499.

É notavel que Barbosa se refira apenas ao 2º Conde de Alcoutim e não mencione nem seu pae, nem seu avô; mas é ainda mais curioso que D. Antonio Caetano de Sousa, na sua *Historia Genealogica*, nada diga dos talentos litterarios dos 1º e 2º Marquezes de Villa Real, e escreva que o 2º Conde de Alcoutim (t. v, p. 203)

"Foy erudîto, como ſe vê nas Obras de Cataldo Siculo, onde ſe lem diverſas Cartas para o Marquez, entaõ Conde de Alcoutim em que louva a ſua eloquencia na lingua Latina aſſim na proſa, como no metro, e em huma lhe diz: *Non ſolùm te noſtratibus Poëtis præfero, ſed veteribus illis comparo.*"

As obras de Cataldo tendo sido impressas em 1500, que edade tinha o nosso D. Pedro n'essa epocha?

Diz-nos Braamcamp Freire (*ob. cit.* vol. II, p. 425) que D. Fernando de Menezes "Havia casado antes de 1496, e depois de 1481, com D. Maria Freire, Senhora de Alcoutim." Na melhor das hypotheses, digamos que D. Fernando casou

right in attributing it to Dom Fernando, Dom Pedro's father. The Count of Alcoutim says in his letter that his works are so unpolished that he cannot grant Fernandes' request and let him print them; but that he sends him instead some works by "Cataldo p̃ceptore nr̃o." If this letter were written in 1499 or earlier, it seems to us that Dom Pedro would have been rather young at that time to write so glibly about his works. Braamcamp Freire (*op. cit.* vol. II, p. 425) tells us that Dom Fernando de Menezes "had married Dona Maria Freire, Countess of Alcoutim, before 1496 and after 1481"; so even if we suppose D. Fernando to have been married at the beginning of 1482, and his son to have been born at the end of that year, Dom Pedro would only have been 17 years old when Cataldus' works were printed, and, unless he were an infant prodigy, it does not seem possible that he can have been the author of the compositions included therein. Barbosa was also wrong in attributing the *Oratio coram Emmanuele Sereniſſimo Rege habita in Scholis Ulysbonae* to the 2nd Count of Alcoutim; for (see Arthur de Carvalho, *Incunabulos da Bibliotheca Publica do Porto*, p. 40) it was in fact composed by his grandfather, Dom Pedro de Menezes, 1st Marquis of Villa Real, who died in 1499.

So we conclude that Dom Fernando, 1st Count of Alcoutim and 2nd Marquis of Villa Real was the author of the *Epistola ad Valentinum Ferdinandum* and that his father Dom Pedro 1st Marquis of Villa Real composed the *Oratio*.

In view of these facts it is remarkable that Barbosa mentions only the 2nd Count of Alcoutim and makes no reference to his father or his grandfather; and it is still more curious that Dom Antonio Caetano de Sousa (*Historia Genealogica*) tells us nothing about the literary talents of the 1st and 2nd Marquises of Villa

no principio de 1482 e que D. Pedro nasceu no fim do mesmo anno: teria, pois, 17 annos quando fôram impressas as obras de Cataldo: salvo ter sido um prodigio, não nos parece possivel que as composições do Conde de Alcoutim, impressas por Valentim Fernandes nas *Epiſtole* de Cataldo, sejam de D. Pedro: são sem duvida de D. Fernando, e a *Oratio* é do velho Marquez D. Pedro.

Na carta do Conde de Alcoutim (seguramente D. Fernando), uma phrase póde talvez aclarar estas trevas; é quando o seu auctor diz ao "imprimidor" que lhe manda as obras de "Cataldo p̃ceptore nr̃o"; é muito provavel que Cataldo tenha sido mestre de D. Pedro, e que, por esse motivo, lhe dedicasse algumas das suas composições: se, como julgamos, Cataldo foi mestre de D. Pedro de Menezes, não foi para elle —que falleceu em 1543 com cerca de 50 annos— que André de Resende escreveu, em 1540, a sua *Arte de Grammatica*. O mesmo caso se dá com sua irmã D. Leonor de Noronha, para quem tanto Sousa como Barbosa dizem ter sido composta a obra *De uerborũ coniugatione*. É muito plausivel que Resende, latinista tão illustre, tenha sido mestre de D. Leonor, e a tenha auxiliado na sua traducção de obras Latinas que fôram impressas entre 1550 e 1554; mas não nos parece que Resende, em 1540, escrevesse para ella a sua grammatica, visto D. Leonor ter n'essa epocha 52 annos, pois no epitaphio do seu tumulo se diz ter fallecido em 1563 com 75 annos de edade. Apresentámos, primeiro, argumentos para explicar o erro que foi commettido: agora mostraremos a certeza da nossa affirmação, contida no proprio livro de Resende. Na sua carta-prefacio: *L. Reſendius Pavlo Antonio Svo S. D.*, escreve o nosso humanista:

"Adceſſit quædam etiã neceſsitas, quod meo magiſterio demandati Alcotinienſis Comes, & D. Iuliana Meneſia, Dynaſtæ Vrbiregalienſis filij, mitiſſimæ & placidiſsimæ indolis infantes...."

E falla ainda do "patre doctiſsimo." Como vimos, D. Pedro de Menezes deixou, com

Real, but writes of the 3rd Marquis (vol. v, p. 203) that

"he was erudite, as may be seen in the works of Cataldus Siculus, where there are various letters addressed to the Marquis, who was then the Count of Alcoutim, praising his eloquence in the Latin tongue, both in prose and in verse, and saying in one place: 'Non ſolùm te noſtratibus Poëtis præfero, ſed veteribus illis comparo.'"

The mention of "Cataldo p̃ceptore nr̃o" in Dom Fernando's letter to Valentim Fernandes seems to indicate that Cataldus was Dom Pedro's tutor, which was possibly the reason why he dedicated works to him; and in this case it was certainly not for Dom Pedro, who was over fifty when he died in 1543, that André de Resende wrote his *De uerborũ coniugatione* in 1540. Similar reasons apply in the case of his sister Dona Leonor de Noronha, for whom both Sousa and Barbosa state that this Grammar was written. It is quite possible that Resende, who was such a remarkable Latin scholar, may have been tutor to Dona Leonor, and that he helped her with her translations of Latin works, printed between 1550 and 1554; but it does not seem to us that Resende can have written this Grammar for her, because in 1540, when it was published, she was 52 years old, since the epitaph on her tombstone says that she died in 1563 aged 75. We have begun by setting down arguments to show the mistake that was made; we now give the proof positive of our affirmation, which is to be found in Resende's book itself. In the prefatory letter *L. Reſendius Pavlo Antonio Svo S. D.* our author writes:

"Adceſſit quædam etiã neceſsitas, quod meo magiſterio demandati Alcotinienſis Comes, & D. Iuliana Meneſia, Dynaſtæ Vrbiregalienſis filij, mitiſſimæ & placidiſsimæ indolis infantes...."

He also speaks about the "patre doctiſsimo." As we have seen, Dom Pedro certainly left off

L. RESENDIVS PAVLO ANTONIO SVO S. D.

Ormulas quasdam latinæ coniugationis in usum Brittioli mei à me collectas, sicuti apud auctores obseruaram, quum tibi ostendissem, Paule Antoni amice cādidissime, nihil minus cogitās, quam ut in uulgus ederentur, quum ob multa, tum ne in sermones hominum otiosorum incurrerem, efflagitare cœpisti, ut Olisiponensi iuuētuti latinis literis sub te magistro initiatæ, meiq; perquam studiosæ, quidquid id erat impertirem. Quumq; ego reniterer, & longe hominum de me expectatione rem inferiorē esse causarer, quumq; tu uehementius urgeres, ueritus sum pertinacis nimiúmue præfracti notam incurrere, qui homini amicißimo rei tantillæ honestā operam denegarem. Adcessit quædam etiā necesßitas, quod meo magisterio demandati Alcotiniensis Comes, & D. Iuliana Menesia, Dynastæ Vrbiregaliensis filij, mitissimæ & placidißimæ indolis infantes, & quātum per ætatulam potest conijci, patre doctißimo nequaquam indigni futuri, iam ad uerborum inflexionem toto conatu adcinge-

A ij

8 Uma pagina do *De uerborũ coniugatione* de André de Resende, com uma emenda manuscripta do auctor
A page of the *De uerborũ coniugatione* of André de Resende, with a correction in the author's handwriting
Lisboa, 1540

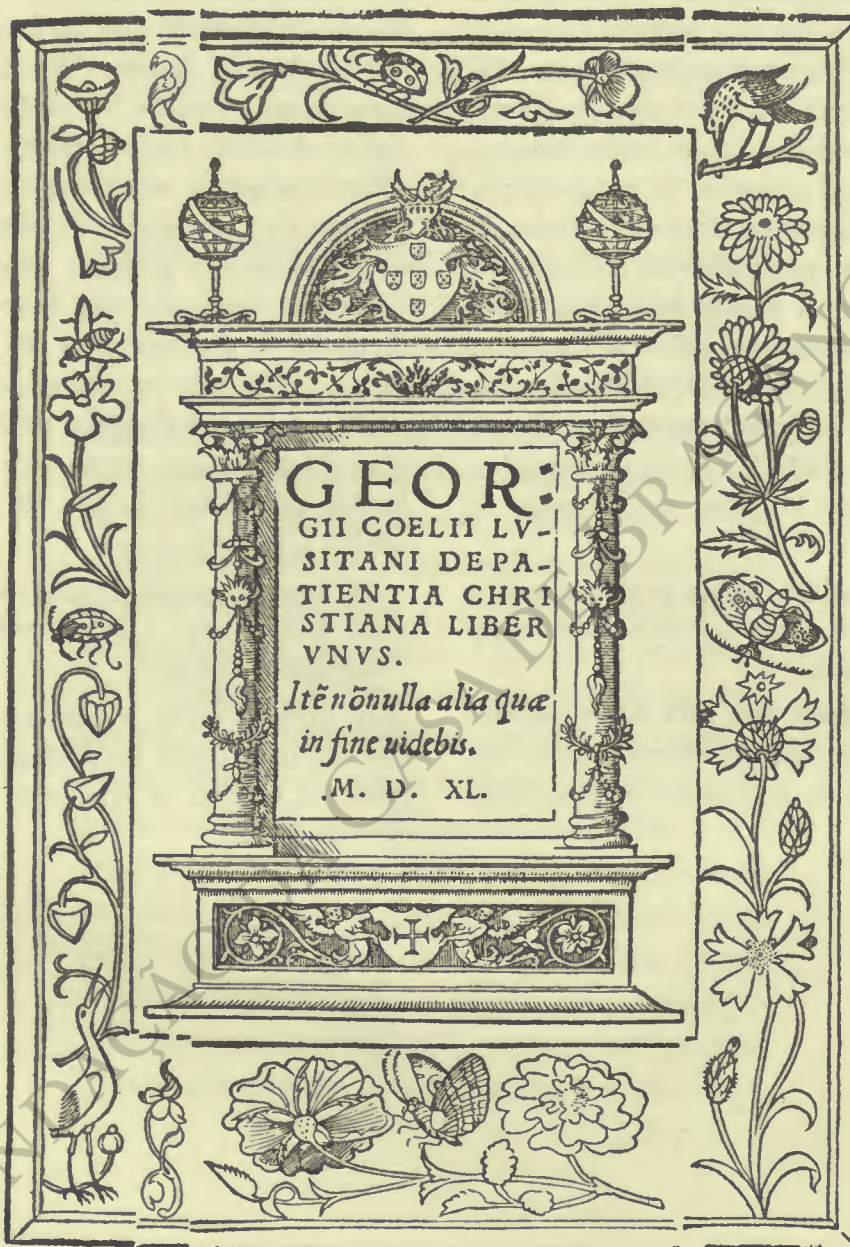
certeza, de usar o titulo de Conde de Alcoutim em 1528. Trata-se pois de seu filho, D. Miguel de Menezes, 3º Conde de Alcoutim, e de sua irmã D. Juliana de Lara, a quem Resende dá o appellido do pae, e que foi a primeira Duqueza de Aveiro. Se alongámos as nossas notas, foi porque desejámos rectificar certos erros e esclarecer alguns pontos duvidosos, e assim, poder demonstrar que o *De uerborũ coniugatione* foi composto por André de Resende para os filhos de D. Pedro de Menezes, de quem provavelmente foi mestre: é muito possivel que o illustre humanista tenha escripto a sua *Grammatica* a pedido de D. Pedro —um erudito a quem Cataldo offereceu composições e Antonio Ferreira sonetos—e talvez a instancias de sua irmã D. Leonor de Noronha, egualmente dedicada ás lettras. A *Grammatica* de Resende,

"FOrmulas quaſdam latinæ coniugationis in uſum Brittioli mei à me collectas, ſicuti apud auctores obſeruaram,"

alem da sua raridade, tem para nós o interesse de estar ligada áquella tão illustre familia dos Menezes, Condes de Alcoutim e Marquezes de Villa Real.

using the title of Conde de Alcoutim in 1528; so the passage refers to Dom Pedro's children Dom Miguel de Menezes, 3rd Count of Alcoutim, and Dona Juliana de Lara (or Dona Juliana de Menezes, as Resende calls her), who became the first Duchess of Aveiro. We have written at some length, because we wished to clear up certain doubtful points, and to prove that *De uerborũ coniugatione* was composed by André de Resende for Dom Pedro de Menezes' children, to whom he was probably tutor. Perhaps the Portuguese humanist may have compiled his Grammar at the request of the learned Dom Pedro de Menezes—to whom Antonio Ferreira wrote sonnets and Cataldus dedicated compositions in prose and verse—and of his equally literary sister Dona Leonor de Noronha. Resende's Grammar, the

"FOrmulas quaſdam latinæ coniugationis in uſum Brittioli mei à me collectas, ſicuti apud auctores obſeruaram,"

apart from its rarity, is especially interesting in that it is linked with the distinguished family of Menezes, Counts of Alcoutim and Marquises of Villa Real.

9 Folha do rosto da *De Patientia Christiana* de Jorge Coelho
Title-page of the *De Patientia Christiana* of Jorge Coelho
[Lisboa], 1540

44 JORGE COELHO, DE PATIENTIA CHRISTIANA.
[Lisboa], Luiz Rodrigues, 1540.

GEOR- | GII COELII LV- | SITANI DE PA- | TIENTIA CHRI | STIANA LIBER | VNVS. | *Itẽ nõnulla alia quæ | in fine uidebis.* | M. D. XL.
Titulo enquadrado por uma portada cercada de tarjas[1].

fl. 1 vo. *EXCELLENTISSIMO PRIN | cipi & reuerendißimo domino D. Henrico Infanti | Portugalliæ, Archiepiſcopo Bracarẽſi & Hiſ- | paniarũ Primati· Georgius Cœlius Luſitanus· Sa | lutem plurimam dicit.* [...]

fl. 3. *GEORGII COELII LVSI | tani in libellum de Patientia Chriſtiana ad | Henricum Infantem Principem illu- | ſtriſsimum, Archiepiſcopum | Bracarenſem, & Hiſpa- | niarum Primatem· | Præfatio.* [...]

fl. 3 [aliás 4]. *GEORGII COELII LVSI- | tani de patientia Chriſtiana libellus.* [...]

fl. 16. [...] *FINIS.*

fl. 16 vo. *LAMENTATIO DIVAE | Mariæ Magdalenæ ad Domini noſtri | Ieſu Chriſti ſepulchrum· Georgio | Cælio* [*sic*] *authore.* [...]

fl. 18 vo. *AD LVDOVICVM INFAN | tem Principem ſereniſsimum Regis Emanuelis | filium de ſimulachro uirginis deiparæ ab | eodem in direptione urbis Tunetis | reperto· Georgij Cœlij Lu- | ſitani carmẽ Heroicũ.* [...]

fl. 20 vo. [...] *De aqua Argentea ciuitatis Eboræ | Epigramma eiuſdem.* [...] *De eadem.* [...]

fl. 21. [...] *Ad Ioannem Regem | inuictiſſimum.* [...] *In laudem eiuſdem.* [...] *De Emanuele Rege.*

fl. 21 vo. [...] *De equo ſibi donato.* [...]

fl. 22. [...] *De piſcatore naufragio merſo.* [...] *Ad Nicolaum Clenardum | Ode monoclos·*

fl. 24. *REVERENDISSIMO DO- | mino & excellentiſsimo Principi. Alfon- | ſo. S. R. E· tituli ſanctorum Ioãnis & | Pauli Cardinali ac Portugalliæ | Infanti· Georgius Cœlius·* | S. P. D. [...]

fl. 24 vo. [...] *VICTORIA LVSITANO- | rum aduerſus Turcas per Georgium | Cœlium Luſitanum.* [...]

fl. 29 vo. *GEORGII COELII ELE- | gia in obitũ excellentiſsimi Principis Alfonſi | S. R. E.* [...] *Cardinalis, ac Portu- | galliæ Infantis.* [...]

fl. 31. [...] *CONQVESTIO VIRGINIS | Deiparę cũ Domini noſtri Ieſu Chriſti corpus de | cruce depoſitũ eſt. Georgio Cœlio authore.* [...]

fl. 32 vo. [...] *GEORGII COELII LVSITA- | ni in libellum Luciani de Dea Syria à ſe lati- | nitate donatum* [...] *Præfatio.* [...]

[1] *Title within an architectural border surrounded by woodcuts.*

fl. 35. *LVCIANI DE DEA SY-* | *ria Liber unus· Georgio Cœlio Lusi-* | *tano interprete.* [...]

fl. 57 vo. *GEORGIVS COELIVS* | *Laurentio Caceri. S. P. D.* [...]

fl. 58 vo. *LAVRENTIVS CACE-* | *res ad Georgium Cœlium.* [...]

fl. 59. [...] *FINIS.* | *IN HOC LIBRO HAEC CONTINENTVR.* [...]

fl. 59 vo. [...] *Excusum eſt hoc opus nunc primum æditum & emẽ* | *datum, compoſitum à Georgio Cœlio Luſitano* | *nobili uiro, ac Reuerendiſſimi Domini excellen-* | *tiſſimiq́ Principis Henrici Infantis Por-* | *tugalliæ, Archiepiſcopi Bracaren-* | *ſis, & Hiſpaniarum Primatis* | *à ſecretis. Apud Ludoui-* | *cum Rothorigum Ty-* | *pographũ Biblio-* | *polamq́ Re-* | *gium* | *Anno à uirgineo partu,* | *M. D. XL.*

[fl. 1]

Marca do impressor[1].

[fl. 2]

Advertencia ao leitor, e erratas[2].

4º—59, [2] folhas—24 linhas—caractéres italicos.
Numeração dos cadernos: a–g, 8 folhas cada caderno; h, 5 folhas; total de 61 folhas.

Encadernação de marroquim.

4to.—59, [2] leaves—24 lines—italics.
Collation by signatures: a–g, each 8 leaves; h, 5 leaves; total 61 leaves.

Morocco binding.

O livro de Jorge Coelho, *De Patientia Christiana*, impresso por Luiz Rodrigues em 1540, póde, na verdade, considerar-se como uma obra rarissima, á qual se referem: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, pp. 802–804), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 242), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 1018). Estes dois auctores dão-nos uma detalhada descripção da obra, da qual indicam apenas a existencia de tres exemplares: Bibliotheca Nacional de Lisboa, Bibliotheca de Ajuda e Bibliotheca do Porto. Não conhecemos nenhum outro exemplar, alem do nosso que está completo e admiravelmente conservado.

Luiz Rodrigues empregou para a folha do rosto da *De Patientia Christiana* quasi a mesma portada de que se tinha servido na *De uerborũ coniugatione* de André de Resende: em ambas as obras usou

Jorge Coelho's *De Patientia Christiana*, printed by Luiz Rodrigues in 1540, may certainly be considered as a very rare work. It is cited by Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, pp. 802–804), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 242), and by Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portgual no século* XVI, no. 1018) who give a detailed description of it, but mention only three copies: in the Lisbon National Library, the Ajuda Library and the Oporto Library. We know of no further copy except our own, which is complete and in a magnificent state of preservation.

Luiz Rodrigues used almost the same border on the title-page of *De Patientia Christiana* as he did in André de Resende's *De uerborũ coniugatione*; both works have the same finely engraved capitals,

[1] *Printer's mark.*
[2] *Notice to the reader, and errata.*

lettras capitaes finamente gravadas, que devem ter feito parte do material trazido de Paris por Rodrigues (ver pp. 15–17).

Jorge Coelho, "afamado latinista e poeta," como o intitulou o nosso sabio mestre o Professor Dr José Maria Rodrigues (*Algumas observações a uma edição comentada dos Lusíadas—Revista da Universidade de Coimbra*, vol. II, p. 271), era filho do celebre Nicolau Coelho, companheiro de Vasco da Gama na immortal viagem de descobrimento da via maritima, e irmão de Francisco Coelho, Estribeiro Mór da Rainha D. Catharina. Barbosa (*loc. cit.*) dá uma curta narração da vida de Jorge Coelho, e cita os nomes de auctores illustres, tanto nacionaes como estrangeiros, que d'elle "fazem honorifica memoria." Durante muitos annos exerceu o cargo de secretario do Infante D. Henrique. Mais tarde, o Infante deu-lhe o Priorado do Convento de S. Jorge de Conegos Regrantes, juncto a Coimbra, do qual era Commendatario, onde o digno Prior falleceu a 28 de Agosto de 1563, sendo alli sepultado.

Jorge Coelho faz parte do grupo de humanistas Portuguezes, do qual nos occupámos em alguns dos nossos estudos. Nas nossas notas sobre a *Oratio pro rostris* de André de Resende (*Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 510 e 511) já tratámos de um assumpto importante: a quem pertencia a auctoria da palavra—*Lusiadas*. Essa questão, que havia sido discutida por dois eminentes Professores—o Dr José Maria Rodrigues, tomando primeiro o partido de Jorge Coelho (ver as *Fontes dos Lusiadas*, p. 1 *e seg.*), e D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, quebrando lanças a favor de André de Resende (ver *Lucius Andreas Resendius Inventor da palavra* '*Lusiadas*')—foi finalmente resolvida pela saudosa Professora, e a prioridade da celebre palavra ficou pertencendo a André de Resende (ver Dr José Maria Rodrigues, *ob. cit.* pp. 606–607, e *Os Lusiadas*, Edição Nacional, 1928, p. xlv).

Nas annotações que escreveu ao seu poema sobre S. Vicente, Resende faz o elogio de Coelho

which must have formed part of the material brought by Rodrigues from Paris (see pp. 15–17).

Jorge Coelho, "noted Latinist and poet," as our learned Professor Dr José Maria Rodrigues called him (*Algumas observações a uma edição comentada dos Lusíadas* in the *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. II, p. 271), was a son of the Nicolau Coelho who accompanied Vasco da Gama on his epoch-making voyage of discovery, and the brother of Francisco Coelho, Master of the horse to Queen Catharina. Barbosa (*loc. cit.*) gives a short account of Jorge Coelho's life, and enumerates the Portuguese and foreign authors, who "make honourable mention" of him. He was for many years secretary to the Cardinal Infante Dom Henrique. Later the Infante made him Prior of the monastery of Canons regular of S. Jorge, near Coimbra, which he held *in commendam*. The worthy Prior was buried there, upon his death on August 28th, 1563.

Jorge Coelho belonged to the group of Portuguese humanists we have mentioned in our notes on various works. We have already dealt with the introduction of the word *Lusiadas*, when writing about André de Resende's *Oratio pro rostris* (*Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 510–511). The question was discussed by two eminent scholars: Dr José Maria Rodrigues, who at first supported the claims of Jorge Coelho (see the *Fontes dos Lusiadas*, p. 1 *et seq.*), and Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos, who was in favour of André de Resende (see *Lucius Andreas Resendius Inventor da palavra* '*Lusiadas*'); and it was finally proved by Dona Carolina Michaëlis that Resende was the author of the famous word (see Dr José Maria Rodrigues, *op. cit.* pp. 606–607, and *Os Lusiadas*, Edição Nacional, 1928, p. xlv).

Resende praises Coelho in the notes he appended to his poem on St Vincent, and calls him

a quem denomina "Luſitaniæ noſtræ ornamento." Comtudo, eram rivaes, como o fôram em todas as epochas os officiaes do mesmo officio: essa rivalidade tinha a sua origem em diversas causas, sendo, certamente, uma d'ellas, o empenho de Resende em querer provar a nobreza da sua ascendencia (ver o nosso vol. I, p. 509). Jorge Coelho, filho do companheiro de Vasco da Gama e irmão do Estribeiro Mór da Rainha, tinha, por esses motivos, uma situação mais elevada na Côrte—*vanitas vanitatum*! Resende vingava-se escrevendo a Jorge Coelho em 1534:

"Jactabis tu forsitan Chœlios tuos, aut potius Cuniculos, id enim vestrum cognomen est, quanquam tu Chœlium te primum Lusitanæ linguæ proprietate, deinde quasi te ipse adoptaveris, Cœlium, quâm Cuniculum nominari maluisti. Opponam ego clarissimam olim, sed et nunc non obscuram, nec humilis fastigii, Resendiorum gentem, à Vasco Martino Resendio, cui magno cognomen fuit, atavo, per Gillonem, seu mavis Aegidium Vasium, abavum, Vascum Martinum minorem, proavum, Martinum Vasium, avum, Andream Vasium patrem, Resendios, ad me legitimis nuptiis, et liberali matrimonio derivatam" (Francisco Leitão Ferreira, *Vida de André de Resende*, publicada por Anselmo Braamcamp Freire—*Archivo Historico Portuguez*, 1909, vol. VII, p. 341).

D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*ob. cit.* nota 5), concordando com o Dr José Maria Rodrigues, refere-se á animosidade pessoal que existia entre os dois humanistas, dizendo que a vida aulica desagradava a Resende, e que, pelo contrario, Coelho

"parece não ter sido isento de prosápia, e vaidade; e gostava da côrte onde era bemvisto, e conseguiu rapidamente benefícios eclesiásticos, tenças régias, e o posto de secretário do Infante D. Henrique. Como indício de certo despeito de Rèsende citarei: a carta genealógica de 1534 (que transcrevemos), em que pregunta com ironia, por

"Luſitaniæ noſtræ ornamento." But even so, they were rivals, as people who hold similar office so often are. One of the reasons for this antagonism must have been Resende's ardent desire to prove the nobility of his descent (see vol. I, p. 509). Jorge Coelho, son of the Coelho who accompanied Vasco da Gama and brother of the Queen's Master of the horse, had a higher position at Court than Resende—*vanitas vanitatum*! So Resende revenged himself by writing to Coelho in 1534:

"Jactabis tu forsitan Chœlios tuos, aut potius Cuniculos, id enim vestrum cognomen est, quanquam tu Chœlium te primum Lusitanæ linguæ proprietate, deinde quasi te ipse adoptaveris, Cœlium, quâm Cuniculum nominari maluisti. Opponam ego clarissimam olim, sed et nunc non obscuram, nec humilis fastigii, Resendiorum gentem, à Vasco Martino Resendio, cui magno cognomen fuit, atavo, per Gillonem, seu mavis Aegidium Vasium, abavum, Vascum Martinum minorem, proavum, Martinum Vasium, avum, Andream Vasium patrem, Resendios, ad me legitimis nuptiis, et liberali matrimonio derivatam" (Francisco Leitão Ferreira, *Vida de André de Resende*, published by Anselmo Braamcamp Freire, in *Archivo Historico Portuguez*, 1909, vol. VII, p. 341).

Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*op. cit.* note 5) refers, like Dr José Maria Rodrigues, to the personal jealousy between the two humanists, saying that Resende hated court life, while Coelho on the contrary

"does not seem to have been without pride and vanity, and he liked the court, where he was popular, and rapidly obtained ecclesiastical benefices, royal pensions and the post of secretary to the Infante Dom Henrique. To show that there was a certain spite on Resende's part, I would quote: the genealogical letter of 1534 (which we have transcribed), where he ironically asks why Coelho (whose name is the Portuguese for

que motivo Coelho preferiu a latinização *Coelius* ou *Chaelius* a *Cuniculus*; certos versos sobre as amarguras da vida áulica em que diz a Damião de Goes:

> *Vivat haec Chœlius uni*
> *Cui vatum placet aula.*

...A questão dos *Lusíadas*, se realmente existiu, talvez contribuisse a acirrar a animosidade de Resende."

Não ha duvida que eram rivaes, com ou sem razão, e que

"entre aquelles dous grandes talentos, em materia de letras, e principalmente na Poesia Latina, e favor do Paço havia algũa emulação" (Francisco Leitão Ferreira, *ob. cit.* p. 354).

Deixemos agora essas fraquezas humanas, possivelmente alimentadas pelos partidarios dos dois humanistas. O insigne Clenardo contava Jorge Coelho—assim como André de Resende e Damião de Goes—entre os seus amigos, merecendo-lhe menção especial.

"Clenardo admirava nêle, além do perfeito conhecimento das línguas latina e grega, a inspirada veia poética e a magestade oratória.... Também uma vez Clenardo 'investiu sôbre êle...com jambos,' dedicando-lhe a *Ode Monoclos*" (Dr M. Gonçalves Cerejeira, *O Humanismo em Portugal—Clenardo*, p. 70).

Coelho respondeu com outra *Ode Monoclos*, que foi publicada na *De Patientia Christiana* (*Ad Nicolaum Clenardum Ode Monoclos* (fl. 22 vo.–fl. 23 vo.), na qual lêmos que Coelho apprendeu o Hebreu com Clenardo, e não o Grego como diz Barbosa (*loc. cit.*). É mais do que provavel que Coelho tivesse estudado o Grego em Salamanca, ou tivesse tido ainda lições de Ayres Barbosa, em Evora, quando regressou d'essa Universidade. A carta de Coelho a Ayres Barbosa (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 519–523) indica terem existido relações amistosas entre esses dois humanistas.

rabbit) preferred the Latin form of *Coelius* or *Chaelius* to *Cuniculus*, and certain verses on the bitterness of court life where he says to Damião de Goes:

> *Vivat haec Chœlius uni*
> *Cui vatum placet aula.*

...The question of the *Lusiadas*, if it really were a cause of dispute, may perhaps have contributed to stir up Resende's animosity."

There is no doubt that, whether or not there was any special reason, the two were rivals and that

"between those two greatly talented persons there was considerable emulation in the matter of learning, especially in Latin poetry, and in the desire for favour at the Palace" (Francisco Leitão Ferreira, *op. cit.* p. 354).

Let us now leave the subject of these human weaknesses, which were perhaps increased by the partisans of the two humanists. Cleynarts counted Jorge Coelho—as well as André de Resende and Damião de Goes—among his friends, and made special mention of him.

"Cleynarts admired in him, besides his perfect knowledge of the Latin and Greek tongues, his inspired vein of poetry and the splendour of his oratory....And once Cleynarts 'set upon him... with iambics,' dedicating the *Ode Monoclos* to him" (Dr M. Gonçalves Cerejeira, *O Humanismo em Portugal—Clenardo*, p. 70).

Coelho replied with another *Ode Monoclos*, which was published in *De Patientia Christiana* (*Ad Nicolaum Clenardum Ode Monoclos*, fl. 22 vo.–fl. 23 vo.), and in which we read that Coelho learnt Hebrew with Cleynarts, and not Greek as Barbosa (*loc. cit.*) would have it. It is more than probable that Coelho studied Greek in Salamanca, or he may even have had lessons with Ayres Barbosa in Evora, on his return from the Spanish University. Coelho's letter to Ayres Barbosa (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 519–523) indicates that these two humanists were on friendly terms.

Nas nossas notas sobre as *Conſtituições do arcebiſpado de Braga* (vol. I, pp. 567–591) referimos-nos ao desenvolvimento dado pelo Infante Arcebispo aos estudos das humanidades em Braga. Para a fundação d'essa eschola de Latim, D. Henrique consultou o seu mestre Clenardo, que propoz para a dirigir João Vaseu, Professor de Latim e Grego na Universidade de Salamanca. Apezar de André de Resende, na *Ad Bartolomæum Kebedium Epiſtola*, de 4 de Maio de 1567 (ver *L. Andr. Resendii Carmen Endecasyllabon*, Lisboa, 1567), revindicar para si, em parte pelo menos—o que é muito possivel—o merito da chamada de Vaseu, é natural que a voz do seu rival Jorge Coelho, que tambem era amigo de Clenardo, fôsse ouvida no capitulo, em vista da sua situação de secretario do Infante. Não podemos narrar aqui a historia da eschola de Braga, e da estada de Clenardo e Vaseu na Roma Portugueza, mas as pp. 119–126 do livro do Dr Gonçalves Cerejeira—hoje illustre Cardeal Patriarcha de Lisboa—a esse respeito, são cheias de interesse. Em Braga, Coelho conviveu, certamente, com Vaseu, como convivera com Clenardo em Evora. Correspondia-se com Damião de Goes, e tinha, sem duvida, relações bastante intimas com o outro famoso mestre do Infante D. Henrique, Pedro Nunes, como o prova o epigramma (transcripto por Barbosa, *ob. cit.* t. III, p. 607) que lhe dedicou e que foi publicado na ultima folha do *Tratado da Sphera*, impresso por Germão Galharde em 1537.

Nas suas cartas, Clenardo refere-se muitas vezes, e de uma fórma elogiosa, a Jorge Coelho. Na celebre *Epistola de Nicolau Clenardo aos Christãos*, ou antes *Manifesto aos Christãos*, documento para nós tão importante pelas innumeras noticias que nos dá da sua estada em Portugal, Clenardo conta, ácerca dos seus amigos, que "Resende ocupa entre todos o primeiro lugar," e que é "um poeta que se pode pôr bem ao lado dos antigos." E em seguida escreve:

We have referred to the impulse given to the study of the humanities in Braga by the Archbishop Infante, in our notes on the *Conſtituições do arcebiſpado de Braga* (vol. I, pp. 567–591). In the founding of this school of Latin, Dom Henrique consulted his tutor Cleynarts, who suggested that Vaseus, Professor of Latin and Greek at Salamanca University, should be put at its head. Though Resende, in the *Ad Bartolomæum Kebedium Epiſtola*, of May 4th, 1567 (see *L. Andr. Resendii Carmen Endecasyllabon*, Lisbon, 1567), claims at least part of the credit for summoning Vaseus—which he very possibly deserved—it is but natural to think that his rival, Jorge Coelho, who was also a friend of Cleynarts, must have had a say in the matter as well, because of his position as secretary to the Infante. We are unable to give here the history of the school of Braga and of the time spent there by Cleynarts and Vaseus; but there is much interesting information on the subject on pp. 119–126 of the book by Dr Gonçalves Cerejeira, who is now the Cardinal Patriarch of Lisbon. Coelho must certainly have associated with Vaseus in Braga, as he did with Cleynarts in Evora. He corresponded with Damião de Goes, and he must also have had fairly intimate relations with the Infante Dom Henrique's other famous master, Pedro Nunes, as is shown by the epigram (transcribed by Barbosa, *op. cit.* vol. III, p. 607) which he addressed to him and which is published on the last page of the *Tratado da Sphera*, printed by Germão Galharde in 1537.

Cleynarts often makes flattering references to Jorge Coelho in his letters, as he does in the celebrated *Letter to the Christians*, or rather *Manifesto to the Christians*, which is such an important document from our point of view, as it gives a great deal of information about his stay in Portugal. There Cleynarts says of his friends that "Resende has the highest place of them all" and that he is "a poet who may well be put beside the ancients"; and he goes on:

"Em Portugal grangeei, porém, muitas novas amizades. Cito em primeiro lugar a Jorge Coelho, célebre tanto pela sua prosa como pelos seus versos (não falando já nas letras gregas em que é perito), que eu nem sei em qual dos dois géneros êle é mais eminente. Por mim, sempre tive preferência pela sua prosa, porque não há hoje, que eu saiba, quem se aproxime tanto como êle daquela antiga eloqüência romana. A sua linguagem é pura, elegante, castiça. Nada nela trai afectação. Afigura-se-me, pois, que não foi sem razão que coloquei a Resende entre os poetas e a Jorge Coelho entre os oradores. Já tenho até ordenado (tanto isso está assente no meu espírito), que, na guerra que ando maquinando contra Mafamede, Coelho haja de ser antes o orador, e Resende a celebre em versos sonoros" (Dr Gonçalves Cerejeira, *ob. cit.* pp. 383-384).

Não julgamos poder terminar melhor as nossas notas sobre Jorge Coelho, do que transcrevendo a opinião do insigne Clenardo, pois, n'este trecho da sua *Epistola*, o famoso mestre parece, com a sua amizade, querer reconciliar os dois humanistas rivaes.

"I have, however, made many new friendships in Portugal. I will name first Jorge Coelho, so outstanding both in prose and in verse (not to mention the Greek learning in which he is skilled) that I do not know in which he is the more eminent. Personally I have always preferred his prose, because there is no one to-day, as far as I know, who approaches as near as he to the eloquence of the ancient Romans. His language is pure, elegant, correct. There is nothing in it to betray affectation. Methinks then that I was not wrong in placing Resende among the poets and Jorge Coelho among the orators. I have already decided (so firmly is this established in my mind) that in the war I am plotting against Mahomet, Coelho will have to be the orator and Resende will have to celebrate it in sonorous verse" (Dr Gonçalves Cerejeira, *op. cit.* pp. 383-384).

We do not think we could have found a better ending for these notes than Cleynarts' words, and it seems to us that, in the above passage of his letter, the famous scholar was trying to reconcile the two rival humanists.

Excusum est hoc opus nunc primum æditum & emẽ-
datum, compositum á Georgio Cœlio Lusitano
nobili uiro, ac Reuerendissimi Domini excellen-
tissimiq; Principis Henrici Infantis Por-
tugalliæ, Archiepiscopi Bracaren-
sis, & Hispaniarum Primatis
á secretis. Apud Ludoui-
cum Rothorigum Ty-
pographũ Biblio-
polamq; Re-
gium
Anno á uirgineo partu,
M. D. XL.

10 Colophon da *De Patientia Christiana* de Jorge Coelho
Colophon of the *De Patientia Christiana* of Jorge Coelho
[Lisboa], 1540

11 Folha do rosto das *Cõstituições sinodaes do bispado do Porto*
Title-page of the *Cõstituições sinodaes do bispado do Porto*
Porto, 1541

45 D. FR. BALTHASAR LIMPO, CŌSTITUIÇÕES SINODAES DO BISPADO DO PORTO.

Porto, Vasco Diaz Tanco de Frejenal, 1541.

Cõſtituições ſinodaes do biſpado do Porto | ordenadas pelo muito Reuerẽdo ꝛ magnifico | Sõr dõ Baltaſar lĩpo biſpo do dicto bpado: ꝛc̃.

Titulo a vermelho, que tem por cima o brasão do Bispo do Porto; tudo enquadrado por uma portada ornada de figuras; em cima as Armas Reaes[1].

[fl. 2] Tauoada deſtas cõſtituições do Porto. [...]

[fl. 8 vo.] [...] Fim da tauoada.

[fl. 9]

Gravura que representa Nossa Senhora com o Menino Jesus nos braços, e dois Anjos[2].

[fl. 10] Prologo. [...]

[fl. 10 vo.] [...] As conſtituições ſam | as ſeguintes.

fl. j. Da Fee catholica ꝛ Sacramẽto do Baptiſmo. | Titolo primeiro [...]

[fl. xxix]

Gravura que representa a sagração d'um Bispo[3].

fl. ciiij. [...] Aqui ſe acabã as Conſtituições: ꝛ ſeguese ho | Cerimonial da miſſa: ꝛ os mais Tractados.

fl. ciiij vo.

Gravura que representa o Calvario[4].

fl. cv. Seguese a ordẽ ꝛ modo em que | os Clerigos Sacerdotes deſte biſ- | pado hã de celebrar as miſſas ꝛ de | como os fregueſes as hã de ouuir. | Cõforme ao cerimonial Romão.

Este titulo, a negro e vermelho, é circumdado de 17 gravuras de assumptos religiosos[5].

fl. cxvij. Seguenſe os Cano- | nes penitenciaes. | E caſos reſerua- | dos ao Papa.

Titulo por baixo d'uma gravura de assumpto religioso; tudo enquadrado por tarjas[6].

[fl. cxxiij] Epiſcopus: Lateranenſis. | Pontifex: Maximus. | Seruus: Seruoꝝ dei. [*sic*] | Seguese a Bulla da Cea do Senhor q̃ | ſe mãdou publicar pollo Papa Clemẽte | Septimo.

Titulo enquadrado por tarjas, com outras gravuras e brasões[7].

[1] *Title in red below the Bishop of Oporto's coat of arms; the whole within a woodcut border adorned with figures and with the Royal Arms of Portugal.*
[2] *Woodcut of the Madonna and Child, and two angels.*
[3] *Woodcut representing the consecration of a bishop.*
[4] *Woodcut of the Crucifixion.*
[5] *This title in red and black is surrounded by 17 woodcuts of religious subjects.*
[6] *Title beneath a woodcut of a religious subject; the whole within a woodcut border.*
[7] *Title surrounded by borders, with other woodcuts and coats of arms.*

fl. cxxjx. [...] Fim da Bulla da Cea.

fl. cxxjx vo. Como eſtas Cõſtituiçoẽs forã | Aprobadas ꝛ acceptadas. [...] Que eſtas Conſtituiçoẽs ſejam aſignadas. [...]

fl. cxxx. Quanto ſe paguara por eſte Liuro. [...] Quantos quadernos tem eſte Liuro. [...]

fl. cxxx vo. As erradas que neſtas Conſtituiçoẽs ſayrã | da impreſſam ſam as ſeguintes: [...]

[fl. 1] Eſtas Conſtituiçoẽs ꝛ Cerimonial da miſſa | cõ os mais tractados forã jmpreſſas na Cidade do Porto | por Vaſco diaz Tanquo de Frexenal: por mandado | do muyto Reuerendo ꝛ magnifico Senhor | Dom Balthaſar Limpo Biſpo da | dicta Cidade: do Conſelho | del Rey: ꝛ Confeſſor da | Reynha noſſos | Senhores. | ꝛc. | Eacabarõ ſe de jmprimir no primeiro dia do mes de março | do Año do naſcimento de noſſo Re- demptor Iheſu Chriſto | de mil ꝛ quinhentos ꝛ quorenta ꝛ hũ Annos.

[fl. 1 vo.]
Marca do impressor[1].

Folio—[10], cxxx, [1] folhas—34-36 linhas—caractéres gothicos a negro e vermelho—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: ✠, 10 folhas; A-N, 8 folhas cada caderno; O-Q, 6 folhas cada caderno; R, 9 folhas; total de 141 folhas; a folha D3 tem assignatura errada D ij.

Encadernação de pergaminho.

Folio—[10], cxxx, [1] leaves—34-36 lines—Gothic letter in red and black—no catchwords.

Collation by signatures: ✠, 10 leaves; A-N, each 8 leaves; O-Q, each 6 leaves; R, 9 leaves; total 141 leaves; leaf D3 is wrongly marked D ij.

Vellum binding.

Segundo Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº. 1073) conhecem-se os seguintes exemplares das *Cõſtituições ſinodaes do biſpado do Porto*, ordenadas por D. Balthasar Limpo, "biſpo do dicto bp̃ado," e impressas n'essa cidade por Vasco Diaz Tanco de Frejenal em 1541: Bibliotheca Nacional de Lisboa (2 exemplares), Bibliothecas do Porto e de Ajuda, e Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. A essa lista ha a accrescentar o exemplar que se encontrava na Bibliotheca Palha (nº 337 do *Catalogo*), hoje na Bibliotheca da Universidade de Harvard, e o nosso que está completo e n'um perfeito estado de conservação.

Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 1073) mention five copies of the *Cõſtituições ſinodaes do biſpado do Porto*, ordained by Dom Balthasar Limpo, "bishop of the said bishopric," and printed in Oporto by Vasco Diaz Tanco de Frejenal in 1541: two in the Lisbon National Library and one each in the Libraries of Oporto, Ajuda and the National Library at Rio de Janeiro. To this list must be added our own complete and perfect copy and the one which used to be in the Palha Library (*Catalogue*, no. 337) and is now in the Harvard University Library, in the United States.

[1] *Printer's mark.*

É importante de notar que as primeiras Constituições de um bispado, impressas em Portugal, fôram—que se saiba—aquellas ordenadas pelo Bispo do Porto, D. Diogo de Sousa, e estampadas n'essa cidade por Rodrigues Alvares em 1497. Entre 1497 e 1541 não fôram publicadas outras Constituições do bispado do Porto, sendo, por consequencia, a edição que reproduzimos a segunda, á qual se referem, entre outros—alem de Anselmo e Proença (*loc. cit.*)—Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. I, p. 454), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 108), Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 106), e Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, pp. 181–183).

Esta obra "mui rara," como escreve Innocencio (*loc. cit.*), é a unica que possuimos impressa em Portugal pelo Hespanhol, Vasco Diaz Tanco de Frejenal, auctor e impressor volante. O nome de Frejenal pareceu indicar—e Nicolau Antonio assim o julgou—que elle era Portuguez, natural de Freixinal nos montes do Marão em Portugal, mas não ha duvida que era Hespanhol, pois

"Vaſco Dias, no ſeu *Romance en el qual el autor narra ſu naſcimiento*, claramente revela a ſua nacionalidade:

'En *Frexenal* de la ſierra
Naſci yo deſuenturado
en maniuolo planeta
en ſigno mal conſtellado
en la prouincia de *eſtrema*
al pie del cerro tiznado
con los *algarves confina*
al luzitano collado.'

"Antes e depois de eſtar em Portugal, exerceu Vaſco Dias a ſua profiſſão em differentes terras de Heſpanha" (Tito de Noronha, *A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, pp. 12–13).

Alem da sua profissão, o nosso "imprimidor" deixou diversas obras da sua lavra (ver Salvá, *Catálogo*, t. II, pp. 775–777, e Palau, *Manual del Librero Hispano-Americano*, t. III, pp. 54–55). Ambos estes auctores dizem que Vasco Diaz, tanto pelos seus escriptos como pela sua maneira

It is important to note that, as far as can be ascertained, the first Constitutions published in Portugal for any Portuguese bishopric were those ordered by Dom Diogo de Sousa, Bishop of Oporto, and printed at Oporto by Rodrigues Alvares in 1497. No other Constitutions of Oporto were published between 1497 and 1541, so the edition we are describing is the second. Among those who refer to this book, apart from Anselmo and Proença (*loc. cit.*), are Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. I, p. 454), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 108), Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 106) and Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, pp. 181–183).

This "very rare" work, as Innocencio (*loc. cit.*) calls it, is the only one we possess printed in Portugal by the Spaniard, Vasco Diaz Tanco de Frejenal, an author and itinerant printer. Though the name of Frejenal seems to bear out Nicolau Antonio's opinion that he was Portuguese, and a native of Freixinal in the mountains of Marão in Portugal, there is no doubt that Vasco Diaz was Spanish, for he

"clearly reveals his nationality in his *Romance en el qual el autor narra ſu naſcimiento*:

'En *Frexenal* de la ſierra
Naſci yo deſuenturado
en maniuolo planeta
en ſigno mal conſtellado
en la prouincia de *eſtrema*
al pie del cerro tiznado
con los *algarves confina*
al luzitano collado.'

"Before and after being in Portugal, Vasco Dias exercised his profession in different parts of Spain" (Tito de Noronha, *A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, pp. 12–13).

Besides printing, he wrote several books, which are enumerated by Salvá (*Catálogo*, vol. II, pp. 775–777) and Palau (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. III, pp. 54–55). Both these bibliographers affirm that, in his writings and his style of printing, Vasco Diaz was original, to say the

de imprimir, foi, pelo menos, um original. Não ha duvidas a esse respeito, pois basta ler no seu *Jardin del alma xp̃iana* (Valladolid, Juan de Carvajal, 1552) o *Prefatio* dirigido ao cabido e clero d'Orense (ver Salvá, *loc. cit.*).

Segundo parece, viajou muito, tendo mesmo sido capturado pelos Turcos, mas consta que readquiriu a sua liberdade antes de 1547: comtudo, não sabemos se a sua prisão teve logar antes ou depois da sua estada em Portugal, sendo, porem, provavel que tivesse sido depois, visto ter exercido a sua profissão no Porto em 1540 e 1541. Póde tambem dizer-se que mudava de nome como de terra, pois, na *Epistola* que trata das Sibyllas, escreve:

"Ansi como á mí que en Estremadura, que es mi patria, me llaman Vasco Díaz, y en Portugal y Galicia me nombran Frejenal, y en las Canarias el bachiller Tanco, y en los reinos de Aragon y Cataluña el licenciado Casero, y en partes de Francia y de Italia el doctor Estanco, y en las provincias de S. Marco el maestro Clavedan, y en los reinos de Grecia Clerostegnes, é non soi mas que uno; é ansi d'estas doce Sibilas que les dan en diversas partes diversos nombres" (Salvá, *loc. cit.*).

Apezar da sua ladainha de nomes, no colophon das *Cõſtituições ſinodaes do biſpado do Porto*, o seu nome é *Vaſco diaz tanquo de frexenal*, o que significa que reuniu os nomes que lhe davam—segundo diz—na Estremadura, em Portugal, na Galliza e nas Canarias. Palau (*loc. cit.*) diz suspeitar-se que Tanco de Frejenal imprimia poucos exemplares das suas obras, motivo de se terem perdido muitos dos seus escriptos. É muito possivel; mas se imprimia poucos exemplares das suas proprias obras, o mesmo acontecia áquellas que elle estampava, e com perda, por conta alhea, pois, lê-se na fl. cxxx d'estas *Cõſtituições*:

"Auendo reſpecto aos volumes ſerem poucos: ⁊ aos gaſtos q̃ ojmpreſſor fez: ⁊ perda que recebeo por tam poucos volumes baſtarem pera eſte

least of it. And certainly the *Preface* he addressed to the chapter and clergy of Orense at the beginning of his *Jardin del alma xp̃iana* (Valladolid, Juan de Carvajal, 1552—see Salvá, *loc. cit.*) is enough to convince anyone of his eccentricity.

It appears that he travelled a great deal and was even taken prisoner by the Turks, though he evidently regained his liberty before 1547: we do not know whether he was captured before or after his stay in Portugal, but it was probably afterwards, since he carried on his profession in Oporto in 1540 and 1541. The printer's name seems to have undergone as many changes as his address, for he says, in the *Epistola* which treats of the Sibyls:

"Ansi como á mí que en Estremadura, que es mi patria, me llaman Vasco Díaz, y en Portugal y Galicia me nombran Frejenal, y en las Canarias el bachiller Tanco, y en los reinos de Aragon y Cataluña el licenciado Casero, y en partes de Francia y de Italia el doctor Estanco, y en las provincias de S. Marco el maestro Clavedan, y en los reinos de Grecia Clerostegnes, é non soi mas que uno; é ansi d'estas doce Sibilas que les dan en diversas partes diversos nombres" (Salvá, *loc. cit.*).

He chose *Vaſco diaz tanquo de frexenal* from his imposing array of names, to designate himself in the colophon of the *Cõſtituições ſinodaes do biſpado do Porto*, that is to say, he gathered together the names that—according to him—were given him in Estremadura, Portugal, Galicia, and the Canary Islands. Palau (*loc. cit.*) also tells us that it is believed that Tanco de Frejenal must have printed but few copies of his works, and that many of his writings have thus been lost. This is very possible; but if he printed very few copies of his own works, it was the same with those he printed, at a loss, for other people, for we read on fl. cxxx of these *Cõſtituições*:

"Having regard to the small number of copies and to the printer's expenses, and to the loss he has suffered because so few copies

Biſpado: ⁊ aos tractados neceſſarios que no cabo mandamos juntar ſe paguara por as Conſti- tuiçoẽs cento ⁊ quorẽta reaes ⁊ por o Cerimonial da miſſa ⁊ mais tractados quorenta reaes: ⁊ porem todo ſe enquadernara em hũ corpo: ⁊ nam ſe daram nem venderam as conſtituiçoẽs ſem os tractados mas todo juntamente: porque aſſi vai todo continoado: ⁊ ſe nam vendera por mayor preço."

Ignoramos os motivos da escolha de Tanco de Frejenal como impressor das *Cõſtituições*. Comtudo, é provavel que Vasco Diaz, sendo um impressor volante, tivesse vindo de Hespanha, talvez de Orense ou de Saragoça, exercer a sua profissão no Porto, por saber—facto curioso—que não existia alli nenhuma officina typo-graphica. Mais notavel ainda é o facto de nenhum impressor se ter estabelecido no Porto durante o seculo XVI: no seculo XV, Rodrigues Alvares tinha imprimido no Porto dois incunabulos em linguagem, ambos em 1497: as *Constituições* de D. Diogo de Sousa, e os *Euãgelhos e Epistolas em romance*. No seculo XVI, até á vinda de Vasco Diaz, nenhuma obra—que se saiba—foi im-pressa no Porto, e depois, só se conhecem, com certeza, mais duas, uma estampada por Francisco Correa em 1555, outra por Fructuoso Pires em 1574. Não julgamos que Vasco Diaz tivesse sido chamado ao Porto para imprimir as *Cõſtituições* de D. Balthasar Limpo em 1541, visto já ter alli estampado, em 1540, o *Eſpelho de Caſados* do Dr João de Barros.

No *Prologo*, o Bispo D. Balthasar Limpo de-clara as razões porque fôram redigidas e impressas estas *Cõſtituições*. Depois de ter convocado o synodo,

"o qual celebramos na dicta noſſa egreja do Porto: aos dous dias do mes de Outubro do anno do naſcimento de noſſo ſenhor Ieſu Chriſto de mil ⁊ quinhentos ⁊ quarenta annos...copillamos eſtas cõſtituições com os tractados neceſſarios que ao cabo delas mãdamos ajuntar....As quaes

suffice for this Bishopric, and to the necessary treatises which we have commanded to be added at the end, one hundred and forty *reaes* shall be paid for the *Conſtituições*, and for the *Cerimonial da miſſa* and other treatises forty *reaes*; yet the whole thing shall be bound in one volume and the *Conſtituições* shall not be given or sold without the treatises, but the whole together, for thus the whole work follows in order; and it shall not be sold for a higher price."

We do not know the reason why Tanco de Frejenal was chosen to print the *Cõſtituições*, though it was probably because he was working in Oporto at that time, having gone thither from Spain, perhaps from Orense or Saragossa, possibly because he knew that—curiously enough—there was then no printing-office in Oporto. But it is even more notable that no printer settled in that city during the XVIth century. Rodrigues Alvares printed two incunables there in 1497, both in the vernacular: one was the *Constituições* of Dom Diogo de Sousa, and the other the *Euãgelhos e Epistolas em romance*; but, so far as we can learn, no work was published in Oporto in the XVIth century before the coming of Vasco Diaz, and afterwards only two works printed there are known for certain, one published by Francisco Correa in 1555, the other by Fructuoso Pires in 1574. We do not consider that Vasco Diaz can have been specially summoned to Oporto to print Dom Balthasar Limpo's *Cõſti-tuições* in 1541, because he had already printed Dr João de Barros' *Eſpelho de Caſados* there in 1540.

In the *Prologo*, the Bishop Dom Balthasar Limpo gives the reasons for the compilation and printing of these *Cõſtituições*. After having convoked a synod

"which we held in our said church of Oporto, on the second day of the month of October in the year of the birth of Our Lord of one thousand, five hundred and forty...we compiled these Constitutions, together with the necessary treatises. ...All of which were published in the said synod

foram publicadas no dicto ſinodo....E com parecer ⁊ aprouaçam de todos as mandamos imprimir neſte volume."

Ácerca do merecimento das *Cõſtituições* ordenadas por D. Balthasar Limpo, escreve D. Rodrigo da Cunha:

"Foraõ aquellas conſtituiçoens de muita erudiçaõ, e utilidade, e por ellas ſe governou eſte Biſpado, e ainda os vezinhos, athe o tempo do Biſpo D. Marcos, que por ſer jà celebrado o Concilio Trid. lhe pareceo ſazer outras" (*Catalogo dos Bispos do Porto*, addicionado por Antonio Cerqueira Pinto, 1742, Parte II, p. 200).

Não podemos escrever aqui a historia do Porto, nem das origens da sua fundação; ser-nos-hia egualmente impossivel fazer um estudo minucioso da sua diocese. D. Rodrigo da Cunha, com razão, diz:

"Aconteceo à Cidade do Porto, o que a outras muitas, tanto, e mais populoſas, que ella: que para ſe eſtimarem ſuas fundaçoẽs, e origens, as eſcondeo a antiguidade de maneira, que ou de todo as naõ ſabemos, ou ſò por leves indicios as conjecturamos" (*ob. cit.* Parte I, p. 1).

São tantos os auctores que escreveram sobre o assumpto, e tantas as origens que, mais ou menos phantasticamente, attribuiram á fundação da segunda cidade do paiz, que uma resenha seria demasiadamente longa. A imaginação de muitos escriptores foi, na verdade, fecunda, pois algumas das origens que descobriram—ou inventaram—são realmente extraordinarias, ou antes fabulosas, e inda por cima contradictorias. Algumas d'ellas, que certos auctores apresentam, são tão inverosimeis, que chegam a ser comicas, e não resistimos a mencional-as.

A maioria dos escriptores antigos sustentam que Gaya existiu antes do Porto. Uma das—chamemos-lhe—lendas, mais antigas, reza que Gaya foi fundada por *Gatello*, Rei dos Gregos, que, sahindo do Egypto e não podendo desembarcar no Mediterraneo, veiu, após diversas aventuras, arribar ao Douro, onde edificou uma

...and, with the countenance and approval of all, we have commanded them to be printed in this volume."

As to the merits of the *Cõſtituições* set up by Dom Balthasar Limpo, Dom Rodrigo da Cunha writes:

"Those Constitutions were of great wisdom and utility, and this Bishopric, and also the neighbouring ones, were governed by them until the time of the Bishop Dom Marcos, who, as the Council of Trent had already taken place, deemed it necessary to make others" (*Catalogo dos Bispos do Porto*, with additions by Antonio Cerqueira Pinto, 1742, Part II, p. 200).

We cannot now write the whole history of the city of Oporto and its origins, nor can we make a minute study of the diocese. Dom Rodrigo da Cunha rightly says:

"It happened to the city of Oporto, as it did to many others, equally or more populous than she, that because the stories of their foundation and origins would be valued highly, antiquity has so hidden them, that either we do not know them at all, or we can only conjecture them from very faint indications" (*op. cit.* Part I, p. 1).

So many authors have written on the subject, and so many origins, all more or less fantastic, have been attributed to the second city of Portugal, that to review them all would take too long. Many of these writers certainly had very fertile imaginations, for some of the origins that have been discovered—or invented—are truly extraordinary, or rather fabulous, and in addition to this they are often contradictory. Some of them are so wildly improbable as to be comic, and we cannot resist mentioning them.

Most of the ancient writers hold that Gaya existed before Oporto. One of the earliest of these legends, as we will call them, declares that Gaya was founded by *Gatello*, King of the Greeks, who, having left Egypt and having been unable to disembark in the Mediterranean, reached the Douro after various adventures, and

povoação a que chamou *Gatellia* ou *Portus Gatelli*. De *Gatellia* derivou-se o nome de *Gaya*. Este *Gatello*, cunhado do Pharaó, e contemporaneo de Moyses, sahira do paiz banhado pelo Nilo para escapar ás *pragas* do Egypto. Como temos uma grande admiração pela imaginação humana, lamentamos que os descobridores d'essas maravilhosas fontes d'informação não tivessem achado que o primeiro Porto fôra fundado por Adão após a sua expulsão do Paraizo!

Alguns auctores dizem que Gaya foi primeiro estabelecida pelos Gregos com Diomedes, Rei de Etholia, cujos companheiros edificaram sobre o Douro uma povoação a que deram o nome de *Graya* ou *Gravia*, que depois se chamou *Portus-Grayus*: corrupto o vocabulo, ficou Portugal (ver, entre outros, Fr. Bernardo de Brito, *Monarchia Lvsytana*, 1597, Parte I, livro I, cap. XXII). Outros, ainda, pretendem que a fundação se deve aos Gallo-Celtas, que construiram uma povoação a que deram o nome de *Porto Gallo*. D. Rodrigo da Cunha, escrevendo ácerca da fundação de Gaya, parece-lhe mais provavel

"que o ſeu primeiro, e mais antigo nome foi *Cale*, porque de nenhum outro lugar de importancia fas mençaõ na paragem, que ella hoje eſtà, o Itinerario do Emperador Antonino, que vay medindo como aos palmos, todos os lugares de Heſpanha: quem foſſe o ſeu fundador, ſó advinhando ſe pode dizer, de crer he ſeriaõ Romanos" (*ob. cit.* p. 4, ver tambem D. Nicolau de S. Maria, *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho*, 1668, Parte I, livro V, cap. IV).

Diz-se tambem que a fundação do Porto é devida aos Suevos pelos annos de 417 (ver Vilhena Barbosa, *As Cidades e Villas da Monarchia Portugueza que teem Brasão d'Armas*, vol. II, p. 157). Seja quem fôsse o fundador, e seja qual fôsse a origem do Porto, não ha duvida que o seu antigo nome foi *Portu Calle*, que, mais tarde, teve a honra de vir a ser o do nosso paiz. André de Resende na sua *Ad Bartholomæum Kebedium*

built a city there which he called *Gatellia* or *Portus Gatelli*. From *Gatellia* the name *Gaya* was derived. This *Gatello*, a brother-in-law of Pharaoh, was a contemporary of Moses and had quitted Egypt to escape the plagues. We so greatly admire these flights of imagination, that we regret that we have as yet discovered no theory that Oporto was founded by Adam on his expulsion from Paradise!

Other writers say that the first founders of Gaya were the Greeks with Diomedes, King of Ætolia, whose companions made a settlement on the banks of the Douro, to which they gave the name of *Graya* or *Gravia*, afterwards *Portus-Grayus*, which was corrupted to *Portugal* (see, among others, Fr. Bernardo de Brito, *Monarchia Lvsytana*, 1597, Part I, book I, chap. XXII). Others, again, claim that the Gallo-Celts first built the city and called it *Porto Gallo*. Dom Rodrigo da Cunha says that it seems to him most probable that Gaya's

"first and oldest name was *Cale*, because no other important place in the position where it stands to-day is mentioned in the *Itinerarium* of the Emperor Antoninus, which surveys all the places in Spain almost inch by inch: as to who founded it, we can only guess, but it is credible that it may have been the Romans" (*op. cit.* p. 4; also see D. Nicolau de S. Maria, *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho*, 1668, Part I, book V, chap. IV).

It has also been said that Oporto was founded by the Suevi in about 417 (see Vilhena Barbosa, *As Cidades e Villas da Monarchia Portugueza que teem Brasão d'Armas*, vol. II, p. 157). But whoever may have been the founder, and whatever the origin, of Oporto, there is no doubt that it was known of old as *Portu Calle*, a title which afterwards had the honour to become the name of our country. André de Resende writes in his

Epiſtola (*L. Andr. Resendii Carmen Endecasyllabon*, 1567, fl. 30 vº) diz:

"Sunt qui Portugalliam quaſi Galliæ portum confingant. Sed ij in certo errore feruntur, aut in adulationem Gallorum ethymon extorquent. Nos vetuſtum nomen Portugale, vel, ſi blandius loqui placet, Portugaliam, præponimus. Oppidum vetuſtiſſimum eſt ad oſtium Durij fluminis, Cale ab Antonino vocatum. Quod quia ſitum in monte eſt, difficilémq; habebat vſui hominum ſeruitutem, loco plano in ripa fluminis cœptum habitari, facto à piſcatoribus initio. Creuitque paulatim multitudine habitatorum locus, vocatúsque eſt Calis portus, vel vno nomine, Portucale, & ex frequentia, in ciuitatis dignitatem deuenit. Quuius epiſcopus Portucalenſis in antiquis concilijs nominatur."

D. Jeronymo Osorio (ver *De Rebus Emmanuelis Geſtis*, 1571, p. 4), baseando-se na opinião do illustre antiquario Eborense, escreve no mesmo sentido.

Continuando o exame, diz-nos Viterbo, protestando contra a idea dos Gregos ou dos Gallo-Celtas terem dado o nome ao Porto:

"Porto de Gaya. A Cidade do Porto. Em hum Doc. de 1153 se nomêa D. Pedro, Bispo *Portus Gayæ*. E em outros daquelle tempo se acha o mesmo. E isto só bastaría para desvanecer as aerêas conjecturas dos que não approvão que o nome de *Portugal* nascesse de *Portus-Cale*, sonhando não sei que *Porto de Gallos*, ou *Grayos*, e não reparando, que já no Concilio Illeberitano se reconheceo este Tracto de terra com o nome de *Portucale*, de que mudado o *c* em *g* nasceo *Portugal*" (*Elucidario*, t. II, p. 232).

D. Rodrigo da Cunha conta (*ob. cit.* p. 5) que no terceiro Concilio de Toledo, 589, os dois Bispos do Porto, Constancio e Argiovitro, que lá estiveram, assignaram ambos "Conſtantius, & Argio vitrus, Epiſcopi Portucalenſes." (Ver tambem Cardeal Saraiva, *Obras Completas*, t. I, pp. 43-44.)

Proseguindo, vejamos o que escreve Alexandre

Ad Bartholomæum Kebedium Epiſtola (*L. Andr. Resendii Carmen Endecasyllabon*, 1567, fl. 30 vo.):

"Sunt qui Portugalliam quaſi Galliæ portum confingant. Sed ij in certo errore feruntur, aut in adulationem Gallorum ethymon extorquent. Nos vetuſtum nomen Portugale, vel, ſi blandius loqui placet, Portugaliam, præponimus. Oppidum vetuſtiſſimum eſt ad oſtium Durij fluminis, Cale ab Antonino vocatum. Quod quia ſitum in monte eſt, difficilémq; habebat vſui hominum ſeruitutem, loco plano in ripa fluminis cœptum habitari, facto à piſcatoribus initio. Creuitque paulatim multitudine habitatorum locus, vocatúsque eſt Calis portus, vel vno nomine, Portucale, & ex frequentia, in ciuitatis dignitatem deuenit. Quuius epiſcopus Portucalenſis in antiquis concilijs nominatur."

Dom Jeronymo Osorio (see *De Rebus Emmanuelis Geſtis*, 1571, p. 4) takes the famous antiquary of Evora as his authority, and says the same thing.

Viterbo protests against the idea that the Greeks or the Gallo-Celts gave Oporto its name and says:

"Porto de Gaya. The City of Oporto. In a document of 1153, Dom Pedro is called Bishop of *Portus Gayæ*. And the same thing is found in other documents of that time. And this in itself would be enough to disperse the airy conjectures of those who do not approve of the derivation of the name of *Portugal* from *Portus-Cale*, dreaming of I know not what *Porto de Gallos* or *Grayos*, and paying no attention to the fact that, in the Council of Illiberis (Elne), this tract of land was already known by the name of *Portucale*, from which, with the *c* changed to *g*, came *Portugal*" (*Elucidario*, vol. II, p. 232).

Dom Rodrigo da Cunha writes (*op. cit.* p. 5) that the two Bishops of Oporto, Constancio and Argiovitro, who were at the third Council of Toledo in 589, signed themselves "Conſtantius, & Argio vitrus, Epiſcopi Portucalenſes." (Also see Cardinal Saraiva, *Obras Completas*, vol. I, pp. 43-44.)

To proceed, let us turn to Alexandre Hercu-

Herculano, depois de se referir á Galliza, então regida por diversos Condes:

"Entre estes governos, desde o meiado do seculo IX, apparece o districto ou condado *portucalense*. Assim como Coimbra era a povoação mais notavel sobre o Mondego, Portucale, situado juncto ao Douro, era no seculo XI pela sua situação vizinha da foz do rio, pela sua antiguidade, que não só remontava á epocha dos wisigodos, mas ainda ao tempo do dominio romano, e pela fortaleza do sitio, cabeça e principal povoação de um territorio, que abrangia ao norte uma parte do littoral da moderna provincia do Minho e ao sul as terras que até o Vouga se tinham successivamente conquistado" (*Historia de Portugal*, 3ª edição, t. I, p. 188).

O grande historiador accrescenta uma nota (pp. 469–470) ácerca da origem de *Cale*, situada na margem esquerda do Douro, conhecida pelo nome de *Portucale* em Idacio no seculo V, e com o mesmo nome em Sampiro no seculo IX, e ainda no principio do Xº:

"A escriptura sobre as divisões dos bispados em tempo dos suevos, embora não remonte á antiguidade que se lhe attribue, não deixando de ser bastante remota, nos explica perfeitamente como nasceu o Porto moderno, chamando-se ahi a este *Portucale castrum novum* e á povoção primitiva na margem fronteira *Portucale castrum antiquum*. A Cale do Itinerario de Antonino ou o *Portucale* de Idacio estava assentada ao sul do rio, provavelmente no monte hoje chamado castello de Gaia. No correr dos tempos foi-se, talvez, estabelecendo uma povoação na margem opposta, ou antes, o que nos parece mais verosimil, quando as conquistas dos christãos se dilataram até o Douro, elles fundaram um castello no monte mais eminente da margem direita, onde hoje existe a cathedral. Estendidas estas conquistas até o Vouga, os dous castellos ficaram constituindo de certo modo um só *Portucale*, e, porventura, dessa epocha é a distincção de *Portucale castrum antiquum*, e *Portucale castrum novum*, que se lê nas suppostas actas do primeiro concilio de Lugo. O nosso pensamento, de que os

lano, who says, after referring to Galicia, which was then governed by different Counts:

"From the middle of the IXth century, the *portucalense* district or county appears among these governments. As Coimbra was the most notable town on the Mondego, so, in the XIth century, Portucale, situated on the Douro, because of its position near the mouth of the river, because of its antiquity, which not only went back to the time of the Visigoths, but even to the time of the Roman supremacy, and because of the strength of its position, was the head and principal town of a territory that embraced, on the north, part of the coast of the modern province of Minho, and, on the south, the lands that had been successively conquered as far as the Vouga" (*Historia de Portugal*, 3rd edition, vol. I, p. 188).

The historian adds a note (pp. 469–470) on the origin of Cale, situated on the left bank of the Douro, called *Portucale* by Idacius in the Vth century, and known to Sampiro by the same name in the IXth, and even at the beginning of the Xth:

"The document about the division of the bishoprics in the time of the Suevi, though it may not be of such an early date as is attributed to it, is none the less ancient enough, and explains perfectly how the modern Oporto was born, for there it is called *Portucale castrum novum* and the primitive town on the opposite bank is *Portucale castrum antiquum*. The Cale of the *Itinerarium Antonini*, or the *Portucale* of Idacius, was situated on the south side of the river, probably on the hill which is now called the Castello de Gaia. In the course of time a town was perhaps established on the opposite bank, or rather, which seems to us more likely, when the conquests of the Christians spread to the Douro, they built a fortress on the highest hill on the right bank, where the Cathedral stands to-day. When these conquests were extended as far as the Vouga, the two fortresses came, in a sense, to form only one *Portucale*, and perhaps the distinction made between *Portucale castrum antiquum* and *Portucale castrum novum*, in the supposed enactments of the first Council of Lugo, dates from that period.

castellos das duas margens constituiriam, ao menos durante certo tempo, uma povoação unica, occorre facilmente vendo-se estender no seculo XI o territorio portugalense tanto para o interior da provincia do Minho...como para o lado do Vouga...desprezada a divisão natural de um rio caudaloso, como o Douro, circumstancia aliàs insolita naquelles tempos, em que muito se attendia a hydrographia interior para estremar as provincias e districtos dos differentes governos."

Herculano mostra claramente a origem do nome do nosso paiz, derivado do antigo nome da invicta cidade do Porto. E para findar esta comprida dissertação, recorremos ao illustre Professor Dr Leite de Vasconcellos que nos diz:

"Cales, cidade; acusativo *Cale(m)*. Ou d'aqui se deduziu *Cale*, ou esta fórma é ablativo estereotipado....Pois que *Cales* era pôrto de mar, formou-se o composto sintáctico Portus Cale(s): '*Cale(s)* que é um pôrto.' Declinação: Portum Cale(m), Portu-Cale = Portucale (*Portocale*) > Portugale > Portugal. A palavra, que primeiro se aplicou à cidade do Pôrto, propagou-se, com o andar do tempo, e em virtude de circunstâncias históricas, a território mais extenso, e designa hoje toda a nossa nação....Os habitantes de Portucale tinham porém a consciência de que a palavra que designava a sua cidade era composta de duas, e por isso empregavam na linguagem corrente apenas uma, isto é, a primeira, e esqueceram a outra: d'onde o ficar até hoje só *Pôrto*" (*Lições de Filologia Portuguesa*, p. 324).

Comtudo, antes de terminar, não queremos deixar de mencionar o nome applicado no estrangeiro á segunda cidade do paiz: *Oporto.* Em Portugal, o nome da capital do norte é *o Porto*; no estrangeiro, quiça por ignorancia, de duas palavras—o artigo *o* e *Porto*—fizeram uma palavra composta, talvez mais facil de pronunciar, mas certamente absurda.

Passando agora á historia ecclesiastica da diocese, tão intimamente ligada, não só á do Porto, mas á do paiz, vêmos que o seu primeiro

Our idea that, for some time at least, the fortresses on the two banks constituted but one town, comes naturally into the mind when one sees how the *Portugalense* territory spread in the XIth century both towards the interior of the province of Minho...and on the Vouga side as well...the natural division formed by a mighty river like the Douro being disregarded, an unusual circumstance in those times, when inland hydrography was taken into great account in the settling of boundaries between the provinces and districts under different governments."

Herculano's account clearly shows the origin of our country's name, which was given her by the invincible city of Oporto. To conclude this lengthy dissertation, we will quote Dr Leite de Vasconcellos, who says:

"Cales, city; accusative *Cale(m)*. Either *Cale* was deduced from here, or this form is a stereotyped ablative....Since *Cales* was a sea-port, the syntactic arrangement Portus Cale(s) was made, meaning '*Cale(s)* which is a port.' Declension: Portum Cale(m), Portu-Cale = Portucale (*Portocale*) > Portugale > Portugal. The word, first applied to the city of Oporto, extended, in the course of time, and by virtue of historical circumstances, to a wider territory, and now designates our whole nation....The inhabitants of Oporto were, however, conscious that the name designating their city was made up of two words, and for that reason in current language they used only one, the first, and forgot the other: thus today there remains only *Pôrto*" (*Lições de Filologia Portuguesa*, p. 324).

Finally, we must refer to the name given by foreigners to the second city in our country: *Oporto*. In Portugal the name is *o Porto* (the Port); abroad, possibly through some misunderstanding, the article *o* and *Porto* have been made into one word, which, although it may be easier to pronounce, is really an absurdity.

Passing on to the ecclesiastical history of the bishopric, which is closely linked, not only with the history of Oporto, but with that of the whole

Bispo de quem ha noticia certa, foi Viator, que assistiu em 572 ao segundo Concilio Bracarense: é interessante de notar que esse Prelado assignou como Bispo de Meinedo, nome de uma parochia do districto do Porto, onde, segundo parece, esteve primeiro a Cathedral. Julga-se que a Sé do Porto tenha sido instituida pelos Suevos no meiado do seculo VI, depois da sua conversão á Fé Catholica (ver Cardeal Saraiva, *loc. cit.* e Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, t. I, pp. 135–136). A falta de espaço impede-nos de enumerar aqui todos os Bispos do Porto desde Viator até D. Balthasar Limpo; quem quizer consultar a lista dos Prelados portuenses encontral-a-ha em Fortunato de Almeida (*ob. cit.* t. I, pp. 135–136, 163, 189, 631–634; t. II, pp. 578–585; t. III, parte II, pp. 871–873).

Durante a monarchia wisigothica, alem de Constancio, que era catholico, e Argiovitro, que era ariano, e dos quaes já fizemos menção, ha memoria de alguns Bispos do Porto. Desde 693, não temos noticia de Bispos do Porto até o seculo IX,

"em que começão a apparecer alguns com este titulo, mas vivendo fóra da Diocese e cidade, que estava dominada dos Sarracenos. E ainda que algumas vezes foi conquistada pelos Reis de Leão, nunca comtudo teve a segurança e permanencia necessaria para a restituição da Cathedral" (Cardeal Saraiva, *loc. cit.*).

Segundo Fortunato de Almeida, Justo foi o primeiro Prelado portuense de que ha memoria depois da invasão Arabe. Gomado, Gumeado ou Gumaedo foi, provavelmente, eleito Bispo em 872.

No seculo X ha memoria de Froarengo ou Froalengo, 906, e do seu successor Hermogio que, segundo D. Rodrigo da Cunha (*ob. cit.* p. 253), já era Bispo do Porto em 912. Fortunato de Almeida (*ob. cit.* t. I, p. 163) menciona ainda, mas sem data nem a minima informação, dois outros Bispos, Ordonho e Diogo: entre essa

country, we find that the first Bishop of whom there is authentic record was Viator, who was present in 572 at the second Council of Braga. It is interesting to note that this prelate signed himself Bishop of Meinedo, the name of a parish in the Oporto district, where, apparently, the first Cathedral was situated. The See of Oporto is considered to have been instituted in the middle of the VIth century by the Suevi, after their conversion to the Catholic faith (see Cardinal Saraiva, *loc. cit.* and Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. I, pp. 135–136). Lack of space makes it impossible for us to enumerate all the Bishops of Oporto from Viator to Dom Balthasar Limpo; but those who desire to study such a list will find it in Fortunato de Almeida's *História da Igreja em Portugal* (vol. I, pp. 135–136, 163, 189, 631–634; vol. II, pp. 578–585; vol. III, part II, pp. 871–873).

Besides the two we have already mentioned: Constancio, who was a Catholic, and Argiovitro, who was an Arian, there are records of various Bishops of Oporto during the Visigothic monarchy. After 693 we hear of no more Bishops of Oporto until the IXth century,

"when some began to appear with this title, but living outside the diocese and city, which was under the Saracen dominion. And though it was sometimes conquered by the Kings of Leon, it never achieved the security and permanence necessary for the restitution of the Cathedral" (Cardinal Saraiva, *loc. cit.*).

According to Fortunato de Almeida, the first recorded Bishop of Oporto after the Arab invasion was Justo. Gomado, Gumeado or Gumaedo was probably elected Bishop in 872.

In the Xth century we learn of Froarengo or Froalengo, 906, and of his successor Hermogio, who, according to Dom Rodrigo da Cunha (*op. cit.* p. 253), was already Bishop of Oporto in 912. Fortunato de Almeida (*op. cit.* vol. I, p. 163) adds two other Bishops, Ordonho and Diogo, but gives no information about them, not

epocha e 1114—certamente mais de um seculo—em que foi ordenado o Bispo D. Hugo, este auctor não nos indica nenhum outro Prelado da diocese. Como já dissemos, o Porto, depois da queda da Monarchia dos Godos no seculo VIII, esteve dominado dos Sarracenos, apezar de algumas vezes ter sido reconquistado. N'esse tempo as luctas entre Christãos e infieis eram constantes, e o Porto, *Bortkal* como os Arabes lhe chamavam—diz-se por não poderem pronunciar Portucale—soffreu as tristes consequencias d'essa epocha de guerras crueis.

Após annos passados sob o dominio Arabe, o Porto foi reconquistado no seculo VIII. A lucta aguda recomeçava entre a Cruz e o Crescente. Abderrama, Abd-el-Raman, ou antes Abdu-r-rhaman, Khalifa de Cordova, tentou retomar a cidade, mas o seu exercito foi vencido.

"Diz a tradição, que esta grande batalha se pelejou no sitio em que hoje se vê a egreja parochial de Campanhã, e que em memoria d'ella ficou ao pequeno rio, que por ali passa, o nome de *Rio Tinto*, pelo muito sangue dos moiros de que se tingiram as suas aguas; e a cidade tomou para uma das suas portas, por onde sairam os christãos ao combate, o nome da *Batalha*, o qual se conserva ainda no largo, para onde a dita porta, que já não existe, dava saida" (Vilhena Barbosa, *loc. cit.*).

Este triumpho dos Christãos foi de pouca dura; um novo exercito sob o commando do famoso Almansor, Al-Mançor, ou antes Al-Manssor, tomou a cidade e arrasou-a, e durante muitos annos o Porto ficou arruinado e despovoado, provavelmente até os fins do seculo X.

Foi então que, segundo muitos auctores, teve logar o problematico, mas tão interessante episodio da vinda da armada de Gascões que, dizem os mesmos escriptores, fundeou no Douro no ultimo quartel do seculo X, e cujos chefes eram D. Moninho Viegas—de quem descende o nosso

even their dates. After these he mentions no other Bishop of the diocese until Dom Hugo, who was appointed in 1114; so he leaves a gap for a period which must extend to more than a hundred years. As we have already stated, after the fall of the Gothic monarchy in the VIIIth century, Oporto was held by the Saracens, though it was several times reconquered. At this time there were constant struggles between the Christians and the infidels, and Oporto, or *Bortkal*, as the Arabs called it—because, it is said, they could not pronounce Portucale—suffered the consequences of these cruel wars.

After being under Arab rule for many years, Oporto was reconquered in the VIIIth century. The bitter struggle between the Cross and the Crescent was beginning again. Abderrama, Abd-el-Raman, or rather Abdu-r-rhaman, the Caliph of Cordova, tried to retake the city, but his army was defeated.

"Tradition says that this great battle was fought where the parish church of Campanhã now stands, and that the name *Rio Tinto* (dyed river) was given to the stream which runs through that place, in memory of the battle when its waters were dyed red with Moorish blood; and the city gave the name of *Batalha* to the gate by which the Christians sallied forth to fight, and the place where the gate used to stand is still known by that name" (Vilhena Barbosa, *loc. cit.*).

The Christian triumph was soon cut short by a new army under the command of the Caliph Almansor, Al-Mançor, or Al-Manssor, who captured the city and razed it to the ground. Oporto was an uninhabited ruin for many years, probably until the end of the Xth century.

According to many authors, it was still in ruins at the time when the problematical Gascon armada came, and this is said to have anchored in the Douro in the last quarter of the Xth century, being under the command of Dom Moninho Viegas—from whom our celebrated

celebre D. Egas Moniz—o seu irmão D. Sisnando, e D. Nonego, Bispo de Vendôme. No *Livro Velho das Linhagens de Portugal* (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, t. I, p. 178)—cuja antiguidade remonta, pelo menos, aos principios do seculo XIV—encontramos differentes Viegas e Monizes com o nome de *Gaſco*. No *Nobiliario de D. Pedro Conde de Bracelos* (*sic*) (Roma, 1640, Titulo XXXVI, p. 187), lemos o seguinte:

"Dom Moninho Veegas o Gaſco, o primero, veyo de Gaſcunha a Portugal, em tẽpo del Rey D. Ramiro de Leaõ, e outro ſeu irmaõ veyo com el, q̃ foy Biſpo do Porto, e avia nome D. Seſnãdo e jaz em Villaboa do Biſpo; e tãbem veyo cõ elle o Biſpo de Nonego, que jaz no moſteyro de Cujaẽs. Vieraõ com elles ſeus dous filhos, e muyto bons cavalleyros, e muytos bõs eſcudeyros, filhos dalgo, e veerom por màr, portàr na foz de Douro, que he entre o Porto, e Gaya. Em a quel tẽpo chamavõlhe a foz Douro mao e lidarom hi cõ muy grã peſsa de Mouros por muytas vezes, e veyo ganhando delles a terra por riba de Douro acima, por huã parte, e da outra."

Sobre este episodio da armada dos Gascões e dos seus chefes, escreveram, entre outros, Fr. Bernardo de Brito (*Monarchia Lvsytana*, Parte II, 1609, livro VII, fl. 253 vº–fl. 254 vº), que duvida serem os Monizes oriundos da Gasconha; Fr. Antonio Brandão (*Monarchia Lvsitana*, Parte III, 1632, livro VIII, cap. XXI); D. Nicolau de S. Maria (*loc. cit.* e pp. 287–294); Manuel de Faria e Sousa (*Evropa Portuguesa*, 1678, t. I, cap. XVI); P. Antonio Carvalho da Costa (*Corografia Portugueza*, 1706, t. I, pp. 350–351 e 398–399); D. Rodrigo da Cunha (*ob. cit.* Parte I, pp. 10–11 e 263–294); Vilhena Barbosa (*ob. cit.* p. 158); Pinho Leal (*ob. cit.* t. VII, pp. 281–284; t. XI, pp. 671–673). Segundo todos estes auctores D. Sisnando foi Bispo do Porto; alguns, comtudo,

Dom Egas Moniz was descended—of his brother Dom Sisnando, and Dom Nonego, Bishop of Vendôme. Various Viegas and Monizes called *Gaſco* are mentioned in the *Livro Velho das Linhagens de Portugal* (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, vol. I, p. 178), which dates at least as far back as the XIVth century. In the *Nobiliario de D. Pedro Conde de Bracelos* (*sic*) (Rome, 1640, Titulo XXXVI, p. 187) we find the following passage:

"Dom Moninho Veegas the Gascon, the first, came from Gascony to Portugal, in the time of King Don Ramiro of Leon, and the other his brother, who became the Bishop of Oporto, came with him, and his name was Dom Sesnãdo and he lies in Villaboa do Bispo; and there came with him also the Bishop Nonego who lies in the monastery of Cujaẽs. There came with them the two sons of Dom Moninho Veegas, and many good knights and many good squires, the sons of a noble line, and they came by sea and anchored at the mouth of the Douro which is between Oporto and Gaya. At that time they called it the mouth of the evil Douro and fought there many times with a great press of Moors, and gradually won from them the land above the Douro, on the one side and on the other."

Among those who have written about the coming of the Gascon armada and its leaders are Fr. Bernardo de Brito (*Monarchia Lvsytana*, Part II, 1609, book VII, fl. 253 vo.–fl. 254 vo.), who doubts whether the Monizes were natives of Gascony; Fr. Antonio Brandão (*Monarchia Lvsitana*, Part III, 1632, book VIII, chap. XXI); Dom Nicolau de S. Maria (*loc. cit.* and pp. 287–294); Manuel de Faria e Sousa (*Evropa Portuguesa*, 1678, vol. I, chap. XVI); P. Antonio Carvalho da Costa (*Corografia Portugueza*, 1706, vol. I, pp. 350–351 and 398–399); Dom Rodrigo da Cunha (*op. cit.* Part I, pp. 10–11 and 263–294); Vilhena Barbosa (*op. cit.* p. 158); Pinho Leal (*op. cit.* vol. VII, pp. 281–284; vol. XI, pp. 671–673). All these authors say that Dom Sisnando was Bishop of Oporto, but some

dizem que D. Nonego presidiu aos destinos da diocese antes de D. Sisnando. Contam tambem que os Gascões, após a reconstrucção da cidade, começaram a fazer correrias contra os Mouros,

"expulsando-os das terras visinhas, que iam pondo sob a protecção da Virgem, com o titulo de *Terras de Santa Maria*, titulo que por muitos seculos conservaram as do termo de Guimarães e da Feira, que foram as primeiras por elles conquistadas" (Vilhena Barbosa, *loc. cit.*).

É muito possivel que esse titulo de *Terras de Santa Maria* fôsse devido a D. Nonego—o que ligaria intimamente o seu nomo ao do Porto—visto ter sido elle

"que trouxe aquella tão celebrada imagem de Nossa Senhora de Vandoma, que deu o seu nome a uma porta da primeira cêrca de muros da cidade, sobre a qual se achava em um oratorio. Esta porta, que estava por detraz da sé, e que, com o crescer da cidade, veiu a ficar no centro da povoação, chamava-se ainda, quando se demoliu ha bem poucos annos, *Arco de Vandoma*" (Vilhena Barbosa, *ob. cit.* pp. 158–159).

Esse vandalismo teve logar em 1840 (ver Pinho Leal, *ob. cit.* t. VII, p. 289), sem que tivesse havido respeito por um monumento cheio de tantas tradições que, inda hoje, ellas se encontram representadas no brasão d'armas da cidade! Diz-se que o primeiro brasão do Porto

"era uma cidade de prata, em campo azul, sobre mar de ondas verdes e doiradas. O segundo era Nossa Senhora de Vandoma, com o Menino Jesus nos braços, collocada entre duas torres, tendo por cima a lettra *Civitas Virginis*" (Vilhena Barbosa, *ob. cit.* p. 167).

Este brasão foi conservado até 1834, anno em que foi mudado no actual por decreto de D. Pedro IV, que concedeu ao Porto o titulo de *antiga, muito nobre, sempre leal, e invicta cidade*: n'elle vemos o escudo com a corôa ducal esquartelado das Armas Reaes e do antigo brasão—Nossa Senhora

state that Dom Nonego presided over the diocese before him. They also say that after the reconstruction of the city, the Gascons began to make raids on the Moors,

"driving them out of the neighbouring lands, which they placed under the protection of the Virgin, with the title of *Terras de Santa Maria* (Lands of Holy Mary), a name retained for many years by the territory within the bounds of Guimarães and Feira, which were the first to be conquered by the Gascons" (Vilhena Barbosa, *loc. cit.*).

It is very possible that they owed the title of *Terras de Santa Maria* to Dom Nonego—whose name would thus be closely linked with that of Oporto—since it was he

"who brought the famous image of Our Lady of Vandoma (Vendôme), whose name was given to a gate in the first of the walls encircling the city, above which it was placed in an oratory. This gateway, which was behind the Cathedral, and which, with the growth of the city, came to be in the centre of the town, was still called the *Arco de Vandoma* (Arch of Vendôme), when it was demolished a few years ago" (Vilhena Barbosa, *op. cit.* pp. 158–159).

This act of vandalism took place in 1840 (see Pinho Leal, *op. cit.* vol. VII, p. 289), and no respect was paid to a monument full of traditions, some of which are kept alive to this day in the coat of arms of the city! It is said that the first coat of arms used by Oporto

"was a city of silver, on a field azure, over a sea with green and golden waves. The second was Our Lady of Vendôme, with the Infant Jesus in her arms, placed between two towers, with the motto *Civitas Virginis* above" (Vilhena Barbosa, *op. cit.* p. 167).

This coat of arms was kept until 1834, when the decree of Dom Pedro IV gave to Oporto the title of *ancient, most noble, ever loyal, and invincible city*, and changed the arms to the present-day escutcheon with the ducal coronet, quartered with the Royal Arms and the old coat of arms:

de Vandoma, de prata, entre duas torres, tambem de prata, em campo azul, tendo por cima a mesma lettra *Civitas Virginis* (para a completa descripção do brasão ver Vilhena Barbosa, *loc. cit.*). Essas duas torres eram as que estavam sobre a *Porta* ou *Arco de Vandoma* (ver Pinho Leal, *loc. cit.*). São tantas as contradicções na historia do Porto e da sua diocese n'esses tempos remotos, que não podemos dizer o que ha de verdade ácerca de D. Nonego: comtudo, não nos parece dever mencional-o unicamente como uma figura lendaria.

Quanto á questão de D. Sisnando ter sido ou não Bispo do Porto, é possivel que nem tudo seja méra tradição: o *Livro Velho de Linhagens* (*ob. cit.* p. 202) menciona-o como "o Biſpo D. Seſnando q́ jaz em Villaboa do Biſpo," e no *Nobiliario do Conde D. Pedro* (*loc. cit.*), lemos que "D. Seſnãdo" foi Bispo do Porto, e tambem que "jaz em Villaboa do Biſpo." Óra, segundo reza a tradição, Villa Boa do Bispo—freguezia na diocese do Porto—tomou o seu nome *do Bispo*, para perpetuar a memoria de D. Sisnando que havia sido trucidado pelos Mouros, quando dizia missa n'uma pequena capella juncto ao mosteiro onde vivia retirado. Assim narram diversos auctores cujos nomes e obras citámos. Tratamos de epochas remotas, cheias de lendas e de tradições. Se ellas não representam a inteira verdade, se fô-ram ampliadas pela imaginação ou desenvolvidas pela phantasia, se algumas mesmo são fabulosas, ellas teem, no meio de tantas conjecturas, um profundo encanto; por esse motivo, sem formular uma opinião a seu respeito, transcrevemol-as aqui, porque as tradições são muitas vezes uma das bases da historia.

"A escaceza de memorias e documentos divul-gados sobre a historia do nosso paiz na ultima decada do seculo XI apenas consente uma luz frouxa e duvidosa, que mal deixa descubrir o fio que prende os successos daquella epocha" (Herculano, *ob. cit.* t. I, p. 194).

Our Lady of Vendôme argent, between two towers, also argent, on a field azure, having the same motto, *Civitas Virginis* (for a more complete description see Vilhena Barbosa, *loc. cit.*). The two towers represent those which stood over the *Gate*, or *Arch, of Vandoma* (see Pinho Leal, *loc. cit.*). There are so many contradictions in the history of the city and diocese of Oporto in those early times, that we cannot say what truth there is in the accounts of Dom Nonego; but we do not think it right to mention him only as a legendary figure.

As for the question as to whether Dom Sis-nando was or was not Bishop of Oporto, we do not think it can be a mere tradition either. The *Livro Velho de Linhagens* (*op. cit.* p. 202) calls him "the Bishop Dom Sesnando, who lies in Villa-boa do Bispo," and the *Nobiliario do Conde D. Pedro* (*loc. cit.*) says that "D. Sesnãdo" was Bishop of Oporto, and "lies in Villaboa do Bispo." There is also a tradition that Villa Boa do Bispo—a parish in the diocese of Oporto—took the name of *do Bispo* (of the Bishop) to per-petuate the memory of Dom Sisnando, who was murdered by the Moors while he was saying mass in a little chapel near the monastery where he was living in retirement. So say many of the authors whose names and works we have quoted. We are treating of far-off times, full of legends and traditions; and though these may not be the exact truth, though they may have been augmented by fantastic flights of imagination, and some may even be entirely fabulous, they have a great charm. For this reason we transcribe them here, without formulating any opinions, for traditions often help us to understand historical facts.

"The scarcity of documents and records avail-able for the history of our country in the last decade of the XIth century allows but a wavering and transient light to filter through, and makes it hard for us to discover the thread which links the happenings in that period" (Herculano, *op. cit.* vol. I, p. 194).

Parece-nos que a phrase tão verdadeira do mestre se póde perfeitamente applicar á historia da diocese do Porto, especialmente nos seculos IX e X. Nos fins do seculo XI e principio do XIIº o Bispado foi governado por Arcediagos "cujos nomes nos constão desde o anno 1088 até 1107," diz o Cardeal Saraiva (*loc. cit.*), sem, comtudo, nos indicar esses nomes. Herculano escreve:

"Desde a morte de Fernando Magno a diocese do Porto, como quasi todas as dioceses do moderno Portugal, carecia de bispo e era governada por arcediagos. No reinado de Affonso VI a sé portugalense estava unida á de Braga, e esta mesma, metropolitana da Galliza, achou-se por alguns annos sem pastor nos tempos que precederam a eleição de Giraldo. Até pouco antes do fallecimento do conde Henrique as cousas conservaram-se no mesmo estado. Nos fins, porém, de 1112 ou, o que é mais certo, entrado o anno de 1113 o francês Hugo, arcediago da sé de Compostella, fora escolhido para bispo do Porto e sagrado no anno seguinte pelo metropolitano bracharense Mauricio Burdino" (*ob. cit.* t. I, p. 237; ácerca do Bispo D. Hugo, ver tambem as pp. *seg.*, pp. 486–488, e t. II, pp. 109–111; Fr. Antonio Brandão, *ob. cit.* fl. 70 vo.–fl. 71 vo., fl. 114; D. Rodrigo da Cunha, *ob. cit.* Parte II, cap. I: a respeito do Arcebispo de Braga, D. Mauricio Burdino, ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 576–578).

É interessante de notar que o primeiro Bispo do Porto, após a existencia do condado portugalense, foi um Francez, e que D. Gilberto, primeiro Bispo de Lisboa depois da sua conquista por D. Affonso Henriques em 1147, era Inglez. D. Hugo

"sustentou porfiadas contendas com o arcebispo de Braga e com o bispo de Coimbra sobre os limites das respectivas dioceses; e como era de seu natural fogoso e turbulento, quasi nunca cedia sem triumphar" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. I, p. 189).

Em 1115 obteve do Papa Paschoal II um breve

It seems to us that the historian's sentence may perfectly well be applied to the history of the diocese of Oporto, especially during the IXth and Xth centuries. At the end of the XIth and beginning of the XIIth century the Bishopric was governed by archdeacons "whose names are known from the year 1088 to 1107," says Cardinal Saraiva (*loc. cit.*), without, however, mentioning these names. Herculano writes that:

"From the death of Ferdinand the Great, the diocese of Oporto, like almost all the dioceses of modern Portugal, had no bishop and was governed by archdeacons. In the reign of Alfonso VI, the see of Oporto was joined to that of Braga, and even the latter, the metropolitan see of Galicia, was without a pastor in the times that preceded the election of Giraldo. Things were in the same state until shortly before the death of the Conde Henrique. However, at the end of 1112, or, which is more likely, at the beginning of 1113, the Frenchman Hugo, archdeacon of the see of Compostella, was chosen as Bishop of Oporto, and consecrated in the following year by the metropolitan of Braga, Mauricio Burdino" (*op. cit.* vol. I, p. 237; about Bishop Hugo see the pages that follow, also pp. 486–488, and vol. II, pp. 109–111; Fr. Antonio Brandão, *op. cit.* fl. 70 vo.–fl. 71 vo., fl. 114; D. Rodrigo da Cunha, *op. cit.* Part II, chap. I; and for information about the Archbishop of Braga see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 576–578).

It is interesting to note that the first Bishop of Oporto, after the formation of the county of Portugal, was a Frenchman, while Gilbert, the first Bishop of Lisbon after its conquest by Dom Affonso Henriques in 1147, was English. Dom Hugo

"carried on stubborn conflicts with the Archbishop of Braga and the Bishop of Coimbra about the boundaries of the respective dioceses; and as he was fiery and turbulent by nature, he hardly ever gave in before he had triumphed" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. I, p. 189).

In 1115 he obtained a brief from Pope

que o isentava da jurisdicção do seu metropolita, e o nomeava legado *a latere* (ver D. Rodrigo da Cunha, *loc. cit.*). Poude assim alargar os limites da sua diocese, que foi egualmente augmentada por doações regias e particulares. Em 1120 D. Thereza doou-lhe o burgo do Porto com toda a jurisdicção, rendas, e direitos. Em 1123 D. Hugo deu o seu primeiro foral (ver *Portvgaliæ Monvmenta Historica, Leges et Consvetvdines*, p. 361) ao Porto, cujo senhorio pertencia ao prelado.

"O dominio real limitava-se ao Porto primitivo, isto é, á povoação da margem esquerda do Douro, hoje Villa-nova de Gaia. O burgo, villa, ou cidade episcopal foi crescendo rapidamente pela margem direita do rio, á sombra dos privilegios que na carta de couto, concedida a Hugo por D. Theresa e confirmada por seus successores, se lhe liberalisaram. Hugo attrahiu para alli moradores, concedendo-lhes importantes exempções e regalias no seu foral, passado em 1123" (Herculano, *ob. cit.* t. II, pp. 110–111).

D. Hugo, a quem o Porto e a diocese deveram, certamente, importantes serviços, falleceu em 1136. Succedeu-lhe D. João Peculiar—a quem davam o appellido de *Ovilheyro*—e de quem, por diversas vezes, já nos occupámos (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 169–170, 530, 578 e 582). D. João, o primeiro Prelado Portuguez que assistiu a um Concilio Geral—o de Latrão em 1139—foi, sem duvida, uma figura illustre na historia das duas dioceses a que presidiu. A estreita amizade que contrahira com o insigne S. Bernardo durante a sua estada em Roma (ver Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. I, p. 569), ainda mais relevo lhe dá. No longo rol dos Bispos portugalenses encontramos personagens que prestaram relevantes serviços á Egreja e ao paiz; infelizmente, não podemos enumeral-os

Paschal II, which exempted him from the jurisdiction of his metropolitan, and named him legate *a latere* (see D. Rodrigo da Cunha, *loc. cit.*). He was thus enabled to extend the boundaries of his diocese, which was further enriched by Royal and private donations. In 1120 Dona Thereza made over to him the borough of Oporto, with full jurisdiction over it and the right to all its revenues and privileges. In 1123 Dom Hugo granted its first *foral* (charter of privileges) to Oporto, which was ruled over by the prelate (see *Portvgaliæ Monvmenta Historica, Leges et Consvetudines*, p. 361).

"The royal dominion was limited to the primitive Oporto, that is, to the town on the left bank of the Douro, now Villa-nova de Gaia. The episcopal borough, town, or city on the right bank of the river grew rapidly, sheltered by the privileges lavished upon it in the *carta de couto* (letter of privilege) conceded to Hugo by Dona Theresa and confirmed by her successors. Hugo attracted inhabitants thither by conceding them important exemptions and prerogatives in the *foral* he made in 1123" (Herculano, *op. cit.* vol. II, pp. 110–111).

Dom Hugo, who certainly rendered great services to the city and diocese of Oporto, died in 1136. He was succeeded by Dom João Peculiar, who was called the *Ovilheyro* (shepherd) and to whom we have already referred several times (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 169–170, 530, 578 and 582). Dom João, the first Portuguese prelate to take part in a General Council—he attended the Lateran Council in 1139—was certainly a dominant figure in the history of the two dioceses under his rule. His close friendship with St Bernard, begun during his stay in Rome (see Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. I, p. 569), gives him even greater eminence. There were many other Bishops of Oporto who rendered distinguished service to the Church and to Portugal; but we cannot make a detailed list of

aqui detalhadamente, nem narrar as luctas que sustentaram com os cidadãos do Porto, e com o Soberano. Nas discordias entre a corôa e o clero, o Porto tomou, qüasi sempre, um papel predominante—como no tempo de D. Sancho I—talvez por causa da sua excepcional situação de terra senhorial da Egreja.

"Apesar da doação feita a D. Hugo e do senhorio indubitavel do prelado diocesano, os burgueses recusavam reconhecer-se por seus subditos ou vassalos, estribando-se na carta do foral. Pelo contrario os bispos sustentavam que, supposto fosse na origem como se pretendia, os burgueses tinham em varias cousas quebrado as convenções do foral e, por isso, renunciado ás vantagens que este lhes offerecera, sendo signal evidente dessa renuncia o haverem acceitado muitos delles e por varias vezes cargos administrativos não municipaes, mas dependentes dos prelados, mostrando-se mais attentos aos lucros que d'ahi podiam tirar do que á sua pretendida independencia e liberdade" (Herculano, *loc. cit.*).

Essas luctas, não raro instigadas e sempre bemvistas pelo Monarcha, repetiam-se incessantemente. Tumultos tinham logar, o paço episcopal era assaltado, e o Bispo era ás vezes forçado a sahir da cidade e mesmo da diocese, retirando-se então para juncto do Pontifice a quem pedia auxilio. Assim succedeu a D. Martinho Rodrigues, que governou a diocese durante mais de quarenta longos e agitados annos, de 1191 a 1234 ou 1235. D. Martinho, filho de uma das mais illustres familias do Reino, era, como diz Fortunato de Almeida "violento segundo os costumes da época" (*ob. cit.* t. I, p. 370; a respeito de D. Martinho ver tambem as pp. *seg.*, e Herculano, *ob. cit.* t. II, pp. 106 *e seg.*, 288 *e seg.*, 319 *e seg.*, 332–338, 452–455 e 488–489), e luctou toda a sua vida, seja contra o seu cabido ou os burguezes do Porto, seja contra o seu Soberano. O successor de D. Martinho, D. Pedro Salva-

them all here, or give an account of their struggles with the citizens of Oporto and with the Sovereign. In the quarrels between the crown and the clergy, Oporto nearly always took a prominent part—as, for instance, in the time of Dom Sancho I—perhaps because of its exceptional position as a seigniorial land of the Church.

"In spite of the gift made to Dom Hugo and the undoubted dominion of the diocesan prelate, the burgesses refused to acknowledge themselves his subjects or vassals, basing their claims on the *foral*. On the other hand the bishops maintained that, supposing it had originally been as they pretended, the burgesses had broken the articles of the covenant in various matters, and thus renounced the advantages it had offered them, an evident sign of this renunciation being that many of them had at different times accepted administrative positions which were not municipal, but dependent upon the prelates, thus showing themselves more interested in the profits they could derive from them than in the independence and liberty they claimed" (Herculano, *loc. cit.*).

These quarrels, not seldom instigated and always welcomed by the Monarch, were constantly renewed. There were often tumults, the episcopal palace was stormed, and the Bishop was sometimes obliged to leave the city and even the diocese, and to seek the protection of the Pope. This happened to Dom Martinho Rodrigues, who governed the diocese for more than forty long and troublous years, from 1191 to 1234 or 1235. Dom Martinho (see Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. I, pp. 370 *et seq.*, and Herculano, *op. cit.* vol. II, pp. 106 *et seq.*, 288 *et seq.*, 319 *et seq.*, 332–338, 452–455 and 488–489), a member of one of the most distinguished families in the country, was, as Fortunato de Almeida says, "violent in accordance with the custom of the time," and he fought all his life, either against his chapter, against the burgesses of Oporto or against his Sovereign. Dom Martinho's successor, Dom Pedro Salvadores,

dores, tambem esteve envolvido, representando um papel importante, nas contendas entre a corôa e o clero; o mesmo aconteceu a D. Julião; as questões havidas entre D. Julião e D. Affonso III são curiosas, pois diziam respeito á eterna lucta de interesses no Porto. A contenda violenta entre D. Affonso III e o Prelado portuense foi narrada por Herculano (*ob. cit.* t. III, liv. VI), que nos diz que os motins, sus-citados pelo facto de D. Julião ter opposto a força particular á publica, perturbaram o reino inteiro, apezar de não constar que os outros Pre-lados tivessem tomado a peito a injuria do Bispo do Porto, pois D. Julião viu-se forçado a ceder e a pagar a multa de 6500 libras, punição im-posta pelo Monarcha.

"A irritação do rei fora tal, que occupara militarmente a cidade, exigindo que se lhe entregassem as chaves do castello e das torres que defendiam a cerca. Recusou-se a isso o alcaide do burgo, mas, na impossibilidade de resistir, foi depositá-las no altar-mór da cathedral, declarando a Affonso III que alli as podia ir buscar, mas que elle não quebraria o preito que fizera a seu senhor o bispo" (Herculano, *ob. cit.* t. III, p. 30).

Admiravel exemplo de fidelidade a um jura-mento prestado! D. Julião falleceu em 1260.

No tempo de D. Diniz, governaram o bispado, entre outros, D. Geraldo Domingues e D. Fernando Ramires. D. Geraldo foi escolhido por D. Diniz para acompanhar e aconselhar a sua filha D. Constança que ia ser Rainha de Castella. Foi então nomeado Bispo de Placença, mas, depois da morte de D. Constança em 1313, regressou a Portugal, sendo escolhido para pre-sidir á diocese de Evora. Encarregado pelo Papa João XXII de fulminar as censuras ecclesiasticas contra os inimigos do governo de D. Diniz, foi assassinado em Estremoz em 1321 pelos parti-darios do Infante D. Affonso, que se encontrava em lucta aberta contra El-Rei seu pae. D. Fer-nando Ramires, que se havia malquistado com D. Diniz, retirou-se primeiro para Avinhão, e,

also played an important part in these conten-tions; Dom Julião was another who became involved, and the questions debated in his dis-pute with Dom Affonso are interesting, as they are an illustration of the eternal struggle between conflicting interests in Oporto. Herculano (*op. cit.* vol. III, book VI) tells us that the insurrec-tions were started because Dom Julião dared to set his private power against the public strength, and they put the whole kingdom into a state of confusion, though it does not appear that the other prelates espoused Dom Julião's cause, since he was obliged to yield and pay the fine of 6500 *libras* imposed upon him by the Monarch.

"Such was the king's indignation, that he occupied the city, demanding the keys of the fortress and towers which commanded the town. The alcaide of the borough refused to give up the keys, but, finding it impossible to resist, he placed them on the high altar of the cathedral, telling Affonso III that he might go and seek them there, but that he would not break the oath he had made to his lord the bishop" (Herculano, *op. cit.* vol. III, p. 30).

This was indeed a splendid example of faith-fulness to an oath! Dom Julião died in 1260.

In the time of King Diniz, Dom Geraldo Domingues and Dom Fernando Ramires were among those who governed the bishopric. Dom Geraldo was chosen by Dom Diniz to accom-pany his daughter Dona Constança and to act as her adviser, when she became Queen of Castile. He was then appointed Bishop of Placença but, on the death of Dona Constança in 1313, he re-turned to Portugal and was made Bishop of Evora. Charged by Pope John XXII to ful-minate ecclesiastical censures against the enemies of Dom Diniz's government, he was assassinated in Estremoz in 1321 by the partisans of the In-fante Dom Affonso, who was in open revolt against the King his father. Dom Fernando Ramires incurred the displeasure of Dom Diniz,

mais tarde, foi nomeado Bispo de Jaem em Hespanha, passando depois para a Sé de Badajoz. Durante o seculo XIV, devemos ainda mencionar entre os Prelados portugalenses, D. Vasco Martins que, com o Arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira, nosso illustre antepassado (ver *Livros Antigos Portuguezes,* vol. I, pp. 584–585), derrotou os Castelhanos invasores que iam sobre o Porto: como o celebre metropolita, foi um Bispo guerreiro. Succedeu-lhe D. Pedro Affonso, sobrinho de D. Gonçalo Pereira que, segundo diz D. Rodrigo da Cunha (*ob. cit.* Parte II, cap. XIX), foi um Prelado muito erudito; como conego da Sé de Lisboa acompanhára a Castella a Infanta D. Maria, filha de D. Affonso IV, quando essa Princeza casou com Affonso XI; alli, não só prestou grandes serviços a D. Maria, mas á religião na lucta contra os Sarracenos; foi primeiro Bispo de Astorga, e como tal esteve na batalha do Salado em 1340; passou depois para a Sé do Porto, onde falleceu em 1357, succedendo-lhe D. Affonso Pires.

"Foi este um dos prelados que em 1361 assistiram á declaração, feita por D. Pedro I em Cantanhede, de que aínda em vida de seu pai recebera D. Inês de Castro por esposa na cidade de Bragança" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. II, p. 580).

D. Affonso Pires falleceu em 1372.

No reinado de D. Pedro I (1357–1367) deu-se o caso curioso—a que fazem referencia muitos auctores, a começar por Fernão Lopes—de D. Pedro *o Cru* ter, por suas proprias mãos, açoitado com um azorrague "huum bifpo do Porto" porque—como escreve o chronista na sua prosa forte, mas ingenua—"dormia com huma molher cafada" (*Chronica d'ElRey D. Pedro I,* cap. VII, em *Ineditos de Historia Portugueza,* t. IV). Quem seria o Prelado do Porto mencionado por Fernão Lopes, e de quem tantos auctores fallam, entre os quaes Duarte Nunes do

and was forced to withdraw to Avignon, being later nominated Bishop of Jaen in Spain, and afterwards moved to the see of Badajoz. Among the XIVth century Bishops of Oporto whom we must mention is Dom Vasco Martins who, with our famous ancestor Dom Gonçalo Pereira, Archbishop of Braga (see *Early Portuguese Books,* vol. I, pp. 584–585), routed the Castilian invaders who were advancing against Oporto: like the Archbishop of Braga, Dom Vasco Martins was a warrior priest. He was succeeded by Dom Pedro Affonso who, according to Dom Rodrigo da Cunha (*op. cit.* Part II, chap. XIX), was a nephew of Dom Gonçalo Pereira, and a man of vast learning; as a canon of the see of Lisbon, he accompanied the Infanta Dona Maria, daughter of Dom Affonso IV, to Castile when she was married to Alfonso XI; there he was of great service, not only to Dona Maria, but to the cause of religion in the struggle against the Saracens. First he was Bishop of Astorga, and in this capacity took part in the battle of Salado in 1340; thence he passed to the see of Oporto, where he died in 1357, being followed by Dom Affonso Pires, who died in 1372.

"The latter was one of the prelates who, in 1361, were present at Cantanhede when King Pedro I made the declaration that he had married Dona Ignez de Castro in the city of Bragança during his father's life-time" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. II, p. 580).

It was in the reign of Dom Pedro I (1357–1367) that a curious episode, referred to by many authors, beginning with Fernão Lopes, took place: the King with his own hands chastised "a bishop of Oporto" with a scourge, because, as the chronicler says in his ingenuously forceful prose, "he slept with a married woman" (*Chronica d'ElRey D. Pedro I,* cap. VII, in *Ineditos de Historia Portugueza,* vol. IV). One wonders who this Bishop of Oporto can have been, for many authors, including Duarte Nunes do Leão

Leão (*Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portvgal*, 1600, fl. 178), baseados sobre a auctoridade do grande chronista? Ignoramos, mas não podemos deixar de estranhar que Fernão Lopes não indique o anno em que esse escandaloso acontecimento teve logar, nem mencione o nome do Prelado com quem elle se passou, sobretudo quando relata o successo com todos os detalhes. D. Rodrigo da Cunha (*ob. cit.* Parte II) no fim do cap. XX indica ter fallecido D. Affonso Pires em 1362, e no cap. XXI diz que lhe succedeu *D. Egidio*, sem comtudo attribuir um absoluto valor á noticia que encontrou. Mas Fortunato de Almeida (*loc. cit.* nota 5) mostra que a data, 1362, deve estar errada, visto conhecerem-se numerosos documentos que mencionam D. Affonso Pires como Bispo até 20 de Maio de 1372, e que a Sé do Porto só apparece vaga em Dezembro do mesmo anno. Por consequencia, tendo D. Affonso Pires governado o bispado de 1358 a 1372, como immediato successor de D. Pedro Affonso que fallecera em 1357, não parece haver duvida que o tal *D. Egidio* não existiu, pelo menos durante o reinado de D. Pedro I, como alvitra D. Rodrigo da Cunha, conjeiturando se elle teria sido o Prelado castigado por D. Pedro. Com excepção de poucos mezes, se as datas não estão erradas, D. Affonso Pires foi o unico Bispo do Porto durante os dez annos que D. Pedro reinou, e não julgamos admissivel—em vista das mercês que El-Rei lhe concedeu, e de o ter escolhido para assistir em 1361 á declaração do seu casamento com D. Ignez de Castro—que elle tenha sido o Bispo do Porto a quem, segundo Fernão Lopes, o Monarcha tirou "todas ſuas veſtiduras," tendo "na maão huum grande açoute pera o brandir com elle." Alem d'estes motivos, D. Affonso Pires tinha tanta fama de santidade, que "o nome ordinario com que por aquellas terras nomeam ao Biſpo D. Affonſo, he o *Biſpo Santo*" (D. Rodrigo da Cunha, *ob. cit.* Parte II, cap. XX);

(*Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portvgal*, 1600, fl. 178), have written about him, all taking Fernão Lopes as their authority. We cannot help being surprised that Fernão Lopes does not mention the year in which this scandalous affair took place and the name of the prelate, especially as he tells the story in such detail. Dom Rodrigo da Cunha (*op. cit.* Part II) indicates at the end of chapter XX that Dom Affonso Pires died in 1362, and says in the next chapter that he was succeeded by *Dom Egidio*, though he does not consider his information on the subject to be absolutely reliable. But Fortunato de Almeida (*loc. cit.* note 5) shows that the date 1362 must be wrong, since there are numerous documents mentioning Dom Affonso Pires as Bishop up to May 20th, 1372, and proves that the see of Oporto was not vacant until December of that year. Therefore, if Dom Affonso Pires governed the bishopric from 1358 until 1372, as the immediate successor of Dom Pedro Affonso who died in 1357, it seems certain that *Dom Egidio* never existed, or at least that he was not Bishop of Oporto during Dom Pedro I's reign, as Dom Rodrigo da Cunha tries to show when he conjectures that *Dom Egidio* may have been the prelate punished by the King. If the accepted dates be correct, Dom Affonso Pires was, except for a few months, the only Bishop of Oporto during the ten years of Dom Pedro's reign, but—since the King bestowed special favours on him, and chose him to be present in 1361 when he divulged the fact of his marriage with Dona Ignez de Castro—we hardly think he can have been the Bishop of Oporto who, according to Fernão Lopes, had "all his vestments" taken off by the King, who held "in his hand a great scourge which he brandished over him." Apart from these reasons, Dom Affonso Pires was so famed for his holiness that "the usual name by which they call the Bishop Dom Affonso in those parts is *Biſpo Santo* (Holy Bishop)" (D. Rodrigo da Cunha, *op. cit.* Part II, chap. XX); so it is

não é, pois, plausivel que elle fôsse o Prelado, que "ſe partio dantelle (D. Pedro), com ſembrante triſte e torvado coraçom" (Fernão Lopes, *loc. cit.*); mas o chronista sustenta a verdade da sua narração, visto dizer: "Certo foi e nom ponhaaes duvida." Em vista do que escrevemos e das datas que indicámos, repetimos a nossa pergunta: quem era o Bispo "anonymo" do Porto?

D. João, successor de D. Affonso Pires, presidiu no Porto em 1387 á ceremonia do casamento de D. João I com D. Filippa de Lancastre.

No principio do seculo XV, D. João I assignou com o Bispo do Porto, D. Gil Alma, um tratado pelo qual pagaria uma renda de tres mil libras em troca do senhorio do Porto (ver Costa Lobo, *Historia da Sociedade em Portugal no seculo* XV, pp. 173 *e seg.*, e Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. II, pp. 13–14). N'esse seculo, mencionaremos ainda entre os Prelados da Sé do Porto, D. Antão Martins de Chaves, Embaixador d'El-Rei D. Duarte ao Concilio de Ferrara em 1435, que depois foi elevado ao Cardinalado por Eugenio IV. Um outro Bispo illustre, D. Diogo de Sousa (ver *Livros Antigos Portuguezes,* vol. I, pp. 572 e 588), publicou novas Constituições do bispado, que fôram impressas por sua ordem em 1497. Tanto D. João II como D. Manuel tiveram em grande conta os merecimentos de D. Diogo. Succederam-lhe dois irmãos, D. Diogo da Costa e D. Pedro da Costa, sobrinhos do famoso Cardeal D. Jorge da Costa: por fim, em 1536, D. Balthasar Limpo, "muy grãde prègador," como lhe chama Pedro Mariz (*Dialogos de Varia Historia*, 1597, fl. 362), foi nomeado Bispo do Porto.

D. Fr. Balthasar Limpo nasceu em 1478 na villa de Moura, professando em 1495 no convento de Carmelitas d'aquella localidade.

"Naõ mereceo menor applauſo o ſeu talento

scarcely possible that he can have been the prelate who "went from before him (Dom Pedro) with sorrowful mien and agitated heart" (Fernão Lopes, *loc. cit.*). But the chronicler maintains the truth of the episode, for he says, "This was certain and thou shalt not raise any doubts"; so we repeat our question: who was the anonymous Bishop of Oporto?

Dom João, who succeeded Dom Affonso Pires, presided at the marriage celebrated between King João I and Dona Philippa of Lancaster in Oporto in 1387.

At the beginning of the XVth century, King João I signed a treaty with Dom Gil Alma, Bishop of Oporto, by which he agreed to pay an annual rent of three thousand *libras* in exchange for the seigniory of Oporto. (See Costa Lobo, *Historia da Sociedade em Portugal no seculo* XV, pp. 173 *et seq.*, and Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. II, pp. 13–14.) Another Bishop of Oporto in this century was Dom Antão Martins de Chaves, King Duarte's ambassador at the Council of Ferrara in 1435, who was afterwards raised to the Cardinalate by Pope Eugenius IV. Dom Diogo de Sousa (see *Early Portuguese Books,* vol. I, pp. 572 and 588), who published the new Constitutions of the bishopric, printed by his order in 1497, was also an eminent prelate, and both King João II and King Manuel held him in high esteem. He was succeeded by two brothers, Dom Diogo da Costa and Dom Pedro da Costa, nephews of the famous Cardinal Dom Jorge da Costa; then, in 1536, Dom Balthasar Limpo, "a very great preacher," as Pedro Mariz calls him (*Dialogos de Varia Historia*, 1597, fl. 362), was nominated Bishop of Oporto.

Dom Frei Balthasar Limpo was born in 1478 in the town of Moura, and in 1495 he became a monk in the Carmelite monastery there.

"His talent in the pulpit was not less worthy

no Pulpito que na Cadeira, pois ſendo Prègador da Mageſtade delRey D. Joaõ o III. e Confeſſor da Rainha D. Catherina reprehendia na ſua prezença, e de toda a Corte com ſeveridade apoſtolica os vicios que para ſerem practicados buſcavaõ o Palacio por aſylo" (Barbosa, *loc. cit.*).

Depois de ter sido Provincial da sua Ordem, foi nomeado Bispo do Porto em 1536; estando eleito, as rendas da sua mesa episcopal fôram oneradas com a pensão annual de mil e quinhentos cruzados a favor do Infante D. Henrique, Arcebispo eleito de Braga (ver *Corpo Diplomatico Portuguez*, t. XI, pp. 395–399). Em 1540 reuniu synodo no qual fôram publicadas estas *Cõſtituições*, que mandou imprimir no anno seguinte. Mais tarde, partiu para Italia para assistir ao Concilio de Trento, onde representou um grande papel. Em 1550 foi nomeado Arcebispo de Braga, onde falleceu em 1588.

D. Fr. Balthasar Limpo é uma figura não só interessante mas illustre, que foi atacado por uns, defendido por outros, e cujo nome ficou especialmente conhecido por causa do Concilio de Trento e da Inquisição. Herculano não é justo com elle, o que não admira, visto a sua *Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal* soffrer de uma profunda parcialidade, e conter mesmo inexactidões, pois—referindo-se á Inquisição no Porto e a D. Balthasar Limpo—diz:

"A parte immoderada que o bispo tomava na decisão das causas despertou o ciume do inquisidor Rodrigues; mas este ciume, que n'outras circumstancias poderia aproveitar aos réus, tornava-se inutil pela situação relativa dos dous membros do tribunal. Jorge Rodrigues, velho e paralytico, posto que habil jurisconsulto, apenas oppunha frouxa resistencia ao fogoso carmelita, que, educado n'um convento, não tivera occasião de cursar os estudos canonicos. Assim, as sentenças em geral não representavam senão o voto incompetente do prelado" (*ob. cit.* 3ª ed., t. III, p. 166).

of praise than his talent in the chair, for, as preacher to the Majesty of King João III and confessor to Queen Catherina, in the presence of the King and of the whole court, he rebuked with apostolic severity the vices that were practised in the shelter of the Palace" (Barbosa, *loc. cit.*).

After having been the Provincial of his Order, he was nominated Bishop of Oporto in 1536; at the time of his election, his episcopal revenues were burdened with the annual pension of one thousand five hundred *cruzados* paid to the Infante Dom Henrique, Archbishop-elect of Braga (see the *Corpo Diplomatico Portuguez*, vol. XI, pp. 395–399). In 1540 he convoked the synod at which these *Cõſtituições*, which he commanded to be printed in the following year, were drawn up. Later he went to Italy to attend the Council of Trent, where he played an important part. In 1550 he was made Archbishop of Braga, where he died in 1588.

Dom Frei Balthasar Limpo is an interesting and outstanding figure, attacked by some, defended by others, and his name is particularly well known in connection with the Council of Trent and the Inquisition. Herculano treats him unjustly, which is not surprising, since his *Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal* suffers from a deep-rooted partiality, and even contains inaccuracies, for—referring to the Inquisition in Oporto and to Dom Balthasar Limpo—he says:

"The inordinate part taken by the Bishop in deciding suits aroused the jealousy of the inquisitor Rodrigues; but this jealousy which, in other circumstances, might have benefited the delinquents, was rendered useless by the relative situations of the two members of the tribunal. Jorge Rodrigues, who was old and paralytic, though an able jurisconsult, made but a feeble resistance to the fiery Carmelite, who, educated in a convent, had not had the opportunity to study canon law. So the sentences generally represented no more than the incompetent opinion of the prelate" (*op. cit.* 3rd ed., vol. III, p. 166).

Com todo o respeito pelo mestre, diremos apenas que, alem de outras condições, D. Balthasar estudou na Universidade de Salamanca, onde os seus estudos fôram notaveis, e, durante nove annos, foi professor da cadeira de Theologia na Universidade de Lisboa—logar que conquistou por opposição—tendo como substituto o celebre Doutor Pedro Margalho que lhe succedeu, após a sua renuncia, em 1530. Por consequencia, é provavel que o "fogoso carmelita" tivesse tido occasião "de cursar os estudos canonicos." Comtudo, se Herculano (*ob. cit.* p. 309) lhe acha "genio violento," tambem lhe encontra "caracter austero." O papel, tão interessante como importante, representado por D. Balthasar no Concilio de Trento está descripto por Fortunato de Almeida (*ob. cit.* t. III, parte II, p. 567 *e seg.*).

Paulo III, quando o recebeu em Roma, chamou-lhe *rara avis*. Da longa conversa que teve com o Papa, assim como de muitos outros assumptos, deu conta n'um extenso mas notabilissimo documento com data de 7 de Novembro de 1547, dirigido a D. João III (ver *Corpo Diplomatico Portuguez*, t. VI, pp. 193–209), que sentimos não poder reproduzir na integra. A leitura d'essa carta faz-nos comprehender melhor o caracter do Bispo do Porto. Deante do Pontifice fallou com grande coragem, dizendo a verdade. Fanatico? Não nos parece: julgamos, simplesmente, que do fundo da sua alma de crente, luctava pela grandeza e defesa da Egreja. D. Balthasar dizia a Paulo III:

"Sanctissimo Senhor nosso eu sou hum perlado que de mais lomjes terras veyo ao comcillyo e por vemtura que menos demtes tem e allguns perdy des que nelle estou....Beatissymo Senhor se jumto de Vossa Santidade me achara quoamdo comvocou o comcillyo nunqua lhe comselhara que chamara pera istirpar as heressyas e reformar a igreja jumtamemte porque os comcillios da reformação as vezes se fazem bem e outras mal e quoamdo a reformação não he perfeita desauto-

With all due respect to the master historian, we must say that, apart from his other qualifications, Dom Balthasar studied in the University of Salamanca, where he achieved notable success, and won the position of Professor of Theology at Lisbon University, which he held for nine years, having as his deputy the celebrated Doctor Pedro Margalho, who succeeded him when he gave up the position in 1530. Consequently the "fiery Carmelite" may have had some slight opportunity "to study canon law." However, though Herculano (*op. cit.* p. 309) considers him to be of a "violent disposition," he also finds him an "austere character." The important and interesting part played by Dom Balthasar in the Council of Trent is described by Fortunato de Almeida (*op. cit.* vol. III, part II, pp. 567 *et seq.*).

When Paul III received him in Rome he called him a *rara avis*. D. Balthasar gave an account of his long interview with the Pope, as well as of many other things, in a lengthy and very noteworthy letter he wrote to Dom João III on November 7th, 1547 (see *Corpo Diplomatico Portuguez*, vol. VI, pp. 193–209). Had space permitted, we should have liked to transcribe this document in its entirety, for it helps us to a clearer understanding of the Bishop's character. He spoke before the Pontiff with great courage, expressing his opinions with perfect candour. We do not consider that he was a fanatic, but simply that he fought with all his heart for the advancement of the Church in which he had such faith. He said to Paul III:

"Most Holy Lord, I am a prelate who has come from far-distant lands to the Council, and I have perhaps less teeth [than I once had] and I may have lost some since I have been here.... Blessed Lord, had I been near your Holiness when you convoked the council, I should never have advised you to summon it to root out heresies and reform the church at the same time, because councils of reform are sometimes good and sometimes bad, and when the reform is not

risa toda a doutryna que se faaz contra os hereges e por isso eu fora de parecer que pois Vossa Santidade tem o poder do comcillio e o seu que elle por sy reformara a igreja e que no comcillio se comdenaram as heresyas e se se ysto assy fezera o comcillio se acabara em muy poucos dias: e pois ja hera passado a conjumção daquelle tempo agora lhe dirya o que me parecia que se devya fazer."

Então disse ao Papa que,

"nam podia durar o estado eclessiastico nos termos em que estava sem remedeo dado pollos homens ou por Deus e que Sam Paulo dizya que mylhor era cair nas mãos dos homens que nas de Deus no rigor dos castigos,"

que

"a reformação avya de se começar por Roma que era a fomte e caussa das desordens de toda a christandade...e se Sua Santidade quysese saber as coussas que se devyão reformar assy em Roma como im partibus eu lh as darya, e que mamdase dous cardeaes estar comygo: e se elle ysto não fezese eu protestava pera o dia de juizo em que mynha alma se apartase das carnes de dizer a Deus ysto que lhe agora aquy apresentara e pedyr a Deus que lhe tomase rigurossa conta de não dar o remedeo necessareo a christandade pois estava em suas mãos: e que lhe lembrava que hos gramdes pecados não se perdoavão amte Deus senão por gramdes vertudes...e que não cuydase que compria com Deus da maneira que o fazya por que elle não dera poder ao comcillyo pera reformar as desordens de Roma."

Chegámos ao fim das nossas notas sobre a obra mais antiga que possuimos estampada na "Cidade da Virgem." O nome do Porto, as origens da sua fundação e a historia da sua diocese fizeram-nos percorrer muitos seculos, descrevendo lendas, narrando factos veridicos e mostrando personagens illustres do nosso Paiz e da nossa Egreja. Este livro é para nós uma dupla reliquia do passado. O Bispo que publicou

perfect it lessens the power of all the doctrine that is directed against the heretics, and for this reason I should have thought that, since Your Holiness has the power of the council as well as your own, you would yourself reform the church and let the heresies be condemned in the council, and if this were done, the council would be ended in a very few days; but since the opportunity of that time has already passed I will now tell you what it seems to me ought to be done."

Then he told the Pope that

"the ecclesiastical state could not have gone on under the conditions that had obtained, unless man or God devised some remedy, and that St Paul said it was better to fall into the hands of men than of God in the rigour of punishment,"

that

"the reform must begin at Rome which was the fountain and cause of the disorders of the whole of Christianity....If His Holiness wished to know what things ought to be reformed both in Rome and *in partibus* I would tell him, and ask him to command two cardinals to be with me: and if he would not do this I should make a solemn promise that on the day of judgment when my soul leaves the flesh, I should tell unto God that which I have now explained and should ask God that He would take strictly into account the fact that the Pope had not given the necessary remedy to Christianity when it lay under his hand: and I would remind him that great sins are not pardoned by God unless they are counterbalanced by great virtues...and that he should not presume that he was fulfilling his duty towards God by acting as he was doing, for he had not given power to the council to reform the disorders in Rome."

We have now come to the end of our notes on the earliest work printed in the "*Cidade da Virgem*" which we possess. In our account of the legends and facts connected with the name of Oporto, the founding of the city and the history of the diocese, we have traversed many centuries and encountered many famous personalities of our country and our church. For us this book is a double relic of the past. The Bishop who

¶ Prologo.

Dom Balthasar limpo bispo do Porto do conselho del Rey confessor da Raynha nossos senhores. fazemos saber ao Dayam. Dignidades. Conegos ⁊ Cabido desta nossa egreja cathedral do Porto. E aos dõ Abbades. Dom priores. Comẽdatarios: Abbades. Rectores. Vigairos. Capelães perpetuos. Beneficiados. Curas: ⁊ toda outra clerezia. E bem assi aos Comendadores ⁊ religiosos ⁊ religiosas: de qualquer estado ⁊ condiçam que sejam da dicta cidade ⁊ Bispado. Que desejando nos cõprir quanto for possiuel a obrigaçam em que estamos por razam do postoral officio que nos he dado: ⁊ apascentar as almas a nos encomẽdadas do verdadeiro pasto ⁊ manjar spiritual: de doutrina com que se edificam sanctos custumes ⁊ obras virtuosas: ⁊ ordenar que ho culto diuino na egreja seja augmentado: ⁊ as pessoas ecclesiasticas dem de si tal exempro de vida que nam menos com elle que com a doutrina façam fructo. E os seculares viuam virtuosamente: ⁊ as culpas ⁊ excessos com conueniente castigo sejam emendadas: ⁊ a todos seja administrada justiça. E finalmente com ho desejo do bem vniuersal da egreja catholica: ⁊ a necessidade que a hi auia de algũas cousas em nosso Bispado serem reformadas. Jmmitando os Apostolos em cujo lugar nos os Bispos socedemos que fezerã cõcilios com sam Pedro como se lee nos actos deles. Determinamos conuocar a synodo: seguindo tã bẽ ho dereito que nos obriga ao celebrar pa tractar das cousas necessarias a saluaçam das almas ⁊ reformaçam de vidas ⁊ costumes: ⁊ dar leys: statutos ⁊ regras em q̃ viuã. O qual celebramos na dicta nossa egreja do Porto: aos dous dias do mes de Outubro do anno do nascimento de nosso senhor Jesu christo de mil ⁊ quinhentos ⁊ quarenta annos. E tẽdo vistas per nos ⁊ letrados juristas as constituições antigas deste bispado ⁊ outras de Arcebispados ⁊ bispados deste

12 Uma pagina das *Cõstituições sinodaes do bispado do Porto*
A page of the *Cõstituições sinodaes do bispado do Porto*
Porto, 1541

13 Gravuras das *Cõstituições sinodaes do bispado do Porto.* Woodcuts from the *Cõstituições sinodaes do bispado do Porto*
Porto, 1541

fo. cv.

¶ Seguese a ordẽ ⁊ modo em que os Clerigos Sacerdotes deſte biſpado hã de celebrar as miſſas ⁊ de como os fregueſes as hã de ouuir. Cõforme ao cerimonial Romão.

14 Uma pagina das *Cõſtituições ſinodaes do biſpado do Porto*
A page of the *Cõſtituições ſinodaes do biſpado do Porto*
Porto, 1541

Episcopus: Lateranensis.

Pontifex: Maximus.

Seruus: Seruoꝝ dei.

Seguese a Bulla da Cea do Senhor q̃ se mãdou publicar pollo Papa Clemẽte Septimo.

15 Uma pagina das *Cõstituições sinodaes do bispado do Porto*
A page of the *Cõstituições sinodaes do bispado do Porto*
Porto, 1541

16 Marca do impressor Tanco de Frejenal nas *Cõſtituições ſinodaes do biſpado do Porto*
Device of the printer Tanco de Frejenal in the *Cõſtituições ſinodaes do biſpado do Porto*
Porto, 1541

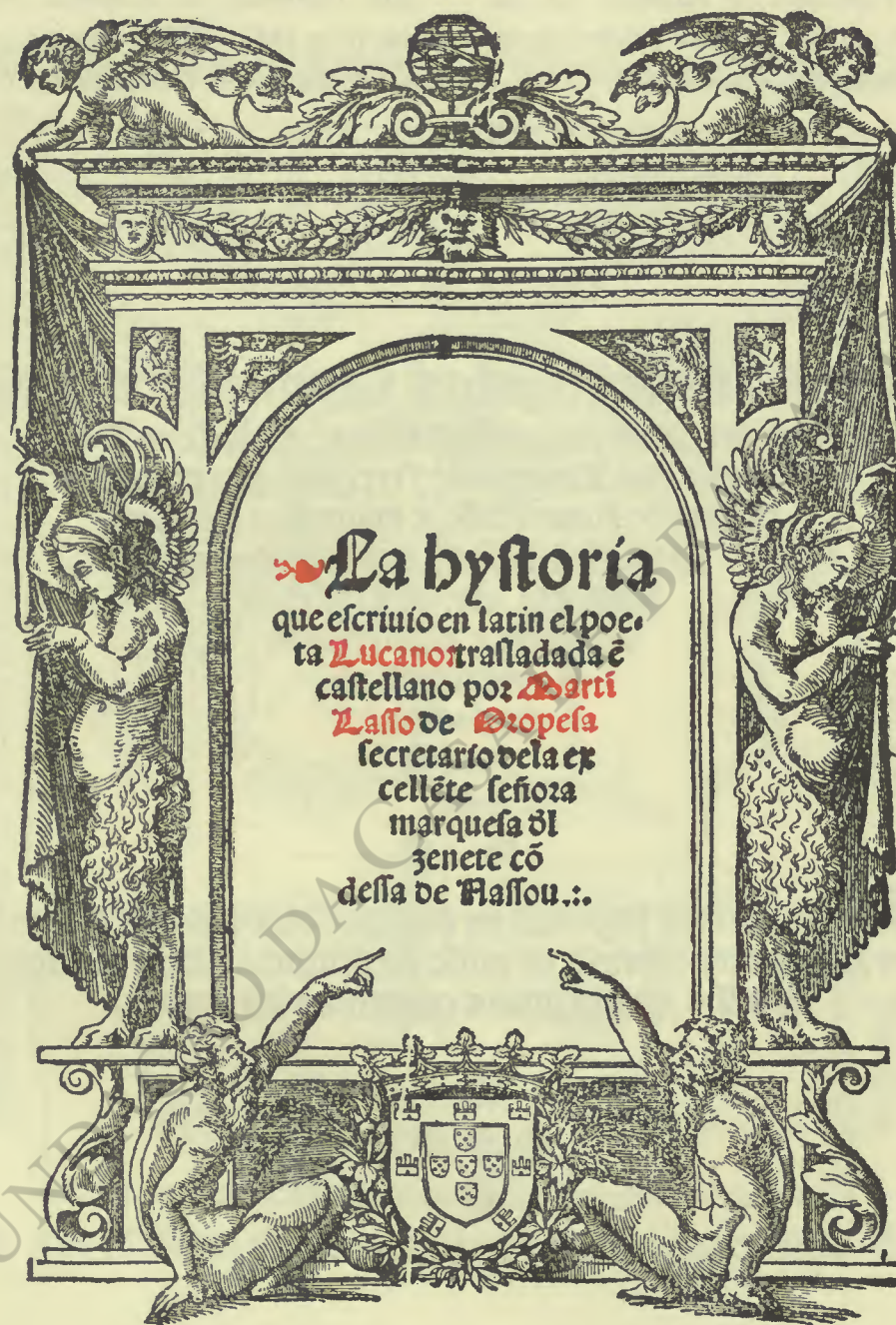
em 1541 as *Cõstituições* do Porto foi certamente Alguem n'esse passado, e a leitura do documento, do qual transcrevemos trechos, faz-nos exclamar com Fortunato de Almeida (*ob. cit.* t. III, parte II, p. 588): "Grande e nobre figura a de D. Fr. Balthasar Limpo!"

had these *Cõstituições* printed in 1541 was certainly of importance in that past, and the document from which we have quoted makes us exclaim with Fortunato de Almeida (*op. cit.* vol. III, part II, p. 588): "What a grand and noble figure was that of Dom Frei Balthasar Limpo!"

¶ Estas Constituyções & Cerimonial da missa cõ os mais tractados forã impressas na Cidade do Porto por Vasco diaz Tanquo de Frexenal: por mandado do muyto Reuerendo & magnifico senhor Dom Balthasar Limpo Bispo da dicta Cidade: do Conselho del Rey: & Confessor da Reynha nossos senhores.

¶ E acabarõ se de imprimir no primeiro dia do mes de março do Año do nascimento de nosso Redemptor Jhesu Christo de mil & quinhentos & quorenta & hũ Annos.

17 Colophon das *Cõstituições sinodaes do bispado do Porto*
Colophon of the *Cõstituições sinodaes do bispado do Porto*
Porto, 1541

La hyſtoria
que eſcriuio en latin el poe-
ta Lucano traſladada ẽ
caſtellano poꝛ Marti
Laſſo de Oropeſa
ſecretario dela ex
cellẽte ſeñoꝛa
marqueſa dl
zenete cõ
deſſa de Naſſou.:.

18 Folha do rosto de *La hyſtoria que eſcriuio Lucano*
Title-page of *La hyſtoria que eſcriuio Lucano*
Lisboa, 1541

46 MARTIN LASO DE OROPESA, LA HYSTORIA QUE ESCRIUIO EN LATIN EL POETA LUCANO.

Lisboa, Luiz Rodrigues, 1541.

La hyſtoria | que eſcriuio en latin el poe- | ta Lucano traſladada ẽ | caſtellano por Martĩ | Laſſo de Oropeſa | ſecretario dela ex | cellẽte ſeñora | marqueſa ꝺl | zenete cõ | deſſa de Naſſou.

Titulo a negro e vermelho enquadrado por uma portada ornada de figuras, que tem na parte superior, ao meio, a Esphera armillar, e na inferior as Armas Reaes[1].

[fl. 2] Al muy magnifico ſeñor | don Pedro de Gueuara ſeñor de Iuan vela co | mẽdador de Valencia de vẽtoſo y de Be- | namexi camarero de ſu Mageſtad. [...]

[fl. 4 vo.] La vida de Marco anneo | Lucano ſacada en ſuma delos mas autenticos autores. [...]

[fl. 6] Las cauſas generales por | dõde ſe mouio eſta guerra tan grande que eſcriue Lucano. [...]

[fl. 10 vo.] Argumento del libro pri- | mero de Lucano. | [...] | Libro primero [...]

fl. cliiij vo. [...] Fin del libro decimo de | Lucano. | Laus deo. | Aqui ſe acaban los diez li | bros delas guerras ciuiles que compuſo en verſo he- | royco el famoſo poeta Lucano traduzidos en ro | mance caſtellano por Martin Laſo dorope | ſa ſecretario dela ſeñora Marqueſa del | zenete. Imprimierõſe enla inſigne | ciudad ꝺ Liſbona a. xx. ꝺ mayo | ꝺ mil ꝛ q̃niẽtos y quarẽta | y vn años: por Luys | Rodriguez libre | ro del Rey | noſſo ſe | ñor.

4°—[10], cliiij folhas—34 linhas—caractéres gothicos—notas marginaes em caractéres romanos—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: a–t, 8 folhas cada caderno; v, 12 folhas; total de 164 folhas.

Encadernação de carneira.

4to.—[10], cliiij leaves—34 lines—Gothic letter—marginal notes in small Roman type—no catchwords.

Collation by signatures: a–t, each 8 leaves; v, 12 leaves; total 164 leaves.

Sheepskin binding.

Esta edição de *La hyſtoria que eſcriuio en latin el poeta Lucano traſladada ẽ caſtellano por Martĩ Laſſo de Oropeſa* foi impressa em Lisboa a 20 de Março de 1541 por Luiz Rodrigues, "librero del Rey noſſo ſeñor." É um livro raro, ao qual se referem:

This edition of *La hyſtoria que eſcriuio en latin el poeta Lucano traſladada ẽ caſtellano por Martĩ Laſſo de Oropeſa* was printed in Lisbon on March 20th, 1541, by Luiz Rodrigues, "librero del Rey noſſo ſeñor." It is a rare book and is mentioned by:

[1] *Title in red and black, within a border adorned with figures and having the armillary Sphere in the centre at the top and the Royal Arms of Portugal at the bottom.*

Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 245, e *A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 348), Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 1021), Salvá (*Catálogo de la Biblioteca de Salvá*, nº 750), e Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, t. IV, p. 288). Segundo Anselmo e Proença (*loc. cit.*) existem tres exemplares d'esta obra na Bibliotheca Nacional de Lisboa, um na Bibliotheca da Academia das Sciencias de Lisboa, e J. Ferreira das Neves possuia outro.

Como *La hyſtoria de Lucano* é o primeiro livro escripto em Hespanhol que reproduzimos no segundo volume da nossa obra, entendemos necessario declarar novamente que as nossas notas sobre livros impressos em Portugal, mas escriptos n'uma lingua estrangeira, por auctores que não são Portuguezes, serão unicamente bibliographicas, e que nos occuparemos simplesmente da "nobre arte impreſſoria" d'essas obras, ou da importancia da edição publicada no nosso paiz. Abriremos apenas excepções no caso dos livros, ou os seus auctores, terem um interesse especial para Portugal.

Existem diversas edições de *La hyſtoria de Lucano*, não se sabendo ao certo qual é a primeira. Sousa Viterbo (*A Litteratura hespanhola em Portugal, loc. cit.*) diz-nos que ha uma edição de Burgos de 1538. Comtudo, nem Salvá nem Palau a mencionam. Referem-se, sim, a uma edição de Burgos, mas impressa em 1578. Por consequencia, é provavel que Viterbo se tenha enganado, ou que a data, 1538, represente um erro de impressão. Salvá (*loc. cit.*) escreve que a edição de Lisboa é provavelmente a primeira, mas Palau (*loc. cit.*), sem nos explicar os motivos, diz que a primeira edição Castelhana "sin lugar ni año...se supone impresa en Flandes hacia 1530," e que a edição de Lisboa é a segunda. Se a edição de Lisboa foi a primeira publicada, o que é possivel, o seu valor bibliographico augmenta pelo facto de ser uma *editio princeps*.

Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 245, and *A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 348), Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 1021), Salvá (*Catálogo de la Biblioteca de Salvá*, no. 750), and Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. IV, p. 288). According to Anselmo and Proença (*loc. cit.*), there are three copies in the Lisbon National Library, one in the Library of the Academy of Sciences of Lisbon, and there was one in the possession of J. Ferreira das Neves.

As *La hyſtoria de Lucano* is the first book written in Spanish to be described in this volume of our work, we consider it necessary to say once again that our notes on books printed in Portugal, but written in a foreign language, by authors who are not Portuguese, will be purely bibliographical, for in them we shall concentrate on the typography and the importance of the edition published in our country. We shall make exceptions only if the books or their authors have a special Portuguese interest.

There are several editions of *La hyſtoria de Lucano*, and it is not known for certain which was the first. Sousa Viterbo (*A Litteratura hespanhola em Portugal, loc. cit.*) tells us that there is an edition printed in Burgos in 1538; but, as the only Burgos edition mentioned by Salvá and Palau was published in 1578, there appears to be some mistake —perhaps due to a printer's error—in the date cited by Viterbo. Salvá (*loc. cit.*) states that the Lisbon edition is probably the first; but Palau (*loc. cit.*), without explaining his reasons, says that the first Spanish edition "sin lugar ni año...se supone impresa en Flandes hacia 1530," and that the Lisbon edition is the second. If, as is quite possible, the Lisbon one should be the first edition, its bibliographical interest would thereby be increased.

Comtudo, na sua dedicatoria a "don Pedro de Gueuara," o traductor refere-se por diversas vezes ao "imprimidor" da sua obra, queixando-se de desleixos. A quem são dirigidas essas recriminações? Ao impressor desconhecido de Flandres, a um impressor de Burgos, ou a Luiz Rodrigues? Parece-nos que as palavras de Oropesa fôram escriptas para um "imprimidor" estrangeiro, pois diz:

"Enla ortographia y manera de eſcreuir: aunq̃ el ĩpſſor no lo guardo ſieṗ / auia yo dexado los vocablos latinos todos eſcriptos cõ las meſmas letras q̃ ẽ latĩ ſe eſcriuen....Enlos nombres proprios de tierras y lugares y perſonas: aunq̃ fue tãbien vario el impſſor: auia yo guardado la meſma regla.... Tãbien fue el impreſſor deſcuydado: que faltan en algunas partes letras / y ſobran otras / y eſtan vnas por otras. q̃ es coſa q̃ haze deſabrimiento al lector...."

Tratar-se-ha do livreiro de D. João III? É possivel, mas, como já dissemos em outros casos duvidosos, apresentamos apenas as hypotheses, e quem souber ou poder que resolva.

However, in the dedicatory epistle to "don Pedro de Gueuara," the translator refers several times to the printer of his work, and complains about his carelessness. One wonders whether these recriminations were addressed to the unknown printer of Flanders, to a Burgos printer, or to Luiz Rodrigues. Oropesa's words seem to be addressed to a printer who was not of his own nationality, for he says:

"Enla ortographia y manera de eſcreuir: aunq̃ el ĩpſſor no lo guardo ſieṗ / auia yo dexado los vocablos latinos todos eſcriptos cõ las meſmas letras q̃ ẽ latĩ ſe eſcriuen....Enlos nombres proprios de tierras y lugares y perſonas: aunq̃ fue tãbien vario el impſſor: auia yo guardado la meſma regla.... Tãbien fue el impreſſor deſcuydado: que faltan en algunas partes letras / y ſobran otras / y eſtan vnas por otras. q̃ es coſa q̃ haze deſabrimiento al lector...."

All this may possibly refer to Dom João III's bookseller, but, as we have said in other doubtful cases, we merely set down the hypotheses, and leave the solution of the problem to whomsoever is able to find it.

¶ Aqui ſe acaban los diez li
bꝛos delas guerras ciuiles que compuſo en verſo he-
royco el famoſo poeta Lucano traduzidos en ro
mance caſtellano poꝛ Martin Laſo doꝛope
ſa ſecretario dela ſeñoꝛa Marqueſa del
zenete. Impꝛimierõſe enla inſigne
ciudad d̃ Liſbona a.xx.d̃ mayo
d̃ mil ꝛ q̃nietos y quarẽta
y vn años: poꝛ Luys
Rodriguez libꝛe
ro del Rey
noſſo ſe
ñoꝛ.

19 Colophon de *La hyſtoria que eſcriuio Lucano*
Colophon of *La hyſtoria que eſcriuio Lucano*
Lisboa, 1541

Libro llamado Fiameta
porque trata delos amores de vna notable
dueña napolitana llamada Fiameta el
qual compuso el famoso Juan voca
cio poeta florentino: va compue
sto por sotil y elegante estilo.
Da a entender muy parti
cularizadamente los
efectos que haze
el amor en los
animos
ocupados de pasiones enamora
das. Lo qual es de gran p
uecho por el auiso q̃
en ello se da en
tal ca-
so.

1541

20 Folha do rosto do *Libro llamado Fiameta* de Boccaccio
Title-page of the *Libro llamado Fiameta* of Boccaccio
Lisboa, 1541

47 [BOCCACCIO], LIBRO LLAMADO FIAMETA.
Lisboa, Luiz Rodrigues, 1541.

Libro llamado Fiameta | porque trata delos amores de vna notable | dueña napolitana llamada Fiameta el | qual compuſo el famoſo Iuan voca | cio poeta florentino: va compue | ſto por ſotil y elegante eſtilo. | Da a entender muy parti | cularizadamente los | efectos que haze | el amor en los | animos | ocupados de paſiones enamora | das. Lo qual es de gran ꝓ | uecho por el auiſo q̃ | enello ſe da en | tal ca- | ſo. | 1541.
Titulo a negro e vermelho, enquadrado por tarjas[1].

[fl. 1 vo.] AQui comiença el libro intitulado Fiameta [...] El qual | libro es partido en nueue capitulos o mas verda | deramente nueue partes deſta manera. [...]

[fl. 2 vo.]
Prologo[2].

[fl. 3] [...] Capitu primero [...]

[fl. 87 vo.] [...] Deo gratias. | Fenece el libro de Fiameta cõpueſto por el famoſo | poeta Iuã bocacio / fue impreſſo enla muy no | ble y leal ciudad de Lixboa por Luys | Rodriguez librero ꝺl Rey nr̃o | ſeñor. Acaboſe a xij. dias | ꝺ Deziẽbre. Año | ꝺ M. d. xl. | y vno.

[fl. 88]
Marca de Luiz Rodrigues[3].

4º—[88] folhas—34 linhas—caractéres gothicos —sem titulos correntes nem reclamos.
Numeração dos cadernos: a–l, 8 folhas cada caderno; total de 88 folhas; as folhas a e a2 não teem assignaturas; a folha a3 tem assignatura errada biij.

Encadernação de marroquim.

4to.—[88] leaves—34 lines—Gothic letter—no headlines nor catchwords.
Collation by signatures: a–l, each 8 leaves; total 88 leaves; leaves a and a2 have no signature marks; a3 is wrongly marked biij.

Morocco binding.

O *Libro llamado Fiameta*, impresso em Lisboa por Luiz Rodrigues, é uma obra muito rara, da qual Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 1026) mencionam apenas dois exemplares: o da Bibliotheca Nacional de Lisboa e o da Bibliotheca de Evora. Referem-se tambem a esta edição: Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI,

The *Libro llamado Fiameta*, printed in Lisbon by Luiz Rodrigues, is a very rare work, of which Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 1026) mention only two copies: one in the Lisbon National Library and the other in the Evora Library. Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 246, and *A*

1 *Title in red and black within a border of woodcuts.*
2 *Prologue.*
3 *Luiz Rodrigues' mark.*

p. 246, e *A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 216), Salvá (*Catálogo de la Biblioteca de Salvá*, nº 1536), e Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, t. I, p. 240).

A traducção da *Fiameta* de Boccaccio em Hespanhol sahida dos prelos de Luiz Rodrigues é a terceira edição, tendo sido a primeira estampada em Salamanca em 1497 sem nome de impressor, e a segunda em Sevilha por Jacob Cronberger em 1523. Tanto Salvá como Palau dizem que a grande raridade d'estas tres edições é devida ao facto de terem sido supprimidas pela Inquisição. As novellas de Boccaccio fôram prohibidas em Portugal em 1551. No *Rol dos liuros defesos por o Cardeal Iffante Inquisidor geral nestes Reynos de Portugal*—o primeiro de que ha noticia impresso em Portugal—estampado em Lisboa por Germão Galharde em 1551, e cujo unico exemplar conhecido se encontra na Bibliotheca de Evora (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 640), lê-se, na relação dos livros prohibidos em linguagem, "nº 10 As nouellas de Joan bocatio" (Innocencio, *Diccionario*, continuado e ampliado por Brito Aranha, t. X, 3º do *Supplemento*, pp. 387–388). Ácerca das *Nouellas* de Boccaccio em linguagem, escreve Brito Aranha (*loc. cit.*):

"Se a fulminação não respeita a alguma edição em castelhano, quer dizer que, no meiado do seculo XVI, tinhamos aqui uma versão d'essa celebrada obra."

Não se conhece, alem do *Libro llamado Fiameta*, sahido dos prelos de Luiz Rodrigues em 1541, obra alguma de Boccaccio, seja em linguagem, seja em Hespanhol, impressa em Portugal no seculo XVI. É possivel que tenha existido, pertencendo hoje ao numero dos livros desapparecidos, e que a sentença do *Rol dos liuros defesos* de 1551 fôsse lançada contra uma edição Portugueza, pois Sousa Viterbo (*A Litteratura hespanhola em Portugal, loc. cit.*) diz-nos que existiu

Litteratura hespanhola em Portugal, p. 216), Salvá (*Catálogo de la Biblioteca de Salvá*, no. 1536), and Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. I, p. 240) also refer to this edition.

The Spanish translation of Boccaccio's *Fiameta* was printed for the first time in Salamanca in 1497 without the printer's name, and for the second time in Seville by Jacob Cronberger in 1523, so the edition published by Luiz Rodrigues in 1541 is the third. Both Salvá and Palau say that the great rarity of these three editions is due to the fact that they were suppressed by the Inquisition. According to Brito Aranha (Innocencio, *Diccionario*, continued and augmented by Brito Aranha, vol. X, 3rd of the *Supplement*, pp. 387–388), "As nouellas de Joan bocatio" are tenth on the list of prohibited books in the vernacular, in the *Rol dos liuros defesos por o Cardeal Iffante Inquisidor geral nestes Reynos de Portugal*, printed by Germão Galharde in 1551, which is the earliest *Rol* of censored books published in Portugal that has so far been discovered, the only known copy being in the Evora Library (see Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 640). Brito Aranha (*loc. cit.*) says, with reference to the Portuguese translation of Boccaccio's *Nouellas*:

"If the anathema is not directed against some edition in Spanish, it means that we must have had a Portuguese version of this famous work here in the middle of the XVIth century."

Except for the *Libro llamado Fiameta* printed by Luiz Rodrigues in 1541, there is no record to show that any of Boccaccio's works, in either a Portuguese or a Spanish translation, were printed in Portugal in the XVIth century. It is, however, possible that some such works may have existed, though all trace of them has now been lost, and that the sentence in the *Rol dos liuros defesos* of 1551 had reference to a Portuguese edition of the *Nouellas*; for Sousa Viterbo (*A Litteratura hespanhola em Portugal, loc. cit.*) says that there existed

"uma antiga traducção portugueza de Boccacio. Possuia-a na sua bibliotheca o condestavel de Portugal D. Pedro, rei de Aragão. Eis como se acha descripta no seu inventario, sob o nº 92: 'Item un altre *libre* a forma de full script en pergami e en vulgar castella o portugues, appellat *Ioan bocaci.*'"

Essa traducção terá sido impressa? Ignoramos, mas não nos parece provavel. Por outro lado é possivel que a fulminação do *Rol* de 1551 diga respeito ás edições Hespanholas das *Nouellas*—cuja primeira foi impressa em Sevilha em 1496 (ver Palau, *ob. cit.* p. 239)—sendo verosimil que sob esse titulo de *Nouellas* fôsse incluido o *Libro llamado Fiameta*, visto ter sido impresso em Lisboa. No *Index Librorum Prohibitorum*, impresso em Lisboa por Francisco Correa em 1564, no *Rol dos Livros qve neste Reyno se prohibem*, estampado tambem em 1564, pelo mesmo impressor, e no *Index*, impresso em Lisboa por Pedro Craesbeeck em 1597, não encontramos o *Libro llamado Fiameta*: comtudo, tanto no *Index* de 1564 como no de 1597 lemos na lista dos livros prohibidos: "Boccacij Decades, ſiue nouellæ centum, quamdiu expurgatæ non prodierint."

É admissivel a *Fiameta* não ter sido especificada, talvez por o seu texto se encontrar sob a alçada de uma das *Regras*—possivelmente a septima—do *Index*.

O exemplar que possuimos, n'um admiravel estado de conservação, da tão rara edição da traducção Hespanhola de Boccaccio, impressa em Lisboa, encontra-se completo, e mostra claramente o cuidado com que o livreiro de D. João III procedeu á impressão da obra do famoso Florentino.

"an ancient Portuguese translation of Boccaccio. The Constable of Portugal, Dom Pedro, King of Aragon, had it in his library. This is how it is described in his inventory, under no. 92: 'Item un altre *libre* a forma de full script en pergami e en vulgar castella o portugues, appellat *Ioan bocaci.*'"

We do not know whether this translation was printed, though it does not seem to us probable. On the other hand, the anathema in the *Rol* of 1551 may have been against the Spanish editions of the *Nouellas*—the first of which was printed in Seville in 1496 (see Palau, *op. cit.* p. 239)—and it is very likely that, since it had been printed in Lisbon, the *Libro llamado Fiameta* was included under the title *Nouellas*. We find no mention of the *Libro llamado Fiameta* in either the *Index Librorum Prohibitorum* printed in Lisbon by Francisco Correa in 1564, the *Rol dos Livros qve neste Reyno se prohibem*, also published in 1564 by the same printer, or the *Index* printed in Lisbon by Pedro Craesbeeck in 1597; however, the following entry occurs in the *Indices* of 1564 and 1597: "Boccacij Decades, ſiue nouellæ centum, quamdiu expurgatæ non prodierint."

Perhaps the *Fiameta* may not have been specified because it came under one of the *Regras* (rules) of the *Index*—possibly the seventh.

Our copy of the rare Lisbon edition of the Spanish translation of Boccaccio is complete and in a perfect condition, and shows clearly how carefully Dom João III's bookseller printed the work of the famous Florentine.

Deo gratias.

Fenece el libro de Fiameta cõpuesto por el famoso
poeta Juã bocacio/fue impresso en la muy no
ble y leal ciudad de Lixboa por Luys
Rodriguez librero dl Rey nro
señor. Acabose a xij. dias
d Deziẽbre. Año
d M.d.xl.
y vno.

21 Colophon do *Libro llamado Fiameta* de Boccaccio. Colophon of the *Libro llamado Fiameta* of Boccaccio
Lisboa, 1541

PETRI NONII
Salaciẽsis, de Crepusculis liber
unus, nũc recẽs & natus et editus.
ITEM Allacen Arabis
uetustissimi, de causis Crepuscu
lorum Liber unus, à Gerardo
Cremonensi iam olim Latinita
te donatus, nunc uero omniũ pri
mum in lucem editus.

22 Folha do rosto do *De Crepusculis* de Pedro Nunes
Title-page of the *De Crepusculis* of Pedro Nunes
Lisboa, 1542

48 PEDRO NUNES, DE CREPUSCULIS.
Lisboa, Luiz Rodrigues, 1542.

PETRI NONII | Salaciẽſis, de Crepuſculis liber | unus, nũc recẽs & natus et editus. | ITEM Allacen Arabis | uetuſtiſſimi, de cauſis Crepuſcu | lorum Liber unus, à Gerardo | Cremonenſi iam olim Latinita | te donatus, nunc uero omniũ pri | mum in lucem editus.

Titulo enquadrado por uma portada egual á da Hyſtoria de Lucano[1].

[fl. 1 vo.] *AD PERQVAM SVBLIMEM | Et potentiſſimũ Luſitaniȩ Regem Ioannẽ. III.* [...] *in opus de Crepuſculo Petri Nonij, Geographi, | præfatio.* [...]

[fl. 3] *Antonij Pinarij in laudem operis carmen.* [...]

[fl. 3 vo.] *PRIMA PARS LIBRI DE | Crepuſculis Petri Nonij Salacienſis incipit.* [...]

[fl. 64] [...] *FINIS.*

[fl. 64 vo.] *ALlacen Arabis uetuſtiſſimi liber de crepuſculis | Gerardo Cremonenſi interprete.* [...]

[fl. 72 vo.]

Fim da obra[2].

[fl. 73] Errata ſic corrigito. [...] | *Ludouicus Rodericus excudebat Olyſſipone, | Anno M.D.xlii. menſe Ianuario.*

[fl. 73 vo.]

Marca do impressor[3].

4º—[73] folhas—27 linhas—caractéres italicos, excepto as lemmas na primeira parte, e as erratas —com figuras geometricas—sem titulos correntes, nem reclamos.

Numeração dos cadernos: a–r, 4 folhas cada caderno; s, 5 folhas; total de 73 folhas; a folha s 2 não tem assignatura.

Encadernação de marroquim.

4to.—[73] leaves—27 lines—italics, except for the lemmas in the first part, and the errata—with geometrical figures—no headlines, nor catchwords.

Collation by signatures: a–r, each 4 leaves; s, 5 leaves; total 73 leaves; leaf s 2 has no signature mark.

Morocco binding.

O *De Crepuſculis* do Dr Pedro Nunes foi impresso em Lisboa por Luiz Rodrigues em 1542. Referem-se, entre outros, a esta obra rara: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. III, p. 606), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo XVI*, p. 101), Innocencio (*Diccionario*, vol. VI, p. 440, e vol. XVII, 10º do

Pedro Nunes' *De Crepuſculis* was printed in Lisbon by Luiz Rodrigues in 1542. Among those who refer to this rare work are: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. III, p. 606), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo XVI*, p. 101), Innocencio (*Diccionario*, vol. VI, p. 440, and vol. XVII, 10th

1 *Title within a woodcut border like the one in the* Hyſtoria de Lucano.
2 *End of the work.*
3 *Printer's mark.*

Supplemento, p. 224), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 249), Luciano Pereira da Silva (*As obras de Pedro Nunes—sua cronologia bibliográfica*, p. 7), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 1030), que nos indicam a existencia de um exemplar d'esta edição do *De Crepuſculis* em cada uma das seguintes Bibliothecas: Lisboa, Ajuda, Evora e Mafra. A essa lista temos a junctar mais dois exemplares: o do Museu Britannico, e o nosso, que se encontra completo e perfeitamente conservado.

Nas notas que escrevemos sobre o *Tratado da Sphera* (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 544–565) fizemos largas referencias a Pedro Nunes, que "nas artes liberaes," foi "hum dos doctos homẽs de ſeu tempo" (Damião de Goes, *Chronica DelRei dom Emanuel*, 1566, Parte I, cap. ci). N'essas referencias, baseadas em auctores erradamente informados, "padecemos equivocação" quando dissemos (p. 546) que Pedro Nunes casára com Izabel Tavares. O Cosmographo Mór casou em Salamanca, em 1523, com D. Guiomar Areas, filha de Pedro Fernandes Areas, Castelhano (ver Antonio Baião, *O matemático Pedro Nunes e sua família*, pp. 4 e 11). Feita esta confissão em abono da verdade, lamentamos que a falta de espaço nos inhiba de, mais uma vez, nos occupar detalhadamente do illustre professor, da sua vida e da sua obra: mas quem desejar aprofundar o assumpto, encontrará amplas noticias nos seguintes auctores: Antonio Ribeiro dos Santos (*Memoria da Vida e Escritos de Pedro Nunes—Memorias de Litteratura Portugueza*, t. VII, pp. 250–283), Sousa Viterbo (*Trabalhos nauticos dos Portuguezes nos seculos* XVI *e* XVII, pp. 223–231), Dr J. M. Teixeira de Carvalho (*A Universidade de Coimbra no século* XVI, e *Dois capítulos da vida de Pedro Nunes—Revista da Universidade de Coimbra*, vol. IV, pp. 363–442), Luciano Pereira da Silva (*Os dois Doutores Pedro Nunes—Revista da Universidade de Coimbra*, vol. II, pp. 246–253 e 532–539).

O livro *De Crepuſculis*, dedicado a D. João III,

of the *Supplement*, p. 224), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 249), Luciano Pereira da Silva (*As obras de Pedro Nunes—sua cronologia bibliográfica*, p. 7), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 1030) who tell us that there is a copy of this edition of the *De Crepuſculis* in each of the following Libraries: Lisbon, Ajuda, Evora and Mafra. To this list must be added the British Museum copy, and our own, which is complete and in a perfect state of preservation.

In our notes on the *Tratado da Sphera* (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 544–565) we made extensive references to Pedro Nunes, who was "one of the most learned men of his time...in the liberal arts" (Damião de Goes, *Chronica DelRei dom Emanuel*, 1566, Part I, chap. ci). We were, however, led astray by the statements of ill-informed authors, when we said (p. 546) that Izabel Tavares became the wife of Pedro Nunes, who really married Dona Guiomar Areas, daughter of the Castilian Pedro Fernandes Areas, in Salamanca, in 1523 (see Antonio Baião, *O matemático Pedro Nunes e sua família*, pp. 4 and 11). Having made this confession in the cause of truth, we regret that lack of space forbids our making here a detailed study of the famous scientist and his work; but those who desire it, will find ample information about his life and the widespread influence of his great knowledge, in the following works: Antonio Ribeiro dos Santos (*Memoria da Vida e Escritos de Pedro Nunes—Memorias de Litteratura Portugueza*, vol. VII, pp. 250–283), Sousa Viterbo (*Trabalhos nauticos dos Portuguezes nos seculos* XVI *e* XVII, pp. 223–231), Dr J. M. Teixeira de Carvalho (*A Universidade de Coimbra no século* XVI, and *Dois capítulos da vida de Pedro Nunes—Revista da Universidade de Coimbra*, vol. IV, pp. 363–442), Luciano Pereira da Silva (*Os dois Doutores Pedro Nunes—Revista da Universidade de Coimbra*, vol. II, pp. 246–253 and 532–539).

The *De Crepuſculis*, dedicated to Dom João

foi a continuação dos trabalhos astronomicos nos quaes mostrou a sua grande sciencia. Sobre este assumpto diz Garção-Stockler:

"Em 1542 (Pedro Nunes) publicou o seu tratado dos crepusculos, obra original que escreveu por occasião de algumas conversaçoens que tivéra sobre pontos de astronomia com o Cardeal infante Dom Henrique seu discipulo; a qual, no meu conceito, he de todas as que elle compoz a que mais honra faz à sagacidade do seu espirito. Nella resolveu, entre muitas questoens curiosas e delicadas, o famoso problema do minimo crepusculo, em cuja resolução os dois grandes geometras, João e Jacob Bernoulli acháram tão grandes difficuldades ainda, quando já havia incomparavelmente maior numero de meios para vencelas, que o primeiro não duvidou confessar havêla tentado, em vão por mui repetidas vezes no espaço de cinco annos, bem como a seu illustre Irmão havia similhantemente acontecido."

E accrescenta:

"He nesta obra tambem que o nosso geometra deu pela primeira vez a idéa de uma elegantissima divisão ou graduação do astrolabio, por meio da qual se podem avaliar as alturas e distancias dos astros até minutos e segundos, ainda que no limbo do instrumento se não achem marcados, mais que os gráos" (*Ensaio Historico sobre a origem e progressos das Mathematicas em Portugal*, 1819, pp. 31–32).

Passado mais de um seculo, o saudoso professor Luciano Pereira da Silva, no seu notavel estudo *O Astrolábio da Sociedade de Geografia e o nónio de Pedro Nunes* (p. 9), depois de examinar e explicar os trabalhos do insigne mathematico Portuguez sobre estas tão delicadas materias, confirmou as palavras de Stockler ácerca da graduação do limbo de um astrolabio.

A esta obra—"digna por certo de eterna memoria" (Garção-Stockler, *ob. cit.* p. 33)—que Tycho Brahe chamou eruditissima, Pedro Nunes junctou a traducção latina do tratado do Arabe Allacen—*Allacen Arabis uetustissimi liber de crepusculis Gerardo Cremonensi interprete*—sobre a causa dos

III, was a continuation of those astronomical studies we have dealt with in our earlier notes on Pedro Nunes. Garção-Stockler writes:

"In 1542 (Pedro Nunes) published his treatise on twilight, an original work which he composed as a result of some conversations he had about astronomy with his pupil the Cardinal-Infante Dom Henrique. In my opinion this work does more honour to his wisdom than any other he composed. Among the many interesting and delicate questions he solved therein was the famous problem of the shortest twilight, which the two famous geometricians Jean and Jacques Bernoulli still found so difficult to solve, when they had infinitely more means to overcome it, that Jean did not hesitate to confess that for five years he had been making repeated vain attempts, and that the same thing had happened to his celebrated brother."

And he adds:

"It was also in this work that our geometrician expressed for the first time the idea of a most elegant division or graduation of the astrolabe, by means of which the heights and distances of the stars may be measured in minutes and seconds, though only the degrees be marked on the graduated edge of the instrument" (*Ensaio Historico sobre a origem e progressos das Mathematicas em Portugal*, 1819, pp. 31–32).

More than a century later, the learned professor Luciano Pereira da Silva (*O Astrolábio da Sociedade de Geografia e o nónio de Pedro Nunes*, p. 9) examined and explained the works of the *Cosmographo Mór* on these intricate matters, and confirmed Stockler's statement about the graduation of the astrolabe.

To this work, which Tycho Brahe called most erudite and of which Garção-Stockler (*op. cit.* p. 33) said that it was "certainly deserving of everlasting remembrance," Pedro Nunes added the Latin translation of Alhazen's treatise—*Allacen Arabis uetustissimi liber de crepusculis Gerardo Cremonensi interprete*—on the cause of twilight

PRIMA PARS LIBRI DE Crepusculis Petri Nonij Salaciensis incipit.

IOannes de Sacrobusto Spherę uulgatę author, Stoflerus in elucidatione astrolabij, cęteriq; quos ego legerim astrologi, qui de crepusculis loquũtur, Crepusculũ diffiniunt, lucem dubiam, mediã inter diem ac noctem. Quare in qualibet die bina crepuscula esse necesse est, alterum matutinũ quod sub auroram fit, alterũ uespertinũ quod sub uesperam. Matutinũ porro tũc initiari, aut uespertinum finiri affirmant, quũ sol ante exortum, aut post occasum gradibus decem & octo ab Horizonte abest, eius quidẽ circuli maximi mũdanę Spherę, qui per uerticem regionis atq; solem meat Igitur quoties eam temporis intercapedinẽ metiri libuerit, quam crepusculum sibi uendicat, obseruandũ erit, quanto temporis spacio zodiaci gradus soli oppositus, ex parte orientis gradibus decem & octo supra horizõtem extollatur: nam idipsum est quod uespertino crepusculo debetur. Rursum cõdiscendum quãto tempore idem gradus oppositus soli, quũ à parte horizontis occidentali, sub æquali arcu eleuatus fuerit, in occasum ueniat: ipsum enim tempus quod interim fluxerit, matutini crepusculi longitudinem diffiniet. Quanquã uero huiusmodi tempora supputatiõibus arithmeticis, iuxta geometricas demõstrationes arcuum & angulorum sphęricorũ, cõmode colligi possent: nihilominus astronomi quia facile hoc modo propositũ assequi possunt, in timpanis astrolabij pro uaria poli mũdi sublimitate, ipsa tempora perquirũt. Atqui supposito primo illo fundamento, quod sol sub horizõte depressus gradibus decem & octo, scilicet ante ex-

23 Primeira pagina do *De Crepusculis* de Pedro Nunes
First page of the *De Crepusculis* of Pedro Nunes
Lisboa, 1542

crepusculos, "aonde este celebre astronomo arabe mostra ser aquelle fenomeno devido á refracção da luz na sua passagem a travez da atmosphera que nos cerca, e ensina o modo de avaliar por observação a influencia desta mudança de direcção dos raios da luz na posição aparente dos astros" (Stockler, *loc. cit.*).

Este opusculo estava tão alterado na traducção de Gerardo Cremonense, que, confessa o Cosmographo Mór, as suas emendas lhe deram mais trabalho do que a composição do seu proprio tratado.

Já procurámos mostrar os relevantes serviços prestados por Pedro Nunes á nossa sciencia: o seu livro *De Crepusculis* é mais um titulo de gloria a junctar ao longo rol dos trabalhos Portuguezes no seculo XVI.

"where the famous Arabic astronomer shows that this phenomenon is due to the refraction of light in its passage through the atmosphere surrounding us, and teaches the way to observe and measure the influence of this changed direction of the rays of light on the apparent position of the stars" (Stockler, *loc. cit.*).

This little work had been so much altered in the translation of Gerardus Cremonensis, that, Pedro Nunes confesses, it gave him more trouble to correct it than to compose his own treatise.

We have already tried to show the important services rendered by the famous Portuguese mathematician to science in our country: his book *De Crepusculis* is yet another notable item to add to the long list of Portuguese works of the XVIth century.

Ludouicus Rodericus excudebat Olyssippone, Anno. M. D. xlij. mense Ianuario.

24 Colophon do *De Crepusculis* de Pedro Nunes
Colophon of the *De Crepusculis* of Pedro Nunes
Lisboa, 1542

25 Folha do rosto dos *Artijgos das sysas.* Title-page of the *Artijgos das sysas*
Lisboa, 1542

49 ARTIJGOS DAS SYSAS.

Lisboa, Germão Galharde, 1542.

Artijgos das ſyſas imprimidos | por mandado delrey | noſſo Senhor
Titulo a vermelho, que tem por cima o escudo das Armas Reaes com o grypho no timbre; todo enquadrado por uma portada ornada de panoplias e figuras e que tem na parte superior, ao meio, o monogramma IHS. *A portada é assignada* FD, *e tem em baixo, a vermelho*[1]*:*
Com priuilegio real.

fl. 1 vo. Aluara per que elrey noſſo ſenhor ha | por bem q̃ ſe imprimam os Artijgos das ſyſas. [...]

fl. j. *Enquadrada por tarjas*[2]. Artijgos das ſyſas. [...] *a vermelho*[3].

fl. lxiij vo. [...] Forão acabados de imprimir eſtes | Artijgos das ſiſas que hora elrey noſſo Senhor ouue per | bem q̃ ſe imprimiſſem ſegunda vez. Em ha cidade | ꝺ lixboa: p germã galharde empmidor: a cuſta ⁊ | deſpeſſa ꝺ afonſo lourẽço liureiro da Raynha | noſſa ſenhora. Acabarõſe a doze dias do | mes do mayo: de mil ⁊ quinhen- | tos ⁊ quorenta ⁊ dous | Annos. | Com priuilegio real. *Registro; assignatura autographa de*[4] y lo barao daluyto.

[fl. 1] Tauoada das artijgos das ſyſas [...]

[fl. 3 vo.] [...] Fim da tauoada.

Folio—[1], lxiij, [3] folhas—35 a 38 linhas—caractéres gothicos—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: 4 folhas sem assignaturas; b–l, 6 folhas cada caderno; m, 3 folhas; total de 67 folhas; m 1 não tem assignatura.

Encadernação de carneira.

Folio—[1], lxiij, [3] leaves—35 to 38 lines—Gothic letter—no catchwords.

Collation by signatures: 4 leaves without signature marks; b–l, each 6 leaves; m, 3 leaves; total 67 leaves; m 1 has no signature mark.

Sheepskin binding.

Os *Artijgos das ſyſas*—que fazem parte das leis mandadas publicar por El-Rei D. Manuel (ver em *Livros Antigos Portuguezes*, vol. 1, pp. 159–163, a lista d'essas leis)—fôram impressos pela primeira vez por Hermão de Campos em 1512. Trinta annos depois, "elrey noſſo Senhor ouue per bem q̃ ſe imprimiſſem ſegunda vez," e os *Artijgos das ſyſas*

The *Artijgos das ſyſas*—which are part of the laws published by command of King Manuel I (see *Early Portuguese Books*, vol. 1, pp. 159–163, for a list of these books of laws)—were printed for the first time by Hermão de Campos in 1512. Thirty years later "the King our Lord thought it well that they [the *Artijgos das ſyſas*] should be published a

[1] *Title in red beneath the Royal Arms with the griffin crest; the whole within a border ornamented with figures and pieces of armour, and having the monogram* IHS *in the centre at the top. The border is signed* FD, *and in the bottom part are the words (in red):*
[2] *Within a woodcut border.*
[3] *In red.*
[4] *Register; autograph signature of:*

sahiram dos prelos de Germão Galharde em Lisboa a 12 de Maio de 1542, "a cuſta ⁊ deſpeſſa ꝺ afonſo lourēço liureiro da Raynha noſſa ſe-nhora." No alvará pelo qual D. João III mandou imprimir os *Artijgos das ſyſas*, lê-se:

> EU elrey...ey por bem ⁊ me praz q̃ afonſo lourenço liureiro da Raynha minha ſobre todos muito amada ⁊ preçada molher: poſſa mandar imprimir mil volumes dos artijgos das ſyſas: os quaes ſe imprimirão pellos q̃ ora andam impri-midos ⁊ de que ſe vſa."

Segundo Tito de Noronha (*A imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, p. 34), Affonso Lourenço foi livreiro de D. Catharina de 1539 a 1542; sabemos tambem que o encadernador da Rainha—que gozára de muitos privilegios—já tinha fallecido em 1550 (ver Deslandes, *Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, pp. 46–48). Sousa Viterbo (*A Livraria Real, especialmente no reinado de D. Manuel*, p. 27) escreve que Affonso Lourenço era sem duvida Hespanhol, visto, n'um documento datado de 1538, ter assignado *Alonso Lorenço*; o mesmo auctor chama-lhe "livreiro e impressor da Rainha." Nos alvarás de D. João III, que conhecemos, onde Affonso Lourenço se encontra mencionado, elle tem apenas o titulo de livreiro da Rainha. Não cremos, por consequencia, que elle tenha sido impressor, ou tivesse officina typographica, como aconteceu ao seu collega Luiz Rodrigues, livreiro de D. João III, que, a partir de 1539, teve prelos seus. Affonso Lourenço teve sim—como outros o tiveram—o privilegio de mandar imprimir livros, que eram estampados á "ſua cuſta ⁊ deſpeſſa" na officina de um impressor estabelecido. Foi o que succedeu a esta edição dos *Artijgos das ſyſas* que, se não é uma preciosidade bibliographica como a de 1512, póde tambem ser considerada como rara. Innocencio (*Diccionario*, vol. I, p. 309 e vol. VIII, p. 301) menciona-a, e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 626) descrevem-a, indicando os exemplares de

second time," and they were accordingly printed in Lisbon on May 12th, 1542, by Germão Galharde "at the cost and expense of Afonso Lourēço, bookseller to the Queen our lady." Dom João III's charter reads:

> "I the King...think it well and it is my pleasure that Afonso Lourenço, bookseller to the Queen my most beloved and honoured wife: should be granted permission to have printed a thousand copies of the *artijgos das ſyſas*, which shall conform to those now in print and in use."

According to Tito de Noronha (*A imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, p. 34), Affonso Lourenço was bookseller to Dona Catharina from 1539 to 1542; we also know that he enjoyed many privileges, and that in 1550 he was no longer alive (see Deslandes, *Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, pp. 46–48). Sousa Viterbo (*A Livraria Real, especialmente no reinado de D. Manuel*, p. 27) says that Affonso Lourenço was undoubtedly Spanish, because in a document dated 1538 he signed himself *Alonso Lorenço*; Viterbo also calls him "bookseller and printer to the Queen." In such of Dom João III's charters as we know, where Affonso Lourenço is mentioned, he is only entitled bookseller to the Queen; so we do not think he can have been a printer or the proprietor of a printing-press, like his colleague Luiz Rodrigues—bookseller to Dom João III—who had a press of his own from 1539. Affonso Lourenço had, as others had, the privilege of ordering books to be printed "at his cost and expense" in the office of an established printer. This is what happened with the 1542 edition of the *Artijgos das ſyſas*, which, although it may not be such a bibliographical treasure as that of 1512, may yet be considered very rare. Innocencio (*Diccionario*, vol. I, p. 309 and vol. VIII, p. 301) mentions it, and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 626) describe it, indicating the following

que teem conhecimento: dois na Bibliotheca Nacional de Lisboa e no Archivo Nacional, e um na Bibliotheca de Evora: alem do nosso, que se encontra completo, não temos noticia de outro exemplar.

Na folha do rosto, Galharde serviu-se do escudo das Armas Reaes que empregára na *Ordenaçam da ordem do juizo*, 1526, e que, antes d'elle, Hermão de Campos tinha usado no *Efpelho de Criftina*, 1518 (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 352, 416 e 419).

A historia do estabelecimento das *fyfas* é interessante. Segundo Viterbo (ver *Elucidario*, t. II, p. 225), o tributo da sisa foi introduzido por D. Sancho em 1295 em Castella, donde passou para Portugal. Herculano, n'um notavel estudo (*Apontamentos para a Historia dos Bens da Coroa e dos Foraes—Opusculos*, t. VI, 3ª ed., pp. 185–301), fez a historia das finanças do paiz, que as guerras e luctas constantes tornavam tão difficeis e complicadas nos primeiros tempos da monarchia. É nos impossivel acompanhar o estudo do mestre, e, rapidamente, trataremos das sisas, e da origem de esse tributo, claramente definida por Herculano: "A estreiteza sempre crescente dos recursos publicos tornava cada vez mais necessaria uma nova fonte de rendimentos" (*ob. cit.* p. 279).

Foi então que nasceu o systema das contribuições geraes, "singular nos caracteres que apresenta no seu apparecimento" (Herculano, *ob. cit.* p. 280); e o mestre accrescenta: "Os *pedidos* ou *pedidas* foram a primeira e incerta fórmula das contribuições geraes." Esses *pedidos* eram contribuições extraordinarias dos municipios, originadas pelas difficuldades da fazenda publica e, habitualmente, exigidas em Côrtes. No tempo de D. João I foi publicada a lei

"que prohibia a outrem, que não fosse o rei, o fazer ou *lançar* pedidos. Os pedidos deram origem ás sizas, ou, para melhor dizer, converteram esse tributo, que a principio não fora mais que um expediente para acudir a despezas extra-

copies: two each in the Lisbon National Library and the Archivo Nacional, and one in the Evora Library: we know of no other copy, except our own which is complete.

The Royal Arms on the title-page are the same as Galharde used in the *Ordenaçam da ordem do juizo*, 1526, and as Hermão de Campos had used before him in the *Efpelho de Criftina*, 1518 (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 352, 416 and 419).

The history of the creation of the *sisas* is interesting. According to Viterbo (*Elucidario*, vol. II, p. 225) the tribute known as the *sisa* was introduced by Dom Sancho in Castile in 1295, and passed thence to Portugal. Herculano (*Apontamentos para a Historia dos Bens da Coroa e dos Foraes—Opusculos*, vol. VI, 3rd ed., pp. 185–301) gives a remarkable study of the financial history of Portugal at the beginning of the monarchy, when the constant wars and struggles made conditions very difficult. We shall, however, confine our attention to the *sisas* and give a brief account of the reason why this tax was first imposed. As Herculano says (*op. cit.* p. 279), "The ever increasing impoverishment of the public resources rendered it more and more necessary to seek a new means of revenue."

The system of general contributions was then begun, "a singular system in its first appearance" (Herculano, *op. cit.* p. 280). The great historian adds: "The *pedidos* or *pedidas* were the first tentative form of general contributions." The *pedidos* were the extraordinary contributions of the municipalities, which were started on account of the difficulties of the treasury, and were generally exacted in the *Côrtes*. In the time of Dom João I a law was promulgated

"forbidding anyone other than the King, to make or impose *pedidos*. The *pedidos* were the origin of the *sizas*, or, to speak more accurately, they converted this tribute, which in the beginning was no more than an expedient to cover the extraordinary

ordinarias e internas de alguns municipios, em imposto do estado. O pagamento das sommas, requeridas aos povos em cortes pelos reis, repartia-se pelos concelhos, e estes junctavam as suas quotas por meio de sizas, meio que no pedido real lhes era indicado. Nas cortes de Coimbra de 1387 se estabeleceu definitivamente a siza por lei geral, que devia vigorar um anno, mas que ficou subsistindo posteriormente, abatendo-se-lhe o terço por alguns annos, allivio que cessou ainda no reinado de D. João I" (Herculano, *ob. cit.* pp. 282–283).

As sisas eram um tributo ou imposto que se pagava das compras, vendas ou trocas.

"E quando ſe começou nelle, nem elRey, nem os ſenhores das terras d'algũa maneyra interuinhão nelle, mas os meſmos pouos, quãdo taes neceſsidades lhes ſobreuinhão, a q̃ o erario publico não baſtaua, lansauão antre ſi eſte direyto de ſiza, q̃ chamauão Grados, nas mercadorias q̃ ſe vẽdião: & elles meſmos tomauão cõtas, & fazião theſoureyros" (Pedro de Mariz, *Dialogos de Varia Historia*, 1599, Dialogo IV, fl. 134 v°).

Fernão Lopes (*Chronica DelRey D. Ioam I*, 1644, Parte II, cap. 203) refere-se detalhadamente ás sisas, dizendo que as primeiras de que ha memoria fôram, no reinado de D. Affonso IV, as do concelho de Setubal,

"q̃ ſendo ologar deſcercado, a aquelle tempo, & mandando eſte Rey Dom Affonſo, q̃ o cercaſſẽ lançaraõ antre ſi [os moradores] duas ſizas por auerem dinheiro pera ſe cercar, a ſaber hũa ſiza que chamauam grande, nos vinhos, que igualmente rendia quatro mil liuras, q́ eraõ mil, & trezentas dobras, & outra ſiza miuda, que rẽdia hũas quinhẽtas, & todas eſtas mil oito centas dobras ſe deſpendiam no cercamento do logar de Setuual, & couſas a elle pertẽcẽtes, & eſta foy a primeira ſiza, que achamos, que Concelho lançaſſe, & durou ata q́ a Villa foy acabada."

O exemplo dado por Setubal foi seguido, e no tempo de D. Fernando,

"por as grandes neceſſidades das guerras, em que o Reyno foy poſto, lançauam os pouos antre ſy

internal expenditure of some of the municipalities, into a state tax. The payment of the sums required from the people by the kings in the *cortes*, was distributed among the different districts, and these made up their quotas by means of *sizas*, a means indicated to them in the royal demand. In the *cortes* of Coimbra in 1387, the *siza* was definitely established by law, and was to remain in force for one year, but it lasted much longer. For some years a third was taken off, but this relief ceased during the reign of Dom João I" (Herculano, *op. cit.* pp. 282–283).

The *sisas* were a tribute or tax which was paid on all sales and exchanges.

"And when it began, neither the King nor the landowners intervened in any way, but the people themselves, when such needs came upon them that the public money was not sufficient, imposed these excise duties, which they called *Grados*, upon the merchandise which they sold to each other; and they themselves kept accounts and appointed treasurers" (Pedro de Mariz, *Dialogos de Varia Historia*, 1599, Dialogo IV, fl. 134 vo.).

Fernão Lopes (*Chronica DelRey D. Ioam I*, 1644, Part II, chap. 203) refers in detail to the *sisas*, saying that the earliest recorded ones are those imposed in Setubal in the reign of Dom Affonso IV.

"As the town was not walled at that time and King Affonso commanded that a wall be built round it, [the inhabitants] levied two *sisas* among themselves so as to have enough money to build the wall, to wit, one *sisa*, which they called 'great,' on wine, which yielded four thousand *livras*, or one thousand three hundred *dobras*, and another small *sisa* which yielded about five hundred; and all these one thousand eight hundred *dobras* were spent on walling the town of Setubal and things connected with the work, and this was the first *sisa* we have found imposed by a municipality, and it lasted until the town was finished."

The example of Setubal was followed; and in the time of Dom Fernando,

"on account of the great expense of the wars in which the Kingdom was plunged, the people in

ſizas para ſoportar os muitos encargos, q̃ de taes feitos nacião, cada hũs em ſeus logares" (Fernão Lopes, *loc. cit.*).

Assim succedeu especialmente em Lisboa "pera cercar eſta Cidade." Quando as necessidades deixavam de existir, acabavam as sisas, totalmente ou em parte, "como os pouos entendiam por ſeu proueito": e o grande chronista accrescenta:

"vendo os Reys taes rendas, & ſizas auendo vontade de as auer, moſtrauom ao pouo neceſſidades paſſadas, ou que erom por vir, & pediamlhas graciosamente por dous, ou tres annos, & que logo as leixariam, & outorgadas deſta guiſa, emadiam depois outra neceſſidade, para que as auiam miſter, & aſſi lhes ficou a poſſe dellas" (Fernão Lopes, *loc. cit.*).

Como dissemos, o imposto da sisa foi votado por um anno nas Côrtes de Coimbra de 1387, sendo digna de nota a condição de que ninguem seria isento do pagamento, nem mesmo El-Rei ou a Rainha.

Comtudo, a nobreza e o povo começaram breve a queixar-se das sisas; nas Côrtes de Coimbra de 1398, a nobreza reclamava porque devia pagar sisa dos productos que vendia das suas propriedades, e nas de Santarem de 1434, o povo protestava contra as sisas sobre os vinhos, concedidas a D. João I para certas obras, sob a condição que terminadas as obras o tributo acabaria. Mas El-Rei D. Duarte, como depois os seus successores, precisava das sisas para fazer face a innumeras despezas. (Sobre este interessante assumpto ver Fortunato de Almeida, *Historia de Portugal*, t. III, pp. 365-375, e especialmente Henrique da Gama Barros, *Historia da Administração Publica em Portugal*, t. IV, pp. 208-296.) Apezar dos argumentos do Soberano, os povos continuavam a reclamar; nas Côrtes de Lisboa de 1439 allegavam que as sisas não eram direitos reaes;

"os povos é que as lançavam entre si para as suas necessidades, e, passadas estas, suspendiam o tributo, ao qual chamavam *imposições*. Apesar disso, e apesar dos prometimentos, juras e maldições de

the different districts levied *sisas* among themselves to meet the many charges born of these events" (Fernão Lopes, *loc. cit.*).

This happened especially in Lisbon "to wall that city." When the need no longer existed, the *sisas* were partly or wholly remitted, "as the people thought was to their advantage." The great chronicler adds:

"The Kings, seeing these revenues and *sisas*, and wishing to have them, used to show the people needs which were over or which were to come, and ask them graciously [to grant them] for two or three more years and then they would give them up, and having the taxes authorised in this way, they would afterwards bring forward another necessity for which they must have them, and so they retained the enjoyment of them" (Fernão Lopes, *loc. cit.*).

As we have said, the imposition of a *sisa* for one year was voted in the *Côrtes* of Coimbra in 1387, an interesting condition being that no one should be exempt from payment, not even the King and Queen.

But soon both the nobility and the people began to complain about the *sisas*; in the *Côrtes* of Coimbra, in 1398, the nobles protested because they had to pay *sisa* on the sale of produce from their properties, and in the *Côrtes* of Santarem, in 1434, the people objected to the *sisas* on wine, conceded to Dom João I for certain works, on the condition that when these were finished the tax should cease. But King Duarte and his successors needed the *sisas* to meet innumerable expenses (see Fortunato de Almeida, *Historia de Portugal*, vol. III, pp. 365-375, and more especially Henrique da Gama Barros, *Historia da Administração Publica em Portugal*, vol. IV, pp. 208-296). The people, however, continued to oppose the tax; in the *Côrtes* of Lisbon in 1439 they pleaded that the *sisas* were not a royal right:

"it was the people who levied them among themselves for their own needs, and when these needs were over, they suspended the tribute, which they called impositions. In spite of this and in spite of

D. João I nas Côrtes de Coimbra, aquela contribuição era cobrada como se fôsse direito real. Pediam que lhes deixassem ficar ao menos o indispensável para as suas necessidades, e que a arrecadação das sisas se fizesse sem aspereza, não havendo procedimentos por descaminho nem varejos. O povo confiava que El-Rei o livraria daquella lepra (*esperando q̃ o purgees desta gafaaem*). El-Rei D. Afonso V ordenou os Artigos das Sisas, espécie de Regimento, datado de 27 de Setembro de 1476, em que se regula minuciosamente a cobrança das sisas e se acautelam de todos os modos os interesses do tesouro real" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* pp. 370–371).

Era Regente, em nome de seu pae, que estava então em França, o Principe D. João, que mais tarde subiu ao throno com o nome de D. João II. Nas Côrtes de Evora de 1481 e 1482, o povo protestou novamente contra as sisas, mas o Principe Perfeito disse na sua resposta,

"que a neçesidade da guerra nom foee a soo causa de elrey dom Joham (D. João I) aver as sisas mas nom menos primcepall causa era por poder sosteer seu stado e iso mesmo elle acha que todo povoo deue e he hobrigado per dereito e pera ello pode seer costramgido de mamteer e proveer a seu rrey de todo o que lhe for neçesario nom o teemdo em outra maneira pera segumdo o costume dos rreis comarcaaos soportar e mamteer seu stado e dos seos e o bem e omrra de seu regno nem dello per dereito se pode o povoo escusar posto que o rey por sua causa e cullpa viese em mingoa e necesidade o que tudo saamente e bem esgoardado e examinado pois esta cousa vem ja de tamto tempo e asy aos povoos como a todos em estes regnos he notorio que elle senam pode mamteer nem soportar em maneira allguua seu stado nem ho bem e homrra de seos rregnos sem esta rremda das sisas ou outra equivallemte a elle pareçe que seos povoos nam sam em isto agravados e a necesidade que tem o escusa do carrego que açerqua desto allguem lhe queira dar ho que çerto sera sem causa e comtra rezam e dereito" (Visconde de Santarem, *Memorias das Cortes Geraes—Documentos*, Parte II, p. 216).

the promises, oaths and maledictions of Dom João I in the *Côrtes* of Coimbra, that contribution was taken as if it were a royal right. They asked that at least they might be allowed to retain what was indispensable for their own needs, and that the collection of the *sisas* might be carried out without harshness and without search warrants or legal proceedings against defaulters. The people were confident that the King would deliver them from this plague. King Affonso V ordained the *Artijgos das sisas*, a kind of *Regimento* (rule), dated September 27th, 1476, in which the collection of the *sisas* is minutely regulated, and the interests of the royal treasury protected in every respect" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* pp. 370–371).

At that time Dom João, afterwards King João II, was acting as Regent in the name of his father, who was in France. In the *Côrtes* of Evora in 1481 and 1482, the people again protested against the *sisas*; but the Perfect Prince replied

"that the needs of war were not the only reason why King dom Joham (Dom João I) obtained the *sisas*, but a not less important reason was that he might keep up his position, and in this he considers that all the people ought and are obliged by right and may be constrained to maintain and provide their king with everything necessary to him, there being no other means for him to keep up and maintain his own status and that of his family and the good and honour of his kingdom, on the same scale as the neighbouring kings; nor can the people be exempt from this by right, even if the king fall into want and necessity through his own fault. All of which having been well and candidly looked into and examined, for this affair is already of long standing, and as it is clear to the people and to all in these kingdoms that the king cannot in any way maintain or keep up his position or the good and honour of his kingdoms without this revenue from the *sisas*, or its equivalent, it seems to him that his people are not wronged in this and that his need exempts him from the charge that some would bring against him concerning this, which would certainly be without cause and against all reason and right" (Visconde de Santarem, *Memorias das Cortes Geraes—Documentos*, Part II, p. 216).

Não se brincava com D. João II; o Soberano considerou como finda essa questão, e a 15 de Abril de 1489 publicou um Regimento dos artigos das sisas. Comtudo, no principio do reinado de D. Manuel, o povo reclamou, nas Côrtes de Lisboa de 1498, a suppressão das sisas. El-Rei respondeu:

"PElo grãde amor q̃ temos a noſſos pouos, nos poderá conſentir mal ha vontade, & muito menos ha cõſciēçia de leuar has ſiſas ſenã achaſſemos q̃ as leuamos bẽ & ſem nenhũ carrego, & ſe al nos pareçeſſe, em caſo q̃ ha cantidade da renda, & proueito foſſe maior, folgariamos muito mais de has deixar q̃ de has leuar, quãto mais q̃ eſſas meſmas ſiſas cõ outras muitas rẽdas, & direitos noſſos, là dõde vem, là ſe tornam a conuerter, ſoprindo ſempre com ellas noſſos ãteçeſſores, & aſſi nôs muitos carregos, & inconuenientes, q̃ polas ahi não hauer neçeſſariamẽte poderiam recreçer aho Regno, & aſſi muitos proueitos, dãdo moradias, caſamentos, tenças, & aſſi outras ajudas de vida, & encaminhamento a filhos, & filhas de fidalgos, caualleiros, eſcudeiros, & a todo outro genero de noſſos naturaes, por onde alem da muita razam, & deſcarreguo com q̃ has ditas ſiſas leuamos, ſó por tanta bemfeitoria, que da renda dellas cõ outros noſſos direitos a noſſos naturaes redunda, deuia çerto peſar muito a noſſos pouos ſe has nam tiueſſemos" (Damião de Goes, *Chronica DelRei dom Emanvel*, Parte 1, cap. xxvi, fl. 21).

A resposta do Venturoso era habil e diplomatica. Apezar de ter defendido d'esta maneira os direitos reaes ácerca das sisas—o unico imposto geral do reino—foi D. Manuel "que vibrou o primeiro golpe nas sisas," como escreve Fortunato de Almeida (*loc. cit.*). Estando o Soberano em Saragoça

"por ſua deuação, de moto proprio, deu liberdade à clereſia deſtes Regnos de não pagarẽ ſiſa, nem dizima nem outros direitos reaes que attelli hos clerigos eram acoſtumados pagar, aſsi quomo hos leigos.... Eſta meſma liberdade deu elRei depois

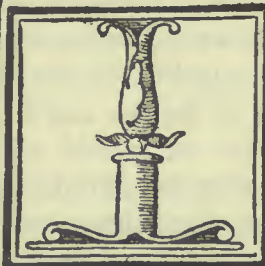
There was no playing with Dom João II, and he considered the question of the *sisas* as settled: on April 15th, 1489, he published a regulation about the excise duties. However, at the beginning of Dom Manuel's reign, the people again demanded the suppression of the *sisas*, in the *Côrtes* of Lisbon in 1498. The King replied:

"Because of the great love we bear to our people, our will, and still more our conscience, would ill allow us to levy the *sisas*, if we did not consider that we did well to levy them, and were in no way culpable, for if it seemed to us that the amount of the tax and the profit therefrom were excessive we should rejoice much more to abandon them than to take them, all the more because there where these same *sisas*, with many others of our rights and revenues, are collected, there they are paid back, for we and our predecessors have always used them to ease many burdens and difficulties (which, if we did not have the *sisas* there of necessity, might spread through the Kingdom) and in other profitable ways, giving allowances, marriage dowries, pensions, and other aids to life and advancement, to the sons and daughters of noblemen, knights, squires and to all other classes of our subjects, wherefore, apart from the great equity and justice with which we receive the *sisas*, we feel that, if only on account of the resulting benefit to them from the revenue derived from the *sisas* and others of our rights, it would weigh heavily on our people if we did not have them" (Damião de Goes, *Chronica DelRei dom Emanvel*, Part 1, chap. xxvi, fl. 21).

The Fortunate King's response was both clever and diplomatic. In spite of having so ably defended the royal right to the excise duties—the only general tax in the kingdom—it was Dom Manuel "who dealt the first blow to the *sisas*," as Fortunato de Almeida says (*loc. cit.*). When the King was in Saragossa

"through his devotion, of his own accord he freed the clergy of these kingdoms from all obligation to pay *sisas*, tithes or any other royal rights which the clergy had hitherto been accustomed to pay, like the laity.... This same immunity was after-

Artijgos das ſyſas. Fo. j

Que paguẽ dous ſoldos por liura

Item que toda couſa q̃ for cõprada: vẽdida: trocada ou eſcãibada: afora pã cozido: ouro: ⁊ prata: paguẽ ð ſiſa dous ſoldos por liura. ſ. ho cõprador hũ: ⁊ ho vẽdedor outro. Eſto medes dous ſold⁹ por liura de q̃ntas vezes as ditas couſas forẽ vẽdidas: trocadas ou eſcãibadas. E eſto ſe entẽda em todallas couſas Saluo em ho ſal de que hã de pagar de impoſiçã cico liuras por alqueire: ⁊ mais nõ.

O qual artijgo mãdamos q̃ ſe cũpra ſegũdo ſe ẽ elle cõthẽ cõ eſta ðclaraçã q̃ na parte dos dous ſoldos por liura ſe paguẽ como ſẽpre ſe pagou. ſ. q̃ de toda couſa que for comprada ou vendida ẽ cõtia de vite reaes brãcos paguẽ de ſiſa dous reaes brancos. ſ. ho vẽdedor hũ real brãco: ⁊ ho cõprador outro real brãco: ⁊ tãbẽ do preço ẽ q̃ forẽ aualiadas as couſas q̃ forem trocadas: eſcãibadas paguẽ pella dita guiſa: ⁊ aſi do mais como do menos q̃ vem de ſiſa ð dez reaes hũ. E na parte do ſal em q̃ ſe cõthẽ q̃ paguẽ cinco liuras por alq̃ire Acerca ðſto mãdam⁹ q̃ ſe paguem dez liuras por alqueire. como ſe ðue pagar ⁊ ora ao tẽpo preſente paga a reſpei:o da moeda q̃ corria q̃ndo o dito artijgo foy feito ſegũdo a ðclaraçã que ſe deſpois fez ſobre ello: perque monta pagar de ſiſa as ditas dez liuras por alqueire q̃ ſõ da moeda ora corrente tres pretos menos dez ſoldos. Os q̃es mãdam⁹ que ſe paguẽ ⁊ mais nõ. Outroſi acham⁹ acerca do dito

26 Primeira pagina dos *Artijgos das ſyſas*. First page of the *Artijgos das ſyſas*
Lisboa, 1542

no anno de M.D.IIII, ahos comendadores, & caualleiros da ordem de Christus, parelles & seus criados" (Damião de Goes, *ob. cit.* Parte I, cap. xxxi, fl. 25 vº).

Em 1512 fôram então impressos, pela primeira vez, os *Artijgos das sysas*, que incluiam o Regimento de D. Affonso V de 1476, o Regimento de D. João II de 1489, varios diplomas de D. Manuel, e o seu alvará de 6 de Março de 1509 (ver *Artijgos das sysas*, 1542, fl. lxij vº), pelo qual ficou regulada a sisa da especiaria que se vendesse na capital. A seguinte ordem de D. João III, que se lê no verso da folha do rosto d'este livro, mostra a importancia que o Soberano ligava aos *Artijgos das sysas*:

"E Para que na impressão dos ditos artijgos se nom possa ãcrecẽtar nem mingoar cousa alguã: mãda sua alteza que lhe seja dada fee ⁊ autoridade sẽdo asignados no fim đ cada hũ volume per dom Rodrigo lobo baraõ daluito do seu cõselho ⁊ veedor da sua fazenda. E nom sendo per elle asignados: lhe nom seja dada fee alguã nem credito."

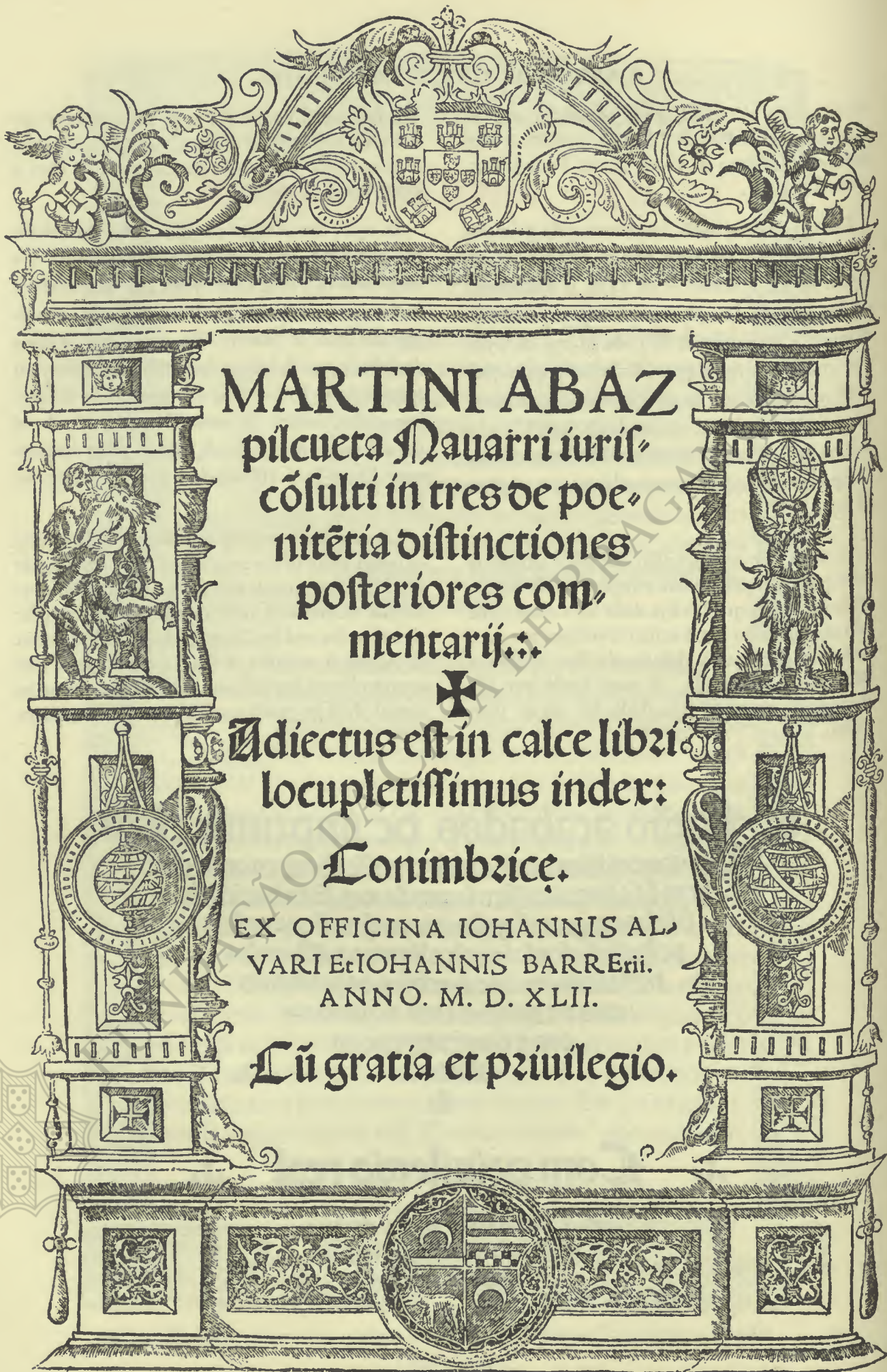
wards granted by the King in 1504 to the commanders and knights of the Order of Christ, and their servants" (Damião de Goes, *op. cit.* Part I, chap. xxxi, fl. 25 vo.).

In 1512 the *Artijgos das sysas* were printed for the first time, and included Dom Affonso V's *Regimento* of 1476, Dom João II's *Regimento* of 1489, various charters of Dom Manuel, including the one of March 6th, 1509 (see *Artijgos das sysas*, 1542, fl. lxij vo.), by which the duty on spices sold in Lisbon was regulated. The following order, which is printed on the back of the title-page of this book, shows what importance Dom João III attached to the *Artijgos das sysas*:

"And so that nothing whatever may be added or taken away in the printing of these articles, his Highness commands that the book shall be considered as true and authoritative if each copy be signed at the end by Dom Rodrigo Lobo, Baron of Alvito, a member of the King's Council and comptroller of his revenue, and any book not so signed shall be given no faith nor credit whatsoever."

¶ Forão acabados de imprimir estes
Artijgos das sisas que hora elrey nosso Senhor ouue per
bem q̃ se imprimissem segunda vez. Em ha cidade
đ lixboa: p germã galharde emprimidor: a custa ⁊
despessa đ afonso lourẽço liureiro da Raynha
nossa senhora. Acabarõse a doze dias do
mes do mayo: de mil ⁊ quinhen-
tos ⁊ quorenta ⁊ dous
Annos.

Com priuilegio real

27 Colophon dos *Artijgos das sysas*
Colophon of the *Artijgos das sysas*
Lisboa, 1542

MARTINI ABAZ
pilcueta Nauarri iuris-
cõsulti in tres de poe-
nitẽtia distinctiones
posteriores com-
mentarij.:.

Adiectus est in calce libri
locupletissimus index:

Conimbricę.

EX OFFICINA IOHANNIS AL-
VARI Et IOHANNIS BARRErii.
ANNO. M. D. XLII.

Cũ gratia et priuilegio.

28 Folha do rosto dos *De poenitẽtia commentarij* de Martin de Azpilcueta Navarro
Title-page of the *De poenitẽtia commentarij* of Martin de Azpilcueta Navarro
Coimbra, 1542

50 MARTIN DE AZPILCUETA NAVARRO, IN TRES DE POENITẼTIA DISTINCTIONES POSTERIORES COMMENTARIJ.

Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1542.

MARTINI ABAZ | pilcueta Nauarri iuriſ- | cõſulti in tres de poe- | nitẽtia diſtinctiones | poſteriores com- | mentarij. | Adiectus eſt in calce libri | locupletiſſimus index: | Conimbricę. | EX OFFICINA IOHANNIS AL- | VARI Et IOHANNIS BARREriï. | ANNO. M.D.XLII. | Cũ gratia et priuilegio.

Titulo enquadrado por uma portada que tem ao alto o escudo das Armas Reaes, com figuras e Espheras armillares aos lados, e um brasão na parte inferior[1].

[fl. 1 vo.] ORDO CAPITVL. &. §§. INTERPRETATIONE | DONATORVM. [...]

[fl. 2] VERE INCLYTO SERE | NISSIMOQVE IOHANNI EIVS | NOMINIS TERTIO LVSITANORVM | Algarbiorumq3 Regi [...] Martinus ab Azpilcueta | R.P. CHRIſtiane adminiſtrare. [...]

[fl. 3 vo.] Ad auditores antiquos: qui | autorem Salmanticæ, Tholoſæ, vel Cathurci audi- | uerunt iura Pontificia interpretantẽ. [...]

[fl. 5 vo.] Illuſtriſſimo viro ac reuerẽdiſſimo | Patri & domino meo. D. Franciſco a Nauarra Roncis vallis | priori & Epiſcopo Ciuitatenſi electo Martinus ab | Azpilcueta Nauarrus eiuſdẽq3 Rõcis vallis | Canonicus Commendatarius. | S.P.D. [...]

[fl. 6 vo.] *Erratas*[2].

p. 1. GRATIANI PRINCIPIVM. | IN QVINTAM DISTINCTIONEM | ad auditores præfatio & eorum, quæ in | quatuor præcedentibus dicta | fuere, ſũmaria- relatio. [...]

p. 396. [...] FINIS. | GLORIA ET HONOR DEO.

[fl. 1] CONTENTORVM IN | HIS COMMENTARIIS INDEX. [...]

[fl. 18] [...] FINIS. | AD LECTOREM [...] | IN NOBILI LVSITANORVM CONIM- | BRICANA ACADEMIA. IOHANNES | Aluarus, & Iohannes Barrerius typographi excudebãt. | Anno. M.D.XLII. quarto calendas Auguſtas.

Folio—[6] folhas, 396 paginas, [18] folhas—40 linhas—epigraphes e notas marginaes em caracteres gothicos.

Numeração dos cadernos: F, 6 folhas; a–z, 8 folhas cada caderno; A, 8 folhas; B, 6 folhas; C, 8 folhas; D, 10 folhas; total de 222 folhas; g 2 tem assignatura errada f ij; D 2 não tem assignatura.

Encadernação de pergaminho.

Folio—[6] leaves, 396 pages, [18] leaves—40 lines—headings and marginal notes in Gothic letter.

Collation by signatures: F, 6 leaves; a–z, each 8 leaves; A, 8 leaves; B, 6 leaves; C, 8 leaves; D, 10 leaves; total 222 leaves; g 2 is wrongly marked f ij; D 2 has no signature mark.

Bound in vellum.

[1] *Title-page surrounded by a border with the Royal Arms at the top, figures and armillary Spheres at the sides, and a coat of arms at the bottom.*
[2] *Errata.*

O primeiro livro que Martin de Azpilcueta Navarro publicou em Portugal, intitulado *In tres de poenitẽtia diſtinctiones poſteriores commentarij*, foi impresso em Coimbra por João de Barreira e João Alvares em 1542. Referem-se a esta obra: Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 87), Innocencio (*Diccionario*, vol. XVI—9º do *Supplemento*—p. 372), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 203, e *A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 210), Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, t. I, p. 150), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 240); segundo estes dois ultimos auctores, conhecem-se os seguintes exemplares dos *De poenitẽtia commentarij*: Bibliotheca Nacional de Lisboa (4 ex.), Ajuda, Evora (3 ex.), e Universidade de Coimbra; Sousa Viterbo menciona tambem um exemplar na Bibliotheca do Porto.

Apezar d'esta obra ser, que se saiba, a primeira que João de Barreira e João Alvares imprimiram de parceria, quando se estabeleceram em Coimbra, deixaremos as nossas notas ácerca d'esses impressores para quando estudarmos a obra mais antiga que possuimos estampada por cada um d'elles, separadamente.

Martin de Azpilcueta Navarro foi, no tempo de D. João III, uma figura illustre na Universidade de Coimbra. Nasceu em Barasoain na Navarra, em 1492: a data foi discutida por diversos auctores, mas o proprio Navarro, no *Prologo ao Leitor* do seu *Manval de Confeſſores*, Coimbra, 1560, diz que terminou essa obra em Coimbra no dia de Santa Luzia de 1552, tendo começado

"ho anno de ſeſſenta de noſſa idade, por auer nacido em ſeu dia do anno de mil & quatrocẽtos & nouenta & dous. Por cujos merecimẽtos ainda leemos ſem oculos em eſte de. 1556. & ſeſſenta & quatro de noſſa peregrinaçam."

Estudou primeiro na Universidade de Alcalá de Henares, e depois em Toulouse e Cahors, sendo de crer que se tenha ordenado em Tou-

This, the first work published by Martin de Azpilcueta Navarro in Portugal, was printed in Coimbra by João de Barreira and João Alvares in 1542. Among those who mention the *In tres de poenitẽtia diſtinctiones poſteriores commentarij* are: Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 87), Innocencio (*Diccionario*, vol. XVI—9th of the *Supplement*—p. 372), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 203, and *A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 210), Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. I, p. 150), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 240). The last two bibliographers enumerate the following copies of the *De poenitẽtia commentarij*: Lisbon National Library (4 copies), Evora (3 copies), Ajuda, and Coimbra University. Sousa Viterbo cites a copy in the Oporto Library.

Though this is, as far as we know, the first work printed by João de Barreira and João Alvares in partnership, when they set up their printing office in Coimbra, we shall study these printers separately when we describe the earliest work in our possession printed by each alone.

Martin de Azpilcueta Navarro was an outstanding figure at Coimbra University in the time of Dom João III. He was born in Barasoain in Navarre, in 1492. The date of his birth has been the subject of controversy, but Navarro himself says, in the *Prologo ao Leitor* of his *Manval de Confeſſores*, Coimbra, 1560, that he finished the work on Saint Lucy's day in 1552 in Coimbra, having begun it

"in the sixtieth year of our age, since we were born on her day in the year of 1492. By whose merits we are still able to read without glasses in this year of 1556, the sixty-fourth of our pilgrimage."

He studied first at the University of Alcalá de Henares and afterwards at Toulouse and Cahors, and it was probably in Toulouse, where he

louse; alli recebeu o grau de Doutor em Direito Canonico e, depois de passar quatorze annos em França—de 1510 a 1524—onde a sua sciencia deixou grande fama, voltou para a Navarra. Mais tarde seguiu para Salamanca; na famosa Universidade foi primeiro "Catedratico de Decreto," e as suas licções causavam tanta admiração, que o Imperador Carlos V, attrahido pela reputação do mestre,

"tuvo la dignación de presentarse un día en la cátedra del Doctor Navarro, y ocupando uno de los asientos del aula, como si fuese uno de tantos estudiantes, oyó las explicaciones del insigne canonista, y pudo por sí mismo apreciar su gran valía y singulares conocimientos" (Don Mariano Arigita y Lasa, *El Doctor Navarro Don Martin de Azpilcueta y sus obras*, p. 116).

Em 1533 vagou a cadeira de prima de Direito Canonico, e Navarro, tendo alcançado esse logar, continuou alli as suas celebres licções até 1538. N'esse anno, D. João III solicitou de seu cunhado Carlos V, que o famoso canonista trocasse a sua cadeira de prima da Universidade de Salamanca pela da Universidade de Coimbra, pedido que foi attendido pelo Imperador.

"Com efeito, o Doutor Navarro começou a ler Cánones na Universidade de Coimbra a 17 de Dezembro de 1538, segundo conta Leitão Ferreira, na P. manusc. das suas *Notic. Chronol. da Univ.*; mas a 13 de Dezembro já êle se encontrava em Coimbra, pois num assento dêsse dia encontro a sua assinatura (*Autos e Pr. de Curso*, I, 1537–1550)" (Dr M. Gonçalves Cerejeira, *O Humanismo em Portugal—Clenardo*, p. 128).

Recebido com a maior deferencia por D. João III, que lhe estipulára uma renda de mil ducados annuaes—o que causára o espanto de Clenardo (ver Dr Gonçalves Cerejeira, *ob. cit.* pp. 127 e 333)—Navarro fez o elogio do Soberano em muitas das suas obras, dizendo que D. João III "fué un monarca ejemplar en virtud y en procurar el bien de sus vasallos" (Arigita y Lasa, *ob. cit.* p. 143).

graduated as Doctor of canon law, that he was ordained. He spent fourteen years in France, from 1510 to 1524, first as a student and afterwards as professor, and his learning won him great renown. Later, having revisited Navarre, he proceeded to Salamanca, becoming lecturer on canon law in the University there. His lectures attracted so much attention, that the Emperor Charles V was drawn thither by the master's reputation, and

"tuvo la dignación de presentarse un día en la cátedra del Doctor Navarro, y ocupando uno de los asientos del aula, como si fuese uno de tantos estudiantes, oyó las explicaciones del insigne canonista, y pudo por sí mismo apreciar su gran valía y singulares conocimientos" (Don Mariano Arigita y Lasa, *El Doctor Navarro Don Martin de Azpilcueta y sus obras*, p. 116).

When, in 1533, the first chair of canon law became vacant, Navarro was promoted to it, and continued his celebrated lectures until 1538. In that year, Dom João III asked his brother-in-law Charles V to allow the famous canonist to exchange his professorship at Salamanca University for the same position in Coimbra, and the request was granted.

"Doctor Navarro actually began to lecture on canon law in the University of Coimbra on December 17th, 1538, as Leitão Ferreira relates in the first manuscript of his *Notic. Chronol. da Univ.*; but he was already in Coimbra by December 13th, for I find his signature in a document of that date (*Autos e Pr. de Curso*, I, 1537–1550)" (Dr M. Gonçalves Cerejeira, *O Humanismo em Portugal—Clenardo*, p. 128).

Navarro was received with the greatest consideration by Dom João III, who allowed him a salary of one thousand *ducados* a year—to the surprise of Cleynarts (see Dr Cerejeira, *op. cit.* pp. 127 and 333)—and he eulogised the King in many of his works, saying that Dom João "fué un monarca ejemplar en virtud y en procurar el bien de sus vasallos" (Arigita y Lasa, *op. cit.* p. 143).

Durante dezesete annos permaneceu em Coimbra, onde "fez ás vezes de reitor" (Dr J. M. Teixeira de Carvalho, *A Universidade de Coimbra no seculo* XVI, p. 42), ensinando e escrevendo, sendo muitas das suas obras impressas n'aquella cidade, da qual nos deixou noticias interessantissimas.

Azpilcueta Navarro, "vir doctissimus et piissimus," como escreveu o Cardeal Belarmino no seu *De Scriptoribus ecclesiasticis*, e a quem mestres illustres, taes como Diogo de Teive e Jorge Buchanan, dedicaram versos de encomio, deixou um nome celebre na Universidade e, sem duvida, fez parte da pleiade de professores celebres que ensinaram em Coimbra no seculo XVI. Em 1555 sahiu de Portugal e regressou a Hespanha, onde gozava da particular consideração de Filippe II, que não só lhe outorgou privilegios especiaes para a impressão e publicação das suas obras em Hespanha, mas pediu a Carlos IX de França que lhe concedesse as mesmas mercês no seu paiz. Em 1566 ainda veiu a Portugal ver a Rainha D. Catharina, mas essa visita foi de curta duração, pois em 1567 já se encontrava em Roma, onde se foi occupar da causa do Arcebispo de Toledo, D. Fr. Bartholomeu de Carranza —assumpto no qual não nos compete entrar. Alli, tanto o famoso Cardeal S. Carlos Borromeu como os Papas Pio V, Gregorio XIII e Sixto V tinham-o em grande conta.

Na Cidade Eterna continuou trabalhando e escrevendo, sendo bastantes das suas obras impressas em Roma. Muito velho, tinha 94 annos, falleceu n'aquella cidade em 1586, onde foi sepultado na egreja de Santo Antonio dos Portuguezes.

Arigita y Lasa (ver *ob. cit.* pp. 183–184) escreve a respeito de Navarro: "es justo le consideremos como teólogo escolástico. Tal se presenta él en su *Comentario* sobre las tres distinciones posteriores *de Pœnitentia*." Proseguindo, o biographo do illustre mestre explica o plano adoptado pelo Dr Navarro n'esta obra.

He stayed at Coimbra—where "he sometimes acted as Rector" (Dr J. M. Teixeira de Carvalho, *A Universidade de Coimbra no seculo* XVI, p. 42)—for seventeen years, teaching and writing, many of his works being printed in that city, about which he has left us some most interesting information.

Azpilcueta Navarro, whom Cardinal Bellarmine calls "vir doctissimus et piissimus" in his *De Scriptoribus ecclesiasticis*, and to whom celebrated scholars like Diogo de Teive and George Buchanan addressed poems of praise, left a famous name in the University, and ranks worthily among the many notable professors who lectured at Coimbra in the XVIth century. In 1555 he left Portugal and returned to Spain, where he was in high favour with Philip II, who not only granted him special privileges for the printing and publication of his works in Spain, but asked Charles IX of France to concede him similar advantages in that country. In 1566 he came to Portugal again, to see Queen Catharina; but his visit was of short duration, for in 1567 he was once more in Rome, where he interested himself in the cause of the Archbishop of Toledo, Don Fr. Bartholomeo de Carranza—a subject which we will not enter into. The famous Cardinal Saint Charles Borromeo, and Popes Pius V, Gregory XIII and Sixtus V all came to hold him in esteem.

He still went on working and writing, and a number of his books were printed in Rome, where he died in 1586 at the advanced age of 94, and was buried in the church of Santo Antonio dei Portoghesi.

Arigita y Lasa (see *op. cit.* pp. 183–184) says of Navarro: "es justo le consideremos como teólogo escolástico. Tal se presenta él en su *Comentario* sobre las tres distinciones posteriores *de Pœnitentia*." He then goes on to explain the plan adopted by Navarro in this work.

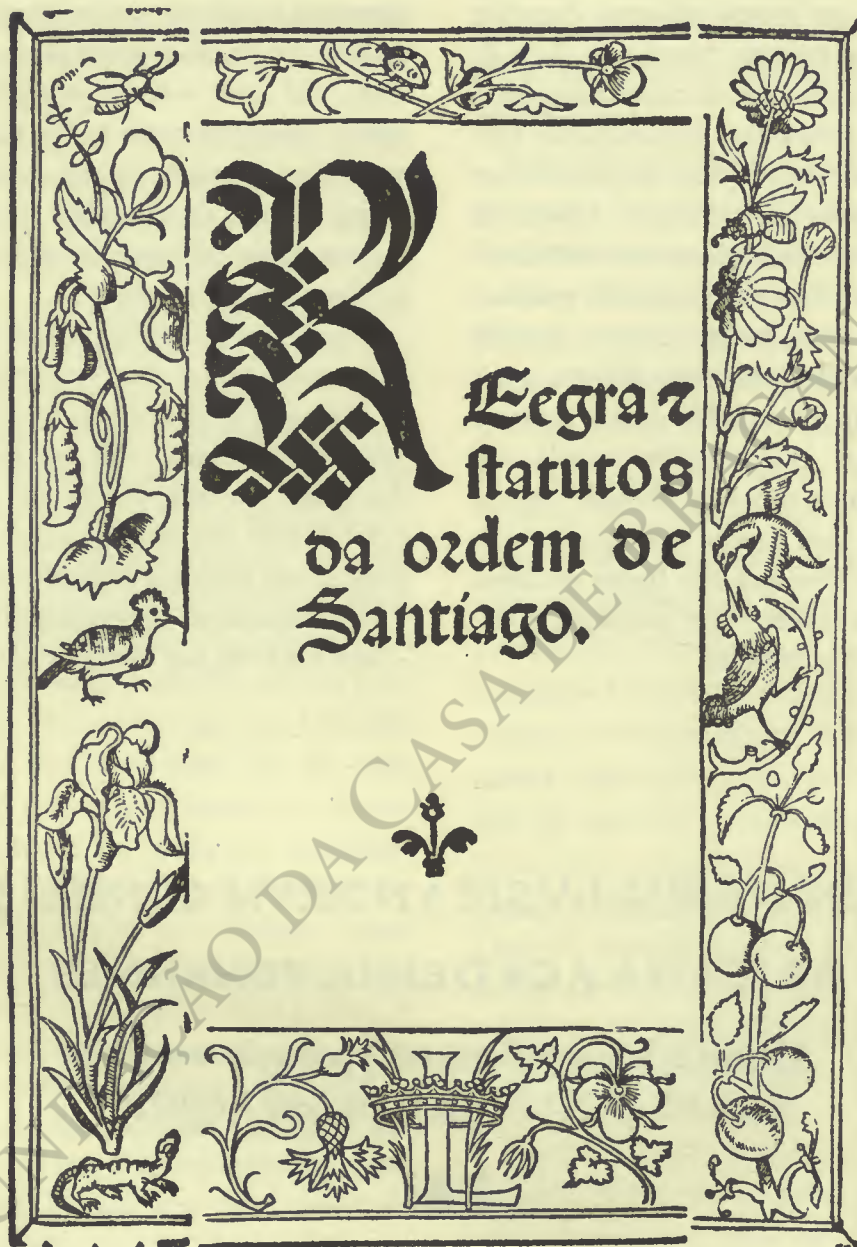
Em vista da situação de Azpilcueta na Universidade Portugueza, da grande influencia que alli exerceu, e das numerosas obras que publicou e imprimiu em Coimbra, entendemos dever abrir uma excepção e, em poucas palavras, descrever a vida do celebre canonista. Nas outras obras de que teremos de nos occupar, as nossas notas serão unicamente bibliographicas, desviando-nos apenas do caminho estabelecido ao descrever o seu *Commento en Romance ſobre el capitulo Quando. de cõſecratione*, 1545, em vista das suas noticias tão curiosas sobre a vida em Coimbra n'aquella epocha.

Azpilcueta Navarro, mestre insigne e homem austero, era Hespanhol; mas viveu dezesete annos em Portugal, onde foi acolhido com a maxima consideração pelas suas virtudes e pela sua sciencia; e julgamos não errar dizendo que se affeiçoára ao paiz onde passára tantos annos, pois foi sob o nome de Portugal—na Egreja de Santo Antonio dos Portuguezes—que procurou, n'este mundo, a sua ultima morada.

In view of the position Azpilcueta held in the Portuguese University, of his great influence, and of the numerous works he wrote and published in Coimbra, we have thought it right to make an exception in his case and to give a brief outline of his life. In the other works of his which we shall study, our notes will be purely bibliographical, except when we come to his *Commento en Romance ſobre el capitulo Quando. de cõſecratione*, 1545, which merits a more detailed account because of the interesting references he makes therein to life in Coimbra at that period.

The austere and distinguished Azpilcueta Navarro was Spanish; but he spent seventeen years in Portugal, where he was warmly received because of his virtues and his knowledge. We think we are not wrong in saying that he came to love the country where he lived for so long; in any case, it is under the name of Portugal—in the church of Santo Antonio dei Portoghesi—that his body has found its last resting-place.

IN NOBILI LVSITANORVM CONIMBRICANA ACADEMIA. IOHANNES
Aluarus, & Iohannes Barrerius typographi excudebāt.
Anno. M. D. XLII. quarto calendas Auguſtas.

29 Colophon dos *De poenitētia commentarij* de Martin de Azpilcueta Navarro
Colophon of the *De poenitētia commentarij* de Martin de Azpilcueta Navarro
Coimbra, 1542

30 Folha do rosto da *Regra de S. Thiago*
Title-page of the *Regra de S. Thiago*
Lisboa, 1542

51 REEGRA E STATUTOS DA ORDEM DE SANTIAGO.
Lisboa, Germão Galharde, 1542.

REegra z | ſtatutos | da ordem de | Santiago.
Titulo enquadrado por tarjas ornadas de flores, fructos, aves, etc. Ao meio da tarja inferior um L com a haste vertical metida n'uma corôa[1].

fl. 2 vo.
Brasão de D. Jorge de Lancastre, Duque de Coimbra[2].
[fl. 3] Prologo do meſtre. [...]
[fl. 4 vo.]
Gravura que representa S. Thiago combatendo os Mouros; por baixo[3]:
Aſſy apareceo ho bem auemturado apoſtolo | Samtiago patrão Deſpanha a elrey Ramiro: | com veſtidura z bamdeyra bramca/ em cauallo | da meſma cor/ domde ouue começo chamarſe | por elle nas batalhas ſegũdo diz ho dito rey na | doação dos votos que lhe fez.
fl. j. Começaſe ho prologo | da regra de Samtiago. [...]
fl. iij vo. Eſta he a regra. [...]
fl. xiiij. [...] Acabaſe a Regra. | Começãſe os capitulos | da acuſaçam z penitemcia dos freires. [...]
fl. xviij vo. [...] Fim dos capitulos da acuſaçam. | Bula do papa Alexãdre | Da fumdaçam da ordem. [...]
fl. xxvj. Comfeſſionario. [...]
fl. xxxiij. Sumario ꝺ imdulgẽcias | z graças [...]
fl. xxxiiij.
Em branco[4].
fl. xxxv. Sumario das diſpẽſſa | ções da regra. [...]
fl. xxxvj vo.
Fim da Regra. Seguem-se duas folhas em branco[5].
[fl. 3] Tauoada da regra z | outras couſas. [...]
[fl. 4 vo.]
Gravura do Apostolo S. Thiago deitado n'um barco sobre rodas[6].

[1] *Title within a border of woodcuts adorned with flowers, fruits, birds, etc. In the centre of the lowest woodcut is the letter L, the vertical line of which is encircled by a crown.*
[2] *Arms of Dom Jorge de Lancastre, Duke of Coimbra.*
[3] *Woodcut representing St James fighting against the Moors; below:*
[4] *Blank.*
[5] *End of the* Regra. *Two blank leaves follow.*
[6] *Woodcut of St James the Apostle reclining in a boat on wheels.*

fl. j. Em nome de Deos co- | meçãſe os eſtatutos q̃ fez o meſtre | dom Iorge filho del rey dõ Ioam | ho ſegundo. [...]

fl. xxxvj. [...] Deo gratias.

fl. xxxvj vo.

O sello da Ordem enquadrado por tarjas[1].

[fl. xxxvij]

O sello do capitulo da Ordem enquadrado por tarjas[2].

[fl. xxxvij vo.] Eſtes ſam os ſalmos que ficão referidos. | no primeiro eſtatuto. [...]

fl. xxxviij vo.

A bandeira principal da Ordem[3].

fl. xxxix.

Segunda bandeira da Ordem[4].

fl. xxxix vo. Tauoada dos | eſtatutos. [...]

[fl. 2 vo.] [...] Fin.

[fl. 3] Foy impreſſa eſta copilaçam per | Germão Galharde Frances. | Na muy nobre ⁊ ſempre | leal cidade de Lix- | boa: aos qua- | tro dias | do | mes de Nouembro | Anno de. M. | D.xlij.

[fl. 4] Emmẽdas dalgũs vicios da | empreſſam. [...]

4º—[4], xxxvj, [4], xxxix, [4] folhas—27 linhas —caractéres gothicos—sem titulos correntes nem reclamos.

Numeração dos cadernos: 4 folhas sem paginação nem assignaturas; a–d, 8 folhas cada caderno; e, 2 folhas; f, 4 folhas; b, 2 folhas; A–D, 8 folhas cada caderno; E, 10 folhas; uma folha sem assignatura; total de 87 folhas; a 1 tem assignatura A; b 2 tem assignatura errada c ij; d 2 não tem assignatura.

Encadernação de carneira.

4to.—[4], xxxvj, [4], xxxix, [4] leaves—27 lines—Gothic type—no headlines nor catchwords.

Collation by signatures: 4 unnumbered leaves without signature marks; a–d, each 8 leaves; e, 2 leaves; f, 4 leaves; b, 2 leaves; A–D, each 8 leaves; E, 10 leaves; one leaf with no signature mark; total 87 leaves; a 1 is marked A; b 2 is wrongly marked c ij; d 2 has no signature mark.

Sheepskin binding.

Já nos occupámos detalhadamente da Ordem de S. Thiago nas notas que escrevemos sobre a *Regra* impressa em Setubal por Hermão de Campos em 1509 (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. 1, pp. 196–219).

We have already made a detailed study of the Order of St James in our notes on the *Regra* (rules) printed in Setubal by Hermão de Campos in 1509 (see *Early Portuguese Books*, vol. 1, pp. 196–219).

1 *The seal of the Order, within a woodcut border.*
2 *The seal of the chapter of the Order, within a woodcut border.*
3 *The principal banner of the Order.*
4 *Second banner of the Order.*

Em 1540 foi estampada por Germão Galharde uma nova edição (ver Anselmo e Proença, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 623); na Bibliotheca Palha (*Catalogo*, nº 2575) —hoje na Bibliotheca da Universidade de Harvard—havia um exemplar, dos unicos conhecidos, d'essa impressão.

Em 1542, publicou-se uma terceira edição, sahida tambem dos prelos de Germão Galharde, e á qual se referem, entre outros: Innocencio (*Diccionario*, vol. VII, pp. 61–62), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 481), e Anselmo e Proença (*ob. cit.* nº 627) que, depois de descreverem cuidadosamente a obra, indicam existirem tres exemplares na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e um na Bibliotheca da Universidade de Coimbra. O exemplar que possuimos está admiravelmente conservado, mostrando a finura d'este trabalho de Galharde, sem duvida um dos que esse "imprimidor" estampou com desvelo.

No *Prologo do meſtre*, o Senhor D. Jorge, filho d'El-Rei D. João II, depois de se referir á *Regra* estabelecida no Capitulo Geral—que teve logar no convento de Palmella em 1508—e impressa com os estatutos em 1509, declara:

"E porque achamos deſpoys que a dita regra nam era autemtica por nam ſer tirada da original/ trabalhamos por auer a propria da camara apoſtolica: ⁊ vimos que nam era comforme a ella ha que tinhamos eſcolhida. E por nos tambem parecer neceſſario ẽmẽdaremſe algũs eſtatutos / pera prouer em tudo: celebramos capitulo geral no dito comuemto: no mes Doutubro / de Mil ⁊ quinhemtos ⁊ trimta & dous.... E mamdamos treladar em linguagem fielmẽte a dita regra da original / ⁊ moderamos algũs eſtatutos que erã feitos / ⁊ acrecemtamos em outros: ⁊ fizemos tambem algũs de nouo ſegumdo nos pareceo que cõuinha a eſte tempo viamdo em tudo das bullas dos ſamtos padres: primcipalmemte do papa Inocemcio oytauo. ⁊ Iulio ſegumdo: ⁊ tiramos da copilaçam (*sic*) amtigua todas as couſas q̃ nos parecerã ſobejas ⁊ reduzimos tudo neſte mais breue volume: pera mays facilmemte ho poderem

The work was again printed by Germão Galharde in 1540 (see Anselmo and Proença, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 623)—a copy of this rare edition used to be in the Palha Library (*Catalogue*, no. 2575) and is now in the Harvard University Library.

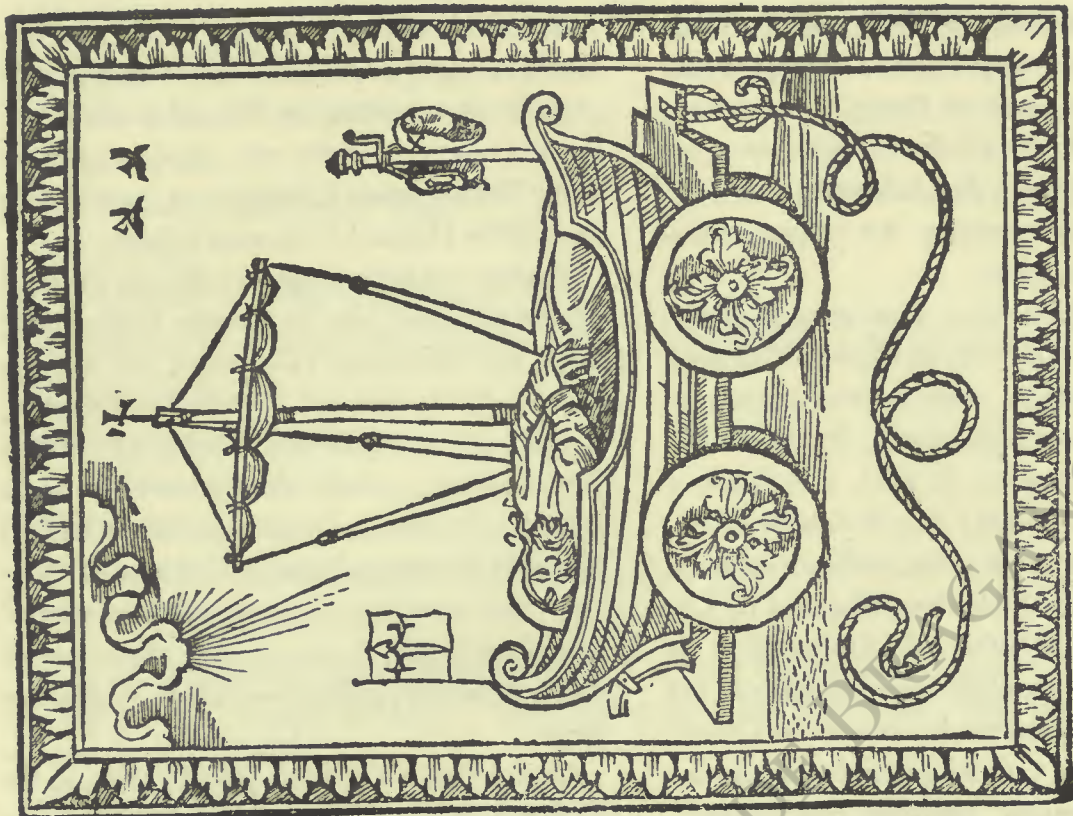
Among the bibliographers who cite the third edition published, also by Germão Galharde, in 1542, are: Innocencio (*Diccionario*, vol. VII, pp. 61–62), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 481), and Anselmo and Proença (*op. cit.* no. 627) who give a careful description of the work and state that there are three copies in the Lisbon National Library and one in Coimbra University. Our own copy is in an excellent state of preservation, and, in our opinion, this is one of the most carefully printed works from Galharde's press.

Dom Jorge, son of King João II, refers, in the *Prologo do meſtre*, to the *Regra* established at the Chapter General—held in Palmella in 1508—and printed with the statutes in 1509; he then declares:

"And because we afterwards found that the said *regra* was not authentic, since it was not taken from the original, we strove to obtain the proper one from the apostolic chamber, and we saw that the one we had chosen did not conform to it. And because it also seemed to us necessary to amend some of the statutes, in order to provide for everything, we held a chapter general in the said convent in the month of October of one thousand five hundred and thirty-two.... And we commanded that the said *regra* should be faithfully translated from the original into the vernacular, and we moderated some of the statutes that were made, and added to others; and we also made some new ones according to what seemed to us convenient at the time, always guiding ourselves by the bulls of the holy fathers, especially Pope Innocent VIII and Julius II. We have omitted everything that seemed to us superfluous in the old compilation and have reduced the whole to this small volume, so that the knights and brothers of the said order may be able to carry it

¶ Adiuua nos deus ꝛ beate Jacobe.

¶ Assy apareceo ho bem auemturado apostolo Samtiago patrão Despanha a elrey Ramiro: com vestidura ꝛ bamdeyra bramca/ em cauallo da mesma cor/ domde ouue começo chamarse porelle nas batalhas segũdo diz ho dito rey na doação dos votos que lhe fez.

31 Pagina da *Regra de S. Thiago*
Page of the Regra de S. Thiago
Lisboa, 1542

32 Gravura da *Regra de S. Thiago*
Woodcut from the *Regra de S. Thiago*
Lisboa, 1542

33 Sello da Ordem de S. Thiago da *Regra de S. Thiago*
Seal of the Order of St James from the *Regra de S. Thiago*
Lisboa, 1542

34 Sello do capitulo da Ordem de S. Thiago da *Regra de S. Thiago*
Seal of the chapter of the Order of St James from the *Regra de S. Thiago*
Lisboa, 1542

35 Brasão do Duque de Coimbra da *Regra de S. Thiago*
Arms of the Duke of Coimbra from the *Regra de S. Thiago*
Lisboa, 1542

trazer comſigo os caualleyros ꝛ freyres da dita ordem: ꝛ ſaberem milhor ſuas obrigações ꝛ diſpemſações."

As palavras do Mestre são a explicação da nova edição da *Regra*. Publicada primeiro em 1540, é provavel que a impressão fôsse diminuta, sendo necessario estampar-se "eſta copilaçam," que sahiu dos prelos de "Germão Galharde Frances...aos quatro dias do mes de Nouembro Anno de. M.D. xlij."

about with them more easily, and gain a better understanding of their obligations and dispensations."

The Master thus explains the reasons for the new edition of the *Regra*, which was first printed in 1540. The edition was probably a small one, so that it soon became necessary for "Germão Galharde Frenchman" to reprint "this compilation," which he did "on the fourth day of the month of November in the year of M.D. xlij."

¶ Foy impreſſa eſta copilaçam per
Germão Galharde Frances.
Na muy nobre ꝛ ſempre
leal cidade de Lix-
boa: aos qua-
tro dias
do
mes de Nouembro
Anno de. M.
D. xlij.
✠

36 Colophon da *Regra de S. Thiago*
Colophon of the *Regra de S. Thiago*
Lisboa, 1542

HIERONYMI
OSORII LVSITA-
NI DE NOBILI-
TATE CIVI-
LI, LIBRI
DVO.

Eiusdem de nobilitate Christiana
Libri tres.

OLYSSIPONE, APVD
Ludouicum Rodericum
Typographum.
1542.

37 Folha do rosto do *De nobilitate civili* de Jeronymo Osorio
Title-page of the *De nobilitate civili* of Jeronymo Osorio
Lisboa, 1542

52 D. JERONYMO OSORIO, DE NOBILITATE CIVILI.
Lisboa, Luiz Rodrigues, 1542.

HIERONYMI | OSORII LVSITA- | NI DE NOBILI- | TATE CIVI- | LI, LIBRI | DVO. | Eiusdem de nobilitate Christiana | Libri tres. | OLYSSIPONE, APVD | Ludouicum Rodericum | Typographum. | 1542.
Titulo enquadrado por uma portada egual á da Hystoria de Lucano[1].

fl. 2. HIERONYMVS | *OSORIVS LVDO-* | *uico Principi clarissimo Re-* | *gis Emanuelis filio.* | *S.P.D.* [...]
fl. 4. HIERONIMI | *OSORII DE* | *Nobilitate ciuili, Liber* | *primus.* [...]
fl. 41. AD LVDOVI- | CVM PRINCIPEM | CLARISSIMVM REGIS | EMANVELIS FILIVM. | HIEROMYMI [*sic*] OSO- | RII DE CHRI- | STIANA NO | BILITA- | TE. | LIBER PRIMVS. [...]
fl. 119 vo. [...] *FINIS.*
fl. 120.
Erratas[2].
fl. 120 vo.
Marca do impressor[3].

4º—[1], 2–120 folhas—24 e 25 linhas—caractéres italicos.
Numeração dos cadernos: a–p, 8 folhas cada caderno; total de 120 folhas.
Encadernação de carneira.

Os livros intitulados *De Nobilitate Civili* e *De Nobilitate Christiana*, impressos n'um volume por Luiz Rodrigues em 1542, fôram as primeiras obras publicadas por D. Jeronymo Osorio, e d'ellas fazem menção diversos auctores, entre os quaes citaremos: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 514), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 248), Brunet (*Manuel du Libraire*, t. IV, col. 249), Salvá (*Catálogo de la Biblioteca de Salvá*, nº 3965), e Anselmo e

4to.—[1], 2–120 leaves—24 and 25 lines—italics.
Collation by signatures: a–p, each 8 leaves; total 120 leaves.
Sheepskin binding.

De Nobilitate Civili and *De Nobilitate Christiana*, printed in one volume by Luiz Rodrigues in 1542, were the first works published by Dom Jeronymo Osorio, and among the many authors who mention them are: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, p. 514), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 248), Brunet (*Manuel du Libraire*, vol. IV, col. 249), Salvá (*Catálogo de la Biblioteca de Salvá*, no. 3965),

[1] *Title-page within a woodcut border like the one in the* Hystoria de Lucano.
[2] *Errata.*
[3] *Printer's mark.*

Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 1035) que indicam serem conhecidos os seguintes exemplares d'este volume: Bibliotheca Nacional de Lisboa (3 ex.), Ajuda, Evora, Universidade de Coimbra, e Braga. A essa lista temos a accrescentar—alem do nosso—mais dois exemplares; um no Museu Britannico (ver H. Thomas, *Short-title Catalogues of Portuguese Books*, p. 22), e um na Bibliotheca da Hispanic Society of America (ver Clara L. Penney, *List of books printed before* 1601, p. 186).

Não pretendemos escrever a vida de D. Jeronymo Osorio, que, sem duvida, foi uma grande figura na historia: os auctores que fizeram a sua biographia e se occuparam das obras que escreveu, são muitos, e innumeros os que—póde dizer-se sempre elogiosamente—se referem ao illustre e virtuoso Prelado.

D. Jeronymo, filho de João Osorio da Fonseca e de Francisca Gil de Gouvêa, nasceu em Lisboa em 1506. Quando era muito novo, seu pae partiu para a India, acompanhando, como Ouvidor, D. Vasco da Gama, e a primeira parte da educação do futuro Bispo ficou entregue a sua mãe, que o mandou instruir na lingua latina. Aos treze annos seguiu para Salamanca; na celebre Universidade aperfeiçoou-se no Latim "e aprendeo o Grego no qual traduzio em elegantes Verſos as Lamentaçoens de Ieremias" (Barbosa, *ob. cit.* p. 510). Dois annos depois voltou a Portugal; mas seu pae, que tinha regressado da India "mais cheyo de fama, que riquezas," mandou-o novamente a Salamanca para estudar direito civil, pois, como diz Barbosa, queria "que foſſe herdeiro da ſua ſciencia juridica." O jovem Osorio obedeceu, mas constrangido, "por ſer a ſua natural inclinaçaõ para as armas, de tal ſorte q̃ eſtava reſoluto oſtentar os brios do ſeu coraçaõ profeſſando a Ordem militar de Malta" (Barbosa, *loc. cit.*). Continuou estudando jurisprudencia por obrigação, e lendo com amor os historiadores gregos e latinos. Fallecendo seu pae, regressou a Portugal; mas, pouco tempo depois, partiu para Paris onde,

and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 1035) who cite the following copies: Lisbon National Library (3 copies), Ajuda, Evora, Coimbra University, and Braga. To this list must be added our own copy, the one in the British Museum (see H. Thomas, *Short-title Catalogues of Portuguese Books*, p. 22) and the one in the Library of the Hispanic Society of America (see Clara L. Penney, *List of books printed before* 1601, p. 186).

We do not pretend to write the life of Dom Jeronymo Osorio, who was certainly an important figure in history; his biographers have been many, and those who have made shorter—but we may say always eulogistic—references to him are without number.

Dom Jeronymo, the son of João Osorio da Fonseca and Francisca Gil de Gouvêa, was born in Lisbon in 1506. While Dom Jeronymo was still very young, his father sailed for India with Vasco da Gama, to act as *Ouvidor* (judge) there, so the early part of the future Bishop's education was left to his mother, who had him instructed in the Latin tongue. At thirteen he proceeded to Salamanca University, where he perfected his Latin "and learnt Greek, into which he translated the Lamentations of Jeremiah in elegant verse" (Barbosa, *op. cit.* p. 510). Two years later, he went back to Portugal, but his father, who had returned from India "with more fame than riches," sent him to Salamanca again, to study civil law, because, as Barbosa says, he wanted him "to be the inheritor of his juridical knowledge." The young Osorio was constrained to obey, though "he had naturally such a strong bent for arms that he was resolved to show his mettle by taking his vows in the military Order of Malta" (Barbosa, *loc. cit.*). He dutifully continued his study of jurisprudence, at the same time eagerly reading the Greek and Latin historians. When his father died, he returned to Portugal, but soon afterwards left for

na famosa Universidade, se dedicou ao estudo da philosophia, "cujas ſubtilezas penetrou taõ profundamente, que mereceo as aclamaçoens de conſumado Filoſofo" (Barbosa, *loc. cit.*).

Alem dos seus estudos, a sua estada em Paris teve uma outra importancia, pois foi alli que conheceu Santo Ignacio de Loyola e os seus companheiros, com quem contrahiu "cordial amizade," vindo a ser, annos depois, uma das pessoas que influiu para que D. João III admittisse a Companhia de Jesus em Portugal. De Paris regressou a Portugal, mas breve ausentou-se novamente: o seu desejo de apprender levou-o á Universidade de Bolonha, onde se deu ao estudo da Theologia e do Hebreu. N'essa cidade—tinha trinta annos—compoz os dois livros *De Nobilitate Civili* e *De Nobilitate Chriſtiana*, que dedicou ao Infante D. Luiz, o discipulo e amigo de Pedro Nunes. Diz-nos Barbosa (*ob. cit.* p. 514) que estes dois tratados fôram muito louvados por "dous Oraculos da Juriſprudencia Andre Tiraquello *Tract. de Nobilit.* cap. I e Ioaõ Solorzano *de Jure Ind.* tom. I, liv. I, cap. 3, n. 48."

D. João III convidou então Jeronymo Osorio a vir exercer o magisterio na Universidade de Coimbra, "onde regeu a cadeira de Escriptura Sagrada, explicando o livro de Isaías e a epístola de S. Paulo aos romanos com sabedoria que todos admiravam" (Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, t. III, parte II, p. 321). Pela mesma epocha escreveu, em contraposição dos tratados de Cicero *De Gloria*, *De Republica* e *De Consolatione*, os livros *De Gloria* e *De Regis Institutione*, e uma paraphrase ao livro de Job "como eficaz lenitivo para tolerar as moleſtias, e tribulaçoens do Mundo."

Não nos dizem os auctores que conhecemos, quando e onde Osorio se ordenou; é possivel que fôsse no tempo em que contrahiu a amizade que o uniu a Santo Ignacio. Tanto em Barbosa (*ob. cit.* pp. 510–518), como em Fortunato de Almeida (*ob. cit.* pp. 889–893) encontramos nume-

Paris, where he entered the University and devoted his attention to philosophy, "the subtleties of which he penetrated so deeply that he was deservedly acclaimed a consummate Philosopher" (Barbosa, *loc. cit.*).

His stay in Paris had an importance apart from his work at the University, for it was there that he came to know St Ignatius de Loyola and his companions, with whom he contracted a "cordial friendship," so that years later he was one of the persons who influenced Dom João III to admit the Society of Jesus into Portugal. From Paris he returned to Portugal, but it was not long before he again absented himself; his thirst for knowledge sent him to Bologna, where he studied Theology and Hebrew. In that city, at the age of thirty, he composed the *De Nobilitate Civili* and *De Nobilitate Chriſtiana*, which he dedicated to the Infante Dom Luiz, Pedro Nunes' pupil and friend. Barbosa (*op. cit.* p. 514) tells us that these two treatises were greatly praised by "two Oracles of Jurisprudence, Andre Tiraquello (Tiraqueau), *Tract. de Nobilit.* chap. I and João Solorzano, *de Jure Ind.* vol. I, book I, chap. 3, no. 48."

Dom João III then invited Osorio to take a professorship at Coimbra University, "where he held the chair of Holy Scripture, expounding the Book of Isaiah and the Epistle of St Paul to the Romans with a wisdom that was the admiration of all" (Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. III, part II, p. 321). At this period he wrote the works *De Gloria* and *De Regis Institutione* and a paraphrase of the book of Job, "as an effective palliative for the pains and tribulations of this world," to replace the lost treatises of Cicero: *De Gloria*, *De Republica* and *De Consolatione*.

None of the authors we have been able to consult tell us when and where Osorio was ordained; but it may have been at the time when he became a friend of St Ignatius. Both Barbosa (*op. cit.* pp. 510–518) and Fortunato de Almeida (*op. cit.* pp. 889–893) give much interesting in-

rosas noticias ácerca da vida de Osorio, e dos differentes e importantes logares que desempenhou. Barbosa diz-nos que elle foi secretario do Infante D. Luiz: esse Principe, illustre nas armas, nas lettras e nas sciencias, era-lhe muito affeiçoado, e, reconhecendo no futuro Bispo qualidades e virtudes excepcionaes, commetteu-lhe a educação de seu filho, o senhor D. Antonio, Prior do Crato. Em 1560, o Cardeal Infante D. Henrique nomeou-o Arcediago do Bago da Cathedral de Evora.

"Foi por insinuação do mesmo infante cardeal que Jerónymo Osório escreveu uma erudita carta á raínha Isabel de Inglaterra, a persuadir-lhe que abjurasse os erros heréticos e abraçasse os dogmas da Igreja cathólica. Em defesa de Isabel tomou a penna o seu ministro Gualter Haddon, a quem brilhantemente redarguiu Jerónymo Osório" (Fortunato de Almeida, *loc. cit.*).

Em 1564 foi nomeado Bispo de Silves, e na sua diocese—cuja Cathedral foi transferida para Faro em 1577—não fez senão o bem, cuidando do seu rebanho, para a instrucção do qual fundou á sua custa escholas publicas de Latim em Lagos e Villa Nova de Portimão, e de Theologia moral em Faro, Tavira e Loulé. Diz-nos Barbosa:

"Para que os ſeus Familiares evitaſſem a ociosidade ſegunda mãy de todos os vicios, ſuſtentava com largos eſtipendios em o ſeu Palacio homens eruditos para lhes enſinar as artes dignas do ſeu eſtado, aos quais muitas vezes inſtruia com os preceitos da lingua Grega, e Geometria de Euclides."

Não só exhortava os melhores estudantes a frequentarem as universidades, mas subsidiava-os do seu bolso. A sua caridade era inexcedivel, podendo dizer-se que dava tudo aos necessitados; a porta do seu palacio estava sempre aberta a qualquer pessoa que o procurasse. A tantas virtudes junctava-se uma profunda sciencia como mestre, e um grande talento como escriptor.

formation about Osorio and the different important positions he held. The former tells us that he was secretary to the Infante Dom Luiz, and that this Prince, whose achievements in arms, literature and science were alike notable, had a great affection for him, and, recognising the exceptional qualities and virtues of the future Bishop, entrusted him with the education of his son, Dom Antonio, the *Prior do Crato*. In 1560 the Cardinal Infante Dom Henrique named him Archdeacon of Evora Cathedral.

"It was at the instigation of the same Cardinal Infante that Jeronymo Osorio wrote a learned letter to Queen Elizabeth of England, to persuade her to abjure heretical errors, and embrace the dogmas of the Roman Catholic Church. Her minister Walter Haddon took up his pen in defence of Elizabeth, and Jeronymo Osorio made him a brilliant reply" (Fortunato de Almeida, *loc. cit.*).

In 1564 he was appointed Bishop of Silves, and in his diocese, whose Cathedral was transferred to Faro in 1577, he did nothing but good in the care of his flock. At his own expense he founded public schools of Latin at Lagos and Villa Nova de Portimão, and of moral theology at Faro, Tavira and Loulé; and, Barbosa tells us,

"So that his assistants and servants might avoid idleness, second mother of all vice, he kept learned men in his Palace at large salaries to instruct them in the arts befitting their estate, and he himself often taught them the principles of the Greek tongue and the Geometry of Euclid."

He not only exhorted the best students to attend the universities, but subsidised them from his own purse. His charity was boundless, it may be said that he gave all to the needy; the door of his palace was always open to anyone who needed his help or advice. To his many virtues he added profound knowledge as a teacher, and a great talent for writing; and the conjunction of

Tantas qualidades davam-lhe uma auctoridade excepcional. Teve, por consequencia, inteira razão Fortunato de Almeida quando escreveu:

"D. Jerónymo Osório é uma das mais illustres figuras do episcopado português de todos os tempos, grande theólogo, historiador, philósopho e poeta" (*ob. cit.* p. 321).

Era tambem um estadista e, sobretudo, um grande Portuguez. Nas Côrtes celebradas em Lisboa a 20 de Janeiro de 1568, quando D. Sebastião tomou as redeas do governo, o Cardeal Infante D. Henrique, que conhecia o saber e grande prudencia de D. Jeronymo, escolheu-o para ser um dos conselheiros do jovem Soberano; mas o Bispo de Silves, que, com os outros Prelados do Reino, assistira ás Côrtes, pediu venia para recusar, sob o pretexto das suas obrigações pastoraes, e regressou ao Algarve. Mas de longe dava conselhos ao Soberano—conselhos que, infelizmente, não eram seguidos—em cartas que são verdadeiros monumentos. Se a elegancia e perfeição com que escrevia a lingua latina lhe mereceu entre nós o epitheto de *Cicero Portuguez*, as suas cartas em linguagem mostram, pelo estylo e elevação das ideas, que tambem era um mestre da sua lingua. Duas d'essas cartas, dirigidas a D. Sebastião—uma sobre a necessidade do Monarcha se casar antes de passar á Africa, a outra em que o illustre Prelado tenta dissuadir o jovem Rei da jornada de Marrocos—serviram de pretexto a calumnias contra o digno Bispo. D. Jeronymo, receando que ellas fôssem bem recebidas por El-Rei, sahiu de Portugal sob a causa apparente da visita *ad sacra limina*. De Sevilha pediu por carta o beneplacito regio para essa viagem. Esteve em Parma, e d'alli seguiu para Roma, onde o Papa Gregorio XIII o acolheu com grande benevolencia. Após um anno, movido pelas instancias de D. Sebastião e do Cardeal D. Henrique, voltou ao Reino. Quando chegou, preparava-se a segunda expedição a Marrocos; D. Jeronymo, valendo-se da auctori-

all these qualities gave him exceptional authority. So Fortunato de Almeida is perfectly right when he says:

"Dom Jeronymo Osorio is one of the outstanding figures of the Portuguese episcopate of all time, a great theologian, historian, philosopher and poet" (*op. cit.* p. 321).

He was also an eminent statesman and above all a great Portuguese. At the *Côrtes* held in Lisbon on January 20th, 1568, when Dom Sebastião took up the reins of government, the Cardinal Infante Dom Henrique, who was well aware of Dom Jeronymo's knowledge and great prudence, chose him to be one of the counsellors of the young Sovereign; but the Bishop of Silves, who, with the other prelates of the realm, attended the *Côrtes*, asked permission to refuse the honour, on account of his pastoral duties, and returned to the Algarve. But from afar he gave counsels to the King—counsels which, unhappily, were not followed—in letters which remain as monuments to his character. If the elegance and perfection with which he wrote in Latin earned him the title of the *Portuguese Cicero*, his eloquent letters in Portuguese show that he was also a master of his own tongue. Two of these letters addressed to Dom Sebastião—one on the need for the King to marry before going to Africa, and the other attempting to dissuade the young Monarch from undertaking the expedition to Morocco—served as a pretext for calumnies against the Bishop. Dom Jeronymo, fearing that the King might listen to his slanderers, left Portugal, ostensibly to visit the *sacra limina*, writing from Seville to ask the royal permission to make this journey. He visited Parma and proceeded from there to Rome, where Pope Gregory XIII received him with great benevolence. At the end of a year, however, he was prevailed upon by Dom Sebastião and the Cardinal Dom Henrique to return to Portugal, where he found, on his arrival, that preparations were being

dade do seu nome, e servindo-se da grande eloquencia de que era dotado, exhortou ainda o Desejado a que abandonasse o temerario projecto; mas de nada serviram as palavras cheias de prudencia do Bispo.

O Dr Mendes dos Remedios, referindo-se aos prosadores Portuguezes no seculo XVI, escreve a seu respeito esta phrase cheia de verdade: "É dos historiadores mais imparciais e mais desassombrados dêste período" (*História da Literatura Portuguesa*, 5ª ed., p. 169). A sua obra capital, a Chronica de D. Manuel—*De Rebvs Emmanvelis Geſtis* (1571)—escreveu-a em Latim, para que os feitos Portuguezes fôssem conhecidos *per omnes reipublicae Christianae regiones.* "O facto de ser esta obra escrita em latim, tornou-a e ao seu autor muito conhecidos na Europa" (Mendes dos Remedios, *loc. cit.*). Póde mesmo dizer-se que, devido a esse facto, Osorio é um dos prosadores Portuguezes do seculo XVI mais conhecidos no estrangeiro. O numero de edições das obras de D. Jeronymo impressas fóra de Portugal (ver Barbosa, *ob. cit.* pp. 514–516), e as diversas traducções do *De Rebus*, provam, a nosso ver, esse facto. Aubrey Bell, referindo-se á Chronica do Bispo de Silves, escreve:

> "In England certainly his book was highly prized, and both Dryden and Pope praised Gibbs' translation, although Francis Bacon noted the diffuseness of Osorio's style: *luxurians et diluta*, certainly not a just verdict on the style as a whole; we have but to think of the concise sketches of Albuquerque...and King Manuel" (*Portuguese Literature*, p. 209).

Mas o que mais admiramos no illustre Bispo é a fórma desassombrada como escreveu; não hesitou, por exemplo, em dizer que a expulsão dos Judeus tinha sido "facto quidem iniquam & iniuſtam" (*De Rebus*, 1571, p. 19—ver sobre a questão as paginas seguintes).

O virtuoso Prelado mostrou ainda claramente

made for the second expedition to Morocco. Dom Jeronymo took advantage of his high reputation and earnestly exhorted the King to abandon the rash project; but his prudent words were of no avail.

Dr Mendes dos Remedios, referring to the Portuguese prose-writers of the XVIth century, says truly of Osorio that "He is one of the most impartial and fearless historians of this period" (*História da Literatura Portuguesa*, 5th ed., p. 169). His principal work, the Chronicle of Dom Manuel—*De Rebvs Emmanvelis Geſtis* (1571)—was written in Latin so that the Portuguese achievements might be understood *per omnes reipublicae Christianae regiones.* "The fact that this work was written in Latin made it and its author very well known in Europe" (Mendes dos Remedios, *loc. cit.*). It may even be said that it caused Osorio to become one of the most widely known Portuguese writers in the XVIth century; for there were various translations of the *De Rebus*, and many editions of his works were printed outside Portugal (see Barbosa, *op. cit.* pp. 514–516). Aubrey Bell says of Osorio's Chronicle:

> "In England certainly his book was highly prized, and both Dryden and Pope praised Gibbs' translation, although Francis Bacon noted the diffuseness of Osorio's style: *luxurians et diluta*, certainly not a just verdict on the style as a whole; we have but to think of the concise sketches of Albuquerque...and King Manuel" (*Portuguese Literature*, p. 209).

But what we admire most in Dom Jeronymo is the fearless candour with which he wrote; for instance he did not hesitate to say that the expulsion of the Jews had been "facto quidem iniquam & iniuſtam" (*De Rebus*, 1571, p. 19—see also the subsequent pages).

The virtuous Prelate again showed clearly that

a coragem das suas convicções em duas cartas que dirigiu a D. Sebastião.

Sem querermos entrar aqui nas complicadas negociações do casamento de D. Sebastião com Marguerite de Valois, não podemos deixar de transcrever parte da carta escripta por D. Jeronymo a El-Rei sobre esse projecto em 1571:

"Senhor. Corre fama por eſta terra, que V.A. he caſado em França, ſe aſſim he, ſerá para gloria de Noſſo Senhor, e proſperidade deſtes Reynos, e grande nome de V.A. o qual já neſte negocio naõ póde ſer pouco; porque dizem, que naõ caſa V.A. por ſua vontade, mas pelo que convém à paz, e proveito dos ſeus Reynos, e Senhorios."

Depois de explicar a differença entre Reis e tyrannos, e quaes são os deveres dos primeiros, mostra, com verdadeira visão de estadista, ao jovem Monarcha as vantagens do casamento com a Princeza Franceza:

"França tem forças, ſitio, e diſpoſiçaõ para muito mal, e para muito bem; o mal ſentimos aſſaz nos grandes roubos, e damnos, que a eſte Reyno tem feito, e iſto naõ havendo guerra apregoada, pois que fora ſe a houvera! Ao grande Emperador Carlos V atava os pés, e as mãos, de tal maneira, que ſe naõ ſabia dar a conſelho, nem podia levar avante ſuas emprezas, como desejava. ...O que Portugal tem, naõ eſtá no cofre, tudo anda fóra. O comercio de Flandes, de Alemanha, de Italia naõ teremos, ſe os Francezes naõ quizerem; o ſenhorio das Ilhas de Guiné, e da India cuſtará em ſe defender trabalho, perigo, e deſpeza intoleravel."

Em seguida diz a D. Sebastião que, casando, cumprirá "com o que deve a ſeus vaſſallos; porque lhe deve Principes," e que essa obrigação é tamanha, "que obrigou a alguns Principes sahir de ſeu Moſteiro, por naõ haver outros mais chegados a Coroa, até naõ ſómente reynarem, e terem filhos," evitando assim discordias nos reinos, ou

he had the courage of his convictions, in two of the letters he wrote to Dom Sebastião.

Though we cannot enter here into the question of the complicated negotiations for the marriage of Dom Sebastião with Marguerite de Valois, we cannot refrain from quoting part of the letter written by Dom Jeronymo to the King on the subject in 1571:

"Sire. There is a rumour in this country that Your Highness is to marry in France, if this be so, it would be for the glory of Our Lord, and would add to the prosperity of these Kingdoms, and the greatness of Your Highness' name, which already cannot be small in this affair; for it is said that Your Highness does not marry of your own will, but in the cause of peace and for the good of your Kingdoms and Dominions."

Then, having explained the differences between Kings and tyrants, and the duties of the former, Osorio, with the wisdom of a true statesman, points out to the young King the advantages of the marriage with the French Princess:

"France has the strength, the position and the disposition for great harm and for great good; we have had sufficient evidence of the harm in the great robberies and damage to which she has subjected this country, and this without war being declared, so what would happen if it were? She so tied the hands and feet of the great Emperor Charles V that he did not know how to act in order to carry out his undertakings as he wished.... What Portugal has is not in her treasury: all is outside. We should not be able to keep our trade with Flanders, Germany and Italy, if the French did not wish it; to defend our dominion in the Islands of Guinea and in India would mean an unbearable amount of work, danger and expense."

He then tells Dom Sebastião that by marrying he will fulfil "your duty to your subjects, because you owe them Princes"; and that this obligation is so great "that it obliged certain Princes—there being no others nearer to the throne—to leave their monasteries, and not only reign, but even have sons" to avoid discords in the kingdom, and to

que elles percam a sua liberdade. E accrescenta esta phrase, admiravel sobretudo por ter cahido da penna do virtuoso Bispo:

"E pois V.A. naõ é frade, em caſar naõ ha que ter eſcrupulo, deve-o ter muy grande na dilaçaõ, porque tarda em officio de juſtiça, que he pagar o que deve aos ſeus"!

E proseguindo nos seus tão sensatos conselhos, escreve:

"Lembro tambem a V.A. que quando nos dizem, que mata muitos porcos, ou veados, eſmorecemos com medo de alguma quéda perigoſa: pois como tomaremos paſſar V.A. em Africa ſem deixar primeiro filhos em Portugal" (Diogo Barbosa Machado, *Memorias para a Historia DelRey D. Sebastião*, t. III, pp. 213–217; ver tambem Antonio Lourenço Caminha, *Obras ineditas de D. Hieronimo Ozorio*, 1818, pp. 49–57).

Mais tarde, D. Jeronymo pegou outra vez na penna e, abertamente, censurou o projecto de D Sebastião de passar novamente a Marrocos. Osorio, que já na carta anterior reprovava a idea da primeira expedição, dirigia-se a D. Sebastião nos seguintes termos:

"Os Reys da Perſia tinhaõ muitas ordens de ſervidores, ſem os quaes entendiaõ que era impoſſivel governar bem a ſua Monarchia: entre eſtes haviaõ huns a quem elles chamavaõ ſeus olhos, a outros ſuas orelhas, e a outros ſeus amigos: os muitos olhos lhe ſerviaõ de ver muitas couſas, que dous ſómente naõ podiaõ ver; as muitas orelhas de ouvir muitas queixas, que com duas ſó ſe naõ podiaõ ouvir todas; os muitos amigos de lhes falarem as verdades que os falſos amigos lhes encobriaõ. Seguindo eu eſte eſtylo (pouco uſado e que fora bem obſervallo entre nós) de bom ſervidor... direy o que vejo, e ouço com hum amor taõ verdadeiro como ſabe aquelle Senhor, a quem ſaõ manifeſtos os ſegredos dos corações."

E citando a pergunta de Christo: *Quem dizem os homens que ſou eu?* escreve:

preserve its liberty. And he adds this phrase, which is especially admirable as coming from one in his position:

"And since Your Highness is not a monk, you need have no scruple in marrying, and should have great scruples in delay, because you are deferring an act of justice, by not paying what you owe to your subjects"!

And, proceeding with his wise counsels, he says:

"I would also remind Your Highness that when we are told that you have killed many wild boars or stags, we are distressed with the fear of some dangerous fall: so how can we allow Your Highness to go to Africa without leaving any sons in Portugal?" (Diogo Barbosa Machado, *Memorias para a Historia DelRey D. Sebastião*, vol. III, pp. 213–217; see also Antonio Lourenço Caminha, *Obras ineditas de D. Hieronimo Ozorio*, 1818, pp. 49–57).

Later, Dom Jeronymo once more took up his pen and openly censured Dom Sebastião's project of again going to Morocco. Having already expressed his disapproval of the first voyage in a previous letter, Osorio thus addressed his Sovereign:

"The Kings of Persia had many kinds of servants, without whom they considered it impossible to govern their Kingdom well: among these there were some whom they called their eyes, others their ears, and others their friends: the many eyes enabled them to see many things, which two alone could not have seen; the many ears enabled them to hear many complaints, all of which they could not have heard with two only, the many friends were to tell them the truths which false friends hid from them. In accordance with this way (which is seldom followed, and which might well be observed among us) of being a good servant... I will say what I see and hear with a true love, as that Lord knows, to Whom the secrets of all hearts are open."

And quoting Our Lord's question: *Who do men say that I am?* Osorio says:

"Aos Principes particularmente convém muito folgar de ſaber o que delles commummente ſe diz, e ainda fazer diligencia por iſſo; porque à volta de muitos deſatinos populares ouviraõ muitas couſas importantes ao governo, que por ventura algumas vezes nos conſelhos, ou por mal ſabidas ſe naõ dizem, ou por intereſſes particulares ſe naõ deſcobrem."

Analysando ainda esse ponto, refere-se ás leis que havia em Athenas para condemnar os que aconselhavam mal a Republica, e accrescenta:

"Dous grandes maleficios comette quem engana ao ſeu Principe, hum delles he traiçaõ, e o outro injuria atroz, feita a ſeu Senhor; porque ſe he traiçaõ naõ avizarem os Atalayas ao ſeu Principe dos inimigos, que deſcobrem, como a naõ ſerá, e muy grande, encobrir a V.A. os perigos, que eſtaõ armados para perdiçaõ da Republica, ſe naõ for remediada em tempo? Pois no que toca à injuria, naõ póde ella ſer mayor, que entenderſe que eſtima mais V.A. o goſto preſente, dando orelhas ao que taõ pouco dura, que o remedio perpetuo de ſeus vaſſallos."

Proseguindo, escreve que não dirá agora tanto o que entende como o que ouve, mas que como "Procurador" dará "conta do libello, para logo vir com a defeza." N'essa ordem d'ideas, o grande Bispo escreve que se é voz corrente que graças devem ser dadas a Deus por terem um Principe que quer destruir a seita de Mafamede, tambem se ouve dizer que não se póde chamar uma virtude a "fortaleza" que "naõ he acompanhada da prudencia, e bom conſelho; e que o conſelho naõ foy bom por ſer fóra de tempo." Foi fóra de tempo, pela falta de dinheiro, de mantimentos, e "pela grande fome que ao preſente a mayor parte do Reyno padece," que a epocha é mais conveniente "para defenſaõ do Reyno, que he de muito mayor obrigaçaõ, que para conquiſtar o incerto de outros," e que a ausencia d'El-Rei servirá de pretexto a "muita gente perdida" de França, Flandres, Inglaterra e outras partes, para causar "muy

"It particularly behoves Princes to take delight in knowing what is commonly said about them, and even to make an effort to do so, because, in the midst of many popular exaggerations, they will hear many things which are important for government, and which are sometimes not mentioned at the council board, either because they are ill understood, or because private interests cause them to be hidden."

Analysing this point, he refers to the ancient laws in Athens condemning those who gave ill counsel to the Republic, and adds:

"Those who mislead their Prince commit two great crimes, one of which is treachery and the other an atrocious insult done to their Lord; for if it be treachery when the sentries do not inform their Prince of the enemies they discover, how can it be anything but great treachery to hide from Your Highness the perils which are ready to destroy the Republic, if they be not remedied in time? Then touching the insult, there can be no greater than to take for granted that Your Highness puts present pleasure—giving ear to what is of little duration—before the perpetual good of your subjects."

Then like an "attorney" he proceeds to make out the "bill of complaint" saying rather what he hears than what he believes "so that afterwards he may come forward with the defence." With this idea in his mind, the great Bishop writes that though some say thanks must be given to God because they have a Prince who wishes to destroy the sect of Mahomet, he has also heard it said that courage cannot be called a virtue if "it be not accompanied by prudence and good counsel; and that the advice was not good because it was ill-timed" on account of the lack of money and provisions, and "the great famine from which most of the Kingdom is now suffering"; that it is a more fitting moment "for the defence of the Kingdom, which is a much greater obligation than the uncertain conquest of others," for the King's absence will serve as a pretext to "many wicked people" in France, Flanders, England and other places, to do great harm to the coasts of Portugal

grandes damnos" ás terras maritimas de Portugal e do Algarve, "por entenderem que muito mais a ſeu ſalvo uſaráõ do ſeu officio." Proseguindo, alem de dizer "que grandes feitos ſe naõ podem executar ſem grandes apercebimentos," escreve

"que convem eſperar conjunçaõ de diſcordia, que naõ póde muito tardar entre Mouros, e naõ qualquer diſcordia, mas diſcordia enſanguentada; porque a leve com o medo commum facilmente ſe acommoda; porque os inimigos nos perigos, que a todos tocaõ, com facilidade ſe concertaõ; mas quando a rotura chega a tanto, que ſe naõ poſſaõ concordar, de tal maneira o póde V.A. ſocorrer, que fique ſenhor dos vencidos, e dos vencedores."

E, como prova de que uma guerra feita com "mais esforço, que conſelho" nunca teve "bom fim," mostra o que succedeu aos Infantes D. Henrique e D. Fernando em Tanger, e o que teve logar com "a ſegunda paſſagem em Africa delRey D. Affonſo V." Pede então licença a D. Sebastião para tudo dizer e nada encubrir.

"Dizem os prudentes, que o officio de bom Rey mais conſiſte em defender os ſeus, que em offender aos inimigos.... Aqui ſe lamentaõ muitos, porque vem ao preſente, que toda a guerra que ſe havia de fazer aos Mouros, ſe faz, ſem V.A. o ſaber, aos meſmos Portuguezes; e por concluſaõ naõ falta quem diga que entre preſſa, e diligencia ha muito grande differença; porque a diligencia naõ perde occaſiaõ, e a preſſa naõ eſpera por ella."

Expostos "os principaes artigos do libello que ſe forma contra V.A.," relata o que póde dizer "por parte" d'El-Rei. Refere-se aos "grandes eſpiritos" que sendo "acompanhados de grandes eſperanças," cuidão mais "na grandeza das emprezas, que na felicidade, ou facilidade, ou na difficuldade dellas" porque, na

"mayor parte aos grandes acomettimentos, quando naõ ſaõ de todo fóra de caminho, naõ faltaõ

and the Algarve "because they consider that they can then do their work much more safely." Proceeding, he says that "great deeds cannot be accomplished without great preparations" and that the King

"should await the conjunction of discord, which cannot be long in coming among the Moors, and not just any discord, but a discord imbrued with blood; because a slight contention may easily be settled in the face of a common danger; since in the face of perils affecting them all, enemies are easily reconciled; but when the breach becomes so great that it cannot be healed, then Your Highness can act in such a way as to be left the Lord of the conquered and the conquering."

And as a proof that a war carried on with "more courage than counsel" can never succeed, he shows what happened to the Infantes Dom Henrique and Dom Fernando in Tangiers, and what took place in "King Affonso V's second journey to Africa." Osorio then asks Dom Sebastião's permission to say everything and hide nothing.

"The prudent say that the duty of a good King lies more in defending his own, than in offending his enemies.... Many here lament, because they now see that all the war which should have been waged on the Moors, is, without Your Highness knowing it, being waged on the Portuguese themselves; and in conclusion, there are some who say that there is a great difference between haste and promptness, because promptness does not miss the opportunity, and haste does not wait for it."

Having explained "the chief articles of the complaint which is being formulated against Your Highness," Osorio enumerates the arguments "on the King's side." He refers to the "great souls...filled with high hopes" who take more heed of "the greatness of enterprises than of the ease or difficulty with which they can be carried out" because,

"mostly in great undertakings, if they be not entirely foolhardy, divine help is not wanting...and

favores divinos...e que a victoria naõ eſtá na maõ dos homens, mas na vontade de Deos,"

e que

"como ſe naõ poſſa ſempre acertar, ſaõ muito mais toleraveis os erros comettidos com demaſiado esforço, que os em que cahem muitos por fraqueza ...e a fraqueza he acompanhada de perpetuo vituperio."

Continuando, escreve que se D. Sebastião não poder escusar-se de algum erro,

"a culpa ſe póde diminuir com o exemplo de grandes Principes, que com o meſmo eſpirito cahiraõ em grandes trabalhos. ElRey S. Luiz de França por fazer guerra aos infieis com mais ardente zelo, que conſelho, foy de huma vez cativo, de outra morreo de peſte ſobre Tunes."

Depois, apresenta exemplos mais modernos, entre os quaes, o da "empreza de Argel" do Imperador Carlos V, e diz que esses exemplos servem para mostrar que se houve erro da parte de D. Sebastião quando passou á Africa pela primeira vez, "não foy unico...e fica deſculpado com os exemplos, e authoridade de taõ excellentes Principes," e que mesmo essa jornada "naõ foy de todo ſem fruto, porque vio com ſeus proprios olhos o ſitio de Africa" e conheceu tudo quanto se deve aos homens que alli padeciam "fomes, ſedes, frios, e ardores do Sol intoleraveis," tudo sacrificando "por ſerviço de Deos, e de V.A." Tendo visto e apprendido "como agora daqui por diante ſe deve fazer" a guerra, póde-se dizer que a jornada foi "muito bem empregada, e acertada." A defeza de D. Jeronymo chega até aqui; mas se D. Sebastião "daqui por diante quizer inſiſtir...buſque-ſe outro melhor letrado, porque me naõ atreverey a defender a cauſa." Em seguida, aponta a El-Rei todos os riscos da empreza, mostrando-lhe, ao mesmo tempo, as tremendas despezas que ella acarretará para o paiz; então dirige a D. Sebastião estas palavras realmente admiraveis:

"Da guerra deſiſta; haja os Fronteiros neceſſarios; os exercicios della vaõ por diante; haja menos damaſcos, e mais coſſoletes; menos per-

victory is not in the hands of men but in the will of God";

and

"as one cannot always succeed, mistakes made through too much boldness are much more forgivable than those into which many fall through weakness...and weakness is accompanied by perpetual shame."

He then says that, though Dom Sebastião cannot be held blameless,

"the fault may be partly excused by the example of great Princes who with the same spirit fell into great misfortunes. King Saint Louis of France, because he made war on the infidels with more zeal than counsel, was once taken prisoner, and on his second crusade he died of the plague near Tunis."

Osorio cites more modern examples, including the Emperor Charles V's "enterprise of Argel," and states that though Dom Sebastião was wrong when he went to Africa for the first time "he was not the only one...and may be excused by the example and authority of such excellent Princes as these"; and even that expedition "was not wholly fruitless, because he saw Africa with his own eyes" and learnt to know his debt to the men who bore "hunger, thirst, cold, and the intolerable ardour of the sun" there, sacrificing everything "in the service of God and Your Highness." The King having seen and learnt "how war should be carried on from henceforth," it might be said that the journey was "very well employed and proper." Thus far goes Dom Jeronymo's defence, but if Dom Sebastião "wishes to insist from here onwards...he must seek another better lawyer, for I will not dare to defend the cause." He then points out to the King all the risks of the enterprise, showing at the same time the immense expenditure into which it will lead the country; and finally addresses these truly admirable words to Dom Sebastião:

"Abstain from the war; have the necessary soldiers; let the training for it go on; have less damasks and more corselets; less perfumes and

ſumes, e mais lanças; tenha ſe muita conta com a Juſtiça, porque naõ falte o favor divino: com a fazenda, para que naõ falte no melhor tempo, nem ſeja neceſſario havella entaõ com grande vexaçaõ dos pobres povos, offendendo gravemente a Deos: ajunteſe dinheiro de vagar; o que ſe poderá muy bem fazer ſe a Arithmetica for melhor exercitada: creſçaõ as eſperanças de mercês para quem as merecer, e haja deſengano para quem for indigno dellas; e ſobretudo os olhos entre tanto eſtejaõ ſempre fixos no Ceo. V.A. ainda he muito moço, move-ſe pelos brios de mancebo, porém ainda naõ perde tempo, nem occaſiaõ.... Entre tanto vença ſe a ſi meſmo V.A. que he a mais illuſtre victoria, que póde haver: dome ſeu eſpirito; amanſe a grandeza de ſeu coraçaõ: nas Fronteiras ſe aquente a guerra o melhor que for poſſivel: o meter do reſto ſe guarde, para quando o Senhor Deos offerecer melhor tempo, e mais conveniente, porque quem o naõ eſpera, naõ ſó vay contra a regra da prudencia, mas tambem corre grande riſco de tentar a Deos com o pretexto da fé, e zelo da Religiaõ, ſendo que muitas vezes procede mais do apetite" (Diogo Barbosa Machado, *ob. cit.* pp. 607–619; ver tambem Antonio Lourenço Caminha, *ob. cit.* pp. 1–15).

Rebello da Silva escreve ácerca d'este tão notavel documento: "O bispo de Silves, sem o querer, tinha lançado no animo do principe o germen da futura catastrophe" (*Historia de Portugal nos seculos* XVII *e* XVIII, t. I, p. 110; ver as pp. seg.). Antero de Figueiredo, no seu tão bello livro, tambem parece indicar que certos periodos da carta de D. Jeronymo serviram mais de incentivo do que de travão ao jovem e emprehendedor Monarcha (ver *D. Sebastião*, pp. 221–223). É muito possivel, pois tudo servia de pretexto a D. Sebastião para levar ávante a sua empreza; mas, quando se lê attentamente a carta do illustre Prelado, não póde haver a minima duvida que o firme proposito de D. Jeronymo era dissuadir D. Sebastião da jornada de Africa. Esse procedimento de Osorio mostra o seu caracter e a coragem das suas opiniões, pois, sabia certamente que a sua opinião, tão desassombradamente ex-

more lances, take great account of Justice, that the divine favour be not wanting: of revenue, that it be not wanting when it is most needed and that it be not then necessary to obtain it by harassing the poor people, and gravely offending God; collect money at leisure; which might well be done if Arithmetic were better practised; let the hope of rewards for those who deserve them grow and let there be reproaches for those who are not worthy; and above all let the eyes, in the midst of all this, be ever fixed upon Heaven. Your Highness is still very young, and has the liveliness of youth, but is not wasting time and opportunities for that.... Meanwhile let Your Highness conquer yourself, which is the greatest victory that can be won; tame the greatness of your heart: let war be kept up on the frontiers as much as possible: let the rest wait until the Lord God offers a better and more convenient occasion, because he who does not await it, not only goes against the rules of prudence, but also runs a great risk of tempting God, using the pretext of faith and religious zeal to cover what very often proceeds more from personal inclination" (Diogo Barbosa Machado, *op. cit.* pp. 607–619; also see Antonio Lourenço Caminha, *op. cit.* pp. 1–15).

Rebello da Silva (*Historia de Portugal nos seculos* XVII *e* XVIII, vol. I, p. 110—see the following pp. also) says of this notable document: "The Bishop of Silves had, without wishing it, sown in the Prince's mind the seed of the future catastrophe." Antero de Figueiredo (*D. Sebastião*, pp. 221–223) also seems to indicate that certain passages of Dom Jeronymo's letter served more as an incentive than as a deterrent to the young Monarch. It is very possible, since everything served as a pretext to Dom Sebastião for carrying out his enterprise; but a careful perusal of the prelate's letter leaves no doubt in one's mind that Dom Jeronymo's firm purpose was to dissuade Dom Sebastião from going to Africa. Osorio's action in writing the letter shows the strength of his character, for he must have known that such a plain expression of his opinions could not be well

posta, não podia agradar a El-Rei; se elle tivesse julgado que trechos da sua carta podiam servir de incentivo á jornada que elle tanto reprovava, teria tido um profundo desgosto; mas, o ultimo periodo do documento, que transcrevemos, é terminante, visto dizer, "da guerra desista." Na nossa *Introducção*, já nos referimos em poucas palavras á Aventura de D. Sebastião, a "maravilha fatal da nossa idade." Camões foi, como dissemos, um *conselheiro* do Desejado. O genial poeta—esse sim—incitou, e poderosamente, D. Sebastião a emprehender a jornada. Osorio, o Prelado prudente, fez tudo para dissuadir o jovem Rei de uma tão arrojada empreza. O poeta defendia a Aventura, a idea de uma nova epopea—sonho doirado de D. Sebastião—os "feitos d'alta ventura"; encarado o problema por esse prisma, Camões tinha razão. O Prelado sensato defendia a realidade e, como estadista, aconselhava com prudencia e auctoridade o Soberano, mostrando-lhe a verdade; tinha razão, e, sobretudo, os factos deram-lhe razão.

A noticia do desastre de Alcacer-Quibir abateu profundamente o virtuoso Bispo. Os acontecimentos politicos que seguiram a catastrophe tendo originado tumultos em Tavira, D. Jeronymo, querendo pacifical-os, seguiu immediatamente para aquella cidade n'uma liteira, que, para mais rapidamente chegar, breve largou, montando n'uma mula. Com o excesso da viagem, feita aos 74 annos com um calor abrazador, formou-se-lhe uma chaga na perna direita, de que veiu a fallecer vinte dias depois, no convento de S. Francisco de Tavira, no dia 20 de Agosto de 1580.

D. Jeronymo foi indubitavelmente uma grande figura. Alongámos as nossas notas, pois quizemos mostrar não só as suas virtudes e a sua sabedoria, mas o seu caracter. O seu primeiro livro, *De Nobilitate Civili*, impresso em Portugal em 1542, significa para nós a invocação de um Portuguez illustre que, como professor, historiador e Bispo, serviu admiravelmente o seu Paiz que tanto amou. E como Camões, Osorio morreu ao mesmo tempo que a Patria.

received by the King. If he had thought that certain parts of his letter might seem to favour the enterprise which he so strongly deprecated, he would have been deeply grieved; but the last portion of the document is uncompromisingly clear, for he says "abstain from the war." We have already referred briefly in our *Introduction* to the Adventure of Dom Sebastião, "the fatal marvel of our age." Camões was, as we have said, a counsellor to the *Desejado*. The poet certainly incited Dom Sebastião to undertake the expedition, while Osorio, the level-headed statesman, did all in his power to prevent the young King from carrying out his rash plan. The poet defended the Adventure, the idea of a new epic, the golden dream of Dom Sebastião, the "deeds of high venture," and, from this point of view, there are many arguments in Camões' favour; the wise prelate was on the side of prudence and authority, and gave shrewd advice to the King, showing him the truth: and the subsequent happenings prove him to have been right.

The news of the disaster at Alcacer-Quibir was a terrible blow to the Bishop. The political developments which followed the catastrophe gave rise to tumults in Tavira, and, in the hope of calming them, Dom Jeronymo at once proceeded to that city in a litter, which he soon exchanged for a mule in order to travel more rapidly. The over-long and tiring journey, made, at 74 years of age, in the burning sun, caused a sore to form on his right leg, an affliction which led to his death twenty days later, in the convent of St Francis of Tavira, on August 20th, 1580.

Dom Jeronymo was certainly a great figure. We have lengthened our notes because we wished to show not only his knowledge, but his character. *De Nobilitate Civili*, the first book published by him in Portugal, in 1542, evokes a notable Portuguese citizen who served his country equally as professor, historian and Bishop. And, like Camões, Osorio died at the same time as his country.

Liuro dos reme-
dios contra hos ſete pecca-
dos mortays.

38 Folha do rosto do *Liuro dos remedios contra hos ſete peccados mortays* de Fr. João Soares
Title-page of the *Liuro dos remedios contra hos ſete peccados mortays* of Fr. João Soares
[Lisboa], 1543

53 D. FR. JOÃO SOARES, LIURO DOS REMEDIOS CONTRA HOS SETE PECCADOS MORTAYS.

[Lisboa], Luiz Rodrigues, 1543.

Liuro dos reme- | dios contra hos ſete pecca- | dos mortays.
Titulo por baixo d'uma gravura que representa David tocando harpa[1].

fl. ij. A muy alta ꝛ muy | to poderoſa princeſa: Zeladora da fe | Dona Katerina [*sic*] Raynha de Portugual: ꝛ dos | Alguarues: [...] | Ho meſtre em ſãta Theologia: | Frey Ioam Soarez: Fe- | licidade ꝛ Reyno | que dura pera | ſempre. | D. [...]

fl. vj. Começa ho trata | do dos remedios contra os ſete | pecados mortays. [...]

fl. liij vo. [...] Laus deo. | A louuor de deos | ꝛ da glorioſa virgẽ noſſa ſenhora ſe acabou | ho preſente tratado dos ſete peccados | mortaes viſto ꝛ examinado polla | ſẽcta [*sic*] inquiſição foy emprimido | em caſa de Luis rodriguez | liureyro del Rey noſſo ſe- | nhor aos vinte dias de | Março de. 1543.

[fl. 1]
Marca do impressor[2].

8º—liij, [1] folhas—24 e 25 linhas—caractéres gothicos—sem reclamos.
Numeração dos cadernos: A–F, 8 folhas cada caderno; G, 6 folhas; total de 54 folhas.
Encadernação de marroquim.

8vo.—liij, [1] leaves—24 and 25 lines—Gothic letter—no catchwords.
Collation by signatures: A–F, each 8 leaves; G, 6 leaves; total 54 leaves.
Morocco binding.

O *Liuro dos remedios contra hos ſete peccados mortays*, composto por "ho meſtre em ſãta Theologia: Frey Ioam Soarez," e impresso por Luiz Rodrigues em 1543, é uma obra extremamente rara. Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, pp. 759–761), na noticia que escreveu sobre D. João Soares e as suas obras, ignorou o *Liuro dos remedios*; o mesmo succedeu a Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 529) e a Innocencio (*Diccionario*, vol. IV, pp. 38–39); comtudo, Brito Aranha obteve mais tarde uma descripção detalhada d'este rarissimo livro, que publicou com reproducções (ver *Diccionario*, vol. X, terceiro do *Supplemento*,

The *Liuro dos remedios contra hos ſete peccados mortays*, written by "the master in holy theology: Frey Ioam Soarez," and printed by Luiz Rodrigues in 1543, is extremely rare. Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, pp. 759–761) did not know of the *Liuro dos remedios* when he gave his account of Dom João Soares; and it was the same with Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 529) and Innocencio (*Diccionario*, vol. IV, pp. 38–39); however, Brito Aranha later obtained a detailed description of the book, which he published with reproductions (see the *Diccionario*, vol. X, third of

[1] *Title beneath a woodcut of David playing the harp.*
[2] *Printer's mark.*

pp. 350–356). Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 249) menciona-o entre os livros sahidos dos prelos de Luiz Rodrigues, e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 1039) dão uma curta descripção, extrahida do volume X do *Diccionario*, e indicam a existencia de um exemplar na Bibliotheca da Universidade de Coimbra; o que possuimos está completo e admiravelmente conservado.

O auctor do *Liuro dos remedios*, dedicado "A muy alta ⁊ muyto poderosa princesa: Zeladora da fe Dona Katerina (*sic*) Raynha de Portugal," era natural de S. Miguel de Urró no concelho de Penafiel. No mundo chamára-se João Soares de Urró, e em religião tomou o nome de Fr. João Soares de Albergaria. A 11 de Abril de 1523, recebeu em Salamanca, para onde fôra estudar, o habito dos eremitas de Santo Agostinho. Tendo-se doutorado em theologia n'aquella Universidade, regressou a Portugal; esteve em Braga e Coimbra, indo depois para Lisboa, onde D. João III o acolheu tão favoravelmente, que o nomeou seu confessor, pregador, e esmoler, e mestre de seus filhos D. Felippe e D. João. Fr. João recebeu innumeras mercês d'El-Rei, e, novo ainda, occupou logares importantes e de responsabilidade. A 16 de Julho de 1539, foi nomeado conselheiro e deputado do Conselho Geral da Inquisição (ver Antonio Baião, *A Inquisição em Portugal e no Brazil. Documentos—Archivo Historico Portuguez*, t. IV, p. 411). Fallecendo em 1543 o Bispo de Coimbra, D. Jorge de Almeida, D. João III pediu ao Santo Padre

"que lhe concedesse algum tempo, a fim de tomar uma resolução sobre a necessidade de reduzir o extenso território da diocese, antes de escolhido novo prelado, para que os bispos melhor pudessem desempenhar os deveres do seu cargo. Paulo III respondeu pelo breve *Cum, sicut nobis hodie*, de 7 de Janeiro de 1544, deferindo o pedido"

the *Supplement*, pp. 350–356). Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 249) mentions it among the works printed by Luiz Rodrigues, and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 1039), whose short description of it is taken from vol. X of the *Diccionario*, say that there is a copy in Coimbra University. Our own copy is complete and in a magnificent state of preservation.

The author of the *Liuro dos remedios*, dedicated to "The most high and most powerful Princess, zealous in the faith, Dona Catharina, Queen of Portugal," was a native of S. Miguel de Urro in the district of Penafiel. He was known as João Soares de Urro, and, when he became a monk, he adopted the name of Frei João Soares de Albergaria. On April 11th, 1523, he took the habit of the Augustinian hermits in Salamanca, where he was a student at the University; and having taken his degree as a doctor of theology, he returned to Portugal. He spent some time in Braga and Coimbra, and then went to Lisbon, where he made such a favourable impression upon Dom João III that he was appointed confessor, preacher and almoner to the King, and tutor to the Princes Dom Felippe and Dom João. Frei João received many proofs of esteem from the King, and held important and responsible posts while still very young. On July 16th, 1539, he was nominated counsellor and deputy of the General Council of the Inquisition (see Antonio Baião, *A Inquisição em Portugal e no Brazil. Documentos—Archivo Historico Portuguez*, vol. IV, p. 411). When Dom Jorge de Almeida, Bishop of Coimbra, died in 1543, Dom João III asked the Pope

"to grant him some time, so that he might decide whether it was necessary to reduce the extensive territory covered by the diocese, before the new prelate was chosen, in order that the bishops might be better able to carry out the duties of their charge. Paul III replied with the brief *Cum, sicut nobis hodie* of January 7th, 1544, acceding to

(Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, t. III, parte II, p. 757).

Passado um anno, El-Rei escreveu ao Papa, pedindo-lhe a nomeação de Fr. João Soares para o bispado de Coimbra,

"que o dito bispado regerá e governará como convem a serviço de Deos e bem da clerezia e povo dele, por ser pessoa vertuosa e de boom enxemplo de vida e religiam, e de muyta experiencia do governo das igrejas e cousas eclesiasticas" (*Corpo Diplomatico Portuguez*, t. V, p. 379).

É possivel, como adeante veremos, que o Monarcha tivesse algumas illusões sobre o seu protegido, mas isso tem acontecido a muitos Reis e em todas as epochas. Pela bulla *Gratiae divinae praemium*, com data de 12 de Maio de 1545, Paulo III deferiu o pedido do Monarcha, sendo Fr. João Soares nomeado Bispo de Coimbra. Assistiu, como um dos Prelados Portuguezes, ao Concilio de Trento, onde deu que fallar; encerrado o Concilio, esteve na Terra Santa, regressando depois ao reino, onde veiu a fallecer em Coimbra a 26 de Novembro de 1572.

É difficil, para não dizer impossivel, formular uma opinião sobre D. Fr. João Soares, mas a seguinte phrase de Brito Aranha é absolutamente verdadeira:

"É para notar a maneira diversa pela qual varios escriptores têem apreciado o caracter de D. João Soares, inculcando-o uns como homem virtuosissimo, e quasi santo, outros apresentando-o como de indole perversa" (*Diccionario*, t. X, p. 351).

Fortunato de Almeida escreve:

"D. João Soares, se não foi prelado de tantas virtudes quanto pretenderam alguns de seus bióographos, deixou monumentos de seu grande talento e erudição, entre os quaes se contam alguns commentários bíblicos" (*ob. cit.* p. 319).

Herculano, na sua *Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, não perde uma occasião de o criticar asperamente, mas n'este caso (ver *ob. cit.* t. II, p. 237) as suas palavras são

the request" (Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. III, part II, p. 757).

A year later, the King wrote to the Pope, asking him to appoint Fr. João Soares to the bishopric of Coimbra

"because he will rule and govern the said bishopric as befits the service of God and the good of its clergy and people, for he is a virtuous person, whose life and piety are a good example, and he is very experienced in the management of churches and ecclesiastical matters" (*Corpo Diplomatico Portuguez*, vol. V, p. 379).

As we shall see, the King may have had some illusions about his favourite; but that has happened to many Kings at many times. Paul III complied with Dom João III's wishes in the bull *Gratiae divinae praemium*, dated May 12th, 1545, in which Soares was nominated Bishop of Coimbra. The Bishop was among the Portuguese prelates who attended the Council of Trent, where his conduct gave rise to talk. When the Council ended, he visited the Holy Land before returning to Portugal, where he died in Coimbra on November 26th, 1572.

It is difficult, not to say impossible, to reach a definite conclusion about Dom Frei João Soares' virtues, or lack of them. Brito Aranha sums up the matter in the following sentence:

"It is notable how differently various writers have estimated Dom João Soares' character, some commending him as a most virtuous man, almost a saint, and others describing him as corrupt" (*Diccionario*, vol. X, p. 351).

Fortunato de Almeida says:

"Though Dom João Soares may not have been so virtuous a prelate as some of his biographers pretend, he left proofs of his great talent and erudition, among which may be counted some commentaries on the Bible" (*op. cit.* p. 319).

Herculano, in his *Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, does not let slip the opportunity to criticise him harshly, but in this case his words are based on the instructions sent

baseadas sobre instrucções dadas por Roma a respeito de Fr. João. Fortunato de Almeida (*ob. cit.* p. 26) reproduz tambem essas instrucções, nas quaes se lê que o confessor de D. João III era tido como homem de más opiniões, inimigo da Santa Sé, do que fazia profissão. "É di pessima vita, e pericoloso." Por consequencia, é difficil de comprehender como o mesmo Papa que mandára enviar as instrucções, nomeasse, tão pouco tempo depois, Fr. João Bispo de Coimbra com uma bulla na qual recommendava especialmente a El-Rei o novo Prelado. Que Fr. João não tinha demasiados escrupulos em assumptos de moralidade, parece não haver duvida (ver Fortunato de Almeida, *ob. cit.* p. 759). Se D. João III cobrira de favores o seu confessor, a Rainha D. Catharina não hesitava em ordenar, em 1558, que se desse conhecimento ao Papa da vida escandalosa do Bispo de Coimbra (ver *Corpo Diplomatico Portuguez*, t. VIII, pp. 63–65). Mas se teve grandes defeitos, tambem teve grandes qualidades, sendo notaveis as Constituições que deu á sua diocese em 1548. Dizer-se que tinha poucas lettras, não nos parece nem justo nem exacto, pois as obras que deixou dão prova de grande erudição. Fr. Francisco Brandão (*Monarchia Lvsytana*, 1650, Parte V, fl. 200 v°) chama-lhe "varaõ de grandes letras, & virtude," e o illustre Fr. Luiz de Sousa, tratando do Concilio de Trento, escreve a seu respeito:

"Hum Dõ Ioão Soares, que com titulo de Biſpo de Coimbra tinha tambem os de Conde de Arganil, & ſenhor da villa de Coxas, & por eſtes ſe ouve por obrigado a aparecer no Concilio com fauſto de Principe ſecular, o qual repreſentou com eſplendor & magnificencia notavel. E porque ſe viſſe que fora iſto força do eſtado, mais que de animo vão, paſſada a ocaſião do Cõcilio ſe poz em caminho a viſitar os lugares ſantos de Ieruſalem recompenſando com a moderação de peregrino voluntaria, as ſuperfluidades de ſenhor forçadas. Foy eminentiſſimo no miniſterio do pulpito: tanto que os mayores prègadores de ſeu tempo lhe reconhecião aventagem, & como a ſegundo Demoſthenes o venera-

from Rome about Fr. João (see *op. cit.* vol. II, p. 237). Fortunato de Almeida (*op. cit.* p. 26) also reproduces these instructions, where we find that Dom João III's confessor was considered to be a man of the lowest principles, a professed enemy to the Holy See. "É di pessima vita, e pericoloso." It is, therefore, difficult to understand why the same Pope who had these instructions sent, so shortly afterwards appointed Frei João to the bishopric of Coimbra in a bull where the new prelate was specially commended to the King. There seems to be no doubt (see Fortunato de Almeida, *op. cit.* p. 759) that, in matters of morals, Frei João was not over-scrupulous; for though Dom João III loaded him with favours, Queen Catharina did not hesitate to command, in 1558, that the Pope should be informed of the Bishop of Coimbra's scandalous way of living (see the *Corpo Diplomatico Portuguez*, vol. VIII, pp. 63–65). But if he had great faults, he also had great qualities, and the Constitutions he made for his diocese in 1548, are notable. To say that he had little learning, seems to us neither just nor true, for the works he left show great erudition. Frei Francisco Brandão (*Monarchia Lvsytana*, 1650, Part V, fl. 200 vo.) said he was a "man of great knowledge and virtue," and the great Frei Luiz de Sousa, in his account of the delegates to the Council of Trent, speaks of

"One Dom João Soares, who with the title of Bishop of Coimbra also held those of Count of Arganil and Lord of the town of Coxas, considered himself obliged on that account to appear at the Council with the pomp of a secular Prince, and represented one with notable splendour and magnificence. And, so that it might be seen that this was by force of his rank and not from a vain spirit, when the Council was over, he set out to visit the holy places of Jerusalem, making up, by the voluntary moderation of his pilgrimage, for the superfluities forced upon him by his rank. He was most eminent in the pulpit: so much so that the greatest preachers of his time recognised his superiority and venerated him as a second

vão" (*Vida de Dom Frei Bertolomev dos Martyres Arcebispo de Braga*, 1619, fl. 78).

Não podemos citar aqui todos os auctores que escreveram sobre D. João Soares, uns atacando-o, outros defendendo-o. Naturalmente houve exaggerações de parte a parte, e, como já dissemos, o Bispo teve grandes defeitos e grandes qualidades. É sem duvida uma figura interessante; pregador famoso, escriptor, Prelado, mestre de Principes, confessor d'El-Rei, representante de Portugal no Concilio de Trento, D. João Soares foi um homem ambicioso que, apezar dos seus poucos escrupulos, prestou serviços e deixou testemunhos do seu valor. Parece-nos que as palavras tão bellas de Nosso Senhor, que se lêem na Paixão de S. Matheus, lhe podiam ser applicadas: "Spiritus quidem promptus est, caro autem infirma"!

Demosthenes" (*Vida de Dom Frei Bertolomev dos Martyres Arcebispo de Braga*, 1619, fl. 78).

We cannot cite here all the authors who have written about Dom João Soares, some attacking him and others defending him, there being, naturally, exaggerations on both sides. The Bishop was certainly an interesting figure: a great preacher, writer and prelate, tutor to Princes, confessor to the King, representative of Portugal at the Council of Trent. Dom João Soares was an ambitious man, who, in spite of his few moral scruples, rendered services which bear witness to his worth. It seems to us that the words of Our Lord, in the Gospel according to St Matthew, might well be applied to him: "Spiritus quidem promptus est, caro autem infirma"!

A louuor de deos
e da gloriosa virgẽ nossa senhora se acabou
ho presente tratado dos sete peccados
mortaes visto e examinado polla
sancta inquisição foy emprimido
em casa de Luis rodriguez
liureyro del Rey nosso se-
nhor aos vinte dias de
Março de .1543.

39 Colophon do *Liuro dos remedios contra hos ſete peccados mortays* de Fr. João Soares
Colophon of the *Liuro dos remedios contra hos ſete peccados mortays* of Fr. João Soares
[Lisboa], 1543

MARTINI
AB AZPILCVETA IV-
RISCONSVLTI NAVARRI
ET CONIMBRICENSIS
IN DECRETIS PONTI-
FICVM GYMNASTAE
PRIMARII PRAELECTIONES
in cap. Siquando.&cap. Cum contingat. de
reſcript. in cauſa propria cantoriæ Co-
nimbricenſis axiomata quæ verſa
pagella docet diſcutientes,
cum copioſo indice.

CONIMBRICAE.
Ex officina Iohannis Aluarii.
& Iohãnis Barrerii.

M. D. XLIII.

40 Folha do rosto das *Praelectiones in cap. Si quando. & cap. Cum contingat. de reſcript.* de Martin de Azpilcueta Navarro
Title-page of the *Praelectiones in cap. Si quando. & cap. Cum contingat. de reſcript.* of Martin de Azpilcueta Navarro
Coimbra, 1543

54 MARTIN DE AZPILCUETA NAVARRO, PRAELECTIONES IN CAP. SI QUANDO. & CAP. CUM CONTINGAT. DE RESCRIPT.

Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1543.

MARTINI | AB AZPILCVETA IV- | RISCONSVLTI NAVARRI | ET CONIMBRICENSIS | IN DECRETIS PONTI- | FICVM GYM- NASTAE | PRIMARII PRAELECTIONES | in cap. Si quando. & cap. Cum contingat. de | refcript. in caufa propria cantoriæ Co- | nimbricenfis axiomata quæ verfa | pagella docet difcutientes, | cum copiofo indice. | CONIMBRICAE. | Ex officina Iohannis Aluarii. | & Iohãnis Barrerii. | M.D.XLIII.

Titulo enquadrado por uma portada que tem na parte superior, ao meio, o escudo das Armas Reaes, aos lados figuras e Espheras armillares, e em baixo um brasão[1].

[fl. 1 vo.] VTRIVSQVE DISPVTATIONIS | CAP. SI QVANDO. | EXCEPTIONES AVTORIS CONTRA COM- | petitoris acceffum difcuffæ in feq. prælectio. c. Si quando. [...]

[fl. 2 vo.] OPTIMÆ · AC · MAXIMÆ · | CATHARINAE HVIVS NOMI- | nis primæ Portugalliȩ ac Algarbiorum. &c. | Reginæ Clarifsimæ. Martinus ab | Azpilcueta Nauarrus fpiritũ | in IESV CHRISTO | principalem. [...]

Folha desdobrada entre as folhas [2] *e* [3][2]. ILLVSTRISSIME AC REVERENDISSI- ME | DOMINE. | [...] Super quibus omnibus peto a T. Reuerendiff. D. | iuftitiam, & competitorem impenfarum condemnari, nobile officium implorando.

[fl. 3 vo.] INDEX OMNIVM SVMMARVM AD MAR- | ginem collectarum ordine alphabetico digeftus. [...]

[fl. 12 vo.]
Fim do indice[3].

p. 1. PRAEFATIO IN PRAELE- | CTIONEM HABITAM | SVPER QVAESTIONE | facti propria in cap. Si quando. | de refcriptis. [...] | PRAE- LVDIA.

p. 100. [...] DEO GLORIA | Venia nobis & gratia. | FINIS.

p. 101. PREFATIO IN PRAELE- | CTIONEM HABITAM | SVPER QVAESTIONE | facti propria in cap. Cum contingat. | de refcriptis. [...]

p. 186. [...] GLORIA DEO, GRATIA EIVS | nobis & venia. Amen. | FINIS.

[1] *Title-page surrounded by a border with the Royal Arms at the top, figures and armillary Spheres at the sides, and a coat of arms at the bottom.*
[2] *Folding leaf between leaves* [2] *and* [3].
[3] *End of the index.*

PRAELECTIONES IN CAP. SI QUANDO. & CAP. CUM CONTINGAT. DE RESC.

[p. 187] AD LECTOREM. [...]

p. 188. [...] VALE. | Errata [...] | IN INCLYTA CONIMBRICA | PRIDIE CALENDAS. | APRILEIS. | M.D.XLiii.

Folio—[12] folhas, 188 paginas, [uma folha desdobrada]—40 linhas—notas marginaes em caractéres gothicos—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: a, 4 folhas; b, 8 folhas; A–Y, 4 folhas cada caderno; z, 6 folhas; total de 106 folhas; as folhas a 3, C 3, L 3, O 3, R 3 e V 3 não teem assignaturas.

Encadernação de pergaminho.

Esta obra de Martin de Azpilcueta Navarro foi impressa em Coimbra, por João de Barreira e João Alvares, em Abril de 1543, sendo poucos os bibliographos que a mencionam. Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. I, p. 151) faz-lhe uma curta referencia, e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 242) dão-nos uma descripção detalhada do livro, que Navarro dedicou á Rainha D. Catharina. Segundo estes auctores, conhecem-se os seguintes exemplares das *Praelectiones*: Bibliotheca Nacional de Lisboa (2 ex.), Ajuda, Evora e Universidade de Coimbra; a essa lista cumpre junctar o exemplar do Museu Britannico, e o nosso, que se encontra completo.

Arigita y Lasa (*El Doctor Navarro Don Martin de Azpilcueta y sus obras*, pp. 179–181) tambem nos dá uma descripção da edição de 1543, e explica-nos o estudo do insigne professor e canonista.

Folio—[12] leaves, 188 pages, [one folding leaf]—40 lines—marginal notes in Gothic type—no catchwords.

Collation by signatures: a, 4 leaves; b, 8 leaves; A–Y, each 4 leaves; z, 6 leaves; total 106 leaves; leaves a 3, C 3, L 3, O 3, R 3 and V 3 have no signature marks.

Vellum binding.

This work by Martin de Azpilcueta Navarro was printed in Coimbra by João de Barreira and João Alvares in April, 1543, and is mentioned by very few bibliographers. Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. I, p. 151) makes a short reference to it, while Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 242) give us a detailed description of the book dedicated by Navarro to Queen Catharina, and enumerate the following copies: Lisbon National Library (2 copies), Ajuda, Evora, and Coimbra University; to this list must be added the British Museum copy, and our own, which is complete.

Arigita y Lasa (*El Doctor Navarro Don Martin de Azpilcueta y sus obras*, pp. 179–181) also describes the 1543 edition, and gives a short explanation of this study by the famous professor and canonist.

IN INCLYTA CONIMBRICA

PRIDIE CALENDAS.

APRILEIS.

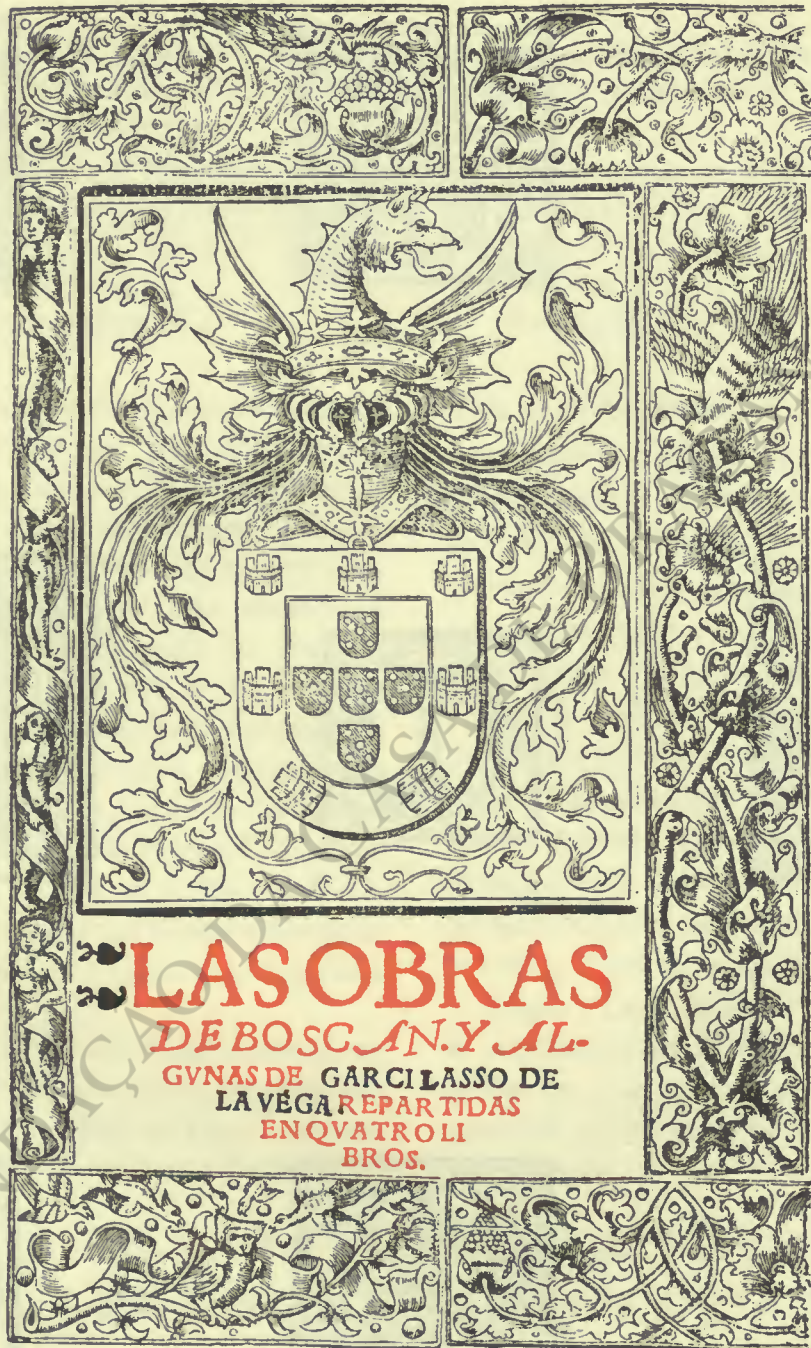
M. D. XLiii.

41 Colophon das *Praelectiones in cap. Si quando. & cap. Cum contingat. de rescript.* de Martin de Azpilcueta Navarro

Colophon of the *Praelectiones in cap. Si quando. & cap. Cum contingat. de rescript.* of Martin de Azpilcueta Navarro

Coimbra, 1543

42 Lettras capitaes de obras impressas por João de Barreira e João Alvares entre 1542 e 1562
Initial letters from works printed by João de Barreira and João Alvares between 1542 and 1562

LAS OBRAS
DE BOSCAN. Y AL-
GVNAS DE GARCILASSO DE
LA VEGA REPARTIDAS
EN QVATRO LI
BROS.

43 Folha do rosto das *Obras* de Boscan e Garcilasso de la Vega
Title-page of the *Obras* of Boscan and Garcilasso de la Vega
Lisboa, 1543

55 BOSCAN E GARCILASSO DE LA VEGA, OBRAS.
Lisboa, Luiz Rodrigues, 1543.

LAS OBRAS | *DE BOSCAN. Y AL-* | GVNAS DE GARCILASSO DE | LA VEGA. REPARTIDAS | EN QVATRO LI | BROS.
Titulo a negro e vermelho; por cima, o escudo das Armas Reaes com o grypho; todo enquadrado por tarjas[1].
Prologo[2].

[fl. 1 vo.] A LOS LECTO | RES. [...]
[fl. 2 vo.] Tabla delas obras que | ſon enel preſente libro. [...]
[fl. 4 vo.] [...] Fin dela tabla.
fl. 1. LAS OBRAS DE | *BOSCAN Y ALGVNAS DE* | *Garci Laſſo dela Vega repartidas en quatro* | *libros.* | A LA DVQVESA [...]
fl. 22 vo. LIBRO SEGVNDO | *DELAS OBRAS DE* | *Boſcan, a la Duqueſa de* | *Soma.* [...]
Prologo[2].
fl. 25. SONETO. [...]
fl. 84 vo. SONETO DE | *Garci laſſo, que ſe oluido de poner* | *a la fin con ſus obras.* [...]
fl. 85. LIBRO TERCE | *ro delas obras de Boſcan,* [...]
fl. 183 vo. [...] *Fiin* [*sic*] *de las obras de Boſcan.*
fl. 184. LIBRO | *QVARTO, OBRAS* | *de Garcilaço de la uega.* [...]
fl. 264. [...] FIN DELAS | *OBRAS DE GARCILA-* | *SSO DELA VEGA.* | *Acabaron ſe de imprimir las obras de* | *de* [*sic*] *Boſcan, y Garci Laſſo dela ue-* | *ga: en Liſboa en caſa de Luis* | *Rodriguez librero delrey* | *noſſo ſñor ados dias* | *de Noueimbre.* | *M.D.xliii.*
fl. 264 vo.
Marca do impressor[3].

4°—[4], 264 folhas—numero de linhas variado—caractéres italicos, excepto a taboada e os prologos, que são em caractéres gothicos—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: A, 4 folhas; B–L, 8 folhas cada caderno; M, 4 folhas; N–Z, 8 folhas cada caderno; AA–LL, 8 folhas cada caderno; MM, 4 folhas; total de 268 folhas; a folha B 4 tem assignatura b iiij, G 4 tem C iiij, K 2 tem k ij, FF 3 tem EE iij.

Encadernação de velludo roxo.

4to.—[4], 264 leaves—number of lines inconstant—italics except for the index and the prologues, which are in Gothic letter—no catchwords.

Collation by signatures: A, 4 leaves; B–L, each 8 leaves; M, 4 leaves; N–Z, each 8 leaves; AA–LL, each 8 leaves; MM, 4 leaves; total 268 leaves; leaf B 4 is marked b iiij, G 4 is C iiij, K 2 is k ij, FF 3 is EE iij.

Binding of purple velvet.

[1] *Above the title are the Royal Arms with the griffin crest, and the whole is within a woodcut border.*
[2] *Prologue.*
[3] *Printer's mark.*

A edição de *Las obras de Boscan y algvnas de Garcilasso de la Vega*, impressa em Lisboa por Luiz Rodrigues em 1543, é um livro rarissimo. Seguindo a regra que estabelecemos, pouco ou nada diremos dos dois celebres poetas Hespanhoes e, n'estas notas, occupar-nos-hemos especialmente da edição estampada em Portugal. São poucos os auctores que a mencionam, e esses nunca a viram. Brunet (*Manuel du Libraire*, t. I, col. 1122) diz:

"Une édition de Lisbonne, 1543, in-4., est portée dans le catal. de Pajot d'Osenbray, no. 1997, et, au rapport de Bouterwek, il s'en trouve un exemplaire dans la bibliothèque de Göttingue."

Salvá (*Catálogo de la Biblioteca de Salvá*, t. I, nº 473), citando Brunet, menciona ao de leve a edição de Lisboa, e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 1040) dão uma curta noticia transcripta d'uns apontamentos manuscriptos da Bibliotheca Nacional de Lisboa, e indicam, segundo Bouterwek, o exemplar de Göttingen. Graças á amabilidade do Director da Bibliotheca da celebre Universidade, sabemos que o exemplar mencionado pelos diversos auctores que citamos, o unico de que havia noticia, se encontra n'essa Bibliotheca.

Sousa Viterbo, commentando as palavras de Brunet, escreve:

"Parece não haver duvida sobre a existencia d'esta edição, provavelmente feita por Luis Rodrigues. N'uma edição de Barcelona, de Carlos Amoros, terminada a 20 de março de 1543, vem um privilegio por dez annos do rei de Portugal, datado de Almeirim a 18 de março de 1543. Embora custe a conciliar estas duas datas, o que é indiscutivel é que o privilegio do rei de Portugal só poderia servir para uma edição portugueza" (*A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 217).

Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, t. I, p. 254), depois de se referir á primeira edição estampada em Barcelona, diz:

The edition of *Las obras de Boscan y algvnas de Garcilasso de la Vega*, printed in Lisbon by Luiz Rodrigues in 1543, is extremely rare. In accordance with our rule we shall say little or nothing about the two famous Spanish poets, and confine our observations to the edition printed in Portugal. The few authors who mention it had never seen a copy. Brunet (*Manuel du Libraire*, vol. I, col. 1122) says:

"Une édition de Lisbonne, 1543, in-4., est portée dans le catal. de Pajot d'Osenbray, no. 1997, et, au rapport de Bouterwek, il s'en trouve un exemplaire dans la bibliothèque de Göttingue."

Salvá (*Catálogo de la Biblioteca de Salvá*, vol. I, no. 473) cites Brunet and makes a passing reference to the Lisbon edition, and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 1040) give a short description of the book transcribed from some manuscript notes in the Lisbon National Library, stating that, according to Bouterwek, there is a copy at Göttingen. By the courtesy of the Director of the Library at the famous University, we are able to say that the only known copy besides our own is, indeed, kept there.

Sousa Viterbo makes the following comment on Brunet's remarks:

"There seems to be no doubt about the existence of this edition, probably published by Luiz Rodrigues. In a Barcelona edition, printed by Carlos Amoros, completed on March 20th, 1543, there is a licence granted by the King of Portugal for ten years, and dated from Almeirim on March 18th, 1543. Though it is difficult to reconcile these two dates, it is indisputable that the licence of the King of Portugal could only serve for a Portuguese edition" (*A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 217).

Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. I, p. 254) refers to the first edition printed in Barcelona, and then says: "De esta

"De esta primera edición corren ejemplares con privilegio portugués o el escudo de Portugal habilmente encolado en la portada"; e depois de mencionar a "primera tirada furtiva," impressa sem logar nem nome de impressor em 1543, accrescenta:

"La segunda tirada fraudulenta dice al fin: *Lisboa en casa de Luís Rodriguez*, 1543, 4º gót. 4 h. 264 fóls. Apareció siete meses y trece dias después de la primera.... La viuda de Boscán en vista de los ejemplares falsificados solicitó otro privilegio para la Corona de Castilla, pero no pudo evitar multitud de tiradas que se hicieron en el extranjero."

Ácerca da edição de Barcelona não temos auctoridade para formular uma opinião; quanto á edição de Luiz Rodrigues, não possuimos provas que possam refutar o epitheto—"tirada fraudulenta"—applicado por Palau, mas que nos parece talvez excessivo. Rodrigues era livreiro e impressor de D. João III e gozava da confiança do Monarcha, de quem, como já vimos, recebeu muitos favores. Por consequencia, parece-nos difficil de acreditar que tenha estampado nos seus prelos uma "tirada fraudulenta," na qual imprimiu a sua marca e, por baixo do seu nome, o titulo de livreiro d'El-Rei. A importancia das obras de Boscan e de Garcilasso, e a influencia que exerceram na litteratura Portugueza, explicariam que uma edição fôsse impressa em Portugal em 1543, sem que esse facto significasse, sobretudo em vista da situação do livreiro de D. João III, uma "tirada fraudulenta."

Comtudo, ha para nós um ponto mysterioso: a edição de Barcelona de Março, 1543, mencionada por Sousa Viterbo (da qual existe um exemplar na Bibliotheca da Hispanic Society of America), inclúe um privilegio de D. João III, e a edição de Lisboa, acabada de imprimir a 2 de Novembro de 1543 "en caſa de Luis Rodriguez librero delrey noſso ſeñor," não contem qualquer privilegio ou alvará d'El-Rei. Se a edição de Rodrigues foi uma "tirada fraudulenta," não terá sido egualmente "fraudulento" o privilegio da edição de Barcelona? Quem poder ou souber que resolva o problema.

primera edición corren ejemplares con privilegio portugués o el escudo de Portugal habilmente encolado en la portada." Then, after mentioning the "primera tirada furtiva," printed with no place or printer's name in 1543, he adds:

"La segunda tirada fraudulenta dice al fin: *Lisboa en casa de Luís Rodriguez*, 1543, 4º gót. 4 h. 264 fóls. Apareció siete meses y trece dias después de la primera.... La viuda de Boscán en vista de los ejemplares falsificados solicitó otro privilegio para la Corona de Castilla, pero no pudo evitar multitud de tiradas que se hicieron en el extranjero."

We have not sufficient data to form an opinion about the Barcelona edition, or to refute Palau's assertion that the Luiz Rodrigues edition was pirated, though the expression seems to us a little strong. Rodrigues was bookseller and printer to Dom João III and he enjoyed the confidence of the Monarch, from whom, as we have seen, he received many favours. We therefore find it hard to believe that he would have issued a "tirada fraudulenta" from his press, and have put his mark in it beneath his name and the title of bookseller to the King. The importance of the works of Boscan and Garcilasso, and the influence they exercised upon Portuguese literature would, especially in view of Rodrigues' position, suffice to explain the existence of a Portuguese edition of their poems, without any suspicion of its being a "tirada fraudulenta."

There is, however, one point we cannot understand: that the Barcelona edition of March, 1543, mentioned by Sousa Viterbo (of which we have been able to trace a copy in the Library of the Hispanic Society of America), should contain a licence granted by Dom João III, while the Lisbon edition, concluded on November 2nd, 1543, has no Royal licence or letter whatever. If the Rodrigues edition were pirated, is there not also a chance that the licence in the Barcelona edition may have been a spurious one?

Seja como fôr, esta obra tem para nós uma grande importancia, por causa da influencia que os seus auctores exerceram para a renovação litteraria em Portugal, que, no nosso paiz, immortalizou o nome de Sá de Miranda. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, no seu livro magistral, *Poesias de Sá de Miranda* (pp. xxviii–xxix), explica admiravelmente essa influencia:

"Durante uma visita, que (Sá de Miranda) fizera a Antonio Pereira, ainda antes de 1536, o seu culto hospedeiro presenteou-o com um manuscripto precioso; eram as poesias de Garcilaso e Boscan, os dous poetas mais celebres do visinho reino e fundadores da eschola italiana em Castella, escriptas de 1526 até então. Ambos, principalmente o divino Garcilaso, tinham acertado logo de um modo tão singular com o novissimo estylo; os seus bellos versos tinham sido saudados com tanto enthusiasmo, apesar da guerra aberta do partido popular, que facil foi accender de novo a inspiração do nosso poeta com semelhantes exemplos. Sâ de Miranda resolveu-se a continuar a obra da reforma, iniciada em Coimbra em 1527 sem resultado visivel. Principiou d'esta vez com *Eglogas em metro hendecasyllabo* de que conhecemos cinco, mas só uma em portuguez, e as restantes em hespanhol. Porque é que Miranda escolheu este idioma? Talvez por entender que o superior encanto das poesias melodiosas de Garcilaso resultava da maior euphonia da lingua castelhana. Nas cinco eglogas ao modo italiano a influencia do principe dos poetas hespanhoes é evidente: o iniciador portuguez serve-se das mesmas formas metricas, dos mesmos artificios de Garcilaso.... No outono de 1537 (escreveu) a Egloga *Nemoroso*, destinada a commemorar o primeiro anniversario da morte de Garcilaso, cujo discipulo se confessa modestamente" (ver as notas sobre a Egloga *Nemoroso*, pp. 831 *e seg.*).

O exemplar que possuimos da edição das obras de Boscan e Garcilasso, impressa em Lisboa, está completo e perfeitamente conservado; alem da sua extrema raridade, a sua encadernação torna-o uma verdadeira preciosidade bibliographica. O livro está coberto de velludo roxo, tendo a ouro os golfinhos do Delphim de França,

This work has a special interest for us, on account of the influence of its authors upon the literary revival in Portugal, through which the name of Sá de Miranda became immortal. Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos, in her masterly work, the *Poesias de Sá de Miranda* (pp. xxviii–xxix), gives an admirable explanation of this influence.

"During a visit paid [by Sá de Miranda] to Antonio Pereira, before 1536, his cultured host presented him with a precious manuscript: the poems written, from 1526 until that time, by Garcilasso and Boscan, the two most famous poets of the neighbouring kingdom, the founders of the Italian school in Castile. Both, and particularly the divine Garcilasso, had by then become singularly successful with the new style; their beautiful verses had been hailed with such enthusiasm, in spite of the open hostility of the popular party, that it was easy for our poet's inspiration to be rekindled by such examples. Sá de Miranda resolved to carry on the work of reform, which he had begun in Coimbra in 1527 without visible result. This time he started with *Eclogues in hendecasyllabic metre*, of which we know five, only one of which is in Portuguese, the rest being in Spanish. Why did Miranda choose that idiom? Perhaps because he considered that the superior charm of Garcilasso's melodious poems was due to the greater euphony of the Castilian tongue. The influence of the prince of Spanish poets is evident in the five eclogues in the Italian style: the Portuguese pioneer uses the same metrical forms, and the same poetical devices as Garcilasso.... In the autumn of 1537 [he wrote] the eclogue *Nemoroso* to commemorate the first anniversary of the death of Garcilasso, whose disciple he modestly avows himself" (see the notes on the eclogue *Nemoroso*, pp. 831 *et seq.*).

Our copy of the works of Boscan and Garcilasso, printed in Lisbon, is complete and in a perfect state of preservation, and its binding renders it a veritable bibliographical treasure. The book is bound in purple velvet with the dolphins of Francis, the Dauphin of France—afterwards King Francis II—stamped upon it in

Francisco, depois Francisco II Rei de França. Por dentro tem nas pastas, como se fôssem guardas, parte de uma encadernação anterior, em couro com dizeres a ouro: na pasta superior lê-se: VIRTVD / PARA VIDA / Y MVERTE: na inferior: VIDA ES MVERTE: / Y MVERTE ES GLORIA / QVANDO ES BVENA: / LA MEMORIA.

O infeliz marido da ainda mais infeliz Maria Stuart teve este exemplar na sua Bibliotheca, e, como ambos tinham o amor da poesia, talvez tenham folheado o livro que hoje guardamos como uma reliquia.

gold. Portions of an earlier leather binding are let in as doublures on the inside of the front and back covers, bearing mottoes lettered in gold; the front one reads: VIRTVD / PARA VIDA / Y MVERTE, and the back one: VIDA ES MVERTE: / Y MVERTE ES GLORIA / QVANDO ES BVENA:/ LA MEMORIA.

The unhappy husband of the even more unhappy Mary Stuart had this book in his library, and, as they both loved poetry, they may have turned the pages of the volume which we now cherish as a precious relic.

Acabaron se de imprimir las obras de de Boscan, y Garci Lasso dela uega: en Lisboa en casa de Luis Rodriguez librero delrey nosso sñor a dos dias de Nouiembre. M.D.xliij.

44 Colophon das *Obras* de Boscan e Garcilasso de la Vega
Colophon of the *Obras* of Boscan and Garcilasso de la Vega
Lisboa, 1543

MVSIS DICATVM

Libro pri
mero dl espejo del prĩcipe christi
ano: que trata como se ha d criar
vn principe o niño generoso des
de su tierna niñez cõ todos los
exercicios τ virtudes que le con
uienen hasta ser varon perfecto
contiene muy singulares doctri
nas morales y apazibles.

Con preuillegio
real.

NC REVIVIS
NV
CO

45 Folha do rosto do *Espejo del prĩcipe christiano* de Francisco de Monçon
Title-page of the *Espejo del prĩcipe christiano* of Francisco de Monçon
Lisboa, 1544

56 FRANCISCO DE MONÇON, LIBRO PRIMERO DEL ESPEJO DEL PRĨCIPE CHRISTIANO.

Lisboa, Luiz Rodrigues, 1544.

Libro pri | mero ꝺl eſpejo del prĩcipe chriſti | ano: que trata como ſe ha ꝺcriar | vn principe o niño generoſo deſ | de ſu tierna niñez cõ todos los | exercicios ⁊ virtudes que le con | uienen haſta ſer varon perfecto | contiene muy ſingulares doctri | nas morales y apazibles. | Con preuillegio | real. | M.D.Xliiij.

Titulo a negro e vermelho enquadrado por uma portada ornada de atlantes e outras figuras, e que tem na parte superior a legenda[1]*:*

MVSIS DICATVM

e na inferior a Phenix com a legenda[2]*:*

NVNC REVIVISCO.

[fl. 1 vo.]

Escudo das Armas Reaes com o grypho e a legenda em volta[3]*:*

Portauit nos | ſuper alas aquilarum | ⁊ ambulauimus | ſuper aſpidem ⁊ baſiliſcum.

[fl. 2] Eſta es memoria delos yerros q̃ | ouo en la impreſſiom [*sic*] deſte liuro [...]

[fl. 3] Tabla. [...]

[fl. 4 vo.] [...] Fin dela tabla.

fl. i. Prologo primero dirigido | al muy alto y muy poderoſo zelador ꝺ la fee Chriſtiana el Rey | don Iuan tercero deſte nombre/ Rey de Portugal y de | los algarues [...] por ſu indigno capellan y predica | dor el Doctor Frãciſco de mon | çon: Catredatico [*sic*] de The- | ologia en ſu inſigne | vniuerſidad de | Coimbra. [...]

fl. iii. Prologo ſegũdo alos lectores adõ | de el autor les declara la intencion y manera que tiene de proceder ene | ſtos libros. [...]

fl. v vo. [...] Prologo tercero dela obra adõde | el author declara la materia ⁊ titulo de eſtos libros. [...]

fl. vij vo. Libro primero | Capitulo pri- | mero [...]

fl. cxci. [...] Fin. | A gloria de dios y de ſu bẽdita ma | dre la virgen Maria nueſtra ſeñora ſe acabo el libro prime- | ro del perfecto principe chriſtiano aguora nueuamẽte | hecho por el doctor Frãciſco de Monçon cappellã | y predicador del ſereniſimo rey don Iuã de Por | tugal tercero deſte nombre Cathredatico de | ſancta teologia enla vniuerſidad de Coim | bra fue viſto y examinado por los reue | rendos padres deputados dela ſã | cta

[1] *Title in red and black within a border adorned with figures of Atlas, the Sphinx and others. At the top is the legend:*

[2] *And at the bottom is the Phœnix with the legend:*

[3] *Royal Arms with the griffin crest, surrounded by the legend:*

inquiſicion fue impreſo en liſ | boa ẽ caſa de Luis Rodriguez | librero delrey nueſtro ſeñor | acaboſſe alos. xxviij. di- | as del mes de Iulio de | M.D.xl.iiij. años.

fl. cxci vo.

Marca do impressor [1].

Folio—[6, as 2 ultimas em branco], cxci folhas a 2 columnas—43 linhas—caractéres gothicos, notas marginaes em caractéres menores—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: 6 folhas sem paginação nem assignaturas; A–Z, 8 folhas cada caderno; ꝛ, 7 folhas; total de 197 folhas; a folha A 2 tem assignatura errada A iij; O 1 não tem assignatura.

Encadernação de pergaminho.

Folio—[6, the last 2 blank], cxci leaves—double columns—43 lines—Gothic letter, marginal notes in smaller type—no catchwords.

Collation by signatures: 6 unnumbered leaves with no signature marks; A–Z, each 8 leaves; ꝛ, 7 leaves; total 197 leaves; leaf A 2 is wrongly marked A iij; O 1 has no signature mark.

Vellum binding.

O *Libro primero ꝺl eſpejo del prĩcipe chriſtiano*, composto por Francisco de Monçon, foi impresso em Lisboa por Luiz Rodrigues em 1544. Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 1043) dão uma descripção detalhada da obra, e indicam a existencia dos seguintes exemplares: Bibliotheca Nacional de Lisboa, Ajuda e Bibliotheca Estense (Modena). A essa lista cumpre junctar o exemplar do Museu Britannico e o nosso, que se encontra completo e perfeitamente conservado.

Monçon, sacerdote e pedagogo Hespanhol, nasceu em Madrid nos fins do seculo XV ou no principio do XVIº, sendo desconhecida a data exacta. Estudou em Alcalá, onde se graduou e foi professor. Depois seguiu para Madrid, creando alli grande fama como pregador; foi n'essa epocha que D. João III o convidou a vir reger a cadeira de prima de Theologia na Universidade de Coimbra. Mais tarde, estando jubilado, viveu na capital, onde foi conego da Sé; era tambem capellão e pregador de D. Sebastião. Falleceu em 1575.

O *Eſpejo del prĩcipe chriſtiano* foi dedicado pelo

The *Libro primero ꝺl eſpejo del prĩcipe chriſtiano*, composed by Francisco de Monçon, was printed in Lisbon by Luiz Rodrigues in 1544. Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 1043) give a detailed description of the work, and enumerate the following copies: Lisbon National Library, Ajuda and the Este Library (Modena). To this list must be added the copy in the British Museum and our own, which is complete and in a perfect state of preservation.

Monçon, a Spanish priest and pedagogue, was born in Madrid at the end of the XVth or beginning of the XVIth century, the exact date being unknown. He studied at Alcalá, where he graduated and became a professor. Proceeding to Madrid, he won great fame as a preacher, and at that time Dom João III invited him to go to Portugal as first professor of Theology in the University of Coimbra. Later, after years of service, he went to live in Lisbon, where he became a canon of the cathedral; he was also chaplain and preacher to Dom Sebastião. He died in 1575.

The *Eſpejo del prĩcipe chriſtiano* was dedicated by

[1] *Printer's mark.*

seu auctor a D. João III. Em 1571 publicou uma nova edição—que tambem possuimos—revista e emendada "con nueua compoſicion, y mucha addicion," que offereceu a D. Sebastião. No *Prologo a los pios Lectores* d'essa segunda impressão, Monçon, depois de varias reflexões sobre a materia de que trata a sua obra, escreve estas linhas em que expõe as razões que o levaram a compôl-a:

"determine de proſeguir my buena intencion de hazer eſtos libros de prouechoſos cõſejos, q̃ en ſi cõtuuieſſen aq̃lla ſabia doctrina q̃ los Philoſophos Senicos ſumauã en dos palabras q̃ ſon, abſtienete, y cõtienete.... Intitulelos eſpejos de Principe Xp̃iano, porq̃ pretẽdia de hazer cõ ellos, lo q̃ Socrates hazia cõ los eſpejos materiales, q̃ hazia q̃ ſus diſcipulos ſe vieſſen enellos..." (fl. 3 vº–fl. 4).

O titulo da obra, a passagem que citámos do *Prologo* de 1571, assim como outras do livro, indicam claramente que Monçon tencionava compôr um *Libro ſegũdo*; é mesmo possivel que tenha chegado a escrevel-o, pois mais de uma vez lhe faz referencias: "ſegun q̃ el ſegũdo Libro del Principe Chriſtiano haze mencion" (ed. 1571, fl. 87 vº, ver tambem fl. 174). Se essa segunda parte foi publicada, pertence provavelmente ao numero dos livros desapparecidos.

O Doutor Francisco de Monçon, "Pregador muyto douto, & em todas as partes muyto erudito" (Pedro de Mariz, *Dialogos de Varia Historia*, 1599, fl. 355 vº), não approvava a leitura dos romances de cavallaria para a educação do *prĩcipe chriſtiano*, e n'esta phrase pitoresca censura aquelles que os escreveram:

"Los autores q̃ no ſin grãde cargo ꝺ ſus cõſciẽcias eſcriuierõ a Amadis y a Palmerin y a Primaleõ y a dõ Clariã y otros libros de ſemejantes cauallerias vanas ⁊ fingidas: deuriã ſer caſtigados cõ publica pena" (ed. 1544, *Prologo ſegũdo alos lectores*, fl. v vº).

Sousa Viterbo tem inteira razão quando diz a respeito d'este livro:

its author to Dom João III. In 1571 he published another edition—of which we also possess a copy—revised and corrected "con nueua compoſicion, y mucha addicion," and dedicated it to Dom Sebastião. In the *Prologo a los pios Lectores* of this second edition, Monçon makes various remarks about the subject-matter of his book, and then gives the following account of his reason for writing it:

"determine de proſeguir my buena intencion de hazer eſtos libros de prouechoſos cõſejos, q̃ en ſi cõtuuieſſen aq̃lla ſabia doctrina q̃ los Philoſophos Senicos ſumauã en dos palabras q̃ ſon, abſtienete, y cõtienete.... Intitulelos eſpejos de Principe Xp̃iano, porq̃ pretẽdia de hazer cõ ellos, lo q̃ Socrates hazia cõ los eſpejos materiales, q̃ hazia q̃ ſus diſcipulos ſe vieſſen enellos..." (fl. 3 vo.–fl. 4).

The title of the work and the passage we have quoted from the *Prologo* of 1571, are among the several clear indications in the book that Monçon intended to compose a *Libro ſegũdo*; he may even have gone so far as to write it, because he refers to it several times: "ſegun q̃ el ſegũdo Libro del Principe Chriſtiano haze mencion" (1571 ed., fl. 87 vo., see also fl. 174). But if this second part were ever published, it must be numbered among the lost works.

Doctor Francisco de Monçon, whom Pedro de Mariz (*Dialogos de Varia Historia*, 1599, fl. 355 vo.) calls a "very learned Preacher, and a very erudite man in every way," did not consider that the reading of romances of chivalry should have any part in the education of the Christian Prince, and reproves the writers of them:

"Los autores q̃ no ſin grãde cargo ꝺ ſus cõſciẽcias eſcriuierõ a Amadis y a Palmerin y a Primaleõ y a dõ Clariã y otros libros de ſemejantes cauallerias vanas ⁊ fingidas: deuriã ſer caſtigados cõ publica pena" (1544 ed., *Prologo ſegũdo alos lectores*, fl. v vo.).

Sousa Viterbo is perfectly right, when he says of this book that:

✠ A gloria de dios y de su bẽdita ma
dre la virgen Maria nuestra señora se acabo el libro prime-
ro del perfecto principe christiano aguora nueuamẽte
hecho por el doctor Frãcisco de Monçon cappellã
y predicador del serenissimo rey don Juã de Por
tugal tercero deste nombre Cathredatico de
sancta teologia en la vniuersidad de Coim
bra fue visto y examinado por los reue
rendos padres deputados de la sã-
cta inquisicion fue impreso en lis
boa ẽ casa de Luis Rodriguez
librero del rey nuestro señor
acabosse a los .xxviij. di-
as del mes de Julio de
M.D.xl.iiij.años

46 Colophon do *Espejo del prĩcipe christiano* de Francisco de Monçon
Colophon of the *Espejo del prĩcipe christiano* of Francisco de Monçon
Lisboa, 1544

"A obra do Dr Francisco de Monçon é digna de apreço, não só por nos revelar a doutrina do/minante da epoca no tocante á materia da educa/ção, mas pelas muitas referencias historicas de que vem semeada, algumas d'ellas para bem dizer in/editas. A erudição classica é dominante, mas as allusões aos factos contemporaneos são sufficientes para tornar a obra verdadeiramente interessante" (*A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 334).

Em seguida transcreve este trecho do manu/scripto da Bibliotheca Nacional de Lisboa, *Anti/guidades de Lisboa* de Antonio Coelho Gasco, em que o seu auctor mostra em linguagem singela as virtudes de Monçon:

"A todos hẽ conhecido aquelle grande Theo/logo, o Doutor Francisco de Monçon, lente iubi/lado na sagrada Theologia, e Conego Doctoral da Sancta See de Lixboa, e de nassão Caste/lhano: cuia rara virtude foj muj grande: era muyto grande amigo de Ds. Pois sendo pessoa tão autho/risada e de muyto credito, e nobresa, pello tempo da peste grande, quis ficar na See offerecendosse a ella, por amor de Ds, gastando suas rendas com os doentes: cuio corpo iaz enterrado nos claustros da See, iunto a capela do Benegnissimo Iss., e por sua humildade ias da banda de fora" (*ob. cit.* p. 337).

Á sua erudição e eloquencia, Monçon soube unir não só a caridade, a maior de todas as virtudes, mas humildade.

"The work of Dr Francisco de Monçon is of value, not only because it reveals to us the prevalent doctrine of the period on the subject of education, but also on account of the many historical references with which it is sprinkled, some of which may well be said to be printed for the first time. Classic erudition is dominant, but there are enough allusions to contemporary facts to make the work really interesting" (*A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 334).

He then transcribes the following ingenuous account of Monçon's character from the manu/script of the *Antiguidades de Lisboa* by Antonio Coelho Gasco, in the Lisbon National Library:

"Everyone knows that great Theologian, Doctor Francisco de Monçon, honorary lecturer in sacred Theology, and Doctoral Canon of the Holy See of Lisbon, and of Castilian nationality. His rare virtue was very great; he was a very great friend of God, because, being a person of such authority and of great credit and nobility, he de/cided to remain in the Cathedral at the time of the great pestilence, offering himself to it for the love of God, and spending his revenues upon the sick. His body lies buried in the cloisters of the Cathedral, near the chapel of the most Benign Jesus, and in his humility he lies in the outer part" (*op. cit.* p. 337).

To his learning and his eloquence Monçon joined not only charity, the greatest of all virtues, but humility.

47 Folha do rosto do *Vincentivs Levita: et Martyr* de André de Resende
Title-page of the *Vincentivs Levita: et Martyr* of André de Resende
Lisboa, 1545

57 ANDRÉ DE RESENDE, VINCENTIVS LEVITA: ET MARTYR.
Lisboa, Luiz Rodrigues, 1545.

L. ANDR. | RESENDII. | VINCENTIVS LEVITA: | ET MARTYR. | OLISIPONE. APVD | Lodouicum Rhotori- | gium typogra- | phum. | M.D.XLV.
Titulo enquadrado por uma portada egual á da Hyſtoria de Lucano[1].

[fl. 2] L. ANDREAS | RESENDIVS. SPERATO | MARTINO FER- RARI- | AE EQVESTRIS OR- | DINIS NOBILI ET | ERVDITO VI- | RO. S. D. [...]
[fl. 2 vo.] [...] *Vale. Oliſipone | VI. cal. De- | cembris. | M.D.XLV.*
[fl. 3] L. ANDREAE | RESENDII. VINCEN- | TIVS LEVITA ET | MARTYR. | LIBER PRIOR. [...]
[fl. 20 vo.] [...] *FINIS HISTORIAE | VINCENTII.*
[fl. 21] L. ANDR. RESENDII | AD VERNANDVM RHOTORIGIVM | ALMADICVM, RHOTORIGI: | VERNANDI ALMADICI FI- | LIVM, OPTIMAE PEIS *(spei)* | PVERVM. [...]
[fl. 23] [...] *FINIS.*
p. 1 *(fl. 23 vo.)*. IN. L. ANDREAE | RESENDII VINCENTIVM LEVI- TAM | ET MARTYREM, EIVSDEM LO- | CORVM OBSCVRIORVM | ADNOTATIONES. | AD STVDIOSOS ADOLESCENTES. [...]
p. 64 [aliás 65]. [...] FINIS.
[fl. 1] INDEX RERVM OBSERVATIONE DIG- | narum, quæ in his adnotationibus continentur. [...]
[fl. 3] ERRATA, SIC CORRIGE, [...] | *IMPRESSVM OLISIPONE | in ædibus Lodouici Rothorigij, ty- | pographi ac bibliopolæ regij. | XV. Cal. Ianuarii. | M.D.XLV.*
[fl. 3 vo.]
Marca do impressor[2].

4°—[23] folhas, 64 (aliás 65) paginas, [3] folhas —25 linhas—caractéres italicos, excepto o indice e as erratas, que são em caractéres redondos—sem titulos correntes, nem reclamos.

Numeração dos cadernos: A–C, 8 folhas cada caderno; D–K, 4 folhas cada caderno; L, 6 folhas; total de 58 folhas; as folhas A 2 e L 2 não teem assignaturas.

Encadernação de carneira.

4to.—[23] leaves, 64 (alias 65) pages, [3] leaves —25 lines—italics, except for the index and the errata, which are in Roman type—no headlines, nor catchwords.

Collation by signatures: A–C, each 8 leaves; D–K, each 4 leaves; L, 6 leaves; total 58 leaves; leaves A 2 and L 2 have no signature marks.

Bound in sheepskin.

[1] *Title within a woodcut border like the one in the* Hyſtoria de Lucano.
[2] *Printer's mark.*

Esta obra rara de Resende desperta o nosso interesse por se tratar de S. Vicente, Padroeiro de Lisboa, e por ter sido n'este poema que Mestre André empregou a palavra *Lusiadas*, palavra de que tambem se serviu no seu *Encomium Erasmi* (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 510–511).

Segundo Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 1046) existem exemplares do *Vincentivs Levita: et Martyr*, nas seguintes Bibliothecas: Lisboa, Ajuda, Evora e Universidade de Coimbra. Na Bibliotheca da Universidade de Harvard (Palha) encontra-se tambem um exemplar. O exemplar que possuimos, n'um bello estado de conservação, tem um valor especial, por conter numerosas emendas, correcções e annotações escriptas pelo punho do celebre Eborense. Resende tinha composto o seu poema sobre S. Vicente havia muitos annos, mas só o fez imprimir em 1545, por Luiz Rodrigues (ver Francisco Leitão Ferreira, *Vida de André de Resende*, publicada por Anselmo Braamcamp Freire —*Archivo Historico Portuguez*, vol. VIII, pp. 177 e *seg.*), dedicando-o ao seu amigo Sperato Martim Ferreira, para quem, diz Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. I, p. 166), redigiu, "para mayor clareza do Poema," as annotações annexas; segundo Leitão Ferreira (*loc. cit.*) essas annotações fôram escriptas a pedido dos estudantes de Lisboa.

S. Vicente mereceu a especial attenção do nosso humanista, pois, na sua notavel carta a Bartholomeu de Quebedo em 1567, refere-se detalhadamente, não só a S. Vicente Padroeiro de Lisboa, mas a S. Vicente, natural de Evora, e a suas irmãs Sabina e Christeta. A historia do illustre martyr, de quem Resende se occupa n'esta obra, é, para nós, cheia de encanto, pois o seu culto está intimamente ligado á historia do nosso paiz e especialmente da sua capital. Durante o reinado de Diocleciano, sendo o cruel Daciano prefeito da Peninsula em nome do Imperador, exerceu-se uma feroz perseguição contra os Christãos, que principiou no anno de 303, fazendo innumeras

This rare work of Resende is particularly interesting because it is about St Vincent, the patron saint of Lisbon; and because in it, as in his *Encomium Erasmi*, Resende uses the word *Lusiadas* (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 510–511).

According to Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 1046) there are copies of the *Vincentivs Levita: et Martyr* in the National Library at Lisbon, and in those of Ajuda, Evora and Coimbra University. There is also a copy in the Harvard University Library (Palha). Our own copy, which is in a perfect state of preservation, is doubly precious, for it has numerous corrections and annotations in its author's handwriting. Resende wrote his poem on St Vincent many years before he had it published by Luiz Rodrigues in 1545 (see Francisco Leitão Ferreira, *Vida de André de Resende*, published by Anselmo Braamcamp Freire—*Archivo Historico Portuguez*, vol. VIII, pp. 177 *et seq.*). He dedicated the work to his friend Sperato Martim Ferreira, for whom, according to Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. I, p. 166), he wrote the notes at the end "for the greater clearness of the poem." Leitão Ferreira (*loc. cit.*) says, however, that it was annotated at the request of the students in Lisbon.

Resende devoted a great deal of attention to St Vincent, for in the remarkable letter he wrote to Bartholomeo de Quebedo in 1567, he refers in detail, not only to the patron saint of Lisbon, but also to St Vincent the native of Evora and to his sisters Sabina and Christeta. The history of the martyr has a great charm in our eyes, for it is intimately linked with the history of our country and especially of its capital. In the reign of Diocletian, when the cruel Dacian was governor of the Peninsula in the Emperor's name, the persecution of the Christians, which had begun in the year 303, was at its height, among the

victimas: n'essa epocha Verissimo, Maxima e Julia, de que já nos occupámos (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, p. 205), fôram suppliciados em Lisboa. S. Vicente, "Diacono, e oriundo de Saragoça, recebeu a palma do martyrio no anno de 304" (Castilho, *Lisboa Antiga*, t. v, p. 20). Os restos mortaes do Santo ficáram em Valença de Hespanha até aos principios do seculo VIII, quando teve logar a invasão arabe. Fugindo perante a avançada dos Mussulmanos, os Christãos leváram o corpo do martyr até ao Sacro Promontorio, onde ergueram uma pequena capella na qual depositáram as reliquias: o promontorio tomou, em honra do martyr, o nome de Cabo de S. Vicente. Julio de Castilho (*ob. cit.* vol. v, p. 22) refere-se ao livro compilado pelo D^r^ Gustavo Storm, *Monumenta historica Norvegiæ*, que contem "um fragmento de roteiro antigo á Palestina, escripto, segundo parece, por certo monge chamado Mauricio," e diz:

"Pena é, para nós outros, que este documento se encontre mutilado, e só principie na menção do cabo de S. Vicente. *Tarfalgurfa* o denomina frei Mauricio; e accrescenta que para os hespanhoes é *Cabo Sant Vincent*, por ahi ter sido encontrado o corpo do santo Martyr. Aquelle primeiro nome, diz o sabio annotador, vem do arabe *Tarf-al-Gurâb* (cabo dos Corvos)."

Após a conquista de Lisboa, D. Affonso Henriques, que professava uma grande devoção a S. Vicente, mandou um navio buscar o corpo do Santo, que chegou a Lisboa em 1173. Segundo a lenda, os corvos, que viviam no local do promontorio onde estava enterrado o martyr, fôram o indicio para se encontrarem as reliquias: transportado para bordo o corpo do Santo, dois corvos vieram pousar um á proa, outro á pôpa do navio, que acompanháram até Lisboa. Essa lenda encantadora foi a origem do brasão d'armas da cidade de Lisboa, "um navio com a imagem do Santo erguida no mastro, e dois corvos, um á pôpa, outro á proa" (Castilho, *ob. cit.* vol. v,

many victims of heathen oppression being Verissimo, Maxima and Julia, natives of Lisbon, whom we have already mentioned (see *Early Portuguese Books*, vol. I, p. 205). St Vincent, "Deacon and native of Saragossa, received the palm of martyrdom in 304" (Castilho, *Lisboa Antiga*, vol. v, p. 20). The Saint's body remained in Spain, in Valencia, until the Arab invasion in the beginning of the VIIIth century, when the fugitive Christians carried it with them to the Sacrum Promontorium, where they built a little chapel to receive the relics: the promontory was named Cape St Vincent in honour of the martyr. Julio de Castilho (*op. cit.* vol. v, p. 22) refers to a book *Monumenta historica Norvegiæ* compiled by Dr Gustavus Storm, and containing "a fragment of an ancient itinerary to Palestine, which appears to have been written by a certain monk named Mauricio," and says:

"It is a pity, from our point of view, that this document is mutilated and only begins with the mention of Cape St Vincent. Brother Mauricio calls it *Tarfalgurfa*, and adds that it is *Cabo Sant Vincent* to the Spaniards because the Martyr's body had been found there. The former name, says the learned annotator, comes from the Arabic *Tarf-al-Gurâb* (cape of the Ravens)."

After the conquest of Lisbon, Dom Affonso Henriques, who professed a great devotion to St Vincent, sent a ship to bring the Saint's body to Lisbon, where it arrived in 1173. According to the legend, ravens, hovering over the Saint's burial-place on the promontory, showed the position of the holy relics; and when the body had been conveyed to the ship, two ravens were seen to perch, one on the prow and the other on the poop, where they remained until Lisbon was reached. This legend is perpetuated in the coat of arms of Lisbon, which depicts "a ship, bearing the Saint's image on the mast, and two ravens, one on the poop, the other on the prow" (Casti-

p. 24). Chegado o navio a Lisboa, as reliquias fôram depositadas primeiro na egreja de Santa Justa, mas em 1176 fôram trasladadas para a Sé. Damião de Goes, na sua *Vrbis Olisiponis Des⸗criptio*, 1554 (fl. b iiij), refere⸗se a S. Vicente e á veneração que havia pelo Santo, e mencionando o poema do seu amigo Resende, escreve:

"Hoc Rege Alfonſo Regnante, non multis diebus poſt expugnatam Oliſiponem, corpus. D. Vincentij leuitae & martyris, in ipſam vrbem, ex Sacro promõtorio, vbi diu latuit, relatum eſt, & in fornice ſummi templi, ſumma cum reue⸗rentia hodierna die aſſeruatur. Quam rem diffuſe Reſendius noſter graui carmine proſequutus eſt."

O corpo do Santo esteve depositado na Sé em altar especial—altar de S. Vicente—até 1775, n'uma urna que o pavoroso terremoto e incendio n'aquelle anno destruiram. Hoje, existem apenas algumas reliquias. Quem se interessar pela historia de S. Vicente, pelas lendas e tradições que a envolvem, deverá lêr a *Lisboa Antiga* do nosso saudoso mestre e amigo, Julio Visconde de Castilho.

E os corvos? A lenda dura sempre, ou pelo menos durava ainda em 1910, pois, em memoria do Santo, e dos corvos que acompanhàram o seu corpo do promontorio a Lisboa, guardavam⸗se dois enormes corvos dentro de uma gaiola no claustro da velha Sé. Alli os fômos ver ha uns 25 annos. Segundo nos disse então uma dignidade da Cathedral, já fallecida, antigamente, o Cabido ia processionalmente dar de comer aos corvos no dia de S. Vicente (22 de Janeiro): essa tradição acabou ha muito, infelizmente, e não julgamos que as duas aves, que na crença popular eram as mesmas que tinham acompanhado o corpo do Santo em 1173, tivessem uma vida muito feliz. E para terminar, diremos ainda, que em Portugal todos os corvos se chamam Vicente.

A veneração a S. Vicente foi grande entre os filhos de D. João I: no seu testamento, feito antes de partir para a Africa, o Infante D. Fernando—o Infante Santo—diz: "...leixo a See de Lisboa,

lho, *op. cit.* vol. v, p. 24). When the ship reached Lisbon, the relics were first deposited in the church of Santa Justa, but were transferred to the Cathedral in 1176. Damião de Goes refers to St Vincent and to the veneration in which he was held, in the *Vrbis Olisiponis Descriptio*, 1554 (fl. b iiij) and mentions his friend's poem, saying:

"Hoc Rege Alfonſo Regnante, non multis diebus poſt expugnatam Oliſiponem, corpus. D. Vincentij leuitæ & martyris, in ipſam vrbem, ex Sacro promõtorio, vbi diu latuit, relatum eſt, & in fornice ſummi templi, ſumma cum reue⸗rentia hodierna die aſſeruatur. Quam rem diffuſe Reſendius noſter graui carmine proſequutus eſt."

The Saint's body was kept in a special altar in the Cathedral until the terrible earthquake and fire of 1775 destroyed the urn where it reposed; and to⸗day there are only a few relics remaining. Those interested in St Vincent and the legends and traditions surrounding his name, should read *Lisboa Antiga* by our friend, the late Julio Visconde de Castilho.

The people still firmly believed in the legend of the ravens as recently as 1910, when, in memory of the Saint and of the birds who accompanied his body from the promontory to Lisbon, two enormous ravens were kept in a cage in the cloisters of the old Cathedral. We went to see them there some twenty⸗five years ago, and a dignitary of the Cathedral, who is now dead, told us that in ancient times the Chapter used to go in procession to feed them on St Vincent's day (January 22nd): this practice has, unhappily, long fallen into disuse, and we do not think the birds—popularly believed to be the very same pair which had escorted the Saint's body in 1173—led a very happy life. In conclusion we would mention that to this day all ravens are called *Vicente* in Portugal.

St Vincent was held in great veneration by King João I's sons, and the Infant Dom Fernando—the *Infante Santo*—included the fol⸗lowing bequest in the will he made before going

aa honra do gloriozo Martyr S. Vicente estas couzas q̃ se seguem"; são um missal grande, um frontal de raz com ouro, um livro de canto de orgão, e outros objectos (*Provas da Historia Genea-logica*, t. 1, p. 506). O culto de S. Vicente con-tinuou, pois foi certamente em honra do Santo que a admiravel Torre de Belem, mandada levantar por El-Rei D. Manuel em 1514, recebeu o nome de: *Torre de S. Vicente a par de Belem*. Esta joia da nossa architectura, construida por Francisco de Arruda, perpetúa mais uma vez o nome do martyr. Hoje ainda, S. Vicente exerce uma in-fluencia na arte, por causa dos deslumbrantes paineis de Nuno Gonçalves; n'um d'elles, uma quasi mysteriosa figura—possivelmente a do nosso Santo—tem sido a causa de discussões, conferen-cias, artigos, livros e polemicas, onde a arte da pintura Portugueza do seculo XV tem sido estu-dada, arte tão bella e tão pouco conhecida: é talvez ainda um pouco a influencia do Santo que tem despertado o interesse, e por mais esse milagre, bemdito seja!

Um ultimo ponto resta a tratar: "da parte pre-ponderante que Rèsende teve na introdução da palavra *Lusiadas*" (D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Lucius Andreas Resendius Lusitanus*, p. 6). Já nos occupámos d'esse assumpto im-portante no nosso estudo sobre a *Oratio pro rostris*, impressa em 1534, pois Resende tran-screveu n'essa obra versos do seu poema sobre S. Vicente, incluindo aquelle que aqui citamos novamente. Na folha B 8 do seu *Vincentivs Levita: et Martyr*, Resende escreveu a palavra *Lusiadas* no seguinte verso: "Inter Lusiadas, nisi amor reuocasset amatæ." Na nota 48, Mestre André explica a palavra *Lusiadas*, dizendo:

"Lusiadas. A Luso, unde Lusitania dicta est, Lusiadas adpellauimus Lusitanos, & à Lysa Lysiadas, sicut ab Aenea Aeneadas dixit Vir-gilius. Nec male subcessit. Nam uideo id multis adlibuisse, presertim autem Georgio Cœlio, Lusi-taniæ nostræ ornamento, siue poeticam facul-tatem, siue Ciceronianæ orationis æmulationem spectes."

to Africa: "...I leave to the See of Lisbon, in honour of the glorious martyr St Vincent, the following articles": a large missal, an altar-frontal in tapestry with gold, a book of organ music, and various other things (*Provas da Historia Genea-logica*, vol. 1, p. 506). The cult of St Vincent went on, for it was certainly in homage to the Saint that Dom Manuel named the magnificent tower of Belem which he caused to be built in 1514, the *Torre de S. Vicente a par de Belem*. So St Vincent's name is immortalised in the archi-tectural jewel constructed by Francisco de Ar-ruda. To-day St Vincent still influences art, for a mysterious figure, which possibly represents the martyr, in one of Nuno Gonçalves' pictures, has provoked discussions, lectures, articles, books and polemics on painting in Portugal in the XVth century. Blessed be the Saint for awakening in-terest in the beautiful though very little known works of the early Portuguese artists!

One last point remains to be mentioned: "Re-sende's preponderant part in the introduction of the word *Lusiadas*" (Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Lucius Andreas Resendius Lusitanus*, p. 6). We have already studied this important subject in our notes on the *Oratio pro rostris*, printed in 1534; for Resende quoted there some verses from his poem on St Vincent, including the following line; "Inter Lusiadas, nisi amor reuocasset amatæ" (fl. B 8). In number 48 of the notes, *Mestre* André explains the new word:

"Lusiadas. A Luso, unde Lusitania dicta est, Lusiadas adpellauimus Lusitanos, & à Lysa Lysiadas, sicut ab Aenea Aeneadas dixit Vir-gilius. Nec male subcessit. Nam uideo id multis adlibuisse, presertim autem Georgio Cœlio, Lusi-taniæ nostræ ornamento, siue poeticam facul-tatem, siue Ciceronianæ orationis æmulationem spectes."

Amnis ubi frustra luctatur Tethyos undis.
Nam uiolenta sali postquam se colligit ira,
Moleq; consurgens tumidos exsuscitat æstus,
43. Flumen agit refluum, longêq; per arua refundit.
Ad socios tandem redit, & subducere classem
Imperat, atq; hyemem portu contemnere sæuam,
Indigenâsq; sibi uario sermone peritus
44. Deuinxit. nam lingua fere communis & illis,
Vt Dionysæi ductis ab origine Lusi,
Inuenta est. urbísq; locum, si condere uellet,
Auxiliúmq; dabant faciles. tum cura Mineruæ
Dux Laërte satus, comitum exorante caterua,
Admonitûq; Deæ, condit sibi mœnia parua
45. Colle super, templúmq; tibi Tritonia uirgo.
46. Signaq; naufragij suspendit, aplustria classis
Rostraq;, & insigneis Troum gestamina parmas.
Errorésq; suos illic, Asiæq; ruinas
Venturis posito signauit carmine seclis,
Palladi de Phrygibus uictis Ithacensis Olysses
Ddicat hæc. urbémq; suo de nomine primum   Dedicat
47. Finxit Odysseiam, quæ nunc clarissima toto
Cognita in orbe, ducem fama super astra pelasgum
Tollit. ea poterat securus uiuere Olysses
48. Inter Lusiadas, nisi amor reuocasset amatæ
Coniugis, & patriæ, gnatiq;, & cura parentis,

48 Uma pagina do *Vincentivs Levita: et Martyr* de André de Resende, na qual se lê a palavra *Lusiadas*, e que contem uma emenda manuscripta do auctor

A page of the *Vincentivs Levita: et Martyr* of André de Resende, showing the word Lusiadas and a correction in the author's handwriting

Pausan. in Laconicis. pag. 115. Cognomen vero augusti idem plane voce ipsa pollet, quod Graecorum lingua σεβαστός, i. sanctus, ac io. ipsa quasi numinis [?]

Sancta uocant augusta patres. augusta uocantur
Templa, sacerdotum rite dicata manu.
Hinc etiam Dij, augusti dicebantur, sicut legimus in antiquis inscriptionibus. MARTI AVG. SACRVM. ISIDI AVG. &c.
31. COGNATAQVE numina terris. Deos ex hominibus factos finxit antiquitas. Quare erga homines deorum beneuolentiã ex cognatione arguit.
32. PROLES Latoia, Apollo Latonæ filius.
33. NOVA factio. i. Christiana religio. Ex persona enim Datiani seruatur decorum. Nam factio, seditiosum uocabulum est. Et Christianos ethnici seditiosos factiosósq; iudicabant, imo etiam superstitiosos. Tanta cæcitate miseri tenebantur.
34. O VALERI. Adcentu in prima syllaba enunciandum est, contra uulgatos grammaticorum canonas. Sicut & apud Horatium. Nulli flebilior, quã tibi Virgili. Item apud Martialem.
Quinte Caledonios Ouidi uisure Britannos.
Sed de hac re multa Gellius, & plura Arius Lusitanus magister olim noster, in sua prosodia
35. ADGREDIOR. Præsens est pro futuro, consueta & eleganti loquendi formula, quam in commentario latinæ coniugationis iam ante adnotauimus:
36. DICERE pro nobis. Antistes Valerius, beatũ

49 Uma pagina do *Vincentivs Levita: et Martyr* de André de Resende, com uma nota manuscripta do auctor

A page of the *Vincentivs Levita: et Martyr* of André de Resende, with a note in the author's handwriting
Lisboa, 1545

N'esta nota importante, Resende, como vimos na *De Patientia Christiana*, refere-se a Jorge Coelho, que, imitador de Lucius Andreas, tambem empregou a palavra *Lusiadas*. Entre os muitos titulos que honram o illustre humanista, sobresáe o de ter sido o inventor da palavra *Lusiadas*, por elle explicada no seu *Vincentivs*, e que Camões adoptou, escrevendo-a no rosto do seu immortal poema.

Pelas razões expostas, este livro tem para nós um profundo interesse, pois é uma evocação do passado, e da historia do Padroeiro de Lisboa com as suas tradições e lendas tão pitorescas. O exemplar que possuimus do poema, cheio de emendas e annotações da mão do mestre, faz resuscitar a epocha de Resende, e com emoção pensamos que este volume foi lido e corregido pelo celebre Eborense!

Resende, as we saw in the *De Patientia Christiana*, refers in this important note to Jorge Coelho, who imitated him in the use of the word *Lusiadas*. Not least among Resende's titles to honour was his invention of this word, explained by him in his *Vincentivs*, and adopted years later by Camões, who immortalised it as the name of his poem.

This book evokes the history of Portugal, and St Vincent, with all the picturesque traditions and legends which have grown up around him. Our copy of the poem, full of corrections and annotations in the master's hand, takes us back to the times when Resende lived, and it is with emotion that we contemplate this little volume, read and amended by the famous citizen of Evora!

IMPRESSVM OLISIPONE
in ædibus Lodouici Rothorigij, typographi ac bibliopolæ regij.
XV. Cal. Ianuarij.

M.D.XLV.

50 Colophon do *Vincentivs Levita: et Martyr* de André de Resende
Colophon of the *Vincentivs Levita: et Martyr* of André de Resende
Lisboa, 1545

Comiença la coꝛonica del valiente y eſ-
forçado pꝛĩcipe dõ Floꝛãdo d Inglatierra
hijo dl noble y eſſoꝛçado pꝛĩcipe Paladiano
en q̃ ſe cuentã las grãdes y marauillosas auẽ
turas a q̃ dio fin poꝛ amoꝛes dla hermoſa pꝛĩ
ceſa Roſelinda hija del empadoꝛ de Roma.

51 Folha do rosto da *Coronica del prĩcipe dõ Florãdo*
Title-page of the *Coronica del prĩcipe dõ Florãdo*
Lisboa, 1545

58 CORONICA DEL PRĨCIPE DÕ FLORÃDO DE INGLATIERRA.
Lisboa, Germão Galharde, 1545.

Comiença la coronica del valiente y es- | forçado prĩcipe dõ Florãdo ꝺ Inglatierra | hijo ꝺl noble y esforçado prĩcipe Paladiano | en q̃ se cuentã las grãdes y marauillosas auẽ | turas a q̃ dio fin por amores ꝺla hermosa prĩ | cesa Roselinda hija del empador de Roma.

Titulo a negro e vermelho por baixo de uma gravura a negro e vermelho, que representa um cavalleiro com a espada desembainhada. Em uma fita as palavras[1]:

Don Florando.

[fl. 2] Prologo alos Caualleros Dueñas y | Dõzellas dela inclita ciudad ꝺ Vlixea enel | qual el autor le dirige el presente libro. [...]

fl. j. Primera parte dela cronica del animoso | principe dom Florando de ynglaterra. Enla qual se cuẽta las peligrosas auẽ | turas aque el principe Paladiano su padre andando por el mundo en deman | da dela infanta Aquilea hija del rey Daquilea. Diocima. | Capitulo primero [...]

fl. lxv vo. [...] Fin de la primera parte de | la coronica del excelente | Prĩcipe dõ Florãdo.

fl. lxvj. Comiença La Segunda Parte Dela Co- | ronica del muy esforçado y animoso prin- | cipe don Florando/ hijo del principe Paladiano y princesa Aqui | lea. En la qual se cuentan losgrandes hechos que en ar | mas hizo/ por amores dela hermosa princesa Rose | linda hija del Emperador de Roma.:. | Capitulo. j. [...]

fl. clxxij vo. [...] Aqui se acaba la primera y segunda parte | dela cronica del muy esforçado y animoso principe dõ Florãdo/ principe de In | glatierra: hijo ꝺl principe Paladiano y dela princesa Aquilea: en la qual se | han contado los grandes hechos que en armas hizo: y las grandes a- | uenturas/ aque dio fin/ por amores dela princesa Roselinda hija | del Emperador Cesareo de roma Fue impressa en la muy | noble ꝛ siempre leal ciudad de Lisbona por German | Gallarde impressor ꝺ libros. Acabose a veinte | dias ꝺl mes ꝺ Hebrero. Eñl año ꝺ mil ꝛ q̊ | nientos y quarenta y cinco años.·.

fl. clxxiij. Libro tercero ꝺ la cronica del excelẽte | y esforçado prĩcipe dõ Florãdo: enel qual | se cuenta las admirables auẽturas a q̃ dio | fin: y llamandose el cauallero ꝺl coraçõ la | crimoso andando desterrado ꝺ la gracia | de su señora la princesa Roselinda. ꝛc.

Tarjas dos lados e por baixo do titulo, e por cima uma gravura semelhante á da folha do rosto, mas a negro[2].

fl. clxxiiij. Capitulo primero [...]

[1] *Title in red and black beneath a woodcut, in red and black, representing a knight on horseback with drawn sword. On a scroll are the words:*
[2] *Woodcut border on both sides of and beneath the title, while above it is a woodcut similar to the one on the title-page, but in black only.*

fl. cclj [aliás ccl]. [...] Finis laus deo. | Aqui ſe acaba la primera y ſegunda y ter/ | çera parte dela cronica del muy eſſorçado y animoſo principe don Florãdo de In/ | glatierra: hijo del principe Paladiano y dela princeſa Aquilea: en la qual ſe hã cõ | tado los grandes hechos que en armas hizo: y las grandes auenturas aque | dio fin/ por amores dela princeſa Roſelinda hija del Emperador de roma | Fue impreſſa en la muy noble y leal ciudad ꝺ Liſbona por Germã Ga | llarde impreſſor ꝺ libros. Acaboſe a veynte dias del mes de Abril. | Enel año de mil ꝛ quinientos y quarenta ꝛ cinco años.:.

Folio—[2], cclj (aliás ccl) folhas a 2 columnas—47 linhas—caractéres gothicos—sem reclamos—com gravuras no começo de muitos dos capitulos.

Numeração dos cadernos: 2 folhas sem paginação nem assignaturas; A–V, 8 folhas cada caderno; X–Y, 6 folhas cada caderno; a–j, 8 folhas cada caderno; k, 6 folhas; total de 252 folhas.

Encadernação de marroquim vermelho.

Folio—[2], cclj (alias ccl) leaves—double columns—47 lines—Gothic type—no catchwords—woodcuts at the beginning of many of the chapters.

Collation by signatures: 2 unnumbered leaves without signature marks; A–V, each 8 leaves; X–Y, each 6 leaves; a–j, each 8 leaves; k, 6 leaves; total 252 leaves.

Bound in red morocco.

A *Coronica del prĩcipe dõ Florãdo ꝺ Inglatierra*, impressa em Lisboa por Germão Galharde em 1545, é uma obra extremamente rara, sendo poucos os bibliographos que a descrevem e mesmo os auctores que a mencionam. Entre os primeiros, citaremos: Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 319, e *A Litteratura hespanhola em Portugal*, pp. 234–235), Brunet (*Manuel du Libraire*, t. II, col. 1295, e *Supplément*, t. I, col. 505), Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, t. III, p. 244), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 632), cuja noticia foi transcripta de Gallardo (*Ensayo de una biblioteca española*, nº 734); estes dois ultimos auctores só mencionam um exemplar: o da livraria de Mr James Lyell, Oxford. No Museu Britannico tambem existe um exemplar. O que possuimos está completo e tão admiravelmente conservado, que parece acabado de sahir dos prelos do "imprimidor." Não hesitamos em considerar a *Coronica del prĩcipe dõ Florãdo* como um dos trabalhos mais perfeitos, entre aquelles que conhecemos, executados por Galharde. O livro, impresso

The *Coronica del prĩcipe dõ Florãdo ꝺ Inglatierra*, printed in Lisbon by Germão Galharde in 1545, is an extremely rare work, the bibliographers, and even the authors, who mention it being few. Among the former are: Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 319, and *A Litteratura hespanhola em Portugal*, pp. 234–235), Brunet (*Manuel du Libraire*, vol. II, col. 1295, and *Supplément*, vol. I, col. 505), Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. III, p. 244), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 632), whose description is taken from Gallardo (*Ensayo de una biblioteca española*, no. 734) and who cite only the copy in the library of Mr James Lyell of Oxford. There is also a copy in the British Museum, while our own is complete and in such a magnificent state of preservation that it might be fresh from the printer's hands. We have no hesitation in counting the *Coronica del prĩcipe dõ Florãdo* as one of the most perfect works we know executed by Galharde.

com esmero em caractéres gothicos, tem innumeras pequenas gravuras—das quaes reproduzimos algumas—de torneios, batalhas, donas e guerreiros, que são scenas cheias d'interesse dos tempos da cavallaria. Esta obra, onde se reconhece a influencia de Valentim Fernandes, faz honra ao discipulo do grande mestre da "nobre arte impreſſoria." *Don Florando* é talvez um dos mais raros romances de cavallaria; em quanto que as chronicas de *Amadis*, de *Palmeirim*, e outras novellas, tiveram diversas edições, *Don Florando*, que se saiba, só teve uma, a de Lisboa de 1545.

Por falta de espaço, não podemos fazer aqui um estudo dos romances de cavallaria em Portugal, ou explicar, depois de escrutinada, a influencia indubitavel que exerceram na litteratura, e mesmo na sociedade, do nosso paiz. As aventuras fabulosas não podiam deixar de influir no espirito d'aquelles que, sulcando os "mares nunca dantes navegados," e descobrindo terras ignotas, praticavam, na realidade, "feitos d'alta ventura." Comtudo, parece-nos que a influencia das façanhas ficticias exerceu-se sobretudo para animar o espirito aventuroso dos Portuguezes a emprehender façanhas reaes; assim, em luctas constantes, não contra gigantes e dragões, mas contra infieis, não em torneios deslumbrantes, mas em combates renhidos, podiam servir Deus e a Patria, e alcançar as cubiçadas honras da cavallaria. Como vimos, no principio do seculo xv, os filhos de D. João I pensavam d'essa maneira. Um seculo depois, João de Barros aparava a penna escrevendo o seu *Clarimundo*—de que adeante nos occuparemos detalhadamente—e, dando azas á phantasia, narrava aventuras fabulosas para, mais tarde, poder contar os successos gloriosos dos Portuguezes no Oriente. Na *Introducção* e em diversas notas, mostrámos a influencia que o espirito da cavallaria, sempre em busca de acções heroicas ou extraordinarias, exerceu durando a

The book, beautifully printed in Gothic letter, has innumerable small woodcuts—some of which we reproduce—of tourneys, battles, warriors and dames, all most interesting illustrations of life in the age of chivalry; and the whole work, where the influence of Valentim Fernandes is plainly discernible, does honour to the disciple of that great master in the "noble art of printing." *Don Florando* is perhaps one of the rarest of the romances of chivalry; while the chronicles of *Amadis*, *Palmeirim* and others ran into many editions, *Don Florando* was, as far as is known, printed only once, in Lisbon, in 1545.

Lack of space renders it impossible for us to make a study here of romances of chivalry in Portugal, or to examine the undoubted influence they had on literature and even on social life in our country. The fantastic adventures described therein could not but appeal to those who, sailing "o'er the waters ne'er by seaman crost," and discovering unknown lands, accomplished "deeds of high venture." We consider, indeed, that the fictitious exploits must have been an incentive to the Portuguese heroes to perform real deeds of valour, and so, in constant struggles, not against giants and dragons, but against the infidels, not in the artificialities of the tourney, but in desperate combat, they were able, in the service of God and their country, to attain the coveted honours of chivalry. At the beginning of the xvth century, as we have seen, Dom João I's sons held these opinions. In the next century, João de Barros prepared his pen for the narration of the glorious exploits of the Portuguese in the East, by writing the *Clarimundo*—a romance which we shall later study in detail. We have already shown (in the *Introduction* and in various notes) the influence exercised by the spirit of chivalry, ever in search of noble deeds, upon the founders of the nation in the first dynasty. This influence went on as the

primeira dynastia, para a fundação da nacionalidade, como a exerceu egualmente para a sua consolidação e para a defeza da sua independencia; finalmente, esse espirito contribuiu poderosamente para se levar a cabo a aventura sublime dos descobrimentos. As novellas e os romances de cavallaria eram lidos com enthusiasmo, sendo trechos decorados; havia o culto das façanhas medievaes, e com a leitura d'esses feitos vivia-se n'uma atmosphera de aventuras e emprehendimentos. A paixão pela litteratura dos livros de cavallaria durou, e muito, o que póde, certamente, causar hoje o nosso espanto. Se vêmos no seculo XVI innumeros auctores referirem-se elogiosamente ao *Amadis*, a *D. Duardos*, ao *Palmeirim de Oliva*, ao *Palmeirim d'Inglaterra*, a *Primaleão* e a outros romances, os humanistas e os moralistas catholicos condemnavam essas ficções e a influencia que exerciam. Já vimos, por exemplo, o que o Doutor Francisco de Monçon escreveu, no seu *Espejo del prĩcipe christiano*, ácerca dos livros de cavallaria e dos seus auctores. O Dr Theophilo Braga (*Historia da Litteratura Portugueza*—II. *Renascença*, pp. 287 *e seg.*) conta como o Dr João de Barros, no seu livro *Espelho de Casados* (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 1072), condemnava as novellas mais afamadas e lidas, por causarem a ruina da mocidade:

"Quando os mancebos começam a ter entendimento das cousas do mundo, gastam o tempo em livros mui desnecessarios e pouco proveitosos para si nem para outrem, assim como na fabulosa historia de *Amadis*, nas patranhas do *Santo Graal*, nas sensaborias do *Palmeirim* e *Primaleão* e *Florisendo*, e outros assim, que haviam mister totalmente exterminados, que já de nenhuma cousa servem, onde ha tantos outros de que se pode tirar proveito."

Como a opinião do Dr João de Barros foi impressa em 1540, não podia mencionar, entre as "patranhas" e "sensaborias" das novellas de cavallaria, o *Don Florando* que só appareceu em 1545; mas, se o tivesse conhecido, é provavel que não deixaria de o incluir na lista. Comtudo, os romances de cavallaria tinham encanto e poesia,

country grew in strength and as her people were knit together in the defence of their independence, until they reached the height of their achievements in the sublime adventure of discovery and conquest. The romances were read with enthusiasm and passages were learnt by heart; there was such a cult of medieval chivalry that people lived in a world of fiction. It certainly seems astonishing to us to-day that the passion for reading these works should have lasted so long; but though many XVIth century authors eulogised *Amadis*, *Dom Duardos*, *Palmeirim de Oliva*, *Palmeirim d'Inglaterra*, *Primaleon* and the other romances, the humanists and the Catholic moralists heartily condemned them and the influence they exercised. We have seen, for instance, the strictures of Francisco de Monçon against these books and their writers, in his *Espejo del prĩcipe christiano*. Dr Theophilo Braga (*Historia da Litteratura Portugueza*—II. *Renascença*, pp. 287 *et seq.*) tells how, in his *Espelho de Casados* (see Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 1072), Dr João de Barros denounced some of the most famous and widely read romances as causing the ruin of youth:

"When young men begin to have knowledge of the world, they waste time with very unnecessary books of little profit to them or to others... such as the fabulous history of *Amadis*, the fables of the *Holy Grail*, the insipidities of *Palmeirim* and *Primaleon* and *Florisendo* and others like them, which ought to be totally exterminated, because they no longer serve any purpose, where there are so many other books from which profit may be derived."

As Dr João de Barros' remarks were printed in 1540, he was unable to include the *Don Florando*, which did not appear until 1545, in his list of "fables and insipidities"; though, had he seen it, he would probably not have omitted to mention it. Yet the romances of chivalry had charm and

e no meio da ficção, continham, muitas vezes, ideas bellas, sobretudo os primeiros, por causa da sua ingenuidade. Depois, com o desenvolvimento constante dos livros de cavallaria, a fórma tornou-se mais complicada, e os auctores repetiam-se. Varnhagen escreveu, ácerca d'uma d'essas novellas, esta phrase tão verdadeira como cheia de espirito:

"É mais *uma de tantas* redigidas sob a impressão das leituras de outras, 'mudando-se as *setas* em *grelhas*'; como se conta que fez certo prégador, a respeito de um sermão a *S. Sebastião*, que, com essa pequena modificação, applicou a *S. Lourenço*" (*Da Litteratura dos Livros de Cavallarias*, p. 134).

No seculo XVII, um dos nossos mais illustres escriptores, D. Francisco Manuel de Mello, tambem não sympathisava com essas novellas, pois escreve:

"Iuro a V.M. que toda a vida me enfadárão as damas dos liuros de Caualerias, porque ſempre as achaua acompanhadas de cachorros, de leões, & de enãos. Tão inimigo ſou deſtas taes ſeuandilhas, que nẽ em liuros mentiroſos as ſofro; veja V.M. que ſerá nas couſas verdadeiras?" (*Carta de Gvia de Casados*, 1ª ed. 1651, fl. 76).

Como dissemos, são poucos os auctores que se referem ao *Don Florando*. Varnhagen (*ob. cit.* p. 104) menciona apenas o nome da obra; Sousa Viterbo (*Litteratura hespanhola, loc. cit.*) transcreve uma noticia, aliás incorrecta, de um catalogo da livraria Quaritch de 1890. Recorremos, por consequencia, á auctoridade do Dr H. Thomas e do seu notavel livro *Spanish and Portuguese Romances of Chivalry*.

"Although written in Spanish, *Florando de Inglaterra* is a Portuguese addition to chivalresque literature. It was published in 1545 in Lisbon, and was dedicated to the knights, matrons, and maidens of that city, of which the unknown author was a native" (*ob. cit.* p. 131).

No *Prologo*, do qual Dr Thomas traduz um pequeno trecho, o auctor desconhecido escreve:

poetry, and the early ingenuous works often contained beautiful ideas. Later the inspiration ceased somewhat and they became very complicated and full of tedious repetitions. Varnhagen made the following true and witty remark about one of these romances:

"It is another *one of many*, written after reading others, 'changing the *arrows* to a *gridiron*,' as a certain preacher is said to have done with a sermon about *St Sebastian*, which, with this slight modification, he applied to *St Lawrence*" (*Da Litteratura dos Livros de Cavallarias*, p. 134).

Dom Francisco Manuel de Mello, one of the most accomplished Portuguese writers of the XVIIth century, was also out of sympathy with the romances of chivalry, for he said:

"I swear to you that all my life I have been disgusted by the ladies in books of chivalry, because they are always accompanied by little dogs, lions and dwarfs. I am so much against this vermin that I cannot bear it even in mendacious books; so you can understand what it must be in real life" (*Carta de Gvia de Casados*, 1st ed. 1651, fl. 76).

As we have said, very few authors refer to the *Don Florando*. Varnhagen (*op. cit.* p. 104) barely mentions it by name; Sousa Viterbo (*Litteratura hespanhola, loc. cit.*) transcribes some information, which is incorrect, from a Quaritch catalogue of 1890. So we turn to Dr H. Thomas, who refers to the work in his notable book *Spanish and Portuguese Romances of Chivalry*.

"Although written in Spanish, *Florando de Inglaterra* is a Portuguese addition to chivalresque literature. It was published in 1545 in Lisbon, and was dedicated to the knights, matrons, and maidens of that city, of which the unknown author was a native" (*op. cit.* p. 131).

In the *Prologo*, of which Dr Thomas translates a short extract, the unknown author says:

"HAllãdome claros corteſes y beninos varones: honeſtas / alegres / y ſin par en beldad / gracioſas dueñas y donzellas: de mi no menos que vueſtra antiga / rica / y hermoſa: que clara gẽtil y real patria Vlixea auſente. Eneſta bien que noble y por clariſſimos hechos de inclitos en armas: errantes caualleros celebrada iſla de Anglia. Aſſi por la diuerſidad ꝺla lẽgua / habito / y coſtumbre / como por la poca familiaridad delos habitadores cõ los eſtrangeros: hecho (como dize el petrarcha) vna aue nocturna enemiga al ſol ẽ mi albergue recogido lo que del tiempo alos negocios deputado me ſobraua.... Y no hallando entre muchos q̃ ala memoria me ocurierõ otro a mi deſſeo mas ſufficiente q̃ traduzir eſte libro que alas manos me vino: de lengua Ingleſa en la vulgar Caſtellana me deſpuſe cõ todo el ingenio que la juuenil edad me cõcedia al electo trabajo."

O declarar que o livro era traduzido do Inglez, era mais uma vez a ficção; mas João de Barros bem dizia que o seu *Clarimundo* era tirado "de linguagem ungara." É digno de notar que as novellas Portuguezas passavam-se frequentemente em Inglaterra; os titulos d'algumas, taes como *Palmeirim d'Inglaterra* e *Dõ Florãdo ꝺ Inglatierra*, mostram a amizade por aquelle paiz. A esse respeito, Varnhagen escreve com razão:

"As relações dos Portuguezes com os moradores da ilha de Albion eram já em antigos tempos muito amigaveis e de sympathias; o que não succedia com Castella" (*ob. cit.* p. 72).

A alliança entre os dois paizes, que data dos tempos em que o espirito da cavallaria exerceu uma importante influencia para a defeza da nossa independencia, tambem se revelou nas novellas Portuguezas.

Ácerca do *Don Florando*, Dr Thomas escreve:

"The story tells the great and marvellous adventures which the valiant and mighty Prince Florando de Inglaterra, son of the noble and mighty Prince Paladiano, accomplished for love of the beautiful Princess Rosalinda, daughter of the Emperor of Rome. This romance, in which

"HAllãdome claros corteſes y beninos varones: honeſtas / alegres / y ſin par en beldad / gracioſas duenãs y donzellas: de mi no menos que vueſtra antiga / rica / y hermoſa: que clara gẽtil y real patria Vlixea auſente. Eneſta bien que noble y por clariſſimos hechos de inclitos en armas: errantes caualleros celebrada iſla de Anglia. Aſſi por la diuerſidad ꝺla lẽgua / habito / y coſtumbre / como por la poca familiaridad delos habitadores cõ los eſtrangeros: hecho (como dize el petrarcha) vna aue nocturna enemiga al ſol ẽ mi albergue recogido lo que del tiempo alos negocios deputado me ſobraua.... Y no hallando entre muchos q̃ ala memoria me ocurierõ otro a mi deſſeo mas ſufficiente q̃ traduzir eſte libro que alas manos me vino: de lengua Ingleſa en la vulgar Caſtellana me deſpuſe cõ todo el ingenio que la juuenil edad me cõcedia al electo trabajo."

It was yet another fiction to say that the book was translated from the English; but João de Barros went even farther afield when he said his *Clarimundo* was taken from the Hungarian. But it is worthy of note that the *Don Florando* is one of the many Portuguese romances whose scene is laid in England; the titles of such works as *Palmeirim d'Inglaterra* and *Dõ Florãdo ꝺ Inglatierra* are a proof of the friendship between the two countries, and as Varnhagen says:

"The relations of the Portuguese with the dwellers in the isle of Albion were already very friendly and sympathetic in early times, which was not the case with Castile" (*op. cit.* p. 72).

The alliance between Portugal and England, which dates back to the time when the spirit of chivalry was a powerful incentive to the Portuguese to defend their independence, was also revealed in the Portuguese romances.

Dr Thomas says of the *Don Florando*:

"The story tells the great and marvellous adventures which the valiant and mighty Prince Florando de Inglaterra, son of the noble and mighty Prince Paladiano, accomplished for love of the beautiful Princess Rosalinda, daughter of the Emperor of Rome. This romance, in which

52 Gravuras da *Coronica del prĩcipe dõ Florãdo.* Woodcuts from the *Coronica del prĩcipe dõ Florãdo.* Lisboa, 1545

54 Gravuras da *Coronica del prĩcipe dõ Florãdo.* Woodcuts from the *Coronica del prĩcipe dõ Florãdo.* Lisboa, 1545

¶ Aqui se acaba la primera y segunda parte dela cronica del muy esforçado y animoso principe dõ Florãdo/ principe de Inglatierra: hijo dl principe Paladiano y dela princesa Aquilea: en la qual se han contado los grandes hechos que en armas hizo: y las grandes auenturas/ aque dio fin/ por amores dela princesa Roselinda hija del Emperador Cesareo de roma Fue impressa en la muy noble ⁊ siempre leal ciudad de Lisbona por German Gallarde impressor d libros. Acabose a veinte dias dl mes d hebrero. Eñl año d mil ⁊ quinientos y quarenta y cinco años.

55 Colophon das Partes I e II da *Coronica del prĩcipe dõ Florãdo*
Colophon of Parts I and II of the *Coronica del prĩcipe dõ Florãdo*
Lisboa, 1545

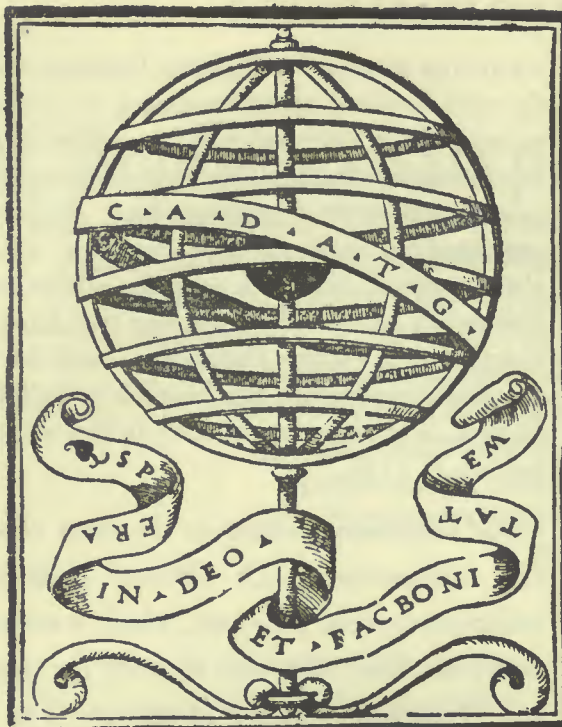
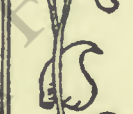
¶ Aqui se acaba la primera y segunda y tercera parte dela cronica del muy esforçado y animoso principe don Florãdo de Inglatierra: hijo del principe Paladiano y dela princesa Aquilea: en la qual se hã cõtado los grandes hechos que en armas hizo: y las grandes auenturas aque dio fin/ por amores dela princesa Roselinda hija del Emperador de roma Fue impressa en la muy noble y leal ciudad d Lisbona por Germã Gallarde impressor d libros. Acabose a veynte dias del mes de Abril. Enel año de mil ⁊ quinientos y quarenta ⁊ cinco años.

56 Colophon da *Coronica del prĩcipe dõ Florãdo*
Colophon of the *Coronica del prĩcipe dõ Florãdo*
Lisboa, 1545

we are not surprised to find that Portugal receives the most favoured nation treatment, was never re-printed in the Peninsula, and its influence there was consequently small enough for it to be dis-missed with a brief mention here. It was not translated into Italian; but the first part, which is almost entirely occupied with the adventures of Florando's father Paladiano, was translated into French as the *Histoire Palladienne*... and this *His-toire Palladienne* passed into English as *Palladine of England*, and had a fair success in this country" (*ob. cit.* p. 132).

Alem de preciosas informações, o livro tão consciencioso do Dr Thomas contem (pp. 316–320) uma bibliographia extremamente util para aquelles que queiram estudar os livros de caval-laria Portuguezes e Hespanhoes. O interesse principal do *Don Florando* é a sua extrema raridade e a belleza do livro impresso por Germão Galharde.

we are not surprised to find that Portugal receives the most favoured nation treatment, was never re-printed in the Peninsula, and its influence there was consequently small enough for it to be dis-missed with a brief mention here. It was not translated into Italian; but the first part, which is almost entirely occupied with the adventures of Florando's father Paladiano, was translated into French as the *Histoire Palladienne*... and this *His-toire Palladienne* passed into English as *Palladine of England*, and had a fair success in this country" (*op. cit.* p. 132).

An important addition to the mass of valu-able information in Dr Thomas' book is the bibliography (pp. 316–320), which is extremely useful for those who wish to study the Spanish and Portuguese romances of chivalry. The chief interest of the *Don Florando* lies in its great rarity and the perfection of its printing.

yuro das obras de
Garcia de Reſẽde
que trata da vida ⁊
grãdiſſimas virtu-
des: ⁊ bõdades: magnanimo
eſforço: excelẽtes coſtumes ⁊
manhas ⁊ muy craros feitos
do chriſtianiſſimo: muito al-
to ⁊ muy to poderoſo principe el Rey dõ Ioão o ſe-
gundo deſte nome: ⁊ dos Reys de Portugal o tre-
zeno de glorioſa memoria: começado de ſeu nacimẽ-
to ⁊ toda ſua vida ate a ora de ſua morte: cõ outras
obras que adiante ſe ſeguem.

¶ Com Priuilegio Real.

57 Folha do rosto do *Lyuro das obras de Garcia de Reſẽde*
Title-page of the *Lyuro das obras de Garcia de Reſẽde*
[Lisboa], 1545

59 GARCIA DE RESENDE, LYURO DAS OBRAS DE GARCIA DE RESẼDE

[Lisboa], Luiz Rodrigues, 1545.

Lyuro das obras de | Garcia de Reſẽde | que trata da vida ⁊ | grãdiſſimas virtu- | des: ⁊ bõdades: magnanimo | eſforço: excelẽtes coſtumes ⁊ | manhas ⁊ muy craros feitos | do chriſtianiſſimo: muito al- | to ⁊ muyto poderoſo principe el Rey dõ Ioão o ſe- | gundo deſte nome: ⁊ dos Reys de Portugal o tre- | zeno de glorioſa memoria: começado de ſeu nacimẽ | to ⁊ toda ſua vida ate a ora de ſua morte: cõ outras | obras que adiante ſe ſeguem. | Com Priuilegio Real.

Titulo a negro e vermelho emmoldurado por tarjas, por baixo da Esphera armillar com a legenda: SPERA IN. DEO . ET . FACBONITATEM, *e do escudo das Armas Reaes com o grypho no timbre*[1].

[fl. 2] EU elrey faço ſaber [...] Euo | ra a. xxvj. dias do mes de Ianeiro de mil ⁊ quinhentos ⁊ trinta ⁊ ſe | ys annos.

[fl. 3] Prologo de Garcia de Reſende | dirigido a el Rey noſſo ſenhor. [...]

[fl. 4]

Gravura das Armas Reaes, egual á da folha do rosto[2].

[fl. 4 vo.] Feyções: virtu- | des/ cuſtumes ⁊ manhas del | rey dom Ioam o ſegundo | que ſancta gloria aja. [...]

[fl. 8] [...] DEO GRACIAS.

[fl. 8 vo.] Liuro da vida ⁊ grãdiſſimas vir | tudes ⁊ bondades/ magnanimo eſforço/ excelentes coſtumes ⁊ ma- | nhas/ ⁊ muy craros feitos do chriſtianiſſimo/ muyto alto/ ⁊ muito | poderoſo principe el Rey dom Ioão ho ſegundo deſte nome/ ⁊ dos | Reys de Portugal o trezeno de glorioſa memoria: começado de ſeu | nacimento ⁊ toda ſua vida atee a ora de ſua morte. Ordenado ⁊ eſcri | pto no anno de noſſo ſenhor Ieſu Chriſto de mil ⁊ quinhentos ⁊ trin | ta ⁊ tres per Garcia de Reſende fidalgo da caſa del rey noſſo ſenhor. | Que muytas das couſas vio ⁊ foy preſente a ellas: por ſer de menino | criado do dito ſenhor em ſua camara ⁊ aceito a elle: ⁊ o ſeruio em cou | ſas de muyta fieldade atee a ora de ſua morte a que era preſente ⁊ dor | mia em ſua camara. E o que per ſi nam vio vay com grande fieldade | ⁊ muyto verdadeiramente eſcripto/ de que ſam boas teſtemu- nhas | muytos nobres ⁊ peſſoas de muyta autoridade ⁊ credito que ao pre | ſente ſam viuas. Dirigido ao muyto alto/ muyto excelente/ ⁊ muy | to poderoſo principe el rey dom Ioão o terceiro noſſo ſenhor.

fl. j. Em nome de | noſſo ſenhor ⁊ redemptor Ieſu | chriſto ſe começa a vida do exce | lentiſſimo principe elRey dom | Ioão ho ſegũdo de glorioſa me | moria. [...]

fl. cxxiiij vo. [...] Deo gratias.

[1] *Title in red and black, within a border of woodcuts. Above are the armillary Sphere with the legend:* SPERA IN . DEO . ET . FACBONITATEM, *and the Royal Arms with the griffin crest.*

[2] *Woodcut of the Royal Arms, like the one on the title-page.*

[fl. cxxv] A trasladação | do corpo do muy catolico z mag | nanimo z muy esforçado Rey dõ | Ioão o segũdo deste nome: da see | da cidade de Silues pera o moe | steiro da Batalha/ por o muy se | renissimo z esclarecido senhor el | Rey dom Manoel seu socessor z | herdeiro nestes reynos z senho- | rios d Portugal. Foy visto z ex | aminado pollos deputados da | sancta inquisição.

Titulo enquadrado por uma portada ornada de atlantes e outras figuras, e que tem na parte superior a legenda: MVSIS DICATVM *e na inferior a Phenix com a legenda:* NVNC REVIVISCO[1].

fl. cxxv [aliás cxxvj]. A trasladação. [...]

fl. cxxvij [aliás cxxviij]. [...] Deo gratias.

[fl. cxxix]

Enquadrada por tarjas[2].

A entrada del | rey dom Manoel em Castella. [...]

fl. cxxxvi [aliás cxxxvij] vo. [...] DEO GRACIAS.

[fl. cxxxix]

Enquadrada por tarjas[2]. *Começa a narrativa da* Ida da iffante dona Breatiz [*sic*] Pera Saboya[3].

fl. cxliii [aliás cxlv] vo. [...] Deo gracias.

[fl. cxlvj]

Marca do impressor[4].

[fl. cxlvij] ✠ Começasse a | paixão de nosso senhor Iesu xp̃o | toda inteira: segundo os quatro | euãgelistas: tirada d todos elles | em lingoajẽ portugues ajũtada | z cõcertada per Garcia de resen | de por seruiço z louuor de deos.

Titulo emmoldurado por 15 pequenas gravuras allusivas á vida e paixão de Christo[5].

fl. cl [aliás cliij] vo. [...] DEO GRATIAS.

[fl. cliiij] Começasse o | sermão sobre a vinda dos sãctos | tres Reis magos. Foy visto z e | xaminado polos deputados da | sãcta inquisição.

Por cima do titulo uma gravura que representa a Adoração dos Reis Magos; tudo enquadrado pela portada da folha do rosto da Trasladação[6].

fl. cxliiij [aliás clvij]. [...] Deo gratias.

Marca do impressor[4].

fl. clvij [aliás clviij]. A tauoada. [...]

[1] *Title within a border adorned with figures of Atlas and others. At the top is the legend:* MVSIS DICATVM, *and below is the Phœnix with the legend:* NVNC REVIVISCO.

[2] *Within a border of woodcuts.*

[3] *Beginning of the account of the Infanta D. Beatriz's departure for Savoy.*

[4] *Printer's mark.*

[5] *Title surrounded by 15 small woodcuts illustrating the Life and Passion of Christ.*

[6] *Title beneath a small woodcut of the Adoration of the Magi; the whole within a border like the one on the title/page of the* Trasladação.

fl. clx [aliás clxj]. [...] A louuor de deos ꝛ da glorio | ſa virgem noſſa ſenhora ſe acabou o liuro da vida ꝛ fey- | tos del rey dom Ioão ho ſegundo de Portugal: ꝛ a | traſladaçã do ſeu corpo / ꝛ a yda delrey dom Ma | noel a Caſtella / ꝛ a yda da yffãte dona Breatiz | a Saboya: ꝛ as quatro payxões em hũa / ꝛ | o ſermão da vinda dos tres reis magos | feito por Garcia de reſende: ꝛ viſto | ꝛ examinado polos deputados | da ſancta inquiſição. Foy im | preſſo em caſa de Luys | rodriguez liureiro del | rey noſſo ſenhor a- | os. xij. dias do | mes de Iu- | nho ꝺ mil | ꝛ q̊nhẽ | tos ꝛ | quarenta ꝛ cinco annos.

fl. clx [aliás clxj] vo.
Marca do impressor[1].

Folio—[8], clx (aliás clxj) folhas a 2 columnas—38 linhas—caractéres gothicos—sem reclamos—a numeração das folhas de cxxv até ao fim é muito incorrecta.

Numeração dos cadernos: a, 8 folhas; A–P, 8 folhas cada caderno; Q–R, 4 folhas cada caderno; S, 10 folhas, sendo a ultima branca; T, 8 folhas; V, 7 folhas; X–Y, 4 folhas cada caderno; total de 169 folhas; a folha S 1 não tem assignatura; S 2 tem assignatura errada R ij, e Y 1 tem X.

Encadernação de marroquim vermelho.

O *Lyuro das obras de Garcia de Reſēde*—que contem a *Vida ꝛ feitos del rey Dom Ioão o ſegundo* que temos citado innumeras vezes—impresso por Luiz Rodrigues em 1545, é uma obra extremamente rara, da qual, com certeza, só se conhecem quatro exemplares: um no Archivo Nacional, um na Bibliotheca de Evora, um no Museu Britannico, e o nosso, completo e admiravelmente conservado, que pertenceu á Livraria Azevedo-Samodães. Esta primeira edição do *Lyuro* do *moço da escrevaninha* de D. João II foi desconhecida de muitos bibliographos: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, pp. 327–329), ignorando esta edição, considerou a de 1554 como tendo sido a primeira; o mesmo succedeu a Salvá (*Catálogo de la Biblioteca de Salvá*, t. II, nº 3144) e a Brunet (*Manuel du Libraire*, t. IV, col. 1247); comtudo, o *Supplément* d'esta obra (t. II, col. 468) contem uma descripção, inexacta, da

[1] *Printer's mark.*

Folio—[8], clx (alias clxj) leaves—double columns—38 lines—Gothic type—no catchwords—pagination from leaf cxxv to the end is incorrect.

Collation by signatures: a, 8 leaves; A–P, each 8 leaves; Q–R, each 4 leaves; S, 10 leaves, the last being blank; T, 8 leaves; V, 7 leaves; X–Y, each 4 leaves; total 169 leaves; leaf S 1 has no signature mark; S 2 is wrongly marked R ij, and Y 1 is marked X.

Bound in red morocco.

The *Lyuro das obras de Garcia de Reſēde*—which includes *Vida ꝛ feitos del rey Dom Ioão o ſegundo* so often quoted by us—was printed by Luiz Rodrigues in 1545 and is extremely rare, only four copies being known for certain to exist: one in the Archivo Nacional, one in the Evora Library, one in the British Museum and our own, which used to be in the Azevedo-Samodães Library and is complete and in a perfect state of preservation. This first edition of the book written by Dom João II's *moço da escrevaninha* was unknown to many bibliographers: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, pp. 327–329) considered the 1554 edition to be the first, and the same thing happened to Salvá (*Catálogo de la Biblioteca de Salvá*, vol. II, no. 3144) and to Brunet (*Manuel du Libraire*, vol. IV, col. 1247). The *Supplément* to the latter work (vol. II, col. 468) does indeed contain an inac-

edição de Luiz Rodrigues, mas, n'uma nota, lê-se que a data de 1544—novo erro—é provavelmente um equivoco e que deve ser 1554. Em 1840, Alexandre Herculano (ver *Opusculos*, t. v—*Historiadores Portugueses*, p. 29) ainda considerava a edição de 1554 como sendo a primeira da *Vida* de D. João II.

A primeira descripção da edição de 1545 foi, provavelmente, dada por Antonio e José de Castilho, que publicáram uma noticia detalhada do livro na *Livraria Classica Portugueza—Excerptos*, 1845 (t. x, pp. 65–74). Depois, varios auctores descreveram o *Lyuro das obras de Garcia de Resēde*, entre os quaes citaremos: Figaniere (*Bibliographia Historica Portugueza*, pp. 28–29), Innocencio (*Diccionario*, vol. III, pp. 118–119), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 252), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 486), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 1047), cuja minuciosa noticia, mas que contem algumas inexactidões, foi tirada do Catalogo Azevedo-Samodães (nº 2768). Nenhuma das descripções dos outros escriptores que mencionámos está perfeitamente exacta; infelizmente, isso succede com a maior parte dos nossos livros antigos, seja porque os bibliophilos não os collacionáram devidamente, seja porque modificáram, e de fórmas diversas, a orthographia usada na edição que descrevem.

Nas nossas notas sobre o *Cancioneiro Geral* de Resende (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 323–343), já nos occupámos, "ſem letras & ſem ſaber," do galhofeiro e encyclopedico Garcia; egualmente mostrámos a sua personalidade como chronista, divergindo da opinião de Herculano, e concordando inteiramente com as de Sabugosa e Aubrey Bell. Anselmo Braamcamp Freire escreveu com razão que "ninguem pode acusar Garcia de Resende de ingrato," e que a sua admiração pelo Principe Perfeito tornára as suas affirmações na *Vida* de D. João II "bastante suspeitas de parciaes." Essa admiração pelo grande

curate description of the Luiz Rodrigues edition; but a note explains that the date of 1544—another inexactitude—is probably a mistake for 1554. In 1840, Alexandre Herculano (see *Opusculos*, vol. v—*Historiadores Portugueses*, p. 29) still considered that the first edition of the *Life* of Dom João II was printed in 1554.

Probably the first description of the 1545 edition was the detailed one published by Antonio and José Castilho in the *Livraria Classica Portugueza—Excerptos*, 1845 (vol. x, pp. 65–74). Among the later bibliographers, we would mention: Figaniere (*Bibliographia Historica Portugueza*, pp. 28–29), Innocencio (*Diccionario*, vol. III, pp. 118–119), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 252), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 486) and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 1047) whose detailed collation, containing several inaccuracies, was taken from the Azevedo-Samodães Catalogue (no. 2768). As happens regrettably often with our early books, none of the descriptions furnished by the other authors we have enumerated is perfectly correct, either because the collation is not sufficiently full, or because the original spelling has not been scrupulously preserved.

We have already studied the merry and encyclopedic Garcia in our notes on his *Cancioneiro Geral* (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 323–343), where we have endeavoured to show his character as a chronicler, explaining our divergence from Herculano's opinion and complete agreement with those expressed by Sabugosa and Aubrey Bell. Anselmo Braamcamp Freire rightly said that "no one can accuse Garcia de Resende of ingratitude" and that his admiration for the Perfect Prince lays some of the statements in his *Life* of Dom João II "open to the suspicion of partiality." Resende's devotion to the great King,

Rei, juncta aos seus tão vastos e variados conhecimentos, a sua privança com o Soberano, que n'elle confiava absolutamente, e a sua vida na côrte, dão á sua chronica, não só uma authenticidade apreciavel porque assistiu ao que conta, mas um encanto especial. Que foi plagiario, não ha duvida possivel, e já o dissemos. Abertamente, serviu-se do manuscripto da chronica de Ruy de Pina, que só foi publicada em 1792. Comtudo, comparando as duas chronicas, vê-se que a de Pina começa com o "alevantamento" de D. João II "por Rey" em 1481. Nada diz ácerca da mocidade de D. João. Na sua *Vida*, Resende, alem do estudo tão interessante: *Feições: virtudes / cuſtumes ⁊ manhas del rey dom Ioam o ſegundo*, escreveu uns vinte capitulos sobre D. João, desde o seu nascimento até á morte de D. Affonso V. A partir de então, Resende não só seguiu as pisadas do Chronista Mór, mas serviu-se sem vergonha do manuscripto de Pina, mudando, ás vezes, algumas palavras; outras vezes nem se deu ao trabalho de fazer essas pequenas modificações, e tranquillamente repetiu *ipsis verbis* o que o seu predecessor já tinha escripto. Mas, de vez em quando, e no meio d'esse plagio, introduziu capitulos da sua lavra, taes como os capitulos lxxxiij, lxxxv, xc, xcvij, cxxiij, em que narrou factos da vida d'El-Rei, ou scenas que presenciou.

No *Prologo* do *Lyuro*, 1545, Resende parece reconhecer que a *Vida* não é uma obra original, e que o seu trabalho consistiu em completar o que já existia: se a sua intenção foi essa—e quem sabe se não foi—o seu plagio explica-se, e fica, pelo menos até certo ponto, desculpado. Dirigindo-se a D. João III, o *moço da escrevaninha* escreve ácerca do Principe Perfeito:

"E aſſi a eſte tam ſancto Rey por lhe dar a gloria que por fee temos que tem poys que tem feytos milagres pera poder merecella: cumprio que paſſaſſe pollos nojos ⁊ fortunas que em ſua vida paſſou: ⁊ que os catorze annos de ſeu reynado foſſem breues ⁊ cheos de grandes cuydados: ⁊ ainda pera mais merecimẽtos foſſe dos eſcriptores tã eſq̃cido neſte mũdo depois de ſua morte: q̃ eu

together with his wide knowledge, his intimacy with the Sovereign, who reposed entire confidence in him, and his life at court, give his chronicle a special interest and charm. There is no possible doubt that he was a plagiarist: he openly made use of the manuscript of Ruy de Pina's chronicle, which was not printed until 1792. A comparison of the two chronicles shows, however, that while Pina begins with Dom João II's elevation to the throne in 1481, saying nothing about his youth, Resende's *Life* begins with an interesting study entitled *Appearance, virtues, habits and practices of King João II*, and contains a further twenty chapters about Dom João, from his birth until the death of Dom Affonso V. From there onwards Resende not only followed in the footsteps of the Chief Chronicler, but shamelessly copied from Pina's manuscript. He sometimes changed a few words, but often did not even take the trouble to make these slight alterations and calmly repeated what his predecessor had written *verbatim et literatim*. From time to time, however, he introduced chapters of his own, such as chapters lxxxiij, lxxxv, xc, xcvij, cxxiij, where he recounted episodes in the King's life, or described scenes at which he was present.

In the *Prologo* of the *Lyuro* (1545) Resende seems to acknowledge that the *Life* was not an original work, but that the task he set himself was to complete what already existed: if this were his intention—and who can say that it was not—his plagiarism is explained and he is in some measure exonerated. He addresses himself to Dom João III, and says of the Perfect Prince:

"And so in order to give this holy King the glory we believe to be his, because he has done miracles to deserve it, it was fitting that he should have had the sorrows and the dangers he passed through and that the fourteen years of his reign should have been short and filled with many cares: and for his greater merits that he should be so forgotten by the writers in this world after his death, that I, without any knowledge, should come to

ſem nenhũ ſaber vieſſe a eſcreuer ſua vida do tempo de ſeu nacimento tee ſer alçado por Rey por nam yr em ſua coronica: tambem outras couſas muytas atee ſeu falecimẽto... ⁊ q̃ niſto vaa fora do eſtillo dalgũs yſtoriadores antes que de principio comece quero fazer hũ breue ſumario de ſua vida: feições / manhas / cuſtumes ⁊ virtudes.... E porque ſenhor voſſa alteza ſempre de ſua mocidade atee agora foy muy incrinado ⁊ teue muito amor as couſas del rey dõ Ioão voſſo tio: porque em ſua coronica ficaram muitas por eſcreuer por deſcuydo ou eſquecimento: trabalhey em minha memoria quanto a mi foy poſſiuel por me lembrarem algũas / ⁊ por ſaber quãto voſſa alteza com yſſo auia de folgar pois lhe parece tambem: tomey eſta acupaçam ⁊ lhe fiz eſte ſeruiço em eſcreuer ſua vida... ⁊ prazeraa a noſſo ſenhor que vendo voſſa alteza ſeus feytos: lhe fara tanta auentagem quanta elle a fez aos principes de ſeu tempo ⁊ a muytos dantes delle: que eſta he a menos couſa que de voſſa alteza ſe eſpera: ⁊ a mi faraa merce por lhos trazer aa memoria ⁊ tambem por eſpertar quem for voſſo coroniſta que nã lhe eſqueção taes couſas como na vida deſte glorioſo rey ficaram por eſcreuer: as quaes eu alumiey de quã eſcuras eſtauam pera ſempre eſquecidas."

As palavras de Resende parecem explicar claramente o seu plano: completar, como dissemos, o que o "coroniſta," "por deſcuydo ou eſquecimento," deixára de escrever, por saber que D. João III "com yſſo auia de folgar pois lhe parece tambem." Se o Piedoso julgou realmente que faltavam á chronica de D. João II de Ruy de Pina "outras couſas muytas atee ſeu falecimẽto," alem da "ſua vida do tempo de ſeu nacimento tee ſer alçado por Rey," é muito possivel que o facto da chronica de Pina não ter sido impressa senão mais de dois seculos e meio depois, encontre um motivo plausivel no *Prologo* de 1545 de Resende, pois a sua chronica, tendo sido completada por Garcia, já estava impressa, e por consequencia, a sua publicação, n'esses tempos

write his life from the time of his birth until he was raised to be King, because it was not in his chronicle, and also to recount many other things until his death...and though it is contrary to the method of some historians, before I begin, I want to make a brief summary of his life, appearance, practices, habits and virtues.... And because, Sire, Your Highness has always from the days of your youth been very inclined to and had a great love for the things connected with King João, your uncle; and as, either through carelessness or forgetfulness, there were many things still to be written in his chronicle, I laboured in my mind as hard as I could to remember some of them, and since I knew that Your Highness would take delight in this because you are of the like opinion; I have therefore made this my occupation and have done this service by writing his life...and may it please Our Lord that when Your Highness sees his deeds, you will surpass him as greatly as he surpassed the Princes of his time and many before his time—for that is the least which is expected of Your Highness—and that you will grant me favours for bringing them to your memory and also for warning whomever may be your chronicler not to forget as many things as were left unwritten in the life of this glorious King, things which I have brought to light from the darkness in which they would always have lain forgotten."

Resende's words seem to give a clear explanation of his plan to complete, as we have said, that which the chronicler, either "through carelessness or forgetfulness," had neglected to write, since he knew that Dom João III would take pleasure in it because he was of the same opinion. If Dom João the Pious did really think that, besides the story of "his life from the time of his birth until he was raised to be King," "many other things until his death" were missing in Ruy de Pina's chronicle, we may find in Resende's *Prologo* of 1545 a plausible explanation of the non-publication of Pina's work until 1792, for the chronicle, having been completed by Resende, was already printed, and its publication in its original form was therefore unnecessary, es-

sobretudo, era inutil. A falta, e grande, de Resende—se a nossa hypothese representa a verdade—foi de não ter declarado francamente, no *Prologo*, que a "coronica" tinha sido escripta por Ruy de Pina, e que elle, Resende, vendo as suas lacunas, a completára, publicando-a sob o nome de *Vida ꝛ feitos del rey Dom Ioão o ſegundo*.

Já nos occupámos do *Lyuro* de Resende, e innumeras vezes citámos a sua *Vida* de D. João II no decorrer do nosso trabalho. N'esta edição, junctou á *Vida* outras obras: *A traſladação do corpo del rey Dõ Ioão o ſegundo, A entrada del rey dom Manoel em Caſtella*—que elle podia narrar com auctoridade pois acompanhou o Venturoso n'essa viagem—a *Ida da iffante dona Breatiz Pera Saboya, A paixão de noſſo ſenhor Ieſu xpo*, e *O ſermão dos tres Reys magos*.

Sobre o inclito Monarcha de quem Resende contou a vida, nada mais diremos por agora, alem do que já escrevemos na *Introducção* e em diversos estudos publicados no vol. I dos *Livros Antigos Portuguezes*, especialmente nas nossas notas sobre a *Vita Christi, Marco Paulo, Cancioneiro Geral*, e *Reportorio dos tempos*, 1518. Comtudo, ha um facto historico—narrado por Ruy de Pina (*Chronica d'El Rey D. João II*, cap. XXXII) e por Resende (*Vida ꝛ feytos del rey Dom Ioão o ſegundo*, cap. lxxj) e que muitos escriptores mencionam—sobre o qual, graças a um documento inedito, podemos lançar mais alguma luz. Trata-se da prisão de Maximiliano, Rei dos Romanos, em Bruges (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, p. 368). Possuimos uma interessantissima carta manuscripta dos Reis Catholicos—que reproduzimos em facsimile—datada de Maio de 1488, que, assignada por Fernando e Izabel, contem importantes instrucções dadas a Sancho Machuco sobre o que deverá dizer "de nuestra parte" a D. João II. A primeira parte do documento trata de um assumpto de que, apezar de muito curioso, não nos podemos occupar, pois levar-nos-hia demasiadamente longe. Transcrevemos a parte que diz respeito á

pecially in those times. Resende's great fault—if our hypothesis be correct—was that he did not state clearly in the *Prologo* that the *coronica* had been written by Ruy de Pina, and that he, Resende, had filled in the missing parts and published it under the title of *Vida ꝛ feitos del rey Dom Ioão o ſegundo*.

We have already discussed Resende's *Lyuro* and have quoted his *Life* of Dom João II many times in the course of our work. In this edition, Resende added other works to the *Vida*: *A traſladação do corpo del rey Dõ Ioão o ſegundo, A entrada del rey dom Manoel em Caſtella*—an event which he could describe with authority since he had accompanied Dom Manoel on his journey to Castile—the *Ida da iffante dona Breatiz Pera Saboya, A paixão de noſſo ſenhor Ieſu xpo* and *O ſermão dos tres Reys magos*.

Of the famous King whose life Resende wrote, we will add nothing for the present to what we have said in the *Introduction* and in various studies published in vol. I of *Early Portuguese Books*, particularly in our notes on the *Vita Christi, Marco Paulo*, the *Cancioneiro Geral* and the *Reportorio dos tempos*, 1518. There is, however, an historical incident—described by Ruy de Pina (*Chronica d'El Rey D. João II*, chap. XXXII) and by Resende (*Vida ꝛ feytos del rey Dom Ioão o ſegundo*, chap. lxxj) and mentioned by many writers—upon which, thanks to an unpublished document, we can throw some further light—we refer to the imprisonment at Bruges of Maximilian, the King of the Romans (see *Early Portuguese Books*, vol. I, p. 368). We possess a most interesting manuscript letter—which we reproduce in facsimile—signed by Ferdinand and Isabella of Spain and dated May, 1488, containing important instructions for Sancho Machuco about what he was to say "de nuestra parte" to Dom João II. The first part of the letter treats of a subject which, in spite of its interest, we cannot discuss here, since it would take us too far. We transcribe the part which refers to the war be-

guerra entre o Rei de França e o Rei dos Romanos, e á prisão de Maximiliano em Bruges. Pelo documento (muito difficil de ler, e que foi decifrado por Miss Sarah de Laredo, a quem apresentamos os nossos agradecimentos) vemos que Sancho Machuco já tinha estado em Portugal e que fôra portador de um recado importante do Principe Perfeito para os Reis Catholicos. Pela leitura da carta ficamos sabendo, não só a parte preponderante tomada por D. João II na resolução d'essas duas questões—parte narrada por Pina e Resende—mas tambem que o papel dos Reis Catholicos foi desempenhado d'acordo com o Rei de Portugal, seguindo a idea de D. João "la qual se deve mucho loar." Nem Pina nem Resende mencionam essas negociações entre os Soberanos, sem duvida promovidas pelo Monarcha Portuguez, o que, mais uma vez, mostra a visão do Principe Perfeito. É provavel que Maximiliano tenha tido conhecimento da parte tomada pelo seu primo co-irmão na sua libertação, pois não ha duvida que deu sempre provas de especial affecto a D. João II e á Rainha D. Leonor, a quem enviou, por mais de uma vez, valiosos presentes (ver Conde de Sabugosa, *A Rainha D. Leonor*, pp. 143–144 e 364–370). Dizem os Reis Catholicos a Sancho Machuco:

"Otro sy, cerca de lo que de su parte nos hablastes que nos pluguyese que nos y él ynterviniesemos entre el Rey de Francia y el Rey de los Romanos, enbiando alguna persona de nuestra casa et que él enbiaría otro suyo que de nuestra parte et suya entendiesen en atajar las diferencias que son entre ellos porque se estafasen las guerras en que estan, y los inconvinyentes que dellas se pueden seguyr a toda la Christiandad; dezirle heys que nos avimos avydo mucho plazer de saber su voluntad (la qual se deve mucho loar) porque se muestra por ella el zelo que tiene al bien y pacificacion de toda la Christiandad, y lo que él fará y procurará para ello, y aunque nos tenemos la diferencia que él sabe con el Rey de Francia sobre los nuestros Condados de Rosillon e Cerdanya, pero muy conformes y aparejados

tween the King of France and the King of the Romans, and to Maximilian's imprisonment in Bruges. From the document (which is very difficult to read and was deciphered by Miss Sarah de Laredo, to whom our thanks are due) we learn that Sancho Machuco had already been in Portugal and that he was the bearer of an important message from the Perfect Prince to their Catholic Majesties. The letter shows not only the preponderant part played by Dom João II in the settlement of these two questions—partly described by Pina and Resende—but also that the Catholic Sovereigns acted in accordance with Dom João's idea, "la qual se deve mucho loar." Neither Pina nor Resende mentions these negotiations between the Kings, negotiations which must undoubtedly have been started by the Perfect Prince and which again show his farsightedness. Maximilian probably knew of the dominant part played by his first cousin in his liberation, and there is no doubt that he gave many proofs of his special affection for both Dom João II and Queen Leonor, to whom he several times sent valuable presents (see Conde de Sabugosa, *A Rainha D. Leonor*, pp. 143–144 and 364–370). Their Catholic Majesties addressed Sancho Machuco as follows:

"Otro sy, cerca de lo que de su parte nos hablastes que nos pluguyese que nos y él ynterviniesemos entre el Rey de Francia y el Rey de los Romanos, enbiando alguna persona de nuestra casa et que él enbiaría otro suyo que de nuestra parte et suya entendiesen en atajar las diferencias que son entre ellos porque se estafasen las guerras en que estan, y los inconvinyentes que dellas se pueden seguyr a toda la Christiandad; dezirle heys que nos avimos avydo mucho plazer de saber su voluntad (la qual se deve mucho loar) porque se muestra por ella el zelo que tiene al bien y pacificacion de toda la Christiandad, y lo que él fará y procurará para ello, y aunque nos tenemos la diferencia que él sabe con el Rey de Francia sobre los nuestros Condados de Rosillon e Cerdanya, pero muy conformes y aparejados

I Carta assignada pelos Reis Catholicos, Fernando e Izabel, em Murcia a 10 de Maio de 1488

Letter signed by Ferdinand and Isabella in Murcia on May 10th, 1488

nos fallará para que nos juntaramos a atajar todas las dichas diferencias, pero que por lo que ha subcedido en el detenimiento que al dicho Rey de los Romanos fue fecho por los del Condado de Flandes, como creemos que avrá ya sabido, nos parece que aquello por agora no ha lugar antes, considerando quanto aquello es feo y de mal en Christo, todos los Reyes et Principes Christianos lo devrian tomar por propio, y mucho mas nos y él por el debdo que con nos otros tiene; y por esto como lo supymos que fue antes que vos vinyestedes, por ser la cosa de calidad que requiere mucha aceleracion para procurar el remedio por el peligro que podria traer la dilacion, avyamos acordado de le escrivyr al dicho Rey nuestro primo, rogandole que nos juntasemos en uno para enbiar nuestros embaxadores para procurar su deliberacion. Y visto lo que vos de su parte nos hablastes parescionos que la embaxada que él dezia que enbiasemos juntos se debya fazer para la deliberacion del dicho Rey.

"Y asy, por la brevedad que en esto conviene, creyendo que pues él se movya a enbiar su enbaxadad para atajar las guerras, muy mejor lo enbiára para procurar la dicha deliberacion del dicho Rey.

"Acordamos de enbiar un cavallero de nuestra casa para que se junte con la persona quél enbiare, et anbos juntos procuren la dicha deliberacion; el qual partirá por esto e yra a la cibdad de Burgos y de ally a Bilvao ó a Laredo de su espacio por el camyno, porque el suyo le pueda alcançar; porende dezyrle heys que le rogamos que luego enbie la dicha persona que sobre esto ha de enbiar y le mande que se junte con el dicho nuestro enbaxadad, y ambos procuren la dicha deliberacion, y luego nos faga saber por donde yra su enbaxador, por mar ó por tyerra, porque nos lo escrivamos al nuestro; y asi mismo le fazemos saber que avemos escripto a nuestro muy Santo Padre, suplicando a Su Santidad que, syntiendose dello, quyera enbiar alla alguno legado, persona de abtoridad que en ello entienda y sy mas le paresciere que en esto se deve fazer, le rogamos que nos lo faga saber porque nos estamos de voluntad de lo fazer. Y que, fecha la dicha deliberacion del dicho Rey de los Romanos, avrá lugar para que se platique entre nos y el dicho

nos fallará para que nos juntaramos a atajar todas las dichas diferencias, pero que por lo que ha subcedido en el detenimiento que al dicho Rey de los Romanos fue fecho por los del Condado de Flandes, como creemos que avrá ya sabido, nos parece que aquello por agora no ha lugar antes, considerando quanto aquello es feo y de mal en Christo, todos los Reyes et Principes Christianos lo devrian tomar por propio, y mucho mas nos y él por el debdo que con nos otros tiene; y por esto como lo supymos que fue antes que vos vinyestedes, por ser la cosa de calidad que requiere mucha aceleracion para procurar el remedio por el peligro que podria traer la dilacion, avyamos acordado de le escrivyr al dicho Rey nuestro primo, rogandole que nos juntasemos en uno para enbiar nuestros embaxadores para procurar su deliberacion. Y visto lo que vos de su parte nos hablastes parescionos que la embaxada que él dezia que enbiasemos juntos se debya fazer para la deliberacion del dicho Rey.

"Y asy, por la brevedad que en esto conviene, creyendo que pues él se movya a enbiar su enbaxadad para atajar las guerras, muy mejor lo enbiára para procurar la dicha deliberacion del dicho Rey.

"Acordamos de enbiar un cavallero de nuestra casa para que se junte con la persona quél enbiare, et anbos juntos procuren la dicha deliberacion; el qual partirá por esto e yra a la cibdad de Burgos y de ally a Bilvao ó a Laredo de su espacio por el camyno, porque el suyo le pueda alcançar; porende dezyrle heys que le rogamos que luego enbie la dicha persona que sobre esto ha de enbiar y le mande que se junte con el dicho nuestro enbaxadad, y ambos procuren la dicha deliberacion, y luego nos faga saber por donde yra su enbaxador, por mar ó por tyerra, porque nos lo escrivamos al nuestro; y asi mismo le fazemos saber que avemos escripto a nuestro muy Santo Padre, suplicando a Su Santidad que, syntiendose dello, quyera enbiar alla alguno legado, persona de abtoridad que en ello entienda y sy mas le paresciere que en esto se deve fazer, le rogamos que nos lo faga saber porque nos estamos de voluntad de lo fazer. Y que, fecha la dicha deliberacion del dicho Rey de los Romanos, avrá lugar para que se platique entre nos y el dicho

A trasladação
do corpo do muy catolico ꝛ mag
nanimo ꝛ muy esforçado Rey dõ
João o segũdo deste nome: da see
da cidade de Silues pera o moe
steiro da Batalha / por o muy se
renissimo ꝛ esclarecido senhor el
Rey dom Manoel seu socessor ꝛ
herdeiro nestes reynos ꝛ senho-
rios d̃ Portugal. Foy visto ꝛ ex
aminado pollos deputados da
sancta inquisição.

R

Lyuro das obras de Garcia de Resẽde
58 Folha do rosto de *A trasladação do corpo del rey Dõ Ioão o segundo*
Title-page of *A trasladação do corpo del rey Dõ Ioão o segundo*
[Lisboa], 1545

A entrada del rey dom Manoel em Castella.

Quando el rey dõ Manoel nosso senhor casou com a raynha dona Isabel nossa senhora nos proprios dias q̃ a recebeo em Valẽça dalcãtara τ se as vodas celebraram/ se finou em Salamãca o principe dom Joam seu yrmão/ por onde ella ficou erdeyra de Castella. E acabados oyto dias que em castello da Uide estiueram com ha morte do pricipe encuberta por se nam perderem τ mostrarẽ os muitos gastos que os senhores τ fidalgos de Portugal tinham feytos pera ho dito casamento. Partirã dahi pera cidade deuora ja cõ grãde doo. E dahi apouco tẽpo estãdo ẽ Lixboa elrey dõ Fernãdo τ a rainha dona Isabel escreuerã a elrey nosso sñor τ a raynha sua filha τ muy apertadamẽte lhe pedirã q̃ eles fossẽ logo a castela pera la serẽ jurados por pricipes erdeiros de todos seus reinos τ sñorios. Sobre esta yda teue elrey nosso senhor muitos τ grãdes cõselhos cõ todas as pessoas q̃ presentes eram/ τ outros muytos que pollo reyno pera isso mandou chamar: τ tambem com hos precuradores τ villas notaueys que em Lisboa eram ajuntados pera cortes que ahi entam fazia. Nos quaes conselhos ouue muytos pareceres desuiados hũs dos outros/ q̃ ahũs parecia bẽ ele nã dixar seus reinos nem sayr fora deles por cousa nenhũa/ ysto por casos que podiã sobrevir a rey fora d̃ seus reinos τ em reino alheo em poder doutro rey como algũas vezes aq̃cerã. Outros auiã ysto por cousa muy leue: τ lhes pareciaq̃ elle em nenhũa maneira nã deuia dixar dir pois hia a tamanha cousa como era a ser jurado por principe de castela τ de tamanhos reinos τ senhorios: τ mais tendo com el rey τ com a raynha tam grande liança tamanho parentesco τ tã verdadeira amizade: τ por hos deferentes pareceres q̃ ouue os conselhos duraram muito. E en fim el rey nosso senhor determinou dir τ assi o pos por obra. E com consentimento τ prazer de todos deixando tudo ordenado como cumpria a seruiço de deos τ seu τ a bem de seus reinos τ naturaes. Partiram elle τ ha raynha da cidade de Lisboa no mes de Março do anno de mil τ quatrocẽtos τ nouenta τ oito ãnos. Deixou a gouernãça do reino aa raynha dona Lianor sua yrmaã τ cõ ella ficou o duq̃ de bragãça seu sobrinho: τ o marq̃s de villa

Lyuro das obras de Garcia de Resẽde
59 Primeira pagina de *A entrada del rey dom Manoel em Castella*
First page of *A entrada del rey dom Manoel em Castella*
[Lisboa], 1545

✠ Começaſſe a
paixão de noſſo ſenhor Jeſu xp̃o
toda inteira: ſegundo os quatro
euãgeliſtas: tirada d̃ todos elles
em lingoajẽ portugues ajũtada
ꝛ cõcertada per Garcia de reſen
de por ſeruiço ꝛ louuor de deos.
¶

Lyuro das obras de Garcia de Reſẽde
60 Folha do rosto da *Paixão de noſſo ſenhor Ieſu xp̃o*
Title-page of the *Paixão de noſſo ſenhor Ieſu xp̃o*
[Lisboa], 1545

MVSIS DICATVM

Começasse o
sermão sobre a vinda dos sãctos
tres Reis magos. Foy visto ⁊ e
xaminado polos deputados da
sãcta inquisição.

Lyuro das obras de Garcia de Resẽde
61 Folha do rosto do *Sermão dos tres Reis magos*
Title-page of the *Sermão dos tres Reis magos*
[Lisboa], 1545

A louuor de deos ⁊ da glorio
ſa virgem noſſa ſenhora ſe acabou o liuro da vida ⁊ fey=
tos delrey dom João ho ſegundo de Portugal: ⁊ a
traſladaçã do ſeu corpo/ ⁊ a yda delrey dom Ma
noel a Caſtella/ ⁊ ayda da yffãte dona Breatiz
a Saboya: ⁊ as quatro payxões em hũa/ ⁊
o ſermão da vinda dos tres reis magos
feito por Garcia de reſende: ⁊ viſto
⁊ examinado polos deputados
da ſancta inquiſição. Foy im
preſſo em caſa de Luys
rodriguez liureiro del
rey noſſo ſenhor a=
os. xij. dias do
mes de Ju=
nho de mil
⁊ qnhẽ
tos ⁊
quarenta ⁊ cinco annos.

62 Colophon do *Lyuro das obras de Garcia de Reſẽde*
Colophon of the *Lyuro das obras de Garcia de Reſẽde*
[Lisboa], 1545

Rey de Portugal nuestro primo, la forma que devemos todos tener para atajar todas las dichas diferencias, porque del todo se quyten e atajen las guerras y males que en la Christiandad dellas podrian nascer.

"Fecho en la cibdad de Murcia a (?) diez dias de Mayo de lxxxviii.

Yo el Rey   Yo la Reyna."

O documento que acabamos de transcrever tem um alto valor, não só por ser assignado por Fernando e Izabel, mas por elucidar uma questão tão interessante e completar os dizeres dos nossos chronistas.

Garcia de Resende, *moço da escrevaninha* de D. João II, a quem competia ter sempre na mão uma penna molhada em quanto o Soberano escrevia, terá tido conhecimento das instrucções dos Reis Catholicos? Ignoramos.

A sua *Vida* de D. João II, que tão dedicadamente serviu até á morte do Monarcha em 1495, foi escripta com gratidão; esse facto já bastaria para merecer a nossa sympathia; alem d'isso, tendo presenciado muitas das scenas da vida diaria do Soberano, a sua narração, em que põe em relevo a figura do Principe Perfeito, tem não só um grande encanto, mas uma auctoridade especial. A primeira edição do *Lyuro das obras de Garcia de Resẽde*, impressa em 1545 por Luiz Rodrigues, é duplamente preciosa, pelo seu texto e pela sua extrema raridade.

Rey de Portugal nuestro primo, la forma que devemos todos tener para atajar todas las dichas diferencias, porque del todo se quyten e atajen las guerras y males que en la Christiandad dellas podrian nascer.

"Fecho en la cibdad de Murcia a (?) diez dias de Mayo de lxxxviii.

Yo el Rey   Yo la Reyna."

The document we transcribe above is valuable, not only because it is signed by Ferdinand and Isabella, but because it elucidates a question of great importance and completes the information supplied by our chroniclers.

We wonder whether Garcia de Resende, who as *moço da escrevaninha* to Dom João II, had to stand by with a pen ready dipped in ink whenever the King was writing, knew of the instructions sent by the Catholic Sovereigns, but he gives no indication of it.

His *Life* of Dom João II, whom he served with such devotion until the King's death in 1495, was written with gratitude and this alone would suffice to win him our sympathy. But apart from this, the fact that he was present at many of the scenes he describes in the Sovereign's daily life, gives to his chronicle, where the character of the Perfect Prince is clearly shown, a special charm and interest. The first edition of the *Lyuro das obras de Garcia de Resẽde*, printed in 1545 by Luiz Rodrigues, is doubly interesting, on account of its text and its extreme rarity.

COMMENTO
EN ROMANCE AMA
nera de repeticion latina y scholastica de Iuri-
stas, sobre el capitulo Quando. de cõsecratione
dist. prima. Cõpuesto por el doctor Martin de
Azpilcueta Nauarro, cathredatico de prima ẽ
canones dla vniuersidad de Coimbra, en el exer
Enel qual
de rayz se trata dela oracion, horas canonicas y
otros officios diuinos, y quando, como y porq̃
se han de dezir enel choro y fuera del. A vna cõ
el auiso de las faltas, q̃ en ellos se hazẽ, y las cau
sas de que nascen, y con q̃ perecen.
Ne me vilem putes ob amictum vulgarẽ,
introspice, quod aere tego, aurũ.
CONIMBRICAE.
Nonas Octo. M.D.XLV.

63 Folha do rosto do *Commento* de Martin de Azpilcueta Navarro
Title-page of the *Commento* of Martin de Azpilcueta Navarro
Coimbra, 1545

60 MARTIN DE AZPILCUETA NAVARRO, COMMENTO EN ROMANCE SOBRE EL CAPITULO QUANDO. DE CÕSECRATIONE DIST. PRIMA.

Coimbra, [João de Barreira], 1545.

CoMMENTO | EN ROMANCE A MA | nera de repeticion latina y ſcholaſtica de Iuri- | ſtas, ſobre el capitulo Quando. de cõſecratione | diſt. prima. Cõpueſto por el doctor Martin de | Azpilcueta Nauarro, cathredatico de prima ẽ | canones đla vniuerſidad de Coimbra, enel exer | cicio de todas letras muy ſublimada. Enel qual | de rayz ſe trata dela oracion, horas canonicas y | otros officios diuinos, y quando, como y porq̃ | ſe han de dezir en el choro y fuera del. A vna cõ | el auiſo de las faltas, q̃ en ellos ſe hazẽ, y las cau | ſas de que naſcen, y con q̃ perecen. | Ne me vilem putes ob amictum vulgarẽ, | introſpice, quod ære tego, aurũ. | CONIMBRICAE. | Nonas Octo. M.D.XLV.

Titulo a negro e vermelho, enquadrado por uma portada que tem na parte superior as Armas Reaes, e na inferior a Esphera armillar[1].

[fl. 1 vo.] A LA MVY ALTA | Y MVY PODEROSA REYNA | Doña Catalina la primera deſte nõbre, de Portugal, De | los Algarues, de aquẽde y allende. & cet. Martin de Az- | pilcueta Nauarro, Gratia diuina, para gloria ſoberana, | temporal y eterna le deſſea. [...]

[fl. 2 vo.]

Fim da dedicatoria; approvação de Marco Romero e Fr. Martin de Ledesma[2].

[fl. 3] AL CHRISTIANO LECTOR. [...]

[fl. 4] [...] Reſpueſta de vna pregunta cotidiana en la miſma materia. [...]

[fl. 6 vo.] [...] Faltas. [...]

p. 1. Cõmento en romance | a manera de repeticion latina, y ſcholaſtica de | iuriſtas, ſobre el cap. Quando. de cõſecra. diſt. 1 [...] PROEMIO. [...]

p. 2. [...] Propoſicion al lector. [...]

p. 3. [...] PRELVDIOS. | CAPItulo primero [...]

p. 600 [aliás 588]. [...] GLORIA DEO.

[fl. 1] NOBILISSIMO | viro, eidemq; iuris vtriuſq; doctori | celeberrimo Domino meo. D. | Remigio a Goñi. Archidiaco- | no Pompilonenſi, admodũ | reuerendo. Iohannes a | IAureguiçar.:. | S.P.D. [...]

[1] *Title in red and black, surrounded by a woodcut border with the Royal Arms at the top and the armillary Sphere at the bottom.*

[2] *End of the dedication; approbation of Marco Romero and Fr. Martin de Ledesma.*

[fl. 2] Tabla o reportorio [...]

[fl. 22 vo.] [...] Fin del Reportorio. | LAVS DEO.

Autographo e assignatura do impressor: Ioam de Barreyra[1].

4º—[6] folhas, 600 (aliás 588) paginas, [22] folhas—29 linhas—algumas paginas a negro e vermelho—notas marginaes em caractéres gothi-cos pequenos—reclamos no fim de alguns dos cadernos.

Numeração dos cadernos: †, 6 folhas; A–Z, 8 folhas cada caderno; &, 8 folhas; a–d, 8 folhas cada caderno; e–f, 4 folhas cada caderno; g–h, 8 folhas cada caderno; i, 4 folhas; k–r, 8 folhas cada caderno; total de 322 folhas; as folhas † 2, C 2, p 4, q 4 e r 4 não teem assignaturas.

Encadernação de carneira.

4to.—[6] leaves, 600 (alias 588) pages, [22] leaves—29 lines—some of the pages are printed in red and black—marginal notes in small Gothic type—catchwords at the end of some of the quires.

Collation by signatures: †, 6 leaves; A–Z, each 8 leaves; &, 8 leaves; a–d, each 8 leaves; e–f, each 4 leaves; g–h, each 8 leaves; i, 4 leaves; k–r, each 8 leaves; total 322 leaves; leaves † 2, C 2, p 4, q 4 and r 4 have no signature marks.

Bound in sheepskin.

O *Commento en Romance ſobre el capitulo Quando. de cõſecratione* é, sem duvida, para nós a obra mais curiosa que o Dr Azpilcueta Navarro publicou em Portugal, em vista das noticias que nos dá ácerca de Coimbra e da Universidade. Alem d'isso, o que augmenta o seu interesse, este livro foi, que se saiba, o primeiro que João de Barreira imprimiu só, em Coimbra, onde, como vimos, já estivera associado com João Alvares. Referem-se, entre outros, a este *Commento*: Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 159, e *A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 209), Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, t. I, p. 151), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 120) que nos indicam a existencia dos seguintes exemplares: Bibliotheca Nacional de Lisboa (3 ex.), Ajuda, Academia das Sciencias de Lisboa, Evora. A essa lista ha a accrescentar os dois exemplares que possuimos, e um que se encontra no Museu Britannico, cuja impressão é attribuida por H. Thomas (*Short-title Catalogues of Portuguese books and of Spanish-American books printed before* 1601 *now in the British*

The *Commento en Romance ſobre el capitulo Quando. de cõſecratione* is certainly, from our point of view, the most interesting work published by Dr Azpil-cueta Navarro in Portugal, on account of the in-formation it gives us about Coimbra and its University. It has an added interest as being the first known work printed by João de Barreira alone, in Coimbra, where, as we have seen, he had already been in partnership with João Alvares. Among those who refer to this *Com-mento* are: Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 159, and *A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 209), Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. I, p. 151), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 120) who mention the following copies: Lisbon National Library (3 copies), Ajuda, the Aca-demia das Sciencias of Lisbon, and Evora. To this list must be added our own two copies, and the one in the British Museum, attributed by H. Thomas (*Short-title Catalogues of Portuguese books and of Spanish-American books printed before* 1601 *now in the British Museum*, pp. 10 and 29) to João

[1] *Autograph inscription signed by the printer:* Ioam de Barreyra.

Museum, 1926, pp. 10 e 29) a João de Barreira e João Alvares. Comtudo, parece-nos, salvo se se trata de uma edição desconhecida, que esta descripção deve estar inexacta, visto esta edição de 1545 ter sido estampada por João de Barreira só. Existem mais duas edições d'este trabalho do Dr Navarro, uma de 1550, sahida dos prelos de João de Barreira e João Alvares, e outra, de 1551, mas que foi impressa por João de Barreira só (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nos 270 e 161).

Ácerca d'este notavel impressor, escreve Sousa Viterbo:

"É em 1542 que o vemos aparecer pela primeira vez em Coimbra, de parceria com João Álvares, com quem teve sociedade por largos anos, embora, durante êsse período de colaboração artística, também trabalhasse por conta própria, aparecendo por dezenas as edições rubricadas exclusivamente com o seu nome. Não sabemos nada acêrca das suas origens de família, nem da sua procedência e educação técnica, não faltando quem o queira considerar natural de Espanha. A não ser que viesse amestrado do estrangeiro, é muito possível que a sua aprendizagem se efectuasse em alguma das oficinas de Lisboa. Não é até desarrazoado supôr que êle e o seu colega ficassem com parte do material tipográfico de Luis Rodrigues, por isso que não só empregaram alguns frontispícios gravados que se veem nos livros dêste impressor, mas até usaram por vezes da sua divisa tipográfica—o dragão alado e enroscado, com a legenda *salus vitae*" (ver *O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 155–159).

Segundo Barbosa, João de Barreira foi "muito perito nas diſciplinas Mathematicas principalmente Aſtrologia, e Aſtronomia" (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 603). Ignoramos se João de Barreira era de origem Hespanhola; tanto Tito de Noronha (*A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, p. 27) como Anselmo e Proença (*loc. cit.*) dizem que houve um Affonso Barreira que teve prelos em Sevilha em 1569, e um André Barreira que imprimia em Cordova em 1598. Seriam parentes? É possivel, e mesmo pro-

de Barreira and João Alvares. It seems to us, however, that, unless it be another unknown edition, this attribution must be incorrect, because this 1545 edition was printed by João de Barreira alone, and it was the one of 1550 (see Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 270) which was issued by João de Barreira and João Alvares jointly. The book was again printed by João de Barreira alone, in 1551 (see Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 161).

Sousa Viterbo says of this notable printer that:

"It is in 1542 that we first find him in Coimbra in partnership with João Alvares, with whom he was associated for many years, though he also worked on his own account during this period of artistic collaboration, there being numbers of editions under his name alone. We know nothing about his parentage and birthplace, nor about his technical education, though there are some who consider him to have been a native of Spain. If he did not come from abroad already trained, it is very possible that his apprenticeship may have been carried out in one of the Lisbon printing-presses. It is not unreasonable even to suppose that he and his colleague kept some of Luiz Rodrigues' typographical material, because they not only employed some of the engraved frontispieces which are to be seen in this printer's publications, but they sometimes even made use of his device—the winged dragon twined round a tree trunk, with the legend *salus vitae*" (see *O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 155–159).

According to Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, p. 603), Barreira was "very skilful in the Mathematical sciences, especially Astrology and Astronomy." We do not know whether João de Barreira was of Spanish birth: both Tito de Noronha (*A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, p. 27) and Anselmo and Proença (*loc. cit.*) mention a certain Affonso Barreira who had a printing-press in Seville in 1569 and an André Barreira who printed in Cordova in 1598, and it is very possible that these may have been relatives

vavel. Innocencio (*Diccionario*, vol. III, pp. 317–318) escreve que Barreira deixou como impressor "mui honroso nome, e um dos que mais notaveis se fizeram entre nós no seculo XVI" (ver tambem o vol. X, pp. 186–187). O nosso "imprimidor" exerceu a sua actividade durante largos annos—até 1590—em Coimbra, Lisboa e Braga, ora só, ora de parceria com João Alvares.

Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1888, p. 33) diz que a divisa ou emblema de João de Barreira, "era um coqueiro com seus fructos pendentes exposto á luz do sol nascendo, com a letra 'omnia omnibus.'" Esse emblema, ou marca—cuja origem ignoramos—encontramol-a unicamente n'uma obra impressa por Barreira em Lisboa—na *Orthographia da Lingoa Portvgvesa* de Duarte Nunez do Leão, 1576. Em nenhuma das outras obras que possuimos rubricadas exclusivamente com o nome de Barreira—e são muitas—existe qualquer marca ou divisa do impressor. Sousa Viterbo (*loc. cit.*) menciona duas obras (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nos 200 e 207) nas quaes Barreira usou o escudo do pequeno dragão alado, e accrescenta:

"Diz o Sr. Joaquim Martins de Carvalho que João da Barreira e João Álvares usaram por várias vezes como sua divisa uma esfera com a seguinte legenda inferiormente: *Spera in Deo, et fac bonitatem.* Nas impressões de João da Barreira só encontramos uma vez, que nos lembre, a esfera. Foi na obra do Dr. Ruy Gonçalves, *Memorial sobre os perdões*, impressa em Lisboa sem declaração de ano" (ver tambem Anselmo e Proença, *ob. cit.* no 239).

Possuimos duas obras rarissimas impressas por João de Barreira e João Alvares, das quaes uma—*Ioachimi Ringelbergii Antverpiani Rhetorica Distichon*, Coimbra, 1550—tem o escudo do pequeno dragão alado, e a outra—*Rvdimenta Grammatices*, Coimbra, 1553—ostenta a divisa da esphera e a lettra: *Spera in Deo, et fac bonitatem.* João Alvares e João de Barreira usáram as mesmas marcas nas

of his. Innocencio (*Diccionario*, vol. III, pp. 317–318) says that, as printer, Barreira left "a very honourable name, and was one of the most notable in Portugal in the XVIth century" (also see vol. X, pp. 186–187). Our printer carried on his activities for many years—until 1590—in Coimbra, Lisbon and Braga, sometimes alone, and sometimes in partnership with João Alvares.

Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1888, p. 33) says that João de Barreira's device or emblem "was a cocoa-tree with its fruit hanging, exposed to the light of the rising sun, with the motto 'omnia omnibus.'" We find this emblem, the origin of which we do not know, only in the *Orthographia da Lingoa Portvgvesa* by Duarte Nunez do Leão, printed in Lisbon in 1576. In none of the other works in our possession printed by João de Barreira alone—and they are many—does he use any mark or device whatever. Sousa Viterbo (*loc. cit.*) mentions two works (see Anselmo and Proença, *op. cit.* nos. 200 and 207) where Barreira used the emblem of the small winged dragon, and adds:

"Joaquim Martins de Carvalho says that João da Barreira and João Alvares several times used as their device a sphere with the following legend below it: *Spera in Deo, et fac bonitatem.* As far as we can remember, we have found the sphere only once in the publications of João da Barreira. That was in the *Memorial sobre os perdões* by Dr Ruy Gonçalves, printed in Lisbon, with no date" (also see Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 239).

We possess two very rare works printed by João de Barreira and João Alvares, one of which—*Ioachimi Ringelbergii Antverpiani Rhetorica Distichon*, Coimbra, 1550—has the small winged dragon as imprint, and the other—*Rvdimenta Grammatices*, Coimbra, 1553—the device of the sphere with the motto: *Spera in Deo, et fac bonitatem.* In the works they printed, both alone and

suas impressões—quer dizer o dragão alado, que fôra o emblema de Luiz Rodrigues, e a esphera, que tinha sido uma das marcas de Germão Galharde—seja sós, seja quando trabalhavam de parceria; é pois difficil, para não dizer impossivel, decidir a qual d'elles pertenciam as divisas; comtudo, em vista da tão longa associação, é possivel que fôssem pertença de ambos.

João de Barreira teve, assim como o seu parceiro, os titulos de "Impreſſor del Rey noſſo ſenhor" e de "Impreſſor da Vniuerſidade."

"Além de impressor de el-rei e da Universidade, João da Barreira também foi impressor da Companhia de Jesus, embora não ostentasse êste título, nem fôsse o único preferido" (Sousa Viterbo, *loc. cit.*).

Um alvará de D. Sebastião de 1567 é interessante, pois n'esse documento, o Soberano concede a Barreira—"por elle estar concertado com os ditos Padres"—o privilegio de que durante oito annos

"pesoa allgũa de quallquer calydade que seja não posa impremir em meus Reynos e senhorios as obras que os ditos padres lhe mandarem imprimir com licença...nem mandallas impremir fora delles, nem as posa trazer de fora do Reyno a vemder nelle" (ver Deslandes, *ob. cit.* p. 34, e Sousa Viterbo, *loc. cit.*, que dá uma lista dos livros impressos por Barreira para os Jesuitas).

Possuimos dois livros de grande raridade impressos por João de Barreira e João Alvares em Coimbra—*Cartas de los Jesuitas de la India*, 1562, e *Cartas de los Jesuitas del Japon*, 1565 (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* n^{os} 299 e 300)—que ostentam o monogramma da Companhia de Jesus na folha do rosto, sendo digno de notar que a impressão das *Cartas* da India, 1562, foi principiada por João de Barreira e terminada por João Alvares, o que póde, talvez, indicar que este ultimo tambem tenha sido impressor da

in partnership, João Alvares and João de Barreira both used the same marks—that is, the winged dragon, which was the device of Luiz Rodrigues, and the sphere, which had been one of Germão Galharde's imprints; so it is difficult, not to say impossible, to decide to which of them the devices belonged, if they were not the joint property of both.

João de Barreira, like his partner, was titled "Printer to the King our lord" and "Printer to the University."

"Besides being printer to the king and to the University, João da Barreira was also printer to the Society of Jesus, though he did not display this title, nor was he the only one to hold that post" (Sousa Viterbo, *loc. cit.*).

Deslandes transcribes an interesting charter of 1567, in which Dom Sebastião concedes to Barreira "because he has an agreement with the said Fathers" the privilege that for eight years

"no one of whatsoever rank may print in my Kingdoms and realms the works which the said fathers shall have ordered him to print with authorisation...nor may they order them to be printed outside, nor bring them in from outside the Kingdom to be sold in it" (see Deslandes, *op. cit.* p. 34, also Sousa Viterbo, *loc. cit.*, who gives a list of the books printed by Barreira for the Jesuits).

The monogram of the Society of Jesus appears on the title-page of two very rare books of ours—the *Cartas de los Jesuitas de la India*, 1562, and the *Cartas de los Jesuitas del Japon*, 1565 (see Anselmo and Proença, *op. cit.* nos. 299 and 300), both printed by João de Barreira and João Alvares in Coimbra. It is interesting to note that the printing of the *Cartas* of 1562 was begun by João de Barreira and finished by João Alvares, which seems to indicate that perhaps the latter was also

Companhia de Jesus, pelo menos antes da publicação do alvará de D. Sebastião.

Como dissemos, Barreira exerceu a sua actividade em Coimbra, Lisboa e Braga. Tanto em Coimbra, só ou associado com Alvares, como "em Lisboa ao arco de ſam mamede," onde trabalhou sempre por conta propria, estampou um grande numero de obras. Em Braga só temos conhecimento de Barreira ter publicado uma obra, o *Breuiarium brácharẽſe*, 1549 (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 261), e essa mesmo imprimiu-a de parceria com João Alvares.

Nas suas impressões, Barreira serviu-se de caractéres gothicos, romanos e italicos. Algumas das suas producções são notaveis, outras, como dissemos na nossa *Introducção*, fôram executadas apressadamente e não apresentam a finura e a belleza dos primeiros tempos da "nobre arte impreſſoria." Em todos os casos devemos-lhe a publicação de obras importantissimas, tanto pelo seu valor historico como pelo litterario, e das quaes muitas serão descriptas no decorrer do nosso estudo. Comtudo, uma das mais curiosas que possuimos, é este *Commento* (exemplar que pertenceu a Nepomuceno), pois na ultima pagina lê-se esta nota manuscripta: *Eu emp̃mi eſta obra Ioam de Barreyra.* Sendo esta a primeira obra que Barreira imprimiu por conta propria, é muito possivel que o nosso exemplar tenha sido, ou o primeiro da edição, ou o que o "imprimidor" guardou para a sua typographia; e, como no livro não está dito quem foi o impressor, Barreira escreveu por seu punho, o que é naturalissimo, a nota manuscripta que affirma os seus direitos. O motivo é tão evidente, que não hesitamos em considerar a nota como autographa, o que dá um valor especial a este exemplar.

Azpilcueta Navarro offereceu o seu *Commento en Romance ſobre el capitulo Quando. de cõſecratione* á Rainha D. Catharina, dizendo na dedicatoria que assim procedeu por,

a printer to the Jesuits, at least before the publication of Dom Sebastião's charter.

As we have said, Barreira worked in Coimbra, Lisbon and Braga. He printed a large number of books in the two first-mentioned cities: in Coimbra he worked either alone or in partnership with Alvares, "in Lisbon at the Arch of Sam Mamede" he was always by himself; but we know of only one work published by him in Braga—the *Breuiarium brácharẽſe*, 1549 (see Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 261)—and even this was printed in conjunction with João Alvares.

Barreira used Gothic, Roman and Italic type in his books, some of which are notable; others, as we said in our *Introduction*, were no longer so carefully and beautifully printed as the early productions of the Portuguese press. In any case we owe to Barreira the publication of many important works, both from the historical and the literary point of view. One of the most interesting of the many books in our Library from his press is a copy of this *Commento* which belonged to Nepomuceno, because on the last page there is a manuscript note: *Eu emp̃mi eſta obra* (I printed this book) *Ioam de Barreyra.* As this was the first book printed by Barreira alone, it is possible that our copy may have been either the very first of that edition, or the one kept by the *imprimidor* for use in his printing-office; and since there is no direct indication in the book that he was its printer, he himself wrote the note affirming his rights. This reason seems so certain that we have no hesitation in considering the note to be an autograph one, which naturally adds greatly to the interest of this copy.

Azpilcueta Navarro offered his *Commento en Romance ſobre el capitulo Quando. de cõſecratione* to Queen Catharina, because as he says in the dedication:

"ſer. V.A. otra ſu abuela, otra grã Reyna Doña Iſabel de inmortal memoria, aquiẽ ſu ſiglo algunos libros, aſſi de romançe, como de latin le cõſagro."

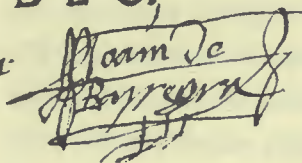
Um dos biographos de Navarro, no seu minucioso trabalho, narra os motivos que levâram o illustre professor a escrever esta obra, e dá-nos uma explicação do estudo do canonista (ver Arigita y Lasa, *El Doctor Navarro Don Martin de Azpilcueta y sus obras*, pp. 185–192). Mas, n'este *Commento*, são as suas curiosas noticias sobre Coimbra que prendem a nossa attenção. Tanto o Dr J. M. Teixeira de Carvalho (*A Universidade de Coimbra no século* xvi, pp. 27–39) como Sousa Viterbo (*Artes e Artistas em Portugal*, pp. 193 e 215–218) colheram varios informes interessantes no livro de Navarro. Não podemos, infelizmente, transcrever aqui muitos trechos do *Commento* ácerca das festas religiosas, da musica, e do viver coimbrão no seculo xvi. O austero Navarro reprovava muita cousa. Nos officios religiosos condemnava o uso exagerado de instrumentos de musica, taes como "vihuelas, harpas, flautas, çãproñas, trompetas, chirimias y otros ſemejãtes inſtrumentos muſicos," que lhe pareciam "coſa illicita meter ẽ los officios diuinos" (*Commento*, p. 312). Sousa Viterbo (*loc. cit.*)—sem muita sympathia pelo digno cathedratico—refere-se detalhadamente ás impressões de Navarro sobre a musica nas egrejas de Coimbra, à qual o canonista preferia a dos conventos de freiras, e especialmente a que as religiosas cantavam no mosteiro de Celas, do qual era superiora D. Maria de Tavora. Na opinião do severo Navarro, a Universidade de Coimbra era má escolha para a educação da juventude; e apezar do Dr Teixeira de Carvalho (*loc. cit.*) ter transcripto—da edição vertida em Latim por Navarro em Roma—alguns dos trechos mais interessantes do *Commento* a respeito de Coimbra, não resistimos a transcrever tambem um periodo que, na verdade, poderia ser a descripção de scenas passadas na

"ſer. V.A. otra ſu abuela, otra grã Reyna Doña Iſabel de inmortal memoria, aquiẽ ſu ſiglo algunos libros, aſſi de romançe, como de latin le cõſagro."

One of Navarro's biographers tells, in his detailed study, the reasons why this work was composed and gives an account of its contents (see Arigita y Lasa, *El Doctor Navarro Don Martin de Azpilcueta y sus obras*, pp. 185–192). But what attract us most in the *Commento* are the curious pieces of information about Coimbra. Both Dr J. M. Teixeira de Carvalho (*A Universidade de Coimbra no século* xvi, pp. 27–39) and Sousa Viterbo (*Artes e Artistas em Portugal*, pp. 193 and 215–218) have gathered interesting information from Navarro's book. Unfortunately we cannot transcribe here many extracts from the *Commento* about the religious feasts, music, and life in Coimbra in the xvith century. Navarro, the stern and austere, condemned many things. He was against the excessive use, in divine service, of "vihuelas, harpas, flautas, çãproñas, trompetas, chirimias, y otros ſemejãtes inſtrumentos muſicos," which seemed to him "coſa illicita meter ẽ los officios diuinos" (*Commento*, p. 312). Sousa Viterbo (*loc. cit.*) refers in detail—and without much sympathy for the worthy professor—to Navarro's impressions of the music in the churches of Coimbra. Azpilcueta preferred the music in the nunneries, and especially that sung by the nuns in the convent of Celas, of which Dona Maria de Tavora was the mother superior. In the opinion of the severe Navarro, Coimbra was no place for the young; and though Dr Teixeira de Carvalho (*loc. cit.*) has quoted some of the most interesting parts of the *Commento* with reference to Coimbra, from a Latin edition published by Navarro in Rome, there is one passage which we cannot resist transcribing again, because it reminds us of our youth and might well be a description of

Virtud de latria ó religion q̃.c.1.n.23.p.14. Y la virtud no nos viene de naturaleza ni es cõtra ella, antes segũ ella, y el peccado contra ella.c.20.n.47.p.574. Y todas virtudes si se puedẽ pedir sin conditiõ.c.20.n.7.p.549. Y las de los Romanos o falsas o imperfectas fueron.c.19.n.29.p.399. (409

Volũtad d Dios imudable, y la sciẽtia inuariable.c.19.n.53.p.

Voto de rezar muchas cosas q̃ndo se puedẽ cumplir rezando las juntas, y quando no.c.3.n.24.p.37.

Vmberto doctor en derecho diuino y humano esclarecido. c.11.n.8.p.209.

Y

YGlesias no sufren comer en ellas, sin necessidad.c.5.n.29. p.598. Ni congregationes y ayuntamiẽtos seglares, sino para obras pias.c.5.n.30.p.99. Ni parlas ni cosas q̃ turbẽ al officio diuino ni peccados.c.5.n.32. p.100. Ni cõpras ni ventas, ni otros contractos prophanos aunque de su y o sean licitos.c.5.n.34.p.101. Ni compras de candelas, aun para las offrecer en ellas.c.5.n.35.p.102. Ni pleitos aun eclesiasticos, sino son spirituales.c.5.n.36.p.102. Aunque si grados de letras.c.5.n.37.p.103. Ni q̃ dentro dellas se tome information por juez seglar sobre la inmunidad del que a ellas se recoge c.5.n.38.p.105. Y por necessidad sufren lo que no sin ella. Y comunmente no es mortal lo que fuera dellas hecho seria solo venial.c.5.n.39.p.105. Y quiẽ entra en ellas sin acatamiẽto pecca.c.5.n.21.p.94. Ni sufrẽ riñas, vozerias, folias, pelas cẽcerros, maxcarados.&c.c.5.n.24.p.95. Ni canto, ni bayle seglar, ni trigo.c.18.n.75.p.369. Y pocos son los q̃ oy ẽ ellas no peccan.c.5.n.35.p.100.

Fin del Reportorio.

LAVS DEO.

Eu emprimi esta obra: Joam de Barreyra

64 Ultima pagina do *Commento* de Martin de Azpilcueta Navarro, com a assignatura autographa do impressor, João de Barreira

Last page of the *Commento* of Martin de Azpilcueta Navarro, with the autograph signature of the printer, João de Barreira

Coimbra, 1545

nossa terra no principio d'este seculo, e ás quaes assistimos muitas vezes.

Navarro queria que se estivesse com respeito e humildade na casa de Deus, e que o exemplo viesse de cima; mas o que via, irritava o austero canonista, e n'uma critica aspera censurava a postura do publico,

"Mayormẽte a algũos hidalgos y galanes, q̃ por gẽtileza hincã ſendas rodillas hazia ellaltar, y ſendas piernas eſtiendẽ hazia vn lado, como para tirar coces o hazer mueſtra dellas, tã poco pẽſando, quan mucho mal acatan a ſu Dios, boluiẽdo las caras adõde ſeles ãtoja, eſgrimiẽdo con los ojos, y peynãdo ſe las cabeças y barbas con las manos" (*Commento*, p. 81).

As palavras de Navarro são como um pequeno quadro, no qual se vêem pintadas as attitudes dos fidalgos e dos estudantes. Mas devemos pensar que n'essa epocha, os fidalgos estavam influenciados pelo Renascimento e pelas conquistas, e que, fóra das aulas, os estudantes da cidade á beira do Mondego pensavam em folgar e namorar.

scenes at which we were present in our country, at the beginning of this century.

Navarro desired people to be reverent and humble in God's house, and thought that those of high rank should set an example; but what he saw irritated the canonist and he gave vent to his feelings in a biting criticism of the public attitude:

"Mayormẽte a algũos hidalgos y galanes, q̃ por gẽtileza hincã ſendas rodillas hazia ellaltar, y ſendas piernas eſtiendẽ hazia vn lado, como para tirar coces o hazer mueſtra dellas, tã poco pẽſando, quan mucho mal acatan a ſu Dios, boluiẽdo las caras adõde ſeles ãtoja, eſgrimiẽdo con los ojos, y peynãdo ſe las cabeças y barbas con las manos" (*Commento*, p. 81).

Navarro's words present what was doubtless a truthful picture, in which the behaviour of the nobles and students is well depicted. But we must remember that, at that time, the nobles were under the influence of the Renaissance and the conquests, and that when out of their classrooms, the students of Coimbra were filled with thoughts of amusement and love-making.

¶ Norte de cõfessores compuesto por el doctor de Môçon predicador del rey nuestro señor: adõdese tratan las partes que han de tener los Sacerdotes q̃ confiessan: y declara se la orden q̃ han de guardar en sus confessiones: y la manera que ternã en determinar los casos y dubdas que alli se offrescen. Es obra mui prouechosa para todo genero de personas / principalmente para los que tienen cargo de confessar.
Y esta aprouada por muy excelẽtes perlados y doctos varones.
Fue vista por la sancta inquisicion.

65 Folha do rosto do *Norte de cõfessores* de Francisco de Monçon
Title-page of the *Norte de cõfessores* of Francisco de Monçon
Lisboa, 1546

61 FRANCISCO DE MONÇON, NORTE DE CÕFESSORES.
Lisboa, Luiz Rodrigues, 1546.

Norte de cõfeſſores com⸗ | pueſto por el doctor de Mõçon pre | dicador del rey nueſtro ſeñor: adõ⸗ | de ſe tratan las partes que han de | tener los Sacerdotes q̃ confieſſan: | y declara ſe la orden q̃ han de guar | dar en ſus confeſſiones: y la manera | que ternã en determinar los caſos | y dubdas que alli ſe offreſcen. Es | obra mui proueehoſa para todo | genero de perſonas/ princi⸗ | palmente para los que tie⸗ | nen cargo de confeſſar. | Y eſta aprouada por | muy excelẽtes per | lados y doctos | varones. | Fue viſta por la ſancta inquiſicion.

Titulo enquadrado por tarjas[1].

[fl. 1 vo.]

Escudo das Armas Reaes com o grypho no timbre; por cima a legenda[2]: Domine mihi adjutor.

[fl. 2] Prologo endereçado al mui | alto y muy poderoſo Rey nueſtro ſe⸗ | ñor don Iuan tercero deſte nom⸗ | bre/ por el doctor de Monçon | ſu predicador y capellan. ꝛc. [...]

[fl. 4 vo.] Inſtrucion breue delas partes que | ha de tener vn confeſſor ydoneo y | delos auiſos que ha de tener | para bien confeſſar. [...]

[fl. 74 vo.] [...] FINIS.

[fl. 75] A loor de dios y | dela glorioſa Virgen nueſtra ſeñora | ſe acabo de imprimir el libro llama | do norte de confeſſores/ com⸗ | pueſto por el doctor de Mõ | çon: fue viſto y aproua⸗ | do por los deputados | dela ſancta inquiſi⸗ | cion. Imprimioſ | ſe en caſa ꝺ Lu | is rodriguez | librero del | rey noſſo | ſeñor y | eſcu⸗ | de⸗ | ro de ſu caſa. Acaboſſe a | los doze dias del mes | de Mayo: de mil ꝛ | quiniẽtos y qua | renta y ſeis años.

[fl. 75 vo.]

O grypho com a legenda SALVS VITE, *enquadrado por tarjas*[3].

8º—[75] folhas—26 linhas—caractéres gothicos—notas marginaes em caractéres redondos—sem titulos correntes nem reclamos.

Numeração dos cadernos: A–H, 8 folhas cada caderno; I, 11 folhas; total de 75 folhas.

Encadernação de carneira.

8vo.—[75] leaves—26 lines—Gothic type—marginal notes in Roman type—no headlines nor catchwords.

Collation by signatures: A–H, each 8 leaves; I, 11 leaves; total 75 leaves.

Sheepskin binding.

[1] *Title within a woodcut border.*
[2] *Royal Arms with the griffin crest; above is the legend:*
[3] *The griffin with the legend* SALVS VITE, *within a woodcut border.*

Domine mihi adjutor.

66 Gravura do *Norte de cõfessores* de Francisco de Monçon
Woodcut from the *Norte de cõfessores* of Francisco de Monçon
Lisboa, 1546

67 Marca de Luiz Rodrigues do *Norte de cõfessores* de Francisco de Monçon
Luiz Rodrigues' device from the *Norte de cõfessores* of Francisco de Monçon
Lisboa, 1546

A loor de dios y
dela gloriosa Virgen nuestra señora
se acabo de imprimir el libro llama
do norte de confessores / com=
puesto por el doctor de Mõ
çon: fue visto y aproua=
do por los deputados
dela sancta inquisi.
cion. Imprimiose
se en casa d Lu
is rodriguez
librero del
rey nosso
señor y
escu.
de.
ro de su casa. Acabosse a
los doze dias del mes
de Mayo: de mil z
quiniẽtos y qua
renta y seis
años.
✠✠✠✠
✠✠
✠

68 Colophon do *Norte de cõfessores* de Francisco de Monçon
Colophon of the *Norte de cõfessores* of Francisco de Monçon
Lisboa, 1546

O *Norte de cõfeſſores*, composto pelo Doutor Francisco de Monçon, "predicador del rey nueſtro ſeñor," foi impresso por Luiz Rodrigues em 1546. Na folha do rosto temos a explicação do intuito da obra, pois lê-se que é um livro

"adõde ſe tratan las partes que han de tener los Sacerdotes q̃ confieſſan: y declara ſe la orden q̃ han de guardar en ſus confeſſiones: y la manera que ternã en determinar los caſos y dubdas que alli ſe offreſcen."

No *Prologo*, em que dedica o seu trabalho a D. João III, Monçon declara os motivos que o leváram a publicar o seu manual.

No colophon, Luiz Rodrigues intitula-se "librero del rey noſſo ſeñor y eſcudero de ſu caſa." Esse ultimo titulo não é mencionado por Tito de Noronha (ver *A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, p. 28), e ignoramos quando é que lhe foi concedido. Segundo a carta regia de D. Manuel de 1508 (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 396–397), os impressores tinham as honras e privilegios de "caualleiros de noſa caſa"; mas o titulo de escudeiro, só o teve Valentim Fernandes, que foi escudeiro da Rainha D. Leonor. Nas obras que possuimos estampadas por Rodrigues, esta é a unica em que elle se serviu d'esse titulo.

Referem-se, entre outros, ao *Norte de cõfeſſores*: Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 253, e *A Litteratura hespanhola em Portugal*, pp. 334–335), Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, t. V, p. 236), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 1048) que nos dão uma descripção minuciosa do livro, do qual conhecem os seguintes exemplares: um na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e dois na Bibliotheca de Evora. O nosso exemplar está completo e muito bem conservado.

The *Norte de cõfeſſores* of Doctor Francisco de Monçon, "predicador del rey nueſtro ſeñor," was printed by Luiz Rodrigues in 1546. The object of the work is explained on the title-page, where it is described as a book

"adõde ſe tratan las partes que han de tener los Sacerdotes q̃ confieſſan: y declara ſe la orden q̃ han de guardar en ſus confeſſiones: y la manera que ternã en determinar los caſos y dubdas que alli ſe offreſcen."

Monçon states his reasons for publishing the *Norte de cõfeſſores* in the *Prologo*, dedicating the manual to D. João III.

In the colophon, Luiz Rodrigues entitles himself "librero del rey noſſo ſeñor y eſcudero de ſu caſa." The last part of this title is not mentioned by Tito de Noronha (see *A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, p. 28), and we do not know when it was conferred upon him. According to the letters-patent issued by Dom Manuel in 1508 (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 396–397), printers might enjoy the same honours and privileges as "knights of our household"; but the only printer to have the title of *escudeiro* was Valentim Fernandes, who was esquire to Queen Leonor. Rodrigues does not use the title in any other work from his press in our Library.

Among those who refer to the *Norte de cõfeſſores* are: Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 253, and *A Litteratura hespanhola em Portugal*, pp. 334–335), Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. V, p. 236), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 1048) who give a detailed description of the book, enumerating the following copies: one in the Lisbon National Library and two in the Evora Library. Our own copy is complete and very well preserved.

RELECTIO
ſiue iterata prælectio NON MODO TE
nebroſi: ſed & tenebricoſi.c. Accepta.
de reſtit. ſpoliat.cōpoſita & pronũciata
corã frequentiſſimo, eruditiſſimo, ac lõge
illuſtri auditorio, in inclyta Luſitaniæ
Conĩbricenſi Academia, per Martinũ
ab Azpilcueta iureconſultũ Nauarrũ,
nunc eius in ſacra facultate canonũ
primariæ functionis gymnaſtã,
qui ante nouem annos fuerat
eiuſdem functionis in
præclariſſima Sal
manticenſi.

Contenta in ea verſa pagella indicat.

M. D. XLVII.

69 Folha do rosto da *Relectio c. Accepta* de Martin de Azpilcueta Navarro
Title-page of the *Relectio c. Accepta* of Martin de Azpilcueta Navarro
Coimbra, 1547

62 MARTIN DE AZPILCUETA NAVARRO, RELECTIO C. ACCEPTA. DE RESTIT. SPOLIAT.

Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1547.

RELECTIO | ſiue iterata præle- | *CTIO NON MODO TE* | *nebroſi: ſed & tenebricoſi. c. Accepta.* | *de reſtit. ſpoliat. cõpoſita & pronũciata* | *corã frequentiſſimo, eruditiſſimo, ac lõge* | *illuſtri auditorio, in inclyta Luſitaniæ* | *Conĩbricenſi Academia, per Martinũ* | *ab Azpilcueta iureconſultũ Nauarrũ,* | *nunc eius in ſacra facultate canonũ* | *primariæ functionis gymnaſtã,* | *qui ante nouem annos fuerat* | *eiuſdem functionis in* | *præclariſſima Sal* | *manticenſi.* | Contenta in ea verſa pagella indicat. | M. D. XLVII.

[fl. 1 vo.] *HAEC RELECTIO* | tota eſt in verſanda ſæpe, ac multis modis huius | cap. Cõi ἀγαμεφαλαί ωση ſiue ſũmaria cõclõne. [...]

[fl. 2] REVEREN- | *DISSIMO PRAESVLI* | *Conimbricenſi, Domino D. Iohãni* | *Soarez comiti longe illuſtri* | *Arganilo, Martinus ab* | *Azpilcueta iurecon-* | *ſultus Nauarrus.* | *S.D.P.* [...]

[fl. 5] Ad auditores Co | *nimbricæ. 9. annis ſupioribus habitos.* [...]

[fl. 6 vo.] Dilecto filio Mar | *tino de Azpilcueta decretorum Do* | *ctori Primariam Cathedram iuris* | *Canonici in uniuerſitate ſtudij Co-* | *limbricen. actu regenti.* | *PAVLVS* | *PP.* *III.* [...]

p. 1. Praefatio. [...]

p. 4. [...] *PROPOSITIO* | dicendorum. [...]

p. 5. [...] *DIVISIO ET CASVS.* [...]

p. 6. [...] SVMMARIA. [...]

p. 12. [...] Cõfirmatio quae | *ſola duo de decem fundamentis* | *ſatis firma pro præſidio* | *concluſionis ſummariæ,* | *& ſcopi diſputa* | *tionis deligit.* [...]

p. 23. [...] Oppoſitio prĩa | *cum aliis. 9. confutanda.* [...]

p. 257 [aliás 259]. [...] *Dixi.* | τῷ θὲῳ Δόξα καὶ χὰριτες. | *PAX VOBIS,* | *ei gratia. Amen.*

p. 258 [aliás 260]. Ornatiſſimo, cla | *RISSIMOQVE VIRO* | AC DOMINO D. HENRRICO A CVEVA | *Martinus Salbador ab* | *Azpilcueta.* | *S.D.* [...]

p. 261 [aliás 263]. Index locuples [...]

p. 273 [aliás 275]. [...] τέλος καὶ τῷ θεῳ Δόξα. | *Errata,* [...]

p. 274 [aliás 276].
Approvação de Fr. Martin de Ledesma[1].
| In ĩclyta Conim | BRICA IOHANNES BARRERIVS | ET IOH. ALVAREZ, REGII | *Typographi excudebant,* | Anno a CHRISTo nato | M. D. XLVII. | Idus Septẽbres.

[1] *Approbation of Frei Martin de Ledesma.*

8º—[8] folhas, 274 (aliás 276) paginas—21 linhas—caractéres italicos—indice em caractéres redondos.

Numeração dos cadernos: ?, 8 folhas; a–d, 8 folhas cada caderno; E–F, 8 folhas cada caderno; g–r, 8 folhas cada caderno; s, 2 folhas; total de 146 folhas. As folhas b 4, c 2 e r 4 não teem assignaturas; c 4 tem assignatura errada c iij, d 4 tem d iij, E tem D, E 3 tem D iij, q 4 tem q iij.

São poucos os bibliographos que mencionam esta obra de Azpilcueta Navarro: Sousa Viterbo (*A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 211) faz-lhe uma curta referencia, e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 247) dão-nos uma descripção detalhada do livro, e indicam-nos a existencia dos seguintes exemplares: Bibliotheca Nacional de Lisboa, Ajuda, Evora (2 ex.). A edição do *Relectio c. Accepta*, impressa em Coimbra por João de Barreira e João Alvares em 1547, é pouco conhecida, sendo interessante de notar que—póde dizer-se—todas as lettras capitaes usadas por Barreira e Alvares n'esta producção, fazem parte dos "caratules de letras" que Luiz Rodrigues trouxe de Paris, o que vem confirmar a opinião de Sousa Viterbo (que transcrevêmos nas nossas notas sobre o *Commento en Romance* de Navarro) ácerca do material empregado pelos dois impressores da Universidade.

Arigita y Lasa (*El Doctor Navarro Don Martin de Azpilcueta y sus obras*, pp. 194–195) explica-nos as origens d'este estudo do celebre professor, e as bases de que se serviu para as conferencias que realizou em Coimbra sobre o capitulo *Accepta de restitutione spoliatorum*, que, depois, Navarro mandou imprimir n'um livro dedicado a D. João Soares, Bispo de Coimbra. Mas Arigita y Lasa fez algumas confusões nas datas, pois não só diz que as conferencias do Dr Azpilcueta tiveram logar em 1548, mas accrescenta não conhecer outra impressão deste trabalho de Navarro alem da que foi estampada em 1585, em Roma, na edição

8vo.—[8] leaves, 274 (alias 276) pages—21 lines—italics—index in Roman type.

Collation by signatures: ?, 8 leaves; a–d, each 8 leaves; E–F, each 8 leaves; g–r, each 8 leaves; s, 2 leaves; total 146 leaves. Leaves b 4, c 2 and r 4 have no signature marks; c 4 is wrongly marked c iij, d 4 is d iij, E is D, E 3 is D iij, q 4 is q iij.

Few bibliographers mention this work by Azpilcueta Navarro: Sousa Viterbo (*A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 211) makes a brief reference to it, while Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 247) give a detailed description of the book, and indicate the following copies: Lisbon National Library, Ajuda, and Evora (2 copies). It is interesting to note that all the initials used by Barreira and Alvares in the edition of the *Relectio c. Accepta*, printed by them in Coimbra in 1547, may be said to be part of the letters brought by Luiz Rodrigues from Paris; a fact which confirms Sousa Viterbo's remarks (transcribed in our notes on Navarro's *Commento en Romance*) about the material used by the two printers to the University.

Arigita y Lasa (*El Doctor Navarro Don Martin de Azpilcueta y sus obras*, pp. 194–195) explains the reasons which led to Navarro's lectures in Coimbra on the chapter *Accepta de restitutione spoliatorum*—lectures which he afterwards had printed, in a book dedicated to Dom João Soares, Bishop of Coimbra. Navarro's biographer makes a slight mistake in the dates however, since he says that the lectures took place in 1548 and that as far as he knows they were printed for the first time in 1585, in Rome, in the general edition of Navarro's works. The repro-

geral das suas obras. As reproducções que publicamos da folha de rosto e do colophon provam que o biographo do illustre canonista se enganou, visto não ter conhecido a edição de Coimbra de 1547, edição que Palau y Dulcet tambem não menciona no seu *Manual del Librero Hispano-Americano.*

ductions we give of the title-page and colophon prove that Arigita y Lasa's statement was inaccurate, because he was unaware of the existence of the Coimbra edition of 1547, an edition which is not mentioned by Palau y Dulcet in his *Manual del Librero Hispano-Americano.*

274 INDEX

NIhil aduersum religioni CHRIstianæ inesse huic relectioni, iudicauit uir eruditissimus, idēq; doctor sacræ Theologiæ lōge insignis, & gymnasta celebris in Academia Conimbricensi, frater Martinus a Ledesma, cui ea res mādata fuit a longe illustrissimo Infante, eodemq; sacrosanctæ Rhom. ecclesiæ Cardinali excellētissimo. D. Henrrico, causarum fidei CHRIstianæ in omnibus regnis fratris sui, & domini nostri regis quæsitori summo & optimo.

In īclyta Conim
BRICA IOHANNES BARRERIVS
ET IOH. ALVAREZ, REGII
Typographi excudebant,
Anno a CHRISTo nato
M. D. XLVII.
Idus Septēbres.

70 Ultima pagina da *Relectio c. Accepta* de Martin de Azpilcueta Navarro
Last page of the *Relectio c. Accepta* of Martin de Azpilcueta Navarro
Coimbra, 1547

71 Folha do rosto da *Regra de S. Thiago*
Title-page of the *Regra de S. Thiago*
Lisboa, 1548

63 REEGRA E STATUTOS: DA ORDEM DE SANTIAGO.
Lisboa, Germão Galharde, 1548.

REegra ⁊ | ſtatutos: | da ordem de San | tiago.
Titulo enquadrado por uma portada quasi perfeitamente egual á da primeira edição dos Lusiadas. *Ao meio da parte inferior uma espada, emblema da Ordem de S. Thiago*[1].

[fl. 2]
Brasão de D. Jorge de Lancastre, Duque de Coimbra[2].

[fl. 3] Prologo do meſtre. [...]

[fl. 4 vo.]
Gravura que representa o Apostolo S. Thiago combatendo os Mouros; por baixo[3]:
Aſſy apareceo ho bem auenturado apoſtollo | Santiago patram Deſpanha a el rey Ramiro: | com veſtidura ⁊ bandeyra branca / em cauallo da | meſma cor: donde ouue começo chamar ſe por el- | le nas batalhas ſegundo diz ho dito rey na doaçã | dos votos que lhe fez.

fl. j. Começaſe ho prologo | da regra de Santiago. [...]

fl. iij vo. Eſta he a regra. [...]

[fl. xxxvj] Dos dizimos de que fa | la a regra [...]

fl. xxxv [aliás xxxvij]. Tauoada da regra: ⁊ ou | tras couſas. [...]

[fl. 1 vo.]
Gravura do Apostolo S. Thiago deitado n'um barco sobre rodas[4].

fl. j. Em nome de Deos: co | meçanſe os eſtatutos que fez ho me- | ſtre dom Iorge filho delrey dom | Ioam ho ſegundo. [...]

[fl. 1 vo.] Tauoada dos | eſtatutos. [...]

[fl. 3 vo.] [...] Fin.

[fl. 4] Foy impreſſa eſta copilaçam per | Germão galharde frances. | Na muy nobre ⁊ ſempre | leal cidade de Lix- | boa: aos quinze- | dias do mes | de Iu | nho. | de. M.D.xlviij. | Enmendas dalgũs vicios da | imprenſam. [...]
A collação completa d'esta obra encontra-se na descripção da Reegra *de* 1542 (*ver pp.* 127–128). *Esta edição tem as seguintes variantes*[5]:

[1] *Title within a border almost exactly the same as the one in the first edition of the* Lusiadas. *In the centre at the bottom is the sword, the emblem of the Order of St James.*
[2] *Arms of Dom Jorge de Lancastre, Duke of Coimbra.*
[3] *Woodcut of St James the Apostle fighting against the Moors; below:*
[4] *Woodcut of St James the Apostle reclining in a boat on wheels.*
[5] *For a more complete description of this book, see the collation of the* 1542 Reegra (*pp.* 127–128). *This edition has the following variants:*

Regra: fl. xiiij, penitencia; fl. xviij vo. fundaçam da ordẽ; fl. xxvj, Confessio- nayro; fl. xxx.iij, indulgẽcias; fl. xxxiiij, dispensa- | ções. *Statutos:* [fl. xxxvij vo.] psalmos...ficam; [fl. 1] *em vez de*[1] fl. xxxix.

4º—[4], xxxv (aliás xxxvij), [1], xxxviij, [4] folhas—27 linhas—caractéres gothicos—sem titu- los correntes nem reclamos—as gravuras são as mesmas da *Reegra* de 1542.

Numeração dos cadernos: 4 folhas sem paginação nem assignaturas; a–d, 8 folhas cada caderno; e, 6 folhas; A–D, 8 folhas cada caderno; E, 10 folhas; total de 84 folhas; a folha b 2 tem as- signatura errada c ij.

Encadernação de vitella.

4to.—[4], xxxv (alias xxxvij), [1], xxxviij, [4] leaves—27 lines—Gothic letter—no head- lines nor catchwords—the woodcuts are the same as those in the *Reegra* of 1542.

Collation by signatures: 4 unnumbered leaves with- out signature marks; a–d, each 8 leaves; e, 6 leaves; A–D, each 8 leaves; E, 10 leaves; total 84 leaves; leaf b 2 is wrongly marked c ij.

Bound in calf.

A *REegra z ſtatutos: da ordem de Santiago*, impressa por Germão Galharde em 1548, póde dizer-se que é—salvo algumas variantes na orthographia e certas modificações no texto—simplesmente uma reedição da de 1542; as gravuras são as mesmas, com uma excepção—muito im- portante—a da portada da folha do rosto. Essa portada tem um profundo interesse porque veiu a ser—o que a tornou famosa—a da primeira edição dos *Lusiadas* em 1572:

"A portada dos *Lusiadas*, mas em estado mais opulento do que a apresentada em geral, fôra mandada fazer em 1548 por Germão Galharde para uma obra que ia editar de novo: a *Regra z | Statutos: | da Ordem de San | tiago*.... É nela que, relativamente bem traçada e completa, se en- contra pela primeira vez a portada dos *Lusiadas* com o pelicano virado para a esquerda. Na coroa de louros ha o emblema da Ordem: a espada com os dois braços da cruz terminados em flor de lis. No espelho, alêm do título repartido em quatro linhas (a inicial *R* ornamentada) uma quina de florzitas espalhadas, sendo tres, folhas de hera, e duas, plantas de beterraba" (D. Caro- lina Michaëlis de Vasconcellos, *Autos Portu- gueses de Gil Vicente e da Escola Vicentina*, pp. 72–73, ver tambem p. 69).

The *REegra z ſtatutos: da ordem de Santiago*, printed by Germão Galharde in 1548, may be said to be a re-impression of the 1542 edition, with some variations in the spelling and a few alterations in the text. The woodcuts are the same, with one important exception—the border on the title- page, which has become famous through its use in the first edition of the *Lusiadas*, in 1572.

"The border of the *Lusiadas*, in a richer form than the one generally used, was made by order of Germão Galharde in 1548 for a work he was re-publishing: the *Regra z | Statutos: | da Ordem de San | tiago*.... It is there that the border of the *Lusiadas* with the pelican turning to the left is encountered, relatively well drawn and complete, for the first time. Encircled by the crown of laurels is the emblem of the Order: the sword with the two arms of the cross-guard ending in a fleur-de-lys. Within the border, besides the four- line title (with an ornamental initial *R*) are five small leaf designs, three being ivy leaves and two beetroot plants" (Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Autos Portugueses de Gil Vicente e da Escola Vicentina*, pp. 72–73, also see p. 69).

[1] *Instead of:*

Ácerca do pelicano que se vê na portada, D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*ob. cit.* p. 74, nota 3) suggere que talvez fôsse lembrança do Grão Mestre da Ordem, em homenagem á memoria d'El-Rei seu pae. Comtudo, tambem é possivel que, tratando-se da *Regra* de S. Thiago, Galharde tenha querido, em signal de respeito por D. Jorge, incluir o pelicano, divisa de João II (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 62–63). Nas edições da *Regra* de S. Thiago de 1542 e 1548 vêmos o pelicano no timbre das Armas do Senhor D. Jorge, que, provavelmente, fôram mandadas gravar por Galharde. Por consequencia, é possivel que o impressor, quando mandou fazer a portada para a edição de 1548, junctasse o pelicano, como na parte inferior poz o emblema da Ordem. A sua portada é, certamente, um dos principaes merecimentos d'esta edição, á qual se referem, entre outros: Innocencio (*Diccionario*, vol. VII, p. 62), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 481), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 635) que nos indicam a existencia dos seguintes exemplares: Bibliotheca Nacional de Lisboa (3 ex.) e Ajuda: a essa lista ha a accrescentar os dois exemplares do Museu Britannico, e o nosso, completo e perfeito.

With regard to the pelican in the border, Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*op. cit.* p. 74, note 3) suggests that it may have been put in by the Grand Master of the Order, in homage to the memory of the King, his father. It is also possible, however, that Galharde may have wished to include Dom João II's device, as a tribute to the Grand Master, Dom Jorge (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 62–63). In the 1542 and 1548 editions of the *Regra* of St James, the pelican appears in the crest of Dom Jorge's coat of arms, which was probably engraved by order of Germão Galharde. It is, therefore, probable that, when he had the border engraved for the 1548 edition, Galharde stipulated that the pelican should be placed at the top and the emblem of the Order at the bottom. The border on its title-page is certainly one of the most interesting features of this edition. Among those who mention the book are Innocencio (*Diccionario*, vol. VII, p. 62), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 481), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 635) who indicate the following copies: Lisbon National Library (3 copies), and Ajuda; to this list must be added the two copies in the British Museum, and our own, which is complete and perfect.

¶ Foy impressa esta copilaçam per
Germão galharde frances.
Na muy nobre e sempre
leal cidade de Lix-
boa: aos quinze
dias do mes
de Ju
nho.
de.M.D.xlviij.

72 Colophon da *Regra de S. Thiago*
Colophon of the *Regra de S. Thiago*
Lisboa, 1548

PROLOGO FO. I

PROLOGO DA SEGVINTE MEDITACAM.
Em que se declara a maneyra como ha de ser lida pera ser bem entendida.

ENTRE TODOS OS Immensos muytos & muy altos beneficios q̃ de deos & de sua ĩfinita bondade temos recebido o q̃ mais sobre todos tem espantada & marauilhada minha alma he a muy terribel payxam: & a muy Cruel & Fera morte que tomou por nos dar a nos a vida. Por q̃ criarnos deos a sua imagem & semelhãca ainda q̃ seia beneficio de tanta excelencia. Poré como deos seia sumo & infinito bem: Quo maius excogitari non potest: como diz scẽto Anselmo. Et omne bonum de se ipso est diffusiuũ: segũdo sam Dionisio pera vsar da propria condicam de sua natureza diuina: auiase d cõmunicar a algũas criaturas q̃ fossẽ delle mesmo capazes/& por isso quis sua omnipotencia criar a racional criatura: como diz o Mestre

A

73 A primeira pagina da *Meditacam* de
Fr. Antonio de Portalegre
The first page of the *Meditacam* of
Fr. Antonio de Portalegre
Coimbra, 1548

Mas amor y sus porfias
despachan otro correo
mandan al fuerte desseo
que corra noches y dias

y si las lagrimas mias
vieren tardar su venida
an de despachar la vida,
Fin.

CONTINET IN PRAESEPIO COELVM TERAM QVE REGEN TEM VIRGO DEI GENITRIX.

74 A ultima pagina da *Meditacam* de
Fr. Antonio de Portalegre
The last page of the *Meditacam* of
Fr. Antonio de Portalegre
Coimbra, 1548

64 FR. ANTONIO DE PORTALEGRE, MEDITAÇAM DA SACRATISSIMA MORTE E PAYXÃ DE NOSSO SEÑOR.
Coimbra, [João de Barreira e João Alvares], 1548.

Meditacãm da inocẽtissima morte e payxãm de nosso Senhor em estilo metrificado. Segunda vez impressa e emmẽdada.
O titulo é copiado de Anselmo e Proença (Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI, nº 250) *por faltar a folha do rosto no nosso exemplar*[1].

fl. I. PROLOGO DA SEGVINTE MEDITACAM [*sic*]. | Em que se declara a maneyra como ha de ser lida | pera ser bem entendida. [...]
fl. IIII. MEDITACAM DA SACRATISSI | ma morte & payxã de nosso Señor: em | estilo metrificado. Composta per hũ | pobre frade de sam Frãcisco: da pro | uincia da piedade. Dirigida & dedica- | da ao altissimo & diuinissimo principe | Iesu Christo, Senhor & emperador, Cri | ador, da redõdeza, Redẽptor da geracã | humana. E a muyto alta & muyto es- | clarecida Princesa, Raynha & ẽperatriz | dos ceos & da terra: a gloriosissima vir | gẽ Maria nossa Señora. Que po | ys ãbos por su misericordia | ho deram: ambos por | ella mesma ho | Recebam. | INTRODVCAM DA MESMA MEDITACã.
fl. VIII vo. [...] COMECA O PRIMEIRO PARAPHO DA ME | ditacam [...]
fl. CLXII vo. [...] AMEN. | DEO GRACIAS.
fl. CLXIII. AVISO ESPIRITVAL EM QVE | Se diz como se hã de aꝓueitar | desta meditacã os principiã | tes & nouos meditadores. [...]
fl. CLXIIII vo. [...] AMEN.
fl. CLXV. FOY VISTO E APROVADO ESTE PRE | sente liuro per o Doutor mestre Payo: por comi | ssam & mandado do Cardeal Infante in | quisidor mor destes reynos Pola qual | o mesmo Doutor mandou | que se empre | messe. | FOY EMPRESSA A PRESENTE OBRA | em a muy nobre & sempre leal Cidade | de Coimbra. Acabousse a Quinze | Dias do Mes de Dezembro | Año de nosso Saluador | Iesu Cristo de. | M. D. XL. VIII.
fl. CLXV vo.
Explicação sobre as peças finaes que seguem[2].
[fl. 1] TROVAS QVE FEZ O AVTOR PERA | Hũs passos da payxam que ordenou de fazer | pregando a mesma payxam. [...]

[1] *The title is copied from Anselmo and Proença* (Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI, no. 250), *because the title-page is missing in our copy.*
[2] *Explanation about the final pieces, which follow.*

[fl. 3] ROMANCE ESPIRITVAL DA | via vnitiua em castelhano [...]

[fl. 4 vo.] [...] VILANCETE FEY | to ao virginal parto d̃ no | ssa señora. Vindo muyto | ẽfadado polas serras | do Algarue [...]

[fl. 6] [...] VILANCETE E TROVAS QVE FEZ | Ho autor indo caminhando depois do dia da ascẽ | sam de Iesu Xp̃o pera passar ho enfadamento do | caminho: & vam em nome da sacratissima virgem | nossa senhora queyxandosse da mortal saudade | que padecia pola ausencia do seu vnigenito filho | depois que se apartou dela em sua ascencã gloriosa.

[fl. 7 vo.] [...] Fin.

Gravura que representa o Menino Jesus no presepio, com a legenda em volta[1]:

CONTINET | IN PRAESEPIO COELVM TERAM | QVE REGEN | TEM VIRGO DEI GENITRIX.

8º—[1], CLXV, [7] folhas—2 columnas nas peças finaes—24 linhas—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: Uma folha (que falta n'este exemplar); A–X, 8 folhas cada caderno; Y, 4 folhas; total de 173 folhas.

Encadernação de marroquim.

8vo.—[1], CLXV, [7] leaves—final pieces in double columns—24 lines—no catchwords.

Collation by signatures: One leaf (which is missing in this copy); A–X, each 8 leaves; Y, 4 leaves; total 173 leaves.

Bound in morocco.

A *Meditacam* (*sic*) *da sacratissima morte & payxã de nosso Señor*, composta "per hũ pobre frade de sam Frãcisco: da prouincia da piedade," foi impressa pela primeira vez em Coimbra por João de Barreira e João Alvares em 1547, e novamente estampada, na mesma cidade, mas sem o nome do impressor, no anno seguinte. Tanto Innocencio (*Diccionario*, vol. I, pp. 239–241) como Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, pp. 464–465) mencionam sómente a edição de 1547 (ver Anselmo e Proença, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 249), e citam um unico exemplar, o da Bibliotheca do Porto: existe tambem um fragmento no Museu Britannico. Da impressão de 1548, que Anselmo e Proença, pelo exame dos caractéres typographicos, não tiveram duvida em attribuir a João de Barreira e João Alvares, só é conhecido um exemplar em Portugal—o da Bibliotheca de Ajuda que

The *Meditacam* (*sic*) *da sacratissima morte & payxã de nosso Señor*, composed in verse "by a poor brother of St Francis of the Provincia da Piedade," was printed for the first time in Coimbra by João de Barreira and João Alvares in 1547, and again anonymously in the same city the following year. Both Innocencio (*Diccionario*, vol. I, pp. 239–241) and Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, pp. 464–465) refer solely to the 1547 edition (see Anselmo and Proença, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 249), of which they cite only the copy in the Oporto Library. There is also a fragment of the 1547 edition in the British Museum. Having studied its type, Anselmo and Proença have no hesitation in attributing the 1548 edition to João de Barreira and João Alvares. The only copy of this edition in Portugal is the mutilated one in the Ajuda

[1] *Woodcut of the Infant Jesus in the stable, with the surrounding legend:*

está mutilado (ver *ob. cit.* nº 250)—visto que o exemplar da Bibliotheca Palha (nº 792 do *Catalogo*), que julgamos completo, se encontra hoje na Bibliotheca da Universidade de Harvard. Quanto ao nosso exemplar, falta-lhe a folha do rosto; de resto, está admiravelmente conservado.

Apezar do "pobre frade de ſam Frãciſco" ter querido por humildade conservar-se anonymo, sabemos que o auctor da *Meditacam* foi Fr. Antonio de Portalegre, que deve ter gozado de grande auctoridade e consideração, visto a primeira edição da sua *Meditacam* ter sido impressa "Aa cuſta do muyto iluſtre ꝛ reuerendo ſenhor dom Bras biſpo de Leyria" (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 490–497). Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. I, p. 360) diz-nos que Fr. Antonio era natural da cidade do seu appelido, e que foi

"digno de eterna memoria pela exacta obſervancia da regra, e innocencia da vida, e madureza de juizo, por cujos dotes de tal ſorte conciliou o affecto del Rey D. Joaõ o III. que naõ ſómente lhe cõmeteo à ſua grande capacidade negocios de ſumma importancia, mas o elegeo por Confeſſor de ſua Filha a Princeſa D. Maria, quando partio a deſpozar-se com Filippe prudente, cujo miniſterio exercitou em quanto ella viveo."

Acompanhou por consequencia a Infanta na sua viagem triumphal de Lisboa a Salamanca, onde o casamento de D. Maria com o futuro Filippe II se realizou a 15 de Novembro de 1543. A Infanta D. Maria era bem nova e a sua curta vida foi pouco feliz, pois falleceu com dezesete annos, em 1545, dando á luz um filho, o celebre D. Carlos. Considerando a confiança que D. João III tinha em Fr. Antonio, é provavel que o bom frade tenha ouvido muitas confidencias da desditosa Princeza Portugueza.

Após a morte de D. Maria, o nosso Franciscano regressou a Portugal; esteve primeiro durante muitos annos no Convento de Valverde, perto de Evora, e depois no de Santo Antonio em Coimbra, onde veiu a fallecer em 1593.

Library (see *op. cit.* no. 250), since the Palha copy (*Catalogue*, no. 792), which we think must be complete, is now in the Harvard University Library. Our own copy lacks the title-page, but is otherwise in a magnificent state of preservation.

Though the "poor brother of St Francis" humbly wished to keep back his name, we know that the author of the *Meditacam* was Frei Antonio de Portalegre, who must have been a person of authority, for the first edition of his *Meditacam* was printed "At the expense of the very eminent and reverend lord Dom Bras, Bishop of Leiria" (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 490–497). Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. I, p. 360) tells us that Frei Antonio was a native of the city from which he took his name, and that he is

"worthy of eternal remembrance because of his exact observance of the rule, the innocence of his life, and the ripeness of his judgment, with which gifts he so gained the affection of Dom João III that the King not only entrusted negotiations of the highest importance to his great skill, but appointed him confessor to his daughter Princess Dona Maria, when she went to marry Philip the prudent, an office which he held as long as she lived."

Frei Antonio thus accompanied the Infanta on her triumphal journey from Lisbon to Salamanca, where her marriage to the future Philip II was solemnised on November 15th, 1543. The Infanta's short life was not of the happiest, and she died in 1545 at the age of seventeen, in giving birth to a son, Don Carlos. As her confessor, it is probable that Frei Antonio was the recipient of many confidences from the unfortunate Portuguese Princess.

After Dona Maria's death, the Franciscan returned to Portugal, and spent many years in the monastery of Valverde near Evora, afterwards going to the convent of Santo Antonio in Coimbra, where he died in 1593.

CŌMENTARIVS

DE REBVS IN INDIA
APVD DIVM GESTIS
ANNO SALVTIS NOSTRAE
M. D. XLVI.

Iacobo Teuio Lusitano Autore.

CONIMBRICAE.
M. D. XLVIII.

75 Folha do rosto do *Cõmentarivs de rebvs in India* de Diogo de Teive
Title-page of the *Cõmentarivs de rebvs in India* of Diogo de Teive
Coimbra, 1548

65 DIOGO DE TEIVE, CÕMENTARIVS DE REBVS IN INDIA APVD DIVM GESTIS.

Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1548.

CÕMENTARIVS | *DE REBVS IN INDIA* | APVD DIVM GESTIS | ANNO SALVTIS NOSTRAE | M. D. XLVI. | *Iacobo Teuio Lusitano Autore.* | *Escudo das Armas Reaes com um grypho no timbre*[1].
CONIMBRICAE. | M.D.XLVIII.

[fl. 2] Inuictissimo Lusitaniæ | ET ALGARBIORVM REGI | IOANNI. III. AFRICO, | *AEthiopico, Arabico, Per- | sico, Indico, Iacobus Te- | uius perpetuam felici | tatem optat.* [...]

[fl. 4] AD EVNDEM INVICTISSIMVM | Regem de hoc cõmentario Georgius | Buchananus. [...]

[fl. 4 vo.] *IOANNIS COSTAE AD* | *Lusitaniam, Carmen.* [...]

p. 1. Commetarius [*sic*] de rebus | *A LVSITANIS IN INDIA* | *apud Dium gestis. Anno salutis nostræ* | M. D XL. VI. | Iacobo Teuio Lusitano Autore. [...]

p. 92. [...] *FINIS.* | CONIMBRICAE. | EXCVDEBANT IOANNES BARRERIVS | & Ioannes Aluarus Typographi Regij. | Anno. M. D. XLVIII.

4º—[4] folhas, 92 paginas—25 linhas—caractéres italicos; dedicatoria em caractéres redondos. *Numeração dos cadernos:* 4 folhas sem paginação nem assignaturas; a–k, 4 folhas cada caderno; l, 6 folhas; total de 50 folhas; as folhas h2 e l2 não teem assignaturas.

Encadernação de marroquim.

4to.—[4] leaves, 92 pages—25 lines—italics; dedication in Roman type. *Collation by signatures:* 4 unnumbered leaves without signature marks; a–k, each 4 leaves; l, 6 leaves; total 50 leaves; leaves h2 and l2 have no signature marks.

Morocco binding.

O *Cõmentarivs de rebvs in India apvd Divm gestis*, a primeira obra de Diogo de Teive impressa em Portugal, foi estampada em Coimbra nos prelos de João de Barreira e João Alvares em 1548. Entre outros, referem-se a este livro: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. I, p. 702), Brunet (*Manuel du Libraire*, t. V, col. 766), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 254) que nos

The *Cõmentarivs de rebvs in India apvd Divm gestis*, the first of Diogo de Teive's works to be published in Portugal, was printed in Coimbra by João de Barreira and João Alvares in 1548. Among those who refer to the book are: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. I, p. 702), Brunet (*Manuel du Libraire*, vol. V, col. 766), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 254) who give a

[1] *Royal Arms of Portugal, with the griffin crest.*

dão uma descripção da obra, e indicam a existencia de exemplares nas seguintes Bibliothecas: Lisboa, Archivo Nacional, Ajuda, Porto, Evora e Universidade de Coimbra. A essa lista devemos accrescentar o exemplar do Museu Britannico, e o nosso, que se encontra completo e admiravelmente conservado.

Diogo de Teive, "o illustre humanista, cuja biographia tão pouco conhecida é" (Antonio Baião, *A Inquisição em Portugal e no Brazil—Archivo Historico Portuguez*, vol. VIII, p. 431), era natural de Braga, ignorando-se a data do seu nascimento. Póde dizer-se que as noticias ácerca dos primeiros e ultimos annos da sua vida são extremamente vagas; mas sabe-se que estudou na Universidade de Paris, onde recebeu o grau de Doutor em Direito Civil. Em 1547 estava, certamente havia já algum tempo, em Bordeus, onde tinha collegas illustres—alguns dos quaes, provavelmente, conhecera em Paris—no Collegio de Guyenne, regido por André de Gouvêa, mestre insigne, de quem Montaigne escreveu nos seus *Essais* que elle era "sans comparaison le plus grand principal de France." Apezar d'esse grande elogio, Montaigne, ou por esquecimento, ou propositadamente, omittiu de dizer que André de Gouvêa era Portuguez. N'essa epocha, havia em França um grupo de professores Portuguezes que honravam o seu paiz, pois, alem de Diogo de Teive, Diogo de Gouvêa e os seus sobrinhos André e Antonio de Gouvêa deixáram um nome illustre. Se André de Gouvêa—que têve em França a curiosa alcunha de *Sinapivorus*, ou *Engoulve-moutarde*, como Rabelais lhe chamou—foi Principal ou Reitor do Collegio de Guyenne em Bordeus, o seu tio Diogo de Gouvêa, *o velho*, alcançou as mais altas honras na Universidade de Paris, onde não sómente recebeu o grau de Doutor de Theologia, "mas ſubio a ſer Reitor da meſma Univerſidade" (Barbosa, *ob. cit.* p. 656). Foi, provavelmente, denominado *o velho* por causa do seu outro sobrinho e homonymo, Diogo de

description of the work, and mention the existence of copies in the following libraries: Lisbon, Archivo Nacional, Ajuda, Oporto, Evora and Coimbra University. To this list must be added the British Museum copy, and our own, which is complete and perfect.

Diogo de Teive, "the celebrated humanist whose biography is so little known" (Antonio Baião, *A Inquisição em Portugal e no Brazil—Archivo Historico Portuguez*, vol. VIII, p. 431), was a native of Braga, the date of his birth being unknown. It may in fact be said that the first and last years of his life are alike shrouded in uncertainty; we know that he studied at the University of Paris, where he graduated as a doctor of civil law. By 1547 he had probably been for some time in Bordeaux, where he had many notable colleagues (some of whom he must have come to know when he was in Paris) at the Collége de Guienne, then under the direction of André de Gouvêa, the famous professor of whom Montaigne said in his *Essais* that he was "sans comparaison le plus grand principal de France." Montaigne either forgot or deliberately omitted to mention, however, that André de Gouvêa was Portuguese. At that period there were in France a group of Portuguese scholars who were an honour to their country; besides Diogo de Teive, there were Diogo de Gouvêa and his nephews André and Antonio de Gouvêa. While André de Gouvêa—who was known in France by the curious nickname of *Sinapivorus*, or *Engoulve-moutarde*, as Rabelais translated it—was the principal or rector of the Collége de Guienne in Bordeaux, his uncle, Diogo de Gouvêa *o velho* (the elder) gained the highest honours at Paris University, where he not only graduated as a Doctor of Theology "but rose to be Rector of the same University" (Barbosa, *op. cit.* p. 656). He was probably called *o velho* to distinguish him from his other nephew Diogo de Gouvêa,

Gouvêa, professor em Coimbra, theologo de D. João III no Concilio de Trento, e finalmente D. Prior Mór de Palmella, onde falleceu "hum ſanto homẽ" (Pedro de Mariz, *Dialogos de Varia Historia*, 1599, *Dialogo* v, fl. 356 v°).

Diogo de Gouvêa, mestre e amigo de Santo Ignacio de Loyola, e que muito contribuiu para a entrada dos Jesuitas em Portugal, foi Principal do celebre Collegio de Sainte Barbe em Paris (ver Guilherme J. C. Henriques, *Buchanan na Inquisição—Archivo Historico Portuguez*, vol. IV, p. 243).

N'essa epocha estudáram alli os tres irmãos André, Marçal e Antonio de Gouvêa; este ultimo foi o que alcançou maior fama no estrangeiro, onde sempre viveu. Antonio de Gouvêa, o restaurador da philosophia de Aristoteles, foi professor em Bordeus e Paris, onde teve logar a sua famosa polemica com Pedro Ramus, cabendo os louros da victoria ao eminente Portuguez. A sua fama como jurisconsulto era tal, que Cujacio confessou ter pensado em abandonar os seus estudos de direito, por julgar que lhe seria impossivel tornar-se conhecido na arte de interpretar as leis depois de Antonio de Gouvêa. O seu irmão Marçal, humanista e distincto poeta latino, foi professor em Poitiers e em Coimbra. Diogo de Teive, egualmente humanista celebre, conheceu os Gouvêas, primeiro em França, e depois, exceptuando Antonio, em Portugal. Viveu certamente com outros professores celebres, taes como os seus collegas Buchanan, e Nicolau de Grouchy (ver as nossas notas sobre a *Hiſtoria da India* de Fernão Lopes de Castanheda, 1551).

Como dissemos, Diogo de Teive estava em Bordeus em 1547; a partir d'esse anno, em que seguiu para Portugal, e até 1555, temos algumas noticias fidedignas a seu respeito, graças ao processo de George Buchanan (Jorge Buquenano ou Bucanano, como foi chamado em Portugal), Diogo de Teive e João da Costa na Inquisição.

who was a professor at Coimbra, theologian to Dom João III at the Council of Trent and finally Prior of Palmella, where he died "a holy man" (Pedro de Mariz, *Dialogos de Varia Historia*, 1599, *Dialogo* v, fl. 356 vo.).

The Diogo de Gouvêa who, as the master and friend of St Ignatius Loyola, had a great deal to do with the coming of the Jesuits to Portugal, became the Principal of the famous Collége de Ste Barbe in Paris (see Guilherme J. C. Henriques, *Buchanan na Inquisição—Archivo Historico Portuguez*, vol. IV, p. 243).

Among the students there during his rectorship were the brothers André, Marçal and Antonio de Gouvêa, of whom the last-named became the most famous of his family outside Portugal. Antonio de Gouvêa, who revived Aristotle's philosophy, never returned to Portugal, but lectured in Bordeaux and Paris, where he had the famous controversy with Pierre de la Ramée, in which he ultimately triumphed. Such was his fame as a jurisconsult, that Cujas confessed that he had thought of giving up his study of the law, because he did not consider it would be possible to win any distinction in it after Antonio de Gouvêa. His brother Marçal, a notable Latin poet and humanist, was professor at Poitiers and at Coimbra. Another notable humanist was Diogo de Teive, who came in contact with the Gouvêas, first in France and afterwards in Portugal, and who certainly had friendly relations with other famous men, such as Buchanan, and Nicolas de Grouchy (see our notes on Fernão Lopes de Castanheda's *Hiſtoria da India*, 1551).

In 1547, Diogo de Teive left Bordeaux for Portugal, and from that year until 1555 there is a certain amount of reliable information about him, since, with João da Costa and George Buchanan (called Jorge Buquenano or Bucanano in Portugal), he was brought before the Inquisition.

"Tinha el-Rei D. João III concebido o projecto de dar nova vida á Universidade de Coimbra, e ordenou a André de Gouvêa que partisse de Bordeos, trazendo na sua companhia um grupo de homens eminentes em Lettras, para leccionarem n'um collegio que o Monarcha desejava fundar. André escolheu para companheiros João da Costa, Buchanan, Diogo de Teive, Nicoláo Gruchio, Guilherme Garantæo e Elias Vineto. As propostas feitas por el-Rei pareciam tão vantajosas, que Buchanan convenceu o irmão Patricio a acompanhal-o. Partiram em março de 1547" (Guilherme J. C. Henriques, *ob. cit.* p. 244).

Ácerca da viagem do nosso humanista, ha no processo uma informação interessante para a historia da imprensa em Portugal.

"Diogo de Teive diz que acompanhou os lentes quando vieram a Portugal; e que foram, primeiramente, a Almeirim, aonde estava a Côrte. Antes d'isso elle, Teive, tinha ido a Pariz por ordem de El-Rei fazer acquisição de material typographico. Na capital da França procurou as melhores matrices que se então podiam ahi achar, e trouxe-as para Coimbra, aonde estavam em serviço" (Guilherme J. C. Henriques, *ob. cit.* p. 254).

É de presumir que as matrizes adquiridas em Paris por Diogo de Teive fôssem destinadas aos prelos do Real Collegio das Artes, ou escholas menores, pois, como veremos, em 1549, o "imprimidor" Francisco Corrêa estampou em Coimbra um livro, no qual se intitulou "Impreſſor do Collegio Real." Alem d'isso, na carta regia de 10 de Setembro de 1555, na qual o Monarcha manda ao Reitor Diogo de Teive que dê posse do Collegio das Artes aos Padres da Companhia de Jesus, o Soberano ordena-lhe egualmente que entregue as lettras e matrizes da imprensa do Collegio ao guarda do Cartorio da Universidade, que era o illustre historiador Fernão Lopes de Castanheda. Não nos parece haver duvida que essas matrizes eram as que Diogo de Teive trouxera de França em 1547.

"King João III had thought of a plan to give new life to Coimbra University, and ordered André de Gouvêa to leave Bordeaux and to bring with him a group of eminent men of letters to lecture in a college which the King wished to found. André chose João da Costa, Buchanan, Diogo de Teive, Nicolas Grouchy, Guilherme Garantæo and Élie Vinet as his companions. The King's proposals seemed so advantageous, that Buchanan persuaded his brother Patrick to accompany him. They left in March, 1547" (Guilherme J. C. Henriques, *op. cit.* p. 244).

The evidence given at the trial before the Inquisition contains a statement which is of interest for the history of printing in Portugal:

"Diogo de Teive said he accompanied the professors when they came to Portugal, and that they went first to Almeirim, where the Court was. Before this, he, Teive, had gone to Paris by order of the King to buy typographical material. He procured the best matrices that could then be found in the capital of France and brought them to Coimbra, where they were in use" (Guilherme J. C. Henriques, *op. cit.* p. 254).

We presume that the matrices brought by Diogo de Teive from Paris were destined for the press which had probably been set up in the Royal College of Arts or the *escholas menores*, for, as we shall see, in 1549 Francisco Corrêa printed a book in Coimbra, in which he entitled himself "Printer to the Royal College." Apart from this, the Royal letter of September 10th, 1555, ordering the Rector Diogo de Teive to hand over the College of Arts to the Jesuits, also stipulates that the letters and matrices from the College press be given to the keeper of the University archives, who at that time was the historian Fernão Lopes de Castanheda. There seems to us no doubt that the matrices referred to were those brought from France by Diogo de Teive in 1547.

O estabelecimento fundado por D. João III, onde mestres eminentes leccionavam, teve um principio auspicioso; comtudo, a boa harmonia durou pouco, e as intrigas, rivalidades e luctas começáram. Logo no primeiro anno, falleceu o Regente do Collegio, o famoso André de Gouvêa. Foi uma grande perda, pois o collegio tinha-se desenvolvido rapidamente, devido á competencia litteraria dos mestres e á protecção do Monarcha.

"Em dezembro de 1548, os alumnos de todas as classes eram pouco menos de mil e duzentos. Porém no anno de 1550 começaram a dar-se acontecimentos que desacreditaram o instituto fundado por André de Gouveia" (Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, t. III, parte I, p. 444).

Em 1549, o Cardeal Infante D. Henrique mandou proceder em Paris a uma inquirição ácerca do comportamento que os mestres do Collegio das Artes tinham tido em França. Como consequencia, no principio d'Agosto, João da Costa, Jorge Buchanan e Diogo de Teive fôram presos; os interrogatorios dos tres reus conteem informações extraordinarias ácerca dos professores do Collegio. Não nos compete examinar aqui esses curiosissimos processos; quem quizer estudar a questão para saber a verdade dos factos, deverá ler o notavel trabalho de Guilherme J. C. Henriques, *Buchanan na Inquisição* (*Archivo Historico Portuguez*, vol. IV, pp. 241-281). Tendo examinado os documentos do processo, este auctor escreve imparcialmente e com inteira razão:

"O que appareceu, depois, nos autos, ainda mais auctorisa a acção da Inquisição. Costa e Teive, sobretudo o primeiro, divulgaram a existencia de uma immoralidade no corpo docente do Collegio de Bordeos e no do Collegio Real de Coimbra, que pedia prompta reforma; que denunciava uma falta absoluta de Religião e de bons costumes; e que, realmente, explica e desculpa as diligencias que os Jesuitas faziam para attrahir os

The establishment founded by Dom João III, with its band of eminent professors, had an auspicious beginning; but it was not long before the harmony was marred by intrigues, rivalries and quarrels. In the very first year of its existence, the Rector of the college, the famous André de Gouvêa, died. This was a great loss, for the literary ability of its professors, in addition to the Royal protection, had caused the college to develop rapidly.

"In December, 1548, the total number of pupils was little less than one thousand two hundred. But in 1550 things began to happen which brought discredit upon the institute founded by André de Gouvêa" (Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. III, part I, p. 444).

In 1549 the Cardinal Infante Dom Henrique had sent to Paris ordering an inquiry into the conduct of the masters of the College of Arts when they were living there. As a result of this, João da Costa, George Buchanan and Diogo de Teive were imprisoned at the beginning of August of that year, and the examination of the three defendants, which yielded some extraordinary details about the professors of the College, was begun. We are not going to deal with those proceedings here, but anyone desirous of learning the true facts of the case would do well to read Guilherme J. C. Henriques' *Buchanan na Inquisição* (*Archivo Historico Portuguez*, vol. IV, pp. 241-281). Having made a careful review of the documents in the case, this author makes the following comment:

"What afterwards transpired from the papers connected with the case, provides still further justification for the action of the Inquisition. Costa and Teive, and especially the former, divulged the existence of immorality in the faculty at the College of Bordeaux and the Royal College of Coimbra, which called for prompt remedy, which denoted a complete lack of religion and good morals, and which really explains and

alumnos de lá, e mesmo para se apossarem da regencia do Collegio Real, embora n'isso tivessem interesses de outra especie."

E accrescenta esta phrase cheia de verdade:

"No seculo XX não se aturava, com certeza, n'um estabelecimento d'aquella ordem, um só lente com as pessimas qualidades que revestiam a maior parte dos que leccionavam em Bordeos e Coimbra, por mais insigne que fosse a sua pericia pedagogica e a sua sciencia" (Guilherme J. C. Henriques, *ob. cit.* p. 249; sobre este assumpto, ver tambem Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. III, parte I, pp. 443–447, e t. III, parte II, pp. 134–135).

No Collegio das Artes havia, entre os professores, baixas intrigas, mutuas diffamações, sem contar os vicios. "Não era em regra boa raça, essa de humanistas," escreve com razão o Dr Gonçalves Cerejeira (*O Humanismo em Portugal—Clenardo*, p. 8). Ouçamos ainda uma opinião auctorisada:

"Que se passára para assim serem esbulhados do ensino e, o que é mais, perseguidos pelo terrivel tribunal, homens tam insignes e respeitaveis?... O que se descobriu sôbre a vida e moralidades dos professores foi escandaloso e admira como o Colégio ainda subsistia em 1555 quando foi mandado passar para a posse dos jesuítas. O resultado foi serem despedidos êsses professores, alguns de reputação europeia, como Buchanan, Vinet, Fabrício, Nicolau de Gruchy, Resende, Teive, Costa e quantos, diz Cenáculo, em Coimbra e outras partes dirigiam o Colégio das Artes e os estudos das humanidades. Para cohonestar tal procedimento deram-se a alguns dêstes professores lugares que parecia de justiça: a Diogo de Teive um canonicato em Miranda, a João da Costa a igreja de S. Miguel em Aveiro; ficaram outros ensinando como particulares, outros saíram do reino para retiro dentro dêle. Parece, porém, em presença dos docs. agora conhecidos que D. João III não podia proceder doutra fórma embora os jesuítas se

justifies the diligent efforts made by the Jesuits to draw the pupils away from there, and even to take control of the Royal College, though in this they had interests of another kind."

And he adds this significant sentence:

"In the XXth century, not a single lecturer with the evil qualities which characterised most of those who taught in Bordeaux and Coimbra, would be tolerated for a moment in an establishment of that description, however great his pedagogic skill and his knowledge" (*op. cit.* p. 249. See also Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. III, part I, pp. 443–447, and vol. III, part II, pp. 134–135).

There were many base intrigues among the professors in the *Collegio das Artes*, and much mutual calumny, in addition to the other vices. "The race of humanists was not usually a good race," as Dr Gonçalves Cerejeira truly says (*O Humanismo em Portugal—Clenardo*, p. 8). Let us hear yet another authoritative opinion:

"What had happened for such eminent and respectable men to be thus hounded out of office, and, what is more, persecuted by the terrible tribunal?... What was discovered about the life and morals of the professors was scandalous, and it is astounding that the College should still have been in existence in 1555 when it was handed over to the Jesuits. The result was that these professors, some of whom were renowned throughout Europe, were dismissed, among them being Buchanan, Vinet, Fabricius, Nicolas de Grouchy, Resende, Teive, Costa, and many others, says Cenaculo, who directed the College of Arts and the study of humanities in Coimbra and other places. To palliate such procedure some of these professors were given positions which appeared just: to Diogo de Teive a canonry in Miranda, to João da Costa the church of S. Miguel in Aveiro, some remained as private teachers, others ostensibly left the kingdom, but actually sought retirement inside it. It seems, however, in view of the documents now available, that Dom João III could not have acted otherwise, though the Jesuits profited by happen-

tivessem aproveitado de ocorrências, que aliás não provocaram" (Mendes dos Remedios, *História da Literatura Portuguesa*, p. 328).

Theophilo Braga, na sua *Historia da Universidade de Coimbra*, fez, a respeito d'este assumpto, affirmações extraordinarias; mas não podemos esquecer, nem o facciosismo d'esse erudito, nem o fel em que molhava a penna quando escrevia, especialmente sobre materias taes como a Inquisição ou os Padres da Companhia de Jesus. N'esta questão do Collegio das Artes, parecenos que D. João III seguiu simplesmente a politica que tinha adoptado, e que tentámos explicar (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, *Introducção*, pp. xxx–xxxii).

A final, a intervenção do Tribunal do Santo Officio parece que foi devida a delações de Diogo de Gouvêa, *o velho*, que, segundo consta, odiava o seu sobrinho André, e os mestres Diogo de Teive e João da Costa. Diogo de Gouvêa terá sido um professor illustre, mas o seu procedimento em Coimbra tira, certamente, brilho ao seu nome.

Buchanan, depois de ter cumprido a sua pena, sahiu de Portugal em 1552, apezar de El-Rei o ter convidado a ficar no reino, offerecendo-lhe meios para o seu passadio. Durante o seu processo, Buchanan procedeu sempre com prudencia e com a maior correcção, não comprommettendo ninguem; foi, aliás, tratado com especial benevolencia; mas não quiz ficar em Portugal.

"Não levou da nossa terra saudades. Na poesia *Adventus in Galliam*, só se lembra dela para dizer, com visível alegria, *adeus, adeus para sempre!* 'ás mesquinhas choupanas da mísera Lusitânia e a essas terras só ricas de penúria'" (Dr Gonçalves Cerejeira, *ob. cit.* pp. 10–11).

Não ha duvida que a musa de Buchanan era maliciosa; gostava de zombar e de metter tudo e todos a ridiculo.

"Mas celebrou, em seu castigado latim, garantindo-lhes uma imortalidade, que êles aliás

ings, which, on the other hand, they had done nothing to promote" (Mendes dos Remedios, *História da Literatura Portuguesa*, p. 328).

Theophilo Braga makes some extraordinary affirmations on this subject, in his *Historia da Universidade de Coimbra*, but we cannot forget his prejudices, nor the bitterness with which he wrote, especially about the Inquisition and the members of the Society of Jesus. In the matter of the College of Arts it seems to us that Dom João III did no more than carry out the policy he had adopted, and which we have tried to explain (see *Early Portuguese Books*, vol. I—*Introduction*, pp. li–liv).

It appears, however, that the attention of the Tribunal of the Holy Office was first aroused by the denunciations of Diogo de Gouvêa, *o velho*, who evidently hated his nephew André and the professors Diogo de Teive and João da Costa. Though Diogo de Gouvêa may have been a great teacher, his jealousy is certainly a stain on his reputation.

In 1552, when Buchanan's term of imprisonment was over, he left Portugal, although the King had invited him to remain in the country, offering him money for his requirements. Throughout his examination, Buchanan had acted with prudence and the greatest correctness, and had compromised no one; but though he had, indeed, been treated with exceptional clemency, he had no wish to remain in Portugal.

"He carried away no regrets for our country. In his poem *Adventus in Galliam*, he only remembered it to say, with evident joy, *goodbye, goodbye for ever!* 'to the wretched cottages of miserable Lusitania and to those lands rich only in penury'" (Dr Gonçalves Cerejeira, *op. cit.* pp. 10–11).

Buchanan's muse was certainly a malicious one; he loved to mock and to hold up everything and everybody to ridicule.

"But in his choice Latin he extolled his eminent Portuguese friends André de Gouveia, Antonio

haviam conquistado por méritos próprios, aos seus ilustres amigos portugueses André de Gouveia, António de Gouveia e Diogo de Teive" (Dr Gonçalves Cerejeira, *loc. cit.*).

João da Costa foi, cumprida a penitencia, solto em 1552, e falleceu em 1578, sendo prior da egreja matriz de S. Miguel de Aveiro. Quanto a Diogo de Teive, esteve, em 1551, no Convento de Belem onde cumpriu a penitencia, mas breve de lá sahiu com licença do Cardeal Infante D. Henrique, por causa do seu estado de saude, sendo solto em Setembro do mesmo anno.

"Mais tarde parece que tornou a reger o Collegio Real de Coimbra; porque foi a elle, como Principal, que D. João III dirigiu, em 10 de Setembro de 1555, a ordem de entregar aquelle estabelecimento a Diogo Mirão, Provincial da Companhia de Jesus" (Guilherme J. C. Henriques, *ob. cit.* p. 254).

Depois, pouco ou nada sabemos do nosso humanista. Como dissemos, D. João III deu-lhe um canonicato na Sé de Miranda, onde, segundo parece, vivia ainda em 1565. Comtudo, se o Conego Diogo de Teive, mencionado n'uma deposição feita perante o Tribunal do Santo Officio (ver Antonio Baião, *ob. cit.—Archivo Historico Portuguez*, vol. VIII, p. 431), é o illustre mestre, então o nosso humanista viveu ainda longos annos. Porem, as ultimas obras conhecidas de Teive fôram impressas em 1565.

O seu *Cõmentarivs de rebvs in India apvd Divm gestis*, cujo titulo indica claramente o assumpto de que trata, foi dedicado por Diogo de Teive a D. João III, e contem duas poesias, uma de Buchanan, outra de João da Costa. O livro foi impresso em Coimbra, durante o primeiro anno da existencia do Collegio das Artes. Deixou-nos diversas obras em Latim, todas impressas, e provavelmente escriptas, depois de 1560. N'uma d'ellas, *Deploratio in mortem Ferdinandi Menesii*, estampada por João de Barreira em 1563, Teive intitula-se "Doctore & Canonico Authore."

de Gouveia and Diogo de Teive, securing for them the immortality which their own merits had already won them" (Dr Gonçalves Cerejeira, *loc. cit.*).

João da Costa was set free from prison in 1552, and died in 1578 as the prior of the mother church of S. Miguel in Aveiro. As for Diogo de Teive, in 1551 he was confined in the Convent of Belem, but was liberated in September of that year, with the special permission of the Cardinal Infante Dom Henrique, on account of his health.

"Later he seems to have gone back to take control of the Royal College of Coimbra; because it was to him, as Principal, that, on September 10th, 1555, Dom João III addressed the order to hand over that establishment to Diogo Mirão, the Provincial of the Society of Jesus" (Guilherme J. C. Henriques, *op. cit.* p. 254).

After that we know little or nothing about Diogo de Teive, except that, as we have said, Dom João III gave him a canonry in Miranda Cathedral, where he seems to have been living still in 1565. However, if the Canon Diogo de Teive, mentioned in a deposition made before the Tribunal of the Holy Office (see Antonio Baião, *op. cit.—Archivo Historico Portuguez*, vol. VIII, p. 431), be the one in whom we are interested, Diogo de Teive lived many years more, though his last works were printed in 1565.

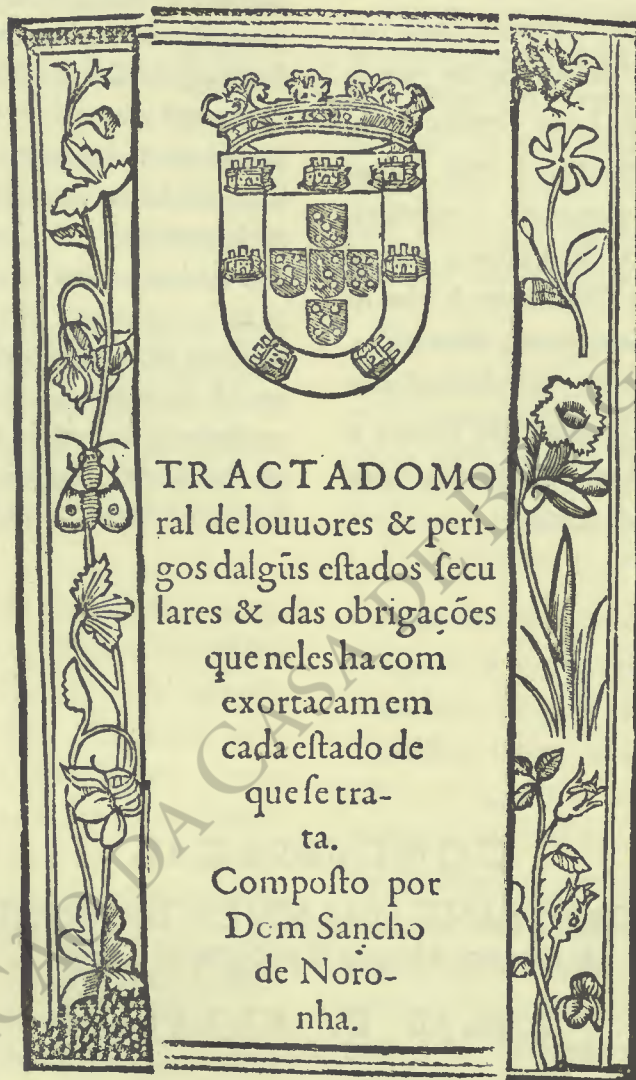
His *Cõmentarivs de rebvs in India apvd Divm gestis*, whose title clearly indicates its subject, was dedicated to Dom João III, and contains two poems, one by Buchanan and the other by João da Costa. The book was printed in Coimbra, during the first year of the existence of the College of Arts. Teive left a considerable number of other works in Latin, but they were all printed, and probably written, after 1560. In one of them, the *Deploratio in mortem Ferdinandi Menesii*, printed by João de Barreira in 1563, Teive calls himself "Doctore & Canonico Authore."

Não ha duvida que Diogo de Teive foi um dos nossos mais illustres humanistas, e que o seu nome deu brilho ás lettras Portuguezas. O famoso poeta Antonio Ferreira, discipulo de Teive no Collegio das Artes, mostrou a grande conta em que tinha o seu mestre, dedicando-lhe versos (ver os *Poemas Lvsitanos do Dovtor Ferreira*, 1598, egloga v, fl. 82 vº, e a carta IIII, fl. 176). Teive, como erudito humanista, escrevia e versejava unicamente em Latim. Se desdenhou a lingua nacional, soube, como no *Cõmentarivs de rebvs in India*, celebrar os feitos Portuguezes. Pesados os defeitos e as qualidades, não ha duvida que mestre Diogo de Teive, professor em França e em Portugal, e Reitor do Real Collegio das Artes em Coimbra, honrou a sua patria.

There is no doubt that he was one of our most notable humanists, and that his name added brilliance to Portuguese letters. Antonio Ferreira, the famous poet, and Teive's pupil in the College of Arts, showed his great esteem for his master by dedicating verses to him (see the *Poemas Lvsitanos do Dovtor Ferreira*, 1598, *egloga* v, fl. 82 vo. and *carta* IIII, fl. 176). Teive as a humanist always wrote his poetry and prose in Latin; but if he disdained his native tongue, he shows in such works as the *Cõmentarivs de rebvs in India* that he knew how to celebrate the heroic deeds of his compatriots. And when all his faults and qualities have been weighed in the balance, we are left with the conviction that Diogo de Teive, professor in France and in Portugal, and Rector of the Royal College of Arts in Coimbra, brought honour to his native land.

CONIMBRICAE.
EXCVDEBANT IOANNES BARRERIVS
& Ioannes Aluarus Typographi Regij.
Anno. M. D. XLVIII.

76 Colophon do *Cõmentarivs de rebvs in India* de Diogo de Teive
Colophon of the *Cõmentarivs de rebvs in India* of Diogo de Teive
Coimbra, 1548

TRACTADOMO
ral de louuores & peri-
gos dalgũs eſtados ſecu
lares & das obrigações
que neles ha com
exortacam em
cada eſtado de
que ſe tra-
ta.
Compoſto por
Dom Sancho
de Noro-
nha.

77 Folha do rosto do *Tractado Moral* de D. Sancho de Noronha
Title-page of the *Tractado Moral* of D. Sancho de Noronha
Coimbra, 1549

66 D. SANCHO DE NORONHA, TRACTADO MORAL DE LOUUORES & PERÍGOS DALGŨS ESTADOS SECULARES.

Coimbra, Francisco Corrêa, 1549.

TRACTADO MO | ral de louuores & perí- | gos dalgũs eftados fecu | lares & das obrigações | que neles ha com | exortacam em | cada eftado de | que fe tra- | ta. | Compofto por | Dom Sancho | de Noro- | nha.

Por cima, o escudo e corôa das Armas Reaes, e tudo enquadrado por tarjas[1].

p. II. A HO MVITO ALTO E | muyto excelente principe dom Ioam nof | fo fenhor, Filho do muyto alto & muyto | podcrofo [*sic*] Rey dom Ioam ho terceiro | defte nome noffo fenhor. [...]

p. III. PREFACAM EM LOVVOR DAS | virtudes & de como nelas a feli | cidade defta vida confifte. [...]

p. VIII. Capitolo primeiro [...]

p. CXIII [aliás CXIIII].

Fim da obra; começa a approvação de Fr. Martim de Ledesma[2].

p. CXIIII [aliás CXV] [...] Foy Impreffo ho prefente tractado em a | muy nobre, & fempre leal Cidade | de Coymbra por Francif- | co Correa impreffor | do Colegio | Real, | acabouffe a quatro dias do mes, de | Setẽbro. | ANNO.D.M.D.XLIX.

4º—CXIIII (aliás 115) paginas—22 linhas—notas marginaes em caractéres italicos—sem titulos correntes nem reclamos.

Numeração dos cadernos: 4 folhas das quaes só a terceira tem assignatura—iij; b–i, 4 folhas cada caderno; K, 4 folhas; l–o, 4 folhas cada caderno; P, 2 folhas; total de 58 folhas; as folhas c2, e2, i2, K2, l2, o2 não teem assignaturas; das folhas terceiras dos cadernos só teem assignaturas: iij, b iij, d iij; a folha g2 tem assignatura ij.

O *Tractado Moral de louuores & perígos dalgũs eftados feculares*, composto por D. Sancho de Noronha e impresso em Coimbra por Francisco Corrêa em 1549, é uma obra muito rara á qual se referem, entre outros: Francisco Leitão Ferreira (*Vida de André de Resende—Archivo Historico*

4to.—CXIIII (alias 115) pages—22 lines—marginal notes in italics—no headlines nor catchwords.

Collation by signatures: 4 leaves, only the third of which is marked—iij; b–i, each 4 leaves; K, 4 leaves; l–o, each 4 leaves; P, 2 leaves; total 58 leaves; leaves c2, e2, i2, K2, l2, o2 have no signature marks; of the third leaves in each quire only iij, b iij and d iij are marked; leaf g2 is marked ij.

The *Tractado Moral de louuores & perígos dalgũs eftados feculares*, composed by Dom Sancho de Noronha and printed in Coimbra in 1549 by Francisco Corrêa, is a very rare work. Among those who refer to it are: Francisco Leitão Ferreira (*Vida de André de Resende—Archivo Historico*

[1] *Above are the Royal Arms of Portugal; the whole within a woodcut border.*
[2] *End of the work; beginning of Frei Martim de Ledesma's approbation.*

Portuguez, vol. VIII, p. 346), Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. III, p. 673), Innocencio (*Diccionario*, vol. VII, pp. 197–198, e vol. XIX—12º do *Supplemento*—p. 6), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 424), Sousa Viterbo (*O movimento typográfico em Portugal no século* XVI, p. 102), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 465). A descripção d'estes dois ultimos auctores, apezar de ter sido colhida no Catalogo Azevedo-Samodães (nº 2227)—por não conhecerem a existencia de um só exemplar nas Bibliothecas Publicas em Portugal—cuja detalhada collação está absolutamente correcta, contem um erro ou equivoco importante, pois diz que o *Tractado* foi dedicado a D. João III, quando, na verdade, elle foi offerecido a seu filho, o Principe D. João.

O *Tractado Moral* é a obra mais antiga que possuimos estampada por Francisco Corrêa, ácerca de quem Anselmo e Proença escrevem:

"Este impressor, um dos mais notáveis do séc. XVI em Portugal, trabalhou primeiramente em Coimbra, na tipografia do Colégio Real (*escolas menores*), produzindo vários trabalhos entre 1549 e 1555. Neste último ano foi ao Pôrto imprimir o *Tratado de aritmética* de Bento Fernandes; encontrâmo-lo em seguida estabelecido em Lisboa, onde imprimiu até 1581, pelo menos" (*loc. cit.*).

Em 1564, quando já estava estabelecido na Capital, Corrêa tomou de arrendamento as officinas que João Blavio possuira em Lisboa e na India. Em 1566 recebeu uma mercê de isenção de direitos, e em 1572 foi-lhe dado, por dez annos, o privilegio para a impressão do livro *Horas de Nossa Senhora* (obra desconhecida entre os trabalhos sahidos dos seus prelos) em Portuguez e Latim (ver Deslandes, *Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1888, pp. 42–45). Em 1580, de parceria com Antonio Ribeiro, imprimiu em Almeirim as *Allegações de Direito por parte de D. Catherina de Bragança*.

Portuguez, vol. VIII, p. 346), Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. III, p. 673), Innocencio (*Diccionario*, vol. VII, pp. 197–198, and vol. XIX—12th of the *Supplement*—p. 6), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 424), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 102), and, lastly, Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 465) whose description—although, as they knew of no copy in any Portuguese Library, they took it from the detailed and accurate collation in the Azevedo-Samodães Catalogue (no. 2227)—contains one important mistake: the treatise is said to be dedicated to Dom João III instead of to his son Prince João.

The *Tractado Moral* is the earliest work we possess printed by Francisco Corrêa, of whom Anselmo and Proença write:

"This printer, one of the most notable in Portugal in the XVIth century, first worked in Coimbra, at the Royal College (*escolas menores*) press, producing various works between 1549 and 1555. In this last year he went to Oporto to print Bento Fernandes' *Tratado de aritmética*; we afterwards find him established in Lisbon where he printed until 1581, at least" (*loc. cit.*).

In 1564, when he was already settled in Lisbon, Corrêa took over a lease of the printing-offices in Lisbon and in India which had belonged to João Blavio. In 1566 he was exempted from certain taxes, and in 1572 he was given the monopoly of printing the book *Horas de Nossa Senhora* (of which no edition from his press is known) in Portuguese and Latin, for ten years (see Deslandes, *Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1888, pp. 42–45). In 1580, in partnership with Antonio Ribeiro, he printed the *Allegações de Direito por parte de D. Catherina de Bragança*, in Almeirim.

Francisco Corrêa assignou as suas obras de varias maneiras; em algumas d'ellas poz simplesmente o seu nome; em outras junctou, seja as palavras "typographo" ou "impreſſor de liuros," seja um dos seus titulos, "Impreſſor do Sereniſſimo Cardeal Iffante" ou "Typographo Regio." Comtudo, n'este *Tractado*, um dos primeiros livros que estampou, e só n'este, usou de um titulo differente: "impreſſor do Colegio Real." Deslandes (*loc. cit.*) diz-nos que Corrêa, antes de ter a sua officina em Lisboa,

"dirigiu em Coimbra, desde 1549 até 1555, a do Estudo Real, estabelecida á entrada da rua ainda hoje denominada da Sophia, no mesmo edificio onde haviam estado os collegios de S. Miguel e de Todos os Santos, destinados para as aulas de theologia e das artes do mosteiro de Santa Cruz, fundados por D. Dionysio de Moraes, o qual serviu depois, desde 1555 até 1566, de residencia aos jesuitas e que, por ultimo, foi occupado pelo tribunal do santo officio."

Installado o Collegio Real, foi alli que a typographia—para a qual Diogo de Teive trouxera de França as matrizes (ver as nossas notas sobre o *Cõmentarivs de rebvs in India*, 1548)—se estabeleceu debaixo da direcção de Francisco Corrêa.

"Provavel 'obreiro de imprimidor' de Germão Galharde, acaso foi convidado para ir dirigir em Coimbra a officina do Estudo Real, estabelecida na rua da Sophia, como seu presumivel mestre o fôra igualmente, para ir organisar a imprensa dos Cruzios, daquella cidade" (Gomes de Brito, *Noticia de Livreiros e Impressores em Lisbôa na 2ª metade do seculo* XVI, p. 35).

Conhecem-se só tres obras estampadas por Corrêa em Coimbra—duas em 1549 e uma em 1550 (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nºs 464, 465 e 466). Se de 1550 até 1555 imprimiu alli mais livros, pertencem ao numero dos desapparecidos. Em 1555 appareceu no Porto para imprimir o *Tratado de ariſmetica* de Bento Fernandes.

Francisco Corrêa had various ways of signing his works: in some he simply put his name, in others he added "typographer" or "printer of books," or else one of his titles "Printer to the most Serene Cardinal Infante" and "Royal Printer." But in this *Tractado*, one of the first books he printed, he used a different title, which appears in none of his other works: *impreſſor do Colegio Real* (printer to the Royal College). Deslandes (*loc. cit.*) tells us that before Corrêa set up his printing-press in Lisbon,

"from 1549 to 1555, he was in Coimbra as the director of the press of the *Estudo Real* (or Royal College), in the street which is still known as the Rua da Sophia, in the same building as had contained the colleges of S. Miguel and of Todos os Santos, founded by Dom Dionysio de Moraes, and designed for classes in theology and the arts for students from the monastery of Santa Cruz. These buildings afterwards housed the Jesuits from 1555 to 1566, and were finally occupied by the tribunal of the Holy Office."

When the Royal College was installed, the press—for which Diogo de Teive had brought matrices from France (see our notes on the *Cõmentarivs de rebvs in India*, 1548)—was set up there, under the direction of Francisco Corrêa.

"Having probably worked under Germão Galharde, he was perhaps invited to go and take charge of the Royal College press in Coimbra in the Rua da Sophia, in the same way as his presumable master had been asked to go and organise the press of the Regular Canons of Santa Cruz in that city" (Gomes de Brito, *Noticia de Livreiros e Impressores em Lisbôa na 2ª metade do seculo* XVI, p. 35).

Only three works printed by Corrêa in Coimbra are known—two in 1549 and one in 1550 (see Anselmo and Proença, *op. cit.* nos. 464, 465 and 466). If he printed any more books there between 1550 and 1555, they have long since disappeared. In 1555 he appeared in Oporto to print Bento Fernandes' *Tratado de ariſmetica.*

N'esse mesmo anno estabeleceu-se em Lisboa, na rua de Valverde, e alli imprimiu numerosos trabalhos, quasi todos em redondo e italico—dos quaes o ultimo conhecido tem a data de 1581—que, em bastantes casos, demonstram a sua execução aprimorada.

Na sua approvação do *Tractado Moral*, o Doutor Frei Martim de Ledesma escreveu a seguinte phrase na qual se lê o proposito do auctor e os meritos da obra:

"Vi eſte libro cõpoſto por o muyto noble, & muyto magnifico ſenhor Dom Sancho de Noronha em q̃ fala em lingoajem Portugues da obrigacam (*sic*) & oficio del Principe y ſeos juyzes & comſelheiros, he o dicto libro muy chatolico (*sic*) de muyto ſanas. & boas doctrinas, y eſpero q̃ ſera muyto proueitoſo."

D. Sancho de Noronha, filho de D. Fernando de Noronha terceiro Senhor de Vimioso e Mordomo Mór da Rainha D. Catherina, e de D. Izabel de Mello sua mulher, foi Deão da Capella Real, e Commendatario dos mosteiros de Ansede e Pedroso. Assistiu ás Côrtes de Almeirim em 1544, em que o Principe D. João foi jurado successor da Corôa, pronunciando n'essa occasião "huma erudita Oração." Eleito Bispo de Leiria, não chegou a tomar posse. Falleceu em 1569 (ver Sousa, *Historia Genealogica*, t. III, p. 521, e t. IX, p. 590; e Barbosa, *loc. cit.*).

Gams (*Series Episcoporum Ecclesiæ Catholicæ*, p. 103) indica D. Sancho como tendo sido eleito depois da resignação de D. Braz de Barros que, como dissemos (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, p. 495), teve logar em 1553, e sabemos que a nomeação de D. Fr. Gaspar do Casal para a diocese de Leiria foi confirmada por uma bulla de Paulo IV de 20 de Dezembro de 1557. Por consequencia, D. Sancho de Noronha deve ter sido eleito Bispo de Leiria entre 1553 e 1557; mas como, por motivos ignorados, não tomou posse, é possivel que D. Sancho tenha vivido em retiro até 1569, ou então que tivesse, simples-

In the same year he set up a press in the Rua de Valverde in Lisbon, where he printed a number of works, almost all in italics and Roman type—the last known being dated 1581—many of which show excellent workmanship.

In his approbation of the *Tractado Moral*, Frei Martim de Ledesma sums up the work in the following sentence:

"I have seen this book, composed by the very noble and magnificent lord Dom Sancho de Noronha, in which he speaks in the Portuguese language of the office and obligations of the Prince and his judges and counsellors. The said book is very catholic and contains very healthy and good doctrines, and I hope it will be very profitable."

Dom Sancho de Noronha—the son of Dom Fernando de Noronha third Lord of Vimioso and Lord Steward of the household of Queen Catherina, and of Dona Izabel de Mello his wife—was Dean of the Royal Chapel and held the monasteries of Ansede and Pedroso *in commendam*. He was present at the *Côrtes* in Almeirim in 1544, when Prince João was sworn as heir to the throne, and made "an erudite oration" on that occasion. He was elected Bishop of Leiria, but did not take up the reins of office, and died in 1569 (see Sousa, *Historia Genealogica*, vol. III, p. 521, and vol. IX, p. 590, also Barbosa, *loc. cit.*).

Gams (*Series Episcoporum Ecclesiæ Catholicæ*, p. 103) indicates that Dom Sancho was elected Bishop of Leiria after the resignation of Dom Braz de Barros, which, as we have said (see *Early Portuguese Books*, vol. I, p. 495), took place in 1553, and we know that Dom Frei Gaspar do Casal's appointment to the diocese was confirmed by a bull of Pope Paul IV of December 20th, 1557. Dom Sancho's election must therefore have taken place between 1553 and 1557, though, for some unknown reason, he did not assume his duties, either because he lived in re-

mente, fallecido em 1556 ou 1557, e que, após a sua morte, D. Gaspar do Casal fôsse nomeado Bispo de Leiria; n'esse caso a data do falleci-mento de D. Sancho indicada por Sousa e Barbosa estaria errada.

Comtudo, lê-se em *O Couseiro ou Memorias do Bispado de Leiria* (pp. 217–218) que o provimento de D. Sancho não teve effeito porque foi nomeado para a diocese de Coimbra. Parece-nos haver aqui um equivoco, visto D. João Soares (ver as nossas notas sobre *O liuro dos remedios contra hos ſete peccados mortays*) ter sido Bispo de Coimbra de 1545 a 1572, e que D. Manuel de Menezes, Bispo de Lamego, foi nomeado para a Sé de Coimbra em 1573.

Em vista das datas citadas, não nos parece haver duvida que D. Sancho só foi eleito para a diocese de Leiria, excepto se a Regente D. Catherina conseguiu que elle tenha sido eleito Bispo de Coimbra para substituir D. João Soares, de quem a Rainha se queixára ao Papa (ver as nossas notas sobre o *Liuro dos ſete peccados mortays*); mesmo se essa nomeação—na qual não acreditamos—teve logar, D. Sancho de Noronha nunca tomou posse. O seu *Tractado Moral de louuores & perigos dalgũs eſtados*, escripto n'um bello Portuguez, tem para nós um valor especial, pois, tendo sido impresso no Collegio Real, repre-senta, na verdade, um elo com os illustres mestres que ensinavam em Coimbra n'essa epocha.

tirement until 1569, or simply because Dom Gaspar was nominated Bishop of Leiria upon Dom Sancho's death, which may—though this is contrary to the statements of Sousa and Bar-bosa—have taken place in 1556 or 1557, very shortly after his appointment to that bishopric.

We read, however, in *O Couseiro ou Memorias do Bispado de Leiria* (pp. 217–218), that the ap-pointment did not come into effect because Dom Sancho was nominated to the diocese of Coimbra. But it seems to us that there must be some mis-take, because Dom João Soares (see our notes on the *Liuro dos remedios contra hos ſete peccados mortays*) was Bishop of Coimbra from 1545 to 1572, and in 1573 Dom Manuel de Menezes, Bishop of Lamego was appointed to that diocese.

In view of the dates mentioned there seems to us no possible doubt that Dom Sancho was appointed only to the diocese of Leiria, unless, indeed, the Regent Dona Catherina caused him to be named Bishop of Coimbra to supersede Dom João Soares, about whose conduct she complained to the Pope (see our notes on the *Liuro dos ſete peccados mortays*); but even if this nomination—in which we do not believe—ever came into effect, Dom Sancho de Noronha never took office. His *Tractado Moral de louuores & perigos dalgũs eſtados*, written in beautiful Portu-guese, has a special interest for us because, having been printed in the Royal College press, it is, in truth, a link with the notable men who lectured in Coimbra in that period.

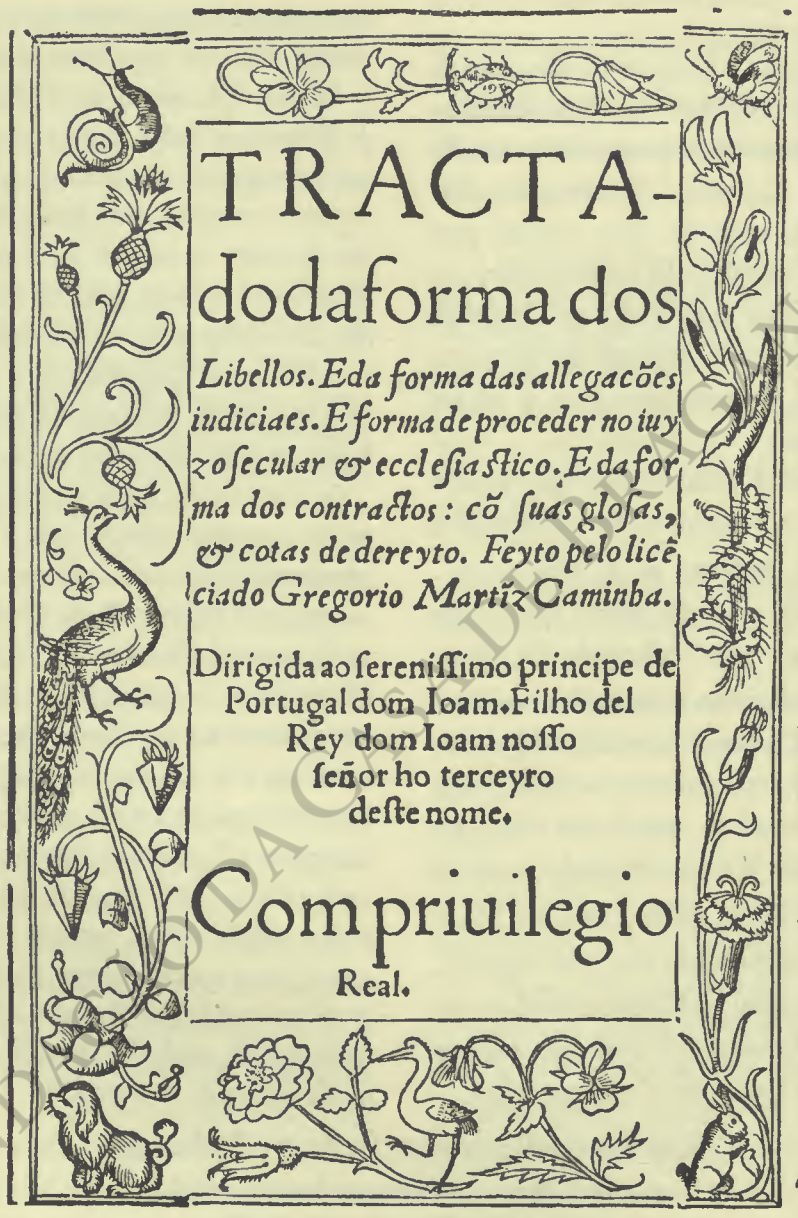
Foy Impreſſo ho preſente tractado em a
muy nobre, & ſempre leal Cidade
de Coymbra por Franciſ-
co Correa impreſſor
do Colegio
Real,
acabouſſe a quatro dias do mes de
Setẽbro.
ANNO.D.M.D.XLIX.

78 Colophon do *Tractado Moral* de D. Sancho de Noronha
Colophon of the *Tractado Moral* of D. Sancho de Noronha
Coimbra, 1549

TRACTA-
dodaforma dos

Libellos. Eda forma das allegacões iudiciaes. E forma de proceder no iuyzo ſecular & eccleſiaſtico. E da forma dos contractos: cõ ſuas gloſas, & cotas de dereyto. Feyto pelo licẽciado Gregorio Martĩz Caminha.

Dirigida ao ſereniſſimo principe de
Portugal dom Ioam. Filho del
Rey dom Ioam noſſo
ſeñor ho terceyro
deſte nome.

Com priuilegio
Real.

79 Folha do rosto do *Tractado da forma dos Libellos* de Gregorio Martins Caminha
Title-page of the *Tractado da forma dos Libellos* of Gregorio Martins Caminha
Coimbra, 1549

67 GREGORIO MARTINS CAMINHA, TRACTADO DA FORMA DOS LIBELLOS.

Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1549.

TRACTA- | do da forma dos | *Libellos. Eda [sic] forma das allegacões [sic] | iudiciaes. E forma de proceder no iuy | zo secular & ecclesiastico. E da for | ma dos contractos: cõ suas glosas, | & cotas de dereyto. Feyto pelo licẽ | ciado Gregorio Martĩz Caminha.* | Dirigida ao sereniſſimo principe de | Portugal dom Ioam. Filho del | Rey dom Ioam noſſo | señor ho terceyro | deſte nome. | Com priuilegio | Real.

Titulo enquadrado por tarjas[1].

[fl. 2] Sereniſſimo Luſita- | *NIAE PRINCIPI* | Ioanni Gregorius Caminha Salu | tem, & perpetuam exoptat | fœlicitatem. [...]

[fl. 3 vo.] Tauoada dos libellos | *da preſente obra.* [...]

[fl. 4 vo.] [...] Fim da tauoada.

fl. j. Começaſe ha forma | *dos libellos.* [...]

até fl. xxviij vo.[2]

[fl. 1] Tauoada das couſas | *da preſente obra da ordem do Iuyzo.* [...]

fl. j. Forma da ordem ju | dicial do juyzo ſecular, que ſe vſa ꝛ | pratica em eſtes reynos. [...]

até fl. xvij [aliás xviij].

fl. xvij [aliás xviij] vo. Tauoada da preſente | obra da ordem do juyz eccleſiaſtico. [...]

fl. xix. Forma da ordem | Iudicial do foro eccleſiaſtico. [...]

até fl. xxj.

fl. xxj vo. Tauoada dos contra | ctos da preſente obra. [...]

fl. j. Precuraçã pera caſar [...]

fl. xxx vo. [...] Laus Deo. | *FOY IMPRESSA A PRE | ſente obra em a muyto nobre e leal cidade | de Coymbra por Ioam de Barreyra | & Ioã Aluarez empremidores | da Vniuerſidade. | Acabouſe aos. xxi. dias do mes de outubro. | De M. D. XLIX.*

4º—[4], xxviij, [2], xxij, xxx folhas—numero de linhas variado—caractéres gothicos—annotações em caractéres redondos pequenos—dedicatoria e colophon em italicos—sem reclamos.

4to.—[4], xxviij, [2], xxij, xxx leaves—number of lines varied—Gothic type—annotations in small Roman type—dedication and colophon in italics—no catchwords.

[1] *Title within a woodcut border.*
[2] *Up to fl. xxviij vo.*

Numeração dos cadernos: A, 4 folhas; B–C, 8 folhas cada caderno; D–F, 4 folhas cada caderno; G–M, 8 folhas cada caderno; N, 6 folhas; total de 86 folhas; a folha C 3 tem assignatura errada C; E 3 tem D iij; E 4 tem E iij; as folhas A 3 e F 3 não teem assignaturas.

Encadernação de pergaminho.

O *Tractado da forma dos Libellos*, "Feyto pelo licẽciado Gregorio Martĩz Caminha" e impresso em Coimbra por João de Barreira e João Alvares em 1549, é uma obra rarissima, á qual se referem, entre outros: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 416), Innocencio (*Diccionario*, vol. III, p. 164), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 380), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 210), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 266), cuja noticia foi extrahida do Catalogo Monteverde (nº 3394). Devemos dizer que nenhuma das descripções dos auctores que citámos está exacta, seja por a collação não ser completa, seja porque não seguiram a orthographia que o auctor ou os impressores usáram n'este livro. O nosso exemplar, que pertenceu a Nepomuceno, está completo e bem conservado. As noticias ácerca de Gregorio Martins Caminha são extremamente escassas; sabemos apenas que era natural de Lisboa, e que foi advogado da Casa da Supplicação no reinado de D. João III: ignoramos as datas do seu nascimento e do seu obito. Barbosa (*loc. cit.*) diz que elle era "igualmente perito na ſciencia, eſpeculativa, e practica da Iuriſprudencia Civil, e Canonica."

Caminha deu á sua obra um titulo extenso, mas que tem a vantagem de indicar os assumptos de que o auctor se occupa: *Tractado da forma dos Libellos. Eda forma das allegacões iudiciaes. E forma de proceder no iuyzo ſecular & eccleſiaſtico. E da forma dos contractos: cõ ſuas gloſas, & cotas de dereyto.* O seu trabalho gozou, sem

Collation by signatures: A, 4 leaves; B–C, each 8 leaves; D–F, each 4 leaves; G–M, each 8 leaves; N, 6 leaves; total 86 leaves; leaf C 3 is wrongly marked C; E 3 is D iij and E 4 is E iij; leaves A 3 and F 3 have no signature marks.

Vellum binding.

The *Tractado da forma dos Libellos* "made by the licentiate Gregorio Martins Caminha" and printed in Coimbra by João de Barreira and João Alvares in 1549, is an extremely rare work. Among those who refer to it are: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, p. 416), Innocencio (*Diccionario*, vol. III, p. 164), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 380), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 210), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 266), who took their description from the Monteverde Catalogue (no. 3394). We must say that none of the collations given by the bibliographers we have cited are accurate, either because they are incomplete, or because the original spelling has not been closely followed. Our copy, which belonged to Nepomuceno, is complete and well preserved. Very little information about Gregorio Martins Caminha is available; we can learn only that he was a native of Lisbon, and an advocate of the *Casa da Supplicação* (tribunal) in the reign of Dom João III, the dates of his birth and death being unknown. Barbosa (*loc. cit.*) says that he was "equally skilled in theoretical and practical jurisprudence, both civil and canonic."

Caminha gave his work a very extensive title, which fully explains its contents: *Treatise on the form of bills of complaint. And on the form of judicial allegations, And the form of procedure in secular and ecclesiastical cases. And on the form of contracts, with comments and legal notes.* The book must certainly have earned a considerable reputation,

duvida, de bastante fama, pois, só no seculo XVI, teve, alem da de 1549, mais quatro edições: 1558, 1567, 1578, e 1592 (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nos 826, 847, 227, e 114). Tanto no seculo XVII como no XVIIIº o livro de Gregorio Caminha foi impresso novamente e por diversas vezes; finalmente, no meiado do seculo XIX, o *Tractado* foi reformado e ampliado pelo juris-consulto José Homem Corrêa Telles (ver In-nocencio, *ob. cit.* vol. III, p. 164, e vol. IV, pp. 368-369).

O advogado da Casa da Supplicação offereceu a sua obra ao Principe D. João, filho d'El-Rei D. João III, e na sua dedicatoria diz-nos as razões que o leváram a compôr o *Tractado da forma dos Libellos*.

O interesse d'este livro é, sobretudo, causado por ser um dos unicos exemplares conhecidos da primeira edição da obra valiosa de Gregorio Martins Caminha.

for, in the XVIth century alone, it was reprinted four times: in 1558, 1567, 1578 and 1592 (see Anselmo and Proença, *op. cit.* nos. 826, 847, 227 and 114). There were further editions in the XVIIth and XVIIIth centuries, and the work was finally revised and amplified by the jurisconsult José Homem Corrêa Telles in the middle of the XIXth century (see Innocencio, *op. cit.* vol. III, p. 164, and vol. IV, pp. 368-369).

Caminha offered his *Tractado da forma dos Libellos* to Prince João, the son of King João III, and he explains his reason for composing it in the dedicatory letter.

This book is chiefly interesting as being almost the only known copy of the first edition of Gregorio Martins Caminha's useful work.

FOY IMPRESSA A PRE-
sente obra em a muyto nobre e leal cidade
de Coymbra por Ioam da Barreyra
& Ioã Aluarez empremidores
da Vniuersidade.

Acabouse aos.xxi.dias do mes de outubro.
De M. D. XLIX.

80 Colophon do *Tractado da forma dos Libellos* de Gregorio Martins Caminha
Colophon of the *Tractado da forma dos Libellos* of Gregorio Martins Caminha
Coimbra, 1549

Liuro chamado Stimulo de amor diuino. Tirado do que fez Sam Bõauẽtura. Em Latim.

81 Folha do rosto do *Liuro chamado Stimulo de amor diuino* de São Boaventura
Title-page of the *Liuro chamado Stimulo de amor diuino* of St Bonaventure
Lisboa, 1550

68 SÃO BOAVENTURA, LIURO CHAMADO STIMULO DE AMOR DIUINO.

Lisboa, Germão Galharde, 1550.

Liuro | chamado Sti- | mulo de amor | diuino. Tira | do do que | fez Sam | Bõauẽ | tura. | Em Latim.

Titulo enquadrado por uma portada que tem nos dois cantos superiores as Armas Reaes e a Esphera armillar[1].

[fl. 1 vo.] Foi visto este liuro | per meestre Andree Reesende pree- | gador do Reuerendissimo ꝛ muito | excellente principe Dom Anrique | Cardeal Infante de Portugal/ in- | quisidor geeral em estes regnos: per | seu mãdado: ꝛ approuado per sua | Alteza: pera se poder imprimir.

fl. j. Proemio sobre ho | liuro do stimulo do diuino amor. [...]

fl. ij vo. Este liuro chamado Stimulo | de amor diuino/ he diuidido | em tres partes. [...]

fl. iij. Capitulo primeiro [...]

fl. cxl. [...] Laus deo.

fl. cxl vo. Registro dos capitulos do liuro | do stimulo de amor diuino. [...]

[fl. 2 vo.] [...] Fim do registro.

[fl. 3] Erros em ha impressam. [...] | A louuor ꝛ gloria de deos/ ꝛ pe- | ra exercicio ꝛ consolaçam das almas spiri | tuaes ꝛ deuotas. Foi impresso este li- | uro chamado Stimulo de amor di | uino/ em ha mui nobre ꝛ sem | pre leal cijdade de Lixbõa. | Em casa de Germão | Galharde/ impres | sor del Rei nos | so sñor. Aca | bouse | a hos .xxv. dias de Ianeiro. de. M.D.L.

8º—[1], cxl, [3] folhas—27 linhas—caractéres gothicos—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: A–S, 8 folhas cada caderno; total de 144 folhas.

Encadernação de marroquim.

8vo.—[1], cxl, [3] leaves—27 lines—Gothic type—no catchwords.

Collation by signatures: A–S, each 8 leaves; total 144 leaves.

Morocco binding.

O *Liuro chamado Stimulo de amor diuino. Tirado do que fez Sam Bõauẽtura. Em Latim,* foi impresso em Lisboa por Germão Galharde, "impressor del Rei nosso sñor," em 1550. Referem-se a esta obra:

The *Liuro chamado Stimulo de amor diuino,* "translated from the one composed by St Bonaventure in Latin," was printed in Lisbon by Germão Galharde, "printer to the King our lord," in 1550. Among those who refer to this book are:

[1] *Title within a woodcut border, in the two upper corners of which are the Royal Arms and the armillary Sphere.*

Innocencio (*Diccionario*, vol. v, p. 189), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 130–131), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 638) que nos indicam a existencia dos seguintes exemplares: Bibliotheca Nacional de Lisboa (5 ex.), Academia das Sciencias de Lisboa, e James Lyell (Oxford). Na Bibliotheca da Universidade de Harvard (Palha, nº 38 do *Catalogo*) tambem se encontra um exemplar.

É interessante de notar que o *Stimulo de amor diuino* foi examinado por André de Resende, como se póde ler na approvação estampada no verso da linda folha do rosto:

"Foi viſto eſte liuro per meeſtre Andree Reeſende preegador do Reuerendiſſimo ꝛ muito excellente principe Dom Anrique Cardeal Infante de Portugal/ inquiſidor geeral em eſtes regnos: per ſeu mãdado: ꝛ approuado per ſua Alteza: pera ſe poder imprimir."

Este livro é, certamente, um dos unicos que teve o *visto* do illustre humanista, e surprehendenos que na sua collação do *Stimulo de amor diuino* Anselmo e Proença (*loc. cit.*), apezar de existirem cinco exemplares na Bibliotheca Nacional de Lisboa, passassem em silencio a approvação do celebre Eborense. Ignora-se quem compoz a versão Portugueza da obra de S. Boaventura, sendo possivel que tenha sido "hũ pobre frade de ſam Frãciſco," como humildemente se intitulou o auctor da *Meditacam*; o nosso traductor conseguiu, provavelmente graças á sua modestia, guardar até hoje o anonymo. No *Proemio* escreve que "ſe fez eſte pequeno liuro," vertido d'aquelle composto pelo celebre Santo, para lembrar o amor divino, pois "nelle eſtaa ho verdadeiro deſcanſo ꝛ contentamento."

S. Boaventura (João de Fidenza) nasceu na Toscana em 1221, e entrou para a Ordem de S. Francisco em 1248; em 1253 obteve uma cadeira de theologia em Paris, onde tinha feito os seus estudos. As suas virtudes e a sua sciencia eram tão excepcionaes que foi eleito Geral da

Innocencio (*Diccionario*, vol. v, p. 189), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 130–131), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 638) who mention the following copies: Lisbon National Library (5 copies), the Academy of Sciences of Lisbon, and James Lyell (Oxford). There is alſo a copy in the Harvard University Library (Palha, *Catalogue*, no. 38).

It is interesting to note that the *Stimulo de amor diuino* has the following inscription on the back of its beautiful title-page:

"This book has been examined by master Andree Reesende, preacher to the most reverend and very excellent prince Dom Henrique the Cardinal Infante, Inquisitor-General of Portugal, by his order, and has been approved by his Highness, so that it may be printed."

This must certainly be one of the only works to contain an approbation given by the famous humanist, and it surprises us that, though there are five copies in the Lisbon National Library, Anselmo and Proença (*loc. cit.*) do not mention André de Resende's connection with this work. The author of the Portuguese version of St Bonaventure's book is unknown, though he may perhaps have been another "poor brother of St Francis," who, like the author of the *Meditacam*, humbly desired to remain anonymous. In the *Proemio* he says that "this little book" taken from the one composed by the famous Saint, was made to remind men of the divine love, for "in it is true rest and contentment."

St Bonaventure (John of Fidenza) was born in Tuscany in 1221, and entered the Franciscan Order in 1248. He studied at Paris, where he obtained a chair of theology in 1253, and so exceptional were his knowledge and virtues that in 1256 he was elected General of his Order.

Ordem em 1256. Passados dezesete annos, o Papa nomeou-o Bispo d'Albano, elevando-o no anno seguinte á purpura cardinalicia. Enviado pelo Soberano Pontifice como seu legado ao Concilio de Lyon em 1274, falleceu n'essa cidade, vindo a ser canonizado pelo Papa Sixto IV em 1482. Grande Santo e grande sabio, o *Doctor Seraphicus*, como foi intitulado, jaz na cidade de Lyon, que o escolheu por Padroeiro. Os Franciscanos consideram-o como o maior sabio da sua Ordem, e devido á sua excepcional auctoridade, S. Boaventura prestou relevantes serviços á Egreja. Deixou um grande numero de obras, taes como o seu commentario sobre o *Magister Sententiarum* de Pedro Lombard, o *Breviloquium*, o *Centiloquium*, e o *Itinerarium mentis in Deum*. Em geral, o mysticismo predomina nas obras de S. Boaventura, e ideas sublimes abundam nos seus trabalhos. No *Stimulo de amor diuino*, S. Boaventura mostra-nos, não só o amor de Deus, mas como os homens devem amar a Deus.

Seventeen years later the Pope appointed him Bishop of Albano, making him a cardinal in the following year. Having been sent as a papal legate to the Council of Lyons in 1274, he died in that city, and was formally canonised in 1482 by Sixtus IV. This great Saint and scholar, the *Doctor Seraphicus* as he was called, is buried in Lyons, of which town he has been made the patron Saint. The Franciscans look upon him as the greatest scholar there has ever been in their Order, and his authority enabled him to render notable services to the Church. He left a large number of works, including his commentary on the *Sentences* of Peter Lombard, the *Breviloquium*, the *Centiloquium* and the *Itinerarium mentis in Deum*. Mysticism is the dominant note in most of his works, which are full of sublime thoughts. In the *Stimulo de amor diuino* St Bonaventure shows us not only the greatness of God's love for man, but the way in which man should love God.

Foi visto este liuro
per meestre Andree Reesende pree-
gador do Reuerendissimo ⁊ muito
excellente principe Dom Anrique
Cardeal Infante de Portugal/ in-
quisidor geeral em estes regnos: per
seu mãdado: ⁊ approuado per sua
Alteza: pera se poder imprimir.

82 Approvação de André de Resende no *Liuro chamado Stimulo de amor diuino* de São Boaventura
André de Resende's approbation of the *Liuro chamado Stimulo de amor diuino* of St Bonaventure
Lisboa, 1550

A louuor ⁊ gloria de deos/ ⁊ pe-
ra exercicio ⁊ consolaçam das almas spiri
tuaes ⁊ deuotas. Foi impresso este li-
uro chamado Stimulo de amor di
uino / em ha mui nobre ⁊ sem
pre leal cidade de Lixbõa.
Em casa de Germão
Galharde / impres
sor del Rei nos
so sñor. Aca
bouse
a dos.xxv.dias de Janeiro.de.M.D.L.

83 Colophon do *Liuro chamado Stimulo de amor diuino* de São Boaventura
Colophon of the *Liuro chamado Stimulo de amor diuino* of St Bonaventure
Lisboa, 1550

Relectio cap. Ita

quorundam. de Iudæis, in qua de rebus ad Sarracenos deferri prohibitis, & censuris ob id latis non segniter disputatur, cōposita & pronūciata in inclyta Conimbricēsi Academia,

per MARTINUM ab Azpilcueta iureconsultum Nauarrum, primariæ functionis gymnastam, qui ante duodecim annos fuerat eiusdē functionis in præclarissima Salmanticensi.

Priuilegium sequens pagella continet.

CONIMBRICÆ. M. D. L.

84 Folha do rosto da *Relectio* de Martin de Azpilcueta Navarro
Title-page of the *Relectio* of Martin de Azpilcueta Navarro
Coimbra, 1550

69 MARTIN DE AZPILCUETA NAVARRO, RELECTIO CAP. ITA QUORUNDAM. DE IUDÆIS.
Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1550.

Relectio cap. Ita | quorundam. de Iudæis, in qua de re- | bus ad Sarracenos deferri prohibi- | tis, & cenſuris ob id latis non ſegni- | ter diſputatur, cõpoſita & pronũciata | in inclyta Conimbricẽſi Academia, | *per MARTINVM ab Azpilcueta iure- | conſultum Nauarrum, primariæ functio- | nis gymnaſtam, qui ante duodecim | annos fuerat eiuſdẽ functionis | in præclariſsima Sal- | manticenſi. | Priuilegium ſequens pagella continet.* | *CONIMBRICAE.* | M.D.L.

[fl. 1 vo.] *Dilecto filio Martino ab Azpilcueta decretorum | Doctori, primariã cathedrã iuris Canonici in | vniuerſitate ſtudij Conimbricẽſis actu regẽti. | Paulus Papa. III.* [...]

[fl. 2] *ERVDITISSIMO VIRO MA- | giſtro Symoni Roderico præpoſito ſocietatis IE | SV in Portugalliæ regno,* [...] *Mar | tinus ab Azpilcueta Nauarrus | ſalutem per IESVM | CHriſtum. P.* [...]

[fl. 4 vo.] *ORNATISSIMO VIRO | ſocietatis IESV ſodali, integerrimo | Ioanni ab Azpilcueta Martinus | Saluador ab Azpilcueta. S.* | P. IN IESV CHRI | STO. D. [...]

[p. 1] Cap. Ita quorũ | DAM. DE IVDAEIS. [...]

p. 239. [...] *Amen.*

[p. 1] NIHIL aduerſum religioni Chriſtia | næ ineſſe huic relectioni, iudicauit [...] frater Mar- | tinus à Ledeſma [...] | LAVS DEO. | *CONIMBRICAE | Ioannes Barrerius, & Ioãnes Aluarus | typographi Regij excudebant: | Septimo calend. Nouembr. | M D L.*

[fl. 1] INDEX. [...]

[fl. 7 vo.] [...] FINIS.

8º—[4] folhas, 239, [1] paginas, [8] folhas, a ultima em branco—22 linhas—caractéres italicos e redondos—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: 4 folhas sem paginação nem assignaturas; A–P, 8 folhas cada caderno; 1, 8 folhas; total de 132 folhas; as folhas A 4 e 1 4 não teem assignaturas; a folha B 4 tem assignatura errada C iiij, K 4 tem K iij e M 3 tem M iiij.

Encadernação de pergaminho.

8vo.—[4] leaves, 239, [1] pages, [8] leaves, the last blank—22 lines—italics and Roman type—no catchwords.

Collation by signatures: 4 unnumbered leaves without signature marks; A–P, each 8 leaves; 1, 8 leaves; total 132 leaves; leaves A 4 and 1 4 have no signature marks; B 4 is wrongly marked C iiij, K 4 is K iij and M 3 is M iiij.

Vellum binding.

NIHIL aduerſum religioni Chriſtiana ineſſe huic relectioni, iudicauit vir eruditiſſimus, idēq; doctor ſacræ Theologiæ longè inſignis, & gymnaſta celebris in Academia Conimbricenſi, frater Martinus à Ledeſma, cui ea res mandata fuit à longè illuſtriſſimo Infante, eodemq; ſacroſanctæ Roma. eccleſiæ Cardinali excellentiſſimo. D. Henrrico, cauſarum fidei Chriſtianæ in oībus regnis fratris ſui, & domini noſtri regis quæſitori ſummo, & optimo.

LAVS DEO.

CONIMBRICAE
Ioannes Barrerius, & Ioānes Aluarus
typographi Regij excudebant:
Septimo calend. Nouembr.
M D L.

85 Pagina da *Relectio* de Martin de Azpilcueta Navarro
Page of the *Relectio* of Martin de Azpilcueta Navarro
Coimbra, 1550

Esta obra do Dr Azpilcueta Navarro foi estampada em Coimbra pelos dois impressores da Universidade em 1550. Como acontece ás edições de Navarro sahidas dos prelos Conimbricenses no seculo XVI, poucos auctores se referem á *Relectio cap. Ita quorundam*: Sousa Viterbo (*A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 208), e Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, t. I, p. 151) descrevem-a por alto, em quanto que Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 276) dão-nos uma descripção detalhada da obra, e indicam conhecer os seguintes exemplares: Bibliotheca Nacional de Lisboa (3 ex.), Ajuda, Evora, Universidade de Coimbra.

Este estudo do illustre cathedratico é, segundo escreve Arigita y Lasa, um novo testemunho "de la incansable laboriosidad y fecundidad admirable de nuestro Navarro." E o biographo do canonista conta-nos que Azpilcueta determinára em 1550 fazer uma serie de conferencias especiaes sobre o tratado *De rescriptis*, quando D. João III, movido pelos Jesuitas de Coimbra, lhe ordenou que expozesse o capitulo *Ita quorundam, de judæis*, estabelecido pelo terceiro Concilio de Latrão presidido pelo Papa Alexandre III. Navarro, desejando ser agradavel ao Soberano, compoz um livro no qual trata de toda a doutrina canonica relativa á excommunhão (ver *El Doctor Navarro Don Martin de Azpilcueta y sus obras*, pp. 196–197). Navarro dedicou o seu trabalho a Simão Rodrigues, um dos primeiros membros da Companhia de Jesus.

This work by Azpilcueta Navarro was printed in Coimbra by the two printers to the University, in 1550. As is the case with the other editions of Navarro's works issued in Coimbra in the XVIth century, very few authors mention the *Relectio cap. Ita quorundam*: Sousa Viterbo (*A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 208) and Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. I, p. 151) refer to it very briefly, while Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 276) give a detailed description of it, and state that there are copies in the following libraries: Lisbon National Library (3 copies), Ajuda, Evora, and Coimbra University.

This work is, as Arigita y Lasa says, a fresh proof "de la incansable laboriosidad y fecundidad admirable de nuestro Navarro." The canonist's biographer tells us that Azpilcueta had decided in 1550 to give some special lectures on the treatise *De rescriptis*, when, at the instigation of the Jesuits in Coimbra, Dom João III commanded him to expound the chapter *Ita quorundam, de judæis*, framed at the third general council of the Lateran, summoned by Pope Alexander III. So, in compliance with the King's wishes, Navarro wrote a book treating of all the canonic doctrine relative to excommunication (see *El Doctor Navarro Don Martin de Azpilcueta y sus obras*, pp. 196–197). The treatise is dedicated to Simão Rodrigues, one of the first members of the Society of Jesus.

IOACHIMI
RINGELBERGII.
ANTVERPIANI
RHETORICA.
DISTICHON.
Quisquis auet præcepta breui sermone tenere
Rhetorica, hunc librum verset vtraque manu.

Conimbricæ, Apud Ioannem Barrerium,
& Ioannem Aluarum.
M. D. L.

86 Folha do rosto da *Rhetorica* de Joachim Ringelbergh
Title-page of the *Rhetorica* of Joachim Ringelbergh
Coimbra, 1550

70 JOACHIM RINGELBERGH, RHETORICA.
Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1550.

IOACHIMI | RINGELBERGII. | ANTVERPIANI | RHETORICA. | DISTICHON. | *Quisquis auet præcepta breui sermone tenere* | *Rhetorica, hunc librum verset vtraque manu.*
O grypho com a legenda: SALVS VITE, *e aos lados: OMNIA CHRI- | STVS VINCIT*[1].
| *Conimbricæ, Apud Ioannem Barrerium,* | *& Ioannem Aluarum.* | M. D. L.

p. 3. RHETORICA | IOACHIMI RIN- | *GELBERGII AN* | TVER- PIANI. [...]
p. 56. [...] FINIS.

8º—[2], 3–56 paginas—22 linhas.
Numeração dos cadernos: A–C, 8 folhas cada caderno; D, 4 folhas; total de 28 folhas; a folha A 4 não tem assignatura.

Encadernação de marroquim.

A *Rhetorica* de Joachim Ringelbergh, impressa em Coimbra por João de Barreira e João Alvares em 1550, é uma obra quasi desconhecida. Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 273), que mencionam um exemplar na Bibliotheca de Evora, fôram os primeiros bibliographos que deram uma descripção d'este livro. O nosso exemplar, talvez o unico outro que exista, está completo e admiravelmente conservado.

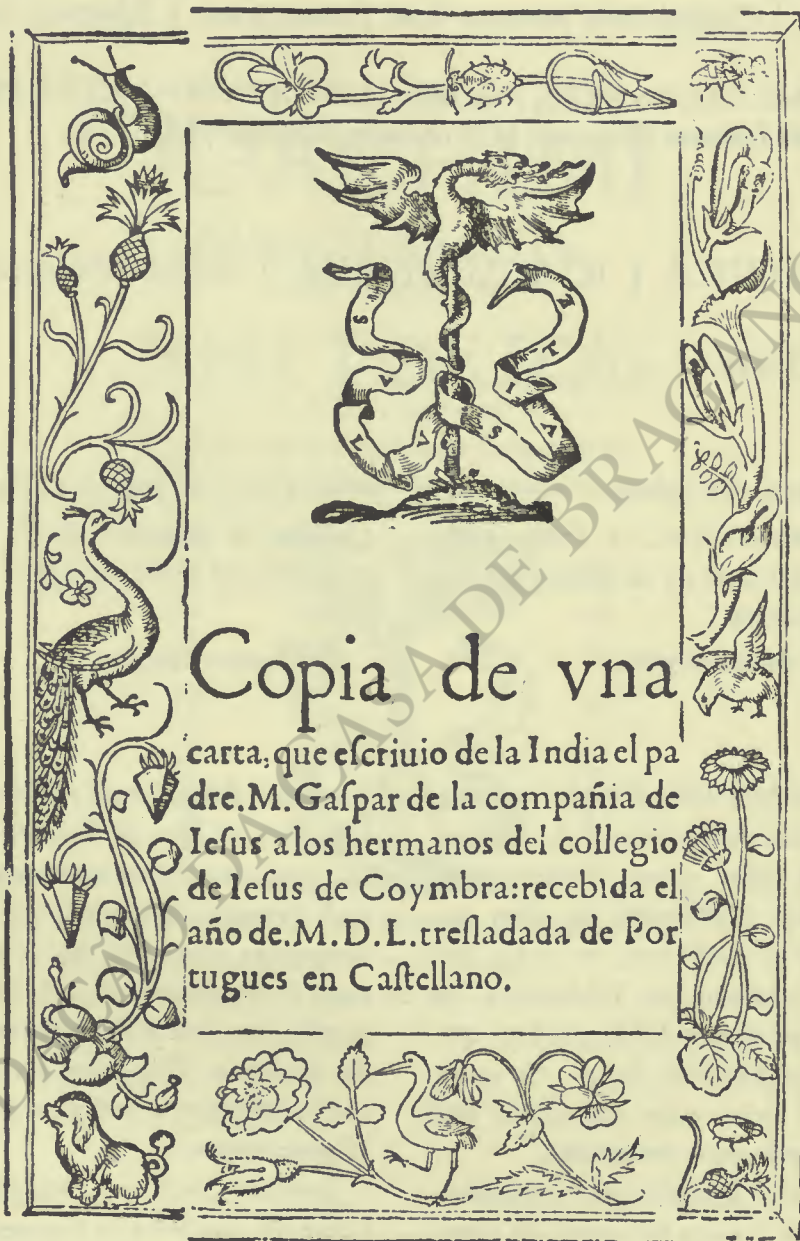
Joachim Sterk van Ringelbergh, humanista flamengo, nasceu em Anvers pelo anno de 1499. Segundo consta, era um homem curioso; teve a extraordinaria ambição de compôr mil obras, ás quaes, reunidas, teria dado o nome de *Chilias*! Mas a final deixou apenas uns trinta opusculos, que fôram publicados pela primeira vez em Anvers em 1529. Falleceu ao redor de 1536.

8vo.—[2], 3–56 pages—22 lines.
Collation by signatures: A–C, each 8 leaves; D, 4 leaves; total 28 leaves; leaf A 4 has no signature mark.

Morocco binding.

Joachim Ringelbergh's *Rhetorica*, printed in Coimbra by João de Barreira and João Alvares in 1550, is an almost unknown work. Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 273), who mention a copy in the Evora Library, were the first bibliographers to give a description of this edition of the *Rhetorica*. Our copy, perhaps the only other one in existence, is complete and in a perfect state of preservation.

Joachim Sterk van Ringelbergh, a Flemish humanist, was born in Antwerp about 1499. He appears to have been a singular person; his ambition was to compose a thousand works, which he would have called, collectively, *Chilias*! But he only succeeded in writing about thirty, which were printed for the first time in Antwerp in 1529. He died about 1536.

[1] *The griffin with the legend:* SALVS VITE, *and along the sides:* OMNIA CHRI- | STVS VINCIT.

Copia de vna carta, que escriuio de la India el padre. M. Gaspar de la compañia de Iesus a los hermanos del collegio de Iesus de Coymbra: recebida el año de. M. D. L. tresladada de Portugues en Castellano.

87 Folha do rosto da *Carta de la India* do Padre Gaspar Barzeo
Title-page of the *Carta de la India* of Father Gaspar Barzeo

71 PADRE M. GASPAR BARZEO, CARTA DE LA INDIA. [Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1550?]

Copia de vna | carta, que efcriuio de la India el pa | dre. M. Gafpar de la compañia de | Iefus a los hermanos del collegio | de Iefus de Coymbra: recebida el | año de .M.D.L. trefladada de Por | tugues en Caftellano.
Por cima do titulo, o grypho com a legenda: SALVS VITE; *tudo enquadrado por tarjas ornadas de aves, flores e fructos*[1].

[fl. 1 vo.] *IESVS* | PAra efcreuir en particular las | cofas que aqui paffan de nueftra compañia [...]
[fl. 14] [...] De Ormuz oy diez de Dezi- | embre. De M. D. XLIX.

4º—[14] folhas—34 e 35 linhas—sem titulos correntes nem reclamos.

Numeração do caderno: 14 folhas assignadas A–A vij; a folha A 6 não tem assignatura.

Encadernação de marroquim.

Esta obra, intitulada *Copia de vna carta, que efcriuio de la India el padre. M. Gafpar de la compañia de Iefus a los hermanos del collegio de Iefus de Coymbra: recebida el año de .M.D.L. trefladada de Portugues en Caftellano*, publicada sem nome de impressor, logar e data, não é mencionada por nenhum bibliographo, sendo possivel que o nosso exemplar seja o unico que exista d'esta edição—certamente a primeira—da interessantissima carta escripta de Ormuz pelo Padre Gaspar Barzeo em 1549. Tratando-se de uma obra desconhecida, devemos não só explicar, mas justificar, as razões que nos levam a attribuir a sua impressão a João de Barreira e João Alvares em Coimbra, em 1550.

Como a carta escripta pelo Padre Gaspar foi dirigida aos seus irmãos de Coimbra, é mais do que provavel que ella tenha sido impressa n'essa

4to.—[14] leaves—34 and 35 lines—no headlines nor catchwords.

Collation by signatures: 14 leaves marked A–A vij; leaf A 6 has no signature mark.

Morocco binding.

The *Copia de vna carta, que efcriuio de la India el padre. M. Gafpar de la compañia de Iefus a los hermanos del collegio de Iefus de Coymbra: recebida el año de .M.D.L. trefladada de Portugues en Caftellano,* published with no printer's name, date or place, is not mentioned by any bibliographer, and ours is possibly the only copy in existence of this—certainly the first—edition of the interesting letter written from Ormuz by Father Gaspar Barzeo in 1549. As it is an unknown work, we must not only explain, but justify, the reasons which lead us to assert that it was printed by João de Barreira and João Alvares in Coimbra in 1550.

Since the letter was addressed by Father Gaspar to his brothers in Coimbra, it is only natural to conclude that it would have been printed in that

[1] *Above the title is a griffin with the legend:* SALVS VITE; *the whole within a woodcut border of birds, flowers and fruits.*

IESVS

Ara eſcreuir en particular las
coſas que aqui paſſan de nueſtra
compañia no creo q̄ me baſta-
ria tiempo, papel, tinta ni avn
vida: loado ſea Chriſto nueſtro
ſeñor. Alla eſcriuen mas largo
mis hermanos chariſſimos y pa
dres, cada vno en particular, ſe
gũ que nos mãdo el padre mae-
ſtro Frãciſco a los que eſtamos
repartidos ẽ las prouĩcias deſta
gentilidad, como buen paſtor,
para que le ſiguieſſemos, aſſi en
la ſancta obediencia, como en la doctrina y exemplo: biẽ tenemos
que aprender enel haſta la muerte. Y ſi la obediencia no me obli-
gara a hazer eſto el año paſſado de 1548. tuuiera mucha verguença
de eſcreuir lo que eſcreui: y mucho mas agora eſte año enelqual me
mãdarõ que relataſſe mas en particular las coſas que nueſtro sñor
obra por nueſtra compañia. Avn que con todo eſto no dexo de go-
zarme mucho en lo que tengo de eſcreuir, por parecerme que de a
qui nacera grande heruor a todos. Y porque el tiempo no me da
lugar a mas, ire diſcurriẽdo en general como mejor pudiere, tocãdo
algunas particularidades.

¶ Y quanto a mi partida de Goa para Cochin, a donde eſtaua en-
tonçes el padre. M. Franciſco: en la carta que eſcreui el año paſſado
al padre Luis da graã algũ tanto la di a entender, conuiene a ſaber
de como me embio el padre Antonio Gomez a Chale a hazer vn
colegio, donde ſe recogieſſen los hermanos nouicios que auian en
trado en Goa, para que ſe exercitaſſen enel eſpiritu, y conuerſaſſen
con los de Calecu: porque el rey de Tanor eſtaua muy mouido pa-
ra ſer Chriſtiano al tiempo que por alli paſſe: al qual no quiſe viſi-
tar porque dos frayles de ſan Franciſco ſuplieron por mi: y el les
hizo mucha honrra, yo halle aqui quaſi todo lo neceſſario pa ẽſte
colegio, vna cerca de piedra con vna huerta, donde ſe podia muy

88 Primeira pagina da *Carta de la India* do Padre Gaspar Barzeo
First page of the *Carta de la India* of Father Gaspar Barzeo

cidade, e, como era um documento que continha noticias e informações importantes, deve ter sido traduzida em Hespanhol—para maior conveniencia dos Padres da Companhia espalhados pelo mundo—logo que foi recebida, e publicada no mesmo anno.

Segundo Tito de Noronha (*A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, p. 20), conheciam-se em Portugal, entre 1549 e 1552, os seguintes impressores: Germão Galharde, Conegos de Santa Cruz, Luiz Rodrigues, João de Barreira, João Alvares, e Francisco Corrêa; comtudo, podemos desde já eliminar quasi todos estes nomes, pois nenhum d'elles—exceptuando João de Barreira e João Alvares—póde ter sido o "imprimidor" da *Carta* do Padre Gaspar, pelos seguintes motivos:

Germão Galharde serviu-se de caractéres gothicos em todas as suas obras conhecidas até Outubro de 1554; alem d'isso, só esteve em Coimbra de 1530 a 1531, quando foi fundar a officina typographica do Mosteiro de Santa Cruz. Os Conegos de Santa Cruz de Coimbra usáram typos de impressão inteiramente differentes d'aquelles empregados n'esta *Carta*, e, a partir de 1536, póde dizer-se que os Cruzios se limitáram a imprimir as suas *Constituições*, de annos a annos, até 1563, data da ultima obra conhecida estampada nos prelos de Santa Cruz. Luiz Rodrigues, que só imprimiu em Lisboa, serviu-se, quasi exclusivamente, de caractéres gothicos e italicos, e a sua ultima obra conhecida é datada de 1549 (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 595–596). Francisco Corrêa, apezar de ter estado em Coimbra dirigindo os prelos do Collegio das Artes—onde, que se saiba (ver as nossas notas sobre o *Tractado Moral* de D. Sancho de Noronha), estampou apenas tres obras, duas em 1549 e uma em 1550—não póde ter sido o "imprimidor" da *Carta* do Padre Gaspar, porque nas suas obras empregou caractéres differentes d'aquelles usados na *Carta*, e por não nos parecer provavel que os Padres da Companhia de Jesus

city, and, as it was a document containing important information and news, it must have been translated into Spanish—for the convenience of members of the Society in other nations—directly it was received, and have been published in the same year.

According to Tito de Noronha (*A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, p. 20), the following printers were working in Portugal between 1549 and 1552: Germão Galharde, the Canons of Santa Cruz, Luiz Rodrigues, João de Barreira, João Alvares and Francisco Corrêa; we can, however, eliminate almost all of these, and say that none but João de Barreira and João Alvares can have printed Father Gaspar's *Carta*, for the following reasons:

Germão Galharde used Gothic type in all the works he produced up to October, 1554, and, besides, he was only in Coimbra from 1530 to 1531, when he went to set up the press in the monastery of Santa Cruz. The Canons of Santa Cruz used quite different type from that in this letter, and, in any case, from 1536 until 1563—the date of the last known work from their press—they may be said to have restricted themselves to printing their *Constitutions* at intervals of years. Luiz Rodrigues, who worked only in Lisbon, almost always used Gothic letter and italics, and his last known work is dated 1549 (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 595–596). Francisco Corrêa was for some time at the head of the Royal College press in Coimbra, where, as far as can be ascertained, he printed only three books, two in 1549 and one in 1550 (see our notes on the *Tractado Moral* of Dom Sancho de Noronha); but he cannot have printed Padre Gaspar's letter, first, because he used different type from that in the *Carta*, and, secondly, because it seems to us most improbable that the

tivessem recorrido a Francisco Corrêa, o "impreſſor do Colegio Real."

Julgamos que os motivos que apresentamos são sufficientes para provar que Galharde, os Conegos de Santa Cruz, Rodrigues (que mencionamos apenas por Noronha dizer que elle imprimiu até 1552), e Corrêa, não fôram os impressores da *Carta de la India.* Restam, por consequencia, João de Barreira e João Alvares.

Todas as obras impressas de parceria por Barreira e Alvares (exceptuando o *Breuiarium bracharẽſe*, Braga, 1549) fôram estampadas em Coimbra; de 1549 a 1552 publicáram, junctos, uns vinte trabalhos, entre os quaes, dois—que já descrevemos—teem uma grande importancia para a nossa demonstração: o *Tractado da forma dos Libellos* de Gregorio Martins Caminha, 1549, e a *Rhetorica* de Joachim Ringelbergh, 1550. Examinando a folha do rosto da *Carta de la India*, vêmos que o pequeno dragão alado e enroscado (que foi uma das marcas de Luiz Rodrigues, e que tanto Barreira como Alvares usáram depois) é egual ao do frontispicio da *Rhetorica*; de outra parte, tres das tarjas que enquadram o titulo da *Carta* são identicas ás da folha do rosto do *Tractado da forma dos Libellos.* A tarja do lado esquerdo, e a lettra capital P da primeira pagina da *Carta de la India*, são as mesmas de que Luiz Rodrigues se serviu no *Regimento dos Contadores das Comarcas* (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 617 e 618). Da mesma maneira, quasi todas as lettras capitaes do primeiro livro da *Hiſtoria do deſcobrimento & conquiſta da India* de Fernão Lopes de Castanheda, impressa por João de Barreira e João Alvares em Coimbra, 1551, são as mesmas que Rodrigues usou no *Preſte Ioam das indias*, 1540, e que, certamente, fizeram parte dos "caratules de letras" trazidos de Paris pelo livreiro de D. João III. Comprehende-se perfeitamente que se encontrem nos livros impressos por Barreira e Alvares lettras capitaes, tarjas e caractéres de que Rodrigues se tinha servido: como já mostrámos, é possivel que

Jesuits would have entrusted the work to the "printer to the Royal College."

We consider the above reasons sufficient to prove that neither Galharde, the Canons of Santa Cruz, Rodrigues (whom we mentioned only because Noronha says he went on printing until 1552), nor Corrêa printed the *Carta de la India.* There remain, therefore, João de Barreira and João Alvares.

All, except the *Breuiarium bracharẽſe* (Braga, 1549), of the works printed by Barreira and Alvares together, were issued in Coimbra; between 1549 and 1552 they published some twenty books, and two of these—the *Tractado da forma dos Libellos* of Gregorio Martins Caminha, 1549, and the *Rhetorica* of Joachim Ringelbergh, 1550, both of which we have already described—are of great importance for our argument. A glance at the title-page of the *Carta de la India* shows that the small winged dragon (which was one of Luiz Rodrigues' marks and was afterwards used by both Barreira and Alvares) is exactly the same as the one on the title-page of the *Rhetorica*, while three of the borders surrounding the title of the *Carta* are also to be found on the title-page of the *Tractado da forma dos Libellos*. The left-hand border on the title-page of the *Carta*, and the capital P on the first page of the text, were also used by Luiz Rodrigues in the *Regimento dos Contadores das Comarcas* (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 617 and 618). Nearly all the initial letters in the first book of Fernão Lopes de Castanheda's *Hiſtoria do deſcobrimento & conquiſta da India*, printed by João de Barreira and João Alvares in 1551, are the same as Luiz Rodrigues used in the *Preſte Ioam das indias*, 1540, and were certainly some of those brought by him from Paris. It is perfectly comprehensible that letters and borders which had belonged to Rodrigues should be found in books printed by Barreira and Alvares, because, as we have already said, these two

estes dois "imprimidores" tenham ficado com parte do material typographico de Rodrigues (ver as nossas notas sobre o *Commento en Romance* de Azpilcueta Navarro). Alem dos argumentos que apresentámos, ha um outro, talvez o mais decisivo, a nosso favor: os caractéres typographicos da *Carta de la India* são absolutamente identicos aos que Barreira e Alvares empregáram na *Hiſtoria da India* de Castanheda, 1551, e mesmo em outros trabalhos.

Como se lê na folha do rosto, o Padre Gaspar dirigiu a sua *Carta* "a los hermanos del collegio de Ieſus de Coymbra," onde foi "recebida el año de. M.D.L." É muito natural que os Jesuitas tenham escolhido Barreira e Alvares como "imprimidores" da *Carta*, visto que Barreira veiu a ser impressor da Companhia de Jesus, sendo provavel que o seu parceiro Alvares tambem obtivesse esse privilegio, pois a impressão das *Cartas de los Jesuitas de la India*, 1562 (ver Anselmo e Proença, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 299) foi principiada por Barreira e terminada por Alvares. O alvará de D. Sebastião (ver as nossas notas sobre o *Commento en Romance*), concedendo certos privilegios a João de Barreira por ser impressor da Companhia de Jesus, é datado de 1567, mas sabemos que já em 1553 elle tinha estampado um livro—*Exercitia Spiritvalia*—para os Jesuitas (ver as nossas notas sobre este livro). Por consequencia, é possivel que Barreira (e provavelmente o seu parceiro) já estivesse em boas relações com os Padres do Collegio de Jesus em 1550.

Em vista dos argumentos que apresentámos, não nos parece haver duvida que a *Carta de la India* foi estampada em Coimbra por João de Barreira e João Alvares: quanto á data da sua impressão, julgamos que as razões que apontámos nos permittem indicar o anno de 1550.

O auctor da *Carta*, cujos paes não tinham "outra nobreza, que a que lhes deu hum filho, a que Deos tanto enobreceo" (Padre João de Lucena, *Historia da Vida do Padre Francisco de*

printers probably retained some of Rodrigues' typographical material (see our notes on Azpilcueta Navarro's *Commento en Romance*). But perhaps the most decisive argument of all is that the type in the *Carta de la India* is identical with that used by Barreira and Alvares in Castanheda's *Hiſtoria da India*, 1551, and even in other works.

As may be seen on the title-page, Padre Gaspar addressed his letter "a los hermanos del collegio de Ieſus de Coymbra" who received it "el año de. M.D.L." It would have been very natural for the Jesuits to choose Barreira and Alvares to print the *Carta*, because Barreira afterwards became printer to the Society of Jesus, and Alvares probably had that privilege also, since the printing of the *Cartas de los Jesuitas de la India* (see Anselmo and Proença, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 299) was begun by Barreira and finished by Alvares. Dom Sebastião's letter (see our notes on the *Commento en Romance*) conceding certain privileges to João de Barreira, because he was printer to the Society of Jesus, is dated 1567, but we know that he had already printed a book for the Jesuits in 1553: the *Exercitia Spiritvalia* (see our notes on this book). It is, therefore, very possible that Barreira (and probably his partner also) was already on good terms with the Fathers of the College of Jesus in 1550.

In view of the arguments we have set down, there seems to us no doubt that the *Carta de la India* was printed by João de Barreira and João Alvares, in Coimbra; and as for the date, the reasons we have enumerated point, in our opinion, to the year 1550.

The author of the *Carta* was born in Gouza, a village in the Flemish province of Zeeland, in what year we do not know, of parents "who had no nobility save that given them by a son whom

Xavier, 1600, p. 762), era originario de Gouza, aldeia da provincia de Zelandia nas Flandres, ignorando-se a data do seu nascimento. Gaspar Barzeo, depois de ter estudado theologia e philosophia na Universidade de Louvain, veiu para Portugal, onde foi recebido na Companhia de Jesus. Em 1548 partiu para a India; chegado a Gôa, o Padre Francisco—o grande e admiravel S. Francisco Xavier—mandou-o, em 1549, para Ormuz, onde ficou até 1552, anno em que voltou para Gôa. Nomeado por S. Francisco reitor do Collegio de S. Paulo e vice-provincial dos Jesuitas na India, falleceu n'aquella cidade em 1553. Não podemos narrar aqui a vida do Padre Gaspar, digno companheiro de S. Francisco Xavier, mas quem quizer conhecel-a, encontrará abundantes informações no Padre João de Lucena (*ob. cit.* pp. 406, 420, 762–833) e no Baron Henrion (*Histoire Générale des Missions Catholiques*, t. I, 2me partie, pp. 484–488). Fortunato de Almeida (*História da Igreja em Portugal*, t. III, parte II, pp. 755, 763, 767 e 769) tambem nos dá algumas noticias ácerca do illustre Jesuita.

Quando Barzeo seguiu de Gôa para Ormuz em 1549, ainda alli estava S. Francisco—preparava-se a partir para o Japão—que lhe ordenou que permanecesse em Ormuz tres annos, e que "dentro defte tiempo no faliefſe de Ormuz y fu termino" (*Carta*, p. 2). O Padre Gaspar conta aos seus irmãos de Coimbra, a viagem de Gôa a Ormuz, na qual levou por companheiro "Reymã Pereira vn cauallero que entro aca ẽ Goa en la compañia." A bordo, pregava aos Domingos, e todos os dias ensinava a doutrina aos escravos, escravas e creanças; os Mouros, Judeus e Gentios que iam na nau ficáram tão surprehendidos do fervor religioso d'aquelles que o Padre Gaspar ensinava, que alguns d'elles converteram-se ao Christianismo. Gastáram dois mezes na viagem, "fufriẽdo mucha hãbre, fed, y peligros ẽ la boca del eftrecho de Meca." Depois, conta a sua

God so greatly ennobled" (Padre João de Lucena, *Historia da Vida do Padre Francisco de Xavier*, 1600, p. 762). Having studied theology and philosophy at Louvain University, Gaspar Barzeo went to Portugal, where he entered the Society of Jesus. In 1548 he set out for India and, when he reached Goa, Father Francisco—the great St Francis Xavier—sent him to Ormuz in 1549, and he remained there until 1552, when he returned to Goa. St Francis appointed him Rector of the College of St Paul and vice-provincial of the Jesuits in India, and he died in Goa in 1553. We cannot now write the life-story of Father Gaspar, who was a worthy companion of St Francis Xavier; but there is ample information about him in Padre João de Lucena (*op. cit.* pp. 406, 420, 762–833) and in Baron Henrion's *Histoire Générale des Missions Catholiques* (vol. I, 2me partie, pp. 484–488). Fortunato de Almeida also mentions Padre Gaspar several times (*História da Igreja em Portugal*, vol. III, part II, pp. 755, 763, 767 and 769).

When Barzeo went from Goa to Ormuz in 1549, St Francis, who was making ready to leave for Japan, ordered him to stay for three years, and that "dentro defte tiempo no faliefſe de Ormuz y fu termino" (*Carta*, p. 2). Padre Gaspar gives an account of his voyage from Goa to Ormuz, and tells his brothers of Coimbra how he took with him "Reymã Pereira vn cauallero que entro aca ẽ Goa en la compañia." On board ship he preached every Sunday, and instructed the slaves and the children every day in holy doctrine. The Moors, Jews and Gentiles on the boat were so amazed by the religious fervour of those whom Father Gaspar had taught, that some of them were converted to Christianity. They were on the sea for two months, "fufriẽdo mucha hãbre, fed, y peligros ẽ la boca del eftrecho de Meca." He then describes his

chegada a Ormuz, onde os habitantes "ſon de los mas ricos que ay en la India por lo qual es muy vicioſa de todos los peccados" (*Carta*, p. 4).

Antes de se referir á sua vida em Ormuz, faz algumas referencias curiosas á geographia—sem esquecer as terras do Preste João—aos costumes da terra, ao seu clima e tremendo calor. Conta tambem as superstições e idolatrias que alli existem, e que "ſon infinitas." Não póde haver duvida que o Padre João de Lucena conheceu a carta do Padre Gaspar, pois quasi que repete (*ob. cit.* p. 766) as palavras escriptas pelo Padre Barzeo na p. 8 da *Carta de la India*: egualmente, muitas das informações contidas na obra do Padre Lucena a respeito de Ormuz e do apostolado do Padre Gaspar, fôram, certamente, bebidas na mesma fonte. Em seguida, o Jesuita narra singelamente o que fazia para evangelizar os habitantes; andava por toda a parte, entrava em toda a parte, pregando, confessando, levando a palavra de Deus a todos que o queriam ouvir: ao mesmo tempo visitava e tratava os doentes, "porque tẽgo vna botica en mi poſada" (p. 15). Refere-se então como a religião Catholica tem progredido desde a sua chegada, e que o numero das confissões ao Sabbado e das communhões ao Domingo tem augmentado de tal fórma, "que me parece que eſtoy en Coymbra, donde tanto feruor auia el ſabado en la confeſſiõ, y el domingo en la comuniõ" (*Carta*, p. 16). Aos Domingos pregava ao povo, andava pela cidade ensinando a doutrina, e os Armenios "me buſcan para confeſſarſe comigo." Á segunda feira

"que es fieſta de los gentiles voy a conuerſar con ellos: entre los quales ay vnos que llaman Iogues, que quiere dezir hermitaños ſanctos...y andan ſiempre cubiertos de ceniza, y aman mucho la abſtinencia, pobreza, y caſtedad, diziendo que eſtas tres coſas hazen vn hombre capaz de ver a Dios. Son grandes philoſophos....Y eſtremadamente ſon humildes. Si alguno quiere matar delante dellos algun animal, o paxaro, no lo conſienten, antes dan dinero porq̃ no le mate, aũ

arrival at Ormuz, where the inhabitants "ſon de los mas ricos que ay en la India por lo qual es muy vicioſa de todos los peccados" (*Carta*, p. 4).

Before writing of his activities in Ormuz, he makes various interesting references to the geography of the place—not forgetting the lands of Prester John—to the customs, the idolatry and the superstitions which "ſon infinitas," and to the intense heat of the climate. There is no doubt that Father João de Lucena had read Father Gaspar's letter, because he quotes (*op. cit.* p. 766) almost the exact words which occur on p. 8 of the *Carta de la India*, and much of his information about Ormuz and Father Gaspar's apostolate must certainly be from this source. The Jesuit gives an ingenuous account of his missionary work: he went everywhere, and entered every kind of place, preaching, confessing, carrying the word of God to all who would hear him, and at the same time visiting and healing the sick, "porque tẽgo vna botica en mi poſada" (p. 15). He then refers to the growth of the Catholic religion since his arrival, and says that there are so many confessions on Saturday and communions on Sunday "que me parece que eſtoy en Coymbra, donde tanto feruor auia el ſabado en la confeſſiõ, y el domingo en la comuniõ" (*Carta*, p. 16). On Sunday he used to preach to the people, going about the city teaching doctrine, and he states that the Armenians "me buſcan para confeſſarſe comigo." On Monday

"que es fieſta de los gentiles voy a conuerſar con ellos: entre los quales ay vnos que llaman Iogues, que quiere dezir hermitaños ſanctos...y andan ſiempre cubiertos de ceniza, y aman mucho la abſtinencia, pobreza, y caſtedad, diziendo que eſtas tres coſas hazen vn hombre capaz de ver a Dios. Son grandes philoſophos....Y eſtremadamente ſon humildes. Si alguno quiere matar delante dellos algun animal, o paxaro, no lo conſienten, antes dan dinero porq̃ no le mate, aũ

que ſea piojo, o pulga....Todos eſtan quaſi conuertidos...huelgan mucho cõ mi conuerſacion, dandome mueſtras de grande amor y acatamiẽto: y tienẽ para ſi q̃ mi vida es como de Iogue.... Eſta es vna gẽte cõ que deſſearia yo andar por toda la gentilidad en traje de jogue deſpues della ſer conuertida....Martes. Miercoles. Iueues confieſſo, viſito la carcel, amancebados, pleytos, enemiſtados, y ſocorro a las otras neceſſidades, como mejor puedo" (*Carta*, pp. 17–18).

Á sexta feira "que es la fieſta de los moros," passa o dia com elles, pois teem-o em "grande amor y reuerẽcia," fallando e discutindo: todos o respeitam, e póde andar livremente e sem perigo, "de noche y de dia entre tãta multitud de barbaros & infieles": uma vez, os Mouros levaram-o á meia noute á mesquita, onde teve "vna diſputa" com um d'elles, "muy ſabio," de quem a mulher e a filha se tinham convertido. Essa conversão, feita ás escondidas, foi o motivo da controversia. O Padre Lucena (*ob. cit.* pp. 801 *e seg.*) narrou detalhadamente esses factos. A mulher e a filha do tal Mouro fôram depois solemnemente baptizadas, e o Padre Gaspar dá-nos esta curiosa informação: "La hija caſe con Ioan baptiſta, que fue librero en Coimbra" (*Carta*, p. 20). Quem terá sido este João Baptista que tinha sido livreiro em Coimbra, e que casou com a filha de um Mouro de Ormuz? Confessamos, com magua, a nossa completa ignorancia.

Barzeo conta-nos então as suas tão interessantes relações com os Judeus:

"Los ſabbados hago doctrina ſobre los peccados de la auaricia, e tengo diſputa con los judios en ſu ſinoga, por celebrar ellos entõces ſu fieſta, de los quales andan muchos quaſi al cabo de ſe conuertir, principalmente vno que ſe llama Rabi Salomon, y Rabi Ioſepho, eſtos me combidaron vna vez a comer en ſu caſa, a donde ſe ayuntarõ otros rabis, y me dieron vn banquete con gran fieſta. Al qual ſolamente fuy, porque me reſpondieſſen mas libremente, aſſi que me halle entre judios y turcos, lo qual temio el capitan dõ Manuel de Lima, amoneſtandome

que ſea piojo, o pulga....Todos eſtan quaſi conuertidos...huelgan mucho cõ mi conuerſacion, dandome mueſtras de grande amor y acatamiẽto: y tienẽ para ſi q̃ mi vida es como de Iogue.... Eſta es vna gẽte cõ que deſſearia yo andar por toda la gentilidad en traje de jogue deſpues della ſer conuertida....Martes. Miercoles. Iueues confieſſo, viſito la carcel, amancebados, pleytos, enemiſtados, y ſocorro a las otras neceſſidades, como mejor puedo" (*Carta*, pp. 17–18).

On Friday "que es la fieſta de los moros," who held him in "grande amor y reuerẽcia," he used to spend the day with the Moors, discussing religious matters. Everyone respected him and he was able without danger to go freely "de noche y de dia entre tãta multitud de barbaros & infieles." Once he was taken to the mosque in the middle of the night, and he had "vna diſputa" there with a "muy ſabio" Moor, whose wife and daughter had been converted in secret. Father Lucena (*op. cit.* pp. 801 *et seq.*) recounts all these facts in detail. The wife and daughter of the said Moor were solemnly baptised, and Father Gaspar adds the following curious piece of information: "La hija caſe con Ioan baptiſta, que fue librero en Coimbra" (*Carta*, p. 20). It would indeed be interesting to know the history of this João Baptista, who had been a bookseller in Coimbra, and who married the daughter of a Moor in Ormuz; but we must confess our complete ignorance.

Barzeo also writes of his relations with the Jews:

"Los ſabbados hago doctrina ſobre los peccados de la auaricia, e tengo diſputa con los judios en ſu ſinoga, por celebrar ellos entõces ſu fieſta, de los quales andan muchos quaſi al cabo de ſe conuertir, principalmente vno que ſe llama Rabi Salomon, y Rabi Ioſepho, eſtos me combidaron vna vez a comer en ſu caſa, a donde ſe ayuntarõ otros rabis, y me dieron vn banquete con gran fieſta. Al qual ſolamente fuy, porque me reſpondieſſen mas libremente, aſſi que me halle entre judios y turcos, lo qual temio el capitan dõ Manuel de Lima, amoneſtandome

que me darian ponçoſia, que no comieſſe cõ ellos....Tuuimos muy larga diſputa que llego haſta la noche...y me dixo Rabi Salomon, que ſuplicaua a Dios le quiſieſſe alumbrar, porque deſſeaua mucho ſer Chriſtiano, y darme ſu hijo para que me ſiguieſſe" (*Carta*, p. 20).

Outros Judeus faziam identicos convintes ao Padre Gaspar, e tinham tanto respeito pelo Jesuita e pela Companhia, que elle escreve singelamente: "me pareçe que tengo de venir aleerles la biblia en ſu ſinoga" (*Carta*, p. 21)!

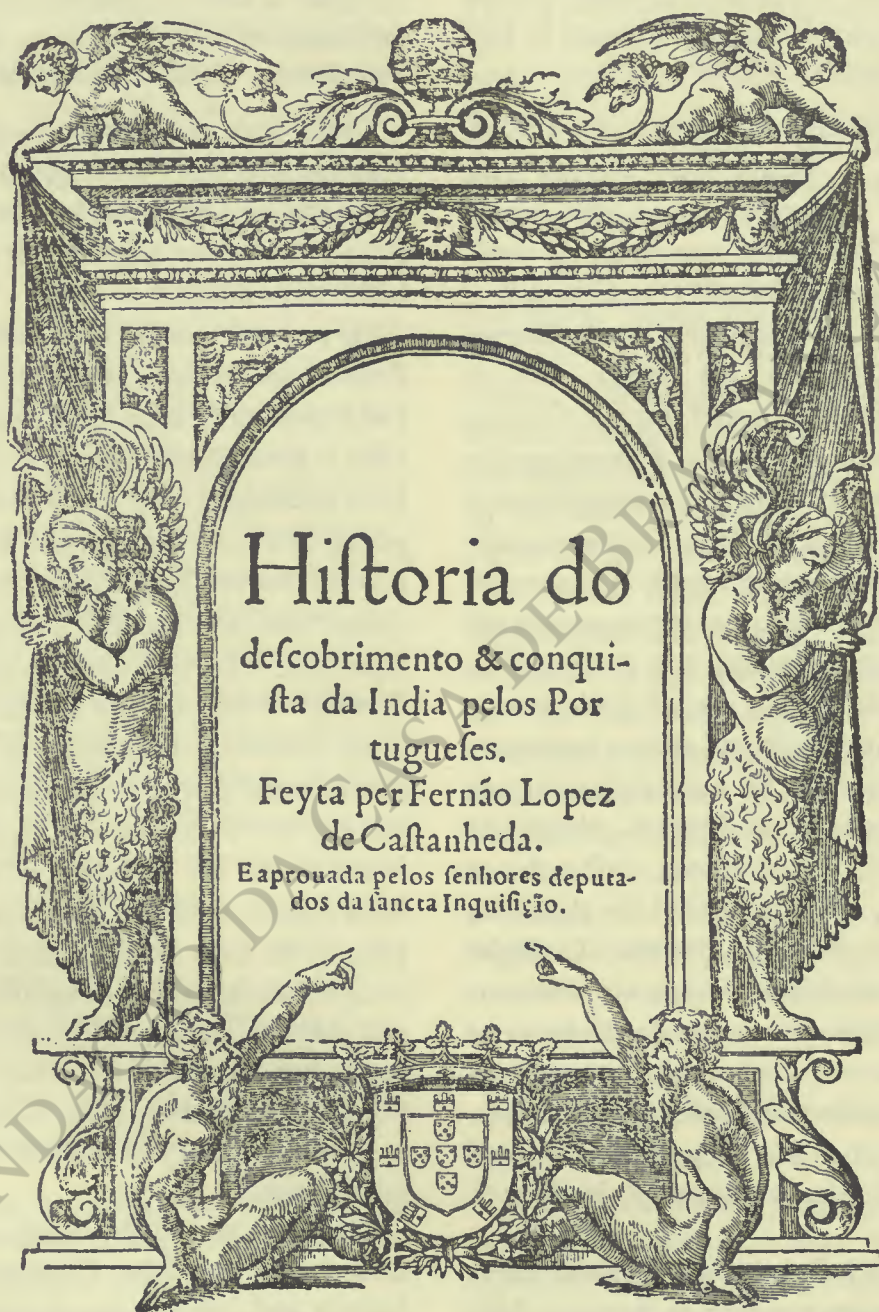
Com a mesma naturalidade, conta diversos exemplos da influencia que exercia sobre os Judeus. É na verdade notavel que, em Ormuz, um Jesuita podesse, em 1549, ir á Synagoga dis-cutir com os Rabbis, e que elles o convidassem a comer em suas casas! O Padre Gaspar era real-mente um apostolo, sendo muitas as conversões que fez em Ormuz durante os tres annos que alli passou. A sua carta, escripta a 10 de Dezembro de 1549, é um documento notavel, pois, nas suas vinte e seis paginas impressas, dá-nos innumeros detalhes de tudo o que fez e viu durante os pri-meiros mezes passados em Ormuz. Mostra-nos tambem o que foi no seu inicio, e sob todos os pontos de vista, a obra admiravel dos Padres da Companhia de Jesus no Oriente. O Padre Gaspar teve ainda a honra de ser um dos com-panheiros do Santo Patriarcha das Indias: esse facto já bastaria como titulo de gloria; mas a sua obra em Ormuz, em parte modestamente narrada na sua *Carta*, tornou justamente notavel o nome de um dos primeiros missionarios Jesuitas no Levante.

A *Carta de la India* impressa—segundo julga-mos—em Coimbra por João de Barreira e João Alvares em 1550, é um livrinho duplamente pre-cioso, por ser desconhecido, e por conter in-formações tão valiosas do Oriente.

que me darian ponçoſia, que no comieſſe cõ ellos....Tuuimos muy larga diſputa que llego haſta la noche...y me dixo Rabi Salomon, que ſuplicaua a Dios le quiſieſſe alumbrar, porque deſſeaua mucho ſer Chriſtiano, y darme ſu hijo para que me ſiguieſſe" (*Carta*, p. 20).

Other Jews gave Father Gaspar similar in-vitations, and they had so much respect for the Jesuit and his Order, that he says naively (*Carta*, p. 21): "me pareçe que tengo de venir aleerles la biblia en ſu ſinoga."

He recounts various other instances of his in-fluence over the Jews, with the same simplicity; but it was really remarkable that in Ormuz in 1549 a Jesuit should have been able to go and have discussions with the Rabbis in the syna-gogue, and have been invited to meals in their houses! Father Gaspar was a true apostle, and many were his converts among the Moors, Gentiles and Jews, in the three years he spent in Ormuz. His letter, dated December 10th, 1549, is an interesting document, for its twenty-six printed pages give us a detailed account of all he did and saw during his first months in Ormuz. It also shows the beginning of the magnificent work carried on by the Fathers of the Society of Jesus in the East. Father Gaspar was one of the companions of the Holy Patriarch of the Indias, and this fact alone would suffice to glorify his name; but his work in Ormuz, part of which is modestly described in his *Carta*, entitles him to a still higher place among the early Jesuit missionaries.

The *Carta de la India*, which we consider to have been printed in Coimbra by João de Barreira and João Alvares in 1550, is a doubly precious little book, because it is unknown and because it contains such valuable information about the East.

Hiſtoria do
deſcobrimento & conqui-
ſta da India pelos Por
tugueſes.
Feyta per Fernão Lopez
de Caſtanheda.
E aprouada pelos ſenhores deputa-
dos da ſancta Inquiſição.

89 Folha do rosto do Livro 1 da *Hiſtoria da India* de Fernão Lopes de Castanheda
Title-page of Book 1 of the *Hiſtoria da India* of Fernão Lopes de Castanheda
Coimbra, 1551

72 FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA, HISTORIA DO DESCOBRIMENTO E CONQUISTA DA INDIA.

Coimbra, João de Barreira e João Álvares, 1551.

Hiſtoria do | deſcobrimento & conqui- | ſta da India pelos Por | tugueſes. | Feyta per Fernão Lopez | de Caſtanheda. | E aprouada pelos ſenhores deputa- | dos da ſancta Inquiſição.

Titulo enquadrado por uma portada ornada de figuras, que tem na parte superior, ao meio, a Esphera armillar, e na parte inferior o escudo das Armas Reaes[1].

[fl. 1 vo.] Prologo na Hiſtoria do | deſcobrimento & conquiſta da India pelos Portu | gueſes. Dirigido ao muyto alto & muyto poderoſo | Rey, Dõ Ioão ho terceiro [...] | *Per Fernão Lopez de Caſtenhada* [*sic*]. [...]

[p. 1] Liuro primeiro da hiſto | ria da India, na qual ſe contẽ como foy deſcuber- | ta per mandado do muyto famoſo Rey dõ Ma- | nuel de glorioſa memoria. E a guerra ꝗ fizerão os | capitães Portugueſes a çamorim rey de Calecut | ate ho anno de mil & quinhentos & quatro. | Capitolo primey. [...]

p. 267 [aliás 265]. [...] LAVS DEO | Foy Impreſſo eſte pri- | *MEIRO LIVRO DA HISTORIA DA* | *India em a muyto nobre & leal cidade de Coimbra,* | *por Iohão da Barreyra & Iohão Aluarez,* | *empreſſores del Rey na meſma vniuer-* | *ſidade. Acabouſe aos ſeys dias do* | *mes de Marco* [*sic*]. *De* | *M. D. LI.*

4º—[2] folhas, [1], 2–267 [aliás 265] paginas—36 linhas—sem reclamos—algumas das paginas teem paginação errada.

Numeração dos cadernos: 2 folhas sem paginação nem assignaturas; A–F, 8 folhas cada caderno; G, 7 folhas; H–Q, 8 folhas cada caderno; R, 6 folhas; total de 135 folhas; a folha E 2 tem assignatura errada E iiij.

Encadernação de marroquim.

4to.—[2] leaves, [1], 2–267 [alias 265] pages—36 lines—no catchwords—some of the pages are wrongly numbered.

Collation by signatures: 2 unnumbered leaves without signature marks; A–F, each 8 leaves; G, 7 leaves; H–Q, each 8 leaves; R, 6 leaves; total 135 leaves; leaf E 2 is wrongly marked E iiij.

Morocco binding.

O livro primeiro da *Hiſtoria do deſcobrimento & conquiſta da India* de Fernão Lopes de Castanheda, impresso em Coimbra em 1551, por João de Barreira e João Alvares, é uma obra excessiva-

The first book of the *Hiſtoria do deſcobrimento & conquiſta da India* by Fernão Lopes de Castanheda, printed in Coimbra in 1551, by João de Barreira and João Alvares, is an extremely rare work.

[1] *Title within an architectural border ornamented with figures, and having the armillary Sphere in the centre at the top, and the Royal Arms at the bottom.*

mente rara, á qual se referem, entre outros: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 30), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 88), Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 284), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 134), Brunet (*Manuel du Libraire*, t. I, col. 1621), Salvá (*Catálogo*, t. II, nº 3350), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 281) que mencionam apenas um exemplar: o da Bibliotheca d'Ajuda. Conhecemos mais dois, o que se encontra no Museu Britannico, e o da nossa Bibliotheca, absolutamente perfeito e n'um admiravel estado de conservação.

Ernesto do Canto (*Archivo Bibliographico*, anno 1877–1878, p. 205) refere-se nos seguintes termos ao livro primeiro da *Hiſtoria da India*:

"É facto conhecido a raridade da 1ª edição do 1º livro da Conquista da India por Fernão Lopes Castanheda.... Temos fundamento plausivel para suppôr que esta raridade não é casual, mas sim filha de proposito firme de ageitar a historia ás conveniencias do momento."

Diogo do Couto (*Decada* IV, Liv. V, cap. I), fallando de Castanheda, explica-nos quaes fôram essas "conveniencias do momento":

"Eſte homem andou na India quaſi dez annos, correndo a mór parte della, até chegar a Maluco, eſcrevendo as couſas daquelle tempo mui diligentemente, que recopilou em dez livros, acabando o ſeu decimo com o Governador D. João de Caſtro. Eſte volume nos diſſeram algumas peſſoas dignas de fé que ElRey D. João mandára recolher a requerimento de alguns Fidalgos, que ſe achăram naquelle raro, e eſpantoſo cerco, porque fallava nelle verdades. A eſtes, e a outros riſcos ſe põem os eſcritores, que as eſcrevem em quanto vivem os homens de quem o fazem."

Ernesto do Canto, continuando o seu estudo, escreve:

"Quem supprimio assim um livro por dizer verdades, dá direito a suppôr-se que o facto se repetiria—por iguaes motivos. Como explicar

Among those who refer to it are: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, p. 30), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 88), Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 284), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 134), Brunet (*Manuel du Libraire*, vol. I, col. 1621), Salvá (*Catálogo*, vol. II, no. 3350), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 281) who mention only the copy in the Ajuda Library: to this must be added the British Museum copy, and our own, which is absolutely perfect.

Ernesto do Canto writes in the *Archivo Bibliographico* (1877–1878, p. 205):

"The rarity of the first edition of book I of the *Conquista da India* by Fernão Lopes de Castanheda is a well-known fact.... We have good grounds for supposing that this rarity is not accidental, but is the outcome of a fixed determination to adjust the history to the expediencies of the moment."

Further light is thrown on the "expediencies of the moment" by Diogo do Couto (*Decad* IV, Book V, chap. I) who says:

"This man (Castanheda) travelled about in India for nearly ten years, visiting most of the places there, and even reaching as far as the Moluccas. He described the things of that time very diligently, and compiled his description in ten books, the tenth one ending with the Governor Dom João de Castro. We have reliable information that King João, at the request of certain nobles who had been in that unusual and terrible siege, commanded this last volume to be withdrawn from circulation, because he spoke the truth therein. Those authors who write the truth while the men of whom they write are alive, expose themselves to these and other risks."

Ernesto do Canto proceeds:

"The man who thus suppressed one book because it told the truth, gives us the right to suppose that the act might have been repeated—for similar

que publicando-se em 1551 o 1º Livro de Castanheda, logo em 1554 se reemprimisse o dito 1º livro pela 2ª vez e os restantes oito pela 1ª? O facto de se despresar a 1ª edição do 1º livro revela já uma causa forte e poderosa—sem todavia se perceber qual fôsse....A principal differença entre a 1ª e 2ª edição de Fernão Lopes de Castanheda é nos 1ºs capitulos. Na 1ª a narrativa deixa a principal honra da descuberta a D. João 2º, na 2ª parece que, á inspiração de D. Manoel foi devida a descuberta da India e que o acaso ali encaminhou Vasco da Gama. Na 1ª edição se vê, que a armada quando partio não ia ao acaso, o problema estava meio resolvido pelos trabalhos e estudos anteriores."

A. Herculano e o Barão de Castello de Paiva—assim como Ficalho (*Viagens de Pedro da Covilhan*, p. 111)—referem-se egualmente ás differenças entre as duas edições, dizendo:

"Aqui observaremos que a diversidade no numero dos capitulos (sendo 95 na edição de 1551 e 97 na de 1554) resulta das alterações que fez Castanheda para discorrer sobre uma inscripção latina na qual se prophetisava o descubrimento da India, e que se diz ter sido achada em Cintra, no tempo d'el-rei D. Manuel; e bem assim para inserir a carta que o referido monarcha escreveu ao Samorim de Calecut por Pedro Alvares Cabral, e o brasão d'armas que el-rei de Cochim deu a Duarte Pacheco" (*Roteiro da viagem de Vasco da Gama*, p. 127).

Ha ainda um outro ponto, que é curioso. A *Hiſtoria do deſcobrimento & conquiſta da India* de Castanheda, "aprouada pelos ſenhores deputados da ſancta Inquiſição," foi impressa em Coimbra, a 6 de Março de 1551, por João de Barreira e João Alvares, *empreſſores del Rey*. O livro, apezar de ter sido estampado por dois typographos regios, não contem a auctorização habitual "Com Privilegio Real." Nos outros volumes, assim como na edição de 1554 do livro primeiro, as

reasons. How can we explain that Castanheda's first book, published in 1551, was reprinted as early as 1554, when the remaining eight books were only appearing for the first time? The very fact that the first edition of book I was scorned, shows that there must have been some strong reason—though we cannot yet see what it was.... The chief difference between the first and second editions of Fernão Lopes de Castanheda, is in the early chapters. In the first edition the chief honour of the discovery is given to Dom João II, while in the second edition it appears that the discovery of India was due to the inspiration of Dom Manuel, and that chance led Vasco da Gama in that direction. In the first edition we see that, when the armada left Portugal, it did not set out haphazard, the problem was already half solved by previous work and study."

Herculano and the Baron of Castello de Paiva also refer—as does Ficalho (*Viagens de Pedro da Covilhan*, p. 111)—to the differences between the two editions, saying:

"We will mention here that the variation in the number of chapters (there being 95 in the 1551 edition and 97 in that of 1554) results from the alterations made by Castanheda in order to discuss a Latin inscription, said to have been found in Cintra in the time of King Manuel, and in which the discovery of India was prophesied; and also to insert a letter which the said monarch sent to the Samorim of Calecut, by Pedro Alvares Cabral, and the coat of arms given to Duarte Pacheco by the King of Cochin" (*Roteiro da viagem de Vasco da Gama*, p. 127).

There is another point which is somewhat mysterious: the first book of Castanheda's *Hiſtoria do deſcobrimento & conquiſta da India*, "approved by the deputies of the Holy Inquisition," was printed in Lisbon on March 6th, 1551, by João de Barreira and João Alvares, "printers to the King." But though it was issued by these two royal printers, the book does not bear the habitual "Royal privilege." In all the other volumes, as in the second edition of book I, the words "Com privilegio Real" (with the Royal

palavras "Com privilegio Real" encontram-se na folha do rosto. O mais interessante é que, tendo o livro segundo sido impresso em 1552—"Acaboufe aos vinte dias do mes de Ianeyro De M.D.LII"—a licença tem a data de 14 de Junho (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 290). É um problema que não sabemos explicar, mas ao qual julgamos conveniente fazer uma referencia.

O livro terceiro foi impresso em 1552, e o quarto, quinto, sexto e septimo, assim como a segunda edição do livro primeiro, fôram estampados em 1554: o oitavo só appareceu em 1561, tendo sido publicado pelos filhos de Fernão Lopes de Castanheda. Quanto aos livros nono e decimo, nunca fôram impressos. A importancia da *Hiftoria da India* de Castanheda foi logo reconhecida no estrangeiro. Nicolas de Grouchy, que tinha sido pouco antes professor no Collegio das Artes em Coimbra (ver as nossas notas sobre o *Cõmentarivs de rebvs in India* de Diogo de Teive), traduziu em Francez o livro primeiro da obra de Castanheda, que foi impresso em Paris por Michel de Vascosan em 1553; em 1554 publicou-se em Anvers, em casa de Martin Nucio, uma traducção em Hespanhol (possuimos bellos exemplares d'estes dois livros); em 1578 imprimiu-se em Veneza a *Hiftoria da India* traduzida por Alfonso Ulloa; finalmente, o livro primeiro foi traduzido em Inglez por Nicholas Lichefield—que o dedicou a Sir Francis Drake—e estampado em Londres por Thomas East em 1582. Temos na nossa Bibliotheca um magnifico exemplar d'esta curiosa versão de um dos unicos livros Portuguezes que tenham sido publicados em Inglez no seculo XVI. Barbosa (*ob. cit.* p. 31) menciona uma edição da traducção de Nicolas de Grouchy, impressa em Anvers "per Jean Steelfio" em 1553, e Palau (*Manual del Librero Hispano-Americano*, t. IV, p. 262) diz que existe uma traducção Italiana de A. de Cravaliz, publicada em Roma em 1556.

privilege) appear on the title-page. The most curious thing is, however, that in the second book, the printing of which was "finished on the twentieth day of the month of January of M.D.LII," the privilege is dated June 14th, 1552 (see Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 290). It is a problem which we are unable to solve; but which we consider worthy of mention.

The third book was printed in 1552, and the fourth, fifth, sixth and seventh, as well as the second edition of book I, in 1554; the eighth book was published by Castanheda's sons in 1561, and the ninth and tenth books were never printed. The importance of the work was soon recognised in other countries. Nicolas de Grouchy, who had been a professor in the College of Arts of Coimbra (see our notes on the *Cõmentarivs de rebvs in India* by Diogo de Teive), translated the first book of the *Hiftoria da India* into French, and it was printed in Paris by Michel de Vascosan in 1553; and a Spanish translation of the same book was published in Antwerp by Martin Nucio in 1554—we possess excellent copies of both these works. In 1578 the Italian version of the *Hiftoria da India*, by Alfonso Ulloa, was printed in Venice. Finally, one of the very few English editions of Portuguese books published during the XVIth century was an English translation (of which we possess a magnificent copy) of book I, by Nicholas Lichefield, dedicated to Sir Francis Drake, and printed by Thomas East of London in 1582. Barbosa (*op. cit.* p. 31) mentions an edition of Grouchy's translation printed in Antwerp by "Jean Steelfio" in 1553, and Palau (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. IV, p. 262) says that an Italian translation by A. de Cravaliz was published in Rome in 1556.

Fernão Lopes de Castanheda nasceu em Santarem, provavelmente em 1500, sendo filho natural de Lopo Fernandes de Castanheda. Muito novo, entrou para a ordem de S. Domingos, da qual sahiu pouco tempo depois. Em 1528 partiu com seu pae para a India, na armada de Nuno da Cunha; passou dez annos no Oriente, e alli começou a sua *Historia da India*, estudando os documentos que lá existiam e, sobretudo, colhendo informações, consultando aquelles que tinham presenciado os factos que queria narrar, e visitando as terras onde esses factos se tinham dado. A sua obra, começando com o descobrimento do caminho maritimo, devia terminar com o segundo cerco de Diu, 1546: mas, como dissemos, os livros nono e decimo nunca fôram publicados. Após esses dez annos passados no Oriente, regressou a Portugal e, falto de saude e de meios, acceitou os modestos logares de bedel da Faculdade de Artes e guarda do cartorio e livraria da Universidade (ver Deslandes, *Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1888, pp. 36–40).

Castanheda trabalhou com amor durante vinte annos na sua *Historia da India*, que terminou, e da qual sete livros fôram impressos no seu tempo: no meio dos desgostos que soffreu, da sua falta de saude e da sua pobreza, teve ao menos a consolação de saber que parte da sua obra já tinha sido traduzida em Francez, Hespanhol e Italiano. Falleceu em Coimbra em 1559, sendo sepultado na Egreja de S. Pedro.

O livro primeiro da *Historia da India*, 1551—que começa por um capitulo intitulado: "De como el rey dom Ioão ho ſegundo deſte nome mãdou buſcar a India por mar & por terra: & das nouas que lhe trouuerão dela"—abrange o periodo que vae desde a partida de Vasco da Gama em 1497, até ao regresso de Duarte Pacheco a Lisboa em 1505; no ultimo capitulo lê-se a recepção do heroe por El-Rei D. Manuel.

Fernão Lopes de Castanheda, the illegitimate son of Lopo Fernandes de Castanheda, was born in Santarem, probably in 1500. While he was still very young, he joined the Order of Dominicans, but did not long remain a member of it. In 1528 he set out for India with his father, in Nuno da Cunha's armada. He spent ten years in the East, and there began the work of preparation for his famous History, studying documents, collecting information from persons who had actually taken part in the events he wished to describe, and making arduous journeys to visit the places where these events had happened. His work, which begins with the discovery of the sea route to India, was to end with the second siege of Diu, 1546; but, as we have said, the ninth and tenth books were never published. After these ten years in India, Castanheda returned to Portugal, with poor health and little money. He went to Coimbra, where he accepted the modest posts of beadle of the Faculty of Arts at the University, and keeper of its archives and library (see Deslandes, *Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1888, pp. 36–40).

He devoted twenty painstaking years to his *Historia da India*, and lived to complete his plan and to see the first seven books printed. In the midst of all his troubles, of his bad health and his poverty, he had at least the consolation of knowing that part of his work had already been translated into French, Spanish and Italian. He died in Coimbra in 1559, and was buried in the church of S. Pedro.

The first book of the *Historia da India*, 1551—which begins with a chapter entitled "How the King Don Joan the ſecond of that name, did ſend to ſeeke out by ſea and by land the Eaſt India, and of the newes that was brought him of the ſame"—covers the period from the departure of Vasco da Gama in 1497, until Duarte Pacheco's return to Lisbon in 1505, the last chapter being an account of that hero's reception by King Manuel.

No *Prologo* dirigido a D. João III, onde se sente o seu patriotismo, Castanheda declara que os feitos e emprezas de heroes da antiguidade, taes como Alexandre, não se pódem comparar aos dos Portuguezes na India:

"Porque a conquiſta Dalexandre foy por terra, & contra gentes pouco exercitadas na guerra, & indo ele no exercito: & a da India fez ſe por mar, & por voſſos capitães: & com naue-gação de hũ anno, doyto meſes & ſeys ao menos, & não a viſta de terra: ſe não por metade do pro-fundo & muy grande mar oceano: partĩdo dos limites do ocidẽte, & nauegando ate ho cabo das prayas, ou em tais ſem ver mais que agoa & ceo, rodeando toda a ſphera: couſa nũca cometida de nhũs mortaes, nem menos imaginada ꝑa ſe fazer, paſſando muyta fome, ſede, doenças, & cada dia offrecidos a morte mil vezes, cõ tormẽtas de furioſos ventos, & brauas chuuas. E paſſados eſtes medos & perigos, na India outros muyto grandes de medonhas & crueis batalhas, não cõ gente q̃ não peleia mais q̃ cõ frechas & lanças como em tp̃o Dalexãdre, mas cõ mais feroz & mais exercitada na guerra q̃ ha, não ſoomente na India mas em tudo ho que temos ſabido Daſia, & que afora ſuas armas coſtumadas que ſam muytas & muy boas, tem artelharia, eſpingardaria & todolos arteficios de fogo ẽ mais abaſtãça que os Portugueſes & foy ſempre ho poder deſta gente tamanho que nunca ho delrey Poro, com quem Alexãdre peleiou lhe foy igoal, & com tudo ſempre a desbaratarão os capitães Portugueſes que tendo tão pouco poder de gente como tinhão nunca deſiſtirão da guerra, como fez Alex-andre."

In the preface addressed to King João III, which is filled with the spirit of patriotism, Castanheda declares that the deeds of heroes of antiquity, such as Alexander, cannot be com-pared with those of the Portuguese in India.

"For the Conqueſt of Alexander was all by lande, and againſt people that were ſmallie accuſtomed or trayned in the feates of warres, hee alwayes going in his roiall perſon, but this of the Indias was done by ſea, and that by your Captaines, beeing upon the ſame a whole yeare, and eight monethes, and at the leaſt ſixe monethes, not along or neere any coaſt, but by the bottomeleſſe and great Occean (*sic*) Sea, and departing from the lymites of the Oc-cident, and bearing ſayle alwayes towarde the Cape De las Playas, or ſuch lyke, without diſ-couering or ſeeing any other thing, but onelye the heauens and water, going round about all the Spheare, a matter neuer before attempted by anye mortall man, nor yet almoſt imagined by anye, to put the ſame in practiſe, and they hauing paſt greate hunger, thirſt and other infirmityes, be-ſides that euerye day with thoſe furious ſtormes and raines, in daunger a thouſand times of their liues. And as I ſay, they hauing paſt thoſe feares and dangerous troubles by ſea, yet after theyr arriuall into the Indias, found thẽſelues in great and cruell battells, (not with men that did fight onely with their Bowes, Arrowes and Speares) as they didde in Alexanders time, but with ſuch as were ſtout & of a hauty ſtomacke, and with men that were experienced in the wars, of the which kinde of people there is not onely in the Indias, but as farre as we can vnderſtand, there is of the like in Aſia, and beſides theyr accuſtomed weapons (the which are many and good) yet they haue Ordinaunce, Caleeuers, and many fire-workes more plentie then the Portingales had, ſo that the power of theſe men was alwaies ſo greate, that the force of king Poro with whome Alex-ander did fight, was not comparable, yet not-withſtanding the Portingales did giue them con-tinually the ouerthrow, although theyr ſtrength was but ſmall, yet they neuer left the warres, as Alexander did" (*Hiſtorie of the Diſcouerie and Conqueſt of the East Indias*, London, 1582).

O orgulho de Castanheda é justificado, e o seu amor da patria leva-o a narrar, com devoção e perseverança, os feitos heroicos dos Portuguezes.

O Dr Fidelino de Figueiredo, referindo-se á obra d'este historiador, escreve com inteira razão:

"Vinte annos gastou Castanheda, bem como toda a sua fazenda, em colleccionar os materiaes para a sua *Historia do Descobrimento e Conquista da India pelos portugueses*—di-lo elle e repete-o o alvará de privilegio para a impressão da obra,—e que os trabalhos de ordenação desses materiaes lhe apressaram a morte—dizem-no seus filhos. Assim seria, porque Castanheda accumulou com extrema avareza todos os factos que rigorosamente pôde apurar, para abonar os quaes colleccionou papeis, ouviu testemunhas, inquiriu protagonistas e visitou os logares, pratica que entre nós inaugurára Gomes Eannes de Zurara. A sua obra é por isso uma compilação quanto possivel exhaustiva de factos....Este escrupulo de informação faz da sua obra uma especie de revisão das affirmações da historiographia quinhentista" (*Historia da Litteratura Classica*, pp. 245-246).

Mas é ao proprio Castanheda que devemos deixar contar as razões porque escreveu a sua *Hiſtoria*. No *Prologo*, depois de se referir ás obras praticadas pelos Jesuitas, que haviam sido mandados por D. João III para o Oriente, e de mencionar os serviços prestados pelo Monarcha á religião, diz-nos então:

"E conhecẽdo eu eſtas virtudes heroicas de .V.A. porq̃ eſte liuro & outros q̃ tenho feitos tẽ algũ parẽteſco cõ as lettras me atreui afazelos: porq̃ como digo ficaſſe ꝑpetua lembrãça de tão notaueis façanhas como fizerã tantos fidalgos & caualeyros Portugueſes voſſos vaſſalos ꝑa ho q̃ me aiudou muyto ter ãdado na India, õde fuy cõ meu pay que por mãdado de .V.A. foy lâ ſeruir douuidor. E como quer q̃ minha criação fora ſemꝑ cõ as letras: & era muyto inclinado a hiſtorias antigas de q̃ tinha lido boa parte: lãcey

Castanheda's pride was justified, and his great love of his country led him to recount the heroic achievements of the Portuguese with unceasing devotion.

Dr Fidelino de Figueiredo rightly says, with reference to this historian's work:

"Castanheda spent twenty years, as well as all his money, in collecting materials for his *Historia do Descobrimento e Conquista da India pelos portugueses*—he says so himself, and the letter of privilege for the printing of the work repeats it—and his sons add that the labour of co-ordinating these materials hastened his death. It may well have been so, for Castanheda greedily gathered together all the facts he could strictly examine; and to verify them he collected papers, questioned witnesses, sought out the leaders of enterprises and visited places, a practice begun in Portugal by Gomes Eannes de Zurara. His work is thus, as far as possible, an exhaustive compilation of facts....The scrupulous accuracy of his information makes his work a sort of revision of the statements of xvith century Portuguese historiography" (*Historia da Litteratura Classica*, pp. 245-246).

But we must leave it to Castanheda himself to tell us why he wrote his History. He refers in the preface to the deeds of the Portuguese in India, to the services rendered by the Jesuits sent to the East by Dom João III, to the great advancement of the cause of religion through that Monarch, and then says:

"Theſe heroycall vertues of your Highneſſe being...knowen vnto me, forſomuch as this Booke, beſides others that I haue made, hath ſome taſt...of learning, doth incourage me the more to ſet them foorth, for that as I ſay, there may remaine a perpetuall memorye of ſo notable actes as ſo many Gentlemen and Knights of the Portingales your ſubiects hath done, the which hath benefited me very much, my being in the Indias, where I trauayled with my Father, who by your Highnes commaundement was ſent thether to ſerue as a Iudge. And for that I ſpent all my youth in learning, and gaue my ſelfe greatly in reading of auncient Hiſtories,

logo mão de ſaber o q̃ ſe fizera no deſcobrimẽto da India & conquiſta dela pelos Portugueſes cõ a tenção q̃ digo....E aſſi ho ſoube ho melhor q̃ pude de muytos fidalgos & capitães q̃ ſe acharão preſẽtes: aſſi nos cõſelhos ſobre as couſas q̃ ſe auião de fazer como na execução deles, & aſſi por muytas cartas & ſumarios q̃ eſcreuerão peſſoas dinas de fee...& não ſòmẽte fiz eſta diligẽcia na India: mais ainda deſpois de ſer ẽ Portugal, porq̃ como as couſas q̃ auia de eſcreuer erão muytas & muy diuerſas: aſſi era neceſſario q̃ as ſoubeſſe de muytos, & alẽ de me todos afirmarẽ cõ iuramẽto: o q̃ me diſſerã, me derão licẽça paos alegar por teſtemunhas, & muytos deſtes ãdey buſcãdo ẽ Portugal cõ muyto trabalho de minha peſſoa: & gaſto de minha fazẽda por eſtarẽ eſpalhados ẽ diuerſos lugares: & niſſo gaſtey ho melhor tempo de minha idade, porque eſtes forão todos meus deſenfadamẽtos, & tẽdo compiladas todas eſtas enformações, deſpois que eſtou em Coĩbra ſeruindo .V.A. na vniuerſidade. No tempo q̃ me ficaua deſocupado do ſeruiço de meus officios cõ aſſaz de fadiga aſſi do corpo como do eſprito fiz eſte liuro & os outros q̃ offreço a .V.A."

No *Prologo* vê-se a maneira como o auctor reuniu os materiaes para a composição da sua obra, e sente-se a sinceridade com que a escreveu. Na sua *Hiſtoria do deſcobrimento & conquiſta da India*, que abrange uma das epochas mais admiraveis da nossa historia, Castanheda narra despretenciosamente os feitos d'aquelles Portuguezes que, annos depois, Camões cantou n'estas palavras sublimes:

"Nem deixarão meus verſos eſquecidos,
Aquelles que nos Reinos la da Aurora,
Se fizerão por armas tam ſubidos
Voſſa bandeira ſempre vencedora.

and hauing...read a great part thereof, did then immediately procure to know...what had bene done in the Diſcouerie of the Indias, and in the Conqueſt of the ſame, by the Portingales, with the intent as aforeſayde...and through the inſtructions of ſundry Gentlemen and Captaines, many things came to my knowledge, by ſuch perſons as were...preſent, as well in the counſayle for the prouiſion for that which ſhould be done, as alſo in the execution thereof, and...by many letters and pamphlets...written by men of great credite....Moreover, I did not onely vſe this dilygence in the Indias, but after my comming to Portingale....For as thoſe matters the which I meant to write of, were many and of ſundrye orders, ſo it was neceſſarye to enforme my ſelfe of the ſame by manye: and beſide that thoſe that gaue me this inſtructions were ſworn, yet I was licenſed to preſent them as witneſſes. There were of them that I ſought in...Portingale: for what with the great trauell of my perſon, and the expences of my goodes, for that they were ſeperated in ſundry parts, and in this I haue ſpent the moſt part of my lyfe, forſomuch as this was my onely recreation, hauing ioined together all theſe informations, ſince my being in the Uniuerſitie of Coimbro (*sic*), in your Highnes ſeruice, at ſuch time as I found my ſelfe not occupied with the executing of my office, with great trouble (not onely of the bodye, but alſo of the ſpirite) made an end of this Booke with others, the which I...offer vnto your Highnes."

The *Prologue* shows how the author gathered together the material for his work, and one can feel how sincerely he devoted himself to his task. In his *Hiſtoria do deſcobrimento & conquiſta da India*, which treats of one of Portugal's most splendid epochs, Castanheda gives a simple and unpretentious account of the exploits which later inspired Camões to sing:

"Nor shall they silent in my song remain,
they who in regions there where Dawns arise,
by Acts of Arms such glories toil'd to gain,
where thine unvanquisht flag for ever flies,

Hum Pacheco fortiſsimo, & os temidos
Almeidas, por quem ſempre o Tejo chora.
Albuquerque terribil, Caſtro forte,
E outros em quem poder não teue a morte."

(*Lusiadas*, 1572, Canto 1, estancia 14.)

Pacheco, brave of braves, th' Almeidas twain,
whom Tagus mourns with ever-weeping eyes;
dread Albuquerque, Castro stark and brave,
with more, the victors of the very grave."

(*The Lusiads*, Canto 1, stanza 14. Burton's translation.)

Foy Impreſſo eſte pri-
MEIRO LIVRO DA HISTORIA DA
India em a muyto nobre & leal cidade de Coimbra,
por Iohão da Barreyra & Iohão Aluarez,
empreſſores del Rey na meſma vniuer-
ſidade. Acabouſe aos ſeys dias do
mes de Marco. De
M. D. LI.

90 Colophon do Livro 1 da *Hiſtoria da India* de Fernão Lopes de Castanheda
Colophon of Book 1 of the *Hiſtoria da India* of Fernão Lopes de Castanheda
Coimbra, 1551

Manual de con-

feſſores & penitentes, que clara & breuemente contẽ a vniuerſal & particular deciſão, de quaſi todas as duuidas, q̃ nas cõfiſſões ſoẽ occorrer dos peccados, abſoluições, reſtituições, cẽſuras & irregularidades: Cõpoſto antes por hũ religioſo da ordem de. S. Franciſco da prouincia da piedade: E viſto & em algũs paſſos declarado polo muy famoſo Doutor Martim de Azpilcueta Nauarro, cathredatico iubilado de Prima em Cahones na vniuerſidade de Coimbra. E deſpois cõ ſummo cuidado, diligẽcia & eſtudo, tã reformado & acrecẽtado polo meſmo Author & o dito Doutor em materias, ſentenças, allegações & eſtilo, q̃ pode parecer outro, com Reportorio copioſo no cabo.

Anno de M.D.LII.

Vendenſe em Coimbra a cento & ſeſſenta reaes, em papel.

Com Priuilegio.

91 Folha do rosto do *Manual de confeſſores* de Martin de Azpilcueta Navarro
Title-page of the *Manual de confeſſores* of Martin de Azpilcueta Navarro
Coimbra, 1552

73 [FR. RODRIGO DO PORTO], MARTIN DE AZPILCUETA NAVARRO, MANUAL DE CONFESSORES.
Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1552.

Manual de con- | fesſores & penitentes, que clara & | breuemente contẽ a vniuersal & particular de | cisão, de quasi todas as duuidas, q̃ nas cõfissões | soẽ occorrer dos pec- cados, absoluições, restitui | ções, cẽsuras & irregularidades: Cõposto an- | tes por hũ religioso da ordem de. S. Francisco | da prouincia da piedade: E visto & em algũs | passos declarado polo muy famoso Doutor | Martim de Azpilcueta Nauarro, cathre- dati- | co [*sic*] iubilado de Prima em Canones na vniuer | sidade de Coimbra. E despois cõ summo cui- | dado, diligẽcia & estudo, tã reformado & acre | cẽtado polo mesmo Author & o dito Doutor | em materias, sentenças, allegações & estilo, q̃ | pode parecer outro, com Reportorio copioso | no cabo. | Anno de M.D.LII. | Vendense em Coimbra a cento | & sessenta reaes, em papel.
Titulo enquadrado por tarjas; por baixo, as palavras[1]*:*
Com Priuilegio.

[fl. 1 vo.] Al muy alto, y muy | excellente señor, el Cardenal Infante dom | Henrrique, el doctor Martin de Azpilcueta Nauar- | ro, perseuerancia en sus heroicas virtudes, y corona | muy sublime dellas. [...]
[fl. 2 vo.] Al pio Lector, el doctor Martin | de Azpilcueta Nauarro. Salud. [...]
[fl. 4 vo.] Prologo. [...]
p. 1. *Capitolo primeyro* [...]
p. 953. [...] *Pax eius, & gratia nobis.*
[p. 1] Tauoada ou repor | torio, [...]
[fl. 17 vo.] [...] Erros da impressão [...]
[fl. 18 vo.] DILECTO FILIO MARTI- | NO DE AZPILCVETA [...] *PAVLVS PP. III.* [...]
[fl. 19 vo.] Frater Martinus Ledesmius Doctor | Theologus, Lectori Salutem. [...]
| In inclyta Conim- | BRICA IOANNES BARRE- | *RIVS, ET IOANNES ALVAREZ* | *Regij Typographi excudebãt, anno a CHRIS-* | *TO nato. M.D.LII. die Diuæ* | *LVCIAE Sacro.*

8º—[4] folhas, 953, [1] paginas, [19] folhas—33 e 34 linhas—caractéres gothicos, excepto as notas marginaes, que são em caractéres redondos, e parte das peças preliminares e finaes—sem reclamos.

8vo.—[4] leaves, 953, [1] pages, [19] leaves—33 and 34 lines—Gothic type, except for the marginal notes, which are in Roman type, and some of the preliminary and final pieces—no catchwords.

[1] *Title within a woodcut border; below are the words:*

Numeração dos cadernos: ✠, 4 folhas; A–Z, 8 folhas cada caderno; a–z, 8 folhas cada caderno; aa–qq, 8 folhas cada caderno; total de 500 folhas; as folhas H 3, Y 4, g 4, l 4, r 2, v 4 e ee 2 não teem assignaturas; a folha S 4 tem assignatura errada S iij, X 4 tem X iij, bb 4 tem bb iij.

Encadernação de vitella.

Collation by signatures: ✠, 4 leaves; A–Z, each 8 leaves; a–z, each 8 leaves; aa–qq, each 8 leaves; total 500 leaves; leaves H 3, Y 4, g 4, l 4, r 2, v 4 and ee 2 have no signature marks; S 4 is wrongly marked S iij, X 4 is X iij and bb 4 is bb iij.

Calf binding.

Entre os numerosos bibliographos que se referem á edição do *Manual de confessores* impressa em Coimbra por João de Barreira e João Alvares em 1552, citaremos: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. III, p. 654), Innocencio (*Diccionario*, vol. VII, p. 181), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 466), Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, t. I, p. 151), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 292) que, alem de nos fornecerem uma descripção detalhada do *Manual*, indicam-nos a existencia dos seguintes exemplares: Bibliotheca Nacional de Lisboa (7 ex.), Ajuda, Porto, Evora, Mafra e Universidade de Coimbra.

O auctor d'este tratado, Frei Rodrigo do Porto, "cujo apellido denota o lugar que lhe deo o berço" (Barbosa, *loc. cit.*), era um Franciscano da Provincia da Piedade, ignorando-se as datas do seu nascimento e da sua morte. Em 1549 publicou—anonymamente—o seu *Manual de confessores*, que "foi talvez a primeira summa regular composta e publicada em vulgar por auctor português" (Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, t. III, parte II, p. 319). Tres annos mais tarde foi então estampada esta edição do *Manual*.

Arigita y Lasa (ver *El Doctor Navarro Don Martin de Azpilcueta y sus obras*, pp. 199–202) parece indicar que os meritos do *Manual* são unicamente devidos a Azpilcueta. Ora não é bem assim. Em primeiro logar vemos na folha do rosto que o tratado tinha sido

Among the many bibliographers who mention the edition of the *Manual de confessores*, printed in Coimbra by João de Barreira and João Alvares in 1552, are: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. III, p. 654), Innocencio (*Diccionario*, vol. VII, p. 181), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 466), Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. I, p. 151) and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 292). The last-named give a detailed description of the *Manual*, and cite the following copies: Lisbon National Library (7 copies), Ajuda, Oporto, Evora, Mafra and Coimbra University.

The author of this treatise, Frei Rodrigo do Porto, "whose name indicates his birthplace" (Barbosa, *loc. cit.*), was a Franciscan of the Province of Piedade, but the dates of his birth and death are unknown. In 1549 he published —anonymously—his *Manual de confessores*, which "was perhaps the first regular *summa* (compendium) composed and published in the vernacular by a Portuguese author" (Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. III, part II, p. 319). Three years later, the present edition of the *Manual* was published.

Arigita y Lasa (see *El Doctor Navarro Don Martin de Azpilcueta y sus obras*, pp. 199–202) seems to indicate that all the merits of the *Manual* are due to Azpilcueta. This is not altogether right, for as we see on the title-page, this treatise was

"Cõpofto antes por hũ religiofo da ordem de. S. Francifco....E vifto & em algũs paffos de- clarado polo muy famofo Doutor Martim de Azpilcueta Nauarro....E defpois cõ fummo cuidado, diligẽcia & eftudo, tã reformado & acrecẽtado polo mefmo Author & o dito Doutor ...q̃ pode parecer outro."

Mas o que mais importa é o que Navarro escreveu a respeito de Fr. Rodrigo do Porto e do seu tratado. Se na sua dedicatoria ao Cardeal D. Henrique chama ao tão modesto Franciscano "el Author dela obra, varon q̃ es pijfsimo, y fu gran coadjutor," na carta *Al pio Lector* diz:

"ENla carta, que os efcreuimos, pio lector, quãdo la otra vez fe imprimio efte Manual, por tres refpectos os diximos, fin lo faber el Author, que por humildad, no quifo nombrar fe: que a nueftro parefcer no fe hauia imprimido muchos años auia, otra obra de fu tamaño ni en Latin, ni en romãce Portugues, Caftellano, o Frances, tan prouechofa para cõfeffores, y penitentes."

O merecimento do *Manual de confeffores* ficou pertencendo—em vista da fama do seu nome—ao Dr Navarro; mas se elle mesmo se refere ao auctor de uma fórma tão elogiosa, seja-nos licito memorar aqui o nome do sabio e modesto Franciscano Portuguez—Fr. Rodrigo do Porto—"que por humildad, no quifo nombrar fe."

"Originally composed by a monk of the Order of St Francis...and examined and explained in some passages by the very famous Doctor Martin de Azpilcueta Navarro...and afterwards so re- vised and augmented with the greatest care, diligence and study, by the same Author and the said Doctor...that it may seem another."

But even more important is what Navarro himself says of Frei Rodrigo do Porto and his work. In his dedicatory epistle to the Cardinal Infante Dom Henrique, he calls the modest Franciscan "el Author dela obra, varon q̃ es pijfsimo, y fu gran coadjutor," and, in his letter *Al pio Lector*, says:

"ENla carta, que os efcreuimos, pio lector, quãdo la otra vez fe imprimio efte Manual, por tres refpectos os diximos, fin lo faber el Author, que por humildad, no quifo nombrar fe: que a nueftro parefcer no fe hauia imprimido muchos años auia, otra obra de fu tamaño ni en Latin, ni en romãce Portugues, Caftellano, o Frances, tan prouechofa para cõfeffores, y penitentes."

Azpilcueta has received all the credit for the *Manual de confeffores* on account of his famous name; but if he himself refers so eulogistically to the obscure author, we may be allowed to recall here the name of the humble and learned Portu- guese Franciscan, Frei Rodrigo do Porto—"que por humildad, no quifo nombrar fe."

In inclyta Conim-
BRICA IOANNES BARRE-
RIVS, ET IOANNES ALVAREZ
Regij Typographi excudebãt, anno à CHRIS-
TO nato. M.D.LII. die Diuæ
LVCIAE Sacro.

92 Colophon do *Manual de confeffores* de Martin de Azpilcueta Navarro
Colophon of the *Manual de confeffores* of Martin de Azpilcueta Navarro
Coimbra, 1552

Asia de Joam de Barros / dos fectos que os Portugueses fizeram no descobrimento & conquista dos mares & terras do Oriente.

Impressa per Germão Galhart de em Lixboa: a. xxviij. de Junho anno de. m. D. lij.

93 Folha do rosto da *Asia* de João de Barros
Title-page of the *Asia* of João de Barros
Lisboa, 1552

74 JOÃO DE BARROS, ASIA.
Lisboa, Germão Galharde, 1552, 1553.

Aſia de Ioam de Barros/ dos | fectos que os Portugueſes fize- | ram no deſcobrimento ɀ | conquiſta dos ma- | res ɀ terras do | Oriente. | Impreſſa per Germão Galharde em | Lixboa: a. xxviij. de Iunho | anno de. m. ṽ. lij.

[fl. 2] Tauoada da primeira decada da Aſia de Ioam de Barros. [...]

fl. 1. Ao muyto poderoſo ɀ Chriſtianiſſimo principe | el rey Dom Ioam noſſo ſenhor, deſte nome o terceiro de Portugal: | Prologo de Ioam de Barros em as primeiras quatro Decadas | da ſua Aſia, dos feitos que os Portugueſes fizeram no deſ- | cobrimẽto ɀ conquiſta dos mares ɀ terras do oriente. [...]

fl. 3. Aſia de Ioam de Barros: [...] | Capitulo primeiro, [...]

fl. 128.

Fim do livro decimo e ultimo da primeira Decada[1].

Fol.—[2], 128 folhas—50 linhas—caractéres gothicos—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: 2 folhas sem paginação nem assignaturas; a–q, 8 folhas cada caderno; total de 130 folhas; a folha c 3 tem assignatura errada e iij.

Fol.—[2], 128 leaves—50 lines—Gothic type—no catchwords.

Collation by signatures: 2 unnumbered leaves without signature marks; a–q, each 8 leaves; total 130 leaves; leaf c 3 is wrongly marked e iij.

Segunda decada da Aſia de Ioã | de Barros dos feitos que os | Portugueſes fizeram no | deſcobrimẽto ɀ cõqui | ſta dos mares ɀ ter- | ras do oriente. | Impreſſa per Germão Galharde em | Lixboa. aos. xxiiij. dias de | Março de. M.D.L.iij.

[fl. 2] Tauoada dos Capitulos da segunda dccada [*sic*]. [...]

fl. 1. Segunda decada da Aſia de Ioam de Barros: [...] Prologo. [...]

fl. 1 vo. Capitulo primeiro, [...]

fl. 143 vo. Fim.

do livro decimo e ultimo[2].

[1] *End of the tenth and last book of the first* Decad.
[2] *End of the tenth and last book.*

Fol.—[2], 143 folhas—50 linhas—caractéres gothicos—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: 2 folhas sem paginação nem assignaturas; A–R, 8 folhas cada caderno; S, 7 folhas; total de 145 folhas; as folhas Q 5, R 5 e S 5 não teem assignaturas.

Fol.—[2], 143 leaves—50 lines—Gothic type—no catchwords.

Collation by signatures: 2 unnumbered leaves without signature marks; A–R, each 8 leaves; S, 7 leaves; total 145 leaves; leaves Q 5, R 5 and S 5 have no signature marks.

As *Decadas* I e II da *Aſia* de João de Barros fôram impressas pela primeira vez por Germão Galharde, em Lisboa, em 1552 e 1553. Entre os auctores que a ellas se referem, mencionaremos: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana,* t. II, p. 606), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 102), Innocencio (*Diccionario,* vol. III, p. 321), Brunet (*Manuel du Libraire,* t. I, col. 669), Salvá (*Catálogo,* t. II, nº 3272), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez,* p. 63), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 648) que indicam os seguintes exemplares: Bibliotheca Nacional de Lisboa (tres exemplares da primeira *Decada* e quatro da segunda), Archivo Nacional, Ajuda, Evora, Gabinete Portuguez de Leitura (Rio de Janeiro), Bibliothèque de l'Arsenal (Paris) e New York Public Library. A esta lista ha a accrescentar mais quatro exemplares: Museu Britannico, Universidade de Harvard (Palha, nº 4140 do *Catalogo*), National Library of Scotland, e o nosso, que foi da Livraria de Alcobaça, e que se encontra n'um bello estado de conservação.

Diogo do Couto, na sua *Epistola* dirigida de Gôa a Filippe I de Portugal em 1597 (*Asia, Decada* IV, Parte I, p. xxxiii), refere-se á raridade da primeira edição da *Aſia*, dizendo:

"As Decadas de João de Barros noſſo natural (que aſſi por ſua muita erudição, como pelos grandes feitos que de ſeus naturaes eſcreveo, ſão dignas de muita eſtima) aſſi foram eſtimadas de nós, que não houve mais que a primeira impreſsão, que o tempo tem tão conſumida, que

The first and second *Decads* of the *Aſia* of João de Barros were printed for the first time by Germão Galharde, in Lisbon, in 1552 and 1553; and among those who refer to them are: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana,* vol. II, p. 606), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 102), Innocencio (*Diccionario,* vol. III, p. 321), Brunet (*Manuel du Libraire,* vol. I, col. 669), Salvá (*Catálogo,* vol. II, no. 3272), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez,* p. 63), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 648) who mention the following copies: Lisbon National Library (three copies of the first *Decad* and four of the second), Archivo Nacional, Ajuda, Evora, Gabinete Portuguez de Leitura (Rio de Janeiro), Bibliothèque de l'Arsenal (Paris) and New York Public Library. To this list must be added the copies in the British Museum, Harvard University Library (Palha, *Catalogue,* no. 4140), the National Library of Scotland, and our own, which used to be in the Alcobaça Library and is in a fine state of preservation.

Diogo do Couto refers to the rarity of the first edition of the *Aſia* in the *Epistola* he addressed to Philip I of Portugal from Goa in 1597, saying (*Asia, Decad* IV, Part I, p. xxxiii):

"The *Decads* of João de Barros, our fellow countryman (which are very estimable both because of his great erudition and because he described the great deeds of his compatriots therein), were so esteemed by us, that there was no edition after the first, which has been so consumed

não ſei ſe ha em Portugal dez volumes, e na India hum ſó."

João de Barros, conforme a maior parte dos escriptores que se occupáram da sua biographia, nasceu na cidade de Vizeu em 1496; com-tudo, ha quem tenha suggerido a data de 1497 (ver Aubrey Bell, *Portuguese Literature*, p. 192). O nosso auctor era filho de Lopo de Barros, "peſſoa nobre" (Severim de Faria, *Vida de Ioão de Barros—Discvrsos Varios Politicos*, 1624, fl. 23 vº), e muito novo ainda—na "idade do jogo de pião"—entrou para o Paço, onde fez os seus estudos.

"Coſtumauão naquelle tempo os Reys de Portugal mandar doutrinar os moços fidalgos, & os da Camara, de que ſe ſeruião, em toda a boa diſciplina, & tinhão para iſſo meſtres no paço, que lhe enſinauão as lingoas, ciencias Mathe-maticas, letras humanas, dãçar, jugar as armas, & outros virtuoſos exercicios" (Severim de Faria, *ob. cit.* fl. 24 vº).

Foi pois debaixo dos tectos do Venturoso, que Barros apprendeu, "cõ grãde perfeiçaõ," Latim, Grego, mathematicas e humanidades, e que leu os poetas e historiadores da antiguidade. Quando El-Rei D. Manuel assentou casa ao principe D. João, Barros foi nomeado moço da guarda-roupa de sua Alteza.

É n'essa guarda-roupa que o encontramos (ver as nossas notas sobre a *Cronica do Emperador Clari-mundo*), com pouco mais de vinte annos, escre-vendo, por cima das arcas, o seu romance de cavallaria, cujos cadernos o Principe, seu amigo, corrigia; preparava-se para compôr, n'uma linguagem cheia de grandeza, a historia dos Portuguezes no Oriente. No prologo da *Aſia* veremos os motivos que o leváram a escrever a *Cronica do Emperador Clarimundo*, na qual, abrindo as azas da phantasia, narrou aventuras fabulosas, talvez porque entendia ne-cessario exercitar a imaginação para poder contar

by time, that I do not know if there are ten copies left in Portugal and even one in India."

According to most of his biographers, João de Barros was born in Vizeu in 1496, though there are some who have suggested the year 1497 (see Aubrey Bell, *Portuguese Literature*, p. 192). He was the son of Lopo de Barros, "a person of nobility" (Severim de Faria, *Vida de Ioão de Barros—Discvrsos Varios Politicos*, 1624, fl. 23 vo.), and while he was still very young—at an "age to play with tops"—he entered the Palace, where he carried on his studies.

"At that time the Kings of Portugal used to order the pages and the gentlemen of the bed-chamber, who served them, to be instructed in all branches of knowledge, and for this purpose they had masters in the Palace, who taught languages, the mathematical sciences, the hu-manities, dancing, fencing and other virtuous exercises" (Severim de Faria, *op. cit.* fl. 24 vo.).

It was, therefore, under the roof of King Manuel the Fortunate, that João de Barros studied Latin, Greek, mathematics and the humanities "with great perfection" and that he read the ancient poets and historians. When the King set up a household for Prince João, Barros was appointed keeper of the wardrobe to his Highness.

And it is on top of the chests in this wardrobe that we find him, at little more than twenty years of age, writing his romance of chivalry (see our notes on the *Cronica do Emperador Clarimundo*), the pages of which were corrected by the Prince, his friend. It was thus that he prepared himself to compose in fitting language the history of the Portuguese in the East. In the prologue to the *Aſia* we shall see the reasons why he wrote the *Cronica do Emperador Clarimundo*, in which, spreading wide the wings of fantasy, he recounted the most fabulous adventures, per-haps because he deemed it necessary to stir his

Segunda decada da Asia de Joã de Barros dos feitos que os Portugueses fizeram no descobrimẽto e cõquista dos mares e terras do oriente.

Impressa per Germão Galharde em Lixboa. aos. xxiiij. dias de Março de .M. D. L. iij.

94 Folha do rosto da *Segunda decada da Asia* de João de Barros
Title-page of the *Segunda decada da Asia* of João de Barros
Lisboa, 1553

as façanhas, não ficticias mas reaes, dos seus compatriotas.

Segundo Severim de Faria (*ob. cit.* fl. 26 vº) e outros auctores mais modernos, D. João III, pouco tempo depois da morte d'El-Rei D. Manuel, nomeou João de Barros para a capitania da Mina, para onde partiu em 1522; mas Mendes dos Remedios (*História da Literatura Portuguêsa*, p. 170) declara que elle nunca foi capitão de S. Jorge da Mina, "como afirmou Severim de Faria, pois na lista das nomeações existente na Torre do Tombo não figura o seu nome." Comtudo, Barros menciona a viagem (*Decada* III, Liv. III, cap. 1), pois diz: "...jndo eu pera o caſtello de ſam Iórge da Mina que ę na cóſta de Guinę." Com certeza, sabemos que, em Maio de 1525, foi nomeado por El-Rei thesoureiro das Casas da India, Mina e Ceuta, logar que desempenhou até Dezembro de 1528 (ver Antonio Baião, *Documentos inéditos sôbre João de Barros*, p. 3). Ficou em Lisboa até 1530, e quando a peste o obrigou a sahir da capital, foi para a sua quinta da Ribeira de Alitem, ou de Litem, proxima de Pombal, onde escreveu a *Rhopicapneſma* que dedicou ao seu amigo Duarte de Resende (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, p. 470). Passada a peste, regressou a Lisboa, e, em Dezembro de 1533, El-Rei deu-lhe o cargo de feitor das Casas da Guiné e India (ver Antonio Baião, *ob. cit.* pp. 5–6).

Quando D. João III principiou a colonização do Brazil, João de Barros recebeu em 1535 a capitania de cincoenta leguas de terra na costa norte do Brazil, conforme consta do respectivo foral (ver Antonio Baião, *ob. cit.* pp. 36–40). Essa empreza mercantil foi desgraçada, pois naufragou a esquadra que se armára, na qual ia como capitão Ayres da Cunha, e morreu a maior parte dos colonos. Este triste episodio

"deixou a Ioão de Barros mui gaſtado de fazenda, perdẽdo tão grãde cabedal como naq̃lle negocio tinha metido ſẽ nenhũ fruito, mas foi tal

imagination in order to be able to do justice to the real exploits of his compatriots.

Severim de Faria (*op. cit.* fl. 26 vo.) and other more recent authors state that, shortly after the death of King Manuel, Dom João III appointed João de Barros captain of the fortress of Mina, whither he went in 1522; but Mendes dos Remedios (*História da Literatura Portuguêsa*, p. 170) denies that he ever held such a post, because "his name does not figure in the list of the nominations which exists in the Torre do Tombo." However, Barros himself mentions the journey (*Decad* III, Book III, chap. 1) saying: "...when I went to the fortress of S. Jorge da Mina which is on the coast of Guinea." We know for certain that, in May, 1525, the King nominated him treasurer of the Houses of India, Mina and Ceuta, a position which he held until December, 1528 (see Antonio Baião, *Documentos inéditos sôbre João de Barros*, p. 3). He stayed in Lisbon until 1530, when the plague drove him from the city and he went to his country house of Ribeira de Alitem, or de Litem, near Pombal, where he wrote the *Rhopicapneſma*, dedicated to his friend Duarte de Resende (see *Early Portuguese Books*, vol. I, p. 470). When the plague was over, he returned to Lisbon, and in December, 1533, the King made him factor of the Houses of Guinea and India (see Antonio Baião, *op. cit.* pp. 5–6).

In 1535, when Dom João III was beginning to colonise Brazil, Barros was given the captaincy of fifty leagues of the north coast of that country, as we learn from the *foral* (see Antonio Baião, *op. cit.* pp. 36–40). This mercantile enterprise was a failure, for the squadron which had been equipped, under the command of Ayres da Cunha, was wrecked, and most of the colonists were drowned. This unfortunate episode

"left João de Barros much diminished in fortune, for he lost all the capital he had invested in that enterprise without any return; but such was his

ſeu animo, q̃ cõpadecẽdoſe do infortunio de Ayres da Cunha, & de outros pagou ainda por elles" (Severim de Faria, *ob. cit.* fl. 32).

Segundo o mesmo auctor, foi depois deste desastre que Barros se offereceu definitivamente a D. João III para escrever a *Aſia.*

"Aceitoulhe elRey o offerecimento, porque tendo encomendado eſte cuidado a Lourenço de Caceres meſtre do Infante Dom Luis, no anno de 1531. era ja falecido ſem ter dado principio a tão grande obra. Começou Ioão de Barros logo eſta Hiſtoria, & com tudo antes de imprimir a primeira Decada a interrompeo antepondo a ſeu goſto a piedade chriſtam, & proueito publico, em cujo beneficio ſahio com algũs opuſculos a luz, e tambẽ para em idade mais madura tornar a prouar o eſtillo" (Severim de Faria, *ob. cit.* fl. 32 vº).

Publicou então, entre outras obras, o seu *Dialogo da uiçioſa Vergonha*, 1540, para a composição do qual consultára o seu amigo o illustre medico Antonio Luiz (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. 1, pp. 596–597).

Em 1552 foi impressa a primeira *Decada*, e a segunda em 1553. D. João III, tendo apreciado o trabalho do feitor da Casa da India, encommendo-lhe que escrevesse a Chronica d'El-Rei seu pae; mas fallecendo o Monarcha em 1557, o Cardeal Infante D. Henrique encarregou Damião de Goes de compôr essa obra. Damião de Goes (ver *Chronica DelRey Dom Emanuel*, 1566, *Prologo*, e Parte IV, cap. XXXVII) refere-se a estes factos, e declara que Barros não contribuiu para a sua historia do Venturoso; mas Severim de Faria (*ob. cit.* fl. 38 vº), e talvez com razão, diz:

"cõ tudo não poderâ negar, que nas Decadas da ſua Aſia, que ja naquelle tempo tinha impreſſas, achou larga & ordenadamẽte eſcrita toda a hiſtoria da India que a elRey Dom Manoel pertencia. De maneira q̃ aos eſcritos do meſmo Ioão de Barros podemos atribuir grande parte da ſua Cronica."

character that, in his sympathy for Ayres da Cunha and others in their misfortune, he paid for them also" (Severim de Faria, *op. cit.* fl. 32).

According to the same author, it was after this disaster that Barros definitely offered to write the *Aſia* for Dom João III:

"The King accepted his offer, because, by the year of 1531, Lourenço de Caceres (tutor to the Infante Dom Luiz), to whom he had given this charge, had died without having started the great work. João de Barros at once began this History, but he interrupted his labours before the first *Decad* was printed, because he placed Christian piety and the public benefit (for whose advantage he issued several pamphlets) before his personal wishes, and also so that he could go back and test his style when he was more mature" (Severim de Faria, *op. cit.* fl. 32 vo.).

Among the works he then published was his *Dialogo da uiçioſa Vergonha*, 1540, for the composition of which he consulted his friend the famous doctor Antonio Luiz (see *Early Portuguese Books*, vol. 1, pp. 596–597).

The first *Decad* was printed in 1552, and the second in 1553. Dom João III so much appreciated the work, that he charged Barros to write the life of the King his father; but upon the death of this Monarch in 1557, the Cardinal-Infante Dom Henrique entrusted the composition of the chronicle to Damião de Goes. Goes (see the *Chronica DelRey Dom Emanuel*, 1566, *Prologo*, and Part IV, chap. XXXVII) refers to these facts and declares that Barros made no contribution to his history of King Manuel; but Severim de Faria (*op. cit.* fl. 38 vo.) may perhaps be right when he says:

"He (Goes) could not deny, however, that in the *Decads* of his *Aſia*, which were already printed at that time, he found all the history of India concerning Dom Manuel copiously and orderly written. So that we can attribute a large part of his Chronicle to the writings of the same João de Barros."

A terceira *Decada* foi impressa em 1563, e a quarta, que ficára inedita, só veiu a ser publicada por João Baptista Lavanha, em Madrid, em 1615, depois de accrescentada e reformada. João de Barros, sentindo-se velho e cançado, renunciou em 1567 ao seu logar de feitor da Casa da India, recebendo d'El-Rei D. Sebastião, em recompensa dos seus serviços, uma tença de quatrocentos mil reis (ver Antonio Baião, *ob. cit.* p. 96), e outros privilegios e mercês. Terminados os seus negocios, retirou-se para Pombal em Janeiro de 1568, vindo a fallecer na sua quinta a 20 d'Outubro de 1570.

A *Asia* de João de Barros é um monumento da nossa historia, e o seu auctor foi, certamente, um dos mais famosos entre aquelles que narráram os feitos dos Portuguezes no Oriente. O descobrimento da via maritima tinha sido a meta da genial aventura iniciada pelo Infante D. Henrique, e a historia de esses longos annos de lucta persistente, foi, como disse o Padre Antonio Vieira, "o silencio de todas as historias." Lendo as *Decadas*, revivemos essa epocha que causou o pasmo do mundo e que Camões cantou.

"A primeira delas, aparecida um ano antes da partida de Camões para a India (1553) provocou, na opinião de muitos escritores, a concepção dos *Lusíadas*. Só por isso mereciam elas ser registadas com amor na memória de todos os portugueses" (Mendes dos Remedios, *loc. cit.*).

Os cargos que exerceu, primeiro de thesoureiro e depois de feitor da Casa da India, facilitáram certamente a sua tarefa, pois podia obter rapidamente muitas das informações de que carecia; mas, para escrever a *Asia*, sem deixar de desempenhar o seu officio, Barros diz-nos que não dormia a sesta, não sahia, e trabalhava metade da noite. Comtudo, preparou-se admiravelmente para a sua empreza, lendo e estudando tudo o que lhe podia ser util.

The third *Decad* was printed in 1563, but the fourth remained in manuscript form until it was revised and amplified by João Baptista Lavanha, and published by him in Madrid in 1615. João de Barros, feeling himself old and tired, gave up his position as factor of the India House in 1567, and, in acknowledgment of his services, Dom Sebastião granted him a pension of four hundred thousand *reis* (see Antonio Baião, *op. cit.* p. 96) and other privileges and favours. Having wound up his affairs, Barros retired to his home near Pombal in January, 1568, and died there on October 20th, 1570.

The *Asia* of João de Barros is a monument to the history of Portugal, and its author is certainly one of the most famous of those who have described the Portuguese exploits in the East. The discovery of the sea route had crowned the enterprise begun by the Infante Dom Henrique, and the history of those long years of persistent struggle was, as Father Antonio Vieira said, "the silencer of all histories." With the *Decads* we re-live the epic which amazed the world and which Camões sang.

"In the opinion of many writers, the first of the *Decads*, which appeared a year before Camões set out for India (1553), inspired the author of the *Lusiads*. On this account alone, they would deserve to be engraved with devotion in the memory of every Portuguese" (Mendes dos Remedios, *loc. cit.*).

Barros' position, first as treasurer and afterwards as factor of the India House, must have helped him in his task, for he was able to obtain rapidly much of the information he needed; but he tells us that, in order to write the *Asia* without interfering with his duties, he used not to take a siesta, never went out, and worked half the night. But he carefully fitted himself for his undertaking by reading and studying everything that could be useful to him.

"Pera eſcreuer com noticia verdadeira teue Ioão de Barros as mais certas relações, que pera tal materia ſe podião alcançar, porque havendo de tratar de tres couſas, que erão, os Feitos dos Portugueſes, a Noticia dos Reys, & naſções do Oriente, & a verdadeira ſituação Geografia daquellas Prouincias. Para o que tocaua â hiſtoria Portugueſa lhe forão entregues todos os papeis, aſſi dos regimentos reaes, como das relações, & cartas dos Viſoreys, deuaſſas, & diligencias, e mais couſas, que âquella materia pertencião.... Para a noticia dos Reys do Oriente, & ſeus pouos não ſe contentou com menor diligencia q̃ mandar buſcar as Cronicas daquelles meſmos Reynos, eſcritas em ſuas proprias lingoas...os quaes liuros lhe forão interpretados....Para â graduação das Prouincias ſe valeo dos noſſos meſmos pilotos Portugueſes, que nauegãdo todos aquelles mares com o Aſtrolabio, & ſonda na mão fizerão reprouar as mais das opiniões dos Gregos, & Romanos, que fallarão das couſas do Oriente com muito pouca noticia; cheas eſtão as Decadas deſtas emẽdas, & correções feitas a Ptolomeu, Arriano, & aos mais Geographos antigos que da India tratarão" (Severim de Faria, *op. cit.* fl. 39 vº–fl. 40 vº).

Quando Barros quiz conhecer bem a Geographia da China, comprou um Chim, "douto em ſuas letras," para lhe traduzir esse trabalho em linguagem.

Era um enthusiasta, um infatigavel trabalhador, um estudioso methodico, que possuia raras aptidões como escriptor. O *Livio Portuguez* utilizou essas qualidades, que poz ao serviço do seu Paiz, compondo as *Decadas*. Parece que alem da *Aſia*, João de Barros pensava em escrever tres outras obras que teriam sido intituladas *Europa*, *Africa* e *Santa Cruz*. Para acompanhar esses trabalhos, dos quaes a *Aſia* é o unico existente, escreveu a sua *Geographia Universal*, que não acabou, e cujo manuscripto—pois não foi impresso—pertence ao numero dos desapparecidos; é uma perda inestimavel, porque não póde haver duvida que essa *Geographia* teria sido mais uma prova valiosissima do trabalho scientifico dos

"In order to write with correct information, João de Barros had the most authentic accounts procurable of such matters. He had to treat of three things, which were: the deeds of the Portuguese, the Kings and nations of the East, and the true geographical situation of those provinces. For the Portuguese history, he was entrusted with all the papers, the Royal orders as well as the reports and letters from the Viceroys, the depositions and examinations, pertaining to that subject....For the account of the Eastern Kings and their peoples he did not rest until he had sent for the Chronicles of these same Kingdoms, written in their own tongues...which books were translated to him....For the division of the Provinces he had recourse to our own Portuguese pilots, who, having navigated all those seas with Astrolabe and plummet in hand, had refuted most of the opinions of the Greeks and Romans, who spoke of the things of the East with very little information; the *Decads* are full of these emendations and corrections to Ptolemy, Arrian and the other ancient geographers who treated of India" (Severim de Faria, *op. cit.* fl. 39 vo.–fl. 40 vo.).

When Barros wished thoroughly to understand the geography of China, he even bought a Chinese slave "learned in his language," to translate a work on the subject into Portuguese for him.

He was an enthusiast, an indefatigable worker, a methodical student, with a remarkable talent for writing. The *Portuguese Livy* placed these qualities at his country's service when he wrote the *Decads*. It appears that, in addition to his *Aſia*, Barros had planned to compose three other works, which he would have called *Europa*, *Africa* and *Santa Cruz*. The loss of the unfinished manuscript of the *Geographia Universal*, designed to be a companion to these works (of which the *Aſia* is the only one in existence), is irreparable, for this *Geography* would certainly have been a valuable document to show the scientific work done by the Portuguese, and a

Portuguezes, e mais uma demonstração da veraci-dade da celebre phrase de Pedro Nunes escripta em 1537: "Ora manifesto he que estes descubri-mentos de costas: ylhas: ꝛ terras firmes: nam se fezeram indo a acertar" (ver *Livros Antigos Portu-guezes*, vol. I, p. 552). Barros deve ter-se occupado mais detalhadamente das questões scientificas na sua *Geographia*, pois, quando conta que Vasco da Gama tomou a altura do sol com o astrolabio na bahia de Santa Helena, escreve:

"E porque em este reyno de Portugal se achou o primeiro vso delle em a nauegaçá (peró que em a nóssa geographia lárgamente tractamos desta matéria em os primeiros liuros della)" (*Decada* I, Liv. IV, cap. II).

Severim de Faria (*ob. cit.* fl. 52 *e seg.*) diz-nos que depois da morte de Barros, os seus papeis correram por tantas mãos, que pouco chegou ás de João Baptista Lavanha, Chronista Mór do Reino, a quem Filippe III os mandára entregar. Comtudo, em 1741 existiam ainda manuscriptos de João de Barros: Sousa (*Historia Genealogica*, vol. VIII, *Advertencias e addições*, p. 27, nº 75), conta que viu algumas obras manuscriptas de Barros, que se conservavam na Livraria do Conde de Castello-Melhor. É possivel, como aconteceu a tantas outras preciosidades, que estas obras ine-ditas de João de Barros se tenham perdido no terremoto de 1755.

A importancia da *Asia* foi rapidamente com-prehendida em Italia, e especialmente em Veneza, cuja supremacia commercial findára com o desco-brimento da via maritima para a India. As duas primeiras *Decadas* de Barros, traduzidas em Italiano por Alfonso Ulloa, eram impressas em Veneza em 1561, dois annos antes de ser estampada em Lisboa a terceira *Decada*. O nome de Barros tornára-se celebre em Italia, e, segundo consta, os Venezianos mandáram pôr a sua imagem entre as dos varões mais famosos da litteratura, e o Papa Pio IV ordenou que a collocassem no Vaticano

further confirmation of what Pedro Nunes said in 1537: "Now it is manifest that these dis-coveries of coasts, islands and continents were not made by chance experiment" (see *Early Portuguese Books*, vol. I, p. 552). Barros must have gone more deeply into scientific ques-tions in his *Geography* than he does in the *Asia*, for when he tells how, in St Helena Bay, Vasco da Gama took the altitude of the sun with the astrolabe, he says:

"For it was in this kingdom of Portugal that it (the astrolabe) was first used in navigation (for which reason we treat of the matter at length in the first books of our Geography)" (*Decad* I, Book IV, chap. II).

Severim de Faria (*op. cit.* fl. 52 *et seq.*) tells us that after Barros' death, his papers passed through so many hands that few reached João Baptista Lavanha, the chief Chronicler of the Kingdom, to whom Philip III had commanded them to be given. Some of his manuscripts were, however, still in existence in 1741, for Sousa (*Historia Genealogica*, vol. VIII, *Advertencias e addições*, p. 27, no. 75) says that he saw some manuscript works of Barros in the Conde de Castello-Melhor's Library. It is possible that, as happened to so many treasures, these unpublished works of João de Barros were lost in the earthquake of 1755.

The importance of the *Asia* was speedily re-cognised in Italy, and especially in Venice, whose commercial supremacy was ended by the dis-covery of the sea route to India. The first two *Decads* were translated into Italian by Alfonso Ulloa and printed in Venice in 1561, two years before the third was published in Lisbon. The name of Barros became famous in Italy, and we are told that the Venetians had his likeness placed among those of the most famous men of litera-ture, and that Pope Pius IV ordered it to be put

juncto á de Ptolomeu. Diogo de Couto (*ob. cit.* p. xxxiv) tinha, por consequencia, razão quando escrevia em 1597 a Filippe I de Portugal ácerca das *Decadas* de João de Barros:

"em Italia, onde andam traduzidas por Affonſo Ulhoa, e dirigidas a Guilhermo Gonzaga terceiro Duque de Mantua...foram tão eſtimadas delle, e o ſão hoje de todos os Grandes, que as trazem ás cabeceiras das camas, como Alexandre trazia a Iliada de Homero."

Dirigindo-se a D. João III, Barros diz no *Prologo* da primeira *Decada*:

"Auẽdo cento ꝛ vinte annos (porque de tãtos tráta eſta eſcriptura) que vóſſas ármas ꝛ padrões de victórias tem tomádo póſſe, nam ſómente de toda a tęrra maritima de Africa ꝛ Aſia, mas ajnda de outros mayóres mundos do que Alexándre lamentáua por nam ter noticia delles: nam ouue alguem que ſe antremeteſſe a ſer primeiro neſte meu trabálho, ſómẽte Gomezeanes de Zurára chroniſta mór deſtes reynos em as couſas do tempo do jnfante dom Anrique (do qual nós confeſſamos tomar a mayór parte dos ſeus fundamentos, por nã roubar o ſeu a cujo ę)."

Comtudo, queixa-se (*Decada* I, Liv. II, cap. II) de já não ter encontrado uma copia completa da *Chronica de Guiné* de Zurara (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, p. 142).

Em seguida, conta-nos como escreveu a *Cronica do Emperador Clarimundo*, e prosegue na sua exposição, que julgamos interessante reproduzir na integra:

"A qual pintura (*Clarimundo*) por ſer em nome de vôſſa alteza, aſſy contentou a elrey vóſſo pádre depois que ſoube ſer jmágem deſta que óra trácto, que lógo me pagou meu trabálho: dizendo auer dias que deſejáua eſtas couſas das pártes do oriente ſerem póſtas em eſcriptura, mas que nunca achára peſſoa de que ò confiaſſe, que ſe me eu atreuia a eſta óbra (como o debuxo moſtráua) o meu trabalho nam ſeria antelle perdido. Por a qual confiança lhe beijey a mão per ante peſſoas que oje ſam viuas: por a pratica ſer huũ pouco alta,

in the Vatican next to that of Ptolemy. Diogo do Couto (*op. cit.* p. xxxiv) was therefore right when he said of Barros' *Decads* in 1597:

"In Italy they have been translated by Alfonso Ulloa and dedicated to Guglielmo Gonzaga, third Duke of Mantua....They were so much esteemed by him, and they are to-day by all the great, that they keep them at their bedside, as Alexander kept Homer's *Iliad*."

In the *Prologo* to the first *Decad*, Barros addresses himself to King João III as follows:

"Though it is a hundred and twenty years (for these writings treat of as many as that) since your victorious armies and standards began to take possession, not only of all the coasts of Africa and Asia, but also of many other worlds of which Alexander lamented that he had no knowledge, no one has undertaken to be the first in this my work, except Gomes Eannes de Zurara, the chief Chronicler of the happenings in these kingdoms in the time of the Infante Dom Henrique (from whom—that we may not rob him of what is his—we confess that we have taken most of his groundwork)."

Yet he complains (*Decad* I, Book II, chap. II) that he has not been able to find a complete copy of Zurara's *Chronica de Guiné* (see *Early Portuguese Books*, vol. I, p. 142).

Barros then tells us how he wrote his *Cronica do Emperador Clarimundo*, and the remainder of his exposition is so interesting that we transcribe it in its entirety:

"Which picture (*Clarimundo*), because it was in your Highness' name, so pleased the King your father when he learned that it was the image of this which I am now writing, that he paid me for my work at once, saying that he had long desired to have these happenings in the East put into writing, but that he could never find anyone to whom he could entrust it, and that if I would venture upon this work (as the plan showed) my labour should not be lost before him. For this sign of confidence I kissed his hand, before

lęndolhe eu huũ ou dous capitulos da móſtra ⁊ debuxo (*Clarimundo*). E eſtando pera abrir os alicéces deſte grande edificio, com o feruor da jdade ⁊ fauor das paláuras de cõfiança que ſe de my tinha: aprouue a deos leuar a el rey vóſſo pádre aquelle celeſtial aſſento que ſe dá aos cathó-licos ⁊ chriſtianiſſimos principes, com que fiquey ſuſpenſo deſta jmpreſa. Socedendo tambem lógo prouęrme vóſſa alteza dos officios de teſoureiro da cáſa da India ⁊ Mina, ⁊ depois de feytor das meſmas caſas, cárregos que com ſeu peſo fazem acuruar a vida, pois lęuam todolos dias della, ⁊ com a ocupaçam ⁊ negócio de ſuas armádas ⁊ cõmęrcios, afógam ⁊ catiuam todo liberal enge-nho. Mas parece que aſſy eſtaua ordenádo de cima, que nam ſómente me coubęſſe per ſórte da vida, os trabălhos de feitorizar os cõmęrcios de Africa ⁊ Aſia: mas ajnda eſcreuer os feitos que vóſſos vaſſallos na milicia ⁊ conquiſta dellas fizerã. Porque correndo o tempo ⁊ achădo eu antre alguũas cartas q̃ el rey vóſſo pádre ante da minha offęrta tinha eſcripto a dom Frãciſco Dalmeyda ⁊ a Afonſo de Alboquęrque que cõquiſtáram ⁊ gouernarã a India, encomendan-dolhe que meudamẽte lhe eſcreuęſſem as couſas ⁊ feitos daquellas pártes, com tençam de ăs mandar poer em eſcripto, ⁊ que vóſſa alteza cõ a meſma tençã o anno de quinhẽtos ⁊ trinta ⁊ huũ tãbem ŏ eſcręueo a Nuno da Cunha q̃ naquelle tẽpo ă gouernáua mandandolhe ſobriſſo regi-mentos feitos per Lourenço de Cáceres a quem tinha encomendado a eſcriptura deſtas partes, ŏ que nam ouue efecto, ⁊ ſeria peruentura por elle falecer: determiney por ſenam dilatár eſte deſejo que vóſſa alteza tinha, ⁊ eu pagar a confiança que el rey vóſſo padre de my teue, reparty o tempo da vida, dando os dias ao officio ⁊ párte das noytes a eſta eſcriptura da vóſſa Aſia: ⁊ aſſy compry com o regimento do officio, ⁊ com o deſejo que ſempre tiue deſta impreſa.... Pois nam tendo eu outra cauſa mais viua pera tomar eſta impreſa, que huũ zelo da glória que ſe deuea vóſſas ármas ⁊ fama a meus naturáes que militando nellas verteram ſeu ſangue ⁊ vida: fuy o primeiro que brotey eſte fructo deſcriptura deſta voſſa Aſia."

persons who are alive to-day, reading him one or two chapters of the sample and plan (*Clarimundo*) because its execution was rather important. And when I was about to lay the foundations of this great edifice, with the fervour of my age and the favour of the confidence in me which had been expressed, God saw fit to take the King your father to that celestial throne which is given to Catholic and most Christian princes, so that I was suspended from this undertaking. It also happened then that your Highness appointed me to the positions of treasurer of the House of India and Mina and afterwards of factor of the same Houses, charges whose weight bends one's life, for they fill up every day of it, and with the employment and business of their armadas and trade stifle and imprison the liberal mind. But it must have been ordained from above that it should be my lot not only to superintend the African and Asiatic trade, but also to write of the deeds done by your subjects in the warfare and conquest of them; because in the course of time I found some letters which the King your father had written—before my offer—to Dom Francisco de Almeida and to Affonso de Albuquerque who conquered and governed India, asking them to write to him in detail of the things and happenings in those parts, with the idea of having them put into writing, and I also found that in 1531 your Highness had written with the same intention to Nuno da Cunha, who was then governor, sending him directions from Lourenço de Caceres, to whom your Highness had entrusted the writing about those parts, which he did not do, probably because he died. I therefore decided, so that the fulfilment of your Highness' wish should no longer be delayed, and that I should not betray the confidence which the King your father had in me, to divide up my life, devoting the days to my official work, and part of the nights to the writing of your *Aſia*, and so I fulfilled the duties of my office as well as the desire I had always had to undertake this work.... Thus, having no greater incentive to take on this work than a zeal for the glory due to your arms and the fame due to my compatriots who gave their blood and their lives in the fight for them, I was the first to produce this fruit in writing of this your *Aſia*."

Tres auctores—João de Barros, Fernão Lopes de Castanheda, e Gaspar Corrêa, um na *Aſia*, outro na *Hiſtoria do deſcobrimento & conquiſta da India*, e o terceiro nas *Lendas da India*—reclamam a honra de ter sido o primeiro historiador dos feitos Portuguezes no Oriente. É possivel que Barros fôsse o primeiro que emprehendeu essa historia, visto que em 1520 tinha começado o seu estudo para a obra colossal que queria compôr. Corrêa e Castanheda escreveram *de visu*, pois viveram muitos annos no Oriente, para onde seguiram, o primeiro em 1512, e o segundo em 1528. Barros escreveu baseado sobre as informações, os documentos, as chronicas mesmo, dos reinos do Oriente, e a sua posição de feitor da Casa da India facilitava-lhe, como já dissemos, a empreza. Barros, n'um estylo classico, n'uma linguagem pura e rica, foi, não sómente o cantor das façanhas dos Portuguezes, mas o seu apologista. Castanheda foi o escriptor cheio de franqueza que narra imparcialmente os factos que presenciou: é a testemunha da sua *Hiſtoria da India*. Corrêa, como Castanheda, teve a vantagem dos muitos annos passados na India; conhecia bem os usos, costumes e superstições do Oriente, e acima de tudo, teve a honra de ter sido secretario de Affonso de Albuquerque. Apezar de não ter possuido, certamente, o estylo e a erudição de Barros, nem mesmo a sinceridade de Castanheda, muitos auctores consideram-o superior a todos os nossos escriptores do Oriente, porque soube pintar com côres vivas os quadros que viu. Não nos compete julgar qual foi o primeiro que brotou "eſte fructo deſcriptura deſta Aſia": são tres obras inteiramente differentes, mas que se completam.

A *Aſia* de Barros é um monumento grandioso: no *Prologo* da segunda *Decada*, 1553, o proprio auctor expõe as suas ideas:

"Em a primeira dęcada, como foy o fundamento deſte nóſſo edeficio de eſcriptura, em algũa maneira quiſſęmos jmitar o módo que os archetectóres tem nos materiáes edeficios: os quáes

Two other authors besides Barros—Fernão Lopes de Castanheda in his *Hiſtoria do deſcobrimento & conquiſta da India* and Gaspar Corrêa in his *Lendas da India*—claim the honour of having been the first historians of the Portuguese exploits in the East. Barros may possibly have been the first to undertake the work, since he had already begun to prepare himself for his great task in 1520. Corrêa and Castanheda both wrote *de visu*, for they lived for many years in the East, whither the former went in 1512 and the latter in 1528. Barros based his account on documentary evidence, even using the actual chronicles of the Oriental kingdoms he mentioned, and, as we have said, his position as factor of the India House helped him in his task. Barros was the apologist as well as the narrator of the Portuguese achievements, which he described in classic style, in a language rich and pure. Castanheda gave an outspoken and impartial account of events he saw; he himself was the witness of his *Hiſtoria da India*. Corrêa, like Castanheda, had the advantage of spending many years in India, he had a thorough knowledge of the practices, customs and superstitions of the East, and, above all, he had the honour of being secretary to Affonso de Albuquerque. Though he may not have had Barros' style and learning, or Castanheda's sincerity, many authors consider Corrêa as the greatest Portuguese writer on the East, because his account of events in India is presented in such living colours. We shall not attempt to decide who was really the first to produce "this fruit in writing of this *Aſia*": the three works are entirely different, but they complete each other.

Barros' *Aſia* is a splendid monument, and in the *Prologo* to the second *Decad*, 1553, he himself explains his ideas:

"In the first *Decad*, as it was the foundation of this our literary edifice, we wished to imitate in some measure the methods of architects of material edifices, who always lay the foundations of their

sempre fundam sobre o firme da terra, enchendo aquelle lugar de aliceçes nam de pédras laurádas ⁊ limpas que deleitem á vista, mas duras, gráues, grandes, acompanhadas doutras ajnda q̃ pe-quenas ⁊ meudas, pera q̃ tudo fique maciço ⁊ a óbra q̃ sobrellas vier em algum tempo por de-fecto de sua firmeza ⁊ lygamẽto nam póssa ar-runhar. Assy nós fundamos este nôsso sobre as pédras rusticas das cousas de Guiné, assentádas sobre aq̃lle firme ⁊ constãte alycéce da têçam do jnfante dõ Anrrique, ⁊ de sy foy a óbra enchendo este seu propósito per o discurso das cousas do tẽpo delrey dõ Afonso ⁊ elrey dõ Ioam, tę o tẽpo delrey dõ Mãnuel, que cõ o descobrimẽto da India mostrou lógo a óbra sóbre a terra: de maneyra que a nóssa Europa começou por os ólhos nella, louuãdo assy os principes q̃ abrirã ⁊ encherã estes aliceçes como o discurso da óbra q̃ tę o ánno de quinhẽtos ⁊ cinquo elrey dõ Mannuel (*sic*) man-dou fazer. Agóra que o edificio começa a ser posto em vista de todo o mũdo crescẽdo cõ reinos, senhorios, cidádes, villas, ⁊ lugares q̃ per cõquista vay acrescẽtãdo aos primeiros funda-mẽtos: conuẽ escolhermos pédras laurádas ⁊ pulidas dos mais jllustres feitos q̃ pera efecto desta óbra cõcorrerã, ⁊ dos meudos por a grã multidã delles ⁊ nã fazer muyto entulho, nã faremos mais conta que quãto forem necessários pera atar ⁊ liar a parede da história."

building on solid ground, and make that basis, not with fair wrought stones which delight the eye, but with hard, heavy, large ones, accom-panied by other small and trifling ones, so that the whole thing may be massive and that the structure which will rise upon it may not in time fall into ruins for want of a firm united basis. So we founded this of ours upon the rustic stones of the things of Guinea, set upon that firm and sure basis of the Infante Dom Henrique's purpose, which was gradually fulfilled in the course of affairs in the time of King Affonso and King João, until the time of King Manuel, when, with the discovery of India, the work began to show above the ground, so that Europe began to look towards it, praising the princes who had started and filled in these foundations, in the course of the work which King Manuel commanded to be done, up to the year of 1505. Now that the edifice is beginning to show itself plainly to all the world, with the growth of kingdoms, do-minions, cities, towns and places, which by con-quest are being added to the first foundations, it is fitting that we should choose polished wrought stones of the most notable deeds which have contributed to perfect this work, and the small ones, because there are so many of them, and so as not to make a heap of trifles, we shall not take into more account than is necessary to bind and hold together the wall of the history."

O "archetector" da *Asia* seguiu á risca o seu plano; querendo erguer bem alto o nome da sua patria, descreveu—com justificado orgulho—nas suas *Decadas* as acções dos Portuguezes e as em-prezas ordenadas pelos seus Reis. Mas elle mes-mo viu que as suas ideas não podiam agradar a todos: com amavel philosophia, e mesmo com espirito, prosegue, dizendo:

The architect of the *Asia* carried out his plan exactly; and fulfilled his desire to raise high his country's name, by describing proudly the achievements of the Portuguese in the enterprises commanded by their Kings. But he realised that his book would not have a wholly favourable reception, and he proceeds philosophically and wittily:

"Com tudo bẽ sabẽmos q̃ a todos nã podemos aprazer, porq̃ se em os materiaes edeficios, vemos q̃ o filho nascido ⁊ criádo nas cásas do pay, tãto q̃ ás herda lhe muda a janella, a pórta, a camara, ⁊ tróca tudo ao seu juizo por lhe desaprazer ŏ daquelle q̃ ŏ gerou: q̃ se póde esperar do edeficio

"However we know very well that we cannot please everybody, because, if in material edifices we find that the son, born and bred in his father's house, begins, as soon as he inherits it, to alter the window, the door, the rooms, and to change everything in accordance with his opinion, be-cause his father's ideas do not please him, what

das letras, o qual o auctor delle faz comũ a todalas gẽtes, principalmente ŏ da hiſtóra (*sic*) em que aſſy os doctos como jnorantes ſam licenceados pera arguir.... E eſta ſálua, nam ę por ſaluar nóſſos erros, mas porque ſe ſayba que ante de tirarmos eſte nóſſo trabálho a luz, já nos dauamos por cõdenado no juyzo de muytos. Porq̃ ao tẽpo q̃ enqueriamos ꝛ buſcáuamos as achegas paręlle, ſe faláuamos cõ mareãtes tudo queriã q̃ foſſe da ſua profeſſam: cõtar da viágẽ ꝛ naufragios, o caualeiro que eſcreuęſſe ſómẽte os auctos de ſeu officio, o geographo a ſituaçã da tęrra, o mercador o preço ꝛ peſo das couſas, o curióſo a variedáde ꝛ coſtumes das gentes: finalmente cada hũ namo-rádo da ſua jndinaçam, prometẽdo lhe nós q̃ fariamos deſta nóſſa Aſia hũa botica em que elle acháſſe mezinha da ſua enfermidade, nam ficáua ſatiſfecto porque quiſſęra q̃ fora a mayór párte chea daquella que lhe cura ſeu effecto. E por nós trabalhamos em ſeguir mais as ręgras da hiſtória, com aquelle dicto de Apollo, de nenhũa couſa muyto, que ſatiſfazer ao requerimento de tantos: ſe em tudo nam aprouuęrmos, ao menos ſerá em dar material a alguũs de poderẽ emẽdar ꝛ mur-murar que ę a mais doce fructa da tęrra, ꝛ aſſy ſeremos apraziuel a todos, a huũs pera louuărem o bem dicto, ꝛ outros pera tęrem que dizer do mal feito."

É um desabafo, no qual se vê que Barros co-nhecia a humanidade; mas, mais tarde foi ac-cusado por contemporaneos de parcialidade; a essas accusações respondeu com altivez na *Ap-pologia de Ioão de Barros, em lvgar de Prologo* (*Qvarta Decada da Asia*), na qual diz:

"Deos que julga as obras & tençam de cada hum, julgue as noſſas, pois o juizo dos homẽs eſtà mais prompto em julgar à outrem que à ſi meſmo. Porem contra aquelles que mal ſentem deſte noſſo trabalho, iſto podemos affirmar: que as obras cujo fim he algum bem comum, paſſada a murmuraçam, ficam ellas vivas, & a memoria de ſeu Autor, por mais dentadas que em vida lhe dem."

may we expect in the literary edifice, which its author gives to all in common, and especially in the historical one, which both the learned and the ignorant set themselves up to criticise.... And this previous answer to criticism is not to excuse our mistakes, but so that it may be known that, even before we issued this our work, we held our-selves condemned in the judgment of many. Be-cause when we were making enquiries and seek-ing help for it, if we spoke to sailors they wanted us to describe only things which had to do with their profession, such as the voyage and the wrecks, the knight wished us to write only of the deeds of his fellows, the geographer of the situation of the land, the merchant of the price and weight of things, the curious of the variety and customs of the people: finally everyone was enamoured of his own wrongs, and when we promised that this our *Asia* should be an apothecary's shop where he would be able to find a remedy for his infirmity, he was not satisfied, because he wished the greater part of it to be filled with the remedy for his particular affliction. And because we have tried rather to follow the rules of history in accordance with the saying of Apollo, not too much of any one thing, than to satisfy the re-quirements of all: if we do not please in every-thing, at least we shall do so in giving people something to correct and to grumble about, which is the sweetest fruit of the earth, and so we shall give pleasure to everyone, to some because they can praise what is good, to others because they can criticise what is bad."

This piece of plain speaking shows that Barros understood humanity very well; and later, when his contemporaries accused him of partiality, he made a noble reply in the *Appologia de Ioão de Barros, em lvgar de Prologo* (*Qvarta Decada da Asia*), saying:

"Let God, Who judges the deeds and inten-tions of each one, judge ours, for the judgment of man is more ready to pass sentence upon others than upon himself. Yet against those who think ill of this our book, we can affirm that, when the murmuring is past, those works whose aim was the common good, remain alive, as does the memory of their Author, however sharply he may have been criticised in his lifetime."

A sua obra—com ou sem erros, pois nada é perfeito n'este mundo—ficou viva, e o nome do auctor permanecerá celebre nas lettras Portuguezas. João de Barros considerava que prestára um serviço ao seu paiz, e como tinha a consciencia tranquilla do dever cumprido, a acção dos seus accusadores escandalizava-lhe a razão: então, n'uma phrase verdadeiramente admiravel de patriotismo e de nobre orgulho—na qual se sente tambem tristeza pela decadencia da nossa grandeza—exclama indignado, e dolorosamente prophetico:

"Virà tempo em que feremos julgado por homem mais zelofo, & diligente no cuidado do bem, & gloria da Patria, que da propria pefoa. Pois pola Patria, no tempo que os outros cà, & là andam, à quem fe carregarà de mais fardos às coftas dos defpojos da India, nos tomamos cuidado de levantar a bandeira dos triunfos della; que eftes carregados leixaram jazer defemparada, & efquecida com a occupaçam, & preffa que cada hum em feu modo traz de falvar a prea de que lançou mão, por lhe mais importar o proprio intereffe, que a gloria comum da Patria."

His work—with or without faults, for nothing in this world is perfect—did indeed remain living, and his name will ever be famous in Portuguese literature. João de Barros felt that he had rendered service to his country, and, secure in the consciousness of duty done, he could not understand the action of his accusers. So in a magnificent passage, where a noble spirit of patriotism is mingled with the sad realisation that Portugal's glory was on the wane, he exclaims in mournfully prophetic tones:

"The time will come when we shall be judged as one who was more zealous and diligent in caring for the welfare and glory of his country than of his own person. For in the time when others have gone hither and thither, seeing who could load himself the heaviest with the spoils of India, we have made it our care to raise the banner of our country's triumphs; a banner which these overloaded ones left lying abandoned and forgotten, in the preoccupation and haste of each after his own way to save the booty he had seized, for to each his own interest was more important than the common glory of the nation."

CONSOLACAM AS TRI-
BVLACOENS DE
ISRAEL.

COMPOSTO POR SA-
MVEL VS-
QVE.

Empresso en Ferrara en casa de Abraham aben
Vsque 5313 Da criaçam.a 7 de Setembro

95 Folha do rosto da *Consolacam as Tribvlacoens de Israel* de Samuel Usque
Title-page of the *Consolacam as Tribvlacoens de Israel* of Samuel Usque
Ferrara, 5313 (1553)

75 SAMUEL USQUE, CONSOLACAM AS TRIBVLACOENS DE ISRAEL.

Ferrara, Abraham aben Usque, 5313 (A.D. 1553).

CONSOLACAM AS TRI- | BVLACOENS DE | ISRAEL. | COMPOSTO POR SA- | MVEL VS- | QVE.

Esphera armillar com a legenda: IN TE DOMINE SPES MEA *e as iniciaes* A.V[1].

Empresso en Ferrara en casa de Abraham aben | Vsque 5313 Da criaçam. a 7 de Setembro

[fl. 2] A ILLVSTRISSIMA SENHO- | RA DONA GRACIA | NASCI. [...]

[fl. 3] DA ORDEM E RAZAM DO | LIVRO PROLOGO. | AOS SENHORES DO DESTER- | RO DE PORTVGAL. [...]

[fl. 6]

Fim do prologo[2].

[fl. 7 vo.] Ysrael em nome de Ycabo | pastor auendo se recolhido em | hum lugar afastado da conuer- | saçam humana lamenta seus | males, ao qual acham per caso | Nahũ ʒ Zahariahu prophe- | tas ẽ habito ʒ nome de pa | stores aquem conta | todos seus tra | balhos ʒ | el- | les o con- | solam.

fl. i. Dialogo Primeiro. | Consolaçã As tribulaçoẽs de Y- | srael. cõposta per Samuel Vsque. | Ycabo. Numeo. e Zicareo. | Pastores. [...]

fl. lxxvi vo. [...] Fim do primeiro Dialogo.

fl. lxxxvii. DIALOGO SEGVNDO | no qual se trata, a redeficação da segunda casa e todo seu sucesso | tee ser por Titos destruida, | e a consolação de tal | perda. | Zicareo, Ycabo, Numeo | Interlocutores. [...]

fl. clvi vo. [...] Fim do segundo Dialogo.

fl. clvii. DIALOGO TERCEIRO | No qual se trata desde a perda da se- | gunda casa destroida pellos ro | manos quãtas tribulaçoẽs | padeceo Ysrael tee e- | ste dia e ao pee toda- | las profecias que | nellas se am com- | prido, e vltima | mente sua cõ | solaçaõ as | si huma | na co | mo diui | na. | Ycabo, Zicareo, Numeo | Ynterlocutores. [...]

fl. cclxxxi vo. [...] Finis laus Deo. | Este liuro se parte em tres dialogos ʒ o | primeiro contem o seguinte. [...]

[fl. 3 vo.] [...] Finis. Laus Deo.

[1] *Armillary sphere with the legend:* IN TE DOMINE SPES MEA *and the initials* A.V.
[2] *End of the preface.*

8º—[8, a ultima em branco], cclxxxi, [3] folhas —28 linhas—caractéres gothicos de dois tamanhos, sendo as notas marginaes em caractéres menores—reclamo na ultima folha de cada caderno.

Numeração dos cadernos: 8 folhas sem paginação, assignadas i–iiii; A–Z, 8 folhas cada caderno; Aa–Mm, 8 folhas cada caderno; Nn, 4 folhas; total de 292 folhas.

Encadernação original de carneira.

A *Consolacam as Tribvlacoens de Israel* (*sic*), escripta por Samuel Usque e impressa em Ferrara por Abraham Usque, é uma obra rara entre as mais raras. São muitos os escriptores que se referem a este livro e ao seu auctor, dos quaes mencionaremos: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. III, p. 672), Ribeiro dos Santos (*Memorias da Litteratura Sagrada dos Judeos Portuguezes no Seculo* XVI, pp. 406–414), Innocencio (*Diccionario*, vol. VII, pp. 196–197), Kayserling (*Biblioteca Española-Portugueza-Judaica*, p. 107, e *Geschichte der Juden in Portugal*, p. 267, n. 1), Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, t. VII, p. 90), Mendes dos Remedios (*Consolaçam ás Tribulaçoens de Israel de Samuel Usque*, com revisão e prefacio), Julius Steinschneider (*Zur Geschichte jüdischer Martyrologien*), e Sigmund Seeligmann (*Bibliographie en Historie*, pp. 57–59), que aponta apenas tres exemplares da edição de Ferrara: um na Bibliotheca Real da Haya, outro em Berlim na collecção A. Asher, e finalmente o que se encontrava no Porto, na Bibliotheca do bibliographo Moreira Cabral; esse exemplar, que serviu para a reedição do Professor Mendes dos Remedios, pertence hoje ao Conde de Sucena. O nosso exemplar está completo e muito bem conservado, tendo ainda a sua encadernação original de couro lavrado.

Samuel Usque pertencia a uma familia Hespanhola—cujo nome era derivado do da cidade de Huesca, a antiga Osca—que emigrou para Portugal, onde o nosso auctor nasceu. Samuel era

8vo.—[8, the last blank], cclxxxi, [3] leaves—28 lines—Gothic letter, marginal notes in smaller type—catchword on the last leaf of each quire.

Collation by signatures: 8 unnumbered leaves marked i–iiii; A–Z, each 8 leaves; Aa–Mm, each 8 leaves; Nn, 4 leaves; total 292 leaves.

Original sheepskin binding.

The *Consolacam as Tribvlacoens de Israel* (*sic*), by Samuel Usque, printed in Ferrara by Abraham Usque, is a book which may be numbered among the rarest of the rare. Many writers have referred to it and to its author, and we would mention the following: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. III, p. 672), Ribeiro dos Santos (*Memorias da Litteratura Sagrada dos Judeos Portuguezes no Seculo* XVI, pp. 406–414), Innocencio (*Diccionario*, vol. VII, pp. 196–197), Kayserling (*Biblioteca Española-Portugueza-Judaica*, p. 107, and *Geschichte der Juden in Portugal*, p. 267, n. 1), Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. VII, p. 90), Mendes dos Remedios (*Consolaçam ás Tribulaçoens de Israel de Samuel Usque, com revisão e prefacio*), Julius Steinschneider (*Zur Geschichte jüdischer Martyrologien*), and Sigmund Seeligmann (*Bibliographie en Historie*, pp. 57–59), who mentions only three copies of the Ferrara edition: one in the Royal Library of the Hague, another in Berlin in A. Asher's collection, and the one which was in Moreira Cabral's Library in Oporto and was used for Professor Mendes dos Remedios' edition, and which is now in the possession of the Conde de Sucena. Our own copy is complete and in excellent condition, having its original leather binding.

Samuel Usque came of a Spanish family, whose name was derived from the town of Huesca, the ancient Osca. His parents emigrated to Portugal, where Samuel must have

com certeza Portuguez, e como tal se considerava, pois, no fim do Prologo da *Consolacam* diz:

"Algũs ſeñores quiſerom dizer antes que ſoubeſem minha razam, que fora milhor auer cõpoſto em lingoa caſtelhana, mas eu creo que niſſo nam errey, por que ſendo o meu principal yntento falar cõ Portugheſes e repreſentando a memoria deſte noſſo deſterro buſcarlhe per muitos meos e longo rodeo, algum aliuio aos trabalhos que nelle paſſamos, deſconueniente era fugir da lingua que mamey e buſcar outra preſtada pera falar aos meus naturais."

Nada sabemos da vida do notavel escriptor, excepto que a sua *Consolacam as Tribvlacoens de Israel* foi impressa pela primeira vez em 1553, nos prelos de Abraham Usque em Ferrara.

Abraham Usque, impressor illustre, de cuja typographia sahiram obras celebres, especialmente a *Biblia en Lengua Española*, era proximo parente de Samuel: alguns auctores dizem que eram irmãos, e que Abraham Usque, nascido em Lisboa, se chamára primeiro Abraham Duarte Pinhel (ver Kayserling, *The Jewish Encyclopedia*, vol. XII, p. 387, e *Geschichte der Juden in Portugal*, p. 268; D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Introdução* ás *Obras de Bernardim Ribeiro*, 1923, pp. 33–47).

Comtudo, Barbosa (ver *ob. cit.* pp. 4 e 742) considerou Abraham Usque e Duarte Pinhel como duas pessoas distinctas. Se Pinhel se chamava Abraham, não usou o nome em Portugal—o que é muito possivel por motivos obvios—pois na sua *Grammatica*, impressa em 1543 (ver Anselmo e Proença, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 1041), o seu nome é Duarte Pinhel. J. Lucio d'Azevedo (ver *Historia dos Christãos Novos Portugueses*, pp. 365–366) não concorda com a idea—que partiu do illustre bibliophilo Isaac da Costa—de Abraham Usque e Duarte Pinhel serem uma e só pessoa. Ignoramos; mas parece-nos natural que Samuel e Abraham, quer dizer o auctor e o impressor da *Consolacam*, fôssem irmãos.

been born; he was and considered himself Portuguese, for he says in the Prologue to the *Consolacam*:

"Some people were pleased to say, before they knew my reason, that it would have been better to have written in the Spanish tongue; but I believe I was not wrong in this, because, as my chief intent was to address myself to the Portuguese, and, in presenting an account of this our exile, to seek for them by many means and by a long and roundabout way, some alleviation of the troubles we then underwent, it would not have been fitting to desert the language I learnt at my mother's knee and to seek another borrowed one in which to address my compatriots."

We know nothing about our author's life, except that in 1553 he had his *Consolacam as Tribvlacoens de Israel* printed for the first time in Abraham Usque's press in Ferrara.

Abraham Usque, a notable printer, from whose press other famous works—including the *Biblia en Lengua Española*—were issued, was a near relation of Samuel: some writers say that the two were brothers and that Abraham Usque, born in Lisbon, was originally known as Abraham Duarte Pinhel (see Kayserling in *The Jewish Encyclopedia*, vol. XII, p. 387, and *Geschichte der Juden in Portugal*, p. 268; Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Introdução* to the *Obras de Bernardim Ribeiro*, 1923, pp. 33–47).

However, Barbosa (see *op. cit.* pp. 4 and 742) considered Abraham Usque and Duarte Pinhel to be two distinct persons. If Pinhel had the name of Abraham, he did not use it in Portugal, for instance, in his *Grammatica*, printed in 1543 (see Anselmo and Proença, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 1041), his name is given as Duarte Pinhel. J. Lucio d'Azevedo (see *Historia dos Christãos Novos Portugueses*, pp. 365–366) disagrees with the idea—which emanated from the distinguished bibliophile Isaac da Costa—that Abraham Usque and Duarte Pinhel were one and the same person. We cannot decide the question; but we do consider that Samuel and Abraham, that is the author of the *Consolacam* and its printer, must have been brothers.

A *Consolacam as Tribvlacoens de Israel,* "pela saborosa candura da linguagem, pelo accento dorido da expressão, é producto notavel do genio hebraico, e porventura o unico notavel no idioma português" (J. Lucio d'Azevedo, *loc. cit.*).

Usque dedicou a sua obra *A Illvstrissima Se-nhora Dona Gracia Nasci* (ver Mendes dos Reme-dios, *ob. cit.* pp. xvii–xxi)—a cuja generosidade se referem muitos auctores rabbinos—e, desejando mostrar-se "em parte grato das muitas merces q̃ de voſſa larga maõ tenho recebido," offereceu-lhe o seu livro nos seguintes termos:

"Sendo o meu primeiro yntẽto ſeruir cõ eſte piqueno ramo de fruta noua a noſſa naçaõ Portu-gueſa, era juſto offerecelo a Voſſa Excelẽcia como ao coraçaõ deſte corpo pois nos remedios que aueis dado ſentiſtes ⁊ ynda ſentis ſeus trabalhos mais que algũ outro."

Samuel Usque dividiu a sua obra em tres dialogos.

"Os interlocutores são os mesmos em todos os dialogos. Jacob, no anagramma de *Ycabo*, sym-bolisa, no pensamento do auctor, o povo judeu que por sua boca se lamenta dos males que, através das edades, tem soffrido. São os prophetas Nahum e Zacharias, com os nomes de *Numeo* e *Zicareo* que o consolam represen-tando-lhe o destino providencial do povo hebreu e sua missão na terra até á consecução da felici-dade que Deus lhe tem destinado. O ponto de vista do auctor é estrictamente judaico, e, como tal, se tem de avaliar a sua exposição erudita, constantemente appoiada na letra dos grandes prophetas de Israel" (Mendes dos Remedios, *ob. cit.* pp. xliv–xlv).

O terceiro dialogo é o mais interessante, por conter a historia do povo Judeu em diversos paizes da Europa. Usque consagra as folhas cxcviii vº a ccxi a Portugal, começando com a entrada dos Judeus de Hespanha em 1492, e, n'uma linguagem cheia de dôr e de sentimento, conta os tristes acontecimentos até 5291 (A.D. 1531). A narração dos horrores passados pelos

The *Consolacam as Tribvlacoens de Israel* "with its refreshing candour, its grief-stricken tones, is a notable product of the Hebrew genius, probably the only notable one in the Portuguese idiom" (J. Lucio d'Azevedo, *loc. cit.*).

Usque dedicates his book to *The most illustri-ous lady Dona Gracia Nasci* (see Mendes dos Re-medios, *op. cit.* pp. xvii–xxi)—to whose generosity many rabbinic authors make reference—and, saying that he desires to show some part of his gratitude "for the many kindnesses which I have received from your generous hand," he offers her his book in the following terms:

"As it was my primary intention to serve our people in Portugal with this tiny cluster of fresh fruit, it was right that I should offer it to Your Excellency as to the heart of this body, for in the remedies you have given you felt and still do feel for their sorrows more deeply than anyone else."

Samuel Usque divided his work into three dialogues.

"The speakers are the same in all the dia-logues. Jacob, anagrammatised as *Ycabo*, sym-bolises, in the author's mind, the Jewish people lamenting the ills they have suffered all down the ages. It is the prophets Nahum and Zacharias, under the names of *Numeo* and *Zicareo*, who con-sole him, pointing out the divine destiny of the Hebrew race and its mission on earth until the attainment of the happiness to which it is de-stined by God. The author's point of view is strictly Jewish, and as such his learned exposi-tion must be appreciated as it is throughout based on the words of the great prophets of Israel" (Mendes dos Remedios, *op. cit.* pp. xliv–xlv).

The third dialogue is the most interesting, for there Usque writes the history of the Jewish people in various countries of Europe. He de-votes leaves cxcviii vo. to ccxi to Portugal, be-ginning with the entry of the Jews from Spain in 1492, and, in language vibrant with grief and compassion, gives a vivid account of the sad happenings up to 5291 (A.D. 1531). The tragic

Judeus em Portugal durante esses annos, faz arripiar, e o coração enche-se de dó ao pensar em tamanhos soffrimentos. Resta-nos unicamente a fraca consolação de não termos sido os primeiros a expulsar os Judeus; fômos mesmo dos ultimos, e só quando as circumstancias nos obrigáram.

Sem querermos escrutinar as epochas remotas, parece-nos conveniente examinar, por alto que seja, a situação dos Hebreus em Portugal desde a fundação da monarchia até á morte de D. Manuel.

"Quando Affonso Henriques tomou aos mouros Santarem, já lá existia a synagoga, que foi, parece, a mais antiga do paiz, signal evidente de ser numerosa no local a população judaica" (J. Lucio d'Azevedo, *ob. cit.* p. 7).

N'aquelles tempos de conquistas, em que se estabelecia a nacionalidade, os Soberanos tinham de ser tolerantes com os novos subditos; D. Affonso III e D. Diniz fôram muito liberaes nas concessões que fizeram aos Judeus.

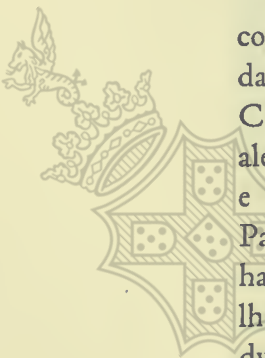
"No tempo d'elles não pagavam os hebreus dizimos á Egreja, nem traziam nos vestidos as divisas, com que, por determinação do concilio lateranense, lhes cumpria se mostrassem. Semelhantes isenções por certo levantariam contra elles a ira do clero, porêm não offendiam menos, sobretudo a primeira, o sentimento do povo. Na verdade, era justo remir do tributo ecclesiastico aquelles que á Egreja não pertenciam; mas tornava-se por outro lado comprehensivel o protesto dos christãos que, forçados ao pagamento, viam naquella dispensa um odioso privilegio" (J. Lucio d'Azevedo, *loc. cit.*; ver tambem A. Herculano, *Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, t. 1, pp. 88–89).

N'estes factos já havia, pelo menos, um pretexto para acirrar os animos: mas existiam outros motivos. Os Judeus, devido á sua intelligencia, ás suas riquezas e ás suas innumeras aptidões, cedo conseguiram não só influencia mas preponderancia: muitos d'elles exerceram as mais altas funcções publicas, e por isso pene-

story of the appalling treatment meted out to the Jews in Portugal during those pitiless years is enough to make one shudder. We have only the frail consolation that the Portuguese were not the first to banish the Jews; they were even among the last, and did not take this measure until circumstances had rendered it indispensable.

Without delving into the remote past, let us examine the position of the Jews in Portugal from the foundation of the monarchy until the death of King Manuel.

"When Dom Affonso Henriques took Santarem from the Moors, there was already a synagogue in existence there, which appears to have been the most ancient in the country and is a clear sign that there was a large Jewish population in the district" (J. Lucio d'Azevedo, *op. cit.* p. 7).

In those early days of conquests when the nation was being formed, the Sovereigns were forced to be tolerant towards their new subjects, and Dom Affonso III and Dom Diniz made very liberal concessions to the Jews.

"In their time the Hebrews paid no tithes to the Church, nor did they wear on their clothes the distinguishing marks, which, according to the determination of the Lateran Council, they ought to have shown. Such exemptions must certainly have aroused the animosity of the clergy, yet they were scarcely less offensive, especially the first, to the public sentiment. It was, in truth, just to exempt from ecclesiastical tribute those who did not belong to the Church; but, on the other hand, it is easy to understand the protesting attitude of the Christians who, forced to pay, regarded that dispensation as an odious privilege" (J. Lucio d'Azevedo, *loc. cit.*; also see A. Herculano, *Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, vol. 1, pp. 88–89).

These facts gave a pretext, at least, for ill-feeling; but there were other reasons. The Jews, with their many and remarkable aptitudes and their great riches, soon obtained not only influence but preponderance in the country; many of them held public positions of the highest importance and

travam em toda a parte. Eram mais industriosos e activos, e possuiam uma cultura muito superior á da maioria dos Christãos; a essas incontestaveis qualidades junctavam uma das caracteristicas da sua raça: a sede do lucro. Sentindo a influencia de que dispunham, abusavam, creando, pouco a pouco, a revolta dos Christãos contra essa preponderancia. Os sectarios do judaismo eram especialmente habeis em materias financeiras; por isso, os Reis precisavam d'elles, como em outros paizes tinham precisado, sobretudo em momentos de aperto, que eram frequentes; e os Judeus aproveitavam essas opportunidades para exercer a auctoridade de que gozavam, directa ou indirectamente, como agentes fiscaes ou como rendeiros d'impostos. N'essa epocha

"não faltou tempo em que os Iudeus ſe virão tão validos, que os preferiraõ nos officios publicos aos Chriſtãos. E náo pode abſurdo taõ indecēte ficar eſcondido, porque o reprehendeo o Papa Gregorio IX. publicamente a El Rey D. Sancho II. na Decretal *ex ſpeciali*, titulo *de Iudæis, & Sarracenis*, mandandoo amoeſtar pelos Biſpos de Aſtorga, & Lugo a que remedeaſſe eſte abuſo. Mais lhe mandaua que dando rendas reaes a Iudeu, ou Mouro, conſtituiſſe hum Superintendente Chriſtaõ que acudiſſe às vexaçoens que os taes coſtumauaõ fazer aos Eccleſiaſticos, & em geral aos Chriſtaõs no rigor da exacçaõ, & execuçaõ, & forma da cobrança" (Fr. Francisco Brandão, *Monarchia Lvsitana*, Parte VI, 1672, p. 13).

Estes favores e preferencias vinham ajudar a converter em odio as repugnancias—"aliás avivadas pelo fanatismo," como diz Herculano—dos Christãos pelos sectarios da lei de Moysés; mas, alem d'esses sentimentos, havia outros, naturaes e elevados, que justificavam essa animosidade. Para o clero, que era a classe mais culta do paiz, havia, acima de tudo, a questão religiosa; não se lhe podia pedir, mórmente durante a primeira dynastia, quando a idea das cruzadas era ainda dominante, que acolhesse favoravelmente os Judeus, e que acceitasse de bom grado que elles occupassem funcções publicas. Na nobreza, so-

thus penetrated everywhere. They were more active and industrious and much more highly cultured than most of their Christian compatriots; but they also had that thirst for gain which is one of the characteristics of their race. They soon began to abuse their power, and it was not long before the Christians revolted against the Jewish domination. The Israelites had an exceptional talent for financial transactions, so the Kings of Portugal—like those of other countries—made special use of them, particularly in times of pecuniary embarrassment, which were frequent; and the Jews took advantage of every opportunity to extend their fiscal authority. At that period,

"there was a time when the Jews had such preponderance that in public positions they were preferred before the Christians. Nor could such shameless folly remain hidden, because Pope Gregory IX publicly rebuked King Sancho II for it in the Decretal *ex ſpeciali*, under the heading *de Iudæis, & Sarracenis*, ordering the Bishops of Astorga and Lugo to warn him to remedy this abuse. He ordered further that when royal revenues were paid to a Jew or a Moor, a Christian superintendent should be appointed, to prevent the vexations to which these were accustomed to submit the clergy and the Christians in general in the rigour of exaction, and in the methods of collecting" (Fr. Francisco Brandão, *Monarchia Lvsitana*, Part VI, 1672, p. 13).

These favours and advantages helped to turn the Christian aversion—"already stimulated by fanaticism," as Herculano says—into deep hatred for the Jews; but there were also other and nobler reasons for the animosity. The clergy, who were the most cultured class in the country, were of course moved chiefly by the religious side of the question. It could not be expected, especially during the first dynasty, when the idea of the Crusades was still dominant, that they should look favourably upon the Jews and complaisantly watch them taking over public functions.

bretudo na epocha em que as Ordens Militares de Cavallaria exerciam a sua maior actividade, o facto de os Judeus serem sectarios de uma re-ligião abolida pelo Christianismo, não podia deixar de ter influencia. As guerras para a fundação da nacionalidade tinham sido guerras santas, abençoadas com as mesmas indulgencias que as cruzadas: como é que se podia pedir aos Christãos que, ao mesmo tempo, recebessem de braços abertos os inimigos de Christo?

Mas era o povo quem mais soffria. As suas crenças fervorosas, n'esses bons tempos de fé, eram ingenuas mas arraigadas. Na sua simpleza, a plebe não podia comprehender que El-Rei D. Diniz, o fundador da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Christo, tivesse como The-soureiro Mór, o que corresponde ao moderno ministro das finanças, o Rabbi Mór, chamado Judas—como o Apostolo cuja perfidia era com-memorada em Portugal e Hespanha pela *Jude-rega* ou *Judenga*, "tributo de 30 dinheiros, que os Judeos pagavão por Cabeça, para lembrança, e pena de haverem vendido a Christo por outros tantos" (Viterbo, *Elucidario*, t. II, p. 61; ver tambem Mendes dos Remedios, *ob. cit.* p. 370; Kayserling, *ob. cit.* p. 54).

O povo não attingia estas subtilezas, que a força das circumstancias tornava necessarias, e nas suas afflicções recorria ao clero; este, mesmo que não se approveitasse da opportunidade para formular as suas proprias queixas, não deixava de se fazer o porta-voz das reclamações das classes rudes.

Frequentemente os pedidos do povo não eram attendidos; outras vezes os Soberanos promul-gavam leis que pesavam sobre os Judeus. Mas essa legislação não alliviava o povo, pois, devido á usura, aos emprestimos ou aos contractos, os Hebreus, na sua lucta constante pela conquista do dinheiro, exploravam sempre os Christãos, exigindo-lhes a satisfacção de compromissos que a necessidade os obrigára a tomar. Já no tempo de D. Affonso III, os povos de Bragança queixa-

Again, the fact that the Jews belonged to a re-ligion abolished by Christianity could not but influence the nobles, especially at a time when the military Orders of Chivalry were such an active force. The wars for the founding of the nation had been holy wars, and had carried with them the same privileges as the Crusades: how could the Christians be asked, at the same time, to welcome the enemies of Christ with open arms?

But it was the people who suffered most. In those times when faith was a living thing, their beliefs, though simple, were fervent and deeply rooted. In their simplicity they could not under-stand that King Diniz, the founder of the Military Order of Christ should have as minister of finances a Chief Rabbi called *Judas* (Judah)—like the apostle whose perfidy was commemorated in Portugal and Spain by the *Juderega* or *Judenga*, "a tax of 30 *dinheiros* per head, which the Jews paid in remembrance and punishment for having sold Christ for as many more" (Viterbo, *Eluci-dario*, vol. II, p. 61; also see Mendes dos Reme-dios, *op. cit.* p. 370; Kayserling, *op. cit.* p. 54).

They could not follow these subtleties, so they turned to the clergy, who, even if they did not profit by the chance to formulate their own grievances, could not but voice the plaints of their flock.

Often the people's demands were ignored; but sometimes the Kings promulgated laws which weighed heavily upon the Jews. This legislation did not, however, relieve the people, because in their constant struggle for money, the Hebrews always found means to exploit the Christians, through loans, usury or contracts, exacting the fulfilment of agreements into which their victims had been driven by dire necessity. As far back as in the times of Dom Affonso III, the people of

vam-se que os Judeus commettiam usuras e enganos nos *Contrautos* (ver Viterbo, *ob. cit.* p. 307).

Havia periodos de relativa tranquillidade, durante os quaes os Judeus—sobretudo quando os seus predicados financeiros eram requeridos pelos Reis—trabalhavam, prestando, sem duvida, serviços, mas sugando o povo: este, já ferido nas suas ideas religiosas, queixava-se, mas, devido á sua natural passividade, supportava o jugo, até que a excessiva voracidade dos Judeus causava uma revolta contra a sua oppressão, como succedeu durante a peste de 1350. Então o povo tornava-se feroz, e, n'uma explosão de odio, matava e roubava, vingando-se cruelmente dos soffrimentos passados. A profunda inimizade contra os Hebreus em Portugal teve a sua origem na differença das raças e das religiões: a essa causa, junctou-se a malevolencia devida á usura dos sectarios da lei de Moysés na sua gerencia das rendas publicas; e as vexações e os abusos por elles commettidos transformáram, facilmente, o aborrecimento do povo em odio e n'um desejo ardente de vingança.

Esta notavel exposição do Dr Julius Wellhausen applica-se perfeitamente á situação em Portugal:

"The difference of religion elicited a well-marked religious hate with oft-repeated deadly outbreaks, especially during the period of the crusades, and afterwards when the Black Death was raging (1348–1350). Practical consequences like these the church of course did not countenance; the popes set themselves against persecutions of the Jews; but with imperfect success. The popular aversion rested by no means exclusively on religious considerations; worldly motives were also present. The Jews of that period had in a still higher degree than now the control of financial affairs in their hands; and they used it without scruple. The church herself had unintentionally given them a monopoly of the money market, by forbidding Christians to take interest. In this way the Jews became rich indeed, but at the same time made themselves still more

Bragança protested against the usury and fraud of the Jews in contracts (see Viterbo, *op. cit.* p. 307).

There were periods of relative tranquillity when the Jews—especially at such times as their money-making talents were necessary to the Kings—were able to work in peace, rendering indubitable service to the country, but draining the people's resources. The sufferers, already wounded in their religious convictions, complained, but bore the yoke, until the excessive voracity of the Jews goaded them into open revolt, as happened during the plague of 1350, when the people went wild and revenged themselves upon their oppressors with robbery and violence. The profound antipathy towards the Hebrews in Portugal was due in the first place to the differences of race and religion, but was aggravated by the usury practised by them in their management of the public revenues; and the abuses they committed easily transformed the people's hatred to an ardent desire for revenge.

The following comments of Dr Julius Wellhausen apply perfectly to the situation in Portugal:

"The difference of religion elicited a well-marked religious hate with oft-repeated deadly outbreaks, especially during the period of the crusades, and afterwards when the Black Death was raging (1348–1350). Practical consequences like these the church of course did not countenance; the popes set themselves against persecutions of the Jews; but with imperfect success. The popular aversion rested by no means exclusively on religious considerations; worldly motives were also present. The Jews of that period had in a still higher degree than now the control of financial affairs in their hands; and they used it without scruple. The church herself had unintentionally given them a monopoly of the money market, by forbidding Christians to take interest. In this way the Jews became rich indeed, but at the same time made themselves still more

repugnant to the Christian population than they previously were by reason of their religion" (*Israel—Encyclopædia Britannica*, 9th ed., vol. XIII, p. 431).

Durante a primeira dynastia, a legislação a respeito dos Judeus foi umas vezes benigna outras vezes severa: D. Diniz favoreceu-os, mas D. Affonso IV protegeu-os muito menos. D. Pedro queria ser o *Justiceiro*, e assim procedeu, sem esquecer, todavia, que precisava do apoio do povo (ver Fernão Lopes, *Chronica d'ElRei D. Pedro I—Ineditos*, t. IV, pp. 17–21; Santarem, *Memorias das Cortes Geraes—Documentos*, Parte II, pp. 11, 26–27, 31; Mendes dos Remedios, *ob. cit.* p. 156). Mesmo se algumas das medidas tomadas pelos Soberanos representavam para os Judeus pesadissimos encargos, elles gozavam, entre nós, de uma concessão extremamente importante, e que não tinham no paiz visinho: a de poderem adquirir bens de raiz, o que lhes permittia muitas operações proveitosas, entre as quaes a onzena não era esquecida. Por isso, D. Pedro I tomou providencias especiaes para difficultar aos Judeus a compra de bens de raiz pertencentes a Christãos, o que não impediu, todavia, que elles fôssem senhores de grandes haveres.

"Era tanto o que poſſuiaõ os Iudeus, que Moyſes Nauarro Arabi mor em tempo d'El Rey D. Pedro, & ſua mulher D. Salua inſtituiraõ hum groſſo morgado de muitas quintas, & fazenda no termo de Lisboa, concedendolhe El Rey que os poſſuidores conſeruaſſem o appellido de Nauarro" (Fr. Francisco Brandão, *ob. cit.* p. 15; ver tambem Gama Barros, *Historia da Administração Publica em Portugal*, t. III, pp. 682–683).

Causa espanto que D. Pedro tenha permittido a instituição do morgado de Navarro, e o D[r] Mendes dos Remedios tem inteira razão quando escreve:

"O favor concedido era extraordinario pelas circunstancias da épocha e da situação politico-religiosa das monarchias da peninsula iberica e ainda pelas da pessoa a quem era feito: um judeu, illustre sem dúvida, prestimoso e util certamente,

repugnant to the Christian population than they previously were by reason of their religion" (*Israel—Encyclopædia Britannica*, 9th ed., vol. XIII, p. 431).

In the first dynasty, the legislation concerning the Jews was sometimes harsh and sometimes clement: Dom Diniz was favourably inclined towards them, but Dom Affonso IV gave them much less protection; Dom Pedro strove to live up to his title of the *Justiceiro*, and to be just in all his dealings, though he did not forget that he needed the support of the people (see Fernão Lopes, *Chronica d'ElRei D. Pedro I—Ineditos*, vol. IV, pp. 17–21; Santarem, *Memorias das Cortes Geraes—Documentos*, Part II, pp. 11, 26–27, 31; Mendes dos Remedios, *op. cit.* p. 156). Even if some of the Royal measures weighed heavily upon the Jews, they enjoyed one important concession in Portugal, which they did not receive in Spain, that of being able to acquire landed property, which gave them opportunities for many profitable transactions. Dom Pedro I made special provisions to deter the Jews from buying landed property belonging to Christians; but without much effect, for

"The Jews had such great possessions that Moyses Navarro, Chief Rabbi in the time of King Pedro, and his wife Dona Salva founded a large *morgado* (entailed estate) containing many houses and farms, within the bounds of Lisbon, and the King granted their heirs the right to retain the name of Navarro" (Fr. Francisco Brandão, *op. cit.* p. 15, also see Gama Barros, *Historia da Administração Publica em Portugal*, vol. III, pp. 682–683).

It is indeed astonishing that Dom Pedro should have allowed the institution of the *morgado* of Navarro, and Dr Mendes dos Remedios is perfectly right when he says:

"The favour conceded was extraordinary in view of the period and of the political and religious situation of the Iberian monarchies, and even of the person to whom it was granted: a Jew, eminent without a doubt, very quick and

mas em todo o caso—um judeu" (*ob. cit.* p. 157).

Se no reinado de D. Pedro a asca aos Judeus não tinha afrouxado, no tempo de D. Fernando I, e especialmente durando a regencia da Rainha D. Leonor, o rancor não fez senão augmentar. N'essa triste epocha, as finanças do Estado estavam na verdade nas mãos dos sectarios da lei de Moysés: o Thesoureiro Mór d'El-Rei era o Judeu D. Judas, e o Almoxarife Mór, D. Yudah aben-Mosseh Navarro, gozava de tal influencia e riqueza que, associando-se em Lisboa com D. Salomão Negro, Judeu opulento da capital, podia realizar um contracto pelo qual se obrigava

"a pagar ao rei a importancia annual de *duzentas vezes mil libras* com a permissão de, na recepção dos impostos que tomava a seu cargo por cinco annos, prender, penhorar e enfim obrigar por qualquer fórma os retardatarios nos pagamentos" (Mendes dos Remedios, *ob. cit.* p. 163).

D. Fernando, quando subiu ao throno, herdou de seu pae vastos thesouros e, graças á habil administração de D. Pedro, encontrou o reino rico e prospero (ver Mariz, *Dialogos de Varia Historia*, 1599, *Dialogo terceyro*, cap. VI, fl. 117; Cardeal Saraiva, *Obras Completas*, t. V, p. 374). O commercio tinha-se desenvolvido de uma fórma extraordinaria, e as abundantes exportações pela barra de Lisboa fôram, certamente, uma das fontes principaes d'essa notavel prosperidade. Não ha duvida que D. Fernando decretou leis excellentes, e que protegeu e desenvolveu a agricultura, o commercio e a marinha (ver Duarte Nunez do Leão, *Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal*, 1600, fl. 237–fl. 238 v°; Cardeal Saraiva, *ob. cit.* t. III, pp. 179–190); mas, infelizmente, o Soberano era inconstante, e commetteu um erro fatal na sua politica—a guerra com Castella, cuja corôa ambicionava por morte de Pedro o Cruel. Ao mesmo tempo praticou o que podemos chamar um crime, celebrando o seu casamento com D. Leonor Telles de Menezes,

useful certainly, but nevertheless—a Jew" (*op. cit.* p. 157).

If the popular aversion for the Jews did not diminish in the reign of Dom Pedro I, it grew almost from day to day in the time of Dom Fernando I, and especially during the regency of Queen Leonor. The whole of the State finances were in the hands of the Jews in that unhappy period: the Royal Treasurer was a Jew, Dom Judas, while the *Almoxarife Mór*, Dom Judah aben-Mosseh Navarro, enjoyed such wealth and influence that, in association with Dom Solomon Negro, a rich Jew of Lisbon, he was able to sign a contract binding himself

"to pay the King the annual sum of two hundred times a thousand *libras*, and in the collection of taxes, which he undertook for five years, he had permission to arrest, distrain and otherwise force those who were in arrears of payment" (Mendes dos Remedios, *op. cit.* p. 163).

When Dom Fernando came to the throne, he inherited vast treasures from Dom Pedro and found the kingdom in a very prosperous state through his father's clever administration (see Mariz, *Dialogos de Varia Historia*, 1599, *Dialogo III*, chap. VI, fl. 117; Cardeal Saraiva, *Obras Completas*, vol. V, p. 374). Trade had developed in an extraordinary way, and the exports from the port of Lisbon must have been one of the chief factors in this great prosperity. There is no doubt that King Fernando made many excellent laws, and that he protected and developed agriculture, commerce and the navy (see Duarte Nunez do Leão, *Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal*, 1600, fl. 237–fl. 238 vo.; Cardeal Saraiva, *op. cit.* vol. III, pp. 179–190); but he was unstable in his policy, and committed a fatal error when he embarked on the war with Castile, which kingdom he hoped to add to his own upon the death of Pedro the Cruel. At the same time he carried out his guilty marriage with Dona Leonor Telles de Menezes, the wife of

mulher de João Lourenço da Cunha, Senhor de Pombeiro, que "foi mais adulterio que matrimonio" (Duarte Nunez do Leão, *ob. cit.* fl. 188 vº; ver tambem Fernão Lopes, *Chronica d'El Rei D. Fernando*, pp. 244–262).

As guerras e invasões Castelhanas assoláram o reino, dando cabo da sua prosperidade; o paiz e os seus habitantes soffreram muito, especialmente os de Lisboa, que heroicamente defenderam a capital durante o cerco de 1373, lançando fogo a diversos pontos da cidade para impedir que ella cahisse em poder do inimigo; assim ardeu a judiaria. As perdas fôram enormes, e o commercio tão florescente pela barra do Tejo perdeu, forçosamente, muito da sua importancia. Firmavam-se pazes e faziam-se promessas; mas, como nem umas nem outras eram cumpridas, a guerra recomeçava, e uma nova invasão tinha logar. N'essa epocha afflictiva, o povo foi a victima de dois males terriveis: as guerras e as invasões que devastavam o paiz, e a angustiosa situação financeira que ellas causavam. As despezas eram esmagadoras, e as medidas tomadas para lhes fazer face, pouco acertadas (ver Fernão Lopes, *ob. cit.* pp. 237–241). Ás indispensaveis despezas da guerra, junctavam-se as "doações immẽſas" feitas por D. Fernando, "aa cuſta dos ſeus," a fidalgos Castelhanos e Gallegos para os ganhar á sua causa, e as innumeras dadivas e mercês alcançadas por D. Leonor Telles, e que ella distribuiu entre "peſſoas de ſua linhagem," e muitas outras (ver Duarte Nunez do Leão, *ob. cit.* fl. 200 vº). Perante todos estes lamentaveis factos, comprehende-se facilmente que depressa tivesse chegado o "Reyno, & vaſſallos a eſtado de vltima perdição & miſeria" (Mariz, *ob. cit.* fl. 117 vº).

Os Judeus gozavam das boas graças d'El-Rei, e, mais especialmente ainda, de D. Leonor, pois, sabendo a Rainha que tanto ella como os Judeus eram odiados pelo povo, era natural que as suas sympathias se inclinassem para os inimigos dos seus inimigos, sobretudo quando elles eram ricos,

João Lourenço da Cunha, the Lord of Pombeiro, which "was adultery rather than matrimony" (Duarte Nunez do Leão, *op. cit.* fl. 188 vo.; also see Fernão Lopes, *Chronica d'El Rei D. Fernando*, pp. 244–262).

The Castilian wars and invasions were the end of Portugal's prosperity, and the country and its people suffered greatly. Especially afflicted were the inhabitants of Lisbon, who made a gallant defence during the siege of 1373, setting fire to various parts of the city to prevent its falling into the hands of the enemy: the Jewish quarter was thus burnt. The losses were enormous, and the once flourishing trade of Lisbon dwindled greatly in importance. Treaties were signed and promises were made; but as none of them were kept, the war broke out again, and a fresh invasion took place. The people had to bear a double evil, for the wars and enemy incursions devastated the land and, at the same time, aggravated the financial difficulties in which the country was plunged. The expenses were crushing and the measures taken to meet them were not very successful (see Fernão Lopes, *op. cit.* pp. 237–241); while in addition to the legitimate expenditure, Dom Fernando made "immense donations to the cost of his own" to Castilian and Gallegan noblemen in order to win them over to his cause, and Dona Leonor Telles wheedled innumerable gifts and favours out of him for distribution among "persons of her family" and others (see Duarte Nunez do Leão, *op. cit.* fl. 200 vo.). It is easy to understand that this lamentable state of affairs soon brought "the Kingdom and subjects to the last stages of ruin and misery" (Mariz, *op. cit.* fl. 117 vo.).

The Jews were in the good graces of the King, and, more especially, of Dona Leonor, for since the Queen knew how she and they were hated by the people, it was only natural that she should be sympathetically inclined towards the enemies of her enemies, particularly when they were rich

e a podiam auxiliar. Pelas mesmas razões, póde-se calcular que os Judeus apoiavam a mulher de D. Fernando. Mas, n'esse pacto tacito entre D. Leonor—a *aleivosa* como lhe chamava a arraya-miuda—e os sectarios do judaismo, o povo via um novo motivo para odiar os Judeus.

A morte de D. Fernando em 1383 punha em perigo a independencia da patria, e os bons Portuguezes, que estremeciam com a idea de que D. João de Castella, por ser o marido de D. Beatriz, filha de D. Fernando e de D. Leonor, viesse a sentar-se no throno de Portugal, viam a sua salvação no Mestre de Aviz. A "deſhoneſta fama da Rainha" era de ha muito conhecida de todos, e a sua escandalosa conducta com o Gallego Conde Andeiro causava profunda indignação e incitava o povo á revolta. A situação aggravava-se de dia para dia, até que, a 6 de Dezembro de 1383, o Mestre de Aviz matou o Conde Andeiro, "em meus Paços, acerca de minhas fraldas," como dizia raivosamente D. Leonor, fazendo "queixume do Meſtre Dauiz" a D. João de Castella (ver Fernão Lopes, *Coronica Del Rey D. Ioam o I*, 1644, Parte 1, p. 112). A arraya-miuda acclamava enthusiasticamente D. João, comtudo, na sua furia, não comprehendia que elle tivesse poupado D. Leonor, a Rainha infiel que tinha protegido os Judeus e perseguido o povo.

O Dr Mendes dos Remedios descreve admiravelmente os sentimentos do povo contra os Israelitas n'esse momento, dizendo:

"Não era o fanatismo religioso olhando com rancoroso odio os homens doutra crença que impellia os christãos contra elles, mas sim e principalmente o desejo de vingar as exacções e prepotencias de toda a ordem, que os judeus, como empregados do fisco, costumavam exercer. Era o desforço do opprimido contra o oppressor, do escravo contra o tyranno, do miseravel e faminto contra o poderoso israelita, senhor de avultadas fortunas. No judeu olhava-se mais o adorador do bezerro de ouro do que o fanatico do Talmud" (*ob. cit.* p. 171).

enough to be of powerful assistance to her, and had similar reasons for supporting her. But in this tacit pact between Dona Leonor—the *perfidious*, as the populace called her—and the Jews, the people found fresh cause for hating the followers of Judaism.

The death of Dom Fernando in 1383 imperilled the nation's independence, and the loyal Portuguese, who shuddered at the thought that Don Juan of Castile might come to the throne through his marriage with Dona Beatriz, the daughter of Dom Fernando and Dona Leonor, saw their country's salvation in the *Mestre de Aviz*. The "dishonourable character of the Queen" had long been known, and her scandalous conduct with the Gallegan Conde Andeiro aroused deep indignation and stirred up the people to rebellion. The situation became more difficult with each successive day, until, on December 6th, 1383, the *Mestre de Aviz* murdered the Conde Andeiro, "in my Palace, close to my skirts" as Queen Leonor said in her furious "complaint against the *Mestre Daviz*" addressed to Don Juan of Castile (see Fernão Lopes, *Coronica Del Rey D. Ioam o I*, 1644, Part 1, p. 112). The mob acclaimed Dom João with enthusiasm, but, in its rage, could not understand his having spared Dona Leonor, the faithless Queen who had protected the Jews and persecuted the people.

Dr Mendes dos Remedios gives an admirable explanation of the people's attitude towards the Jews at that moment, saying:

"It was not religious fanaticism glaring with rancorous hatred at men of another faith, which drove the Christians against them, but chiefly the desire to avenge the extortions and the abuse of power carried on in every way by the Jews, as fiscal officers. It was the revenge of the oppressed upon the oppressor, of the slave upon the tyrant, of the wretched and hungry upon the powerful Israelite, the master of an immense fortune. In the Jew they looked more at the worshipper of the golden calf than at the Talmudist" (*op. cit.* p. 171).

A esses sentimentos havia a junctar ainda um, mas esse patriotico e sincero: a crença de que os sectarios do judaismo eram partidarios de D. Leonor e de Castella.

"Em Portugal, após a morte do rei D. Fernando, parece fóra de duvida que eram do partido de Castella contra o Mestre de Aviz" (J. Lucio d'Azevedo, *ob. cit.* p. 49).

A revolta dava ás gentes da cidade uma excellente opportunidade de se vingarem dos Judeus, e alvoroçados, encaminháram-se para a judiaria "pera entrarem dentro." Apavorados, os Judeus mandáram pedir ao Mestre de Aviz que os protegesse, pois já não pensavam na Rainha que tinha sido a sua protectora; lembravam-se unicamente que ella era odiada—esquecendo que esse rancor era em parte devido a elles—e que o Mestre era o idolo do povo. D. João recusou primeiro o seu auxilio: mas os pobres Hebreus, tremendo pelas vidas e pelos haveres, "ſe afficauam cada vez mais pedindo trigoſamente acorro." Então, D. João montou a cavallo com os Condes de Barcellos e Arrayolos e foi á judiaria, onde "achou graõ parte dos da Cidade, que ſe juntauam quanto podião," para assaltar e roubar. O Mestre parou, e perguntou-lhes o que queriam fazer.

"Senhor, diſſerão elles, *eſtes trèdores deſtes Iudeos Dom Iudas & Dom Dauid Negro, que ſaõ da parte da Rainha, tem grandes theſouros eſcondidos, & queremolos tomar, & dalos a vôs, que queremos por noſſo Senhor.*"

Quando o povo, cheio de rancor, exclamava, "*ſaõ da parte da Rainha,*" queria dizer que eram sequazes da *aleivosa* que estava feita com Castella. D. João mediu o alcance d'essas palavras, e, sempre nobre e generoso, respondeu:

"*Amigos, não queiraes eſta couſa fazer, mas leyxay vos a mim eſſe cuidado, & eu ſobre ello porey remedio.*"

To these feelings was joined another: the patriotic and sincere belief that the sectaries of Judaism were partisans of Dona Leonor and of Castile.

"In Portugal, after the death of King Fernando, it seems beyond a doubt that they sided with Castile against the Master of Aviz" (J. Lucio d'Azevedo, *op. cit.* p. 49).

The revolt gave the people of Lisbon an excellent opportunity to revenge themselves upon the Jews, and they eagerly set out for the Jewish quarter "to enter in." The terrified Jews sent to beseech the protection of the *Mestre de Aviz*, whom they knew to be the idol of the people: they no longer looked towards the Queen who had befriended them, remembering only her unpopularity and forgetting that they were partly responsible for the odium in which she was held. Dom João at first refused his help; but the unfortunate Jews, trembling for their lives and possessions, "became more and more importunate in their frantic requests for assistance," until Dom João was prevailed upon to ride with the Counts of Barcellos and Arrayolos to the Jewish quarter, where "he found a large number of citizens gathered together as far as they were able" to do robbery and violence: the *Mestre* stopped his horse and asked the people what they were doing.

"Sir, they said, these traitors of Jews Dom Judas and Dom David Negro (the Black), who are on the side of the Queen, have great treasures hidden, and we want to take them and give them to you, whom we wish for our Lord."

When the mob, maddened with hatred, cried, "they are for the Queen," they meant that the Jews were parties to her treacherous dealings with Castile.

Dom João realised the significance of these words, and replied:

"Friends, do not take it upon yourselves to do this thing, but leave it to my care and I will set it right."

Mas os amotinados insistiam, dizendo:

"*Nam aſſi, mas nos iremos buſcar os trèdores, onde jazem eſcondidos, & trazelosemos a voz, & auereis todo quanto elles tem.*"

A posição do Mestre era delicada, por ser difficil induzir o povo a que mudasse de proposito. Os Condes de Barcellos e Arrayolos suggeriram então a D. João que a melhor cousa seria partir-se d'alli, porque "*irſeha eſta gente toda comvoſco, & não curaram mais deſto, que fazer querem*" (ver Fernão Lopes, *ob. cit.* pp. 31–33). Assim succedeu, e graças ao Mestre, os Judeus fôram poupados, evitando-se a tragedia de uma matança.

Emquanto que o nome do filho de D. Pedro era acclamado na cidade, o de D. Leonor era coberto de insultos.

"Por trás dos judeus o seu vulto sinistro era apontado a dedo" (Mendes dos Remedios, *ob. cit.* p. 176). Como a sua vida corria riscos, decidiu abandonar a capital, e poz-se a caminho de Alemquer, seguida da sua côrte. Joseph Soares da Sylva (*Memorias delRey D. Joaõ o I*, t. I, p. 145) escreve:

"Foraõ tambem com a Rainha D. David, e D. Judas, os Judeos que queria roubar o Povo, os quaes com medo deſte, e por continuarem no ſeu ſerviço, partiraõ na ſua comitiva, e com algum disfarce, por naõ ſerem conhecidos" (ver tambem Fernão Lopes, *ob. cit.* p. 35, e Fr. Manoel dos Santos, *Monarquia Lusitana*, Parte VIII, p. 463).

Não nos é possivel contar aqui a viagem de D. Leonor, a sua chegada a Santarem, o seu encontro com o genro e a filha, D. João e D. Beatriz, e a entrega da regencia aos Reis de Castella. Lamentamos que a falta de espaço nos não permitta narrar certos acontecimentos, taes como o rompimento de D. Leonor com o genro, a partida para Coimbra, e o cerco d'essa cidade. Teriamos gostado de expôr a conspiração de D. Leonor com o Conde D. Pedro de Trastamara, e como tinha sido planeado o assassinato de D. João de Castella, para que a viuva de

But the rebels insisted, saying:

"Not so, but we will go and seek out the traitors where they lie hidden, and bring them to you, and you shall have all they possess."

The *Mestre's* position was a delicate one, for it was difficult to turn the people from their purpose. The Counts of Barcellos and Arrayolos suggested that the best thing would be to leave the place, for then "all these will come with you, and will not think any more about this which they want to do" (Fernão Lopes, *op. cit.* pp. 31–33). So it fell out, and thanks to the *Mestre's* tact the Jews were spared the horror of a massacre.

While the name of Dom Pedro's son was acclaimed throughout the city, that of Dona Leonor was subjected to nothing but insults.

"Her sinister countenance was everywhere pointed out behind the Jews" (Mendes dos Remedios, *op. cit.* p. 176). She decided to quit Lisbon, where her life was in danger, and set out for Alemquer, followed by her court. Joseph Soares da Sylva (*Memorias delRey D. Joaõ o I*, vol. I, p. 145) says:

"There went also with the Queen Dom David and Dom Judas, the Jews whom the people had tried to rob, and who in fear of these, and in order to remain in her service, left with her retinue, and with some measure of disguise, so that they should not be recognised." (Also see Fernão Lopes, *op. cit.* p. 35, and Fr. Manoel dos Santos, *Monarquia Lusitana*, Part VIII, p. 463.)

We have not space to describe Dona Leonor's journey, her arrival in Santarem, her meeting with Dona Beatriz and Don Juan—her daughter and son-in-law—and her surrender of the regency of Portugal to them. We regret that we are unable to describe such incidents as Dona Leonor's departure for Coimbra, the siege of that city, and the Queen's rupture with Don Juan. We should have liked to tell how she plotted with the Count of Trastamara to assassinate the King of Castile and then, wedded to Dom Pedro, to ascend the

D. Fernando casasse com D. Pedro e, com elle, subisse novamente ao throno de Portugal. Ao mesmo tempo, teriamos estimado mostrar o papel tão importante representado n'estes successos por dois Judeus, D. Judas e D. David, os mesmos que a arraya-miuda da capital odiava especialmente. Finalmente, teriamos descripto o epilogo do drama de Coimbra depois de descoberta a conspiração, e a partida de D. Leonor para o Mosteiro de Tordesilhas perto de Valladolid (ver Fernão Lopes, *ob. cit.* pp. 132–146; Fr. Manoel dos Santos, *ob. cit.* pp. 502–514; Mendes dos Remedios, *ob. cit.* pp. 182–196).

Encerrada n'um mosteiro por mandado do Rei de Castella, a Rainha viuva d'El-Rei D. Fernando tinha desapparecido da scena politica, e os dois campos estavam agora claramente definidos: de um lado estava D. João de Castella, do outro, o Mestre de Aviz, o eleito do povo; um invadia o paiz para alcançar a corôa de Portugal, o outro defendia a Patria para salvar a sua independencia.

Os principaes Israelitas de Lisboa tinham prestado o seu concurso á viuva de D. Fernando, acto que, aos olhos dos "boons da cidade" e da arraya-miuda, significava—com motivos plausiveis—uma adhesão á causa de Castella. No estado de exaltação dos espiritos, era natural que o povo, vendo a attitude d'esses Hebreus que considerava como os chefes da communidade, pensasse, sinceramente, que todos os Judeus seguiam a mesma orientação. Por consequencia, aos motivos tradicionaes, junctava-se uma nova e importantissima causa de rancor: o sentimento da defeza da nacionalidade.

Muitos Judeus ricos, sequazes de D. Leonor, tinham fugido para Castella, abandonando os bens que possuiam em Portugal, facto que vinha, pelo menos apparentemente, dar razão ao povo. O Mestre de Aviz serviu-se d'essas riquezas, e distribuiu-as pelos seus vassallos. Quando D. Leonor abandonou Lisboa, os moradores da cidade, no seu amor e enthusiasmo pelo *Regedor e Defensor do Reino*, offereceram-lhe cem mil

throne of Portugal once more. We should also have liked to show the important part played in these events by two Jews, Dom Judas and Dom David, against whom the populace of Lisbon were particularly incensed, and to have depicted the scene at Coimbra when the conspiracy had been discovered and the widowed Queen was banished to the convent of Tordesilhas near Valladolid. (See Fernão Lopes, *op. cit.* pp. 132–146; Fr. Manoel dos Santos, *op. cit.* pp. 502–514; Mendes dos Remedios, *op. cit.* pp. 182–196.)

Dona Leonor, immured in a convent, thus disappeared from the political scene, and the two parties in the struggle were now clearly defined: on the one side was Don Juan of Castile, and on the other the *Mestre de Aviz*, the chosen of the people; one was invading the kingdom to secure the crown of Portugal, and the other was fighting to preserve his country's independence.

The chief Israelites in Lisbon had given their help to Dom Fernando's widow, an action which the people very justifiably interpreted as implying friendship with Castile; and, in their exalted state of mind, it was only natural that the attitude of those they looked upon as the chief Jews should have led the populace to conclude that the whole community held the same views. So during the struggle for independence, a new and important reason for hatred—patriotism—added still further to the traditional rancour.

Many of Dona Leonor's rich Jewish followers had fled to Castile, leaving their possessions behind in Portugal, and this, in appearance at least, bore out the people's opinion. The *Mestre de Aviz* made use of these riches, and distributed them among his adherents. After Dona Leonor had quitted Lisbon, the inhabitants of the city, in their love and enthusiasm for the defender of the kingdom, gave him a hundred thousand *libras*.

libras: os Judeus, alem do que tinham contribuido para o donativo, emprestáram mais setenta marcos de prata; é provavel que quizessem ganhar as boas graças de D. João, e mesmo mostrar-lhe a sua gratidão por lhes ter salvo a vida.

Mas a guerra durava, e as despezas eram grandes; apezar da venda da prata generosamente cedida pelo clero, do dinheiro obtido e do que fôra emprestado, os recursos faltavam ás vezes por completo. Fernão Lopes conta-nos que Gonçalo Vasques de Azevedo, Alcaide de Torres Novas, "que tinha o lugar por ElRey de Caſtella," sabendo que Nun'Alvarez "andaua miſterioſo de dinheiro," tentou subornar o Condestavel, o braço direito do Mestre, offerecendo-lhe uma avultada quantia para que se passasse para o campo inimigo.

Camões têve, infelizmente, razão quando escreveu:

> "...que tambem dos Portugueſes
> Algũs tredores ouue algũas vezes
> (*Lusiadas*, 1572, Canto IV, estancia 33).

Como intermediario para uma tão vil proposta, feita com a approvação de D. João de Castella, serviu um Judeu rico "que chamauão Dom Dauid Algaduxe Irmaõ da molher de Dom Iudà, Theſoureiro que foy DelRey Dom Fernando." Mas o Santo Condestavel percebeu o intuito do Israelita, e declarou que só recebia dinheiro de aquelles que servia (ver Fernão Lopes, *ob. cit.* pp. 224–226), recusando com nobreza sujar as suas mãos com o ouro inimigo, astuciosamente offerecido pelo Judeu servidor do Rei de Castella.

Um facto como o que acabamos de narrar, fazia augmentar a animosidade do povo contra a raça hebrea, e parecia, mais uma vez, provar que os Judeus, atraiçoando o Mestre de Aviz, seguiam a causa de D. João de Castella.

Até certo ponto, os Judeus podiam justificar a sua attitude, dizendo que tinham seguido o exemplo da Rainha D. Leonor e de bastantes Portuguezes que, esquecendo desgraçadamente

The Jews, in addition to what they had contributed towards this gift, lent a further seventy *marcos* of silver, for they probably wished to be in Dom João's good graces, and also to prove their gratitude to him for having saved their lives.

But the war dragged on, expenses were heavy, and in spite of the sale of silver presented to the King by the clergy, and of all the money given and lent, there was at times a complete lack of resources. Fernão Lopes tells us that Gonçalo Vasques de Azevedo, the Alcaide of Torres Novas "who held the place from the King of Castile," knowing that Nun'Alvares "was in need of money," bethought him of suborning the Lord Constable, the *Mestre's* right arm, by offering him a large sum to go over to the enemy camp.

Camões was unhappily right when he said:

> "...that e'en our Portugal sometimes
> suckled some traitors guilty of your crimes"
> (*Lusiadas*, Canto IV, stanza 33, Burton's translation).

A rich Jew, "whom they called Dom David Algaduxe, brother of the wife of Dom Judas, who was treasurer to King Dom Fernando," served as intermediary for his vile purpose, which had the full approval of Don Juan of Castile. But the holy Lord Constable saw through the Israelite's fair words, and refused to soil his hands with the enemy gold cunningly offered by Don Juan's Jewish servitor (see Fernão Lopes, *op. cit.* pp. 224–226).

Such incidents as the one we have just described increased the people's ill-feeling against the Hebrew race, and served as a fresh proof that the Jews had espoused the cause of Castile, and betrayed the *Mestre de Aviz*.

Up to a certain point the Jews might have justified their attitude by saying that they had followed Queen Leonor and a goodly number of the Portuguese who, shamefully forgetful of

a honra, estavam ao lado de D. João de Castella. Eram males que de longe vinham, e cuja origem fôra,

> "Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente!"
> (*Lusiadas*, Canto III, estancia 138).

Comtudo, não devemos esquecer que depois do fallecimento de D. Fernando, D. Leonor era legalmente a Regente; os seus partidarios teem essa desculpa. Mas, o que não podemos perdoar é o sentimento de vingança a que ella obedeceu ao ceder, sem consultar ninguem, a regencia aos Reis de Castella.

Se alguns dos principaes Judeus tinham acompanhado D. Leonor, e outros se haviam refugiado em Castella, que partido deviam seguir os correligionarios que ficavam em Portugal, por necessidade ou interesse, quando, de mais a mais, era notorio que o povo—que os abominava—queria eleger Rei, D. João, filho de D. Pedro I?

Os Judeus conheciam pouco o Mestre de Aviz, e só sabiam, com certeza, que elle era o idolo d'aquelles que os odiavam em consequencia das oppressões e vexames soffridos durante tantos annos: por consequencia, podiam recear que os sentimentos do chefe se moldassem pelos dos partidarios, e que, subindo ao throno, D. João fôsse obrigado a tomar medidas rigorosas contra elles.

Sabiam por experiencia que seriam favorecidos por D. Leonor se ficasse Regente, e que era natural que os Reis de Castella, genro e filha da Rainha viuva, tambem os protegessem, graças á sua influencia. Do povo estavam certos—sem duvida com razão—que só podiam esperar a paga, com juros e interesses, de tudo o que tinham feito. Alem d'isso, não ignoravam as divisões que existiam no paiz, que D. Leonor tinha partidarios, e que o Rei de Castella era um Senhor poderoso que, como marido de D. Beatriz, reclamava a corôa de Portugal, disposto a conquistal-a com os seus exercitos.

Os Judeus viam de um lado uma mostra de forças que lhes dava que pensar, e do outro lado

honour, had gone over to Don Juan of Castile. These evils were of long standing,

> "for feeble Kings enfeeble strongest strain"
> (*Lusiadas*, Canto III, stanza 138, Burton's translation).

We must not forget, however, that after Dom Fernando's death, Dona Leonor was legally the Regent. But what we cannot forgive is the way in which—without consulting those who had a voice in the question—she gave up her trust to the Sovereigns of Castile.

As some of the chief Jews accompanied Dona Leonor, and others took refuge in Castile, it was only natural that those of their coreligionists who were kept back or remained behind to look after their affairs, should have held similar views. They all knew perfectly well that the people—who abominated them—wanted to crown Dom João, the son of Dom Pedro I, as their King.

They had had little dealings with him, but they were well aware that he was idolised by the classes who hated them bitterly as a result of oppressions suffered at their hands; and they were justified in fearing that the leader's opinions might be influenced by his supporters, and that when he came to the throne he would be obliged to take strong measures against them.

They knew from experience that if Queen Leonor remained as Regent she would be favourably disposed towards them, and that her influence would probably be able to win for them the protection of her daughter and son-in-law. They were sure that they could expect nothing from the Portuguese people but repayment, with interest, of all their injuries. Besides this, they were not ignorant that the country was divided against itself, that Dona Leonor had partisans, and that the King of Castile was a powerful lord who, as the husband of Dona Beatriz, was claiming the crown of Portugal, and had troops ready to fight for it.

The Jews saw on one side a muster of forces such as gave them food for thought, and on the

viam o Mestre, sem recursos e quasi sem exercito, apoiado por alguns nobres fieis e vassallos, e pelo povo.

Como habeis mercadores, pesáram as forças oppostas na balança; o peso do prato Castelhano mostrou ser superior, porque só pozeram na balança os factores conhecidos. Alem dos imponderaveis que ninguem attinge, ignoráram as forças cujo peso não podia ser indicado no instrumento, mas que haviam de ser dominantes na heroica lucta: o patriotismo dos verdadeiros Portuguezes, que queriam Portugal para Portugal, e que estavam dispostos a derramar a ultima gotta do seu sangue pela sua independencia, e o Santo Condestavel,

> "... verdadeiro
> Açoute de ſoberbos Caſtelhanos"
> (*Lusiadas*, Canto IV, estancia 24).

Os Judeus, pensando no interesse, e julgando o futuro assegurado, seguiram o partido que imagináram ser o mais poderoso, lhes offerecer maior segurança, e lhes garantir melhores proveitos. As razões que apresentamos, mostram, a nosso ver, os motivos, até certo ponto plausiveis, da attitude dos Hebreus. Comtudo, como é natural, esses argumentos não podiam desculpal-os perante os Portuguezes, que ardentemente luctavam pela causa do Mestre de Aviz. Os Judeus, habitualmente tão perspicazes, commetteram um erro grave, pois permittiram que, entre o povo, se estabelecesse—com ou sem razão—a crença de que tinham sido contrarios á fundação da dynastia de Aviz—crença que accrescentou um novo e sólido motivo de odio ao longo rol dos que já existiam. Certamente, aquelles que tudo tinham sacrificado para salvar o paiz do jugo de Castella, não esqueciam a attitude dos Judeus. E quem sabe as consequencias que esse sentimento veiu a ter para os Israelitas no futuro?

A culpa foi toda dos Judeus? Não cremos: parte d'ella recae sobre os Portuguezes, que apoiáram primeiro D. Leonor e depois o Castelhano. Mas os que tinham soffrido os vexames

other the *Mestre*, without resources and almost without an army, upheld by a few faithful nobles and vassals, and by the people.

Like clever men of affairs, they weighed the opposing forces in the balance, and the scales were tipped by the Castilian silver; for they weighed only the tangible and the obvious, and overlooked certain factors which were to be dominant in the heroic struggle: the patriotism of the true Portuguese, who loved their country for her own sake and would have shed the last drop of their blood to gain her independence, and the Lord Constable,

> "the proudest scourger of that prideful Spain"
> (*Lusiadas*, Canto IV, stanza 24, Burton's translation).

The Jews judged the matter from a worldly point of view, and considered that their future would be assured if they followed the party which was apparently the more powerful and offered the better guarantee of profit. The above reasons show, in our opinion, that they had some justification for their action; though these arguments naturally carried no weight with the Portuguese, who were fighting so ardently in the *Mestre's* cause. The Jews, for all their perspicacity, made one grave mistake, for they gave the people grounds to believe—rightly or wrongly—that they were opposed to the foundation of the dynasty of Aviz, a belief which added a further reason for hatred to the already long list. Those who had sacrificed all to save the country from the yoke of Castile, could not easily forget the attitude of the Jews. And who can say what were to be the consequences of this feeling for Israelites in future times?

We do not think that the fault lay only with the Jews; part of the blame falls upon the Portuguese, who supported first Queen Leonor and then the Castilian. But those who had been

e as usuras dos Hebreus, não pensavam nas culpas dos compatriotas, e só se lembravam da attitude dos seus oppressores. A esse rancor vinha junctar-se mais um outro sentimento: o desprezo dos bons Portuguezes pelo medo dos Judeus.

D. João de Castella cercava Lisboa desde Fevereiro de 1384. Em Agosto, a fome fazia-se sentir na capital, e a situação dos habitantes exigiu uma medida, que póde parecer cruel, mas que era necessaria, e que Fernão Lopes explica da seguinte maneira:

"a perda comum vencendo de todo a piedade... eſtabeleceraõ deitar fora as gentes mingoadas, & naõ pertencentes para a defenſaõ. E eſto foi feito duas, ou tres vezes, atà lançar fora as mancebas mundanarias, & Iudeus, & outros ſemelhãtes, dizendo que, pois taes peſſoas naõ eraõ pera pele-jar, q̃ naõ gaſtaſſem mantimentos aos defenſores" (*ob. cit.* p. 279).

Como escreve o Dr Mendes dos Remedios:

"A raça miseravel e proscripta equiparada ás classes mais infames ou mais inuteis—todas desgraçadas—da sociedade, era repellida como prejudicial. Para a causa da liberdade, que se discutia, haviam os judeus dado um concurso pecuniario. O povo não lh'o agradecia, pois considerava esse dinheiro como seu, ex-torquido pelas extorsões e vexames de toda a ordem, a que elles o submettiam. Demais o con-curso, que haviam prestado a D. Leonor os judeus mais notaveis de Lisboa, acabára por in-dispôr completamente o ánimo popular. Não lhes haviam dado armas, vê-se. Sería porque elles se conservavam cobardes e timidos, escondi-dos na judiaria, ou porque os habitantes de Lisboa lhes haviam dispensado os serviços? É mais provavel a primeira hypothese. Não eram os judeus homens que envergassem a armadura dum soldado, e que fôssem expôr a vida valente-mente, nobremente, sobre as muralhas da cidade. E se algum houve, que tal fizesse, a história ignora-lhe o nome" (*ob. cit.* pp. 202–203).

M II

harassed and subjected to usury by the Jews, were so filled with revulsion against their oppressors that there was no room in their thoughts for the misdeeds of their compatriots. To this rancour was added the contempt felt by good Portuguese for Jewish cowardice.

Don Juan of Castile had been besieging Lis-bon since February, 1384; in August of that year, famine began to make itself felt in the city, and such was the plight of the inhabitants, that a measure was adopted, which may seem cruel, but which the circumstances demanded. Fernão Lopes gives the following account:

"The common loss overcame all thoughts of pity...and they decided to drive out all the desti-tute who were not helping in the defence. And this was done two or three times until they had ejected the prostitutes and the Jews, and others like them, saying that since such people were not fighters, there was no need for them to take pro-visions from the defenders" (*op. cit.* p. 279).

As Dr Mendes dos Remedios says:

"The miserable and proscribed race, ranked with the basest or most useless classes—all alike out of favour—of society, was driven out as pre-judicial. The Jews had given pecuniary help in the cause of liberty, which was then at stake. The people felt no gratitude for it, because they looked upon this as their own money, extorted from them by the usury and oppression of every kind to which they had been subjected by the Jews. Furthermore, the help which had been given to Dona Leonor by the most notable Jews in Lisbon ended by turning the popular senti-ment entirely against them. It may be noted that they had not been given arms. Would this be because like cowards they timorously remained hidden in the Jewish quarter, or because the in-habitants of Lisbon preferred to dispense with their services? The first hypothesis is the more probable. The Jews were not men to don the armour of a soldier and to risk their lives vali-antly and nobly on the walls of the city. And if there were one who did so, history does not know his name" (*op. cit.* pp. 202–203).

Se a primeira hypothese é mais provavel, a segunda seria egualmente admissivel, pois os habitantes não teriam certamente, por motivos obvios, fornecido armas aos Judeus.

A lucta com Castella não estava ainda terminada, quando, a 6 de Abril de 1385, o Mestre de Aviz foi acclamado Rei de Portugal nas Côrtes de Coimbra. Um dos primeiros actos de D. João I foi a promulgação da carta regia de 10 de Abril de 1385, premiando os moradores e naturaes de Lisboa pelos relevantissimos serviços que prestáram defendendo heroicamente a capital contra o Rei de Castella,

"a qual defenssom sse sse a dita cidade nom aposera, todo o Reigno sse perdera, por o poderio do dito rei e ajuda dos maus portuguezes."

No mesmo documento, El-Rei decretou

"que os judeus ou mouros não exercessem officios publicos (da corôa ou da cidade), nem fôssem rendeiros d'aquelles direitos reaes, a que os christãos estivessem sujeitos,"

e que era a

"obrigação dos mouros e judeus trazerem os seus distinctivos" (ver Eduardo Freire de Oliveira, *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa*, t. 1, pp. 255–263).

Durante a primeira dynastia, e especialmente no tempo de D. Diniz, a obrigação, decretada pelo Concilio de Latrão de 1215, dos Judeus usarem distinctivos—*trazer sinal*—tinha dado motivos a queixas da Santa Sé, por não ser cumprida em Portugal; mas os Reis, quando precisavam de dinheiro, fechavam os olhos. Comtudo, D. Affonso IV, para evitar (sem grande resultado) o "mesturamento" com os Christãos, constrangiu-os a usar um chapeu amarello. Apezar das multas impostas aos que não trouxessem divisa ou signal, essa practica foi desapparecendo pouco a pouco, e deixou, quasi por completo, de existir no reinado de D. Fernando. D. João I, em vista das queixas feitas em Côrtes, decretou em Evora a 20 de Fevereiro de 1391,

Though the first hypothesis may be the more probable, the second is also admissible, for the citizens would not, for obvious reasons, have been willing to arm the Jews.

The struggle with Castile was not yet at an end when, on April 6th, 1385, the *Mestre de Aviz* was acclaimed King of Portugal in the *Côrtes* of Coimbra. One of his first actions was to promulgate the royal letter of April 10th, 1385, rewarding the citizens and natives of Lisbon for the important service they had rendered in the defence of the city against the King of Castile—for

"if the said city had not maintained this defence, the whole Kingdom would have been lost, through the power of the said king and the help of the bad Portuguese."

In the same letter he decreed

"that neither Jews nor Moors should hold public office (from the crown or the city) nor should they be receivers of any of the royal taxes which the Christians had to pay,"

and that

"the Moors and the Jews must wear their distinctive badges" (see Eduardo Freire de Oliveira, *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa*, vol. 1, pp. 255–263).

During the first dynasty, complaints had been made by the Holy See, especially in the reign of Dom Diniz, because the Jews in Portugal did not wear the sign as they were constrained to do by the decision of the Lateran Council in 1215; but when they were in need of money the Kings closed their eyes. However, Dom Affonso IV forced them to wear a yellow hat, in order to avoid (though not very successfully) their being confused with the Christians. In spite of the fines to which those who did not wear a badge or sign were liable, the practice gradually fell into disuse and by the reign of Dom Fernando had almost entirely lapsed. But in view of the protests in the *Côrtes*, Dom João I decreed in Evora on February 20th, 1391:

"que todos os Iudeus de ſeu ſenhorio trouxeſſem ſinaes vermelhos de ſeis pernas tão grandes, como o ſeu ſello redondo, os quaes porião no peito acimo da boca do eſtamago, & nas roupas ex-teriores que trouxeſſem ſobre os veſtidos, & que andaſſem as taes diuiſas patentes, & deſcubertas, ſob as penas que alli impunha" (Fr. Francisco Brandão, *ob. cit.* p. 20).

As medidas contra os Judeus decretadas por D. João I, logo que subiu ao throno, eram a con-sequencia da reacção natural contra a preponde-rancia que elles tinham exercido no reinado anterior, e mostravam o desejo do Soberano de satisfazer o povo, o seu maior apoio.

Porem, o fundador da dynastia de Aviz mostrou uma grande e intelligente tolerancia, especialmente quando—a pedido do Rabbi Mór D. Mosseh Aben-Navarro, seu medico—mandou confirmar e "guardar escrupulosamente nas suas minimas provisões," como diz Herculano (*ob. cit.* p. 92), a bulla de Bonifacio IX de 1389 (em que vinha inserta outra de Clemente VI de 1347) na qual esse Pontifice prohibia que os sectarios da lei de Moysés fôssem perseguidos.

O Dr Mendes dos Remedios (ver *ob. cit.* pp. 208–222), referindo-se ás principaes provi-dencias do Soberano a respeito dos Judeus, diz com verdade:

"D. João mostrou-se superior ás idéas do seu tempo. A bulla de Clemente VI e Bonifacio IX norteou-o em todo o seu procedimento para com os individuos de crenças diversas das suas proprias e das dos portuguêses."

Quando se compara a situação dos Judeus em Portugal n'essa epocha, com os horrores que elles soffriam em Castella e Aragão, conclue-se que os que viviam no nosso paiz deviam estar satisfeitos com a sua sorte. Por isso, um escriptor Judeu confessa:

"Von den drei gleichnamigen Königen, welche um dieselbe Zeit die drei grösseren Reiche der pyrenäischen Halbinsel regierten, verfuhr keiner gelinder mit den Juden, als João von Portugal, und in keinem Staate lebten sie damals

"that all the Jews in his kingdom must wear red badges with six rays, as big as the round seal, which they must wear on their breasts above the pit of the stomach, and on their outer clothing they must wear them on their coats, and these badges must be plain and uncovered, or they would be liable to punishment" (Fr. Francisco Brandão, *op. cit.* p. 20).

The measures taken against the Jews by Dom João I, upon his accession, were the result of the natural reaction against the preponderance they had exercised in the previous reign, and of the King's desire to please the people, who were his chief support.

Dom João showed, however, a great and wise tolerance towards the Jews, especially when—at the request of the chief Rabbi, Dom Mosseh Aben-Navarro, his physician—he commanded that the bull of Boniface IX of 1389 (in which was incorporated another of Clement VI of 1347), forbidding the persecution of Jews, should be confirmed, and "scrupulously kept in its smallest provisions," as Herculano says (*op. cit.* p. 92).

Dr Mendes dos Remedios (*op. cit.* pp. 208–222) refers to his principal measures with respect to the Jews, and rightly says:

"Dom João showed himself to be ahead of the ideas of his time. The bulls of Clement VI and Boniface IX guided him in all his dealings with people whose beliefs differed from his own and from those of the Portuguese."

Comparing the treatment of the Jews in Por-tugal at that time, with the cruelty to which they were subjected in Aragon and Castile, one comes to the conclusion that those in our country had every reason to be contented with their lot. A Jewish writer confesses that:

"Von den drei gleichnamigen Königen, welche um dieselbe Zeit die drei grösseren Reiche der pyrenäischen Halbinsel regierten, verfuhr keiner gelinder mit den Juden, als João von Portugal, und in keinem Staate lebten sie damals

glücklicher, als hier, wie überhaupt gerade damals Portugal ein sehr glückliches Land war" (Kayserling, *Geschichte der Juden in Portugal,* p. 36).

Em vista d'essa situação, muitos Hebreus de Hespanha começáram a emigrar para Portugal.

"Como partidarios da mesma crença e condoídos certamente do seu infortunio, os judeus de Lisboa não escondêram a D. João, que em virtude das crueldades e espoliações, de que haviam sido víctimas nos reinos de Castella e Aragão, muitos delles tinham vindo para Portugal estabelecer-se com suas familias e bens na capital e nas differentes terras do país" (Mendes dos Remedios, *loc. cit.*).

O Monarcha acolheu com benevolencia os Israelitas de Hespanha, que, como os correligionarios Portuguezes, não deixáram de prosperar á sombra das concessões de D. João I. Mas o Soberano, justo e crente na fé de Christo, não esquecia tambem as crenças dos seus subditos; por isso, tomáram-se providencias para impedir que os sectarios da lei de Moysés pervertessem as ideas religiosas do povo. "Mais do que isso: excogitaram-se varios meios indirectos para os attrahir ao christianismo" (Herculano, *loc. cit.*).

Entre os muitos e grandes favores concedidos por D. João I aos Judeus, devemos citar a ordem

"que nos ſabbados que eraõ de goarda entre aquella gente, nas Paſcoas, & outras celebridades de ſeu rito, não pudeſſem as Iuſtiças reaes proceder contra elles, nem correſſem as cauſas em que elles eraõ partes, pois em dias ſemelhantes naõ podião aſſiſtir nas audiencias....O fim deſtes fauores, & permiſſoẽs era para que com a communicação ſe afeiçoaſſem os Iudeus á noſſa Fè, & a eſte fim ſe lhe mandaua fazer ſermoens em certos dias, humas vezes nas Synagogas, & outras os mandauão vir aos adros fôra das noſſas Igrejas" (Fr. Francisco Brandão, *ob. cit.* pp. 17–18).

Esta maneira de evangelizar os Judeus teve como resultado numerosas conversões. Os conversos eram protegidos e tratados com respeito, sendo-lhes concedidos diversos e importantes

glücklicher, als hier, wie überhaupt gerade damals Portugal ein sehr glückliches Land war" (Kayserling, *Geschichte der Juden in Portugal,* p. 36).

The result of all this was that many of the Spanish Jews began to emigrate to Portugal.

"As members of the same faith and certainly commiserating with them in their misfortune, the Jews of Lisbon did not conceal from Dom João that, on account of the cruelties and spoliation of which they had been victims in the kingdoms of Castile and Aragon, many of them had come to Portugal and settled with their families and possessions in the capital and in other parts of the country" (Mendes dos Remedios, *loc. cit.*).

The Monarch received the Jews from Spain with unfailing benevolence, and, like their Portuguese coreligionists, they prospered under his sway, though, as a believer in Christ, he took just measures to prevent them from perverting the faith of his people. "Further than this: various indirect means were devised to attract them to Christianity" (Herculano, *loc. cit.*).

Among the many great favours conceded to the Jews by Dom João I, we must mention the order

"that on the Sabbath which was kept by these people, at the Passover and other feasts of their religion, the royal justices were not to proceed against them, nor were law-suits to which they were parties to be heard, because on such days they were unable to be present at the hearing.... The aim of these favours and concessions was that by association the Jews should be drawn to our Faith, and to this end sermons were ordered to be preached to them on certain days, sometimes in the synagogues, and at other times they were ordered to go to the squares before our Churches" (Fr. Francisco Brandão, *op. cit.* pp. 17–18).

This method of preaching to the Jews resulted in many converts, all of whom were treated with the greatest respect, anyone who stigmatised

privilegios; quem lhes chamasse *tornadiços*, quer dizer renegados, era severamente castigado (ver Fr. Francisco Brandão, *loc. cit.*; Viterbo, *Elucidario*, t. II, p. 384; Herculano, *loc. cit.*; Mendes dos Remedios, *loc. cit.*).

Ao mesmo tempo, D. João I promulgou medidas que protegiam o commercio e industria dos Judeus, e outras para reprimir o abuso das denuncias feitas contra elles por comprarem ouro, prata ou moedas, o que lhes era prohibido sem licença regia. É muito possivel que os Israelitas, visto o seu amor ao metal sonante, se entregassem clandestinamente a esse negocio, mas, n'este caso, o abuso deve ter sido mais frequentemente commettido pelos denunciantes, pois os Judeus accusados perdiam os bens, que ficavam pertencendo aos seus delatores; essas accusações creavam um excellente pretexto para extorquir dinheiro aos Judeus (ver Mendes dos Remedios, *loc. cit.*).

Mas, a tolerancia com que eram tratados, e as importantes concessões que recebiam, davam-lhes novamente liberdade d'acção. "Sam elles que neste, como nos tempos anteriores, figuram como arrendadores-móres das fazendas do reino" (Mendes dos Remedios, *loc. cit.*).

Recomeçavam a levantar a cabeça, esqueciam as leis, e abusavam. Uma auctora illustre escreveu, referindo-se aos Judeus de Hespanha, esta phrase notavel, que póde egualmente applicar-se a Portugal:

"Autant les Juifs se courbaient devant la persécution et cherchaient à se faire oublier quand grondait l'orage, autant ils relevaient la tête quand le ciel se rassérénait. Alors ils se vantaient de leur ancien lignage, se réclamaient fastueusement des Rois de Juda ou des héros de l'Ancien Testament. Leur goût pour le luxe et l'apparat, l'étalage de leur opulence, la beauté des vêtements et des joyaux de leurs femmes, la richesse de leurs demeures meublées d'étoffes et d'objets précieux importés d'Orient contrastaient avec la pauvreté des Chrétiens de moyenne condition et surexcitaient la haine jalouse de la noblesse" (Jane Dieulafoy, *Isabelle la Grande*, p. 99).

them as renegades being severely punished (see Fr. Francisco Brandão, *loc. cit.*; Viterbo, *Elucidario*, vol. II, p. 384; Herculano, *loc. cit.*; Mendes dos Remedios, *loc. cit.*). In addition, new and important privileges were conceded to them.

At the same time, Dom João I promulgated laws to protect Jewish commerce and industry and to prevent the Jews from being unjustly denounced for buying gold, silver or money, which they were forbidden to do without a royal licence. Though their love of sounding metal may sometimes have led the Jews thus to break the law, there must have been many false denunciations, for the accused had to give up all their possessions to the informers, so the making of such a charge was an excellent way of obtaining money (see Mendes dos Remedios, *loc. cit.*).

But this great tolerance towards them, and the important concessions made to them, gave them back freedom of action. "It is they who now, as in former times, figure as the chief collectors of the King's revenue" (Mendes dos Remedios, *loc. cit.*).

They began to raise their heads again, forgetting the laws and abusing their privileges. Jane Dieulafoy writes the following notable passage about the Jews in Spain, which may equally well be applied to Portugal:

"Autant les Juifs se courbaient devant la persécution et cherchaient à se faire oublier quand grondait l'orage, autant ils relevaient la tête quand le ciel se rassérénait. Alors ils se vantaient de leur ancien lignage, se réclamaient fastueusement des Rois de Juda ou des héros de l'Ancien Testament. Leur goût pour le luxe et l'apparat, l'étalage de leur opulence, la beauté des vêtements et des joyaux de leurs femmes, la richesse de leurs demeures meublées d'étoffes et d'objets précieux importés d'Orient contrastaient avec la pauvreté des Chrétiens de moyenne condition et surexcitaient la haine jalouse de la noblesse" (*Isabelle la Grande*, p. 99).

Os Israelitas multiplicavam-se com uma rapidez verdadeiramente biblica, e o seu numero, crescendo velozmente, augmentava a sua força e influencia. Esse desenvolvimento tambem se tornava cada vez maior, por causa da penetração constante dos Judeus de Hespanha, que, para escapar ás perseguições que soffriam em Castella e Aragão, emigravam para Portugal. Pouco a pouco, os Hebreus, com as suas qualidades e os seus defeitos, acabariam por exercer um tal predominio no paiz, que transformariam a chamada questão dos Judeus n'um verdadeiro problema politico e social. Não podemos esquecer, como escreveu Carlos Malheiro Dias, que,

"com a encorporação da população moura, que os conquistadores não expulsaram, o povo português era no fim do século XV, com a proliferação do elemento israelita, um aglomerado heterogéneo de religiões e de raças" (*O "Piedoso" e o "Desejado,"* p. 30).

É possivel que D. João I, não obstante a sua tolerancia e a brandura da sua legislação, começasse a realizar os riscos do desenvolvimento da riqueza dos Israelitas no paiz, e da força que d'ahi lhes advinha. Em 1406, o Monarcha decretou que os bens de todo Judeu que não os declarasse por escripto—como já fôra ordenado em 1404—no dia de S. Martinho,

"seriam confiscados ou para a cámara real ou para o arrendador geral das rendas públicas, se o houvesse. Os officiaes reaes ou rendeiros podiam empregar todos os meios que julgassem convenientes para receberem as contribuições judaicas. E assim eram auctorizados a desatar os costaes das fazendas dadas a registo pelos mercadores judaicos, para verificar se haveria fraude. E enfim, para coroar todos estes rigores, impunha-se ao mercador judeu a obrigação de semanalmente inscrever tudo quanto vendia, sob pena de pagar a multa de vinte soldos de moeda antiga" (Mendes dos Remedios, *ob. cit.* pp. 221–222).

É possivel que esta medida fôsse severa, mas os

The Jews multiplied with extraordinary rapidity, and their strength and influence grew in proportion to their numbers. This development was hastened by the constant influx of Jews fleeing from the persecutions in Castile and Aragon. Little by little, with all their qualities and all their faults, they were gaining such preponderance in the country that the so-called Jewish question threatened to become a veritable political and social problem. We must not forget that, as Carlos Malheiro Dias says,

"with the incorporation of the Moorish population, which was not driven out by the conquerors, the Portuguese people, at the end of the XVth century, with the constant increase of the Hebrew element, was a heterogeneous agglomeration of religions and races" (*O "Piedoso" e o "Desejado,"* p. 30).

Dom João I, in spite of his tolerance and of the mildness of his legislation, may possibly have begun to realise the risk behind the increasing wealth of the Jews in Portugal, and the power they drew from it. In 1406 he ordered that the possessions of every Jew who had not—as he had already decreed in 1404—made a written declaration of them by St Martin's day,

"should be confiscated, either by the royal treasury or by the farmer-general of the public revenues, if there were one. The royal officials or tax-collectors were allowed to use any means they thought convenient to obtain the Jewish contributions. And so they were authorised to open the sacks of goods prepared for the market by Jewish merchants, to make sure there was no fraud. And lastly, to crown all these rigours, the Jewish merchant was obliged to give a weekly account of all he sold, on pain of a fine of twenty *soldos* of the ancient coinage" (Mendes dos Remedios, *op. cit.* pp. 221–222).

This may seem a harsh expedient, but the

Judeus, tractados com tanta generosidade por D. João I, não só não deviam queixar-se, mas podiam dar graças ao Deus de Israel pela fórma tão benevola como o Soberano se tinha havido com elles. O longo e brilhante reinado do fundador da dynastia de Aviz foi, na verdade, uma epocha feliz para os Hebreus Portuguezes; por desdita, os seus defeitos, que em grande parte eram a consequencia das suas notaveis qualidades, não lhes deixáram ver as nuvens ameaçadoras que se levantavam no horizonte, nuvens vindas de Hespanha, e que, junctas ás que já pairavam em Portugal, iam desencadear sobre elles uma violenta tempestade.

A terrivel chacina de Sevilha de 1391, e as que se lhe seguiram em diversas cidades de Castella e Aragão, deviam-lhes ter servido de doloroso exemplo, e mostrado o que se preparava em Hespanha. Ao mesmo tempo, infelizmente para elles, não comprehenderam que o influxo dos correligionarios dos outros dois reinos não podia senão desenvolver o rancor que já havia profundamente arraigado no povo Portuguez. Existiam, por consequencia, motivos fundados para a malevolencia dos Portuguezes, que viam, com seria e justificada apprehensão, a invasão gradual dos Hebreus. A assimilação era impossivel, porque os Judeus queriam—como sempre quizeram—manter uma nação sem territorio; em Portugal, essa situação era especialmente grave e perigosa, porque o capital monetario estava, quasi inteiramente, nas mãos dos sectarios do Judaismo, incompatibilizados com o povo Portuguez por innumeras razões, religiosas, politicas, sociaes e de interesses.

"Em Portugal como em Hespanha o odio aos hebreus bebia-se, por assim dizer, com a educação. Desde muito cedo se designáram por apodos injuriosos—cães, perros, rabudos, sendo a designação mais geral e simultaneamente a mais infamante a de *marranos* ou raça maldita" (Mendes do Remedios, *ob. cit.* p. 393).

A bem dizer, as creanças do povo bebiam esse asco com o leite das mães, que—tendo cuidado-

Jews, who had been treated with such clemency by Dom João I, had no cause for complaint, but should rather have given thanks to the God of Israel for the King's generosity towards them. This long and brilliant reign was certainly a happy one for the Portuguese Jews; but unfortunately their defects, which were largely the consequence of their notable qualities, blinded them to the menacing clouds looming on the horizon, clouds from Spain, which, adding their darkness to those already gathering in Portugal, were soon to break about their heads in a violent storm.

The terrible massacre in Seville in 1391, and those which followed it in various towns of Castile and Aragon, ought to have warned them of what was in store for them in Spain. At the same time, unfortunately for themselves, they did not understand that the Portuguese people's already strong hatred for the race could not but be increased by the constant stream of alien Jews invading Portugal. There were thus valid reasons why the Portuguese looked upon the gradual Hebrew invasion with apprehension. Assimilation was impossible, because the Jews —as always—wished to remain a nation without territory; in Portugal the situation was particularly dangerous, since almost the entire control of the nation's wealth was in the hands of a race whose religion, politics, social customs and interests were incompatible with those of the Portuguese people.

"In Portugal, as in Spain, hatred for the Jews may be said to have been an inherent part of the children's education. From very early times they had been designated by abusive names—curs, dogs, long-tailed ones, the most common and at the same time the most opprobrious being that of *Maranos* or accursed race" (Mendes dos Remedios, *op. cit.* p. 393).

We would go further than Mendes dos Remedios and say that the children of the people im-

samente decorado as lendas espalhadas entre o vulgo ácerca dos crimes, atrozes e ridiculos, que os Israelitas eram accusados de ter commettido—contavam aos filhos, talvez ainda no berço, essas invenções malevolas, mas nas quaes acreditavam piamente como se fôssem artigos de fé. D'esta maneira, o sentimento de aversão propagava-se cedo e de uma fórma segura: de mais a mais, a tarefa não era difficil, e a semente que se deixava cahir dava com certeza uma abundante colheita, pois o terreno estava, de ha muito, bem preparado. O povo, quiçá sem o poder definir concretamente, realizava o perigo que realmente existia para o paiz, talvez por conhecer a maneira como tinha sido, e era, explorado pelos Judeus: sabia apenas—como tinha sabido nos tempos do Mestre de Aviz—que queria Portugal para os Portuguezes.

Os Hebreus, alem dos seus muitos predicados, possuem uma qualidade que respeitamos—quasi diriamos que invejamos—e que é uma das suas maiores forças: o seu admiravel espirito de solidariedade, cujo exemplo não foi, nem é, desgraçadamente, seguido pelos outros povos! Para a situação em Portugal no seculo XV, essa qualidade era mais um perigo, e bem serio. Com inteira razão, escreve J. Lucio d'Azevedo:

"Disseminada por todos os cantos do paiz, a casta de alheia origem, qualquer que fosse o numero de seus componentes, por certo constituia no organismo nacional um appendice exorbitante para o todo" (*ob. cit.* p. 46).

No nosso paiz, a raça hebrea podia comparar-se a uma hera vigorosa, cujos ramos sarmentosos trepavam sempre, enroscando a arvore Portugueza. Viçosa, a hera crescia depressa; ás vezes, quando queria abraçar toda a rama da grande arvore, cortavam-lhe alguns rebentos, mas a seiva era tanta, que os renovos subiam rapidamente, enrolando-se aos ramos mais altos. Sem duvida, ella sustentava alguns troncos que os annos tinham feito apodrecer; mas, pouco a pouco, a forte e tenaz trepadeira acabaria por abafar completamente a arvore

bibed this aversion with their mother's milk, for these women knew by heart all the current legends about the crimes, atrocious and absurd, of which the Israelites were accused, and their children were probably made familiar from babyhood with all the malicious inventions in which the people believed as firmly as in the articles of their faith. In this way the hostility spread surely and rapidly; indeed the task was not difficult, and the seed sown yielded an abundant harvest, for the ground had long been prepared. The people, though unable to define it, realised their country's peril, perhaps through their own bitter experience at the hands of the Jews; but their one clear idea was that they wanted Portugal for the Portuguese.

Among the many qualities of the Jewish people, there is one which we respect—we might even say envy—and which has always been one of their greatest strengths: their magnificent spirit of unity, which is not, unfortunately, to be met with among other races to anything approaching the same degree! This quality was a very serious danger in Portugal in the XVth century, and J. Lucio d'Azevedo is perfectly right when he says:

"This alien stock disseminated in every corner of the country, whatever the number of its members, certainly constituted an excessive appendage to the national organism as a whole" (*op. cit.* p. 46).

The Hebrew race in our country might have been compared to ivy preying upon the tree of Portugal. The malignant plant spread rapidly; from time to time, when it threatened to embrace the whole tree, a few too venturous shoots were cut off, but the sap was so strong that fresh growths were rapidly produced and soon encroached upon the highest branches. The lusty climber certainly held up a few boughs which time had brought to decay; but it was gradually choking the life out of the tree and soon, as so often happens in nature, the

Portugueza, e então succederia o que se vê tão frequentemente na natureza: uma arvore, ás vezes gigantesca, secca e ouca, mas recoberta da verdura fresca e viva da hera que a abraçou.

Como vimos, os Reis serviram-se dos Judeus para a cobrança dos impostos, e frequentemente entregáram-lhes o meneio das finanças do Estado. Seguindo o exemplo real, nobres e fidalgos, conhecendo o talento dos Israelitas, não hesitáram em lhes confiar a administração dos seus bens. Alem d'isso, os Judeus

"tinham tambem a seu cargo os dízimos e offerendas das igrejas e, o que era realmente para admirar, a administração dos proprios altares christãos. Tal devia ser o abuso que D. Duarte prohibiu aos infantes, arcebispos e bispos, condes, mestres, abbades e priores, commendadores, cavalleiros, escudeiros, e a quaesquer outros senhores grandes honrados...que tivessem em suas casas, quintas e logares, por seus vèdores, mordomos, recebedores, contadores ou escrivães, indivíduo judeu de qualquer condição que fôsse. O que infringisse esta disposição, sendo grande do reino, pagaria mil dobras de oiro; os de 'mais pequena condição' pagariam quinhentas, e o judeu que acceitasse o officio era açoitado publicamente....O tacto financeiro e economico dos desgraçados israelitas era condemnado por todos, apesar de todos se irem aproveitando delles" (Mendes dos Remedios, *ob. cit.* pp. 227–228).

Esses Christãos viam que os Israelitas eram uteis e habeis; por consequencia, protegiam aquelles que favoreciam os seus interesses: os "perros," os "cães," os "marranos," passavam a ser excellentes pessoas, e a lei de D. Duarte

"não obstou a que continuassem a arrematar a cobrança dos impostos e a practicar os actos que o povo, com mais ou menos razão, reputava vexatorios e espoliadores" (Herculano, *ob. cit.* p. 91).

Sentindo-se protegidos, mas esquecendo a causa interesseira d'esse apoio, os Hebreus, graças ao seu talento e aos favores que recebiam em troca dos que faziam, tornáram-se cada dia mais senhores da situação.

tree of Portugal, though still standing and covered with the fresh green foliage of the ivy clasping it, would have been nothing but a dead and hollow trunk.

As we have seen, the Kings used the Jews to collect taxes and often entrusted them with the management of the State finances. Many nobles also recognised the special talent of the Jews, and did not hesitate to follow the royal example and put the administration of their estates into Jewish hands. The Israelites

"also had in their care the tithes and offerings of the church and, which was really amazing, the administration of the Christian altars themselves. The abuse must have been very great, for King Duarte forbade the infantes, archbishops and bishops, counts, *mestres*, abbots, priors, commendators, knights, esquires and any other high and honourable gentlemen...to have in their houses, farms or palaces, as overseer, steward, rent-collector, accountant or secretary, any Jewish individual, no matter what his rank. Anyone violating this order must pay one thousand *dobras* of gold if he were a grandee; those 'of lesser degree' had to pay five hundred, and the Jew who accepted the office was publicly flogged....The financial and economic adroitness of the unfortunate Jews was condemned by all, though all made good use of them when they could" (Dr Mendes dos Remedios, *op. cit.* pp. 227–228).

These Christians had speedy proof that the Jews were clever and useful; so they protected those who were advancing their interests: the "dogs," the "curs," the "Maranos" became excellent people in their sight, and Dom Duarte's law

"did not prevent them from going on collecting taxes and performing actions which the people, rightly or wrongly, held to be vexatious and predatory" (Herculano, *op. cit.* p. 91).

Feeling that they were protected, but forgetting the self-interested motives of their protectors, the Jews gained a greater command of the situation every day, thanks to their genius and to the favours they received in exchange for their help.

O reinado do *Africano* foi certamente o periodo aureo—o ultimo—dos sectarios do Judaismo em Portugal durante a dynastia de Aviz; mesmo escriptores israelitas (taes como o D^r Graetz, *Geschichte der Juden*, p. 336) assim o consideram. A demasiada brandura do Soberano, que, sempre em apuros de dinheiro, tratava os Hebreus com extrema benevolencia, era a causa principal do poderio de que elles gozavam então.

O luxo dos Judeus, sobretudo em Lisboa, era escandaloso, e a ostentação de tanta riqueza offendia a população christã, opprimida pelas exacções dos cobradores dos impostos; andavam vestidos de sedas e velludos, cobertos de pedrarias; montavam soberbos cavallos das melhores raças, ou bellas mulas resistentes, adereçados com valiosos arreios: usavam á cinta espadas damasquinas cujos copos e bainhas eram finamente cinzeladas, ou cravadas de pedras preciosas. Comtudo, o que mais revoltava a população, no meio de esse fausto excessivo, era que os Judeus já não traziam os distinctivos que a lei—tantas vezes decretada e ainda mais vezes esquecida—os obrigava a usar. Arrogantes, faziam o que queriam, e viviam como e onde queriam, sem se importar com as restricções que lhes tinham sido impostas. Alem d'isso, a sua decadencia religiosa era profunda, como o confessam os historiadores correligionarios (ver Kayserling, *ob. cit.* p. 62); já não festejavam nem os sabbados nem os dias de festa, e os rabbinos callavam-se com medo dos Israelitas mais ricos. O orgulho, a ambição e o luxo cegavam-os; não viam, por consequencia, que a sua attitude os levaria á ruina, e que, breve, nenhum dique poderia represar a onda do asco popular. Essa indignação lavrava especialmente contra a communa israelita de Lisboa, a mais importante do paiz, e cujos grandes bens provinham do seu commercio de dinheiro e de mercadorias; alem dos vexames e exacções, a população não esquecia nem perdoava a attitude dos sectarios da lei de Moysés

The reign of Dom Affonso V was certainly the most favourable period for the Jews in Portugal during the dynasty of Aviz; even Hebrew writers (such as Dr Graetz, *Geschichte der Juden*, p. 336) so describe it. The chief reason for the extraordinary power they then enjoyed was the King's too great clemency towards them.

The extravagance of the Jews was particularly flagrant in Lisbon, and the display of such opulence was galling to the Christian population, oppressed by the exactions of the tax-collectors. The Israelites went about dressed in silk and velvet and covered with jewels; they rode superb thoroughbred horses, or beautiful mules of great gentleness and strength, richly caparisoned; they were girt with Damascus blades, whose hilts and scabbards were finely engraved, or studded with precious stones. But what disgusted the people most was that, in the midst of this gross ostentation, the Jews no longer wore the distinctive badges as they were required to do by the law, so often forgotten and so often renewed; but arrogantly did as they liked, and lived how and where they liked, without heeding the restrictions which had been imposed upon them. Apart from this, their religious decadence was very great, as their own historians confess (see Kayserling, *op. cit.* p. 62); they no longer observed the Sabbath or their other feast days, and the Rabbis held their peace for fear of the richer Israelites. They were blinded with pride, ambition and luxury and did not see that their attitude was bearing them on to ruin, and that soon no dyke would be strong enough to restrain the wave of popular hatred, which was especially strong against the Hebrew community in Lisbon, the most important in the country, and deriving enormous wealth from its dealings in money and merchandise. Apart from the oppression and extortions they were called upon to bear, the people did not forget and could not forgive the attitude taken up by the Jews during

durante a regencia de D. Leonor e as luctas e guerras pela independencia de Portugal.

"A especialidade dos judeus era a arrematação das rendas do Estado e de particulares. É claro serem elles preferidos pelo governo para esta arrematação em razão do maior lanço que offereciam, mas é não menos certo haverem de se indemnisar pelo maior rigor na cobrança" (Costa Lobo, *Historia da Sociedade em Portugal no seculo* xv, p. 519).

Não ha duvida que o Estado lucrava com o maior lanço do Judeu—que tambem ganhava com o negocio—mas era o pobre Christão que perdia com o sofrego rigor do arrematador. Por consequencia, não é de estranhar que o odio do povo á raça hebrea se manifestasse sempre que tivesse uma opportunidade; e as occasiões não faltáram. Em 1449, conta Ruy de Pina, certos rapazes de Lisboa, "por travesura," insultáram e maltratáram alguns Judeus; os aggravados recorreram á auctoridade, que "mandou pubrycamente açoutar" os delinquentes. Esse acto de justiça bastou para provocar uma revolta do povo, que, bradando "*matallos e rouballos,*" invadiu a judiaria. A situação tornou-se tão grave, que a intervenção d'El-Rei foi julgada necessaria. D. Affonso mandou punir os auctores do motim, mas o rancor da plebe contra os Judeus era tal,

"que contra sua Real pessoa se allevantavam onioẽs tam irosas, que ouve por bem seçar de fazer mais cruas execuçooẽs" (*Chronica do Senhor Rey Dom Affonso V*, pp. 439–440; ver tambem Herculano, *ob. cit.* pp. 97–98; Freire de Oliveira, *ob. cit.* pp. 324–325).

D. Affonso, Rei Cavalleiro que, seguindo o exemplo do illustre avô, queria passar á Africa para combater os inimigos de Christo, talvez tenha comprehendido o sentimento da arrayamiuda da capital—que outr'ora acclamára D. João I—que a levou a revoltar-se contra elle, ao vel-o rodeado de sectarios da lei de Moysés. D. Affonso V deve ter reconhecido a gravidade da situação, pois, uma vez que conversava com

the regency of Dona Leonor and the struggle for the independence of Portugal.

"The speciality of the Jews was buying up State and private revenues. It is clear that they were chosen by the government for this transaction because of the higher offer they made, and it is not less certain that they had to indemnify themselves by a greater rigour in collection" (Costa Lobo, *Historia da Sociedade em Portugal no seculo* xv, p. 519).

There is no doubt that the State profited by the advantageous offer made by the Jews—who did not lose over the affair either—but it was the poor Christian citizen who suffered under the voracious extortions of the highest bidder. It is not strange, therefore, that the people let slip no opportunity of manifesting their hatred—and occasions were not lacking. Ruy de Pina tells how, in 1449, certain youths of Lisbon insulted and ill-treated some Jews; the victims complained to the authorities, who ordered the assailants to be publicly whipped. This act of justice aroused a storm of protest, and the mob rushed into the Jewish quarter shouting "kill them! rob them!" The situation became so serious that the King was called upon to intervene; but the people's hatred of the Jews was so great that, when Dom Affonso sought to punish the leaders of the rising,

"there arose such angry confederacies against his Royal person that he thought it well to cease from any further cruel executions" (*Chronica do Senhor Rey Dom Affonso V*, pp. 439–440; also see Herculano, *op. cit.* pp. 97–98; Freire de Oliveira, *op. cit.* pp. 324–325).

Dom Affonso, the knightly King, whose desire was to proceed, as his grandfather had done, to Africa and fight against the enemies of Christ, must, however, have understood the feeling that prompted the mob—which had erstwhile acclaimed Dom João I—to rebel against him, when they saw him surrounded by Jews. Dom Affonso V must have recognised the gravity of the situation, for he once made the following almost

o Judeu D. Joseph Ibn Jachia, pessoa da sua confiança, disse-lhe estas extraordinarias e quasi propheticas palavras:

"O povo acredita que o luxo evidente dos Judeus é devido aos roubos que elles commetteram em detrimento dos Christãos: porque não impedes tu essa ostentação dos teus correligionarios? Não respondas; é inutil, pois bem sei que só a pilhagem e a matança poderão cural-os do seu orgulho; mas então será tarde para se lamentarem" (ver Graetz, *ob. cit.* p. 328; Kayserling, *ob. cit.* p. 70; Jane Dieulafoy, *ob. cit.* p. 100).

Se D. Affonso V viu os perigos, depressa os esqueceu, porque, com as guerras de Africa e de Castella, e as suas prodigas liberalidades á nobreza, precisava constantemente do dinheiro dos Judeus; comtudo, confirmou algumas das leis que haviam sido promulgadas contra elles, decretou outras (ver Mendes dos Remedios, *ob. cit.* pp. 234–237), e ampliou as medidas tomadas por D. João I ácerca dos conversos.

"As exempções dos christãos novos eram communs aos christãos velhos que casavam com judias convertidas. Longe de ser licito ao judeu desherdar seu filho por mudar de crença, tinha este desde logo o direito de receber o seu quinhão da herança paterna e materna, suppondo-se fallecidos o pae e a mãe para esse effeito, de modo que, se era filho unico, havia desde logo dous terços dos bens da casa, provisão efficaz para promover as conversões, mas altamente immoral. A estas vantagens associava-se a de ficarem exemptos de todos os gravames especiaes que pesavam sobre os da sua raça" (Herculano, *ob. cit.* p. 96).

Mas a malevolencia do povo não abrandava.

"Resta-nos uma carta de um frade de S. Marcos, que ignoramos quem fosse, mas que della se vê privava com Affonso V, onde transluz o odio contra os judeus e, ao mesmo tempo, se manifestam as causas economicas que o inspiravam.... 'Agora, senhor'—diz o gratuito conselheiro—

prophetic affirmation to his counsellor Dom Joseph Ibn Jachia:

"The people think that the evident luxury of the Jews is due to the robberies they have committed to the detriment of the Christians: why do you not put a stop to this ostentation on the part of your coreligionists? Do not answer; it is useless, for I know perfectly well that only pillage and slaughter will cure their pride, but then it will be too late for regret" (see Graetz, *op. cit.* p. 328; Kayserling, *op. cit.* p. 70; Jane Dieulafoy, *op. cit.* p. 100).

But, however much Dom Affonso saw, he did not take warning, for with his African and Castilian wars, and his prodigal liberality to the nobles, he was in constant need of money from the Jews. Nevertheless he did confirm and promulgate certain laws against them (see Mendes dos Remedios, *op. cit.* pp. 234–237), and tightened the measures taken by Dom João I to protect converts.

"The exemptions granted to the new Christians were extended to old Christians who married converted Jewesses. Far from its being legal for a Jew to disinherit his son for changing his faith, the son had there and then the right to receive his share of the paternal and maternal property, the father and mother being considered as dead for this purpose, so that, if he were an only son, he immediately received two-thirds of the family fortune, a highly immoral but very effective provision for promoting conversions. To these advantages was added that of being exempted from all the special surcharges which weighed upon those of his race" (Herculano, *op. cit.* p. 96).

But the people's malevolence showed no signs of diminishing.

"There still exists a letter written by a monk of S. Marcos, whose name we do not know, but whom the letter shows to have been in favour with Affonso V, where the hatred for the Jews shines through, while at the same time the economic reasons which inspired it are made manifest....'Now, my Lord'—says the disinterested

'com a cubiça de obter maior rendimento acha-se a christandade submettida á jurisdicção judaica, e os extranhos ao paiz levam a substancia das mercadorias do vosso reino, ao passo que os mercadores nacionaes perecem de miseria. A isto quizera eu que vossa senhoria désse remedio, como tantas vezes lhe tem sido requerido; que mais honra e proveito vos resultará de serem os vossos naturaes ricos do que de o serem os extranhos, que dão perda e não lucro ao paiz.'"

E o grande historiador accrescenta:

"Onde, porém, mais evidentemente se descobre que a aversão contra os judeus cada vez adquiria maior intensidade é nas actas dos diversos parlamentos convocados durante a segunda metade do seculo xv; porque a linguagem dos procuradores das cidades e villas era a expressão do commum sentir, não só do vulgo, mas tambem da burguesia christan" (Herculano, *ob. cit.* pp. 99–100).

Entre as muitas reclamações contra os Judeus apresentadas em Côrtes a D. Affonso V, uma tem especial importancia, pois demonstra que, apezar de ter sido frequentemente affirmado que os trabalhos do campo eram a occupação predilecta da raça hebrea, elles não se consagravam á lavoura em Portugal, paiz essencialmente agricola. Nas Côrtes de 1473, os povos dirigiram-se a El-Rei, dizendo:

"Outro sy Senhor vemos que os judeus nam sam bõos lauradores nem aproueitadores de bẽes de Raayz e se algũus bẽes de Raiz ham nam os aproueitão saluo damdoos ha xristãaos que lhos laurem cauem e aproueitem" (Costa Lobo, *ob. cit. Documentos illustrativos*, p. 588).

Quando D. Affonso V falleceu em 1481, Portugal atravessava uma crise grave, e D. João II achava "tudo esboroado! tudo a remodelar e reconstruir!" como escreveu Oliveira Martins (ver *O Principe Perfeito*, p. 62). O trabalho era na verdade colossal, mas, sem hesitações, o novo Soberano poz mãos á obra.

counsellor—'this desire to obtain more revenue forces the Christians to submit to the Judaic jurisdiction, and the strangers in the land take over the substance of the merchandise in your kingdom, while the national merchants perish in misery. I would like your Lordship to remedy this, as you have so often been asked to do; for you would derive greater honour and profit from the fact that your subjects were rich, rather than the strangers who bring loss and not profit to the country.'"

And Herculano adds:

"There is, however, greater evidence that the hostility towards the Jews was ever growing in intensity, in the acts of the various parliaments convoked during the second half of the xvth century; because the language of the delegates from the cities and towns was the expression of the common feeling, not only of the rabble, but also of the middle-class Christians" (*op. cit.* pp. 99–100).

Among the many representations against the Jews made to Dom Affonso V in the *Côrtes*, there was one which has a special importance, because it proves that, although it has frequently been affirmed that the Hebrew race had a special love for the cultivation of the soil, they did not devote themselves to husbandry in Portugal, which is essentially an agricultural country. In the *Côrtes* of 1473, the people said:

"Also Lord, we see that the Jews are not good farmers nor do they turn their land to profit and if they possess any lands they get no results from them unless they give them to Christians to plough and dig and put to good use" (Costa Lobo, *op. cit. Documentos illustrativos*, p. 588).

When Dom Affonso V died, in 1481, Portugal was passing through a grave crisis and Dom João II found "everything crumbled to ruins! everything to be remodelled and reconstructed!" as Oliveira Martins said (see *O Principe Perfeito*, p. 62). The task was certainly gigantic, but the new King set to work without hesitation.

Á sua intelligencia superior, energia formi‑davel e vontade de ferro, D. João II unia uma dissimulação verdadeiramente digna da Renas‑cença, uma comprehensão exacta da situação, e excepcionaes—talvez unicas—qualidades poli‑ticas. Alem d'estes predicados, tinha—como Principe que faria honra a Machiavello—uma completa falta de escrupulos. D. João II foi o Principe Perfeito, porque fez a grandeza de Por‑tugal, e já tivemos n'esta obra diversas opportu‑nidades de manifestar a nossa tão sincera como profunda admiração pelo grande Rei. Mas na questão dos Judeus, consideramos, francamente, que esteve longe, muito longe mesmo, de ser o Principe Perfeito.

D. João II, em vista da attitude que adoptou e seguiu, e das medidas que deliberadamente tomou ácerca dos Judeus, tornou‑se, como Soberano absoluto que era, o verdadeiro responsavel dos resultados de essas medidas, e como effeito d'isso, de certas provisões que o seu successor se viu forçado a promulgar—por causa das quaes D. Manuel tem sido tão injustamente atacado—e que não fôram senão a consequencia logica e inevitavel da politica do Principe Perfeito.

A herança deixada por D. Affonso V era complicada, e, para variar, o povo, cada vez com maior intensidade, clamava contra os Judeus, pois, com um novo Rei, esperava alcançar pro‑tecção e justiça. Logo nas Côrtes de 1481–1482, a irritação popular manifestou‑se, como diz Her‑culano,

"com caracteres mais ameaçadores; porque ahi as questões economicas complicam‑se já com as religiosas.... Todavia, a opulencia dos judeus ao passo que os habilitava para viverem com esplendor, alcançava conciliar‑lhes a tolerancia dos magistrados, que os deixavam manifestar na magnificencia dos trajos e dos adornos a sua riqueza.... Na linguagem dos mandatarios popu‑lares sentem‑se palpitar a indignação e o odio contra os judeus, embora nas invectivas que fazem sobre o desenfreiamento do luxo envolvam apparentemente os mouros e os christãos" (*ob. cit.* pp. 101–102).

His remarkable intelligence, his formidable energy and his iron will, were reinforced by a faculty for dissimulation worthy of the Renais‑sance, an exact understanding of the situation and an exceptional skill in statecraft. Be‑sides all these qualities he had—like a truly Machiavellian Prince—an absolute unscrupu‑lousness. Dom João II was the Perfect Prince in that he compassed the greatness of Portugal, and we have already had various oppor‑tunities in this work to show our deep and sincere admiration for him, but we must confess that in his dealings with the Jews, he was, in our opinion, very far from living up to his title.

As an absolute ruler, he alone was responsible for the results which sprang from the attitude he adopted and the measures he deliberately took; and, therefore, certain provisions which his suc‑cessor was forced to make—and for which Dom Manuel has been most unjustly attacked—were nothing but the logical and inevitable outcome of Dom João II's policy.

The heritage left by Dom Affonso V was, as we have seen, a difficult one, and, as usual, the people protested against the Jews with fresh in‑tensity, hoping that the new King would accord them justice and protection. The popular irrita‑tion at once made itself felt in the *Côrtes* of 1481–1482, and, as Herculano says:

"with more menacing characteristics; because the economic questions were already complicated with religious issues.... And yet the opulence of the Jews, in proportion as it enabled them to live in splendour, gained for them the tolerance of the magistrates, who allowed them to display their wealth in the magnificence of their clothing and ornaments.... The language of the people's delegates is vibrant with indignation and loathing against the Jews, although their invectives against unbridled luxury apparently involved the Moors and the Christians as well" (*op. cit.* pp. 101–102).

Alem das reclamações habituaes, os povos pediram providencias geraes contra os "estamtes estramgeiros," quer dizer os negociantes de outras nações residentes em Portugal, mencionando especialmente os Judeus Hespanhoes, "que por suas maas eresias de suas terras sam corridos e lamçados e em vossos regnos defesos e amparados." O protesto, lealmente apresentado, devia ter indicado ao Soberano qual seria a attitude do povo, se a entrada em massa dos Judeus Hespanhoes fôsse permittida. Queixavam-se egualmente—e em termos de tal crueza que não ousamos repetil-os—dos grandes males que resultavam da "soltura" dos Judeus alfayates, sapateiros e officiaes de outros officios que, andando pelos campos no exercicio dos seus mesteres, aproveitavam, emquanto os lavradores estavam fóra nos trabalhos da lavoura, para ficarem sós com as suas mulheres e filhas, servindo-se d'ellas, e commettendo crimes mui damnosos e de grande escandalo, o "que he muito desseruiço de deus e Imjuria elle e sua samta fe catollica." Mas a reclamação mais grave lê-se no *Capitullo da dissuluçam dos judeus*. Ahi os mandatarios populares, depois de protestarem violentamente contra os Judeus que se armavam em cavalleiros e se vestiam de maneira que era impossivel reconhecer a que raça pertenciam, accrescentam estas significativas e mesmo ameaçadoras palavras:

"emtram (os Judeus) nas igreias e escarneçem do santo sacramento e se mesturam com as christããs em graue pecado comtra a samta fe chatollica e nacem desta tam graue disulluçom outros erros e fectos muy disformes e danosos aos corpos e allmas e o pior que he amdam sem sinaees por seerem remdeiros e atormemtarem os christãos e se fazerem Senhores omde naturallmemte sam seruos seia vosa merçee remediar os taees dapnos por boom regimemto e gouernamça da terra fazendo comprir vosas samtas e devotas ordenaçoẽes no dees ocasiom ase fazerem os malles que sam tamto de evitar e em ello deos e vosa alteza sera seruido e voso pouoo bem rregido e a terra

In addition to the habitual reclamations against the Jews, the people also begged for general measures against the "*estamtes estramgeiros*," that is, against the alien merchants resident in Portugal, and made special mention of the Spanish Jews "who have been driven and cast out from their lands for their wicked heresies and are defended and protected in your kingdoms." This protest ought to have warned Dom João what the people's attitude would be if the massed entry of the Spanish Jews were ever allowed. They also complained—in terms of such barbarity that we dare not repeat them—of the great evils which resulted from the "licence" of the Jewish tailors, shoemakers, and craftsmen of other trades who went into the country in the course of their business, and took advantage of the labourers' absence in the fields, to remain alone with their wives and daughters, committing hurtful and most scandalous crimes, "which is a great disservice to God and an insult to Him and His holy Catholic Faith." But the most important complaint of all is in the *Chapter on the dissoluteness of the Jews*, for there, after a violent protest against the Jews who armed themselves as knights and dressed so that it was impossible to see to what race they belonged, we find these significant words:

"They (the Jews) enter into the churches and mock the Holy Sacraments and mingle with the Christian women in grave sin against the holy Catholic Faith, and there arise from this very serious corruption and other hideous evils and faults, harmful to body and soul, and the worst of it is that they go about without distinguishing signs, because they are receivers of the revenue, and they afflict the Christians, and make themselves Lords where they should naturally be servants. May it be your pleasure to remedy these wrongs by the good administration and government of the land and to see that your holy and devout laws are carried out, so that you do not give occasion for the propagation of these evils which are so much to be avoided, and thus God and Your Highness will be served, and your people well ruled, and

gouernada em direito e justiça e que nom seiam judeos remdeiros porque apremam os christãos" (ver Santarem, *ob. cit.* pp. 106, 177–185, 203–205, 268–269).

Apezar da divisa "Pola Lei—Pola Grei," o Soberano, se precisava do apoio do povo para a sua lucta contra a nobreza, tambem carecia dos serviços e do dinheiro dos Judeus para muitos dos seus emprehendimentos: por consequencia, não dava ouvidos ás reclamações dos povos, que, não podendo comprehender a sua politica, continuáram, e com maior violencia, a protestar contra os Judeus. Parece mesmo que, devido á sua exasperação, novos motins tiveram logar na capital em 1484 e 1490, segundo se deprehende de duas cartas regias (ver Freire de Oliveira, *ob. cit.* pp. 353–354 e 361), nas quaes o Soberano recommendava á Camara de Lisboa que protegesse os Judeus de quaesquer excessos da plebe, e lhe agradecia as medidas que tinha tomado para apaziguar os tumultos que se moviam contra os Israelitas da cidade.

Em 1490 a nobreza já estava abatida e humilhada, e n'essa operação, muitas vezes cruel, o sangue tinha corrido tão abundantemente, que a classe dos grandes ficára esgottada e sem forças. O povo, tanta vez molestado pelos fidalgos, approvára os actos do Monarcha, especialmente porque, na sua lealdade, via que elles tinham sido necessarios para o engrandecimento do poder real. Mas, mesmo se o povo era hostil á nobreza, esse sentimento, mais ou menos justificado, não se podia comparar ao rancor que sentia pelos Judeus. Os grandes, nobres, ou fidalgos, não teriam senão vicios e defeitos; mas, ao menos, eram Portuguezes e Christãos que, desde a fundação da Monarchia, tinham sabido sacrificar-se pela causa sagrada da Patria, em quanto que os Judeus eram a raça estranha que o povo, profunda e ingenuamente crente na fé de Christo, e patriota até á medula dos ossos, odiava, não só porque escandalizava os seus mais intimos sentimentos, mas porque o vexava e opprimia. Por consequencia, o povo erguia a voz novamente nas Côrtes de 1490,

the land governed in right and justice; and let not the Jews be collectors of taxes, because they oppress the Christians" (see Santarem, *op. cit.* pp. 106, 177–185, 203–205, 268–269).

Notwithstanding his motto "For the Law and for the Flock," Dom João II, although he needed the people's support in his struggle against the nobility, was also dependent upon the Jews and their money for the success of many of his plans: he therefore turned a deaf ear to the reclamations of the people, who, since they could not understand his policy, went on protesting with increasing violence against the Jews. It even appears that their exasperation led to riots in 1484 and 1490, for there are two royal letters (see Freire de Oliveira, *op. cit.* pp. 353–354 and 361) charging the civic authorities of Lisbon to protect the Jews from any public outrage, and thanking them for the steps taken to calm the tumults which had arisen against the Jews in the city.

By 1490 the nobles had been subdued and humiliated, and, in the course of this often cruel operation, so much blood had been shed that the lords of the land were weak and exhausted. The people, who had been much harassed by the nobles, approved of the King's action, especially as, in their loyalty, they realised that the measures were necessary for the increase of the royal power. But even if they were hostile to the aristocracy, this feeling was as nothing in comparison with their deep-rooted rancour against the Jews. The nobles and lords might be full of vices and faults, but at least they were Portuguese and Christians, who, since the setting up of the monarchy, had fought in their country's cause against Moors and Castilians; while the Jews came of an alien race, irreconcilably antipathetic to the Portuguese people, with their deep and childlike faith in Christ and their ardent patriotism, not only because it shocked their innermost feelings, but because it vexed and oppressed them. That was why in the *Côrtes* of 1490 they again protested against the abuses com-

clamando contra os abusos que os Judeus prac- ticavam. Unanimes, os representantes das ci- dades e villas pediram a El-Rei a exclusão dos Judeus da arrematação dos impostos, porque esse officio obrigava os Christãos a tratarem cons- tantemente com elles, e originava

"muytos dampnos e perygos aa nossa samtta fee...pello qual todauia vossa alteza os deue affastar per tal modo que per neçesidade os xristãaos nom ajam lugar de comuersar com elles e lhes nom dees uossas reendas nem officios per onde os ajam de sojugar...quamtto maes que vossas reemdas e directos podem seer muyto beem aremdadas e recadadas pelos ditos xristãaos e officiaaes uosos ou per o modo que o forom no começo que as sisas foram lamçadas. Muyto deue uossa alteza esguardar como em nenhuum regno de xristãaos nom he dado tamto lugar e fauor aos dittos Judeus como se da em estes uossos regnos. E nom soomemte som trattadores de uossas remdas mas tal estuçia e modos trouxe- ram e trazem que as remdas e ajmda as gouer- nanças das casas da mayor parte dos senhores e fidalgos de uossos regnos som em suas mãaos delles dictos Judeus. sejam elles comtemtes de usarem sobre sy de seus officios maquanicos e de suas mercadorias ou ajam lugares que cauem e rocem per que se mamtenham. a qual largueza se lhe nom daa em partes nenhuuas de xristãaos omde os aja. E nom amdem baldios como am- dam a mayor parte delles em estes Regnos sem fazerem nem teerem outra occupaçam soomente sotilizarem bulrras e moodos per omde leuem aos xristãaos suas fazeemdas e os metem em sua sogeççam" (Costa Lobo, *ob. cit. Documentos illustrativos*, pp. 589-590).

Estas queixas não só indicam as relações economicas e moraes entre as duas raças, mas mostram que o povo tinha razão em reclamar contra a situação a que se tinha chegado. D. João, que ainda não podia dispensar os serviços dos Judeus, em cujas mãos estava quasi todo o capital monetario, recusou formalmente de satis- fazer o pedido principal da grei, quer dizer a exclusão dos Hebreus das arrematações dos im- postos, dando como motivo da sua recusa, que,

mitted by the Jews. The representatives of the cities and towns were unanimous in demanding that the Jews should be forbidden to take over the collection of taxes, because the Christians were thereby obliged to have constant intercourse with them, which was a source of

"much harm and danger to our holy Faith... wherefore Your Highness should nevertheless remove them in such a manner that the Christians cannot possibly have occasion to meet them, and you ought not to entrust them with your taxes or with functions through which they can oppress the people...moreover your dues and taxes can be very well farmed out and col- lected either by the said Christians and your own functionaries, or else as they were in the beginning when *sisas* were levied. Your Highness should give special consideration to the fact that in no Christian kingdom have the said Jews such standing and favour as in these your kingdoms. And not only do they handle your revenues, but they have shown and do show such astuteness and method, that the revenues and even the ad- ministration of the houses of most of the lords and nobles in your kingdoms are in the hands of the said Jews. Let them content themselves with exercising their industrial and commercial func- tions among themselves, or let them have places where they can dig and hoe to keep themselves, which liberality is not shown to them in any Christian part where they are. And let them not go about uselessly, as most of them do in these kingdoms, without any other occupation than devising tricks and ways by which to deprive the Christians of their fortunes and get them in their power" (Costa Lobo, *op. cit. Documentos illustrativos*, pp. 589-590).

These complaints not only show the economic and moral relations between the two races, but prove that the people were right in protesting against the state of affairs. Dom João, who could not yet dispense with the services of the Jews, since they held almost all the monetary capital, formally refused to grant the chief request of his people and prevent the Israelites from buying the right to collect taxes, giving as his reason that

se os sectarios do Judaismo praticavam vexações e extorsões na arrecadação dos tributos, as que os Christãos commetiam em semelhante situação eram ainda peores.

Costa Lobo tem inteira razão quando escreve:

"É possivel; mas, se o povo, que pagava, preferia os desmandos dos seus naturaes, devia ser attendido" (*ob. cit.* p. 517).

Mas havia outras causas de revolta entre o povo, talvez mais graves, porque eram um verdadeiro attentado contra as suas crenças religiosas e os seus mais intimos sentimentos. Costa Lobo descreve admiravelmente estes dois aspectos da questão dos Hebreus em Portugal nos fins do seculo XV, dizendo:

"Ás côrtes de 1490 assistia toda a rasão em reclamarem a exclusão dos judeus do exercicio destes cargos fiscaes. Sem duvida que, em relação á sisa, as vexações procediam em grande parte da natureza do tributo, e o publicano, fosse elle christão ou judeu, não podia alterar substancialmente o gravame da arrecadação: mas deviam-se pelo menos respeitar as crenças religiosas dos contribuintes. D. João II allega em sua defensão que, no seu governo, em contrario do que succedia no dos seus predecessores, já os judeus não arrendavam a cobrança dos haveres das Igrejas. Cessára esse escandalo. Os ecclesiasticos não tinham outro meio de compellir ao pagamento os seus devedores remissos senão pela excommunhão episcopal, a qual importava certas penalidades, cuja execução pertencia ás justiças seculares. Era uma degradação da fé christan que os judeus andassem pelos auditorios ecclesiasticos sollicitando essas cartas d'excommunhão, e promovendo a sua execução perante os tribunaes civis. Mas não menos aviltante era o que ainda succedia. N'aquelles tempos frequentemente exigiam quaesquer auctoridades, ainda as não judiciaes, a prova do juramento sobre os Evangelhos. E os judeus contractadores traziam comsigo o livro sagrado, e sobre elle deferiam o juramento aos commerciantes christãos. Este indecoroso desrespeito dava-se ainda no reinado de D. João II. Em vista destes factos parecerá extremamente benigna a linguagem das

if the Jews vexed and oppressed the people in the collection of tributes, Christians in similar positions were even worse.

Costa Lobo is perfectly right when he says:

"Possibly, but if the people, who had to pay, preferred to suffer from the irregularities of their own countrymen, they had a right to be heard" (*op. cit.* p. 517).

But the people found still graver reasons for revolt in what was becoming a veritable attack on their religious beliefs and most intimate feelings. Costa Lobo gives an admirable exposition of these two aspects of the Jewish question in Portugal at the end of the xvth century, saying:

"The *côrtes* of 1490 had right on their side when they demanded the exclusion of the Jews from the exercise of these fiscal posts. There is no doubt that, as regards the *sisa*, the trouble was largely due to the nature of the tribute, and the tax-collector, were he Christian or Jew, could not substantially alter the injustice of the levy: but at least the religious beliefs of the contributors should have been respected. Dom João II alleges in his defence that, under his government, contrary to the procedure under that of his predecessors, the Jews no longer took over the collection of the church revenues. This scandal had ceased. The clergy had no means of compelling payment from their tardy debtors except episcopal excommunication, which carried with it certain penalties whose enforcement rested with the secular officers of justice. It was a degradation of the Christian Faith that the Jews should have gone about the ecclesiastical courts soliciting these letters of excommunication, and applying for their execution before the civil tribunals. But what afterwards followed was not less disgraceful. In those times authorities, even if they were not judicial, frequently required the evidence of a Gospel oath. And the Jewish tax-collectors used to carry the holy book about with them and tender an oath upon it to Christian merchants. This unseemly want of respect still persisted in the reign of Dom João II. In view of these facts, it would appear that the language of the *côrtes*

côrtes, e que não ultrapassavam os limites da verdade, quando asseveram que tal poder, como os judeus disfructavam em Portugal, não se lhes consentia em nenhuma terra de Christãos.... Em verdade não conhecemos em toda a historia patria documento mais demonstrativo da indole nacional do que a benevolencia, de que os judeus gozaram em Portugal até aos fins do seculo xv" (*ob. cit.* pp. 520–522).

A bem dizer, os Judeus não só gozáram mas abusáram por todas as fórmas d'essa benevolencia; habeis, conheciam o natural soffredor do povo, de quem zombavam, e, sem duvidas nem remorsos, aproveitavam-se da sua bondade. Os tumultos e assaltos á judiaria de Lisboa, sobretudo comparados aos massacros occorridos em Hespanha, tinham sido de diminuta importancia; quanto ás providencias tantas vezes tomadas contra elles, sabiam, por longa experiencia, que pouco tempo depois de serem promulgadas, deixavam de ser cumpridas, porque aquelles que as deviam manter fechavam os olhos, por necessidade ou por conveniencia.

Mas, se os sectarios do Judaismo julgavam que podiam fruir por muito tempo do favor de D. João II, enganavam-se, pois, breve, iam descobrir, á sua custa, que o Principe Perfeito tambem sabia arrecadar impostos! Breve tambem, veriam que a protecção d'El-Rei se havia de transformar em dura e cruel perseguição.

No entretanto, a politica realmente de genio de D. João II, permittira-lhe reconstruir o reino, engrandecer o poder real e proseguir, sobre bases sólidas, os descobrimentos.

Em 1490, realizou-se o casamento do Principe D. Affonso com D. Izabel, a filha mais velha dos Reis Catholicos. O Principe Perfeito esperava que de esse laço resultasse a união das corôas de Portugal, Castella e Aragão, e que o seu herdeiro, como futuro Soberano de um Portugal maior, tambem viesse a ser Senhor das terras que Colombo, ao serviço de Fernando e Izabel, conseguisse descobrir. O Imperio que D. João II ambicionava, já não era para si, mas para o filho

was over-mild, and that they did not overstep the bounds of truth when they asserted that such power as the Jews enjoyed in Portugal was not permitted to them in any other Christian land....In truth, there is no document in all the history of our country which shows the national character more clearly, than the benevolence with which the Jews were treated in Portugal until the end of the xvth century" (*op. cit.* pp. 520–522).

To be exact, the Jews not only enjoyed this clemency, but abused it in every possible way; they were quick to recognise the long-suffering nature of the people they derided, and took advantage of their goodness. The riots and the attacks upon the Jewish quarter in Lisbon had been slight in comparison with the massacres in Spain; they knew by experience that the laws passed against them would fall into disuse shortly after their promulgation, because those whose duty it was to enforce them would close their eyes to infringements, for reasons of necessity or convenience.

But if they thought they would enjoy King João II's favour indefinitely, they were mistaken, for they were soon to discover, to their cost, that they had met their match in the auctioning of taxes! Soon too they were to find that the royal protection had given place to a cruel and bitter persecution.

Meanwhile, Dom João's inspired policy brought about the reconstruction of the kingdom, the solidification of the royal power, and the continuance of the discoveries on a sound basis of technical knowledge.

In 1490, the marriage of Dom Affonso with Dona Isabel, the eldest daughter of the Catholic Sovereigns, took place, and the King hoped that this bond might lead to a union of the crowns of Portugal, Aragon and Castile, so that his son, as the ruler of a greater Portugal, might also have dominion over any lands Columbus should discover for Ferdinand and Isabella. The empire he dreamed of was no longer for himself, but for his

querido, e, julgando que o seu sonho dourado se transformaria n'uma admiravel realidade, cele-brou o casamento em Evora com um esplendor nunca visto, mas que deixou o thesouro, póde dizer-se, esgottado. O Principe Perfeito trium-phava, e o regosijo era geral. Mas, teriam os sectarios do Judaismo realizado as consequencias que este casamento podia ter para elles, sobre-tudo em vista da tenção evidente dos Reis Catho-licos de conseguir a uniformização da crença re-ligiosa na Peninsula? A protecção concedida até então aos Israelitas por D. João II justificava, em parte, as esperanças illusivas que elles alimentavam sobre a sua situação em Portugal; comtudo, de-viam ter estado de sobreaviso, pois, durante esses nove annos do seu reinado, o Principe Perfeito provára que a dissimulação era uma das suas armas favoritas. D. João II conhecia, certamente, a proverbial astucia dos Judeus, mas parece que elles ignoravam a de Sua Alteza. Os Hebreus eram, sem duvida, mestres em materias finan-ceiras; mas o Monarcha ia-lhes mostrar, chegada a opportunidade que se aproximava rapidamente, a maneira como se extorquia á raça d'Israel um tributo esmagador.

Comtudo, antes de vibrar esse golpe, era elle que ia soffrer de uma ferida cruel. Em Julho de 1491, tendo dezeseis annos de edade, morria tragicamente de uma queda de cavallo no Campo do Alfange, á beira do Tejo perto de Santarem, o Principe D. Affonso (ver *Livros Antigos Portu-guezes*, vol. I, pp. 63-65). Como pae amantissimo chorou o filho tão querido; como Rei acordou de chofre do sonho imperial que já via trans-formado n'uma realidade gloriosa para o herdeiro. Porem, se a Divina Providencia, nos Seus altos designios, permittira á morte que lhe roubasse a alegria da sua vida e a esperança da sua legitima ambição, ainda havia de consentir-lhe—como Rei e estadista—a consolação de ver desenhar-se ao longe a possibilidade da realização do seu sonho.

Ao anno de lucto para El-Rei, seguiu-se o anno em que principiou o verdadeiro lucto para os

son, and, thinking that his great aim was nearly achieved, Dom João celebrated the marriage in Evora with such magnificence that his treasury was almost emptied. The Perfect Prince had triumphed amid general rejoicings; but one wonders how many of the Jews realised what this marriage meant for them, especially in view of the Catholic Sovereigns' evident desire to unify religious belief in the Peninsula. The protection which had been accorded to them by Dom João II partly justified their deluded hopes; but they ought to have been on the alert, for, during those first nine years of his reign, the Perfect Prince had clearly shown that dissimulation was one of his favourite weapons. Dom João II certainly recognised the proverbial cunning of the Jews, though they do not seem to have realised his. The Jews were undoubtedly masters of finance, but as soon as the opportunity arose, the King was to show them a method of extorting a crushing tribute from the race of Israel.

However, before this happened, he himself was to suffer a terrible blow. In July, 1491, Prince Affonso died, at the age of sixteen, as the result of a fall from his horse in the field of Alfange on the banks of the Tagus near Santarem (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 63-65). As a devoted father he mourned his son, as King he had a rude awakening from the dream his genius had sought to bring true for his heir. But although the divine Providence had allowed death to rob him of the light of his life and of the hope of achieving his legitimate ambition, it was yet to grant him—as King and statesman—the consolation of seeing a distant possibility of his dream's fulfilment.

The year of mourning for the King was followed by a year which saw the beginning of

Judeus. Com a tomada de Granada cahira o ultimo baluarte do imperio musulmano na Peninsula. A lucta contra os Mouros durára seculos, mas finalmente os Reis Catholicos tinham conseguido a unidade da Hespanha; palmo a palmo, a Cruz conquistára ao Crescente os territorios que elle dominava.

Em 1480, a Inquisição tinha sido estabelecida em Hespanha, e o Tribunal do Santo Officio, sobretudo desde que o implacavel Torquemada fôra nomeado Inquisidor Mór, perseguia os Judeus, tão infieis como os Mouros, e mais odiados. Coherentes na sua acção politica, Fernando e Izabel, *Reis Catholicos*, quizeram, celebrada a victoria final sobre os Musulmanos, uniformizar a confissão religiosa da nação e, ao mesmo tempo, salvaguardar os seus povos da penetração da prolifica raça israelita. O territorio sarraceno estava conquistado, mas a influencia *infiel*—sobretudo a dos Judeus—impedia a unidade completa da nacionalidade, que Fernando e Izabel consideravam indispensavel. A assimilação da raça hebrea era impossivel de conseguir, e a força de que os Judeus dispunham nos seus reinos era, aos olhos dos Reis Catholicos—visão, sem duvida, influenciada pelo fanatismo—um mal e um perigo. Encarada a situação por esse prisma, tornava-se evidente que ella não seria resolvida com meias medidas; por consequencia, a 31 de Março de 1492, os Reis Catholicos decretáram a expulsão dos Judeus e Mouros. Esse acto, em que os sentimentos humanos fôram deliberadamente postos de lado, e no qual se attendeu unicamente á chamada razão de Estado, foi indubitavelmente o golpe mortal vibrado nos Judeus, não só em Hespanha, mas em Portugal. Como o edicto lhes concedia apenas quatro mezes para sahirem de Hespanha e procurarem uma nova patria, innumeros Israelitas de Castella e Aragão solicitáram que lhes fôsse auctorizada a entrada em Portugal, onde, segundo as informações enviadas pelos seus correligionarios, sabiam que, apezar do odio do povo e de alguns tumultos, a vida lhes seria facil, graças á protecção real. Ao empenho

real mourning for the Jews. With the capture of Granada there fell the last bulwark of the Mahomedan empire in the Peninsula. The war against the Moors had lasted for centuries, but at last the Catholic Sovereigns had achieved the unity of Spain; inch by inch the Cross had wrested the land from the domination of the Crescent.

In 1480 Ferdinand and Isabella had set up the Inquisition in Spain, and the tribunal of the Holy Office, especially since the ruthless Torquemada had been appointed Inquisitor General, was untiring in its persecution of the Jews, who were as much infidels as the Moors and more hated. Consistent in their policy, Ferdinand and Isabella, the *Catholic Sovereigns*, desired, as soon as the final victory over the Moors had been won, to unify the form of religious confession in the country, and sought at the same time to safeguard their people from the penetration of the prolific race of Israel. The Saracen territory had been conquered, but the *unfaithful* influence—especially that of the Jews—prevented the attainment of that perfect unity in the nation which Ferdinand and Isabella considered indispensable. The assimilation of the Jewish race could not be accomplished, and the power wielded by the Jews in their kingdom was, in the eyes of the Catholic Sovereigns—whose vision was doubtless distorted by fanaticism—an evil and a danger. Looked at from this point of view, it was evident that half measures were not sufficient; so, on March 31st, 1492, the Catholic Sovereigns decreed the expulsion of the Jews and Moors from their realms. This action, in which human sentiment was deliberately over-ruled by the reason of State, was certainly a mortal blow for Jews, not only in Spain but in Portugal. The edict allowed them only four months to leave Spain and find a new country, so many of them naturally asked permission to enter Portugal; they had learned from their coreligionists that, in spite of the people's hostility and the occasional tumults, life would be easy for them there under the royal

sincero que manifestavam em obter a licença indispensavel para a sua admissão em Portugal, o que, mais tarde e com maiores facilidades, lhes permittiria seguir para outras terras onde podessem estabelecer-se, junctava-se talvez um outro motivo mais interesseiro. Certos auctores contam que os Judeus Hespanhoes, tendo enviado a Portugal delegados para conseguir a sua entrada no reino, estes lhes mandáram dizer que viessem, porque a terra era boa, a gente parva, a "agua"—palavra que talvez significasse o commercio maritimo—já era d'elles, e que breve o resto tambem lhes pertenceria (ver D. Agostinho Manuel e Vasconcellos, *Vida del Rey D. João II*, p. 270; Fr. Pedro Monteiro, *Historia da Inquisição*, t. II, p. 425; Herculano, *ob. cit.* p. 110; Mendes dos Remedios, *ob. cit.* pp. 262–263). Ignoramos se a mensagem foi ou não enviada, mas, se os desgraçados sectarios da lei de Moysés tiveram a doce illusão que iam encontrar a terra da promissão no nosso paiz, enganavam-se redondamente. Em Portugal ninguem os queria, exceptuando D. João II, cuja attitude era devida exclusivamente a interesses financeiros. O povo, que o dominio dos Judeus exacerbava, e contra o qual protestára tão violentamente nas Côrtes de 1490, deve ter estremecido de horror ao pensar que o reino ia ser invadido pelos Judeus de Hespanha: os Christãos de todas as classes, mesmo os menos fanaticos, não podiam ver sem serias apprehensões o influxo assustador que se preparava, dos sectarios de uma religião *infiel*: os bons Portuguezes deviam certamente reflectir nos perigos que semelhante enchente havia de acarretar para a nação e os seus habitantes, e na convulsão que seria causada pelo accrescimo subito e desproporcionado, apezar de temporario, da população do reino—convulsão não só economica mas religiosa, visto que esse accrescimo ia ser produzido pela raça judaica. Os proprios Judeus Portuguezes receavam a invasão dos correligionarios dos reinos visinhos, e pediam a D. João II que a não consentisse.

"O país estava pois á saturação. E quando o

protection. Their unfeigned desire to obtain the requisite permission to enter Portugal may perhaps have been due to a more selfish motive than simply to enable them afterwards easily to proceed to other countries where they could settle. Certain authors relate that the Spanish Jews, having sent delegates to Portugal to procure their admission, received back word that the land was good, the people simple, and that they might well come, because the "water"—which perhaps signified sea trade—was already theirs and the rest would soon be in their hands also (see D. Agostinho Manuel e Vasconcellos, *Vida del Rey D. João II*, p. 270; Fr. Pedro Monteiro, *Historia da Inquisição*, vol. II, p. 425; Herculano, *op. cit.* p. 110; Mendes dos Remedios, *op. cit.* pp. 262–263). But whether or not this message was ever sent, the unfortunate Israelites were profoundly mistaken if they cherished the pleasant illusion that they were entering the promised land. No one in Portugal wanted them, except Dom João II, who was actuated entirely by motives of self-interest. The people, exasperated by the Jewish dominion, against which they had protested so violently in the *Côrtes* of 1490, must have shuddered with horror at the idea that the kingdom was to be invaded by the Jews from Spain: even the least fanatical Christians in all classes cannot have been without serious apprehension when they saw the dangerous influx of the *unfaithful*, which was threatening to overwhelm them: the good Portuguese must certainly have thought with anxiety of the perils which such an inundation would entail for the nation, and of the convulsion which would be caused by this sudden and disproportionate, though only temporary, increase in the population—a religious as well as an economic convulsion, since the new element was Jewish. The Portuguese Jews themselves feared the incursion of their coreligionists from the neighbouring kingdom, and begged Dom João II not to allow it.

"The country was, therefore, at saturation

soberano, depois de larga conferência com os trinta delegados hebreus, reuniu em Cintra o seu Conselho de Letrados e Senhores, foram *principalmente* os judeus nacionais, que vendo o perigo que um excesso de população semítica fatalmente lhes traria, quem mais combateu o pensamento do rei, obstinado em conceder a autorização requerida, embora contra a opinião de todos" (F. A. da Costa-Cabral, *Dom João II e a Renascença Portuguêsa*, p. 178).

A politica seguida pelo Principe Perfeito n'essa occasião, contra a opinião geral, é difficil de defender ou de explicar favoravelmente.

Causa surpreza que, no momento em que os Reis Catholicos queriam cimentar a unidade da Hespanha, uniformizando a sua confissão religiosa, D. João acolhesse, a troco de dinheiro, muitas dezenas de milhares de Judeus, o que vinha engrossar ainda mais a massa dos que já formavam em Portugal um appendice exorbitante para o todo. Porem, quem sabe quaes seriam os planos que D. João escondia ou dissimulava?

Ruy de Pina conta-nos, criticando-o severamente, como El-Rei resolveu admittir os Judeus de Hespanha. Reunido o Conselho, D. João II,

"ante de algũ dar ſua voz, elle pera hũa couſa, e pera outra, fez, e alegou taaes razões, e moſtranças, em que claramente deſcobrio ſua vontade, e deſejo ſer de os recolher por dinheiro, com fundamento de com elle paſſar em Africa com menos opreſſam, e deſpeſa de ſeu povoo. A que os mais veendo ja ſua detriminaçam hir diante do conſelho, poſpoſto ho inteiro conhecimento da verdade, ſoomente por lhe comprazer ſe inclinaram, e a aprovaram. E porem eſte erro antre os diſcretos, e prudentes eſpecialmente nas couſas graves, ſempre aos Reys, e Princepes ſe eſtranhou, e julgou por certa queeda de Regnos, e Senhorios; porque menos erro he, e menos reprenſam merece o que as couſas faz ſem conſelho, que contra conſelho. E porem algũs em que avia juizo limpo, e d'algũa paixam nom corruto, deſprezando lijonjaria, ou temor, que a outros guiavam, ſuſtancialmente o contradifferam, dizendo: 'Senhor, duas excelentes, e muy louvadas couſas ouve ſempre neſtes

point. And when the King, after a long conference with the thirty Hebrew delegates, called his Council of Lawyers and Nobles in Cintra, it was *chiefly* the Portuguese Jews who, realising the danger which an excess of the Semitic population would unfailingly bring upon them, fought most ardently against the King's obstinate declaration to authorise the demand, although his opinion was in conflict with all the rest" (F. A. da Costa-Cabral, *Dom João II e a Renascença Portuguêsa*, p. 178).

The policy decided upon by the Perfect Prince at this time, against the public opinion, is difficult to explain.

It is surprising that at the very moment when the Catholic Sovereigns were doing their utmost to establish unity in their nation by abolishing all diversities of faith, Dom João, in exchange for money, should have added thousands to those who already formed an over large proportion of Portugal's population. But who knows what hidden plans Dom João may have been cherishing?

Ruy de Pina gives a severely critical account of the King's admission of the Jews from Spain. When the Council was assembled,

"before anyone had spoken, he (Dom João II) by one thing and another created and alleged such reasons and proofs as clearly showed his wish and desire to receive them for money, so that with it he could go to Africa with less oppression and expense to his people. Upon which the others, seeing that he was already determined to overrule the council, put aside what they knew to be the truth, and, just to please him, inclined themselves and gave their approval of his decision. And yet the wise and prudent have always avoided committing this fault towards Kings and Princes, especially in grave matters, and have considered it as the certain downfall of Kingdoms and Dominions; because it is a lesser fault and less reprehensible to do things without advice, than against advice. Nevertheless some, whose judgment was pure and uncorrupted by any passion, scorning the flattery or fear which had guided the others, stoutly contradicted him, saying: 'Sire, there have always been in these King-

Regnos de Portugal, porque os Reys, e naturaes delles, em todo o Mundo ſobre todos, foram hon-rados, e eſtimados: A primeira foy hũa firme leal-dade dos Portugueſes pera ſeu Rey; e a ſegunda, inteira fe, e verdadeiro amor, que os Reys delles, como muy Catholicos, a Deos, e a ſua ſancta Fe ſempre teveram, e guardaram. A primeira, ou por culpas alheas, ou por pecados proprios voſſos, ja em voſſos dias, e no tempo de voſſo regnado por deslealdades primeiramente ſe corrompeo; e que Deos por ſua piedade, e voſſa inocencia! dellas, com tam ſegura juſtiça, e vingança vos livraſſe; porem iſto fora melhor, que nom fora.... E pois a perda deſta primeira em voſſo tempo, começou tirar renome de tanto louvor a voſſos vaſſalos; a ſegunda que he a Fe Chriſtãa, e que ja ſoo fica, nom devees querer, que por dinheiro, em que parece, que entra vituperada cobyça, ſe apague, e conrompa primeiro em vos.... A razam, honeſtidade, nem conciencia voſſa nom conſente, que vos os emparees, e recolhaaes nas voſſas [terras], a que em tudo mais contradiz. E nom sabemos com que eſcuſa, e juſto titolo, vos poderees chamar Defenſor da Fe, fazendo de voſſos Regnos Couto, e ſeguro porto aos tam imiigos della. Polo qual noſſo conſelho ſeria, ſe voſſa detriminaçam o permitiſſe, que de tam vergonhoſo proveito, e falſa piedade vos eſcuſaſſees.'"

Depois de terem exposto ao Soberano, sem lisonja nem temor, o desacerto da medida que estava decidido a adoptar, terminam dizendo:

"E pera coorardes a Deos eſte erro, com eſperança de o ſervirdes na guerra da Africa, ſabee que eſte he ja tam certo deſſerviço ſeu, como ho outro ſerviço da Conquiſta dos Mouros, he muy duvidoſo, ſeendo principalmemte com oferta tam torpe."

Mas D. João II não se importou com esses avi-sos sensatos, e como queria o dinheiro dos des-graçados Israelitas para encher os seus cofres, ordenou

"que todolos Judeus Eſtrangeiros, com empoſi-

doms of Portugal, two excellent and very praise-worthy things, for which the Kings and people have been honoured and esteemed above all others, throughout the world: The first was the unshakable loyalty of the Portuguese to their King; and the second the complete trust and true love which the Kings of these kingdoms, as good Catholics, have always felt and maintained in God and His holy Faith. The first, either through the faults of others or through your own sins, has already in your days and in the time of your reign begun to be tainted with falsehood; and may God, in His pity and your innocence! deliver you from them with sure justice and vengeance; but it would have been better if this had not been.... And then the loss of this first in your time has begun to detract from the creditable renown of your subjects; as for the second, which is the Christian Faith, and which is already all that remains, you cannot wish that, for money con-siderations, into which shameful covetousness appears to enter, it should first die and be cor-rupted in you.... Neither reason, honour nor your conscience can sanction, but must rather wholly condemn, your protecting and receiving them in your lands. And we do not know with what excuse and just title you will be able to call your-self Defender of the Faith if you make of your Kingdoms a refuge and safe harbour for those who are such enemies to it. Wherefore, our counsel would be that, if your decision would allow of it, you should not countenance such shameful profit and false pity.'"

After candidly explaining the uncertainty of the measure the King had decided to adopt, they concluded by saying:

"And as for cloaking this error before God with your hope of serving Him in the African war, you must know that this is already a great disservice to Him, even as that other service of the conquest of the Moors is very doubtful, as it is principally made with such a base offering."

But Dom João II would not heed this sage advice, and, as he wanted the money from the unfortunate Israelites to fill his coffers, he ordered

"that all the alien Jews, upon payment of a poll-

çam de certos cruzados por cabeça, podeſſem viir a eſtes Regnos, e nelles eſtar atee oito meſes, dentro dos quaaes lhes mandaria dar por ſeus fretẽs embarcações abaſtantes pera quaaesquer partes do Mundo que quiſeſſem. E lhes aſſinou logo portos nas Comarcas do Regno, per que entraſſem; e pos Oficiaaes, e Recebedores pera delles receberem per recadações a dicta impoſiçam, e tributo. De que com quanto ElRey ouve muita ſoma d'ouro, e prata, nom leixou de ſer com muitos praſmos do povoo contra elle, polo grande dano, perdas, e perygo, que o Regno todo por ſua vinda recebeo" (Ruy de Pina, *ob. cit.* pp. 173–176).

Comtudo, Resende, n'uma narração quasi ingenua, parece querer mostrar que D. João II, quando admittiu os Judeus Hespanhoes, descobrira uma maneira de servir a Deus que favorecia as suas ambições e lhe era util financeiramente, pois escreve:

"E el rey porq̃ ſeus deſejos forã ſempre paſſar em africa o q̃ muyto deſejaua ⁊ não no podia fazer por eſtar ſẽ dinheiro polos muytos ⁊ grandes gaſtos q̃ nas feſtas do caſamẽto do principe ſeu filho fezera: aſſi em outras couſas q̃ ſocederã: ⁊ por lhe parecer que cõ o dinheiro que dos ditos judeus ouueſſe: poderia ordenar ſua paſſagem em africa ⁊ fazer a deos muito ſeruiço: conſentio niſſo ⁊ lhe deu a dita licença com tençam ꝺ paſſar com o dito dinheyro como dito he ſem dar apreſſam a ſeus pouos a que elle muito queria ⁊ elles a elle/ ⁊ iſto com tal decraraçam q̃ todolos judeus que vieſſem...pagaſſem tanto por cabeça: de que tiraram certidões ⁊ recadações dos oficios delrey pera iſſo ordenados de como tinhã pago o que eram obrigados. E q̃ os q̃ entraſſem ſem pagar ⁊ ſem as tays recadações ⁊ foſſem achados ſe perdeſſem ⁊ ficaſſem catiuos pera elrey: ⁊ que deſta maneira poderiam entrar ⁊ eſtar neſtes reynos oyto meſes.... E os judeus das ditas cõdições foram contẽtes ⁊ entrarã neſtes reynos: ⁊ dẽtro no termo lhe deu el rey a todos embarcações ⁊ ſe foram fora de ſeus

tax of so many *cruzados* might come into these Kingdoms, and remain in them for eight months, within which period he would order sufficient ships to be provided to convey them and their goods to whatever part of the world they desired. And he then assigned to them places in the different districts of the Kingdom by which they might enter, and appointed officials and receivers to collect the said imposition and tribute from them. From which, for all that the King received a large sum of gold and silver, he was also very much blamed by the people for the great harm, loss and danger suffered by the whole Kingdom through their coming" (Ruy de Pina, *op. cit.* pp. 173–176).

Resende, however, gives an ingenuous account, which shows that Dom João apparently thought he had discovered a method of serving God which would be financially convenient, and would further his ambitions:

"And the King, because his wish had ever been to go over to Africa, which he desired greatly and had not been able to do because he was without money, on account of the many and varied expenses to which he had been put in connection with the marriage-feast of the prince his son and with other things that had happened; and because it seemed to him that with the money he received from the said Jews, he would be able to arrange to go to Africa and do great service to God, he consented to this and gave them the said permission with the intention of putting the said money to the said use, without oppressing his people, whom he loved very much, and they him. And this was done with the declaration that all the Jews who came must pay so much per head, for which they received certificates and receipts from the officials the King had appointed for this, to show that they had paid what they were obliged. And that those who were found to have entered without paying and without the said receipts would lose their privileges and remain as the King's captives; and that in this way they might enter and remain in these kingdoms eight months.... And the Jews were satisfied with the said conditions and entered into these kingdoms: and within the time the King found them all

reynos. E el rey ouue hũa grãde ſoma de dinheyro: do qual nunca deſpendeo hũa ſoo peça porque o tinha pera a dita paſſagem q̃ cõ ſua doença não pode fazer: ꝛ por ſua morte ſe achou todo o dinheiro junto aſſi como o ouue ſẽ falecer nada" (Garcia de Resende, *Vida ꝛ feitos del rey Dom Ioão ſegundo*, 1545, fl. cii vº).

No anno em que Colombo esbarrava com a America, D. João II tinha, mais do que nunca, de manter a politica de sigillo. Para pôr em practica os seus planos geniaes e defender, á mão armada se fôsse necessario, a sua execução, era preciso dinheiro, e os cofres estavam vasios. Apresentando-se uma opportunidade de os encher "ſem dar apreſſam a ſeus pouos," não hesitou em approveital-a.

O ter-se encontrado, depois da sua morte, "o dinheiro junto aſſi como o ouue," parece indicar que D. João II guardára cuidadosamente a quantia que recebera dos Judeus para um fim determinado, provavelmente o descobrimento da via maritima.

A somma colligida por El-Rei deve ter sido enorme: segundo os auctores antigos e modernos, é impossivel saber o numero exacto de Israelitas que entráram em Portugal—alem das seiscentas familias mais ricas que contractáram particularmente ficarem no reino a troco de sessenta mil cruzados, e de trinta familias, tendo á sua frente Yshac Aboab, que tiveram licença de irem viver no Porto (ver Herculano, *ob. cit.* p. 112, e Mendes dos Remedios, *ob. cit.* p. 266). Mas, comparando os dizeres de muitos escriptores, esse numero não terá sido inferior a cento e vinte mil; é mesmo perfeitamente admissivel que tenha sido superior. Tambem parece não haver a minima duvida que o tributo pago pelos Judeus Hespanhoes, exceptuando as creanças de mama, foi de oito cruzados por cabeça,

"paguos em quatro pagas, & hos que erão ferreiros, latoeiros, malheiros, & armeiros pagauam ametade menos, querendo ficar no Regno" (Damião de Goes, *Chronica DelRei dom Emanvel*, Parte I, fl. 8 vº).

ships and they went from his kingdoms. And the King had a large sum of money, of which he did not spend a single piece, because it was all for the said expedition, which with his illness he could not undertake, and upon his death all the money was found intact just as he had had it, with none missing" (Garcia de Resende, *Vida ꝛ feitos del rey Dom Ioão ſegundo*, 1545, fl. cii vo.).

In the year when Columbus stumbled upon America, Dom João had more than ever need to maintain the policy of secrecy. To put his plans in practice and to defend his rights, by force of arms if necessary, he needed money—and his coffers were empty; so when an opportunity thus presented itself to fill them "without oppressing his people," he did not hesitate to seize it.

The fact that after his death the money "was found intact, just as he had had it" indicates, in our opinion, that Dom João must have been keeping this sum for a definite purpose, probably the discovery of the sea route.

The amount must have been huge: it is impossible to compute the exact number of Jews who came into Portugal, but a comparison of the statements of many different writers shows that there cannot have been less than a hundred and twenty thousand—there may even have been considerably more; nor does there appear to be the slightest doubt that the tax amounted to eight *cruzados* per head, excluding infants in arms, to be paid, as Goes says,

"in four instalments, and those who were blacksmiths, armourers and gunsmiths paid less by half, if they were willing to stay in the Kingdom" (*Chronica DelRei dom Emanvel*, Part I, fl. 8 vo.).

D. João II deve pois ter arrematado para o erario regio a quantia, fabulosa para aquelle tempo, de pelo menos um milhão de cruzados! Mas, quanto terá custado á nação a invasão judaica? O abalo economico não podia deixar de ser tremendo, apezar da admissão ter sido limitada ao periodo de oito mezes: bastava a entrada d'esse numero de Judeus para desorganizar completamente a vida de um paiz cuja população, n'essa epocha, era de pouco mais de um milhão de habitantes (ver Rebello da Silva, *Memoria sobre a População e a Agricultura de Portugal*, pp. 42–58; Gama Barros, *Historia da Administração Publica em Portugal*, t. II, pp. 1–153 e 303–307; Costa Lobo, *ob. cit.* pp. 9–62). Por consequencia, percebe-se perfeitamente que os Hebreus estabelecidos em Portugal, não obstante o sentimento de solidariedade e união que distingue a sua raça, tivessem pedido e instado com o Soberano para que não consentisse na entrada dos correligiosos de Castella e Aragão, pois previam que, mais cedo ou mais tarde, esse desproporcionado excesso da população israelita tornaria insustentavel a sua propria presença em Portugal. Se até então o povo já tinha manifestado por todas as fórmas o seu rancor aos sectarios da lei de Moysés, calcula-se facilmente a indignação profunda que deve ter lavrado entre o vulgo, vendo as levas numerosas de Judeus estrangeiros que chegavam ao reino.

A passagem dos desgraçados Hebreus banidos de Hespanha pelas terras que atravessavam na sua dolorosa peregrinação, devia parecer como a de uma praga de gafanhotos. Miseravel na sua maioria —pois, se havia os Judeus opulentos, havia tambem os Judeus pobres como Job—aquelle immenso rebanho avançava; era uma caravana sem fim, que ao entrar no reino, devia pagar a peso d'ouro a hospitalidade que D. João II lhe vendia! Temos a maior compaixão d'esses infelizes que eram fieis á sua fé; mas temos egualmente um dó infinito das populações christãs que viam a sua terra in-

In addition to this, six hundred of the richest families received special permission to remain in Portugal in exchange for sixty thousand *cruzados*, and a further thirty, under the leadership of Isaac Aboab, obtained the privilege of living in Oporto (see Herculano, *op. cit.* p. 112, and Mendes dos Remedios, *op. cit.* p. 266). Dom João cannot therefore have received less than a million *cruzados*, a fabulous sum in those times. But what can have been the cost to the nation of the entry of all these Jews? The economic upheaval must have been enormous, even though their stay was limited to eight months; the arrival of that number was enough completely to disorganise the national life of a country whose population was then little more than a million (see Rebello da Silva, *Memoria sobre a População e a Agricultura de Portugal*, pp. 42–58; Gama Barros, *Historia da Administração Publica em Portugal*, vol. II, pp. 1–153 and 303–307; Costa Lobo, *op. cit.* pp. 9–62). It is thus perfectly comprehensible that, in spite of the spirit of unity which characterises their race, the Jews settled in Portugal should have importuned the King not to allow their coreligionists from Castile and Aragon to enter his kingdom, because they must have realised that, sooner or later, this disproportionate increase in the Hebrew population would make their own position in Portugal untenable. If the people had in the past seized every opportunity of manifesting their hatred towards the Israelites, their profound indignation at being overwhelmed by hordes of alien Jews can easily be understood.

The unhappy exiles must have passed through the land like a plague of locusts; most of them were filthy and wretched—for though there were rich Jews there were many as poor as Job—and every member of that sorrowful pilgrimage had to pay the stated price for Dom João's hospitality. We have the greatest compassion for these unfortunates who refused to deny their faith; but we are also infinitely sorry for the Christians who saw their land overrun by an alien and

vadida por uma raça adventicia e odiada, que, alem de outros males, trazia comsigo a peste devastadora, “meſageira do mal...de que morrerom muitos delles A volta dos criſtaõs” (Samuel Usque, *Consolacam*, fl. cxcix).

Se o povo Portuguez soffreu, e muito, devido á injusta e cruel medida de D. João II, os Judeus padeceram males ainda mais atrozes. Usque (*ob. cit.* fl. cxcix–fl. cc) descreve os horrores passados pelos filhos d'Israel; mas preferimos deixar a palavra aos chronistas, que não pódem ser accusados de parcialidade nas suas narrações. Ruy de Pina, referindo-se ainda á admissão dos Judeus em Portugal, escreve sem reticencias a verdade, dizendo:

“Porque co elles aalem d'outros males, entrou crua peſtenença, por cuja cauſa em muitas partes morreo muita gente natural. Nem elles ficaram ſem hũ piedoſo eſtrago: porque nom ſoomente infindos delles per caminhos, montes, e despovorados, com grande deſemparo foram neſtes Regnos mortos, e ſoterrados, mas inda os que delles per mar a terra de Mouros paſſavam, nom poderam fogir outras perſeguições mais cruas, mais danoſas, e de moor vituperio; porque aalem de os barbaros, e Mouros, a cujas terras paſſavam, lhe roubarem ſuas roupas, e fazendas, ainda por maior ſeu tormento, e doeſto lhe tomavam ſuas molheres, e filhos, e a todos ſem deferença de machos nem femeas traziam, e davam a hũa pubrica, e abominavel deſſoluçam de luxuria, encurtando com ferro as vidas de muitos ſe ho contradeziam. E certamente nunca ſe vio deſterro, nem deſaventura de algũa gente, que tantas maneiras de perſeguições, e por tantos tempos, e em tam deſvairadas terras padeceſſe, como eſtes Judeus, de que muitos nom podendo ſofrer a aſpereza de tantos males, com forças, que pareciam de neceſſidade, mais que de Fe ſe converteram a ella, e pobres, e desonrados ſe tornavam pera Castella, porque dos que hiam ricos de merecimentos pera ſua ſalvaçam ſoo Deos era o ſabedor” (*loc. cit.*; ver tambem D. Jeronymo Osorio, *De Rebvs Emmanvelis Gestis*, 1571, pp. 10–11).

Garcia de Resende (*loc. cit.*) accrescenta: “ꝛ

hated race, which, apart from all else, brought the infection of a deadly pestilence—“a messenger of evil...of which many of them died in the midst of the Christians” (Samuel Usque, *Consolacam*, fl. cxcix).

But although the Portuguese people suffered greatly through Dom João II's cruel and unjust measure, the Jews had an even worse fate. Usque (*op. cit.* fl. cxcix–fl. cc) describes the horrors to which the sons of Israel were subjected; but we prefer to take the story from the chroniclers, who cannot be accused of partiality. Ruy de Pina gives an unvarnished account of the Jews' coming into Portugal, saying:

“Because with it, apart from other evils, there entered a cruel pestilence, of which many natives of the country died, in many parts. Nor did they remain without a piteous injury, because not only were many of them mercilessly done to death and buried on the roads, hills and desert places of these Kingdoms, but even those of them who went by sea to the land of the Moors could not escape other more cruel, more obnoxious and more shameful persecutions; because the barbarians and Moors to whose lands they went, besides robbing them of their clothes and possessions, for their greater torment and injury, took their wives and children from them and subjected them all, without distinction between males and females, to a public and abominable extreme of impurity, cutting short with steel the lives of those who resisted. And certainly no people who have suffered banishment and disaster have ever been subjected to so many forms of persecution, so many times and in such widely different countries, as these Jews, many of whom, unable to bear the harshness of so many ills, with a resolution which seemed born of necessity rather than Faith, were converted, and returned to Castile poor and dishonoured, because only God knew which of them were rich in merit through their salvation” (*loc. cit.*; also see D. Jeronymo Osorio, *De Rebvs Emmanvelis Gestis*, 1571, pp. 10–11).

Garcia de Resende (*loc. cit.*) adds: “and others

tambẽ outros ſe fizerã [Christãos] em portugal ꝛ ficarã no reyno."

El-Rei, pelo contracto que fizera com os Judeus, era obrigado a lhes dar embarcações nos portos que tinham sido nomeados; mas o Monarcha faltou á palavra dada n'um ponto essencial, pois, em logar de lhes dar passagem para onde elles quizessem, só a deu para Tanger e Arzilla. Damião de Goes conta que

"hos capitães, & meſtres deſtas naos por delles tirarẽ mais dinheiro, & móres fretes, do que por ſuas auenças erão obrigados, alem do mao tratto que lhes dauam, lhes faziam has derrotas de ſua viagem mais longas, polos aſſi auexarem, & lhes venderem has viandas, aguoa, & vinho aho preço que lhes bem pareçia."

Mas os males não ficaram por ahi, e o chronista accrescenta:

"Deſta gẽte muita parte, ou per pobreza, ou per mao auiamento ſe nam pode embarcar, nem ſair do regno no tempo que lhes per ſeu contratto cabia eſtar na terra. Pela qual razão ficaram çitamente obrigados a captiueiro, & quomo deſcrauos fez elRei dom Ioam merçe delles a quem lhos pedia, reſpeitando com tudo á calidade de ſuas peſſoas, & daquelles a quẽ hos daua. Eſte negoçio todo aconteçeo pouquo antes que elRei faleçeſſe, nem he de crer que ſe viuera algum tempo mais, q̃ nam dera liberdade, & liçença a eſta gente, pera ſe ir fora do regno, aſsi quomo fez ahos outros de ſua cõpanhia" (*ob. cit.* Parte 1, fl. 9).

É possivel que o Soberano tivesse essa tenção; porem, é uma conjectura que a politica adoptada pelo Principe Perfeito, a partir de 1492, não parece certamente confirmar. A fórma como procedeu com os Judeus, alem de ser nociva á nação, foi indubitavelmente cruel e desleal. Por isso, referindo-se aos successos que narrámos, Sousa Viterbo tem inteira razão—com magua o dizemos—quando escreve:

"Estes factos não abonam de modo nenhum a lealdade e o caracter de D. João II, que consentia numa vil exacção, tão contraria ao epitheto de

were also made [Christians] in Portugal and remained in the kingdom."

By his contract with the Jews, the King was bound to furnish them with ships to take them to certain stated ports; but he broke one essential clause in the agreement, as, instead of facilitating their passage to the ports most convenient to them, he would allow them to go only to Tangier and Arzilla. Damião de Goes tells that

"in order to extract from them more money and greater freights than were laid down in the agreement, the captains and masters of the ships, in addition to treating them very badly, made the course of theii voyage longer, to plague them thus and to sell them food, water and wine at whatever price they pleased."

But the evil did not stop there, and Goes adds:

"Many of these people, either through poverty or because they had made inadequate preparations for the voyage, were unable to embark, or to get out of the kingdom within the time specified in their contracts. For which reason they were obliged to remain in captivity, and King Dom João granted them as slaves to whomsoever asked for them, with due regard, however, to the quality of their persons and that of those to whom he gave them. All this took place shortly before the King died; it is not to be believed that, had he lived longer, he would not have given free permission to these people to go out of the country as he had done to others of their company" (*op. cit.* Part 1, fl. 9).

The King may possibly have had this intention, but, in the face of the policy he adopted in 1492, it does not appear likely. His dealings with the Jews, besides being harmful to the nation, were very cruel and treacherous. Sousa Viterbo was therefore perfectly right—with shame be it said—when he wrote that:

"These facts do not in any way commend the character of Dom João II, who connived at such vile extortion, so contrary to the epithet of *the just*,

justo, de que elle tanto se ufanava, usando-o no distico dos seus emblemas e na legenda das suas moedas:—*Justus ut palma florebit.* O pelicano allegorico, ferindo o peito para nutrir os filhos com o proprio sangue, feria agora desapiedado as entranhas dos judeus" (*Occorrencias da Vida Judaica—Archivo Historico Portuguez*, vol. II, p. 187).

Na sua concepção politica, o Principe Perfeito, Senhor absoluto, entendia que a razão de Estado permittia e escusava todo e qualquer acto, mesmo criminoso ou deshumano, se elle fôsse conducente ao engrandecimento do Reino, "que da maão de deus onnipotente Recebemos" (Santarem, *ob. cit.* p. 66), como declarou nas primeiras Côrtes que convocou, em 1481.

Só assim se póde explicar a attitude de D. João II na questão dos Judeus. Os Israelitas, que durante tantos e tantos annos haviam sido os oppressores, eram agora os opprimidos, e pagavam cruelmente os delictos que tinham commettido.

"A sua cubiça insaciavel, o seu orgulho e o abuso do ouro e poder que, provavelmente, elles haviam feito em Hespanha, do mesmo modo que o practicavam em Portugal os seus co-religionarios, recebiam tremendo castigo da mão da Providencia, que de outras cubiças e de um fanatismo cego fizera instrumentos da sua eterna justiça, justiça que, igualmente, não devia tardar em cahir sobre os judeus portugueses" (Herculano, *ob. cit.* p. 115).

Aos tristes acontecimentos que relatámos, seguiu-se um golpe ainda mais ferino. Em 1493, D. João II, estando em Torres Vedras, deu a Alvaro de Caminha, "caualeyro de ſua caſa," a Capitania da ilha de S. Thomé.

"E porque os judeus caſtelhanos que de ſeus reynos ſe nã ſayram nos termos lemitados: os mãdou tomar por catiuos ſegũdo a condiçam da entrada: ⁊ lhe tomou hos filhos ⁊ filhas pequenos que aſſi eram catiuos/ ⁊ os mãdou tornar todos christãos: ⁊ com o dito Aluoro ꝺ caminha os mandou todos aa dita ylha de ſam Tomee pera que ſendo apartados dos pais/ ⁊ ſuas doutrinas/ ⁊ de quem lhe podeſſe falar na ley de Moyſes

in which he gloried so, using it in the inscription on his emblems and on his coinage: *Justus ut palma florebit.* The allegorical pelican, vulning himself to nourish his children with his own blood, was now striking unmercifully at the heart of the Jews" (*Occorrencias da Vida Judaica—Archivo Historico Portuguez*, vol. II, p. 187).

In the political conception of this absolute ruler, any action, however criminal and inhuman, was justifiable if it were conducive to the aggrandisement of the kingdom, "which we receive from the hand of God Almighty," as he declared in the first *Côrtes* he convoked, in 1481 (see Santarem, *op. cit.* p. 66).

It is only thus that we can explain his treatment of the Jews, who having been the oppressors for so many years, were now the oppressed, and paid a cruel price for the offences they had committed.

"Their insatiable covetousness, their pride in and abuse of the gold and power, which they had probably gained in Spain by the same methods as their coreligionists had used in Portugal, were receiving terrible punishment by the hand of Providence, which had fashioned an instrument of its eternal justice from other covetousness and from a blind fanaticism; and it was not to be long before that justice also fell upon the Portuguese Jews" (Herculano, *op. cit.* p. 115).

The sad events we have described were followed by an even more savage blow. In 1493, when Dom João II was in Torres Vedras, he gave the captaincy of the island of St Thomas to Alvaro de Caminha, a "knight of his household."

"And because the Castilian Jews had not left his kingdoms within the time limit, he ordered them to be taken prisoners in accordance with the terms on which they had been admitted, and he took from them their young sons and daughters, who were thus captives, and commanded that they should all be made Christians: and he sent them all with Alvaro de Caminha to the said island of St Thomas, so that, separated from their parents and their doctrine and from those who could speak to them of the law of Moses, they

foſſẽ bõos chriſtãos: ⁊ tambẽ pera que crecendo ⁊ caſando ſe podeſſe com elles pouoar a dita ylha q̃ por eſta cauſa dahi em diante foy em crecimento" (Garcia de Resende, *ob. cit.* fl. cviii vº; ver tambem Ruy de Pina, *ob. cit.* p. 181).

Por tanto, foi D. João II quem iniciou a politica das conversões forçadas, que, mais tarde, havia de ser tão criticada a D. Manuel. Samuel Usque, no capitulo 27—"quando mandarom os mininos aos lagartos"—pinta um quadro atroz da ilha de S. Thomé,

"cujos moradores eram lagartos ſerpes e outras muito peçonhentas bichas e deſerta de criaturas racionaes onde deſterraua os malfeitores que A morte eram jaa obrigados per juſtiça, em ſua companhia quis tambem que entraſem as ynoſcẽtes criaturas de todos eſtes judeos, cujos paes parece que ante o juizo diuino eram condenados."

E mais adeante, diz que tendo chegado os "ynoſcẽtes" ao logar deserto

"que ſua ſepoltura avia de ſer tiraram os em terra, ⁊ aly deſpiadoſamente deixando os foram dos grandes lagartos de que a ylha era poueada tragados quaſi todos: ⁊ o reſto que no ventre da quellas bichas nam entrou, A fome ⁊ deſemparo ſe conſumirom, ſomente algum que milagroſamente da quella temeroſa fortuna foy eſcapado."

A exaggeração é evidente, e concordamos inteiramente com J. Lucio d'Azevedo quando escreve:

"A impressão deixada pela narrativa é a de uma hecatombe herodiana. Bandos de creanças, algumas de collo, lançadas nas praias inhospitas da ilha: succumbindo á fome, ou devoradas pelas feras. O caso, ainda sem isso condemnavel, foi todavia menos tetrico. Tendo recebido Alvaro de Caminha, em 1493, o senhorio da ilha, com encargo de a povoar, ha toda a razão de crêr fossem as creanças entregues a colonos com familia, como depois, no reinado de D. Manuel, se fez com outros menores, collocados nas povoa-

might become good Christians; and also so that, by their growing up and marrying, the said island might be populated, which island made great progress from then onwards, for that reason" (Garcia de Resende, *op. cit.* fl. cviii vo.; also see Ruy de Pina, *op. cit.* p. 181).

Dom João II therefore started the policy of forced conversions, for which Dom Manuel was afterwards so bitterly criticised. Samuel Usque, in chapter 27—"how they sent the children to the *lagartos* (alligators)"—paints a terrible picture of St Thomas island,

"whose inhabitants were alligators, snakes and other very poisonous reptiles; it was a place devoid of rational beings, where he (the King) sent criminals, already under legal sentence of death, and he desired the innocent children of all these Jews, whose parents would seem to have been condemned by the divine Judge, to join their company."

Proceeding with his narrative, he tells how when "the innocents" reached the desert place

"which was to be their grave, they were dragged on land and callously left there, so that nearly all of them were devoured by the monstrous alligators which flourished in the island, and those who were not swallowed by these reptiles were consumed with hunger and exposure, and it was only by a miracle that any escaped from that dreadful fate."

This story is clearly exaggerated, and we are in complete agreement with J. Lucio d'Azevedo when he says:

"The narrative leaves one with the impression of an Herodian hecatomb. Bands of infants, some of them nurslings, cast upon the inhospitable shores of the island, succumbing to hunger, or devoured by the wild beasts. The facts, although still reprehensible, were less harsh. When Alvaro de Caminha received the governorship of the island in 1493, with instructions to people it, there is every reason to believe that the children were entrusted to colonists with families, as was afterwards done, in the reign of Dom Manuel, with other minors, who were distributed among

ções dos arredores de Lisboa, para serem educados no christianismo. E assim succedeu que, dos pequenos transportados, alguns chegaram a ser na ilha opulentos proprietarios" (*ob. cit.* pp. 24–25).

As scenas que tiveram logar na capital antes do embarque e partida das infelizes creanças fôram afflictivas, e Usque deixa correr a penna para, n'uma linguagem cheia de sentimento, exprimir a sua magua, dizendo:

"Chegada eſta ynfelice ⁊ miſerauel ora em que ſe auia hũa tam fera crueldade de eſecutar, vireis enſanguentar os roſtos com as maõs as coitadas madres que dos braços lhe tirauam ſeus filhos de ate tres años, depenar as barbas os honrados velhos por qùe lhe arrebatauam ſuas entranhas de ante os olhos, ⁊ as mal afortunadas criaturas leuantar ſeus viuos gritos tee o ceeo, vendoſe afaſtar tam deſpiadoſamente de ſeus amados padres em ydade aſſi tenrra ⁊ laſtimoſa; Lançauanſe aos pees de Elrey algũas cramãdo que ao menos as deixaſem hir acompanhar ſeus filhos, ⁊ nem ynda a yſto ſua piadade ſe ynclinaua, entre eſtas ouue hũa may que conſiderada a honreda ⁊ noua crueza ſem meſtura de algũa miſericordia a ſeus cramores, arrebatando ſeu filho nos braços da alta nao dentro no tempeſtuoſo mar ſe lançou ⁊ fundio com a ſua vnica criatura abraçada" (*loc. cit.*).

Como se esta narração não fôsse sufficientemente tragica, outros auctores judeus accrescentáram-lhe certos detalhes ainda mais atrozes; contam que uma desventurada mãe, a quem tinham arrancado os sete filhos, lançou-se de joelhos deante do coche que conduzia D. João á egreja, supplicando que lhe deixassem ao menos o filho mais novo. El-Rei disse friamente que a affastassem da sua real presença; mas, como as preces da desgraçada redobrassem, teve de ser levada á força. Então, o Monarcha disse: "Lasset sie, sie macht es wie eine Hündin, der man die Jungen entzieht!" (Kayserling, *ob. cit.* p. 116; Graetz, *ob. cit.* p. 385;

the dwellers in the neighbourhood of Lisbon, to be educated in Christianity. And thus it came to pass that some of the transported children rose to be wealthy property owners in the island" (*op. cit.* pp. 24–25).

There were moving scenes in Lisbon before the embarkation and departure of the unfortunate children, and Usque expresses his sorrowful compassion in feeling language:

"When they came to the unfortunate and miserable hour for the execution of such barbarous cruelty, you would have seen the wretched mothers, whose children from the age of three were wrenched from their arms, scratching their faces till the blood came, and the honourable old men plucking out their beards because their offspring were being brutally carried off before their very eyes, and the unfortunate little ones raising bitter cries to heaven when they saw themselves being mercilessly separated from their beloved parents at such a piteously tender age. Some threw themselves at the King's feet, beseeching that at least they might be allowed to accompany their children, but even this did not move him to compassion. Among these unfortunates was a mother, who, seeing that the new and horrible cruelty was being carried out without any pity for her cries, seized her son in her arms and threw herself from the tall ship into the tempestuous sea, and sank hugging her only child in her arms" (*loc. cit.*).

As if this story were not tragic enough in itself, other Jewish authors have embellished it with even more distressing details; they say that one wretched mother, whose seven children had been torn from her, threw herself on her knees before Dom João's carriage, when he was on his way to church, begging that at least she might be allowed to keep her youngest son. The King coldly ordered her to leave his royal presence; but as the unhappy woman only redoubled her prayers she had to be removed by force, whereupon Dom João said: "Lasset sie, sie macht es wie eine Hündin, der man die Jungen entzieht!" (Kayserling, *op. cit.* p. 116; Graetz, *op. cit.* p. 385;

ver tambem Mendes dos Remedios, *ob. cit.* pp. 273–274).

A historia mostra que o Principe Perfeito "tinha cabellos no coração," como se diz em linguagem popular; é mesmo possivel que, após a tragica morte do filho, o seu coração se tivesse empedernecido; comtudo, se estamos longe de elogiar o seu procedimento na questão dos Judeus, não acreditamos que D. João, seja como homem ou como Rei, dissesse palavras tão vis, ou tomasse uma attitude indigna da sua grandeza: o Principe Perfeito terá sido cruel, mas nunca foi cobarde.

Herculano, analysando a situação dos sectarios da lei de Moysés em Portugal após os acontecimentos que temos relatado, escreve estas palavras profundas:

"Mas, ao menos, o espectaculo de tantas desventuras era util aos hebreus, minorando pela commiseração o odio geral, mais de uma vez manifestado contra elles de um modo solemne? Certo que não. As providencias tomadas ácerca dos foragidos serviam pelo contrario a azedar os animos. Era justamente aos ricos e aos officiaes mechanicos, ao menos a certos, que fora concedida a faculdade de se estabelecerem no reino; isto é, ás duas classes de judeus mais odiosas pelos motivos que anteriormente vimos, as quaes engrossavam em numero com a accessão de novos membros, ampliando-se, assim, as probabilidades do augmento de vexames, da parte de uma, e de corrupção, da parte de outra. Depois, o exemplo de Castella mostrava que era possivel dispensar os capitaes, a actividade e a industria dessa gente no meneio da fazenda publica e nos serviços communs da vida, em contrario do que o rei affirmara nas cortes de 1490. Além disso, vendo-se e ouvindo-se por toda a parte e da boca dos proprios foragidos a historia das perseguições de que eram victimas, o povo habituava-se á idéa de se repetirem em Portugal scenas analogas, em nome da religião offendida. Tal era a situação dos judeus e o estado moral do paiz em relação a elles nos annos que precederam immediatamente a morte de D. João II" (*ob. cit.* pp. 117–118).

Mas, n'esses dois annos—1493–1495—o Principe Perfeito teve muitos e graves problemas a re-

also see Mendes dos Remedios, *op. cit.* pp. 273–274).

History shows that the Perfect Prince had a revengeful nature, and he may have been embittered by the tragic death of his son; but, although we are far from commending his treatment of the Jews, we cannot believe that Dom João, as man and King, would have pronounced such vile words, or have taken an attitude so unworthy of his greatness: he may have been cruel, but he was not dastardly.

Herculano gives a masterly analysis of the position of the Jews in Portugal, after the events we have described:

"But, at least, was not the spectacle of so many misfortunes of use to the Jews? Did not commiseration lessen the general hatred, more than once seriously manifested against them? Certainly not. The measures taken in connection with the fugitives served, on the contrary, to embitter the people's minds. It was exactly the rich, and the craftsmen, at least certain of them, who were given the right to settle in the kingdom; that is the two classes of Jews most odious to the people, for reasons we have already noted; these grew in number with the accession of new members, and the probability of greater oppression on one hand, and greater corruption on the other thus increased. Besides, the example of Castile showed that, contrary to the King's affirmation in the *Côrtes* of 1490, it was possible to dispense with the capital, the activities and industry of these people in the administration of the public revenue and the common services of life. Apart from this, as the course of the persecutions was everywhere seen and talked of, and as the story of their sufferings was even told by the fugitives themselves, the people became accustomed to the idea that similar scenes might be repeated in Portugal, in the name of affronted religion. Such was the position of the Jews, and the moral attitude of the country towards them in the years immediately preceding the death of Dom João II" (*op. cit.* pp. 117–118).

But in those two years from 1493 to 1495 the Perfect Prince had many grave problems to solve.

solver. Colombo regressára em 1493, tendo descoberto a America; e a esphera que D. João II ambicionára, já não lhe pertencia inteira, pois, a bulla do Papa Alexandre VI de 4 de Maio de 1493 (ver *Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo*, pp. 66–68) cortára-a ao meio como se fôra uma laranja. A essa bulla seguiram-se outras, das quaes a quarta, *Dudum Siquidem Omnes*, com data de 25 de Setembro de 1493 (possuimos uma reproducção fac-simile da edição em Latim impressa em Madrid em 1530, que nos foi amavelmente offerecida pelo Dr Roderick Terry, de Newport, R.I., U.S.A.), favorecia abertamente a Hespanha em detrimento de Portugal (ver Harrisse, *The Diplomatic History of America*, pp. 16–69).

Os Reis Catholicos tinham sido habeis, pois haviam alcançado o apoio do Papa. D. João II, com a sua habitual perspicacia, preparou-se para a lucta diplomatica que ia travar com Fernando de Aragão, digno adversario do Principe Perfeito. Mandou equipar uma grossa armada, cujo commando entregou a D. Francisco d'Almeida, o futuro e glorioso Vice-Rei da India, e a esse acto de força, seguiram-se as Embaixadas e as negociações delicadas, durante as quaes todas as astucias e dissimulações, as manhas e ronhas fôram empregadas de parte a parte.

O Principe Perfeito, cuja policia e espionagem estavam extraordinariamente bem organizadas, devia estar informado da existencia da quarta bulla de Alexandre VI, que ameaçava os seus planos e os interesses Portuguezes. N'esse periodo difficil e angustioso, o Monarcha e os seus notaveis collaboradores não descançáram, querendo, não só salvaguardar a India—que D. João sabia perfeitamente que Colombo não tinha descoberto—mas outras terras do Occidente cuja existencia tinha sido prudentemente occultada pela politica de sigillo. Após innumeras negociações, foi finalmente assignado a 7 de Junho de 1494 o famoso tratado de Tordesilhas (ver *Alguns Documentos*, pp. 69–80), que, como já

In 1493 Columbus returned from the America he had discovered. The sphere of Dom João's ambition was no longer wholly his, and Pope Alexander VI's bull of May 4th, 1493 (see *Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo*, pp. 66–68), cut it in half like an orange. This bull was followed by others, of which the fourth, *Dudum Siquidem Omnes*, dated September 25th, 1493, was particularly favourable to Spain at the expense of Portugal (see Harrisse, *The Diplomatic History of America*, pp. 16–69). (We possess a facsimile reproduction of the Latin edition of this bull printed in Madrid in 1530, which was very kindly given to us by Dr Roderick Terry of Newport, R.I., U.S.A.)

The Catholic Sovereigns had been clever in obtaining the Pope's support; so Dom João II, with his habitual perspicacity, made ready to join in diplomatic combat with Ferdinand of Aragon, in whom he saw an adversary worthy of his steel. He equipped a large armada, which he placed under the command of Dom Francisco d'Almeida, the future vice-roy of India. This act of force was followed by embassies and delicate negotiations, in the course of which every kind of cunning and dissimulation, stratagem and craft was used on both sides.

Dom João, whose system of espionage was extraordinarily well organised, must have been informed of the existence of Alexander VI's fourth bull, which so imperilled his plans. In this difficult and anxious period, the King and his able collaborators were untiring in their efforts to safeguard not only India—which Dom João knew perfectly well had not been discovered by Columbus—but other lands in the West, all knowledge of whose existence had been prudently kept hidden through the policy of secrecy. The complicated negotiations culminated in the signing on June 7th, 1494, of the treaty of Tordesilhas (see *Alguns Documentos*, pp. 69–80), which, as

escrevemos (ver *Livros Antigos Portuguezes—Introducção*, p. xxiii), foi realmente uma obra genial da parte do Principe Perfeito e dos seus representantes.

Ao mesmo tempo que tratava dos descobrimentos, protegendo os interesses Portuguezes, D. João II estudava uma outra questão de magna importancia: a escolha do seu successor. O herdeiro legitimo, depois da tragica morte do Principe D. Affonso, era D. Manuel, Duque de Beja, primo e cunhado d'El-Rei. D. João, tendo perdido o filho, pensára, desde 1491, em legitimar o bastardo D. Jorge, e fazel-o herdeiro da corôa. N'esse sentido empregou todos os meios; mas o seu plano ambicioso fracassou diante da opposição dos Reis Catholicos e de Roma, perante a provavel recusa d'auxilio do Imperador Maximiliano, e, sobretudo, em vista da firmeza da inclita Rainha D. Leonor que, juncto do marido, manteve sempre, com inteira e justificada razão, os direitos do irmão. D. João reconheceu o seu erro (ver Professor Ricardo Jorge, *O Obito de D. João II*, pp. 40–41), e, a 29 de Setembro de 1495, assignou na villa das Alcaçovas (ver Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, t. II, pp. 167–175) o seu testamento, no qual nomeava D. Manuel seu herdeiro, "certamente isto que todo ho Regno ja desejava" (Ruy de Pina, *ob. cit.* p. 186). Ignoramos quando é que D. João II terá tomado essa importantissima decisão, mas julgamos licito suppôr que foi algum tempo antes da redacção do testamento.

Escolhido o successor, o Soberano deve ter dado ao herdeiro conselhos, instrucções, recommendações e, quem sabe, algumas ordens: o longo testamento não toca, mesmo ao de leve ou de uma fórma encoberta, em nenhum dos problemas capitaes, o que aliás é perfeitamente logico com a politica de sigillo do Monarcha; mas consideramos inadmissivel que D. João II não revelasse os seus planos ao herdeiro, e não lhe indicasse o caminho que devia seguir para resolver os problemas mais importantes. E se assim pensamos, parece-nos

we have already said (see *Early Portuguese Books—Introduction*, p. xlv), was really a work of genius on the part of Dom João II and his representatives.

While he was thus occupied in protecting Portuguese interests in the newly discovered lands, Dom João was also studying another question of outstanding importance: the choice of his successor. His legitimate heir was his cousin and brother-in-law, Dom Manuel, Duke of Beja; but ever since the death of Prince Affonso, he had been considering the legitimation of his bastard son Dom Jorge, so that he could nominate him heir to the throne. He used every possible means for the achievement of this aim; but his ambitious plan fell to the ground before the opposition of the Catholic rulers and of Rome, before the Emperor Maximilian's probable refusal of assistance, and especially before the firmness of Queen Leonor, who steadfastly maintained her brother's rights. Dom João acknowledged his mistake (see Professor Ricardo Jorge, *O Obito de D. João II*, pp. 40–41), and on September 29th, 1495, in the town of Alcaçovas (see Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, vol. II, pp. 167–175), signed a will nominating Dom Manuel as his heir, "certainly that which all the Kingdom already desired" (Ruy de Pina, *op. cit.* p. 186). We do not know when the King made this important decision, but we consider it permissible to suppose that it was some time before his will was drawn up.

Having chosen his successor, the King must have given him advice, instructions, exhortations and perhaps even orders: the lengthy will does not allude even lightly or covertly to any of the capital problems, which is, of course, perfectly logical, in view of the King's policy of secrecy; but we cannot think it possible that Dom João did not reveal his plans to his successor and show him how to deal with the outstanding difficulties; and in holding this opinion we are

que só prestamos mais uma sincera homenagem á extraordinaria previsão do Principe Perfeito e ás suas singulares qualidades.

Nomeando o Duque de Beja seu successor, deve ter visto a possibilidade da realização do seu admiravel plano imperialista, se se conseguisse o casamento de D. Manuel com a Princeza D. Izabel, a viuva do Principe D. Affonso. Já dissemos que na nossa opinião D. Manuel foi um collaborador do Principe Perfeito (ver *Livros Antigos Portuguezes—Introducção*, p. xxvii); hoje estamos convencidos que este projecto de casamento deve ter sido da auctoria de D. João II, e por elle communicado ao herdeiro, que o acceitou absolutamente, pois, alem da possibilidade da realização do sonho dourado, firmava uma alliança util, e mantinha a paz com os Reis Catholicos, paz indispensavel, sobretudo até estar descoberta a via maritima.

A 25 de Outubro de 1495, fallecia D. João II, e subia ao throno D. Manuel, Duque de Beja. Não ha duvida que este Monarcha tem sido um dos mais atacados da nossa historia; se quizessemos transcrever aqui a ladainha de epithetos injuriosos e injustos que innumeros escriptores dedicáram ao Venturoso, seriam necessarios cadernos de papel. Alguns, sinceramente, investiram com elle por não approvarem o seu procedimento; mas muitos, professando por D. João II uma admiração nem sempre sentida, erguem ao alto a figura do Principe Perfeito, para poderem rebaixar a do successor. Na verdade, com magua o dizemos, são numerosos os auctores cujo enthusiasmo por El-Rei D. João II não foi inspirado pelos seus relevantes serviços á Patria, a sua reconstrucção do reino, as suas admiraveis emprezas, a sua politica genial, mas pela "democracia" que lhe querem attribuir—mascarando a sua figura de Senhor absoluto por excellencia—e pela sua lucta cruel contra a nobreza. Existem, infelizmente, pessoas para as quaes o maior titulo de gloria d'aquelle grande Rei, é ter mandado degollar o

but rendering another sincere tribute to the Perfect Prince's extraordinary prescience and other statesmanlike qualities.

When he nominated the Duke of Beja as his successor, he must have seen the possibility of carrying out his imperialistic plan through the marriage of Dom Manuel with Princess Dona Izabel, the widow of Prince Affonso. We have already expressed the opinion that Dom Manuel collaborated with the Perfect Prince (see *Early Portuguese Books—Introduction*, p. xlix); to-day we are convinced that the marriage must have been planned by Dom João II, and suggested by him to Dom Manuel, who received it with entire approval, for in addition to the golden dream which it might bring to pass, it would consolidate a useful alliance and maintain peaceful relations with the Catholic Sovereigns, with whom it was essential for Portugal to be on good terms, especially until after the discovery of the sea route to India.

On October 25th, 1495, Dom João II died, and Dom Manuel, Duke of Beja, mounted the throne. This Monarch has been one of the most violently attacked of Portugal's Kings; it would take reams of paper to transcribe all the unjust and opprobrious epithets which have been hurled at him by most writers. Some have inveighed against him sincerely, because they disapproved of his actions; but many, professing an admiration for the Perfect Prince, which they do not always feel, have exalted the figure of Dom João, in order to abase that of his successor. In fact, we are sorry to say that there are many writers whose enthusiasm for Dom João II is inspired, not by his important services to his country, his reconstruction of the kingdom, his splendid enterprises, his political genius, but by the "democracy" they attribute to him, though he was the very personification of absolute rule, and by his cruel treatment of the nobles. There are people for whom that great King's chief title to honour is that he ordered the decapitation of the Duke of

Duque de Bragança em Evora, e ter apunhalado, por suas proprias mãos, o Duque de Vizeu em Setubal! Por isso, coroam de louros e applaudem enthusiasticamente o Soberano que derramou ou mandou derramar tanto sangue fidalgo, visto terem encontrado um pretexto para a divulgação de ideas deleterias e propagandas nocivas. Quanto á peçonha com que tantos escriptores teem querido matar D. João II, só serviu para manchar a historia de Portugal.

D. Manuel é atacado por ter sabido perdoar aos adversarios de D. João II, especialmente membros da sua familia, que o Soberano castigára tão duramente: como diz com inteira razão o Professor Ricardo Jorge, D. Manuel, depois de subir ao throno,

"repara até onde pôde os danos infligidos pelo antecessor, e por estas reparações feitas aos inimigos de el-rei e aos conspiradores do estado o zurzem desapiedadamente. Como se o novo rei tivesse de herdar os odios do antigo, cevado agora nos filhos dos justiçados e assassinados por D. João II. Praticou a politica de acalmação de todos os tempos e de todos os regimes. Á primeira monção é costume abrirem-se as portas aos exilados, e os condenados de hontem regressarem a penates, tantas vezes premiados e indemnizados das perdas e perseguições sofridas. É de todos os dias. Porque haviam os filhos e parentes do Duque de Bragança, do Conde de Faro, do Marquez de Montemór e quejandos de pagar as culpas dos pais, desamparados em terras de Castela?" (*ob. cit.* p. 54).

A razão é que os escriptores que molháram as suas pennas em fel, não só herdáram—por outros motivos—os odios de D. João, mas multiplicáram-os para se servirem d'elles como arma contra D. Manuel.

O novo Monarcha recebia uma grande herança, mas difficil. Se D. Manuel ia colher os fructos da colossal sementeira de D. João, se podia aproveitar os resultados da politica genial do Principe Perfeito, herdava tambem as consequencias dos erros commettidos pelo seu anteces-

Bragança in Evora, and that with his own dagger he stabbed the Duke of Vizeu in Setubal! These are they who award a crown of laurels to the King who caused so much bloodshed among the nobles, and applaud him enthusiastically because he provides them with a pretext for disseminating harmful ideas and mischievous propaganda; but the poison, with which so many of them have tried to kill Dom João II, has only served to taint Portuguese history.

Dom Manuel is attacked for having pardoned Dom João II's adversaries, especially members of his own family whom his predecessor had so harshly chastised: as Professor Ricardo Jorge says, after his accession to the throne, Dom Manuel

"redresses as far as he can the wrongs inflicted by his predecessor, and for these reparations, made to the King's enemies and to state conspirators, he is cruelly reprimanded. As if the new King were forced to inherit the animosities of the old, now to be kept up against the sons of those executed and assassinated by Dom João II. It is customary to open the doors to the exiled at the first opportunity, and the convicts of yesterday return to their household gods recompensed and indemnified many times over for the losses and persecutions they have suffered. That happens every day. Why should the sons and relatives of the Duke of Bragança, the Count of Faro, the Marquis of Montemór and others like them, have been forced to pay for their fathers' faults, and have remained in banishment in Castile?" (*op. cit.* p. 54).

The reason is that those writers who dipped their pens in gall have inherited Dom João's animosities, though for different reasons, and have multiplied them to use as ammunition against Dom Manuel.

There is no doubt that the new ruler received a splendid heritage but a heavy one. While Dom Manuel was to reap the great harvest sown by Dom João, and to garner in the rich results of his shrewd policy, he also inherited the consequences of the mistakes made by his predecessor, of which the gravest had been in his

sor, especialmente na questão dos Judeus. Pondo de lado o sentimentalismo—que passados quatro seculos de pouco serve—gostariamos de saber o que teriam feito, se estivessem no logar do So‑berano, todos aquelles que escreveram resmas de papel para arremetter violentamente contra D. Manuel por ter decretado a expulsão dos Judeus.

Um dos primeiros actos de D. Manuel—acto de humanidade e de justiça—foi libertar os Judeus que tinham sido cruelmente reduzidos á condição de escravos no reinado anterior, "& lhes deu poder pera de ſuas peſſoas diſporẽ às ſuas võtades." Os pobres Israelitas, gratos á generosa resolução do Monarcha, quizeram offerecer‑lhe uma grande quantia de dinheiro que, nobremente, o Soberano não acceitou (ver Goes, *ob. cit.* Parte 1, fl. 9; Osorio, *ob. cit.* p. 11). O Dr Mendes dos Remedios (*ob. cit.* p. 277) julga provavel que esta acção magnanima d'El‑Rei fôsse inspirada por Abraham Zacuto, o celebre mathematico de quem já nos occupámos (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. 1, pp. 90–101): é possivel; mas parece‑nos que a suggestão do digno professor tira a D. Manuel a iniciativa do seu procedimento, o que não julgamos justo. Por nossa parte, ligamos a este acto do Soberano uma importancia especial, pois indica claramente a politica que D. Manuel teria continuado a adoptar para com os Judeus, se motivos supe‑riores á sua vontade o não obrigassem a alteral‑a; é preciso pensar que a deliberação que o Ven‑turoso não hesitára em tomar, e que não lhe faz senão honra, devia, como diz Herculano, "in‑directamente augmentar a irritação dos animos, ferindo o interesse daquelles a quem esses escra‑vos haviam sido ou dados ou vendidos" (*ob. cit.* p. 118).

Mas a politica tolerante e benevola de D. Manuel ia breve modificar‑se completamente devido a circumstancias e interesses tão graves para a nação, que não hesitamos em denominal‑os razões de Estado.

D. Manuel, ao subir ao throno, tinha diante

dealings with the Jews. Putting aside sentimen‑tality—which after all is of little avail when four centuries have elapsed—we should like to know what action would, in similar circumstances, have been taken by all those who have written thousands of words in a violent attack upon Dom Manuel, covering him with abuse and vituperation for having ordered the expulsion of the Jews.

One of his first actions was to liberate the Jews who had been reduced to slavery in the previous reign, and to give them "power to dispose of their persons as they wished." The poor Israelites, in their gratitude to the King for his generosity, offered him a large sum of money, which he re‑fused (see Goes, *op. cit.* Part 1, fl. 9; Osorio, *op. cit.* p. 11). Dr Mendes dos Remedios (*op. cit.* p. 277) surmises that the King's magnanimity may have been due to the inspiration of Abraham Zacuto—the celebrated mathematician, whom we have already studied (see *Early Portuguese Books*, vol. 1, pp. 90–101); possibly, but we do not consider it just to deny Dom Manuel the credit for his act of justice and humanity. For our part we attach a special importance to this deed, be‑cause it clearly shows Dom Manuel's attitude towards the Jews when political causes did not prevent him from following his own wishes; we must remember that, as Herculano says, the decision he deliberately made must have "in‑directly increased the general irritation of mind, by striking at those to whom these slaves had been given or sold" (*op. cit.* p. 118).

But it was not long before circumstances and interests of such national import that we have no hesitation in calling them reasons of State, forced the King to moderate his tolerant attitude.

When he came to the throne there were three

de si tres problemas, principalmente: o seu casamento—que, ao mesmo tempo, representasse uma alliança util e proveitosa para o paiz—a continuidade dos descobrimentos, e a questão dos Judeus. Sem ser um genio como D. João II, D. Manuel era intelligente, muito culto, e conhecia bem historia, sobretudo a de Portugal; alem d'esses predicados, era, como diz Goes, "muĩ prudente, de claro, & bõ juizo" (ver *ob. cit.* Parte IV, cap. lxxxiiii). Por consequencia—mesmo que D. João II nunca tivesse dado ao successor o inspirado conselho do casamento com D. Izabel—o Venturoso não podia deixar de realizar as enormes vantagens do matrimonio com a filha dos Reis Catholicos. Para proseguir com os descobrimentos, mantendo a politica de sigillo absolutamente necessaria á continuidade da empreza, D. Manuel precisava de estar em paz, paz solidamente firmada, com os visinhos, sobretudo agora que a America tinha sido descoberta, e que Fernando e Izabel estavam triumphantes. O casamento com a filha, possivel herdeira presumptiva, impunha-se ao "muĩ prudente" D. Manuel. Uma curiosissima carta de Gutierre Gomez de Fuensalida, Embaixador dos Reis Catholicos juncto do Imperador, escripta de Friburgo a Fernando e Izabel no dia 7 de Julho de 1498, prova que D. Manuel tivera poderosos e justificados motivos de casar com a Princeza Hespanhola.

Fuensalida conta uma conversa que teve com Maximiliano, na qual o Imperador lhe disse que elle era o legitimo herdeiro do reino de Portugal, visto que sua mãe era filha de D. Duarte, e que, em Portugal, não havendo directa descendencia masculina, as filhas herdavam: ora tendo fallecido o Principe D. Affonso, disse que informára D. João II dos seus direitos ao reino de Portugal. Mas o Embaixador retorquiu que nem o Imperador nem os Reis que tinham reinado em Portugal desde o Mestre de Aviz, tinham o minimo direito á corôa Portugueza, pois esse direito pertencia aos Reis Catholicos, cujo bisavô D. João de Castella casára com D. Beatriz, filha unica d'El-Rei D. Fernando.

main issues before him: his marriage—which must serve as the basis of a useful alliance for his country—the continuation of the discoveries, and the Jewish question. Although not a genius like his predecessor, Dom Manuel was an able man, very cultured and a great student of history, especially the history of Portugal, and, as Goes says, he was also "very prudent and of good and clear judgment" (see *op. cit.* Part IV, chap. lxxxiiii). Therefore—even if Dom João II never made the inspired suggestion of a marriage between Dom Manuel and Dona Izabel—the Fortunate King could not but realise the enormous advantages which must accrue from a marriage with the daughter of the Catholic rulers. In order to proceed with the discoveries and maintain the secrecy so vital to their success, Dom Manuel needed to be at peace with his neighbours, especially now that America had been discovered for the triumphant Ferdinand and Isabella. A most interesting letter written from Freiburg on July 7th, 1498, to Ferdinand and Isabella by Gutierre Gomez de Fuensalida, the Spanish ambassador at the court of Maximilian, shows that Dom Manuel had had good cause to seek a marriage with the Spanish Princess.

Fuensalida describes a conversation he had with Maximilian, in the course of which the Emperor affirmed that he was the rightful heir to the kingdom of Portugal, through his mother, the daughter of King Duarte, because in Portugal, if there were no male heirs in the direct line, the inheritance passed to the daughters: he said he had informed Dom João II of his rights, upon the death of Prince Affonso. But the ambassador replied that neither the Emperor, nor any of the rulers of Portugal, from the *Mestre de Aviz* onward, had any right to the Portuguese crown, which should have gone to Ferdinand and Isabella, whose great-grandfather, Don Juan of Castile, had married Dona Beatriz, the only daughter of King Fernando.

Porem, Maximiliano não se convenceu, e insistiu que era o verdadeiro herdeiro, por ser filho de uma filha de um Rei de Portugal, emquanto que D. Manuel era apenas o descendente de um ramo mais afastado. Por consequencia, exigia que os Reis Catholicos declarassem quem devia receber a successão do reino de Portugal no caso de D. Manuel só ter filhas, pois não consentiria, como desde já não consentia, que uma filha de D. Manuel herdasse a corôa, visto que a Imperatriz sua mãe tinha tido mais direitos ao throno de Portugal do que qualquer filha que D. Manuel podesse vir a ter. Comtudo, o Imperador accrescentou que não se oppunha aos direitos do Monarcha Portuguez ou dos filhos varões que viesse a ter, pois queria ser agradavel aos Reis Catholicos, de quem D. Manuel, pelo seu casamento, era filho (ver *Correspondencia de Gutierre Gomez de Fuensalida Embajador en Alemania, Flandes é Inglaterra* (1496–1509), publicada por el Duque de Berwick y de Alba, pp. 53–55).

As pretenções do Rei dos Romanos podiam facilmente ter-se transformado em serios perigos, se Fernando e Izabel tivessem dado ouvidos, temporariamente que fôsse, ás suas extraordinarias reclamações. Certamente, os Reis de Hespanha não pensavam n'aquelle momento em conquistar Portugal, que, segundo Fuensalida, lhes pertencia; mas, podia-lhes ter convido, por innumeros motivos, crear graves embaraços a D. Manuel.

Muitos historiadores dizem que o casamento do Monarcha com D. Izabel foi devido á sua paixão por essa Princeza. Não crêmos, porque D. Manuel não era um apaixonado (ver Goes, *ob. cit.* Parte IV, fl. 107 vº). O tal amor do Venturoso pela viuva do infeliz Principe D. Affonso teria sido uma coincidencia notavel, pois, habitualmente, as paixões reaes não se harmonizam com os interesses do paiz. Hypotheses como esta prestam-se, sem duvida, a phrases muito bellas, mas transtornam a historia, e são a causa de conclusões erradas, ou injustas,

Maximilian, however, was not easily to be convinced, and insisted he was the true heir, because he was the son of a daughter of a King of Portugal, while Dom Manuel was only a collateral descendant. He therefore requested the King and Queen of Castile to declare who should inherit the kingdom of Portugal if King Manuel had only daughters, because he would not consent, as he even then refused, to allow the crown to pass to a daughter of Dom Manuel, since the Empress his mother had been nearer to the throne of Portugal than any daughter Dom Manuel might come to have. The Emperor added that he would not oppose the claims of the Portuguese King, or of any sons he might come to have, on account of his friendship with Ferdinand and Isabella, to whom Dom Manuel, through his marriage, had become a son (see *Correspondencia de Gutierre Gomez de Fuensalida Embajador en Alemania, Flandes é Inglaterra* (1496–1509), publicada por el Duque de Berwick y de Alba, pp. 53–55).

The pretensions of the King of the Romans might easily have become a grave peril, had the Castilian rulers taken any heed of his fantastic claims. Certainly the Catholic Sovereigns had no intention at that time of attempting to conquer Portugal, which, according to Fuensalida, was theirs; but there were many reasons why it might have suited them to create serious embarrassments for Dom Manuel.

Many historians say that Dom Manuel forced this marriage because of his passion for Dona Izabel. This we do not believe, because Dom Manuel was not passionate by nature (see Goes, *op. cit.* Part IV, fl. 107 vo.). Such a love for Prince Affonso's widow would have been a notable coincidence, for royal passions do not usually coincide with the country's interests. Hypotheses such as this are an excuse for fine writing certainly, but they unbalance history and lead to erroneous or unjust conclusions,

II Carta assignada por El-Rei D. Manuel em Evora a 24 de Abril de 1497

Letter signed by King Manuel I in Evora on April 24th, 1497

sobretudo quando os escriptores se deixam inspirar pelo sentimentalismo.

Pouco depois do seu advento, D. Manuel recebeu uma Embaixada dos Reis Catholicos, que lhe veiu offerecer a mão da Infanta D. Maria,

"do q̃ ſe elrei excuſou ꝑ boas palauras, não por ha tal aliança lhe não vir muito a propoſito, mas porque ſua tenção era caſar com ha Prinçeſa donna Iſabel, molher que fora do Prinçipe dõ Afonſo" (Goes, *ob. cit.* Parte 1, fl. 9 vº).

D. Maria era a terceira filha, e D. Izabel, a mais velha, era a possivel herdeira do throno de Castella; por isso, o Monarcha, adoptando o plano seguido pelo Principe Perfeito, devia, como Rei de Portugal, empregar todos os meios para obter a mão de D. Izabel.

Os Reis Catholicos accederam ao desejo de D. Manuel, mas impondo duas condições: entrar n'uma liga contra a França, e expulsar os Judeus de Portugal. Na questão da liga, El-Rei escusou-se, "prometendo com tudo q̃ ſe elrei de França lhes vieſſe fazer guerra dẽtro dos regnos de Caſtella, que em tal caſo ho ajudaria" (Goes, *ob. cit.* Parte 1, cap. xix). D. Manuel queria paz para se poder occupar dos descobrimentos e da administração do paiz. Quanto á segunda condição, como diz Herculano,

"as restricções não eram possiveis. Ás exigencias dos paes accresciam as da filha. D. Isabel, que ou detestava cordealmente os judeus ou queria servir a politica paterna, pedia, digamos assim, como arrhas, o predominio da intolerancia" (*ob. cit.* pp. 119–120).

Era natural que os odiasse, pois, segundo consta, a Princeza considerava o tragico fim do primeiro marido como uma punição da Providencia pelo benevolo acolhimento concedido em Portugal aos "infieis," sectarios da lei de Moysés. D. Izabel consentiu, "com muita dificuldade," ao seu casamento com D. Manuel,

"dizendo que ſua tençam era mais de ſer religioſa que caſada, & que aſsi ho profopoſera depois da morte do prinçipe dom Afonſo ſeu

M II

especially when their authors are swayed by sentimentality.

Soon after his accession, Dom Manuel received an embassy from Ferdinand and Isabella, offering him the hand of the Infanta Dona Maria.

"The King excused himself with fair words, not because such an alliance was not agreeable to him, but because it was his intention to marry Princess Dona Izabel, the widow of Prince Dom Affonso" (Goes, *op. cit.* Part 1, fl. 9 vo.).

Dona Maria was the third daughter, and Dona Izabel, the eldest, was the possible heiress to the throne of Castile, so the King, adopting the course followed by the Perfect Prince before him, was perfectly right in using every means to obtain the hand of Dona Izabel.

The Catholic rulers promised to grant Dom Manuel's request on two conditions: that he would enter into a league against France, and that he would banish the Jews from Portugal. The King excused himself from the league, though he promised that "if the King of France went to make war in the kingdoms of Castile, he would come to their aid" (Goes, *op. cit.* Part 1, chap. xix). Dom Manuel wanted peace so that he could devote his energies to the discoveries and to the administration of the country. As for the second condition, as Herculano says:

"limitations were impossible. The insistence of the parents was reinforced by Dona Izabel, who either cordially detested the Jews or else wished to advance the paternal policy, and asked for the supremacy of intolerance as a marriage dowry, if we may so express it" (*op. cit.* pp. 119–120).

It was only natural that the Princess should hate the Jews, for it seems that she looked upon the tragic death of her first husband as a divine punishment for their clement reception in Portugal. Dona Izabel consented, "very unwillingly," to the marriage with Dom Manuel,

"saying that she was more inclined to become a nun than to marry, and that this was what she had proposed to do after the death of Prince

marido, nem ha poderam hos Reis desuiar deste proposito, se nisso ha nam aconselharam pessoas religiosas, dando lhe a conheçer quanto compria a seruiço de Deos, & aho bem, paz & tranquilidade dambolos regnos fazerse este casamento" (Goes, *ob. cit.* Parte 1, fl. 18 vº; ver tambem Osorio, *ob. cit.* p. 21).

Quem seriam as "pessoas religiosas" que convenceram D. Izabel? É natural que uma d'ellas fôsse o celebre Cardeal Ximenes, confessor da Rainha de Castella, e quem sabe se Torquemada não terá sido outra?

Desde a morte do Principe D. Affonso, D. Izabel tinha vivido como uma religiosa, jejuando e submettendo-se a tantas penitencias, que a sua saude se havia resentido d'esse excesso de mortificações (ver Jane Dieulafoy, *ob. cit.* p. 314). Sem demasiada imaginação, é licito suppôr que os conselheiros da Princeza lhe mostráram que devia acceitar a corôa, mesmo se essa decisão representasse um grande sacrificio, porque, se exigisse, como condição essencial ao seu casamento com D. Manuel, a expulsão dos Judeus de Portugal, não só cumpria o "seruiço de Deos," mas completava a obra de seus paes, uniformizando a confissão religiosa na Peninsula.

Da parte de D. Izabel, essa imposição era certamente devida a um sentimento sinceramente religioso; comtudo, parece-nos que a sua decisão não deixou de ser influenciada pelas ambições politicas dos Reis Catholicos. D. Manuel viu diante de si um dilemma: ou acceitava a despiedosa condição e realizava o casamento que considerava indispensavel para Portugal, ou recusava, e então a alliança não tinha logar. El-Rei, em vista dos argumentos que apresentámos, não podia hesitar: a razão de Estado impunha-lhe que accedesse—certamente com magua—á exigencia Hespanhola. Reuniu o seu Conselho, e depois de ouvir os diversos pareceres, seguiu o voto dos que tinham opinado pela expulsão, e, em Dezembro de 1496, estando em Muge, decretou a sahida do reino de todos os Judeus não convertidos (ver Goes, *ob. cit.* Parte 1, cap. xviii;

Affonso her husband, nor would the Kings have been able to turn her from this purpose, had she not been counselled by religious persons, who pointed out to her how important it was for God's service and for the good, peace and tranquillity of both kingdoms that this marriage should take place" (Goes, *op. cit.* Part 1, fl. 18 vo.; also see Osorio, *op. cit.* p. 21).

It would be interesting to know the names of these "religious persons" who persuaded Dona Izabel. Very likely one of them may have been the famous Cardinal Ximenes, confessor to the Queen of Castile, and who knows whether Torquemada himself was not another?

Since the death of Prince Affonso, Dona Izabel had lived the life of a nun, fasting and submitting to such penances that her health was affected (see Jane Dieulafoy, *op. cit.* p. 314). It is, therefore, permissible to suppose that the Princess's advisers showed her that it was her duty to accept the crown, however great the sacrifice, because if she made the expulsion of the Jews an essential condition of her marriage with Dom Manuel, she would be serving God by helping her parents to achieve uniformity of belief in the Peninsula.

Dona Izabel herself probably made the stipulation purely for religious reasons; but we have no doubt that the Catholic Sovereigns had influenced her to this decision to gain their own political ends. Dom Manuel was placed in a very difficult position; but since he considered marriage to be indispensable for Portugal's welfare, he could not hesitate, and was forced—surely against his will—to carry out Spain's cruel demand. He summoned his counsellors, and having listened to their various opinions on the subject, he decided upon the expulsion, and in December of 1496, when he was in Muge, he decreed that all unconverted Jews must leave the kingdom. This decree also included all free Moors. (See Goes,

Osorio, *ob. cit.* pp. 18–19; Herculano, *ob. cit.* pp. 120–124; Dr Heinrich Schäfer, *Geschichte von Portugal*, t. III, pp. 12–15; Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, t. III, parte II, pp. 104–110, e *História de Portugal*, t. II, pp. 204–205; Mendes dos Remedios, *ob. cit.* pp. 285–289; Kayserling, *ob. cit.* pp. 125 *e seg.*; Graetz, *ob. cit.* pp. 388 *e seg.*; Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal*, t. III, pp. 102 *e seg.*). Essa provisão abrangia egualmente os Mouros forros. Possuindo hoje o unico exemplar conhecido dos Livros I e II das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel* impressos por Valentim Fernandes em 1512 e 1513 (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 258–260), julgamos interessante reproduzir—com certeza pela primeira vez—da edição original o edito da expulsão dos Judeus.

"POr que todo fiel xpãao ſobre todas as couſas he obrigado fazer aquellas q̃ ſom ſeruiço de noſſo ſenhor ꝛ acreçentamẽto de ſua ſanta fee catolica. ꝛ a eſtas nom ſoomente deuẽ poſpoer todos os guanhos ꝛ perdas deſte mũdo. mas ajnda as propias vidas. o q̃ os Reys mujto mais inteiramẽte fazer deuẽ ꝛ ſom obrigadꝰ. porq̃ per jeſu xp̃o noſſo ſenhor ſom ꝛ regem. ꝛ delle reçebẽ neſte mũdo maiores merçees q̃ outra algũa peſſoa. Pollo qual ſendo nos muy çerto q̃ os judeꝰ obſtinados no odio da noſſa ſanta fee catholica de xp̃o noſſo ſenhor q̃ por ſua morte nos remio tem cõmetido ꝛ cõtinuadamẽte contra elle cometem grandes males ꝛ blaſſemias em eſtes noſſos regnos. as quaes nõ tam ſoomẽte a elles q̃ ſom filhos de maldiçã. em quanto na dureza de ſeꝰ corações eſteuerẽ. ſom cauſa de mais cõdenaçã mas ajnda a mujtꝰ xp̃aos fazẽ apartar da verdadeira carreira q̃ he a ſanta fee catolica. Por eſtas ꝛ outras muy grãdes ꝛ neçeſſarias razões q̃ nos a eſto mouẽ q̃ a todo xp̃ao ſom notorias ꝛ manifeſtas. Auida madura deliberaçã cõ os do noſſo cõſelho ꝛ leterados. Determinamos ꝛ mandamꝰ q̃ da pubricaçã deſta noſſa ley ꝛ determinaçã atee per todo o mes doctubro do ãno do naçimeuto (*sic*) de noſſo ſenhor de mil ꝛ quatrocentꝰ ꝛ nouenta ꝛ ſete. todꝰ

op. cit. Part I, chap. XVIII; Osorio, *op. cit.* pp. 18–19; Herculano, *op. cit.* pp. 120–124; Dr Heinrich Schäfer, *Geschichte von Portugal*, vol. III, pp. 12–15; Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. III, part II, pp. 104–110, and *História de Portugal*, vol. II, pp. 204–205; Mendes dos Remedios, *op. cit.* pp. 285–289; Kayserling, *op. cit.* pp. 125 *et seq.*; Graetz, *op. cit.* pp. 388 *et seq.*; Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal*, vol. III, pp. 102 *et seq.*) As we now possess the only known copy of Books I and II of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel* printed by Valentim Fernandes in 1512 and 1513 (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 258–260), we consider it interesting to transcribe the whole of the edict from there, since it has certainly never before been reproduced from this original edition.

"Because every faithful Christian is above all obliged to do those things which are for the service of Our Lord and the increase of His holy Catholic Faith, and because he must not only set these before all the gains and losses of this world, but even before his own life, and because Kings have a much greater obligation and duty to do this in every way, since they hold office and reign through Our Lord Jesus Christ, and receive greater mercies from Him in this world than any other person. We, therefore, being very certain that the Jews, stubborn in their hatred of the holy Catholic Faith of Our Lord Jesus Christ Who redeemed us by His death, have committed and continually do commit great sins and blasphemies against it in our kingdoms, which not only bring greater condemnation upon them, who, as long as they persist in hardening their hearts, are the sons of malediction, but also make many Christians turn away from the true path which is the holy Catholic Faith. For these and other very great and necessary reasons which have moved us to this and which are well known and manifest to every Christian, after mature consideration with those of our council and other learned men, we determine and command that between the publication of this our law and determination and the end of the month of October of the year of Our Lord of one thousand four hundred and ninety and seven, all Jews and

os jude⁹ ꝛ judias q̃ em noſſos regnos ouuer de qualq̃r hydade q̃ ſejam. ſe ſaiam fora delles. ſob pena de morte natural. ꝛ perderẽ as fazendas ꝑa quẽ os acuſar. E qualquer peſſoa q̃ paſſado o dito tẽpo teuer eſcõdido alguũ judeu. per eſte meſmo feito querem⁹ q̃ perca toda ſua fazenda ꝛ beẽs pera quẽ o acuſar. E rogamos ꝛ encomendam⁹ ꝛ mandamos por noſſa bençã ꝛ ſob pena de maldiçã aos reys noſſos ſoçeſſores q̃ nũca em tempo alguũ leixem morar nem eſtar em eſtes noſſos regnos ꝛ ſenhorios delles. nenhuũ judeu por nenhũa couſa nẽ razam q̃ ſeja. Os quaes jude⁹ leixaremos hyr liuremẽte cõ todas ſuas fazẽdas. ꝛ lhe mandarem⁹ pagar quaeſq̃r diuedas q̃ lhe em noſſos regnos forẽ deuidas. ꝛ aſſi per a ſua hyda lhe darem⁹ todo auiamento ꝛ deſpacho q̃ comprir. E por quãto todas as rendas ꝛ direitos das judarias temos dadas. Mandam⁹ aas peſſoas q̃ as de nos tem que nos venhã requerer ſobre ello. porq̃ a nos praz de lhe mandar dar outro tanto quãto as ditas judarias rendẽ. E porq̃ ſe poſſa ꝑa ſempre ſaber como eſto foy aſſi per ley geeral per nos determinado. a qual foy ꝑ todos comprida ꝛ executada. ꝛ nos tẽpos vijndoiros ſemꝑ ſeja guardada a mandam⁹ neſte ſegũdo liuro ẽcorporar" (*Ordenações d'El-Rei D. Manuel*, Livro II, 1513, Titulo xlviij, fl. lxiij vº–fl. lxiiij).

Apezar do decreto de D. Manuel ter sido a consequencia do contracto de casamento assignado pelos Reis Catholicos a 30 de Novembro de 1496 (ver Sousa, *ob. cit.* t. II, pp. 384–394), parece que a ordem expedida pelo Venturoso não dava sufficientes garantias a D. Izabel e a seus paes. A Princeza, provavelmente devido á influencia de Fernando e Izabel, escreveu a D. Manuel que adiasse a sua vinda até os Judeus terem sido expulsos de Portugal, o que muito descontentou El-Rei (ver Goes, *ob. cit.* Parte I, cap. xxiiii).

Novas negociações tiveram logar, e finalmente, a 11 de Agosto de 1497, as capitulações do casamento de D. Manuel com D. Izabel fôram assignadas em Medina del Campo pelos Reis Catholicos e seu filho o Principe D. João, e por D. João Manuel em nome do Rei de Portugal.

Jewesses, of whatsoever age, who may be in our kingdoms, must go out of them, on pain of natural death and the surrender of their possessions to their accusers. And it is our wish that any person who shall have hidden a Jew when the said time is past, shall for that same deed lose all his possessions and goods to his accuser. And we ask and exhort and command, for our blessing and on pain of malediction, that the Kings our successors shall at no time allow any Jew for any cause or reason whatever to dwell or to be in these our kingdoms and their dominions. Which Jews we allow to go freely with all their possessions, and we command that any debts which may be owing to them in our kingdoms shall be paid, and thus we will give them all necessary provision and despatch in their departure. And as we have bestowed all the revenues and rights from the Jewries, we command the persons who have received them from us to come and ask us about it, because it pleases us to command that they shall be given as much as the said Jewries yielded. And in order that it may always be known that this was so through a general law by us determined, kept and carried out by all, and that it may ever be kept in time to come, we command it to be incorporated in this second book" (*Ordenações d'El-Rei D. Manuel*, Book II, 1513, *Titulo* xlviij, fl. lxiij vo.–fl. lxiiij).

Although Dom Manuel's decree was in fulfilment of the contract of marriage signed by Ferdinand and Isabella on November 30th, 1496 (see Sousa, *op. cit.* vol. II, pp. 384–394), it does not seem to have satisfied either Dona Izabel or her parents. The Princess, probably on account of representations made by the Spanish rulers, wrote to Dom Manuel asking him not to come until all the Jews were out of Portugal, which greatly displeased the King (see Goes, *op. cit.* Part I, chap. xxiiii).

Fresh negotiations were started, and the marriage treaty was finally signed, by the Catholic Sovereigns and their son Prince Juan and by D. João Manuel on behalf of the King of Portugal, in Medina del Campo on August 11th,

N'essa escriptura estipulou-se expressamente que até ao fim do mez de Setembro d'esse anno, seriam expulsos de Portugal todos os individuos que tivessem sido condemnados por herejes, o que queria dizer, todos os Judeus que haviam sido condemnados pela Inquisição e que se tinham refugiado em Portugal. Por baixo das assignaturas das partes contractantes, lê-se a extraordinaria declaração de D. Izabel, já como Rainha de Portugal, na qual promette, sob juramento prestado sobre a Cruz e os quatros Evangelhos, cumprir as condições a que é obrigada por esta escriptura, logo que El-Rei seu Senhor lhe jurar por escripto que todos os individuos condemnados por herejes já sahiram dos seus reinos e senhorios, e que se alguns ainda tiverem ficado, tambem serão condemnados (ver Sousa, *ob. cit.* pp. 392–394).

No mez d'Outubro realizou-se o casamento em Valença d'Alcantara: ao mesmo tempo falleceu o Principe D. João, o filho unico de Fernando e Izabel, e a Rainha de Portugal passou a ser a herdeira dos Reis Catholicos.

Muitos escriptores teem sido injustos com D. Manuel, accusando-o de ter sacrificado o interesse do paiz e milhares de vidas á sua paixão (ver Prescott, *History of Ferdinand and Isabella*, vol. II, p. 81; Mendes dos Remedios, *loc. cit.*; Pinheiro Chagas, *loc. cit.*). Com inteira razão, escreve J. Lucio de Azevedo (*ob. cit.* p. 27):

"A expulsão dos Judeus, no tempo de D. Manuel, tem sido tratada até hoje quasi unicamente sob o ponto de vista sentimental."

O sentimentalismo meridional cegou, infelizmente, muita gente, e quando a não cegou, deu-lhe, o que ás vezes é peor, uma visão inversa das cousas.

Mas, mesmo que as circumstancias especiaes que relatámos não tivessem obrigado D. Manuel a decretar a sahida dos Hebreus, existiam outras razões para justificar o seu procedimento, das quaes a mais importante era a opinião publica, que o Monarcha não podia nem devia ignorar.

1497. This document expressly stipulated that by the end of September of that year all convicted heretics, that is all the Jews who had been condemned by the Inquisition and had taken refuge in Portugal, should be banished from that country. Beneath the signatures of the contracting parties is the extraordinary declaration of Dona Izabel as Queen of Portugal: she promised, by the Cross of Christ and the four Gospels, that as soon as the King her Lord had given her his written word that all convicted heretics had left his kingdoms and dominions, and that if any still remained they would also be condemned, she would fulfil her part of the conditions (see Sousa, *op. cit.* pp. 392–394).

The marriage was solemnised in Valencia d'Alcantara in October: Prince Juan died about the same time and the Queen of Portugal became the heiress of the Catholic rulers.

Many writers have been not only unjust but cruel in their judgment of Dom Manuel, accusing him of having sacrificed his country's interests and thousands of lives to his passion (see Prescott, *History of Ferdinand and Isabella*, vol. II, p. 81; Mendes dos Remedios, *loc. cit.*; Pinheiro Chagas, *loc. cit.*). J. Lucio d'Azevedo is perfectly right when he says (*op. cit.* p. 27):

"The expulsion of the Jews in the time of Dom Manuel has, up to the present, been treated almost entirely from the sentimental point of view."

The sentimentality of the south has blinded many people, or, which is sometimes worse, has given them an inverted vision of things.

But even if the special circumstances we have mentioned had not forced Dom Manuel to pronounce the decree of banishment, there were other justifiable reasons for his action, of which the most important was the strong public opinion, which, as King, he could not ignore. As he was

Sendo tão "entẽdido nas Chronicas dos Reis deſtes Regnos," D. Manuel conhecia, certamente, o que se havia passado ácerca dos Judeus em Portugal, e sabia da malevolencia crescente da população contra os sectarios do Judaismo, que a medida autocratica de D. João II levára ao seu auge. O povo tinha soffrido muito e, com ou sem razão, considerava os Hebreus como os fautores de todos os males de que tinha padecido durante tantos e tantos annos.

Se uma Princeza, sem duvida influenciada pelo fanatismo, mas culta, filha dos Reis Catholicos e nora de D. João II, podia considerar a morte do marido como uma punição de Deus pela protecção concedida aos sectarios do Judaismo, não causa surpreza que o povo, bom, mas bronco e exhaltado, attribuisse todas as suas desditas aos Judeus.

Ignorante, a plebe não conhecia os serviços que elles tinham prestado ao paiz nas sciencias, na litteratura e nas artes (ver Joaquim Bensaude, *L'Astronomie nautique au Portugal*, pp. 35, 46, 50–67, 100–107, 264–266, e *Histoire de la science nautique portugaise*, pp. 27–38, 69–78; Maximiano Lemos, *Historia da Medicina em Portugal*, vol. I, pp. 87–92; Ricardo Jorge, *Comentos á vida, obra e época de Amato Lusitano*, pp. 19–25; Antonio Ribeiro dos Santos, *Memorias da Litteratura Sagrada dos Judeos Portuguezes*, pp. 236–312 e 354–414; Sousa Viterbo, *Trabalhos nauticos dos Portuguezes nos Seculos* XVI *e* XVII, Parte I, pp. 136–138, Parte II, pp. 240, 285; Moses Bensabat Amzalak, *A Tipografia Hebraica em Portugal no seculo quinze*; ver tambem *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 23–35).

Nas classes acima do vulgo, e mesmo cultas, esses serviços—em alguns casos relevantes—eram esquecidos, e a grande maioria da população mostrava, por todas as fórmas, o seu asco pela raça hebraica. O nosso admiravel Gil Vicente—innumeras vezes o porta-voz da opinião publica—reflectiu o sentir geral, expondo á vista os Judeus e os seus defeitos, taes os via, póde dizer-se, toda a gente.

so "learned in the Chronicles of the Kings of these Kingdoms," Dom Manuel must certainly have been aware that the growing malevolence of his subjects against the Jews had been increased by Dom João's autocratic measure. The people had suffered long, and, rightly or wrongly, considered that the Hebrews were responsible for all the wrongs they had been called upon to bear.

If a Princess, the daughter-in-law of Dom João II, fanatical doubtless, but cultured, could look upon the death of her husband as a well-deserved punishment from God for the protection conceded in Portugal to the sectaries of Judaism, it is not to be wondered at that the people should have attributed all their misfortunes to the Jews.

In their ignorance they could not understand all that the Jews had done for the country in science, literature and art (see Joaquim Bensaude, *L'Astronomie nautique au Portugal*, pp. 35, 46, 50–67, 100–107, 264–266, and *Histoire de la science nautique portugaise*, pp. 27–38, 69–78; Maximiano Lemos, *Historia da Medicina em Portugal*, vol. I, pp. 87–92; Ricardo Jorge, *Comentos á vida, obra e época de Amato Lusitano*, pp. 19–25; Antonio Ribeiro dos Santos, *Memorias da Litteratura Sagrada dos Judeos Portuguezes*, pp. 236–312, 354–414; Sousa Viterbo, *Trabalhos nauticos dos Portuguezes nos Seculos* XVI *e* XVII, Part I, pp. 136–138, Part II, pp. 240, 285; Moses Bensabat Amzalak, *A Tipografia Hebraica em Portugal no seculo quinze*; also see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 23–35).

Even among the more cultured classes these services were forgotten, and hatred for the Jews was shown by almost the whole population, in every possible way. Gil Vicente often gave expression to public opinion, and in several of his plays he shows the Jews and their faults as they may be said to have appeared to the people.

Joaquim Bensaude escrevendo sobre Gil Vicente, faz, com inteira razão, este merecido elogio aos dons excepcionaes do celebre Mestre da Balança:

"Esprit moderne des plus remarquables, Gil Vicente, poète portugais, représente à lui seul les idées dominantes de la société portugaise à l'époque des grandes découvertes.... Gil Vicente n'est pas un astronome, mais un poète, un personnage jouissant de la plus grande popularité, et une figure nationale qui représente l'esprit de son temps" (*Histoire de la science nautique portugaise*, p. 88).

Ora essa figura nacional, que gozava de tanta popularidade, não pinta os Judeus com côres favoraveis. No *Dialogo ſobre a Reſurreyção*, entram em scena tres Rabbis, Levi, Samuel e Aroz. O Rabbi Levi conta os conselhos que a familia lhe deu: o pae, "Moſe Rabizaram," dizia,

"quem nam mente nam vem de boa gente,"

e o tio dera-lhe este preceito;

"nam ſejas pobre morreras honrrado."

Depois, os tres Rabbis discutem a morte de Christo e a Sua Resurreição, e Levi diz:

"tenhamos todos muy bem que comer
que farte. ⁊ ſobeje pera todo o anno
tratemos em couſas em que caiba engano.
....
Fundemonos todos em auer dinheiro
porque quer ſeja noſſo quer ſeja alheo
he deu verdadeiro."

(*Copilacam* (*sic*) *de todalas obras de Gil Vicente*, 1562, Livro Primeyro, fl. lxxv–fl. lxxxix, aliás lxxix.)

Gil Vicente indica-nos aqui os defeitos dos Judeus que mais exacerbavam o povo. Porem, é no *Auto da Barca do Inferno* que nos mostra com mais força o desprezo que havia pelos pobres sectarios da lei de Moysés. Um Judeu chega

Joaquim Bensaude gives a well-deserved tribute to Gil Vicente's exceptional gifts:

"Esprit moderne des plus remarquables, Gil Vicente, poète portugais, représente à lui seul les idées dominantes de la société portugaise à l'époque des grandes découvertes.... Gil Vicente n'est pas un astronome, mais un poète, un personnage jouissant de la plus grande popularité, et une figure nationale qui représente l'esprit de son temps" (*Histoire de la science nautique portugaise*, p. 88).

Now this national figure, who enjoyed such great popularity, gives a very unprepossessing picture of the Jews. In the *Dialogo ſobre a Reſurreyção*, there enter three Rabbis, Levi, Samuel and Aroz. The Rabbi Levi tells of the advice he received from his family: his father "Moſe Rabizaram" used to say

"he who tells no lies does not come of a good family,"

while his uncle's precept was

"do not be poor and you will die an honoured man."

The three Rabbis then proceed to discuss the death of Christ and His Resurrection, and Levi says:

"We must all eat very well indeed
so that we are satisfied and there is enough
left for the whole year.
Let us treat of matters pertaining to
deception.
....
Let us all make a point of having money
because whether it is our own or other people's
it is the true God."

(*Copilacam* (*sic*) *de todalas obras de Gil Vicente*, 1562, Book I, fl. lxxv–fl. lxxxix, alias lxxix.)

Gil Vicente here points out the characteristics of the Jews which most irritated the people. It is, however, in the *Auto da Barca do Inferno* that he gives the strongest expression to the general contempt in which they were held. A Jew arrives

para atravessar na barca do diabo; discutem—n'uma linguagem de tal crueza que não ousamos reproduzil-a—e, finalmente, o proprio demo tem tanto desdem pelo Judeu, que não o admitte na sua barca; irá, já se vê, para o inferno, mas a reboque, puxado por uma corda:

> "vos judeu yreis aa toa
> que ſois muy roim peſſoa."
> (*ob. cit.* fl. xlvii vº.)

Gil Vicente não podia fazer uma satyra mais cruel. Comtudo, atravez d'essa exaggeração do auctor contemporaneo, percebe-se perfeitamente —e isso é o que nos importa—que elle exprime o sentimento geral de asco contra os Judeus. D. Manuel não podia ignorar esse sentimento. Se, no tempo de D. Affonso V, o povo da capital se tinha revoltado contra o seu Soberano por elle ter mandado justiçar os promotores do ataque á judiaria, o que faria agora, e ao menor pretexto, a população de Lisboa, cujo odio á raça israelita tinha decuplado com a invasão dos Judeus Hespanhoes?

Apezar da expulsão e da conversão forçada, viram-se, desgraçadamente, as terriveis consequencias d'esse inveterado rancor em 1506. Se—como escreveu um illustre auctor com quem concordamos absolutamente—a introducção da Inquisição por D. João III foi "uma medida *democrática*, no sentido de corresponder às aspirações populares" (Carlos Malheiro Dias, *ob. cit.* p. 35), a expulsão dos Judeus por D. Manuel foi uma medida talvez ainda mais *democratica*, porque se seguia á decisão *autocratica* tomada por D. João II quando admittiu os Judeus Hespanhoes.

Ao mesmo tempo, se o aspecto religioso da questão dos Judeus já não era o motivo principal do rancor á raça d'Israel, o Venturoso, "muĩ catholico chriſtão," e "muito inclinado á religião" (Goes, *ob. cit.* Parte IV, fl. 108), não esquecia que era Rei de uma nação christã; expulsando os Judeus, satisfazia as aspirações populares, defendia a Fé em Portugal e uniformi-

ready to make the crossing in the devil's boat, there is a discussion—so brutal that we dare not reproduce it—and finally the demon states that the Jew is not fit to enter his boat, but must be towed along to the infernal regions whither he is bound:

> "You Jew will go in tow
> for you are a very vile person."
> (*op. cit.* fl. xlvii vo.)

Gil Vicente could not have made a more cruel satire. But through all his exaggeration, it is perfectly plain that the poet is seeking to express the general feeling of hatred against the Jews—and that is the important point. Dom Manuel could not ignore this feeling. If in the time of Dom Affonso V the citizens of Lisbon had revolted against their Sovereign when he sought to punish the promoters of the attack upon the Jewish quarter, now that the hatred for the Israelites had increased tenfold with the admission of the hordes from Spain, what explosion might not have taken place had there been the slightest pretext?

In spite of the expulsion and forced conversion of the Jews, this inveterate rancour led to terrible consequences in 1506. If, as Carlos Malheiro Dias rightly says, the introduction of the Inquisition by Dom João III were "a *democratic* measure, in the sense that it corresponded with the popular aspirations" (*op. cit.* p. 35), the expulsion of the Jews by Dom Manuel was perhaps even more *democratic*, because it succeeded the *autocratic* action of Dom João II in admitting them.

While the religious aspect of the question was no longer the chief reason for the hatred against the Jews, Dom Manuel, who was a "very catholic Christian" and "much inclined to religion" (Goes, *op. cit.* Part IV, fl. 108), did not forget that he was the King of a Christian nation; and by driving out the Jews he fulfilled the desire of the people, protected the Faith in Portugal and uni-

zava a crença religiosa do paiz. A estes senti/mentos, devem junctar/se as razões de ordem politica, em grande parte creadas pela proscrip/ção decretada por Fernando e Izabel.

Os Judeus estavam banidos de toda a Penin/sula, exceptuando Portugal, e o Venturoso sabia que o povo era "um aglomerado heterogéneo de religiões e de raças." Se D. Manuel não seguisse o exemplo de Fernando e Izabel, o reino de Portugal passaria a ser o reino d'Israel.

Abrahão Geiger (*Das Judentum und seine Ge/schichte*, p. 282) escreveu que o Judeu era um elemento incapaz de se fundir completamente com os povos dos paizes onde vivia; d'ahi re/sultou entre as populações, primeiro o desejo de repudiar esse elemento estranho, e depois de o expulsar, seja por motivos religiosos ou de odio, seja pelo acordar do instincto nacional que, pouco a pouco, se oppunha ao predominio estrangeiro. J. Lucio d'Azevedo, referindo/se a este problema, e citando um livro (*Israël chez les nations*, p. 90), cujo auctor não póde ser accusado de falta de sym/pathias pelos Judeus, escreve com inteira razão:

"Ao rebate d'este instincto nacional nem os Reis Catholicos, nem o nosso D. Manuel po/diam deixar de attender. A expulsão não era aliás facto novo nos estados da Europa. Havia o pre/cedente da Inglaterra, em 1290, por Eduardo o I; da França em 1306, por Filippe o Bello, sem contar as cidades da Allemanha, Colonia, Augs/burgo, Strasburgo, exemplo seguido mais tarde em Nuremberg, Ratisbonna, e outros logares. Na Hespanha e em Portugal, dado o numero de judeus existentes, mais se justificava a operação. Anatole Leroy/Beaulieu, defensor estrenuo da raça dos destinos tragicos, não lhe desconhece a necessidade, nem lhe contesta a opportunidade. 'Se alguma vez o perigo semitico existiu, (diz) foi certamente para a Peninsula, annexada para a Africa pela conquista Arabe, e outra vez soldada á Europa pela cruz. Ao levantar/se contra judeus e muçulmanos, ella procurava in/stinctivamente dessemitizar/se e desafricanizar/se. Deste modo se explicam os rigores da Inquisição,

M II

fied religious belief. To these feelings must be joined the reasons of a political nature, created in large measure by the proscription of the Jews in Spain.

The Jews were banished from the whole of the Peninsula except Portugal, and the King was well aware that his people were "a hetero/geneous agglomeration of religions and races." If he had not followed the example of Ferdinand and Isabella, the kingdom of Portugal would have become the kingdom of Israel.

Abraham Geiger (*Das Judentum und seine Ge/schichte*, p. 282) says that the Jew was incapable of identifying himself completely with the people of the countries where he lived; in consequence of this, nations first repudiated the extraneous ele/ment, then sought to eliminate it, either for reasons of natural antipathy or religious hatred, or through the awakening of a national instinct which revolted against the predominance of aliens. J. Lucio d'Azevedo refers to this pro/blem, and, citing a book (*Israël chez les nations*, p. 90), whose author certainly cannot be accused of lack of sympathy with the Jews, rightly says:

"Neither the Catholic Sovereigns, nor our Dom Manuel could ignore the repercussions of this national instinct. Nor was expulsion a new occurrence in the states of Europe. The Jews had been banished from England in 1290, by Ed/ward I; from France in 1306 by Philippe le Beau, without counting the German cities of Cologne, Augsburg and Strasburg, whose example was afterwards followed in Nuremberg, Ratisbon, and other places. The action was more justifiable in Spain and Portugal, in view of the number of Jews living there. Anatole Leroy/Beaulieu, an energetic defender of the race of tragic destiny, does not deny the necessity nor contest the oppor/tunity. 'If the Semitic peril ever existed (he says), it was certainly in the Peninsula, joined to Africa by the Moorish conquest and re/attached to Europe by the Cross. In rising against the Jews and the Moslems, she instinctively sought to free herself from Semitic and African influences. This explains the rigours of the Inquisition against

contra judeus e christãos novos.' Estes conceitos merecem que os tenhamos em vista, ao apreciar as providencias, tão severamente julgadas, dos reis Fernando e Isabel, de D. Manuel e D. João III, quando resolveram extinguir nos seus dominios a crença mosaica" (*ob. cit.* pp. 48–49).

Como a data fixada para a partida dos Judeus se approximava, muitos, seja nascidos em Portugal, seja emigrados de Hespanha, converteram-se, mas um grande numero preparou-se a sahir do paiz. É possivel que o Monarcha tivesse pensado, que, com a ordem d'expulsão, conseguiria a conversão da grande maioria dos sectarios da lei de Moysés, e evitaria os inconvenientes economicos que poderiam ser causados pelo exito de milhares de Judeus estabelecidos havia tanto tempo no reino. Vendo, porem, que a maioria preferia a emigração ao baptismo, D. Manuel tomou uma resolução á qual somos obrigados a dar a denominação de cruel e deshumana. O Soberano

"per cauſas que ho a iſſo moueram ordenou que em hum dia çerto lhes tomaſſem a eſtes (Judeus) hos filhos, & filhas de idade de xiiij annos pera baixo, & ſe deſtribuiſſem pelas villas, & lugares do regno, onde à ſua propria cuſta mãdaua que hos criaſſem, & doctrinaſſem na fé de noſſo ſaluador Ieſu Chriſto, & iſto concluiu elRei com ſeu cõſelho eſtãdo em Eſtremoz, & dalli ſe veo a Euora no começo da quareſma do anno de M. ccccxcvij, onde declarou que ho dia aſsinado foſſe dia de Pascoela, & porque nos do conſelho nam houue tanto ſegredo, que ſe nam ſoubeſſe ho que açerqua diſto eſtaua ordenado, & ho dia em que hauia de ſer, foi neçeſſario mandar elRei que eſta execuçam ſe fezeſſe loguo per todo ho regno, antes que per modos, & meos que eſtes Iudeus poderiam ter, mandaſſem eſcondidamente hos filhos fora delle" (Goes, *ob. cit.* Parte 1, fl. 14 vº).

Só podemos encontrar uma desculpa á decisão do Venturoso, cuja indole não era certamente violenta. Essa desculpa é que seguiu, mais uma vez, as pizadas do Principe Perfeito, imitando, em grande, a medida tomada por D. João II em 1493. Como era tambem um Senhor absoluto, D. Manuel tomou uma decisão e mandou-a

Jews and new Christians.' These ideas deserve to be kept in mind when we are judging the much criticised measures taken by Ferdinand and Isabella, Dom Manuel and Dom João III, when they resolved to extirpate the religion of Moses from their dominions" (*op. cit.* pp. 48–49).

As the date fixed for the departure of the Jews drew near, many, both of those born in Portugal and of the Spanish emigrants, allowed themselves to be converted, but numbers made preparations to leave. The King may perhaps have expected the decree of expulsion to bring about the conversion of most of the Israelites, thus avoiding the economic upheaval which might have resulted from the sudden withdrawal of so many thousands of his subjects. When he saw, however, that the majority of them preferred emigration to baptism, Dom Manuel made a decision which we must denounce as cruel and inhuman.

"For reasons which moved him to this, he commanded that on a certain day they should take from these (the Jews) their sons and daughters up to the age of fourteen and distribute them in the towns and places of the Kingdom, where he ordered that they should be brought up at his expense and educated in the faith of Our Saviour Jesus Christ. And the King decided this with his council when he was in Estremoz, and at the beginning of Lent in the year 1497 he went from there to Evora, where he declared that the day fixed had been Low Sunday; but because those of the council were not careful enough to keep people from knowing what had been decided upon and the day when it was to take place, the King was forced to order that the plan should immediately be put into execution throughout the Kingdom, before the Jews, by such ways and means as might be at their disposal, could secretly send their children out of it" (Goes, *ob. cit.* Part 1, fl. 14 vo.).

The only excuse we can find to offer for Dom Manuel, who was certainly not inhuman, is that he was once more following in the footsteps of Dom João II, who had made a similar decree in 1493. As an absolute King, he made a decision and ordered it to be carried out, following Dom João

cumprir, adoptando a concepção politica de D. João II, que entendia que a razão de Estado escu-sava os actos mais deshumanos, quando os con-siderasse necessarios ou convenientes á nação. A expulsão dos Judeus era uma necessidade creada por motivos nacionaes e internacionaes; era mesmo, como dissemos, uma medida *democra-tica*, mas que podia acarretar complicações para a economia do paiz, causadas pelo exito de mi-lhares de habitantes intelligentes e trabalhadores. D. Manuel, vendo que a maioria dos Hebreus não abjurava a sua crença religiosa, e que aban-donaria o paiz, procurou, por um acto de verda-deiro autocrata—tal e qual D. João II—resolver o problema; ordenou a conversão dos Judeus. Se na resolução arbitraria de D. Manuel se póde admittir que houve um desejo sincero de con-verter infieis, não parece haver duvida que o Soberano foi sobretudo movido por causas politicas.

Multiplicadas, repetiram-se as scenas lancinan-tes que tinham tido logar em 1493; commetteram-se atrocidades, e os desgraçados Israelitas soffreram as mais pungentes e horrendas dôres. Paes e mães, a quem queriam arrancar as creanças, matavam os proprios filhos,

"afogandohos, & lançandohos em poços, & rios, & per outros modos, querendo antes vellos acabar desta maneira, q̃ nam apartallos de sim, sem sperança de hos nunqua mais verẽ" (Goes, *ob. cit.* Parte I, fl. 15).

Se a ordem já era deshumana, calcula-se, co-nhecendo o odio que existia, a ferina crueldade com que ella foi executada em todo o reino. Um auctor Hebreu, Abraham ben Solomon, diz no seu *Sepher hakkabbalah* (cuja traducção do hebrai-co devemos á gentileza do Dr Hirschfeld, a quem apresentamos os nossos sinceros agradecimentos), que a ordem cruel fôra aconselhada a D. Manuel por um Judeu convertido chamado Levi ben Shem-Tob. Ignoramos inteiramente quem tenha sido esse Judeu convertido—a quem Abraham

II's idea that reasons of State could excuse the most inhuman acts if they could be deemed necessary or useful to the nation. The expulsion of the Jews was a necessity for national and international reasons; as we have said it was even a *democratic* measure, although the departure of thousands of its most intelligent and hard-working inhabitants might have had serious consequences to the national economics. Dom Manuel, when he saw that most of the Hebrews would quit the country rather than abjure their faith, sought to solve the problem by an act of veritable autocracy—worthy of Dom João II: he ordered the conversion of the Jews. Though it must be admitted that there may have been a sincere desire to convert unbelievers in Dom Manuel's arbitrary decision, there seems to be no doubt that he was chiefly actuated by political motives.

The tragic scenes of 1493 were re-enacted on a larger scale; many savage deeds were done, and the Jews passed through a time of the most poignant grief and horror-stricken anguish. Rather than give up their children, fathers and mothers killed them with their own hands,

"by drowning them, and throwing them into wells and rivers and by other methods, preferring rather to see them die before their eyes in this way than to part from them without the hope of ever seeing them again" (Goes, *op. cit.* Part I, fl. 15).

The order was inhuman enough in itself, but in view of the prevalent hatred, it must have been carried out with the most barbarous cruelty throughout the kingdom. Abraham ben Solomon says in his *Sepher hakkabbalah* (for a translation of which from the Hebrew we are indebted to Dr Hirschfeld, to whom we offer our grateful thanks) that the cruel order was suggested to Dom Manuel by a converted Jew named Levi ben Shem-Tob. We do not know who this Jew—whom Abraham ben Solomon calls ac-

ben Solomon chama maldito—e se deu qualquer parecer a El-Rei.

As primeiras ordens, que limitavam a quatorze annos a edade das creanças que deviam ser tiradas aos Judeus, fôram, ou por zelo maldoso ou por instrucções especiaes, ampliadas: "E porque a tenção del Rei era fazer cristãos a todos, como depois se fizeram, tomaram muytos da idade de xx annos" (*Memor. Mss. da Ajuda*, f. 220, citada por Herculano, *ob. cit.* p. 132).

Os Mouros, egualmente abrangidos pelo decreto de expulsão, receberam um tratamento muito mais favoravel, pois deixáram-os sahir com os seus filhos (ver Goes, *ob. cit.* Parte I, fl. 15–fl. 15 vº).

Executada a ordem pouco christã ácerca das creanças Israelitas, approximava-se a data fixada para a partida dos infelizes sectarios da lei de Moysés, passada a qual—segundo a provisão de Muge—aquelles que ficassem no reino seriam condemnados á morte e teriam os seus bens confiscados. Como não havia navios nos portos que lhes tinham sido assignados para embarcarem, foi dada ordem a todos os Judeus que viessem a Lisboa, para d'alli seguirem viagem. Mais de vinte mil junctáram-se na capital, sendo recolhidos nos *Estaos*, palacio que tinha sido edificado no tempo de D. Affonso V. Ahi, as violencias continuáram, e os desgraçados Hebreus, accumulados n'esse recinto, fôram victimas de toda a especie de crueldades. Desvairados pelo odio, querendo saciar a sede de vingança, e impellidos pelo fanatismo, os homens passáram a ser feras, e os miseraveis Judeus, como um rebanho que se ia immolar, fôram arrastados ao baptismo.

São muitos os auctores que narráram estes tristes e lamentaveis successos (ver Goes, *ob. cit.* Parte I, cap. xx e xxi; Osorio, *ob. cit.* pp. 20–21; Herculano, *ob. cit.* pp. 124 *e seg.*; Schäfer, *ob. cit.* pp. 13–15; F. Dinis, *Historia de Portugal*, vol. III, pp. 198–201; Fortunato de Almeida, *ob. cit.*

cursed—can have been, or whether there is any truth in the story.

The original orders applied only to Jewish children up to fourteen years of age, but were afterwards extended, either through misdirected zeal, or because of special instructions: "And because the King's intention was to make them all Christians, as afterwards they were made, they took many of the age of twenty" (*Memor. Mss. da Ajuda*, f. 220, cited by Herculano, *op. cit.* p. 132).

The Moors, who were also included in the decree of expulsion, received much more favourable treatment, for they were allowed to leave the country with their children (see Goes, *op. cit.* Part I, fl. 15–fl. 15 vo.).

When the un-Christian order about the Jewish children had been carried out, the time limit for the departure of the unhappy Israelites was nearly reached, and, according to the decision made at Muge, those who remained in Portugal after its expiration were to be condemned to death and have their possessions confiscated. There were no boats for them in the ports from which they had been told to embark, so the order was given that all the Jews must go to Lisbon and start their voyage from there. More than twenty thousand congregated in the *Estaos*, a palace built in the time of Dom Affonso V; but their troubles were far from being ended and they were subjected to every kind of outrage. Unbalanced by hatred, thirsting for revenge, and urged on by fanaticism, men turned into wild beasts and dragged the Jews to the baptismal font like victims to a sacrifice.

Many authors have written about these lamentable happenings (see Goes, *op. cit.* Part I, chaps. xx and xxi; Osorio, *op. cit.* pp. 20–21; Herculano, *op. cit.* pp. 124 *et seq.*; Schäfer, *op. cit.* pp. 13–15; F. Dinis, *Historia de Portugal*, vol. III, pp. 198–201; Fortunato de Almeida, *op. cit.* pp. 205–209;

pp. 205–209; Pinheiro Chagas, *ob. cit.* pp. 106–108; Adolfo Benarus, *Os Judeus*, pp. 147–153; Mendes dos Remedios, *ob. cit.* pp. 289–300; Kayserling, *ob. cit.* pp. 130 *e seg.*; Graetz, *ob. cit.* pp. 291–295). Usque, como é natural, conta nas *Tribvlacoens* (fl. ccii vº–fl. cciiii vº) as injustas violencias soffridas pelos filhos de Israel.

O problema fôra resolvido despoticamente; a raça Judaica tinha sido officialmente incorporada na nação, e, ao mesmo tempo, alcançára-se—tambem officialmente—a uniformização da crença religiosa do paiz. Os Judeus, feitos Christãos novos pela conversão forçada, frequentavam as egrejas, porem, como diz Usque, com essa violencia "contra as leys diuinas e humanas ficarom feitos criſtaõs muitos corpos, mas nunca nas almas lhes tocou macula, antes ſempre tiuerom emprimido o ſelo de ſua antigua ley" (*ob. cit.* fl. cciiii vº).

A 30 de Maio de 1497, o Soberano expediu uma provisão concedendo importantes privilegios aos convertidos, e prohibindo que se inquirisse, durante vinte annos, dos seus procedimentos sobre materia religiosa, e ordenando que, passado esse periodo, se alguem os accusasse, se procedesse contra elles como contra qualquer outro subdito. O resultado d'essa provisão foi que os Christãos novos começáram breve a exercer em casa os seus ritos: "eram ao mesmo tempo judeus e catholicos" (J. Lucio d'Azevedo, *ob. cit.* p. 58).

Aos medicos e cirurgiões Christãos novos que ignorassem o Latim, era permittido o uso dos livros hebraicos. Finalmente, D. Manuel concedeu uma amnistia geral a todos os conversos, exceptuando os que viessem de fóra, o que significava evidentemente os refugiados de Hespanha (ver Herculano, *ob. cit.* pp. 136–137; Mendes dos Remedios, *ob. cit.* pp. 300–301).

Mas, apezar de tantos privilegios que indicavam o desejo de D. Manuel, os Judeus, sobretudo os opulentos, tratavam de vender as propriedades e mercadorias que possuiam e, realizando o seu

Pinheiro Chagas, *op. cit.* pp. 106–108; Adolfo Benarus, *Os Judeus*, pp. 147–153; Mendes dos Remedios, *op. cit.* pp. 289–300; Kayserling, *op. cit.* pp. 130 *et seq.*; Graetz, *op. cit.* pp. 291–295). Usque naturally gives a feeling account in the *Tribulations of Israel* (fl. ccii vo.–fl. cciiii vo.) of the cruel injustices suffered by the Jews.

The problem had been despotically solved; officially the Hebrew race had been incorporated into the nation, and at the same time the unification of religious belief in Portugal had officially been carried out. The Jews, who had been forced to become new Christians, frequented the churches, but, in the words of Samuel Usque, as a result of this violation "of human and divine laws, many bodies were made Christian, but no stain ever touched their souls, and they always bore the seal of their ancient law" (*op. cit.* fl. cciiii vo.).

On May 30th, 1497, the King published a decree conceding important privileges to converted Jews, and forbidding any inquiry to be made into their procedure in religious matters for twenty years, and affirming that if at the end of this period any accusations were made against them, they would be investigated as in the case of any other subject. As a result of this provision, the new Christians soon began to carry on their ancient rites in their own houses: "they were Jews and Catholics at the same time" (J. Lucio d'Azevedo, *op. cit.* p. 58).

New Christian doctors and surgeons who were ignorant of Latin were allowed to use Hebrew books. In fact Dom Manuel granted a general amnesty to all converts, except those who came from outside the kingdom, which evidently signified the refugees from Spain (see Herculano, *op. cit.* pp. 136–137; Mendes dos Remedios, *op. cit.* pp. 300–301).

But in spite of all these privileges, which plainly showed Dom Manuel's wish, the Jews, and especially the wealthy ones, tried to sell their property and merchandise, and, realising their

valor em lettras de cambio, abandonar o paiz com os seus cabedaes. Para se evitar que assim succedesse, fôram publicados dois alvarás a 20 e 21 de Abril de 1499, prohibindo a naturaes e estrangeiros

"que fizessem cambios com os christãos-novos sobre mercadorias ou dinheiro...que ninguem lhes comprasse bens de raiz sem licença régia especial; que, finalmente, a nenhum dos novos conversos se consentisse o saír do reino com mulher, filhos e casa, sem permissão expressa d'el-rei" (Herculano, *ob. cit.* p. 140).

Em Hespanha, queria-se que D. Manuel perseguisse os Judeus que d'alli se refugiavam em Portugal; em 1503, o Monarcha expediu um alvará prohibindo que nenhum Castelhano fôsse admittido em Portugal, a menos que podesse provar que não estava envolvido no seu paiz em crimes contra a religião. Mas, como diz Herculano, a emigração continuava, e o fanatismo Hespanhol exigia do Soberano Portuguez a extradição dos criminosos Castelhanos: apezar de ter sido invocada a bulla de 3 de Abril de 1487, que ordenava a todos os Principes a entrega dos Judeus Hespanhoes á Inquisição, D. Manuel não satisfez os pedidos do sogro, certamente devidos ás instancias do Inquisidor Mór, D. Diego Dega, o successor de Torquemada.

Depois das medidas, sem duvida crueis, que tinha tomado, mas que obedeciam a um duplo plano, D. Manuel estava decidido a seguir uma politica de tolerancia. Mas, infelizmente, o odio não abrandava entre o povo, para quem os novos Christãos eram ainda os mesmos Judeus que o tinham opprimido e vexado. A 25 de Maio de 1504, alguns conversos fôram molestados por uma turba de rapazes na rua principal de Lisboa, e d'esse incidente resultou um tumulto (ver Herculano, *ob. cit.* p. 147); em 1505 houve motins em Evora por causa dos Christãos novos.

Alem do rancor que existia, havia fome e peste, e o povo continuava a attribuir todos os seus males aos Judeus. Demais, a população bronca e fanatica sabia

value in bills of exchange, to go out of the country with their capital. To prevent this, two *alvarás* were published on April 20th and 21st, 1499, stating that natives and strangers were forbidden

"to barter merchandise or money with the new Christians...that no one must buy landed property from them without a special royal licence, and lastly that none of the newly converted Jews should be allowed to leave the kingdom with his wife, children and household, without the King's express permission" (Herculano, *op. cit.* p. 140).

Dom Manuel was insistently requested from Spain to punish Jews who took refuge from there in Portugal; in 1503 the King decreed that no Castilian should be admitted into Portugal unless he could prove that he was not involved in any crime against the religion of his country. But, as Herculano says, the emigration went on, and Spanish fanaticism required the Portuguese Sovereign to extradite Castilian criminals: in spite of the invocation of the bull of April 3rd, 1487, requiring all Princes to hand over the Spanish Jews to the Inquisition, Dom Manuel did not fulfil the demands of his father-in-law, who must certainly have been influenced by the importunity of the Inquisitor-General, Don Diego Dega, who had succeeded Torquemada.

After all the measures he had taken, which, though undoubtedly cruel, served a double purpose, Dom Manuel had pledged himself to a policy of tolerance. But, unhappily, hatred was still rampant among the people, for whom the new Christians were still the same Jews who had vexed and oppressed them. On May 25th, 1504, certain converts were molested by some youths in Lisbon, and the incident led to a tumult (see Herculano, *op. cit.* p. 147); in 1505 there were risings against the new Christians in Evora.

In addition to the rancour, which was unabated, there were famine and pestilence in the land, and the people, as ever, attributed all their misfortunes to the Jews. Furthermore, the uneducated and fanatical populace knew

"que em certas casas se celebrava a Paschoa Judaica, com as refeições rituaes. Advertidas as auctoridades, penetraram com o povo de sur- presa nos logares indicados, verificaram o facto, apprehenderam as vitualhas, e levaram em custo- dia as pessoas encontradas; mas, com escandalo do povo, foram estas postas em liberdade poucos dias depois, não faltando quem attribuisse a suborno a clemencia da justiça" (J. Lucio d'Azevedo, *ob. cit.* p. 59).

Todos estes acontecimentos prepararam a ex- plosaõ do odio accumulado contra os Judeus, e que rebentou quando uma faisca foi lançada na egreja de S. Domingos em 1506. A narração dos crimes atrozes praticados pelo povo, "algoz descaroavel," maculou com uma triste nodoa algumas paginas da nossa historia; esses barbaros successos não teem desculpa e fazem-nos estre- mecer de horror; mas fôram a consequencia de um inveterado e implacavel odio de seculos (ver Usque, *ob. cit.* fl. ccv–fl. ccvi v°; Goes, *ob. cit.* Parte I, cap. cii, e todos os auctores que citámos).

Depois de contar a chacina deshumana que custou a vida a uns dois mil desgraçados con- versos, victimas do odio e fanatismo da popu- lação da capital, Usque exclama:

"Eſpada, eſpada, aguçada, ⁊ açacalada pera matança ſe aguçou ⁊ açacalou, eſta ſera no meu pouo, eſta ſe desbaynhara contra os principaes de Yſrael, eſta he eſpada de matança grande que os penetrara pera lhes deſleixar os coraçoẽs, ⁊ pera que muitos cayam antes ſuas portas; vela aquy eſecutada neſta matança."

Um supposto milagre na egreja de S. Domin- gos foi a origem da catastrophe que, na verdade, era "a explosão de odios comprimidos por annos e seculos" (J. Lucio d'Azevedo, *ob. cit.* p. 60). O povo, incitado pelo atroz fanatismo de dois frades dominicanos, tornou-se selvagem, e com- metteu os crimes mais hediondos, roubando, assassinando e queimando os desgraçados Chris- tãos novos.

"Segundo o costume, ao fanatismo tinham vindo associar-se todas as ruins paixões, o odio, a vingança covarde, a calumnia, a luxuria, o

"that in certain houses the Jewish Passover was celebrated, with the ritual repasts. The authori- ties were informed, and, with the people, paid a surprise visit to the places indicated; they verified the accusation, seized the victuals, and took the persons they found to prison; but, to the amaze- ment of the people, these were released a few days later, and not a few attributed the mild- ness of the punishment to bribery" (J. Lucio d'Azevedo, *op. cit.* p. 59).

All these happenings prepared the way for a tremendous explosion when the brand was thrown in the church of S. Domingos in 1506. The story of the barbarous reprisals made by that "stony executioner," the people, fills some of the black- est pages of our country's history; there is no ex- cuse for them, but they were the outcome of centuries of hatred (see Usque, *op. cit.* fl. ccv– fl. ccvi vo.; Goes, *op. cit.* Part I, chap. cii, and all the other authors we have cited).

After describing the inhumanity with which some two thousand miserable converts were done to death, victims of the hatred and fanaticism of the citizens of Lisbon, Usque exclaims:

"Sword, sword, sharpened and polished, sharpened and polished for the massacre, this shall be among my people, this is the sword of the great massacre which pierced them through, so that their hearts failed them and many fell be- fore their own doors; see it here put to use in this massacre!"

A supposed miracle in the church of S. Do- mingos was the cause of the catastrophe, "the explosion of hatred repressed for years and cen- turies" (J. Lucio d'Azevedo, *op. cit.* p. 60). The people, spurred on by the fanaticism of two Dominican friars, went wild, and committed the most hideous crimes, pillaging, assassinating and burning the new Christians.

"As usual, all the most evil passions were joined to fanaticism—hatred, cowardly ven- geance, calumny, lust, robbery. Deep-rooted

roubo. As inimizades profundas achavam no motim popular ensejo favoravel para atrozes vinganças, e muitos christãos-velhos foram levados ás fogueiras com os neophytos judeus. Alguns só obtinham salvar-se mostrando publicamente deante dos assassinos que não eram circumcidados" (Herculano, *ob. cit.* pp. 155–156).

Durante tres dias, a populaça fez correr o sangue, até que ella se dissolveu, parte por já não ter victimas ou forças para matar, parte por receio das tropas d'El-Rei que vinham restabelecer a ordem na capital.

"D. Manuel, enraivecido pelo ultraje à sua autoridade e revoltado contra os desmandos sangüinários da plebe, exautorou Lisboa dos seus fóros, ordenou implacáveis castigos nos culpados e mandou executar os frades que haviam incitado o povo à hedionda carnificina. Tudo fôra, porém, baldado. Nem os hebreus repudiavam a sua crença ancestral, nem o ódio declinava no povo" (Malheiro Dias, *ob. cit.* pp. 33–34; ver tambem Goes, *ob. cit.* Parte I, cap. ciii; Herculano, *ob. cit.* pp. 157–160; J. Lucio d'Azevedo, *ob. cit.* p. 61; Freire de Oliveira, *ob. cit.* pp. 395–401; Fortunato de Almeida, *ob. cit.* pp. 244–247).

Após os sanguinolentos successos, pensou-se em fazer sahir da capital todos os conversos:

"mas logo se mandou sobre-estar, para não parecer, diz a carta regia, 'fraqueza de justiça, e tambem sahindo-se juntos se poderia seguir um alvoroço.' As providencias tomadas foram sufficientes, restabeleceu-se o socego, e os hebreus, satisfeitos pela repressão, não abandonaram Lisboa, como aliás lhes fôra facultado. Talvez por isso mesmo, e por lhes dar uma prova de lealdade, o soberano determinou, em 1 de Março de 1507, que em qualquer occasião pudessem sahir do reino livres e desembaraçados, levando comsigo os bens. Logo depois, por decreto de Thomar, de 13 de Março, confirmou a isenção do inquerito sobre crimes contra a fé, concedida em 1497. Este privilegio foi mais uma vez pro-

enmities found in the popular rising a favourable opportunity for terrible vengeance, and many old Christians were borne to the stake with the Jewish neophytes. Some could only save themselves by publicly showing the assassins that they were not circumcised" (Herculano, *op. cit.* pp. 155–156).

This merciless shedding of blood went on for three days, and then, partly because they could find no more victims and had no strength left to kill, and partly for fear of the troops the King had called up to re-establish law and order in the capital, the mob dispersed.

"Dom Manuel, infuriated by the outrage to his authority and revolted by the bloodthirsty demands of the populace, deprived the city of Lisbon of its privileges, imposed severe punishments upon the guilty and ordered the execution of the friars who had incited the people to the dreadful carnage. But all was in vain; the Hebrews did not repudiate their ancestral beliefs, nor did the people's hatred diminish" (Malheiro Dias, *op. cit.* pp. 33–34; also see Goes, *op. cit.* Part I, chap. ciii; Herculano, *op. cit.* pp. 157–160; J. Lucio d'Azevedo, *op. cit.* p. 61; Freire de Oliveira, *op. cit.* pp. 395–401; Fortunato de Almeida, *op. cit.* pp. 244–247).

After these sanguinary happenings there was some thought of sending all the converts out of the capital,

"but this was afterwards overruled, so that, says the royal letter, it might not appear to be a 'weakening of justice, and also because if they went together there might be an uproar.' The measures taken were sufficient, peace was re-established, and the Hebrews, satisfied with the restraint put upon the people, did not quit Lisbon, as it had been made possible for them to do. Perhaps for this very reason, and also to prove his good faith, the Sovereign determined on March 1st, 1507, that they could leave the kingdom freely and without hindrance whenever they liked, taking their possessions with them. Immediately afterwards, by a decree published in Thomar on March 13th, he confirmed the privilege conceded in 1497, that no attempt should be made to con-

longado em Abril de 1512, por mais dezeseis annos" (J. Lucio d'Azevedo, *loc. cit.*; ver também Fr. Francisco Brandão, *ob. cit.* Parte VI, fl. 17; Herculano, *ob. cit.* pp. 161 *e seg.*).

Desde 1507 até 1521, anno em que falleceu, D. Manuel seguiu uma politica de tolerancia, e, graças á sua protecção, os Christãos novos gozáram de paz e tranquillidade.

Tendo examinado a questão dos Judeus em Portugal, sobretudo depois da invasão dos correligionarios Hespanhoes, Malheiro Dias escreveu estas palavras notaveis:

"D. Manuel encontrara assim agravado o aspecto social do problema. Espírito culto e essencialmente utilitário, verdadeiro principe da Renascença, sem o carácter escrupuloso e puritano do filho, aplicou um critério de oportunismo político ao caso embaraçoso. A resolução desumana do novo Herodes, de expulsar os israelitas—aliás tam conforme ao rancor que os povos peninsulares alimentavam contra os hebreus—foi-lhe imposta pela razão de Estado: obedeceu ao empenho de aliar-se à filha dos reis Católicos, reünindo sôbre a cabeça do descendente as três coroas de Portugal, Castela e Aragão. Dado êsse passo, e tendo medido as ruïnosas conseqüências de um êxodo que desfalcava o país em população, em cabedais e em aptidões, D. Manuel tentou por métodos maquiavélicos e crueis resolver definitivamente o grave problema secular da política interna portuguesa, e cominatòriamente decretou a conversão em massa. Se fôra possível o éxito de tal processo, tôdas as violências que êle impunha haveriam sido resgatadas pelas conseqüências salutares que daí adviriam. D. Manuel parece ter acreditado na vitória do seu sistema, que lhe poupava os súbditos e fazia desaparecer, perante o fanatismo bronco do povo, um dos factores justificativos das dissenções entre os prosélitos de dois crédos irreconciliáveis. Ao morrer, em 1521, deixara em vigor leis que protegiam os cristãos-novos e consubstanciavam a sua política de espectativa" (*ob. cit.* pp. 32–33).

M II

vict them of crimes against the Faith. This was again extended for a further sixteen years in April, 1512" (J. Lucio d'Azevedo, *loc. cit.*; also see Fr. Francisco Brandão, *op. cit.* Part VI, fl. 17; Herculano, *op. cit.* pp. 161 *et seq.*).

From 1507 until his death in 1521, Dom Manuel carried out a policy of tolerance, and under his protection the new Christians enjoyed peace and well-being.

Carlos Malheiro Dias makes the following notable comment on the question of the Jews in Portugal, especially after the coming of their coreligionists from Spain:

"Dom Manuel found the social aspect of the problem thus aggravated. A cultured and essentially utilitarian mind, a true prince of the Renaissance, without the scrupulous and puritanical character of his son, he applied the standards of political convenience to the perplexing case. The inhuman decision of this new Herod to banish the Israelites—which was moreover in accord with the rancour nurtured by the peoples of the Peninsula against the Hebrews—was imposed upon him by reasons of State: it obeyed his obligation to ally himself with the daughter of the Catholic Sovereigns, thus uniting the three crowns of Portugal, Castile and Aragon upon the head of his successor. Having taken this step and measured the disastrous consequences of an exodus which would reduce his country in population, in capital and in ability, Dom Manuel sought by cruel and Machiavellian means to find a definite solution to the grave secular problem affecting Portugal's internal politics, and under threats decreed a mass conversion. Had it been possible to carry out such an action successfully, all the cruelties he imposed would have been redeemed by the salutary consequences. Dom Manuel seems to have believed in the victory of his system, which saved his people and hid from their rough fanaticism one of the most justifiable causes of dissension between the adherents of two irreconcilable creeds. When he died in 1521, he left laws in force which protected the new Christians and substantiated his hopeful policy" (*op. cit.* pp. 32–33).

A expulsão dos Judeus foi, sem duvida, uma necessidade imposta a D. Manuel pela razão de Estado; a conversão forçada foi uma medida machiavellica, digna de D. João II, que não podemos approvar, mas que o intento explica e desculpa. A maioria dos escriptores teem apontado D. Manuel como o algoz do povo de Israel em Portugal, e por esse motivo, o Venturoso tem sido injustamente atacado. Porem, os chronistas Hebreus, reconhecidos a D. Manuel, chamáram-o o *Pio Rei*, e em certas familias Israelitas, o Soberano era conhecido pelo nome de *el Rey Judeo* (ver Kayserling, *ob. cit.* p. 154; J. Lucio d'Azevedo, *ob. cit.* p. 62). Esse cognome era provavelmente conhecido de Gil Vicente em 1532, anno em que foi representado diante de D. João III o seu *Auto da Luſitania*, pois, alludindo a D. Manuel, o Judeu Jacob diz:

> "ꝛ temos ja aqui elRey
> ſancto mais que Rey daui"
> (*ob. cit.* Livro Qvarto, fl. ccxl v°).

Em 1923, quando já tinhamos começado os nossos estudos sobre o reinado do Venturoso, pedimos certas informações á *Portugeesch-Israelietische Gemeente* de Amsterdam ácerca da attitude de D. Manuel para com os Judeus. A carta que possuimos, escripta pelo secretario da communidade de Amsterdam ao secretario da *Spanish and Portuguese Synagogue* de Londres—a ambos apresentamos os nossos reconhecidos agradecimentos—diz nada existir a esse respeito nos seus archivos, o que não espanta, visto os Judeus Portuguezes só terem chegado a Amsterdam em 1593, quer dizer mais de setenta annos depois da morte do Venturoso. Comtudo, dá uma informação valiosa: que os Judeus que vieram para Amsterdam conservavam com saudade e gratidão a memoria do Monarcha que cuidára do seu bem estar. Vê-se, por consequencia, que a má vontade dos escriptores contra D. Manuel não foi inspirada por qualquer malevolencia dos Judeus Portuguezes.

The expulsion of the Jews was no doubt a necessity imposed upon Dom Manuel by reasons of State; the forced conversion was a Machiavellian measure worthy of Dom João II, and which we cannot approve, though its aim may explain and excuse it. Most writers have represented Dom Manuel as the executioner of the people of Israel in Portugal, and he has for this reason been unjustly attacked; but the Hebrew chroniclers, in their gratitude, have called him the *Pious King*, while in certain families he was known as *el Rey Judeo* (the Jewish King) (see Kayserling, *op. cit.* p. 154; J. Lucio d'Azevedo, *op. cit.* p. 62). This appellation was probably known to Gil Vicente in 1532, when his *Auto da Luſitania* was presented before Dom João III, for there the Jew Jacob says, with reference to Dom Manuel,

> "and we have already a King here
> more holy than King David"
> (*op. cit.* Book IV, fl. ccxl vo.).

In 1923, when we had already begun to study the reign of the Fortunate King, we asked the *Portugeesch-Israelietische Gemeente* of Amsterdam for information about Dom Manuel's attitude towards the Jews. A letter in our possession from the secretary of the Amsterdam community to the secretary of the Spanish and Portuguese Synagogue of London—to both of whom we offer our grateful thanks—states that there is nothing on the subject in the Amsterdam archives, which is not surprising, since the Portuguese Jews did not reach the city until 1593, that is more than seventy years after Dom Manuel's death. We learn, however, that the Jews who went to Amsterdam retained a grateful memory of the King who had done so much for their welfare. It is therefore clear that the aversion of certain writers for Dom Manuel is in no way due to any ill-feeling on the part of the Portuguese Jews.

Quatro seculos tinham passado sobre a ex-pulsão dos Judeus de Portugal e a sua conversão forçada, quando um crime atroz e infame, que cubriu de vergonha a nação, fez subir ao throno de Portugal um novo D. Manuel, tambem Duque de Beja. N'essa dolorosa occasião de lucto, o Soberano recebeu, escripto em antigo Portuguez, um commovido e vehemente protesto dos Judeus Portuguezes de Amsterdam contra o cobarde e hediondo attentado; na verdade, essa carta dos descendentes d'aquelles que tanto tinham soffrido foi uma consolação para um coração que sangrava: e quem a recebeu, jamais a esqueceu.

Four centuries had passed since the expulsion of the Jews from Portugal and their forced conversion. An infamous crime, which covered the nation with shame, brought another Dom Manuel Duke of Beja to the throne of Portugal. In his hour of sorrow he received a moving and vehement letter, couched in ancient Portuguese, from the Portuguese Jews in Amsterdam, protesting against the dastardly attack; this message from the descendants of those who had so greatly suffered was indeed a consolation for a bleeding heart, and he who received it will never forget it.

Dialogo Primeiro. i
Consolaçã As tribulaçoẽs de Ysrael. cõposta per Samuel Usque.
Ycabo. Numeo. e Zicareo.
Pastores.

Ycabo.
CONVENIENTE lugar pera chorar meus males, e sobir ao derradeiro çeo meus gimidos. Vos outros soos aruores, e mansas agoas, despostas ame ouuir, ouui, e doeiuos de minhas lastimas: dessalesçidos espiritos, lassos equebrantados membros, graue peso de soster, esforçaiuos: olhos cansados da jaa tam seca vea soltai mil a mil lagrimas de sangue; altas e çerradas ramas que os rayos da debilitada vista me detendes, afastaiuos hum pouco, sayram sobellas nuues meus continos e lastimosos sospiros: e day lugar que se ouçam meus bramidos em todalas quatro partes da terra. Tu larga bem auenturada e grande Asia de preçiosas Joyas semeada: de nobres e ricos aruores
A

Terceiro.

¶ Quando os fizerom cristaõs por forço. 28. Portugal Año. 5257.

Rey dõ Manoel.

ACabado q̃ ouue a morte de arrebatar este rey dõ Johaõ q̃ perseguido me auia tam cruelmente neste mundo: outro tal meu ymigo recebeo logo o ceptro em seu lugar, este nam se deteue muito como ouue acoroa que me nam afadiguase, antes mandou a pregoar que todos aquelles judeos que em seu reino se achauam se fizesem cristaõs ou se saysem de Portugal em hũ certo termo e nam se sayndo, achados que fossem sendo ynda judeos morresem morte natural e perdesem as fazendas por ysso, este pregam muito entristeceo todos meus filhos, por que a alma jaa lhe adeuinhaua que mor mal outro q̃ desterro queria aquelle ymigo meu acometer, e deliberaromse partir, e com perda de suas fazendas se mal entrouxarom pela breuidade do termo, e puseronse aponto de sayrse, mas entẽdida que teue Elrey a resoluçaõ dos judeos: e quanto pouco mostrauaõ estimar o desterro em lugar da troca de sua ley, começou dar a entender sua maa ten

96 Duas paginas da *Consolacam as Tribvlacoens de Israel* de Samuel Usque
Two pages from the *Consolacam as Tribvlacoens de Israel* of Samuel Usque
Ferrara, 1553

HISTORIA, DA ANTIGVIDADE DA CIIDADE EVORA.

Fecta per Meestre Andree de Reesende.

M.D.LIII.

97 Folha do rosto da *Historia de Evora* de André de Resende
Title-page of the *Historia de Evora* of André de Resende
Evora, 1553

76 ANDRÉ DE RESENDE, HISTORIA, DA ANTIGVIDADE DA CIIDADE EVORA.

Evora, André de Burgos, 1553.

HISTORIA, DA | ANTIGVIDADE | DA CIIDADE | EVORA. | Fecta per Meeſtre | Andree de Ree | ſende. | M.D.LIII.
Rosto enquadrado por tarjas[1].

[fl. 1 vo.] A ho Principe noſſo | ſenhor. [...]

[fl. 3 vo.] A hos vereadores, procurador, | & ſcriuão da camara da muito | noble & ſempre leal cijdade | Euora, meeſtre Andree | de Reeſende. [...]

[fl. 5 vo.] [...] Do vero nome deſta cijdade. Ca. ij. [aliás j.] [...]

[fl. 47] Fala que meeſtre Andree | de Reeſende fez aa Princepſa | domna Ioanna noſſa ſenho | ra, quando logo veo a | eſtes regnos, na en- | trada da cijdade | Euora. [...]

[fl. 48 vo.] [...] LAVS DEO.

[fl. 49] Tabula de algũas couſas mais | notauees que en eſta hiſtoria | ſe contẽen. [...]

[fl. 54 vo.] [...] FINIS.

[fl. 55] Foi impreſſa eſta hiſtoria da | antiguidade da muito no- | ble & ſempre leal cijda- | de Euora, en ha meeſ | ma cijdade. Per An | dree de Burgos, | impreſſor do | Cardẽal, | Infante | a hos. xxvj. dias de Octubro. | M, D. LIII.

8º—[55] folhas—19 linhas—sem reclamos.
Numeração dos cadernos: a–f, 8 folhas cada caderno; g, 7 folhas; total de 55 folhas.

Encadernação de marroquim vermelho.

8vo.—[55] leaves—19 lines—no catchwords.
Collation by signatures: a–f, each 8 leaves; g, 7 leaves; total 55 leaves.

Red morocco binding.

A primeira edição da *Historia, da Antigvidade da Ciidade Evora*, "fecta per Meeſtre Andree de Reeſende," foi impressa em 1553, "en ha meeſma cijdade," por André de Burgos "impreſſor do Cardẽal Infante."

Entre outros auctores, referem-se a este livro raro: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. 1, p. 165), Innocencio (*Diccionario*, vol. 1, p. 66), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 485), Sousa Viterbo

The first edition of the *Historia, da Antigvidade da Ciidade Evora*, "made by Master André de Resende," was printed "in the same city" in 1553 by André de Burgos "printer to the Cardinal Infante."

Among the bibliographers who refer to this rare book are: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. 1, p. 165), Innocencio (*Diccionario*, vol. 1, p. 66), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 485),

[1] *Border on title-page.*

(*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 21), Anselmo Braamcamp Freire (*Bibliografia Resendiana—Archivo Historico Portuguez*, vol. IX, p. 292), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 380), que mencionam a existencia de um exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e de um outro na Bibliotheca do Porto.

Tito de Noronha (*A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, pp. 24–25, nota 13) diz-nos que André de Burgos

"era caſtelhano, como o nome indíca, e residíra antes em Sevilha, e temos viſto obras por elle alli impreſſas (1543–1547). Em Burgos houve tambem, no ſeculo anterior, um Juan de Burgos, que imprimia em 1490 a *Chronica troyana*. Tambem encontrâmos noticia de *Las Decadas de Tito Livio, traducidas en lengua caſtellana, por D. Pedro Lopez Ayala,*—impreſſas *en Burgos por Andres de Burgos. Año...de mil y quiniẽtos y cinco años.* Eſte André de Burgos, que em 1505 imprimiu em Burgos, não póde ſer o meſmo que em Portugal teve prelos deſde 1553 a 1583. Talvez foſſe aſcendente do noſſo André de Burgos, e porventura filho de Juan de Burgos, impreſſor em Sevilha. A André de Burgos ſuccedeu Martim de Burgos, ſeu filho, tambem impreſſor em Evora."

Tito de Noronha, na sua lista de impressores (*ob. cit.* pp. 25–29), não menciona os *Herdeiros de André de Burgos*, que imprimiram em Evora, mas sem data, *La tercera parte de la Coronica del muy excelente Principe dõ Floriſel de Niquea*; o seu filho *Christovão de Burgos*, que imprimiu o *Capitulo vinte y ocho de las adiciones del Manual de cõfeſſores del doctor Martin ꝺ Azpilcueta Nauarro* em 1581; e nem mesmo a *Viuva de André de Burgos*, que imprimiu em 1582 e 1583 o *Tratado que escrivio la Madre Tereſa de Iesus* e *La vida de ſan Alberto* (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nos 422–425). Segundo os mesmos auctores, a ultima obra datada que se conhece de André de Burgos é de 1579 (*ob. cit.* nº 418). Como Tito de Noronha (*loc. cit.*) diz que o nosso "imprimidor" teve officina typographica de 1553 a 1583, parece-nos que este bibliographo englobou no numero

Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 21), Anselmo Braamcamp Freire (*Bibliografia Resendiana—Archivo Historico Portuguez*, vol. IX, p. 292), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 380), who mention a copy in the Lisbon National Library and another in the Oporto Library.

Tito de Noronha (*A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, pp. 24–25, note 13) says that André de Burgos,

"as his name indicates, was Spanish, and had formerly lived in Seville, and we have seen books printed by him there (1543–1547). In Burgos, the century before, there was also a Juan de Burgos who printed a *Chronica troyana* in 1490. We also find records of *Las Decadas de Tito Livio, traducidas en lengua caſtellana, por D. Pedro Lopez Ayala*—printed *en Burgos por Andres de Burgos. Año...de mil y quiniẽtos y cinco años.* The André de Burgos who printed in Burgos in 1505 cannot be the same man who had a press in Portugal from 1553 to 1583. He may perhaps have been a relation, and was perhaps the son of Juan de Burgos, the printer of Seville. André de Burgos was succeeded by his son Martim de Burgos, who also printed in Evora."

In his list of printers (*op. cit.* pp. 25–29) Tito de Noronha does not mention the *Heirs of André de Burgos*, who printed *La tercera parte de la Coronica del muy excelente Principe dõ Floriſel de Niquea* in Evora with no date; or his son *Christovão de Burgos*, who printed the *Capitulo vinte y ocho de las adiciones del Manual de cõfeſſores del doctor Martin ꝺ Azpilcueta Nauarro* in 1581; or even the *Widow of André de Burgos*, who printed the *Tratado que escrivio la Madre Tereſa de Iesus* and *La vida de ſan Alberto* in 1582 and 1583 (see Anselmo and Proença, *op. cit.* nos. 422–425). According to the same authors (*op. cit.* no. 418), the last known dated work of André de Burgos is of 1579. As Tito de Noronha (*loc. cit.*) says that our printer worked from 1553 to 1583, he must have added to the list of books printed by

das obras estampadas por André de Burgos, as que fôram impressas pelos seus herdeiros, a sua viuva e o seu filho Christovão: apezar d'isso, indica sómente trinta e duas obras sahidas dos prelos do "impreſſor do Cardeal Infante," em quanto que Anselmo e Proença (*ob. cit.* nos 379–421) descrevem quarenta e tres. Comtudo, não conhecem um unico exemplar de quatorze d'essas obras, e das restantes contam-se doze das quaes mencionam apenas o paradeiro de um exemplar de cada uma d'ellas. Tambem não se póde dizer, com segurança, o anno em que André de Burgos começou a imprimir: a sua primeira obra conhecida e datada é a *Historia, da Antigvidade da Ciidade Evora* de 1553, mas é possivel que tenha estampado, em 1551 ou 1552, *A Paixã de Jesu Xpõ*, obra a que se referem Innocencio (*Diccionario*, vol. VI, p. 333) e Anselmo e Proença (*ob. cit.* nº 379). Ácerca do impressor de que nos occupamos, os mesmos auctores dão-nos estas informações curiosas:

"Não obstante a protecção que certamente o Cardial-infante lhe dispensava, André de Burgos foi em 1559 condenado a um ano de degrêdo para fora de Évora, *por se dizer que ensinava a fazer cartas de jogar*, sentença que ao fim de dois meses lhe foi perdoada. Registemos ainda um abuso por êle cometido com a publicação, em 1576, do *Livro do Rosario* de Fr. Nicolau Dias, sem o consentimento do autor. Tais factos não abonam muito a probidade dêste impressor. Marca propriamente nenhuma usou, a não ser que consideremos como tal a esfera armilar e o escudo das armas reais com o grifo no timbre, de que tantos dos nossos impressores quinhentistas fizeram uso. As impressões de André de Burgos e seus herdeiros são em geral pouco perfeitas, sem reclamos nem paginação, o papel grosseiro e os caractéres, góticos, redondos e itálicos, bastante antiquados."

Não ha duvida que André de Burgos já pertence ao periodo da decadencia da imprensa em Portugal no seculo XVI; comtudo, se os caractéres são antiquados, e algumas das impressões pouco perfeitas, outras, taes como esta *Historia, da*

André de Burgos, those printed by his heirs, his widow, and his son Christovão; but even so, he attributes only thirty-two books to the "printer to the Cardinal Infante," while Anselmo and Proença (*op. cit.* nos. 379–421) describe forty-three. It is, however, worthy of note that they know no copy of fourteen of these works, and can trace only one each of twelve others. The year when André de Burgos began to print cannot be definitely stated either: his first known dated work is the *Historia, da Antigvidade da Ciidade Evora* of 1553, but he may possibly have printed *A Paixã de Jesu Xpõ*, to which Innocencio (*op. cit.* vol. VI, p. 333) and Anselmo and Proença (*op. cit.* no. 379) make reference, in 1551 or 1552. The latter writers give us the following interesting information:

"Notwithstanding the protection which was certainly accorded to him by the Cardinal Infante, André de Burgos was condemned in 1559 to one year of banishment, *because it was said that he taught how to make playing cards*, a sentence which was annulled at the end of two months. We must record still another offence committed by him, with the publication in 1576 of the *Livro do Rosario* of Frei Nicolau Dias, without the author's consent. Such facts do not greatly commend the probity of this printer. He did not use any real mark, unless we consider as such the armillary sphere and the royal coat of arms with the griffin crest, of which so many of our XVIth century printers made use. The editions issued by André de Burgos and his heirs do not usually show any great perfection, and are generally without catchwords or pagination, on coarse paper, in somewhat antiquated Gothic, Roman or italic type."

There is no doubt that André de Burgos belongs to the period of decadence of Portuguese XVIth century printing; but though some of his works were of low standard, others, like this *Historia, da Antigvidade da Ciidade Evora*, the *Vrbis*

Antigvidade da Ciidade Evora de André de Resende, 1553, a *Vrbis Olisiponis Descriptio* de Damião de Goes, 1554, e o *Livro das Obras de Garcia de Resende*, 1554, fôram impressas com grande nitidez.

O proprio André de Resende refere-se favoravelmente á impressão da sua *Historia* de Evora, pois, na carta *A ho Principe noſſo ſenhor*, escreve:

"Receba. V.A. ha voõtade com que lho offereſço (o livro), & ſe hos caracteres da impreſſam lhe pareſcerem bõos & de bõo talho, ſaiba q̃ inda tẽemos cinquo ou ſex differencias delles, para q̃ fauoreſça ho impreſſor com el Rei noſſo ſenhor voſſo pae."

Até 1555, anno em que sahiu dos seus prelos o *Contemptus mũdi* (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 386), intitulou-se sempre "impreſſor do Cardeal Infante": em 1557 passou a ser "impreſſor ⁊ caualleiro da caſa do ſenhor Cardẽal iffante." N'uma obra de Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*, 1569 (Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 396), da qual possuimos um bello exemplar, denominou-se "Caualleiro da caſa do Cardeal Iffante, & imp̃ſſor da vniuerſidade de Euora." É a unica obra conhecida em que usou do titulo de impressor da Universidade de Evora. Anselmo e Proença (*ob. cit.*) dizem que Martim de Burgos "teve o privilegio da Universidade de Evora," mas não indicam que o pae o tivesse tido: Tito de Noronha (*loc. cit.*) tambem não se refere a esse privilegio, e como o titulo se encontra n'uma só obra, é possivel que o nosso "imprimidor," em vista das outras irregularidades commettidas, se servisse d'esse privilegio sem o possuir: é meramente uma hypothese. Ignoramos a data da morte de André de Burgos, mas já tinha quasi com certeza fallecido em 1581, pois o seu filho Christovão começou a imprimir n'esse anno em Evora.

A *Historia, da Antigvidade da Ciidade Evora* é precedida de duas cartas do auctor: uma, que já citámos, dirigida "A ho Principe noſſo ſenhor," e a outra: "A hos vereadores, procurador, &

Olisiponis Descriptio of Damião de Goes, 1554, and the *Livro das Obras de Garcia de Resende*, 1554, were printed with great neatness.

André de Resende himself refers to the printer of his history of Evora in the letter "To the Prince our Lord," saying:

"May Your Highness receive (this book) in the spirit in which it is offered, and if the type should seem to you good and well cut, know that we have five or six different kinds, so that the printer may find favour with the King our Lord your father."

Until 1555, when he produced the *Contemptus mũdi* (see Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 386), Burgos always entitled himself "printer to the Cardinal Infante": in 1557 he became "printer and knight of the household of the Lord Cardinal Infante." In Frei Heitor Pinto's *Imagem da Vida Christam*, 1569 (see Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 396), of which we possess a beautiful copy, he calls himself "knight of the household of the Cardinal Infante and printer to the University of Evora"; but that is the only known work where he uses the title. Anselmo and Proença (*op. cit.*) say that Martim de Burgos "had the privilege of Evora University," but they do not mention that it was held by his father; nor does Tito de Noronha (*loc. cit.*) refer to this privilege. As the title appears in only one work, it is possible that, in view of his other irregularities of conduct, he made use of it without official permission—though this is, of course, only a hypothesis. We do not know the date of André de Burgos' death, but it must almost certainly have been before 1581, when his son Christovão began to print in Evora.

The *Historia, da Antigvidade da Ciidade Evora* is preceded by two letters, one, which we have already mentioned, addressed "To the Prince our Lord," and the other "To the aldermen, attorney

ſcriuão da camara da muito noble & ſempre leal cijdade Euora." O "Principe noſſo ſenhor" era o Principe D. João, oitavo filho d'El-Rei D. João III e da Rainha D. Catharina, nascido em Evora a 3 de Junho de 1537, a quem Resende escrevia nos seguintes termos:

"LEmbrame que beiſando eu ha mão a. V.A. en Almerin, oclhou. V.A. pa ho arcebiſpo de Liſbõa & pergũtou lhe quem eu era, & tornando ſe a mi, me dixe que lhe perdõaſſe que me non cogneſcera."

Estas palavras podiam referir-se a scenas identicas passadas nos nossos dias, pois, hoje, como ha seculos, e apezar da memoria proverbial dos Reis e dos Principes, é facil esquecer um nome ou uma physionomia. Ás vezes, acontece que a pessoa que não foi reconhecida, fica melindrada; mas esse não foi o caso com Mestre André, pois accrescenta:

"A eſta tã real humanidade eu nõ tiue entam mais que reſponder, ſaluo q̃ plazeria a đs con longa vida de voſſa alteza darme a mi graça de lhe fazer algũo ſeruiço per õde me melhor cogneſceſſe....Hora medindo minhas forças, & conſiderando que hos homẽes dados aas leteras, com leteras ſeruẽ a hos Reis & principes...pareſceo me bẽe tornar ante voſſa. A. com eſta hiſtoria deſta ſua cijdade Euora. Que por. V.A. en ella naſcer, tẽemos ſabido que voſſa A. lhe quer bẽe quomo a patria, & ella a. V.A. ama quomo a filho."

Depois, na carta "a hos vereadores," diz-nos Mestre André:

"Vos me pediſtes que vos quiſeſſe communicar ho que do antiguo de eſta cijdade Euora noſſa patria, tinha alcançado, & darvollo per ſcripto."

Accrescenta que tendo todo o seu tempo "occupado en hũo liuro de architectura per mãdado de el rei noſſo ſenhor," não lhe resta muito vagar para escrever esta obra, mas que determinou "dar aa patria hũa duzia de madrugadas deſte dezẽbro: & põer ẽ ſtilo ho q̃ me pediſtes."

Ao principiar a sua *Historia*, Resende declara que não quere—como outros que teem o atrevi-

M II

and clerk of the corporation of the very noble and ever loyal city of Evora." The "Prince our Lord" was Prince João—the eighth son of King João III and Queen Catharina—who was born in Evora on June 3rd, 1537; and the letter to him begins:

"I remember that when I kissed Your Highness' hand in Almeirim, Your Highness looked towards the Archbishop of Lisbon and asked him who I was, and, turning to me, asked me to pardon you for not recognising me."

These words might equally well refer to similar scenes of the present day, for now, as then, in spite of the proverbial memory of Kings and Princes, it is easy to forget a name or a face. Sometimes the unremembered person is offended, but this was not the case with *Mestre* André, who adds:

"To this very royal humanity I could then make no other reply than to hope it might please God to grant Your Highness long life and to give me grace to do you some service, by which you would be able more easily to recognise me.... Now, having measured my powers and considered that men who have devoted themselves to letters, serve their Kings and Princes with literature, it seemed to me that I might well return before Your Highness with this history of this your city of Evora. Because we know that as Your Highness was born there, you love it as your birthplace, and it loves you like a son."

In the letter "to the aldermen," which follows, Resende says:

"You asked me to communicate to you what I had discovered about the antiquity of this your native city of Evora, and to give it to you in writing."

He adds that though his time was "taken up with a book on architecture ordered by the King our Lord" and he had little to spare for the writing of this work, he decided "to give to my native city a dozen or so very early risings this December and to put in order what you had asked me."

At the beginning of his *Historia* Resende declares that he will not—like others who have the

mento de se intitular chronistas—"fazer & publicar origẽes & antiguidades fabulofas." Este judicioso e util conselho (que o proprio Resende nem sempre seguiu) não serviu, certamente, de exemplo a todos os escriptores que se occupáram das origens da cidade. Existe uma *Historia das Antiguidades de Evora* de Amador Patricio, Evora, 1739, na qual o auctor declara com a maior seriedade que a lingua Portugueza, "huma das muitas, que fe dividírão na Torre de Babel," começou em Evora, cujo primeiro edificio foi construido "no anno depois do Diluvio 200. e da creaçaõ do mundo 1856. e antes do nafcimento de Chrifto 2106"! É pena que este pesquizador de antigualhas não nos tenha indicado tambem o dia e a hora exacta d'esses acontecimentos!

No seu livro, Resende diz que Evora é de "grãde antiguidade, pois ẽ tẽpo do grãde Lufitano Viriato Euora ia era." Segundo alguns auctores, Evora foi fundada pelos *Eburones* ou *Eburonices*, antigos povoadores da Peninsula, donde se derivou o vocabulo *Ebora* (ver Fr. Bernardo de Brito, *Monarchia Lvsytana*, Parte I, 1597, fl. 285 vº–fl. 286; ver tambem Vilhena Barbosa, *As Cidades e Villas que teem Brasão d'Armas*, vol. I, pp. 162–163; Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. III, pp. 89–91). Mestre André (*ob. cit.* cap. ij (aliás j)), com effeito, escreve que o verdadeiro nome da cidade é *Ebora*, porque "Affi ho fcreue Plinio, affi Põponio Mela, affi Antonino Pio ẽ feu itinerario. Affi hos liuros mais emẽdados dos cõcilios." Não ha duvida que *Ebora* já existia antes do dominio dos Romanos, sendo mesmo natural que fôsse uma cidade importante; mas da epocha pre-romana só se lhe conhece o nome, ignorando-se quem a fundou; comtudo, sabe-se que, na heroica lucta sustentada pelos Lusitanos contra a invasão dos Romanos, foi a principal residencia dos illustres capitães Viriato e Sertorio. Depois da morte d'esses dois valorosos defensores da independencia da sua patria, e da conquista da

effrontery to call themselves chroniclers—"invent and publish fabulous origins and early history." This wise and useful decision (to which Resende himself did not always adhere) was certainly not the rule of all writers on the origins of the city. There is a *Historia das Antiguidades de Evora* by Amador Patricio, published in Evora in 1739, where it is solemnly declared that the Portuguese language—"one of the many that were formed in the Tower of Babel"—began in Evora, whose first building was erected "two hundred years after the Flood, in the year 1856 of the world's creation and 2106 years before the birth of Christ"! We are sorry that the exact day and hour of these events are not also recorded!

Resende says that the city is of "great antiquity, for Evora already existed in the time of the great Lusitanian Viriatus." Some authors believe that Evora was first built by early inhabitants of the Peninsula called the *Eburones* or *Eburonices*, whence the word *Ebora* was derived (see Frei Bernardo de Brito, *Monarchia Lvsytana*, Part I, 1597, fl. 285 vo.–fl. 286; also Vilhena Barbosa, *As Cidades e Villas que teem Brasão d'Armas*, vol. I, pp. 162–163; Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. III, pp. 89–91). Indeed Mestre André (*op. cit.* chap. ij (alias j)) says that the city's true name is *Ebora* because "Pliny wrote it thus, and Pomponius Mela, and Antoninus Pius in his itinerary, and it appears thus in the most correct records of the councils." There is no doubt that *Ebora* was already in existence before the Roman conquest; it may even have been an important city, though only its name has reached us from the pre-Roman period and no information about its founder. It is, however, recorded that it was the chief stronghold of the captains Viriatus and Sertorius during the Lusitanians' heroic struggle against the Roman invaders. After the death of these two gallant defenders of their country's independence, when Lusitania

Lusitania pelos Romanos, *Ebora* tomou o nome de *Liberalitas Julia*, em memoria, segundo consta, dos privilegios concedidos por Julio Cesar que a fez "municipio do ãtiguo Latio," mercê que egualava os seus moradores aos da propria Roma (ver André de Resende, *ob. cit.* caps. ij–ix; Fr. Antonio Brandão, *Monarchia Lvsitana*, Parte III, 1632, fl. 218–fl. 221 v°; Cardeal Saraiva, *Obras Completas*, t. I, pp. 51–52).

Com a queda do Imperio Romano, a Lusitania tambem foi subjugada pelos barbaros, que alli permaneceram, sobretudo os Wisigodos, durante cerca de duzentos annos. Nos principios do seculo VIII, a invasão Arabe tendo por seu turno derrubado a monarchia Wisigothica, Evora passou para o dominio dos Mouros, no qual permaneceu até 1166, quando foi conquistada por Giraldo Sempavor.

O feito heroico praticado pelo destemido cavalleiro tem sido narrado por muitos auctores (ver, entre outros, André de Resende, *ob. cit.* cap. xiiij; Duarte Nunez do Leão, *Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portvgal*, 1600, fl. 46–fl. 48; Fr. Antonio Brandão, *loc. cit.*; Herculano, *ob. cit.* t. I, pp. 421 *e seg.*; Dr Heinrich Schäfer, *Geschichte von Portugal*, vol. I, pp. 67–69; Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal*, t. I, pp. 33–35; Ferdinand Denis, *Historia de Portugal*, vol. I, p. 35). Como é natural, creáram-se muitas lendas em redor do nome de Giraldo e da extraordinaria façanha que praticou quando tomou, por surpreza, Evora aos Mouros. Porem, o Dr Fortunato de Almeida (*História de Portugal*, t. I, pp. 159–160), referindo-se ao Sempavor e ás suas gloriosas emprezas, cita esta phrase decisiva escripta pelo Dr David Lopes depois de ter conseguido refazer a historia de Giraldo, apoiando-se sobre os textos arabes: "êle foi um verdadeiro heroi, não de romance, mas de epopeia." Com razão o seu nome foi immortalizado por Camões, e o seu feito ficou para sempre commemorado no brasão d'armas da

had been subjugated by the Romans, *Ebora* was renamed *Liberalitas Julia*, apparently in remembrance of privileges conceded by Julius Caesar, who made it a "municipium of the ancient Latium," a favour which gave its citizens equal rank with those of Rome itself (see André de Resende, *op. cit.* chaps. ij–ix; Fr. Antonio Brandão, *Monarchia Lvsitana*, Part III, 1632, fl. 218–fl. 221 vo.; Cardeal Saraiva, *Obras Completas*, vol. I, pp. 51–52).

When the barbarians overthrew the Roman Empire, Lusitania was among the lands they conquered; many of them, chiefly Visigoths, settled there for about two centuries. The Visigothic monarchy was, in its turn, destroyed by the Moorish invasion at the beginning of the VIIIth century, and Evora passed into the hands of the Moors, remaining in their power, except for a few short intervals, until 1166, when it was captured by Giraldo *Sempavor*.

The heroic feat accomplished by this bold knight has been described by many authors (see André de Resende, *op. cit.* chap. xiiij; Duarte Nunez do Leão, *Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portvgal*, 1600, fl. 46–fl. 48; Fr. Antonio Brandão, *loc. cit.*; Herculano, *op. cit.* vol. I, pp. 421 *et seq.*; Dr Heinrich Schäfer, *Geschichte von Portugal*, t. I, pp. 67–69; Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal*, vol. I, pp. 33–35; Ferdinand Denis, *Historia de Portugal*, vol. I, p. 35). Many legends have grown up around the name of Giraldo and his amazing achievement in taking the Moors by surprise and capturing Evora. However, Dr Fortunato de Almeida (*História de Portugal*, vol. I, pp. 159–160) cites Dr David Lopes, who succeeded in reconstructing the history of Giraldo from the Arab texts, and who wrote decisively that "he was a veritable hero, not of romance, but of an epic." The arms of the city commemorate his deed, and his name has

cidade. Na sua bella descripção de Evora, o poeta escreveu:

> "Eis a nobre Cidade, certo aſſento,
> Do rebelde Sertorio antigamente,
> Onde ora as agoas nitidas de argento,
> Vem ſuſtentar de longo a terra, & a gente,
> Pelos arcos reaes, que cento & cento
> Nos ares ſe aleuantão nobremente.
> Obedeceo, por meio & ouſadia
> De Giraldo, que medos não temia."
> (*Lusiadas*, 1572, Canto III, est. 63.)

A tradição diz que Giraldo, "Caualeiro muy esforçado," tendo commettido um delicto grave, fugira para o Alemtejo, "ordinario valhacouto dos homicidas daquelle tempo," como escreve Fr. Antonio Brandão (*loc. cit.*). Ahi, na serra do Monte Muro, pouco distante de Evora, viveu com os companheiros, "trauerſos, & homiziados, & incartados," que se lhe offereciam, "exercitando o latrocinio, que por ſer em forma de guerra ficaua autorizado. Fazia caualgadas nas terras dos Mouros & Chriſtãos igoalmente, & ganhaua o neceſſario a ponta da lança" (Fr. Antonio Brandão, *loc. cit.*).

Giraldo, para se rehabilitar perante El-Rei,—"per q̃ tornaſſe en ſua graça"—e obter o seu perdão, decidiu tomar Evora aos Mouros com os seus companheiros, "mais per aſtucia & bõo ardil que per força & derramamento de ſangue de Chriſtãos" (André de Resende, *loc. cit.*). Uma noite, poz em practica o seu plano—o "bõo ardil"—e, coberto de ramos de arvores "para poder enganar ha viſta de quem veelaſſe," Giraldo trepou a torre da Atalaya, onde surprehendeu o Mouro vigia e a filha, e lhes cortou as cabeças, "& com ellas ambas nas mãos ſe torno a elles (companheiros), animando hos, & dãdo lhes bõo agoiro, com ha cõmoda opportunidade que achara" (André de Resende, *loc. cit.*). Este feito de Giraldo, na verdade Sempavor, permittiu a conquista de Evora, da qual elle foi "ho primeiro capitão." Por sua memoria a cidade

been deservedly immortalised by Camões, who wrote in his beautiful description of Evora:

> "The noble City and sure seat behold,
> held by Sertorius, rebel famed whilòme;
> where now the nitid silv'ry waters cold,
> brought from afar to bless the land and home,
> o'erflow the royal arches hundredfold,
> whose noble sequence streaks the dark-blue dome;
> not less succumb'd she to her bold pursuer,
> to Giraldó, entitled 'Knight Sans Peur.'"
> (*The Lusiads*, Canto III, stanza 63, Burton's translation.)

Tradition says that Giraldo, "a most valiant knight," having committed a grave crime, fled to the Alemtejo, "the usual refuge of homicides at that time," as Antonio Brandão writes (*loc. cit.*). He lived in the hills of Monte Muro not far from Evora, with "criminals, homicides and outlaws" as his companions, "practising robbery, which was authorised as it was in the form of war. He used to make raids on the lands of both the Moors and the Christians, and gained enough for his needs at the point of the lance" (Fr. Antonio Brandão, *loc. cit.*).

In order to reinstate himself in the King's favour and to obtain the Royal pardon, Giraldo decided to capture Evora from the Moors, with the help of his companions, "rather by cunning and good stratagem than by force and the shedding of Christian blood" (André de Resende, *loc. cit.*). One night, he put his plan in practice, and, covered with branches "to deceive the eye of the watcher," Giraldo clambered up the tower of Atalaya, where he surprised the Moorish sentinel and his daughter, and cut off their heads, "and with them both in his hands he returned to them (his companions) encouraging them, and giving them a good augury, with the convenient opportunity he had found" (André de Resende, *loc. cit.*). With this deed Giraldo fully lived up to his title of the Fearless, and facilitated the conquest of the city, of which he was "the first captain." In memory of him, the city took "as a

tomou "por diuiſa & armas hũo caualleiro ar- mado a cauallo com ha ſpada leuantada, & duas cabeças cortas, hũa de homẽe, outra de molher moça. Algũos, por nõ ſaberẽ ha hiſtoria, cuidan que é Sanctiagoo, que ſta mactãdo Mouros. Outros fingen nõ ſei quem Euora & Euorinho. Et outros outras fabulas. Mas ha verdade paſſa quomo tenho comptado" (André de Resende, *loc. cit.*; ver tambem Gabriel Pereira, *Estudos Eborenses—O Brasão d'Evora*; Vilhena Barbosa, *ob. cit.* p. 163). E Camões, celebrando a façanha do heroe, exclama:

"Olha aquelle que deçe pela lança,
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a çilada eſconde, com que alcança
A cidade por manhas & ouſadias:
Ella por armas toma a ſemelhança
Do caualleiro, que as cabeças frias
Na mão leuaua, feito nunca feito,
Giraldo ſem pauor he o forte peito."

(*Lusiadas*, 1572, Canto VIII, est. 21.)

É possivel que as antiquissimas tradições popu- lares tenham revestido de circumstancias cheias de poesia, como as que se lêem n'uma novella de cavallaria, o facto historico da tomada de Evora por Giraldo e os seus companheiros, que vem mencionado na Chronica dos Godos citada por Resende e Brandão; mas o "feito nunca feito" prestava-se a que a imaginação phantasiasse o successo: mesmo que certos episodios ou por- menores sejam lendas, a façanha teve logar, e ellas não fazem senão augmentar o seu encanto. Se não existem documentos coevos que as provem, o brasão da cidade e a estancia de Camões immortalizáram o nome de Giraldo Sempavor.

Resende termina a sua *Historia* com um capitulo sobre a batalha do Salado no qual descreve o papel representado pelos seus conter- raneos, dizendo: "quãdo elRei dom Afonſo ho quarto foi aa batalha do Salado, ho pode Euora ſeruir com cent caualleiros & mil homẽes de pee" (*ob. cit.* cap. xvij). O Bispo de Evora

device and coat of arms, an armed knight on horseback with his sword raised and two severed heads, one of a man and the other of a young woman. Some, who do not know the history, imagine it is St James who is slaying Moors. Others invent I know not what Evora and Evorinho. And others other fables. But the truth happened as I have described" (André de Resende, *loc. cit.*; also see Gabriel Pereira, *Estudos Eborenses—O Brasão d'Evora*; Vilhena Barbosa, *op. cit.* p. 163). Camões exclaims in praise of the hero:

"Behold that other, sliding down his spear,—
bearing two head of sentinels he slew,—
better to hide his ambush; now appear
his Braves whose might and sleight the town o'erthrew:
And now her 'scutcheon shows the Cavalier
proper who holds in hand the coupèd two
cold ghastly heads. A deed ne'er done indeed!
Giraldo Sem-pavor the stout name read."

(*The Lusiads*, Canto VIII, stanza 21, Burton's translation.)

Possibly the ancient popular traditions may have embroidered the story of the capture of Evora from the Moors until it reads like a romance of chivalry; but the "deed ne'er done indeed," which is mentioned in the chronicle of the Goths quoted by Resende and Brandão, certainly lent itself to these poetic embellishments, and even though certain incidents and details may be purely legendary, the deed was actually done, and they only enhance its charm. Although there are no coeval documents to vouch for it, the city's coat of arms and Camões' verse have immortalised the name of Giraldo Sempavor.

Resende concludes his *Historia* with a chapter on the battle of Salado, where he describes the part played by the citizens of Evora, saying: "when King dom Afonso the fourth was at the battle of Salado, Evora was able to serve him with a hundred horsemen and a thousand foot soldiers" (*op. cit.* chap. xvij).

D. Fernando acompanhou o Soberano á batalha, onde se encontrou egualmente um outro Prelado, D. Gonçalo Alvares Pereira, Arcebispo de Braga (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 584–585), grande Bispo e grande guerreiro, assim como o seu filho, D. Alvaro Gonçalves Pereira, Prior do Hospital—designado tambem pelo titulo de *Prior do Crato*, por se encontrar n'essa terra a sede da Ordem dos Hospitaleiros ou Cavalleiros de S. João de Jerusalem em Portugal—que houve trinta e dois filhos e filhas, entre os quaes, o admiravel Nun'Alvares, o Santo Condestavel. O Prior D. Alvaro trouxera o Santo Lenho do mosteiro do Marmelar ou Marmelal de Portel, que pertencia aos freires de S. João de Jerusalem. O lenho da vera Cruz foi primeiro "posto em hũa hastea, leuantado, como bandeira. Despois q̃ a cruz foi del Rei & de todos adorada, a tomarão diante por guia, & apos ella vinha a bandeira Real" (Duarte Nunez do Leão, *ob. cit.* fl. 162 vº; ver tambem Fr. Raphael de Jesus, *Monarqvia Lvsitana*, Parte VII, 1632, p. 475; Faria y Sousa, *Evropa Portuguesa*, 1679, t. II, pp. 169–170). Para celebrar o famoso feito d'armas do Salado, D. Affonso IV instituiu em Evora a confraria da Victoria, em acção de graças pela derrota dos Mouros. A capital do Alemtejo possue notaveis recordações historicas da batalha do Salado, das quaes a principal é a lapide de marmore que foi gravada para commemorar a victoria dos Portuguezes, e os Eborenses que, a 30 de Outubro de 1340, seguiram o Santo Lenho (ver Carvalho da Costa, *Corografia Portugueza*, 1708, t. II, p. 427; Gabriel Pereira, *ob. cit.—As Bellas-artes em Evora*, e *Evora nos Lusiadas*; Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, t. II, p. 553; Pinho Leal, *ob. cit.* vol. III, pp. 104–106, vol. VII, pp. 240–242).

No fim do livro, encontra-se a *Fala que meestre Andree de Reesende fez aa Princepsa domna Ioanna nossa senhora* em Evora. Essa curta oração pronunciada pelo nosso humanista é notavel. A

The Bishop of Evora fought at the King's side in this battle, and another great Prelate and great warrior, Dom Gonçalo Alvares Pereira, the Archbishop of Braga (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 584–585), also took part, with his son Dom Alvaro Gonçalves Pereira, the Prior of the Order of Hospitallers—often designated the *Prior do Crato*, because the headquarters of the Knights of St John was at Crato. This Dom Alvaro had thirty-two sons and daughters, including Nun'Alvares the sainted Constable. He bore the Holy Cross from the monastery of Marmelar or Marmelal of Portel, which belonged to the brethren of St John of Jerusalem; and this fragment of the true Cross was "placed on a staff and raised like a banner. After the Cross had been adored by the King and all his followers, they took it forward as a guide, and after it came the Royal banner" (Duarte Nunez do Leão, *op. cit.* fl. 162 vo.; also see Frei Raphael de Jesus, *Monarqvia Lvsitana*, Part VII, 1632, p. 475; Faria y Sousa, *Evropa Portuguesa*, 1679, vol. II, pp. 169–170). To celebrate the action of Salado, Dom Affonso IV instituted the brotherhood of Victory at Evora as a thanksgiving for the defeat of the Moors. The capital of the Alemtejo has various interesting relics of the battle of Salado, the most important being the engraved marble slab commemorating the great achievement and the citizens of Evora who followed the Holy Cross on October 30th, 1340 (see Carvalho da Costa, *Corografia Portugueza*, 1708, vol. II, p. 427; Gabriel Pereira, *op. cit.—As Bellas-artes em Evora*, and *Evora nos Lusiadas*; Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, p. 553; Pinho Leal, *op. cit.* vol. III, pp. 104–106, vol. VII, pp. 240–242).

The *Fala que meestre Andree de Reesende fez aa Princepsa domna Ioanna nossa senhora* is published at the end of the book, and this short oration pronounced by Resende in Evora in 1553 is notable.

Princeza D. Joanna, filha do Imperador Carlos V e da Imperatriz D. Izabel—filha d'El-Rei D. Manuel—casára com o Principe D. João, a quem Resende dedicou a sua *Historia* de Evora. A Princeza vinha a caminho de Lisboa, quando parou em Evora, onde, em 1553, Resende recitou a sua "fala," dizendo que "cent boccas, & cent linguas, & hũa voz aceira & incanſauel" não bastariam para exprimir a sua alegria. Depois de fazer o elogio da sua querida Evora, termina com este periodo realmente eloquente:

"Entrae ſenhora per hos muros dos voſſos, & appouſentae vos entre hos voſſos, quomo lhes ja entraſtes per hos corações, que logo ficaron entreghes, & a voſſo ſeruiço lealmente diſpoſtos, & en elles firmemẽte ſtais appouſentada. Viuais muitos ãnos, & regneis muitos ãnos, & de vos naſça quẽ ſobre nos regne muitos annos, Aſſi regneis vos ſobre nos, & aſſi regne ho ſpirito diuino, & ſuprema prouidẽcia ſobre vos, q̃ de voſſo regnado receba d's ſeruiço, vos gloria, voſſa republica vtilidade, & has Reinhas & Princepſas q̃ depois vierẽ, tenhã de vos domeſtico exẽplo q̃ imitar, hos varões doctos copioſa & digna materia para ſcreuer, & toda poſteridade hũa perpetua & ſaudoſa memoria de voſſo nome."

Os desejos de Resende não se realizáram, pois D. Joanna não foi certamente feliz. Tanto ella como o marido eram creanças quando casáram em 1553: a 2 de Janeiro de 1554 morreu o Principe D. João, o herdeiro do throno, e dezoito dias depois a Princeza viuva deu á luz um filho, D. Sebastião—o *Desejado*—a esperança de Portugal; mas, separada do filho, a pobre senhora foi morrer longe, no Escorial, em 1573. Comtudo, na sua curta e triste vida, teve um titulo de gloria: o de ter sido a mãe do ultimo Rei Cavalleiro, que deixou aos "varões doctos copioſa & digna materia para ſcreuer."

Na sua carta a Vaseo—*Pro Colonia Pacensi, ad Ioannem Vaſæum virum doctiſſimum, Epiſtola*—escripta em 1553 e impressa em Lisboa em 1561 por João Blavio (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.*

Princess Joanna, the daughter of the Emperor Charles V and the Empress Izabel (the daughter of King Manuel), married the Prince João to whom Resende dedicated his *History* of Evora. Dona Joanna was on her way to Lisbon, and broke her journey at Evora, where Resende recited his oration, saying that "a hundred mouths and a hundred tongues and a powerful and untiring voice" would not suffice to give expression to his joy. Having eulogised his beloved Evora, he ends with these eloquent words:

"Enter, my lady, within the walls of your subjects, and make your lodging among your people, as you have already found your way into their hearts, which were at once surrendered and loyally placed at your service, and where you are already firmly established. May you live many years and reign many years, and may you bear one to reign over us for many years. May you so reign over us and the divine spirit and supreme providence over you, that from your reign God may receive service, you, glory, your republic, usefulness, and that the Queens and Princesses who come afterwards may have a gentle example to imitate from you, the learned men ample and worthy material for their writings, and that all posterity may have a perpetual and loving memory of your name."

Resende's wishes did not come to pass, for Dona Joanna was far from being happy. She and her husband were both mere children when they were married in 1553: on January 2nd, 1554, Prince João, the heir to the throne, died, and eighteen days later the widowed Princess gave birth to a son, Dom Sebastião—the *Desejado*; but it was far away from her son that she died in the Escorial in 1573. She had, however, at least one title to glory: that of being the mother of the last of the knightly Kings, who left the "learned men ample and worthy material for their writings."

Resende makes the following reference to his oration in his *Pro Colonia Pacensi, ad Ioannem Vaſæum virum doctiſſimum, Epiſtola*, written in 1553

HISTORIA, DA ANTIGVIDADE DA CIIDADE EVORA

¶ Foi impreſſa eſta hiſtoria da
antiguidade da muito no-
ble & ſempre leal cijda-
de Euora, en ha meeſ
ma cijdade. Per An
dree de Burgos,
impreſſor do
Cardẽal,
Infante
a hos. xxvj. dias de Octubro.
M.D.LIII.

98 Colophon da *Historia de Evora* de André de Resende
Colophon of the *Historia de Evora* of André de Resende
Evora, 1553

nº 339), Mestre André refere-se á sua oração pronunciada em Evora, dizendo:

"Mitto ad te oratiunculam, qua noſtræ vrbis nomine, aduentui Ioannæ Caruli Auguſti filiæ principi noſtro deſponſæ, publice ſum gratulatus."

Innocencio (*Diccionario*, vol. I, p. 66) chama a attenção dos leitores d'esta obra de Resende para

"a singularidade da construcção syntaxistica e da orthographia no maior rigor etymologica, com que está escripta. Parece que o auctor, exacto e ferrenho investigador das antiguidades, quiz até nas palavras de que se serviu, guardar o meio mais proprio de descobrir-lhes a origem e conservar-lhes a derivação. Assim escreve sempre: *non, regnar, star, comptar, epses, cognescido, hacte, nocte, nunqua, octavo, militia, etc. etc.* em vez de *não, reinar, estar, contar, esses, conhecido, até, noute, nunca, oitavo* ou *outavo, milicia*, e outros infinitos vocabulos, que dão áquella obra um aspecto de ancianidade, em que os archeologos não podem deixar de comprazer-se."

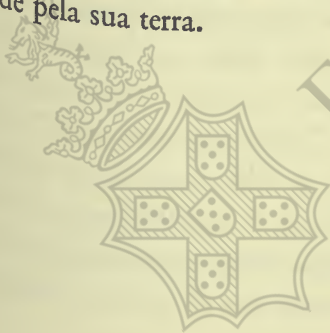
Não ha duvida: mas devemos pensar que este livro, o mais antigo que se conheça escripto em Portuguez pelo illustre Eborense, é a obra do nosso mais celebre antiquario. A *Historia, da Antigvidade da Ciidade Evora*, e a *Fala* á Princeza D. Joanna, impressas em 1553, alem da sua extrema raridade, teem para nós um justo motivo de apreço, pois, ao ler o nosso admiravel exemplar, sentimos, em cada linha, o amor de André de Resende pela sua terra.

and printed in Lisbon by João Blavio in 1561 (see Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 339):

"Mitto ad te oratiunculam, qua noſtræ vrbis nomine, aduentui Ioannæ Caruli Auguſti filiæ principi noſtro deſponſæ, publice ſum gratulatus."

Innocencio (*Diccionario*, vol. I, p. 66) calls the attention of readers of the *Historia de Evora* to the

"singularity of the syntax and of the rigorously etymological spelling with which it is written. The author, an accurate and relentless investigator of antiquities, seems to have wanted, even in the words he used, to keep to the medium most convenient for discovering their origin and conserving their derivation. Thus he always writes: *non, regnar, star, comptar, epses, cognescido, hacte, nocte, nunqua, octavo, militia, etc. etc.* instead of *não, reinar, estar, contar, esses, conhecido, até, noute, nunca, oitavo* or *outavo, milicia*, and many other words which give to that work a semblance of antiquity which cannot fail to delight archeologists."

This is certainly true, but we must remember that this, the earliest known book written by him in Portuguese, is the work of our most notable antiquarian. The *Historia, da Antigvidade da Ciidade Evora*, and the *Fala* to Princess Joanna, printed in 1553, make a special appeal to us, apart from their extreme rarity, for when we read our beautiful copy, we can discern André de Resende's love for his native land in every line.

RVDIMENTA

GRAMMATICES.

CONIMBRICAE

Apud Ioannem Barrerium, & Ioannẽ
Aluarez Typographos Regios.
M. D. LIII.

99 Folha do rosto do livro *Rvdimenta Grammatices*
Title-page of the work *Rvdimenta Grammatices*
Coimbra, 1553

77 RVDIMENTA GRAMMATICES.

Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1553.

RVDIMENTA | GRAMMATICES.
A Esphera armillar com as lettras C.A.D.A.T.G. *na ecliptica, e a legenda* SPERA IN. DEO. ET. FACBONITATEM[1].
CONIMBRICAE | Apud Ioannem Barrerium, & Ioannẽ | Aluarez Typographos Regios. | M.D.LIII.

[fl. 1 vo.] *LITERAE sũt viginti tres* | [...]
Começa a obra[2].

[fl. 8 vo.] [...] *FINIS.*

8º—[8] folhas—22, 23, 24 e 25 linhas—caractéres italicos—sem titulos correntes nem reclamos.

Numeração do caderno: A, 8 folhas.

Encadernação de marroquim.

Este compendio, intitulado *Rvdimenta Grammatices*, foi impresso em Coimbra por João de Barreira e João Alvares em 1553. É uma obra rarissima, mesmo quasi desconhecida: Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 89) menciona-a, ou antes, nomeia-a simplesmente, mas com o titulo errado—*Rudimenta Grammaticae*—e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 1082) copiáram essa escassa noticia e incluiram-a na sua lista de "obras sem tipografia."

Ignoramos quem tenha sido o auctor destes rudimentos de grammatica, e se terão sido impressos propositadamente para algum collegio. O seu interesse provem da sua extrema raridade.

8vo.—[8] leaves—22, 23, 24 and 25 lines—italics—no headlines nor catchwords.

Collation by signatures: A, 8 leaves.

Morocco binding.

The compendium entitled *Rvdimenta Grammatices* was printed in Coimbra by João de Barreira and João Alvares in 1553. It is a rare and almost unknown work: Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 89) barely mentions it and gives the title incorrectly as *Rudimenta Grammaticae*. This brief notice is included by Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 1082) in their list of works with no printer's name.

We do not know who wrote these "rudiments" of grammar, or whether they were specially printed for any particular college. Their chief interest lies in their extreme rarity.

[1] *The armillary Sphere with the letters* C.A.D.A.T.G. *on the ecliptic and the legend* SPERA IN. DEO. ET. FACBONITATEM.
[2] *Beginning of the work.*

Exercitia
SPIRITVALIA.
CONIMBRICAE.
M. D. LIII.

100 Folha do rosto dos *Exercitia Spiritvalia*
Title-page of the *Exercitia Spiritvalia*
Coimbra, 1553

78 [SANTO IGNACIO DE LOYOLA], EXERCITIA SPIRITVALIA.

Coimbra, João de Barreira, 1553.

Exercitia | *SPIRITVALIA.*
Monogramma da Companhia de Jesus[1].
CONIMBRICAE. | *M.D.LIII.*

p. 3. *PAVLVS PAPA. III.* | *Ad perpetuam Rei memoriã.* [...]
p. 10. TESTIMONIA EORVM, | quibus cenſura exercitiorum | eſt commiſſa. [...]
p. 12. QVIDAM DE SOCIETA- | te Ieſu, deuoto lectori eiuſdẽ | Societatis. S. in Domino. [...]
p. 15. *ANNOTATIONES* | *quædam aliquid ad ferentes Intelli* | *gentiæ ad Exercitia Spiritualia* | *quæ ſequuntur: vt iuuari poſ-* | *ſit tam is, qui ea tradi-* | *turus eſt, quam qui* | *accepturus.* [...]
p. 34. EXERCITIA QVAEDAM | Spiritualia, per quæ homo dirigi- | tur, vt vincere ſe ipſum poſsit, & vi | tæ ſuæ rationem, determinatione â noxijs affectibus | libera inſtituere. [...]
p. 238. [...] Laus Deo.
[fl. 1] Conimbri- | cæ, ex commiſsione Re- | uerẽdi patris M. Ignatij, | Præpoſiti generalis Socie | tatis IESV, per Ioan- | nem Barrerium, | Regium Typo | graphum. | M.D.LIII.

24º—238 paginas, [1] folha—22 linhas.
Numeração dos cadernos: A–P, 8 folhas cada caderno; total de 120 folhas.
Encadernação de pergaminho.

Os *Exercitia Spiritualia* de Santo Ignacio de Loyola fôram impressos em Coimbra por João de Barreira em 1553; entre outros, referem-se a esta rara edição: Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 161), De Backer-Sommervogel (*Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, t. V, col. 61), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 123) que nos indicam a existencia de quatro exemplares d'este livro na Biblio-

[1] *Monogram of the Jesuits.*

24mo.—238 pages, [1] leaf—22 lines.
Collation by signatures: A–P, each 8 leaves; total 120 leaves.
Vellum binding.

Among those who refer to this rare edition of the *Exercitia Spiritualia* of St Ignatius of Loyola, printed in Coimbra by João de Barreira in 1553, are: Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 161), De Backer-Sommervogel (*Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, vol. V, col. 61), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 123) who state that there are

Conimbri-
cæ, ex commiſsione Re-
uerẽdi patris M. Ignatij,
Præpoſiti generalis Socie
tatis I E S V, per Ioan-
nem Barrerium,
Regium Typo
graphum.

M. D. LIII.

101 Colophon dos *Exercitia Spiritvalia*
Colophon of the *Exercitia Spiritvalia*
Coimbra, 1553

theca Nacional de Lisboa, e de um exemplar na Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

A primeira edição dos *Exercitia Spiritvalia* foi estampada em Roma em 1548, e a segunda em Coimbra em 1553. Como estas duas edições fôram as unicas impressas durante a vida de Santo Ignacio, o livro sahido dos prelos de João de Barreira tem, naturalmente, um valor especial. Já vimos nas nossas notas sobre o *Commento en Romance* de Azpilcueta Navarro, e sobre a *Copia de vna carta de la India* do Padre Barzeo, que Barreira tinha sido impressor da Companhia de Jesus, e que Sousa Viterbo (*ob. cit.* p. 157) publicou uma lista das obras que elle estampou para os Jesuitas.

Alem de outros motivos, este livro desperta o nosso interesse por ter sido, que se saiba, o primeiro impresso em Portugal para os Padres da Companhia de Jesus, e que ostente o seu mono-gramma na folha do rosto.

No colophon lê-se que a obra foi impressa "ex commiſsione Reuerẽdi patris M. Ignatij, Præ-poſiti generalis Societatis IESV." Todas estas circumstancias fazem realçar a estimação em que deve ser tida esta edição, publicada por ordem do grande Santo Ignacio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus.

four copies of the book in the Lisbon National Library and one in Coimbra University Library.

The first edition of the *Exercitia Spiritvalia* was published in Rome in 1548, the Coimbra one being the second. These were the only times it was printed during St Ignatius' life, so the book issued from João de Barreira's press has a special interest. As we saw in our notes on the *Commento en Romance* of Azpilcueta Navarro, and on the *Copia de vna carta de la India* of Father Barzeo, Barreira was printer to the Society of Jesus, and Sousa Viterbo (*op. cit.* p. 157) gives a list of the books printed by him for the Jesuits.

This book appears to have been the first printed in Portugal for that religious body, and bears their monogram on its title-page.

The colophon informs us that the work was printed "ex commiſsione Reuerẽdi patris M. Ignatij, Præpoſiti generalis Societatis IESV." These circumstances add to our interest in the edition published by order of the great St Ignatius of Loyola, the founder of the Society of Jesus.

102 Folha do rosto das *Constitvicoens de ſancta Cruz de Coimbra*
Title-page of the *Constitvicoens de ſancta Cruz de Coimbra*
Coimbra, 1553

79 LIVRO DAS CONSTITVICOENS E CVSTUMES DA CONGREGACAM DE SANCTA CRUZ DE COIMBRA.

Coimbra, Conegos de Santa Cruz, 1553.

LIVRO DAS | CONSTITVICOENS E CVS | tumes q̃ ſe guardã ẽ os Moeſteyros da congre | gacam de ſancta Cruz de Coimbra, dos Ca | nonicos regulares da ordem de noſſo | Padre ſancto Auguſtinho.

Por cima do titulo, uma cruz sustentada por tres anjos, e tudo enquadrado por uma portada[1].

[fl. I vo.]

Gravura que representa uma assembleia de Conegos de Santa Cruz[2].

fl. II. PROEMIO. [...]

fl. III. ARGVMENTO | O PRESENTE LIVRO SE DIVIDE | em tres partes. A primeira, trata da Clauſura, | Silencio & Officios. A ſegunda, das Ciri- monias. | A terceyra, das Viſitacoẽs & das culpas & penitencias. [...] Capitulo primeyro. [...]

fl. LXX. [...] FINIS. | A gloria & louuor do todo poderoſo deos, & ſer- | moſura de noſſa religiã, imprimiaſſe o pre | ſente liuro per os canonicos regula- | res do moeſteyro de ſancta Cruz | da cidade de Coimbra, | em o ãno de noſſa | redencam, | M. D. L. III. | & da reformacã do dito | moeſteyro, ãno | XXVI.

4º—[I]II–LXX folhas—33 linhas—notas marginaes em caractéres italicos—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: a–r, 4 folhas cada caderno; s, 2 folhas; total de 70 folhas; a folha b3 não tem assignatura; r4 tem assignatura errada riii.

Encadernação de pergaminho.

4to.—[I]II–LXX leaves—33 lines—marginal notes in italics—no catchwords.

Collation by signatures: a–r, each 4 leaves; s, 2 leaves; total 70 leaves; leaf b3 has no signature mark and r4 is wrongly marked riii.

Vellum binding.

O *Livro das Constitvicoens* (*sic*) *e Cvstumes q̃ ſe guardã ẽ os Moeſteyros da congregacam* (*sic*) *de ſancta Cruz de Coimbra*, impresso pelos Conegos de Santa Cruz em 1553, é uma obra extremamente rara, á qual se referem, entre outros: Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 89), Innocencio (*Diccionario*, vol. V, p. 189), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 61), Sousa Viterbo (O

The *Livro das Constitvicoens* (*sic*) *e Cvstumes q̃ ſe guardã ẽ os Moeſteyros da congregacam* (*sic*) *de ſancta Cruz de Coimbra*, printed by the Canons of Santa Cruz in 1553, is a very rare work, and among those who refer to it are: Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 89), Innocencio (*Diccionario*, vol. V, p. 189), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 61), Sousa Viterbo (*O movimento*

[1] *Above the title is a cross supported by three angels; the whole within an architectural border.*
[2] *Woodcut of an assembly of Canons of Santa Cruz.*

M II

movimento tipográfico em Portugal no século XVI, p. 306), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 459) cuja noticia é extrahida de uns apontamentos manuscriptos da Bibliotheca Nacional de Lis-boa: segundo estes auctores, a edição das *Constitvicoens* de 1553 é a sexta que os Cruzios imprimiram nas suas "casas de stãpar" (ver *ob. cit.* nºs 444, 447, 452, 456 e 457; ácerca d'estas differentes edições ver tambem, Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, t. I, p. 544; Innocencio, *ob. cit.* vol. I, p. 394, e vol. XIII, pp. 306–307; *Catalogo dos Cimelios*—Rio de Janeiro, pp. 329–330; Sousa Viterbo, *ob. cit.* pp. 301–305; Mattos, *ob. cit.* p. 60).

A primeira edição das *Constitvicoens de ſancta Cruz*, compostas por D. Frei Braz de Barros, foi estampada nos prelos do mosteiro em 1532, por ordem do Prior D. Dionysio de Moraes. Já nos occupámos detalhadamente d'estes dois illustres religiosos, assim como da fundação da typographia do convento (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 411, 444–451, 456, 484, 490–497; ver tambem D. Nicolau de Santa Maria, *Chronica dos Conegos Regrantes*, Parte II, pp. 289, 291–293; Deslandes, *Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos Seculos* XVI *e* XVII, 1888, pp. 15–16; Sousa Viterbo, *ob. cit.* pp. 297–301).

No *Proemio*, D. Frei Braz de Barros, "indino religioſo da ordem dos Hieronimos," depois de mencionar a reforma dos frades do mosteiro de Santa Cruz, que elle emprehendeu por ordem d'El-Rei D. João III em 1527, e de se referir aos custumes que, "nom ſem dor," achou necessario emendar por estarem "quaſi peruertidos," diz:

"Deyxando os velhos, ĩmitando ao ãtigo ordinario, ordeney nouos cuſtumes, com cõſelho & aceitacam (*sic*) dos nouos & ſantos Irmãos. E poſemos todo em eſte pequeno liuro, pera eſpelho dos preſentes & futuros, nom obrigãdo os trãſgreſſores a peccado, ſaluo a penas corporaes. E prouuenos ſer muyto ameude praticado em os capitulos, & eſto pera que de auctos frequẽtes

tipográfico em Portugal no século XVI, p. 306), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 459) whose collation is taken from some manuscript notes in the Lisbon National Library, and who indicate that the 1553 edition of the *Constitvicoens* is the sixth printed by the Canons in their "printing-houses" (see *op. cit.* nos. 444, 447, 452, 456 and 457; with regard to these different editions see also Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, vol. I, p. 544; Innocencio, *op. cit.* vol. I, p. 394, and vol. XIII, pp. 306–307; *Catalogo dos Cimelios*—Rio de Janeiro, pp. 329–330; Sousa Viterbo, *op. cit.* pp. 301–305; Mattos, *op. cit.* p. 60).

The first edition of the *Constitvicoens de ſancta Cruz* compiled by Dom Frei Braz de Barros was printed in the monastery press in 1532, by order of the Prior, Dom Dionysio de Moraes. We have already made a detailed study of these two persons, as well as of the founding of the Santa Cruz press (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 411, 444–451, 456, 484, 490–497; also D. Nicolau de Santa Maria, *Chronica dos Conegos Regrantes*, Part II, pp. 289, 291–293; Deslandes, *Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos Seculos* XVI *e* XVII, 1888, pp. 15–16; Sousa Viterbo, *op. cit.* pp. 297–301).

In the *Proemio*, Dom Frei Braz de Barros, "an unworthy monk of the Order of Hieronymites," first mentions how Dom João III ordered him to undertake the reformation of the monks of Santa Cruz in 1527, and tells that when he saw the "almost perverted" habits into which the brothers had fallen, he decided "not without sorrow" that he would have to correct them. He then goes on to say:

"Setting aside the old one, imitating the ancient practice, I prescribed a new usage, with the advice and approval of the new and holy Brothers. And we put it all into this little book to be a guide to those of the present and the future, not condemning sinful transgressors to any save corporal pains. And it pleased us that it should be very often exercised in chapters, so that from

103 Gravura no verso da folha do rosto das *Constitvicoens de ſanƈta Cruz de Coimbra*
Woodcut on the back of the title-page of the *Constitvicoens de ſanƈta Cruz de Coimbra*
Coimbra, 1553

104 Lettras capitaes das *Constitvicoens de ſancta Cruz de Coimbra*
Initial letters from the *Constitvicoens de ſancta Cruz de Coimbra*
Coimbra, 1553

ſeia tornado ẽ habitos, & aſſi noſſas almas & couſas interiores louuem ao ſenhor, o qual depois de renouar em noua vida & fortificar todas as potencias & excitando os habitos das virtudes theologaes & dões do ſpũ ſanto, as premiara cõ graca (*sic*) ẽ o preſente & em o futuro cõ gloria. Amen."

Este livro é um notavel exemplo das impressões feitas pelos Conegos de Santa Cruz, e contem algumas gravuras e lettras capitaes que são inteiramente differentes d'aquellas usadas pelos outros "imprimidores" que, n'essa epocha, possuiam officinas typographicas em Portugal. Por consequencia, consideramos estas *Conſtitvicoens* duplamente preciosas por causa da sua raridade e da belleza da sua execução.

frequent practice it might become a habit, and so let our souls and inmost being praise the Lord, who, after bringing us to new life and strengthening all our powers and stimulating our habits with the theological virtues and the gifts of the Holy Spirit, will reward them with grace in the present and with glory in the future. Amen."

This book is a beautiful example of the printing done by the Canons of Santa Cruz, and contains some exceptionally fine woodcuts and initials, which are quite different from any used by the other printers at work in Portugal at that period. These *Constitvicoens* are therefore doubly precious on account of their rarity and their excellent workmanship.

¶ A gloria & louuor do todo poderoſo deos, & fer-
moſura de noſſa religiã, imprimiaſſe o pre
ſente liuro per os canonicos regula-
res do moeſteyro de ſancta Cruz
da cidade de Coimbra,
em o ãno de noſſa
redencam,
M . D. L.III.
& da reformacã do dito
moeſteyro, ãno
XXVI.

105 Colophon das *Constitvicoens de ſancta Cruz de Coimbra*
Colophon of the *Constitvicoens de ſancta Cruz de Coimbra*
Coimbra, 1553

LIVRO DAS

obras de Garcia de Reesende, que tracta da vida & grandissimas virtudes & bõdades: magnanimo esforço, excelentes costumes & manhas & muy craros feitos do christianissimo: muito alto & muito poderoso principe el rey dom Ioam ho segundo deste nome: & dos Reys de Portugal ho trezeno de gloriosa memoria: começado de seu nacimẽto & toda sua vida ate ha ora de sua morte: cõ outras obras q̃ adiante se seguẽ. Vay mais acrescẽtado nouamente a este liuro hũa Miscellanea ẽ trouas do mesmo auctor & hũa varieda de de historias, custumes, casos, & cousas que em seu tẽpo accõtescerã.

1554

106 Folha do rosto do *Livro das obras de Garcia de Reesende*
Title-page of the *Livro das obras de Garcia de Reesende*
Evora, 1554

80 GARCIA DE RESENDE, LIVRO DAS OBRAS DE GARCIA DE REESENDE.

Evora, André de Burgos, 1554.

LIVRO DAS | obras de Garcia de Reeſende, que tracta da vida & grandiſſi | mas virtudes & bõdades: magnanimo eſſorço, excelentes | coſtumes & manhas & muy craros feitos do chriſtiani- | ſſimo: muito alto & muito poderoſo principe el rey | dom Ioam ho ſegundo deſte nome: & dos Reys | de Portugal ho trezeno de glorioſa memoria: | come- çado de ſeu nacimẽto & toda ſua vida | ate ha ora de ſua morte: cõ outras obras | q̃ adiante ſe ſeguẽ. Vay mais acreſcẽ- | tado nouamente a eſte liuro hũa | Miſcellanea ẽ trouas do meſ- | mo auctor & hũa varieda | de de hiſtorias, cuſtu- | mes, caſos, & couſas | que em ſeu tẽpo | accõteſcerã. | 1554

Titulo a negro e vermelho, enquadrado por tarjas, excepto na parte superior, onde é encimado pela Esphera armillar com as lettras C.A.D.A.T.G. *e a legenda* SPERA IN. DEO. ET. FACBONITATEM *impressas ás véssas, e pelas Armas Reaes*[1].

[fl. 1 vo.] EV el Rey faço ſaber a quantos eſte meu aluara virem, [...] Euora a. xxvj. dias do mes | de Ianeiro de mil & quinhentos & trinta & ſeys annos.

[fl. 2] PROLOGO DE GARCIA DE RESENDE DIRIGI | do a el Rey noſſo ſenhor. [...]

[fl. 3] VIRTVDES FEY- | ções, cuſtumes & manhas del | Rey dõ Ioã ho ſegundo q̃ | ſancta gloria aja. [...]

[fl. 6 vo.] [...] Deo gratias. | Soneto de Andree Falcão de Reeſende. [...]

fl. j. EM NOME DE NO | ſſo ſenhor & Redemptor Ieſu | Xp̃o, começa ſe ha vida do excel | lentiſſimo principe el Rey dom | Ioham ho ſegundo de glorioſa | memoria. [...]

fl. cxvj. [...] DEO GRATIAS.

fl. cxvj vo. HA TRASLADA | çam do corpo do muy catoli | co & magnanimo & muy eſ- | forçado Rey dom Ioam, ho | ſegundo deſte nome: da See | da cijdade de Silues, pera ho | moeſteiro da batalha: por ho | muy ſereniſſimo & eſclareci | do ſenhor el Rey dom Ma- | noel ſeu ſoceſſor & herdeiro | neſtes reynos & ſeñorios de | Portugal. Foy viſto & exami | nado pollos deputados da | ſancta inquiſiçam. [...]

[fl. cxix] HA ENTRADA | del rey dõ Manoel em Ca | ſtella. [...]

[fl. cxxviij] HIDA DA IFFAN | te dona breatiz a Saboya. [...]

fl. cxxxiiij vo. [...] DEO GRATIAS.

[1] *Title in red and black, bordered on three sides by small woodcuts and surmounted by the armillary Sphere with the letters* C.A.D.A.T.G. *and the legend* SPERA IN. DEO. ET. FACBONITATEM *printed the wrong way round, and by the Royal Arms.*

[fl. j] MISCELLANEA DE GARCIA DE REE | ſende: & variedade de hiſtorias, coſtumes, caſos & cou- | ſas que em ſeu tempo acconteſceram. | Prologo. [...]

[fl. j vo.] [...] Começa ha obra. [...]

fl. xxiij vo. [...] Deo gratias. | Foy impreſſa eſta Miſcellanea de Garcia de Reeſende | em ha cijdade Euora, em caſa de Andree de Burgos | impreſſor do Cardeal iffante, &c. accabouſe a | ho fim de Mayo do anno do nacimento | de noſſo ſeñor Ieſu Chriſto de | 1554

Brasão de armas[1].

[fl. 2] HA TAVOADA. [...]

[fl. 5] [...] LAVS DEO, | A LOVVOR DE DEOS E DA GLORIOSA VIR | gem noſſa ſenhora ſe acabou ho liuro da vida & feitos del Rey | dom Ioam ho ſegundo de Portugal: & ha traſladaçam do ſeu | corpo: & ha hida del Rey dom Manoel a Caſtella: & ha | hida da iffante dona Breatiz a Saboya: feito por | Garcia de Reſende: & viſto & examinado po | llos deputados da ſancta inquiſiçam. Foy | impreſſo em Euora em caſa de An- | dree de Burgos impreſſor do car | deal iffante. ao fim de Ma- | yo. do anno de mil & | quinhẽtos. liiij.

O mesmo brasão[2].

Folio—[6], cxxxiiij, [1], ij–xxiij, [5] folhas (a primeira em branco)—38 e 39 linhas—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: A, 6 folhas; A–O, 8 folhas cada caderno; P, 6 folhas; Q–V, 8 folhas cada caderno; [ornament], 4 folhas; total de 168 folhas.

Encadernação de marroquim.

Folio—[6], cxxxiiij, [1], ij–xxiij, [5] leaves (the first blank)—38 and 39 lines—no catchwords.

Collation by signatures: A, 6 leaves; A–O, each 8 leaves; P, 6 leaves; Q–V, each 8 leaves; [ornament], 4 leaves; total 168 leaves.

Morocco binding.

A segunda edição do *Livro das obras de Garcia de Reeſende*, impressa em Evora por André de Burgos em 1554, é uma obra rara á qual se referem, entre outros: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 328), Antonio e José de Castilho (*Livraria Classica Portugueza—Excerptos*, t. X, pp. 74–75), Innocencio (*Diccionario*, vol. III, pp. 119–120), Figaniere (*Bibliographia Historica Portugueza*, pp. 29–30), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 486), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 22), Brunet

Among those who refer to the rare second edition of the *Livro das obras de Garcia de Reeſende*, printed by André de Burgos in Evora in 1554, are: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, p. 328), Antonio and José de Castilho (*Livraria Classica Portugueza—Excerptos*, vol. X, pp. 74–75), Innocencio (*Diccionario*, vol. III, pp. 119–120), Figaniere (*Bibliographia Historica Portugueza*, pp. 29–30), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 486), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 22), Brunet

[1] *Coat of arms.*

[2] *The same coat of arms.*

(*Manuel du Libraire*, t. IV, col. 1247), Salvá (*Catalogo*, nº 3144), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 383) que nos indicam a existencia dos seguintes exemplares: Bibliotheca Nacional de Lisboa (dois exemplares), Ajuda, Archivo Nacional, Funchal, Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro e Bibliotheca de Ste. Geneviève de Paris. A esta lista podemos accrescentar mais os seguintes exemplares: dois no Museu Britannico, um na Bibliotheca da Universidade de Harvard (*Catalogo Palha*, nº 2846), um que pertence ao Dr Ruy Ulrich (que tambem possue a preciosa edição de 1545), dois que se encontravam na posse de Messrs. Maggs Bros., e o nosso, completo e admiravelmente conservado.

Já nos referimos ao *moço da escrevaninha* de D. João II e ás suas obras (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 323–343, e neste volume, as nossas notas sobre o *Lyuro das obras de Garcia de Reſẽde*, 1545).

A edição de André de Burgos, bem como todas as que se lhe seguiram, não contem *A paixão de noſſo ſenhor Ieſu xp̃o*, e *O ſermão dos tres Reys magos*, opusculos que haviam sido incluidos na impressão feita por Luis Rodrigues em 1545; mas, como se lê na folha do rosto,

"Vay mais acreſcẽtado nouamente a eſte liuro hũa Miſcellanea ẽ trouas do meſmo auctor & hũa variedade de hiſtorias, cuſtumes, caſos, & couſas que em ſeu tẽpo accõteſcerã."

Essa chronica rimada dos factos mais notaveis do seu tempo, alem do seu encanto, "throws a curious and valuable light on the times," como diz Aubrey Bell (*Portuguese Literature*, p. 97). É d'essa tão interessante collecção de trezentas decimas que nos vamos occupar.

Resende, poeta, diplomata, compilador do *Cancioneiro*, historiador, musico, e desenhador, narrou na *Miſcellanea* tudo o que viu e ouviu, dando a sua opinião sobre os assumptos mais variados. O encyclopedico Garcia viveu na intimidade de tres Reis, D. João II, D. Manuel, e

(*Manuel du Libraire*, vol. IV, col. 1247), Salvá (*Catalogo*, no. 3144), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 383) who enumerate the following copies: Lisbon National Library (two), Ajuda, Archivo Nacional, Funchal, National Library of Rio de Janeiro, and the Bibliothèque de Ste. Geneviève in Paris. To this list should be added the two copies in the British Museum, one in the Harvard University Library (*Palha Catalogue*, no. 2846), one belonging to Dr Ruy Ulrich (who also possesses the 1545 edition), two which were in the possession of Messrs Maggs Bros., and our own complete and perfect copy.

We have already referred to Dom João II's *moço da escrevaninha* (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 323–343, and in this volume our notes on the *Lyuro das obras de Garcia de Reſẽde*, 1545).

The André de Burgos edition, like all those which succeeded it, lacks *A paixão de noſſo ſenhor Ieſu xp̃o* and *O ſermão dos tres Reys magos* which were included in the volume issued by Luiz Rodrigues in 1545; but, as we read on the title-page,

"There is further newly added to this book a Miscellany in verse by the same author and a diversity of histories, customs, cases, and things which happened in his time."

Apart from its essential charm, this rhymed chronicle of the notable happenings of his day "throws a curious and valuable light on the times" as Aubrey Bell says (*Portuguese Literature*, p. 97). It is to this interesting collection of three hundred *decimas* that we will turn our attention.

In the *Miſcellanea*, Resende, the poet, diplomat, compiler of the *Cancioneiro*, historian, musician, draughtsman, described and gave his opinion upon all he saw and heard. The encyclopedic Garcia was in the household of three kings, Dom João II, Dom Manuel and Dom João III, and

D. João III, e lidou, póde dizer-se, com todas as pessoas importantes do seu paiz durante mais de quarenta annos; demais, viajou, tendo estado em Castella com D. Manuel, e em Roma com a famosa Embaixada de Tristão da Cunha, o que lhe permittiu conhecer personagens celebres, a começar pelos Reis Catholicos e o Papa Leão X: por consequencia, a sua "variedade de hiſtorias" é uma verdadeira gazeta da epocha. No *Prologo*, tambem em verso, dirigido a D. João III, Garcia de Resende diz-nos que compoz a *Miſcellanea* para deixar memoria dos

> "grandes acconteſcimentos
> ....
> que em noſſos dias paſſaram."

Em seguida, "Começa ha obra" com esta decima:

> "Vimos taes couſas paſſar
> em noſſo tempo & hidade
> que ſe ſe ouuiram contar
> por mentira & vaydade
> ſe ouueram de julgar:
> & pois has tẽemos ſabidas
> & estã tam eſqueecidas
> q̃ nam lembram a ninguẽ
> veja voſſa alteza bem
> que vijmos em noſſas vidas."

Na maior parte das trovas, Resende usa a expressão "vimos"; viu, sem duvida, grande parte dos successos que narra, mas em muitos casos, essa palavra significa simplesmente que os acontecimentos tiveram logar "em noſſas vidas." Por isso, viu

> "...ho turco tomar
> gram parte da chriſtãdade,"

e Luduvico o Moro

> "......mal acabar
> q̃ el rey de Frãça ho prẽdeo
> & em gayola ho metteo
> ....
> & aſſi preſo morreo."

had intercourse with all the important people in his country for more than forty years. He travelled also, visiting Castile with Dom Manuel, and Rome with Tristão da Cunha's famous embassy, so he had met many people of other countries, including the Catholic Sovereigns and Pope Leo X. His "diversity of histories" is therefore a valuable source of information about events which took place during his lifetime, many of which he actually witnessed. In the *Prologo* in verse, addressed to Dom João III, Resende explains that he composed the *Miſcellanea* in order to leave a record of the

> "great happenings
> ....
> which took place in our time."

"The work begins" as follows:

> "We have seen such things take place
> in our time and in our age
> that anyone who heard the story of them
> would surely adjudge it to be
> nothing but lies and empty words:
> and since we have known them
> and they are now so forgotten
> that no one remembers them at all,
> let Your Highness clearly see
> what we have seen in our life."

Most of the verses begin with the word "*vimos*" (we have seen); Resende certainly saw many of the events he describes, but in many cases the word merely signifies that the things happened "in our life."

Thus he saw

> "...the Turk conquer
> a great part of Christendom."

He saw Ludovic the Moor

> "come to a sad end
> for the King of France captured him
> and put him in prison
> ....
> and in this captivity he died."

Conheceu Fernando de Aragão,

"......ho que lançou
hos judeus & mouros fora,"

e a

"raynha dona Isabel
tam prudente, virtuosa
tam real, tam grandiosa
....
q̃ nã foy tal haa mil annos."

Refere-se com pouca sympathia a Luis XI de França,

"......muito mal quisto
cruo, auaro, muy prouisto:
fazendo quanto mal quis
morrer bem velho foy visto."

Falla então do nosso D. Affonso V, que andou

"seys vezes fora da terra
....
em batalhas pellejou
seu sogro mato em guerra:
depois veo & morreo
na casa em que nasceo."

Em seguida, faz o elogio do Principe Perfeito com a enthusiastica admiração que lhe dedicára, dizendo:

"Vijmos el rey dom Ioam
muy cristão muy esforçado
virtuoso em perfeiçam:
....
de seus pouos muy querido
& dos grãdes muy temido."

Refere-se ás suas qualidades, e narra as festas deslumbrantes realizadas em Evora em 1490, como "nã se virã outras taes," para celebrar o casamento do Principe D. Affonso com a filha dos Reis Catholicos: e com saudade d'essa epocha, exclama:

"Que Raynha, q̃ grã Rey!
que principe singular!
princesa, damas sem par!
& dos nobles que direy!
do seu amor, do gastar:

He knew Ferdinand of Aragon,

"...the one who drove
the Jews and Arabs out,"

and

"Queen dona Isabel
so prudent and virtuous
so royal, so noble
....
that there has been none like her for a thousand years."

He refers with little sympathy to Louis XI of France,

"......very much disliked
cruel, miserly, very prudent
doing as much evil as he felt inclined,
he died at a good old age."

He then speaks of Dom Affonso V of Portugal, who went

"out of the country six times
....
fought in battles
killed his father-in-law in war:
he afterwards came and died
in the house where he was born."

Again he gives expression to his enthusiastic admiration for the Perfect Prince, when he says

"We have seen King dom Joam
very Christian, very valiant
virtuous to perfection:
....
much beloved by his people,
greatly feared by the grandees."

He refers to Dom João's great qualities, he describes the dazzling festivities, "such as had never been seen," with which Prince Affonso's wedding was celebrated in Evora in 1490, and regretfully exclaims:

"What a Queen, what a great King!
What a rare prince!
princess, ladies beyond compare!
and of the nobles what shall I say!
What of his love, of the expenditure:

das merces que el rey fazia:
dos poouos quanta alegria!
como tudo pereſceo!
que triſte morte morreo
ho principe em hũo ſoo dia."

Com profunda magua conta a tragica morte do Principe, que

"Por ſua gram fermoſura
foy no mundo nomeado
angelica criatura,"

e a dôr da Princeza, que

"Entrou com mil alegrias
ſahio com grandes triſtezas."

Depois, refere-se aos casamentos de Principes de Portugal com Princezas Castelhanas, e ao sonho dourado da união de "todos reynados" sob o sceptro Portuguez: mas esse sonho não se devia realizar, porque—phrase admiravel—

"portugueſes, caſtelhanos
nõ hos quer deos jũtos ver"!

Mais adeante, falla da prisão de Maximiliano em Bruges, da tomada de Granada, do Papa Alexandre VI e de seus filhos, e do que se passava em Inglaterra, na Escocia, na Hungria e em Napoles, para logo contar esta curiosa coincidencia:

"E vijmos em Sanctarem
dous principes nomeados
afonſos, hos paes tambem
ambos joãnes chamados
non em hũo tempo porem
he couſa para nam creer
virem ambos a morrer
no mez de julho & hũo dia
nos quaes tempos non auia
mais filho que ſobceder."

Conheceu D. Manuel, que subiu ao throno por terem fallecido os seis herdeiros,

"hos quaes todos ouueram
antes delle, de reynar."

Viu o Venturoso "descobrir" a India,

of the favours the King bestowed!
What was the people's joy!
And how it all perished!
What a sad death the prince died
in the space of one day."

There is a feeling account of the tragic death of the Prince, who

"For his great beauty
was known in the world
as the angelic creature,"

and of the anguish suffered by the Princess, who

"Came in with a thousand joys
and went out in great sorrow."

He then refers to the marriages between Princes of Portugal and Castilian Princesses, and to the golden dream of the union of "all the kingdoms" under the Portuguese sceptre: but this dream was never to come true because

"God does not wish to see
Portuguese and Castilians united."

Later he speaks of Maximilian's imprisonment in Bruges, of the taking of Granada, of Pope Alexander VI and his sons, and of events in England, Scotland, Hungary and Naples. He then describes this curious coincidence:

"And in Santarem we have seen
two princes named
Afonso, the fathers also
both called Joannes,
not at the same time however.
It is an incredible thing
that they both came to die
in the month of July on one day,
and then there were
no more sons to succeed."

He knew Dom Manuel, who came to the throne through the death of the six heirs,

"All of whom should have
reigned before him."

He saw the Fortunate King "discover" India,

"tomando reynos & terras
ꝑ muy guerreadas guerras
ganhãdo toda ha riqueza
do ſoldam & de Veneza
ſobjugando mares: ſerras."

E accrescenta:

"Outro mũdo encoberto
vijmos entã deſcobrir
que ſe tinha por incerto."

Menciona os admiraveis descobrimentos, e dá-nos noticias interessantissimas d'essas terras longinquas: nomeia as suas riquezas, as pedrarias, os metaes preciosos, as especiarias, os productos mais importantes, e os animaes que lá vivem, fazendo uma referencia especial aos "elefantes paſmoſos," que teem tanto "entender" e "ſaber," que em Cochim

"......muy certo ſe prouou
que hũo elefante fallou."

Conta os extraordinarios e curiosissimos costumes d'esses paizes, taes como os das virgens de Malabar, Cambaya, Pegu e Meçuá, e os de alguns Soberanos d'essas distantes regiões. Em "çamatra," os Reis são "de meninos enſinados" a tomar peçonha em pequenas doses, e assim não pódem ser envenenados; mas

"......ſe alguẽ bebe ſeu vinho
ou moſca come ſeu coſpiño
morre ſem poder viuer."

Ácerca dos Reis de Malabar, diz que os seus filhos

"......nã hã de herdar
por das mães nam confiar
& ha derdar hũo parente
filho de yrmãa ou de prima."

Algumas das noticias são pitorescas; no Sião,

"Se morre pay ou hirmão
ou filho, ſam logo aſſados
& comidos com paixam
dos parẽtes mais chegados
....
dizẽ que por mais honrar
querẽ em ſi ſepultar
ſua carne & natureza."

"taking kingdoms and lands
in very warlike wars,
winning all the riches
of the Sultan and of Venice,
overcoming seas, and mountains."

Resende adds:

"Another hidden world
saw we then discovered
which had been thought uncertain."

He mentions the wonderful discoveries, and gives interesting pieces of information about the distant lands, enumerating their riches, their precious stones, metals, spices and other important products; he names the animals found there, making special reference to the "amazing elephants" which have such knowledge and understanding that in Cochin

"it was very certainly proved
that an elephant spoke."

He recounts the extraordinary practices of the inhabitants of these lands, such as the virgins of Malabar, Cambaya, Pegu and Meçuá (Musha), and certain rulers of these distant regions. In "çamatra" the Kings are "taught from their youth" to take poison in small doses, so that they can never be poisoned, but

"...if anyone else drinks their wine
or a fly eats their spittle
he dies without a chance of living."

He says that the sons of Kings of Malabar

"...are not allowed to inherit
because their mothers are not trusted
and a relative has to inherit
who is the son of a sister or female cousin."

Some of the information is very curious: in Siam,

"If a father or a brother die
or a son, he is at once roasted
and affectionately eaten
by his nearest relatives
....
They say that to do him greater honour
they want to bury in themselves
his flesh and all his being."

Conta ainda muitas cousas dos costumes d'esses povos, mas as noticias são tantas, que pômos em practica as palavras do proprio Resende:

> "......por non enfadar
> muitas deixo defcreuer."

Terminada a sua descripção dos costumes do Oriente, occupa-se novamente da Europa, onde viu "Quĩze reis quĩze reynados," e quasi todos os povos em guerras,

> "hũos com outros fe matar
> faluo vngros & portuguefes."

Essas "ĩjuftas guerras" só "fazẽ ho turco profperar," porque os Christãos não querem ver "quanto lançam a perder"; e accrescenta:

> "Nõ fey como ds cõfente
> tantos males caa na terra
> & que moirra tanta gente
> fem caufa & innocente
> per mandado de quẽ erra."

O que diria hoje Garcia de Resende, que gostava de rir e folgar?

Falla dos Papas do seu tempo, e aponta as "obras efpantofas" que Julio II fundou:

> "vij fam pedro começar
> obra tanto defpantar
> que outra tal non fe fabe
> nẽ fey papa que ho acabe
> fe ho deos non acabar."

Em Italia viu tambem o uso frequente da peçonha com

> "que matam aa trayçam
> ....
> ......papas, cardeaes
> Reys, feñores principaes,"

grandes ou pequenos, nacionaes ou estrangeiros.

Viu "ha deftruyçam" dos Judeus em Castella, a sua expulsão de Portugal, e a matança dos Christãos novos em Lisboa. Viu e conheceu immensa gente: o Duque de Bragança, D. Jayme, que tomou Azamor; o celebre Cardeal D. Jorge da Costa; o Bispo de Evora, D. Garcia

He tells so many things about these peoples, that, in Resende's own words:

> "...so as not to tire you
> I leave out many of them."

From the Orient, he turns again to Europe where he saw "Fifteen kings, fifteen reigns," and almost all the peoples at war

> "killing one another
> save the Hungarians and the Portuguese."

These "unrighteous wars" only "make the Turk to prosper," because the Christians refuse to see "how much they cast away and lose." And he adds:

> "I do not know how God permits
> so many evils here on earth
> and that so many innocent people
> should die without cause
> by the command of one in error."

What would Garcia de Resende, who loved to laugh and make merry, say of the present day?

He speaks of the Popes of his time, and describes the "wonderful works" started by Julius II:

> "I saw St Peter's begun
> a work so astonishing
> that none like it is known
> I do not know a pope who can finish it
> unless God himself will do so."

In Italy he also saw the frequent use of poison, with which

> "they treacherously kill
> ....
> ...popes and cardinals
> Kings, important lords,"

great and small, natives and strangers.

He saw "the destruction" of the Jews in Castile, their expulsion from Portugal, and the massacre of the new Christians in Lisbon. He saw and knew crowds of people: the Duke of Bragança, Dom Jayme, who captured Azamor; the famous Cardinal Dom Jorge da Costa; the

de Menezes; D. Francisco d'Almeida, primeiro Vice-Rei da India,

> "muy valente caualleiro
> ſem cobiça: verdadeiro";

o Conde de Monsanto; Diogo de Azambuja; o grande Affonso de Albuquerque,

> "que nã ſey cõ q̃ ſe merque
> hũa memoria tam boa";

Vasco da Gama,

> "com tantos medos diante
> non recear, ſe non yr
> tee as indias deſcobrir
> quanto quis leuou auante,"

e muitos outros Portuguezes illustres. Tocando em todos os assumptos, descreve um bom costume dos Principes Portuguezes que o povo tanto apreciava:

> "Quãdo hos principes ſahiã
> dias ſanctos caualgauam
> todos ſeus pouoos hos viã
> elles viam & ouuiam
> todos quantos lhe fallauam
> Ninguẽ pode ſer querido
> de quem nõ he conheſcido,
> que hos olhos haã de olhar
> para ho coraçam amar
> ho q̃ tem viſto & ſabido."

Depois, refere-se aos ricos e bellos fatos e vestidos, ás roupas, joias, espadas e insignias que antigamente se usavam, e que "durauã muito," e n'uma decima cheia de espirito, digna do seu genio galhofeiro, Resende faz, pondo-a a ridiculo, a descripção da moda do momento:

> "Agora veemos capinhas
> muito curtos pellotinhos
> golpinhos & çapatinhos
> fundas pequenas, mulinhas
> gibõeszinhos, barretinhos:
> eſtreitas cabeçadinhas
> pequenas nominazinhas
> eſtreitinhas guarnições
> & muito maas inuenções
> pois q̃ tudo ſam couſinhas."

Bishop of Evora, Dom Garcia de Menezes; Dom Francisco d'Almeida, the first Viceroy of India,

> "a most valiant knight
> without covetousness; honourable";

the Conde de Monsanto; Diogo de Azambuja; the great Affonso de Albuquerque,

> "I do not know what can compare
> with the great name he left."

He knew Vasco da Gama, who

> "with so many terrors before him
> did not fear, nor yet turn back,
> until he had discovered India
> he did all he undertook,"

and many other distinguished Portuguese. In his all-embracing work he describes a very good habit of the Portuguese princes, and one which the people greatly appreciated:

> "When the princes went out
> on holy days, they rode;
> all their people saw them,
> and they saw and heard
> as many as spoke to them.
> No one can be loved
> by those who do not know him,
> the eyes have to see
> so that the heart may love
> what it has seen and known."

He then refers to the beautiful and rich clothing, linen, jewels, swords and insignia of the olden days, which "used to last a long time," and in a witty verse ridicules the mode of his own day:

> "Now we see little cloaks
> very short little jackets
> little slashes, little shoes
> little chin-cloths, little mules
> little doublets, little caps
> scanty little capes
> tiny little bags
> very narrow trimmings
> and very ill inventions
> because all are such little things."

Viu "ha letra de forma achada," conheceu os artistas, musicos, pintores, esculptores e ourives; e assistiu ás representações

"deſtilo muy eloquente
de muy nouas enuenções
& fectas por Gil vicente."

Viu a Rainha D. Leonor fundar as Misericordias, Lisboa "creſcer em pouos & em grandeza," D. Manuel edificar Belem "e fazer alçar paços, igrejas, moſteiros grandes" no reino, e

"el rey cõ ho preſte joam
embaixadas ſe mandar."

Se viu as grandezas, não esqueceu as baixezas, e faz esta notavel critica:

"Vimos hos bõos deſcaydos
& hos maos muy leuãtados
virtuoſos deſualidos
....
ho ſaber deſeſtimado
ha falſidade creſcida
....
Ha cubiça muy lembrada
nobleza bem eſqueecida
....
Vijmos hõrar liſongeiros
& folgar cõ murmurar
....
vijmos tambem villania
preceder ha fidalguia
....
Vijmos moços gouernar
& velhos deſgouernados
fracos, em armas fallar
& vijmos muitos mandar
que deuiam ſer mandados."

N'essa analyse, Resende viu tudo, e corajosamente censurou os abusos, os roubos, os ingratos, os ociosos, os maldizentes e os invejosos: é na verdade uma critica admiravel. Condemna egualmente os "Gaſtos muy demaſiados" que as "dõnas caſadas" faziam, e escreve esta curiosa decima:

"Aas portugueſas hõradas
vijmos por deſhonra auer

He saw the invention of printing; he knew artists, musicians, painters, sculptors, goldsmiths; he was present at the performances

"in most eloquent style
of very new inventions
made by Gil Vicente."

He saw the founding of the *Misericordias* by Queen Leonor; he saw Lisbon "grow in people and in greatness," he saw Dom Manuel build Belem and "raise up palaces, churches, and large monasteries" all over the kingdom; he saw

"the king and Prester John
send each other embassies."

But while he appreciated the great things, he did not overlook the evil, and makes the following criticism:

"We have seen the good brought low
and the wicked raised high,
the virtuous out of favour
....
knowledge despised,
falsehood spreading
....
Covetousness well remembered,
nobility quite forgotten
....
We have seen flatterers honoured
and pleasure taken in slander
....
we have also seen baseness
go before nobility
....
We have seen youths governing
and ungoverned old men,
the weak boast of arms,
and we have seen many command
who should have been commanded."

Resende, who saw everything, bravely pointed out the abuses of his day, the robbery, the ingratitude, the idleness, the slander and the jealousy: it is a truly admirable criticism. He was particularly against the "excessive expenditure" of the "married ladies," and says:

"To our shame we have seen
the honoured Portuguese ladies

no roſtro & face põer
& trazer auerdugadas
& tambem vinho beber:
por deſoneſtas auiam
as que taes couſas faziam
depois foram tam vſadas
todas q̃ haã q̃ has paſſadas
nẽ ſabiam, nem viuiam."

Que diria hoje Garcia de Resende? O "peixe tamboril" ficaria, sem duvida, pasmado, se "visse" as caras caiadas ou côr de tijolo, os beiços como se estivessem em sangue, os olhos pintados, as sobrancelhas rapadas, os penteados d'homem, e as modas d'agora; e se tivesse assistido a qualquer "cocktail party," é provavel que a sua trova teria contido expressões mais apimentadas.

Conta ainda o que se passava na Europa: a Reforma na Allemanha; a subida de Carlos V ao throno; a batalha de Marignan ganha por Francisco I de França, e a de Pavia em que elle foi vencido, e levado prisioneiro para Castella; o cerco e tomada de Roma pelo Condestavel de Bourbon, e o saque da Cidade Eterna no qual se perdeu

"ho rico pontifical
q̃ laa foy de portugal."

Em 1521, viu a morte do "gram rey dom Manuel" e a acclamação de D. João III, "em tudo muy entendido."

Narra os factos notaveis do reinado d'esse Soberano até á data em que escreveu a *Miſcellanea*, sem esquecer os tremores de terra, as tempestades e o cometa de 1530.

Todos estes factos viu

"começar & acabar
& deſta mũdana gloria
nõ ficar mais que memoria."

Escreveu tudo o que viu e ouviu para proveito de

"quem teuer ſiſo & ſaber
que ho por vijr he paſſado,
tudo accaba, ſe nam

paint their faces and cheeks
and wear farthingales
and also drink wine:
those who did such things
used to be considered immodest;
but now they have all become so common
that it is considered that ladies in the past
did not know how to live."

What would Garcia de Resende have to say to-day? The "frog-fish" would surely be amazed if he saw the white-washed faces and scarlet cheeks, the blood-red lips, the plucked eyebrows, the cropped hair of present-day fashion; and had he been present at a cocktail party, his verse would probably be even more severe.

Resende then tells of happenings in Europe: the Reformation in Germany, Charles V's accession to the throne, the victory of François I of France at Marignan, his subsequent defeat at Pavia—whence he was taken to Castile as a prisoner—the siege and capture of Rome by the Constable of Bourbon, and the sack of the eternal city when

"the rich pontifical
sent there from Portugal"

was lost.

In 1521 he saw the death of the "great king dom Manuel" and the acclamation of Dom João III "very wise in everything."

He gives an account of the notable happenings in this Sovereign's reign up to the time when he wrote his *Miſcellanea*, and does not forget the earthquakes, the storms and the comet of 1530.

He saw all these things

"begin and end
and only the memory remains
of all this mundane glory."

He wrote of all he had seen and heard for the benefit of

"whomsoever has judgment and knowledge
that all that is to come is past,
everything comes to an end except

MISCELLANEA DE GARCIA DE REE ſende:& variedade de hiſtorias,coſtumes,caſos & couſas que em ſeu tempo acconteſceram.

¶Prologo.

Senhor.

¶Has perdas nojos doenças
& fortunas tem remedio
mas quẽ deixa perder tempo
nunca ho mais pode cobrar
eu naqueſte em que me vi
deſcontente & ocioſo
& fora de ocupações
non de paixões & cuydados
me occupei em cuydar
& recolher aa memoria
has muitas & grãdes couſas
que em noſſos dias paſſaram
& has nouas nouedades
grandes acconteſcimentos
& deſuairadas mudanças
de vidas & de coſtumes
tantos começos & cabos
tanto andar deſandar
tanto ſobir & deſcer
tantas voltas maas & bõas
tanto fazer deſſazer
tanto dar,tanto tomar
tãtas mortes,tãtas guerras
tam poucas vidas & pazes
tanto tẽer,tanto non ter
tantos deſcontentamentos
tantas & vãas eſperanças
tanto mal,tam pouco bem
tanto fauor deſſauor
tanto valer deſualer
tanto plazer,tantos nojos
tã pouco dar por virtudes
tantos falſos & mentiras
tam pouca fe & verdade
tantos ſoberbos & baixos
tanto ſaber ſem dar fructo
tantos ſimples & errados
tam poucos hos que acertam
tantos ſeruiços em vão
tanto medrar ſem ſeruir
tanto ſoltar & prender
tantos enganos & modos
tantos bõos ſem galardam
& tantos maos ſem caſtigo
conſelhos ſem caridade
ingratidam ſem razam
cobiças,pouco amor
& amizades fingidas
tam perſeguida ha igreja
dechriſtãos maisq̃ de mouros
tanto trabalhar por vida
tam pouco por bem morrer
tantos auaros tiranos
tantos cuydados do mundo
tantos deſcuydos de deos
por couſas que ham dacabar

S

Livro das obras de Garcia de Reeſende
107 Primeira pagina da *Miſcellanea*
First page of the *Miſcellanea*
Evora, 1554

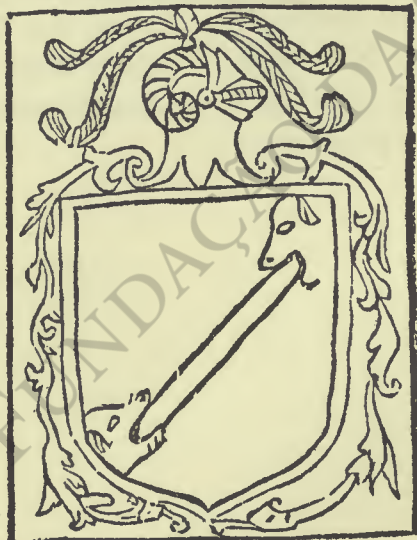
MISCELLANEA

¶Conclusam.

Muy poucos adjudadores
acha quem quer fazer bem
& se alguem bem fecto tem
sam tantos hos glosadores
q̃ ho nõ faz ja ninguem:
has cousas ante de achadas
nem vistas nem practicadas
he muito quẽ has bem acha
& muy pouco por lhe tacha
quẽ has deseja tachadas.

¶Ho caminho fica aberto
a quem mais quiser dizer
tudo ho quescreui he certo,
non pude mais escreuer
por nã tẽer mais descuberto
sem letras & sem saber
me fuy naquisto metter
por fazer a quẽ mais sabe
que ho que minguar acabe,
pois eu mais nã sey fazer.

¶Deo gratias.

¶Foy impressa esta Miscellanea de Garcia de Reesende
em ha cijdade Euora, em casa de Andree de Burgos
impressor do Cardeal iffante. &c. accabouse a
ho fim de Mayo do anno do nacimento
de nosso señor Iesu Christo de
1554

Livro das obras de Garcia de Reesende
108 Colophon da *Miscellanea*
Colophon of the *Miscellanea*
Evora, 1554

A LOVVOR DE DEOS E DA GLORIOSA VIR gem noſſa ſenhora ſe acabou ho liuro da vida & feitos del Rey dom Ioam ho ſegundo de Portugal:& ha traſladaçam do ſeu corpo:& ha hida del Rey dom Manoel a Caſtella: & ha hida da iffante dona Breatiz a Saboya: feito por Garcia de Reſende:& viſto & examinado po llos deputados da ſancta inquiſiçam. Foy impreſſo em Euora em caſa de Andree de Burgos impreſſor do car deal iffante. ao fim de Mayo. do anno de mil & quinhẽtos.liiij.

109 Colophon do *Livro das obras de Garcia de Reeſende*
Colophon of the *Livro das obras de Garcia de Reeſende*
Evora, 1554

amar deos, de coraçam
& feruillo de vontade
todo ho al he vãidade
& coufas que vem & vaã."

E termina a sua "variedade de hiftorias" dizendo:

"Muy poucos adjudadores
acha quem quer fazer bem,"

mas

"Ho caminho fica aberto
a quem mais quifer dizer
tudo ho que fcreui he certo,
non pude mais efcreuer
por nã tẽer mais defcuberto
fem letras & fem faber
me fuy naquifto metter
por fazer a quẽ mais fabe
que ho que minguar acabe,
pois eu mais nã fey fazer."

Resende é demasiadamente modesto, pois deixou uma obra valiosissima pelas informações que nos dá a respeito da sua epocha. A sua *Mifcellanea* é cheia de encanto, e ao escrevel-a prestou mais um serviço: se humildemente declara que a compoz "fem letras & fem faber," não podemos esquecer o que Gil Vicente dizia, e com razão, do encyclopedico Garcia: "de tudo intende."

loving God with all one's heart
and serving him willingly
all the rest is vanity
and things which come and go."

He concludes his *Mifcellanea* by saying:

"He who desires to do good
finds very few helpers,"

but

"The way remains open
to him who would say more,
all I have written is sure
I could not write more
because I had learnt no more,
without letters and without knowledge
I entered upon this task
so that he who knows more
may add what is missing,
because I am unable to do more."

Resende is too modest, for he left a most valuable work, full of interesting information about his times. The *Mifcellanea* is full of charm, and he did a great service to his country in composing it: though he humbly says he wrote it "without letters and without knowledge," we cannot forget that Gil Vicente said of him that "he understands everything."

Tratado de la vida loores y excelencias del glorioſo a- poſtol y bienauenturado euangeliſta ſan Iuan, el mas amado y querido diſcipulo de Chriſto nueſtro ſaluador: cõpueſto por el. P. F. Diego de Eſtella, de la or- den de los frailes menores: dirigido a la muy alta y muy poderoſa rey- na de Portugal, y por mãda do de ſu alteza agora nue- uamẽte impreſſo.

Con Real priuilegio y viſto por la ſancta inquiſicion.

Nota q̃ el autor mas da en eſte libro de lo que promete: porque a bueltas de los loores de San Iuan, van entretexidas algunas materias morales: de manera q̃ no ſolo a los deuotos de ſan Iuan es apla- zible, pero aun a todos los fieles Chriſ- tianos vtil y preuechoſo.

110 Folha do rosto da *Vida del glorioſo apoſtol ſan Iuan* de Diogo de Estella
Title-page of the *Vida del glorioſo apoſtol ſan Iuan* of Diogo de Estella
Lisboa, 1554

81 DIOGO DE ESTELLA, TRATADO DE LA VIDA DEL APOSTOL SAN IUAN.

Lisboa, Germão Galharde, 1554.

Tratado de la | vida loores y excelencias del gloriofo a- | poftol y bienauenturado euangelifta fan | Iuan, el mas amado y querido difcipulo | de Chrifto nueftro faluador: cõpuefto | por el. P. F. Diego de Eftella, de la or- | den de los frailes menores: dirigido | a la muy alta y muy poderofa rey- | na de Portugal, y por mãda | do de fu alteza agora nue- | uamẽte impreffo. | Con Real priuilegio y vifto | por la fancta inquificion. | Nota q̃ el autor mas da en efte libro | de lo que promete: porque a bueltas de | los loores de San Iuan, van entretexidas | algunas materias morales: de manera q̃ | no folo a los deuotos de fan Iuan es apla- | zible, pero aun a todos los fieles Chrif- | tianos vtil y prouechofo.

Titulo enquadrado por uma portada egual á da primeira edição dos Lusiadas, *só com a differença de ter alguns ornatos accessorios que faltam na portada d'essa edição*[1].

[fl. 1 vo.]

Gravura, enquadrada por tarjas, que representa o martyrio de um santo[2].

[fl. 2] A la muy Alta y muy po- | derofa reyna de Portugal doña Catalina, primera | de efte nombre, digniffima feñora nueftra | F. Diego de Eftella. S. [...]

[fl. 3] [...] Al lector. [...]

[fl. 4] Comiença el tratado | dela vida, loores, y excelencias, del | bienauẽturado apoftol y euan- | gelifta San Iuan. | Capitulo primero [...] ARTICVLO PRIMERO [...]

fl. ccviij. [...] LAVS DEO.

fl. ccviij vo. A LOOR Y GLORIA DE | Dios, acabofe el tractado de la vida y ex- celẽcias del glo- | riofo euangelifta fant Iuan, en la muy noble y fiempre | leal ciudad de Lisbona, en la imprẽta de German | gallarde imprimidor del rey nueftro feñor. | Aca- bofe a nueue del mes de Au- | gufto. Año de mil y qui- | ñientos y cinquen | ta y qua- | tro.

[fl. 1] TABLA DE LOS CAPITVLOS | y articulos del prefente tractado. [...]

[fl. 3] [...] Fin de la tabla.

[fl. 3 vo.] *Error de la impreſsion.* [...]

[1] *Title within an architectural border like the one in the first edition of the* Lusiads, *except that it has various additional ornaments which are missing in that edition.*
[2] *Within a woodcut border is a woodcut showing the death of a holy martyr.*

4º—[4], v–ccviij, [4] folhas (a ultima em branco) —29 linhas—notas marginaes, parte de algumas epigraphes e parte da taboada em caractéres gothicos—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: A–Z, 8 folhas cada caderno; AA–CC, 8 folhas cada caderno; DD, 4 folhas; total de 212 folhas.

Encadernação de carneira.

O *Tratado de la vida loores y excelencias del gloriofo apoftol y bienauenturado euangelifta ſan Iuan*, composto por Fr. Diogo de Estella "a loor y gloria de Dios," foi estampado em Lisboa em 1554 por Germão Galharde, "imprimidor del rey nueſtro ſeñor." Entre outros, referem-se a esta obra dedicada á Rainha D. Catharina, e impressa "por mãdado de ſu alteza": Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. I, p. 651), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 102), Sousa Viterbo (O *movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 134, e *A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 267), Palau (*Manual del Librero Hispano-Americano*, t. III, p. 159), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 651) que mencionam os seguintes exemplares: Bibliotheca Nacional de Lisboa, Porto, Evora e Universidade de Coimbra. A essa lista podemos accrescentar mais quatro exemplares: um no Museu Britannico, um na Universidade de Harvard (*Catalogo Palha*, nº 9), um na Bibliotheca da Hispanic Society of America, e o nosso, que está perfeitamente conservado.

Segundo Barbosa, Fr. Diogo de Estella era "oriundo da Cidade do ſeu apellido, ſituada em o Reyno de Navarra, porém nacido em o de Portugal" (*ob. cit.* p. 650). Escreveu diversos livros asceticos "valendo-ſe deſtas mudas vozes para deſpertar aos que jaziaõ ſepultados no lethargo das culpas" (*loc. cit.*). Conforme Ticknor (*History of Spanish Literature*, vol. III, p. 174), as suas melhores obras são o *Libro de la vanidad del*

4to.—[4], v–ccviij, [4] leaves (the last blank)—29 lines—marginal notes, part of some of the chapter headings and part of the index in Gothic type—no catchwords.

Collation by signatures: A–Z, each 8 leaves; AA–CC, each 8 leaves; DD, 4 leaves; total 212 leaves.

Sheepskin binding.

The *Tratado de la vida loores y excelencias del gloriofo apoftol y bienauenturado euangelifta ſan Iuan* was composed by Frei Diogo de Estella "a loor y gloria de Dios" and dedicated to Queen Catharina, by whose order it was printed in Lisbon in 1554 by Germão Galharde, "imprimidor del rey nueſtro ſeñor." Among those who refer to the work are: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. I, p. 651), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 102), Sousa Viterbo (O *movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 134, and *A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 267), Palau (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. III, p. 159), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 651) who mention the following copies: Lisbon National Library, Oporto, Evora, and Coimbra University. To this list must be added the British Museum copy, those in Harvard University (*Palha Catalogue*, no. 9) and the Library of the Hispanic Society of America, and our own, which is in excellent condition.

According to Barbosa, Frei Diogo de Estella's "parents came from the city of his name in the kingdom of Navarra, though he was born in the one in Portugal" (*op. cit.* p. 650). He wrote various devotional books "and used these mute voices to awaken those who lay buried in the lethargy of sin" (*loc. cit.*). Ticknor (*History of Spanish Literature*, vol. III, p. 174) says his best

mundo, e as *Meditaciones devotissimas del Amor de Dios.*

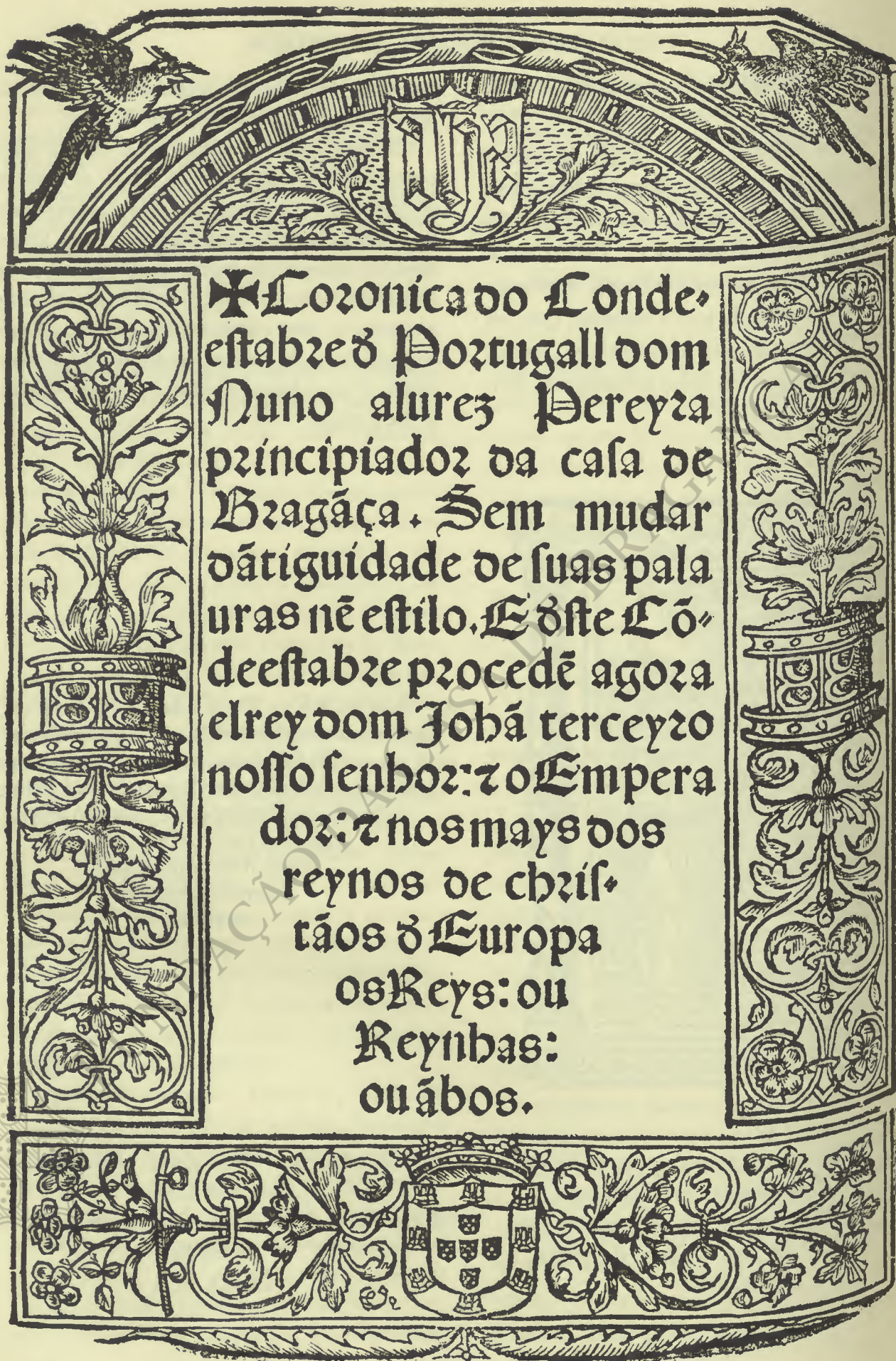
Galharde serviu-se n'este *Tratado* da mesma portada que empregára na *Reegra de Santiago* de 1548 (ver as nossas notas sobre esse livro), supprimindo-lhe apenas o emblema da Ordem de S. Thiago que se via na corôa de louros. A portada com o pelicano virado para a esquerda, que, em 1572, veiu a ser a da primeira edição dos *Lusiadas*, é a causa principal do nosso interesse pelo livro de Fr. Diogo de Estella.

works are the *Libro de la vanidad del mundo* and the *Meditaciones devotissimas del Amor de Dios.*

Galharde used the same border on the title-page of this *Tratado* as in the *Reegra de Santiago* of 1548 (see our notes on this book), except that he omitted the emblem of the Order of St James from the centre of the laurel wreath. This border with the pelican turning his head to the left is to our mind the most interesting thing in Frei Diogo de Estella's book, because, as we have said elsewhere, it was afterwards used in the first edition of the *Lusiads*.

111 Gravura no verso da folha do rosto da *Vida del glorioso apostol San Iuan* de Diogo de Estella
Woodcut on the back of the title-page of the *Vida del glorioso apostol San Iuan* of Diogo de Estella
Lisboa, 1554

A LOOR Y GLORIA DE Dios, acabose el tractado de la vida y excelẽcias del glorioso euangelista sant Iuan, en la muy noble y siempre leal ciudad de Lisbona, en la imprẽta de German gallarde imprimidor del rey nuestro señor. Acabose a nueue del mes de Augusto. Año de mil y quiñientos y cinquenta y quatro.

112 Colophon da *Vida del glorioso apostol San Iuan* de Diogo de Estella
Colophon of the *Vida del glorioso apostol San Iuan* of Diogo de Estella
Lisboa, 1554

M II

54

✠ Coronica do Conde-
eſtabre d Portugall dom
Nuno alurez Pereyra
principiador da caſa de
Bragãça. Sem mudar
dãtiguidade de ſuas pala
uras nẽ eſtilo. E dſte Cõ-
deeſtabre procedẽ agora
elrey dom Johã terceyro
noſſo ſenhor: e o Empera
dor: e nos mays dos
reynos de chriſ-
tãos d Europa
os Reys: ou
Reynhas:
ou ãbos.

113 Folha do rosto da *Coronica do Condeeſtabre*
Title-page of the *Coronica do Condeeſtabre*
Lisboa, 1554

82 [FERNÃO LOPES?], CORONICA DO CONDEESTABRE DOM NUNO ALUREZ PEREYRA.

Lisboa, Germão Galharde, 1554.

Coronica do Conde- | eſtabre ȡ Portugall dom | Nuno alurez Pereyra | principiador da caſa de | Bragãça. Sem mudar | dãtiguidade de ſuas pala | uras nẽ eſtilo. E ȡſte Cõ- | deeſtabre procedẽ agora | elrey dom Iohã terceyro | noſſo ſenhor: ⁊ o Empera | dor: ⁊ nos mays dos | reynos de chriſ- | tãos ȡ Europa | os Reys: ou | Reynhas: | ou ãbos.
Titulo enquadrado por uma portada egual á dos Statutos dos Conegos azuys, 1540[1].

[fl. 1 vo.]
Gravura que representa o Condestavel vestido de armas[2].

fl. ij. ANtiguamẽte foy | cuſtume fazerem | memoria das cou | ſas que ſe faziam: | aſſi erradas: co- | mo dos valẽtes | ⁊ nobres feitos. Dos erros por | que ſe delles ſoubeſſem guardar: | ⁊ dos vallentes ⁊ nobres feitos | aos boõs fezeſſem cobiça auer pe- | ra as ſemelhãtes couſas fazerem. | E por nom fazer longo prollego fa | rey aqui começo em eſte virtuoſo | ſeñor: do qual veeo o vallẽte ⁊ muy | virtuoſo cõde eſtabre [*sic*] dõ Nuno al- | urez pereyra. E aſſi dehy em diãte | ſeguiremos noſſa eſtoria. | Capitulo primeiro. [...]

fl. lxvj. [...] Deo gracias. | Memento mei mater dei. | Acabou ſe de empremir acronica do condeeſta- | bre de Portugal Dõ Nunoalurez Pereyra | na cidade de Lixbõa: a. xxx. dias do mes | ȡ Oytubro no ãno ȡ mill ⁊ q̇nhẽtᵒ | ⁊ cincoenta ⁊ quatro annos | per GermãGalharde | emprimidor.

[fl. 1] ESTA HE A FIGVRA DO CONDE ESTABRE, AO | NATVRAL, QVANDO ESTAVA EM RELIGI- | AM, NO CARMO DE LIXBOA, ONDE IAZ.
Gravura que representa o Condestavel com habito de carmelita; por baixo, em versos Latinos[3]:

EPITAPHIVM AD IPSIVS TVMVLVM. [...]

[fl. 1 vo.] Tauoada dos capi | tulos [...]

[fl. 4 vo.]
Fim da taboada[4].

[1] *Title within a woodcut border like that in the* Statutos dos Conegos azuys, 1540.
[2] *Woodcut of the Constable clad in armour.*
[3] *Woodcut of the Constable in the habit of a Carmelite; below is his epitaph in Latin verse:*
[4] *End of the index.*

Folio—[1], ij–lxvj, [4] folhas a 2 columnas—36 linhas—caractéres gothicos—sem reclamos—im- presso em pergaminho.

Numeração dos cadernos: A–G, 8 folhas cada ca- derno; H, 10 folhas; ✠, 4 folhas; total de 70 folhas.

Encadernação de carneira.

A *Coronica do Condeeſtabre ꝺ Portugall dom Nuno alurez Pereyra* foi impressa pela primeira vez por Germão Galharde em 1526 (ver Anselmo e Pro- ença, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 576), e novamente estampada pelo mesmo impressor em 1554; entre outros, referem- se a esta segunda edição os seguintes auctores: Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 102), In- nocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 110), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 160), Salvá (*Catalogo*, nº 2898), e Anselmo e Proença (*ob. cit.* nº 653) que mencionam os seguintes exem- plares: Bibliotheca Nacional de Lisboa (2 ex.), Archivo Nacional, e Stuttgart. A essa lista pode- mos accrescentar mais tres exemplares; o da His- panic Society of America, um na posse de Messrs. Maggs Bros., e o nosso, que pertenceu a Sua Majestade El-Rei D. Luiz, e que se póde considerar unico, visto ser impresso em perga- minho.

A *Coronica* começa por estas palavras:

"ANtiguamẽte foy cuſtume fazerem memoria das couſas que ſe faziam: aſſi erradas: como dos valẽtes ꝛ nobres feitos. Dos erros por que ſe delles ſoubeſſem guardar: ꝛ dos vallentes ꝛ nobres feitos aos boõs fezeſſem cobiça auer pera as ſemelhãtes couſas fazerem. E por nom fazer longo prollego farey aqui começo em eſte virtuoſo ſeñor: do qual veeo o vallẽte ꝛ muy virtuoſo cõde eſtabre (*sic*) dõ Nunoalurez pereyra. E aſſi dehy em diãte ſe- guiremos noſſa eſtoria."

A "eſtoria" era, até ha poucos annos, con- siderada como a obra de um auctor anonymo;

Folio—[1], ij–lxvj, [4] leaves—double columns —36 lines—Gothic letter—no catchwords— printed on vellum.

Collation by signatures: A–G, each 8 leaves; H, 10 leaves; ✠, 4 leaves; total 70 leaves.

Sheepskin binding.

The *Coronica do Condeeſtabre ꝺ Portugall dom Nuno alurez Pereyra* was first printed by Germão Ga- lharde in 1526 (see Anselmo and Proença, *Biblio- grafia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 576), and in 1554 the same printer published a second edition, to which reference is made by the following authors: Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 102), Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 110), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 160), Salvá (*Catalogo*, no. 2898), and Anselmo and Proença (*op. cit.* no. 653) who mention the following copies: Lisbon National Library (2 copies), Archivo Nacional, and Stuttgart. To this list should be added the copy in the Library of the Hispanic Society of America, one belonging to Messrs Maggs Bros., and our own, which belonged to his Majesty King Luiz, and may be considered unique, since it is printed on vellum.

The *Coronica* begins as follows:

"In the olden days it was customary to record the things that were done, the wrong as well as the noble and valiant deeds. The errors to teach people how to avoid them, and the noble and valiant deeds to make the good wish to do similar things. And not to make a long prologue I will begin here with this virtuous lord from whom the valiant and most virtuous constable dom Nuno- alurez Pereyra was descended. And so from here onwards we will proceed with our *eſtoria* (history)."

Until a few years ago, the *eſtoria* was considered to be the work of an unknown author; but re-

porem, ultimamente, diversos escriptores, baseando-se em numerosos argumentos, attribuiram a Fernão Lopes a auctoria da *Coronica do Condeeſtabre* (ver Anselmo Braamcamp Freire, *Primeira Parte da Crónica de D. João I por Fernão Lopes—Introdução*, pp. XXII–XXVII; F. M. Esteves Pereira, *A Chronica do Condestavel de Portugal D. Nuno Alvarez Pereira—Boletim da Segunda Classe da Academia das Sciências de Lisboa*, vol. IX, pp. 380–389; Aubrey Bell, *Fernam Lopez*, pp. 24–31; ver tambem Dr Mendes dos Remedios, *História da Literatura Portuguêsa*, pp. 93–94; Dr Agostinho de Campos, *Fernão Lopes—Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada*, vol. I, p. 178).

Muito antes d'esta plausivel conjectura ter sido apresentada ao publico, Oliveira Martins escreveu:

"Esta chronica é anterior á de Fernão Lopes, que a introduziu no seu texto, copiando-a por vezes quasi litteralmente. Quando as transcripções não bastassem para o provar, demonstra-o a critica e rectificação que Lopes faz varias vezes ao theor da *Chron. do Condestabre*.... Fernão Lopes, nomeado chronista-mór do reino em 1434, pertenceu á geração immediata á do mestre d'Aviz; e achando, pois, já, escripta a *Chron. do Condestabre*, não soffre duvida que este livro é coevo dos acontecimentos que relata, e o mais vetusto monumento da historiographia nacional, em lingua portugueza" (*A Vida de Nun'Alvares*, p. 3).

Mais tarde, em 1897, D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, expondo a sua opinião, tambem se inclinou a suppôr que os muitos capitulos das Chronicas de D. Fernando e de D. João I de Fernão Lopes que, com ligeiras alterações, são eguaes a capitulos da *Coronica do Condeeſtabre*, tinham sido extrahidos pelo Chronista Mór da "eſtoria" de Nun'Alvares, aproveitando-se assim de material que já existia (ver *Geschichte der Portugiesischen Litteratur*, publicada no *Groeber's Grundriss*, p. 258).

Quando, em 1911, o Professor Mendes dos Remedios reeditou a *Chronica do Condestabre*

cently various writers have brought forward arguments to prove that Fernão Lopes composed the *Coronica do Condeeſtabre* (see Anselmo Braamcamp Freire, *Primeira Parte da Crónica de D. João I por Fernão Lopes—Introdução*, pp. XXII–XXVII; F. M. Esteves Pereira, *A Chronica do Condestavel de Portugal D. Nuno Alvarez Pereira—Boletim da Segunda Classe da Academia das Sciências de Lisboa*, vol. IX, pp. 380–389; Aubrey Bell, *Fernam Lopez*, pp. 24–31; also Dr Mendes dos Remedios, *História da Literatura Portuguêsa*, pp. 93–94; Dr Agostinho de Campos, *Fernão Lopes—Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada*, vol. I, p. 178).

Long before this plausible hypothesis had appeared in print, Oliveira Martins wrote:

"This chronicle is earlier than that of Fernão Lopes, who introduced it in his text, sometimes copying it almost literally. Even if the transcriptions were not in themselves enough to prove this, it is shown by the criticisms and corrections to which Lopes from time to time subjects the *Chron. do Condestabre*.... Fernão Lopes, nominated chief chronicler of the kingdom in 1434, belonged to the generation immediately following that of the *Mestre d'Aviz*; and as he must have found the *Chron. do Condestabre* already written, there is no possible doubt that this book is of the same period as the events it describes, and the most ancient monument of the national historiography in the Portuguese language" (*A Vida de Nun'Alvares*, p. 3).

Later, in 1897, Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos expressed her belief that the many chapters in Fernão Lopes' chronicles of Dom Fernando and Dom João I which, with slight alterations, correspond to chapters in the *Coronica do Condeeſtabre*, had been taken from that *eſtoria* by the Chief Chronicler, who thus made use of material which already existed (see *Geschichte der portugiesischen Litteratur* published in *Groeber's Grundriss*, p. 258).

When, in 1911, Professor Mendes dos Remedios re-edited the *Chronica do Condestabre* (Sub-

(*Subsidios para o Estudo da Historia da Literatura Portuguesa*, vol. XIV), seguiu no seu prefacio o modo de ver de Oliveira Martins; comtudo, mais tarde, na sua *História da Literatura Portuguêsa* (*loc. cit.*), modificou-o, e perfilhou o parecer apresentado por Braamcamp Freire. Mas o Professor Edgar Prestage, referindo-se á questão da auctoria da *Coronica do Condeeſtabre*, escreve:

"Recent critics, like Esteves Pereira and Braamcamp Freire, followed by Mr Aubrey Bell, have attributed the authorship of the chronicle of the Constable to Lopes, but their arguments did not convince the great Romance scholar, D. Carolina Michaelis, nor do they seem to us sufficient to establish the claim" (*The Chronicles of Fernão Lopes and Gomes Eannes de Zurara*, pp. 7–8).

Finalmente, o Professor Hernani Cidade, n'um notavel estudo intitulado *Fernão Lopes é ou não o autor da "Crónica do Condestabre"?*, chega, depois de uma argumentação cerrada, á conclusão que a "eſtoria" de Nun'Alvares não foi escripta por Fernão Lopes.

Não se póde duvidar que a *Coronica* de Nun'Alvares deve ter sido composta depois da morte do Santo heroe; no seu ultimo capitulo (80), lê-se: "E aynda ho dya de oje depoys ꝺ ſua morte...." Porem, esse capitulo, da mesma maneira que o 76º, contem referencias a successos mais recentes, que, como diz D. Carolina Michaëlis (*loc. cit.*), devem ter sido accrescentados posteriormente. Mas Fernão Lopes confirma a informação contida na Chronica de Nun'Alvares, dizendo: "em vida delle não foi algũa couſa eſcrito" (*Coronica Del Rey D. Ioam o I*, Parte I, p. 58). Parece tambem fóra de duvida que a "eſtoria" do Condestavel é anterior ás Chronicas de D. Fernando e de D. João I: por consequencia, o problema ultimamente discutido resume-se a duas hypotheses, ambas admissiveis. A primeira é que Fernão Lopes tenha escripto, como um ensaio e sem a assignar, a *Coronica do Condeeſtabre*, da qual aproveitou, alterando e aperfeiçoando o estylo, os capitulos de que pre-

sidios para o Estudo da Historia da Literatura Portuguesa, vol. XIV), he stated in the preface that he was in agreement with Oliveira Martins' view; but later, in his *História da Literatura Portuguêsa* (*loc. cit.*), he altered his mind and adopted the theory formulated by Braamcamp Freire. Professor Edgar Prestage, however, says with reference to the *Coronica do Condeeſtabre*:

"Recent critics, like Esteves Pereira and Braamcamp Freire, followed by Mr Aubrey Bell, have attributed the authorship of the chronicle of the Constable to Lopes, but their arguments did not convince the great Romance scholar, D. Carolina Michaelis, nor do they seem to us sufficient to establish the claim" (*The Chronicles of Fernão Lopes and Gomes Eannes de Zurara*, pp. 7–8).

Lastly, Professor Hernani Cidade, in a notable study called *Fernão Lopes é ou não o autor da "Crónica do Condestabre"?* after close and careful reasoning, comes to the conclusion that the *eſtoria* of Nun'Alvares was not written by Fernão Lopes.

It is undoubted that the *Coronica* of Nun'Alvares must have been written after that hero's death; in the last chapter (80) we read "And even to-day, after his death...," and although, as Dona Carolina Michaëlis (*loc. cit.*) shows, this chapter, like chapter 76, contains references to more recent happenings which must have been added to the chronicle after its compilation, Fernão Lopes confirms the implication of the words we have quoted, saying: "nothing was written about him in his lifetime" (*Coronica Del Rey D. Ioam o I*, Part I, p. 58). It also seems certain that the *eſtoria* of the Constable is earlier than the chronicles of Dom Fernando and Dom João I, so the solution of the problem, which has lately been arousing much interest, would seem to lie in one of two hypotheses. The first is that Fernão Lopes may have written the *Coronica do Condeeſtabre* anonymously as a preliminary exercise—somewhat as João de Barros, a century

cisava para as suas Chronicas de D. Fernando e D. João I; n'esse caso, teria, um seculo antes, dado, até certo ponto, o exemplo a João de Barros que, para escrever a *Asia*, quiz primeiro "aparar o estitulo" compondo o *Clarimundo.*

A segunda hypothese, que nos parece mais plausivel, é que Fernão Lopes, talvez quando procurava documentos e provas para a composição das suas obras, tenha achado o manuscripto anonymo da vida de Nun'Alvares, e encontrando n'elle materia util para as suas Chronicas, se servisse, depois de os ter polido, de alguns capitulos da "estoria." Tendo confrontado trechos das Chronicas de D. Fernando e do Condestavel, Braamcamp Freire, no seu desejo de provar que a *Coronica do Condeestabre* é da auctoria de Fernão Lopes, escreve:

"ou Fernão Lopes, como plagiário indigno, não podia ser a 'notavel pessoa...homem de comunal ciencia e grãde autoridade,' na expressão de Azurara, ou havia sido o autor da *Coronica do Condestabre*" (*ob. cit.* p. xxv).

Esse argumento do fallecido e erudito academico "falls to the ground," como diz Aubrey Bell (*ob. cit.* p. 28) com inteira razão, porque, n'essa epocha, e mesmo mais tarde—o caso da *Vida* de D. João II de Garcia de Resende é frisante—o que hoje se chama plagio era perfeitamente admittido e acceite, por se considerar que o chronista era simplesmente um compilador que, para compôr a sua historia, reunia o melhor material que encontrava, sem por isso ter a obrigação moral de indicar as fontes de que se servia. Na Chronica de D. Pedro I, Fernão Lopes declara, diversas vezes, reportar-se ao que já achou escripto: e o mesmo fez nas chronicas de D. Fernando e de D. João I. N'esta ultima (Parte I, p. 294), por exemplo, Lopes, referindo-se a uma vinda de Nun'Alvares a Lisboa para fallar com o Mestre de Aviz, escreve:

"Mas hum outro compilador destes feitos, de cujos garfos por mais largo estylo enxertamos nesta obra, segũdo q̃ compre, reconta isto por esta maneira."

later, composed the *Clarimundo* to "trim his pen" for writing the *Asia*—and that afterwards, in his chronicles of Dom Fernando and Dom João, he used certain chapters from it, polishing and improving their style.

The second hypothesis, which seems to us the more plausible, is that Fernão Lopes may have come upon the anonymous manuscript containing the life story of Nun'Alvares during his search for documents and proofs for his work, and that he took from it the chapters he needed, making such alterations as he considered advisable. Having compared some corresponding passages in the chronicles of Dom Fernando and of the Constable, Braamcamp Freire says, in his desire to prove that the *Coronica do Condeestabre* was by Fernão Lopes, that:

"either Fernão Lopes, as an unworthy plagiarist, was not the 'notable personage...man of universal knowledge and great authority' that Azurara called him, or he was the author ot the *Coronica do Condestabre*" (*op. cit.* p. xxv).

This argument of the late learned academician "falls to the ground," as Aubrey Bell (*op. cit.* p. 28) rightly says, because at that time and even later—the *Life* of Dom João II by Garcia de Resende is a case in point—it was considered the chronicler's duty to compile his history from the best sources he could find and he was held to be under no obligation to acknowledge his indebtedness to earlier writers. In the chronicle of Dom Pedro I, Fernão Lopes several times declares that he is transcribing what he has found already written, as he does also in the chronicles of Dom Fernando and Dom João I. In the last mentioned (Part I, p. 294), for instance, he tells how Nun'Alvares once went to Lisbon to speak with the *Mestre de Aviz*, and says:

"But there was another compiler of these facts, from whom we have ingrafted cuttings more extensively in this work, as is fitting, and he recounts this as follows."

Fernão Lopes, elle proprio um "compilador," não hesita em referir-se a "hum outro" que, antes d'elle, escrevera "deftes feitos." Por consequencia, Herculano tinha inteira razão quando dizia:

"Foi, com effeito, Fernão Lopes o primeiro que pôs em *caronyca*, isto é, em ordem, as *estorias* da primeira dynastia dos reis portugueses, e fez a bella Chronica de D. João I...parecendo-nos, todavia, indubitavel que alguma cousa havia escripta antes de Fernão Lopes; por que alguma cousa eram essas *estorias* dos antigos reis, mencionadas na carta de nomeação de Fernão Lopes, e que nesse documento se distinguem claramente dos *feitos* de D. João I" (*Historiadores Portugueses —Opusculos*, t. v, pp. 7–8).

Lopes procurou n'essas *estorias* as informações de que carecia, e não hesitou em aproveitar-se do que encontrou escripto.

"Os escritores antigos tomavam de outros o que lhes convinha, sem as indicações gráficas que só modernamente se impuseram e generalizaram" (Dr Gonçalves Cerejeira, *Do Valor Histórico de Fernão Lopes*, p. 39).

Aubrey Bell repudia, por motivos obvios, o argumento do plagio, mas (*loc. cit.*) pergunta: quem é que poderia ter escripto a *Coronica do Condeeftabre* a não ser Fernão Lopes? E accrescenta: "Could there be two Fernam Lopez in one generation?"

É extremamente difficil responder á pergunta do eminente critico, e não seremos nós que tentaremos fazel-o. Comtudo, não ha duvida que Lopes, na sua Chronica de D. João I, não só aperfeiçoou o estylo, mas corrigiu certos factos ou narrações contidas na "eftoria" de Nun'Alvares, e que outras vezes, sem alterar a verdade, atenuou-a, quando ella se referia a fraquezas de Portuguezes. Mas ha mais: em certos casos (ver Hernani Cidade, *ob. cit.* pp. 35–40), Lopes não só divergiu da *Coronica do Condeeftabre*, mas verberou asperamente as palavras do auctor anonymo da "eftoria."

Seria natural que o patriarcha da historia de Portugal censurasse, e de uma fórma irritada, uma

Fernão Lopes, himself a compiler, refers to another who had written of "these facts" before him. Herculano was therefore perfectly right when he said:

"Fernão Lopes was in effect the first to take the *estorias* of the first dynasty of Portuguese kings and put them in the form of a *caronyca*, that is, in order, and to make the magnificent Chronicle of Dom João I...although it seems to us indubitable that something had been written before Fernão Lopes; because those *estorias* of the early kings, mentioned in Fernão Lopes' letter of nomination, were something, and are clearly distinguished in that document from the *feitos* (deeds) of Dom João I" (*Historiadores Portugueses—Opusculos*, vol. v, pp. 7–8).

Lopes searched these *estorias* for the information he needed, and had no hesitation in using what he found there.

"Ancient writers took what suited them from others, without the written indications which have only been imposed and made general in modern times" (Dr Gonçalves Cerejeira, *Do Valor Histórico de Fernão Lopes*, p. 39).

Aubrey Bell repudiates the argument of plagiarism, but asks (*loc. cit.*) who could have written the *Coronica do Condeeftabre* if it were not Fernão Lopes? adding: "Could there be two Fernam Lopez in one generation?"

It is very difficult to answer this question, and we shall not attempt to do so. There is, however, no doubt that, in his chronicle of Dom João I, Lopes not only improved the style but corrected certain facts given in the *eftoria* of Nun'Alvares, and that he several times toned down the hard truth with regard to Portuguese failings. But there is more: in certain cases (see Hernani Cidade, *op. cit.* pp. 35–40), Lopes not only differs from the *Coronica do Condeeftabre*, but sharply criticises the account given by the anonymous author.

It seems hardly likely, though all things are possible in this world, that the father of Portu-

obra que elle proprio tivesse escripto? Apezar de tudo ser possivel n'este mundo, parece-nos difficil de accreditar. Por isso, dizemos francamente que se os auctores que mencionámos—especialmente Aubrey Bell (*loc. cit.*)—tiveram sólidos fundamentos para crêr que a *Coronica* tenha sido composta por Lopes, aquelles que não acreditam n'essa auctoria, teem fundamentos pelo menos tão sólidos para affirmar o contrario.

A idea de que a vida de Nun'Alvares, a maior e mais bella figura que jamais houve no nosso pais, tivesse sido escripta pelo pae da historia Portugueza—"the best chronicler of any age or nation," como disse Robert Southey—sorria-nos infinitamente, e por todos os motivos: porem, devemos confessar que os argumentos apresentados por Braamcamp Freire, Esteves Pereira, e mesmo Aubrey Bell, não nos parecem provar definitivamente que Fernão Lopes fôsse o auctor da "eſtoria" do Condestavel. As opiniões estão divididas em dois campos, e o problema não está ainda finalmente resolvido; tentar achar a solução, seria da nossa parte uma ousadia descabida e uma empreza inteiramente alhea á que emprehendemos n'esta obra, já de si sufficientemente difficil e complicada: por isso, no nosso modesto trabalho, apontamos simplesmente os diversos pareceres e as obras em que elles são emittidos e discutidos; e querendo ser absolutamente imparcial, pozemos o nome do Chronista Mór ao lado da *Coronica do Condeeſtabre*, mas entre parenthesis e com um ponto de interrogação.

Fernão Lopes, referindo-se a Nun'Alvares, escreveu estas palavras:

"Mas quem poderà dignamente contar os louuores deſte virtuoſo barão, cujas obras, & diſcretos autos, ſendo todos poſtos em eſcrito, ocupariaõ gram parte deſte liuro" (*Coronica Del Rey D. Ioam o I*, Parte I, p. 57).

Se o insigne patriarcha da nossa historia assim pensava, o que podemos nós dizer? Todavia, Fernão Lopes deixou-nos paginas admiraveis sobre o Condestavel. Depois, outros auctores

M II

guese history would censure, in terms of exasperation, a work which he himself had written. We therefore say frankly that while the authors we have mentioned—and especially Aubrey Bell—had solid grounds for their assumption that the *Coronica* was the work of Fernão Lopes, those who affirm the contrary have grounds at least as solid for their belief.

The idea that the life of Nun'Alvares, the greatest and most noble figure in the history of Portugal, was written by the father of Portuguese historians—"the best chronicler of any age or nation," as Robert Southey described him—would be infinitely pleasing to us; but, on the other hand, we must confess that the arguments set forth by Braamcamp Freire, Esteves Pereira and even Aubrey Bell, do not seem to us conclusively to prove that Fernão Lopes was indeed the author of the chronicle. Opinions are divided into two camps, and the problem is not yet definitely solved; for us to seek the solution would be over-bold and out of place in a work already sufficiently complicated in itself. It is for this reason that we merely mention the different theories, and the works where they are developed and discussed, and, in our endeavour to be entirely impartial, we have placed the name of the chief chronicler by the side of the *Coronica do Condeeſtabre*, but in brackets and with a query.

Fernão Lopes said of Nun'Alvares:

"But who can worthily sing the praises of this virtuous man, whose works and wise actions would fill up most of this book, if they were put into writing" (*Coronica Del Rey D. Ioam o I*, Part I, p. 57).

If the father of Portuguese history had this feeling, what can we say? However, Fernão Lopes has left us some wonderful passages about the Constable, and many other writers have given

deram-nos innumeras noticias ácerca de D. Nuno (ver Fr. Simão Coelho, *Primeira parte do Compẽdio de Chronicas da Ordem da muito bemauenturada ſempre virgem Maria do monte do Carmo*, Liv. I, 1572, pp. 79 *e seg.*; Fr. Manoel dos Santos, *Monarquia Lusitana*, Parte VIII, pp. 429 *e seg.*; Joseph Soares da Sylva, *Memorias para a Historia DelRey D. Joaõ o I*; Sousa, *Historia Genealogica*, t. V, pp. 93 *e seg.*; Fr. José Pereira de Sancta Anna, *Chronica dos Carmelitas*; Fr. Domingos Teixeira, *Vida de D. Nuno Alvares Pereira*). Finalmente, Oliveira Martins escreveu a *Vida de Nun'Alvares*, na qual, n'um estylo encantador, nos mostra a figura do Condestavel, de quem temos a honra de ser o representante.

Nun'Alvares é o symbolo de todas as admiraveis qualidades que creáram a nossa nacionalidade e a defenderam contra as ambições d'aquelles que queriam conquistar o nosso torrão abençoado. Vindo ao mundo na epocha da Cavallaria, D. Nuno, em moço,

"auia gram ſabor ⁊ vſaua muyto de ouuir ⁊ leer liuros deſtorias: eſpecialmẽte vſaua mais leer a eſtoria ꝺ galaaz q̃ ſe cõtinha a ſoma da tauola redõda" (*Coronica do Condeeſtabre*, fl. iiij vº).

Educado desde creança n'essas tradições que o inspiravam, "tomou as primeiras armas da mão da Rainha Dona Lianor," aquella que então chamavam a *Flor de altura*, e a quem, mais tarde, a arraya-miuda deu o cognome de *aleivosa*. Como nos bellos tempos da Cavallaria, foi uma dama —n'esse caso a Rainha—que armou cavalleiro o pequeno D. Nuno: e na verdade, aquelle que havia de ser o heroe da Cavallaria de Portugal era tão pequeno—"de ydade de treze ãnos"—que não se lhe achou um "arnes cõuinhavel" para a ceremonia da investidura, e se foi buscar a armadura do Mestre de Aviz, armado cavalleiro pouco antes, e que era quasi da mesma edade. "E aſſy tomou dõ Nunalurez as primeiras armas q̃ foram do meſtre de Dauis" (*Coronica do Condeeſtabre*, fl. iij vº). Essa scena, em que se via o jovem Nun'Alvares armado cavalleiro com o arnez do moço D. João, parecia significar propheticamente a união do futuro Rei

much interesting information about him (see Fr. Simão Coelho, *Primeira parte do Compẽdio de Chronicas da Ordem da muito bemauenturada ſempre virgem Maria do monte do Carmo*, Book I, 1572, pp. 79 *et seq.*; Fr. Manoel dos Santos, *Monarquia Lusitana*, Part VIII, pp. 429 *et seq.*; Joseph Soares da Sylva, *Memorias para a Historia DelRey D. Joaõ o I*; Sousa, *Historia Genealogica*, vol. V, pp. 93 *et seq.*; Fr. José Pereira de Sancta Anna, *Chronica dos Carmelitas*; Fr. Domingos Teixeira, *Vida de D. Nuno Alvares Pereira*); and, lastly, there is the beautifully written *Vida de Nun'Alvares* of Oliveira Martins, who gives a magnificent portrait of the hero whose representative we have the honour to be.

Nun'Alvares stands for all the greatest qualities which brought our nation into being and defended it against the ambitions of those seeking to wrest it from us. Born in the age of chivalry, Dom Nuno, as a youth,

"had a great taste for and was much given to hearing and reading books of history: he used most of all to read the history of Galahad which is contained in the story of the Round Table" (*Coronica do Condeeſtabre*, fl. iiij vo.).

Brought up in the best traditions of knighthood "he received his first arms from the hand of Queen Lianor," who was then known as the *Flor de altura* (Flower of the heights) and whom the mob afterwards stigmatised as the *treacherous*. When the child, who was to become the greatest Portuguese hero of chivalry, was armed a knight by the Queen,—he was so small—"of the age of thirteen years"—that they could not find "suitable armour" for him, and had to use that of the *Mestre de Aviz* who had been knighted not long before, as he was almost the same age as Dom Nuno. "And so Dom Nun'Alvares took the first arms which belonged to the *Mestre de Aviz*" (*Coronica do Condeeſtabre*, fl. iij vo.). Nun'Alvares was thus invested with the armour of Dom João: it was a prophetic incident and seemed to symbolise the union between the future King and the future

e do futuro Condestavel, e que o amor da patria ia sellar, para junctos expulsarem de Portugal o Castelhano, a quem D. Leonor havia por ultimo de entregar a regencia do Reino. Talvez que, passados annos, a viuva de D. Fernando estivesse pensando na scena do jovem Nuno ajoelhado diante d'ella para receber de suas mãos a espada de cavalleiro, quando disse do Mestre que "*quantos dentes tem na boca, todos lhe abalam, ſenam hum ſó*, & eſte, que dezia, era Nuno Aluarez" (Fernão Lopes, *ob. cit.* p. 391). Esse "dente" nunca abalou; mordeu, sim, mas sempre no serviço de Deus, da Patria e do seu Senhor.

Na lucta pela independencia, a sua figura cresce, impondo-se, não só á admiração mas á veneração de todos.

O trio dos feitos epicos, Atoleiros, Aljubarrota, Valverde, mostra-nos as tres phases da vida activa de D. Nuno, quer dizer, o Cavalleiro, o Heroe, o Santo! E atravez de tudo foi sempre o "humano ɀ caridoſo ſeñor." Oliveira Martins teve inteira razão quando escreveu estas bellas palavras:

"A sua fé em Deus era a chamma em que ardia a sua dedicação patriotica e a sua energia militar. A religião era a raiz: a virtude, a coragem, o civismo, os ramos da arvore da sua vida, iniciada pela revelação mystica da Cavallaria. Salvando Portugal, levantando um throno ao mestre d'Aviz, cumpria a empreza que lhe fôra marcada; mas essa empreza, transcendentalisando-se, importava a propria exaltação da sua alma no seio de Deus amado" (*ob. cit.* p. 141).

Não ha duvida: a força de Nun'Alvares era inquebrantavel, porque lhe era dada pela Fé: e por isso, venceu.

Tendo completado a empreza que se havia proposto, coberto de gloria e de honras, cheio de força e de poder, senhor de immensos bens, D. Nuno Alvares Pereira, Conde d'Ourem, Mordomo Mór, Condestavel do Reino, retirou-se do mundo, para unicamente servir a Deus. No Carmo, que fundára em Lisboa, Fr. Nuno de Santa Maria viveu como um Santo, mas sem esquecer a sua patria. Uma vez, o Embaixador

Lord Constable to save their country from the Castilian, to whom Dona Leonor was to cede the regency of Portugal. Perhaps, years later, Dom Fernando's widow was remembering the day the young Nuno knelt before her to receive the sword from her hands, when she said of the *Mestre* that "they loosened all the teeth he had in his mouth, excepting only one, and this one she said was Nuno Alvarez" (Fernão Lopes, *op. cit.* p. 391). This "tooth" was indeed never loosened; but was always a strong weapon in the service of God, his country and his King.

During the struggle for independence, his figure grows in majesty and draws to itself not only the admiration, but the veneration of all.

The three epic achievements, Atoleiros, Aljubarrota and Valverde, show the three phases in the life of Dom Nuno, the Knight, the Hero and the Saint! And through everything he was always the "kind and charitable lord." Oliveira Martins was perfectly right when he wrote:

"His faith in God was the flame which lighted his patriotic devotion and military energy. Religion was the root; virtue, courage, patriotism, the branches of the tree of his life, which began with the mystic revelation of chivalry. By saving Portugal and raising up a throne for the *Mestre de Aviz*, he fulfilled the task which had been assigned to him; but this task, in its transcendence, signified the very exaltation of his own soul in the bosom of God" (*op. cit.* p. 141).

Nun'Alvares' strength was indeed unfailing because it came from Faith; and therefore it conquered.

Having accomplished his task, covered with honours and glory, strong and powerful, the master of an immense fortune, Dom Nuno Alvares Pereira, the Conde d'Ourem, Lord Steward of the King's household, Constable of the kingdom of Portugal, withdrew from the world to devote himself to God's service. In the monastery of Carmo, which he had founded in Lisbon, Frei Nuno de Santa Maria lived the life of a Saint, but he did not lose his spirit of

de Castella foi visital-o; Fr. Nuno recebeu-o vestido do seu habito. O Castelhano perguntou-lhe se jamais despiria aquella mortalha. "Só se el-rei de Castella outra vez movesse guerra a Portugal": e accrescentou:

"'Em tal caso, emquanto não estiver sepultado, servirei ao mesmo tempo a religião que professo e a terra que me deu o ser.' O interlocutor olhava para elle com assombro. Era o capitão invencivel; era o terror dos inimigos. E fr. Nuno, socegadamente, levou as mãos ao peito e apartou o escapulario: por baixo tinha o arnez vestido. O castelhano, curvando a cabeça, saiu" (Oliveira Martins, *ob. cit.* pp. 425–426).

Finalmente, a 1 de Novembro de 1431, dia de Todos os Santos, Fr. Nuno entregou a sua alma a Deus.

Ha exactamente cinco seculos que o Santo Condestavel falleceu. Hoje, mais do que nunca, devemos evocar e invocar o seu nome. Se, como escreveu Aubrey Bell, o nosso "desleixo," infelizmente verdadeiro, esqueceu muitas vezes o nosso grande Fernão Lopes—o chronista que pregou "o Evangelho Portuguez"—esse "desleixo" tem sido ainda mais flagrante para com aquelle que Oliveira Martins chamou o "Messias da patria portugueza" (*ob. cit. Advertencia*, p. 7). Todos os Portuguezes, sem excepção, devem penitenciar-se d'esse descuido criminoso, e nós, seu descendente e representante, somos o primeiro a confessar publicamente a nossa culpa!

Nun'Alvares não tem—com vergonha o dizemos—um monumento em Portugal, que mostre ao mundo a nossa gratidão ao heroe da nossa nacionalidade. Hoje, que tantos perigos a ameaçam, pensemos no Condestavel, o salvador da nossa independencia, que a Santa Egreja beatificou. Desenvolva-se o culto de Beato Nuno em todo o paiz; dê-se a ler a sua vida ás creanças; apprendam-se nas escholas os feitos de

patriotism. Once the ambassador of Castile went to visit him; Frei Nuno received him wearing his monkish habit, and, on being asked whether he would ever put off this garb of penitence, he replied:

"'Only if the King of Castile ever makes war upon Portugal again....In that case, if I am not dead, I will serve the religion I profess and the land which gave me being.' His questioner gazed at him in amazement: here was still the invincible captain, the terror of his enemies. Dom Nuno then quietly raised his hands to his breast and drew aside his scapular: underneath he still wore the coat of mail. The Castilian bowed his head and went" (Oliveira Martins, *op. cit.* pp. 425–426).

It was on November 1st, 1431, All Saints' Day, that Frei Nuno at last gave up his soul to God.

It is just five hundred years since the Constable died, and to-day, more than ever, we have need to call upon his name. Aubrey Bell protests against our frequent neglect of our chronicler Fernão Lopes, who preached "the Portuguese Gospel"; but we have been even more heedless of the "Messiah of the Portuguese people," as Oliveira Martins called him (*op. cit. Advertencia*, p. 7). All the Portuguese without exception should do penance for their criminal forgetfulness, and we, as his descendant and representative, will be the first to make public confession of our fault!

We are ashamed to say that there is not a single monument in Portugal to bear witness to the world of our gratitude to our national hero. To-day, when our country is threatened by so many perils, let us remember the Constable, the saviour of our independence, whom the Holy Catholic Church has beatified. Let the whole country do homage to the sainted hero; let the children read the story of his life; let the deeds of Nun'Alvares

114 Gravura da *Coronica do Condeestabre*
Woodcut from the *Coronica do Condeestabre*
Lisboa, 1554

¶ESTA HE A FIGVRA DO CONDE ESTABRE, AO NATVRAL, QVANDO ESTAVA EM RELIGIAM, NO CARMO DE LIXBOA, ONDE IAZ.

¶EPITAPHIVM AD IPSIVS TVMVLVM.

¶Ille Comesſtabilis Braganti nominis autor
¶Nunnus adeſt Dux maximus hic, Monachusq; beatus.
¶Qui regnum aſseruit viuens, ſortitus in æuum
¶Cœlum cum ſuperis. Nam poſt numeroſa tropæa,
¶Reiecit pompas: humiliſq; ex Principe factus,
¶Hoc templum poſuit, coluit, cenſumq; dicauit.

115 Gravura da *Coronica do Condeeſtabre*
Woodcut from the *Coronica do Condeeſtabre*
Lisboa, 1554

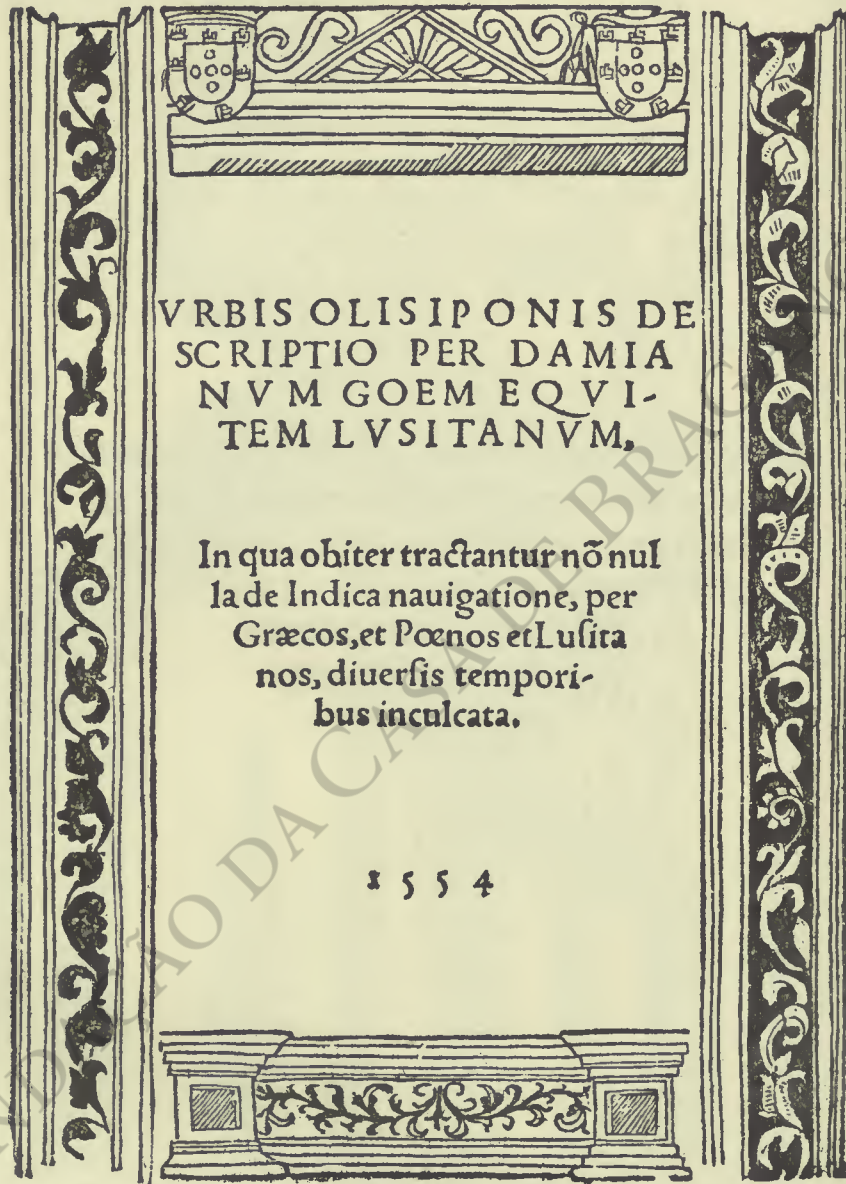
Nun'Alvares. Hoje, repetimol-o, não deve haver um lar Portuguez no qual o seu nome seja ignorado, e onde, de joelhos, se não rogue ao Santo Condestavel que proteja a Patria que, outr'ora, elle salvou!

be taught in the schools. We repeat, to-day there should not be a single Portuguese home where his name is unknown, and where, on bended knees, the sainted Constable is not asked to protect the country which in other days he saved.

¶ Acabou se de empremir a cronica do condeesta-
bre de Portugal Dõ Nuno alurez Pereyra
na cidade de Lixbõa: a. xxx. dias do mes
d Oytubro no ãno d mill e qnhẽt9
e cincoenta e quatro annos
per Germã Galharde
emprimidor.

116 Colophon da *Coronica do Condeeſtabre*
Colophon of the *Coronica do Condeeſtabre*
Lisboa, 1554

VRBIS OLISIPONIS DE
SCRIPTIO PER DAMIA
NVM GOEM EQVI-
TEM LVSITANVM.

In qua obiter tractantur nõ nul
la de Indica nauigatione, per
Græcos, et Pœnos et Lusita
nos, diuersis tempori-
bus inculcata.

1554

117 Folha do rosto da *Vrbis Olisiponis Descriptio* de Damião de Goes
Title-page of the *Vrbis Olisiponis Descriptio* of Damião de Goes
Evora, 1554

83 DAMIÃO DE GOES, VRBIS OLISIPONIS DESCRIPTIO.
Evora, André de Burgos, 1554.

VRBIS OLISIPONIS DE | SCRIPTIO PER DAMIA | NVM GOEM EQVI- | TEM LVSITANVM, | In qua obiter tractantur nõ nul | la de Indica nauigatione, per | Græcos, et Pœnos et Lusita | nos, diuersis tempori- | bus inculcata. 1554

Titulo enquadrado por tarjas, das quaes a superior tem dois escudos das Armas Reaes[1].

[fl. 2] INCLYTO PRINCIPI DOMI | no Henrico, portugalliæ infanti sacrosan | ctæ ecclesiæ Romanæ, Tituli sanctorum | quatuor coronatorum cardinali meritissi | mo, Damianus Goes Eques Lusitanus. | S. P. D. [...]

[fl. 3] VRBIS OLISIPONIS SITVS, | & figura, Damiano Goe equite Lusitano | authore. [...]

Começa a obra[2].

[fl. 24 vo.] [...] EBORÆ, APVD ANDREAM | Burgẽsem, typographũ illustrissimi prin- | cipis Henrici Infantis Portugalliæ. S. R. E. | Cardinalis, ac apłicę sedis Legati a latere. | Permissa est editio a reuerendo patre fra- | tre Gaspare de Regib⁹. S. Theologię do- | ctore ac hęreticę prauitatis inquisitore. | Mense octobri. 1554.

4º.—[24] folhas—26 linhas—sem reclamos.
Numeração dos cadernos: a–c, 8 folhas cada caderno; total de 24 folhas.

Encadernação de marroquim.

4to.—[24] leaves—26 lines—no catchwords.
Collation by signatures: a–c, each 8 leaves; total 24 leaves.

Morocco binding.

A *Vrbis Olisiponis Descriptio* de Damião de Goes é uma pequena obra muito rara, que foi impressa pela primeira vez por André de Burgos em Evora em 1554. São poucos os bibliographos que a descrevem, entre os quaes citaremos: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. 1, p. 620), Joaquim de Vasconcellos (*Goësiana—Bibliographia*, p. 7), Guilherme J. C. Henriques (*A Bibliographia Goesiana*, pp. 16–18), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 384) que nos indicam a existencia

Damião de Goes' rare little work, *Vrbis Olisiponis Descriptio* was first printed in 1554 by André de Burgos in Evora. Among the few bibliographers who mention it are: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. 1, p. 620), Joaquim de Vasconcellos (*Goësiana—Bibliographia*, p. 7), Guilherme J. C. Henriques (*A Bibliographia Goesiana*, pp. 16–18), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 384) who mention four copies, one in the

[1] *Title within a woodcut border, the top part of which has the Royal Arms on each side.*
[2] *Beginning of the work.*

de quatro exemplares; um em Portugal, na Bibliotheca de Ajuda, e tres no estrangeiro, Berlim, Universidade de Erlangen e Universidade de Freiburg-im-Breisgau.

Goes dedicou ao Cardeal Infante D. Henrique a sua *Vrbis Olisiponis Descriptio*, "In qua obiter tractantur nõ nulla de Indica nauigatione, per Græcos, et Pœnos et Lusitanos, diuersis temporibus inculcata," como diz na folha do rosto. N'este erudito opusculo trata das antiguidades de Lisboa, e, descrevendo as suas egrejas e monumentos, vulgariza as bellezas da capital. Citando diversas vezes o seu amigo André de Resende, Goes occupa-se das origens de Lisboa, e apezar de se inclinar a seguir a opinião de certos escriptores antigos, e a de Mestre André, que attribuem a Ulysses a fundação da cidade, confessa não haver certeza de quem foi o seu fundador (ver Julio de Castilho, *Lisboa Antiga*, t. I, pp. 27–54).

Falla nas lendas e, baseado em Plinio, dedica algumas paginas ao fabuloso Tritão que vivia n'uma caverna nos arredores de Lisboa. Goes colloca a cafurna do ente extraordinario perto de Collares, e conta os episodios passados no seu tempo ácerca dos "homens marinhos."

O illustre Damião, não obstante acceitar até certo ponto as tradições, julga que o estrondo que se imaginava ser causado pelo buzio do Tritão, era realmente produzido pelo barulho do mar que, entrando com força, quebrava contra os rochedos no interior da caverna. D. Frei Amador Arraiz, que viu a tal "coua, ou foio, onde cantaua o Triton," escreve: "e inda hagora se vêm, por aquellas praias, homẽs, e molheres marinhas, que os antiguos chamão Tritones, e Nereides. E nisto não ponhaes duuida" (*Dialogos*, 1589, *Dialogo terceiro*, fl. 85 vº; ver tambem Julio de Castilho, *ob. cit.* t. I, pp. 58–72). Deixando essas fabulas, Goes refere-se aos tres Martyres, Verissimo, Maxima e Julia (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, p. 205), a S. Vicente, Padroeiro de Lisboa (ver as nossas notas sobre o

Ajuda Library, and three outside Portugal, in Berlin, Erlangen University and the University of Freiburg-im-Breisgau.

It was to the Cardinal Infante Dom Henrique that Goes dedicated his *Vrbis Olisiponis Descriptio* "In qua obiter tractantur nõ nulla de Indica nauigatione, per Græcos, et Pœnos et Lusitanos, diuersis temporibus inculcata," as it says on the title-page. The learned treatise deals with the antiquities of Lisbon and describes her beautiful churches and monuments. Although inclined to agree with the theory of certain ancient writers and of André de Resende—whom he quotes several times in his study of the city's origins—that Lisbon had been founded by Ulysses, Goes confesses that there is no certain information as to the city's founder (see Julio de Castilho, *Lisboa Antiga*, vol. I, pp. 27–54).

He speaks of the early legends, and, taking Pliny as his authority, devotes several pages to the fabulous Triton who was said to live in a cavern in the neighbourhood of Lisbon. Goes places the creature's den near Collares, and describes various happenings of his day in connection with "sea men."

Although he has a certain amount of belief in the traditions, he considers that the sound popularly supposed to be the Triton blowing his conch-shell, was really caused by the sea breaking with force against the rocks inside the cave. Dom Frei Amador Arraiz who had seen the "cavern or pit where the Triton sang" says: "and sea men and women, whom the ancients call Tritons and Nereids, may still be seen on those shores. And this you must not doubt" (*Dialogos*, 1589, *Dialogo* III, fl. 85 vo.; also see Julio de Castilho, *op. cit.* vol. I, pp. 58–72). Leaving these ancient fables, Goes refers to the three martyrs Verissimo, Maxima and Julia (see *Early Portuguese Books*, vol. I, p. 205), to St Vincent the patron Saint of Lisbon (see our notes on André de Resende's

Vincentivs Levita: et Martyr de André de Resende, p. 174 d'este volume), e ao nosso querido Santo Antonio de Lisboa, "quem Paduanum vocant," e cujo nome, escreve, é universalmente conhecido e venerado.

Damião de Goes occupa, sem duvida, um logar prominente entre os homens notaveis do seu tempo. Humanista, diplomata, viajante, chronista e musico, Goes era realmente um espirito encyclopedico. Tendo sido um dos Portuguezes que n'essa epocha mais viajou na Europa, soube lidar com os homens doutos de todos os paizes que visitou e percorreu, alcançando assim conhecimentos tão variados como notaveis; por isso, o chronista de D. Manuel foi uma figura especialmente interessante; "more interesting personally than as historian," como escreve Aubrey Bell (*Portuguese Literature*, p. 211).

Nasceu em Alemquer em 1502, sendo filho de Ruy Dias, Almoxarife da Rainha D. Leonor, e de sua quarta mulher Izabel Gomes de Limi, neta de Nicolau de Limi, nobre flamengo. Muito novo, entrou para o Paço, onde foi educado. Nas nossas notas sobre a *Asia* de João de Barros, amigo e contemporaneo de Damião de Goes, já vimos como, n'aquelle tempo, os Reis de Portugal mandavam "doutrinar" no Paço "os moços fidalgos, & os da Camara de que se seruião." Foi, pois, debaixo dos tectos do Venturoso que o "pagem da lança" começou a sua educação, e onde apprendeu os usos e costumes d'aquella côrte sumptuosa; mais tarde, sendo já moço da Camara, e devido ao especial affecto de D. Manuel, deve ter visto e ouvido muita cousa que lhe foi proveitosa.

Depois do fallecimento de D. Manuel em 1521, Goes permaneceu ainda dois annos na côrte, e em 1523 embarcou na armada de Pero Affonso de Aguiar para ir desempenhar o cargo de Escrivão da Feitoria de Flandres. Os doze annos que passára

"na côrte d'el-rei D. Manoel—sem duvida a primeira da Europa, não só pelo fausto, e pela

Vincentivs Levita: et Martyr on p. 174 of this volume) and to our beloved St Anthony of Lisbon, "quem Paduanum vocant," whose name, he says, is known and revered throughout the world.

Damião de Goes, humanist, diplomat, traveller, chronicler and musician, was certainly one of the most notable men of his time. Having travelled about Europe more than the majority of his compatriots, he had associated with the learned men of other countries, thus acquiring a range of experience and knowledge, which, as Aubrey Bell says, render him "more interesting personally than as historian" (*Portuguese Literature*, p. 211).

He was born in Alemquer in 1502, being the son of Ruy Dias, *almoxarife* (collector of rents) to Queen Leonor, and his fourth wife Izabel Gomes de Limi, the grand-daughter of the Flemish noble Nicholas de Limi. While still very young he entered the Palace, where he was educated. We saw in our notes on the *Asia* of João de Barros, who was a contemporary and friend of Goes, how in that period the Kings of Portugal used to order "the pages and the gentlemen of the bedchamber, who served them, to be instructed" in the Palace. So it was there that the young "page of the lance" began his education, and that he became versed in the customs and usage of the sumptuous court; later, when he had become a gentleman of the bed-chamber, Dom Manuel's special regard for him must have enabled him to see and hear much that was useful to him.

After the King's death in 1521, Goes stayed at court for two years, and in 1523 he sailed in the armada commanded by Pero Affonso de Aguiar, to take up the position of Secretary to the Factory of Flanders. The twelve years he had spent

"in the court of King Manuel—certainly the first in Europe, not only because of its splendour,

policia dos costumes, mas sobretudo pela universalidade das relações economicas, scientificas e artisticas—tinham-no preparado para a vida publica. Pelo contacto immediato com o monarcha, na sua qualidade de *Moço da Camera*, e com as primeiras capacidades da côrte, ornou-se com aquella fina educação de maneiras e de costumes, que foi mais tarde a principal força de attracção, o segredo das suas intimas relações com os primeiros homens do seu tempo" (Joaquim de Vasconcellos, *Damião de Goes—No quarto centenario da India Portugueza*, p. 3).

Devia, por consequencia, muito ao Venturoso e á particular amizade com que o Soberano sempre o tratára; todavia, nem sempre soube ser grato á memoria do seu bemfeitor, pois, na sua Chronica de D. Manuel, foi ás vezes malevolo no que escreveu sobre o Monarcha que tinha sido tão bom para elle.

A Feitoria de Flandres

"foi a primeira e a melhor escóla da diplomacia portugueza no seculo XVI. Quem a julgar uma mera agencia commercial, em que se tratava só canella, cravo e pimenta, engana-se devéras. Pelas mãos dos feitores corriam, é verdade, dezenas de milhões em lettras, em especiarias e drogas, mas as mesmas mãos que contavam tão bem os *ducados*, sabiam escolher igualmente bem uma obra d'arte, salvar um livro raro, redigir um documento scientifico ou litterario, e guiar ainda com a outra mão as pennas da diplomacia europêa, com rara sagacidade" (Joaquim de Vasconcellos, *ob. cit.* p. 4).

Goes seguiu durante seis annos uma segunda e importante apprendizagem n'essa notavel eschola; ao mesmo tempo completou os seus estudos humanisticos, e visitou todas as provincias dos Paizes-Baixos. Então começáram as suas grandes viagens: em 1529 foi mandado por D. João III á Polonia e á Allemanha, e em 1531 á Dinamarca, visitando tambem a Suecia e a Noruega. N'esse mesmo anno esteve em Bruxellas, onde assistiu ás festas dadas por D. Pedro de Mascarenhas para celebrar o nascimento do Infante D. Manuel, filho

but also of its culture, and above all because of its universal economic, scientific and artistic relations—had prepared him for public life. His immediate contact with the king, in his capacity of gentleman of the bed-chamber, and with the ablest men at court, had adorned him with those polished manners which were afterwards his chief force of attraction, the secret of his intimate relations with the foremost men of his time" (Joaquim de Vasconcellos, *Damião de Goes—No quarto centenario da India Portugueza*, p. 3).

Goes therefore owed a great deal to the Fortunate King, who had always treated him with particular kindness; but he did not always show due gratitude, for in his Chronicle of Dom Manuel he wrote several very malicious things about his benefactor.

The Factory of Flanders

"was the first and best school of Portuguese diplomacy in the XVIth century. Anyone who judges it to have been a mere commercial agency, dealing only in cinnamon, cloves and pepper, is quite mistaken. Tens of millions certainly passed through the factors' hands in bills of exchange, spices and drugs, but the same hands that were so apt in counting ducats, were equally well able to choose a work of art, save a rare book, draw up a scientific or literary document, and at the same time to guide the course of European diplomacy with a rare wisdom" (Joaquim de Vasconcellos, *op. cit.* p. 4).

For six years Goes served a second and important apprenticeship in this notable training centre. During this time he also completed his classical studies, and visited all the provinces of the Netherlands. Then his real travels began: in 1529 Dom João III sent him to Poland and Germany, and in 1531 to Denmark, when he also went to Norway and Sweden. In the same year he was present in Brussels at the festivities organised by Dom Pedro de Mascarenhas to celebrate the birth of Dom João III's son, the

de D. João III (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 501–502).

Durante essas numerosas e importantes missões commerciaes e diplomaticas,

"Damião de Goes não se limitou ao estricto desempenho das incumbencias, que lhe haviam sido commettidas; obrigado pela forma lenta por que então se faziam tão longas viagens, demorava-se nas cidades principaes do trajecto, procurava os homens mais notaveis e com elles convivia" (Dr Fidelino de Figueiredo, *Historia da Litteratura Classica*, 2ª ed. p. 232).

Assim, conheceu—alguns d'elles intimamente—Clenardo, Goclenio, João Magnus Arcebispo de Upsala, Erasmo, Luthero e Melanchton em Wittenberg, Dürer, que pintou o seu retrato, Luis Vives (que dedicou a D. João III a sua obra principal, *De Disciplinis*, publicada em 1531), Amerbach, Münster e Simão Gryneu em Bale, e tantos outros, correspondendo-se com muitos d'elles. No seu *Tratado dos Descobrimentos*, Antonio Galvão relata as terras que o nosso humanista percorreu, e refere-se á sua estada em Inglaterra e na Escossia; mas as noticias a respeito d'essa visita são extremamente vagas.

Em 1533, D. João III chamou Goes a Portugal, para lhe dar o cargo de Thesoureiro da Casa da India. Por motivos desconhecidos, o futuro chronista escusou-se, e tendo obtido licença do Soberano para ir em romaria a Santiago de Compostella, fugiu assim ás instancias d'El-Rei; de lá escreveu a D. João III desculpando-se de não acceitar o logar, o que "sua Alteza tomou bem." Depois da sua peregrinação a Santiago, seguiu para a Allemanha. Foi então que passou quatro ou cinco mezes em Freiburg com o insigne Erasmo, já velho e doente: n'essa occasião conheceu Glarean, ou antes Heinrich Loriti, que, alem de ser historiador, poeta e philologo, era musico illustre. De Freiburg, talvez por sug-

Infante Dom Manuel (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 501–502).

In the course of his many and important diplomatic and commercial missions

"Damião de Goes did not restrict himself to carrying out the commissions with which he had been entrusted; forced by the slowness with which such long journeys were then accomplished to stay for some time in the principal cities on his way, he sought out the most notable men and frequented their society" (Dr Fidelino de Figueiredo, *Historia da Litteratura Classica*, 2nd ed. p. 232).

He thus became acquainted with Cleynarts, Goclenius, Johan Magnus, Archbishop of Upsala, Erasmus, Luther and Melancthon in Wittenberg, with Dürer, who painted his portrait, with Luis Vives (who dedicated his most important work, *De Disciplinis*, published in 1531, to Dom João III), with Amerbach, Münster and Simon Grynæus in Basle, and with a number of others; some of these he knew intimately and he corresponded with many of them. In his *Tratado dos Descobrimentos* Antonio Galvão gives an account of all the countries visited by Goes, and mentions his stay in England and Scotland, about which there is none but the vaguest information.

In 1533, Dom João III summoned Goes to Portugal, and offered him the post of Treasurer of the India House. For some unknown reason the future chronicler was unwilling to accept the position and, in order to escape from the King's insistence, asked and received the royal permission to go on a pilgrimage to Santiago de Compostella; from there he wrote to Dom João making his excuses for refusing the office—which "his Highness received well." Goes afterwards proceeded to Germany and spent five or six months in Freiburg with Erasmus, who was already old and ill; at this time he met Glareanus, or rather Heinrich Loriti, who, in addition to his talents as historian, poet and philologist, was an accomplished musician. While at Freiburg he

gestão de Erasmo, decidiu ir frequentar a Universidade de Padua; mas voltou primeiro a Flandres, passando por Strasbourg, onde se encontrou com diversos lutheranos importantes. Essas relações de Goes com os chefes da Reforma inquietavam Erasmo, pois via os perigos que ellas lhe podiam trazer: como amigo verdadeiro, deu-lhe este aviso prudente:

"É de toda a conveniencia que a respeito de seitas não fales nem bem nem mal: o melhor é que disto não trates nem entendas" (D^r^ Maximiano Lemos, *Damião de Goes—Revista de Historia*, vol. x, p. 47).

Infelizmente, Goes nem sempre seguiu os conselhos do celebre humanista.

Chegou a Padua em Setembro de 1534, onde travou relações com Bembo—para quem levára cartas de recommendação de Erasmo—Sadoleto e outros homens notaveis. Durante a sua estada n'essa cidade encontrou duas pessoas que vieram a ter grande influencia na sua vida: o frade Roque d'Almeida, cunhado de João de Barros, personagem curioso que já visitára em Paris, e o Jesuita Simão Rodrigues, que em 1545 o denunciou como hereje.

Egualmente conheceu alli o historiador Ramusio, a quem forneceu mais tarde uma copia da *Verdadera informaçam* do Padre Francisco Alvares (ver pp. 22–24 d'este volume).

"Ainda em Padua, conheceu Damião de Goes o unico santo que encontrou em sua vida, onde topou muitos homens que o não eram, Fr. Inácio de Loiola" (D^r^ Maximiano Lemos, *ob. cit.* p. 53).

Estando gravemente enfermo o seu querido Erasmo, Goes partiu para Freiburg: diz-se, não havendo d'isso confirmação, que o grande humanista falleceu nos seus braços. Depois da morte do celebre mestre, regressou á Italia, e visitou Vicencia, Veneza e Roma. Terminados os seus estudos em Padua, voltou aos Paizes-Baixos em 1538, e n'esse mesmo anno casou na Haya com Joanna de Hargen, de quem teve

decided, perhaps at the suggestion of Erasmus, to go to Padua University; but he first returned to Flanders, passing through Strasburg, where he met some important Lutherans. Goes' association with the leaders of the Reformation was disquieting to Erasmus, who realised its danger for his friend, and gave him the following warning:

"It is most expedient that you should speak neither good nor evil on the subject of doctrine: the best thing would be for you neither to touch nor understand it" (Dr Maximiano Lemos, *Damião de Goes—Revista de Historia*, vol. x, p. 47).

But unfortunately Goes did not always follow the famous humanist's wise advice.

He reached Padua in September, 1534: there he contracted friendship with Bembo, to whom he bore letters of introduction from Erasmus, and with Sadoleto and other eminent men, and he encountered two people who afterwards had a great influence on his life, Frei Roque d'Almeida, the brother-in-law of João de Barros, a curious personage whom he had already met in Paris, and the Jesuit Simão Rodrigues, who denounced him as a heretic in 1545.

He also became acquainted with the historian Ramusio, whom he later furnished with a copy of Father Francisco Alvares' *Verdadera informaçam* (see pp. 22–24 of this volume).

"While still in Padua, Damião de Goes came to know St Ignatius de Loyola, the only saint he met in his life, during which he had come up against so many who were not" (Dr Maximiano Lemos, *op. cit.* p. 53).

Learning that his dear friend Erasmus was seriously ill, Goes left for Freiburg, and it is said, though there is no confirmation of this, that the great humanist died in his arms. Upon his return to Italy, he visited Vicenza, Venice and Rome. He finally left Padua in 1538 and went back to the Netherlands; in that year he married Joanna de Hargen at the Hague, and there were

diversos filhos. Durante alguns annos, viveu feliz em familia, correspondendo-se com os seus amigos (entre os quaes não devem ser esquecidos André de Resende e Jorge Coelho), e dedicando-se á composição de obras litterarias, que publicou com o fim de tornar conhecidos os triumphos Portuguezes no Oriente. Em 1542 tomou parte no cerco de Louvain, onde os estudantes da Universidade lhe deram uma extraordinaria prova de confiança escolhendo-o por seu capitão. Aprisionado pelos Francezes, foi levado primeiro para a Normandia e depois para Fontainebleau, mas resgatou-se pagando dois mil cruzados de ouro. Carlos V, em recompensa dos serviços que havia prestado em Louvain, concedeu-lhe, alem de outras mercês, um brasão d'armas.

Exceptuando o curto intervallo de quatro mezes passados no reino, havia vinte e tres annos que Goes vivia no estrangeiro, quando D. João III o chamou novamente a Portugal; está averiguado que El-Rei o convocára por lhe ter destinado o logar de mestre e guarda roupa do Principe D. João. Cedendo ás instancias do Monarcha e da Rainha D. Catharina, Goes chegou a Evora em Agosto de 1545; mas intrigas ou invejas impediram que fôsse provido no cargo, para o qual foi nomeado mais tarde o illustre D. Antonio Pinheiro, Bispo de Miranda. Comtudo, em 1548, foi nomeado Guarda Mór da Torre do Tombo, onde se occupou a pôr em ordem o archivo.

"Damião de Goes, diga-se desde já, não encontrou na pátria o acolhimento que tinha direito a esperar. Possivel é que a consciencia do proprio valor e a mesquinhez do que encontrava em torno de si o levasse a maguar proposital ou inconscientemente a vaidade injustificada de fidalgos ciosos de privilegios devidos a serviços prestados pelos seus ascendentes. Não nos esqueçamos de que a intolerancia religiosa de dia para dia se ia acentuando e que ele vinha de partes em que se pensava com mais liberdade do que entre nós. Ferdinand Denis, que em 1857 publicou na *Nouvelle Biographie Générale* de Firmin Didot uma noticia notavel para a época

several children of the marriage. For some years he lived happily among his family, corresponding with his friends (among whom André de Resende and Jorge Coelho must not be forgotten), and devoting himself to the composition of literary works, which he published in order to make known the Portuguese triumphs in the East. In 1542 he took part in the siege of Louvain, and received an extraordinary proof of confidence from the University students, who made him their leader. Captured by the French, he was taken first to Normandy and afterwards to Fontainebleau, but was released on payment of a ransom of two thousand golden *cruzados*. In reward for his services at Louvain, Charles V granted him a coat of arms and other privileges.

Except for the four months spent in Portugal, Goes had been living entirely abroad for twenty-three years, when Dom João III again summoned him to Portugal, and it has been proved that the King had determined to make him tutor and keeper of the wardrobe to Prince João. Goes yielded to the King and Queen's insistence and arrived in Evora in August, 1545; but intrigues or jealousies prevented him from receiving the post, to which Dom Antonio Pinheiro, Bishop of Miranda, was afterwards nominated. In 1548, however, Goes was made Keeper of the Archives in the Torre do Tombo, and busied himself with setting the documents in order.

"Let it be said at once that Damião de Goes did not receive the welcome he was entitled to expect from his country. Perhaps the consciousness of his own merits, of the pettiness he saw around him may have led him consciously or unconsciously to wound the unjustifiable vanity of nobles, jealous of privileges which had been earned by their ancestors. Let us not forget that religious intolerance was growing from day to day and that he came from places where there was more liberty of thought than in Portugal. Ferdinand Denis, who in 1857 published a notice about Damião de Goes, which was remarkable

ácerca de Damião de Goes, diz que ele, apesar das altas funções que desempenhava, se tinha tornado por assim dizer estranjeiro em Lisboa: isolava-se pelo estudo e as suas simpatias não disfarçadas pelos sabios do norte creavam-lhe uma situação penosa. Pelos seus habitos, pelo proprio vestuario, pertencia ao mundo literario livre pensador do Brabante e da Holanda, que por tanto tempo havia frequentado, de maneira que o designavam pelo nome de fidalgo flamengo" (Dr Maximiano Lemos, *ob. cit.—Revista de Historia*, vol. XI, p. 36).

Não nos compete analysar essas questões, mas se Goes pertenceu "ao mundo literario livre pensador"—o que não duvidamos—percebe-se que não fôsse nomeado mestre de lettras do Principe D. João, e mesmo que não tivesse as sympathias de muita gente. A sua convivencia, possivelmente imprudente, com os vultos mais importantes da Reforma, permitte-nos suppôr que as suas crenças religiosas tivessem sido abaladas; e se assim succedeu, comprehende-se, até certo ponto, que tivesse sido denunciado perante a Inquisição em 1545 e 1550. Mas o Cardeal Infante D. Henrique, Inquisidor Mór—que diversos auctores teem querido mostrar como um espirito fraco e fanatico, e como o algoz de Damião Goes—não só não procedeu contra elle, mas deu-lhe provas do seu affecto e da sua confiança, das quaes a principal foi convidal-o, em 1558, a escrever a Chronica d'El-Rei seu pae.

Na capital, Goes vivia com largueza, rodeado de objectos d'arte que colleccionára; escrevia e trabalhava, e em sua casa, onde reunia amigos e se fazia musica (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, p. 484), recebia egualmente os estrangeiros de distincção que vinham a Lisboa. Entre as pessoas com quem convivia, avulta João de Barros, "um dos mores amigos que eu tive nestes Reinos," como disse no seu processo. Mas, se a versatilidade do seu espirito, as suas excepcionaes aptidões e a sua personalidade insinuante

for that period, in Firmin Didot's *Nouvelle Biographie Générale*, says that in spite of the important posts he filled, Goes had made himself, so to speak, a stranger in Lisbon: his studies isolated him, while his undisguised sympathies with the scholars of the north placed him in a difficult position. His habits, even his dress, so plainly proclaimed him a member of the free-thinking literary world of Brabant and Holland, which he had frequented for so long, that he was designated the Flemish *fidalgo*" (Dr Maximiano Lemos, *op. cit.—Revista de Historia*, vol. XI, p. 36).

Although it does not behove us to analyse these questions, if Goes did indeed belong "to the free-thinking literary world"—as we have no doubt he did—it is easy to understand why he was not made tutor to Prince João and why so many people were out of sympathy with him. His perhaps imprudent intimacy with the most important figures in the Reformation gives us reason to suppose that his religious beliefs may have been shaken, so that there may have been some cause for his being denounced to the Inquisition in 1545 and 1550. But the Cardinal Infante Dom Henrique, the Inquisitor general—whom certain writers have sought to show as the feeble and fanatical executioner of Damião de Goes—did not proceed against him, and, on the contrary, gave him clear proofs of his confidence and regard, especially when, in 1558, he invited him to chronicle the life of King Manuel, his father.

Goes kept up a lavish style in Lisbon, where he wrote and worked amid the artistic treasures he had collected; distinguished visitors to Lisbon were always welcomed at his house, and he frequently gathered his friends around him to make music (see *Early Portuguese Books*, vol. I, p. 484). Outstanding among his acquaintance was João de Barros, "one of the greatest friends I had in these kingdoms," as he said when he was brought before the Inquisition. But although his versatile mind, his exceptional talents and ingratiating

lhe creáram dedicadas amizades, essa mesma superioridade tambem lhe tinha certamente suscitado invejas, augmentadas pelas provas de affecto que recebera de D. João III, de D. Catharina e do Infante D. Henrique. Alem d'isso, as criticas que escreveu, mais severas, asperas ou dolorosas em vista da auctoridade do seu talento reconhecido pelos homens mais illustres d'aquelle tempo, creáram-lhe egualmente profundas e perigosas, mesmo rancorosas, inimizades. Se no estrangeiro já tinha sido imprudente nas suas relações com as figuras mais notaveis da Reforma, tornando-se suspeito de heterodoxia, em Portugal—grave imprudencia—não se importou de ferir, com ou sem razão, innumeras vaidades; e uma vaidade ferida quasi nunca perdoa! Apezar da sympathia do Cardeal Inquisidor Mór, é natural que não fôsse visto com bons olhos pela Companhia de Jesus e pelo Tribunal do Santo Officio. Depois, o seu *Nobiliario* (ver D^r^ Antonio Baião, *Damião de Goes—Historia da Litteratura Portugueza Ilustrada*, vol. III, pp. 28–30) trouxe-lhe a má vontade de muitas familias nobres, porque, segundo escreve Barbosa, "ſeguindo mais os impulſos da vingança, que o decoro da verdade, diminuhio grande parte da ſua fama quando ſe fez maledico cenſor da alhea" (*ob. cit.* p. 617). As palavras de Barbosa são talvez exaggeradas, mas não ha duvida que Goes, se "não teve papas na lingua," como diz a expressão popular, para dizer certas verdades desagradaveis, tambem foi ás vezes maledico.

A publicação de certas passagens da Chronica de D. Manuel levantou innumeros protestos, porque muita gente—altos personagens—sentiu-se profundamente ferida pela penna mordaz do chronista. A Inquisição não embaraçou a apparição do livro, mas as reclamações fôram taes, "que houve que destruir umas tantas paginas da primeira edição: completos apenas escaparam dois exemplares conhecidos" (D^r^ Maximiano Lemos, *ob. cit.* p. 41). Possuia um d'esses exemplares o D^r^ Francisco d'Azevedo, e o

personality won him many friends, the very superiority of his attainments must also have aroused jealousies, which the many proofs of affection shown him by Dom João III, Dona Catharina and the Infante Dom Henrique cannot but have intensified. On the other hand, his outspoken criticisms, rendered all the more severe and bitter by his acknowledged authority, aroused dangerous enmities against him. When abroad he had been so imprudent in his relations with the most notable figures of the Reformation as to render himself suspect of heterodoxy; but in Portugal, with or without reason, he rashly wounded many vanities; and wounded vanity hardly ever forgives! In spite of the benevolence with which he was treated by Dom Henrique, the Inquisitor general, it was only natural for the Society of Jesus and the Tribunal of the Holy Office to be ill-disposed towards him. In addition to all this, his *Nobiliario* (see Dr Antonio Baião, *Damião de Goes—Historia da Literatura Portugueza Ilustrada*, vol. III, pp. 28–30) brought him the ill will of many noble families, because, as Barbosa says, "he lost much of his good name when, following the impulses of vengeance rather than the respect of truth, he made himself the slanderous critic of others" (*op. cit.* p. 617). There may perhaps be some exaggeration in Barbosa's words, but Goes, with his readiness to speak unpleasant truths, certainly was slanderous at times.

Upon its publication, certain passages in the Chronicle of Dom Manuel raised loud protests, because many of the highest in the land were attacked by the chronicler's biting pen. The Inquisition did not stop the book; but so strong were the complaints "that he was forced to destroy certain pages of the first edition, of which only two copies are known to have escaped intact" (Dr Maximiano Lemos, *op. cit.* p. 41). One of these copies was in the possession of Dr Fran-

outro, que pertenceu a El-Rei D. Pedro V, encontra-se na nossa Bibliotheca. Goes foi novamente imprudente: certas referencias eram descabidas, outras não podiam deixar de maguar: em alguns casos o chronista insistia, sem muito tacto, mesmo com pouca gratidão, em certas questões da administração de D. Manuel; em outros apoiava demasiadamente sobre factos delicados que diziam respeito á Casa de Bragança.

Comprehende-se perfeitamente a censura que teve logar, e o nosso amigo Professor Prestage tem inteira razão quando escreve espirituosamente:

"É costume increpar aos que impuzeram as mutilações da *Chronica*, mas não devemos esquecer de que Goes foi incumbido de escreve-la pelo Regente, e que foi a Casa Real que adiantou o dinheiro para a impressão. Mesmo hoje em dia, com toda a nossa apregoada liberdade, duvido se um empregado público ousasse referir a verdade nua e crua acerca dos parentes de um Presidente do Conselho de Ministros. Se o fizesse, seria com certeza castigado. Se Goes escapou, é porque havia mais tolerancia na monarquia absoluta do seculo XVI do que se julga" (*Critica contemporanea da "Chronica de D. Manuel" de Damião de Goes—Archivo Historico Portuguez*, vol. IX, p. 348).

Mas o mais grave é que Goes nem sempre foi veridico, antes pelo contrario. No capitulo cem da primeira parte da Chronica de D. Manuel (que não foi mutilado), o historiador contou falsidades ácerca da maneira como o Venturoso recompensou os serviços de Duarte Pacheco. Cavillosamente, Goes inventou a lenda da ingratidão de D. Manuel para com esse tão illustre Portuguez. Os importantissimos documentos relativos a Duarte Pacheco, contidos na edição do *Esmeraldo de Situ Orbis* publicada por Azevedo Basto em 1892, vieram completamente isentar o Soberano da culpa que o malevolo Goes lhe attribuiu, e que, infelizmente, passou a ser um ponto assente da nossa historia. Aqui nos penitenciamos do erro que commettemos (ver *Livros Antigos Portuguezes, Introducção*, p. xxix); mas, como tantos

cisco d'Azevedo, while the other, which belonged to Dom Pedro V, is in our Library. Certain references in the book were quite out of place, and others could not but wound; in some cases the chronicler tactlessly and somewhat ungratefully gave undue prominence to certain questions touching Dom Manuel's administration, in others he bore too heavily upon delicate matters connected with the House of Bragança.

It is therefore easy to understand the necessity for censorship, for as our friend Professor Prestage so truly and wittily writes:

"It is customary to reproach those who insisted upon the mutilation of the *Chronica*, but we must not forget that Goes was commissioned to write it by the Regent, and that it was the royal house which advanced the money for its printing. Even nowadays, with all our boasted liberty, I doubt whether a public official would dare to state the cruel and naked truth about the relatives of a Prime Minister. If he did so, he would certainly be punished. If Goes escaped, it is because there was more tolerance than we think under the absolute monarchy of the XVIth century" (*Critica contemporanea da "Chronica de D. Manuel" de Damião de Goes—Archivo Historico Portuguez*, vol. IX, p. 348).

But the worst of it was that Goes was not always veracious, on the contrary: in the hundredth chapter (which was not mutilated) of Part I of the Chronicle of Dom Manuel, he gave a false account of the way Dom Manuel rewarded the services of Duarte Pacheco. This legend of Dom Manuel's ingratitude towards his faithful servitor was firmly believed, until it was completely refuted by the documents about Duarte Pacheco in the edition of the *Esmeraldo de Situ Orbis* published by Azevedo Basto in 1892. We ourselves fell into the error (see *Early Portuguese Books, Introduction*, p. li), and, like so many others, not having read the documents published by Aze-

outros, acreditámos nas palavras do chronista, por não ter lido os documentos publicados por Azevedo Basto. Tendo confessado a nossa falta, queremos testemunhar a nossa gratidão—qualidade assaz rara segundo parece—ao nosso querido mestre e amigo Dr José Maria Rodrigues, que para ella chamou a nossa attenção.

Apezar de tudo, Damião de Goes recebeu em 1566 numerosas recompensas pela composição da sua Chronica: foi-lhe dada uma tença de vinte mil reaes com o habito de Christo, o fôro devido á fazenda real das terras de Magalhães no termo de Beja em duas vidas, a sobrevivencia em Ambrosio de Goes, seu filho, no logar de Guarda Mór, e ainda a mercê, bem importante, de mandar vir, n'esse anno, do Oriente sufficientes mercadorias defezas para que d'ellas podesse tirar para si dois mil cruzados de beneficio (ver Dr Antonio Baião, *loc. cit.* p. 41).

Passáram-se alguns annos, quando, sem que até hoje se saibam os motivos, o Conselho Geral do Santo Officio reuniu-se a 31 de Março de 1571 e, desterrando as denuncias de 1545 e 1550, ás quaes não tinha sido dado andamento, mandou prender Damião de Goes. As causas da prisão e do processo do chronista, sobre as quaes as opiniões variam, são ainda mysteriosas. Fôram devidas a vinganças de pessoas feridas por Goes? Ignoramos. Muitos auctores, como já tem succedido em outros casos, aproveitáram-se da grande figura de Damião de Goes, para rebaixar a do Infante D. Henrique, atacar a Companhia de Jesus e fazer do chronista uma victima da Inquisição. Não ha duvida que foi uma victima, mas em parte por sua propria culpa. Durante o processo, representáram um triste papel muitas testemunhas, a começar por pessoas da sua familia. Em Outubro de 1572 foi proferida a sentença que, absolvendo-o das mais penas publicas e da excommunhão maior, o condemnou a carcere perpetuo, sendo levado para o Mosteiro da Batalha, onde deu entrada a

vedo Basto, we placed full confidence in the chronicler's words. Having made this confession, we would testify our gratitude—which appears to be a somewhat rare virtue—to our Professor and friend, Dr José Maria Rodrigues, who called our attention to the matter.

In spite of all this, Goes was well recompensed in 1566 for his composition of the chronicle: he was granted an annuity of twenty thousand *reaes* with the habit of the Order of Christ, the rent due to the royal treasury from the lands of Magalhães in the province of Beja for two generations, the right of succession to the post of Keeper of the Archives for his son Ambrosio de Goes, and also the important privilege of ordering in that year from the East sufficient prohibited merchandise to yield him a profit of two thousand *cruzados* (see Dr Antonio Baião, *loc. cit.* p. 41).

It was not until March 31st, 1571, that, at a meeting of the general Council of the Holy Office, the uninvestigated accusations against Goes made in 1545 and 1550, were, for some unknown reason, brought to light, and the order was given for him to be imprisoned. The causes of his imprisonment and the subsequent proceedings against him, about which opinions are divided, are still wrapped in mystery. Were they due to the vengeance of persons attacked by Goes in his works? We do not know. As so often happens in such cases, many writers have used Damião de Goes to abase the Infante Dom Henrique and assail the Society of Jesus, and have made the chronicler an innocent victim of the Inquisition. He was certainly a victim, but it was partly his own fault, though during his trial many witnesses, not excluding members of his own family, played a very ugly part. In October of 1572 the sentence was finally given: he was absolved from further public punishments and from the major excommunication and was condemned to perpetual imprisonment. He was taken to the monastery of Batalha, which he

16 de Dezembro de 1572. Velho e doente, foi posto em liberdade passado algum tempo, vindo a fallecer em Alemquer a 30 de Janeiro de 1574. A sua morte, tambem mysteriosa, parece comtudo ter sido devida a causas naturaes.

Não tivemos a pretenção de fazer aqui a biographia de Damião de Goes. Nas simples notas que escrevemos sobre o livro mais antigo que possuimos do chronista de D. Manuel impresso em Portugal, procurámos apenas, emittindo ás vezes a nossa modesta opinião, descrever alguns factos importantes da sua vida. O estudo do celebre humanista, das suas obras e dos seus actos já foi feito por muitos auctores, e outros forneceram informações interessantes a seu respeito, entre os quaes, alem dos que já citámos, apontaremos: Sousa (*Historia Genealogica*, t. I, pp. xxx–xxxiv, e t. V, pp. 473–478), Joaquim de Vasconcellos (*As cartas latinas de Damião de Goes*; *O retrato de Albrecht Dürer*; *As variantes das Chronicas—Novos Estudos*), Guilherme Henriques (*Ineditos Goesianos*), A. P. Lopes de Mendonça (*Damião de Goes e a Inquisição de Portugal*), Sousa Viterbo (*Damião de Goes e D. Antonio Pinheiro*; *Estudos sobre Damião de Goes*), Dr Antonio Baião (*Episodios dramaticos da Inquisição Portugueza*), Dr Theophilo Braga (*Historia da Litteratura Portugueza*, t. II, pp. 618–645), Fortunato de Almeida (*História da Igreja em Portugal*, t. III, parte II, pp. 126–133), Eduardo Moreira (*O Erasmo Portuguez—Revista de Historia*, vol. IV, pp. 348–353), Francisco Rodrigues (*O Seculo* XVI *em Quadro chronologico—Revista de Historia*, vol. VI, pp. 105–109), Dr Mendes dos Remedios (*História da Literatura Portuguesa*, pp. 172–174), D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*Notas Vicentinas—Gil Vicente em Bruxellas*, pp. 58, 64, 96; *Cultura Intelectual e Nobreza Literaria*, pp. 13, 36 *e seg.*), Dr Gonçalves Cerejeira (*O Humanismo em Portugal—Clenardo*, pp. 16–17, 30, 65, 81–83, 172–

entered on December 16th, 1572. After some time, however, he was set free on account of his age and infirmity, and he died in Alemquer on January 30th, 1574. His death was also mysterious, but appears to have been from natural causes.

We do not pretend to have written a biography of Damião de Goes. We have only sought to include a few of the most important facts in Goes' life in our description of the earliest we possess of his books printed in Portugal, expressing in some cases our modest opinion. But much interesting information about the famous humanist, his actions and his works has been given by many authors, among whom, in addition to those already quoted, we would mention: Sousa (*Historia Genealogica*, vol. I, pp. xxx–xxxiv, and vol. V, pp. 473–478), Joaquim de Vasconcellos (*As cartas latinas de Damião de Goes*; *O retrato de Albrecht Dürer*; *As variantes das Chronicas—Novos Estudos*), Guilherme Henriques (*Ineditos Goesianos*), A. P. Lopes de Mendonça (*Damião de Goes e a Inquisição de Portugal*), Sousa Viterbo (*Damião de Goes e D. Antonio Pinheiro*; *Estudos sobre Damião de Goes*), Dr Antonio Baião (*Episodios dramaticos da Inquisição Portugueza*), Dr Theophilo Braga (*Historia da Litteratura Portugueza*, vol. II, pp. 618–645), Fortunato de Almeida (*História da Igreja em Portugal*, vol. III, part II, pp. 126–133), Eduardo Moreira (*O Erasmo Portuguez—Revista de Historia*, vol. IV, pp. 348–353), Francisco Rodrigues (*O Seculo* XVI *em Quadro chronologico—Revista de Historia*, vol. VI, pp. 105–109), Dr Mendes dos Remedios (*História da Literatura Portuguesa*, pp. 172–174), D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*Notas Vicentinas—Gil Vicente em Bruxellas*, pp. 58, 64, 96; *Cultura Intelectual e Nobreza Literaria*, pp. 13, 36 *et seq.*), Dr Gonçalves Cerejeira (*O Humanismo em Portugal—Clenardo*, pp. 16–17, 30, 65, 81–83, 172–180),

180), Aubrey Bell (*Portuguese Bibliography*, pp. 257–263).

Damião de Goes foi uma grande figura que honrou a sua patria, e se commetteu erros, pagou-os cruelmente; mas, não póde haver duvidas que, durante a sua longa vida, prestou relevantes serviços ao seu paiz e soube tornar celebre no estrangeiro o nome de um Portuguez illustre.

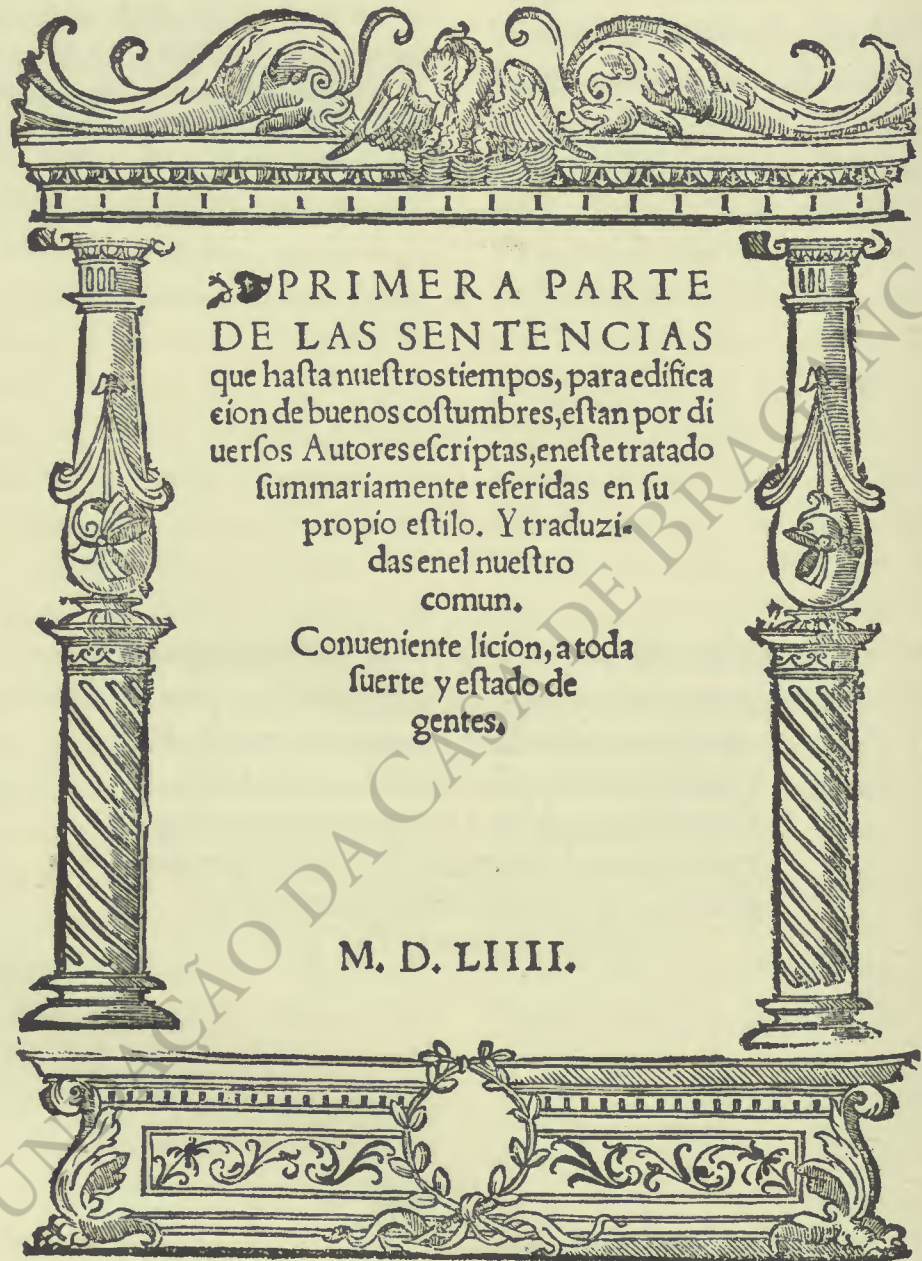
Aubrey Bell (*Portuguese Bibliography*, pp. 257–263).

Notwithstanding all his faults, Damião de Goes was a great figure and an honour to his native land. If he made mistakes, he paid for them dearly; but there is no doubt that in his long life he rendered outstanding service to his country, and made himself a famous name outside Portugal.

¶EBORÆ, APVD ANDREAM Burgẽſem, typographũ illuſtriſſimi principis Henrici Infantis Portugalliæ. S.R.E. Cardinalis, ac ap̃lic̨e ſedis Legati a latere. Permiſſa eſt editio a reuerendo patre fratre Gaſpare de Regib9 .S. Theologię doctore ac hęreticę prauitatis inquiſitore. Menſe octobri. 1 5 5 4.

118 Colophon da *Vrbis Olisiponis Descriptio* de Damião de Goes
Colophon of the *Vrbis Olisiponis Descriptio* of Damião de Goes
Evora, 1554

PRIMERA PARTE
DE LAS SENTENCIAS
que hasta nuestros tiempos, para edifica
cion de buenos costumbres, estan por di
uersos Autores escriptas, eneste tratado
summariamente referidas en su
propio estilo. Y traduzi-
das enel nuestro
comun.
Conueniente licion, a toda
suerte y estado de
gentes.

M. D. LIIII.

119 Folha do rosto das *Sentencias por diuersos Autores escriptas*
Title-page of the *Sentencias por diuersos Autores escriptas*
Lisboa, 1554

84 PRIMERA PARTE DE LAS SENTENCIAS POR DIUERSOS AUTORES ESCRIPTAS.

Lisboa, Germão Galharde, 1554.

PRIMERA PARTE | DE LAS SENTENCIAS | que hasta nuestros tiempos, para edifica | cion de buenos costumbres, estan por di | uersos Autores escriptas, eneste tratado | summariamente referidas en su | propio estilo. Y traduzi- | das enel nuestro | comun. | Conueniente licion, a toda | suerte y estado de | gentes. | M. D. LIIII.
Titulo enquadrado por uma portada egual á da primeira edição dos Lusiadas[1].

[fl. 2] PROLOGO AL LECTOR. [...]
[fl. 3 vo.] NOMBRES DE LOS AVTO- | res, que las presentes sentencias | escriuen. [...]
[fl. 4] AL LECTOR. [...]
[fl. 4 vo.] PLVTARCHVS. | DITARE, regium est, non ditescere. [...]
Começa o texto[2].
[fl. 163] [...] A DIOS TRINO Y VNO SEA | GLORIA AMEN.
[fl. 163 vo.] RESPVESTA A ALGVNAS OB- | IECCIONES, QVE SOBRE EL PRE- | SENTE TRATADO SE DI- | ZEN, O PVEDEN DEZIR. [...]
[fl. 166 vo.] Fue impressa la presente obra, en la muy noble y siẽ | pre leal ciudad de Lixbona, en casa de German | Galhardo Impressor del Rey nuestro señor. | Acabose a treze dias de Nouiembri. | De mil & quiniẽtos y cincuenta | y quatro.

4º—[166] folhas—30 linhas.
Numeração dos cadernos: A–V, 8 folhas cada caderno; X, 6 folhas; total de 166 folhas; as folhas A 4 e O 2 não teem assignaturas.
Encadernação de pergaminho.

4to.—[166] leaves—30 lines.
Collation by signatures: A–V, each 8 leaves; X, 6 leaves; total 166 leaves; leaves A 4 and O 2 have no signature marks.
Vellum binding.

A *Primera Parte de las Sentencias por diuersos Autores escriptas*, impressa por Germão Galharde em 1554, é uma obra curiosa e rara á qual se referem, entre outros: Innocencio (*Diccionario*, vol. VII, p. 254), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal*

The *Primera Parte de las Sentencias por diuersos Autores escriptas*, printed by Germão Galharde in 1554, is a rare and curious work, and among those who refer to it are: Innocencio (*Diccionario*, vol. VII, p. 254), Sousa Viterbo (*O movimento*

[1] *Title within a woodcut border like the one in the first edition of the* Lusiads.
[2] *Beginning of the text.*

no século XVI, p. 135, e *A Litteratura hespanhola em Portugal*, pp. 389–390), Tito de Noronha (*A primeira edição dos Lusiadas*, p. 81), Salvá (*Catalogo*, nº 2173), Palau (*Manual del Librero Hispano-Americano*, t. VI, p. 162), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 654) que mencionam os seguintes exemplares: Bibliotheca Nacional de Lisboa (exemplar a que faltam as folhas 103–108 com as sentenças de Erasmo), Porto, Evora e Universidade de Coimbra; a essa lista ha a junctar o do Museu Britannico, o da Universidade de Harvard (*Catalogo Palha*, nº 395), e os dois que possuimos, um completo, o outro faltando-lhe, como ao de Lisboa, as folhas 103–108. Tito de Noronha (*loc. cit.*) diz que viu alguns exemplares d'esta edição falhos das sentenças de Ovidio, e nos quaes tinham sido riscadas as de Erasmo. Parece que os cortes soffridos fôram devidos á revisão do Santo Officio, apezar da obra ter sido composta para "edificacion de buenos coſtumbres."

O livro começa por um *Prologo al Lector* e termina por uma muito interessante *Respvesta a algvnas obiecciones, qve sobre el presente tratado se dizen, o pveden dezir*, na qual o compilador anonymo das *Sentencias* responde a todas as criticas que o seu trabalho podia suscitar. As palavras que usa para se desculpar de ter escripto em linguagem alheia a sua obra—que foi impressa em Lisboa—são importantes, porque, como diz com razão Sousa Viterbo (*Litteratura hespanhola, loc. cit.*), indicam que o auctor era Portuguez:

"A otros ha parecido, q̃ no deuiera eſto ſer en ageno lẽguage, mas anel ſuyo natural, preſumiẽdo q̃ eneſto ſe hizo menos acatamiẽto ala autoridad, que a la patria, y a ſus coſtũbres ſe deue. Confieſso ſer eſta obligacion muy grande, y que el autor tuuiera mucha culpa, ſi eneſto no tuuiera mejor fundamento. Aceptoſse eſte lenguage, no por mejor, mas por mas general, y por que los otros ſon particularmẽte de los ſuyos, y eſte quaſi es tan proprio a los agenos, como a los ſuyos. Y eſta eſto claro, porque eneſte eſtilo, en que va, lo

tipográfico em Portugal no século XVI, p. 135, and *A Litteratura hespanhola em Portugal*, pp. 389–390), Tito de Noronha (*A primeira edição dos Lusiadas*, p. 81), Salvá (*Catalogo*, no. 2173), Palau (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. VI, p. 162), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 654) who mention the following copies: Lisbon National Library (copy wanting leaves 103–108, which contain sentences from Erasmus), Oporto, Evora, and Coimbra University; to this list must be added the British Museum copy, the one in Harvard University (*Palha Catalogue*, no. 395), and our own two, one of which is complete, while the other, like the Lisbon copy, lacks leaves 103–108. Tito de Noronha (*loc. cit.*) says he has seen copies of this edition from which the sentences of Ovid have been removed and those of Erasmus crossed out. The cuts appear to have been ordered by the Inquisition, although the book was composed for the "edificacion de buenos coſtumbres."

The work begins with a *Prologo al Lector* and concludes with a most interesting *Respvesta a algvnas obiecciones, qve sobre el presente tratado se dizen, o pveden dezir*, where the anonymous compiler of the *Sentencias* replies to all the criticisms which his book may arouse. His justification of himself for having written the work—which was printed in Lisbon—in a foreign tongue, is important, because, as Sousa Viterbo says (*Litteratura hespanhola, loc. cit.*), it indicates that he was Portuguese:

"A otros ha parecido, q̃ no deuiera eſto ſer en ageno lẽguage, mas anel ſuyo natural, preſumiẽdo q̃ eneſto ſe hizo menos acatamiẽto ala autoridad, que a la patria, y a ſus coſtũbres ſe deue. Confieſso ſer eſta obligacion muy grande, y que el autor tuuiera mucha culpa, ſi eneſto no tuuiera mejor fundamento. Aceptoſse eſte lenguage, no por mejor, mas por mas general, y por que los otros ſon particularmẽte de los ſuyos, y eſte quaſi es tan proprio a los agenos, como a los ſuyos. Y eſta eſto claro, porque eneſte eſtilo, en que va, lo

tenemos nos, y ellos, y enel nueſtro, lo tuuieramos ſolamente noſotros. Y como eſtas dos naciones ſean en vezindad, y en amor, y tratamiento tan conformes, es juſto que ſe comuniquen en todo, lo que virtuoſamente pudieren."

O auctor, cujo nome se ignora, reuniu n'este livro uma collecção de sentenças dos principaes escriptores Gregos e Latinos, tanto sacros como profanos; no texto, as paginas pares são em Latim, as impares em Hespanhol. O Catalogo Azevedo Samodães (nº 2846) contem uma descripção detalhada d'esta edição.

Novamente, um dos interesses principaes d'esta obra é a portada da folha do rosto. Galharde, mais uma vez, serviu-se da que tinha empregado na *Reegra de Santiago*, 1548, e no *Tratado* da vida de S. João, 1554. Mas, ponto importante, se no *Tratado* impresso em Agosto—de que já nos occupámos—a portada é, salvo a cruz de S. Thiago na corôa de louros, absolutamente identica á da *Reegra* de 1548, na *Primera parte de las Sentencias*, estampada por Galharde trez mezes depois, em Novembro de 1554, a portada já se encontra mutilada, pois faltam-lhe os tropheus de alabardas que adornavam as columnas. Por consequencia, julgamos que este livro deve ser o primeiro em que se imprimiu a portada exactamente egual á que appareceu nos *Lusiadas* em 1572, o que lhe dá um especial merito bibliographico.

tenemos nos, y ellos, y enel nueſtro, lo tuuieramos ſolamente noſotros. Y como eſtas dos naciones ſean en vezindad, y en amor, y tratamiento tan conformes, es juſto que ſe comuniquen en todo, lo que virtuoſamente pudieren."

The book contains a collection of sentences from the most important Greek and Latin writers, both sacred and profane; the even numbered pages of the text are in Latin and the odd numbered pages in Spanish. The Azevedo-Samodães Catalogue (no. 2846) furnishes a detailed description of this edition.

Again one of the most interesting features of this book is its title-page. Galharde once more used the border which had already been employed in the *Reegra de Santiago* of 1548 and the *Tratado* of the life of St John. However, in the *Tratado* (which we have already studied), printed in August, 1554, the border is exactly the same as the one in the *Reegra* of 1548, except that it lacks the emblem of St James, while in these *Sentencias*, printed by Galharde only three months later, it is already mutilated, since the halberds which adorned the columns have been removed. We therefore believe this book to be the first where the border appeared in exactly the form afterwards used in the *Lusiads* in 1572, which gives it a special bibliographical value.

¶ Fue impreſſa la preſente obra, en la muy noble y ſiẽ pre leal ciudad de Lixbona, en caſa de German Galhardo Impreſſor del Rey nueſtro ſeñor. Acaboſe a treze dias de Nouiembri. De mil & quiniẽtos y cincuenta y quatro.

120 Colophon das *Sentencias por diuerſos Autores eſcriptas*
Colophon of the *Sentencias por diuerſos Autores eſcriptas*
Lisboa, 1554

SVmmario ẽ
QVE BREVEMENTE SE
CONTEM ALGVAS
COVSAS (ASSI EC
CLESIASTICAS
COMO SECV-
LARES) QVE
HA NA CI-
DADE DE
LISBOA.

Com̃ Preuilegio Real.

121 Folha do rosto do *Svmmario* de Christovão Rodrigues de Oliveira
Title-page of the *Svmmario* of Christovão Rodrigues de Oliveira
Lisboa, [1554]

85 CHRISTOVÃO RODRIGUES DE OLIVEIRA, SVMMARIO Ẽ QVE SE CONTEM ALGVAS COVSAS QVE HA NA CIDADE DE LISBOA.

Lisboa, Germão Galharde, [1554].

SVmmario ẽ | QVE BREVEMENTE SE | CONTEM ALGVAS | COV- SAS (ASSI EC | CLESIASTICAS | COMO SECV- | LARES) QVE | HA NA CI- | DADE DE | LISBOA. | Com Preuilegio Real.
Titulo enquadrado por uma portada egual á da primeira edição dos Lusiadas[1].

[fl. 1 vo.]
Advertencia do auctor, Christovão Rodrigues de Oliveira, que diz ter-lhe sido mandada fazer esta obra no anno de 1551, por D. Fernando, Arcebispo de Lisboa[2].

[fl. 2] PRIMEIRAMENTE A EGRE- | ja E freguesia da See. [...]
Começa a obra[3].

[fl. 50] EROS DA EMPRESsAM. [...] | Foy Impresso o presente Sumario, em Lixboa noua | mente em casa de Germão galharde Impremi- | dor del Rey nosso senhor. | ACHARSsEA EM CASA DE GIL | marinho Liureiro do Infante dom | Luis, no terreiro do Paço | onde sua. A. mora.

4º—[50] folhas—30 e 31 linhas—sem titulos correntes nem reclamos.
Numeração dos cadernos: A–F, 8 folhas cada caderno; G, 2 folhas; total 50 folhas.
Encadernação de marroquim.

O *Svmmario ẽ que brevemente se contem algvas covsas (assi ecclesiasticas como secvlares) que ha na cidade de Lisboa*, composto em 1551 por Christovão Rodrigues de Oliveira e impresso por Germão Galharde, é uma obra rarissima e extremamente interessante, da qual Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 73) menciona apenas quatro exemplares: um na Bibliotheca Nacional de Lisboa, outro na de Ste. Geneviève, Paris, e dois em Bibliothecas particulares. O nosso exemplar, absolutamente perfeito, que pertenceu ao bibliophilo Ferreira das Neves, é provavelmente um

4to.—[50] leaves—30 and 31 lines—no headlines nor catchwords.
Collation by signatures: A–F, each 8 leaves; G, 2 leaves; total 50 leaves.
Morocco binding.

The *Svmmario ẽ que brevemente se contem algvas covsas (assi ecclesiasticas como secvlares) que ha na cidade de Lisboa*, composed in 1551 by Christovão Rodrigues de Oliveira and printed by Germão Galharde, is a very rare and interesting work, of which Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 73) cites only four copies: one in Lisbon National Library, one in the Bibliothèque de Ste Geneviève in Paris, and two in private libraries. Our own copy, which is absolutely perfect and belonged to the bibliophile Ferreira das Neves, is probably one of these. The book is also men-

[1] *Title within a border like the one in the first edition of the* Lusiads.
[2] *Author's note, in which Christovão Rodrigues de Oliveira says that Dom Fernando, Archbishop of Lisbon, ordered him to compose this work in 1551.*
[3] *Beginning of the work.*

dos indicados por Innocencio. Alem d'esse auctor, referem-se ao *Svmmario*: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. 1, p. 586), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 102), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 499), Gomes Brito (*Noticia de Livreiros e Impressores em Lisboa na 2ª metade do seculo* XVI, pp. 15, 26 *e seg.*, 57), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 657).

A obra, sahida dos prelos de Galharde "Impremidor del Rey noſso ſenhor," foi estampada sem data; provavelmente por esse motivo, diversos auctores, a começar por Barbosa e Ribeiro dos Santos, considerâram, erradamente, que ella tinha sido publicada em 1551, anno em que Rodrigues de Oliveira—como elle proprio o declara no verso da folha do rosto—escreveu o seu *Svmmario*: mas a impressão não póde ter tido logar em 1551, porque a portada da folha do rosto é absolutamente identica á da *Primera parte de las Sentencias*, impressa por Galharde em Novembro de 1554, que já tinha sido mutilada, em quanto que a portada do *Tratado de la vida del Apoſtol ſan Iuan*, estampado por Galharde em Agosto do mesmo anno, ainda é egual á da *Reegra de Santiago*, 1548 (ver as nossas notas sobre estes tres livros). Por consequencia, o *Svmmario* não póde ter sido impresso senão depois d'Agosto de 1554, como deve ter entrado para os prelos do "imprimidor" antes do fim de Novembro de 1555, e pelo seguinte motivo: na ultima pagina do livro lê-se que a obra de Christovão de Oliveira "Acharssea em casa de Gil marinho Liureiro do Infante dom Luis, no terreiro do Paço onde ſua. A. mora." D. Luiz falleceu a 27 de Novembro de 1555; se o Infante já tivesse morrido quando o livro foi publicado, não era natural que se escrevesse "onde ſua. A. mora," sobretudo quando o annuncio se refere ao seu livreiro, cuja loja era no proprio palacio do illustre irmão de D. João III. (A respeito de Gil Marinho, ver Deslandes, *Documentos para a Historia da Typo-*

tioned by: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. 1, p. 586), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 102), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 499), Gomes Brito (*Noticia de Livreiros e Impressores em Lisboa na 2ª metade do seculo* XVI, pp. 15, 26 *et seq.* and 57), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 657).

Germão Galharde "printer to the King our lord" did not date this work, though several authors, beginning with Barbosa and Ribeiro dos Santos—misled by Rodrigues de Oliveira's statement at the beginning of the work that he started to compile the *Svmmario* in 1551—have given that year as the date of the book's publication. Now the border on the title-page of this work is exactly the same as the one in the *Primera parte de las Sentencias*, printed by Galharde in November of 1554, and is without the additional ornamentations on the columns which were present in the *Reegra de Santiago*, 1548, and still appeared in the *Tratado de la vida del Apoſtol ſan Iuan*, printed by Galharde in August, 1554 (see our notes on these three books). The *Svmmario* cannot therefore have been printed until after August, 1554, and must have been in the press before the end of November, 1555, because it is declared on the last page that the book "May be found in the house of Gil Marinho, bookseller to the Infante Dom Luis, in the *Terreiro do Paço* where his Highness lives." Dom Luiz died on November 27th, 1555; and if he were already dead when the book was printed, it is unlikely that the words "where his Highness lives" would have been used, especially as the statement in which they occur refers to the Prince's bookseller, who lodged in his very palace. About Gil Marinho see Deslandes, *Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos Seculos* XVI e XVII, 1881 ed. pp. 24–25, 1888 ed. pp. 47–48.)

graphia Portugueza nos Seculos XVI *e* XVII, ed. de 1881, pp. 24–25, ed. de 1888, pp. 47–48). Tanto Gomes Brito (ver *ob. cit.* p. 15, e *As Tenças Testamentarias da Infanta D. Maria—Archivo Historico*, vol. VIII, p. 7) como Anselmo e Proença (*loc. cit.*) já tinham exposto os motivos que os levavam a crer que o opusculo de Christovão de Oliveira não fôra impresso antes de 1554. Concordamos inteiramente, e como consideramos que não póde ter sido publicado nem antes de Agosto de 1554 nem depois de Novembro de 1555, julgamos perfeitamente admissivel que ainda fôsse estampado em 1554.

Nada sabemos do auctor do *Svmmario* senão que era "Guarda roupa" do Arcebispo de Lisboa "dom Fernando primeiro deſte nome" (ácerca do Arcebispo D. Fernando de Menezes Coutinho e Vasconcellos, ver Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, t. III, parte II, pp. 825 e 846).

Este Prelado, Capellão Mór de D. Manuel e de D. João III, que, sendo ainda Bispo de Lamego, "incitára" Luiz Rodrigues a imprimir a *Verdadera informaçam* do Padre Alvares (ver p. 15 d'este volume), encarregou Christovão Rodrigues de Oliveira, em 1551, de se informar "na verdade" do rendimento do "Arcebiſpado E Cabido da See, E de todas as egrejas Collegios, Moſteiros Spritaes Capellas E Cõfrarias" de Lisboa,

"E do numero das caſas E moradres (*sic*) dela E dos officios de cada peſsoa aſsi de homẽs como molheres. E doutras couſas que ao diante ſe verão: E que de tudo lhe dêſſe hum Sũmario."

Para cumprir as ordens de D. Fernando de Menezes, Christovão de Oliveira pediu a todos os priores e curas da cidade, que "dos Roles em que ſcreuem todos os ſeus fregueſes" lhe obtivessem as informações necessarias para o seu trabalho, e com esses dados compoz "o Summario das couſas ao diante ſcritas o qual em eſcrito dei ao dito ſenhor Arcebiſpo."

A sua obra, realmente curiosa, e que se póde

Both Gomes de Brito (see *op. cit.* p. 15 and *As Tenças Testamentarias da Infanta D. Maria—Archivo Historico*, vol. VIII, p. 7) and Anselmo and Proença (*loc. cit.*) have already explained why they do not think the *Svmmario* was printed before 1554. We entirely agree with them, and while we consider that it cannot have been published before August, 1554, or after November, 1555, we incline to the view that it was issued in 1554.

We know nothing about Christovão Rodrigues de Oliveira except that he was "keeper of the wardrobe" to the Archbishop of Lisbon "dom Fernando, the first of this name." (For information about the Archbishop Dom Fernando de Menezes Coutinho e Vasconcellos, see Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. III, part II, pp. 825 and 846.)

This prelate, who was grand almoner to King Manuel and King João III, and who, when Bishop of Lamego, had "encouraged" Luiz Rodrigues to print Father Alvares' *Verdadera informaçam* (see p. 15 of this volume), charged Christovão Rodrigues de Oliveira, in 1551, to collect reliable information about the revenue of the "Archbishopric and Chapter of the See, and of all the churches, Colleges, Monasteries, Hospitals, Chapels, and religious Brotherhoods" of Lisbon,

"And of the number of its houses and inhabitants, And of the occupation of every person, both man and woman. And of other things which will be seen later: And to give him a Summary of all this."

In order to carry out the Archbishop's orders, Christovão de Oliveira asked all the priors and parish priests of the city to procure him the information necessary for his work "when they were compiling the Registers in which they wrote down all their parishioners," and from these data he made "the *Summario* of the things hereafter written, which I gave in writing to the said Archbishop."

The work, which is of very real interest, may

intitular o primeiro *Baedeker* de Lisboa, dá-nos noticias extremamente interessantes: uma das mais importantes é a estatistica da população das diversas freguesias da capital, e da qual Anselmo Braamcamp Freire se serviu no seu estudo *Povoação da Estremadura no* XVI *seculo* (*Archivo Historico*, vol. VI, pp. 240–241). O guarda-roupa do Arcebispo diz-nos que Lisboa tinha cem mil almas, nas quaes entravam nove mil e quinhentos escravos, e dá-nos os nomes—alguns bem pitorescos—das suas ruas, travessas, bêcos e postos que não são ruas. Menciona as egrejas e capellas, as suas confrarias, e os rendimentos que teem; refere-se aos hospitaes, nomeia os mosteiros nos quaes viviam então seiscentos e vinte e tres frades e seiscentas e duas freiras. Nas oitenta e seis "igrejas parrochias, ermidas, eſpritaes, colegios E moſteiros" da cidade, havia cento e oitenta e quatro confrarias, entre as quaes "Hũa dos clerigos ricos, E outra dos clerigos proues (*sic*)." O total dos rendimentos do Arcebispado era de 177:857 cruzados.

Passando ao "secular," dá-nos a lista dos "officiaes" empregados nos principaes estabelecimentos do Estado. Mas, a parte mais interessante é talvez a lista da "Gente doficios qve ha em Lixboa," e que, infelizmente, não podemos reproduzir na integra. Christovão de Oliveira informa-nos que havia 57 "Fisicos" e 60 "Surgiães," "7 meſtres de gramatica" e 34 "que enſinão moços a ler": este ultimo numero não é certamente excessivo, sobretudo quando lêmos que existiam 13 "Escolas pubricas de canto dorgão," e 14 de dança, "afora que ha homẽs que enſinam a peſsoas nobres em ſuas caſas."

Mercadores, como é natural, havia muitos n'essa epocha: se só conta 6 "Mercadores banqueiros," diz-nos que havia 60 "mercadores de panos que tem logea," 458 de "toda a mercadoria," e 620 "tratantes." Depois, se havia apenas 5 impressores, aponta-nos 54 livreiros. Em seguida, diz-nos o numero dos tecelões, dos carpinteiros, dos ferradores, dos serralheiros. Não

well be called the first *Baedeker* of Lisbon, for it is a veritable mine of information. The statistics it gives about the population of each parish are particularly important, and were made use of by Anselmo Braamcamp Freire in his *Povoação da Estremadura no* XVI *seculo* (*Archivo Historico*, vol. VI, pp. 240–241). We learn that Lisbon had a hundred thousand inhabitants, including nine thousand five hundred slaves; we are told the names—some of which were very picturesque—of all the streets, alleys, lanes and places which are not streets. The churches, chapels and religious brotherhoods, and their revenues are mentioned; there is a list of the city's hospitals, and of the monasteries, where there were at that time six hundred and twenty-three monks and six hundred and two nuns. In the eighty-six "parish churches, hermitages, hospitals, colleges and monasteries" of the city there were a hundred and eighty-four religious brotherhoods, including "one of the rich clergy and another of the poor clergy." The total revenue of the Archbishopric was 177,857 *cruzados*.

On the "secular" side he gives a list of the "officials" employed in the principal state institutions. But perhaps the most interesting part is the list of "Professional people in Lisbon," which unfortunately we cannot reproduce in its entirety. Christovão de Oliveira informs us that there were 57 "Physicians" and 60 "Surgeons," 7 "teachers of grammar" and 34 "who teach boys to read"; it is not many, especially when we learn that there were 13 "public schools of music set in all its parts," and 14 of dancing, besides "men who teach noble persons in their own houses."

There were naturally many merchants at that period: while there were only 6 "merchant bankers," there were 60 "woollen-drapers with shops," 458 "of all kinds of merchandise" and 620 "dealers." Although there were only 5 printers, there were 54 booksellers. We are also told the number of weavers, carpenters, farriers and locksmiths; no occupation is omitted, and

omitte nenhum officio, e, graças ao *Svmmario*, ficamos sabendo que havia 197 barbeiros, 603 pescadores, 150 "Tendeiros E tendeiras," 236 "Tauerneiros E tauerneiras," 20 "Galinheiros que vendẽ galinhas," 8 "Homẽs q̃ vẽdem vaſsouras," e 5 "Homẽs q̃ fazẽ ratoeiras." Não ha duvida que existia uma grande desproporção entre os diversos "officios," pois se havia apenas 7 "meſtres de gramatica" e 34 "que enſinão moços a ler," contavam-se 430 ourives, 859 alfaiates e 81 luveiros (Garcia de Resende refere-se na sua *Miſcellanea* ao preço das luvas). E termina a sua lista dos homens, dizendo que havia 41 cegos na capital. Entre as mulheres, informa-nos que se contavam 1173 "Laurandeiras" e 65 "Meſtres que enſinão moças a laurar," mas só havia 2 "Molheres que enſinam moças a ler." Ao mesmo tempo (Garcia de Resende tinha razão) havia 63 "Molheres que coſem luuas" e 8 "que perfumão luuas." Não omitte tambem nenhum officio ou emprego das mulheres, fornecendo-nos assim uma lista curiosissima: ficamos mesmo sabendo que havia 13 "molheres que rapão pucaros" e 12 "que fazem confeiſsões para roſto."

O auctor termina a sua obra por uma curta descripção da capital. O *Svmmario* de Christovão Rodrigues é um opusculo precioso, pois, alem da sua grande raridade, contem informações extremamente interessantes e curiosas a respeito de Lisboa no meiado do seculo XVI.

thanks to the *Svmmario* we know that there were 197 barbers, 603 fishermen, 150 shopkeepers, male and female, 236 innkeepers, 20 "poulterers who sell hens," 8 "Men who sell brooms" and 5 "Men who make rat-traps." There was certainly a great lack of proportion in the different callings, for though there were only 7 "teachers of grammar" and 34 "who teach boys to read" there were 430 goldsmiths, 859 tailors and 81 glovemakers (Garcia de Resende complains of the price of gloves in his *Miſcellanea*). Oliveira concludes his register of the men by saying that there were 41 blind men in the capital. Of the women we are informed that there were 1173 seamstresses and 65 "mistresses who teach girls to sew" but there were only 2 "women who teach girls to read." At the same time, there were no less than 63 "Women who stitch gloves" and 8 "who perfume gloves" (Garcia de Resende was indeed right). As with the men, no form of employment is forgotten, and we thus have a most fascinating record: we are even told that there were 13 "Women who scour drinking pots" and 12 "who make confections for the face."

The author concludes his work with a short description of Lisbon itself. The *Svmmario* is certainly a precious little work, for apart from its rarity, it is full of curious and interesting information about Lisbon in the middle of the XVIth century.

¶Foy Impreſſo o preſente Sumario, em Lixboa noua mente em caſa de Germão galharde Impremidor del Rey noſſo ſenhor.

¶ACHARSsEA EM CASA DE GIL marinho Liureiro do Infante dom Luis, no terreiro do Paço onde ſua. A. mora.

122 Colophon do *Svmmario* de Christovão Rodrigues de Oliveira
Colophon of the *Svmmario* of Christovão Rodrigues de Oliveira
Lisboa, [1554]

123 Folha do rosto da *Cronica do Emperador Clarimundo* de João de Barros
Title-page of the *Cronica do Emperador Clarimundo* of João de Barros
Coimbra, 1555

86 JOÃO DE BARROS, CRONICA DO EMPERADOR CLARI-MUNDO.

Coimbra, João de Barreira, 1555.

A Primeyra parte da Croni- | ca do Emperador Clarimundo, donde os Reys de | Portugal defcendem. | *Com priuilegio Real.*

Titulo a negro e vermelho. Por cima, gravura que representa o Imperador Clarimundo de pé, juncto ao throno, sobre o qual descança a arvore genealogica dos Reis de Portugal[1].

[fl. 2] Tauoada. [...]

[fl. 4 vo.] Prologo feyto depois defta obra | impreffa: Ao muy alto & poderofo Rey dõ Ioam terceyro | defte nome. Per Ioam de Barros feu criado. [...]

[fl. 5] Prologo fobre a traf | *ladaçam da primeyra parte da Cronica do Em- | perador Clarimundo, donde os Reys de Portugal | defcendem. Deregido ao efclarecido Principe dom | Ioam, filho do muy poderofo Rey dom Manuel | primeyro defte nome. Per Ioã de Barros feu criado.* [...]

Pagina enquadrada por uma portada, com as Armas Reaes na parte superior[2].

[fl. 6 vo.] [...] CONCORDANCIA QVE HO TRASLADADOR | faz antre dous Coroniftas fobre a vinda de dom Anrrique neftes | Reynos Defpanha, & fobre a fua genealogia. [...]

fl. 1. Começa a primeyra parte da cro | nica do emperador Clarimũdo dõde os Reys de Portugal defcendem, tirada | de lingoagem vngara em a noffa portuguefa. [...] Capitulo primeyro. [...]

fl. lvj vo. Começa ho fegundo libro da pri- | meyra parte da Cronica do Emperador Clarimundo, no qual fe contem ho | principio de feus verdadeyros amores, & muytas outras coufas que por elles | em armas fez. | Capitulo .xxxv. [...]

fl. cxxxiij vo. [...] Começa ho terceyro libro da pri- | meyra parte da cronica do emperador Clarimundo, em que fe contam grandes | coufas que ho fabio Fanimor pro- fetizou dos Reys de Portugal que delle ham de | defcender. E das traições que Tobem de Viapa fez, as quaes forã caufa de muy- | tas amizades ⁊ lianças. | Capitu. lxxix. [...]

fl. clxxxii. [...] Laus Deo.

fl. clxxxii vo. Acabafe a primeyra parte da cronica | do Emperador Clarimũdo donde os reys de Portugal deçem, tirada de | lingoagem Vngara em a noffa Portuguefa per Ioam de barros, ⁊ impref | fa per Ioam da Barreyra impreffor da vniuerfidade de

[1] *Title printed in red and black. Above, a large woodcut representing the Emperor Clarimundo, standing before the throne, on which rests the genealogical tree of the Kings of Portugal.*
[2] *Page surrounded by an architectural woodcut border, with the Arms of Portugal at the top.*

Coimbra, com pri | uilegio real que ninguem a poſſa emprimir nem trazer fora do reyno | tirada em outra lingoagem ſo pena de perder os liuros. A qual | ſe emprimio neſta nobre z ſempre leal cidade de Coim | bra. A cinco dias do mes de Iulho da era de | Mil z quinhentos z LV. | annos.

Folio—[6], clxxxii folhas a 2 columnas—42 linhas—caractéres gothicos—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: A, 6 folhas; B–Z, 8 folhas cada caderno; z, 6 folhas; total de 188 folhas.

Encadernação de marroquim.

A Primeyra parte da Cronica do Emperador Clarimundo, composta por João de Barros, foi estampada pela primeira vez em 1522 por Germão Galharde (ver Anselmo e Proença, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 567), não se conhecendo, porem, um só exemplar d'essa impressão. A segunda edição, sahida dos prelos de João de Barreira em 1555, tambem se perdeu quasi completamente, visto o nosso exemplar, completo e absolutamente perfeito, ser, provavelmente, o unico que hoje existe. A extrema raridade d'esta edição causou innumeras confusões ácerca da data da sua publicação (ver Barbosa, *Bibliotheca Lusitana,* t. II, p. 606; Innocencio, *Diccionario,* vol. III, p. 319; Mattos, *Manual Bibliographico Portuguez,* p. 62); mas, tanto Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 165) como Anselmo e Proença (*ob. cit.* nº 138) deram, apezar de incompletas, descripções correctas do livro.

A Primeyra parte da Cronica do Emperador Clarimundo donde os Reys de Portugal deſcendem é uma historia fabulosa, que João de Barros, querendo tornal-a ainda mais phantastica, escreveu como se tivesse sido "tirada de lingoagem Vngara em a noſſa Portugueſa." No "Prologo feyto depois deſta obra impreſſa," assim como no "Prologo ſobre a traſladaçam," Barros conta-nos detalhes curiosos sobre a fórma como compoz a sua obra,

Folio—[6], clxxxii leaves—double columns—42 lines—Gothic letter—no catchwords.

Collation by signatures: A, 6 leaves; B–Z, each 8 leaves; z, 6 leaves; total 188 leaves.

Bound in morocco.

The *Primeyra parte da Cronica do Emperador Clarimundo,* by João de Barros, was first printed in 1522 by Germão Galharde (see Anselmo and Proença, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 567); but no copy of that edition is known to-day. The second edition, published by João de Barreira in 1555, has also almost disappeared, for our complete and perfect copy is probably the only one now in existence. Its rarity had given rise to confusions about its date (see Barbosa, *Bibliotheca Lusitana,* vol. II, p. 606; Innocencio, *Diccionario,* vol. III, p. 319; Mattos, *Manual Bibliographico Portuguez,* p. 62); but correct, though incomplete descriptions are given by Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 165) and Anselmo and Proença (*op. cit.* no. 138).

"The first part of the chronicle of the Emperor Clarimundo, from whom the Kings of Portugal are descended" is a fabulous history which João de Barros sought to render even more fantastic by pretending it was "translated from the Hungarian language into our own Portuguese." In the "Prologue written after the book was printed," as in the "prologue on the translation," Barros recounts curious details about the way in which he

e mostra-nos, ao mesmo tempo, a sua viva imaginação.

Dirigindo-se a D. João III, declara que foi o seu amor por El-Rei que o levou a emprehender este trabalho.

"E elle (amor) me fez despor os dias passados pera seruir vossa Alteza na trasladaçam desta Cronica. E sabendo isto de mym vsastes tam liberalmente comigo, dandome a isso fauor que em espaço doyto meses acabey de a trasladar. Da qual a vossa Real casa leua a mayor gloria: porque ella foy ho claro estudo em que toda minha vida empreguey. E per cima das arcas da vossa guardaroupa, pubricamente como muytos sabem, sem outro repouso, sem mais recolhimento onde o juyzo quieto podesse escolher as cousas q̃ a fantesia lhe representaua: fiz o que meu amor, & vosso fauor ordenaram. E como colhi este fruyto, mais temporan do que diuera mandeyo empremir. No qual tẽpo per võtade da sũma potencia recebestes o Real cetro dino de vos, & vos muyto mais delle. E este cuydado de gouernar, reger, prouer, todalas particularidades de vossos pouos & Reynos, me fizeram estimar em muyto o que tinha começado. Porque quando lho deregi no seguinte prologo, as menos occupações que entam tinha, lhe faziam tomar algũa pera ẽmendar meus erros. Mas agora na segunda maão que he a mais trabalhosa: conhecẽdo a fraqueza de meu estilo, & a grãdeza de vosso Real estado, fizerãme duuidar o que faria: se perder ho gasto que tinha feyto na empressam, entregãdo ho meu trabalho ao fogo, ou sair a luz coelle. E nestas duuidas sobreueo ho temor de fazer tal desacatamento âs cousas onde vossa Alteza possera os olhos."

Devemos pensar que João de Barros tinha pouco mais de 20 annos quando compoz a sua Chronica, e que a escreveu em oito mezes "per cima das arcas da vossa guardaroupa." No mesmo *Prologo*, a seguinte phrase, parece confirmar a tradição de que D. João III collaborou com o auctor na redacção do *Clarimundo*: "Porque quando lho deregi no seguinte prologo, as menos occupações que entam tinha, lhe faziam tomar algũa pera ẽmendar meus

worked, and, at the same time, shows that he possessed a very vivid imagination.

Addressing himself to Dom João III, he declares that his love for the King made him undertake this work.

"...And that (love) made me devote the past days to your Highness' service in translating this Chronicle. And when I told you this, you treated me so liberally, favouring my project, that I finished the translation in the space of eight months; but your Royal house must take most of the glory of it, for your glory has ever been the chief consideration of my life. And on the top of the chests of your wardrobe, publicly, as many know, with no greater comfort, with no more retired refuge, where calm judgment might make its choice from the images evoked by fancy: I did what my love and your favour ordained. And as I plucked this fruit, earlier than I should have done, sent the work to be printed, and in that time, by the will of the All-powerful you received the Royal sceptre, which is worthy of you as you are even more worthy of it. And the cares of government, of ruling over, and providing for your people and your kingdom in all matters (which now took up your time), caused me to value highly what I had begun; because, when I dedicated it to you in the following prologue, you were not so much occupied and were able to spend some time in emending my errors. But now in the work of revision, which is always the hardest, knowing the weakness of my style and the greatness of your Royal state, I began to doubt what to do, whether to publish my work, or to lose the money I have spent on the printing and consign it to the flames; but the fear of treating with such disrespect a work upon which your Highness had looked, overcame my hesitation."

We must remember, too, that João de Barros was little more than twenty years of age when he composed this chronicle, which was written "on the top of the chests in your wardrobe," and took him only eight months to finish. When he adds: "Because, when I dedicated it to you in the following prologue, you were not so much occupied and were able to spend some time in emending my errors," Barros appears to confirm the

erros" (ver Manuel Severim de Faria, *Discvrsos Varios Politicos*, fl. 25 vº; D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Poesias de Sá de Miranda*, p. 781; Aubrey Bell, *Portuguese Literature*, p. 233). Mas qual é a verdadeira significação das palavras "ẽmendar meus erros"? Querem ellas dizer que D. João III trabalhou junctamente com Barros na composição do romance de cavallaria, ou, simplesmente, que o auxiliou corrigindo as ſaltas e enganos do seu manuscripto? É difficil, para não dizer impossivel, de decidir.

No "Prologo ſobre a traſladaçam," abrindo as azas da phantasia, escreve:

"...Pórq̃ antre algũs Alemães, & eſtrãgeyros q̃ cõ a Raynha noſſa ſenhora a eſtes reynos de Portugal vierã, foy Carlim delamor....E como as ſuas me cõtentauã, trabalhey por alcançar delle ſua cõuerſaçã & amizade....E em quãto neſtes reynos eſteue antre muytas couſas de paſſatẽpo q̃ neſte tinhamos, era cõtar elle as grãdezas dos emperadores Dalemanha & Cõſtantinopla, cõ tanta ordẽ & cõcerto, q̃ parecia ter o proprio original delas na memoria. E as q̃ a li luſtrauã em mais admiraçã & grãdeza erã do emperador Clarimũdo, q̃ ſegũdo ſam marauilhoſas fazẽ preſumir ſerẽ mais fauor deſcriptores, q̃ verdadeyra relaçã da verdade. Porẽ pois das antigas couſas nã temos outra certeza, he neceſſario darmoslhe tãta fe, quanta nos elles teſtificã. Quãto mais q̃ a eſperiencia das noſſas preſentes autorizã todalas ſuas paſſadas. E quẽ neſta verdade duuidar ponha os olhos na grãdeza das obras del Rey voſſo padre, & deſſará a roda do pouco credito q̃ a todalas outras der. E ja no tẽpo deſte nã menos Chriſtianiſsimo q̃ eſſorçado Principe, moſtraua hũa figura do q̃ os de ſua linhagẽ no ſeu fariã: porq̃ a elle eſcolheo Deos pera origẽ dos Reys de Portugal dõde voſſa Alteza auia de deſcẽder....E porq̃ ſomẽte os Vngaros & Gregos de ſuas memoraueis façanhas tinhã lẽbrãça, (polas em ſua lingoajẽ terẽ eſcriptas,) quis treſpaſſar eſta primeyra parte de ſua Cronica em a noſſa Portugeſa."

tradition that Dom João III collaborated with him in the composition of the *Clarimundo* (see Manuel Severim de Faria, *Discvrsos Varios Politicos*, fl. 25 vo.; D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Poesias de Sá de Miranda*, p. 781; Aubrey Bell, *Portuguese Literature*, p. 233). But does "emending my errors" imply joint authorship, or merely help in the correction of mistakes in the manuscript? It is difficult, not to say impossible, to decide.

In the "prologue on the translation," Barros gives free play to his imagination and writes:

"Because Carlim delamor was among the Germans and foreigners who came to these dominions of Portugal with our lady the Queen.... And as he pleased me, I did my best to make him converse with me and give me his friendship....And while he was in this kingdom, one of our many pastimes was for him to recount the glories of the Emperors of Germany and Constantinople, with such order and harmony, that it seemed as though he had seen them. And the actions which shone the brightest in wonder and greatness, were those of the Emperor Clarimundo, which were so marvellous as to make one think they must be the inventions of flattering writers, rather than a veritable relation of the truth. However, as we can obtain no certain proof of the incidents described in ancient history, we must even believe what is told us, especially as our present experiences are such as to warrant belief in all that is recounted of the past. And if whoever doubts the truth of this history will but look upon the great deeds of the King your father, his incredulity will immediately disappear. And already in the day of this not less Christian than valiant King, there was a foreshadowing of what those of his line would in their time accomplish; because God chose him to be the founder of the line whence the Kings of Portugal, including Your Highness, were to descend. And because only the Hungarians and the Greeks had any remembrance of his notable exploits (the story of them being written in their language), I wanted to translate this first part of his Chronicle into our own Portuguese tongue."

III Carta assignada por El-Rei D. João III em Lisboa a 23 de Novembro de 1541
Letter signed by King João III in Lisbon on November 23rd, 1541

Eu el Rey faço saber a vos dom Joam da Sylva conde de
Portalegre meu mordomo mor que me praz por bem que se
deve asentar em meus livros das moradias dom Amt.º de
Lima fidalgo de minha casa asy como andava
antes que o mamdases riscar por ho dito caso que aconteceo
de que ja he perdoado por hũa minha carta pera que daqui
em diamte vença sua moradia qual lhe for [illegible]
[illegible] asy [illegible] que asy mamdo asentar como an-
dava [illegible] guarda [illegible]
mamdey [illegible] minha carta [illegible] Janeiro ho fiz em
Lixboa a vinte [illegible] dias de novembro de mill
quinhentos e quarenta e [illegible] anos

Rey

Comde mordomo mor

V. A. [illegible] bem que se deve asentar em seus livros das moradias
a dom Amt.º de Lima asy como andava antes que V. A. o mamdase
riscar pelo dito caso que aconteceo de que ja he perdoado.

No meio da ficção exposta pela sua phantasia no "Prologo ſobre a traſladaçam," uma phrase chama especialmente a attenção: "ponha os olhos na grãdeza das obras del Rey voſſo padre, & deſſará a roda do pouco credito q̃ a todalas outras der." Estas palavras indicam que o intuito principal de Barros ao narrar as façanhas fabulosas de Clarimundo, era preparar-se a escrever os feitos gloriosos dos Portuguezes no Oriente. Por consequencia, o grande interesse da *Cronica do Emperador Clarimundo* é causado pelo facto de ter servido de "debuxo" ao celebre escriptor para "aparar o eſtitolo" antes de escrever a *Aſia*. Como disse D. Carolina Michaëlis (*ob. cit.* p. xxvii), "João de Barros, que em 1521, quando Miranda partiu para a Italia, aparára a penna escrevendo o Clarimundo." Mas é o proprio João de Barros, no prologo da *Aſia*, 1552, de que já tratámos, que nos explica as razões que o levàram a escrever o *Clarimundo*:

"No cometer do qual trabalho (*Aſia*), vęndo eu a mageſtáde ⁊ grandeza da óbra, nam fuy tam atreuido que lógo como iſto deſejey puſeſſe mãos a ella: ante tomey por cautęlla deſte cometimento, vſar do módo que tem os archetectores. Os quáes primeiro que ponham mão na óbra ă traçam ⁊ debuxam, ⁊ de ſy apreſentam eſtes diliniamentos de ſua jmaginaçam, ao ſenhor de cujo há de ſer o edificio. Porq̃ como eſta matęria de que eu queria tractar ęra dos triũphos deſte reyno, dos quáes nam ſe podia falar ſem licença do autor delles, que naquelle tempo deſte meu propóſito éra el rey vóſſo pádre de glorióſa memória: eſtando ſua alteza em Euora o anno de quinhentos ⁊ vinte, lhe apreſentey huũ debuxo feito em nome de vóſſa alteza, porque com eſte titulo antelle fóſſe acepto. O qual debuxo nã ęra algũa Vatrachomiemáchia, guęrra de raãs ⁊ rátos, como fez Homęro por exercitar ſeu engenho ante q̃ eſcreueſſe a guęrra dos Gregos ⁊ Troyanos: mas foy hũa pintura metaphórica de exercitos ⁊ vitórias humanas, neſta figura racional do emperador Clarimũdo titulo da tráça (conforme á jdade que eu entam tinha) afim de aparár o eſtitolo de minha poſſibilidáde pera eſta vóſſa Aſia."

In this fictional "prologue on the translation" of the fabulous chronicle, there is one phrase which particularly attracts the attention: "let him look upon the great deeds of the King, your father, and his incredulity will immediately disappear"; for in these words Barros allows us a glimpse of the real reason why he wrote *Clarimundo*—to prepare himself for the more serious task of narrating the glorious deeds of the Portuguese in the East. The fact that it served as a "preliminary sketch" for the *Aſia*, constitutes the chief interest of this chronicle to-day. D. Carolina Michaëlis (*op. cit.* p. xxvii) speaks of "João de Barros, who in 1521, when Sá de Miranda set out for Italy, was writing the *Clarimundo* to trim his pen." But João de Barros himself, in the preface to his *Aſia*, 1552, explains the reasons which led him to write his *Clarimundo*:

"When I undertook the task (of writing the *Aſia*), I realised the majesty and grandeur of the subject, and was not so rash as to wish to start work on it at once; but, with the caution befitting such an enterprise, I followed the example of the architects, who, before they set to work on a building, first design and sketch it, and present these rough indications of their ideas to the prospective owner of the edifice. Now the theme I wished to develop was the triumphant progress of this kingdom, of which one might not speak without permission from the author of the triumphs, who, at the time when I purposed this, was the King, your father; so, His Highness being in Evora in the year 1520, I presented him with a sketch, made in the name of Your Highness, that under such sponsorship it might be acceptable to him. This sketch was no 'Batrachomyomachy,' no war of frogs and mice, such as Homer composed to exercise his talent before writing of the war of the Greeks and Trojans; but was a metaphorical painting of human armies and victories, dominated by the rational figure of the emperor Clarimundo, after whom I called the outline which (in accordance with my age at that time) I wrote to polish my style and prove my ability to write the history of your Asia."

É possivel que a ida de Barros a Evora em 1520 para mostrar a sua obra a El-Rei D. Manuel, tenha sido a origem da supposta edição de 1520 (ver Barbosa, *loc. cit.*). Devido á protecção de D. João III, o romance de cavallaria de João de Barros foi impresso poucos mezes depois da morte do Venturoso, e obteve um grande exito, testificado pelas diversas edições que fôram estampadas: 1522, 1555, 1601 (da qual tambem possuimos um exemplar), 1742, 1791, e 1843 (ver Dr H. Thomas, *Spanish and Portuguese Romances of Chivalry*, p. 139). O livro era lido em Portugal e no Oriente, mesmo nas Molucas, para onde o auctor o mandou ao seu amigo Duarte de Resende (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. 1, p. 470). Na dedicatoria da sua *Ropicapnefma*, impressa em 1532 por Germão Galharde, e dirigida a Duarte de Resende, Barros escreveu: "dado que digaes quam bem vos pareceo o meu *Clarimundo* quando foi ter comvofco em Maluco." Mas, se muitos elogiáram a Chronica, nem todos a appováram. D. Frei Amador Arraiz, Bispo de Portalegre (*Dialogos*, 1589, *Dialogo Qvarto—Das condições do bom Principe*, fl. 129), não recommenda ao "bom Principe" a leitura d'este romance de cavallaria, dizendo:

> "ElRey Dom Ioão terceiro de Portugal fabia tam bem as leis de feus reinos, e fenhorios, que muitas vezes emendaua os defpachos dos feus Defembargadores, dizendo âs partes, q̃ os taes defpachos lhes não podião aproueitar, por não ferẽ conformes a fuas ordenações. Outras vezes refpondia aos q̃ lhe pedião, o que não era jufto; que lhes não podia fazer a tal merce, porque feria peruerter a ordem do direito....Efte he o ocio, que conuem aos Principes, e não ler por Clarimundo."

Sem duvida; mas o digno Bispo não se recordou que D. João III tinha, pelo menos, corrigido os cadernos nos quaes Barros escrevera o seu *Clarimundo*.

Possibly it was Barros' going to Evora in 1520 to show his work to King Manuel, that led to the assumption that there was a 1520 edition of it (see Barbosa, *loc. cit.*). João de Barros' romance of chivalry was published, under the protection of Dom João III, a few months after King Manuel's death, and its popularity is testified by the number of times it was printed: 1522, 1555, 1601 (of which edition we possess a copy), 1742, 1791 and 1843 (see Dr H. Thomas, *Spanish and Portuguese Romances of Chivalry*, p. 139). It was read in Portugal and in the Orient, even in the Moluccas, whither the author sent a copy to his friend, Duarte de Resende (see *Early Portuguese Books*, vol. 1, p. 470). In the dedication of his *Ropicapnefma* (printed by Germão Galharde in 1532), addressed to Duarte de Resende, Barros writes "though you say how well you liked my *Clarimundo* when I sent it to you in the Moluccas." But although the Chronicle received much praise, there were many who disapproved of it. Dom Frei Amador Arraiz, Bishop of Portalegre (*Dialogos*, 1589, *Dialogo Quarto—Das condições do bom Principe*, fl. 129), does not encourage the "good Prince" to read this romance. He writes:

> "King John III of Portugal knew the laws of his country so well that he often corrected the verdicts of his chief judges, telling the parties that such verdicts could not avail them, as they were not in conformity with his statutes. At other times he would reply to those who made unlawful requests, that he could not grant them such a favour, for it would be a perversion of the law....This [study of the law], and not the reading of *Clarimundo*, is a fitting recreation for Princes...."

No doubt—but the worthy Bishop forgot that King João III at least corrected the manuscript of *Clarimundo*, if he did not help to compose it.

Começa a primeyra parte da cro

nica do emperador Clarimũdo dõde os Reys de Portugal descendem, tirada de lingoagem vngara em a nossa portuguesa. Dirigida ao esclarecido principe dõ Ioão filho do muy poderoso rey dom Manuel primeyro deste nome, per Ioão de Barros seu criado.

¶ Capitulo primeyro.

O tempo que ho grãde Adriano em Ungria reynaua era tam temido & amado ho seu bõ regimẽto & esforço: que nas casas dos reys & principes que delle tinham conhecimento nunca se praticaua em al senam com quanto amor aos amigos & rigor aos inimigos trataua, nã perdoando ao mal & fauorecendo sempre o bem. E por esta virtude que cõ outras muytas tinha empremio tanto amor nos coraçõès de seus naturaes & assi estrangeiros, que mais a vida delle que as suas proprias estimauam. E como a Claudio rey de França todas estas cousas fossem manifestas: consirando ho proueito que do tal casamento podia alcançar mãdoulhe seus embaixadores, dizendo que a clara fama de suas virtuosas & esforçadas obras era tam geral a todos que nam a elle q̃ tinha muyta rezã pera ho desejar mas a todolos reys comouia a querer sua amizade & liança. Assi que por esta causa como por descender do real tronco dos reys Dũgria elle desejaua de ho aiuntar per matrimonio com Briayna sua ligitima filha se lhe a elle aprouuese. E q̃ oulhasse quanto proueito daqui sucedia: porque sendo ambos liados per tam sancto ajuntamento elle tinha por fee que deos ser ia sempre em sua ajuda, assi no acrecentamento de sua honrra & reynos como na destruiçam de seus inimigos. E mais questa liança seria causa de se destruirem os odeos que os reys de Frãça com elles tiueram, & por se de todo gastarem algũas reliquias se ainda no pouo que dauam, lhe pedia que folgasse de ho açeitar por pay & verdadeyro amigo, & que as outras cousas que ganhaua consirasse bẽ nellas & veria quãto alcançaua em ho fazer. Ouuindo Adriano esta embaixada como ja antes disso estaua apreçebido sabendo ao que os embaixadores vinham, respondeo com hũa grauidade dina de tal pessoa, que nunca cousa tanto desejara como ser ajuntado per tam santo aiuntamẽto com os Franceses, & que nã podera isto tam fauorauelmente desejar como lhe a elle sucedia pois alcançaua por verdadeyro pay a hũa tal pessoa como era el rey. E alem deste contentamento se acrecentaua outro q̃ era auer por molher a princesa Briayna tanto em virtude quanto em fermosura perfeita (segũdo a fama craramente manifestaua.) E por amenos destas cousas ordenara fazer ainda que cada hũa ẽ si era muyto quanto mays tantas & que ho tãto contentauam. Dada esta reposta ao

B

124 Uma pagina da *Cronica do Emperador Clarimundo* de João de Barros
A page of the *Cronica do Emperador Clarimundo* of João de Barros
Coimbra, 1555

125 Uma pagina da *Cronica do Emperador Clarimundo* de João de Barros
A page of the *Cronica do Emperador Clarimundo* of João de Barros
Coimbra, 1555

E bem haja ao Soberano por assim ter procedido, porque, com essa prova de amizade, deu certamente um poderoso incentivo ao jovem João de Barros para se preparar a escrever as façanhas, não ficticias mas reaes, dos Portuguezes no Oriente.

And it was well that the King did so, because such a proof of friendship must certainly have been a strong encouragement to the young João de Barros to prepare himself to describe the exploits of the Portuguese in the East.

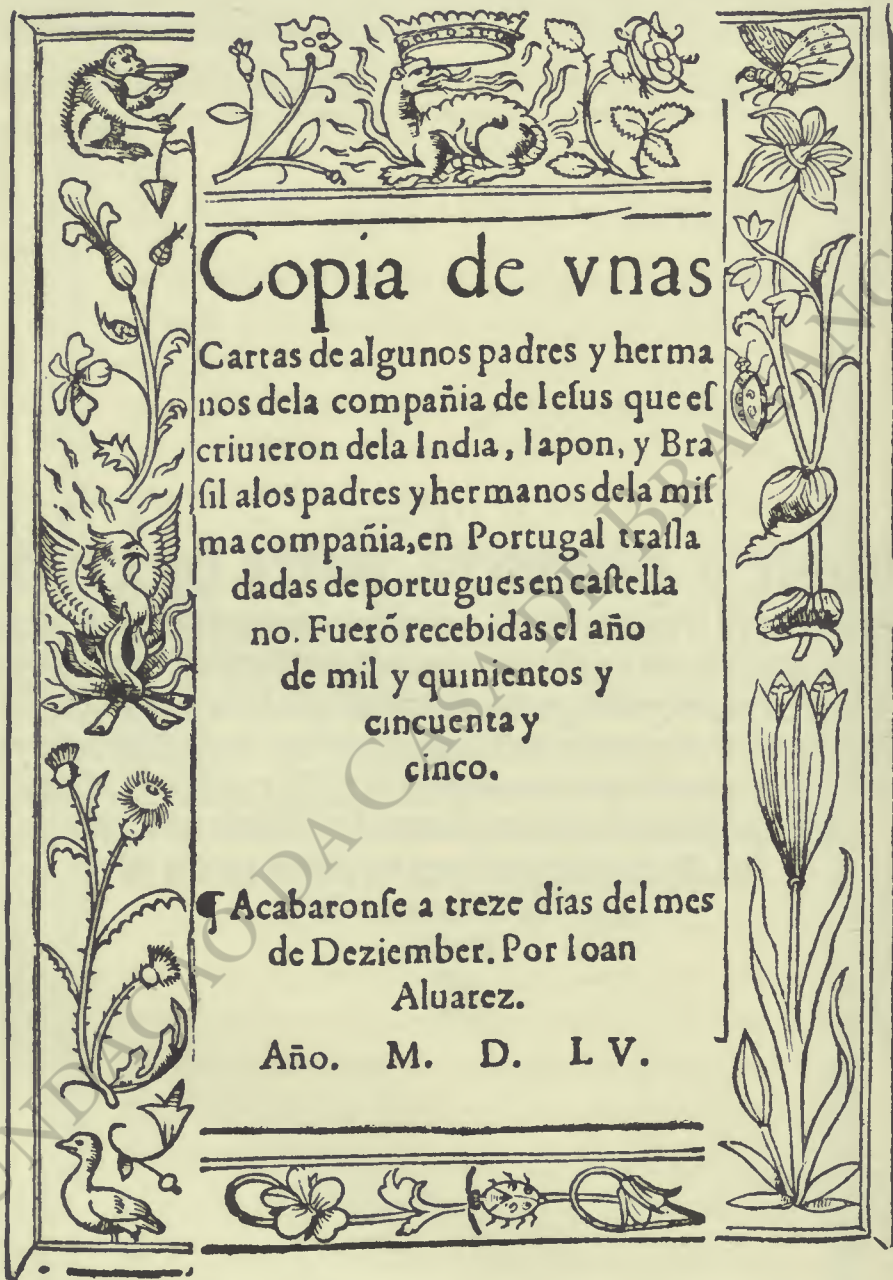
Acabase a primeyra parte da cronica
do Emperador Clarimũdo donde os reys de Portugal deçem, tirada de
lingoagem Ungara em a nossa Portuguesa per Joam de barros, e impres
sa per Joam da Barreyra impressor da vniuersidade de Coimbra, com pri
uilegio real que ninguem a possa emprimir nem trazer fora do reyno
tirada em outra lingoagem so pena de perder os liuros. A qual
se emprimio nesta nobre e sempre leal cidade de Coim
bra. A cinco dias do mes de Julho da era de
Mil e quinhentos e. L V.
annos.

126 Colophon da *Cronica do Emperador Clarimundo* de João de Barros
Colophon of the *Cronica do Emperador Clarimundo* of João de Barros
Coimbra, 1555

M II

60

Copia de vnas
Cartas de algunos padres y herma
nos dela compañia de Ieſus que eſ
criuieron dela India, Iapon, y Bra
ſil alos padres y hermanos dela miſ
ma compañia, en Portugal traſla
dadas de portugues en caſtella
no. Fuerõ recebidas el año
de mil y quinientos y
cincuenta y
cinco.

¶ Acabaronſe a treze dias del mes
de Deziember. Por Ioan
Aluarez.
Año. M. D. LV.

127 Folha do rosto das *Cartas dela India, Iapon, y Braſil*
Title-page of the *Cartas dela India, Iapon, y Braſil*
[Coimbra], 1555

87 CARTAS DE PADRES Y HERMANOS DELA COMPAÑIA DE IESUS QUE ESCRIUIERON DELA INDIA, IAPON, Y BRASIL.

[Coimbra], João Alvares, 1555.

Copia de vnas | Cartas de algunos padres y herma | nos dela compañia de Iesus que esſ | criuieron dela India, Iapon, y Bra | ſil alos padres y hermanos dela miſ | ma com- pañia, en Portugal traſla | dadas de portugues en caſtella | no. Fuerõ recebidas el año | de mil y quinientos y | cincuenta y | cinco. | Acabaronſe a treze dias del mes | de Deziember. Por Ioan | Aluarez. | Año. M. D. LV.

Rosto enquadrado por tarjas[1].

[fl. 1 vo.] Ieſus. | Al chriſtiano lector. [...]

[fl. 2] IESVS. | Carta del hermano Ari- | as blandõ, [...]

Começa o texto[2].

fl. 33 vo. [...] LAVS DEO.

4º—[33] folhas—35 linhas—caractéres gothicos, excepto o rosto e os epigraphes—sem titulos correntes, nem reclamos.

Numeração dos cadernos: 1 folha sem assignatura; B–E, 8 folhas cada caderno; total de 33 folhas.

Encadernação original de carneira.

4to.—[33] leaves—35 lines—Gothic letter, except for the title and the headings—no headlines, nor catchwords.

Collation by signatures: 1 leaf without a signature mark; B–E, each 8 leaves; total 33 leaves.

Original sheepskin binding.

Esta pequena mas preciosa collecção de cartas, intitulada *Copia de vnas Cartas de algunos padres y hermanos dela compañia de Ieſus que eſcriuieron dela India, Iapon, y Braſil*, é uma obra muito rara e interessante, que foi impressa por João Alvares em 1555, sem logar, mas quasi com certeza em Coimbra. Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 40), Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 41) e Palau (*Manual del Librero Hispano-Americano*, t. II, p. 288) mencionam-a, e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 66) descrevem-a, indicando a existencia de dois exemplares: um na Bibliotheca Nacional de Lisboa e outro na Bibliotheca de

This small but precious collection of letters, entitled *Copia de vnas Cartas de algunos padres y hermanos dela compañia de Ieſus que eſcriuieron dela India, Iapon, y Braſil*, is very rare and interesting and was printed by João Alvares in 1555, most probably in Coimbra, though the place is not mentioned. Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, p. 40), Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 41) and Palau (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. II, p. 288) mention it, while a description is given by Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 66) who indicate two copies, one in the Lisbon National Library and the other in the Evora

[1] *Title within a woodcut border.*
[2] *Beginning of the text.*

Evora. Alem do nosso exemplar, que está completo e perfeitamente conservado, não conhecemos nenhum outro. Estes dois auctores dão-nos as seguintes informações ácerca de João Alvares:

"Só ou associado com João de Barreira, imprimiu, num decurso de meio século (1536–1587?), para mais duma centena de obras; a maior parte em Coimbra, de cuja universidade tinha, com o seu associado, o privilégio de impressor; e algumas também em Lisboa.... Nas suas impressões serviu-se de caracteres góticos e romanos; empregando a par dos redondos os itálicos. Algumas obras são exclusivamente impressas nestes últimos: os góticos predominam nos trabalhos que imprimiu em Lisboa. Como divisas usou, só ou associado, ora o escudo das armas reais com um grifo no timbre; ora o grifo com a legenda: SALVS VITE; ora a esfera armilar com as letras C.A.D.A.T.O. na eclíptica e por baixo a legenda SPERA IN DEO ET FAC BONITATEM" (*ob. cit.* p. 16).

Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos Seculos* XVI *e* XVII, 1888, pp. 28–32), que publicou alguns documentos interessantes a respeito de João Alvares e do seu parceiro, escreve:

"Gosando sempre esclarecido nome exerceu o impressor João Alvares a sua profissão, em Lisboa, em Braga e em Coimbra, desde 1542 até 1586, umas vezes só, e muitas de parceria com o insigne typographo João de Barreira. Era natural do Salgueiro, no termo de Aveiro, e foi casado com Medea Gil, natural de Coimbra. Foram seus filhos Izabel João, que casou com o impressor Antonio de Mariz, e o licenciado Christovão João, deputado do santo officio da inquisição de Coimbra. Residiu na rua das Fangas e nos paços de el-rei. Ficou posto em lembrança que se finou em Coimbra por 1586 annos."

Tito de Noronha (*A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, p. 27) diz que João Alvares imprimiu, desacompanhado do seu parceiro, de 1550 a 1590, em quanto que o primeiro livro mencionado por Sousa Viterbo, na sua lista das

Library. We know of no other copy except our own, which is complete and perfect. The last-mentioned bibliographers write of João Alvares that:

"Alone or in partnership with João de Barreira, in the course of half a century (1536–1587?), he printed more than a hundred works, most of them in Coimbra, where, with his partner, he was appointed printer to the university; and some also in Lisbon.... In his publications he used Gothic and Roman type, combining italics with his Roman print. Some works are printed entirely in italics; Gothic letter predominates in the works he printed in Lisbon. Whether alone or in partnership, he used as his mark sometimes the Royal Arms with the griffin crest, sometimes the griffin with the legend: SALVS VITE, sometimes the armillary sphere with the letters C.A.D.A.T.O. on the ecliptic and the legend: SPERA IN DEO ET FAC BONITATEM below" (*op. cit.* p. 16).

Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos Seculos* XVI *e* XVII, 1888, pp. 28–32) publishes various interesting documents about João Alvares and his partner, and says:

"The printer João Alvares, who always had a distinguished name, exercised his profession in Lisbon, Braga and Coimbra from 1542 to 1586, sometimes alone, but very often in partnership with João de Barreira. He was born in Salgueiro, in the district of Aveiro, and married Medea Gil, a native of Coimbra. His children were Izabel João, who married the printer Antonio de Mariz, and the licenciate Christovão João, deputy of the Holy Office of the Inquisition in Coimbra. He lived in the rua das Fangas and in the King's palace. It is recorded that he died in Coimbra in about 1586."

Tito de Noronha (*A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, p. 27) says that João Alvares printed alone from 1550 to 1590, while the first and last works attributed to him by Sousa Viterbo

obras estampadas por esse "imprimidor," é datado de 1554, e o ultimo de 1577 (ver *O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 139–154). Para variar, não faltam, infelizmente, as confusões nas datas. Não parece haver duvida que as duas primeiras obras impressas com data por João Alvares só, são de 1554; mas é difficil averiguar em que anno publicou as ultimas, porque as noticias existentes a seu respeito fôram fornecidas por Barbosa (*ob. cit.* t. II, pp. 55 e 394), cujas informações nem sempre merecem confiança, sobretudo quando se trata de datas (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nos 60, 61, 107 e 108).

João Alvares usou os titulos de *Impreſſor, Empreſſor* ou *Emprimidor delRey*, de *Typographo Regio*, e de *Impreſſor* ou *Imprimidor da Vniuerſidade*: João de Barreira (de quem já nos occupámos, assim como da sua associação com João Alvares), alem de gozar dos mesmos privilegios que o seu parceiro, tambem foi impressor da Companhia de Jesus: comtudo, não foi o unico, e parece provavel que João Alvares tenha exercido do mesmo modo esse cargo (ver pp. 122, 209–212 e 267).

Em 1546, o reitor, lentes e conselheiros, como corporação, e em nome da Universidade de Coimbra, passáram procuração a "Joam Alvares, ymprimydor" para que

"em nome da dita Vnyuersydade vaa aa cydade de Lisboa e arecade e aja ha sua mão toda a ympressão, de que hora elRei noso senhor fez merçe a este estudo, pera a trazer a ele, e per esta lhe dão poder para a trazer e auer ha sua mão e a aualyar e lhe pôr os preços que justos forem" (Deslandes, *loc. cit.*).

D. João III queria, sem duvida, que os principaes estabelecimentos de ensino possuissem as suas "caſas de ſtãpar," pois não só dotou a Universidade com material de impressão em 1546, mas, no anno seguinte, encarregou, como já dissemos, Diogo de Teive de comprar em Paris as melhores matrizes para o Collegio das Artes (ver pp. 236–245).

Entre as obras impressas por João Alvares

are dated 1554 and 1577 respectively (see *O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 139–154). In spite of these contradictory accounts, it seems certain that the two earliest dated works printed by João Alvares alone are of 1554; but it is more difficult to ascertain the date of the last works published by him, since the only information about them is taken from Barbosa (*op. cit.* vol. II, pp. 55 and 394), who is not always very reliable, especially in the matter of dates (see Anselmo and Proença, *op. cit.* nos. 60, 61, 107 and 108).

João Alvares used the titles of *Impreſſor, Empreſſor* or *Emprimidor delRey* (printer to the King), of Royal typographer and of *Impreſſor* or *Imprimidor* to the University. João de Barreira (whom we have already studied), in addition to having all the titles used by his partner, was also printer to the Society of Jesus; but he was not alone in having this title, and it seems probable that João Alvares may have had the same distinction (see pp. 122, 209–212 and 267).

In 1546, the principal, lecturers and council of Coimbra University gave full power to

"Joam Alvares, *ymprimydor*...to go to the city of Lisbon in the name of the said University and receive and have in his hands all the printing material which the King our lord now graciously presents to this college, and to bring it here, and for this they give him power to bring it and have it in his hands and value it and put a just price upon it" (Deslandes, *loc. cit.*).

Dom João III seems to have desired the principal centres of learning to have their own printing-presses, for he not only endowed the University with printing materials in 1546, but, as we have already said, in the following year he charged Diogo de Teive to buy the best matrices obtainable in Paris for the College of Arts (see pp. 236–245).

Outstanding among the works printed by João

merecem uma menção especial o *Liuro primeyro do cerco de Diu* de Lopo de Sousa Coutinho, Coimbra, 1556, e a *Copilacam* (*sic*) *de todalas obras de Gil Vicente*, Lisboa, 1562, de que nos occuparemos n'este volume.

Da mesma maneira que a *Carta de la India* do Padre Gaspar Barzeo (ver pp. 263–267), as *Cartas dela India, Iapon, y Brasil* fôram escriptas em Portuguez e—para maior conveniencia dos Jesuitas espalhados pelo mundo—traduzidas em Hespanhol e publicadas logo que fôram recebidas. Apezar do titulo da obra, nenhuma das cartas estampadas por João Alvares em 1555 foi escripta do Japão. O livro contem cartas dos seguintes missionarios: Irmão Arias Blandõ (Ayres Brandão), Goa, 23 de Dezembro, 1554; Irmão Hernan Mendez (Fernão Mendes Pinto), Malaca, 5 de Abril, 1554; Padre Melchior (Belchior Nunes Barreto), Malaca, 3 de Dezembro, 1554; Irmão Pedro Alcaceua (Alcaçova), Goa, 1554; Irmão Pedro Corrêa, Brazil, mas sem logar nem data; Irmão Joseph (José de Anchieta), Piratininga, Brazil, sem data, e Piratininga, 15 de Março, 1555; Padre João de Azpilcueta Navarro, Porto Seguro, 1555, e tambem a *Informacion de algunas cosas acerca delas costũbres y leyes del Reyno dela China* (por Fernão Mendes Pinto). (Ver Barbosa, *ob. cit.* t. I, pp. 78 e 498, t. II, pp. 40 e 495, t. III, pp. 547 e 569; ver tambem Streit, *Bibliotheca Missionum*, t. IV, pp. 198–202, 378–379; Castilhos (Antonio e José), *Livraria Classica Portugueza—Excerptos*, t. XVI, parte 2ª, pp. 95 *e seg.*)

Teriamos estimado poder occupar-nos detalhadamente d'estas cartas e de quem as escreveu, e especialmente de Fernão Mendes Pinto, o auctor da celebre *Peregrinaçam*, e certamente uma das mais extraordinarias figuras do seculo XVI; infelizmente, a falta de espaço inhibe-nos de o fazer. (Ácerca de Fernão Mendes Pinto, ver, entre outros: Castilhos, *ob. cit.* t. XI–XVI; Theophilo Braga, *Historia da Litteratura Portugueza*, t. II,

Alvares are the *Liuro primeyro do cerco de Diu* by Lopo de Sousa Coutinho, Coimbra, 1556, and the *Copilacam* (*sic*) *de todalas obras de Gil Vicente*, Lisbon, 1562, both of which we shall study in the course of this volume.

Like the *Carta de la India* of Father Gaspar Barzeo (see pp. 263–267), the *Cartas dela India, Iapon, y Brasil* were originally written in Portuguese and, directly they were received, were translated into Spanish—for the greater convenience of the Jesuits scattered all over the world—and printed. In spite of its title, none of the letters in this collection published by Alvares in 1555 was written from Japan. The book contains letters from the following missionaries: Brother Arias Blandõ (Ayres Brandão), Goa, December 23rd, 1554; Brother Hernan Mendez (Fernão Mendes Pinto), Malacca, April 5th, 1554; Father Melchior (Belchior Nunes Barreto), Malacca, December 3rd, 1554; Brother Pedro Alcaceua (Alcaçova), Goa, 1554; Brother Pedro Corrêa, Brazil, but with no date or place; two letters from Brother Joseph (José de Anchieta), Piratininga, Brazil, one undated and the other of March 15th, 1555; Padre João de Azpilcueta Navarro, Porto Seguro, 1555, and also the *Informacion de algunas cosas acerca delas costũbres y leyes del Reyno dela China* (by Fernão Mendes Pinto). (See Barbosa, *op. cit.* vol. I, pp. 78 and 498; vol. II, pp. 40 and 495; vol. III, pp. 547 and 569; also Streit, *Bibliotheca Missionum*, vol. IV, pp. 198–202, 378–379; Castilhos (Antonio e José), *Livraria Classica Portugueza—Excerptos*, vol. XVI, part II, pp. 95 *et seq.*)

We should have liked to make a detailed study of these letters and their writers, and particularly of Fernão Mendes Pinto, the author of the famous *Peregrinaçam* and certainly one of the most remarkable figures of the XVIth century; but lack of space makes this impossible. (Among those who refer to Fernão Mendes Pinto are: Castilhos, *op. cit.* vols. XI–XVI; Theophilo Braga, *Historia da Litteratura Portugueza*, vol. II, pp. 658 *et seq.*;

pp. 658 *e seg.*; Dr Fidelino de Figueiredo, *Historia da Litteratura Classica*, pp. 332–333; Dr Mendes dos Remedios, *História da Literatura Portuguêsa*, pp. 179–180; Christovam Ayres, *Fernão Mendes Pinto. Subsidios para a sua biographia e para o estudo da sua obra*, e *Fernão Mendes Pinto e o Japão*; Aubrey Bell, *Portuguese Literature*, pp. 221–225; Dr Jordão de Freitas, *Subsidios para a bibliographia portugueza relativa ao Japão e para a biographia de Fernão Mendes Pinto, Fernão Mendes Pinto, sua ultima viagem á China* (1554–1555), *A Inquisição em Goa. Subsidios para a sua historia—Archivo Historico*, vol. v, pp. 216–227, e *Literatura de Viagens. Fernão Mendes Pinto—Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada*, vol. III, pp. 53–64.)

N'estas diversas obras, encontram-se innumeras e importantes informações a respeito de Fernão Mendes Pinto; comtudo, graças á gentileza de Messrs. Maggs Bros.—a quem apresentamos os nossos sinceros agradecimentos por mais esta delicada attenção—podemos transcrever aqui parte de um precioso documento, até hoje desconhecido: uma importantissima carta escripta por S. Francisco Xavier a D. João III de Cochim a 31 de Janeiro de 1552. Examinámos esse notavel manuscripto, do qual Messrs. Maggs tiveram a amabilidade de nos offerecer uma reproducção fac-simile. Não podemos tratar aqui das relações de Fernão Mendes Pinto com a Companhia de Jesus, a cuja ordem pertenceu durante algum tempo como irmão. Na sua carta, o insigne Patriarcha das Indias refere-se aos serviços prestados por diversos Portuguezes no Oriente, e, pedindo a El-Rei que lhes escreva e os recompense, diz:

"Fernão mendez tem servido V. A. nestas partes e me emprestou em Japão trezentos cruzados pª fazer hũa casa em amanguchi. Ele he homẽ rico tem dous Jrmaõs aluº mendez e antº mẽdez pª os obriger a gastar o que tem e morrer no serviço de V. A. me fara merçe de os receber ꝑ moços da camaª, aluº mẽdez se acho no çerco de malaca."

Dr Fidelino de Figueiredo, *Historia da Litteratura Classica*, pp. 332–333; Dr Mendes dos Remedios, *História da Literatura Portuguêsa*, pp. 179–180; Christovam Ayres, *Fernão Mendes Pinto. Subsidios para a sua biographia e para o estudo da sua obra*, and *Fernão Mendes Pinto e o Japão*; Aubrey Bell, *Portuguese Literature*, pp. 221–225; Dr Jordão de Freitas, *Subsidios para a bibliographia portugueza relativa ao Japão e para a biographia de Fernão Mendes Pinto, Fernão Mendes Pinto, sua ultima viagem á China* (1554–1555), *A Inquisição em Goa. Subsidios para a sua historia—Archivo Historico*, vol. v, pp. 216–227, and *Literatura de Viagens. Fernão Mendes Pinto* in *Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada*, vol. III, pp. 53–64).

These works contain much interesting information about Fernão Mendes Pinto; and now through the courtesy of Messrs Maggs Bros.—to whom we offer our grateful thanks—we are able to transcribe here part of a hitherto unknown document, which has an important bearing on the subject: a most interesting letter written by St Francis Xavier to Dom João III from Cochin on January 31st, 1552. We examined this manuscript, and Messrs Maggs have been so kind as to give us a facsimile reproduction of it. We cannot dilate upon Fernão Mendes Pinto's relations with the Society of Jesus, to which Order he belonged for some time as a brother. St Francis refers in his letter to the services rendered by various Portuguese in the East, and, begging the King to write and reward them, says:

"Fernão Mendes has served your Highness in these parts and lent me three hundred *cruzados* in Japan to build a house in Amanguchi. He is a rich man and has two brothers Alvaro Mendes and Antonio Mendes. In order to oblige them to spend what they have and to die in your Highness' service, you would do me a favour to receive them as grooms of your bed-chamber. Alvaro Mendes was in the siege of Malacca."

Esta carta do Apostolo do Oriente demonstra não só que S. Francisco Xavier informou El-Rei dos serviços prestados pelo illustre viajante e por seus irmãos, mas que pediu ao Monarcha que os premiasse. É possivel que a prova irrefutavel que apresentamos venha modificar algumas opiniões formuladas a esse respeito.

Ácerca das missões no Oriente e no Brazil, tambem nos é impossivel, n'estas simples notas, examinar detalhadamente essa tão importante questão, digna, por todos os motivos, de um estudo especial; mas, entre muitos escriptores, convem consultar: Padre João de Lucena (*Historia da Vida do Padre Francisco de Xavier*, 1600), Padre Simão de Vasconcellos (*Chronica da Companhia de Jesu no Estado do Brasil*, 1663), R. P. Crasset (*Histoire de l'Église du Japon*, 1715), Baron Henrion (*Histoire Générale des Missions Catholiques*, t. I, seconde partie, pp. 153 *e seg.*), e Fortunato de Almeida (*História da Igreja em Portugal*, t. III, parte I, pp. 661 *e seg.*, 762 *e seg.* e 777 *e seg.*) que, alem de nos fornecer um grande numero de informações, indica-nos os nomes e obras de muitos auctores que se occupáram d'este assumpto.

Nas *Cartas dela India, Iapon, y Brasil* encontram-se noticias interessantes e curiosas. Ayres Brandão, na sua carta de Goa, menciona os differentes sitios onde os missionarios estavam trabalhando, conta a morte de S. Francisco Xavier, e como o seu corpo foi transportado de Cantão para Goa. Em seguida, refere-se a Fernão Mendes, "el qual auia muchos años q̃ andaua en eſta tierra tratando de Iapon para la China y para Peguu" onde se tinha enriquecido. As suas conversas com o Padre Belchior Nunes impressionáram de tal maneira o celebre viajante, que

"començo a hablar palabras q̃ bien pareciã inſpiradas por el Spiritu ſancto diziendo que el lo mas de ſu tiẽpo auia gaſtado en adquirir hazienda, y que ya eſtaua aparejado para yrſe a Portugal a gozar della y que todauia por el mucho fructo que el ſintia ſe podia hazer en Iapon que ſi el

The letter thus shows that St Francis Xavier not only informed the King of the services rendered by the famous traveller and his brothers, but asked him to reward them. This irrefutable proof may perhaps lead some to modify the opinions they have formulated in this connection.

It is also impossible for us in these notes to examine fully the important subject of the missions in the East and in Brazil, though it is worthy of a special study; but among the many authors who may be consulted are: Padre João de Lucena (*Historia da Vida do Padre Francisco de Xavier*, 1600), Padre Simão de Vasconcellos (*Chronica da Companhia de Jesu no Estado do Brasil*, 1663), R. P. Crasset (*Histoire de l'Église du Japon*, 1715), Baron Henrion (*Histoire Générale des Missions Catholiques*, vol. I, seconde partie, pp. 153 *et seq.*), and Fortunato de Almeida (*História da Igreja em Portugal*, vol. III, part I, pp. 661 *et seq.*, 762 *et seq.* and 777 *et seq.*) who gives much important information and indicates many works dealing with the subject.

The *Cartas dela India, Iapon, y Braſil* contain many curious and interesting passages. Ayres Brandão, in his letter from Goa, gives an account of the different places where the missionaries were working, describes the death of St Francis Xavier and tells how his body was transported from Canton to Goa. He then refers to Fernão Mendes, "el qual auia muchos años q̃ andaua en eſta tierra tratando de Iapon para la China y para Peguu" where he had gained great wealth. The famous traveller was so impressed by his conversations with Father Belchior Nunes, that he

"començo a hablar palabras q̃ bien pareciã inſpiradas por el Spiritu ſancto diziendo que el lo mas de ſu tiẽpo auia gaſtado en adquirir hazienda, y que ya eſtaua aparejado para yrſe a Portugal a gozar della y que todauia por el mucho fructo que el ſintia ſe podia hazer en Iapon que ſi el

padre ſe diſpuſieſſe a yr alla que el de aquella ora deſpedia de ſi quanto poſeya y tenia y ſe yria conel a acabar ſu vida en tã ſancta obra."

O Padre Belchior tendo recebido auctorização para seguir, o Vice-Rei, sabendo que Fernão Mendes Pinto acompanharia a missão, nomeou-o seu Embaixador juncto do Soberano do Japão. Antes de partir, Fernão Mendes começou a distribuir os bens que tinha ganho, fazendo grandes esmolas aos pobres "y otras obras de miſericordia," e comprou valiosos presentes para levar aos "principes y reys de Iapon porque ſon muy pulidos en ſus trages." E assim partiu o Padre Belchior para o Japão, acompanhado por "vn padre de miſſa con cinco hermanos y mas Fernan mendez y cinco niños dela doctrina."

Na sua carta de Malaca, Fernão Mendes Pinto escreve:

"Yo fuy de vnos a quien nueſtro ſeñor por muchas vezes mando llamar para la cena, mas agora con heredades agora cõ bueyes ſiempre me vue por eſcuſado: y ſiendo eſta ya la vndecima hora de mi edad hallome el ſeñor."

Conta então a sua conversão, e a maneira como o Padre Belchior e a Companhia prepararam em quatro dias e meio a viagem ao Japão. Uma phrase tem especial importancia, porque confirma inteiramente as palavras que transcrevemos da carta de S. Francisco Xavier; referindo-se ainda á sua conversão, diz que

"me podria Dios ayudar pues con el dinero q̃ yo tenia en Iapon preſtado al padre meſtre Franciſco ſe auia hecho en aquella prouincia la primera ygleſia y caſa dela compañia."

Em seguida, dá curiosissimas noticias dos differentes paizes que visitou e percorreu; dos costumes de Pegu e dos seus idolos; do Rei de Sião, cujo nome era "Precaoſale q̃ dizen q̃ quiere dezir la ſegũda perſona de Dios," e cujos palacios não podiam ser visitados por nenhum estrangeiro, a não ser pelos Embaixadores. Refere-se aos elephantes, e especialmente ao elephante branco, animal sagrado—o Rei chamava-

padre ſe diſpuſieſſe a yr alla que el de aquella ora deſpedia de ſi quanto poſeya y tenia y ſe yria conel a acabar ſu vida en tã ſancta obra."

Father Belchior received authorisation to depart from the Vice-Roy, who, when he heard that Fernão Mendes Pinto was to accompany the mission, appointed him as his ambassador to the Japanese Sovereign. Before he set out, Fernão Mendes began to distribute his riches, giving large sums to the poor "y otras obras de miſericordia," and buying valuable presents to take to the "principes y reys de Iapon porque ſon muy pulidos en ſus trages." And so Father Belchior started for Japan, in company with "vn padre de miſſa con cinco hermanos y mas Fernan mendez y cinco niños dela doctrina."

In his letter from Malacca, Fernão Mendes Pinto says:

"Yo fuy de vnos a quien nueſtro ſeñor por muchas vezes mando llamar para la cena, mas agora con heredades agora cõ bueyes ſiempre me vue por eſcuſado: y ſiendo eſta ya la vndecima hora de mi edad hallome el ſeñor."

He then tells of his conversion and of how Father Belchior and the Company made ready for the journey to Japan in four and a half days. One phrase is especially important because it entirely confirms the passage we have quoted from St Francis Xavier's letter; Fernão Mendes says, with reference to his conversion,

"me podria Dios ayudar pues con el dinero q̃ yo tenia en Iapon preſtado al padre meſtre Franciſco ſe auia hecho en aquella prouincia la primera ygleſia y caſa dela compañia."

He also gives much curious information about the different countries he visited, about the customs and idolatry in Pegu, about the King of Siam, who was called "Precaoſale q̃ dizen q̃ quiere dezir la ſegũda perſona de Dios," and whose palaces could not be entered by any foreigners, except ambassadors. He refers to the elephants and especially to the sacred white elephant—the King was also known as "el ſeñor del

se tambem "el ſeñor del Elefãte blãco"—e conta a procissão, a que assistiu, em que o dito pachy-derme, coberto de ornamentos de prata, foi, rodeado de tropas, tomar banho no rio:

"Dixeronme q̃ eſta vez ſalia de blanco porq̃ ſe yua a lauar/ mas q̃ en las otras fieſtas lleua todas las guarniciones ꝺoro."

Depois, falla dos reinos de Cambaya, Cochin-china, e China. Ácerca do Japão escreve:

"Ay eneſta pronincia (*sic*) vnas eſcuelas generales delas quales me dezia el padre maeſtre Frãciſco que ſe afirmaua ſer mayores que las de Paris."

O Padre Belchior, na sua carta escripta de Malaca a 3 de Dezembro de 1554, refere-se especialmente a Fernão Mendes Pinto, dizendo:

"Edifica mucho ala gẽte ꝺ eſta tierra nueſtro hermano Hernan mendez.... Era el muy cono-cido eneſta tierra, en la qual auia ſeruido al mundo medianamente, y era tenido entrellos por vno delos hombres mas ricos y bienauenturados, y ven le agora dexarlo todo por ſeruir a otro mejor ſeñor veſtido con vna ropa de tela vieja y rota pedirles limoſna de puerta en puerta."

Passára da opulencia á pobreza, deixando "honrras por deſhonrras y plazeres por aſpereza de vida y penitencia."

O Padre Belchior descreve em seguida o seu apostolado entre a população de Malaca, e diz:

"En los niños deſta tierra tambien ſe ha hecho fructo porque tiene vn hermano nueſtro cuydado de yr cada dia con la campanilla por toda la Ciudad a enſeñarles la doctrina Chriſtiana y buenas coſtumbres de manera que reprehenden a ſus padres y madres delos juramentos y enſeñan en ſus caſas alos eſclauos y eſclauas la doctrina Chriſtiana."

Depois, refere-se á obra dos missionarios, ás difficuldades com que luctavam, e escreve: "aca eſtamos de manera que ſi queremos acudir a vna prouincia deſamparamos otra.... Dios nueſtro ſeñor ſabe en quanta dubda me metio la neceſſi-

Elefãte blãco"—and describes a procession he witnessed when the sacred beast, in a silver harness, and surrounded by troops, went down to the river to bathe:

"Dixeronme q̃ eſta vez ſalia de blanco porq̃ ſe yua a lauar/ mas q̃ en las otras fieſtas lleua todas las guarniciones ꝺoro."

Afterwards he speaks of the kingdoms of Cambay, Cochin-China and China, and then of Japan:

"Ay eneſta pronincia (*sic*) vnas eſcuelas generales delas quales me dezia el padre maeſtre Frãciſco que ſe afirmaua ſer mayores que las de Paris."

Father Belchior makes a special reference to Fernão Mendes Pinto in his letter from Malacca of December 3rd, 1554, saying:

"Edifica mucho ala gẽte ꝺ eſta tierra nueſtro hermano Hernan mendez.... Era el muy cono-cido eneſta tierra, en la qual auia ſeruido al mundo medianamente, y era tenido entrellos por vno delos hombres mas ricos y bienauenturados, y ven le agora dexarlo todo por ſeruir a otro mejor ſeñor veſtido con vna ropa de tela vieja y rota pedirles limoſna de puerta en puerta."

He went from riches to poverty, leaving "honrras por deſhonrras y plazeres por aſpereza de vida y penitencia."

Father Belchior then describes his labours among the people of Malacca, and says:

"En los niños deſta tierra tambien ſe ha hecho fructo porque tiene vn hermano nueſtro cuydado de yr cada dia con la campanilla por toda la Ciudad a enſeñarles la doctrina Chriſtiana y buenas coſtumbres de manera que reprehenden a ſus padres y madres delos juramentos y enſeñan en ſus caſas alos eſclauos y eſclauas la doctrina Chriſtiana."

He refers to the work of the missionaries and to the difficulties against which they had to struggle, saying: "aca eſtamos de manera que ſi queremos acudir a vna prouincia deſamparamos otra.... Dios nueſtro ſeñor ſabe en quanta dubda me

dad del collegio de Goa para dexarle por acudir a eſtotra mayor de Iapon"; e termina exhortando os Jesuitas a que venham para o Oriente como missionarios.

Pedro de Alcaçova, na sua carta de Goa, 1554, dá um summario dos trabalhos dos missionarios na China, e conta a sua estada com o irmão Balthasar Gago e o irmão João Fernandes em Bungo, donde, dirigindo-se a Goa, seguiu "para Firando que ſera camino de ſeſenta leguas ſin entender los Iapones ni ellos a mi ſino por ſeñas. Eneſto vereis chariſſimos hermanos quan neceſſaria me era la paciencia, la qual en mi ſiempre falta por mis peccados."

Na *Informacion de algunas coſas de la China*, o auctor (Fernão Mendes Pinto) descreve as fórmas de governo da China, a religião do paiz, os templos, as festas e ceremonias, as cidades, as suas ruas e edificios, e menciona a famosa muralha da China, "de vn mes de camino": refere-se tambem a uma lei curiosa:

"Ningun hombre puede yr de vna prouincia a otra ſin lleuar vna licencia del gouernador, y es caſtigado el que hallan ſin ella, y ningun paſſajero puede eſtar por ley del reyno mas de tres o quatro dias en vna ciudad donde no tiene negocio."

Nas cartas do Brazil tambem encontramos informações valiosas e noticias interessantes. O irmão Pedro Corrêa, escrevendo—sem data—de Piratininga, conta o trabalho dos missionarios no interior do paiz, e como evangelizavam os habitantes: o Padre Nobrega costumava "en ſu pegrinaciõ" levar comsigo um irmão "y quatro niños," e quando entravam n'uma povoação, cantavam ladainhas, e um dos pequenos levava uma cruz alçada, "y luego ſe jũtauã los niños del lugar." Assim, chegáram "a vn lugar donde auia vna grãde matãça de eſclauos, trabajarõ por impedirla, eſcuſaronſe los Indios con dezir q̃ ya no podia ſer por eſtar ya todolos gaſtos hechos, y los cõbidados juntos."

Os missionarios começáram então a pregar aos pobres escravos, mas os Indios não queriam per-

metio la neceſſidad del collegio de Goa para dexarle por acudir a eſtotra mayor de Iapon"; and he concludes with an exhortation to the Jesuits to go out East as missionaries.

In his letter from Goa dated 1554, Pedro de Alcaçova gives a summary of the missionary work in China, and also tells of the time he spent in Bungo with Balthasar Gago and the brother João Fernandes. When he left there to return to Goa, he went "para Firando que ſera camino de ſeſenta leguas ſin entender los Iapones ni ellos a mi ſino por ſeñas. Eneſto vereis chariſſimos hermanos quan neceſſaria me era la paciencia, la qual en mi ſiempre falta por mis peccados."

In the *Informacion de algunas coſas de la China*, Fernão Mendes Pinto describes the form of government in China, the religion of the country, the temples, the feasts and ceremonies, the cities, their streets and buildings, and does not omit to mention the famous wall of China, "de vn mes de camino." He also cites a curious law:

"Ningun hombre puede yr de vna prouincia a otra ſin lleuar vna licencia del gouernador, y es caſtigado el que hallan ſin ella, y ningun paſſajero puede eſtar por ley del reyno mas de tres o quatro dias en vna ciudad donde no tiene negocio."

The letters from Brazil also contain much curious and valuable information. Brother Pedro Corrêa, in an undated letter from Piratininga, gives an account of the missionary work in the interior of the country. Father Nobrega used "en ſu pegrinaciõ" to take with him a brother monk "y quatro niños" and when they entered a village one of the children would bear aloft a cross while they all sang litanies, "y luego ſe jũtauã los niños del lugar." In this way they came to "vn lugar donde auia vna grãde matãça de eſclauos, trabajarõ por impedirla, eſcuſaronſe los Indios con dezir q̃ ya no podia ſer por eſtar ya todolos gaſtos hechos, y los cõbidados juntos."

The missionaries then began to preach to the unfortunate slaves, but the Indians were un-

mittir que elles recebessem o baptismo, porque, segundo diziam, se comessem a carne dos baptizados, morreriam. Comtudo, graças ao Senhor, os missionarios poderam administrar o Sacramento "con vn pañizuelo empapado en agua bendita" ás victimas, que depois fôram sacrificadas, e provavelmente assadas no espeto e comidas.

O irmão Joseph (José de Anchieta), escrevendo egualmente de Piratininga, conta tambem, em duas cartas, o trabalho das missões, as conversões que teem feito, e diz:

"deſde Enero haſta agora eſtamos ſiẽdo algunas vezes vĩte perſonas en vna caſa hecha de madera y paja, la qual tendra de largo catorze paſſos y diez en ancho que nos ſirue de eſcuela dormitorio y refectorio, enfermeria, y cozina/ y diſpenſa y con acordarnos que nueſtro ſeñor Ieſu Chriſto nacio ẽ vn pobre peſebre entre dos animales y morio en otro lugar muy mas eſtrecho eſtamos muy contentos enella y muchas vezes leemos la lection de gramatica enel campo."

Depois, conta a morte dos irmãos Pedro Corrêa e João de Sousa massacrados pelos Indios, e refere-se á lucta que emprehenderam contra as tendencias canibaes dos indigenas; mas, no meio de tantas difficuldades, a obra das missões ia progredindo, especialmente entre as creanças: em Piratininga já tinham uma grande eschola frequentada pelos filhos dos Indios, entre os quaes alguns já sabiam ajudar á missa.

O Padre João de Azpilcueta, em carta de Porto Seguro, 1555, escreve como penetrou no interior com doze companheiros:

"entramos por la tierra a dentro trezientas ꝛ cinquẽta leguas ſiempre por caminos poco ꝺſcubiertos por ſierras muy fragoſas que no tienen cuento ꝛ tanto numero de rios que en partes en eſpacio de quatro o cinco leguas paſſamos cincuenta vezes cõtadas por agua, y muchas vezes ſi no me ſocorrieran me ouiera de ahogar, mas de tres meſes fuimos por tierras muy humidas y frias por cauſa ꝺlas muchas arboledas ꝺ arboles muy grueſſas y altas de hoja q̃ ſiẽpre eſta verde, llouia muchas vezes y muchas noches dormiamos

willing to allow them to be baptised, because they said that if they ate the flesh of the baptised they would die. However the Lord enabled the missionaries to administer the Sacrament "con vn pañizuelo empapado en agua bendita" to the victims, who were afterwards done to death and probably roasted and eaten.

Brother Joseph (José de Anchieta), who wrote two letters from Piratininga, also tells of the missionary labours in converting the natives, and says:

"deſde Enero haſta agora eſtamos ſiẽdo algunas vezes vĩte perſonas en vna caſa hecha de madera y paja, la qual tendra de largo catorze paſſos y diez en ancho que nos ſirue de eſcuela dormitorio y refectorio, enfermeria, y cozina/ y diſpenſa y con acordarnos que nueſtro ſeñor Ieſu Chriſto nacio ẽ vn pobre peſebre entre dos animales y morio en otro lugar muy mas eſtrecho eſtamos muy contentos enella y muchas vezes leemos la lection de gramatica enel campo."

He then tells of the death of Brother Pedro Corrêa and Brother João de Sousa, who were massacred by the Indians, and refers to the constant struggle against the cannibalistic tendencies of the natives; but in spite of all the difficulties, progress was being made, especially among the children, for in Piratininga there was already a large school for Indian children some of whom were able to assist the priests while they were saying mass.

Father João de Azpilcueta, writing from Porto Seguro in 1555, tells how, with twelve companions, he penetrated into the interior:

"entramos por la tierra a dentro trezientas ꝛ cinquẽta leguas ſiempre por caminos poco ꝺſcubiertos por ſierras muy fragoſas que no tienen cuento ꝛ tanto numero de rios que en partes en eſpacio de quatro o cinco leguas paſſamos cincuenta vezes cõtadas por agua, y muchas vezes ſi no me ſocorrieran me ouiera de ahogar, mas de tres meſes fuimos por tierras muy humidas y frias por cauſa ꝺlas muchas arboledas ꝺ arboles muy grueſſas y altas de hoja q̃ ſiẽpre eſta verde, llouia muchas vezes y muchas noches dormiamos

mojados eſpecialmẽte ẽ lugares ðſpoblados y aſſi todos los hõbres ẽ cuya cõpania yua, eſtuuierõ quaſi ala muerte ð ẽfermedades."

Descreve a vida de alguns dos Indios do interior, taes como os "Tapuzas, q̃ es vn genero ð Indios beſtial y fiero, porque andã por los boſq̃s como manadas de venados deſnudos con cabellos muy largos como de mugeres." Termina a sua carta com uma noticia sobre a fauna do paiz.

Esta collecção de cartas contem informações extremamente interessantes, e dá-nos uma pequena idea do trabalho dos Padres e Irmãos da Companhia de Jesus. Na verdade, esse trabalho foi admiravel, porque, luctando com difficuldades de todo o genero, esses homens, inspirados pela sua Fé e offerecendo a Deus a sua vida, leváram a toda a parte a palavra de Christo e o nome de Portugal.

mojados eſpecialmẽte ẽ lugares ðſpoblados y aſſi todos los hõbres ẽ cuya cõpania yua, eſtuuierõ quaſi ala muerte ð ẽfermedades."

He describes the life led by some of the Indians of the interior, such as the "Tapuzas, q̃ es vn genero ð Indios beſtial y fiero, porque andã por los boſq̃s como manadas de venados deſnudos con cabellos muy largos como de mugeres." He ends his letter with an account of the fauna of the country.

This collection of letters contains some most interesting information, and gives us an idea of the work done by the Fathers and Brothers of the Society of Jesus. The achievement of these men was certainly wonderful, for they were faced with every kind of difficulty, and, with a courage born of faith, risked their very lives in the task of spreading the word of Christ and the name of Portugal.

MVSIS DICATVM

Liuro primeyro

do cerco de Diu, queos Turcos po-
ſeram á fortaleza de Diu . Per Lopo
de Souſa Coutinho: fidalgo da ca
ſa do Inuictiſſimo Rey dom
Ioam de Portugal: ho
terceyro deſte
nome.

Foy impreſſa a preſente obra éa muy
nobre & ſempre leal cidade de Coym
bra per Ioã Aluarez ymprimidor
da Vniuerſidade aos. X V. di
as do mes de Setembro.

M.D.LVI.

128 Folha do rosto do *Liuro do cerco de Diu* de Lopo de Sousa Coutinho
Title-page of the *Liuro do cerco de Diu* of Lopo de Sousa Coutinho
Coimbra, 1556

88 LOPO DE SOUSA COUTINHO, LIURO DO CERCO DE DIU.
Coimbra, João Alvares, 1556.

Liuro primeyro | do cerco de Diu, que os Turcos po- | ſeram á fortaleza de Diu. Per Lopo | de Souſa Coutinho: fidalgo da ca | ſa do Inuictiſſimo Rey dom | Ioam de Portugal: ho | terceyro deſte | nome. | Foy impreſſa a preſente obra ẽ a muy | nobre & ſempre leal cidade de Coym | bra per Ioã Aluarez ymprimidor | da Vniuerſidade aos .XV. di | as do mes de Setembro. | M.D.LVI.

Titulo enquadrado por uma portada, que tem na parte inferior a Phenix com a legenda[1]*:*

NVNC REVIVISCO

[fl. 2] PROEMIO. | Ao muy poderoſo Rey | Dom Ioam de Portugal o terceyro deſte nome. [...]

[fl. 3] Tauoada. [...]

[fl. 4 vo.] [...] FIM DA TAVOADA.

fl. 1. Liuro primeyro. | Capitolo primeyro [...]

fl. 31 vo. LIVRO SEGVNDO | DO CERCO DE DIV. | Capiolo [*sic*] Primeyro. [...]

fl. 85 vo. [...] FIM. | Acabouſe a preſente obra em | *a muy nobre & ſempre leal Cidade de Coymbra per* | *Ioam Alueres ympreſor da vniuercidade* | *a .xv. dias de Setembro.* | MDLVI.

fl. 79 [aliás 86] Satiſfaçam & merce que el | Rey noſſo ſenhor fez a Antonio da Silueyra: & ẽ ſũma | atodos os que em eſte cerco ſe acharam. [...]

Folio—[4], 79 (aliás 86) folhas—27 linhas—Proemio e taboada em caractéres italicos.

Numeração dos cadernos: ✠, 4 folhas; A, 4 folhas; B-K, 8 folhas cada caderno; L, 10 folhas; total de 90 folhas.

Encadernação de marroquim.

Folio—[4], 79 (alias 86) leaves—27 lines—preface and index in italics.

Collation by signatures: ✠, 4 leaves; A, 4 leaves; B-K, each 8 leaves; L, 10 leaves; total 90 leaves.

Morocco binding.

O *Liuro do cerco Diu*, impresso em Coimbra por João Alvares em 1556, é uma obra extremamente rara, da qual, alem do nosso exemplar que se encontra n'um admiravel estado de conservação, apenas conhecemos a existencia de quatro outros: na Bibliotheca Nacional de Lisboa, no

The *Liuro do cerco de Diu*, printed in Coimbra by João Alvares in 1556, is a very rare work, of which our copy is complete and perfect. As far as we know, there are only four other copies in existence: in the Lisbon National Library, the

[1] *Title within a woodcut border, in the lower part of which appears the Phoenix with the legend:*

Museu Britannico, na Bibliotheca da Universidade de Harvard (*Catalogo Palha*, nº 4182), e o que pertence a Messrs. Maggs Bros. Entre os auctores que descreveram este livro precioso, citaremos: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. III, p. 20), Figaniere (*Bibliographia Historica Portugueza*, pp. 173–174), Innocencio (*Diccionario*, vol. V, pp. 192–193), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 144), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 74). Innocencio menciona uma circumstancia interessante a respeito d'este livro:

"É, que não apresenta elle indicio algum de ter sido impresso com as precisas licenças, sendo aliás certo que o processo para estas se achava determinado, e em pleno vigor desde 1539" (*loc. cit.*).

Lopo de Sousa Coutinho, filho de Fernando de Sousa Coutinho e de D. Joanna de Brito, nasceu em Santarem, possivelmente em 1515. Muito novo, partiu para India onde se cubriu de gloria, especialmente no heroico cerco de Diu de 1538, cuja historia descreveu no seu livro. Quando regressou á patria, os seus serviços fôram premiados por D. João III, que o nomeou Governador do Castello da Mina. Acabado o seu governo, voltou para Portugal onde casou com D. Maria de Noronha, de quem teve numerosos filhos (ver Sousa, *Historia Genealogica*, t. XII, parte I, pp. 359–361), entre os quaes Manuel de Sousa Coutinho, que veiu a ser o grande e illustre Frei Luiz de Sousa. Lopo de Sousa Coutinho, que era tão notavel nas armas como nas lettras, occupou-se especialmente da educação de seus filhos:

"A todos mandou frequentar a Univerſidade de Coimbra e eſtranhando-lhe ſeus parentes, que entre elles foſſe o herdeiro da caſa, lhes reſpondeu que mal lhe tinha feito aquelle filho para o deixar ignorante, increpando com eſta judicioſa reſoluçaõ o abuzo obſervado nas Caſas grandes de permitirem, que os ſeus herdeiros naõ cultivem as letras" (Barbosa, *ob. cit.* p. 19).

British Museum, Harvard University Library (*Palha Catalogue*, no. 4182), and at Messrs Maggs Bros. Among those who describe this precious book are the following authors: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. III, p. 20), Figaniere (*Bibliographia Historica Portugueza*, pp. 173–174), Innocencio (*Diccionario*, vol. V, pp. 192–193), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 144), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 74). Innocencio mentions the curious fact that this book

"shows no indication of having been printed with the requisite licences, though it is certain that the legal necessity for these had been determined and in force since 1539" (*loc. cit.*).

Lopo de Sousa Coutinho, the son of Fernando de Sousa Coutinho and Dona Joanna de Brito, was born in Santarem, possibly in 1515. He was very young when he went to India, where he had a glorious career, and especially distinguished himself during the siege of Diu in 1538, the story of which he tells in his book. Upon his return to Portugal, his services were rewarded by Dom João III, who appointed him governor of the fortress of Mina. When he had completed his term of office, he settled in Portugal, marrying Dona Maria de Noronha, who bore him many children (see Sousa, *Historia Genealogica*, vol. XII, part I, pp. 359–361)—the most famous of them was Manuel de Sousa Coutinho, who became Frei Luiz de Sousa. Lopo de Sousa Coutinho was as learned as he was brave, and paid particular attention to the education of his sons:

"He sent them all to Coimbra University, and, when his relations expressed their surprise that his heir also went there, he asked what wrong that son had done him that he should leave him ignorant. With this wise decision he sought to correct the abuse prevalent in the great families of allowing their heirs to do without a classical education" (Barbosa, *op. cit.* p. 19).

Gozando do respeito geral, devido ás suas virtudes e aos seus serviços, veiu, segundo consta, a fallecer desastradamente a 28 de Janeiro de 1577 na villa de Povos: parece que ao apear-se do cavallo que montava, a sua espada desembainhou-se, ferindo-o tão gravemente que logo morreu.

Não podemos fazer n'estas notas a historia de Diu e da fundação da fortaleza alli erigida pelos Portuguezes, e, nem mesmo, a dos feitos heroicos por elles praticados durante a sua defeza em 1538. Essa historia foi narrada por João de Barros (*Asia, Decada* IV especialmente), Gaspar Corrêa (*Lendas da India*, t. III e t. IV), Diogo do Couto (*Da Asia, Decadas* IV e V especialmente), Francisco de Andrada (*Chronica Del Rey Dom Ioam o III*, Parte II e Parte III), e muitos outros.

O grande Affonso de Albuquerque, que tinha realizado a importancia de Diu para o Senhorio Portuguez na costa de Cambaya e para o nosso commercio no Oriente, pensou na sua conquista ou na construcção de uma fortaleza que alli nos servisse de base de operações, e de Ormuz escreveu sobre o assumpto a El-Rei D. Manuel a 22 de Setembro de 1515 (ver *Alguns Documentos*, pp. 377-385); mas a morte do famigerado Governador, em Dezembro do mesmo anno, fez adiar os projectos a respeito de Diu, e só mais tarde, em 1531, sendo Governador Nuno da Cunha, é que elles principiáram a ser postos em execução. Tanto os auctores antigos, como muitos historiadores modernos, descreveram os successos decorridos n'essas paragens de 1531 a 1538: durante esse periodo, tiveram logar a expedição de Nuno da Cunha, a tomada da fortaleza da ilha de Bete—á qual foi dado o nome de Ilha dos Mortos em vista dos numerosos Mouros que alli fôram trucidados—o ataque a Diu, a guerra sem treguas feita pelas naus e caravellas Portuguezas ao longo da costa de Cambaya, as negociações com Badur, Sultão de Cambaya ou Guzarate, das quaes resultou a fundação da fortaleza de Diu, e as intrigas do

On January 28th, 1577, at a time when his virtues and his patriotic services had won him universal esteem, he met with his death in the village of Povos, apparently as the result of an accident: it seems that as he was dismounting from his horse, his sword became unsheathed and fatally wounded him.

It is not for us to write the history of Diu here, and to tell of the construction and heroic defence of the fortress there by the Portuguese. The story has been told by João de Barros (*Asia*, especially *Decad* IV), Gaspar Corrêa (*Lendas da India*, vols. III and IV), Diogo do Couto (*Da Asia*, especially *Decads* IV and V), Francisco de Andrada (*Chronica Del Rey Dom Ioam o III*, Parts II and III), and many others.

Affonso de Albuquerque realised the importance of Diu for Portugal's supremacy on the coast of Cambay and for her trade in the East. He planned to conquer it or to build a fortress there as a basis of operations, and wrote to King Manuel on the subject from Ormuz, on September 22nd, 1515 (see *Alguns Documentos*, pp. 377-385). His death in December of the same year delayed the project, and it was not until Nuno da Cunha was governor, in 1531, that it was put into execution. Many early writers and many modern ones have described the chequered events of the years from 1531 to 1538: Nuno da Cunha's expedition, the capture of the fortress on the island of Bete—called the Island of the Dead on account of the many Moors who were killed there—the attack on Diu, the unceasing war made by the Portuguese ships and caravels along the coast of Cambay, the negotiations with Badur, the Sultan of Cambay or Gujarat, the building of the fortress of Diu, the intrigues of the Sultan. Badur

Sultão que se lhe seguiram. Badur não se conformava com o estabelecimento dos Portuguezes em Diu, e, logo que se viu livre do perigo dos Mongoes que o ameaçavam, começou, pouco a pouco, a dar mostras dos seus maus intentos: auxiliado pelo Mouro Coje Sofar, o Sultão, esquecendo o auxilio que os nossos lhe tinham prestado, procurou a melhor fórma de retomar a fortaleza de Diu, expulsar os Portuguezes do seu reino, e mesmo da India, se fôsse possivel.

Alem das traições que planeava contra os Portuguezes, de quem se dizia amigo, Badur chamava a uma colligação contra elles os Soberanos da costa da India, e mesmo o Grão-Turco. Comtudo, o Sultão de Cambaya não colheu os fructos do que tinha semeado, pois foi morto, em Fevereiro de 1537, n'uma refrega com os Portuguezes. Mas a 26 de Junho de 1538, Coje Sofar principiou as hostilidades, atacando o baluarte do suburbio dos Rumes: começava o celebre primeiro cerco de Diu, cuja defeza cubriu de gloria os Portuguezes commandados pelo illustre Antonio da Silveira, Governador da fortaleza (ver Dr Heinrich Schäfer, *Geschichte von Portugal*, t. IV, pp. 48–138; Fortunato de Almeida, *História de Portugal*, t. II, pp. 311–317). Em Agosto o inimigo era reforçado por mais alguns milhares de combatentes, e no principio de Setembro chegou diante de Diu a grande frota Turca, commandada por Solimão Pachá—"Soleimão Baxia Governador do Cairo." Não podemos resistir á tentação de transcrever a pitoresca descripção do Capitão Mór da armada do Grão-Turco, e "das qualidades de ſua peſsoa," feita por João de Barros:

"Era eſte Soleimão Capado, de nação Grego Ianiçaro, natural da Morea, que ao gram Turco Selim ſervira de porteiro da Camara, & ao preſente Soleimão ſeu filho de guarda de ſuas molheres. As feições de ſua peſſoa erão correſpondentes à fealdade de ſeus coſtumes. Sendo pequeno de corpo, era gordo em demaſia, & com a gordura tinha hũa papada tam grande, que lhe caia ſobre os peitos, & a barriga tam lançada por

was unwilling to agree to the Portuguese settlement in Diu, and, as soon as he was free from the Mogul menace, began to give proof of his evil intentions: helped by the Moor Coje Sofar, he sought by every means to retake the fortress of Diu, and, forgetful of the help they had given him, to drive the Portuguese out of his kingdom and, if possible, out of India.

In addition to the treachery he was planning, under cover of his pretended friendship for the Portuguese, Badur called upon all the rulers of the Indian coast and even upon the Sultan of Turkey to join in an alliance against the European invaders. He did not, however, live to see the results of his plots, as he was killed in a skirmish with the Portuguese in February 1537. But on June 26th, 1538, Coje Sofar attacked the ramparts of the suburb of the *Rumes* (Romans, inhabitants of New Rome, or Constantinople) and so began the first siege of Diu, during which the Portuguese, under the command of Antonio da Silveira, the captain of the fortress, covered themselves with glory (see Dr Heinrich Schäfer, *Geschichte von Portugal*, vol. IV, pp. 48–138; Fortunato de Almeida, *História de Portugal*, vol. II, pp. 311–317). In August the enemy was reinforced with several thousand men, and at the beginning of September a large Turkish fleet, commanded by Suleiman Pasha—"Soleimão Baxia, Governor of Cairo"—reached Diu. We cannot resist copying João de Barros' picturesque description of the commander of the Grand Turk's armada and "the qualities of his person":

"This Suleiman the eunuch was a Greek Janizary, a native of the Morea, who had served the Sultan Selim as doorkeeper of the bedchamber and served the present one, his son, as Grand Eunuch of his harem. His personal characteristics corresponded to the wickedness of his conduct. Being small of body, he was too fat, so fat that his double chin hung over his breast, and his stomach protruded so much that he seemed

diante, que parecia mais largo que comprido, & como era de mais de oitenta annos, & cõ a velhice tinha as ſobrancelhas, & peſtanas muito brancas, o fazião mais disforme, & terrivel em ſeu aſpetto, & com a muita carne era tam decepado, que dõde ſe aſſentava não podião quatro homẽs levantalo. Mas tudo o que lhe faltava nas forças do corpo, ſobejava na malicia, & crueldade, condição natural de Capados covardes" (*Decada* IV, 1615, p. 636).

Os Turcos atacáram as posições Portuguezas por mar e por terra, e os seus assaltos repetiam-se incessantemente, em quanto que a sua artilharia nunca cessava de bombardear os defensores. Francisco Pacheco, capitão do baluarte da Villa dos Rumes, rendeu-se—o que talvez tenha sido uma ligeira mancha nas paginas gloriosas da historia do Cerco de Diu—e enviou, por Antonio Faleiro, uma carta a Antonio da Silveira, o heroico Governador da cidadella, annunciando-lhe que se entregára a Solimão Pacha, e que este lhe dissera

"que vos eſcreueſſe que vos entregaſſeis ſem mais golpe, porque fazendo o doutra maneyra, atodos vos auia de meter à eſpada."

Á missiva de Francisco Pacheco, Antonio da Silveira respondeu simplesmente:

"quanto de vos eſcreuerdeſme, que aja bom conſſelho, dizelhe [a Solimão Pacha] que faça quanto poder: porque ſobre amais pequena pedra deſta fortaleza, a vemos de morrer todos: & auiſayuos que taes recados menam tragaes nem mandeis mays, porque como a ymigos vos mandarey a tirar as bombardadas" (Lopo de Sousa Coutinho, *Liuro do cerco de Diu*, fl. 56 vº–fl. 57).

E a lucta continuou cada vez mais accesa: na fortaleza, os nossos, em numero infinitamente inferior, luctavam com a escassez de mantimentos e de munições, e com a falta de polvora; alem d'isso, esse pequeno numero de admiraveis Portuguezes, cada vez mais reduzido pelas baixas soffridas, tinha de fazer face a tudo; tratar dos feridos e dos doentes—pois apparecera entre os

wider than he was high; and as he was more than eighty years old and age had turned his eyebrows and eyelashes very white, they made him even more hideous and terrible in aspect; and all his flesh made it so difficult for him to move that when he sat down four men could not pull him up. But all that was lacking him in bodily strength was more than made up in malice and cruelty, the natural condition of cowardly eunuchs" (*Decad* IV, 1615, p. 636).

The Turks attacked the Portuguese strongholds by land and by sea, their furious onslaughts were incessantly renewed, and the enemy artillery never ceased its bombardment of the defenders. Francisco Pacheco, captain of the ramparts in the town of the *Rumes*, surrendered, which was perhaps a blot on the glorious pages of the history of the siege of Diu. He sent a letter by Antonio Faleiro to Antonio da Silveira, the governor of the citadel, announcing that he had given himself up to Suleiman Pasha, who had told him

"to write to you and tell you to give yourself up without striking another blow, because if you do otherwise he will have to put you all to the sword."

In reply to this missive, Antonio da Silveira said simply:

"as for your writing to me to be of good counsel, tell him [Suleiman Pasha] to do his worst, because we will all die before we will give up the smallest stone of this fortress; and I advise you not to bring or send me any more such messages or I will have you bombed like an enemy" (Lopo de Sousa Coutinho, *Liuro do cerco de Diu*, fl. 56 vo.–fl. 57).

The struggle became more violent from day to day: inside the fortress the little handful of Portuguese had to contend with the scarcity of food and munitions, and the complete lack of gunpowder; their number was continually being reduced by their terrible privations, and the few who remained had to work day and night, tending the wounded and the sick—for scurvy had

nossos o terrivel escorbuto—concertar as brechas feitas nas muralhas pela artilharia de Solimão, cujas baterias entretiveram um fogo constante durante vinte cinco dias, repellir os assaltos dos Turcos, e fazer contra elles repetidas sortidas. Nem de dia nem de noute havia um momento de descanço para os sitiados, e os seus soffrimentos eram atrozes. Se a coragem e patriotismo dos homens eram em tudo dignos de elogio, as mulheres tambem davam um admiravel exemplo. Lopo de Sousa Coutinho menciona especialmente duas: Izabel da Veiga, casada com Manuel de Vasconcellos, que "foy hũa das molheres que deu principio aas outras todas ajudarem," e Anna Fernandes, "jaa velha," casada com o "fisico" Fernão Lourenço.

"Em esta molher, se viram as humanidades de virtuosa molher, & astucia, vigilancia, & esforço de valentissimo homem. Esta éra reguaro, & mãy detodo o ferido pobre.... Esta com hum bordam & hũas contas em todos os quartos ou vellas da noute, rondaua a fortaleza & muralha, dizendo a cada hum, quam obriguado éra a ser esforçado, assi pera defender a vida, como pera aquirir honrra. Esta quando os combates & brauas pelejas faziam perder a cor do rosto, a muytos, nam se recolhia a sua casa, à segurarse dos tiros, antes como se tiuera ao brigaçam (*sic*) do mays valente éra posta muy em breue no muro, & o que caya morto, ella com suas mãos o cobria & afastaua & ao ferido, apartaua & ajudaua a decer: & ao triste que perante ella fazia cobardia, fora lhe milhor fazella ante seu Capitam."

E Sousa Coutinho accrescenta que todas as mulheres, "sendo gouernadas" por Izabel da Veiga e Anna Fernandes, seguiam o exemplo d'essas duas admiraveis Portuguezas (*ob. cit.* fl. 61 vº–fl. 62 vº).

Solimão, tendo-se convencido que os pequenos assaltos lhe custavam muitas tropas sem conseguir qualquer vantagem, decidiu tentar um assalto geral que, apezar da enorme superioridade numerica dos Turcos, foi repellido pelos Portuguezes, dos quaes "ficariã deste cõbate pera

broken out—mending the breaches made in the walls by Suleiman's artillery, which kept up a constant fire for twenty-five days, repelling the assaults of the Turks, and making repeated sallies against them. The men's courage and patriotism were beyond all praise, but the women set a wonderful example. Lopo de Sousa Coutinho makes special mention of two: Izabel da Veiga, the wife of Manuel de Vasconcellos, "who was one of the women who made all the others begin to help," and Anna Fernandes "already old," the wife of the physician Fernão Lourenço.

"In this woman were seen the humanity of a virtuous woman and the skill, vigilance and courage of a most valiant man. She was the protector and mother of every poor wounded one.... With a staff and her beads, she used to go round the fortress and walls in all the quarters or watches of the night, telling each one how great was his obligation to be brave, both to defend his life and to win honour. And when the battles and savage fights made many faces pale, she did not take refuge in her house to shelter from the firing, but, as if it were as much her duty as that of the bravest soldier, she was very soon on the wall, and with her own hands she covered and set apart those who fell dead, and took away the wounded and helped them to descend: and the unfortunate who showed cowardice before her would have done better to show it before his Captain."

Sousa Coutinho adds that all the women, "being governed" by Izabel da Veiga and Anna Fernandes, followed their admirable example (*op. cit.* fl. 61 vo.–fl. 62 vo.).

Suleiman finally came to the conclusion that the repeated small attacks were costing him many troops without gaining any advantage, so he decided to try a general onslaught; but, in spite of the Turks' vast numerical superiority, the Portuguese won the day, though only "forty men fit to

poderẽ pelejar, quorenta homẽs." Pois esses quarenta homens válidos, e os muitos feridos, não perdiam nem o animo nem a fé!

Os Turcos tendo soffrido perdas enormes, vendo baldados os seus esforços, e receosos que uma armada chegasse de Goa em soccorro de Diu, embarcáram, e a frota fez-se ao mar a 5 de Novembro de 1538: ao mesmo tempo Coje Sofar mandou incendiar a cidade, e retirou-se com as suas tropas. Estava terminado o Cerco de Diu, cuja heroica defeza—um dos mais admiraveis feitos dos Portuguezes no Oriente—tinha salvo não só o nosso dominio na costa de Cambaya, mas talvez o Senhorio na India. Honra e gloria a esse punhado de Portuguezes.

É a historia d'esse cerco que nos deixou o nosso auctor, ácerca de quem Diogo do Couto escreveu estas palavras:

"Lopo de Souſa Coutinho de Santarem, Fidalgo bem conhecido por ſeu esforço, e valor, e que neſte cerco todo dos Rumes pelejou valoroſamente, e depois fez os Commentarios delle em eſtilo excellente, e grave, e foi o melhor de todos, porque eſcreveo como teſtemunha de viſta" (*ob. cit. Decada* v, Livro III, cap. II).

Esta notavel "teſtemunha de viſta" offereceu a sua obra a D. João III, a quem se dirige no *Proemio*, dizendo que sendo um costume antigo "porem ſe em memoria" os feitos illustres, entendeu escrever este "ja de ſi famoſsiſimo" que dirige a Sua Alteza,

"em cujo ſeruiço ſe fez, he decrer que nem a meu trabalho faltara deſcanſſo, nẽ à obra per petuydade (*sic*)....E em eſte groſseyro eſtilo eſcreuerey, nam fanteſiadas ymaginações, nem menos ãtiguidades mal prouadas, vitorias Portugueſas ſi, auidas dos bem afortunados Turcos nam ouuidas ou furtadas a modo de corioſo, mas viſtas com meus olhos, prouadas com viuos, & das eſtrangeyras nações, grandemente enxalçadas. Das quaes algũs mouidos de bom zelo eſcreueram eſte famoſo cerco de Diu cujos tratados & volumes ſe vem oje por toda a chriſtãdade. Mas como a tal

fight were left them at the end of this combat." But these forty valiant men, and the many wounded, lost neither their courage nor their faith!

The Turks, who had suffered enormous losses, seeing that their efforts were in vain, and fearing that an armada might come from Goa to the relief of Diu, embarked and made out to sea on November 5th, 1538; at the same time Coje Sofar commanded the city to be set on fire, and withdrew with his troops. So the siege of Diu came to an end; the heroic resistance—one of the most magnificent achievements of the Portuguese in the East—had saved not only our supremacy on the coast of Cambay, but perhaps also the Portuguese dominion in India. All honour be to this little group of Portuguese.

It is the story of the siege that we have in this book, of whose author Diogo do Couto writes:

"Lopo de Sousa Coutinho of Santarem, a noble well known for his courage and worth, who fought valiantly all through this siege of the *Rumes*, afterwards made a Commentary upon it in grave and excellent style, which was the best of all, because he wrote as an eyewitness" (*op. cit. Decad* v, Book III, chap. II).

In the *Proemio* Lopo de Sousa Coutinho addresses himself to Dom João III, saying that, as it had long been customary for noble deeds "to be put in remembrance," he had decided to write of this one, "already famous in itself," and to dedicate the work to His Highness,

"in whose service it was done. I believe that my labours will earn just repose for me and for the work perpetuity....And in this unpolished style I will write, not of fantastic imaginings, and even less of ill-proven antiquities, but of the Portuguese victories over the favoured Turks, not heard of or stolen from other authors in the way of a dilettante, but seen with my own eyes, proved by living witnesses, and greatly praised by other nations. Some belonging to these nations have written about this famous siege of Diu, with excellent intentions, and their treatises and volumes may be seen to-day throughout Christendom; but as

PROEMIO.

Ao muy poderoſo Rey
Dom Ioam de Portugal o terceyro deſte nome.

Ouſa muy antiga & coſtumada é: Sereniſsimo Principe, os feytos iluſtres & famoſos porem ſe em memoria: porque o tẽpo com ſeu diſcurſo & diuerſos effeytos, os nam conſuma & anulle, ſegundo ſua propiadade. E como eſte que entendo eſcreuer ſe ja de ſi famoſiſsimo, & em grande parte exceda a outros, em os quaes muy excelentes varões ouuerã porbem empregado ſeu trabalho: & ſobretudo ſer dirigido a V. A. em cujo ſeruiço ſe fez, he decrer que nem a meu trabalho faltara deſcanſſo, nẽ à obra per petuydade. Porque aſsi o moſtra querer o muy alto Deos, que as couſas de. V. A. ſejam tecidas da tal firmeza. Donde ſe infire gram ſegurida de aos que arreceam o juyzo daqlles cheos de boõs mãjares & com ſono quieto & liures de ſobre ſaltos, & ſabendo mal eſcreuer & pior obrar, ſepoem anotar trabalhos, medos, fomes, & vigilias de muytos boõs: & tambem aquem lho conta nam perdoam. E creo que ſeja, porque duuidando que paſſa alem do que ſeus ſpiritos & engenhos alcançam & ſeatreuem. Mas eu aprudentes eſcreuo, os quaes paſſaram as faltas & rudezas minhas leuemente, conhecendo que perſuadido de meus juſtos deſejos, a preſento ho intirior de

† .ij meu

129 Uma pagina do *Liuro do cerco de Diu* de Lopo de Sousa Coutinho
A page of the *Liuro do cerco de Diu* of Lopo de Sousa Coutinho
Coimbra, 1556

escretura fosse feyta por diuersas enformações, vay toda amateria destroncada, desuayrada em os successos, & os nomes ygnorados daquelles esforçados caualeyros que aly como seus espedaçados corpos ganharam, nam serem tratados com tal descuydo. E o pior, que contam alguũs dos seruiços que se aly fizeram, & nam as muytas merces que V.A. com gram magnificencia nos fez atodos como eu em mĩ & em outros posso com verdade a firmar. Das quaes cousas mouido o quis escreuer na verdade de como passou....E se eu falando em mĩ (ho que nam posso deyxar de fazer) alguem tomar escrupolo, peçolhe que dos viuos se informe, porque tanto lhe durará em quanto o nam poser por obra. E a vossa Alteza peço que tirando a parte o atriuimento do escreuer crea que no contar nam serey atreuido: & receba o que vi & meu fraco entendimento pode notar."

Depois, "em estilo excellente," como disse Couto, narra a historia do Cerco de Diu. Lopo de Sousa Coutinho termina o seu livro com a seguinte passagem, que é um tributo eloquente á fama alcançada pelos Portuguezes na sua heroica defeza da fortaleza. Quando a armada de Solimão levantou ferro, alguns centos de feridos fôram deixados em terra por não poderem supportar a viagem:

"os quaes sendo perguntados per hũ senhor da terra, se os Portugueses, erão boõs homẽs de guerra, foy lhe pellos ditos Turcos respõdido q̃ soo os Portugueses, da natureza, com razam eram dinos de ter barbas, & que as outras nações, seguissem o estillo das molheres"!

such writings have been based upon different accounts, all the material is disarranged, the facts are altered and the names of all those brave knights are forgotten who won there through their maimed bodies the right to be treated with less disregard. And the worst is that some tell of the services which were there rendered and not of the many favours which Your Highness with great magnificence did to us all, as I for myself and for others can truthfully affirm. Which things inspired me with the desire to write a truthful account of what happened....And if when I speak of myself (as I cannot help doing) anyone has any doubts, I ask him to question one of the survivors, because they will not leave him until he has put them to the test. And I beseech Your Highness to overlook the boldness of the writing and to believe that I shall not be overbold in the account; and to receive as much as my feeble brain has been able to note of what I saw."

He then proceeds to narrate the history of the Siege of Diu, in "excellent style" as Couto says. His book ends with the following passage, which is an eloquent tribute to the reputation earned by the Portuguese through their heroic defence of the fortress. When Suleiman's armada put to sea, several hundreds of wounded who could not bear the voyage were left behind:

'and when they were asked by a great personage of the country if the Portuguese were good warriors, the said Turks answered him that only the Portuguese were by nature worthy to wear beards, and that all the other nations ought to adopt the more womanly style"!

Acabouse a presente obra em

a muy nobre & sempre leal Cidade de Coymbra per Ioam Alueres ympresor da vniuercidade a .xv. dias de Setembro.

MDLVI.

130 Colophon do *Liuro do cerco de Diu* de Lopo de Sousa Coutinho
Colophon of the *Liuro do cerco de Diu* of Lopo de Sousa Coutinho
Coimbra, 1556

¶ Commentarios de
Afonſo Dalboquerque capitão geral & gouer-
nador da India, collegidos por ſeu filho Afonſo
Dalboquerque das proprias cartas que elle eſcre
uia ao muyto poderoſo Rey dõ Manuel o pri-
meyro deſte nome, em cujo tempo gouernou a
India. Vam repartidos em quatro partes ſegũ-
do os tempos de ſeus trabalhos.

COM PRIVLEGIO REAL.

131 Folha do rosto dos *Commentarios de Afonſo Dalboquerque*
Title-page of the *Commentarios de Afonſo Dalboquerque*
Lisboa, 1557

89 AFFONSO [BRAZ] DE ALBUQUERQUE, COMMENTARIOS DE AFONSO DALBOQUERQUE.

Lisboa, João de Barreira, 1557.

Commentarios de | Afonſo Dalboquerque capitão geral & gouer- | nador da India, collegidos por ſeu filho Afonſo | Dalboquerque das proprias cartas que elle eſcre | uia ao muyto poderoſo Rey dõ Manuel o pri- | meyro deſte nome, em cujo tempo gouernou a | India. Vam repartidos em quatro partes ſegũ- | do os tempos de ſeus trabalhos. | COM PRIV LEGIO [*sic*] REAL.

Por cima, o brasão dos Albuquerques, e tudo enquadrado por uma portada que tem na parte inferior, ao meio, as cinco chagas[1].

[fl. 1 vo.]
Summario da obra[2].

[fl. 2] Ao Sereniſsimo Principe | de Portugal dom Baſtiam | noſso ſenhor. [...]

[fl. 2 vo.] Primeira parte dos Cõmẽtarios | Dafonſo Dalboquerque [...] Capit. Primeyro, [...]
Começa o texto, que d'esta folha passa sem interrupção para a fl. 8, *e d'esta para a fl. ix*[3].

fl. cccv vo. [...] Laus Deo. | Foram jmpreſſos eſtes Com- | mentarios Dafonſo Dal- boquerque capitam geral & go- | uernador da India na cidade de Lixboa, por Ioam | de Barreyra jmpreſſor del Rey noſſo ſenhor. | Acabaranſe de jmpremir veſpera de ſam Se- | baſtiã, dezanoue dias do mes de Ianeyro | da era de mil & quinhentos & cinco- | enta & ſete annos, em cujo dia | o Principe dõ Baſtiam noſſo | ſenhor a quem eſta obra | vay offerecida, fez | tres annos.

Folio—[2], 8–cccv folhas, [1 folha em branco]—36 linhas.

Numeração dos cadernos: a, 3 folhas; b–x, 8 folhas cada caderno; y, 4 folhas; z, 8 folhas; &, 8 folhas; A–F, 8 folhas cada caderno; G, 6 folhas; H–P, 8 folhas cada caderno; total de 301 folhas.

Encadernação de vitella.

Folio—[2], 8–cccv leaves, [1 blank leaf]—36 lines.

Collation by signatures: a, 3 leaves; b–x, each 8 leaves; y, 4 leaves; z, 8 leaves; &, 8 leaves; A–F, each 8 leaves; G, 6 leaves; H–P, each 8 leaves; total 301 leaves.

Calf binding.

[1] *Above are the arms of the Albuquerques, and the whole is surrounded by a woodcut border with the five wounds in the centre at the bottom.*
[2] *Summary of the work.*
[3] *Beginning of the text, which goes straight on from this leaf without interruption to fl.* 8 *and thence to fl. ix.*

A primeira edição dos *Commentarios de Afonso Dalboquerque capitão geral & gouernador da India, collegidos por seu filho Afonso Dalboquerque* foi impressa em Lisboa por João de Barreira em 1557. É uma obra muito rara, á qual se referem, entre outros, os seguintes auctores: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. I, p. 26), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 103), Figaniere (*Bibliographia Historica Portugueza*, p. 159), Innocencio (*Diccionario*, vol. I, p. 7), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 5), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 168–169), Brunet (*Manuel du Libraire*, t. I, col. 144), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 142) que mencionam a existencia de tres exemplares na Bibliotheca Nacional de Lisboa, alem dos quaes só temos conhecimento de mais dois: o que se encontra no Museu Britannico, e o nosso, que está completo e admiravelmente conservado.

O grande Affonso de Albuquerque não era casado: " ⁊ porem teue hum filho natural a que leixou sua herança ⁊ nome," como diz João de Barros (*Decada* II, fl. 143 vº). Quando Albuquerque partiu para a India em 1506, esse filho de cinco annos, legitimado em Fevereiro do mesmo anno e que fôra baptizado com o nome de Braz, foi confiado aos cuidados de sua tia D. Izabel de Albuquerque. Depois da morte do Governador da India,

"ElRey o pôs em grandes honras, e lhe pôs nome Afonso d'Alboquerque, como seu pay, de que o fez ligitimo herdeiro de seu pay, e lhe mandou pagar cento e oitenta mil cruzados que deuião a seu pay, de seus ordenados e quintaladas de pimenta. E lhe deu quatrocentos mil réis de juro (Barros, *loc. cit.* diz 'trezentos mil reaes de juro'), que pera sempre durassem nos morgados d'esta casa, de que o herdeiro sempre teria o nome Afonso d'Alboquerque, e se fosse molher se chamaria Alfonsa d'Alboquerque, porque sempre durasse e fosse lembrado o nome de tão bom vassallo; e lhe fez muytas mercês outras" (Gaspar Corrêa, *Lendas da India*, t. II, p. 461).

The first edition of the *Commentarios de Afonso Dalboquerque capitão geral & gouernador da India, collegidos por seu filho Afonso Dalboquerque* was printed in Lisbon by João de Barreira in 1557. It is a very rare work, and among those who refer to it are: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. I, p. 26), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 103), Figaniere (*Bibliographia Historica Portugueza*, p. 159), Innocencio (*Diccionario*, vol. I, p. 7), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 5), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 168–169), Brunet (*Manuel du Libraire*, vol. I, col. 144), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 142) who state that there are three copies in the Lisbon National Library; to these must be added the copy in the British Museum, and our own, which is complete and perfect.

The great Affonso de Albuquerque did not marry; "he had a natural son, however, to whom he left his name and all he had," as João de Barros says (*Decad* II, fl. 143 vo.). In February, 1506, when he was five years old, this son, Braz de Albuquerque, was legitimised, and, when Albuquerque set out for India the same year, was left in the care of his aunt Dona Izabel de Albuquerque. Upon the death of Albuquerque in India

"the King honoured him greatly and gave him the name of Afonso d'Alboquerque, like his father, made him the legal heir of his father and ordered him to be paid the hundred and eighty thousand *cruzados* which were owing to his father from his salary and his dealings in pepper. And he settled an annuity of four hundred thousand *reis* on him (Barros, *loc. cit.* says 'three hundred thousand *reaes*') to be a perpetual right of his house, whose heir must always be called Afonso d'Alboquerque, or, if a woman, Alfonsa d'Alboquerque, so that the name of so good a subject should always exist and be remembered; and he granted him many other favours" (Gaspar Corrêa, *Lendas da India*, vol. II, p. 461).

D. Manuel mandou-o educar no mosteiro de Santo Eloy, e depois, casou-o com D. Maria de Noronha, filha do escrivão da puridade, D. Antonio de Noronha, Conde de Linhares. Braz de Albuquerque que, segundo a determinação do Soberano, passou a chamar-se Affonso, foi moço fidalgo e escudeiro; em 1521 fez parte do sequito que acompanhou a Infanta D. Beatriz a Saboya quando a filha d'El-Rei casou com o Duque Carlos (ver Garcia de Resende, *Lyuro das Obras—Ida da iffante dona Breatiz Pera Saboya*, 1545, fl. c.xxxix).

O filho de Affonso de Albuquerque, que recebera um nome celebre e uma grande fortuna, soube prestar serviços ao seu paiz, e, apezar do seu nome ter sido apagado pelo do pae—o que quasi sempre succede aos filhos dos grandes homens—conseguiu ser alguem. Foi Conselheiro de D. João III, Provedor da Irmandade da Misericordia de Lisboa, e Presidente do Senado da Camara da Capital: pela carta regia de 12 de Dezembro de 1572, vê-se que Affonso de Albuquerque foi o primeiro presidente da camara de Lisboa (ver Freire de Oliveira, *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa*, t. I, pp. 13–14), cargo que exerceu durante dezoito mezes. Assistiu ás Côrtes de 1562 e 1578, e a 1 de Junho de 1579, como procurador de Lisboa, tomou parte no juramento prestado pelos tres Estados perante o Cardeal Rei D. Henrique (ver Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, t. III, pp. 421–425). N'essa epocha, sendo um velho de quasi oitenta annos, os seus cabellos brancos e os serviços que havia prestado deveriam ter merecido o respeito e a estima de todos; mas infelizmente, no fim da sua longa vida, quando já tinha os pés para a cova, como se diz entre o povo, Albuquerque filho não só se ridicularizou cortejando a jovem fidalga D. Catharina de Menezes, e casando com ella, mas, o que é mais grave, maculou a sua honra, fazendo politica iberica contra a independencia de Portugal, e tendo entrevistas com o traidor Christovão de Moura, ás quaes ia dis-

Dom Manuel sent the boy to be educated in the monastery of Santo Eloy, and afterwards married him to Dona Maria de Noronha, the daughter of his private secretary, Dom Antonio de Noronha, the Conde de Linhares. Braz de Albuquerque, who at the Royal behest changed his name to Affonso, was a page and squire in the palace; he was among the retainers who accompanied the Infanta Dona Beatriz to Savoy in 1521 when she went to marry the Duke Charles (see Garcia de Resende, *Lyuro das Obras—Ida da iffante dona Breatiz Pera Saboya*, 1545, fl. c.xxxix).

Affonso de Albuquerque's son, who inherited a famous name and a great fortune, rendered services to his country, and, although his achievements were eclipsed by those of his father, he won himself an important place among the nation's servants. He was counsellor to Dom João III, Superintendent of the Brotherhood of Charity in Lisbon, and President of the Senate of Lisbon: the royal letter of December 12th, 1572, shows that Affonso de Albuquerque was the first president of the city corporation (see Freire de Oliveira, *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa*, vol. I, pp. 13–14), an office which he held for eighteen months. He was present at the *Côrtes* of 1562 and 1578, and on June 1st, 1579, as a mandatory of Lisbon, he took part in the oath sworn by the three States before the Cardinal King Dom Henrique (see Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, vol. III, pp. 421–425). At the advanced age of nearly eighty, his long years of service should have brought him the reverence and esteem of all; but, sad to say, he made himself ridiculous by courting and marrying the youthful Dona Catharina de Menezes. A much more serious charge against him is that he lowered himself to political intrigues against his country's independence, having many interviews with the traitorous Christovão

farçado com barbas postiças (ver Joaquim Rasteiro, *Quinta e Palacio da Bacalhoa em Azeitão*, p. 23). Os annos e o enfraquecimento das suas faculdades devem-o ter tornado irresponsavel, o que póde desculpar os ultimos e tristes actos da sua vida; comtudo, é pena que a morte o não tivesse levado antes de haver manchado o nome tão illustre que herdára. Mas as lamentaveis fraquezas d'esse velho falto de juizo não pódem fazer esquecer os serviços que prestou, nem o valor do livro que escreveu para celebrar a obra genial do grande Affonso de Albuquerque.

"Vários são os aspectos que nos apresenta a personalidade do autor dos *Comentários*. Se não manejou a espada, soube empunhar a pena; se não conquistou cidades, deixou nos *Comentários* um perdurável monumento à memória do pai" (Dr Antonio Baião, *Brás de Albuquerque, o autor dos Comentários—Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada*, vol. III, p. 44).

Na dedicatoria do seu livro, dirigida a El-Rei D. Sebastião—"Ao Serenissimo Principe de Portugal dom Baſtiam noſſo ſenhor"—Braz de Albuquerque aponta os motivos especiaes que o levåram a compôr os seus *Commentarios*, e escreve:

"DVas rezões principalmẽte antre outras muytas me obrigarão...a copillar eſta hiſtoria dos grandes feytos Dafonſo Dalboquerq̃ capitã geral & gouernador da India: áqual pus nome Cõmẽtarios, polos colligir dos proprios originaes q̃ elle no meyo dos acõtecimẽtos de ſeus trabalhos eſcreuia a el Rey dõ Manuel voſſo viſauoo, q̃ noſſo ſenhor tẽ na ſua gloria. A primeyra, pera q̃ .V.A. veja neſte pequeno volume, cõ quanto ſofrimento & trabalho de ſua peſſoa eſte seu capitã conquiſtou os reynos & ſenhorios da India...& a obrigaçã que tem aos netos & parẽtes daquelles q̃ neſta conquiſta acabarã ſeus dias. A outra foy, ver eu como os q̃ eſcreueram a hiſtorea da India (cõ tanto trabalho & louuor de ſeus engenhos) ou por terẽ hũa occupaçam geral em contar tudo o q̃ aconteceo aos Portugueſes naquellas partes, des o principio de ſeu deſcobrimẽto, ou por falta das jnformações q̃

de Moura, whom he used to visit disguised with a false beard (see Joaquim Rasteiro, *Quinta e Palacio da Bacalhoa em Azeitão*, p. 23). The weight of years and his growing enfeeblement must have been responsible for these lamentable actions; but it is to be regretted that he did not die before he stained in such a manner the noble name he had inherited. But the weaknesses of his declining years do not detract from the services he rendered, or from the worth of the book he wrote to celebrate the wonderful achievements of his great namesake.

"The personality of the author of the *Commentarios* presents various aspects. Though he did not handle a sword, he could use a pen; though he did not conquer cities, he left an undying monument to his father's memory in his *Commentarios*" (Dr Antonio Baião, *Brás de Albuquerque, o autor dos Comentários—Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada*, vol. III, p. 44).

In the dedication of his book to King Sebastião—"To the most serene Prince of Portugal Dom Bastiam our lord"—Braz de Albuquerque explains why he wrote the *Commentarios*:

"There were two chief reasons among the many which made me...compile this history of the great deeds of Afonso Dalboquerque, captain general and governor of India, which I have called *Cõmẽtarios* because I collected them from the originals which he wrote, in the midst of his labours, to King Manuel your great-grandfather, whom Our Lord has taken into His glory. The first was so that Your Highness might see in this little volume how great was the bodily suffering and labour with which this your captain conquered the kingdoms and dominions of India... and realise your obligation to the grandsons and relations of those who ended their days in this conquest. The second was that I saw how those who have written the history of India (with such hard work and praiseworthy skill), either because they have aimed at giving a general account of what happened to the Portuguese in those parts from the beginning of their discovery, or through lack of information, have passed briefly

teueram, paſſarã breuemente por muytas couſas q̃ Afonſo Dalboquerq̃ paſſou neſta conquiſta. E nam deuẽ de ter menos credito & authoridade ante .A.V. eſtes ſeus Cõmentarios polos eu colligir ſendo ſeu filho, do q̃ Cęſar tẽ polo mũdo eſcreuendo de ſi meſmo ha tantos annos. E porq̃ tratar aqui de ſeus louuores (em q̃ auia muyto q̃ dizer) ſeria fazer outra obra mayor que a ſua, nã direy mais q̃ aquelles q̃ vão ſemeados por eſte liuro, & o q̃ dizia hum Pero Gomez homẽ an-tigo na India, o qual ſendo já muyto velho (vendo as deſordẽs della depois de ſua morte) ſe ya em Goa cõ hum páo na mão á ſua ſepultura, & dizia. O grande capitão, tu me fizeſte quanto mal podeſte, mas eu nam te poſſo negar que foſte o mór cometedor & ſofredor de trabalhos que ouue no mundo, aleuantate q̃ ſe perde o que tu ganhaſte. V.A. açeite de mym eſte pequeno ſeruiço q̃ lhe faço neſta ſua primeyra jdade, pois jaa a não tenho palhe poder fazer outros, mayóres. E ſe o eſtillo da hiſtoria nã for tam ele-gante como ſua grandeza merecia, deſculpo o atreuimento q̃ tiue em lha offerecer cõ o pouco q̃ aprendi da reitorica, & cõ eſcreuer ueste (*sic*) eſtillo rudo a verdade do que paſſou."

over many things connected with Afonso Dal-boquerque in this conquest. And these his *Cõmentarios* should not have less credit and authority before Your Highness because I, his son, have collected them, than are enjoyed throughout the world by those of Cæsar who wrote of himself so many years ago. And be-cause to sing his praises here (of which there would be much to say) would be to make another work as big as his own, I will add nothing to those which are scattered through this book, and to what a certain Pero Gomez, a veteran of India said when, being already very old (seeing the confusion there after his death), he went with a staff in his hand to his grave in Goa: 'O great captain, you did me as much hurt as you could, but I cannot deny that you were the greatest and hardest worker there has been in the world. Rise up because what you won is being lost!' May Your Highness be pleased to accept from me this little service I do you in this your first youth, because I no longer have it to be able to do you other greater ones. And if the style of the history be not as elegant as its greatness would deserve, I apologise for my boldness in offering it to you with the little I have learned of rhetoric, because in this rough style I have written the truth of what happened."

Braz de Albuquerque mostra a sua piedade filial e o seu enthusiasmo pelos feitos heroicos do celebre Governador, desde a sua primeira ida á India até ao seu fallecimento em 1515. Antes de exhalar o ultimo suspiro, Affonso de Albuquer-que recommendou a El-Rei D. Manuel o filho unico que deixára creança em Portugal. Braz de Albuquerque nunca esqueceu o pae, e colli-gindo os seus *Commentarios*, prestou uma ho-menagem cheia de gratidão e veneração ao Gigante do Oriente que lhe dedicára o seu ultimo pensamento. Esse sentimento é digno de respeito, pois apenas vagamente se podia lembrar do pae. Querendo levantar um monu-mento á memoria de "Albuquerque terribil," narrou sómente as suas façanhas e occultou quaesquer episodios menos nobres da vida do heroe. O seu enthusiasmo, talvez exagerado,

Braz de Albuquerque shows his filial piety and his enthusiasm for the heroic exploits of the famous governor, from the time when he went to India, until his death in 1515. When he lay dying near Goa, Affonso de Albuquerque com-mended to Dom Manuel the son he had left in Portugal. Braz de Albuquerque never forgot his father, and in compiling the *Commentarios* he rendered a homage full of gratitude and venera-tion to that giant of the East who had thought of him in his last moments on earth. This feeling is worthy of respect, since he can have had but the vaguest remembrance of his father. In his desire to raise a monument to the memory of "dread Albuquerque" he recounted only his noble actions and passed over some of the less praise-worthy incidents in the hero's life. His en-thusiasm, though perhaps exaggerated, has our

merece, comtudo, a nossa sympathia, pois significa uma qualidade bella e rara: a gratidão.

Entre os auctores que se referem a Braz de Albuquerque, á sua vida e aos seus *Commentarios*, mencionaremos: João de Barros (*loc. cit.*), Gaspar Corrêa (*ob. cit.* t. II, pp. 376, 457, 458 e 461), Damião de Goes (*Chronica DelRey dom Emanvel*, Parte III, fl. 138), Antonio Ferreira (*Poemas Lusitanos—Elegia* VI, fl. 57–fl. 58 v°), Manuel de Faria y Sousa (*Asia Portuguesa*, t. I, parte II, cap. X, n° 9), D[r] Antonio Baião (*ob. cit.*, *Comentários do grande Afonso de Albuquerque*, 4ª edição prefaciada e revista por Antonio Baião, vol. I, pp. V–XIX, *Alguns ascendentes de Albuquerque e o seu filho á luz de documentos inéditos*), Joaquim Rasteiro (*ob. cit.*), Aubrey Bell (*Portuguese Literature*, pp. 201–202), D[r] Mendes dos Remedios (*História da Literatura Portuguesa*, p. 176), D[r] Fidelino de Figueiredo (*Historia da Litteratura Classica*, pp. 243–245).

Em 1576, foi impressa por João de Barreira uma segunda edição dos *Commentarios*, refundida pelo auctor.

Teriamos gostado de completar as nossas notas sobre os *Commentarios de Afonso Dalboquerque* com um estudo da vida do fundador do nosso Imperio no Oriente; mas isso, infelizmente, não é possivel aqui, porque, se quizessemos fazer justiça á sua tão nobre e bella figura, ser-nos-hia necessario escrever, pelo menos, um volume. De mais, muitos auctores, tanto antigos como modernos, já estudáram, seja a vida de Albuquerque e a sua extraordinaria personalidade, seja os seus feitos, a sua administração, os seus planos, as suas obras, as suas cartas. Albuquerque era um genio, e, como tal, não foi comprehendido nem devidamente apreciado durante a sua vida: sabia os dons excepcionaes de que era dotado, os serviços admiraveis que tinha prestado, e realizava, provavelmente como ninguem, a absoluta superioridade do seu proprio valor. Essa superioridade, á qual se junctava uma vontade de ferro, creou as invejas e intrigas de que foi victi-

sympathy because it bears witness to a rare and beautiful quality: gratitude.

Among those who refer to Braz de Albuquerque, his life and his *Commentarios*, are: João de Barros (*loc. cit.*), Gaspar Corrêa (*op. cit.* vol. II, pp. 376, 457, 458 and 461), Damião de Goes (*Chronica DelRey dom Emanvel*, Part III, fl. 138), Antonio Ferreira (*Poemas Lusitanos—Elegia* VI, fl. 57–fl. 58 vo.), Manuel de Faria y Sousa (*Asia Portuguesa*, vol. I, part II, chap. X, no. 9), Dr Antonio Baião (*op. cit.*, *Comentários do grande Afonso de Albuquerque*, 4th edition prefaced and revised by Antonio Baião, vol. I, pp. V–XIX, *Alguns ascendentes de Albuquerque e o seu filho á luz de documentos inéditos*), Joaquim Rasteiro (*op. cit.*), Aubrey Bell (*Portuguese Literature*, pp. 201–202), Dr Mendes dos Remedios (*História da Literatura Portuguesa*, p. 176), Dr Fidelino de Figueiredo (*Historia da Litteratura Classica*, pp. 243–245).

In 1576, a second edition of the *Commentarios*, revised by the author, was published by João de Barreira.

We should have liked to complete our notes on the *Commentarios de Afonso Dalboquerque* with a study of the life of the founder of the Portuguese Empire in the East; but this, unfortunately, will not be possible here, as it would take at least a volume to do justice to this noble figure. Besides, many authors, both ancient and modern, have written, either of the life of Albuquerque and his extraordinary personality, or of his exploits, his administration, his plans, his works, his letters. Albuquerque was a genius, and, as such, was neither understood nor duly appreciated in his own times. He himself was fully aware of his exceptional gifts and of the splendid work he had done, and had perhaps a fuller realisation than anyone else of his own superior worth. His superiority, which was reinforced by a will of iron, led to the envy and intrigues of which he

ma; por isso, escrevia a D. Martinho de Castello Branco: "bem sei eu, senhor, que me não ha a my de conhecer elRei senão depois que elle quá tiuer outro governador" (*Cartas de Affonso de Albuquerque*, t. 1, p. 406).

De alto, como uma aguia, o celebre Governador viu todos os problemas, e de todos se occupou: das conquistas a fazer, das fortalezas a edificar para estabelecer o dominio Portuguez, das questões religiosas e commerciaes, das militares e navaes, n'uma palavra de todas as que diziam respeito á administração do Imperio que tinha fundado para El-Rei de Portugal. Os seus planos, vastos, immensos, provam a ambição de esse homem extraordinario, que, acima de tudo, era um grande Portuguez e um grande crente: por isso, fundando-se na sua dupla Fé, queria que a Cruz de Christo e a bandeira das Quinas dominassem no Oriente; e ambas levantou com gloria na India.

Albuquerque percebeu a importancia do Mar Vermelho para o Senhorio Portuguez, e, como um grande estadista que era, encarou ao mesmo tempo dois problemas capitaes; derribar o poderio do Islamismo n'aquellas paragens, o que representaria a defeza da religião, e consolidar a grandeza de Portugal, Senhor dos Mares, pelo desenvolvimento do seu commercio (ver pp. 40–42). Para conseguir esses fins grandiosos, propunha, com o auxilio da "jemte abexia" do Preste João, "cometer" e destruir Mecca, e entendia, como escreveu a Duarte Galvão, que se deviam desviar as aguas do Nilo, o que arruinaria o Egypto: "em dous annos he desfeito o cairo e a terra toda perdida" (ver *Cartas*, t. 1, pp. 282 e 401). Mas apezar d'esse sonho não se ter realizado, Albuquerque, graças ao seu genio, fundou o assombroso Imperio Portuguez:

"Desde o Mar Roxo a Malaca, todo o Oriente se rojava perante o pendão das quinas e perante as brancas barbas de Albuquerque. ¿ Série de felizes aventuras? Não: plano admiràvelmente concebido, alargado nas proporções em que se dilatava o scenário imenso, ardorosamente execu-

was a victim; he therefore wrote to Dom Martinho de Castello Branco: "I am well aware, my lord, that the King will not know me until he has had another governor" (*Cartas de Affonso de Albuquerque*, vol. 1, p. 406).

From the heights, like an eagle, the famous governor perceived all the problems with which he was confronted, and dealt with them all: the conquests to be made, the fortresses to be built to establish the Portuguese dominion, the religious, the commercial, the naval and military questions connected with the administration of the Empire he had founded for the King of Portugal. His far-reaching plans are a proof of his ambition, and show his greatness as a Portuguese and as a Christian; and, in his double faith, he wished the Cross of Christ and the banner of the *quinas* to be dominant in the East, and he raised both with glory in India.

Albuquerque understood the importance of the Red Sea for the Portuguese dominion, and, like the statesman he was, faced two capital problems at the same time: how to defend the Christian religion in those latitudes by breaking down the power of Islam, and how to consolidate Portugal's greatness as the mistress of the seas by the development of her trade (see pp. 40–42). In order to achieve these aims, he proposed with the help of the Abyssinian people of Prester John, to attack and destroy Mecca; and, as he wrote to Duarte Galvão, he considered that the waters of the Nile ought to be diverted in order to ruin Egypt: "in two years Cairo would be destroyed and all the land lost" (see *Cartas*, vol. 1, pp. 282 and 401). But although he was not able to make this dream come true, Albuquerque succeeded in founding the great Portuguese Empire:

"From the Red Sea to Malaca, all the Orient crawled beneath the banner of Portugal and the white beard of Albuquerque. A series of happy chances? No: an admirably conceived plan, enlarged in proportion as the immense scene

tado num grande impulso que vinha da fé em Deus e da firmeza no serviço de El-Rei" (Fortunato de Almeida, *História de Portugal*, t. II, p. 272).

O nosso amigo Professor Edgar Prestage, no seu notavel livro *Afonso de Albuquerque*, diz, com razão, que o successo final de Albuquerque deve ser attribuido sobretudo á sua personalidade, e escreve:

"When he became Governor of India, he was relatively an old man for that time and those climates, but his lofty vision was accompanied by a commanding character and by a tenacity of purpose which few leaders have possessed; he had a genius for civil administration as well as for war, while in diplomacy he could meet Orientals with their own weapons. In the first he devised methods which were copied by his successors and are still employed in British India. In the second, his achievements recorded here speak for themselves; while in the third, he cunningly turned the rivalries of native rulers to his own advantage and acted on the maxim: *divide et impera*. If he had lived a few years longer, he would probably have realised his ambition to capture Aden and build a fortress at Diu.... The empire he founded consisted of the overlordship of the ocean, the shores of which were dotted with fortresses in a huge semi-circle of 15,000 miles from the coast of Natal to the Moluccas. His successors did but develop the policy he had laid down."

E accrescenta estas bellas palavras:

"Portugal had not the resources to maintain her monopoly against the attack of other European powers with larger populations and fleets, but that she should have held it as long against the Mahommedan world is, in the words of Sir William Hunter, 'a lasting glory to her and Christendom,' and with Admiral Ballard we may say that the name of Albuquerque is still the greatest, not only in the history of the Portuguese in the East, but in the annals of the Indian Ocean" (pp. 83-85).

Não ha duvida; entre tantos nomes illustres, o de "Albuquerque terribil" sobresae como o do

widened, zealously carried out in the splendid impulse which came from faith in God and steadfastness in the King's service" (Fortunato de Almeida, *História de Portugal*, vol. II, p. 272).

Our friend Professor Edgar Prestage rightly says, in his notable work, *Afonso de Albuquerque*, that Albuquerque's ultimate success is mainly due to his personality, and writes:

"When he became Governor of India, he was relatively an old man for that time and those climates, but his lofty vision was accompanied by a commanding character and by a tenacity of purpose which few leaders have possessed; he had a genius for civil administration as well as for war, while in diplomacy he could meet Orientals with their own weapons. In the first he devised methods which were copied by his successors and are still employed in British India. In the second, his achievements recorded here speak for themselves; while in the third, he cunningly turned the rivalries of native rulers to his own advantage and acted on the maxim: *divide et impera*. If he had lived a few years longer, he would probably have realised his ambition to capture Aden and build a fortress at Diu.... The empire he founded consisted of the overlordship of the ocean, the shores of which were dotted with fortresses in a huge semi-circle of 15,000 miles from the coast of Natal to the Moluccas. His successors did but develop the policy he had laid down."

And he adds these beautiful words:

"Portugal had not the resources to maintain her monopoly against the attack of other European powers with larger populations and fleets, but that she should have held it as long against the Mahommedan world is, in the words of Sir William Hunter, 'a lasting glory to her and Christendom,' and with Admiral Ballard we may say that the name of Albuquerque is still the greatest, not only in the history of the Portuguese in the East, but in the annals of the Indian Ocean" (pp. 83-85).

There is no doubt that "dread Albuquerque" is outstanding among the many great names con-

Gigante do Oriente. Podia, desconsolado ou irritado, escrever ao seu amigo Duarte Galvão, "que por nossos pecados Reina mais a imveja amtre os portugueses e desejos de destroirmos huns aos outros e damnificarmos e Roermos as homrras alheas" (*Cartas*, t. 1, p. 395); mas a inveja existiu em todos os tempos, porque foi sempre mais facil *mal dizer* do que *bem fazer*. Como não se podia atacar abertamente o poder de Albu-querque que "bem fazia," os seus inimigos pro-curáram, com um trabalho de sapa, minar os alicerces da sua obra; e os invejosos e intrigantes, mestres na arte de *mal dizer*, conseguiram o seu fim. Por isso o grande Albuquerque, realizando a sua desgraça, exclamou:

"Mal com os homens por amor d'ElRey, mal com ElRey por amor dos homens, bom é acabar."

E diante de Goa que conquistára, e que hoje ainda é Portugueza, dictou, antes de morrer, a sua celebre carta a D. Manuel, na qual tinha a gloria suprema de poder dizer:

"deixo a india com as principaes cabeças toma-das em voso poder, sem nela ficar outra pen-dença senam cerrar se e mui bem a porta do estreito; isto he o que me vosa alteza enco-mendou" (*Cartas*, t. 1, p. 381).

E com a consciencia tranquilla do dever cumprido, entregou a alma a Deus.

O Venturoso foi accusado de ter sido ingrato com muita gente, e especialmente com dois illustres obreiros da grandeza de Portugal: Duarte Pacheco e Albuquerque. Fizemos menção a esses dois casos (ver *Livros Antigos Portuguezes*, t. 1, *Introducção*, p. xxix); mas, a respeito de Pacheco, já nos penitenciámos do que tinhamos escripto (ver as nossas notas sobre a *Vrbis Olisi-ponis Descriptio*). Quanto a Albuquerque, não nos parece haver duvidas que a sua desgraça—que provavelmente teria sido temporaria—foi devida ás intrigas feitas pelos seus inimigos juncto d'El-Rei. Sem querer, por'ora, desculpar completa-mente D. Manuel, devemos pensar que Al-

nected with the Orient. He may have written, disconsolately, or irritably, to Duarte Galvão "that for our sins envy reigns more strongly among the Portuguese and the desire to destroy ourselves mutually, and ruin each other and belittle the honours of others" (*Cartas*, vol. 1, p. 395); but envy is an ever-present evil, for it has always been easier to *speak ill* than to *act well*. It was im-possible openly to attack the power of Albuquer-que, so his enemies sought to undermine the foundations of his work; and the envious plotters, who delighted in slander, achieved their ends. The great Albuquerque, realising his downfall, therefore exclaimed:

"On bad terms with men for the love of the King, on bad terms with the King for the love of men, it is good to make an end."

And outside the Goa he had conquered, and which is still Portuguese to this day, before he died, he dictated the famous letter to Dom Manuel, in which he was able to make the glorious affirmation:

"I leave India with her principal places captured and in your power, and there is nothing more to do except to shut tight the gate of the straits; this is what Your Highness ordered" (*Cartas*, vol. 1, p. 381).

And with the peaceful consciousness of a duty done, he gave up his soul to God.

The Fortunate King has been accused of in-gratitude towards many people, and especially towards two illustrious builders of Portugal's greatness: Duarte Pacheco and Albuquerque. We have mentioned these two cases elsewhere (see *Early Portuguese Books*, vol. 1, *Introduction*, p. li); but have already done penance for what we had written about Pacheco (see our notes on the *Vrbis Olisiponis Descriptio*). As for Albu-querque, there seems to us no doubt that his dis-grace—which would probably have been only temporary—was due to the intrigues of his enemies at the King's court. Though we cannot, as yet, absolve Dom Manuel from all blame in

buquerque não era facil, e que as suas ideas eram differentes das do seu illustre predecessor, D. Francisco de Almeida. Alem d'isso, os seus planos gigantescos de verdadeiro homem de genio podiam, sobretudo a tamanha distancia, parecer demasiadamente arriscados. Albuquerque estava no Oriente edificando um Imperio, separado da metropole por mezes de viagem perigosa: tivera revezes, certamente avolumados perante El-Rei pelos seus inimigos. Nas suas *Cartas*, Albuquerque queixa-se amargamente ao Soberano da sua falta de confiança; mas, mesmo que D. Manuel—que o escolhera—tivesse absoluta confiança no seu Governador, comprehende-se, pelo menos até certo ponto, e considerando a distancia, que as denuncias, as informações tendenciosas, as intrigas invejosas, impressionassem o Soberano: o velho rifão Portuguez

"agua molle em pedra dura
tanto dá até que fura"

teve mais uma vez razão. Comtudo, D. Manuel não devia ter nomeado um outro Governador em quanto o grande Albuquerque fôsse vivo; porem, parece tambem fóra de duvida que o Soberano se arrependeu. Ignorando ainda a morte de Albuquerque, D. Manuel escreveu-lhe a 20 de Março de 1516, dando-lhe instrucções detalhadas para que se conservasse no Oriente (ver *Cartas*, t. III, pp. 238–241; Dr Antonio Baião, *Affonso de Albuquerque*, pp. 124–126; Prestage, *ob. cit.* p. 67): infelizmente era tarde, mas consola-nos saber que o Venturoso reconheceu o erro que tinha commettido, e que mesmo procurou reparal-o.

O que escrevemos sobre Affonso de Albuquerque são meras e despretenciosas notas; mas as suas *Cartas*, e as obras de innumeros auctores já nos mostráram a sua admiravel figura (ver Barros, *Decada* II; Gaspar Corrêa, *ob. cit.*, especialmente t. I e t. II; D. Jeronymo Osorio, *De Rebvs Emmanvelis Gestis*, Lib. X; Pedro Mariz, *Dialogos de Varia Historia*, fl. 249 v° *e seg.* e fl. 258–fl. 269; Damião de Goes, *ob. cit.* Parte II, caps. XXI–XXIII,

this matter, we must remember that Albuquerque had not an easy character and that his ideas were at variance with those of his predecessor, Dom Francisco de Almeida. Apart from this, the vast plans of this man of genius may, especially at such a distance, have appeared overrash. Albuquerque was in the East building up an Empire, separated from the metropolis by months of perilous voyage: he had reverses, which must naturally have been magnified by his enemies at Court. In his *Letters*, Albuquerque complains bitterly to the Sovereign of his lack of confidence; but even if Dom Manuel—who had chosen him—had the most absolute confidence in his representative, it is not hard to understand that his faith may have weakened somewhat in the face of the envious intrigues, denunciations, and biassed information against Albuquerque, especially as he was so far away: the old proverb about water dropping on a stone very often comes true. However, Dom Manuel should never have nominated another governor while Albuquerque was still living, though it seems beyond a doubt that he afterwards repented, for, while still ignorant of Albuquerque's death, Dom Manuel wrote to him on March 20th, 1516, instructing him to remain in the East (see *Cartas*, vol. III, pp. 238–241; Dr Antonio Baião, *Affonso de Albuquerque*, pp. 124–126; Prestage, *op. cit.* p. 67). It was unfortunately too late, but it is some consolation to find that Dom Manuel recognised his error and sought to set it right.

We have merely written a few unpretentious notes about Affonso de Albuquerque; but his *Cartas*, and the works of many authors have already shown the greatness of his personality and achievements (see Barros, *Decad* II; Gaspar Corrêa, *op. cit.* especially vol. I and vol. II; Dom Jeronymo Osorio, *De Rebvs Emmanvelis Gestis*, Book X; Pedro Mariz, *Dialogos de Varia Historia*, fl. 249 vo. *et seq.* and fl. 258–fl. 269; Damião de Goes, *op. cit.* Part II,

Primeira parte dos Cōmētarios

Dafonſo Dalboquerque capitam geral & gouernador da India.

¶ Na qual ſe trata de ſua geraçã, & cujo filho foy, & da primeyra vez q̄ foy á India, & o q̄ paſſou na ſegūda que lá tornou na conquiſta do reyno Dormuz, ate chegar a Cananor, antes de ſer entregue da gouernança da India.

¶ Capit. primeyro, que trata da geraçã Dafonſo Dalboquerque, & o que paſſou ate jr a primeira vez á India.

POis neſtes Cōmētarios auemos de tratar das couſas q̄ Afonſo Dalboquerq̄ capitão geral, & gouernador da India paſſou na cōquiſta della, parece rezã q̄ primeiro ſe ſaiba dōde procedeo eſta geraçã dos Alboquerques, & cujo filho foy, & o q̄ paſſou em ſua mocidade, ate jr a primeira vez á India. E he de ſaber q̄ elRey dō Sancho o primeiro deſte nome teue por manceba a dona Maria paez ribeira: á qual deu Villa de cōde, & della ouue hūa filha q̄ chamarã Tareja ſanches, q̄ caſou cō dom Afonſo telez de meneſes o velho, ſenhor Dalboquerque, que elle fez & pouoou á ſua cuſta, & poſlhe eſte nome deriuado Dalbaq̄rcus em latim, por hū Carualho branco q̄ naquelle ſitio onde fundou a fortaleza eſtaua. E corrēdo o tp̄o veo a ſoceder neſta caſa o cōde dō Ioã Afōſo telez de meneſes ſeu biſneto: o q̄l caſou em Caſtella cō dona Tareja ſanches, filha baſtarda del rey dō Sancho: & della ouue dona Tareja mīz q̄ erdou ſua caſa: & caſou a cō Afonſo ſanches filho baſtardo delrey dō Dinis: & porq̄ o el rey tinha em muyta eſtima, veolhe o Principe dō Afonſo a ter grāde auorrecimēto, & começou auer antrelles muytas deferēças. Elrey dō Dinis por atalhar q̄ ſuas paixōes nã vieſſem a mais, mādou Afonſo ſanches cō ſua molher pera Caſtella, & lá faleceo: & mādou ſe trazer ao moſteiro de Villa de cōde (q̄ elle fez & dotou onde jaz.) Eſte Afonſo ſanches teue hū filho q̄ ſe chamou dō Ioam Afonſo dalboquerq̄, (& foy o primeiro q̄ tomou eſte apellido) o qual foy grande ſenhor em Caſtela & de muytas terras, & caſou cō dona Iſabel de meneſes filha de dō Telo, q̄ era filho do jnfante de Molina: & ouue della hū filho q̄ ſe chamou dō Martim gil dalboquerq̄, o qual morreo de peçonha ſem ſer caſado q̄ lhe el rey dō Pedro o crú mādou dar: porq̄ dō Ioão Afonſo dalboquerq̄ ſeu pay pola muita valia q̄ tinha em Caſtela fora ſempre cōtra elle em quanto viueo, por muytas deſordēs q̄ fazia no reyno. E teue mais hū filho baſtardo q̄ ſe chamou dō Fernã dafonſo dalboquerq̄: o qual (morto ſeu pay) ſe veyo ꝑa Portugal, & el rey dō Fernādo lhe deu o meſtrado di Sātiago. Teue mais duas filhas baſtardas jrmās do dito dō Fernã dafonſo dalbo-

132 Uma pagina dos *Commentarios de Afonſo Dalboquerque*

A page of the *Commentarios de Afonſo Dalboquerque*

Lisboa, 1557

Foram jmpressos estes Commentarios Dafonso Dalboquerque capitam geral & gouernador da India na cidade de Lixboa, por Ioam de Barreyra jmpressor del Rey nosso senhor. Acabaranse de jmpremir vespera de sam Sebastiá, dezanoue dias do mes de Ianeyro da era de mil & quinhentos & cincoenta & sete annos, em cujo dia o Principe dõ Bastiam nosso senhor a quem esta obra vay offerecida, fez tres annos.

133 Colophon dos *Commentarios de Afonso Dalboquerque*
Colophon of the *Commentarios de Afonso Dalboquerque*
Lisboa, 1557

xxxi–xxxvii, xliii; Parte III, caps. iii–vii, x–xi, xv–xix, xxv–xxvi, xxviii–xxx, xliii–xliiii, lxiii–lxviii, lxxix–lxxx; Manuel de Faria y Sousa, *ob. cit.* t. I, parte II, pp. 114–173; David Lopes, *Historia dos Portuguezes no Malabar*, pp. XL–L, 42–44, 47, e *Chronica dos Reis de Bisnaga—Introducção*, pp. LXXVIII–LXXXII; Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Cintra*, t. I, pp. 288 *e seg.*; Oliveira Martins, *Historia de Portugal*, t. I, pp. 249–274; Dr Heinrich Schäfer, *Geschichte von Portugal*, vol. III, pp. 228–277; Dr Antonio Baião, *ob. cit.*; Professor Edgar Prestage, *ob. cit.*; Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. II, pp. 239–243, 262–272; Sir E. D. Ross, *The Portuguese in India and Arabia between* 1507 *and* 1517; H. Morse Stephens, *Albuquerque*; Sousa Viterbo, *A avó materna de Affonso de Albuquerque—Archivo Historico Portuguez*, vol. I, pp. 409–421, e *As dadivas de Affonso de Albuquerque—Archivo Historico*, vol. II, pp. 4–7; Pedro de Azevedo, *O fidei-commisso de Affonso de Albuquerque—Archivo Historico*, vol. I, pp. 157–162, 188–193; Admiral G. A. Ballard, *Rulers of the Indian Ocean*, pp. 50–123).

Como D. Manuel já não podia mudar em bem o mal que fizera ao pae, honrou o filho. Mesmo morto, Albuquerque era uma força: diz-se que Pero Corrêa, testamenteiro do inclito Governador, tendo pedido a D. Manuel licença para a trasladação do seu corpo para Portugal, o Monarcha lhe respondera que em quanto os ossos do Gigante do Oriente ficassem em Goa tinha a India segura! Albuquerque, "cavalleiro grande e forte leão dos mares," como foi chamado no Oriente, fundou em poucos annos o nosso Imperio; com razão, Oliveira Martins (*A Vida de Nun'Alvares—Advertencia*, p. 7) escreveu estas palavras, tão profundas como verdadeiras, a seu respeito:

"Alexandre chamou-se portuguezmente Albuquerque: um nome em que a imaginação individualisa toda a historia magnifica da nossa aventura ultramarina."

chaps. xxi–xxiii, xxxi–xxxvii, xliii; Part III, chaps. iii–vii, x–xi, xv–xix, xxv–xxvi, xxviii–xxx, xliii–xliiii, lxiii–lxviii, lxxix–lxxx; Manuel de Faria y Sousa, *op. cit.* vol. I, part II, pp. 114–173; David Lopes, *Historia dos Portuguezes no Malabar*, pp. XL–L, 42–44, 47, and *Chronica dos Reis de Bisnaga—Introducção*, pp. LXXVIII–LXXXII; Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Cintra*, vol. I, pp. 288 *et seq.*; Oliveira Martins, *Historia de Portugal*, vol. I, pp. 249–274; Dr Heinrich Schäfer, *Geschichte von Portugal*, vol. III, pp. 228–277; Dr Antonio Baião, *op. cit.*; Professor Edgar Prestage, *op. cit.*; Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. II, pp. 239–243, 262–272; Sir E. D. Ross, *The Portuguese in India and Arabia between* 1507 *and* 1517; H. Morse Stephens, *Albuquerque*; Sousa Viterbo, *A avó materna de Affonso de Albuquerque—Archivo Historico Portuguez*, vol. I, pp. 409–421, and *As dadivas de Affonso de Albuquerque—Archivo Historico*, vol. II, pp. 4–7; Pedro de Azevedo, *O fidei-commisso de Affonso de Albuquerque—Archivo Historico*, vol. I, pp. 157–162, 188–193; Admiral G. A. Ballard, *Rulers of the Indian Ocean*, pp. 50–123).

As Dom Manuel was too late to make reparation to the father, he honoured the son. Even after his death, Albuquerque was still a force: it is said that when Pero Corrêa, the great governor's executor, asked Dom Manuel's authorisation to bring his body to Portugal, the King replied that as long as his bones remained in Goa India was safe! Albuquerque, "great knight and strong lion of the seas" as he was called in the East, founded our Empire in the space of a few years; and Oliveira Martins (*A Vida de Nun'Alvares—Advertencia*, p. 7) wrote these true and beautiful words of him:

"Portugal's Alexander was called Albuquerque: a name in which the imagination personifies all the magnificent history of our adventure overseas."

¶Libellus hic continet lugubres cantus funerum, & hilares etiã solennium maximè processionum, iuxta ritum ordinis Carmelitarũ: ex probato vsu Dominici sepulchri sacrosanctæ hierosolimitanę ecclesię(vbi religionis eiusdem cœpitorigo)desumptus: & de ordinali correcto fratrũ eiusdem instituti collectus, & reuisus, atque ádeo nuper accuratius emẽdatus, adiectis denuo nonnullis quæ videbantur necessaria, præsertim professoribus Carmelitis in Carmelo Olyssipponensi prouinciæ Lusitaniæ morantibus.

¶ Frater Emmanuel àGois prior prouincialis Carmelitani instituti in Lusitaniæ regnis opus perfici curauit.

1556.

134 Folha do rosto do livro *Cantus processionum ordinis Carmelitarũ* de Fr. Manuel de Goes
Title-page of the book *Cantus processionum ordinis Carmelitarũ* of Frei Manuel de Goes
Lisboa, 1557

90 FR. MANUEL DE GOES, CANTUS FUNERUM ETIÃ PROCESSIONUM IUXTA RITUM ORDINIS CARMELITARŨ.

Lisboa, João de Barreira, 1557.

Libellus hic con | tinet lugubres cantus funerum, & hi- | lares etiã ſolennium maximè proceſſio | num, iuxta ritum ordinis Carmelitarũ: | ex probato vſu Dominici ſepulchri ſa- | croſanctæ hieroſolimitanę eccleſię (vbi | religionis eiuſdem cœpitorigo) deſum | ptus: & de ordinali correcto fratrũ eiuſ | dem inſtituti collectus, & reuiſus, atque | ádeo nuper accuratius emẽdatus, adie | ctis denuo nonnullis quæ videbantur | neceſſaria, præſertim profeſſoribus Car | melitis in Carmelo Olyſſipponenſi | prouinciæ Luſitaniæ morantibus. | Frater Emmanuel à Gois prior | prouincialis Carmelitani inſti | tuti in Luſitaniæ regnis | opus perfici curauit. | 1556.

[fl. 1 vo.]
Gravura que representa Nossa Senhora com o Menino Jesus, e dois Carmelitas ajoelhados[1].

p. 3. De communione | fratrum infirmorum. [...]
Começa a obra[2].

fl. 153 [aliás 157] vo. [...] FINIS. | LAVS DEO.

[fl. 1] Ad gloriam di | uini nominis, et laudẽ fœliciſsimę ac be | atiſsimæ virginis Mariæ cui datus eſt et | inſeruit omnis decor Carmeli qua fieri | potuit diligentia ac quorundam religi- | oſorum caſtigationi et correctioni inſi- | ſtentium vigilantia abſo- lutus eſt hic no | ſtrarum ſupplicationum tam funebriũ | quam ſolẽnium, et aliorum officiorum | libellus apud Carmelũ noſtrum Olyſi- | ponẽſem. Opera Iohãnis Barrerij Typo | graphi Regij tertio Calendas Auguſt. | Anno humanæ ſalutis. 1557.

[fl. 1 vo.]
A devisa dos Carmelitas; por baixo[3]:
CARMELITARVM | INSIGNE.

8º—[1] folha, 3–32 paginas, 33–153 (aliás 157), [1] folhas—20 linhas—a negro e vermelho—com notas de musica—sem reclamos—numeração das paginas muito incorrecta—oito paginas são impressas só a vermelho, faltando as notas de musica e algumas palavras, que deviam ter sido impressas a negro.

8vo.—[1] leaf, 3–32 pages, 33–153 (alias 157), [1] leaves—20 lines—in red and black—with notes of music—no catchwords—pagination very incorrect—on eight pages the notes of music and a few words, which should have been in black, are missing, the red only being printed.

[1] *Woodcut of the Virgin Mary with the Infant Jesus, and two Carmelite monks kneeling.*
[2] *Beginning of the work.*
[3] *The emblem of the Carmelites; below:*

CANTUS PROCESSIONUM ORDINIS CARMELITARŨ

135 Gravuras do livro *Cantus processionum ordinis Carmelitarũ* de Fr. Manuel de Goes
Woodcuts from the book *Cantus processionum ordinis Carmelitarũ* of Frei Manuel de Goes
Lisboa, 1557

Ad gloriam̄ di
uini nominis, et laudẽ fœlicissimę ac be
atissimæ virginis Mariæ cui datus est et
inseruit omnis decor Carmeli qua fieri
potuit diligentia ac quorundam religi-
osorum castigationi et correctioni insi-
stentium vigilantia absolutus est hic no
strarum supplicationum tam funebriũ
quam solẽnium, et aliorum officiorum
libellus apud Carmelũ nostrum Olysi-
ponẽsem. Opera Iohãnis Barrerij Typo
graphi Regij tertio Calendas August.
Anno humanæ salutis .1557.

136 Colophon do livro *Cantus processionum ordinis Carmelitarũ* de Fr. Manuel de Goes
Colophon of the book *Cantus processionum ordinis Carmelitarũ* of Frei Manuel de Goes
Lisboa, 1557

Numeração dos cadernos: A–R, 8 folhas cada caderno; S, 6 folhas; total de 142 folhas; as folhas D4, E2, E3, E4, G4, H1, H4, I2, K4, M2, M4, N3 não teem assignaturas; H3 tem assignatura errada Hij, I3 tem Iij e I4 tem Iiij.

Encadernação de marroquim.

Esta obra de Fr. Manuel de Goes, ou pelo menos a edição impressa em Lisboa por João de Barreira em 1557, é desconhecida de todos os bibliographos que podémos consultar. Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. III, p. 276) diz-nos que Fr. Manuel de Goes, natural de Lisboa, tendo professado o habito de Carmelita Calçado, foi, devido aos seus meritos, Prior do Convento de Lisboa e Provincial da Ordem, e que, sendo um insigne professor de Canto Gregoriano, compoz um *Processionarium Ordinis Carmelitarum* que foi publicado em Lisboa em 1551; mas não indica o nome do impressor que estampou a obra. Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 1094) transcrevem a curta e vaga noticia de Barbosa, e Fortunato de Almeida (*História da Igreja em Portugal*, t. III, parte II, p. 448) escreve que Fr. Manuel de Goes deixou varias composições, e "um *Processionário* usado pelos religiosos e religiosas da sua ordem até 1610."

É muito provavel que a edição indicada por Barbosa tenha existido: o magnifico exemplar que possuimos da obra composta por Fr. Manuel de Goes para uso dos Carmelitas, foi impresso por João de Barreira, a negro e vermelho, em Lisboa em 1557, sendo possivel que não exista nenhum outro alem do nosso.

Collation by signatures: A–R, each 8 leaves; S, 6 leaves; total 142 leaves; leaves D4, E2, E3, E4, G4, H1, H4, I2, K4, M2, M4, N3 have no signature marks; H3 is wrongly marked Hij, I3 is Iij and I4 is Iiij.

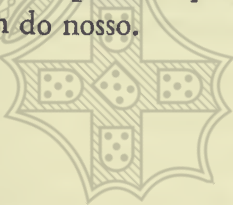
Morocco binding.

This work by Frei Manuel de Goes, or at least the edition of it printed by João de Barreira in 1557, is unknown to all the bibliographers we have been able to consult. Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. III, p. 276) tells us that Frei Manuel de Goes, a Carmelite monk, native of Lisbon, rose through his merits to be the Prior of the monastery of Lisbon and Provincial of the Order, and that, being a master of Gregorian chant, he composed a *Processionarium Ordinis Carmelitarum* which was published in Lisbon in 1551, but he does not give the printer's name. Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 1094) transcribe this brief and vague notice from Barbosa, while Fortunato de Almeida (*História da Igreja em Portugal*, vol. III, part II, p. 448) says that Fr. Manuel de Goes left various compositions and "a *Processional* used by the monks and nuns of his Order until 1610."

It is very probable that the edition mentioned by Barbosa may have existed: our magnificent copy of the work composed by Frei Manuel de Goes for the use of the Carmelites, was printed by João de Barreira in black and red, in Lisbon, in 1557, and is possibly the only one in existence.

Custodite vos a murmuratione quæ nihil prodest.
Et a detractione parcite linguæ. Sapien capit. 1.

Dos priuilegios & prærogatiuas q̃
ho genero feminino tẽ por dereito comũ
& ordenações do Reyno mais que
ho genero masculino.

Apud Iohannẽ Barreriũ Regium Typographum.
Anno Domini. 1557.

137 Folha do rosto do livro *Dos priuilegios & prærogatiuas do genero feminino* de Ruy Gonçalves
Title-page of the book *Dos priuilegios & prærogatiuas do genero feminino* of Ruy Gonçalves
1557

91 RUY GONÇALVES, DOS PRIUILEGIOS & PRÆROGATIUAS DO GENERO FEMININO.

[Lisboa ou Coimbra], João de Barreira, 1557.

Dos priuilegios & prærogatiuas q̃ | *ho genero feminino tẽ por dereito comũ | & ordenações do Reyno mais que | ho genero maſculino. | Apud Iohannẽ Barreriũ Regium Typographum. | Anno Domini.* 1557.

Este titulo, impresso a negro e vermelho e enquadrado por tarjas, tem por cima o brasão d'armas da Rainha D. Catherina encimado pelas palavras[1]:

Cuſtodite vos a murmuratione qua nihil prodest, | Et a detractione parcite linguæ. Sapien capit. 1.

p. 3. PROLOGO. | Muyto alta & muyto | Poderoſa Raynha noſſa Senhora. [...]

p. 6. A Qual jnuenção & curioſidade trato em duas | partes. Hũa dalgũas virtudes em que as mo- | lheres foram jguaes & precederão | aos homẽs. E a outra, dos bene- | ficios & priuilegios com q̃ | ſam mais priuilegiadas | & fauorecidas em | dereito. | E quanto aa primeyra parte. [...]

[fl. 1 vo.] [...] LAVS DEO. | Viſto & examinado pelos deputa- | dos do ſancto officio em Lixboa.

[fl. 2] Authores qui poſt no- | VVM, VETVSQVE TESTA- | mentum, atque ius Canonicum, | & ciuile, in hoc citantur | Tractatu. [...]

[fl. 2 vo.] [...] FINIS

4°—106 (aliás 104) paginas, [2] folhas—25 linhas—impresso a negro e vermelho—notas marginaes em caractéres italicos—a numeração de algumas paginas está errada.

Numeração dos cadernos: A–N, 4 folhas cada caderno; O, 2 folhas; total de 54 folhas; a folha I2 tem assignatura errada Iiij.

Encadernação de marroquim.

4to.—106 (alias 104) pages, [2] leaves—25 lines—printed in red and black—marginal notes in italics—some of the pages are wrongly numbered.

Collation by signatures: A–N, each 4 leaves; O, 2 leaves; total 54 leaves; leaf I2 is wrongly marked Iiij.

Morocco binding.

A obra composta por Ruy Gonçalves e intitulada *Dos priuilegios & prærogatiuas q̃ o genero feminino tẽ*, foi impressa pela primeira vez por João de Barreira em 1557 sem indicação de logar. Entre outros, referem-se a este livro raro: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. III, p. 661), Inno-

The work *Dos priuilegios & prærogatiuas q̃ o genero feminino tẽ*, composed by Ruy Gonçalves, was first printed in 1557 by João de Barreira, with no indication of the place. Among those who refer to it are: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. III, p. 661), Innocencio (*Diccionario*, vol. VII,

[1] *Title, printed in red and black, is below Queen Catherina's coat of arms, above which are the words:* Cuſtodite, *etc.; the whole within a woodcut border.*

cencio (*Diccionario*, vol. VII, p. 189; vol. XVIII, p. 299), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 167–168), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 310), Salvá (*Catalogo*, nº 3684), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 145) que nos indicam a existencia dos seguintes exemplares: Bibliotheca Nacional de Lisboa (2 ex.), Ajuda e Evora. A essa lista ha a accrescentar o exemplar do Museu Britannico e o nosso.

O auctor, "ho licenceado Ruy gonçaluez lente, que foy da jnſtituta & dos digeſtos na vniuerſidade de Coimbra, & agora jndigno aduogado da corte & caſa da ſupricaçam," como se lê na ultima pagina do texto d'este curioso tratado, dedicou a sua obra á Rainha D. Catherina. No *Prologo*, depois de fazer diversas considerações ácerca da condição das mulheres, baseando-se sobre uma sentença de Papiniano, e de se referir aos que "tomaram por jnuençam & doctrina eſcreuer contra a vida & coſtumes do genero feminino, caſi accuſando a natureza por produzir femeas & nam machos," escreve que lhe pareceu

"curioſidade jndigna de reprehenſam, ajuntar algũas virtudes em que as molheres forão jguaes & precederam aos homẽs, & algũs Priuilegios & Prerogatiuas com que ſam mais priuilegiadas & fauorecidas em dereito (couſa mais trabalhoſa que ſutil), tratando ſomente do que acho ſcripto em ſeu louuar & vtilidade, pois ha tantos que eſcreueram ho contrario. A qual jnuençam & trabalho me nã atreuo defender dos graues & excellentes auctores que eſcreueram a contraria opiniam, ſe nam eſperando que V.A. (ſereniſſima ſenhora) por me fazer merce, & dar atreuimento pera eſcreuer outras couſas mais jmportantes aa ſua Republica, ho aceite em ſeruiço, & o aproue cõ a ſombra de ſua real proteiçam, de que nacerá ouſar eſta obra ſahir em publico, & ficar tam ſegura & ſem receo, que nam temeraa reprehenſam algũa humana, & a. V.A. como aa mais excellẽte & ſuprema Princeſa & ſenhora

p. 189; vol. XVIII, p. 299), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 167–168), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 310), Salvá (*Catalogo*, no. 3684) and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 145) who mention the following copies: Lisbon National Library (two), Ajuda and Evora. To this list must be added the British Museum copy and our own.

The author of this curious treatise, who is designated "the licentiate Ruy Gonçaluez, late professor of jurisprudence and civil law at Coimbra University, and now unworthy advocate of the court and tribunal," dedicated his work to Queen Catherina. In the *Prologo*, he quotes Papinianus, and makes various remarks about the status of women, saying that some people "have taken as their system and doctrine to write against the life and customs of womankind, almost accusing nature for having produced females instead of males." He proceeds that he considers it

"a curiosity which merits no reprehension, to collect a few virtues in which women have equalled and surpassed men, and certain Privileges and Prerogatives by which they are more privileged and favoured in law (a matter of hard work rather than subtlety), treating only of what I find written in their praise and to their advantage, for there are so many who have written the contrary. Which invention and work I should not dare to defend against the grave and excellent authors who have expressed the contrary opinion, did I not hope that Your Highness (most serene lady), to favour me and give me courage to write other things more important for your Commonwealth, would accept it as a service, and give it the protection of your royal approval, the result of which will be that this work will dare to come out in public, and will remain so secure and calm that it will fear no human reprobation. And it behoves Your Highness, as the most excellent and supreme Princess and lady in the world, to defend and

do mũdo, conuẽ defender & aprouar tudo ho que ſe eſcreuer em louuor do genero feminino, pera que outros de mais erudiçã & doctrina poſſam dar fim e perfeiçam a eſtes meus principios & cometimentos, que nam ſam mais que as amoſtras do muyto que podem eſcreuer neſta materia."

No seu livro, no qual se percebe a intenção de galanteria, Ruy Gonçalves apresenta muita erudição e muitos argumentos para provar, como diz no *Prologo*, as virtudes "em que as molheres forão jguaes & precederam aos homẽs," taes como a devoção, o temor de Deus, "Doctrina & ſaber," "Fortaleza," "Clemencia & miſericordia," "Amor conjugal," "Caſtidade." Depois de innumerar essas virtudes, indica certas prerogativas legaes favoraveis ao "genero feminino."

Como diz com razão o Dr Fidelino de Figueiredo,

"Ruy Gonçalves tratou este assumpto, tão fecundo de materia litteraria, muito mecanicamente, só com erudição e muito pequena observação da alma feminina. Bem merece, não obstante, ser lembrado, porque a sua voz foi a primeira que se ergueu a defender o sexo das opiniões tradicionaes, que sobre elle pesavam" (*Historia da Litteratura Classica*, p. 323).

Essa qualidade dá um interesse especial ao tratado de Ruy Gonçalves, cujo nome merece, certamente, ser lembrado: a esse interesse deve junctar-se o da raridade do livro cuidadosamente impresso a negro e vermelho pelo Typographo Regio, João de Barreira, em 1557.

approve all that is written in praise of womankind, so that others with more learning and erudition may finish and perfect these my beginnings and attempts, which are no more than samples of the much that might be written on this subject."

In this book, where a certain gallantry of intention may be discerned, Ruy Gonçalves displays much erudition and establishes many arguments to prove in what ways, as he says, "women have equalled and surpassed men." Having enumerated such qualities as devotion, fear of God, knowledge and erudition, fortitude, clemency and pity, conjugal love, and chastity, he indicates certain legal prerogatives pertaining to "womankind."

As Dr Fidelino de Figueiredo truly says:

"Ruy Gonçalves treated this subject, so full of literary material, very mechanically, only with erudition and with very little understanding of the feminine mind. He is, nevertheless, very worthy of remembrance, for his was the first voice raised to defend the sex against the traditional opinions that weighed upon it" (*Historia da Litteratura Classica*, p. 323).

That quality gives a special interest to the treatise of Ruy Gonçalves, whose name certainly deserves to be remembered: this interest is increased by the rarity of the volume so carefully printed in red and black by the royal printer, João de Barreira, in 1557.

Constituições do
Bispado de
Euora.

138 Folha do rosto das *Constituições do Bispado de Euora*
Title-page of the *Constituições do Bispado de Euora*
Evora, 1558

92 CONSTITUIÇÕES DO BISPADO DE EUORA.

Evora, André de Burgos, 1558.

Conſtituições do | Biſpado de | Euora.

Titulo por baixo do brasão do Cardeal Infante, tudo enquadrado por tarjas[1].

[fl. 1 vo.] Tauoada deſtas conſtituições [...]

[fl. 6] [...] Fim da tauoada.

[fl. 6 vo.] Prologo. [...]

fl. j. Titulo primeiro [...]

fl. lx vo. [...] Foram acabadas de imprimir eſ- | tas Conſtituições em a cidade Deuora per mandado | do muito alto & muito excelente Principe & ſe- | nhor o ſenhor Cardeal Inffante de Portugal. | em caſa de Andree de Burgos Impreſſor | & Caualleiro de ſua caſa. Aos dez | dias do mes de Dezembro de | mil & quinhentos & cin- | cuenta & oito | annos.

Assignatura autographa: Antº doctor[2].

Folio—[6], lx folhas—41 e 42 linhas—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: A, 6 folhas; a–g, 8 folhas cada caderno; h, 4 folhas; total de 66 folhas.

Encadernação de carneira.

Folio—[6], lx leaves—41 and 42 lines—no catchwords.

Collation by signatures: A, 6 leaves; a–g, each 8 leaves; h, 4 leaves; total 66 leaves.

Sheepskin binding.

As *Conſtituições do Biſpado de Euora*, ordenadas pelo Cardeal Infante D. Affonso, Arcebispo de Lisboa e "perpetuo adminiſtrador do Biſpado Deuora," no synodo por elle celebrado em Evora a 27 de Maio de 1534, fôram estampadas no mesmo anno, por seu mandado, em Lisboa por Germão Galharde (ver Anselmo e Proença, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 603). Conhecem-se diversos exemplares d'essa rara primeira edição, entre os quaes o mais famoso, impresso em pergaminho e assignado pelo Cardeal Infante—provavelmente o proprio exemplar do Capitulo da Sé—fazia

The *Conſtituições do Biſpado de Euora*, compiled by order of the Cardinal Infante Dom Affonso, Archbishop of Lisbon and "perpetual administrator of the Bishopric of Evora," at the synod he held in Evora on May 27th, 1534, were printed the same year, by his command, in Lisbon by Germão Galharde (see Anselmo and Proença, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 603). Several copies of the first edition are known, the most famous being the one printed on vellum and signed by the Cardinal Infante—which probably belonged to the Cathedral Chapter itself. This used to be in the

[1] *Title beneath the coat of arms of the Cardinal Infante Dom Henrique; the whole within a woodcut border.*

[2] *Autograph signature:* Antº doctor.

parte da Bibliotheca Palha (ver o *Catalogo*, nº 327), e encontra-se hoje, com magua o dizemos, na Bibliotheca da Universidade de Harvard, em logar de estar preciosamente guardado seja na Cathedral seja na Bibliotheca de Evora.

Em 1558, dezoito annos depois da morte do Cardeal D. Affonso, e sendo Arcebispo de Evora o Infante D. Henrique—a Sé de Evora havia sido elevada á categoria de metropole pela bulla de Paulo III *Gratiae divinae premium* de 24 de Setembro de 1540 (ver *Corpo Diplomatico Portuguez*, t. IV, p. 344)—as *Conſtituições* de D. Affonso fôram novamente impressas

"em a cidade Deuora per mandado do muito alto & muito excelente Principe & ſenhor o ſenhor Cardeal Inffante de Portugal. em caſa de Andree de Burgos Impreſſor & Caualleiro de ſua caſa."

Se a edição das *Conſtituições* de 1534 é rara, a de 1558 é rarissima, mesmo quasi desconhecida, sendo possivel que não exista um outro exemplar alem do nosso. A unica noticia a seu respeito de que temos conhecimento, e essa bastante incompleta, foi dada por Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 441), e transcripta por Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 101)—que escreve: "Não as vi, nem sei se existem"—Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, pp. 173–174), e Anselmo e Proença (*ob. cit.* nº 391). O nosso exemplar, completo e perfeitamente conservado, é, pois, uma verdadeira preciosidade bibliographica.

No *Prologo*, o Cardeal Infante D. Affonso declara as razões porque fôram redigidas e impressas estas *Conſtituições*, razões que, com algumas alterações, são identicas ás que elle expoz nas suas *Conſtitvicoens do Arcebiſpado de Lixboa* (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 526–527; ácerca do Infante D. Affonso, ver pp. 502–503, 520–523, 534–536, 538–541).

Da mesma fórma que escrevemos nas nossas notas sobre as Constituições de Lisboa e Braga, não podemos fazer aqui a historia da diocese de Evora, nem mencionar, mesmo de passagem,

Palha Library (see *Catalogue*, no. 327) and now, sad to say, it is in the Harvard University Library instead of being treasured in the Cathedral or the Library at Evora.

In 1558, eighteen years after the death of the Infante Dom Affonso, when the Cardinal Infante Dom Henrique was Archbishop of Evora—the See having been raised to metropolitan status by Paul III's bull *Gratiae divinae premium* of September 24th, 1540 (see *Corpo Diplomatico Portuguez*, vol. IV, p. 344)—Dom Affonso's *Conſtituições* were reprinted

"in the city of Evora, by order of the most high and most excellent Prince and lord the lord Cardinal Infante of Portugal, in the house of André de Burgos, Printer and Knight of his household."

While the 1534 edition of the *Conſtituições* is very rare, that of 1558 is almost unknown, it being possible that ours is the only copy in existence. The only description of it we have been able to find—and that a very incomplete one—is given by Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, p. 441), and is transcribed by Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 101) who says: "I have not seen them, and do not know if they exist," by Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, pp. 173–174), and by Anselmo and Proença (*op. cit.* no. 391). Our complete and perfect copy is therefore a bibliographical treasure.

In the *Prologo*, the Cardinal Infante Dom Affonso explains why the *Conſtituições* were composed and printed: the reasons, with a few alterations, are the same as he set forth at the beginning of the *Conſtitvicoens do Arcebiſpado de Lixboa* (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 526–527; about the Infante Dom Affonso, see pp. 502–503, 520–523, 534–536, 538–541).

Lack of space restricted our notes on the Constitutions of Lisbon and Braga, and similar considerations make it impossible for us to write the history of the diocese of Evora, and to mention

todos os seus Prelados: mas quem desejar estudar essa lista, encontral-a-ha na *História da Igreja em Portugal* de Fortunato de Almeida (t. I, pp. 130–131, 161, 185–186, 619–621; t. II, pp. 553–562; t. III, parte II, pp. 802 *e seg.*). Porem, rapidamente que seja, procuraremos apontar alguns dos personagens que presidiram aos destinos da illustre Cathedral Eborense. Como succedeu a muitas dioceses em Portugal, a fundação da Sé de Evora é extremamente incerta, e a sua historia baseia-se sobre memorias vagas ou tradições quasi legendarias; como vimos (pp. 386–390) o mesmo acontece com a fundação da cidade. André de Resende (*Historia, da Antigvidade da Ciidade Evora*, cap. IX) diz—com justificado orgulho se realmente acreditava na tradição, como é provavel—que "esta nossa cijdade se pode gloriar" por ter sido a primeira, ou pelo menos entre as primeiras cidades da "Hispania" que recebeu a Fé de Christo.

"Porque ho bẽe aventurado sanct Mancio discipulo de nosso redemptor: sendo per hos sanctos apostolos ẽuiado, veo a esta cijdade, & aqui preegou ha fee.... Per onde claro paresce que elle foi ho nosso primeiro bispo, & nosso apostolo."

Em seguida, narra em poucas palavras o que succedeu após a morte de S. Mancio ou S. Manços, mandado martyrizar pelo "presidente Validio," e accrescenta:

"Esta historia screui assi breuemẽte, para se veer quam antigua christandade é ha desta cijdade. Quem mais largo ha quiseer saber: pode ha veer en ho breuiario do costume de euora, que eu fiz per mandado do Cardẽal Infante nosso senhor. Merescedor era este sancto martyr q̃ de nos fosse mais venerado: pois foi ho nosso primeiro meestre na fee de Christo" (ver tambem Fr. Antonio Brandão, *Monarchia Lvsitana*, Parte III, 1632, fl. 218).

Receamos que o seu amor pela sua querida Evora fizesse com que Mestre André tivesse acceitado como artigos de fé certas tradições mais do que problematicas: comtudo, como escreveu Herculano (*Historia de Portugal*, t. I, p. 7),

all its Bishops, information about whom may be found in Fortunato de Almeida's *História da Igreja em Portugal* (vol. I, pp. 130–131, 161, 185–186, 619–621; vol. II, pp. 553–562; vol. III, part II, pp. 802 *et seq.*). But, however briefly, we will try to show some of those who were appointed to the Cathedral. As happens with many Portuguese dioceses, it is difficult to ascertain exactly how and when the See of Evora was founded, for its early history, like that of the city itself (see pp. 386–390), is based on vague records and traditions. André de Resende (*Historia, da Antigvidade da Ciidade Evora*, chap. IX) says—with justifiable pride, if he really believed in the tradition—that "this our city can glory" in having been the first, or at least one of the first, cities in "Hispania" to receive the Faith of Christ.

"Because the blessed Saint Mancio, a disciple of our Redeemer, being sent by the holy Apostles, came to this city and preached the faith here.... Whence it seems clear that he was our first Bishop and our Apostle."

Resende then gives a short account of the happenings after the martyrdom of St Mancio or St Manços, by order of the "president Validius," and adds:

"I have written this history thus briefly to show how ancient is the Christianity of this city. Whoever wishes to know more about it can see it in the breviary of the usage of Evora, which I composed by order of the Cardinal Infante our lord. This holy martyr would deserve to be more venerated by us, because he was our first master in the faith of Christ." (Also see Frei Antonio Brandão, *Monarchia Lvsitana*, Part III, 1632, fl. 218.)

We are afraid that his love for Evora caused *Mestre* André to accept certain traditions which are of very doubtful authenticity: however, as Herculano says (*História de Portugal*, vol. I, p. 7),

Resende foi "o maior e mais judicioso antiquario português do seculo XVI."

Mas Fortunato de Almeida, sempre consciencioso, declara terminantemente:

"Tradições a que não pode attribuir-se qualquer valor histórico deram como primeiro apóstolo e bispo de Évora *S. Manços*, que disseram natural de Roma. Estando no oriente, segundo a mesma tradição, partiu de Jope no anno 35, em direcção á Espanha, e desembarcou em Ossónoba, d'onde passou a Évora.... No princípio do século IV assistiu ao concílio de Elviro o bispo de Évora, Quinciano, cujo nome figura nas actas. Nada mais sabemos a seu respeito. Acêrca dos bispos que posteriormente governaram a igreja de Évora, sabe-se apenas que alguns assistiram a concílios, de cujas actas constam os nomes; da existénica de outros nem tanto é o fundamento."

E indica-nos alguns dos Bispos de Evora, taes como Zozimo, Sicisclo, Abiencio, Tructemundo e Arconcio, que assistiram a diversos concilios de Toledo, e Pedro, que esteve no concilio provincial Emeritense de 666 (*ob. cit.* t. I, p. 130). André de Resende (*ob. cit.* cap. X) refere-se egualmente a estes Bispos, e o Cardeal Saraiva (*Obras Completas*, t. I, p. 51) tambem indica Quinciano como tendo sido o primeiro Bispo de Evora, segundo monumentos fidedignos.

Durante a occupação Arabe a diocese não teve, que se saiba, Prelados. Em 1166, quando Evora foi conquistada aos Mouros por Giraldo de sobrenome o Sempavor (ver pp. 387–389), a sua Sé foi restabelecida por D. Affonso Henriques. André de Resende (*ob. cit.* cap. XV), Duarte Nunes do Leão (*Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal*, 1600, fl. 48), e Manoel Severim de Faria (*Discursos Varios Politicos*, 1624, fl. 163 vº) dizem que o primeiro Bispo de Evora foi D. Payo: mas Frei Antonio Brandão (*ob. cit.* fl. 221–fl. 221 vº) demonstra, perante documentos, que o primeiro Prelado Eborense após a restauração da Cathedral foi

Resende was "the greatest and most judicious Portuguese antiquarian in the XVIth century."

On the other hand, the conscientious Fortunato de Almeida definitely declares that:

"Traditions, which have no historical value whatever, have nominated *St Manços*, said to be a native of Rome, as the first apostle and bishop of Evora. The same tradition affirms that, being in the Orient, he set out for Spain from Joppa in the year 35, disembarking at Ossónoba, whence he proceeded to Evora.... At the beginning of the IVth century, a bishop of Evora called Quinciano was present at the council of Elvira, and his name figures in the acts. We know nothing more about him. With regard to the bishops who afterwards governed the church of Evora, we only know that some were present at councils, in the acts of which their names appear; there is not even that amount of evidence of the existence of others."

He enumerates certain Bishops of Evora, such as Zozimo, Sicisclo, Abiencio, Tructemundo and Arconcio, who were present at various councils of Toledo, and Pedro, who was at the provincial council of Merida in 666 (*op. cit.* vol. I, p. 130). André de Resende (*op. cit.* chap. X) also refers to these Bishops, and Cardinal Saraiva (*Obras Completas*, t. I, p. 51) likewise indicates Quinciano as having been the first Bishop of Evora, according to trustworthy records.

During the Moorish occupation, no Bishops of the diocese are recorded. In 1166 Evora was taken from the Moors by Giraldo, surnamed *o Sempavor* (the fearless) (see pp. 387–389), and Affonso Henriques re-established the See the same year. André de Resende (*op. cit.* chap. XV), Duarte Nunes do Leão (*Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal*, 1600, fl. 48) and Manoel Severim de Faria (*Discursos Varios Politicos*, 1624, fl. 163 vo.) say that Dom Payo was the first Bishop of Evora after the restoration of the Cathedral; but Frei Antonio Brandão (*op. cit.* fl. 221–fl. 221 vo.) gives documentary proof that the first was Dom Sueiro (see also Cardinal

D. Sueiro (ver tambem Cardeal Saraiva, *ob. cit.* p. 52, e Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. I, p. 185), que falleceu em 1180, e a quem succedeu então D. Paio ou Pelagio que, segundo consta, construiu a nova Cathedral. Entre os Prelados que governáram a diocese no seculo XIII, mencionaremos D. Durando, que esteve no segundo concilio de Lião em 1274, ao qual tambem assistiu o celebre Pedro Julião—mais conhecido pelo nome de Pedro Hispano—então Arcebispo eleito de Braga, e que veiu a ser o Papa João XXI (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 578–581). Durante as luctas violentas havidas entre D. Affonso III e o clero—ás quaes já nos referimos nas nossas notas sobre as Constituições do Arcebispado de Braga e do Bispado do Porto —D. Durando, "gram priuado delRey Dom Afonso Terceiro," foi o unico Prelado que seguiu o partido do Monarcha (ver Fr. Antonio Brandão, *ob. cit.* Parte IV, 1632, fl. 185 v°, fl. 254–fl. 255 v°; Herculano, *ob. cit.* t. III, p. 153; Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. I, pp. 456 e 620). Succedeu a D. Durando na Sé de Evora, D. Domingos Jardo, um dos mais notaveis Prelados d'aquelles tempos, que tambem foi Chanceller de El-Rei D. Diniz e Bispo de Lisboa (ver Cardeal Saraiva, *ob. cit.* t. I, pp. 89–92): já nos referimos a esse illustre Bispo, o fundador do famoso hospital ou collegio de Santo Eloy em Lisboa (ver pp. 8–9). Egualmente no tempo de D. Diniz, foi Bispo de Evora D. Geraldo Domingues; tendo sido encarregado pelo Papa João XXII de fulminar as censuras ecclesiasticas contra os inimigos do governo do Soberano, D. Geraldo cumpriu sem hesitações as ordens do Pontifice, pelo que foi assassinado pelos partidarios do Infante D. Affonso, que se encontrava em guerra aberta contra El-Rei seu pae (ver p. 83).

Entre os Bispos de Evora no seculo XIV, mencionaremos D. Fernando que, como já dissemos (ver p. 390), acompanhou D. Affonso IV á batalha do Salado; D. João Gomes de Chaves,

Saraiva, *op. cit.* p. 52; and Fortunato de Almeida, *ob. cit.* vol. I, p. 185), who died in 1180, and was succeeded by Dom Paio or Pelagio, who appears to have built the new Cathedral. Among those who governed the diocese in the XIIIth century, we would mention Dom Durando, who attended the second council of Lyons in 1274, at which the famous Pedro Julião—better known as Pedro Hispano—then Archbishop-elect of Braga, was also present (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 578–581). During the violent struggle between Dom Affonso III and the clergy—to which we have referred in our notes on the Constitutions of Braga and Oporto—Dom Durando "a great favourite of King Affonso III" was the only Prelate on the King's side (see Frei Antonio Brandão, *op. cit.* Part IV, 1632, fl. 185 vo., fl. 254–fl. 255 vo.; Herculano, *op. cit.* vol. III, p. 153; Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. I, pp. 456 and 620). Dom Durando was succeeded in the See of Evora by Dom Domingos Jardo, one of the most notable prelates of those times, who was also Chancellor to King Diniz and Bishop of Lisbon (see Cardinal Saraiva, *op. cit.* vol. I, pp. 89–92): we have already referred to him as the founder of the famous hospital or college of St Eloy in Lisbon (see pp. 8–9). Another Bishop of Evora in the time of Dom Diniz was Dom Geraldo Domingues, who was charged by Pope John XXII to fulminate ecclesiastical censures against the enemies of the Royal government, and, because he unhesitatingly obeyed orders, was assassinated by the partisans of the Infante Dom Affonso, then in open revolt against the King his father (see p. 83).

Among the Bishops of Evora in the XIVth century, we would mention Dom Fernando, who, as we have said (see p. 390), fought with Dom Affonso IV at the battle of Salado in 1340; Dom João Gomes de Chaves, who was sent by

que D. Pedro I enviou como Embaixador ao Principe de Galles em 1366 (ver Fernão Lopes, *Chronica d'ElRei D. Pedro I—Ineditos*, t. IV, p. 109), e D. João, que assistiu ás Côrtes de Coimbra de 1385, nas quaes o Mestre de Aviz foi acclamado Rei de Portugal, e a quem Fernão Lopes chama "hum Prelado de boa authoridade" (*Coronica DelRey D. Ioam o I*, Parte I, p. 363; Parte II, p. 338; ver tambem Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. II, p. 555). Segundo parece, esse Bispo, em quem El-Rei D. João I e o Condestavel tinham grande confiança, falleceu em 1412. Na primeira metade do seculo XV foi Bispo de Evora, e depois Arcebispo de Lisboa, D. Pedro de Noronha, personagem turbulento, de quem já nos occupámos (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, p. 533). Em 1429, D. Alvaro de Abreu já era Bispo de Evora; n'essa qualidade, celebrou nos Paços do Castello em Lisboa, a 24 de Julho, o casamento da Infanta D. Izabel com Filippe o Bom, representado pelo seu Embaixador, o Senhor de Roubaix: acompanhou depois a Infanta Duqueza de Borgonha e o Infante Santo a Flandres (ver Soares da Sylva, *Memorias DelRey D. Ioão o I*, t. IV, *Documentos*, pp. 187–189; Visconde de Santarem, *Quadro Elementar*, t. III, pp. 51–52 e 61–62). Personagem importante, encontramos D. Alvaro nos primeiros logares tanto nos funeraes de D. João I como na acclamação de D. Duarte. Em 1437 acompanhou a desgraçada expedição a Tanger (ver Ruy de Pina, *Chronica do Senhor Rey D. Duarte—Ineditos*, t. I, pp. 77–78, 89–91, 137 *e seg.*). Seguiu-se-lhe D. Vasco Perdigão, a quem succedeu D. Jorge da Costa, o famoso Cardeal de Alpedrinha, que desempenhou tantos papeis e que falleceu com 102 annos em Roma (ácerca de D. Jorge da Costa, ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 458–465, 533, 587–588).

King Pedro I as Ambassador to the Prince of Wales in 1366 (see Fernão Lopes, *Chronica d'ElRei Dom Pedro I—Ineditos*, vol. IV, p. 109); and Dom João, who was present at the *Côrtes* of Coimbra in 1385 when the *Mestre de Aviz* was acclaimed King of Portugal, and whom Fernão Lopes called "a Prelate of good authority" (*Coronica DelRey D. Ioam o I*, Part I, p. 363, and Part II, p. 338; also see Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. II, p. 555). This Bishop, in whom both King João I and the Constable had great confidence, appears to have died in 1412. In the first half of the XVth century, the diocese came under the rule of Dom Pedro de Noronha, a turbulent personage to whom we have already referred, as he afterwards became Archbishop of Lisbon (see *Early Portuguese Books*, vol. I, p. 533). In 1429, Dom Alvaro de Abreu was already Bishop of Evora and in this capacity he celebrated the marriage between the Infanta Dona Izabel and Philip the Good (represented by his ambassador the Sire de Roubaix) in the Paços do Castello in Lisbon, on July 24th: he afterwards accompanied the Infanta Duchess of Burgundy and the *Infante Santo* to Flanders (see Soares da Sylva, *Memorias DelRey D. Ioão o I*, vol. IV, *Documentos*, pp. 187–189; Visconde de Santarem, *Quadro Elementar*, vol. III, pp. 51–52 and 61–62). Dom Alvaro was a personage of great importance, and we find him occupying a prominent place both at Dom João I's funeral and at the acclamation of Dom Duarte. In 1437 he went with the ill-fated expedition to Tangier (see Ruy de Pina, *Chronica do Senhor Rey D. Duarte—Ineditos*, vol. I, pp. 77–78, 89–91, 137 *et seq.*). He was followed by Dom Vasco Perdigão, who, in his turn, was succeeded by Dom Jorge da Costa, the famous Cardinal of Alpedrinha, who filled many roles, including that of Counsellor to Dom Affonso, and who died in Rome at the age of 102 (about Dom Jorge da Costa, see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 458–465, 533, 587–588).

Ainda no reinado do Africano, entra em scena como Bispo de Evora um personagem extremamente interessante, D. Garcia de Menezes, filho do Conde de Vianna, D. Duarte de Menezes. É possivel que o nosso encyclopedico Garcia de Resende fôsse afilhado do Prelado, visto seu pae, Francisco de Resende, ter sido creado de D. Garcia (ver Anselmo Braamcamp Freire, *Critica e Historia*, pp. 34–35). Pelo muito que ha escripto sobre este Prelado por diversos auctores, a começar por Ruy de Pina e Garcia de Resende, parece não haver duvida que elle se tornou mais notavel pelas suas emprezas guerreiras, a sua grande erudição—"nas letras gram ſabedor," como escreveu o galhofeiro Resende (*Miſcellanea*, 1554, fl. xiij)—a riqueza da sua casa e as muitas mercês que fazia, do que pelo governo ecclesiastico dos seus bispados, pois alcançára do Papa a nomeação de perpetuo administrador do bispado da Guarda: por isso, Garcia de Resende (*loc. cit.*) refere-se-lhe como o "biſpo de taes dous bp̄ados."

Este Prelado, guerreiro, litterato, e infelizmente conspirador, era uma figura curiosa. Como militar, acompanhou D. Affonso V á batalha de Toro; depois, como "Capitam Moor," foi, em 1479, enviado pelo mesmo Soberano a uma incursão em Castella; o resultado foi desgraçado, pois, tendo sido atacado perto de Merida pelas forças do Mestre de S. Thiago, muito superiores em numero, "ho Biſpo foy vencido, ferido, derrybado e preſo, e com elle a mayor parte de ſua nobre jente foram feridos e alguns preſos." D. Garcia deveu a sua liberdade ao escudeiro que o tinha preso, graças ao "grande gallardam que lhe prometeo, e deſpois deu" (Ruy de Pina, *Chronica do Senhor Rey D. Affonso V—Ineditos*, t. 1, pp. 587–588). No anno seguinte, tendo os Turcos invadido o reino de Napoles e tomado a cidade de Otranto, "com outras Villas e Caſtellos, com grande e piadoſo eſtrago de Criſtaaõs," Sixto IV, "que entam era preſidente na Igreja de Deos," procurando "atalhar aa deſtruyçam de Italia e Roma," pediu soccorro a todos os Reis e

The reign of the *Africano* saw the appointment of yet another very interesting personage to the bishopric of Evora—Dom Garcia de Menezes, the son of the Conde de Vianna, Dom Duarte de Menezes. Our talented Garcia de Resende may possibly have been a godson to this Prelate, as his father, Francisco de Resende, was in the service of Dom Garcia (see Anselmo Braamcamp Freire, *Critica e Historia*, pp. 34–35). Resende (*Miſcellanea*, 1554, fl. xiij) refers to this dignitary as the "Bishop of two such bishoprics," because the Pope had also made him perpetual administrator of Guarda. Nevertheless, it appears from the accounts of numerous authors, beginning with Ruy de Pina, that it was not Dom Garcia's ecclesiastical administration which brought him fame, but his warlike exploits, his great erudition—Resende (*loc. cit.*) wrote that he was "very learned in letters"—the richness of his house and the many favours he bestowed.

This Prelate, warrior, scholar, and, alas! conspirator, was a curious figure. In his military capacity he fought with Dom Affonso V in the battle of Toro; and, in 1479, the King sent him in command of an expedition against Castile. The result was disastrous, for, attacked near Merida by the *Mestre* of St James, whose troops were vastly superior to his own in number, "the Bishop was defeated, wounded, humiliated and captured, and with him most of his noble followers were wounded and some captured." Dom Garcia was allowed to escape by the esquire who had taken him prisoner, because of the "great reward he promised and afterwards gave him" (Ruy de Pina, *Chronica do Senhor Rey D. Affonso V—Ineditos*, vol. 1, pp. 587–588). The following year, when the Turks had invaded the kingdom of Naples and taken the city of Otranto "and other towns and fortresses, with great and pitiful harm to the Christians," Sixtus IV, "who was then president of the Church of God," besought the help of all Christian Kings and Princes "to prevent the

Principes Christãos. D. Affonso V, "por obedecer ao Padre Santo em obra tam ſanta e tam piadoſa," enviou para a "expunaçam do Tranto"—que D. Affonso, Duque de Calabria tinha ido cercar—uma grande frota commandada pelo Bispo de Evora, na qual foi "muyta e muy nobre jente de ſeus Reinos."

D. Garcia aportou a Ostia, donde seguiu para Roma. O Papa recebeu-o solemnemente na basilica de S. Paulo, "onde o Biſpo porque antre os boõs oradores de Italia era ſyngular orador, lhe fez huuma ellegante, e pera o caſo muy louvada oraçam." O Prelado Eborense era ambicioso, e aproveitou a occasião para obter de Sixto IV privilegios e mercês. Mas tudo isso levou tanto tempo, que "fez ally, e deſpois em Napolles hindo já camynho do Tranto tanta demora, que nom ſoomente nom foy onde era ordenado, mas aynda por ſua longa eſtada lhe adoeceo e morreo muita jente." No entretanto, os Turcos renderam-se ao Duque de Calabria, e o Bispo de Evora "ceſou de ſua yda," e em 1482 regressou a Portugal (ver Ruy de Pina, *ob. cit.* pp. 603–604).

Se D. Garcia não teve occasião de mostrar os seus talentos guerreiros durante a expedição a Italia, aproveitou a opportunidade para demonstrar a sua notavel erudição. A oração em Latim, que pronunciou diante do Papa, causou a admiração de todos os presentes, e provocou os mais rasgados elogios de personagens illustres que assistiam á recepção do Bispo commandante da armada d'El-Rei de Portugal e seu Embaixador. Segundo Barbosa (*ob. cit.* t. II, p. 323), a eloquencia com que D. Garcia dissertou, reprehendendo a culpavel inercia de muitos Principes Catholicos e a vida escandalosa de alguns Prelados, e exhortando o Pontifice a que reformasse os abusos que insensivelmente se haviam introduzido na Egreja, de tal fórma surprehendeu Pomponeo Leto, que esse notavel humanista e orador exclamou: *"Pater Sancte quis eſt iſte barbarus, qui tam diſerte loquitur?"*

No discurso do Bispo de Evora ha um ponto

destruction of Italy and Rome." "To obey the Holy Father in so holy and pious a work," Dom Affonso V sent the Bishop of Evora in command of a large fleet, with "many noble people of his Kingdoms," to storm Otranto, which the Duke of Calabria was besieging.

Dom Garcia turned aside at Ostia and proceeded to Rome, and the Pope accorded him a solemn reception in the basilica of St Paul, "where the Bishop, because he was outstanding among the good orators of Italy, made him an elegant and greatly praised oration." The Bishop was ambitious and seized the opportunity to obtain various privileges and favours from Sixtus IV. But all this took time, and "he delayed so long there and afterwards in Naples when he was already on the way to Otranto, that he not only failed to reach the appointed place, but many of his men sickened and died through his long stay." Meanwhile the Turks had surrendered to the Duke of Calabria, so the Bishop "ceased his going," and, in 1482, returned to Portugal (see Ruy de Pina, *op. cit.* pp. 603–604).

Though Dom Garcia did not display his military talents during his expedition to Italy, he gave ample proof of his remarkable erudition. The Latin oration he recited before the Pope aroused the admiration of all who heard it, and was enthusiastically praised by all the illustrious people who were present at the reception of the King of Portugal's Bishop ambassador, who was also commander of the fleet. According to Barbosa (*op. cit.* vol. II, p. 323), Dom Garcia's eloquent condemnation of the inertia of many Catholic Princes and of the scandalous lives lived by some of the Prelates, and his exhortation to the Pope to reform the abuses which had crept into the Church unnoticed, so amazed Pomponius Laetus, the humanist and orator, that he exclaimed: *"Pater Sancte quis eſt iſte barbarus, qui tam diſerte loquitur?"*

There is an interesting point in connection

especialmente interessante (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, p. 4) mencionado por Herculano: segundo o grande historiador, D. Garcia foi o primeiro escriptor que se serviu da palavra *Lusitani* para designar os Portuguezes.

Quando regressou de Italia, tinha fallecido D. Affonso V, que lhe dera tantas provas de confiança, e subido ao throno D. João II. Era a epocha das conspirações contra o Principe Perfeito, e D. Garcia—segundo as palavras expressivas de Pina (*Chronica d'ElRey D. João II—Ineditos*, t. II, p. 56), repetidas por Resende (*Vida z feitos del rey Dom Ioão o ſegundo*, 1545, fl. xxxiii vº)—foi um dos "diabolicos conſelheiros" do Duque de Vizeu. Pina diz mesmo (p. 57) que o Bispo de Evora "ſem algũa cauſa foy o principal movedor, e conſelheiro" do Duque, e Resende (fl. xxxiiij) escreve:

"o biſpo Deuora dom Garcia de meneſes: dino de muito grande culpa/ pois tãta cauallaria/ tãtas letras: fidalguia/ z rendas/ z outras muytas z boas partes tã mal ſoube aproueytar."

Os dois chronistas, e depois muitos outros escriptores, narráram a conspiração do Duque de Vizeu, referindo-se, com mais ou menos pormenores, aos diversos conspiradores. As declarações feitas por D. Fernão de Menezes, irmão de D. Garcia, que se encontram na sentença que o condemnou á morte, são curiosas (ver Braamcamp Freire, *As conspirações no reinado de D. João II—Documentos—Archivo Historico Portuguez*, t. I, pp. 444-446). D. João II foi avisado d'estes "desleaaes movimentos" por Diogo Tinoco, "a quem o Biſpo d'Evora, teendo nelle confiança, deu delles parte, por teer por manceba hũa ſua irmãa (Margarida Tinoca, segundo Resende), a que era muito afeiçoado" (Ruy de Pina, *loc. cit.*). D. Garcia de Menezes que, perante o Papa, censurára tão eloquentemente a vida escandalosa de alguns Prelados, e pedira a Sixto IV que reformasse os abusos da Egreja, não punha, certamente, em practica os principios que advogára para os outros: na verdade, parece que lhe eram

with the Bishop's oration (see *Early Portuguese Books*, vol. I, p. 4): Herculano says that Dom Garcia was the first writer to use the word *Lusitani* to designate the Portuguese.

By the time he returned to Portugal, Dom Affonso V, who had given him so many proofs of confidence, had died, and Dom João II had come to the throne. At that period conspirators were plotting against the Perfect Prince, and in Ruy de Pina's expressive words, Dom Garcia became one of the Duke of Vizeu's "diabolical counsellors" (*Chronica d'ElRey D. João II—Ineditos*, vol. II, p. 56; also see Resende, *Vida z feitos del rey Dom Ioão o ſegundo*, 1545, fl. xxxiii vo.). Pina even says (p. 57) that the Bishop of Evora "without any cause, was the prime mover, and chief counsellor" of the Duke, and Resende (fl. xxxiiij) writes:

"the Bishop of Evora, Dom Garcia de Menezes, deserved great blame, because he put so much knightly prowess, so much learning, nobility, revenues, and many other excellent parts, to such bad use."

The two chroniclers, and many writers after them, have described the Duke of Vizeu's conspiracy, making more or less detailed mention of the different conspirators. Some curious affirmations were made by Dom Fernão de Menezes, Dom Garcia's brother, as may be seen in his sentence of death (see Braamcamp Freire, *As conspirações no reinado de D. João II—Documentos—Archivo Historico Portuguez*, vol. I, pp. 444-446). Dom João II was apprised of these "disloyal movements" by Diogo Tinoco "to whom the Bishop, having confidence in him, had made them known, as one of his sisters (Margarida Tinoca, according to Resende) was his mistress, for whom he had a great affection" (Ruy de Pina, *loc. cit.*). Dom Garcia de Menezes, who had made such an eloquent tirade against the scandalous lives led by certain Prelates, certainly did not act up to the principles he advocated for others;

destinadas as palavras de Nosso Senhor que se lêem no Evangelho de S. Lucas: *"Quid autem vides festucam in oculo fratris tui, trabem autem, quae in oculo tuo est, non consideras?"*

Essa triste fraqueza, e a confiança que depositava no tal Tinoco, custou caro aos conspiradores. O Duque de Vizeu, "ElRey ho matou per ſy aas punheladas" (Ruy de Pina, *ob. cit.* p. 59) em Setubal a 23 d'Agosto de 1484, e o Bispo de Evora, que "ao tẽpo da morte do duq̃ eſtaua cõ a raynha," foi preso pelo capitão Fernão Martins, que o tinha ido chamar da parte d'El-Rei, levado para o Castello de Palmella e "metido em hũa ciſterna ſẽ agoa q̃ eſta dẽtro na torre da mena-jem/ onde dahi a poucos dias falleceo ⁊ dizem que cõ peçonha" (Garcia de Resende, *ob. cit.* fl. xxxvj). Os dois chronistas referem-se a veneno, e Resende (*ob. cit.* cap. ccxiiij) conta que depois da morte do Soberano, o Bispo de Tanger e o Prior do Cratro abriram um "boeta," da qual El-Rei sempre trazia a chave, por se suspeitar que ella continha a "peçonha com que mãdara matar o biſpo dom Garcia." Afinal, a caixa continha "hum confiſſionayro ⁊ hũas diſciprinas: ⁊ hũ aſpero celicio." Comtudo, como não se brincava impunemente com o Principe Perfeito, cujos escrupulos não eram demasiados, é muito possivel que elle tivesse *ajudado* a morte de D. Garcia de Menezes. Seja como fôr, essa morte "foy triſte acabar" (Resende, *Miſcellanea, loc. cit.*).

Succedeu-lhe na Sé de Evora um outro personagem interessante, D. Affonso de Portugal, filho natural de D. Affonso, Conde d'Ourem e Marquez de Valença, e neto do primeiro Duque de Bragança. Por duas vezes, allegando ser nascido de legitimo matrimonio, intentou succeder na Casa de Bragança, da qual se considerava herdeiro. Diz-se que D. João II o obrigou a seguir a vida ecclesiastica, talvez para o affastar da successão da Casa de Bragança. D. Affonso de Portugal não só assim pensava, mas quiz deixar um perpetuo protesto contra essa violen-

in fact the words of Our Lord in the Gospel of St Luke are perfectly applicable to him: *"Quid autem vides festucam in oculo fratris tui, trabem autem, quae in oculo tuo est, non consideras?"*

This unfortunate weakness and his misplaced confidence in Tinoco, cost the conspirators dearly. The Duke of Vizeu "was stabbed to death by the King himself" (Ruy de Pina, *op. cit.* p. 59) in Setubal on August 23rd, 1484, and the Bishop of Evora, "who was with the Queen at the time of the Duke's death," was taken prisoner at the King's command by Captain Fernão Martins, conveyed to the Castle of Palmella and "put into a well without water, which is in the main tower, where he died a few days later, and they say he was poisoned" (Garcia de Resende, *op. cit.* fl. xxxvj). Both chroniclers mention poison, and Resende (*op. cit.* chap. ccxiiij) tells that, after the King's death, the Bishop of Tangier and the *Prior do Crato* opened a box, of which the King had always kept the key, because it was thought to contain "the poison with which he had had Dom Garcia killed." The box was, however, found to contain "a confession-book, some scourges and a rough hair-shirt." Nevertheless, there was no trifling with the Perfect Prince, who was not overladen with scruples, and it is very possible that he may have had a hand in the death of Dom Garcia de Menezes. In any case, that death "was a sad end" (Resende, *Miſcellanea, loc. cit.*).

He was followed in the See of Evora by another interesting personage, Dom Affonso of Portugal, the natural son of Dom Affonso, the Count of Ourem and Marquis of Valença and grandson of the first Duke of Bragança. Twice he tried to succeed to the House of Bragança, of which he claimed to be the rightful heir, alleging that he was born in lawful wedlock. It is said that Dom João II forced him to become a priest, perhaps to oust him from the royal succession. Dom Affonso of Portugal not only felt this to be so, but, in order to leave an eternal protest, ordered the

cia, e mandou gravar na sua sepultura o seguinte epitaphio:

"Aqui jaz o Reverendiſſimo...Senhor Dom Affonſo de Portugal, filho do Marquez de Valença...e herdeiro da Caſa de Bragança: foy Biſpo deſta Cidade; porque alem da ſua devoçaõ, quiz El-Rey Dom João o II. que foſſe Clerigo" (ver Sousa, *Historia Genealogica*, t. x, pp. 533–538; Barbosa, *ob. cit.* t. I, pp. 48–49; Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. II, pp. 561–562).

Garcia de Resende escreve que D. Affonso

"foy peſſoa ſingular de muitas letras ⁊ autoridade ⁊ gram ſenhor....E eſte biſpo dom Afõſo começou em Euora hum grande ⁊ honrrado collegio com muita renda ⁊ obra muy vertuoſa ⁊ em no começando ſe finou. E na ſee fez muitas ⁊ reaes obras ⁊ deu muy riquiſſimos ornamentos" (*Vida ⁊ feitos del rey Dom Ioão o ſegundo*, fl. xxxviii–fl. xxxviii vº).

Alem do que nos diz Resende, fôram, durante o seu governo, fundados em Evora quatro conventos. Entre D. João II e D. Affonso de Portugal não devia, por motivos obvios, haver grande sympathia: *o moço da escrevaninha* conta que o Prelado

"era de ſua condiçam yſẽto ⁊ liure. E por algũs deſcontẽtamẽtos (que não menciona) que elrey delle ouue: ho mandou ſayr fora deuora ate ſua merce: o que o biſpo logo cumprio ⁊ ſe foy a Viana dapar daluito onde eſteue muytos dias."

Um dia El-Rei foi a Vianna, e o Bispo, "muy acõpanhado dos ſeus," veiu recebel-o,

"⁊ elrey lhe fez muito grãdes hõrras ⁊ muyto gaſalhado: ⁊ aa meſa cõ muita graça falou ſẽpre cõ elle ⁊ aſſi na feeſta com muito deſpejo: por onde o biſpo ficou tam contente que lhe pareceo q̃ el rey de todo era fora da paixam q̃ delle teuera ⁊ que indo com elle o ꝺixaria entrar em Euora ſem mais requerimeutos (*sic*) ⁊ cometeo de o fazer."

Acompanhou pois o Soberano, que no

following epitaph to be engraved on his tombstone:

"Here lies the very reverend...Lord Dom Affonso, son of the Marquis of Valença...and heir of the House of Bragança: he was Bishop of this city, because, apart from his piety, King Dom João II wished him to be a cleric" (see Sousa, *Historia Genealogica*, vol. x, pp. 533–538; Barbosa, *op. cit.* vol. I, pp. 48–49; Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. II, pp. 561–562).

Garcia de Resende says that Dom Affonso

"was a singular person of much learning and authority and a great lord....And this Bishop Dom Affonso started a great and honoured college in Evora with much revenue and very virtuous work, and in starting it he died. And in the See he built much in kingly style and gave many very rich ornaments" (*Vida ⁊ feitos del rey Dom Ioão o ſegundo*, fl. xxxviii–fl. xxxviii vo.).

In addition to what Resende tells us, four monasteries were founded in Evora during his rule. There can, for obvious reasons, have been little sympathy between Dom João II and Dom Affonso of Portugal: the *moço da escrevaninha* writes that the Prelate

"was very free and independent by nature. And because of certain disagreements he had with him (which Resende does not explain more fully) the King ordered him to leave Evora at his royal pleasure: the Bishop at once obeyed and went to Vianna near Alvito where he spent many days."

One day the King went to Vianna, and the Bishop, "accompanied by many of his followers," went to receive him,

"and the King gave him great honour and a cordial welcome: and at table most graciously conversed with him all the time and also at the festival with great vivacity: whereat the Bishop was so pleased that he thought the King was no longer angry with him at all, and that, if he went with him, he would allow him to enter into Evora without any further request, and he tried to do it."

He therefore accompanied his Sovereign, who

caminho sempre fallou com elle "cõ muito prazer"; mas, vendo passar "hũas azemalas" que, pelas armas, reconheceu pertencerem a D. Affonso, percebeu "a tẽçam do Biſpo ⁊ fez que não via nada," e que elle "per diſſimulações q̃ria entrar em Euora ſem lho pedir." El-Rei continuou conversando com D. Affonso até perto dos muros da cidade, onde chegou já era noite:

"⁊ alli lhe diſſe el rey. Biſpo ſera bẽ que vos torneis embora que he jaa tarde ⁊ aſſi o deſpedio. E o biſpo corrido ⁊ com ſeu ſanto (*sic*) já em Euora ⁊ o fũdamento deſſeito ſe tornou a viana onde chegou aas duas oras ꝺpois ꝺ mea noite bẽ ẽfadado ⁊ cãſado. E porem dahi a poucos dias o mandou el rey vir pera a cidade ſem requerimento algum" (*ob. cit.* cap. clxxxv).

Quando teve logar o casamento do Principe D. Affonso com a Infanta D. Izabel, filha dos Reis Catholicos, o Bispo de Evora foi uma das pessoas escolhidas por D. João II para acompanharem D. Manuel, Duque de Beja, que em nome do real noivo foi receber a Princeza "no eſtremo dos reynos." Seguindo a chronica de Resende, vemos por diversas vezes D. Affonso nas festas deslumbrantes realizadas em Evora para celebrar esse faustivo acontecimento (ver *ob. cit.* fl. lxxi *e seg.*).

Em 1500, foi tambem um dos personagens importantes que receberam na fronteira a Infanta D. Maria, segunda mulher de D. Manuel, e a acompanháram até Alcacer do Sal, onde o Monarcha a esperava. N'esse dia, 30 de Outubro, o Bispo de Evora recebeu El-Rei e a Rainha "na fórma do Ceremonial Romano" (ver Damião de Goes, *Chronica delRey dom Emanvel*, Parte 1, cap. xlvi; Sousa, *loc. cit.*).

D. Affonso de Portugal era um homem de talento, e um verdadeiro erudito; segundo Sousa (*loc. cit.*) conseguiu "o nome de Sabio entre os do ſeu tempo." Já vimos (*Livros Antigos Portuguezes*, vol. 1, pp. 84–86) que o Bispo de Evora se occupava de astronomia, e que Affonso de

went on talking to him "with much pleasure" on the road; but some sumpter-mules passed by, and the King, recognising Dom Affonso's coat of arms, guessed "the Bishop's plan, and pretended to notice nothing," though he realised that he "wanted to enter Evora by dissimulation, without asking his permission." The King continued his conversation with the Bishop until, long after dark, they drew near the city walls:

"and there the King said to him, 'Bishop, it would be well for you to turn back, for it grows late,' and so he dismissed him. And the Bishop abashed, and with his baggage already in Evora, returned to Vianna, which he reached two hours after midnight, thoroughly tired and out of humour. However, a few days later the King ordered him to come back into the city without any request whatever" (*op. cit.* chap. clxxxv).

At the marriage of Prince Affonso with the Infanta Dona Izabel, the daughter of Ferdinand and Isabella, the Bishop of Evora was one of the persons chosen by Dom João II to accompany Dom Manuel, Duke of Beja, when he went to "the boundary of the kingdom" to receive the Princess in the name of her royal bridegroom. Resende several times mentions Dom Affonso as a participant in the brilliant festivities in Evora to celebrate this event (see *op. cit.* fl. lxxi *et seq.*).

He was also one of those who received the Infanta Dona Maria, King Manuel's second wife, at the frontier, in 1500, and accompanied her to Alcacer do Sal, where the King was awaiting her. On that day, October 30th, the Bishop of Evora received them "in accordance with the Roman ceremonial" (see Damião de Goes, *Chronica delRey dom Emanvel*, Part 1, chap. xlvi; Sousa, *loc. cit.*).

Dom Affonso of Portugal was a man of talent and a real scholar; according to Sousa (*loc. cit.*) he earned "the name of the Learned among those of his time." We have already seen (*Early Portuguese Books*, vol. 1, pp. 84–86) that the Bishop of Evora was interested in astronomy, and that

Tractat᷒ perutilis de indul
gentijs a reuerendissimo
domino Alfonso ebo
rensi ep̄o editus.

139 Titulo do *Tractat᷒ perutilis de indulgentijs* de D. Affonso de Portugal
Title of the *Tractat᷒ perutilis de indulgentijs* of D. Affonso de Portugal

Reuerendissimi domini Al-
fonsi eborēsis episcopi de
nūmismate tractatus.

140 Titulo do *De nūmismate tractatus* de D. Affonso de Portugal
Title of the *De nūmismate tractatus* of D. Affonso de Portugal

¶ Ad illustrissimū Emanuelē lusitanorū
regē tractatus de nūmismate p reuerēdū
dn̄m Alfonsum episcopū eborensem edi
tus foeliciter incipit.

s I magis tacere quā fari debuerim excellētissime priceps cū
clare cōspicio ingenij vires impares esse: ac omni ex parte
deficere. Quis enim tanto ingenio prestaret: tanta omnium
scientiarū vbertate polleret qui se sibi de aliquo genere sci
bilis digne scribere polliceretur vt vestra celsitudo postu-
lat: que pre cunctis regibus et principibus intellectu ac omniū bonarum
artium doctrina fulget: nisi de eadem confisus sibi accidisse arbitretur qd
samaritano: qui prolatis in curationem semiuiui duobus denarijs supero
ganti cuncta reddere professus est. Hanc ergo eiusdem celsitudinis obser
uantissimus in sua clementia fiduciam statuens breue opus de nūmisma
te (vestre celsitudini dicatum) sum aggressurus: quam primam vehemē-
ter oro obsequendi magis animum tueatur quam infacundiam dicendo
culpa iudicet. Hoc enim singularis beniuolentia inseruiendiqz volun-
tas habet vt homines se totos suaqz opera ei tradant a quo cūta sua bo
na arbitrantur profectura. Qua propter serenissime princeps vestra sin-
gulari humanitate: incredibili ac prope inaudita mansuetudine: sūma be
nignitate et sapientia inducor vt sperem me veniam impetraturū: si q̄ mi
nus bene: minus ornate quā vr̄e celsitudinis dignitas poscit: explicabū-
tur. qd si fecerit animum ad maiora cudenda excitabit.

141 Dedicatoria a El-Rei D. Manuel do *De nūmismate tractatus* de D. Affonso de Portugal
Dedication to King Manuel from the *De nūmismate tractatus* of D. Affonso de Portugal

Cordova lhe dedicou a sua nova regra para o calculo facil do logar de Venus pelas tabuas de Abraham Zacuto, que foi publicada na edição de Veneza de 1502 do *Almanach perpetuum.* Foi tambem um lettrado, e escreveu dois tratados, cujos titulos Barbosa (*loc. cit.*) reproduziu, dizendo que fôram estampados, sem anno de impressão, "Ulyſipone apud Monaſterium Sanctí Vincentii." Anselmo e Proença (*ob. cit.* nº 548) transcrevem a noticia de Barbosa, accrescentando que elle é o unico auctor que falla d'esta obra, que deve ter sido impressa por João Fernandes. A officina dos Conegos de Santa Cruz de Coimbra—de que nos occupámos diversas vezes—foi transferida, em 1577, para o mosteiro de S. Vicente de Fóra de Lisboa, onde, por conta dos religiosos do mosteiro, João Fernandes imprimiu em 1578 e 1579 algumas obras, em caractéres redondos e italicos (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nºs 544–548). Mas os dois tratados do Bispo de Evora já tinham sido impressos muito antes d'isso. Possuimos uma edição das obras de D. Affonso de Portugal (adquirida depois da publicação do nosso primeiro volume) em antiquados caractéres gothicos, sem typographia, logar ou data. É possivel que tenha sido estampada em Sevilha; se foi impressa em Portugal, o que não nos parece muito provavel, o seu "imprimidor" só póde ter sido Jacob Cronberger, que esteve em Portugal em 1508 chamado por El-Rei D. Manuel, mas que não executou, que se saiba, nenhum trabalho durante essa visita (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 395–398). O que não deve haver duvida é que a edição que possuimos foi impressa no principio do seculo XVI. Reproduzimos aqui em fac-simile os titulos dos dois tratados, dos quaes o segundo foi dedicado a El-Rei D. Manuel (ver p. 531).

D. Affonso quiz ser nomeado Cardeal em 1502, e para conseguir esse fim empregou todos os esforços; mas o nosso velho amigo o Cardeal D. Jorge da Costa (tinha então 96 annos) não esteve pelos ajustes, achando que bastava um Cardeal

Affonso de Cordova dedicated to him his new rule for the easy calculation of the position of Venus from the tables of Abraham Zacuto, which was published in 1502 in the Venice edition of the *Almanach perpetuum.* Dom Affonso also published two treatises, which are mentioned by Barbosa (*loc. cit.*), who says they were printed with no date "Ulyſipone apud Monaſterium Sanctí Vincentii." Anselmo and Proença (*op. cit.* no. 548) transcribe Barbosa's notice, adding that he is the only author to speak of this work, which must have been printed by João Fernandes. The press of the Canons of Santa Cruz of Coimbra—to which we have several times made reference—was transferred in 1577 to the monastery of St Vincent outside Lisbon, where various works, in Roman type and italics, were printed by João Fernandes on behalf of the monks, in 1578 and 1579 (see Anselmo and Proença, *op. cit.* nos. 544–548). But the Bishop of Evora's two treatises had already been printed long before this. We possess an edition of the works of Dom Affonso of Portugal (acquired after the publication of our first volume), in ancient Gothic letter and without date, place or printer. It may possibly have been printed in Seville; but if it were printed in Portugal, which does not seem to us very likely, its printer can only have been Jacob Cronberger, who was summoned thither in 1508 by Dom Manuel, but who is not known to have done any typographical work during that visit (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 395–398). The one thing certain is that the edition in our Library was printed at the beginning of the XVIth century. We give facsimile reproductions of the titles of the two treatises, the second of which was dedicated to King Manuel (see p. 531).

Dom Affonso greatly wished to be made a Cardinal in 1502, and did all he could to obtain a nomination; but our old friend Cardinal Dom Jorge da Costa (then 96 years old) made every possible difficulty, and said he considered one Portuguese Cardinal was enough. In a letter to

Portuguez. N'uma carta dirigida de Roma a El-Rei, a 2 de Junho de 1502, Diogo da Gama escreve que o Cardeal da Costa "se ri do requerer do capelo" do Bispo de Evora, dizendo "que em sua vida nam ha de ser" (ver *Corpo Diplomatico*, t. I, p. 35). E não foi, nem durante nem depois.

Decorridos alguns annos, parece que a vida do Prelado Eborense passou a ser pouco exemplar.

"Em 1517, sabendo Leão X que o bispo de Évora, D. Affonso, esquecido do temor de Deus e da sua própria fama e salvação, embora já com os pés para a cova (*iamque alterum in sepulchro pedem tenens*), se dava a desejos mundanos, com offensa da justiça e da honestidade e com desprezo da religião, de tal modo que não se podia tolerar a continuação de seus vícios, ordenou ao bispo do Funchal e ao ministro do mosteiro da Trindade de Lisboa, que inquirissem da vida e costumes do prelado eborense e o informassem para providenciar. Uma das accusações era que o bispo e o seu vigário frequentemente impunham interdictos em cidades, igrejas e logares, por causas levíssimas e menos justas. Ignoramos qual foi o seguimento da questão" (Fortunato de Almeida, *loc. cit.*; ver no *Corpo Diplomatico*, t. XI, pp. 147–148, o breve do Papa Leão X de 11 de Março de 1517; ver tambem no *Quadro Elementar*, t. X, p. 228, a carta de D. Miguel da Silva a El-Rei).

Tambem ignoramos o seguimento da questão; mas, passados quatro annos, D. Affonso de Portugal assistiu, como Bispo de Evora, á morte de D. Manuel: o seu nome é o primeiro citado por Goes das pessoas que estiveram presentes ao fallecimento do Venturoso (ver *ob. cit.* Parte IV, cap. lxxxiii). É por consequencia licito de suppôr que—se todos os peccados e vicios de que foi accusado eram verdadeiros—se tivesse arrependido e que fôsse absolvido. Foi sem duvida um grande personagem e uma figura muito interessante; se teve defeitos, ou commetteu erros, prestou tambem importantes serviços. Falleceu a 22 de Abril de 1522.

the King from Rome, dated June 2nd, 1502, Diogo da Gama writes that Cardinal da Costa "laughs at the request for a cardinal's hat" from the Bishop of Evora, saying "that it shall not be in his lifetime" (see *Corpo Diplomatico*, vol. I, p. 35). And Dom Affonso did not get his wish either then or afterwards.

It appears that with the passing of the years, the Bishop of Evora's life fell far below the standards of the Church.

"In 1517, learning that the Bishop of Evora, Dom Affonso, forgetful of the fear of God and of his own reputation and salvation, although he already had one foot in the grave (*iamque alterum in sepulchro pedem tenens*), was giving himself up to worldly pleasures, with offence to justice and honesty and with disregard of religion, in such a way that the continuance of his vices could not be tolerated, Leo X ordered the Bishop of Funchal and the minister of the monastery of the Trinity in Lisbon to enquire into the life and practices of the prelate of Evora, and to inform him so that he might take measures. One of the accusations was that the bishop and his vicar often interdicted cities, churches and other places for the slightest and most unjust reasons. We do not know what was the sequel to the enquiry" (Fortunato de Almeida, *loc. cit.*; see Pope Leo X's brief of March 11th, 1517, in the *Corpo Diplomatico*, vol. XI, pp. 147–148; also see Dom Miguel da Silva's letter to the King in the *Quadro Elementar*, vol. X, p. 228).

Nor do we know how the matter ended; but four years later Dom Affonso of Portugal, as Bishop of Evora, was present at the death of King Manuel, his name being the first mentioned by Goes of those who were at the King's deathbed (see *op. cit.* Part IV, chap. lxxxiii). It is, therefore, permissible to suppose that—if he were actually guilty of all the sins and vices of which he was accused—he had repented and been absolved. He was certainly a great personality and a most interesting figure; if he had faults and made mistakes, he also rendered important services. He died on April 22nd, 1522.

Foram acabadas de imprimir estas Constituições em a cidade Deuora per mandado do muito alto & muito excelente Principe & senhor o senhor Cardeal Inffante de Portugal. em casa de Andree de Burgos Impressor & Caualleiro de sua casa. Aos dez dias do mes de Dezembro de mil & quinhentos & cincuenta & oito annos.

142 Colophon das *Constituições do Bispado de Euora*
Colophon of the *Constituições do Bispado de Euora*
Evora, 1558

Como vimos (*Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, p. 534), em 1523, o Papa Adriano VI nomeou o Cardeal Infante D. Affonso para a Sé de Evora; como o Cardeal Infante tinha apenas quatorze annos, a diocese foi administrada por diversos auxiliares até elle attingir a edade de vinte annos. Depois, como escreveu Fr. Luiz de Sousa, fez "exactissimamente o officio de Prelado," apezar de ser tão moço. Em 1534 convocou o synodo, que se celebrou "nesta igreja Deuora" a 27 de Maio, no qual as suas *Constituições*, impressas no mesmo anno por Germão Galharde, fôram approvadas.

Em 1558, o Cardeal Infante D. Henrique, Arcebispo de Evora, mandou que ellas fôssem novamente estampadas na propria cidade por André de Burgos, "Caualleiro de sua casa."

Tentámos n'estas notas descrever alguns dos factos mais importantes da historia da diocese de Evora, e ao mesmo tempo mencionar alguns dos Prelados cujos nomes se encontram ligados á antiquissima *Ebora*, cidade tão Portugueza, e capital do nosso querido Alemtejo. Esta rarissima edição das *Constituições do Bispado de Euora* evoca especialmente os nomes de dois Prelados Eborenses, ambos Cardeaes e Infantes de Portugal, e que ambos prestáram grandes serviços a Evora e á sua Egreja. É mais uma reliquia do passado glorioso, e folheando o velho livro, pensamos nos tempos em que estes dois Principes da Egreja e do Reino viviam em Evora, rodeados dos homens mais illustres nas lettras e nas sciencias, Ayres Barbosa, Clenardo, Pedro Nunes, Jorge Coelho, André de Resende e tantos outros, que fôram seus mestres e seus amigos.

As we have seen (*Early Portuguese Books*, vol. I, p. 534), in 1523, Pope Adrian VI appointed the Cardinal Infante Dom Affonso to the See of Evora; as the Cardinal Infante was barely fourteen years old, the diocese was administered by various substitutes until he reached the age of twenty. Afterwards, as Frei Luiz de Sousa said, he carried out "the office of Prelate with the greatest exactitude," in spite of his extreme youth. In 1534 he convoked the synod held "in this church of Evora" on May 27th, when the Constitutions, printed by Germão Galharde the same year, were approved.

In 1558 the Cardinal Infante Dom Henrique, Archbishop of Evora, had these Constitutions reprinted by André de Burgos, "Knight of his household."

We have tried in these notes to describe some of the most important events in the history of the diocese of Evora, and at the same time to mention some of the Prelates whose names are linked with that of the ancient *Ebora*, so Portuguese a city, the capital of our beloved Alemtejo. This very rare edition of the *Constituicões do Bispado de Euora* evokes the names of two Bishops in particular, both Cardinals and Infantes of Portugal, both of whom rendered great services to Evora and her church. It is yet another relic of the glorious past, and, turning the pages of this old book, we think of the times when these two Princes of the Church and State lived in Evora, surrounded by the most famous men of science and of letters, such as Ayres Barbosa, Cleynarts, Pedro Nunes, Jorge Coelho and André de Resende, who were their masters and their friends.

HYSTORIA
DE MENINA E
MOCA, POR BERNALDIM
RIBEYRO AGORA DE NO-
uo estampada, e cõ summa deli-
gencia emendada.

E assi algũas Eglogas suas com ho mais
que na pagina seguinte se vera

Vendese a presente obra em Lixboa, em
casa de Francisco Grafeo, acaboule
de imprimir a 20. de Março,
de 1559. annos.

143 Folha do rosto da *Hystoria de Menina e Moca* de Bernardim Ribeiro
Title-page of the *Hystoria de Menina e Moca* of Bernardim Ribeiro
Colonia, 1559

93 BERNARDIM RIBEIRO, HYSTORIA DE MENINA E MOCA.
Colonia, Arnold Birckman, 1559.

HYSTORIA | DE MENINA E | MOCA [*sic*], POR BERNALDIM | RIBEYRO AGORA DE NO- | uo eſtampada, e cõ ſumma deli- | gencia emen- dada. | E aſſi algũas Eglogas ſuas com ho mais | que na pagina ſeguinte ſe vera
Divisa da gallinha gorda; por baixo o nome do impressor: ARNOLD BIRCKMAN[1].
| Vendeſe a preſente obra em Lixboa, em | caſa de Franciſco Grafeo, acabouſe | de imprimir a 20. de Março, | de 1559. annos.

[fl. 1 vo.] Ho que no preſente volume ſe | contem he ho ſeguinte [...]

fl. ij. MENINA E MOCA | feita por Bernaldim Ribeiro. [...]
Começa a obra[2].

fl. lxxx. [...] LAVS DEO.

fl. lxxx vo. EGLOGA PRIMEIRA INTER- | locutores Perſio & Fauno [...]

fl. lxxxvj vo. [...] FIM DA PRIMEIRA | Egloga De Bernaldim | Ribeiro

fl. lxxxvij. EGLOGA SEGVNDA IN- | terlocutores Iano e Franco [...]

fl. xcvj vo. [...] EGLOGA TERCEI- | ra. Interlocutores | Silueſtre e Amador [...]

fl. cvj vo. [...] FIM DA TERCEIRA | Egloga de Bernaldim | Ribeiro | EGLOGA QVARTA | chamada Iano [...]

fl. cxiij. [...] FIM DA QVARTA | Egloga de Bernaldim | Ribeiro.

fl. cxiij vo. EGLOGA QVINTA | a qual dizem ſer do meſmo Autor. | Inter- locutores | Ribeiro e Agreſtes [...]

fl. cxxx [aliás cxxvj]. [...] FIM DA QVINTA | Egloga de Bernaldim Ribeiro. | SEXTINA DE BER- | naldim Ribeiro. [...]

fl. cxxxj [aliás cxxvij]. [...] Finis. | CANTIGVAS COM | ſuas voltas que dizem ſer do | meſmo Autor. [...]

fl. cxxxij [aliás cxxviij]. [...] Finis.

fl. cxxxij [aliás cxxviij] vo. EGLOGA DE CRIS | touam Falcam chama- | da Criſfal. [...]

fl. cl [aliás cxlvj] vo. [...] Finis.

[1] *The device of the fat hen; below is the printer's name.*
[2] *Beginning of the work.*

fl. cxlj [aliás cxlvij]. CARTA DO MESMO ESTAN- | do preſo q̃ mandou a hũa ſenhora cõ que era | caſado a furto cõtra vontade de ſeus parẽtes | della, os quaes a queriã caſar com outrem, ſo | bre que fez (ſegundo pareſçe) a paſ- | ſada Egloga. [...]

fl. cliij [aliás cxlix]. [...] Finis.

Seguem-se umas cantigas[1].

fl. clxxj [aliás clxvij]. [...] Finis.

fl. clxxj [aliás clxvij] vo.

Divisa do impressor, egual á da folha do rosto[2].

8º—[1], ij–clxxj [aliás clxvij] folhas—28 linhas —numeração das folhas errada.

Numeração dos cadernos: A–V, 8 folhas cada caderno; mais 7 folhas, que faltam neste exemplar; total de 167 folhas.

Encadernação de vitella.

8vo.—[1], ij–clxxj [alias clxvij] leaves—28 lines —some leaves wrongly numbered.

Collation by signatures: A–V, each 8 leaves; 7 more leaves, missing in this copy; total 167 leaves.

Calf binding.

A celebre novella *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro foi, que se saiba, impressa pela primeira vez em Ferrara (por Abrahão Usque) em 1554, com o seguinte titulo: *Hystoria de Menina e Moca* (*sic*), *por Bernaldim Ribeyro agora de novo estampada e con svmma deligencia emendada. E aſsi algũas Eglogas ſuas com ho mais que na pagina ſeguinte ſe vera* (ver *Bernardim Ribeiro e Cristovão Falcão—Obras—Nova edição conforme a edição de Ferrara, preparada e revista por Anselmo Braamcamp Freire e prefaciada por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos*, vol. II; Brunet, *Manuel du Libraire*, t. IV, col. 1273). O unico exemplar, conhecido com certeza, de esta preciosa edição *princeps* encontra-se no Museu Britannico (ver H. Thomas, *Short-title Catalogues of Portuguese Books*, p. 24); comtudo, D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos refere-se a um outro nos Estados Unidos da America (ver *Nótulas relativas á "Menina e Moça" na edição de Colónia* (1559), pp. 5–6).

O livro sahido dos prelos do notavel Judeu Portuguez contem os 31 capitulos da primeira

Bernardim Ribeiro's famous *Menina e Moça* was printed for the first time, as far as is known, in Ferrara (by Abraham Usque) in 1554, with the following title: *Hystoria de Menina e Moca* (*sic*), *por Bernaldim Ribeyro agora de novo estampada e con svmma deligencia emendada. E aſsi algũas Eglogas ſuas com ho mais que na pagina ſeguinte ſe vera* (see *Bernardim Ribeiro e Cristovão Falcão—Obras—Nova edição conforme a edição de Ferrara, preparada e revista por Anselmo Braamcamp Freire e prefaciada por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos*, vol. II; Brunet, *Manuel du Libraire*, vol. IV, col. 1273). The only copy of this edition known for certain to exist is in the British Museum (see H. Thomas, *Short-title Catalogues of Portuguese Books*, p. 24); but Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos refers to another in the United States of America (see *Nótulas relativas á "Menina e Moça" na edição de Colónia* (1559), pp. 5–6).

The book contains the 31 chapters of the first part of Bernardim Ribeiro's novel and the first 17

[1] *There follow some songs.*

[2] *Printer's mark, like the one on the title-page.*

parte da novella de Bernardim Ribeiro e os primeiros 17 da segunda, as suas cinco *Eglogas*, a *Sextina*, e as duas *Cantigas* "que dizem ſer do meſmo Autor." Alem d'estas obras, contem tambem a famosa *Egloga de Cristouam Falcam chamada Crisfal*, a *Carta de Crisfal*, e, finalmente, o "problematico e discutido" *Cancioneirito*, com cincoenta composições menores de varios auctores, entre as quaes figuram algumas de Bernardim Ribeiro.

Em 1557, André de Burgos, "caualeiro & impreſſor da caſa do Cardeal iffante noſſo ſeñor," estampou uma segunda edição, que sahiu em Janeiro de 1558 com o seguinte titulo: *Primeira & ſegũda parte do liuro chamado as ſaudades de Bernardim Ribeiro, com todas ſuas obras. Treladado de ſeu proprio original. Nouamente impreſſo.* 1557 (ver Anselmo e Proença, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 390; ver tambem Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, t. I, p. 519; Ribeiro dos Santos, *Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 93; Innocencio, *Diccionario*, vol. I, p. 357; Mattos, *Manual Bibliographico Portuguez*, p. 488; Sousa Viterbo, *O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 23; Salvá, *Catálogo*, nº 1963). Apezar de diversos auctores (especialmente Salvá, *loc. cit.*) citarem um exemplar da edição de Evora no Museu Britannico, elle não existe entre os livros Portuguezes que se encontram n'essa riquissima Bibliotheca. Por consequencia, julgamos que o exemplar da Bibliotheca Nacional de Lisboa é, com certeza, o unico conhecido.

Alem da mudança do titulo, a edição do impressor do Cardeal Infante D. Henrique tem duas particularidades especialmente notaveis: (1º) contem a *Hystoria de Menina e Moca*—ou o *Liuro chamado as ſaudades*—inteira, quer dizer mais 41 capitulos—continuação apocrypha ou verdadeira da novella—que não se encontram na edição de Ferrara: (2º) apezar de se declarar formalmente que a edição de Evora contem todas as obras de Bernardim Ribeiro, a egloga *Crisfal* e

of the second part, as well as his five *Eglogas*, the *Sextina* and the two *Cantigas* "which are said to be by the same Author." In addition it includes the *Egloga de Cristouam Falcam chamada Crisfal*, the *Carta de Crisfal*, and, finally, the "problematic and much-discussed" *Cancioneirito*, with its fifty minor compositions by various authors, including several by Bernardim Ribeiro himself.

In 1557, André de Burgos, "knight and printer of the household of the Cardinal Infante our lord," printed a second edition which was issued in January of the following year under the title: *Primeira & ſegũda parte do liuro chamado as ſaudades de Bernardim Ribeiro, com todas ſuas obras. Treladado de ſeu proprio original. Nouamente impreſſo.* 1557 (see Anselmo and Proença, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 390; also Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, vol. I, p. 519; Ribeiro dos Santos, *Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 93; Innocencio, *Diccionario*, vol. I, p. 357; Mattos, *Manual Bibliographico Portuguez*, p. 488; Sousa Viterbo, *O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 23; Salvá, *Catálogo*, no. 1963). There is no copy of the Evora edition in the British Museum although various authors (notably Salvá, *loc. cit.*) state that there is one there; so we presume the copy in the Lisbon National Library to be the only one known.

Apart from the change of title, the second edition is especially notable for two reasons: (1) it contains the whole of the *Hystoria de Menina e Moca* or the *Liuro chamado as ſaudades*, that is 41 more chapters forming an apocryphal or authentic continuation of the novel, chapters which are not in the Ferrara edition; (2) in spite of the formal declaration that it contains all Ribeiro's works, neither the eclogue

a *Carta* do mesmo não fôram incluidas, o que parece demonstrar que em 1557 as obras de Christovão Falcão não eram consideradas da auctoria de Bernardim Ribeiro.

Em 1559 foi impressa a terceira edição da *Menina e Moça* em Colonia, na officina de Arnold Birckman: o titulo, com uma disposição typographica differente, é egual ao de Ferrara. Por baixo da marca do impressor, lê-se: "Vendese a prefente obra em Lixboa, em cafa de Francifco Grafeo, acaboufe de imprimir a 20. de Março, de 1559. annos." É uma reimpressão, reproducção ou repetição do texto de Ferrara, com apenas algumas ligeiras divergencias, sobretudo em passagens do *Crisfal*. Da edição de Colonia—egualmente rarissima—conhecem-se pouquissimos exemplares: um na Bibliotheca de Evora, mas ao qual faltam o frontispicio e as duas ultimas folhas, um no Museu Britannico (ver H. Thomas, *ob. cit.* p. 24), um na Bibliotheca da Hispanic Society of America (ver Clara L. Penney, *List of Books printed before* 1601, p. 210), um no Rio de Janeiro na posse do bibliophilo Joaquim Freire, e, finalmente, o nosso exemplar que está bem conservado, mas ao qual faltam, infelizmente, as ultimas sete folhas. Em Portugal existia um outro exemplar que tinha pertencido a José Gomes Monteiro; mas ignoramos o destino que levou.

Estas edições, que rapidamente descrevemos, são as tres que, conhecidas, fôram estampadas no seculo XVI. São rarissimas, por a *Menina e Moça* ter sido prohibida, pela primeira vez, no *Index* de 1581: dir-se-hia que fôra necessaria a dominação Hespanhola e que Felippe II reinasse em Portugal. Alem do interesse que ellas dispertam por causa do seu texto, teem, egualmente, um especial interesse bibliographico: a primeira sahiu dos prelos de um illustre Judeu Portuguez, Abrahão Usque, em 1554, um anno depois de elle ter estampado a *Consolacam as Tribvlacoens de Israel*, obra famosa composta por Samuel Usque, da qual já nos occupámos detalhadamente n'este volume. Abrahão era certamente tão Portuguez como Samuel—

Crisfal nor the *Carta de Crisfal* is included, which seems to show that in 1557 the works of Christovão Falcão were not considered to have been written by Bernardim Ribeiro.

A third edition of the *Menina e Moça* was printed in Cologne in 1559 by Arnold Birckman; the title, though differently arranged, is the same as that of the Ferrara edition. Beneath the printer's mark it says: "The present work is sold in Lisbon in the house of Francisco Grafeo; the printing of it was finished on March 20th, 1559." It is a reimpression of the Ferrara text with a few slight alterations, chiefly in the *Crisfal*. The following copies of the Cologne edition are known: one (wanting the title-page and the two last leaves) in the Evora Library, one in the British Museum (see H. Thomas, *op. cit.* p. 24), one in the Library of the Hispanic Society of America (see Clara L. Penney, *List of Books printed before* 1601, p. 210), one, belonging to the bibliophile Joaquim Freire, in Rio de Janeiro, and finally our own copy which is well preserved, but unfortunately lacks the last seven leaves. There used to be another copy in Portugal in the possession of José Gomes Monteiro, but we do not know what has now become of it.

As far as can be ascertained, only the three editions we have thus briefly described were printed in the XVIth century. They are very rare, because the *Menina e Moça* was banned in the *Index* of 1581, though not until then: it would appear that Philip II had first to reign in Portugal. All three have a special bibliographical interest: the first came from the press of a notable Portuguese Jew, Abraham Usque, in 1554—the year after he published Samuel Usque's *Consolacam as Tribvlacoens de Israel*, which we have already studied in this volume. Abraham was certainly as Portuguese as Samuel, who twice affirms his

que, por duas vezes, declarou a sua nacionalidade na *Consolacam*—e naturalmente por esse motivo, quiz que a sua edição da *Menina e Moça* ostentasse a Esphera, que já estampára no livro de Samuel. Os Usques eram—como tão frequentemente succedeu aos Judeus Portuguezes—dois eruditos; póde mesmo dizer-se que eram sabios, artistas e verdadeiros lettrados. Tendo vivido em Portugal até cerca de 1545, é possivel que tenham conhecido pessoalmente alguns dos nossos escriptores mais afamados, entre os quaes Bernardim Ribeiro, por quem, sem duvida, tiveram uma profunda admiração. Refugiados em Ferrara, centro hospitaleiro, Abrahão installou alli uma typographia da qual sahiram livros notaveis. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*Bernardim Ribeiro e Cristovão Falcão*, vol. 1—*Introdução*, p. 40) julga—e parece-nos com toda a razão—que Samuel tinha parte, com o seu dinheiro e o seu saber, nas emprezas de Abrahão em Ferrara.

Póde considerar-se certo que a edição *princeps* da *Menina e Moça* foi estampada com o auxilio de Samuel Usque—como é possivel e natural que tenha succedido com a da *Consolacam*. Não ha duvida que os dois illustres Judeus, apezar das "tribulações de Israel," tinham um grande amor a Portugal, e esse amor deve ter gerado saudades: realiza-se perfeitamente o desejo que tiveram de publicar as obras de Bernardim Ribeiro, que, com a sua novella e as suas eglogas, foi o "introductor do suave estilo pastoril e amor profundo da Natureza na literatura portuguesa." Demais, esse amor da natureza—n'um auctor que só escreveu em linguagem n'uma epocha em que tantos dos seus compatriotas escreviam tambem em Hespanhol—significou sempre o amor da sua terra. Nascido no Alemtejo, no Torrão, foi o *torrão* Portuguez que o inspirou. Publicando as obras de Bernardim Ribeiro, os dois Judeus Portuguezes, eruditos e lettrados, e que tambem sentiam as saudades de Portugal, quizeram pagar um tributo de gratidão ao auctor da *Menina*

Portuguese nationality in his famous book; so it was only natural that he should have wished his edition of the *Menina e Moça* to display the Sphere, which he had already printed on the title-page of the *Consolacam*. The Usques—as was so often the case with Portuguese Jews—were both learned men, it may even be said that they were scholars, artists and true men of letters. As they lived in Portugal until about 1545, they may have been personally acquainted with some of our most famous writers, including Bernardim Ribeiro, for whom they must have cherished a deep admiration. In the hospitable town of Ferrara, where they took refuge on leaving Portugal, Abraham set up a printing-press, from which many notable books were issued. Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*Bernardim Ribeiro e Cristovão Falcão*, vol. 1, *Introdução*, p. 40) conjectures—rightly, in our opinion—that Samuel must have helped Abraham at Ferrara with both money and learning.

It may be considered as certain that the first edition of the *Menina e Moça* was printed with the help of Samuel Usque—as may very possibly and naturally have been the case with the *Consolacam*. In spite of the "tribulations of Israel" these two Jews surely had a great love for Portugal and many regrets must have been born of this love: one can perfectly understand their desire to publish the works of Bernardim Ribeiro, who with his novel and his eclogues introduced "the suave pastoral style and a deep love of nature into Portuguese literature." This love of nature—in an author who wrote only in Portuguese at a time when Spanish was so widely used by his compatriots—also signified a love of his country. Born in the Alemtejo, in Torrão, it was the *torrão* (soil) of Portugal which inspired him. In publishing his works, the two learned Portuguese Jews, with their homesick love for Portugal, wished to pay a tribute of gratitude to the author of the *Menina e*

e Moça—o *Livro das Saudades*!—e, ao mesmo tempo, prestar um serviço á litteratura patria. A illustre e saudosa D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos—de quem Gil Vicente teria, certamente, não só dito "de tudo intende" mas "de tudo sabe"—escreve:

"Para que Abraam e Samuel fizessem gemer para ela (a *Menina e Moça*) os seus prelos deve ter havido um motivo particular, bem forte. Motivo de coração e intelecto.... Profunda admiração e reconhecimento dos Usques pelo poeta que introduzira em Portugal o gôsto bucólico de Teócrito e Vergílio e do *Cantar dos Cantares*, o qual ressurgira na Itália, pela *Arcadia* de Sannazzaro, quando, de resto, já se haviam espalhado nas idílicas paisagens do antigo Portugal das *serranilhas*, nacionalizações das Églogas vergilianas (de Juan del Enzina), *Eglogas trovadas* do mesmo, e nos círculos palacianos e universitários, os originais do Mantuano e as imitações latinas de Enrique Caiado (1500), e certamente mais de uma modernização do *Cantico de Salomão*. Admiração e gratidão pelas *Trovas Pastoris* tão portuguesas pela forma (octonários reünidos em *Nonas* ou *Décimas*) como portuguesas pelo espírito e pela ternura amorosa que as caracteriza. Admiração sobretudo pela prosa poética do *Livro das Tristezas, Mudanças e Saudades*, nova na praia ocidental, mas igualmente tão expressiva da alma nacional que os primeiros Capítulos equivalem a uma Elegia soluçada, que mesmo traduzida em línguas germânicas produz o efeito de desolada melancolia. O gôsto pastoril em si, o amor da Natureza e de emoções simples, inerente nêle, o expediente de idealizar figuras reaes, mesmo os seus nomes-próprios por meio de troca-de-lugar das letras; o sabor do dialogar rústico, e a singular mescla de traços realistas de vida positiva e de sentimentos sublimados... tudo impressionara Samuel Usque e inspirou-lhe (salvo êrro) a idea de dar à sua obra a forma de *Dialogos pastoris*, em que *Ycabo* (anagrama de *Yacob*, representante do Povo Eleito) lamenta as desgraças dêsse povo, e *Numeo* (*Nebum*, *Nahum*) e *Zicareo* (*Zacarias*) o consolam como

Moça—the *Livro de Saudades*!—and at the same time to render service to their country's literature. Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos—of whom Gil Vicente would surely have said, not only "she understands everything," but "she knows everything"—writes:

"For Abraham and Samuel to have made their printing-press groan for it (the *Menina e Moça*) there must have been a strong and particular reason.... The profound admiration and gratitude of the Usques to the poet who had introduced into Portugal the bucolic style of Theocritus and Virgil and of the *Song of Songs*, a style which had been revived in Italy by Sannazaro's *Arcadia*, though, for that matter, translations of the Eclogues of Virgil (by Juan del Enzina) and *Eglogas trovadas* by the same author, had long been scattered about the idyllic countryside of the ancient Portugal of the *serranilhas*, while the original works of the Mantuan poet, with the Latin imitations of Enrique Caiado (1500) and certainly more than one modernisation of the *Song of Solomon*, had been circulated among the frequenters of the court and the universities. Admiration and gratitude for the *Trovas Pastoris*, as Portuguese in form (octosyllabic verse in stanzas of nine or ten lines) as they are Portuguese in the spirit and the amorous tenderness which characterise them. Admiration above all for the poetical prose of the *Book of Sorrow, Change and Regret*, a form new to the western shores, yet so expressive of the national soul, that the first chapters are like a tearful elegy, which even when translated into German tongues produces an effect of desolate sadness. The pastoral style in itself, with the love of nature and of simple emotions inherent in it, the expedient of idealising real figures, and even their names, by means of a transposition of letters; the savour of the rustic dialogue, and the singular mingling of realistic touches of positive life and of sublimated sentiments... all impressed Samuel Usque and inspired him (if I am not mistaken) with the idea of writing his book in the form of *pastoral Dialogues*, in which *Ycabo* (an anagram of *Yacob*, the representative of the Chosen People) bewails the misfortunes of that people, and *Numeo* (*Nebum*,

profetas. Claro que não é o estilo vigoroso das acusações e lamentações, nem o histórico das partes narrativas, que mostra dependência de Bernardim Ribeiro. É a descrição do ambiente pastoril, no primeiro dos três Diálogos. O que lá se diz dos pastores da feliz terra de Canaan (p. 3*v*.–5*v*.), viçosos rebanhos de cabras e ovelhas, freixos sombrios, águas correntes, frautas e outros instrumentos vilanescos; namoradas pastoras; choupanas e choças; rans e grilos; lutas de pastores, capelas verdes para os vencedores, sempre que o li e leio, lembrou-me o idílico cantar *I-vos, minhas cabras, i-vos* da Égloga *Jano*, e a Introdução da Novela, em que fala a *Menina e Moça*."

Nahum) and *Zicareo* (*Zacarias*) console him as prophets. It is clearly not the vigorous style of the accusations and lamentations, nor the historic style of the narrative parts, which shows dependence upon Bernardim Ribeiro. It is the description of the pastoral surroundings in the first of the three dialogues. All that is said there of the shepherds in the happy land of Canaan (fl. 3 vo.–5 vo.), the vigorous flocks of goats and sheep, the shady ash groves, running water, flutes and other rural instruments; enamoured shepherdesses; huts and cottages; frogs and crickets; shepherds' wrestling matches, with green hoods for the victors, always reminds me whenever I read it of the idyllic song *I-vos, minhas cabras, i-vos* in the eclogue *Jano* and of the introduction of the novel where the *Menina e Moça* speaks."

A grande Professora diz mais que os Usques devem ter conhecido em Lisboa, inedita e antes de 1545, a obra principal de Bernardim; e accrescenta:

"Lá mesmo adquiririam por compra, caso não o recebessem como brinde, um dos traslados que, segundo a moda bizarra desta nação fidalga, circulavam entre os entendidos da côrte. Que o levassem consigo, com outros muitos papéis e livros seus e alheios, na redacção que puderam alcançar e talvez então fôsse única, incompleta e imperfeita, não preparada para o prelo, quer para o seu regozijo pessoal, quer já com a mira numa publicação futura, parece-me muito mais plausível do que a conjectura de só em Ferrara se haverem familiarizado com o estilo pastoril. De Lisboa levariam também a convicção que, cheios de referências a amores no paço, os escritos todos de Bernardim Ribeiro (e talvez também a *Egloga Crisfal* com a *Carta*) deveriam ficar secretos emquanto vivesse o desventurado demente. E só depois de ter notícia do seu falecimento, se decidiram a tornar públicos os *inéditos* que possuíam e veneravam, certos de que com isso prestavam um serviço à língua e à literatura da pátria, a que

Dona Carolina adds that the Usques must have known of some manuscript copy of Bernardim Ribeiro's chief work, in Lisbon before 1545, saying:

"In that city itself they must have bought, if they did not receive it as a present, one of the transcriptions which, in accordance with the generous custom of this noble nation, were circulating among the intellectual at court. Against the conjecture that it was only in Ferrara that they became familiar with the pastoral style, it seems to me much more plausible to believe that they took the work with them—in company with many other papers and books by other writers besides themselves—in whatever form they were able to find it, though perhaps there was only one form at that time, incomplete and imperfect, unprepared for press, and that they took it either for their personal enjoyment, or with the idea of a future publication already in view. From Lisbon too they must have carried away the conviction that, filled as they were with references to love affairs at court, all Bernardim Ribeiro's writings (and perhaps too the *Egloga Crisfal* with the *Carta*) would have to be kept private as long as the unfortunate madman was alive. And only after they learned of his death did they decide to print the unpublished works they possessed and honoured, certain that in so doing they would be rendering service to the language and literature

tiveram de virar costas, mas que entranhadamente amavam" (*ob. cit.* pp. 43–47; ver tambem pp. 91–105).

Fôsse como fôsse, e mesmo tirada de um apographo imperfeito, devemos aos Usques a primeira edição da *Menina e Moça*. Essa edição—como a reimpressão estampada por Birckman—tem um distinctivo especial, constituido pela inclusão das obras "do segundo Bucolista e primeiro imitador português de Bernardim Ribeiro—o Garcilaso português"—que se seguem ás poesias do Dr Bernaldim.

"Na resolução dos Usques de reünirem num volume as rimas de dois poetas congeniais—Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão"—

escreve D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos,

"bem pode ter influído, consciente ou inconscientemente, o exemplo dado pela viúva de Boscan. D. Ana de Rebolledo, tendo em seu poder não só os manuscritos do espôso mas também os que Garcilaso a êle confiara—com encargo de os corrigir—antes de embarcar com Carlos V para a África em 1535, publicou-os conjuntamente: combinação que se sustentou nas vinte edições e uma que saíram no século XVI."

E tendo em mente a questão, que foi tão discutida, da auctoria do *Crisfal*, accrescenta:

"Tirar da reünião das obras de Bernardim Ribeiro e Cristovam Falcão um argumento para atribuir ao autor da *Menina e Moça* também as *Trovas de Crisfal* é tão impossível como atribuir os versos de Garcilaso a Boscan" (*ob. cit.* p. 147).

Occupámos-nos detalhadamente da edição de Ferrara, não só por ser a edição *princeps* da *Menina e Moça*, e ter sido estampada por Portuguezes no estrangeiro, mas porque a edição de Colonia, que possuimos, é uma reproducção da que sahiu da typographia dos Usques. Em 1557, como dissemos, foi impressa, por André de Burgos em Evora, a segunda edição, sem de-

of the country upon which they had been forced to turn their backs, but which they loved with all their hearts" (*op. cit.* pp. 43–47; see also pp. 91–105).

But whatever their reasons, and however imperfect the copy from which they had to work, it is to the Usques that we owe the first edition of the *Menina e Moça*. In this edition—as in Birckman's re-impression—Bernardim Ribeiro's works are followed by those "of the second bucolic poet and first Portuguese imitator of Bernardim Ribeiro—the Portuguese Garcilaso."

"The example of Boscan's widow may well, either consciously or unconsciously, have influenced the Usques in their decision to collect the verses of two congenial poets—Bernardim Ribeiro and Christovam Falcão—in one volume,"

writes Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

"Having in her hands, not only her husband's manuscripts, but also those confided to him—with the request that he should correct them—by Garcilaso, before he embarked for Africa with Charles V in 1535, Dona Ana de Rebolledo published them all together: a combination which was maintained in all the twenty-one editions issued in the XVIth century."

And having in mind the much disputed question of the authorship of the *Crisfal*, she adds:

"To use the reunion in one volume of the works of Bernardim Ribeiro and Christovão Falcão as an argument to prove that the author of the *Menina e Moça* also wrote the *Trovas de Crisfal*, is as absurd as to attribute Garcilaso's poems to Boscan" (*op. cit.* p. 147).

We have made a detailed study of the Ferrara edition, not only because it is the first edition of the *Menina e Moça*, and was printed abroad by Portuguese, but because the Cologne edition, of which we possess a copy, is a reproduction of that from the Usque press. In 1557, as we have said, André de Burgos printed the second edition, which was entirely independent

pendencia da primeira. A sua descripção e o seu estudo fôram feitos por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*ob. cit.* pp. 77–90) e tambem pelo Dr Manuel da Silva Gaio (*O Bucolismo—Bernardim Ribeiro—Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada*, t. II, p. 202). Apezar do seu grande interesse, não podemos escrutinar n'estas notas as differenças—que já mencionámos—entre essa edição e a de Ferrara, e, por consequencia, a de Colonia, que sahiu dos prelos de Arnold Birckman em 1559, e era vendida em Lisboa em casa de Francisco Grafeo, seu representante ou correspondente.

D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*ob. cit.* pp. 47–63) dá-nos muitas noticias, não só ácerca de Birckman e dos serviços que elle prestou aos humanistas Portuguezes e ácerca dos Grafeos de Antuerpia, mas tambem a respeito da "sorte de livros vindos do estrangeiro a Portugal." Um ponto interessa-nos especialmente: a illustre Mestra diz (p. 55), com relação a textos Portuguezes —o que não deve ser confundido com textos de Portuguezes—que a *Consolacam* de Samuel Usque e a *Menina e Moça* com o *Crisfal* são os unicos que tiveram a honra e distincção de serem impressos no estrangeiro no seculo XVI. Já antes (p. 33), referindo-se aos editores estrangeiros que, n'essa epocha, imprimiram textos Portuguezes, declara:

> "Êles são dois: o de Ferrara e o de Colónia, com filial em Antuérpia. Ou apenas um só, êsse último, porque o de Ferrara é *estrangeiro* só *cum grano salis*, como Judeu, de nação portuguesa."

Respeitosamente, permittimos-nos não concordar com as affirmações da saudosa Professora. Alem das *Constituições* do Bispado da Guarda, impressas em Salamanca em 1500 (ver Innocencio, *ob. cit.* vol. II, p. 103 e vol. IX, p. 89; ver tambem *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, vol. IV, nº 16, p. 263), existem, pelo menos, mais dois textos Portuguezes, dos quaes possuimos exemplares, impressos no estrangeiro no seculo XVI, e um d'elles por um terceiro editor. Um é a *Practica d'Arismetica*

of the first, in Evora. This has been described and studied by Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*op. cit.* pp. 77–90) and also by Dr Manuel da Silva Gaio (*O Bucolismo—Bernardim Ribeiro*, in *Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada*, vol. II, p. 202). In spite of their great interest, we cannot examine the differences—to which we have already referred—between this edition and that of Ferrara, and, therefore, that of Cologne, which was published by Arnold Birckman in 1559, and sold in Lisbon in the house of Franciscus Graphæus, his representative or correspondent.

Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*op. cit.* pp. 47–63) gives much interesting information, not only about Birckman and the services he rendered to Portuguese humanists and about the Graphæus of Antwerp, but also about "the kind of books which came from abroad into Portugal." One point interests us particularly, she declares (p. 55) with regard to Portuguese texts—which must not be confused with texts by Portuguese writers—that only Samuel Usque's *Consolacam* and the *Menina e Moça* with the *Crisfal*, had the honour of being printed outside Portugal in the XVIth century. Before this (p. 33) she says with reference to foreign publishers of Portuguese texts at that period:

> "They were two: one in Ferrara and the other in Cologne, with a branch in Antwerp. Or rather only one, the latter, because the Ferrara publisher, being a Jew of Portuguese nationality, was a *foreigner* only *cum grano salis*."

We would respectfully beg to differ from the famous lady scholar, for, in addition to the *Constituições* of the Bishopric of Guarda, printed in Salamanca in 1500 (see Innocencio, *op. cit.* vol. II, p. 103 and vol. IX, p. 89, also *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, vol. IV, no. 16, p. 263), at least two other Portuguese texts, of both of which we possess copies, were printed outside Portugal in the XVIth century, one of them by a third publisher. One is the *Practica d'Arismetica* by

de Gaspar Nicolas (cuja primeira edição foi impressa por Germão Galharde em 1519), estampada em Antuerpia "Em casa dos erederos de Arnoldo Byrkman" em 1573; o outro é o livro *Horas de Nossa Senhora Romaans en Lingoaiem Portugues*, impresso em Paris em 1563 "Em Casa de Ieronymo de Marnef." Alem d'esta edição, Brunet (*ob. cit.* t. v, col. 1667) descreve uma outra estampada em Paris por "mestre Narciscus Brun, elemão" em 1500. Occupar-nos-hemos mais detalhadamente dos dois livros que se encontram na nossa Bibliotheca no decorrer da nossa obra; mas não póde haver duvida que outros textos Portuguezes—alem da *Consolacam* e a *Menina e Moça* com o *Crisfal*—fôram estampados no estrangeiro no seculo XVI, e por outros "imprimidores" que Usque e Birckman.

D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos deu-nos uma descripção completa da edição de Colonia, com reproducções, nas suas *Nótulas relativas á "Menina e Moça" na edição de Colónia* (1559).

Nas nossas simples notas a respeito da tão rara edição que possuimos das obras de Bernardim Ribeiro e de Christovão Falcão, occupámos-nos quasi unicamente das questões bibliographicas que se ligam ás tres impressões que tiveram logar no seculo XVI, e especialmente á de 1554, sahida dos prelos de Abrahão Usque, e á de 1559, que "deriva da de Ferrara," e foi impressa por Arnold Birckman, cuja marca, "de significativo bom-humor flamengo, era uma galinha gorda." Nada diremos sobre Bernardim Ribeiro, a sua vida agitada e triste, a sua paixão desgraçada pela famosa Aonia e todas as lendas que envolveram esses amores tão infelizes, a sua estada na Côrte, a sua viagem a Italia, a sua amizade por Sá de Miranda, a sua loucura, a sua morte em 1552 no Hospital de Todos os Santos, nem sobre as suas obras, o seu valor e encanto, e a influencia que exerceram; egualmente nada diremos sobre Christovão Falcão e a famosa *Egloga chamada Crisfal*, porque tudo esta dito, com uma auctori-

Gaspar Nicolas (the first edition of which was printed by Germão Galharde in 1519), printed in Antwerp "In the house of Arnoldo Byrkman's heirs" in 1573; the other is the book *Horas de Nossa Senhora Romaans en Lingoaiem Portugues*, printed in Paris in 1563 "In the house of Ieronymo de Marnef." Brunet (*op. cit.* vol. v, col. 1667) describes yet another edition printed in Paris by "master Narciscus Brun, German" in 1500. We shall make a more detailed study of the two books which are in our Library in the course of our work; but there is no doubt that, as is shown above, other Portuguese texts besides the *Consolacam* and the *Menina e Moça*, with the *Crisfal*, were printed abroad in the XVIth century, and by other printers than Usque and Birckman.

Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos gives a complete description of the Birckman edition, with reproductions, in her *Nótulas relativas á "Menina e Moça" na edição de Colónia* (1559).

In our notes about our copy of the rare third edition of the works of Bernardim Ribeiro and Christovão Falcão, we have limited ourselves almost entirely to the bibliographical questions connected with the three editions printed in the XVIth century, and especially with the one published by Abraham Usque in 1554, and the one of 1559, which "is derived from that of Ferrara" and was printed by Arnold Birckman, whose device "of significant Flemish good humour, was a fat hen." We shall say nothing of Bernardim Ribeiro, of his sad and troublous life, his unhappy passion for the famous Aonia, which has given rise to so many legends, his life at court, his journey to Italy, his friendship with Sá de Miranda, his madness, and his death in 1552 in the Hospital of All Saints, nor of his works, their charm and literary worth, and the influence they exerted; nor shall we speak of Christovão Falcão and the famous *Egloga chamada Crisfal*, because everything has already been said, with

dade que não possuimos. São tantos os auctores que se teem occupado dos dois grandes bucolistas e das suas obras, que nos é impossivel fazer aqui uma resenha completa d'esses escriptores e dos seus livros; mas quem quizer estudar as vidas de Bernardim Ribeiro e Christovão Falcão, as suas obras e as edições que d'ellas fôram publicadas, deverá, entre outros, consultar os seguintes auctores: Barbosa (*ob. cit.* t. I, pp. 518–519 e 573), Simonde de Sismondi (*De la Littérature du Midi de l'Europe*, t. IV, pp. 281–290), Herculano (*Os amores de Bernardim Ribeiro e a infanta D. Beatriz* in *Panorama*, t. III, pp. 276–278), Varnhagen (*Da Litteratura dos Livros de Cavallarias*, pp. 113–130), Camillo Castello Branco (*Se o poeta Bernardim Ribeiro foi Commendador* in *Noites de Insomnia*, nº 10, pp. 29–36), Theophilo Braga (*Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*, e *Historia da Litteratura Portugueza—II. Renascença*, pp. 103–150), Conde de Sabugosa (*Donas de tempos idos*, pp. 113–114), D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (alem das obras citadas: *Poesias de Francisco de Sâ de Miranda, notas*, pp. 742, 767–771; *Novos Estudos sobre Sá de Miranda*, pp. 53 e 149; *Estudos sobre o Romanceiro Peninsular—Romances velhos em Portugal*, pp. 261–270), A. Braamcamp Freire (*Maria Brandoa, a do Crisfal* in *Archivo Historico Portuguez*, t. VI, pp. 293–442; t. VII, pp. 53–79, 123–133, 196–208, 320–326; t. VIII, pp. 21–33), Sousa Viterbo (*O Dote de D. Beatriz Duqueza de Saboia* in *Archivo Historico Portuguez*, t. VI, p. 128; t. VII, pp. 110, 113; *Amas, amos e collaços de pessoas reaes e personagens illustres* in *Revista de Historia*, t. III, pp. 54–56), Dr Mendes dos Remedios (*História da Literatura Portuguêsa*, pp. 146–151), Dr Fidelino de Figueiredo (*Menéndez y Pelayo e os estudos portugueses* in *Revista de Historia*, t. VIII, pp. 269–271; *Historia da Litteratura Classica*, pp. 154–165), Delfim Guimarães (*Bernardim Ribeiro (O Poeta Crisfal), Subsidios para a historia da literatura portuguesa*), D. José de Pessanha (*Menina e Moça—Prefacio*, pp. xi–lxxix), Dr Manuel da Silva Gaio, *ob. cit.* e

an authority to which we do not pretend. So many authors have studied the two great bucolic poets and their works, that it is impossible for us even to give a complete list of their names, but among those who should be consulted by those who wish to study the lives of Bernardim Ribeiro and Christovão Falcão, their works and the different editions of them, are: Barbosa (*op. cit.* vol. I, pp. 518–519 and 573), Simonde de Sismondi (*De la Littérature du Midi de l'Europe*, vol. IV, pp. 281–290), Herculano (*Os amores de Bernardim Ribeiro e a infanta D. Beatriz*, in *Panorama*, vol. III, pp. 276–278), Varnhagen (*Da Litteratura dos Livros de Cavallarias*, pp. 113–130), Camillo Castello Branco (*Se o poeta Bernardim Ribeiro foi Commendador*, in *Noites de Insomnia*, no. 10, pp. 29–36), Theophilo Braga (*Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*, and *Historia da Litteratura Portugueza—II. Renascença*, pp. 103–150), Conde de Sabugosa (*Donas de tempos idos*, pp. 113–114), Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos (in addition to the works we have quoted: *Poesias de Francisco de Sâ de Miranda, notas*, pp. 742, 767–771; *Novos Estudos sobre Sá de Miranda*, pp. 53 and 149; *Estudos sobre o Romanceiro Peninsular—Romances velhos em Portugal*, pp. 261–270), A. Braamcamp Freire (*Maria Brandoa, a do Crisfal*, in *Archivo Historico Portuguez*, vol. VI, pp. 293–442; vol. VII, pp. 53–79, 123–133, 196–208, 320–326; vol. VIII, pp. 21–33), Sousa Viterbo (*O Dote de D. Beatriz Duqueza de Saboia*, in *Archivo Historico Portuguez*, vol. VI, p. 128; vol. VII, pp. 110, 113; *Amas, amos e collaços de pessoas reaes e personagens illustres*, in *Revista de Historia*, vol. III, pp. 54–56), Dr Mendes dos Remedios (*História da Literatura Portuguêsa*, pp. 146–151), Dr Fidelino de Figueiredo (*Menéndez y Pelayo e os estudos portugueses*, in *Revista de Historia*, vol. VIII, pp. 269–271; *Historia da Litteratura Classica*, pp. 154–165), Delfim Guimarães (*Bernardim Ribeiro (O Poeta Crisfal), Subsidios para a historia da literatura portuguesa*), Dom José de Pessanha (*Menina e Moça—Prefacio*, pp. xi–lxxix), Dr Manuel da Silva Gaio,

I

MENINA E MOCA
feita por Bernaldim Ribeiro.

MEnina & moça me leuaram
de caſa de minha may para
muyto lonje, que cauſa foſ-
ſe entã da quella minha le-
uada, era aynda pequena nã
aſoube. agora naõ lhe põho
outra le nã que parece que jaa entam a via de
ſer o que delpois foy. Viui alli tãto tẽpo quã-
to foy neçeſario para nã poder viuer em ou-
tra parte. muyto contente fuy en aquela ter-
ra mas coytada de mĩ que em breue eſpaço ſe
mudou tudo aquilo que em longuo tempo ſe
buſcou & para longo tempo ſebuſcaua. Grã-
de deſauentura foy a que me fez ſer triſte ou
per auẽtura a que me fez ſer leda. Depoys que
eu vy tantas couſas trocadas por outras, &
o prazer feyto magoa mayor, a tanta triſte-
za cheguey que mays me peſaua do bem que
tiue que do mal que tinha. Eſcolhi para meu
contentamento (ſe em triſtezas e cuydados ha
algum) virme viuer a eſte monte onde o lu-
guar & amingoa da conuerſaçam da gente
foſſe como ja pera meu cuydado cumpria,
por que grande erro fora depois de tantos
nojos quantos eu com eſtes meus olhos vy
auenturarme ainda a eſperar do mundo o
deſcanſo que elle nam deu a ninguem. Eſtã

A ij do eu

144 Primeira pagina da *Hystoria de Menina e Moca* de Bernardim Ribeiro
First page of the *Hystoria de Menina e Moca* of Bernardim Ribeiro
Colonia, 1559

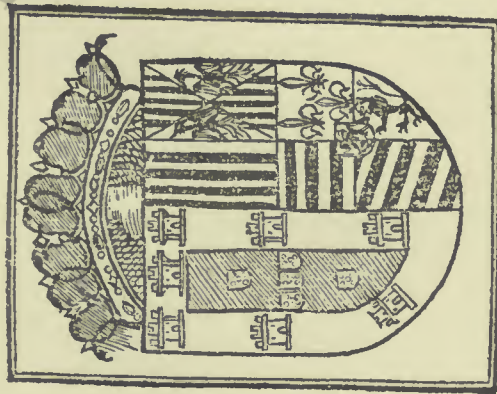
Cristovão Falcão in *Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada*, t. II, pp. 191–248), Marques Braga (*Bernardim Ribeiro—Eglogas*), Menendez y Pelayo (*Antología*, t. VII, pp. clviii–clxii), Aubrey Bell (*Portuguese Literature*, pp. 132–139, e *Portuguese Bibliography*, pp. 240–242, 335–337).

O livro que possuimos é duplamente precioso pelo seu texto e pela sua raridade: mas, para nós, a edição de Evora da *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro tem um encanto especial, por causa do seu titulo tão expressivo—*Livro das Saudades*. A palavra *Saudade*—a mais linda da nossa lingua—exprime innumeros sentimentos; n'este caso ella significa para nós não só o amor do passado, mas sobretudo o da natureza do torrão abençoado e querido, do qual desgraçadamente estamos longe!

op. cit. and *Cristovão Falcão*, in *Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada*, vol. II, pp. 191–248), Marques Braga (*Bernardim Ribeiro—Eglogas*), Menendez y Pelayo (*Antología*, vol. VII, pp. clviii–clxii), Aubrey Bell (*Portuguese Literature*, pp. 132–139 and *Portuguese Bibliography*, pp. 240–242, 335–337).

The book we possess is doubly precious on account of its text and its rarity; but for us the Evora edition of Bernardim Ribeiro's *Menina e Moça*, with its expressive title of *Livro das Saudades*, has a special charm, because the beautiful word *saudade*—untranslatable into English, though it corresponds to the German *Sehnsucht* (see Aubrey Bell, *Portuguese Literature*, p. 133, note 1)—has a special meaning for us and signifies memories of the past and a great love of nature in that dear land from which, alas! we are far away!

COMPENDIO
De doctrina Christãa recopilado de diuersos autores que desta materia escreuerão, pelo R. P. F. Luys de Granada, Prouincial da ordem de S. Domingos.

Acrecentarãose ao cabo treze Sermões das principaes festas do anno: pelo mesmo Autor.

Foy impresso em Lixboa em casa de Joannes Blauio de Agripina Colonia, Impressor Delrey nosso senhor. Acabouse aos xxv. dias Dabril. Anno. 1559.

Com priuilegio Real por dez annos.

145 Folha do rosto do Compendio De doctrina Christãa de Fr. Luiz de Granada
Title-page of the Compendio De doctrina Christãa of Fr. Luiz de Granada
Lisboa, 1559

SEGVEMSE treze sermões das tres paschoas do anno, & das principaes festas de Christo nosso Saluador, & de nossa Senhora.

Pelo R. P. F. Luys de Granada, Prouincial da ordem de S. Domingos na prouincia de Portugal.

Foy impresso em Lixboa em casa de Ioannes Blauio de Agrippina Colonia, Impressor Delrey nosso senhor. Acabouse aos. xx. dias do mes de Mayo. Anno. 1559.

Com priuilegio Real por dez annos.

Compendio De doctrina Christãa

146 Folha do rosto dos Treze sermões de Fr. Luiz de Granada
Title-page of the Treze sermões of Fr. Luiz de Granada
Lisboa, 1559

94 FR. LUIZ DE GRANADA, COMPENDIO DE DOCTRINA CHRISTÃA.

Lisboa, João Blavio, 1559.

COMPENDIO | De doctrina Christãa re- | copilado de diuersos autores que desta mate- | ria escreuerão, pelo *R. P. F.* Luys de Gra- | nada, Prouincial da ordem de | S. Domingos. | *Acrecentarãose ao cabo treze Sermões das principaes | festas do anno: pelo mesmo Autor.* |

Brasão de armas da Rainha D. Catherina[1].

Foy impresso em Lixboa em casa de Ioannes | Blauio de Agripina Colonia, Im- pressor | Delrey nosso senhor. Acabouse aos | xxv. dias Dabril. Anno. | 1559. | Com Priuilegio Real por dez annos.

Parte do titulo em caractéres gothicos[2].

[fl. 1 vo.]

Approvação de Fr. Francisco Foreiro[3].

[fl. 2] Ao Christam Lector. [...]

[fl. 3 vo.] Começa a Tauoada. [...]

[fl. 4 vo.] [...] Fim da Tauoada.

fl. 1. Cap. 1. da necessidade que ha de | saber a doctrina Christãa, & da ma- | neyra de ensinala. [...]

fl. Clxxiiij. [...] FIM.

fl. Clxxiiij vo.

Marca de João Blavio; por baixo[4]:

Fim da doctrina Christãa.

4º—[4], Clxxiiij folhas—38 linhas—caractéres gothicos excepto as peças preliminares.

4to.—[4], Clxxiiij leaves—38 lines—Gothic letter, except for the preliminary pieces.

Segue-se, com rosto e paginação especiaes[5]:

SEGVEMSE | treze sermões das tres pascho | as do anno, & das principaes festas de Christo nosso Sal- | uador, & de nossa | Senhora. | Pelo R. P. F. Luys de Granada, Pro | uincial da ordem de S. Do- | mingos na prouincia | de Portugal. | *Foy impresso em Lixboa em casa de Ioannes | Blauio de Agrippina Colonia, Impressor | Delrey nosso senhor. Acabouse aos. xx. dias | do mes de Mayo. Anno.* 1559. | Com priuilegio Real por dez annos.

Titulo enquadrado por doze pequenas gravuras de Santos[6].

1 *Queen Catherina's coat of arms.*
2 *Part of the title is in Gothic letter.*
3 *Approbation of Fr. Francisco Foreiro.*
4 *João Blavio's imprint; below:*
5 *There follows, with separate title-page and pagination:*
6 *Title within a border of twelve small woodcuts of Saints.*

[fl. 1 vo.]

Approvação de Fr. Francisco Foreiro[1].

[fl. 2] Ao Chriſtam Leytor. [...]

[fl. 2 vo.] Tauoa dos ſermões & doctrinas das | feſtas principaes do anno, cõteudas neſte volume | pela ordem dos meſes. [...]

fl. I. Sermam na feſta da Circunciſam do | Senhor, [...]

fl. LIIII. [...] FIM.

fl. LIIII vo.

Marca de João Blavio; por baixo[2]:

Foy impreſſo em Lisboa em caſa de Ioannes | Blauio de Colonia. Anno. 1559.

4°—[2], LIIII folhas—37 e 38 linhas—caractéres gothicos, excepto parte das peças preliminares.

Numeração dos cadernos: ✠, 4 folhas; A–Y, 8 folhas cada caderno; A–F, 8 folhas cada caderno; G, 6 folhas; total de 234 folhas.

Encadernação Ingleza "Mearne" do seculo XVII em marroquim feita pelo "*Queens' Binder.*"

4to.—[2], LIIII leaves—37 and 38 lines—Gothic letter, excepting part of the preliminary pieces.

Collation by signatures: ✠, 4 leaves; A–Y, each 8 leaves; A–F, each 8 leaves; G, 6 leaves; total 234 leaves.

English XVIIth century "Mearne" morocco binding by the "Queens' Binder."

O *Compendio De doctrina Chriſtãa* compilado por Fr. Luis de Granada, e os seus *Treze ſermões das tres paſchoas do anno e das principaes feſtas de Chriſto noſſo Saluador*, fôram impressos pela primeira vez em Lisboa por João Blavio em 1559. Entre outros, referem-se a este livro raro os seguintes auctores: Innocencio (*Diccionario*, vol. v, p. 296), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, pp. 315–316), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 227–228, e *A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 292), Palau (*Manual del Librero Hispano-Americano*, t. III, p. 402), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 329) que nos dão uma descripção da obra, e nos indicam a existencia de exemplares nas seguintes Bibliothecas: Bibliotheca Nacional de Lisboa (4 ex.), Archivo Nacional, Porto, Ajuda, e Universi-

The *Compendio De doctrina Chriſtãa* compiled by Frei Luiz de Granada, with his *Treze ſermões das tres paſchoas do anno e das principaes feſtas de Chriſto noſſo Saluador*, was published for the first time by João Blavio in Lisbon in 1559. Among those who refer to this rare book are: Innocencio (*Diccionario*, vol. v, p. 296), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, pp. 315–316), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 227–228, and *A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 292), Palau (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. III, p. 402), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 329), who give a description of it and mention the following copies: Lisbon National Library (4 copies), Archivo National, Oporto, Ajuda, and Coim-

[1] *Approbation of Fr. Francisco Foreiro.*

[2] *João Blavio's imprint; below:*

IV Encadernação Ingleza "Mearne" do seculo xvii, em marroquim, do *Compendio De doctrina Christãa,* Lisboa, 1559

English xviith century "Mearne" morocco binding of the *Compendio De doctrina Christãa,* Lisbon, 1559

dade de Coimbra: a essa lista ha a accrescentar dois exemplares no Museu Britannico (um dos quaes defeituoso), um na Bibliotheca da Hispanic Society of America, e o nosso, que foi de Figaniere, e que, lindamente conservado, tem um merito muito especial por se encontrar revestido de uma admiravel encadernação Ingleza "Mearne" do seculo XVII em marroquim—da qual damos uma reproducção. O facto de este livro Portuguez de devoção ter uma primorosa encadernação Ingleza, cujos delicados ornatos fôram executados com ferros identicos áquelles usados pelo "Encadernador das Rainhas"—que trabalhou em Londres no reinado de Carlos II de cerca 1670 a 1690 para D. Catherina de Bragança e para Maria de Modena (ver G. D. Hobson, *Bindings in Cambridge Libraries*, pp. 144–150 e estampas LVIII, LIX, LX, LXI)—leva-nos a suppôr que elle tenha pertencido a D. Catherina de Bragança, Rainha de Inglaterra; estando exacta a nossa hypothese—o que nos parece provavel—o nosso exemplar do livro composto por Fr. Luiz de Granada e sahido dos prelos de João Blavio, passa a ser uma verdadeira preciosidade bibliographica.

As noticias que temos ácerca de João Blavio são bastante escassas. Allemão, e natural de Colonia, sabemos que imprimiu em Lisboa de 1554 a 1564. Os seus trabalhos, para cima de cincoenta, "em caracteres góticos, redondos e itálicos, destacam-se pela nitidez e apuro da impressão." Foi um dos ultimos impressores Allemães—senão o ultimo—que tiveram prelos em Portugal no seculo XVI; mas ignoramos os motivos porque veiu para Lisboa, onde se estabeleceu, primeiro no "Beco de Gaspar das Naus," e mais tarde na rua dos Escudeiros. Sendo natural de Colonia, é admissivel que tivesse estudado o seu officio na typographia de Arnold Birckman que—como vimos nas nossas notas sobre a *Menina e Moça*—tantos serviços prestou aos humanistas Portuguezes. Tambem seria natural que tivesse relações com Francisco Grafeo

bra University: to this list must be added the two copies (one defective) in the British Museum, one in the Library of the Hispanic Society of America, and our own perfect copy, which belonged to Figaniere and is of special interest in that it has a magnificent English XVIIth century "Mearne" morocco binding—of which we give a reproduction. We are inclined to believe that, as this is a Portuguese book of devotion in a beautiful English binding adorned with the special stamps used by the Queens' Binder"—who worked in London in the reign of Charles II, from circa 1670 to 1690, for both Catherine of Bragança and Mary of Modena (see G. D. Hobson, *Bindings in Cambridge Libraries*, pp. 144–150 and plates LVIII, LIX, LX, LXI)—it belonged to Catherine of Bragança; and if our hypothesis—which seems to us quite admissible—be correct, our copy of the book composed by Frei Luiz de Granada and published by João Blavio would be a veritable bibliographical treasure.

There is not very much information to be found about João Blavio. A German born in Cologne, we know that he printed in Lisbon from 1554 to 1564. His works, more than fifty in number, "in Gothic, Roman and italic type, are distinguished by their neatness and perfection of workmanship." He was one of the last—if not the very last—of the German printers who had presses in Portugal in the XVIth century; but we do not know his reasons for going to Lisbon, where he worked first in the *Beco* (alley) *de Gaspar das Naus*, and afterwards in the rua dos Escudeiros. As a native of Cologne, he may possibly have served an apprenticeship in the printing-office of Arnold Birckman, who—as we saw in our notes on the *Menina e Moça*—did so much for the Portuguese humanists. It is also natural to think that he may have had dealings

—correspondente ou representante de Birckman em Lisboa—em cuja casa se vendia a edição de 1559 das obras de Bernardim Ribeiro e de Christovão Falcão; mas, infelizmente, nos auctores que se occupam de João Blavio, não encontramos a minima referencia a essas possiveis relações entre "Ioannes Blauio de Agripina Colonia," o famoso editor Birckman, e Francisco Grafeo.

A partir de 1557, usou nas suas impressões—como n'este *Compendio*—do titulo de "Impreſſor Delrey noſſo ſenhor." Em 1558 recebeu, por dois annos, o privilegio, "avendo tambem Respeyto ao beneficio e vtillidade que he pera eſte Reyno aver nella (Lisboa) a dita Inpresam," de não pagar direitos "allgũs do papell, tintas, balldreus e lletras que lhe vierem de fora do Reyno pera despesa e meneo da dita Inpresam, nâo pasando de quinhentas resmas de papell e de dous quintaes de tintas e tres duzias de balldreus brancos em cada hum dos ditos dous annos."

Mais tarde, teve um outro privilegio de isenção de direitos no papel que despachasse para as duas officinas que então possuia, uma em Lisboa, outra na India; durante a sua vida gozou d'essa mercê, que foi mantida a seus herdeiros e testamenteiros emquanto conservassem em actividade as duas officinas; porem, os herdeiros e testamenteiros de Blavio não lográram d'essa mercê, por ter sido auctorizado o arrendamento das duas officinas typographicas ao impressor Francisco Corrêa, de quem já nos occupámos.

João Blavio usou como marca typographica—da qual damos uma reproducção—um escudo com tres garras em roquette e no centro uma estrella de seis pontas; por supporte dois ursos, e no alto, as lettras I. B., iniciaes do seu nome. É provavel que Blavio tenha fallecido nos fins de 1563 ou nos primeiros mezes de 1564, visto em Maio d'esse anno ter sido estampada uma obra pelos seus herdeiros (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* p. 83, e n^os^ 302–358; Deslandes, *Documentos*

with Birckman's representative or correspondent in Lisbon, Franciscus Graphæus, at whose house the 1559 edition of the works of Bernardim Ribeiro and Christovão Falcão was on sale. Unfortunately, none of the authors we have consulted makes any reference to the possible connections between "Joannes Blavio de Agripina Colonia" and Arnold Birckman and Franciscus Graphæus.

From 1557 onwards, Blavio used the title—which appears in this *Compendio*—of "Printer to the King our lord." In 1558 "in respect also of the benefit and convenience it is for this Kingdom to have the said press there (in Lisbon)," he was exempted for two years from payment of any duties "on paper, ink, *balldreus* (kid leather used for covering the ink-balls formerly used by printers) and types which came to him from outside the Kingdom for the use and upkeep of the said press, provided not more than five hundred reams of paper, two *quintaes* of ink and three dozen white *balldreus* were imported in either of the said two years."

Later he was exempted from paying duty on the paper he used in the two presses he then possessed, one in Lisbon and the other in India; he enjoyed this privilege until his death and afterwards it was passed on to his heirs and executors for as long as the two presses were working. However, Blavio's heirs and executors did not use the privilege, because the two presses were leased to Francisco Corrêa (whom we have already studied).

João Blavio's mark—which we reproduce—is two bears supporting a shield with three claws in a triangle round a six-pointed star, with his initials I. B. above the shield. Blavio died probably at the end of 1563 or the beginning of 1564, as a book was printed by his heirs in May of 1564 (see Anselmo and Proença, *op. cit.* p. 83, and

para a *Historia da Typographia Portugueza nos Seculos* XVI *e* XVII, ed. de 1881, pp. 32–33, 36–39, ed. de 1888, pp. 42–45, 72–73; Gomes de Brito, *Noticia de Livreiros e Impressores em Lisbôa*, pp. 16–19).

Fr. Luiz de Granada, "embora espanhol, pois nasceu na cidade do seu apelido, viveu, ensinou, prégou e morreu em Portugal" (Mendes dos Remedios, *História da Literatura Portuguêsa*, p. 182); por esses motivos, abrimos uma excepção para o celebre Dominicano, como já fizemos para o Dr Azpilcueta Navarro. Fr. Luiz de Granada, que veiu para Portugal a pedido do Cardeal Infante D. Henrique, foi um homem notavel, um escriptor illustre, e um grande pregador, sobretudo famoso pela sua eloquencia mystica. Deixou muitas obras em Hespanhol—impressas innumeras vezes—ás quaes Ticknor faz os maiores elogios, assim como ao seu auctor (ver *History of Spanish Literature*, vol. III, pp. 114–116, 162–164). Em Portuguez, temos d'elle este *Compendio* e os *Treze ſermões* que o acompanham.

Fr. Luiz de Granada, Provincial da Ordem de S. Domingos, gozou de uma grande auctoridade no nosso paiz, e da confiança do Cardeal Infante D. Henrique e da Rainha D. Catherina, de quem foi confessor e conselheiro. Fr. Luiz de Sousa descreve as suas grandes virtudes, e conta como, quando elle se escusou de acceitar o elevado cargo de Arcebispo de Braga para o qual a Rainha o houvera elegido, D. Catherina o encarregou que lhe "apontaſſe pera aqnella (*sic*) Igreja hũa peſſoa tal, que pera diante de Deos ficaſſe provida de Paſtor muyto idoneo, ſem outros reſpeitos, nem conſiderações, quaes lhe tinhão as orelhas quebradas, & quebravão cada hora." Fr. Luiz de Granada prestou um relevante serviço á Egreja e a Portugal, escolhendo Fr. Bartholomeu dos Martyres, Prior do Convento de Bemfica, que, "obrigado da obediencia, o aceitou," e veiu a ser um dos mais illustres e virtuosos

nos. 302–358; Deslandes, *Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos Seculos* XVI *e* XVII, 1881 ed. pp. 32–33, 36–39; 1888 ed. pp. 42–45, 72–73; Gomes de Brito, *Noticia de Livreiros e Impressores em Lisbôa*, pp. 16–19).

Frei Luiz de Granada, "though Spanish, since he was born in the city from which he took his name, lived, taught, preached and died in Portugal" (Mendes dos Remedios, *História da Literatura Portuguêsa*, p. 182). We shall therefore make an exception for him, as we did for Dr Azpilcueta Navarro. Frei Luiz, who came to Portugal at the bidding of the Cardinal Infante Dom Henrique, was a notable man, a brilliant writer and an inspired preacher, especially famous for his mystic eloquence. He left a number of works in Spanish—all printed many times over—which, with their author, are highly praised by Ticknor (see *History of Spanish Literature*, vol. III, pp. 114–116, 162–164). In Portuguese, we have this *Compendio* and the *Thirteen sermons* which accompany it.

Fr. Luiz de Granada, Provincial of the Order of Dominicans, had great authority in Portugal and enjoyed the confidence of the Cardinal Infante Dom Henrique and Queen Catherine, to whom he was confessor and adviser. Frei Luiz de Sousa describes his many virtues, and tells how, when he refused to accept the high position of Archbishop of Braga for which the Queen had designated him, Dona Catherina charged him to "appoint such a person to that Church, that it would be provided before God with a thoroughly capable Pastor, without heed to the other respects and considerations with which she had had her ears deafened, and with which they were still being deafened at every moment." Frei Luiz de Granada rendered a great service to the Church and to Portugal by choosing Frei Bartholomeu dos Martyres, the Prior of the Convent of Bemfica, who was "constrained by obedience to accept it" and became one of the most notable and virtuous Prelates who ever ruled the Arch-

Prelados que presidiram aos destinos da Archidiocese de Braga. Fr. Luiz de Sousa dá-nos ainda muitas noticias ácerca do Provincial dos Dominicanos (ver a *Vida de Dom Frei Bertolamev dos Martyres*, 1619, fl. 11 vº *e seg.*, fl. 38 *e seg*).

Procurando tornar mais conhecida no nosso paiz a palavra de Deus, Fr. Luiz de Granada compoz este *Compendio De doctrina Chriſtãa*: no prologo "Ao Chriſtam Lector," diz que, com "grande magoa," notára que em diversas egrejas do paiz não havia sermão, e que muita gente "ruſtica & popular" ficava sem doctrina, o que era um grande mal, porque, citando S. Jeronymo, "todo o homem ſem o conhecimento de ſeu Criador, he beſta." Por isso, entendeu compilar este livro de doctrina dos melhores auctores, para que fôsse lido nas egrejas, e ao qual junctou "algũs breues & deuotos ſermões das feſtas principaes do anno," que tambem deviam ser lidos n'esses dias "em eſpaço de meya hora: porque a outra meya ficaſſe pera dizer o Cura algũa couſa ſobre o que tiueſſe lido." Recommenda então—e com inteira razão—que as passagens escolhidas não sejam lidas depressa e "ataualhoadamente," mas de vagar e distinctamente, de fórma que o povo "entenda bem o que ſe lee." Em seguida, faz esta declaração importante:

> "E pera entender neſta obra de melhor vontade, ajuntouſe a authoridade & mandamento da Raynha noſſa ſenhora, que cõ o zelo & deſejo grande que tem do adiantamẽto da virtude & religiam Chriſtãa neſtes reynos, foy ſeruida que iſto ſe fizeſſe, & ſe mandaſſe imprimir aa ſua cuſta, pera remedio deſta neceſsidade."

Termina então o prologo por esta phrase, especialmente interessante pela sua falta de sympathias—que já notámos em outros auctores—pelos romances de cavallaria:

> "Tu Chriſtam Lector aproueitate deſtes trabalhos, & deixadas as eſcrituras & liuros de caualarias prophanas lee eſte liuro da caualaria celeſtial, onde aprendas a ſeruir & militar a teu Rey ſobe-

bishopric of Braga. Frei Luiz de Sousa gives a considerable amount of information about the Provincial of the Order of Dominicans, in his *Vida de Dom Frei Bertolamev dos Martyres*, 1619 (see fl. 11 vo. *et seq.*, fl. 38 *et seq.*).

Frei Luiz de Granada composed this *Compendio De doctrina Chriſtãa* in an endeavour to spread the word of God in our country; and, in his prologue "To the Christian Reader," he says that it had been a "great grief" to him to see that in many of the churches of the country there was no sermon, so that many of the "rustic and common" people had no instruction, which was a great evil, because, as St Jerome said, "every man without knowledge of his Creator is a beast." He therefore decided to compile this book of doctrine from the best authors, so that it could be read in the churches, and he appended "a few brief and devout sermons for the principal feasts of the year" to be read on the appropriate days "in the space of half an hour, so that half an hour should be left for the priest to say something about what he had read." He then recommends—and quite rightly—that the appointed passages should not be read hurriedly and "confusedly," but slowly and distinctly, so that the people "may thoroughly understand what is being read." This important declaration follows:

> "And so that this work may be more willingly understood, it has the authorisation and command of the Queen our lady, who with her zeal and great desire for the advancement of Christian virtue and religion in these kingdoms, has allowed this to be composed in her service and printed at her expense, to remedy this necessity."

He concludes his prologue with this sentence, which is specially interesting in its scant sympathy—a characteristic we have already noted in other authors—for the romances of chivalry:

> "Thou Christian Reader avail thyself of these works, and, leaving the writings and books of profane chivalry, read thou this book of celestial chivalry, where thou mayest learn to serve and

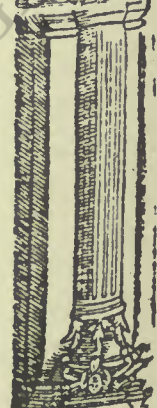
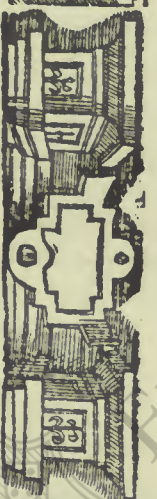
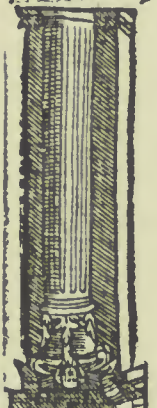
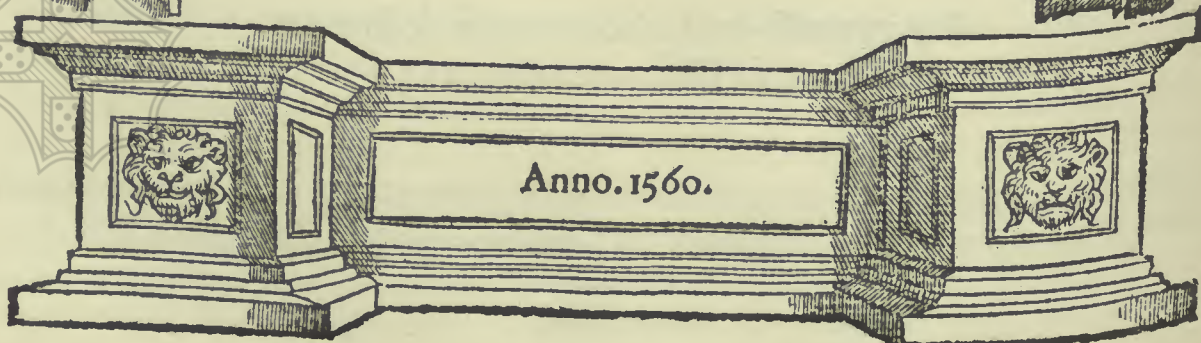
rano, & triumphar das pompas & vaydades do mundo."

Portugal, onde viveu tantos annos e onde o apreciáram muito mais do que em Hespanha—cuja Inquisição o incommodou por diversas vezes—foi realmente a sua segunda patria. Se em Hespanha "é tido como um dos creadores da prosa espanhola," entre nós, é considerado um classico. Muito velho, tinha 84 annos, falleceu em 1584; e o veneravel Dominicano, que tanto amára Portugal, deve, quando exhalou o ultimo suspiro em Lisboa, ter sentido a suprema consolação dos relevantes serviços que tinha prestado á Egreja e ao paiz.

fight for thy sovereign Lord and to triumph over the pomps and vanities of the world."

Portugal, his home for so many years, a land more truly appreciative of his merits than Spain—where he was several times troubled by the Inquisition—was really Frei Luiz de Granada's second country. If in Spain "he is held to be one of the creators of Spanish prose," in Portugal he is esteemed as a classic. He died in Lisbon in 1584, at the advanced age of eighty-four; and the venerable Dominican who had so loved Portugal must have felt a supreme consolation in the consciousness of his services to her Church and state.

Foy impresso em Lisboa em casa de Ioannes Blauio de Colonia. Anno. 1559.

147 Marca de João Blavio e colophon do *Compendio De doctrina Christãa* de Fr. Luiz de Granada
Mark of João Blavio and the colophon of the *Compendio De doctrina Christãa* of Fr. Luiz de Granada
Lisboa, 1559

148 Folha do rosto das *Cõstituições sinodaes do Bispado Dangra*
Title-page of the *Cõstituições sinodaes do Bispado Dangra*
Lisboa, 1560

95 CÕSTITUIÇÕES SINODAES DO BISPADO DANGRA.
Lisboa, João Blavio, 1560.

Cõſtituições ſinodaes | do Biſpado Dangra.
Por cima do titulo, as armas do Bispo de Angra com a legenda:
VERITAS VĨCIT
e tudo enquadrado por uma portada que tem na parte superior
IESVS
e na inferior[1]
Anno. 1560.

[fl. 2] TAVOADA DESTAS CONSTITVIÇÕES. [...]
[fl. 7 vo.] [...] Fim da Tauoada.
[fl. 8] PROLOGO. [...]
fl. 1. Titulo primeiro da ſancta fee Catholica. [...]
fl. 89 vo. [...] Fim deſtas Conſtituições.
[fl. 1] Seguenſe os Canones penitenciaes. [...]
[fl. 4 vo.] [...] Forão impreſſas eſtas Conſtituições na muyto nobre & ſempre leal | cidade de Lixboa, per Ioão Blauio de Colonia, por manda- | do do muyto magnifico & muyto reuerendo ſenhor | dom Iorge de Santiago, da ordem de ſam Do- | mingos, Biſpo Dangra & Ilhas dos Açores, | do conſelho delRey noſſo ſeñor. | Acabaranſe aos onze dias | do mes de Ianeyro | de 1560.
Assignatura autographa de: Manoel Soares[2].

Folio—[8], 89, [4] folhas—38 linhas—*Canones penitenciaes* em caractéres menores.
Numeração dos cadernos: ¶, 8 folhas; A–L, 8 folhas cada caderno; M, 5 folhas; total de 101 folhas.

Encadernação de carneira.

As *Cõſtituições ſinodaes do Biſpado Dangra*, impressas em Lisboa por João Blavio em 1560 "por mandado do muyto magnifico & muyto reuerendo ſenhor dom Iorge de Santiago, da ordem de ſam Domingos, Biſpo Dangra & Ilhas dos

Folio—[8], 89, [4] leaves—38 lines—*Canones penitenciaes* in smaller type.
Collation by signatures: ¶, 8 leaves; A–L, each 8 leaves; M, 5 leaves; total 101 leaves.

Sheepskin binding.

The *Cõſtituições ſinodaes do Biſpado Dangra*, printed in Lisbon by João Blavio in 1560 "by command of the most magnificent and very reverend lord Dom Jorge de Santiago of the Order of St Dominic, Bishop of Angra and the Islands of the

[1] *Above the title are the arms of the Bishop of Angra with the legend:* VERITAS VĨCIT*; and the whole is within a border which has the word* IESVS *at the top and* Anno. 1560. *at the bottom.*
[2] *Autograph signature of* Manoel Soares.

Açores," são da maior raridade, e conhecem-se pouquissimos exemplares completos. Entre os auctores que se referem a esta obra, citaremos: Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 98, e vol. IX, p. 87), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 169), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 229), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 334) que nos indicam um só exemplar—o da Bibliotheca Nacional de Lisboa. Comtudo, existem mais tres: um no Museu Britannico, um na Bibliotheca da Universidade de Harvard (*Catalogo Palha*, nº 344), e o nosso, que está completo e perfeitamente conservado.

No *Prologo*, D. Jorge de S. Thiago, terceiro Bispo de Angra, declara as razões por que fôram redigidas estas *Cõstituições*; depois de saudar o clero da sua diocese, de se referir á missão dos Prelados e á obrigação que teem de "reger & doctrinar" o rebanho que lhes está entregue, procurando "a ſaluação das almas, o bõ gouerno das ygrejas, a cõcertada vida & honeſtidade dos eccleſiaſticos, & os bõs coſtumes dos ſeculares," diz:

"As quaes couſas vendo nòs & deſejando ſatisfazer aa dita obrigação do officio paſtoral que temos, depois de noſſa conſagração, logo cõ a preſteza a nòs poſsiuel, paſſamos o mar & viemos a eſte noſſo Biſpado, & há ſeys annos q̃ nelle peſſoalmente reſidimos. no qual tempo per vezes o viſitamos, prouendo nas couſas neceſsarias & enmendando as defectuoſas, quãto em nos foy. Nas quaes viſitações comprehendemos & por experiencia achamos auer muyta neceſsidade de nouas Cõſtituições, pollas nã auer ꝓprias neſte Biſpado, & vſarem nelle das do Biſpado do Funchal, de q̃ auia muyto poucas ou quaſi nhũas, allem de ſerẽ muyto antigas & breues."

Por estes motivos, D. Jorge de S. Thiago reuniu, a 4 de Maio de 1559, o synodo no qual as *Cõſtituições* fôram "ſolenemente publicadas." Passados poucos mezes, em 1560, fôram impressas em Lisboa por João Blavio.

Azores," are very rare, and few complete copies are known. Among the authors who refer to the book are: Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 98, and vol. IX, p. 87), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 169), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 229), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 334) who mention only one copy—in the Lisbon National Library. There are, however, three others: one in the British Museum, one in Harvard University Library (*Palha Catalogue*, no. 344), and our own, which is complete and perfect.

In his *Prologo*, Dom Jorge de S. Thiago, the third Bishop of Angra, explains the reasons why these *Cõſtituições* were drawn up. He first greets the clergy of his diocese and refers to the mission of Prelates and their obligation to "rule and instruct" the flock entrusted to them, thus procuring the salvation of souls, the good government of the churches, orderly life and morality among the clergy, and good habits among the laity," and then he says:

"We, seeing these things and desiring to fulfil the said obligation of the pastoral office we hold, directly after our consecration came as quickly as we could across the sea to this our Bishopric, and we have been in personal residence in it for the last six years. During this period we have visited it from time to time, looking after the necessary things and remedying what was defective, as far as in us lay. In the course of these visitations we realised and found out by experience that there was a great need for new Constitutions, because this Bishopric had none of its own and was governed according to those of the Bishopric of Funchal, of which there were very few, or hardly any, such as there were being also very antiquated and brief."

Dom Jorge de S. Thiago therefore convoked a synod on May 4th, 1559, when these *Cõſtituições* were "solemnly published." A few months later, in 1560, they were printed in Lisbon by João Blavio.

Após o descobrimento dos Açôres—que o Infante D. Henrique tivera licença de povoar em 1439—os seus habitantes estiveram durante muito tempo

"subordinados á jurisdicção da ordem de Christo, exercida pelo vigário de Thomar *nullius dioecesis*, em virtude de lhe haver o papa Calisto III conferido a espiritualidade e toda a jurisdicção ordinária nas ilhas e terras de além-mar. Fundado em tal direito, mandava o vigário de Thomar ás ilhas, com permissão de El-Rei, alguns bispos titulares encarregados de as proverem de sacerdotes. Foi assim que em 1487 se encontrou na ilha Terceira D. João Aranha, bispo titular de Çafim, que deu ordens e exerceu outros poderes de sua dignidade."

Quando o Bispado do Funchal foi creado em 1514, as Ilhas dos Açôres passáram para a sua jurisdicção. Em 1532, D. João III, que annos antes já pensára no caso, encarregou o seu Embaixador D. Martinho da Cunha (ver pp. 21–22) de alcançar do Soberano Pontifice a erecção de diversos bispados, entre os quaes um "nas Ilhas Terceiras," cuja sede seria na Ilha de S. Miguel. A 31 de Janeiro de 1533, Clemente VII creou o bispado de S. Miguel, mas falleceu em Setembro do mesmo anno sem ter expedido a bulla.

"Foi o seu successor Paulo III que pella bulla *Aequum reputamus*, de 3 de novembro de 1534, erigiu o bispado de S. Salvador, ao qual foi dada por cathedral a igreja da mesma invocação na cidade de Angra."

A nova Sé ficou suffraganea do Arcebispo do Funchal. É curioso que na bulla de Paulo III se julgava que a cidade de Angra era na Ilha de S. Miguel. Em 1550, a Sé do Funchal tendo perdido a sua dignidade metropolitica, a diocese de Angra ficou suffraganea do Arcebispo de Lisboa (ver Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, t. III, parte I, pp. 43–46; ver tambem *Corpo Diplomatico*, t. II,

For a long time after the discovery of the Azores —which the Infante Dom Henrique was authorised to colonise in 1439—the inhabitants

"were under the jurisdiction of the Order of Christ, exercised by the vicar of Thomar, *nullius dioecesis*, by virtue of Pope Calixtus III having granted to the Order all spiritual and ordinary jurisdiction over the islands and lands overseas. In accordance with this privilege, the vicar of Thomar, with the King's permission, sent a few titular bishops to the islands, charging them to install priests there. Thus in 1487 we find Dom João Aranha, titular bishop of Çafim in the island of Terceira, giving orders and exercising other prerogatives of his rank."

When the Bishopric of Funchal was created in 1514, the Azores came under its jurisdiction. In 1532, Dom João III, who had already given the matter thought years before, charged his ambassador, Dom Martinho da Cunha (see pp. 21–22) to obtain the Pope's sanction to the creation of various bishoprics, including one "in the Terceira islands" whose seat was to be in the island of S. Miguel. On January 31st, 1533, Clement VII created the bishopric of S. Miguel, but he died in September of the same year without having published the bull.

"It was his successor Paul III who, in the bull *Aequum reputamus*, of November 3rd, 1534, erected the bishopric of S. Salvador, of which the church of the same invocation in the city of Angra was made the cathedral."

The new Bishop was, however, still to be suffragan to the Archbishop of Funchal. It is curious that in Paul III's bull, the city of Angra was placed in the island of S. Miguel. In 1550, when the See of Funchal ceased to have metropolitan status, the diocese of Angra became suffragan to the Archbishop of Lisbon (see Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. III, part I, pp. 43–46; also the *Corpo*

pp. 370–372, 388, 421; t. III, p. 129 *e seg.*, 139 *e seg.*).

O primeiro Bispo de Angra, D. Agostinho Ribeiro (ver Francisco de Santa Maria, *O ceo aberto na terra*, p. 919 *e seg.*), foi confirmado por Paulo III em 3 de Novembro de 1554; é interessante que o primeiro Bispo dos Açôres tenha sido o primeiro parocho da ilha do Corvo, onde abriu uma eschola para creanças. D. Agostinho tomou depois o habito dos conegos regulares de S. João Evangelista; foi pregador de D. João III, provedor do hospital de Lisboa, e, quando a Universidade de Lisboa foi transferida para Coimbra, exerceu o alto logar de reitor, "cargo que já exercia em 8 de novembro de 1537. Antes d'isso estivera na sua diocese, como provam documentos de 1535 e 1536" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. III, parte II, p. 958). Em 1540 foi transferido para a Sé de Lamego, que governou até 1549; n'esse anno, sentindo-se velho e cançado, resignou a diocese, e retirou-se para Lisboa, onde falleceu em 1554.

Em 1540, em vista da transferencia de D. Agostinho para Lamego, D. Rodrigo Pinheiro, homem de uma extraordinaria cultura e erudição, doctor em direito canonico e civil (ver D. Rodrigo da Cunha, *Catalogo dos Bispos do Porto*, Parte II, p. 202 *e seg.*), foi confirmado Bispo de Angra por bulla de Paulo III de esse anno (ver a carta de apresentação de D. João III e a bulla de Paulo III, no *Corpo Diplomatico*, t. IV, pp. 324 e 349). Mas nunca foi á sua diocese, mandando em seu logar o Bispo de Lara, e ficou no reino para exercer o officio de Governador da Casa do Civel em Lisboa. N'essa capacidade, o Prelado magistrado devia ter muitos assumptos que tratar. Uma das suas preoccupações era a questão dos ciganos, e "pedia a D. João III medidas para os conter: 'lenbro a V.A. quão prejudyciaes ssão os çyganos no rreyno nẽ nesta cidade polos grandes rroubos que fazem e

Diplomatico, vol. II, pp. 370–372, 388, 421; vol. III, p. 129 *et seq.*, 139 *et seq.*).

The first Bishop of Angra, Dom Agostinho Ribeiro (see Francisco de Santa Maria, *O ceo aberto na terra*, p. 919 *et seq.*), was confirmed in office by Paul III on November 3rd, 1554. It is interesting that the first Bishop of the Azores had been the first priest on the island of Corvo, where he opened a children's school. Dom Agostinho afterwards took the habit of the canons regular of St John the Evangelist; he was preacher to Dom João III, superintendent of the Lisbon hospital, and, when the University of Lisbon was transferred to Coimbra, he held the high position of rector, "an office which he already exercised on November 8th, 1537. Before this, he had been in his diocese, as is proved by documents of 1535 and 1536" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. III, part II, p. 958). In 1540 he was transferred to the See of Lamego, which he governed until 1549, when, beginning to feel old and tired, he resigned his office and retired to Lisbon, where he died in 1554.

In 1540, upon Dom Agostinho's transference to Lamego, Dom Rodrigo Pinheiro, a man of unusual culture and erudition, doctor in canon and civil law (see D. Rodrigo da Cunha, *Catalogo dos Bispos do Porto*, Part II, p. 202 *et seq.*), was confirmed Bishop of Angra in Paul III's bull of that year (see Dom João III's letter of recommendation and Paul III's bull in the *Corpo Diplomatico*, vol. IV, pp. 324 and 349). But he never went to his diocese, sending the Bishop of Lara to take his place, while he stayed at home to exercise the duties of Governor of the Lisbon *Casa do Civel* (tribunal). In this capacity the episcopal magistrate must have had to deal with many matters. One of his preoccupations was with the gipsies, and "he begged Dom João III to take measures to restrain them: 'I remind Your Highness how harmful the gipsies are in the kingdom and in this city on account of the great robberies they do and the damage to the vines

danos em vynhas e olyvays'" (Pedro de Azevedo, *Os ciganos em Portugal no sec.* XVI e XVII in *Archivo Historico Portuguez*, t. VI, p. 461). Mas não era só dos ciganos que se occupava: segundo conta Barbosa, a sua nomeação de Governador da Casa do Civel foi tão applaudida, que o insigne D. João de Castro escreveu da India a El-Rei, dizendo: "parece que esta eleição foy inspirada por Deos em V.A." (*Bibliotheca Lusitana*, t. III, p. 652). Ninguem podia desejar um mais bello elogio. Em 1552, D. Rodrigo Pinheiro foi transferido para o Porto, onde falleceu em 1572.

Em 24 de Agosto de 1552, o Dominicano D. Fr. Jorge de S. Thiago foi confirmado Bispo de Angra por bulla de Julio III (ver *Corpo Diplomatico*, t. VII, p. 169). D. Fr. Jorge "era varão doutissimo, ornado de grandes letras e virtudes." Foi nomeado Inquisidor em 1540, e em 1545 D. João III enviou-o ao Concilio de Trento "com mais dois religiosos da sua ordem, Fr. Jerónymo de Azambuja e Fr. Gaspar dos Reis, e lá affirmou por muitas vezes o seu talento e grande erudição" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* p. 959; ver tambem p. 546 *e seg.*; Antonio Baião, *A Inquisição em Portugal e no Brazil* in *Archivo Historico Portuguez*, t. V, p. 414, e as cartas escriptas por Fr. Jorge a El-Rei durante o Concilio, no t. VI do *Corpo Diplomatico*, pp. 3, 4–6, 136–137, 180–182, 186–190, 254–256). Nomeado Bispo de Angra, seguiu para a sua diocese, onde procurou fazer o bem. Em 1559, como vimos, reuniu o primeiro synodo dos Açôres, no qual fôram publicadas as suas *Cõstituições*, que depois trouxe a Lisboa para mandar imprimir. Tendo regressado ao seu bispado, falleceu em Angra em 1561.

Não ha duvida que os tres primeiros Bispos dos Açôres fôram personagens de alto valor; dois estiveram na ilha sede do bispado, e o que nunca

and olives'" (Pedro de Azevedo, *Os ciganos em Portugal no sec.* XVI *e* XVII in *Archivo Historico Portuguez*, vol. VI, p. 461). But it was not only the gipsies who occupied his time: Barbosa says that his nomination as Governor of the *Casa do Civel* was so much applauded that the great Dom João de Castro wrote from India to the King, saying "it seems that God inspired Your Highness to make this election" (*Bibliotheca Lusitana*, vol. III, p. 652). No one could desire higher praise than this. In 1552 Dom Rodrigo Pinheiro was transferred to Oporto, where he died in 1572.

On August 24th, 1552, the Dominican Dom Frei Jorge de S. Thiago was confirmed as Bishop of Angra by a bull of Julius III (see the *Corpo Diplomatico*, vol. VII, p. 169). Dom Frei Jorge "was a most learned man, adorned with great knowledge and virtues." He was made an Inquisitor in 1540, and in 1545 Dom João III sent him to the Council of Trent "with two other monks of his order, Frei Jeronymo de Azambuja and Frei Gaspar dos Reis, and there he many times gave witness of his talents and great learning" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* p. 959; also see p. 546 *et seq.*, Antonio Baião, *A Inquisição em Portugal e no Brazil* in *Archivo Historico Portuguez*, vol. V, p. 414, and the letters written by Frei Jorge to the King during the Council, in the *Corpo Diplomatico*, vol. VI, pp. 3, 4–6, 136–137, 180–182, 186–190, 254–256). Upon his nomination as Bishop of Angra, he went to his diocese, where he sought to do good. In 1559, as we have seen, he convoked the first synod in the Azores, where his *Cõstituições*, which he afterwards brought to Lisbon to be printed, were published. He did not remain in Portugal, but returned to his bishopric, where he died in 1561.

There is no doubt that the three first Bishops of the Azores were men of high worth; two of them went to the island seat of the bishopric, and

149 Lettras capitaes de obras impressas por João Blavio
Initial letters from works printed by João Blavio

visitou a sua diocese prestou serviços importantissimos no reino.

Angra, cidade desde D. João III, recebeu, passados quasi tres seculos, o honroso epitheto *do Heroismo*. Foi realmente um nome bem merecido, pois a ilha da Terceira soube dar um admiravel exemplo de patriotismo e de lealdade.

As primeiras *Cõstituições do Bispado Dangra*, impressas em Lisboa em 1560, são para nós preciosas, porque, alem da sua raridade, evocam o passado, e recordam um dos primeiros descobrimentos, onde a Cruz—emblema da Ordem de Christo—foi levantada ao lado da bandeira de Portugal.

the third, who did not go, rendered important service at home.

Angra, a city from the time of Dom João III, received the honourable title of *do Heroismo* (of Heroism) almost three centuries later. The name was well deserved, because the island of Terceira set a wonderful example with its patriotism and loyalty.

The first *Cõstituições do Bispado Dangra*, printed in Lisbon in 1560, are very precious in our eyes, because, in addition to their rarity, they evoke the past, and link us with one of the earliest of the Portuguese discoveries, where the Cross—the emblem of the Order of Christ—was raised side by side with the banner of Portugal.

Forão impressas estas Constituições na muyto nobre & sempre leal
cidade de Lixboa, per Ioão Blauio de Colonia, por manda-
do do muyto magnifico & muyto reuerendo senhor
dom Iorge de Santiago, da ordem de sam Do-
mingos, Bispo Dangra & Ilhas dos Açores,
do conselho delRey nosso señor.
Acabaranse aos onze dias
do mes de Ianeyro
de 1560.

150 Colophon das *Cõstituições sinodaes do Bispado Dangra*
Colophon of the *Cõstituições sinodaes do Bispado Dangra*
Lisboa, 1560

MANVAL DE
Confeſſores & penitentes,

Que clara & breuemente contem a vniuerſal deciſam de quaſi todas as duuidas q̃ em as confiſsões ſoem occorrer dos peccados, abſoluições, reſtituyções, cenſuras, & irregularidades.

Compoſto por ho muyto reſoluto, & celebre Doutor Martim de Azpilcueta Nauarro Cathedratico jubilado de Prima em Canones, na Vniuerſidade de Coymbra. Pola ordem de hũ pequeno, que fez hũ Padre Portugues, da prouincia da piedade.

*Acrecentado agora por ho meſmo Doutor, cõ as determinações de muytas duuidas, que deſpoys da outra reformaçam lhe forã mandadas. Hũa das quaes vay ſinalada com eſte ſinal de eſtrella *. As outras em cinco Comentarios, de vſuras, cambios, Symonia mental. Defenſam do proximo, De furto notauel, & irregularidade.*

Com ſeu Reportorio copioſiſſimo.

COM PRIVILEGIO APOSTOLICO
Real de Portugal, Caſtela, & Aragão.

Impreſso em Coimbra por Ioam de Barreyra. Impreſſor da vniuerſidade.
M. D. LX.
Vendeſe a Cruzado, em papel.

151 Folha do rosto do *Manval de Confeſſores* de Martin de Azpilcueta Navarro
Title-page of the *Manval de Confeſſores* of Martin de Azpilcueta Navarro
Coimbra, 1560

96 [FR. RODRIGO DO PORTO], MARTIN DE AZPIL- CUETA NAVARRO, MANVAL DE CONFESSORES.
Coimbra, João de Barreira, 1560.

MANVAL DE | Confeſſores & penitentes, | Que clara & breuemente contem a vniuerſal | decisam de quaſi todas as duuidas q̃ em | as confiſsões ſoem occorrer dos pec- | cados, abſoluições, reſtituyções, | cenſuras, & irregularidades. | Compoſto por ho muyto reſoluto, & celebre Doutor Martim de Azpilcueta | Nauarro Cathedratico jubilado de Prima em Canones, na Vniuerſidade | de Coymbra. Pola ordem de hũ pequeno, que fez hũ Padre | Portugues, da prouincia da piedade. | *Acrecentado agora por ho meſmo Doutor, cõ as determinações de | muytas duuidas, que deſpoys da outra reformaçam lhe forã mandadas. | Hũa das quaes vay ſinalada com eſte ſinal de eſtrella* *. *As outras em cinco | Comentarios, de vſuras, cambios, Symonia mental. | Defenſam do proximo, De furto notauel, | & irregu- laridade.* | Com ſeu Reportorio copioſiſſimo. | *COM PRIVILEGIO APOSTOLICO* | Real de Portugal, Caſtela, & Aragão. | Impreſſo em Coimbra por Ioam de Barreyra. | Impreſſor da vniuerſidade. | M. D. LX. | *Vendeſe a Cruzado, em papel.*

[fl. 1 vo.]
Indice dos capitulos[1].

[fl. 2–4]
Privilegios Reaes de Portugal, Castella e Aragão, de 1554–1556[2].

[fl. 4 vo.–5]
Approvações de Fr. Martim de Ledesma e de Pedro de Illanes, de 1552 e 1556[3].

[fl. 5 vo.] Aa altiſsima Princeſa N.S. Dona Ioãna a primeyra de- | ſte nome, ho Doutor Martim de Azpilcueta Nauar- | ro: [...]

[fl. 6 vo.] Ao prudẽte Leytor, [...]

[fl. 8] [...] Auiſo. [...]

[fl. 8 vo.] Prologo introductorio. [...]

[p. 1] Capitulo primeyro [...]

p. 750. [...] LAVS DEO

[fl. 1] Foy impreſſa a pre- | ſente obra em a muy nobre cida- | de de Coymbra, por Ioam | de Barreyra, Impreſſor | del Rey. E acabou | ſe aos vinte dias | de Ianeyro. De | M.D.LX.

[1] *Index of chapters.*
[2] *Royal privileges of Portugal, Castile and Aragon, dated 1554–1556.*
[3] *Approbations of Frei Martin de Ledesma and Pedro de Illanes, dated 1552 and 1556.*

4º—[8] folhas, 750 paginas, [1] folha—42 linhas—parte das peças preliminares em caractéres gothicos e italicos; notas marginaes em caractéres italicos.

Numeração dos cadernos: A, 8 folhas; A–Z, 8 folhas cada caderno; Aa–Zz, 8 folhas cada caderno; &, 8 folhas; total de 384 folhas.

4to.—[8] leaves, 750 pages, [1] leaf—42 lines—part of the preliminary pieces in Gothic letter and italics; marginal notes in italics.

Collation by signatures: A, 8 leaves; A–Z, each 8 leaves; Aa–Zz, each 8 leaves; &, 8 leaves; total 384 leaves.

Segue-se, com rosto e paginação especiaes[1]*:*

COMENTARIO | resolutorio de onzenas, sobre ho capitulo | primeyro da questã. iij. da. xiiij. causa, | cõposto por ho Doctor Martim | de Azpilcueta Nauarro. | *Dirigido iuntamente cõ outros quatro sobre ho principio do cap. | final de vsuris. E ho capitulo final de symonia. E ho | Capitulo Non in inferenda. xxiiij. quæst. iij. E ho | cap. final. xiiij. quæst. final.* | Ao muy alto & muy poderoso Senhor Dom Carlos, | Principe de Castela, & de outros muytos & | muyto grandes Reynos | Nosso Senhor. | *Para mayor declaraçam do que tem tratado em seu | Manual de confessores.* | Impresso em Coimbra, nos paços delRey | por Ioam de Barreyra Impressor | da Vniuersidade. | 1560.

p. 2–3.
Privilegio apostolico de Paulo III, e approvação de Pedro de Illanes, de 1553 e 1556[2]*.*

p. 4. Ao muyto alto & muyto poderoso Senhor | Dom Carlos principe de Castela: [...]

p. 7. Comẽtario resolutorio de onzenas [...]

p. 168. [...] Impresso em Coimbra nos paços del | Rey, por Ioam de Barreyra impressor da vniuersidade. | M. D. LX.

168 paginas—42 linhas.
Numeração dos cadernos: a–k, 8 folhas cada caderno; l, 4 folhas; total de 84 folhas.

168 pages—42 lines.
Collation by signatures: a–k, each 8 leaves; l, 4 leaves; total 84 leaves.

Segue-se, com rosto especial[3]*:*

Reportorio geral & muy | Copioso do Manual de Confessores. E dos | cinco comẽtarios pera sua decraraçam compostos. [...] | AVISO. [...] | Impreso em Coymbra por Ioam de Barreyra | 1560.

[fl. 1 vo.] Começa ho reportorio | do Manual de Confessores: & dos cinco | Comentarios. &c. [...]

[1] *There follows, with separate title-page and pagination:*
[2] *Privilege of Pope Paul III, and approbation of Pedro de Illanes, dated 1553 and 1556.*
[3] *There follows, with a separate title-page:*

[fl. 36] [...] Fim da taboada. | A gloria & louuor do ſenhor Deos, & da ſacra- | tiſsima virgẽ ſancta Maria, & de todos os | *ſeus Sanctos & Sanctas, ſe impremio a preſente obra, chamada* | *Manual de Confeſsores por mandado do Doutiſſimo ſe-* | *nhor ho Doutor Nauarro. Acabouſe aos* | *xxvij dias do mes de Feuereyro.* | *M.D.LX.*

[36] folhas—44 linhas.

Numeração dos cadernos: aa–bb, 8 folhas cada caderno; c–d, 8 folhas cada caderno; e, 4 folhas; total de 36 folhas.

[36] leaves—44 lines.

Collation by signatures: aa–bb, each 8 leaves; c–d, each 8 leaves; e, 4 leaves; total 36 leaves.

Possuimos um segundo exemplar d'esta obra, que tem as seguintes variantes[1]:

Manval [fl. 6 vo.]: *Ao piadoſo Leytor,* [...]

Folha do rosto do Comentario reſolutorio, *linha 6*[2]:

Dirigido a hũa com outros quatro ſobre ho principio do capitulo/.

A edição de 1560 d'este *Manval de Confeſſores,* impressa em Coimbra por João de Barreira, foi a terceira que se publicou em Portuguez; referem-se-lhe Barbosa (*Bibliotheca Lusitana,* t. III, p. 654), Innocencio (*Diccionario,* vol. VI, p. 152; vol. VII, p. 182; vol. XVI, p. 373), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez,* pp. 47 e 466), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 173–174), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 153) que nos dão uma descripção minuciosa do livro e a seguinte lista de exemplares conhecidos (á qual ha a junctar o do Museu Britannico e os dois que se encontram na nossa Bibliotheca): Bibliotheca Nacional de Lisboa (6 ex.), Evora (3 ex.), Archivo Nacional, Ajuda, Porto, e Universidade de Coimbra.

Em 1553, já havia sido estampada por João de Barreira e João Alvares uma traducção em Hespanhol da edição de 1552 (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 296). Na edição de 1560, o Dr Navarro junctou ao *Manval* um *Comentario reſolutorio de onzenas* e um *Reportorio geral & muy Copioſo do Manual de Confeſſores.* Na folha do

João de Barreira printed the third Portuguese edition of this *Manval de Confeſſores* in Coimbra in 1560. It is mentioned by Barbosa (*Bibliotheca Lusitana,* vol. III, p. 654), Innocencio (*Diccionario,* vol. VI, p. 152; vol. VII, p. 182; vol. XVI, p. 373), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez,* pp. 47 and 466), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 173–174), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 153) who give us a detailed description of the book and the following list of copies (to which must be added our own two copies and the one in the British Museum): Lisbon National Library (6 copies), Evora (3 copies), Archivo Nacional, Ajuda, Oporto, and Coimbra University.

A Spanish translation of the 1552 edition had already been printed by João de Barreira and João Alvares in 1553 (see Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 296). In the 1560 edition, Navarro added to the *Manval* a *Comentario reſolutorio de onzenas* and a *Reportorio geral & muy Copioſo do Manual de Confeſſores.* It says on the title-page that the *Manval de Confeſſores* was

[1] *We possess a second copy of this work, which has the following variations:*

[2] *Title-page of the* Comentario reſolutorio, *line 6:*

A gloria & louuor do ſenhor Deos, & da ſacratiſsima virgẽ ſancta Maria, & de todos os *ſeus Sanctos & Sanctas, ſe impremio a preſente obra, chamada Manual de Confeſsores por mandado do Doutiſſimo ſenhor ho Doutor Nauarro. Acabouſe aos xxvij dias do mes de Feuereyro. M. D. LX.*

152 Colophon do *Manval de Confeſſores* de Martin de Azpilcueta Navarro
Colophon of the *Manval de Confeſſores* of Martin de Azpilcueta Navarro
Coimbra, 1560

rosto, lê-se que o *Manval de Confessores* foi "Composto por ho muyto resoluto, & celebre Doutor... Nauarro.... Pola ordem de hũ pequeno, que fez hũ Padre Portugues, da prouincia da piedade," o que differe, e muito, do que se lê no titulo da edição de 1552. Mas o mais curioso é que, na carta *Ao prudẽte Leytor*, Navarro, apezar de chamar ao humilde auctor do tratado impresso em 1549 "padre muy reuerendo & gram senhor & amigo nosso," não lhe tece os rasgados elogios que lhe fizera anteriormente, talvez mesmo pelo contrario, e escreve:

"Por algũs justos respeytos, que por nam uos enfadar candido leytor, nem dizer mal de quem nolo fez, não os decraramos aqui, nos pareceo que em esta edição deste Manua (*sic*) deuemos tirar & acrecentar algũas cousas aas cartas q̃ em outras adições (*sic*) vos escreuemos."

Depois, diz que passou sete mezes meditando e estudando, encerrado em Campos, onde "ho muy aprouado varão Frey Antonio de Zurara"—egualmente Franciscano da Provincia da Piedade—o auxiliou muito na revisão do *Manval*, propondo-lhe "mays duuidas que outros." E Azpilcueta accrescenta:

"E soo por amor de Deos, & porque ho sobredito se fizese, se determinou a me ter companhia em todo este encerramento: reuista, & correyçam desta ediçam, com seus muy grandes trabalhos, aliuiãdo os meus. Cuydando nos ambos, que nam durariã hũ terço do que tem durado & duram."

Não duvidamos que o grande trabalho do *Manval de Confessores* seja devido á excepcional auctoridade e saber do illustre canonista Azpilcueta Navarro, mas não devemos esquecer que o primeiro *Manval* em linguagem, impresso em 1549, foi composto pelo frade Portuguez Rodrigo do Porto, e que um outro Portuguez, Fr. Antonio de Zurara, "com seus muy grandes trabalhos," collaborou para a revisão e composição da edição de 1560.

"composed by the very resolute and celebrated Doctor... Navarro.... After the manner of a small one made by a Portuguese Father of the Provincia da Piedade," which differs considerably from the statement in the edition of 1552. But the most curious thing is that, in the letter *To the prudent reader*, Navarro, though he calls the humble author of the treatise published in 1549 "a very reverend father and great master and our friend," does not praise him nearly so profusely as in the earlier editions, but, on the contrary, writes coldly:

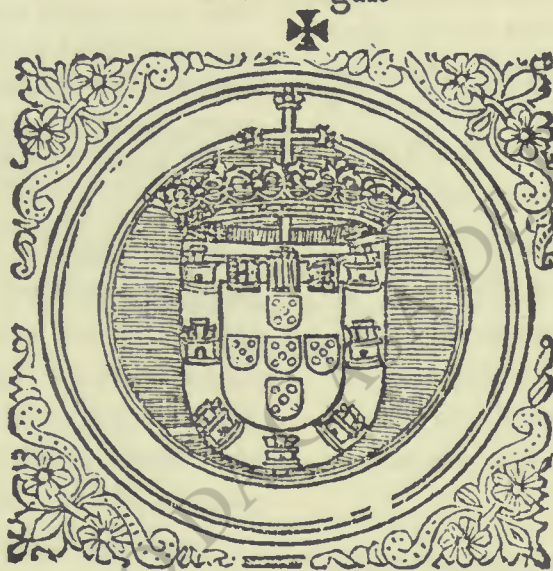
"For certain just reasons, which, so as not to bore you, candid reader, nor to speak ill of him who has treated us ill, we will not declare here, it seemed to us that in this edition of this Manual it was our duty to omit and to add certain things to the letters we wrote to you in the other editions."

Then he says that he spent seven months meditating and studying in retirement in Campos, where "the very praiseworthy Frey Antonio de Zurara"—also a Franciscan of the Provincia da Piedade—helped him greatly in the revision of the *Manval*, pointing out to him "more doubts than the others." Azpilcueta adds:

"And solely for the love of God and so that the above-mentioned work might be accomplished, he decided to bear me company in all this confinement for the revision and correction of this edition, alleviating my toil with his very great labours, which we neither of us thought would last a third of the time they have lasted and do last."

We have no doubt that the value of the *Manval de Confessores* is due to the exceptional authority and knowledge of the famous canonist Azpilcueta Navarro, but we must not forget that the first *Manval* in the vernacular, printed in 1549, was composed by the Portuguese monk, Frei Rodrigo do Porto, and that another Portuguese, Frei Antonio de Zurara, "with his very great labours," collaborated with Azpilcueta in the revision and compilation of the edition of 1560.

Itinerario de

Antonio Tenrreyro Caualeyro da ordem de Chriſto, em que ſe contem como da India veo por terra a eſtes Reynos. de Portugal.

Impreſſo em Coimbra em caſa de Antonio de Maris.
M. D. LX.

153 Folha do rosto do *Itinerario* de Antonio Tenreiro
Title-page of the *Itinerario* of Antonio Tenreiro
Coimbra, 1560

97 ANTONIO TENREIRO, ITINERARIO.
Coimbra, Antonio de Mariz, 1560.

Itinerario de | Antonio Tenrreyro Caualeyro da ordem de | Chrifto, em que fe contem como da India | veo por terra a eftes Reynos. | de Portugal.
Escudo das Armas Reaes[1].
Impreßo em Coimbra em cafa de | Antonio de Maris. | M. D. LX.

[fl. 1 vo.] Prologo. | AO MVYTO ALTO E PODEROSO | Rey Dom Sebaftião ho primeyro defte | nome noffo fenhor Rey de Portugal | & dos Algarues. &c. | *Por Antonio Tenrreyro.* [...]

[fl. 2 vo.]
Gravura que representa Antonio Tenreiro e o seu guia Mouro, montados em dromedarios[2].

fl. 1. Cap. j. Da cidade | De Ormuz no reyno de Perfia. [...]

fl. lxjx [aliás 59]. [...] Finis. | Foy impreffa a prefente obra em a muy nobre cida- | dade [*sic*] de Coimbra, em cafa de Antonio de | Mariz, aos vinte dias do mes de | Abril de 1560. | Com licença dos fenhores Inquifidores, | ꝛ Ordinario.

fl. lxjx [aliás 59] vo. Tauoada do prefente liuro. [...]

[fl. 1 vo.] [...] Fim da tauoada.

4º—[2], lxjx (aliás 59), [1] folhas—32 linhas—caractéres gothicos, prologo em caractéres italicos, e epigraphes em redondos.

Numeração dos cadernos: 2 folhas sem numeração nem assignaturas; A–B, 4 folhas cada caderno; C–H, 8 folhas cada caderno; I, 4 folhas; total de 62 folhas; a folha F 3 tem assignatura errada E iij.

Encadernação de marroquim.

O *Itinerario de Antonio Tenrreyro Caualeyro da ordem de Chrifto, em que fe contem como da India veo por terra a eftes Reynos. de Portugal* foi impresso pela primeira vez em Coimbra por Antonio de Mariz em 1560. Entre outros, referem-se a esta preciosa edição *princeps* os seguintes auctores: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. 1, p. 407), Ribeiro dos

4to.—[2], lxjx (alias 59), [1] leaves—32 lines—Gothic type, prologue in italics, chapter headings in Roman type.

Collation by signatures: 2 unnumbered leaves with no signature marks; A–B, each 4 leaves; C–H, each 8 leaves; I, 4 leaves; total 62 leaves; leaf F 3 is wrongly marked E iij.

Bound in morocco.

The *Itinerario de Antonio Tenrreyro Caualeyro da ordem de Chrifto, em que fe contem como da India veo por terra a eftes Reynos. de Portugal* was printed for the first time by Antonio de Mariz in Coimbra in 1560. Among those who mention this precious first edition are: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. 1, p. 407), Ribeiro dos Santos (*Memoria para*

[1] *Royal coat of arms.*
[2] *Woodcut of Antonio Tenreiro and his Moorish guide, mounted on dromedaries.*

Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 89), Innocencio (*Diccionario*, vol. I, p. 281), Figaniere (*Bibliographia Historica Portugueza*, p. 162), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 546), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 56–57), Brunet (*Manuel du Libraire*, t. V, col. 699), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 830) que desconheciam o paradeiro de um só exemplar da impressão de 1560. As descripções de todos estes bibliophilos são muito deficientes; a mais completa, todavia, foi dada por Sousa Viterbo (*loc. cit.*) que poude examinar o admiravel exemplar que então pertencia a Jeronymo Ferreira das Neves, e que hoje se encontra na nossa Bibliotheca.

Alem d'esse exemplar, possuiamos um outro, egualmente completo e perfeitamente conservado. Ha já decorridos mais de quatro annos, offerecemos, indirectamente, á Bibliotheca Nacional de Lisboa esse exemplar, em troca de qualquer obra importante impressa em Portugal no século XVI que alli houvesse em duplicado, e que faltasse á nossa Bibliotheca. Como passados bastantes mezes não obtivessemos a minima resposta—o que profundamente sentimos por todos os motivos—acceitámos gostosamente a proposta de uma troca, que gentilmente nos foi feita pelo Museu Britannico; e assim essa esplendida Bibliotheca possue hoje um bello exemplar da edição *princeps* do *Itinerario* de Antonio Tenreiro, e a nossa livraria enriqueceu-se com um magnifico exemplar da primeira edição dos *Coloquios dos simples* de Garcia da Orta, estampada em Goa em 1563.

O *Itinerario* é a obra mais antiga que possuimos sahida dos prelos de Antonio de Mariz. Anselmo e Proença (*ob. cit.* p. 238) dizem-nos que:

"João de Barreira, Germão Galharde e António de Mariz são os três impressores que maior número de edições produziram no século XVI, em Portugal. Dêste último, os trabalhos conhecidos são em número superior a 90; e muitos deles, pelo apuro e correcção, conferem ao seu impressor

a Historia da Typografia Portugueza do Seculo XVI, p. 89), Innocencio (*Diccionario*, vol. I, p. 281), Figaniere (*Bibliographia Historica Portugueza*, p. 162), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 546), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 56–57), Brunet (*Manuel du Libraire*, t. V, col. 699), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 830), who did not know the whereabouts of a single copy of the 1560 edition. The descriptions furnished by all these bibliographers are very incomplete, the fullest being given by Sousa Viterbo (*loc. cit.*) who was able to examine the magnificent copy which then belonged to Jeronymo Ferreira das Neves and which is now in our Library.

In addition to this copy we had another, equally complete and perfect. More than four years ago we made an indirect offer of this copy to the Lisbon National Library, in exchange for any other important work printed in Portugal in the XVIth century which was there in duplicate and which we did not already possess. As many months passed without our receiving any reply—which we felt very deeply for many reasons—we gladly accepted the courteous proposal of an exchange, made to us by the British Museum; so that Library has to-day a beautiful copy of the first edition of Antonio Tenreiro's *Itinerario*, while our own has been enriched by a splendid copy of the first edition of Garcia da Orta's *Coloquios dos simples*, printed in Goa in 1563.

The *Itinerario* is the earliest work we possess from the press of Antonio de Mariz. Anselmo and Proença (*op. cit.* p. 238) tell us that:

"João de Barreira, Germão Galharde and Antonio de Mariz are the three printers who produced the greatest number of editions in Portugal in the XVIth century. The known works of the latter exceed 90 in number; and many of them are so fine and accurate in workmanship as to

o direito a ser classificado como o primeiro entre os tipógrafos portugueses do seu tempo."

Antonio de Mariz, filho de Francisco Annes e de Ignez Caldeira, era natural de Coimbra, ignorando-se, comtudo, o anno do seu nascimento. Desde 1556 teve n'essa cidade—na rua das Fangas—loja de livreiro e officina de impressão, "officina que, por morte de João de Barreira, foi honrada com o titulo de privilegiada da universidade." Durante largos annos, de 1556 a 1599, exerceu a sua profissão em Coimbra; porem, de 1561 a 1569, tambem teve officina em Braga, onde foi impressor do illustre Arcebispo Primaz, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, e, occasionalmente, estampou uma obra em Leiria em 1575, e uma outra, em 1599, na villa de Sernache dos Alhos, perto de Coimbra, para onde fugira á peste que assolava essa cidade (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* n^os^ 869 e 915).

Nas suas numerosas producções, Antonio de Mariz usou diversos titulos; na primeira obra conhecida que sahiu dos seus prelos (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 823) assignou "Typographo Regio"; depois, o seu nome é, successivamente, seguido d'estes differentes titulos: "Typographo" ou "Impreſſor da Vniuerſidade," "Impreſſor & Liureiro da Vniuerſidade," e "Typographo da Academia"; por vezes denominou-se tambem "Architypographo" Regio, e da Universidade. Esse titulo curioso egualmente foi usado por João de Barreira (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 236). Na maior parte das obras que estampou em Braga, assignou "empreſſor do ſenhor Arcebiſpo Primas" ou "de Braga," e "Impreſſor de ſua ſenhoria Reverendiſſima." Anselmo e Proença dizem que Antonio de Mariz foi o impressor preferido dos Jesuitas, e accrescentam:

"Possuiu uma importante oficina, bem provida de material, como vemos pela variedade dos caracteres góticos, gregos e romanos que empregou. Como marca tipográfica usou em algumas edições uma galinha rodeada de pintos, em moldura oval, tendo em volta a legenda

give their printer the right to be classed as the first Portuguese printer of his time."

Antonio de Mariz, the son of Francisco Annes and Ignez Caldeira, was a native of Coimbra, though the year of his birth is unknown. From 1556 he kept a bookshop and a printing-office in the rua das Fangas in that city, "an office which, on the death of João de Barreira, was honoured by appointment to the university." For many years—from 1556 to 1599—he exercised his profession in Coimbra, though from 1561 to 1569, he also had a press in Braga, where he was printer to the Primate Dom Frei Bartholomeu dos Martyres. Apart from this, he printed a book in Leiria in 1575, and another, in 1599, in Sernache dos Alhos, near Coimbra, whither he had fled to escape the plague in that city (see Anselmo and Proença, *op. cit.* nos. 869 and 915).

In the course of his activities, Antonio de Mariz used various different titles: in the first known work from his press (see Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 823) he signed himself "Royal Typographer"; afterwards he successively used the following titles: "Typographer" or "Printer to the University," "Printer and Bookseller to the University," "Typographer to the Academy." Sometimes he called himself "Archtypographer" to the King or to the University, a curious title which was used also by João de Barreira (see Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 236). In most of the works he printed in Braga, he signed himself "printer to the lord Primate," "printer to the Archbishop of Braga" or "Printer to his most Reverend lordship." Anselmo and Proença state that Antonio de Mariz was the printer preferred by the Jesuits, and add:

"He had an important printing-office, well stocked with material, as we see from the variety of Gothic, Greek and roman type he used. In some editions he used as a mark a hen surrounded by chickens, within an oval border, with the

Fervens amor e as iniciais do seu nome A. M." (*ob. cit.* p. 238).

Entre 1572 e 1595, Antonio de Mariz registou nas chancellarias alguns alvarás de privilegio para a impressão de diversas obras (ver Deslandes, *Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos Seculos* XVI *e* XVII, ed. de 1888, pp. 67–70).

Como vimos (p. 476), o nosso "imprimidor" casou com Izabel João, filha do seu mestre, o Typographo Regio João Alvares, que residiu egualmente na rua das Fangas. D'esse casamento nasceram cinco filhos, um dos quaes, Pedro de Mariz, presbytero e Guarda Mór da Bibliotheca da Universidade, deixou um nome nas lettras; o pae teve a satisfacção de imprimir a primeira e a segunda edição da sua obra mais conhecida, os *Dialogos de Varia Historia* (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* n^os^ 905 e 915), que temos citado muitas vezes. Educado na boa eschola do sogro, e provavelmente do seu associado João de Barreira, vivendo no meio especialmente culto de Coimbra, do qual fazia parte o seu filho, Antonio de Mariz, imprimindo com esmero muitas obras importantes, prestou serviços ás lettras, e deixou um nome na historia da typographia Portugueza no seculo XVI. Ignora-se a data exacta do seu fallecimento, mas deve ter tido logar nos fins de 1599, visto em 1600, Diogo Gomes Loureiro, "ſeu Genro & Herdeyro," ter estampado a *Primera Parte de Gvsman de Alfarache* de Matheo Aleman—livro extremamente raro, do qual possuimos um bello exemplar—na officina de Antonio de Mariz.

Ignora-se a data do nascimento de Antonio Tenreiro, mas sabe-se que era natural de Coimbra, e que novo partiu para a India. Diogo do Couto (*Asia*, *Decada* IV, Parte I, Livro V, cap. VII, pp. 371–376) e Gaspar Corrêa (*Lendas da India*, t. III, pp. 316–318) referem-se elogiosamente a Tenreiro e ás suas viagens, fazendo especial menção á sua extraordinaria travessia do deserto, e João de Barros (*Qvarta Decada da Asia*, 1615, pp. 27–28) escreve que:

legend *Fervens amor* and the initials of his name, A. M." (*op. cit.* p. 238).

Between 1572 and 1595, Antonio de Mariz registered several charters of privilege for the printing of various works (see Deslandes, *Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos Seculos* XVI *e* XVII, 1888 ed., pp. 67–70).

As we have seen (p. 476), our printer married Izabel João, the daughter of his master, the royal printer João Alvares, who also lived in the rua das Fangas. Five children were born of this marriage, and one of them, Pedro de Mariz, a priest and the Keeper of the University Library, made a name for himself in letters; his father had the satisfaction of printing the first and second editions of his best known work, the *Dialogos de Varia Historia* (see Anselmo and Proença, *op. cit.* nos. 905 and 915), which we have quoted many times. Ably taught by his father-in-law, and probably by Alvares' partner João de Barreira as well, and living in the particularly cultured centre of Coimbra, to which his son also belonged, Antonio de Mariz, by his careful publication of many important works, rendered great service to literature, and left a worthy name in the history of Portuguese printing in the XVIth century. The exact date of his death is unknown, but it must have been at the end of 1599, because in 1600, Diogo Gomes Loureiro, "his Son-in-Law and Heir," printed Matheo Aleman's *Primera Parte de Gvsman de Alfarache*—an extremely rare book of which we possess a beautiful copy—in the printing-office of Antonio de Mariz.

The date of Antonio Tenreiro's birth has not been ascertained, but it is known that he was a native of Coimbra and that he set out for India at a very early age. Diogo do Couto (*Asia*, *Decad* IV, Part I, Book V, chap. VII, pp. 371–376) and Gaspar Corrêa (*Lendas da India*, vol. III, pp. 316–318) give eulogistic accounts of his travels, and João de Barros (*Qvarta Decada da Asia*, 1615, pp. 27–28) writes that:

"el Rei D. Ioão lhe fez merce pelo trabalho de hũa tam nova & incognita jornada, da qual, & da primeira fez Antonio Tenreiro hũa larga, & curiosa relação, que com nome de Itinerario imprimio em Coimbra no anno de 1565. dedicado à el Rei D. Sebastião."

Esta noticia é curiosa porque parece demonstrar que João de Barros só conheceu a segunda edição do *Itinerario*, impressa em Coimbra por João de Barreira em 1565 (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 189); por consequencia, a edição estampada por Mariz em 1560 já devia ser rarissima mesmo n'essa epocha, o que explica a segunda impressão, estampada tambem em Coimbra cinco annos mais tarde, provavelmente por estar esgottada a primeira.

Francisco de Andrada, depois de contar as viagens do auctor do *Itinerario*, dá-nos esta interessante informação, que talvez elucide as palavras de João de Barros:

"Este Antonio tenreyro conhecy eu inda em Coimbra, onde elle era morador, o qual deste seu caminho fez hũ tratado que mandou imprimir em que muyto miudamente dâ conta de todas as particularidades delle, donde (se ainda ha rasto delle) se ellas podẽ saber mais por extẽso & mais na verdade" (*Chronica del Rey D. Ioam o III*, 1613, Parte II, fl. 70).

Os auctores que citámos, e outros, referem-se a mercês concedidas por D. João III a Tenreiro, mas sem dizerem quaes ellas fôram; alguns, como Barbosa (*loc. cit.*), dizem que elle era "Cavalleiro Professo da Ordem Militar de Christo," provavelmente por se ler na folha do rosto do *Itinerario*: "Antonio Tenrreyro Caualeyro da ordem de Christo." Hoje, graças ao Dr Antonio Baião, que achou o seguinte registro coevo no *Livro dos geraaes da fazenda d'ElRey*, sabemos a maneira como o Monarcha recompensou os serviços do destemido viajante logo que elle chegou a Portugal em 1529:

"A amtoneo temrreiro quue veo da Imdea por terra de temcça por anno com o abito de Xpo trinta mil rrs os quuaes lhe elrei deu polos ser-

"King João rewarded him for the labour of such a new and unknown journey of which, and of the first, Antonio Tenreiro wrote a long and interesting account, which, under the title of *Itinerario*, was printed in Coimbra in 1565, dedicated to King Sebastião."

This notice is curious because it seems to show that João de Barros was unaware that there had been an edition before the one printed in Coimbra by João de Barreira in 1565 (see Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 189); the edition printed by Mariz in 1560 must therefore have been very rare even at that period, and was probably exhausted when the second edition was printed, only five years later—also in Coimbra.

Francisco de Andrada gives an account of Tenreiro's travels, and adds the following interesting piece of information which may help to explain the words of João de Barros:

"I knew this Antonio Tenreiro in Coimbra, where he lived, and he wrote a treatise about his journey, which he had printed, giving all particulars about the way he came, where (if any copies of it still remain) these may be found more fully and more truly set down" (*Chronica del Rey D. Ioam o III*, 1613, Part II, fl. 70).

The authors we have quoted, and others, all state that Dom João III rewarded Tenreiro on his return to Portugal in 1529, but without saying what form the reward took; some, like Barbosa (*loc. cit.*), say that he was "a professed Knight of the Military Order of Christ," probably because they have seen the words *"Antonio Tenrreyro Caualeyro da ordem de Christo"* on the title-page of the *Itinerario*. But to-day we are better informed, thanks to Dr Antonio Baião, who found the following record in the *Livro dos geraaes da fazenda d'ElRey*:

"To Antonio Tenreiro who came from India by land, as a yearly pension with the habit of the Order of Christ, thirty *mil reis*, which the King gave him on account of the services he rendered

viços que lhe niſo fez e por outros reſpectos e começaloſha vemçer de jan.^{ro} de b^{c}xxx em diamte pagos aos coarteis do anno por jmteiro e ſem quuebra" (*Itinerários da Índia a Portugal por terra, Prefacio*, pp. x–xi).

Passados cerca de trinta annos—devia ter seguramente mais de sessenta de edade—Tenreiro decidiu publicar a historia das suas viagens, que dedicou a El-Rei D. Sebastião. No *Prologo*, dirige-se á Real creança nos seguintes termos:

"Mvyto Alto e Poderoso Senhor. Muytas couſas acometẽ ás vezes os homẽs tã arduas & difficultoſas q̃ excedem has forças humanas, nem ſe poderiam acabar ſenam per eſpecial graça do ſenhor Deos....Deſta qualidade foy eſta minha perigrinaçam que neſte pequeno tractado offereço a V.A. no qual breuemente copiley as couſas que paſsei deſde ho tempo q̃ eſtando na India ſeruindo na militia a el Rey de muy glorioſa memoria voſso auô, fuy na companhia da embayxada q̃ dom Duarte de meneſes gouernador que entã era da India mãdou ao Sufy, et paſsando eu mais adiante com ho deſejo que tinha de ir â Hieruſalem correndo a Turquia, & grande parte de Aſia me foy neceſsario tornar à India por não achar embarcaçam pera Europa, & polla experiencia q̃ tinha deſte caminho nam acuſtumado de homẽs chriſtãos, me mandou Chriſtouam de Mendonça capitão & gouernador do reyno de Ormuz que vieſse da India por terra a Portugal com cartas de muyta importancia â el Rey voſso auô: o que eu aceitey & foy couſa noua & eſtranha neſte reyno verem homẽ que da India vieſse por terra a Portugal. E ſem duuida q̃ milagroſamente noſso ſenhor metrouxe (*sic*) a eſtes reynos ſegũdo claramente ſe verâ no proceſso deſte tractado, ſendo tantas vezes, poſto em riſco de morte, preſo, roubado & paſsando por tã diuerſas nações barbaras & eſtranhas & pello deſerto entre beſtas & feras alimarias, que eu meſmo tiue por impoſsiuel eſcapar da morte. Tinha eſcritos os trabalhos deſtes caminhos ha ja muytos ãnos porq̃ naturalmẽte folga homẽ de tornar à memoria ho paſsado, & cõ entẽçã tambẽ q̃ lendo iſto algũ de voſsos leais & carioſos

him in this and in other respects, and it shall be paid to him beginning in January of 1530 and thereafter quarterly, in full, and without a break" (*Itinerários da Índia a Portugal por terra, Prefacio*, pp. x–xi).

Thirty years later, when he must surely have been more than sixty years of age, Tenreiro decided to publish the story of his travels, which he dedicated to King Sebastião in the *Prologo*, as follows:

"Most High and Powerful Lord. Sometimes men undertake many tasks so arduous and difficult that they exceed human capabilities, nor could they accomplish them without the special grace of our Lord God....My pilgrimage was of that kind and I offer it to Your Highness in this little treatise, where I have briefly described the vicissitudes through which I passed, from the time when, being in India serving the King your grandfather, of very glorious memory, in the army, I went with the embassy sent by Dom Duarte de Meneses, then governor of India, to the Sufi; and as my desire to visit Jerusalem led me farther on, so that I travelled through Turkey and most of Asia, I had to return to India, because I could find no ship to take me to Europe; and on account of my experience of this unaccustomed road for Christian men, Christovão de Mendonça, the captain and governor of the kingdom of Ormuz, commanded me to come from India to Portugal by land, with letters of great importance for the King your grandfather: which I consented to do, and it was a new and wonderful thing in this kingdom to see a man who had come by land from India to Portugal. And there is no doubt that our Lord brought me safely to these kingdoms by a miracle, as will be clearly seen in the course of this treatise, since in passing through so many different strange and barbarous countries and through the desert among beasts and wild animals, I was so many times in danger of death, capture and robbery, that I myself despaired of coming through alive. I had written down the toils of my journey many years ago, because a man naturally likes to renew his memories of the past, and also with the idea that, if one of your loyal and interested subjects read this, he

vassalos, tomassẽ daqui algũ stimulo & exemplo pa cõgrande (*sic*) cuydado seruir a seu Rey pareceome (*sic*) agora bẽ fazer imprimir este processo de minha viagem pa q̃ mais gẽte seja delle participante, & offrecello (*sic*) a V.A. como seruiço do derradeyro quartel de minha vida, pois ja cõ outra cousa ho não posso seruir."

might derive from it some stimulus and example to serve his King with great devotion, so now it seemed to me a good moment to print this story of my journey so that more people could know of it, and to offer it to Your Highness as a service in the last quarter of my life because I can no longer serve you in any other way."

Antonio Tenreiro começa por contar que quando o Rei de Ormuz se levantou contra os Portuguezes, mandou offerecer

"ao Sufi as pareas que dantes tinha do Reyno de Ormuz com outras tantas ꝛ q̃ o ajudasse contra os Portugueses. Do q̃ o Sufi foy contente: ꝛ mandou gente em sua ajuda. Mas quando chegou a terra firme, jaa el Rey de Ormuz era morto, ꝛ feyto outro Rey q̃ estaua concertado com os Portugueses."

Antonio Tenreiro begins by telling how, when the King of Ormuz rose against the Portuguese, he sent a message to the Sufi offering him

"the tributes he used to receive from the Kingdom of Ormuz and as many more, if he would help him against the Portuguese. With which the Sufi was content, and sent people to his aid. But when they reached the mainland, the King of Ormuz was already dead, and another King reigned, who was in agreement with the Portuguese."

Por consequencia, os capitaes do Sufi viram que a sua ida era inutil; mas "tolhiam as Cafilas que hiam pera Ormuz," com que o Rei "perdia de suas rendas/ ꝛ escusauasse ao gouernador dom Duarte de Meneses, que entam gouernaua a India que nam podia pagar a el Rey de Portugal as parias q̃ era obrigado a pagar." Em vista d'essa situação, o Governador determinou mandar ao Sufi uma Embaixada "per hũ homẽ de muyto merecimento chamado Baltasar Pessoa." Antonio Tenreiro, certamente d'acordo com o Embaixador, decidiu acompanhal-o, "assi por cumprir com meus desejos q̃ eram ver mũdo como tambem por me parecer necessario mudar a terra por me temer de hum homẽ com que tiue hũas brigas, mais rico do que compria pera a quietaçam de quem se temia delle." A 1 de Setembro, partiram de Ormuz, "pera a terra firme," n'uma galé real "ao som de muytas trombetas" (fl. 1–fl. 3).

The Sufi's captains therefore saw that their coming was in vain, but they "barred the way to the Caravans going to Ormuz" so that the King "lost some of his revenue and made excuses to the governor Dom Duarte de Meneses, who was then governing India, that he could not pay the tribute he owed to the King of Portugal." In view of this state of affairs the governor decided to send to the Sufi an embassy "by a man of great merit named Balthasar Pessoa," and Antonio Tenreiro, certainly with the ambassador's consent, made up his mind to accompany him, "both to fulfil my desire to see the world, and because it seemed to me necessary to go to another country, as I was afraid of a man with whom I had quarrelled and who was too rich for the peace of mind of anyone who feared him." On September 1st they set out from Ormuz "for the mainland" in a royal galley, "to the sound of many trumpets" (fl. 1–fl. 3).

O nosso auctor narra então a viagem, dando descripções curiosas e interessantes sobre as terras, os habitantes e os seus costumes; lamentamos que a falta de espaço não nos permitta transcrever muitos trechos do *Itinerario*. Conta diversos

Our author then proceeds to describe the journey, giving an interesting account of the countries he passed through, and the appearance and customs of the inhabitants; we regret that lack of space prevents us from quoting many passages of the *Itinerario*. He recounts divers in-

episodios da chegada da Embaixada á côrte do Sufi, que teve de seguir de um acampamento para outro, assistindo a festas, mas sem poder tratar dos negocios que lá a levára. Os Portuguezes fôram então para uma villa "que ſe chama Ar-diuil (Ardebil)," onde passáram momentos pouco agradaveis. Alli fôram informados por um creado Mouro, que os acompanhára desde Ormuz, que o Sufi estava "muy chegado ao fim da vida, ⁊ ſe morria eſtaua certo roubarem nos de quanto tinhamos." Sendo difficil, em caso de necessidade, defenderem-se no "arayal" em que se encontravam, decidiram partir para Tabriz, onde já tinham estado á vinda de Ormuz:

"⁊ caminhamos tres dias com tres noutes de contino, ſem deſcanſar: ſomente em quanto os caualos comião, ⁊ ja perderaderadeyro (*sic*) nam podiam dar com noſco paſſada: polla qual cauſa com aſſas trabalho chegamos a cidade de Tabriz, ⁊ nos metemos nas caſas donde dantes nos apoſentaram."

Passados alguns dias "chegou noua que o Sufi era morto ⁊ aleuantado por rey o filho." A noticia fôra trazida por "hum grande ſenhor do Sufi," acompanhado de "muyta gente de caualo armada," que mandou apregoar por toda a cidade "que cada hum eſteueſſe em paz nam fezeſſem nenhum aluoroço porque os que ho aſſi nam fezeſſem que lhe mandaria logo cortar acabeça (*sic*)." A situação devia faltar de en-cantos, pois Tenreiro escreve:

"E o Embayxador ⁊ os Portugueſes eſtiuemos ſempre fechados em as ditas caſas, ⁊ nos velauamos de noyte, com as armas nas mãos, ⁊ eſpingardas ceuadas, atee que ſe a terra aſſentou, & os mer-cadores abriram ſuas tendas. Veyo noua como o rey nouo, que ſe chamaua Tamas Soltão, ſe vinha chegãdo com arayal pera hũas ſerras que eſtam tres jornadas de Tabriz ao oriente.... E depois que ali cheguou com o arayal, fez tomar

cidents connected with the arrival of the embassy at the court of the Sufi, which they were forced to follow from one encampment to another, taking part in various festivities, but never able to discuss the affair which had brought them there. The Portuguese then went to a village "which is called Ardivil (Ardebil)," where they went through some disagreeable moments. There they were informed by a Moorish servant who had accompanied them from Ormuz that the Sufi was "very near to the end of his life and if he died it was certain that we should be robbed of all we possessed." As it would have been diffi-cult to defend themselves, if need arose, in the "encampment" where they were, they decided to leave for Tabriz, which they had already visited on their way from Ormuz,

"and we journeyed continuously for three days and three nights, without resting, except while the horses ate, and at the end they could not take a step with us; for which reason it was with con-siderable difficulty that we reached the city of Tabriz and put ourselves in the houses where they had lodged us before."

A few days later "the news came that the Sufi was dead and his son had been raised to the throne." The news was brought by "one of the Sufi's great lords" accompanied by "many armed people on horseback," who had it proclaimed throughout the city "that everyone must be at peace nor make any tumult, because he would order all those who disobeyed this order to have their heads cut off." The situation must have been somewhat lacking in charm, for Tenreiro writes:

"And the Ambassador and we Portuguese were shut up in the said houses all the time, and we kept watch at night, with our arms in our hands and our guns primed, until the country settled down and the merchants opened their shops. News came that the new king, who was called the Sultan Tamas, was coming to camp in some mountains three days' journey from Tabriz on the East.... And when he had arrived there with his encampment, he ordered his father's old

conta aos teſoureyros: que foram de ſeu pay, ⁊ pola nam darem boa, mandou em algũs delles fazer crueis juſtiças: ⁊ a outros tomar quanto tinham, aſſi meſmo elle per ſi aa mão mataua grandes ſenhores que tinhã culpas aas cutiladas. Acabado de fazer eſtas cruezas nos homẽs, mandaua trazer Liõis ⁊ Uſſos, & os mataua. E iſto tudo fazia por ſe fazer temer, porque aſſi ho cuſtumão os ſenhores mouros deſtas terras. Paſſados algũs dias, ſe partio o embaixador pera o arrayal do nouo rey, pera deſpachar ſua embaixada, porque atee ali nam tinha couſa nenhũa acabado. Eu por achar companhia deſte (*sic*) Chriſtãos Armenios, q̃ me seguraram o caminho atee Ierusalem, que em eſtremo deſejaua, ⁊ juntamente que podia ver muytas terras: me apartey do embaixador, ⁊ proſſegui o caminho da cidade de Tabriz" (fl. 18 vº–fl. 19 vº).

Em companhia de sete Christãos Armenios, Antonio Tenreiro começou, "cõ o roſto ao poente," a sua jornada para Jerusalem, da qual nos dá informações interessantissimas. Passados poucos dias de viagem, chegáram a uma grande aldeia, terra muito fria, e habitada quasi só por Christãos, perto da qual ha serras muito altas que correm para o norte; os Christãos disseram a Tenreiro que a Arca de Noé ainda existia encalhada n'essas montanhas. "E me amoſtraram a ſerra ⁊ a arca, que tudo eſtaua cuberto de neue: ⁊ eu nam vi outra couſa ſaluo neue/ ainda que comigo aperfiauam que olhaſſe bem, ⁊ que a veria clara, mas eu nam vi mais." E parecendo querer desculpar-se—ou com pena—de não ter visto a arca, accrescenta: "E por ir hũ pouco mal deſpoſto dos olhos, nam podia bem olhar" (fl. 20).

Tenreiro tinha um espirito observador, e tomava nota de tudo o que via e ouvia; por isso, não só descreveu as terras que atravessou e os monumentos que examinou, mas soube colher dos habitantes muitas informações, tanto ácerca da sua historia como das suas lendas e tradições. O seu interesse cheio de curiosidade habilitou-o a

treasurers to make up their accounts for him, and because they did not give him good ones, he had some of them cruelly punished, and others had all their possessions taken from them, while he himself with his own hand put great lords who had offended against him to the sword. When he had finished his cruelties to men, he had lions and bears brought, and killed them. And he did all this to make himself feared, because that is the custom of the Moorish lords of those lands. After some days, the ambassador set out for the encampment of the new king, to carry out his mission, because until then he had not succeeded in doing anything. Having found a company of these Armenian Christians who would give me their protection on the road to Jerusalem, which I very much desired to see, besides the opportunity it gave me of seeing many countries, I took leave of the ambassador and proceeded towards the city of Tabriz" (fl. 18 vo.–fl. 19 vo.).

In company with seven Armenian Christians he set out, "with my face towards the west," on his journey to Jerusalem, about which he tells us many interesting things. After a few days' travel they reached a large village inhabited almost exclusively by Christians; the place was very cold and near a range of very high mountains going up towards the north, and the Christians told Tenreiro that Noah's ark was stranded on these mountains. "And they showed me the mountain range and the ark, which was all covered with snow, and I saw nothing but snow; even when they insisted that if I looked well I should see it plainly, I saw nothing more." And as if to excuse himself, or in regret at not having seen the ark, he adds: "And as I was a little indisposed about the eyes, I could not see very well" (fl. 20).

Tenreiro had an observing mind and took note of all he saw and heard; he was not content merely to describe the countries through which he passed, but studied their monuments and learned as much of their history, legends and traditions as he could from the inhabitants. He was interested in everything and was thus particularly

escrever uma narração de tudo o que tinha visto, e na qual relata seja os productos das terras que percorreu, seja os costumes dos povos que visitou. Referindo-se ao "reyno dos Gurgis," que fica a "hũa jornada pequena" ao norte de "Bytaliz" (Bitlis) na baixa Armenia, diz que os seus habitantes, que são Christãos, "ſam gẽtes brancas ꝛ ruiuas como Ingreſes."

Continuando a sua viagem, cheia de peripecias, chegou á cidade de "Caraemite" situada "junto do rio Tigris." Ahi, depois de varios interrogatorios ordenados pelo "Baixa gouernador da cidade," foi preso, e mandado para o Cairo. Provado innocente do delicto de que fôra accusado, foi posto em liberdade, e desceu o Nilo até Alexandria, d'onde seguiu para Chypre. Finalmente, não achando "embarcaçam/ que eſtiueſſe preſtes pera partir pera Europa" (fl. lxiij (aliás 43) vº), regressou, após numerosos episodios, a Ormuz.

A viagem que acabava de fazer era sem duvida notavel, mas a sua importancia não se póde comparar com a d'aquelle que, em 1528, ia emprehender em serviço d'El-Rei. Tenreiro conta com singeleza como acceitou a difficil e perigosa missão, na verdade uma aventura arriscada.

"Paſſados cinco, ou ſeys annos que eu ja eſtaua em Ormuz quando entrou Chriſtouão de mendonça por capitão da fortaleza, ꝛ gouernador do reyno Dormuz. E ſabendo que eu tinha vindo daq̃llas partes do Egipto, ꝛ tinha paſſado o deſerto: me rogou ꝑ muytas vezes, q̃ quiſeſſe vir per terra a Portugal com cartas pera el Rey noſſo ſenhor. E q̃ ſabia certo, ꝛ me prometia: que el Rey me auia de fazer muyta merce/ porq̃ o gouernador Lopo vaz de ſam Payo lho encomẽdara muyto: q̃ buſcaſſe hũ homẽ, pera q̃ foſſe ꝑ terra a Portugal, pera q̃ viſſe em ho caminho em as terras do grã Turco, ſe auia nouas de paſſarẽ os Rumes aa India. Do q̃ eu bẽ me quiſera eſcuſar, por me lembrarẽ os trabalhos ꝛ riſcos q̃ tinha paſſado. E apertãdo muyto comigo, ꝛ falãdo a homẽs

fitted to give an account of all he had seen, whether it was the products of the different countries he traversed or the customs of the peoples he visited. Referring to the "kingdom of the Gurgis," which is a "short day's journey" to the north of "Bytaliz" (Bitlis) in Lower Armenia, he tells that the people there, who are Christians, "are white and ruddy like the English."

In the course of his peregrinations, he came to the city of "Caraemite" situated "near the river Tigris." There, after being several times interrogated by order of the "Bashaw who governed the city," he was taken prisoner and sent to Cairo. Having been proved innocent of the offences with which he had been charged, he was set free, and went down the Nile as far as Alexandria, whence he embarked for Cyprus. Finally, as he could not find a "ship ready to leave for Europe" (fl. lxiij (alias 43) vo.), he turned back to Ormuz, which he reached safely after various adventures.

The journey he had then completed was certainly remarkable, but it was not to be compared in importance with the one he was to undertake in the King's service in 1528. Tenreiro gives a simple and unpretentious account of the difficult task he accomplished, which was really a most perilous venture.

"I had been in Ormuz for about five or six years when Christovão de Mendonça became captain of the fortress and governor of the kingdom of Ormuz. And, knowing that I had come from those parts of Egypt and had crossed the desert, he many times asked me to come to Portugal by land with letters for the King our lord. He said he knew for certain and could promise me that the King would give me a great reward, because the governor Lopo Vaz de Sam Payo had strongly advised him to seek a man who would go to Portugal by land, so that he could see on the road through the Grand Turk's lands whether there was any news of the *Rumes* going to India. I should very much have liked to excuse myself, because I remembered the toils and dangers through which I had passed; but he urged me greatly and asked my friends to talk to

meus amigos/ q̃ me falaſſem, ⁊ me acõſelhaſſem q̃ o fizeſſe. E eu vẽdo q̃ elle tãto em iſto inſiſtia ⁊ tãtos prometimẽtos me fazia ꝑ eſcripturas publi/cas, q̃ eu nã quis aceitar. E o aceitey, cõ tãto q̃ elle me deſſe auiamẽto ⁊ cartas ꝑa o rey de Bacora me dar guia, ⁊ todo ho mais auiamẽto q̃ lhe eu pediſſe: porq̃ eu via q̃ ja a mayor parte do verão era paſſado, ⁊ as cafilas erã ja hidas auia muytos dias" (fl. 49 vº–fl. l).

Tenreiro embarcou em Ormuz no fim de Setembro de 1528 para Basra. Como as cáfilas já tinham, com effeito, partido quando chegou a essa cidade, foi logo fallar com o Rei, "q̃ era hũ mouro velho Arabio, muyto pratico: porq̃ auia poucos annos que deixara de ſer mercador, ⁊ andara com Camelos em ho trato ⁊ viagem de Damaſco pera Bacora," e entregou/lhe as cartas que levava do Rei de Ormuz e de Christovão de Mendonça. O "velho Arabio," que andára com camelos, ficou surprehendido que um homem quizesse atravessar o deserto só com um guia, e disse a Tenreiro que "nã ſabia, nẽ achaua mouro" que estivesse disposto a acompanhal/o, pois ninguem passava aquelle caminho, infestado de animaes selvagens, "ſe nam em cafilas de muyta gente." Dizendo/lhe que "era couſa tam arriſca/da," o Rei tentou convencer o viajante Portuguez que desistisse da sua empreza; mas Tenreiro respondeu que "aſſi ho queria como quer que foſſe." Decorridos quinze dias, o Rei chamou Tenreiro, e informou/o ter achado um Mouro

"que dizia q̃ hiria comigo. Mas que elle me nã ſeguraua ⁊ que correria meu riſco: ⁊ que ſe eu quiſeſſe que me cõcertaſſe cõ elle, por quanto me auia de leuar. E logo mandou chamar ho dito mouro.... E elle chegando, me contratey cõ elle, ⁊ lhe dey oytenta cruzados, ⁊ cõprey hũ Drome/dairo pera elle, ⁊ outro pera mĩ, ⁊ aſſi odres pera leuar agoa, biſcoyto, tamaras, paſſas ⁊ farinha ꝑa mãtimentos dos ditos Dromedairos, de que ſe lhe fazẽ hũs pelouros de maſſa rija, com que ſe

me and advise me to do it. And, when I saw that he insisted so much upon this and made me so many promises by public writings, which I did not wish to accept, I consented, provided he would give me provisions and letters to the king of Basra asking him to give me a guide, and any further provisions for which I might ask him, because I saw that most of the summer was already past and that the last caravans must have left many days before" (fl. 49 vo.–fl. l).

Tenreiro set sail from Ormuz at the end of September, 1528, and made for Basra. On his arrival there, he found that the caravans had indeed left; so he went to talk to the King "who was an old Moorish Arab and very practical, because it was only a few years since he had been a merchant and, trading between Basra and Damascus, had been accustomed to do the journey on camels." Tenreiro gave him the letters he had brought from the King of Ormuz and Christovão de Mendonça, and the "old Arab," who had been used to crossing the desert with camels, was amazed that anyone should dare to undertake the journey with a guide only, and he said "he did not know and could not find any Moor" who would accompany him, because none dared to take that road, haunted with wild animals, "except in caravans of many people." The King tried to dissuade the Portuguese traveller from setting out, as it was "such a very risky thing"; but Tenreiro replied "that he wanted to do it however it was." Fifteen days later, the King summoned him and told him he had found a Moor

"who said he would come with me. But that he would not vouch for him and I must take him at my own risk, and that if I wanted him I must arrange with him how much he was to have for taking me. And he then sent to summon the said Moor.... And when he arrived I made a bargain with him and gave him eighty *cruzados* and bought a dromedary for him and another for my/self, and also leather water bottles, biscuit, dates and raisins, as well as meal to feed the said drome/daries—this is made into balls of stiff dough and

ſoſtentam tanto tempo atee deſſalecerem de todas as forças" (fl. 52).

Passados dias, Tenreiro poz-se a caminho com o seu guia á meia noute, "por nam ſermos ſenti-dos, nem ſe ſaber que rota leuauamos," com receio dos "Alarues, q̃ ſam grãdes ladrões." Caminháram de dia e de noite atravez do deserto, quasi sem repousar: "ꝛ quando hũ de nos dormia ho outro vigiaua." Com a maior simplicidade, o auctor do *Itinerario* conta a extraordinaria aven-tura da sua travessia do deserto com o seu fiel guia.

"E per muytas vezes vimos Liões, Uſſos ꝛ onças: em que por vezes nos meteram em afrõta, ꝛ ſe queriam chegar pera nos, ꝛ nos deſuiandonos delles, ꝛ tangermos muyto rijo os Dromedarios atee que os perdemos de viſta. E outra vez hũ dia de madrugada, ſe nos eſpantaram os Drome-darios, ꝛ correriam cõ noſco a redea ſolta mais de duas legoas ſem vermos de que ſe eſpãtauam, porque a menhaã nam era ainda crara. Em que paſſey muyto riſco, porque por vezes eſtiue quaſi caido delle polos grandes ſaltos que daua, ꝛ quiſme noſſo Senhor guardar que nam cahi. E como eſtiueram quedos, olhaua ho guia pera mim, ꝛ eu pera elle: ꝛ eſtiuemos hũ pedaço ſem nos podermos falar hũ ao outro. E como teuemos alento, perguntey eu ao Alarue que fora aquillo, ꝛ elle me diſſe que nam vira nada: ꝛ porem q̃ ſeria algũ Lião que eſtaua metido em hũuas moutas por onde paſſamos quando ſe nos eſpan-taram. E em eſta corrida que correram, ſe meteo hũ eſtrepe per hũa mão do meu Dromedario, de que ficou tam manco que nam podia dar paſſada. E eſtiuemos ſeys ou ſete dias quedos ſem nos bolir de hũ logar. Em eſtes dias curaua ho Alarue a ferida que fizera ho eſtrepe ao Dromedairo: ꝛ como ſarou algũ tanto della ꝛ manquejãdo nos partimos, ꝛ poſemos. xxij. dias des ho dia que partimos do aduar, donde ho Alarue deixaua ſua molher, que era hũa pequena jornada de Baçora. Em eſte caminho do deſerto nã vimos homem nẽ molher, ſomẽte muytas veações de muytas caſſas. ſ. vacas brauas, q̃ ſam de cabelo prateado muyto luzẽte, tem os rabos como de caualo, q̃ ſam brancos ꝛ luzentes, q̃ parecem

sustains them until all their strength is gone" (fl. 52).

Some days later Tenreiro started out with his guide at midnight "so that we should not be noticed, and that none should know which road we took" for fear of the "Arabs, who are great thieves." They travelled night and day across the desert almost without resting, "and when one of us slept the other kept watch." Tenreiro tells of his amazing adventures with the utmost sim-plicity.

"And we often saw lions, bears and panthers, and sometimes they attacked us and tried to reach us, and we fled away from them and beat our dromedaries very hard until we had lost sight of them. Another time, one day at dawn, our dromedaries took fright and ran away with us at full speed for more than two leagues, without our being able to discover what had alarmed them, because the morning was not yet very clear; and I ran a great risk because I sometimes nearly fell off with the great leaps they took, but Our Lord was pleased to keep me so that I did not fall. And when they stopped, the guide looked at me and I looked at him and for a time we could not speak to one another. And when we had re-covered our breath, I asked the Arab what it had been, and he replied that he had seen nothing, but that perhaps it might have been some lion in the thicket we had been passing through when our beasts took fright. And during this flight my dromedary got a thorn in one of his feet, which made him so lame that he could not walk. And we spent six or seven days without being able to stir from one place. During that time the Arab dressed the wound the dromedary had re-ceived from the thorn, and when it was somewhat healed, though he was still limping, we went on, and we took twenty-two days from the time when we had quitted the hut where the Arab had left his wife, which was a short distance from Basra. On our way across the desert we saw neither man nor woman but only many large herds of *cassas*, which are wild cows with very sleek silvery skins, having tails like horses', white and shining as silk, and heads like horses', but with little smooth straight horns; and also large

seda/ ꝛ a cabeça como de caualo com hũs corni-nhos dereytos pera cima ꝛ lisos, ꝛ manadas muyto grandes de burros, q̃ sam todos ruyuos. E destas vimos muytas em lugares estreitos ꝛ passos antre algũas serras, ꝛ lombadas do dito deserto, onde auia algũa agoa encharcada que ali vinham beber: ꝛ manada achauamos de dous tres mil delles. Em estes. xxij. dias q̃ ja disse nã fizemos agoada, nẽ demos de beber mais q̃ quatro vezes aos Dromedairos em poços muy fũdos, ꝛ antigos, de q̃ tirauamos agoa cõ corda muyto cõprida ꝛ balde d couro q̃ pera isso leuauamos cõnosco. E passados, chegamos a hũa vila que se chama Cocana em este deserto" (fl. lij vº–fl. liij).

Tenreiro e o seu guia tinham commettido, sós, durante vinte e dois dias, o espantoso caminho do deserto!

Tenreiro foi entregar a carta que trazia do Rei de Basra para o Xeque de Cocana, que lhe fez e ao guia "muyto gasalhado: ꝛ mandou logo fazer muyto bem de comer." No mesmo dia, des-pediu-se do seu guia, a quem entregou uma carta para o Rei de Basra e outra para o Capitão de Ormuz, dizendo que chegára são e salvo áquella terra. O Mouro separou-se de Tenreiro "com muyta saudade ꝛ lagrimas...dizendo que com muyto mayor medo, ꝛ arreceo se auia de tornar polo deserto, porq̃ se auia de tornar soo"; e o nosso auctor, montando o seu dromedario, poz-se a caminho de "Taybe" (il Teijibe) acompanhado de quatro ou cinco Mouros que o Xeque mandára para o escoltar.

N'essa villa junctou-se a uma cáfila que seguia para "Calepe" (Alepo), onde, "sem perguntar a ninguem," se dirigiu "ao apousento dos Vene-zeanos," pois levava uma carta, "escrita em latim," de Christovão de Mendonça para "hũ micer Andre," que era "consul ꝛ principal" dos Venezeanos. Mas como o tal "micer Andre" estava em Constantinopla, onde fôra chamado "polo gram Turco," Tenreiro foi "bem agasalhado per outro Venezeano que ficara em sua casa." Depois de passar algum tempo em Alepo, não sem certos perigos, aos quaes dá graças a Deus de ter

herds of asses, which are all wild. And we saw many of these in narrow ways and passes between some mountain ranges and plateaux in that desert, wherever there was any standing water which they could come and drink, and we found herds of as many as two or three thousand of them. During all the twenty-two days I have already mentioned we took in no fresh water, and we watered the dromedaries only three or four times, from very deep and ancient wells, from which we drew up water with a very long cord and a leather bucket which we took with us for this purpose. And after this we reached a place called Cocana in this desert" (fl. lij vo.–fl. liij).

Tenreiro and his companion had crossed the desert alone in twenty-two days!

The traveller took a letter he bore from the King of Basra to the *Xeque* (lord) of Cocana, who made him and the guide "very welcome, and ordered them to be given plenty to eat." On the same day Tenreiro took leave of his guide, giving him letters to the King of Basra and the captain of Ormuz, announcing his safe arrival. The Arab left him "with great regret and many tears...saying that he would return across the desert in much greater fear and terror, because he had to go alone." Our author then bestrode his dromedary and set out for "Taybe" (il Teijibe) in company with four or five Moors whom the *Xeque* sent to escort him.

In that town he joined a caravan which was proceeding to "Calepe" (Aleppo), where, "with-out asking anyone," he made his way "to the lodging of the Venetians," because he had a letter "written in Latin" from Christovão de Mendonça to "a micer Andre" who was "the consul and chief" of the Venetians. But as this "micer Andre" had been summoned to Con-stantinople by the Grand Turk, Tenreiro was "well received by the other Venetian who had remained in his house." He spent some time in Aleppo, and, though he was in considerable

escapado, achou uma cáfila que seguia para Tripoli á qual se junctou. Chegado a Tripoli embarcou para Chypre, donde passando á Italia, veiu ter a Portugal em Maio de 1529, depois de cumprir a difficil e arriscada missão de que fôra incumbido, e pela qual foi, como vimos, immediatamente premiado por D. João III.

"Esta viagem, e chegada de Antonio Tenreyro poz grande espanto no Reyno, por ser o primeiro que a commetteo só com hum Piloto. Succedeolhe no cabo de todos estes trabalhos, que o primeiro dia que chegou ao Reyno, que esteve com ElRey até bem de noite, dando-lhe novas da India, sahindo dos Estaos onde ElRey pousava pera ir descançar, indo vestido em hum albernoz, que todo o caminho levou, saltáram com elle no Rocio, e lhe deram dezesete, ou dezoito cutiladas, e estocadas, de que o deixáram por morto, e foi dalli levado, e curado. Soube-o logo ElRey, mandou ao seu Surgião mór que o curasse como sua pessoa, e que se inquirisse aquelle negocio, sobre que as Justiças fizeram mui grandes diligencias, sem se alcançar cousa alguma, nem elle suspeitou nunca donde lhe aquillo podia vir. Viveo este homem depois; mas ficáram-lhe algumas fontes que lhe purgavam, em que trazia canudos de prata. Aposentou-se em Coimbra onde casou, e viveo de tenças, e comedías, que lhe ElRey deo" (Diogo do Couto, *ob. cit.* pp. 376–377).

É provavel que Tenreiro, na primeira noite que passou em Portugal após muitos annos de ausencia no Oriente, tenha tido saudades do deserto, onde os leões e outros animaes selvagens eram menos perigosos que os habitantes de Lisboa!

Antonio Tenreiro deixou um nome illustre entre os viajantes Portuguezes no seculo XVI, pois, com o admiravel espirito de Aventura dos Portuguezes d'aquella epocha, arriscou innumeras vezes a sua vida em serviço de El-Rei. Com grande coragem e intelligencia, soube

danger, he thanks God he escaped unharmed, and was able to join a caravan going to Tripoli. From Tripoli he sailed across to Cyprus, whence he proceeded to Italy, and arrived in Portugal in May, 1529, having safely accomplished his difficult and dangerous mission, for which, as we have seen, he was immediately rewarded by Dom João III.

"This journey and arrival of Antonio Tenreiro caused great wonder in the Kingdom, because he was the first to have undertaken it alone with a guide. Having come safely through all these troubles, the first day he arrived in Portugal he was with the King until late at night, giving him news of India, and when he left the Estaos, where the King was then in residence, to go and rest, it happened that, as he was still wearing the burnouse he had worn throughout his journey, they set upon him in the Rocio and gave him seventeen or eighteen sword or knife wounds and left him for dead, and he was borne away from there and cured. As soon as the King heard of this, he ordered his chief Surgeon to look after him as he would after his own royal person, and also ordered an enquiry into the matter, with regard to which the Justices made a very diligent search, but found nothing at all, nor did he ever suspect whence the attack could have come. This man lived afterwards; but he was left with fontanels, in which silver tubes were inserted to carry away the impurities in his blood. He settled in Coimbra, where he married and lived on the pension and maintenance allowed him by the King" (Diogo do Couto, *op. cit.* pp. 376–377).

In his first night in Portugal after many years in the East, Tenreiro probably regretted the desert, where the lions and other wild animals were less dangerous than the inhabitants of Lisbon!

Antonio Tenreiro left a famous name among Portuguese travellers of the XVIth century, for, endowed with the adventurous spirit which characterised his race at that period, he risked his life many times in the service of his King. With great

154 Gravura do *Itinerario* de Antonio Tenreiro
Woodcut from the *Itinerario* of Antonio Tenreiro
Coimbra, 1560

Itinerario. fo. 52.

Onças, & Lobos, & q̃ por nã sermos mais d̃ dous nos acometeriam & matariã. E q̃ se nã acordaua, q̃ ningue͂ passasse aquelle caminho se nam em cafilas de muyta gente, & que me tirasse daquella opinião, poys era cousa tam arriscada. E eu tornandolhe a falar outras vezes, que assi ho queria como quer que fosse. E passados quize dias, me tornou a mandar chamar: & me disse, que ja tinha buscado hũ mouro/que dizia q̃ hiria comigo. Mas que elle me nã seguraua & que correria meu risco: & que se eu quisesse que me cõcertasse cõ elle, por quanto me auia de leuar. E logo mandou chamar ho dito mouro, q̃ andaua em hũ aduar de Alarues junto da dita cidade em ho deserto. E elle chegando, me contratey cõ elle, & lhe dey oytenta cruzados, & cõprey hũ Dromedairo pera elle, & outro pera mi, & assi odres pera leuar agoa, biscoyto, tamaras, passas, & farinha pa mãtimentos dos ditos Dromedairos, de que se lhe faze͂ hũs pelouros de massa rija, com que se sostentam tanto tempo atee desfalecerem de todas as forças. Sostentãse aa sede oyto, dez dias sem beber, caminham dia & noyte vinte & cinco atee trinta legoas, sem comerem mais que aquelles pelouros de massa, que poderam ter menos de hũa quarta de farinha.

Capitulo lxij. De como me parti de Bacora em companhia de hum mouro Alarue pera me guiar ho caminho, & atrauessar ho deserto.

H iiij Passados

155 Uma pagina do *Itinerario* de Antonio Tenreiro
A page of the *Itinerario* of Antonio Tenreiro
Coimbra, 1560

156 Lettras capitaes do *Itinerario* de Antonio Tenreiro
Initial letters from the *Itinerario* of Antonio Tenreiro
Coimbra, 1560

cumprir o dever espinhoso que lhe havia sido traçado, e completou esse serviço escrevendo uma narração extremamente interessante das suas tão curiosas viagens. A primeira edição do *Itinerario* é, por todos os motivos, um livro precioso.

courage and intelligence, he carried out the thorny duty which had been entrusted to him, and rounded off his service by writing an extremely interesting account of his travels. The first edition of the *Itinerario* is a precious book from every point of view.

Foy impressa a presente obra em a muy nobre cidade de Coimbra, em casa de Antonio de Mariz, aos vinte dias do mes de Abril de 1560.

Com licença dos senhores Inquisidores, & Ordinario.

157 Colophon do *Itinerario* de Antonio Tenreiro
Colophon of the *Itinerario* of Antonio Tenreiro
Coimbra, 1560

Copia de algunas

cartas que los padres y hermanos de la compañia de IESVS, que andan en la India, y otras partes orientales, escriuieron a los de la misma compañia de Portugal.

Desde el año de M. D. LVII. hasta el de lxj.

Tresladadas de Portugues en Castellano.

IMPRESSAS EN COIMBRA
Por Ioan de Barrera.
1562.

158 Folha do rosto das *Cartas de los Jesuitas dela India*
Title-page of the *Cartas de los Jesuitas dela India*
Coimbra, 1562

98 CARTAS DE LOS JESUITAS DELA INDIA.
Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1562.

Copia de algunas | cartas que los padres y hermanos | de la compañia de IESVS, que an- | dan en la India, y otras partes orien | tales, escriuieron a los de la misma | compañia de Portugal.

Monogramma da Companhia de Jesus[1].

Desde el año de M.D.LVII. hasta el de lxj. | *Tresladadas de Portugues en Castellano.* | IM- PRESSAS EN COIMBRA | *Por Ioan de Barrera.* | 1562.

[fl. 2] *MANVEL ALVA- | rez sacerdote dela compañia de IESVS, | Al Christiano lector, Salud enel | Señor.* [...]

[fl. 2 vo.] [...] De Mayo, año de mil y qui- | nientos y sesenta y dos.

[fl. 3] Frey Martin de Ledesma [...] A los lectores. [...]

[fl. 4]

Licença do Dr Francisco Fernandes[2].

[fl. 1] *IESVS.* | *Copia de vna carta que Luys Froes escriuio* [...]

fl. 47 vo. [aliás 45 vo.]. [...] *Excudebat Ioannes Barrerius.* | *M. D. LXII.*

fl. 49 [aliás 46]. *Copia de vna del padre Diego de Soberal* [...]

fl. 103 [aliás 101]. [...] *Acabaronse de emprimir las presentes cartas, en la muy | noble ciudad de Coimbra, por Iuan Aluarez, impres- | sor delRey nuestro. S. alos veynte y nueue di | as del mes de Abril, de mil y quiniẽtos y | sesenta y dos annos.*

4º—[4], 103 (aliás 101) folhas—26 linhas—advertencia de Fr. Martin de Ledesma e epigraphes em caractéres italicos—a numeração de algumas das folhas está errada.

Numeração dos cadernos: 4 folhas sem paginação nem assignaturas; A–K, 4 folhas cada caderno; LM, 5 folhas; N–Z, 4 folhas cada caderno; Aa–Cc, 4 folhas cada caderno; total de 105 folhas; a folha D3 não tem assignatura, e D 4 tem assignatura errada D iij.

Encadernação de marroquim.

4to.—[4], 103 (alias 101) leaves—26 lines—Fr. Martin de Ledesma's foreword, and the headings are in italics—some of the leaves are wrongly numbered.

Collation by signatures: 4 unnumbered leaves without signature marks; A–K, each 4 leaves; LM, 5 leaves; N–Z, each 4 leaves; Aa–Cc, each 4 leaves; total 105 leaves; leaf D 3 has no signature mark and D 4 is wrongly marked D iij.

Morocco binding.

[1] *Monogram of the Society of Jesus.*
[2] *Licence of Dr Francisco Fernandes.*

Esta collecção de cartas escriptas da India e de outras partes do Oriente por diversos Padres e Irmãos da Companhia de Jesus, e impressa em Coimbra por João de Barreira e João Alvares em 1562, é uma obra valiosissima á qual se referem, entre outros, os seguintes auctores: Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 41), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 222), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 129), Salvá (*Catalogo*, nº 3299), Streit (*Bibliotheca Missionum*, vol. IV, nº 897), Palau (*Manual del Librero Hispano-Americano*, t. II, p. 288), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 299), que não indicam o paradeiro de um só exemplar; porem, estes auctores tinham previamente mencionado um exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa (ver *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, série II, vol. III, pp. 28–29). Ignoramos, por consequencia, se existe qualquer exemplar de este livro em Portugal. No estrangeiro—alem do nosso, que se encontra completo e admiravelmente conservado—temos conhecimento de tres: um no Museu Britannico (ver H. Thomas, *Short-title Catalogues of Portuguese Books*, p. 28), e dois na Hispanic Society of America (ver Clara L. Penney, *List of Books printed before* 1601, p. 135).

O livro estampado em Coimbra em 1562, contem vinte e cinco cartas: Streit (*loc. cit.*) dá uma lista das cartas, todavia n'uma ordem diversa, e algumas d'ellas com datas ligeiramente differentes das que estão impressas no volume que possuimos; tambem as menciona separadamente (ver *ob. cit.* vol. IV, nºs 835, 846–848, 855–857, 860, 868, 872, 875, 878, 884, 1407, 1410, 1413, 1414, 1416); mas na lista fornecida por Streit, não são relatadas quatro cartas que se encontram no nosso exemplar, a saber: carta de Irmão Guilherme, Bungo, 4 de Outubro de 1559 (fl. 25 vº–fl. 26); carta do Padre Luiz Froes, Goa, Novembro de 1559 (fl. 35–fl. 40); carta do Padre Marcos Prancudo, Damão, 15 de No-

This collection of letters written from India and other parts of the Orient by various Fathers and Brothers of the Society of Jesus, and printed in Coimbra by João de Barreira and João Alvares in 1562, is a very rare work, and among those who refer to it are: Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 41), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 222), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 129), Salvá (*Catalogo*, no. 3299), Streit (*Bibliotheca Missionum*, vol. IV, no. 897), Palau (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. II, p. 288), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 299), who do not indicate the whereabouts of a single copy, though in *Anais das Bibliotecas e Arquivos* (series II, vol. III, pp. 28–29) they had mentioned one in the Lisbon National Library. We are unable to say, therefore, whether or not there is a copy of this book in Portugal. In addition to our own, which is complete and in a perfect state of preservation, we know of three copies outside Portugal: one in the British Museum (see H. Thomas, *Short-title Catalogues of Portuguese Books*, p. 28) and two in the Library of the Hispanic Society of America (see Clara L. Penney, *List of Books printed before* 1601, p. 135).

The book printed in Coimbra in 1562 contains twenty-five letters, and Streit (*loc. cit.*) gives a list of them, though he places them in different order and attributes to some slightly different dates from those in our copy; he also mentions them separately (see *op. cit.* vol. IV, nos. 835, 846–848, 855–857, 860, 868, 872, 875, 878, 884, 1407, 1410, 1413, 1414, 1416); but four letters are omitted from his list of those published in the Coimbra edition of 1562: one from Brother Guilherme, Bungo, October 4th, 1559 (fl. 25 vo.–fl. 26); one from Father Luiz Froes, Goa, November, 1559 (fl. 35–fl. 40); one from Father Marcos Prancudo, Damão, November 15th,

vembro de 1560 (fl. 81–fl. 82 v°); carta do Irmão encarregado dos Catechumenos, Goa, 25 de Dezembro de 1560 (fl. 86–fl. 88 v°).

Tambem é interessante notar que n'esta edição algumas das cartas não fôram publicadas na integra. As seguintes cartas fôram novamente impressas nas *Cartas de los Jesuitas del Japon* estampadas em Coimbra em 1565: Padre Cosme de Torres, Japão, 7 de Setembro de 1557 (fl. 9 v°–fl. 11 v°); Padre Melchior (Belchior Nunes Barreto), Cochim, 10 de Janeiro, 1558 (fl. 19–fl. 24); Padre Gaspar Villela, Japão, 1 de Setembro, 1559 (fl. 24–fl. 25 v°); Irmão Guilherme, Bungo, 4 de Abril, 1559 (fl. 25 v°–fl. 26); Padre Balthasar Gago, Bungo, 1 de Novembro, 1559 (fl. 26 v°–fl. 35); estas cartas, exceptuando a do Irmão Guilherme, fôram depois impressas em Portuguez na edição das *Cartas do Japão e da India* de 1570 e, mais uma vez, no tomo primeiro da edição das *Cartas qve os Padres e Irmãos da Companhia de Iesus escreuerão dos Reynos de Iapão & China*, estampada em 1598 por Manuel de Lyra em Evora, por mandado de D. Theotonio de Bragança, Arcebispo de Evora.

N'um curto *Prologo*, dirigido "Al Christiano lector," o Padre Manuel Alvares explica que, sendo necessario enviar a todos os collegios e casas da Companhia as cartas que, da India, Japão, China e mais partes do Oriente, escreviam annualmente para Portugal os Padres e Irmãos que lá andavam tratando da conversão dos gentios, pareceu conveniente estampar algumas das muitas que tinham sido recebidas desde a ultima impressão, por ser difficil fazer traducções manuscriptas para todos.

Da mesma maneira que a *Carta de la India* (1550?) do Padre Gaspar Barzeo (ver pp. 263–267) e que as *Cartas dela India, Iapon, y Brasil*, 1555 (ver pp. 475–485), estas cartas, escriptas em Portuguez de 1557 a 1561, fôram tambem traduzidas e impressas em Hespanhol para maior conveniencia dos Jesuitas espalhados pelo mundo.

Já tivemos occasião de dizer (ver pp. 211–212)

1560 (fl. 81–fl. 82 vo.), and one from the Brother in charge of the Catechumens, Goa, December 25th, 1560 (fl. 86–fl. 88 vo.).

It is also interesting to note that some of the letters were abridged for publication in this edition. The following letters were republished in the *Cartas de los Jesuitas del Japon* printed in Coimbra in 1565: Father Cosme de Torres, Japan, September 7th, 1557 (fl. 9 vo.–fl. 11 vo.); Father Melchior (Belchior Nunes Barreto), Cochin, January 10th, 1558 (fl. 19–fl. 24); Father Gaspar Villela, Japan, September 1st, 1559 (fl. 24–fl. 25 vo.); Brother Guilherme, Bungo, April 4th, 1559 (fl. 25 vo.–fl. 26); Father Balthasar Gago, Bungo, November 1st, 1559 (fl. 26 vo.–fl. 35); with the exception of Brother Guilherme's letter, these were printed in Portuguese in the 1570 edition of *Cartas do Japão e da India* and again in the first volume of the *Cartas qve os Padres e Irmãos da Companhia de Iesus escreuerão dos Reynos de Iapão & China*, printed in 1598 by Manuel de Lyra in Evora by order of Dom Theotonio de Bragança, Archbishop of Evora.

In a short *Prologue*, addressed *Al Christiano lector*, Father Manuel Alvares explains that, as it was necessary that the letters about the conversion of the heathen, written annually to Portugal from India, Japan, China and other parts of the Orient by the Jesuit missionaries there, should be circulated among all the colleges and houses of the Society of Jesus, it had been thought convenient to print some of the many which had been received since the last printing, because it was difficult to make manuscript copies for all.

Like the *Carta de la India* (1550?) of Father Gaspar Barzeo (see pp. 263–267) and the *Cartas dela India, Iapon, y Brasil*, 1555 (see pp. 475–485), these letters, written in Portuguese from 1557 to 1561, were translated into Spanish, and printed for the greater convenience of the Jesuits scattered about the world.

We have already had occasion to mention (see

que Barreira fôra impressor da Companhia de Jesus, e que era muito provavel que Alvares tambem o tivesse sido; ora uma das razões que principalmente nos levou a assim suppôr, baseou-se na fórma como foi estampada esta edição das *Cartas*. Na folha do rosto lê-se: "Impressas en Coimbra Por Ioan de Barrera. 1562," e no fim da decima quarta carta (fl. 47—aliás 45—vº), "Excudebat Ioannes Barrerius. M.D.LXII." Mas no colophon do livro está escripto: "Acabaronſe de emprimir las preſentes cartas, en la muy noble ciudad de Coimbra, por Iuan Aluarez, impreſſor del Rey nueſtro. S. alos veynte y nueue dias del mes de Abril, de mil y quiniẽtos y ſeſenta y dos annos." Como João de Barreira e João Alvares estiveram associados durante muitos annos, estampando junctos mais de cincoenta obras, é curioso que metade, approximadamente (quatorze cartas), d'este livro fôsse impressa por Barreira só, e a outra metade (onze cartas) por Alvares, egualmente só. Ignoramos os motivos do estranho rompimento apparente da longa associação dos dois "imprimidores" da Universidade, que se nota na impressão d'este livro; mas, como se tratava de uma questão bibliographica digna de nota, entendemos dever relatal-a detalhadamente.

N'estas notas sobre as *Cartas* de 1562, teriamos estimado, em primeiro logar, fazer uma larga referencia ao illustre Jesuita que as publicou, o Padre Manuel Alvares, notabilissimo humanista Portuguez, professor de Latim, Grego e Hebreu, reitor do Collegio das Artes e da Universidade de Evora, e cujo famoso livro *De Institvtione Grammatica Libri Tres* lhe creou uma celebridade Europea. Infelizmente, a falta de espaço inhibe-nos de o fazer (Ácerca do Padre Manuel Alvares ver, entre outros, Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, t. III, pp. 170–172, Innocencio, *ob. cit.* vol. V, p. 352, Camillo Castello Branco, *Curso de Litteratura Portugueza*, p. 14 *e seg.*, e sobretudo Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, t. III, parte II, p. 496 *e seg.*, que, alem de valio-

pp. 211–212) that Barreira was printer to the Society of Jesus, and that Alvares was probably similarly honoured—one of the reasons upon which we based our assumption being the way in which the printing of these *Cartas* was carried out. On the title-page we are informed that they were printed in Coimbra by João de Barreira in 1562, and at the end of the fourteenth letter (fl. 47—alias 45—vo.) it says, "Excudebat Ioannes Barrerius. M.D.LXII"; but in the colophon we find that the printing of these letters was finished in the most noble city of Coimbra by João Alvares, printer to the King, on April 29th, 1562. As the two had been in partnership for many years and had printed more than fifty works together, it is curious that half, approximately (fourteen letters), of this book should have been printed by João de Barreira alone, and the other half (eleven letters) by João Alvares also alone. We do not know the reasons for this strange apparent break in the long standing association of the two printers to the University; but, as the bibliographical question was worthy of note, we thought it right to refer to it in detail.

We should have liked, in these notes on the *Cartas* of 1562, to have made extensive reference to the Jesuit who published them, for Father Manuel Alvares was a notable Portuguese humanist, a professor of Latin, Greek and Hebrew, rector of the College of Arts and of Evora University, while his famous book *De Institvtione Grammatica Libri Tres* was known and studied throughout Europe (see Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, vol. III, pp. 170–172, Innocencio, *op. cit.* vol. V, p. 352, Camillo Castello Branco, *Curso de Litteratura Portugueza*, p. 14 *et seq.*, and especially Fortunato de Almeida—*História da Igreja em Portugal*, vol. III, part II, p. 496 *et seq.*—who, in addition to giving an account of his life,

sas informações, indica muitos dos auctores que se occupáram do Padre Alvares, e dá uma lista das edições da sua *Grammatica*). Egualmente, teriamos desejado occupar-nos detalhadamente dos auctores d'estas *Cartas* e das obras que emprehenderam no Oriente; mas esse estudo levar-nos-hia demasiadamente longe; comtudo, Barbosa dá-nos noticias importantes a respeito de muitos d'estes Padres da Companhia de Jesus (ver *ob. cit.* t. I, pp. 147, 251, 444–445, 448–450, 495–497; t. II, pp. 306, 373–375, 401–403, 403–406, 704–705; t. III, pp. 98–102, 106, 383; t. IV, p. 105). Ácerca das Missões no Oriente, já indicámos alguns dos auctores que convem consultar sobre essa questão (ver p. 480).

Apezar do Padre Marcos Prancudo escrever de Damão em Novembro de 1560, que "Nueſtras ocupaciões chariſsimos hermanos ſon las miſmas que nueſtros padres tienen en todas las partes de la India" (fl. 81), estas *Cartas* não só conteem descripções detalhadas da extraordinaria obra missionaria e civilisadora emprehendida pelos Padres da Companhia no meio de tantas difficuldades e de tantos perigos, mas conteem novas interessantes ácerca dos paizes onde elles exerciam o seu admiravel apostolado, fornecem curiosissimas noticias a respeito dos costumes dos seus habitantes, das suas religiões e dos seus idolos, e relatam factos notaveis da nossa historia no Levante. Muitas vezes, estas *Cartas* dos Jesuitas mostram com tanta clareza essa historia, que parecem quadros vivos da vida Portugueza no Oriente n'aquella epocha gloriosa, porque conteem narrações de testemunhas oculares sobre innumeros acontecimentos.

Luiz Froes, n'uma longa carta de Goa, 1557, conta aos "padres y hermanos de Portugal" não só o que se passa na India, mas relata as novas que recebeu dos Jesuitas espalhados pelo Oriente. Diz que tendo o Governador Francisco Barreto decidido "hazer guerra al principio dela quareſma alos capitanes del

indicates many of the authors who have written about Father Alvares and supplies a list of the editions of his *Grammar*). Unfortunately, lack of space prevents us from doing this, as it also prevents us from making detailed studies of the writers of these letters and the work they did in the Orient. Barbosa, however, gives valuable information about many of these missionaries (see *op. cit.* vol. I, pp. 147, 251, 444–445, 448–450, 495–497; vol. II, pp. 306, 373–375, 401–403, 403–406, 704–705; vol. III, pp. 98–102, 106, 383; vol. IV, p. 105). We have already indicated some of the authors to be consulted by those who wish to study the history of the Jesuit missions in the East (see p. 480).

Though Father Marcos Prancudo wrote from Damão in November, 1560, that "Nueſtras ocupaciões chariſsimos hermanos ſon las miſmas que nueſtros padres tienen en todas las partes de la India" (fl. 81), these *Cartas*, besides giving detailed descriptions of the extraordinary work of evangelisation and civilisation accomplished by the Jesuits in the midst of so many difficulties and dangers, contain much that is of interest about the different countries where they were labouring, the customs of the inhabitants, their religions and idols, and also notable facts connected with the history of the Portuguese in the Orient. Often these Jesuit letters seem to show not history but a living picture of the Portuguese in the East in that glorious period, because they contain eyewitness accounts of many different events.

Luiz Froes, in a long letter from Goa, 1557, tells the "padres y hermanos de Portugal" of happenings in India, and gives news of the Jesuits scattered about in other countries of the East. He says that when the governor, Francisco Barreto, decided to "hazer guerra al principio dela quareſma alos capitanes del Hidalcan," he asked

Hidalcan," pediu ao Padre Francisco Rodrigues que alguns Padres da Companhia fôssem com elle "para cõſolacion eſpiritual y esfuerço delos ſoldados." No dia da partida, o Governador foi ao Collegio de S. Paulo, "con todo ſu exercito y poder dela India," e depois de ter orado na egreja e recebido a benção "del padre Patriarcha" (D. João Nunes Barreto, Patriarcha da Ethiopia), seguiu para a guerra, levando comsigo os Padres João de Mesquita e Pedro de Almeida.

"Alos primeros encuentros que con los moros tuuieron fue el padre Iuan de Mezquita en la de-lantera a cauallo con vn crucifixo en las manos, al qual ſeguia todo el exercito, y fue tan grãde la cõſolacion, alegria, y eſſuerço delos ſoldados y caualleros con tan buen eſtãdarte, que deſpues de tornados no hablauan en otra coſa."

Esta descripção recorda a da batalha do Salado, quando o Santo Lenho de Portel foi levado como bandeira. E as batalhas eram ganhas porque havia fé na Cruz—*In hoc signo vinces*. Luis Froes conta mais que, depois da partida do Governador, a cidade ficou desamparada, e sem gente que a podesse defender, senão velhos e mulheres, "y los religioſos que en ſus moneſterios eſtauan quaſi en viſpera de tomar las armas y defender los paſſos deſta iſla." Em seguida, relata todas as procissões e preces celebradas pelas armas Portu-guezas, assim como o regresso do vencedor Francisco Barreto, e escreve: "Dezian los moros deſpues dela victoria que era impoſsible no vencer los Portugueſes, pues que aca en Goa los re-ligioſos, niños y mugeres peleauan cõtra ellos con oraciones."

Depois, transmitte as noticias que recebeu da chegada do "padre Maeſtro Melchior" e dos seus companheiros ao Japão, de quem recebeu cartas contando a viagem: diz que em "Maluco," onde ha quarenta mil Christãos, estão cinco padres e irmãos que soffrem muito da falta de manti-mentos, pois só comem "pan de rayzes." Dá tambem novas de Cochim, e refere-se longamente aos Christãos de Goa, e ás conversões que alli

Father Francisco Rodrigues to allow some of the Jesuit Fathers to accompany him "para cõſolacion eſpiritual y esfuerço delos ſoldados." On the day of his departure, the governor went to the College of St Paul, "con todo ſu exercito y poder dela India," to pray in the church and ask the blessing "del padre Patriarcha" (D. João Nunes Barreto, Patriarch of Ethiopia), before setting out for the war, taking with him Father João de Mesquita and Father Pedro de Almeida.

"Alos primeros encuentros que con los moros tuuieron fue el padre Iuan de Mezquita en la de-lantera a cauallo con vn crucifixo en las manos, al qual ſeguia todo el exercito, y fue tan grãde la cõſolacion, alegria, y eſſuerço delos ſoldados y caualleros con tan buen eſtãdarte, que deſpues de tornados no hablauan en otra coſa."

This passage reminds one of the battle of Salado, when the Holy Cross of Portel was raised as a banner. And battles were won because there was faith in the Cross—*In hoc signo vinces*. Froes also tells how, upon the governor's de-parture, the city was left unprotected, and there were none but women and old men to defend it, "y los religioſos que en ſus moneſterios eſtauan quaſi en viſpera de tomar las armas y defender los paſſos deſta iſla." He then describes the prayers and processions for the Portuguese army, and the return of the victorious Francisco Barreto, saying: "Dezian los moros deſpues dela victoria que era impoſsible no vencer los Portugueſes, pues que aca en Goa los religioſos, niños y mugeres peleauan cõtra ellos con oraciones."

After this he passes on news of the arrival of "padre Maeſtro Melchior" and his companions in Japan, saying that the five Fathers and Brothers in "Maluco," where there were forty thousand Christians, were suffering greatly for lack of food, as they had only "pan de rayzes" to eat. He also gives news of Cochin, and makes extensive reference to the Christians of Goa and the con-

teem sido feitas, contando, egualmente, episodios interessantes.

"Muchas vezes aconteçe que enfermando los niños hijos delos gentiles, los proprios padres los traen aqui a efta yglefia a offrecer a ſan Pablo que les de ſalud (de cuya inuocacion es efta yglefia) y algunas vezes traen azeite para las lamparas y velas, y porla mucha cõmunicion que tienen con los Chriſtianos, y por oyr muchas vezes cantar por las calles a los niños la doctrina, algunos delos proprios gentiles ſaben las orationes: y lo que mas es de eſpantar los miſmos nombres delos Chriſtianos ſe ponẽ no lo ſiendo."

Narra ainda o baptizado da filha de um mouro chamado Meale, "a quien por derecho pertenece el reyno de Balagate, que agora tiene vſurpado el Hidalcã," que foi realizado com toda a solemnidade, sendo padrinhos o Patriarcha e o Governador; e termina a sua carta contando as exequias "muy ſolẽnes, de nueſtro padre Maeſtro Ignacio" (fl. 1–fl. 9 vº).

O Padre Lopo de Almeida, escrevendo de Goa em 1558, refere-se aos gentios, e diz:

"Es coſa que pone eſpanto ver la ceguedad de los gentiles, porque en caſa de vno honrrado entre ellos ſe hallarõ dos libros en los quales tienẽ eſcritos las mas de ſus falſedades, y fabulas de ſus Dioſes: hizimoslos treſladar para tener noticia de ſu ceguedad, y en vn poco q̃ ſe treſlado, cuenta del principio y creaciõ de ſus dioſes, y como venierõ a eſte mũdo en diuerſas figuras: de Tortuga, puerco, pece, jacinho y outras locuras" (fl. 17).

Depois, com alegria, conta as numerosas conversões de gentios, e os solemnes baptizados que teem tido logar, a alguns dos quaes assistiram o Governador, Francisco Barreto, e "el padre Patriarcha." Só no dia da Circumcisão, receberam o baptismo quasi trezentos, que, "todos veſtidos de nueuo con ſus guirnaldas de fieſta en la cabeça, y ſus velas en las manos entrarõ en la ygleſia" (fl. 18).

O Padre Melchior (Belchior Nunes Barreto), de quem já nos occupámos (ver pp. 481–483),

versions made there, describing interesting incidents.

"Muchas vezes aconteçe que enfermando los niños hijos delos gentiles, los proprios padres los traen aqui a efta yglefia a offrecer a ſan Pablo que les de ſalud (de cuya inuocacion es efta yglefia) y algunas vezes traen azeite para las lamparas y velas, y porla mucha cõmunicion que tienen con los Chriſtianos, y por oyr muchas vezes cantar por las calles a los niños la doctrina, algunos delos proprios gentiles ſaben las orationes: y lo que mas es de eſpantar los miſmos nombres delos Chriſtianos ſe ponẽ no lo ſiendo."

He tells of the baptism of the daughter of a Moor called Meale "a quien por derecho pertenece el reyno de Balagate, que agora tiene vſurpado el Hidalcã," a baptism celebrated with full solemnities, the Patriarch and the governor standing as godfathers to the girl; and he concludes his letter with an account of the "muy ſolẽnes" obsequies "de nueſtro padre Maeſtro Ignacio" (fl. 1–fl. 9 vo.).

Father Lopo de Almeida, writing from Goa in 1558, refers to the heathen, and says:

"Es coſa que pone eſpanto ver la ceguedad de los gentiles, porque en caſa de vno honrrado entre ellos ſe hallarõ dos libros en los quales tienẽ eſcritos las mas de ſus falſedades, y fabulas de ſus Dioſes: hizimoslos treſladar para tener noticia de ſu ceguedad, y en vn poco q̃ ſe treſlado, cuenta del principio y creaciõ de ſus dioſes, y como venierõ a eſte mũdo en diuerſas figuras: de Tortuga, puerco, pece, jacinho y outras locuras" (fl. 17).

He then joyfully recounts the many conversions made, and the solemn baptisms celebrated, some in the presence of the governor, Francisco Barreto, and "el padre Patriarcha." On the feast of the Circumcision alone, nearly three hundred were baptised and "todos veſtidos de nueuo con ſus guirnaldas de fieſta en la cabeça, y ſus velas en las manos entrarõ en la ygleſia" (fl. 18).

Father Melchior (Belchior Nunes Barreto), whom we have already studied (see pp. 481–

n'uma carta escripta de Cochim em 1558, dá noticias interessantes da China, onde passou o inverno de 1555 com os seus companheiros em "Lampaçan puerto dela China," antes de poder seguir para o Japão. Alli, estavam egualmente cerca de trezentos Portuguezes de naus que se abrigavam no porto até Junho, "q̃ era el tiẽpo en q̃ ſe nauega para Iapon."

Os Jesuitas construiram casas e uma egreja de terra e palha, onde diziam missa e ensinavam a doutrina, e o Padre Belchior conta como haviam podido tambem servir nosso Senhor resgatando alguns Portuguezes, que os Chins tinham aprisionado e condemnado injustamente á morte: "los q̃les eſtauã preſos en tã duras y crueles priſiones, q̃ ſi cõ los ojos no lo viera me pareciera impoſsible poder vn hombre eſtar aſsi y biuir." Em seguida, diz que lhes chegáram de Cantão, cidade "que es quaſi tamaña como Lixboa," estas novas estranhas: que n'uma das provincias da China chamada "Sancij," tinham sahido de baixo da terra "muchos borbollones de agua" que haviam inundado cerca de sessenta leguas de terra e destruido cidades, villas e aldeias, e que toda a gente da provincia tinha morrido, "y ſi algunos eſcapauan del agua, caya fuego del cielo que los quemaua."

Em Junho de 1556, o Padre Belchior partiu para o Japão com os seus companheiros, e na viagem a nau esteve em grandes perigos de se perder. Tendo aportado a Bungo, tiveram a consoladora alegria de achar alli os Padres e Irmãos "biuos, y como reſucitados dela muerte a la vida, ſegun las nueuas que dellos nos auian dado." Entre elles encontrava-se o Padre Cosme de Torres, companheiro do grande S. Francisco Xavier, "el qual cierto es varon perfecto." Esse admiravel missionario,

"en ocho años que auia eſtado en Manguche donde el padre Maeſtro Franciſco lo dexo, no auia comido ningun genero de carne, ni comia pan ni peſcado freſco, porq̃ no lo ay en la tierra, ſolamẽte ſe ſuſtentaua con arroz guiſado al modo de Iapon, que es tal, que no ſe puede comer ſino

483), in a letter dated Cochin, 1558, gives interesting information about China, where, with his companions, he was forced to spend the winter of 1555 in "Lampaçan puerto dela China" before proceeding to Japan. There were about three hundred Portuguese people there, from the ships sheltering in the port until June, "q̃ era el tiẽpo en q̃ ſe nauega para Iapon."

The Jesuits built houses and a church of mud and straw, where they said Mass and taught the holy doctrine. Father Belchior also tells how they were able to serve the Lord by ransoming some Portuguese whom the Chinese had imprisoned and unjustly condemned to death: "los q̃les eſtauã preſos en tã duras y crueles priſiones, q̃ ſi cõ los ojos no lo viera me pareciera impoſsible poder vn hombre eſtar aſsi y biuir." While in "Lampaçan" they received from Canton, a city "que es quaſi tamaña como Lixboa," the strange news that, in a Chinese province called "Sancij," "muchos borbollones de agua" had come up from the ground and flooded nearly sixty leagues of the land, destroying cities, towns and villages, and that all the people of the province had died, "y ſi algunos eſcapauan del agua, caya fuego del cielo que los quemaua."

In June, 1556, Father Belchior left with his companions for Japan, and on the way their ship was in great danger of sinking. However, on arrival at Bungo, they had the consolation of finding the Fathers and Brothers there "biuos, y como reſucitados dela muerte a la vida, ſegun las nueuas que dellos nos auian dado." Among them was Father Cosme de Torres—who had accompanied St Francis Xavier—"el qual cierto es varon perfecto." This missionary

"en ocho años que auia eſtado en Manguche donde el padre Maeſtro Franciſco lo dexo, no auia comido ningun genero de carne, ni comia pan ni peſcado freſco, porq̃ no lo ay en la tierra, ſolamẽte ſe ſuſtentaua con arroz guiſado al modo de Iapon, que es tal, que no ſe puede comer ſino

con mucha hambre y neceſsidade, y peſcado ſalado o yeruas: y eſtaua ya tan acoſtumbrado a eſto, que ſe queria comer carne le hazia mal."

Durante o seu apostolado, o Padre Cosme, alem d'innumeros vexames, tinha soffrido verdadeiros tormentos, chegando mesmo a ser apedrejado pelos Bonzos; apezar de tudo o que passára n'essa cidade, "dõde creo que ay mas de mil Chriſtianos," soube, com os maiores sacrificios, prestar relevantes serviços; e o Padre Belchior conta:

"Dezia me el que nunca en toda ſu vida auia biuido con tanta alegria y conſolacion como aquellos ſiete o ocho años de Manguche.... En ſu virtud y ſpiritu me parecia q̃ era como vno delos antiguos padres de Egypto, y no teniendo cõſigo mas q̃ vn hermano eſtaua entre enemigos que ſiẽpre lo perſeguian, padeciẽdo mucha hãbre y frio."

Em seguida, narra as discordias que existiam "entre dos ſeñores q̃ gouernauã a Mãguche," das quaes resultou o incendio da cidade—"la qual dizen q̃ era tamaña como Lisboa"—que, sendo toda construida de madeira, ardeu completamente, morrendo immensa gente. Todo o trabalho do Padre Cosme e do seu companheiro tinha sido destruido n'uma hora, e o Padre Belchior escreve: "los Chriſtianos derramados por diuerſas partes dela tierra de Iapon, delos quales ſe cõpadecia tãto el buẽ viejo, q̃ me contaua eſtas coſas con tanto dolor, como ſi fuera padre q̃ perdiera otros tantos hijos."

No meio de revoltas e guerras, e perseguido pelo odio dos Bonzos, o Padre Cosme tinha aguardado a morte todos os dias; mas Deus protegeu-o, assim como o seu companheiro. O proprio Rei, receando ser morto, tinha-se retirado para uma montanha; o Padre Cosme querendo "ſocorrerſe con ſu ayuda, le dixo el que no podia ſaluarſe a ſi, como ſaluaria a otro." Vendo que nada havia a fazer, e que a sua vida e a do seu companheiro corriam grandes riscos, sem proveito para ninguem, o Padre Cosme e o Irmão seguiram para

con mucha hambre y neceſsidade, y peſcado ſalado o yeruas: y eſtaua ya tan acoſtumbrado a eſto, que ſe queria comer carne le hazia mal."

Father Cosme had suffered veritable torments during his apostolate, even having been stoned by the bonzes; but in spite of all that had happened in that city, "dõde creo que ay mas de mil Chriſtianos," he was able, through sacrifice, to render high service to the cause of religion; and Father Belchior says:

"Dezia me el que nunca en toda ſu vida auia biuido con tanta alegria y conſolacion como aquellos ſiete o ocho años de Manguche.... En ſu virtud y ſpiritu me parecia q̃ era como vno delos antiguos padres de Egypto, y no teniendo cõſigo mas q̃ vn hermano eſtaua entre enemigos que ſiẽpre lo perſeguian, padeciẽdo mucha hãbre y frio."

We are then told of the contentions "entre dos ſeñores q̃ gouernauã a Mãguche," which resulted in the burning of the city—"la qual dizen q̃ era tamaña como Lisboa"—which, as it was built entirely of wood, was burned to the ground, numbers of people being killed. Father Cosme and his companion watched the fruits of all their years of toil destroyed in the space of an hour, and saw "los Chriſtianos derramados por diuerſas partes dela tierra de Iapon, delos quales ſe cõpadecia tãto el buẽ viejo, q̃ me contaua eſtas coſas con tanto dolor, como ſi fuera padre q̃ perdiera otros tantos hijos," as Father Belchior writes.

In the midst of rebellions and wars, relentlessly persecuted by the bonzes, Father Cosme lived in daily expectation of death; but God protected him and his companion. The King himself, fearing for his life, had taken refuge on a mountain; but when Father Cosme sought to "ſocorrerſe con ſu ayuda, le dixo el que no podia ſaluarſe a ſi, como ſaluaria a otro." Seeing that there was nothing to be done and that he and his companion were running great risks to no purpose, Father Cosme proceeded, with the Brother, to Bungo,

Bungo, onde chegáram quinze dias antes da vinda do Padre Belchior e dos seus companheiros.

N'essa occasião,

"dio el Rey de Bungo ſobre los ſeñores de ſu reyno, con ſoſpecha de traycion, de los quales deſtruyo treze delos mas principales con ſus caſas, ſamilias, y vaſſallos: De manera que me dezian auerſe muerto aquella noche ſiete mil hombres de ambas las partes, por lo qual la tierra eſtaua muy inquieta cõ guerras."

Em Bungo e "ſu termino" havia mais de mil Christãos, a quem dois Irmãos, que fallavam muito bem Japonez, pregavam todos os Domingos. O Padre Belchior escreve que os Bonzos, "que ſon como religioſos entre los Iapones," são os maiores inimigos que os missionarios alli teem, e que S. Francisco Xavier já assim pensava; o auctor da carta, tendo adoecido gravemente, teve de regressar á India (fl. 19–fl. 24).

O Padre Balthasar Gago, escrevendo de Bungo a 1 de Novembro de 1559, dá noticias interessantes sobre as conversões dos habitantes, e refere-se especialmente ao hospital que os Jesuitas alli fundáram.

"Han ſe curado deſde el verano haſta agora mas de dozientas perſonas de todo genero de enfermedades: ha abierto el padre la puerta a todos los deſamparados & incurables, y han ſido tan grandes las enfermedades que parece ſer mas obra de Dios, que de medios humanos, por que han ſanado hombres de diez y ſiete, y veynte años, y de ay arriba, comidos de cãcer, y otros afiſtulados. Tiene eſpecial don de nueſtro Señor vn hermano en curar de cirugia, y ha enſeñado a otros de caſa: delos quales vno por ſaber bien la lengua, no ſolamente les puede curar los cuerpos, mas tambien ayudar a curar las almas con ſu doctrina y amoneſtacion. Eſta obra es de tanta eſtima & importancia entre los Iapones, que les quita la ocaſion de tener que dezir de noſotros, y les pone en grande admiracion, y ſe van amanſando."

Um Japonez de "Meaco," que tinha sido creado entre os Bonzos nos templos dos idolos, e que era

which they reached fifteen days before the arrival of Father Belchior's ship.

At this time,

"dio el Rey de Bungo ſobre los ſeñores de ſu reyno, con ſoſpecha de traycion, de los quales deſtruyo treze delos mas principales con ſus caſas, ſamilias, y vaſſallos: De manera que me dezian auerſe muerto aquella noche ſiete mil hombres de ambas las partes, por lo qual la tierra eſtaua muy inquieta cõ guerras."

There were more than a thousand Christians in Bungo and "ſu termino," and two Brothers who spoke Japanese very well preached to them every Sunday. Father Belchior writes that the greatest enemies the missionaries had to encounter were the bonzes, "que ſon como religioſos entre los Iapones," and that St Francis Xavier was of the like opinion. He concludes his letter by saying that a grave illness forced him to return to India (fl. 19–fl. 24).

Father Balthasar Gago, writing from Bungo on November 1st, 1559, gives interesting information about the work of converting the inhabitants, and makes special reference to the hospital built there by the Jesuits:

"Han ſe curado deſde el verano haſta agora mas de dozientas perſonas de todo genero de enfermedades: ha abierto el padre la puerta a todos los deſamparados & incurables, y han ſido tan grandes las enfermedades que parece ſer mas obra de Dios, que de medios humanos, por que han ſanado hombres de diez y ſiete, y veynte anos, y de ay arriba, comidos de cãcer, y otros afiſtulados. Tiene eſpecial don de nueſtro Señor vn hermano en curar de cirugia, y ha enſeñado a otros de caſa: delos quales vno por ſaber bien la lengua, no ſolamente les puede curar los cuerpos, mas tambien ayudar a curar las almas con ſu doctrina y amoneſtacion. Eſta obra es de tanta eſtima & importancia entre los Iapones, que les quita la ocaſion de tener que dezir de noſotros, y les pone en grande admiracion, y ſe van amanſando."

A Japanese doctor of "Meaco," who had been brought up by the bonzes in the temples of

medico, converteu-se; antes de morrer, ensinou aos Jesuitas alguns dos remedios que tinha em dois livros escriptos em Chinez. E o Padre Balthasar diz que esses remedios são simples e produzem grandes resultados, e alguns logo que se applicam: como exemplo, conta que Guilherme Pereira tendo chegado a Bungo com todos os homens da sua nau doentes, todos fôram tratados com esses remedios, e todos se curáram. O que seriam esses remedios? Não duvidamos que os Chinezes, com a sua extraordinaria civilisação de seculos, conheciam, n'essa epocha, muita cousa que hoje ignoramos. O Padre Balthasar dá ainda muitas noticias ácerca do Japão, e da vida, cheia de difficuldades e perigos, que alli levavam (fl. 26 vº–fl. 35).

N'uma carta escripta de Goa em Novembro de 1559, o Padre Luiz Froes relata a tomada de Damão por D. Constantino de Bragança. O Vice-Rei levou comsigo o Padre D. Gonçalo da Silveira (filho de D. Luiz da Silveira, 1º Conde de Sortelha), a quem pedira que o acompanhasse, e o Padre Alberto de Araujo. Quando a armada Portugueza chegou diante da fortaleza onde o exercito devia desembarcar, D. Gonçalo sahiu da nau, "armatus lorica fidei & galea ſalutis," e com o breviario debaixo do braço, para ir dizer Missa. "Deſembarcada la gente, quiſo nueſtro Señor por ſu miſericordia poner eſpanto en los enemigos, de manera que dexaron la tierra y ſe ſeñoreo della el Viſorey." D. Gonçalo da Silveira foi logo, seguido pelas tropas, á mesquita principal da cidade, e alli, depois de a ter consagrado, celebrou a primeira Missa, com grande alegria dos soldados. No dia seguinte, acompanhada pelo ribombar da artilharia da armada e da fortaleza, teve logar uma solemne procissão feita pelo exercito, "y los gentiles dela tierra ſe venian a meter en medio dela proceſsion de rodillas, con las manos leuantadas a la Cruz, pareciendoles muy bien las coſtumbres dela religion Chriſtiana."

Luiz Froes descreve então o trabalho dos Padres da Companhia em Damão e nas outras

idolatry, was converted, and before he died he taught the Jesuits some of the remedies from two books he possessed, written in Chinese. Father Balthasar says that these remedies are simple and give great results, some of them directly they are applied: for instance, he tells how when Guilherme Pereira reached Bungo with all his crew sick, they were treated with them and all cured. One wonders what the remedies can have been; but there is no doubt that the Chinese, with their ancient civilisation, knew many things at that time, of which we are in ignorance to-day. The letter tells a great deal about Japan and the difficult and dangerous life led there by the missionaries (fl. 26 vo.–fl. 35).

In a letter from Goa dated November, 1559, Father Luiz Froes gives an account of the capture of Damão by Dom Constantino de Bragança. The Vice-Roy asked Father Dom Gonçalo da Silveira (son of Dom Luiz da Silveira, 1st Count of Sortelha) and Father Alberto de Araujo to accompany him. When the Portuguese fleet reached the fortress where the army was to disembark, Dom Gonçalo landed, "armatus lorica fidei & galea ſalutis," with his breviary under his arm, to go and say Mass. "Deſembarcada la gente, quiſo nueſtro Señor por ſu miſericordia poner eſpanto en los enemigos, de manera que dexaron la tierra y ſe ſeñoreo della el Viſorey." Dom Gonçalo da Silveira, followed by the troops, then went to the chief mosque of the city, and, having consecrated it, celebrated the first Mass there, to the great joy of the soldiers. On the following day, to the accompaniment of salvos of gunfire from the armada and the fortress, the army marched in solemn procession through the town, "y los gentiles dela tierra ſe venian a meter en medio dela proceſsion de rodillas, con las manos leuantadas a la Cruz, pareciendoles muy bien las coſtumbres dela religion Chriſtiana."

Luiz Froes then describes the labours of the missionaries in Damão and the lesser fortresses

fortalezas que lhe eram sujeitas, e na armada, da qual era Capitão Mór D. Alvaro da Silveira, irmão do Padre D. Gonçalo, e a alegria que houve em Goa com a nova da tomada de Damão; depois, conta a morte—admiravel de fé—de alguns Padres e Irmãos, e os grandes trabalhos que tinham tido com muitos enfermos chegados nas naus vindas de Portugal (fl. 35–fl. 40).

N'uma carta escripta de "Otongue" em Janeiro de 1560, o Padre André Fernandes conta como, com o Padre D. Gonçalo e outros companheiros, foi de Chaul a Moçambique, onde, passada uma semana, embarcáram n'um "zambuco que es vn genero de nauio, a donde ni aſſentado, ni en pie, ni echado, hallaua hombre buen lugar." Depois de uma travessia cheia de perigos, em que estiveram perdidos por diversas vezes, e soffreram da falta de mantimentos durante alguns dias, chegáram a Sofala, donde seguiram para Inhambane. D'alli, o Padre D. Gonçalo, que estava muito doente, mandou o Padre Fernandes com um recado ao Rei da terra, acompanhado por quatro cafres, que "ſon incanſables, y dizen que andan aquel camino, que ſon treynta leguas en dos dias y vna noche ſin parar."

O pobre Jesuita, que já tivera uma viagem tormentosa por mar, poz-se a caminho com os cafres, mas, "luego al principio me halle muy mal delos pies, y fue meneſter aquel dia caminar deſcalço porque los compañeros no dauan lugar." Descreve então essa jornada cheia de peripecias, e as difficuldades que teve com os guias. Finalmente, tendo soffrido muito do terrivel calor e da humidade que o molhava até aos ossos, chegou ao sitio onde estava o Rei, que "moſtro holgar mucho de verme, y eſpantoſe mucho ſiendo yo tan viejo andar tanto camino a pie, y en tan pocos dias." O Padre Fernandes expoz-lhe da parte de D. Gonçalo—"que quedaua en la playa eſperando por ſu reſpueſta"—a missão que os levára áquellas paragens, "que era enſeñarle a conoçer

connected with it, and in the armada, which was under the command of Father Dom Gonçalo's brother, Dom Alvaro da Silveira; he also tells of the joy with which the news of the capture of Damão was received in Goa, of the saintly deaths of some of the Fathers and Brothers, and of their hard work in looking after the many sick people who arrived in ships from Portugal (fl. 35–fl. 40).

Father André Fernandes, writing from "Otongue" in January, 1560, tells how, with Father Dom Gonçalo and others, he went from Chaul to Moçambique, where, after a week's stay, they embarked in a "zambuco que es vn genero de nauio, a donde ni aſſentado, ni en pie, ni echado, hallaua hombre buen lugar." After a stormy passage, during which they several times gave themselves up for lost, and suffered for several days from a lack of provisions, they reached Sofala, whence they proceeded to Inhambane. On their arrival, Father Dom Gonçalo, who was very ill, sent a message to the King of the country by Father Fernandes, who was accompanied by four Kafirs, who "ſon incanſables, y dizen que andan aquel camino, que ſon treynta leguas en dos dias y vna noche ſin parar."

The unfortunate Jesuit, who had just had a tempestuous journey by sea, bravely set out with the Kafirs, but "luego al principio me halle muy mal delos pies, y fue meneſter aquel dia caminar deſcalço porque los compañeros no dauan lugar." He then gives an account of his troublous march and of the difficulties he had with his guides: at last, having suffered greatly from the extreme heat and the penetrating damp, he found the King, who "moſtro holgar mucho de verme, y eſpantoſe mucho ſiendo yo tan viejo andar tanto camino a pie, y en tan pocos dias." Father Fernandes told the King that he came on behalf of Dom Gonçalo—"que quedaua en la playa eſperando por ſu reſpueſta"—to explain that they had come to those shores in order to "enſeñarle a conoçer a Dios que nos crio, y hizo todas las

a Dios que nos crio, y hizo todas las cosas." O Rei estimou a noticia, ordenando que gente fôsse buscar D. Gonçalo, e mandou de presente dois dentes de elephante ao Padre Fernandes, que este, obtida a real licença, offereceu ao seu inter-prete. Mas, no dia seguinte, adoeceu com febre —o que não era de espantar; o Rei mandou-lhe dizer que se quizesse voltar para a costa lhe man-daria gente para o levar; "pero por tener yo orden del padre (D. Gonçalo), que lo esperasse aqui, no fuy." A febre foi subindo, mas tendo-se posto á rigorosa dieta de milho com agua e sal, e sido sangrado duas vezes pelo interprete, me-lhorou. Emquanto esteve enfermo, os filhos do Rei vinham visital-o, e o Padre André, velho e gasto pelo trabalho e pela doença, ia fazendo a sua educação religiosa. Passado pouco tempo, o Rei—"muy buẽ hombre"—os filhos e muitos homens e mulheres converteram-se; e no entre-tanto, D. Gonçalo, que tinha estado gravissima-mente doente, chegou, exhausto com a jornada.

No fim da carta, dá algumas noticias curiosas dos costumes dos habitantes:

"Los hõbres desta tierra de nĩguna manera ponẽ mano en cosa de agricultura, las mugeres sõ las labradores, y las q̃ proueen la casa delo necessario, sõ pacificos, muy domesticos y familiares."

E termina contando a maneira como os cafres caçam os elephantes (fl. 51–fl. 55).

Em carta escripta de Moçambique, em Agosto de 1560, depois de regressar do reino de Inham-bane, o Padre D. Gonçalo da Silveira completa algumas das noticias dadas pelo Padre André Fernandes, e diz que, depois de baptizados, o Rei do "Otongue" tomou o nome de D. Cons-tantino, e a Rainha o de D. Catherina; em seguida, dá esta informação muito interessante ácerca d'esses povos:

"Tienẽ estos poco impedimẽto para recebir nuestra sctã fe, porq̃ no tienẽ genero alguno de Idolo, ni culto q̃ parezca de ydolatria. Tienen vn Dios q̃ llamã vmbe, y creẽ q̃ las almas biuẽ

cosas." The King was pleased with the message, sending people to seek Dom Gonçalo and pre-senting Father Fernandes with two elephant's teeth, which the Jesuit then received the royal permission to give to his interpreter. But the next day the missionary fell ill with a fever—which is not surprising—and the King told him that if he wished to return to the coast he would send people to take him; "pero por tener yo orden del padre (Dom Gonçalo), que lo esperasse aqui, no fuy." The fever increased at first, but, having put himself on a rigorous diet of millet with salt and water, and allowed himself to be bled twice by the interpreter, he eventually recovered. While he was ill the King's sons used to go and visit him, and Father André, old and spent with work and sickness, gave them religious instruction. It was not long before the King—"muy buẽ hombre"—his sons, and many other men and women were converted. Meanwhile Dom Gonçalo, who had been very seriously ill, had arrived, in a state of exhaustion from his arduous journey.

There follows some interesting information about the customs of the natives:

"Los hõbres desta tierra de nĩguna manera ponẽ mano en cosa de agricultura, las mugeres sõ las labradores, y las q̃ proueen la casa delo necessario, sõ pacificos, muy domesticos y familiares."

The letter ends with an account of the way the natives hunted elephants (fl. 51–fl. 55).

Father Dom Gonçalo da Silveira completes some of the information given by Father André Fernandes, in a letter written from Moçambique in August, 1560, after their return from the kingdom of Inhambane. He tells that, on their baptism, the King and Queen of "Otongue" took the names of Dom Constantino and Dona Catherina, and goes on to say of the race in general:

"Tienẽ estos poco impedimẽto para recebir nuestra sctã fe, porq̃ no tienẽ genero alguno de Idolo, ni culto q̃ parezca de ydolatria. Tienen vn Dios q̃ llamã vmbe, y creẽ q̃ las almas biuẽ

despues de la muerte, y q̃ reciben pena o premio segũ sus obras, y asi les quadran mucho nuestros articulos dela fe, y mandamiẽtos."

Comtudo, accrescenta que teem muitas superstições, que descreve (fl. 57–fl. 59).

N'uma longa carta escripta de Goa a 13 de Novembro de 1560, Luiz Froes conta detalhadamente as innumeras conversões que teem tido logar em Goa e arredores, e nas ilhas de Chorão e Divar, que se encontram defronte de Goa, e os solemnes baptizados de muitos centos de habitantes, aos quaes assistiu, quasi sempre, o Vice-Rei. Ácerca de um d'esses baptizados, que se realizou na egreja de S. João Baptista em Carambolin—"vno delos mayores barrios y mas noble poblacion que ay enesta isla de Goa fuera dela ciudad"—Luiz Froes dá-nos noticias interessantes. Essa egreja tinha sido edificada no local onde estava antigamente um dos maiores templos ou pagodes de toda a ilha, e que fôra destruido. Centenares de convertidos receberam o baptismo, sendo padrinho de muitos o Vice-Rei, D. Constantino de Bragança. Um dos neophytos era um Brahmane, "mercader de sedas muy honrrado," que teve por padrinhos dois antigos Brahmanes, dos principaes de Goa, que havendo-se feito Christãos, tinham tomado os nomes pomposos, sobretudo um d'elles, de Simão Cabral e Theodosio de Bragança. A ceremonia durou até noite, e eram tantos os convertidos que, "por falta de vestidos," cerca de duzentas e cincoenta pessoas não poderam ser baptizadas n'esse dia.

"Dizen estos gentiles de san Iuan, que agora se hizieron Christianos, que quando ellos cõsultauan sus pagodes, que les dezian: Este sancto a quien llamais Iuan que esta aposentado en esta yglesia, la qual primero fue lugar de mi pagode, es mas honrrado que yo, mas ala verdad el es mi primo, y por darle lugar es necessario que os dexe, y que me vaya ala tierra firme."

Referindo-se aos Brahmanes da ilha de Goa e aos de Chorão e Divar, Luis Froes diz que são "hombres de biuio ingenio, hablan los mas dellos Portugues, son amicissimos de honrra, gentiles

despues de la muerte, y q̃ reciben pena o premio segũ sus obras, y asi les quadran mucho nuestros articulos dela fe, y mandamiẽtos."

He adds, however, that they have many superstitions, which he describes (fl. 57–fl. 59).

In a long letter written from Goa on November 13th, 1560, Luiz Froes gives a detailed account of the many conversions in and around Goa and in the islands of Chorão and Divar which lie near Goa, and of the celebration of many hundreds of baptisms, at which the Vice-Roy was almost always present. One of these baptisms was solemnised in Carambolin—"vno delos mayores barrios y mas noble poblacion que ay enesta isla de Goa fuera dela ciudad"—in the church of St John the Baptist, which had been built on a site originally occupied by one of the greatest temples or pagodas in the island. Hundreds of converts were christened, and the Vice-Roy, Dom Constantino de Bragança, was godfather to many of them. One of the neophytes was a Brahman, "mercader de sedas muy honrrado," who had as godfathers two men who had been among the most important Brahmans in Goa and had become Christians, taking the names of Simão Cabral and the even more high-sounding Theodosio de Bragança. The ceremony lasted until evening, and so numerous were the converts that, "por falta de vestidos," more than two hundred and fifty persons were unable to be baptised that day.

"Dizen estos gentiles de san Iuan, que agora se hizieron Christianos, que quando ellos cõsultauan sus pagodes, que les dezian: Este sancto a quien llamais Iuan que esta aposentado en esta yglesia, la qual primero fue lugar de mi pagode, es mas honrrado que yo, mas ala verdad el es mi primo, y por darle lugar es necessario que os dexe, y que me vaya ala tierra firme."

Luiz Froes says that the Brahmans of the islands of Goa, Chorão and Divar are "hombres de biuio ingenio, hablan los mas dellos Portugues, son amicissimos de honrra, gentiles hom-

hombres, blancos y bien proporcionados, y tienen otras particularidades que ſeria largo eſcriuir," e que as mulheres "ſon muy recogidas y honeſtas, tienen modeſtia natural, y ſujecion grãde, ſiruen como eſclauas a ſus maridos." Os Padres da Companhia desejavam converter os habitantes das ilhas de Chorão e Divar, "negocio de mucha importancia," que já tinham communicado ao Vice-Rei; e Luiz Froes escreve estas informações tão curiosas, que as transcrevemos na integra:

"Eſta Iſla de Diuar es para los Bramenes, como la tierra ſancta para nos otros, toda dedicada alos Idolos, adõde antiguamẽte tuuierõ grãde numero de ſus templos q̃ fuerõ pueſtos por tierra por los Portugueſes, y veniã a ella de partes muy remotas en romeria, porque tenian para ſi que ganauã indulgencia plenaria, y remiſsiõ de todos ſus peccados, y para que mas conozcan la ignorancia deſtos Bramenes, (aun que ſea cortar el hilo alo que voy diziendo) tienen aun agora vn Idolo en la tierra firme, al qual llaman Ganizo, en gran veneracion, del qual eſcriuen los antiguos de ſu ley, y tienenlo ellos por hiſtoria muy autentica, que ſiendo Adan y Eua caſados antes q̃ tuuieſſen algun hijo, ni que biuieſſe otra perſona enel mũdo, acerto Adan de yr vn dia fuera de caſa, y quedo Eua muy ocupada, y como ſudaſſe del trabajo, junto el ſudor dela cabeça, y dellos braços en las manos, del qual ſubitamẽte dizen, que ſe formo vn hijo ya hombre de perfecta eſtatura, tornando Adan y hallandole en ſu caſa como nunca le viera, con grãde furor arremetio aun terciado y le corto la cabeça, Eſpantada Eua del deſatino de Adan, començo a reprehender, y eſtrañarle mucho el yerro que cometiera, y preguntole el quien era, contole Eua como era ſu hijo engendrado de ſu ſudor, y queriendo reſtaurar el mal que auia hecho, porque la cabeça del hijo de Eua eſtaua ya muerta, fue Adan corriendo a buſcar algun animal para le poner otra, acerto de hallar vn Elefante y cortole la cabeça, y puſola ſobre los hombros del muerto, la qual ſe pego con el cuerpo, y el torno a biuir quedando hombre con cabeça de Elefante con ſu trompa, y aſsi lo pintan y adorã, y muchos

bres, blancos y bien proporcionados, y tienen otras particularidades que ſeria largo eſcriuir," and that the women "ſon muy recogidas y honeſtas, tienen modeſtia natural, y ſujecion grãde, ſiruen como eſclauas a ſus maridos." The Jesuit Fathers were anxious to convert all the inhabitants of Chorão and Divar, a "negocio de mucha importancia," which they had already communicated to the Viceroy, and Luiz Froes gives the following interesting information, which we transcribe in its entirety:

"Eſta Iſla de Diuar es para los Bramenes, como la tierra ſancta para nos otros, toda dedicada alos Idolos, adõde antiguamẽte tuuierõ grãde numero de ſus templos q̃ fuerõ pueſtos por tierra por los Portugueſes, y veniã a ella de partes muy remotas en romeria, porque tenian para ſi que ganauã indulgencia plenaria, y remiſsiõ de todos ſus peccados, y para que mas conozcan la ignorancia deſtos Bramenes, (aun que ſea cortar el hilo alo que voy diziendo) tienen aun agora vn Idolo en la tierra firme, al qual llaman Ganizo, en gran veneracion, del qual eſcriuen los antiguos de ſu ley, y tienenlo ellos por hiſtoria muy autentica, que ſiendo Adan y Eua caſados antes q̃ tuuieſſen algun hijo, ni que biuieſſe otra perſona enel mũdo, acerto Adan de yr vn dia fuera de caſa, y quedo Eua muy ocupada, y como ſudaſſe del trabajo, junto el ſudor dela cabeça, y dellos braços en las manos, del qual ſubitamẽte dizen, que ſe formo vn hijo ya hombre de perfecta eſtatura, tornando Adan y hallandole en ſu caſa como nunca le viera, con grãde furor arremetio aun terciado y le corto la cabeça, Eſpantada Eua del deſatino de Adan, començo a reprehender, y eſtrañarle mucho el yerro que cometiera, y preguntole el quien era, contole Eua como era ſu hijo engendrado de ſu ſudor, y queriendo reſtaurar el mal que auia hecho, porque la cabeça del hijo de Eua eſtaua ya muerta, fue Adan corriendo a buſcar algun animal para le poner otra, acerto de hallar vn Elefante y cortole la cabeça, y puſola ſobre los hombros del muerto, la qual ſe pego con el cuerpo, y el torno a biuir quedando hombre con cabeça de Elefante con ſu trompa, y aſsi lo pintan y adorã, y muchos

deſtos Bramenes toman appellido del nombre deſte ſu Dios."

Esta explicação do nascimento de Ganeça, o deus da sabedoria, filho de Parvati e de Siva, e da origem da sua cabeça de elephante, é realmente curiosa (fl. 59–fl. 80 v°).

Em carta de 25 de Dezembro de 1560, o Irmão encarregado da casa dos Catechumenos em Goa (Padre Manuel Teixeira?) descreve como se instruem os que alli são recebidos, até serem baptizados.

"Hablamosles por interpretes de q̃ ſiẽpre ay mucha falta, por las muchas y diuerſas naciones q̃ aqui concurren a baptizarſe. Y algunas vezes acõtece, q̃ en vna miſma platica ſe habla a diuerſos por tres y quatro interpretes, de diuerſas lenguas, y otras vezes a vno ſolo ſe habla por tres y quatro interpretes, los quales ſe van declarando el vno al otro, haſta llegar alos que ſe inſtruyen, y eſto es quãdo no ay vno que ſe entienda entre ellos y noſotros, y tambien para declarar mejor la doctrina, a algunos ſe habla por dos y tres interpretes, para q̃ lo que no ſe entiẽda por vno, ſe entienda por otro. Vienen aqui de todas las ſetas, Iudios, Moros, y gẽtiles de diuerſos ritos y coſtumbres" (fl. 86 v°).

Realiza-se o que devia ser esse trabalho, para o qual era necessaria uma paciencia realmente evangelica.

Na ultima carta d'este livro, escripta de Cochim a 16 de Janeiro de 1561, o Padre João de Mesquita narra com a maior simplicidade os horrores que passou, quando "vn Badaga, grãdiſsimo tyrano," veiu sobre Punicalle, que atacou de surpreza (ver Couto, *Decada* VII, Liv. VIII, cap. XI). Alguns Portuguezes fôram mortos, e outros feridos ou feitos prisioneiros. Quanto ao pobre Jesuita, apezar de ter recebido sete ou oito feridas e ficado como morto, foi levado para o interior, mettido n'um carcere, algemado, e pozeram-lhe uma corrente ao pescoço ligada aos pés, e tão apertada, que só havia um palmo de espaço entre a cabeça e os pés, "para q̃ aſsi encogido

deſtos Bramenes toman appellido del nombre deſte ſu Dios."

This explanation of the birth of Ganeśa, the god of wisdom, the son of Pārvatī and Śiva, and of the origin of his elephant's head is really curious (fl. 59 vo.–fl. 80 vo.).

In a letter of December 25th, 1560, the Brother in charge of the house of Catechumens in Goa (Father Manuel Teixeira?) describes the method of instructing those who were received there, until they were baptised.

"Hablamosles por interpretes de q̃ ſiẽpre ay mucha falta, por las muchas y diuerſas naciones q̃ aqui concurren a baptizarſe. Y algunas vezes acõtece, q̃ en vna miſma platica ſe habla a diuerſos por tres y quatro interpretes, de diuerſas lenguas, y otras vezes a vno ſolo ſe habla por tres y quatro interpretes, los quales ſe van declarando el vno al otro, haſta llegar alos que ſe inſtruyen, y eſto es quãdo no ay vno que ſe entienda entre ellos y noſotros, y tambien para declarar mejor la doctrina, a algunos ſe habla por dos y tres interpretes, para q̃ lo que no ſe entiẽda por vno, ſe entienda por otro. Vienen aqui de todas las ſetas, Indios, Moros, y gẽtiles de diuerſos ritos y coſtumbres" (fl. 86 vo.).

One realises that angelic patience must have been necessary for so stupendous a task.

In the last letter in the book, written from Cochin on January 16th, 1561, Father João de Mesquita gives a simple and unpretentious account of the horrors he underwent when "vn Badaga, grãdiſsimo tyrano," made a surprise attack on Punicalle (see Couto, *Decad* VII, Book VIII, chap. XI). Some of the Portuguese were killed, and others wounded or taken prisoners. Although he had received seven or eight wounds, and appeared to be dead, the unfortunate Father was carried into the interior, put in prison, fettered, and, which was worse, had a chain placed round his neck, attached to his feet, and tightened until there was only a span's breadth between his head and his feet, "para q̃ aſsi encogido tuuieſſe mayor

tuuiesse mayor tormẽto"! Porem, com a idea que se elle morresse nada seria pago pelo seu resgate, os seus algozes tratáram-o depois com menos crueldade. Finalmente, com a ajuda de um Christão natural da terra, e apezar de innumeras difficuldades, pôde escapar-se; tendo andado sete dias "por las tierras delos Badagas," luctando com perigos de todo o genero e padecendo grandes soffrimentos, chegou á costa, e embarcou n'um navio Portuguez. E termina a narração do seu verdadeiro martyrio, exclamando com o profeta David: "*Misericordias domini in aeternum cantabo*" (fl. 98–fl. 103).

Procurámos n'estas notas, atravez das *Cartas de los Jesuitas dela India* impressas em 1562, dar uma idea do trabalho extraordinario dos Padres da Companhia na India e em outras partes do Oriente. Esta edição é, sem duvida, uma preciosidade bibliographica; mas para nós, o seu grande valor deriva do seu texto, pois elle demonstra a obra admiravel d'esses grandes Portuguezes, verdadeiros obreiros do nosso Imperio, e que tudo podiam fazer, porque, acima da coragem, da energia, da intelligencia e da disciplina, possuiam aquella Fé absoluta que transporta as montanhas!

tormẽto"! Afterwards, when they realised that if he died, no ransom would be paid for his corpse, his captors treated him with less cruelty. At last, with the help of a native Christian and after many difficulties, he succeeded in making his escape. Having wandered for seven days "por las tierras delos Badagas," struggling against hardship and danger, he reached the coast and embarked on a Portuguese ship. And he concludes the account of his martyrdom by exclaiming with the prophet David: "*Misericordias domini in aeternum cantabo*" (fl. 98–fl. 103).

In these notes we have tried, through the *Cartas de los Jesuitas dela India* printed in 1562, to show something of the amazing work done by the Fathers of the Company in India and other parts of the Orient. This edition is certainly a bibliographical treasure; but for us its chief value lies in the text, which pictures the magnificent achievement of these great Portuguese, true workers for our Empire, who accomplished all things, because, added to their courage, energy, intelligence and discipline, they possessed absolute Faith, the Faith that moves mountains!

¶ Acabaronse de emprimir las presentes cartas, en la muy noble ciudad de Coimbra, por Iuan Aluarez, impressor del Rey nuestro. S. alos veynte y nueue dias del mes de Abril, de mil y quiniẽtos y sesenta y dos annos.

159 Colophon das *Cartas de los Jesuitas dela India*
Colophon of the *Cartas de los Jesuitas dela India*
Coimbra, 1562

COPILACAM DE

TODALAS OBRAS DE GIL VICENTE, A Q VAL SE REPARTE EM CINCO LIVROS. O PRIMEYRO HE DE TODAS ſuas couſas de deuaçam. O ſegundo as comedias. O terceyro as tragicomedias. No quarto as farſas. No quinto as obras meudas.

¶Empremioſe em a muy nobre & ſempre leal cidade de Lixboa em caſa de Ioam Aluarez impreſſor delRey noſſo ſenhor. Anno de M. D. LXII.

¶Foy viſto polos deputados da ſancta Inquiſiçam.

COM PRIVILEGIO REAL.

¶Vendem ſe a cruzado em papel, em caſa de Franciſco fernandez na rua noua.

160 Folha do rosto da *Copilacam de todalas obras* de Gil Vicente
Title-page of the *Copilacam de todalas obras* of Gil Vicente
Coimbra e Lisboa, 1562

99 GIL VICENTE, COPILACAM DE TODALAS OBRAS DE GIL VICENTE.

Coimbra e Lisboa, João Alvares, 1562.

COPILACAM DE | TODALAS OBRAS DE GIL VICENTE, A QVAL SE | REPARTE EM CINCO LIVROS. O PRIMEYRO HE DE TODAS | ſuas couſas de deuaçam. O ſegundo as comedias. O terceyro as | tragicomedias. No quarto as farſas. No quinto as | obras meudas.

Escudo das Armas Reaes com o grypho no timbre; aos lados a Esphera armillar e a cruz de Christo[1].

Empremioſe em a muy nobre & ſempre leal cidade de Lixboa | em caſa de Ioam Aluarez impreſſor delRey noſſo ſenhor. | Anno de M. D. LXII. | Foy viſto polos deputados da ſancta Inquiſiçam. | COM PRIVILEGIO REAL. | Vendem ſe a cruzado em papel, em caſa de Franciſco fernandez na rua noua.

[fl. 2] Priuilegio. [...]

[fl. 2 vo.] Taboada [...]

[fl. 3] [...] Fim da taboada.

[fl. 3 vo.] Prologo deregido ao muyto alto & poderoſo Rey noſſo Se- | nhor dom Sebaſtiam o primeyro do nome, | per Luis vicente. [...]

[fl. 4] Prologo em que o autor deregia eſta copia de ſuas obras ao muy- | to alto & excelſo Principe elRey dom Ioam o terceyro [...]

[fl. 1] COME | ÇAM AS OBRAS | de deuaçam. | LIVRO PRI- | MEYRO. | M. D. LXI.

Este titulo é enquadrado por uma portada ornada de figuras, que tem na parte superior a inscripção:

MVSIS DICATVM

e na inferior a Phenix com a legenda:

NVNC REVIVISCO[2]

fl. LXXVII [aliás 86]. [...] Laus & honor tibi ſit Rex | Chriſte Redemptor. | Im- preſſo em a muy nobre & ſempre leal ci- | dade de Coimbra per Ioão Aluarez, | im- preſſor del Rey N.S. | M. D. LXII. | Com priuilegio | Real.

[fl. LXXXVII] LIVRO SE | GVNDO, QVE HE DAS | COMEDIAS. | [...]

Titulo enquadrado por uma portada ornada de figuras e panoplias, que tem na parte inferior, ao meio, as Cinco Chagas[3].

fl. CXXII. [...] Fim do ſegundo liuro. | LAVS DEO.

[1] *Royal Arms of Portugal with the griffin crest; at the sides are the armillary Sphere and the cross of the Order of Christ.*

[2] *This title is within a border adorned with figures, and having the inscription* MVSIS DICATVM *at the top, and the Phoenix with the legend* NVNC REVIVISCO *at the bottom.*

[3] *Title within a border adorned with figures and coats of armour, and having the Five Wounds in the centre at the bottom.*

[fl. CXXIII] COME | CAM AS OBRAS DO | liuro terceyro que he das | Tragicomedias. [...]

Titulo enquadrado por uma portada egual á do livro anterior[1].

fl. CXC. [...] FINIS.

[fl. CXCI] COME | CAM AS OBRAS DO | quarto liuro, em que se con | tem as farsas [...]

Titulo enquadrado por uma portada egual á do livro anterior[1].

fl. CCXLIX vo. [...] Fim do quarto liuro das farsas.

fl. CCL. COmeçam as obras do quinto liuro que he das trouas | & cousas meudas. [...]

fl. CCLXII. [...] Fim do quinto liuro o qual vay tam | carecido destas obras meudas porque | as mais das q̃ o autor fez desta calidade | se perderam.

Enquadrado por tarjas, um epitaphio com a epigraphe[2]:

Sepultura de Gil Vicente.

fl. CCLXII vo. Acabouse de emprimir esta copilaçam das obras de Gil vicente em Lixboa | em casa de Ioam Aluarez impressor delRey nosso senhor na vniuersidade de Co | imbra aos. xij. dias do mes de Setembro de M.D.Lxij. annos. Vam nestes ca | bos assinados todos os liuros por Luis vicẽte, por se nã poderẽ emprimir | nem vender outros per outras pessoas que nam tem o preuilegio | de sua alteza que no principio vay impresso, porque soomẽ | te os que forem assinados se conheceram serẽ desta im- | pressam ⁊ per licença da pessoa a quem se o pri- | uilegio concedeo. Achar se ham neste liuro | algũs erros, assi de faltas de letras, como | tãbem algũas mudadas: porem sam tã | conhecidos os erros, que facilmen | te poderaa o discreto lector su | prilos. E por tanto se nam | faz aqui errata delles | porq̃ parece q̃ yr | buscar o erro | ao fim do | liuro | he cousa muy prolixa. | Laus Deo.

Assignatura autographa de Luis vte[3].

Folio—[4], CCLXII folhas—2 columnas—43 linhas—caractéres gothicos excepto as peças preliminares, epigraphes, explicações e argumentos, que são em romanos—de fl. 10 até ao fim numeros romanos—sem reclamos—com gravuras.

Numeração dos cadernos: ¶, 4 folhas; A–K, 8 folhas cada caderno; L, 6 folhas; M–O, 8 folhas cada caderno; P–Q, 6 folhas cada caderno; R–Z, 8 folhas cada caderno; Aa, 8 folhas; Bb, 4 folhas; Cc–Ll, 8 folhas cada caderno; total de 266 folhas. A folha A3 tem assignatura errada Biij, A5 tem Bv e B3 tem Bv; a folha T4 não tem assignatura.

Encadernação de carneira.

Folio—[4], CCLXII leaves—double columns—43 lines—Gothic type except for the preliminary pieces, headings, explanations and arguments, which are in Roman type—Roman numbers from fl. 10 onwards—no catchwords—woodcuts.

Collation by signatures: ¶, 4 leaves; A–K, each 8 leaves; L, 6 leaves; M–O, each 8 leaves; P–Q, each 6 leaves; R–Z, each 8 leaves; Aa, 8 leaves; Bb, 4 leaves; Cc–Ll, each 8 leaves; total 266 leaves. Leaf A3 is wrongly marked Biij, A5 is Bv and B3 is Bv; leaf T4 has no signature mark.

Sheepskin binding.

[1] *Title within a border like the one in the preceding book.*

[2] *Within a woodcut border an epitaph headed:*

[3] *Autograph signature of* Luis vte (*Vicente*).

A primeira edição da *Copilacam de todalas obras de Gil Vicente*, impressa em Coimbra e Lisboa por João Alvares em 1562, é uma verdadeira preciosidade bibliographica. Entre os auctores que a descrevem, ou que a ella se referem, citaremos: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 384), Innocencio (*Diccionario*, vol. III, pp. 143–147), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, pp. 296–300), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 146–147), Anselmo Braamcamp Freire (*Vida e Obras de Gil Vicente*, pp. 269–278), Conde de Sabugosa (*Auto da Festa*, pp. 27–28), Aubrey Bell (*Four Plays of Gil Vicente*, p. v), Brunet (*Manuel du Libraire*, t. V, col. 1172), Palau (*Manual del Librero Hispano-Americano*, t. VII, p. 167), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 85), que mencionam os seguintes exemplares: um na Bibliotheca Nacional de Lisboa (incompleto, segundo Innocencio e Sousa Viterbo), um no Archivo Nacional, e outro na Bibliotheca de Mafra. A essa lista ha a accrescentar mais tres exemplares: o da Bibliotheca da Universidade de Göttingen—do qual J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro se serviram para a sua edição das obras de Gil Vicente, Hamburgo, 1834, e que, segundo Mattos, se encontra truncado—o da Bibliotheca da Universidade de Harvard, que fazia parte da Livraria Palha (*Catalogo*, nº 1212), e o nosso, que está lindamente conservado.

Na folha do rosto da *Copilacam* lê-se que a obra foi impressa "em a muy nobre & ſempre leal cidade de Lixboa em caſa de Ioam Aluarez impreſſor delRey noſſo ſenhor" no anno de 1562, e no longo colophon está escripto que ella foi terminada a 12 de Setembro do mesmo anno, "em Lixboa em caſa de Ioam Aluarez impreſſor delRey noſſo ſenhor na vniuerſidade de Coimbra." Apezar d'estas duas declarações, nem toda a *Copilacam* foi estampada em Lisboa; no fim do livro primeiro (fl. LXXVII—aliás LXXXVI) vem a seguinte subscripção: "Impreſſo em a muy

The exceedingly rare first edition of the *Copilacam de todalas obras de Gil Vicente*, printed in Coimbra and Lisbon by João Alvares in 1562, is a bibliographical treasure. Among the authors who describe the book, or refer to it, we would mention: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, p. 384), Innocencio (*Diccionario*, vol. III, pp. 143–147), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, pp. 296–300), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 146–147), Anselmo Braamcamp Freire (*Vida e Obras de Gil Vicente*, pp. 269–278), Conde de Sabugosa (*Auto da Festa*, pp. 27–28), Aubrey Bell (*Four Plays of Gil Vicente*, p. v), Brunet (*Manuel du Libraire*, vol. V, col. 1172), Palau (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. VII, p. 167) and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 85), who mention the following copies: one in the Lisbon National Library (incomplete, according to Innocencio and Sousa Viterbo), one in the Archivo Nacional, and a third in the Mafra Library. To this list must be added three more copies: one in the Library of Göttingen University—mutilated according to Mattos, but used by J. V. Barreto Feio and J. G. Monteiro for the Hamburg edition of Gil Vicente's works, published in 1834,—one in the Harvard University Library, formerly in the Palha Library (*Catalogue*, no. 1212), and our own, which is in a beautiful state of preservation.

On the title-page of the *Copilacam* we read that the work was printed "in the most noble and ever loyal city of Lisbon, in the house of João Alvares, printer to the King our lord" in the year of 1562, and the long colophon affirms that it was finished on September 12th of the same year "in Lisbon in the house of João Alvares, printer to the King our lord in the University of Coimbra." But not all of the *Copilacam* was printed in Lisbon, for the first book ends with the following inscrip-

nobre & ſempre leal cidade de Coimbra per Ioão Aluarez, impreſſor del Rey N.S. M. D. LXII." Como os quatro livros seguintes não conteem nenhuma indicação especial ácerca da sua impressão, parece-nos que o "imprimidor" quiz, por esta fórma, mostrar que o livro primeiro fôra estampado nos seus prelos de Coimbra. Por consequencia, póde-se inferir que Alvares começou a impressão da *Copilacam* n'essa cidade, talvez ainda nos fins de 1561, e que, muito possivelmente a pedido de Luiz e Paula Vicente, sobretudo de Luiz que era o editor, a continuou e terminou na sua casa em Lisboa. Em 1516, Hermão de Campos tambem começou a impressão do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende em Almeirim e a acabou em Lisboa.

A edição *princeps* das obras de Gil Vicente vendia-se, segundo se lê na folha de rosto, "a cruzado em papel, em caſa de Franciſco fernandez na rua noua." Procurámos informações a respeito do dono da casa em que se vendia a *Copilacam*, mas, infelizmente, não encontrámos quasi nada. Tito de Noronha (*A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, p. 34) menciona-o simplesmente na sua lista de livreiros, com a data errada de 1565, e Gomes de Brito (*Noticia de Livreiros e Impressores em Lisbôa*, p. 13) indica o seu nome, mas de passagem e entre outros livreiros. Comtudo, Fernandes devia ser conhecido, visto ter sido encarregado da venda da primeira edição das obras de Gil Vicente, na folha do rosto da qual se lê que a sua "caſa" era na rua Nova, rua onde se encontravam estabelecidos alguns dos livreiros mais importantes, taes como João de Borgonha e Francisco Grafeo, o representante de Arnold Birckman, de quem já nos occupámos. Com este ultimo collega teve certamente relações, pelo menos mais tarde, pois, na folha do rosto do *Libro del inuencible Cauallero Primaleon*, impresso em Lisboa por Manuel João em 1566—obra rarissima, da qual possuimos um admiravel exemplar—se lê: "Vendēſe en caſa de Frãciſco

tion: "Printed in the most noble and ever loyal city of Coimbra by João Alvares, printer to the King our Lord. M. D. LXII" (fl. LXXVII—alias LXXXVI). As none of the four books which follow contain any special indications about their printing, it seems to us that the printer must have chosen this way to show that the first book had been executed in his press at Coimbra. It can therefore be inferred that Alvares began the printing of the *Copilacam* in that city, perhaps at the end of 1561, and that, very possibly at the request of Luiz and Paula Vicente, especially of Luiz, the editor, he continued and finished the work in his Lisbon house. In 1516, Hermão de Campos began printing Garcia de Resende's *Cancioneiro Geral* in Almeirim and finished it in Lisbon.

The *editio princeps* of Gil Vicente's works was on sale "at a *cruzado* in paper in the house of Francisco Fernandes in the rua Nova," as we read on the title-page. Although we have made a careful search, we have been able to find very little information about this Francisco Fernandes. Tito de Noronha (*A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, p. 34) merely cites his name as a bookseller, with the incorrect date of 1565, and Gomes de Brito (*Noticia de Livreiros e Impressores em Lisbôa*, p. 13) makes a passing reference to him among other booksellers. But his name must have been well known, since he was entrusted with the sale of the first edition of Gil Vicente's works, and since, as we read on the title-page, his "house" was in the rua Nova, where several of the most important booksellers, such as João de Borgonha and Franciscus Graphæus, Arnold Birckman's representative, had their establishments. He must have been associated with the last-mentioned, because the *Libro del inuencible Cauallero Primaleon*, printed in Lisbon by Manuel João in 1566—a very rare work, of which we possess a magnificent copy—was on sale in the house of Fran-

Graphea (*sic*) y de Fracifco Fernãdec (*sic*) libreros en la Rua noua."

Como já escrevemos (*Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, *Introducção*, pp. xvii–xviii), a "arte impreſſoria" em Portugal começou realmente a decahir no meiado do seculo XVI, embora n'essa epocha se encontrem, certamente, notaveis trabalhos sahidos dos prelos de diversos dos nossos "imprimidores." Em muitos casos, comtudo, os "caratules de letras" estavam gastos, e as gravuras, portadas, lettras capitaes, tarjas e bordaduras, que haviam passado pelas mãos de differentes impressores, e que já tinham servido em numerosas e variadas composições, não podiam ter a finura dos primeiros tempos; alem d'isso, é provavel que os "obreiros de imprimidores" não tivessem no seu trabalho o cuidado dos seus predecessores. A *Copilacam* das obras de Gil Vicente é, infelizmente, um exemplo da decadencia a que acabamos de nos referir. No colophon vem a seguinte e ingenua declaração:

"Achar ſe ham neſte liuro algũs erros, aſſi de faltas de letras, como tãbem algũas mudadas: porem ſam tã conhecidos os erros, que facilmente poderaa o diſcreto lector ſuprilos. E por tanto ſe nam faz aqui errata delles porq̃ parece q̃ yr buſcar o erro ao fim do liuro he couſa muy prolixa."

Não obstante esta explicação falta de arte, Innocencio teve toda a razão quando escreveu:

"A edição argue notavel incuria da parte do impressor, não só pelos erros typographicos em que abunda, mas pela frequente falta de espaços entre as palavras, o que muitas vezes offerece serios obstaculos para a intelligencia do texto" (*loc. cit.*).

Apezar da *Copilacam* ter sido publicada por Luiz Vicente, filho de Gil Vicente e da sua segunda mulher Melicia Rodrigues, o privilegio Real para a sua impressão e venda durante dez annos foi concedido a sua irmã, Paula Vicente, moça da camara e *tangedora* da Infanta D. Maria, sendo possivel que a permissão lhe fôsse outorgada graças á amizade da illustre filha de D. Manuel.

ciscus Graphæus and Francisco Fernandes, booksellers in the rua Nova.

As we have stated elsewhere (*Early Portuguese Books*, vol. I, *Introduction*, pp. xxxix–xl), printing in Portugal really began to deteriorate in the middle of the XVIth century. Some notable books were certainly issued after that time; but in too many cases the type was worn, and the woodcuts, capital letters and borders, having passed through the hands of many printers, and appeared in many and varied publications, were no longer so fine as in the early times. Also it is probable that the printers themselves did not use the same patient care as their predecessors. Unhappily, the *Copilacam* of the works of Gil Vicente is a conspicuous example of this decadence in printing. The colophon contains the following ingenuous declaration:

"There are some mistakes in this book, such as missing or transposed letters; but the errors are so well known that the discreet reader will easily be able to correct them. Therefore no errata have been set down here, because it seems a very tedious thing to go and seek the mistakes at the end of the book."

Notwithstanding this artless explanation, Innocencio was perfectly right when he said:

"The edition argues a notable carelessness on the part of the printer, not only on account of the typographical errors in which it abounds, but of the frequent lack of spacing between the words, which often presents a serious obstacle to the understanding of the text" (*loc. cit.*).

Although the *Copilacam* was published by Luiz Vicente (the son of Gil Vicente and his second wife Melicia Rodrigues), the Royal privilege for the printing and sale of the work for two years was conceded to his sister, Paula Vicente, possibly because she was lady of the bedchamber and *tangedora* (player of musical instruments) to the Infanta Dona Maria.

No alvará de 3 de Setembro de 1561, assignado pela Rainha D. Catherina, Regente em nome d'El-Rei D. Sebastião seu neto, lê-se que Paula Vicente, querendo "fazer empremir hũ liuro ꝛ cãcioneyro de todas as obras de Gil vicente ſeu pay, aſſi as que atee ora andarão empremidas polo meudo, como outras que o ainda nam foram," pediu que durante dez annos ninguem podesse "empremir nem vender o dito cancioneyro ſenam ella, ꝛ as peſſoas a que ella pera iſſo deſſe licença: ꝛ que as ditas obras meudas do dito ſeu pay, que atee ora andarão empremidas, ſe nam podeſſem mais empremir nem vender polo meudo." Em vista d'este requerimento, "ꝛ por algũs juſtos reſpeytos que me a iſto mouem," El-Rei determinou, "q̃ fazendo ella empremir o dito cancioneyro," nenhum impressor, "nem outra algũa peſſoa" o podesse estampar ou vender nos seus Reinos e senhorios, "nem trazelo de fora do Reyno a vender ſem conſentimento ꝛ licença da dita Paula vicente, ꝛ iſto por tempo de dez annos"; ao mesmo tempo, El-Rei ordenava que, durante esse periodo, "ſe nã poſſam empremir nem vender polo meudo obras algũas do dito Gil vicente que eſtiuerem no dito cancioneyro," sob pena, para quem infringisse qualquer das determinações d'este alvará, de perder todos os volumes que tivesse em seu poder, e de pagar cincoenta cruzados de multa.

No *Prologo deregido ao muyto alto & poderoſo Rey noſſo Senhor dom Sebaſtiam*, Luiz Vicente escreve que, geralmente, "toda peſſoa" deseja "acrecentar ꝛ reſuſcitar" os trabalhos d'aquelles que teem ou tiveram fama, seja contando "em pratica ſuas couſas" seja tornando conhecidas as obras que escreveram "dinas de ſerem apregoadas," e que se muitos assim procederam sómente para que não se perca a fama dos grandes homens, "que faram aquelles a que bate aa porta a obrigaçam de ſeus antepaſſados, que ſuas obras ſam deſejadas virem aa noticia de todos. E ainda q̃ as obras de meu pay nam tenham tamanho merecimento como tiueram as

An *alvará* of September 3rd, 1561, signed by Queen Catherina, Regent in the name of her grandson Dom Sebastião, affirms that, being desirous to "have printed a book and *cancioneiro* (collection of poems) containing all the works of Gil Vicente her father, those which had already been printed separately as well as those which had not," Paula Vicente had asked that for ten years no one should be allowed "to print or sell the said *cancioneiro* except herself and the persons to whom she gave permission to do so; and that the said works of her father which had already been printed separately should no longer be allowed to be printed or sold separately." In answer to this request, "and for certain just reasons which moved me to this," the King decided "that if she printed the said *cancioneiro*," no printer "nor any other person whatsoever" could print or sell it in the Kingdom and realms of Portugal "or bring it from outside the Kingdom to sell, without the consent and permission of the said Paula Vicente, and this for a period of ten years." At the same time the King ordered that during that period "no works of the said Gil Vicente which may be in the said *cancioneiro* can be printed or sold separately"; and anyone who infringed any of the injunctions of this *alvará* was to lose all the volumes he possessed and pay a fine of fifty *cruzados*.

In the *Prologue addressed to the most high and powerful King Dom Sebastião our Lord*, Luiz Vicente writes that as a rule "every person" wishes to "collect and resuscitate" the works of those who are or have been famous, whether by recounting "their things orally" or by making known such of their written works as are "worthy of esteem," and that, as many people have done this simply so that the fame of great men should not be lost, "what shall they do who hear their obligation to their ancestors knocking on the door, reiterating that their works ought to be brought before the notice of all. Even if my father's works have not as much merit as those of other ancient and

doutros poetas antigos ɀ modernos, tam cele- bradas em todo o mundo: toda via que as deſte liuro fiquem muyto abayxo deſtas, por ſerem cou- ſas algũas dellas feytas por ſeruiço de Deos, ɀ todas em ſeruiço de voſſos auoos, ɀ de que elles muyto goſtarão era razam que ſe empremiſſem. E porque ſey que ja agora neſſa tẽrra ydade de V.A. goſta muyto dellas, ɀ as lee ɀ folga douuir re- preſentadas, tomey a minhas coſtas o trabalho de as apurar ɀ fazer empremir ſem outro intereſſe ſenã ſeruir V.A. com lhas deregir, ɀ comprir com eſta obrigaçam de filho. E porq̃ ſua tençam era que ſe empremiſſem ſuas obras, eſcreueo per ſua mão ɀ ajuntou em hum liuro muyto grande parte dellas, ɀ ajuntara todas ſe a morte o nam cõſu- mira. A eſte liuro ajuntey as mais obras que faltauam ɀ de que pude ter noticia. E porque o prologo que a diante vay deregido a elRey voſſo auo, q̃ aja gloria, nam ouue effeyto. Eſſe, com o liuro todo offereço a V.A. a quem noſſo Senhor acrecente ɀ proſpere a vida e eſtado per muytos annos."

Este *Prologo* deve ter sido escripto em 1561, como o alvará de privilegio, ou em 1562, anno em que foi publicada a *Copilacam*. Por con- sequencia, D. Sebastião—nascido a 20 de Janeiro de 1554—tinha sete ou oito annos: tem, pois, um interesse especial saber-se que, "neſſa tẽrra ydade," o *Desejado* não só folgava de ver representadas as obras de Gil Vicente, mas gostava de as ler. Teria D. Sebastião—tão Portu- guez e tão cioso, desde creança, da honra e das glorias do seu paiz—sentido o patriotismo e o amor profundo á sua terra d'aquelle que o eminente critico Aubrey Bell (*op. cit.* p. vi) in- titulou, e com inteira razão, "the most national poet of Portugal"?

No *Prologo em que o autor deregia eſta copia de ſuas obras* a D. João III, e ao qual o filho se refere, Gil Vicente declara modestamente que, sendo as obras que viu escriptas "tam florecidas de ſciẽtes materias, de gracioſas inuenções, de doces eloquencias & elegancias," receára a pobreza

modern poets, famous throughout the world; and although those in this book may rank very far below them, yet the fact that some things in them were done in God's service, and all in the service of your grandparents, who liked them very much, was a reason why they should be printed. And because I know that even at this tender age Your Highness already likes them very much and reads them and delights in seeing them acted, I took upon myself the work of correcting them and having them printed with no other motive than to serve Your Highness by dedicating them to you, and to carry out my filial obligations. And because it was his intention to have his works printed, he wrote out a great many of them in his own hand and collected them in a book, and he would have collected them all, had death not overtaken him. To this book I have added as many of the missing works as I have been able to find. And because the prologue which was addressed to the King your grandfather—to whom be glory—did not come into effect, I offer this one with all the book to Your Highness, whose life and state may Our Lord increase and prosper for many years."

This prologue must have been written either in 1561, like the charter of privilege, or in 1562, when the *Copilacam* was printed; so at the time Dom Sebastião—born on January 20th, 1554— was only seven or eight years old, and it is inter- esting to learn that "at this tender age" he not only delighted in seeing representations of Gil Vicente's works, but that he enjoyed reading them. One wonders whether Dom Sebastião—who was so Portuguese in spirit, even as a child, and who had his country's glory and honour ever present in his thoughts—recognised the patriotic fervour which impregnates the works of him whom the eminent critic Aubrey Bell (*op. cit.* p. vi) designates as "the most national poet of Portugal."

In the *Prologue where the author dedicated this copy of his works* to Dom João III, Gil Vicente diffidently says that, as the works of other writers were "so full of learned matters, graceful in- ventions, sweet eloquence and elegance," he feared for "the poorness" of his own mind, "be-

do seu engenho, "porque naſceo & viue" sem possuir nenhum d'esses dons, e decidira deixar as suas "miſerrimas obras por empremir, porque os antigos & modernos nam leyxaram couſa boa por dizer, nem inuençam linda por achar, nem graça por deſcobrir." Por isso, ter-lhe-hia sido "fermoſa guarida nam dizer ſenam o que elles dixeram," mesmo que ficasse "como eco nos vales que fala o que dizem, ſem ſaber o que diz." Comtudo, accrescenta, quereria "louuar as excelencias" de sua Alteza n'este preambulo, como outros auctores "fazem aos ſenhores a quem ſuas obras endereçam"; mas, mesmo que lhe "foſſe traſpaſſado o ſpirito de Dauid," não saberia elogiar devidamente todas as suas qualidades, e, sobretudo, o seu "Chriſtianiſsimo firmamento." Então, junctando outros sentimentos á sua modestia, escreve este interessante periodo:

"Outro ſi querendo nauegar pola rota do ſeu exordio delles, pedindo a V.A. ſauor & emparo, pera que minha enferma eſcretura nam ſeja ferida de lingoas danoſas. Pareceme injuſta oração pedir tam alto eſteo pera tam bayxo edeficio, quanto mais que ainda dino fora de tam nobre emparo, tenho conſirado (*sic*) que Chriſto filho de Deos ſob emparo de poderio eternal do Padre & todos ſeus bem auenturados ſanctos nam paſſaram por eſta vida tam liures, que dos malditos detratores nam foſſem julgados ſuas diuinas obras, por humanos liuiandades: ſua ſancta doctrina, por maxima ignorancia: ſua manifeſta bondade, por falſa malicia: ſua ſanctiſsima graça, por ſorreticio engano: ſua excelſa abſtinẽcia, por vil hipocreſia: ſua celeſte pobreza, por terreno vicio. Pois ruſtico peregrino de mi, que eſpero eu? liuro meu que eſperas tu? Porem te rogo que quando o ignorante malicioſo te reprender, que lhe digas, ſe meu meſtre aqui eſtiuera, tu calaras. Finalmente que por eſcuſar eſtas batalhas & por outros reſpeytos, eſtaua ſem propoſito de emprimir minhas obras ſe V.A. mo nam mandara, nam por ſerem dinas de tam eſclarecida lembrança,

cause it was born and lives" without any of these gifts, and had decided to leave his "miserable works unprinted, because the ancients and moderns had left no good thing to be said, or any beautiful invention to be found, or any grace to be discovered." It would, therefore, have been "a beautiful refuge" for him "to say nothing but what they had already said," even if he became "like an echo in the valley, which repeats the words of others, without knowing what it is saying." He goes on to declare that though he would have liked to imitate what other authors "do to the lords to whom they dedicate their works," and "to eulogise the excellences" of his Highness in this preamble, he would never be able, even "were the spirit of David transferred" to him, to give due praise to all his qualities and especially to his "most Christian steadfastness." Then, joining other feelings to his modesty, he writes this noteworthy passage:

"Furthermore, desirous as I am to follow the course they have taken in their prefaces, and to beseech Your Highness' favour and protection, so that my feeble writing may not be harmed by mischievous tongues, it seems to me unjust to ask such high support for such a lowly building, especially as, however worthy it might be of such noble protection, I must remember that Christ the son of God, under the protection of the everlasting power of the Father, and all His blessed saints, did not pass so freely through this life that malicious detractors did not judge their divine works to be human indiscretions, their holy doctrine to be abysmal ignorance, their manifest goodness to be perfidious wickedness, their holy grace to be surreptitious deception, their sublime abstinence to be vile hypocrisy, their celestial poverty to be terrestrial vice. So, rustic pilgrim that I am, what do I hope for? book of mine, what dost thou expect? Yet I beg thee when any malicious ignoramus criticises thee, to say to him: 'If my master were here, thou wouldst be silent.' Lastly I would say that to avoid these battles, and for other reasons, I had not planned to print my works, if Your Highness had not ordered me to do so, not because they were worthy of such dis-

mas V.A. aueria refpeyto a ferẽ muytas dellas de deuaçam, & a feruiço de Deos enderençadas, & nam quis que fe perdeffem, como quer que coufa virtuofa por pequena que seja nam lhe fica por fazer: por cujo feruiço trabalhey a compilaçam dellas com muyta pena de minha velhice & gloria de minha vontade, que foy fempre mais defejofa de feruir a V.A. que cobiçofa de outro nenhum defcanfo."

Alem das curiosas e interessantes explicações dadas no seu *Prologo*, Gil Vicente faz uma declaração para nós importante: "Eftaua fem propofito de emprimir minhas obras fe V.A. mo nam mandara." Se esta declaração representa a verdade dos factos, não ha duvida que devemos um enorme serviço a D. João III. As palavras de Luiz Vicente confirmam, a nosso ver, as do pae, e demonstram quaes tinham sido as intenções do poeta ácerca das suas obras, e os motivos porque preparára a sua impressão; por isso, o filho publicou o *Prologo* que Gil Vicente dirigira a D. João III.

Diversas obras de Gil Vicente já tinham sido impressas avulsas—algumas em vida do auctor—antes de ser publicada a *Copilacam*, como vimos no alvará concedido a Paula Vicente em 1561. Dez annos antes, o Cardeal Infante D. Henrique mandára publicar o *Rol dos liuros defefos* (ver Innocencio, *ob. cit.* vol. x, 3º do *Supplemento*, pp. 387–388), no qual eram prohibidos sete autos de Gil Vicente, sem que, todavia, o seu nome fôsse mencionado. Esse *Rol* é o primeiro estampado em Portugal, mas não o primeiro promulgado, visto o Dr Antonio Baião ter descoberto na Torre do Tombo um *Rol* de 1547 (ver D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Autos Portugueses de Gil Vicente e da Escola Vicentina*, p. 87, nota 2, e Dr Queirós Veloso, *Gil Vicente—Fundador do Teatro português* in *Historia da Literatura Portuguesa, Ilustrada*, t. II, p. 78. As noticias dadas por estes dois auctores não concordam). Essa lista de livros

tinguished remembrance, but surely because Your Highness took into consideration that many of them were works of devotion, dedicated to God's service, and therefore wished them to be preserved, as you never wish to leave undone any virtuous action, however small; and in your service I have worked at their compilation, with great pain to my old age and glory to my will, which has ever been more desirous to serve Your Highness than covetous of any other repose."

If Gil Vicente's declaration that "I had not planned to print my works if Your Highness had not ordered me to do so" be true, we owe an enormous debt of gratitude to King João III. Luiz Vicente certainly confirms his father's statement and explains the poet's intentions with regard to his works, and his reasons for preparing them for the press; and as a further explanation he published the *Prologo* which Gil Vicente had addressed to Dom João III.

Several of Gil Vicente's works had been printed separately—some in the author's life-time—before the publication of the *Copilacam*, as we saw in the *alvará* granted to Paula Vicente in 1561. Ten years earlier, the Cardinal Infante Dom Henrique had published the *Rol dos liuros defefos* (see Innocencio, *op. cit.* vol. x, 3rd of the *Supplement*, pp. 387–388), where seven of Gil Vicente's plays were banned, though without mention of his name. This *Rol* (Index) was the first printed in Portugal, though not the first to be drawn up, for Dr Antonio Baião has discovered a manuscript one, dated 1547, in the Torre do Tombo (see Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Autos Portugueses de Gil Vicente e da Escola Vicentina*, p. 87, note 2, and Dr Queirós Veloso, *Gil Vicente—Fundador do Teatro português*, in *Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada*, vol. II, p. 78. The information given by these two writers is, however, conflicting). The 1547 list of pro-

defesos de 1547 não inclue obras de Gil Vicente. Em 1561, foi estampado por João Blavio um novo *Rol*, do qual existe uma descripção muito incompleta, tirada do unico exemplar de que havia conhecimento (ver *Catalogo Nepomuceno*, nº 882; ver tambem Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 344), e cujo paradeiro ignoramos. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*Notas Vicentinas*, I, p. 32), depois de dizer que a prohibição Portugueza de 1551 entrou *ipsis verbis* no Indice Castelhano de 1559 e no de 1583, escreve:

"Em Portugal ela foi igualmente repetida na reìmpressão textual do rol primitivo, efectuada um decénio depois; tão rara como a de 1551. Repetida tambêm no Índice de 1564, sempre com a mesma epígrafe de *Rol dos Livros que se proìbem em português*. Isso, apesar de no meiotempo os Autos condenados condicionalmente e o dos *Físicos* terem, em contradita, entrado desempedidos na *Copilação*."

Nada podemos dizer ácerca do *Rol* de 1561; porem, ácerca do de 1564—que, demais, ella nunca manuseou (ver *Autos Portugueses de Gil Vicente*, p. 91, nota 2)—a saudosa Professora faz uma affirmação que não é exacta. Temos presente um admiravel exemplar d'esse *Rol* (que breve esperamos dará entrada na nossa Bibliotheca) impresso por Francisco Corrêa; mas na lista intitulada "Eftes fam os liuros que fe prohibẽ," não se encontra um só dos autos de Gil Vicente prohibidos no *Rol* de 1551. E o exemplar que temos examinado cuidadosamente, alem de estar completo e perfeitamente conservado, possue uma particularidade que, indubitavelmente, augmenta o seu valor: as regras em linguagem, traduzidas das do *Index Librorvm Prohibitorvm* de 1564, conteem diversas emendas e correcções escriptas pelo punho de André de Resende. Essa importante descoberta leva-nos a suppôr que Mestre André foi encarregado pelo Cardeal D. Henrique de rever o *Rol* de 1564, se não foi mesmo incumbido da traducção das regras. O caso não seria de surprehender, pois, como mostrámos (pp. 254–255), o illustre humanista,

hibited books does not include any works of Gil Vicente. In 1561 João Blavio printed a new *Rol*, the only known copy of which has been very briefly described (see the *Nepomuceno Catalogue*, no. 882; also Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 344), though we do not know its present whereabouts. Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*Notas Vicentinas*, I, p. 32) states that the Portuguese list of prohibited books of 1551 was copied *ipsis verbis* in the Spanish Indices of 1559 and 1583, and adds:

"It was also repeated in Portugal in the reimpression, ten years later, of the original *rol*, a reimpression as rare as the edition of 1551. In the Index of 1564 it was again repeated, always under the same heading—*List of Books which are prohibited in Portuguese*. This in spite of the fact that in the meantime the conditionally condemned plays and the *Auto dos Físicos* had, contrary to its ruling, been included unhindered in the *Copilação*."

We cannot say anything about the *Rol* of 1561; but with regard to that of 1564—which she never saw (see *Autos Portugueses de Gil Vicente*, p. 91, note 2)—Dona Carolina makes a statement which is incorrect. We have here a magnificent copy (which we hope soon to be able to add to our Library) of this *Rol* printed by Francisco Corrêa; but not one of the works of Gil Vicente prohibited in the 1551 *Rol* appears in the list headed "These are the prohibited books." We have carefully examined the copy, which is complete and perfect and especially interesting since the rules in Portuguese, translated from the *Index Librorvm Prohibitorvm* of 1564, contain several corrections in the handwriting of André de Resende. This important fact leads us to suppose that the Cardinal Infante Dom Henrique must have charged *Mestre* André at least to revise the *Rol* of 1564, if not to translate the rules from the Latin. Such an action would not be surprising, because, as we have shown (pp. 254–255), the famous humanist—who was "preacher"

"pregador" do Inquisidor Geral, reviu e approvou um livro em 1550, e, passados annos, o Cardeal Infante encarregou Resende de redigir os decretos do Concilio provincial de Lisboa por elle convocado em 1566. Por consequencia, a nossa hypothese não nos parece extemporanea, porque estamos de ha muito habituados ao costume do illustre Eborense de emendar e annotar os exemplares das suas obras que, depois de impressas, lhe passavam pelas mãos. Se, como julgamos, o *Rol* de 1564 foi revisto por Mestre André, celebre humanista, amigo de Erasmo, e—como se prova pelos versos do seu *Genethliacon*—admirador de Gil Vicente, talvez se comprehenda a razão porque fôram omittidas d'esse Indice expurgatorio as obras do "eramista"—como lhe teem chamado—Gil Vicente.

Não ha duvida que algumas obras do genial poeta fôram condemnadas em 1551. Porem, devemos pensar que um dos autos condemnados em absoluto—o *Jubileu de amores*—que fôra representado em Bruxellas a 21 de Dezembro de 1531, em casa do Embaixador de Portugal, D. Pedro de Mascarenhas, escandalizára profundamente os enviados do Papa Clemente VII juncto de Carlos V, que assistiam á festa. Na sua carta de 26 de Dezembro do mesmo anno, dirigida a um certo Sanga, o Nuncio Aleandro, indignado, queixa-se amargamente da manifesta satyra contra Roma, que acabava de ser representada debaixo dos tectos do representante de D. João III; a sua indignação leva-o a escrever ao seu correspondente, que é preciso advertir o Pontifice "di quello che passa che forsi Sua Santita ne fará qualche paterna ammonitione" (ver D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Notas Vicentinas*, I, pp. 20–23). Terá sido enviada de Roma, mesmo decorrido algum tempo, uma "admoestação paterna," como suggeria Aleandro? É muito possivel, e talvez durante as complicadas

to the Inquisitor-General—revised and gave official approbation to a book in 1550, and, when the Cardinal Infante convoked the Provincial Council of Lisbon in 1566, he charged Resende to draw up the Council's decrees. Our hypothesis does not, therefore, appear to us out of place, especially as we have long been accustomed to Resende's habit of correcting and annotating the copies of his works which passed through his hands after they were printed. If, as we consider more than probable, the *Rol* of 1564 were revised by *Mestre* André, the friend of Erasmus and—as the verses in his *Genethliacon* prove—the admirer of Gil Vicente, it is perhaps easier to understand why the works of the "Erasmian," as Vicente has been called, were omitted from it.

There is no doubt that certain of the poet's works were condemned in 1551; but we must remember that one of the banned *autos*—the *Jubileu de amores*—which had been performed in Brussels on December 21st, 1531, in the house of the Portuguese ambassador, Dom Pedro de Mascarenhas, had greatly scandalised the papal envoys to Charles V, who were present at the celebrations. In a letter dated December 26th of the same year and addressed to a certain Sanga, the outraged Nuncio, Aleandro, complains bitterly of the manifest satire against Rome, presented under the roof of Dom João III's representative, and even goes so far as to advise his correspondent of the necessity of warning Pope Clement VII "di quello che passa che forsi Sua Santita ne fará qualche paterna ammonitione" (see Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Notas Vicentinas*, I, pp. 20–23). It is possible that, in response to Aleandro's suggestion, some "paternal admonition" may have been sent from Rome, even after a considerable lapse of time, perhaps during the

negociações para o estabelecimento da Inquisição em Portugal. N'essa epocha houve concessões mutuas entre Roma e Lisboa, sendo admissivel que d'alli fôsse indicada a conveniencia—talvez como exemplo—da condemnação do *Jubileu de amores*, que era conhecido em Roma, e de obras semelhantes, e que, por esse motivo, o *Jubileu* e os outros seis autos tenham sido incluidos no curto *Rol* dos "liuros defesos" em linguagem de 1551. N'essa pequena lista, os tres primeiros autos—*Dom Duardos*, *Lusitania* e *Pedreanes*—fôram condemnados condicionalmente, e os quatro seguintes—*Jubileu de amores*, *Aderencia do paço*, *Vida do paço* e *Phisicos*—sem os motivos explicativos. D'estes quatro, o dos *Phisicos* entrou na *Copilacam* de 1562; e o mesmo succedeu ao de *Dom Duardos*, ao da *Lusitania* com os seus diabos, e ao de *Pedreanes*—que passou a chamar-se *Farça do Clerigo da Beira*—com as suas matinas irreverentes: por consequencia, ficáram excluidos do "cartapácio" o *Jubileu*, a *Aderencia*, e a *Vida do paço*. Porquê? Se as outras obras condemnadas podiam ser impressas com o "visto" dos deputados da Inquisição, quaes seriam os motivos da omissão d'esses tres autos? Unicamente a condemnação? Então ella tinha deixado de existir para uns e ficado em vigor para os outros? Não crêmos. Apezar da nossa supposição ser apenas uma hypothese a junctar a tantas que já teem sido formuladas, julgamos que os tres autos, censurados como o dos *Phisicos*, não fôram incluidos na *Copilacam* simplesmente porque se tinham perdido. No *Prologo*, Luiz Vicente diz ter junctado ao "cartapácio" deixado pelo pae as obras que faltavam, e de que poude ter noticia; mas essa phrase não significa que Luiz Vicente tivesse reunido todas as obras que sabia terem sido compostas pelo pae. É sempre facil attribuir o desapparecimento de obras litterarias aos rigores da Inquisição; porem, quantas não se perderam—umas vezes por completo, outras durante annos ou seculos—por motivos absolutamente extranhos ás condemnações do Santo Officio?

complicated negotiations for the setting up of the Inquisition in Portugal. At that time there were mutual concessions between Rome and Lisbon, and it is not unlikely that the expediency of banning certain kinds of works was then suggested from Rome, the *Jubileu de amores*, known in that city, being perhaps mentioned as an example; and that is possibly why, with the other six *autos*, it was included in the 1551 list of "forbidden books" in the Portuguese tongue. The three first *autos* in this short list—*Dom Duardos*, *Lusitania* and *Pedreanes*—were conditionally prohibited, but the other four—*Jubileu de amores*, *Aderencia do paço*, *Vida do paço* and *Phisicos*—were wholly banned. One of the last four—*Phisicos*—was included in the *Copilacam* of 1562, and so were *Dom Duardos*, *Lusitania* with its devils, and *Pedreanes*—afterwards known as the *Farça do Clerigo da Beira*—with its irreverent matins. One wonders why the other three *autos* were omitted, if all these could be published with the "visé" of the deputies of the Inquisition. It can scarcely have been on account of the condemnation, which could not logically be ignored for some and not for the others; we consider, though our belief is but another hypothesis to be added to the many already formulated, that the three plays censured with the *Phisicos* were left out of the *Copilacam* simply because they had been lost. In his *Prologo*, Luiz Vicente says that he has added to the book his father left, all that he could find of the missing works, which seems to show that he was unable to trace everything he knew his father had written. It is always easy to attribute the disappearance of literary treasures to the rigours of the Inquisition; yet many have been lost—some completely, and others for years or centuries—for reasons quite unconnected with the strictures of the Holy Office. Even among the

Mesmo entre as obras de Gil Vicente, temos o exemplo recente do *Auto da Festa*, obra desconhecida do genial poeta, descoberta pelo Conde de Sabugosa, nosso querido e saudoso amigo, n'uma miscellanea da sua valiosa Bibliotheca. Admittimos, sem duvida, que os tres autos—especialmente o *Jubileu de amores*—se perderam devido, indirectamente, á condemnação de que fôram alvo. Tinham sido impressos, ou existiam unicamente copias manuscriptas, necessarias para as representações? Ignora-se. No segundo caso, que nos parece mais provavel, não custa a crer que tenham sido destruidas—quiçá por conselho—ou, simplesmente, que se tenham perdido, mesmo em vida do auctor. Entre a morte do poeta e a publicação da *Copilacam* decorreram mais de vinte annos; por quantas mãos passáram os seus papeis durante esse periodo? A phrase que citámos de Luiz Vicente demonstra que não estavam todos junctos.

Muitos auctores nacionaes teem quebrado lanças em prol da liberdade—palavra admiravel em theoria, mas poucas vezes posta em practica—para com esse pretexto atacarem a Inquisição em Portugal e todos os chamados crimes por ella commettidos, a censura e o absurdo fanatismo de quem a exercia, e o Inquisidor Mór, o Cardeal Infante D. Henrique. Já escrevemos (*Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, *Introducção*, pp. xxx–xxxii) francamente o que pensamos do Tribunal do Santo Officio; quanto ao Cardeal D. Henrique, já dissemos tambem (p. 488), que muitos escriptores o teem querido mostrar como um espirito fraco e fanatico; alguns d'esses auctores aproveitáram-se das grandes figuras de Gil Vicente e de Damião de Goes, para rebaixar a do Infante. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos chega mesmo a dizer que, de 1539 a 1580, o Cardeal D. Henrique "foi efectivamente a alma danada da Mesa Censoria"! E adiante accrescenta:

"Sempre é Gil Vicente o personagem que vejo perseguido....E sempre ele é, do ponto de vista

works of Gil Vicente, we have the recent example of the *Auto da Festa*, which was entirely unknown until our dear friend the late Conde de Sabugosa discovered it in a miscellany in his library. We admit, certainly, that the loss of the three *autos*—and particularly the *Jubileu de amores*—must have been indirectly due to their prohibition. If, as we consider very possible, they were never printed, but existed simply in the manuscript copies necessary for theatrical presentations of them, it is not hard to believe that they may have been destroyed—perhaps advisedly—or that they were merely lost, even in the author's life-time. The *Copilacam* was not published until more than twenty years after the poet's death, and his papers must have passed through many hands during that period, for Luiz Vicente's words show that all the works were not together.

Many Portuguese authors have entered the lists on behalf of liberty—a magnificent theory, all too seldom put in practice—and use it as a pretext to attack the Portuguese Inquisition with all the so-called crimes it committed, the censure and the absurd fanaticism with which it was exercised, and through these to assail the Inquisitor-General, the Cardinal Infante Dom Henrique. We have already expressed our opinion about the Tribunal of the Holy Office (see *Early Portuguese Books*, vol. I, *Introduction*, pp. lii–liv), and have shown how many writers have sought to depict the Cardinal Dom Henrique as a weak fanatic (see p. 488). These writers seize upon such great figures as Gil Vicente and Damião de Goes to abase that of the Cardinal Infante. Dona Carolina Michaëlis even goes so far as to say that, from 1539 to 1580, he was "really the damned soul of the Tribunal of Censure"! And she adds:

"Gil Vicente is always the person I see persecuted....He is always, in the eyes of the

dos inquisidores, o unico que merecia a perseguição, por causa da liberdade do seu dizer e da audacia do seu pensar" (*Autos Portugueses de Gil Vicente*, pp. 112–113).

Representam estas palavras da illustre Professora a verdade dos factos? Não nos parece, bem pelo contrario. Qual foi o procedimento da "Mesa Censoria," e especialmente da sua "alma danada," para com as obras de Gil Vicente até 1580? Em 1551, quatorze ou quinze annos depois da morte do poeta, sete das suas obras fôram incluidas no primeiro *Rol dos liuros defesos* impresso em Portugal por mandado do Cardeal Infante. Ás innumeras supposições que teem sido alvitradas—quasi todas interrogativamente—para explicar os motivos d'essa condemnação, permittimos-nos accrescentar uma, que o decorrer dos acontecimentos torna admissivel. A chamada *Razão de Estado* fez, muitas vezes, com que os Soberanos tomassem certas medidas que eram, ou que elles consideravam, necessarias: não faltam exemplos nos reinados de D. João II e de D. Manuel, especialmente na questão dos Judeus. Já procurámos mostrar (*Introducção, loc. cit.*) os motivos porque a Inquisição foi introduzida em Portugal pelo Estado, e não pela Egreja, que, com reluctancia, legalizou as suas funcções. Se houve—como as ha—Razões de Estado que determináram certas resoluções de alguns problemas da governação do paiz, é natural que esse novo estado creado dentro do Estado tambem tivesse "razões" que o obrigassem a algumas medidas severas. N'essa epocha em que soprava um vento de insania, em que ideas deleterias tinham progredido, e em que existia um espirito não só de critica mas de revolta, era preciso um exemplo, que ao mesmo tempo servisse de aviso—exemplo e aviso muito possivelmente suggeridos ou indicados por Roma, pelos motivos que já expozemos. Os sete autos fôram condemnados, uns em absoluto, outros condicionalmente, porque as *Razões de Estado* de esse governo assim o requeriam; mas, não se dizia quem os tinha

inquisitors, the only one deserving persecution, because of the freedom of his speech and the audacity of his mind" (*Autos Portugueses de Gil Vicente*, pp. 112–113).

These words seem to us to be very far from the truth. Let us study the attitude of the "Tribunal of Censure" and especially its "damned soul" towards Gil Vicente's works. In 1551, fourteen or fifteen years after the poet's death, seven of his plays were included in the first *Rol dos liuros defesos* printed in Portugal by the Cardinal Infante's command. Many conjectural reasons have been brought forward—almost all interrogatively—to explain this condemnation, so we would add yet another, which the sequence of events renders admissible. Reasons of State have often forced Sovereigns to take measures which were, or which seemed to them, necessary: examples are not lacking in the reigns of Dom João II and Dom Manuel, especially in the matter of the Jews. We have already tried to show (*Introduction, loc. cit.*) that the Inquisition was introduced into Portugal—for particular reasons—by the State, and not by the Church, which reluctantly legalised its functions. If then—as now—reasons of State dictated the solution of certain problems of national government, this new state within the State must also have had particular reasons forcing it to take stern measures. At that period, when the wind of insanity was sweeping through Europe, when harmful ideas were spreading and when there was a growing spirit not only of criticism, but of revolt, it was necessary to give an example which, at the same time, would serve as a warning—and both the warning and the example were very possibly suggested from Rome, as we have shown. The seven *autos* were condemned, some entirely and the others conditionally, because special reasons—*reasons of State*—demanded it; but their authorship was not stated, perhaps to ensure that the name of the Master of the Mint, so Portuguese a poet, a

escripto, talvez para que o nome do trovador Mestre da Balança—o poeta tão Portuguez protegido por D. Leonor e D. Manuel, D. João III e D. Catherina, e profundamente crente apezar das suas satyras e irreverencias—não fôsse, mesmo depois de morto, attingido pela censura do Santo Officio, tribunal religioso, mas tambem Portuguez, e ao qual presidia o Inquisidor Mór, que sendo Cardeal da Santa Egreja, era egualmente Infante de Portugal.

Passado um decenio, a condemnação foi—segundo D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos—textualmente repetida no *Rol* de 1561: porem, no anno seguinte, sahia dos prelos de João Alvares a *Copilacam*, vista "polos deputados da ſancta Inquiſiçam"—cujo exame começára certamente ainda em 1561—na qual entravam, exceptuando tres—e essas, mais do que provavelmente, pela simples razão de se terem perdido—as obras condemnadas, e sem os córtes prescriptos no *Rol* de 1551 e, conforme se diz, no de 1561. Não se podia mostrar maior benevolencia, e mesmo Anselmo Braamcamp, que não é facil accusar de grandes sympathias pelo Tribunal do Santo Officio, confessa, quando se refere ao visto da Inquisição: "Esta censura porêm foi extraordináriamente benigna, pois que consentiu na publicação dalguns dos autos proíbidos em 1551" (*ob. cit.* p. 303). Dizer-se que quatro dos autos "entraram na *Copilação* de 1562, apesar da proìbição de D. Henrique e seu acólito" (Frei Jeronymo de Azambuja, que assignou o *Rol* de 1551), como escreve D. Carolina (*Notas Vicentinas*, I, p. 31), parece-nos, com o devido e sincero respeito que temos pela sua memoria, um desproposito e uma injustiça. Não se póde imaginar um só momento, que os deputados da Inquisição teriam permittido e approvado a publicação de um livro contendo obras condemnadas pelo Cardeal Infante, se o mesmo Eminentissimo e muito poderoso Senhor lhes não houvesse dado uma expressa auctorização para assim procederem. A censura, "extraordináriamente benigna," foi,

fervent believer in spite of his satires and irreverences, the protégé of Dona Leonor and Dom Manuel, Dom João III and Dona Catherina, should not be touched, even after his death, by the censure of the Holy Office, a religious, but also a Portuguese tribunal, presided over by the Inquisitor-General, who while a Cardinal of the Holy Catholic Church, was also an Infante of Portugal.

Ten years later, the condemnation was—according to Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos—repeated in the *Rol* of 1561; and yet the following year saw the publication of the *Copilacam*, passed "by the deputies of the holy Inquisition"—who must certainly have begun their examination in 1561—though it contained the unexpurgated text of all except three of the works condemned in the *Rol* of 1551 and, it is said, in that of 1561—and even these three works were probably omitted simply because they were lost. No greater benevolence could possibly have been shown, and even Anselmo Braamcamp Freire, who cannot be accused of undue sympathy for the inquisitorial Tribunal, confesses, with reference to the visé of the Inquisition authorities: "This censorship was, however, extraordinarily mild, since it allowed the publication of some of the plays prohibited in 1551" (*op. cit.* p. 303). To say, like Dona Carolina (*Notas Vicentinas*, I, p. 31), that four of the plays "were included in the *Copilação* of 1562, in spite of the prohibition of Dom Henrique and his acolyte [Frei Jeronymo de Azambuja, who signed the *Rol* of 1551]," seems to us, with all due respect to that lady's memory, unreasonable and unjust. It cannot for a moment be imagined that the deputies of the Holy Inquisition would have allowed the publication of a book containing works condemned by the Cardinal Infante, without the express authorisation of that eminent and powerful Prince. The "extraordinarily mild" censure was,

por consequencia, auctorizada pelo Inquisidor Mór, e talvez mesmo ordenada por elle.

Como muitos outros, tambem dizemos: porquê? Se, como julgamos, a condemnação de 1551 foi devida ao que intitulámos *Razões de Estado* do governo da Inquisição, é perfeitamente admissivel que, passados dez ou onze annos, essas *razões* tivessem deixado de existir, permittindo que a condemnação fôsse annullada. Os motivos pódem, sem duvida, ter sido inteiramente differentes, e não pretendemos haver encontrado a solução do problema; mas, o facto, esse evidente e indiscutivel, é que em 1562 a condemnação das obras de Gil Vicente foi revogada pela inclusão de quatro autos prohibidos na *Copilacam*, e que, dois annos depois, a annullação da sentença foi officialmente, apezar de tacitamente, confirmada, visto—como mostrámos—o *Rol dos Livros qve neste Reyno se prohibem*, estampado em 1564, não conter o nome de nem uma só das obras de Gil Vicente que tinham sido condemnadas em 1551. E esse *Rol* foi o ultimo mandado publicar pelo Infante D. Henrique.

Como se vê, o procedimento da Inquisição—a "Mesa Censoria" e a sua "alma danada"—para com as obras de Gil Vicente não obedeceu a rigores fanaticos nem a perseguições injustas até 1580, isto é, emquanto Portugal manteve a sua independencia. Mas depois, quando, para mal dos nossos peccados, ou antes para a sua expiação, Filippe II passou a reinar em Portugal, a scena mudou de aspecto.

Braamcamp Freire (*loc. cit.*), referindo-se ainda á fórma tão benevola como fôra exercida a censura da *Copilacam* de 1562, escreve: "Todavia foi sol de pouca dura"; e passa a occupar-se do Indice expurgatorio de 1581, e a estudar minuciosamente a rigorosa censura feita á segunda edição da *Copilacam*, impressa em Lisboa em 1586 por André Lobato. É curioso e estranhavel que tanto o illustre academico como D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos—que dedicáram tantas

therefore, authorised by the Inquisitor-General and perhaps even commanded by him.

Like many others, we wonder how this anomaly came about. But if, as we think, the condemnation of 1551 was on account of what we have called Inquisition *reasons of State*, it is perfectly admissible to suppose that after ten or twelve years these *reasons* no longer existed, making it possible to cancel the prohibition. The true explanation may of course be entirely different, and we do not pretend to have found the solution of the problem; but it is an evident and indisputable fact that the condemnation of Gil Vicente's works was set aside in 1562, when four of the prohibited *autos* were included in the *Copilacam*, and that the reversal of the sentence was afterwards officially, though tacitly, confirmed, for, as we have seen, the *Rol dos Livros qve neste Reyno se prohibem*, printed in 1564, mentions none of Gil Vicente's works. And that *Rol* was the last the Infante Dom Henrique ordered to be published.

As we have shown, the Inquisition—the "Tribunal of Censure" and its "damned soul"—did not treat Gil Vicente's works with fanatical severity and injustice up to 1580, that is, as long as Portugal maintained her independence. But afterwards, when, for our sins, or rather for their expiation, Filippe II became King of Portugal, the scene changed.

Saying that the kindly disposition of the Inquisition censors towards the *Copilacam* of 1562 "was, however, sunshine of but short duration," Braamcamp Freire (*loc. cit.*) proceeds to describe the Index of 1581 and to make a minute study of the censorship of the second edition of the *Copilacam*, printed in Lisbon in 1586 by André Lobato. It is strange that neither this famous academician nor Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos—both of whom have

paginas á censura das obras de Gil Vicente—não tivessem chamado a attenção para a data em que o *Catalogo dos Livros qve se prohibem neftes Regnos & Senhorios de Portugal* foi publicado por mandado de D. Jorge d'Almeida, Arcebispo de Lisboa e Inquisidor Geral. Esse *Rol* sahiu dos prelos de Antonio Ribeiro em 1581, a data fatidica das Côrtes de Thomar, nas quaes Filippe II, tendo conquistado o reino e unido as duas corôas no anno anterior, foi reconhecido Rei de Portugal!

Em 1580, finára-se o velho Cardeal Rei, e com elle a gloriosa dynastia de Aviz—a protectora das artes, das sciencias e das lettras—e Portugal era senhoreado pelo *Demonio do meio dia*. Com Filippe II, entrou no nosso paiz o fanatismo Hespanhol, pois é a partir d'esse momento que os rigores da censura se fizeram realmente sentir. Então, Gil Vicente—o poeta bilingue, mas que sempre mostrou um entranhado amor pela sua terra—passou a ser, na verdade, o auctor perseguido pela Inquisição; á censura "extraordináriamente benigna" de 1562, e ao *Rol* de 1564 dos bons tempos do Portugal independente, seguiram-se o *Catalogo* de 1581, a mais do que rigorosa censura da *Copilacam* de 1586 (o *Index* de 1597 não traz nada de novo ácerca de Gil Vicente), e ainda o *Index* de 1624, fructos da dominação Felippina. No *Catalogo* de 1581, o Arcebispo Inquisidor Geral diz que, havendo "neftes Regnos" muita falta e necessidade do *Index* Tridentino, o fez imprimir de novo "juntamente com as regras do dito Catalogo em lingoajem, que mandou trasladar o fereniffimo Rey Henrique, de gloriofa memoria, fendo Inquifidor geral."

Dada esta explicação, declara:

"E no cabo fizemos acrecentar algũs mais liuros, que podiam fazer dãno, principalmente nefte Regno, fobre os que auia antes prohibidos no mefmo Regno....E reuocamos todos os outros

written so many pages about the censorship of Gil Vicente's works—calls the attention of readers to the date when the *Catalogo dos Livros qve se prohibem neftes Regnos & Senhorios de Portugal* was published by order of Dom Jorge d'Almeida, Archbishop of Lisbon and Inquisitor-General. This *Rol* came from the press of Antonio Ribeiro in 1581, the fateful date of the *Côrtes* of Thomar, when Filippe II, having conquered the kingdom and united the two crowns the year before, was acknowledged King of Portugal!

The old Cardinal King died in 1580 and brought an end to the glorious dynasty of Aviz—the protector of art, science and literature—and Portugal was now under the domination of the *Demon of midday*. Spanish fanaticism came into our country with Filippe II, for it was on his arrival that the rigours of the Inquisition really began to make themselves felt. Then Gil Vicente—the bilingual poet who always showed such deep love for his native land—was in truth persecuted by the Inquisition. The "extraordinarily mild" censorship of 1562 and the moderate *Rol* of 1564, of the good times of an independent Portugal, were followed, under the Spanish rule, by the *Catalogo* of 1581, the merciless censorship of the 1586 *Copilacam*, and again by the *Index* of 1624 (the 1597 *Index* has nothing new in connection with Gil Vicente). In the 1581 *Catalogo* the Archbishop Inquisitor-General says that, as the Trent *Index* was lacking in "these Kingdoms" and very needful, he has had it reprinted "together with the rules of the said Catalogue in the vernacular, as they were translated by command of the most serene King Henrique, of glorious memory, when he was Inquisitor-General."

Having given this explanation, he declares:

"And at the end we have had some more books added, which might be harmful, chiefly in this Kingdom, in addition to those which had been prohibited in this same Kingdom before....And

Indices & Catalogos deſte Regno que antes deſte ſaîram."

Entre os *Livros Prohibidos em Lingoajem*—lista assaz comprida, sobretudo em comparação com a do *Rol* de 1564—lê-se na folha 18:

"Comedias, Tragedias, Farças, Autos, onde entram por figuras peſſoas Eccleſiaſticas, & ſe repreſenta algum ſacramẽto, ou acto ſacramental, ou ſe reprende, & pragueja das peſſoas que frequentão os ſacramentos, & os templos, ou ſe faz injuria a algũa ordem ou eſtado aprouado pola Igreja."

Como diz Braamcamp Freire (*loc. cit.*), estas palavras revelam bem as intenções do Inquisidor Geral relativamente a peças dramaticas. Mas, mais adiante (fl. 21), essas intenções ficam claramente definidas a respeito do nosso genial poeta:

"Das obras de Gil Vicente, que andão juntas em hum corpo, ſe ha de riſcar o prologo, até que ſe proueja na ẽmenda dos ſeus autos, que tem neceſsidade de muita cenſura, & reformação."

Em 1581, no primeiro anno do reinado de Filippe II de Hespanha como Filippe I de Portugal, o Santo Officio "censurava" a censura tão benevola da *Copilacam* de 1562, e "condemnava" o *Rol* de 1564; quer dizer, no *Catalogo* de 1581 reprovava-se tacitamente o procedimento do Cardeal Inquisidor Mór e Infante de Portugal. Impresso o *Indice* de D. Jorge d'Almeida, houve um compasso de espera ácerca do livro das obras de Gil Vicente; "mas apresentado o original para a nova edição de 1586 teve a censura largas para se exercer" (Braamcamp Freire, *loc. cit.*). Então, os "deputados da ſancta Inquiſiçam," em logar de seguirem o exemplo indulgente dos seus predecessores de 1562, pegáram em tesouras e, cheios de zelo, cortáram a tôrto e a direito—sobretudo a tôrto—no livro; e tanto cortáram, que o mutiláram. Braamcamp Freire, depois de mostrar, n'uma minuciosa confrontação entre os textos das duas edições, até onde chegou o trabalho dos censores, escreve:

we revoke all the other Indices and Catalogues hitherto published in this Kingdom."

Among the "Prohibited Books in the Vernacular"—a fairly long list, especially in comparison with that in the *Rol* of 1564—we find, on leaf 18:

"Comedies, Tragedies, Farces, Plays, in which Ecclesiastical persons figure, or where any sacrament or sacramental act is represented, or where the persons who partake of the sacraments or frequent the churches are blamed or cursed, or where any order or state approved by the Church is insulted."

As Braamcamp Freire (*loc. cit.*) says, these words show at once what were the Inquisitor-General's intentions with relation to dramatic pieces; but further on (fl. 21) they are even more clearly defined as regards our great poet:

"From the works of Gil Vicente, which have been collected together in one volume, the prologue must be removed, until provision has been made for the correction of his plays, which need much censorship and amendment."

In 1581, the first year of the reign of Filippe II of Spain as Filippe I of Portugal, the Holy Office had already begun to "censure" the mild censorship of the *Copilacam* of 1562 and to "condemn" the *Rol* of 1564, that is to say, the *Catalogo* of 1581 contains a tacit reprobation of the procedure of the Cardinal Inquisitor-General and Infante of Portugal. Even after Dom Jorge d'Almeida's *Index* was published, there still remained some small measure of hope for Gil Vicente's collected works; "but when the original was presented for the new edition of 1586, the censors had plenty of scope for their activities" (Braamcamp Freire, *loc. cit.*). Then the "deputies of the Holy Inquisition," instead of following the example of indulgence set by their predecessors in 1562, seized their scissors and blindly mutilated the book. Braamcamp Freire gives a detailed comparison of the text of the two editions to show what havoc was wrought by the censors, and says:

"Alêm de todas as substituições e supressões parciais apontadas, foram, como se vê, proìbidos por completo o *Prólogo* de Luís Vicente, o *Prólogo* de Gil Vicente, as tragicomédias *Exortação da guerra*, *Templo de Apolo* e *Romagem de agravados*, as farsas *Auto das Fadas*, *Clérigo da Beira*, e *Auto dos Físicos*, o *Sermam* e a *Carta a D. João III*."

Já não era pouco, mas não bastava ainda. Em 1624, o Inquisidor Geral, D. Fernando Martins Mascarenhas, Bispo do Algarve, mandou publicar um novo *Catalogo*, no qual

"não só se mantiveram e ampliaram as supressões e substituições da anterior censura, como ainda neste *Index* se prohìbiram de novo por completo a *Comédia de Rubena*, as farsas do *Velho da Horta* e dos *Almocreves*, a paráfrase do salmo *Miserere mei, Deus*, e o *Testamento de Maria Parda*."

Estas são as censuras que nos interessam para o fim que temos em vista; comtudo, devemos ainda mencionar que, em 1747, foi publicado em Madrid—note-se bem—um *Index Librorum Prohibitorum*, no qual, "alêm de se manterem todas as interdições anteriores, proìbiram-se mais o *Pranto de Maria Parda* e as tragicomédias *Nau de Amores* e *Frágoa de Amor*" (ver Braamcamp Freire, *ob. cit.* pp. 304–355).

Gil Vicente parecia prever o futuro quando escreveu no seu *Prologo*: "liuro meu que efperas tu?" Não ha duvida que a *Copilacam de todalas obras de Gil Vicente* foi uma victima da Inquisição, mas só a partir de 1581, e por consequencia da dominação Hespanhola. Foi durante esse periodo, nefasto para Portugal sob todos os aspectos, que por tres vezes—1581, 1586 e 1624—o Tribunal do Santo Officio exerceu contra Gil Vicente, e sempre augmentando de severidade, os rigores da sua censura e das suas prohibições. Compare-se, a respeito do genial poeta e das suas obras, a conducta da Inquisição em Portugal até 1580 com o processo que ella adoptou logo no anno seguinte, e diga-se, em consciencia, quando é que principiou a perseguição. No tempo do Cardeal Infante houve

"In addition to all the appointed substitutions and suppressions, Luiz Vicente's *Prologue*, Gil Vicente's *Prologue*, the tragicomedies *Exortação da guerra*, *Templo de Apolo* and *Romagem de agravados*, the farces *Auto das Fadas*, *Clérigo da Beira* and *Auto dos Físicos*, the *Sermam* and the *Letter to Dom João III* were, as may be seen, entirely suppressed."

This was not a little, but it did not yet suffice. In 1624, the Inquisitor-General, Dom Fernando Martins Mascarenhas, Bishop of the Algarve, had a new *Catalogo* published, and

"not only were the suppressions and substitutions of the earlier censorship maintained and amplified in this *Index*, but the *Comédia de Rubena*, the farces of the *Velho da Horta* and of the *Almocreves*, the paraphrase of the psalm *Miserere mei, Deus*, and the *Testamento de Maria Parda* were newly added to the list of totally prohibited works."

These are the censorships which interest us for the end we have in view; but we must also mention the fact that, in 1747, an *Index Librorum Prohibitorum* was published—in Madrid, be it noted—in which "while all the previous interdictions were maintained, the *Pranto de Maria Parda* and the tragicomedies *Nau de Amores* and *Frágoa de Amor* were also prohibited" (see Braamcamp Freire, *op. cit.* pp. 304–355).

Gil Vicente seemed to foresee the future when he wrote in his *Prologo*: "book of mine, what dost thou expect?" There is no doubt that the *Copilacam de todalas obras de Gil Vicente* was indeed a victim of the Inquisition, but only from 1581 onwards, that is from the time of the Spanish domination. It was during this inauspicious period for Portugal that the Tribunal of the Holy Office three times—in 1581, 1586 and 1624—exercised its powers of censorship with ever increasing severity against Gil Vicente. A comparison of the attitude of the Inquisition towards the poet and his works before, and after, 1580, leaves no doubt in one's mind as to when the real persecution began. In the time of the Cardinal

uma condemnação em 1551 (que procurámos explicar), possivelmente repetida em 1561; comtudo, seguiu-se-lhe a indulgencia tanto em 1562 como em 1564, e que durou até 1580, a data luctuosa da perda da nossa independencia. Mas, logo no anno seguinte, reinando Filippe II, a indulgencia foi substituida por uma severidade fanatica, que a cada manifestação cresceu de rigor. Sabemos perfeitamente que D. Jorge d'Almeida—que tinha sido o braço direito de D. Henrique, e por elle escolhido, quando subiu ao throno, para o logar de Inquisidor Geral—era Portuguez, como sabemos que os deputados do Santo Officio que reviram a *Copilacam* de 1586, e o Inquisidor Geral D. Fernando Martins Mascarenhas eram egualmente Portuguezes. Mas, a influencia superior, que tudo dominava, já não era Portugueza: vinha de Castella! Oh! como Gil Vicente tinha razão, quando, como um propheta, punha na bocca da "Verdade" do *Auto da Festa* estes versos vibrantes de patriotismo:

> "Todo bem e a verdade
> neste Portugal nasceram,
> e se ha y algũa ruindade
> de Castella a trouxeram
> que não são nego maldade."
>
> (Sabugosa, *ob. cit.* p. 90.)

Na nossa obra, temos sempre procurado erguer bem alto o nome de Portugal, das suas instituições e dos seus homens. Tentámos, mais uma vez, fazer justiça ao Cardeal Infante e á Inquisição em Portugal até 1580, porque, em consciencia, consideramos que fôram atacados e julgados sem equidade por muitos auctores, que não parece terem realizado nem a importancia da data do *Catalogo* de 1581, nem que todas as censuras e prohibições d'esse anno e dos de 1586 e 1624 fôram adoptadas durante a dominação Hespanhola. Como Portuguez, reclamamos sempre o que é nosso—e que nos basta amplamente—mas nunca o que pertence a outrem. Por isso, ao dar por findas as nossas notas sobre a delicada questão da censura das obras de Gil

Infante there was a condemnation in 1551 (which we have tried to explain), possibly repeated in 1561, but followed in 1562 and 1564 by an indulgence which lasted until 1580, the mournful date of the loss of our independence. In the very next year, with Filippe II on the throne of Portugal, the indulgence gave place to a fanatical severity of continually growing strength. We are well aware that Dom Jorge d'Almeida—who had been Dom Henrique's right arm, and was chosen by him upon his accession to the throne for the post of Inquisitor-General—was Portuguese, and we know that Dom Fernando Martins Mascarenhas and the deputies of the Holy Office who revised the 1586 *Copilacam* were also Portuguese. But the dominating influence was no longer Portuguese: it came from Castile! Gil Vicente was indeed right when he put in the mouth of "Truth" in the *Auto da Festa* these prophetic words, vibrant with patriotism:

> "All good and truth
> were born in this Portugal,
> and if there be any wickedness there,
> they brought it from Castile
> who are nought but evil."
>
> (Sabugosa, *op. cit.* p. 90.)

We have sought throughout our work to raise high the name of Portugal, her institutions and her men. We have tried, once again, to do justice to the Cardinal Infante Dom Henrique, and to the Inquisition in Portugal up to 1580, because we conscientiously believe that they have been wrongfully attacked and sorely misjudged by many writers, who do not seem to have realised the full significance of the date of the 1581 *Catalogo*, or that all the censorship and prohibitions of that year and of 1586 and 1624 were carried out during the Spanish domination. As a Portuguese, we always claim what is ours—which suffices us—but never what belongs to others. Therefore, in conclusion of our notes on the delicate question of the censorship of Gil

Vicente, e como estamos convencidos que a responsabilidade da perseguição movida contra as obras de Gil Vicente não cabe a D. Henrique e á Inquisição Portugueza, parece-nos que n'este caso—como em todos—se deve seguir o admiravel preceito do Evangelho, "Dar a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus!"

Terminada a nossa difficil e complicada exposição, que havemos de dizer do duplo artista Gil Vicente, ourives e poeta, da sua vida, das suas obras, do seu genio, e da influencia que exerceu nas lettras? São tantos os auctores que escreveram sobre Gil Vicente, com uma sciencia que infelizmente não possuimos, que, adoptando as palavras do poeta no seu *Prologo* da *Copilacam*, "me fora fermoſa guarida nam dizer ſenam o que elles dixeram, ainda que eu ficaſſe como eco nos vales que fala o que dizem, ſem ſaber o que diz." É-nos impossivel fazer aqui uma lista completa das auctoridades vicentinas e das suas obras; comtudo, indicaremos algumas, e em especial aquellas de que nos servimos—não inteiramente, esperamos, como "eco nos vales"—para a composição d'estas notas: Simonde de Sismondi, *De la littérature du midi de l'Europe*, t. IV, pp. 449–457; Herculano, *Origens do theatro moderno—Theatro português até aos fins do seculo* XVI in *Opusculos*, t. IX, pp. 75–84; Ticknor, *History of Spanish Literature*, vol. I, pp. 258–266; Theophilo Braga, *Historia do Theatro Portuguez—Vida de Gil Vicente e a sua Eschola, Gil Vicente e as origens do Theatro nacional, Historia da Litteratura Portugueza*. II. *Renascimento*, pp. 36–101; D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Estudos sobre o Romanceiro Peninsular, Notas Vicentinas, Autos Portugueses de Gil Vicente e da Escola Vicentina*; Edgar Prestage, *The Portuguese Drama in the Sixteenth Century—Gil Vicente* in *The Manchester Quarterly*, vol. XVI; Conde de Sabugosa, *Gil Vicente—Auto da Festa, Um Auto de Gil Vicente—*

Vicente's works, as we are convinced that the responsibility for the persecution levelled at the works of Gil Vicente does not rest with Dom Henrique and the Portuguese Inquisition, it seems to us that—as in all cases—the best rule to follow is the Gospel precept, "Render unto Cæsar the things which are Cæsar's; and unto God the things that are God's!"

Having finished our difficult and complicated exposition, what is there for us to say of Gil Vicente, the goldsmith and poet, of his life, his works, his genius and his influence in the world of letters? So many authors have written about Gil Vicente, with a knowledge which we unfortunately do not possess, that, as the poet said in his *Prologo* to the *Copilacam*, "it would be a beautiful refuge for me to say nothing but what they have already said, even if I became like an echo in the valley, which repeats the words of others without knowing what it is saying." It is impossible for us to give a complete list of the works of all the authorities who have written about Gil Vicente; we will, however, mention some, and especially those to which—not, we hope, merely like "an echo in the valley"—we have had recourse in these notes: Simonde de Sismondi, *De la littérature du midi de l'Europe*, vol. IV, pp. 449–457; Herculano, *Origens do theatro moderno—Theatro português até aos fins do seculo* XVI, in *Opusculos*, t. IX, pp. 75–84; Ticknor, *History of Spanish Literature*, vol. I, pp. 258–266; Theophilo Braga, *Historia do Theatro Portuguez—Vida de Gil Vicente e a sua Eschola, Gil Vicente e as origens do Theatro nacional*, and *Historia da Litteratura Portugueza*. II. *Renascimento*, pp. 36–101; Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Estudos sobre o Romanceiro Peninsular, Notas Vicentinas, Autos Portugueses de Gil Vicente e da Escola Vicentina*; Edgar Prestage, *The Portuguese Drama in the Sixteenth Century—Gil Vicente*, in *The Manchester Quarterly*, vol. XVI; Conde de Sabugosa, *Gil Vicente—Auto da Festa, Um Auto de Gil Vicente—Processo de Vasco Abul*, in *Em-*

Processo de Vasco Abul in *Embrechados* (3ª edição), pp. 105–128, *A Rainha D. Leonor*, pp. 311–342; Julio de Castilho, *Mocidade de Gil Vicente*; Julio de Castilho e Anselmo Braamcamp Freire, *Indices do Cancioneiro de Resende e das Obras de Gil Vicente*; Anselmo Braamcamp Freire, *Gil Vicente—Poeta e Ourives, Vida e Obras de Gil Vicente*; Aubrey Bell, *Four Plays of Gil Vicente, Gil Vicente, Portuguese Literature*, pp. 106–131; Maximiano Lemos, *O "Auto dos Fisicos" de Gil Vicente, Gil Vicente naturalista*; Affonso Lopes Vieira, *A Campanha Vicentina, Autos de Gil Vicente, seguidos de alguns excertos*; Dr Mendes dos Remedios, *Obras de Gil Vicente* (*Subsidios para o estudo da Historia da Literatura Portuguesa*, vols. XI, XV e XVII), *História da Literatura Portuguêsa*, pp. 159–164; J. I. de Brito Rebello, *Gil Vicente* (*Ementas Historicas*, II), *Gil Vicente* (*Grandes Vultos Portuguêses*, II); Visconde de Ouguella, *Gil Vicente*; Dr Fidelino de Figueiredo, *Historia da Litteratura Classica*, pp. 53–97; Menendez y Pelayo, *Antología*, t. VII, pp. clxiii–ccxxv; Álvaro Giráldez, *Gil Vicente—Auto de la Sibila Casandra*; Sousa Viterbo, *Gil Vicente—Dois traços para a sua biographia* in *Archivo Historico Portuguez*, t. I, pp. 219–228, *Estudos sobre Gil Vicente—A Trilogia das Barcas* in *Revista de Historia*, t. I, pp. 146–153; Fortunato de Almeida, *A Reforma protestante e as irreverências de Gil Vicente* in *História da Igreja em Portugal*, t. III, parte II, pp. 119–126; Dr Queirós Veloso, *Gil Vicente—Fundador do Teatro português* in *Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada*, t. II, pp. 9–96; Oscar de Pratt, *Gil Vicente—Notas e comentários*. Quem quizer completar esta lista, deverá consultar a *Bibliografia* incluida no estudo do Dr Queirós Veloso (*ob. cit.* pp. 9–17), e o tão util livro de Aubrey Bell, *Portuguese Bibliography* (pp. 363–375).

Apezar dos innumeros estudos que teem sido feitos, ignora-se ainda quando e onde nasceu Gil Vicente, e a data da sua morte. Tem-se-lhe dado como patria Guimarães, Barcellos e Lisboa,

brechados (3rd edition), pp. 105–128, and *A Rainha D. Leonor*, pp. 311–342; Julio de Castilho, *Mocidade de Gil Vicente*; Julio de Castilho and Anselmo Braamcamp Freire, *Indices do Cancioneiro de Resende e das Obras de Gil Vicente*; Anselmo Braamcamp Freire, *Gil Vicente—Poeta e Ourives*, and *Vida e Obras de Gil Vicente*; Aubrey Bell, *Four Plays of Gil Vicente, Gil Vicente*, and *Portuguese Literature*, pp. 106–131; Maximiano Lemos, *O "Auto dos Fisicos" de Gil Vicente*, and *Gil Vicente naturalista*; Affonso Lopes Vieira, *A Campanha Vicentina*, and *Autos de Gil Vicente, seguidos de alguns excertos*; Dr Mendes dos Remedios, *Obras de Gil Vicente* (*Subsidios para o estudo da Historia da Literatura Portuguesa*, vols. XI, XV and XVII) and *História da Literatura Portuguêsa*, pp. 159–164; J. I. de Brito Rebello, *Gil Vicente* (*Ementas Historicas*, II) and *Gil Vicente* (*Grandes Vultos Portuguêses*, II); Visconde de Ouguella, *Gil Vicente*; Dr Fidelino de Figueiredo, *Historia da Litteratura Classica*, pp. 53–97; Menendez y Pelayo, *Antología*, vol. VII, pp. clxiii–ccxxv; Álvaro Giráldez, *Gil Vicente—Auto de la Sibila Casandra*; Sousa Viterbo, *Gil Vicente—Dois traços para a sua biographia*, in *Archivo Historico Portuguez*, vol. I, pp. 219–228, *Estudos sobre Gil Vicente—A Trilogia das Barcas*, in *Revista de Historia*, vol. I, pp. 146–153; Fortunato de Almeida, *A Reforma protestante e as irreverências de Gil Vicente*, in *História da Igreja em Portugal*, vol. III, part II, pp. 119–126; Dr Queirós Veloso, *Gil Vicente—Fundador do Teatro português*, in *Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada*, vol. II, pp. 9–96; Oscar de Pratt, *Gil Vicente—Notas e comentários*. Anyone wishing for a more complete list, should consult the *Bibliografia* in Dr Queirós Veloso's study (*op. cit.* pp. 9–17), and Aubrey Bell's most useful *Portuguese Bibliography* (pp. 363–375).

In spite of all the researches that have been made, it has not yet been discovered when and where Gil Vicente was born, or when he died. He has been claimed as a native of Guimarães,

sendo tambem possivel que fôsse beirão; quanto ao anno incerto do seu nascimento, varia, segundo muitos auctores, entre 1452 e 1470. Tem-se noticia que ainda vivia em 1536, sendo provavel que tivesse morrido no fim de esse anno ou no principio do de 1537; com certeza, já tinha fallecido a 16 de Abril de 1540. Mesmo a respeito da sua vida, e especialmente até 1502, as informações que existem são extremamente escassas. Sabe-se que foi ourives da Rainha D. Leonor, ignorando-se, comtudo, o anno em que entrou para o seu serviço. Como poeta, Gil Vicente revelou-se com o *Monologo da Visitação* ou *do Vaqueiro* recitado pelo seu auctor diante dos Soberanos e da côrte, na camara da Rainha D. Maria, a 7 de Junho de 1502, no dia seguinte ao do nascimento do futuro D. João III. Sem duvida, D. Leonor—a Rainha Velha—a grande protectora de Gil Vicente, e de todas as artes em Portugal, devia, já então, conhecer o talento poetico do seu ourives; de outra maneira não seria natural que ella tivesse patrocinado a sua estrea como auctor e actor n'uma occasião tão solemne. Revelado o seu genio, o fundador do theatro Portuguez compoz durante mais de trinta annos a sua assombrosa collecção de obras, umas só em Portuguez, outras só em Hespanhol, e as que são bilingues.

Tendo-se dado a conhecer como poeta em 1502, Gil Vicente ia breve tornar egualmente celebre o seu nome como ourives. Em 1503, Vasco da Gama chegou a Lisboa de regresso da sua segunda viagem á India; os senhores e fidalgos que se achavam na côrte fôram logo visitar o Almirante a bordo,

"& ho acompanharam atte ho paço, indo diante delle hũ ſeu paje, q̃ leuaua em hũ baçio dagoa ás mãos hos dous mil miticaes douro das pareas delrei de Quiloa....Deſtes dous mil miticaes douro mandou elRei fazer hũa cuſtodia ꝑa ho Sacramento do altar, guarneçida d' pedras preçioſas q̃ mãdou offereçer no moſteiro d' Bethelẽ"

Barcellos and Lisbon, and there is also a possibility that he may have been born in Beira; as for the year of his birth, it has been variously attributed to the years from 1452 to 1470. It is known that he was still alive in 1536, but it seems probable that his death took place either at the end of that year or the beginning of 1537; he certainly died before April 16th, 1540. There is remarkably little information about his life, especially up to 1502. We know that he was goldsmith to Queen Leonor, but there is no record of the year when he entered her service. Gil Vicente revealed himself as a poet with the *Monologo da Visitação* or *do Vaqueiro*, which he recited before the King and Queen and the court, in Queen Maria's bedchamber, on June 7th, 1502, the day after the birth of the future Dom João III. But Dona Leonor—the Old Queen—the great protectress of Gil Vicente and of the arts in Portugal, was doubtless already aware of her goldsmith's poetic talent, otherwise she would hardly have favoured his first appearance as an author and an actor on such a solemn occasion. Having proved his genius, the founder of the Portuguese theatre devoted himself to playwriting for more than thirty years, during which time he composed an amazing collection of works, some in Portuguese, some in Spanish and some bilingual.

Having made himself known as a poet in 1502, Gil Vicente soon earned equal notability as a goldsmith. In 1503 Vasco da Gama reached Lisbon, on his return from his second voyage to India; the gentlemen and nobles of the court at once went to visit the Admiral on board ship,

"and they accompanied him to the palace, and before him went one of his pages bearing in his hands a bowl containing the King of Quiloa's tribute of two thousand *miticaes* (pieces of gold). ....From these two thousand golden *miticaes* the King had a monstrance made for the holy Sacrament, adorned with precious stones, which he ordered to be offered to the monastery of Belem"

(Damião de Goes, *Chronica DelRei dom Emanvel*, Parte I, fl. 69).

D. Manuel mandou entregar esse ouro a Gil Vicente para d'elle fazer a custodia, que—como se lê em caractéres de esmalte branco no bordo inferior da base—foi terminada em 1506. Não sabemos quando é que a maravilhosa joia deu entrada no Convento de Belem; todavia, foi depois da morte do Soberano, apezar de Goes escrever que o Monarcha a "mãdou offerecer ao mosteiro d̃ Bethelẽ," visto D. Manuel determinar no seu testamento: "Item mando que se de ao Mosteiro de N. Senhora de Bellem a Costodia que fez Gil Vicente pera a dita Caza" (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, t. II, p. 328).

Essa gloriosa reliquia foi, mercê de Deus, preservada ao patrimonio nacional. Salvou-se de invasões, de terremotos, de roubos, de innumeras catastrophes que assoláram a capital; comtudo, esteve quasi perdida, devido, não a uma invasão ou a um cataclysmo, mas á ignorancia, indifferença, desleixo e incomensuravel e barbara estupidez de alguns homens publicos. Talvez seja hoje pouco conhecido o seguinte facto, absolutamente authentico. Durante um dos muitos periodos agitados do reinado da Rainha D. Maria II, a custodia de Belem esteve na Casa da Moeda para ser fundida! Alli, á Casa da Moeda de Lisboa—da qual Gil Vicente havia sido *Mestre da Balança* por nomeação regia de 4 de Fevereiro de 1513!—a foi salvar El-Rei D. Fernando, o Rei Artista, não permittindo que tamanho crime fôsse commettido. Passou então a estar cuidadosamente guardada no Paço Real. Depois de 1910, deu entrada no Museu de Arte Antiga.

Gil Vicente, "oriuez da senhora Rajnha mjnha jrmãa"—como se lê no alvará de D. Manuel de 15 de Fevereiro de 1509, em que foi nomeado vedor das obras de ouro e prata para o Convento de Thomar, o Hospital de Todos os Santos de Lisboa e o Convento de Belem—"Trouador mestre da balãça," procurador dos

(Damião de Goes, *Chronica DelRei dom Emanvel*, Part I, fl. 69).

Dom Manuel ordered this gold to be given to Gil Vicente to be made into the monstrance, which—as may be seen in letters of white enamel round the base—was finished in 1506. We do not know when the treasure was taken to the convent of Belem, though, in spite of Goes' words, it did not go there until after Dom Manuel's death, for a clause in his will says: "Item, I command that the monstrance made by Gil Vicente for the Monastery of Our Lady of Belem, be given to the said House" (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, vol. II, p. 328).

This glorious relic is, by God's mercy, still today a national heritage. It survived invasions, earthquakes, robbery, and all the catastrophes which overtook Lisbon; yet it was almost lost, not through an invasion or a cataclysm, but simply through the ignorance, indifference, neglect and barbarous stupidity of certain public men. The following fact is perhaps little known, but absolutely authentic. During one of the many tempestuous periods in the reign of Dona Maria II, the Belem monstrance was taken to the Mint—of which Gil Vicente had been appointed Master by royal nomination on February 4th, 1513—and it would have been melted down, had not King Fernando, the Artist King, gone there to save it, horrorstricken at the thought of such a crime. From that time onwards it was carefully guarded in the Royal Palace, until 1910; later it was removed to the Museum of Ancient Art.

Gil Vicente, "goldsmith to the lady Queen my sister"—as he is called in King Manuel's *alvará* of February 15th, 1509, nominating him overseer of the works in silver and gold for the Convent of Thomar, the Hospital of All Saints in Lisbon and the Convent of Belem—"poet and master of the Mint," representative of the craftsmen before

mesteres juncto da vereação de Lisboa, com assento na Camara da cidade, genial artista e genial poeta, é, sem duvida, uma das figuras mais extraordinarias do seculo XVI. Nascido no reinado de D. Affonso V, Rei Cavalleiro, Gil Vicente, na sua meninice, ouviu certamente fallar do *Africano*, das guerras com Castella, das emprezas d'Africa, dos descobrimentos; e talvez mesmo, alguns velhos, reunidos á lareira, narrassem diante do pequeno Gil historias do Mestre de Aviz, o *Rei de Boa Memoria*, e do Santo Condestavel, pois, n'essa epocha, existiam ainda bem vivas entre o povo as recordações dos tempos em que Portugal tanto soffrera por causa das luctas pela sua independencia; e, sem duvida, Gil Vicente não esqueceu o que ouviu. Depois, vae crescendo durante o reinado de D. João II, e vê as contendas e conspirações, a nobreza abatida e humilhada, o engrandecimento do poder Real, os novos e admiraveis descobrimentos, o reino reorganizado, o nome de Portugal alevantado, e o do Principe Perfeito, o protector de tudo o que era Portuguez, respeitado e admirado por todos. Quando D. João II falleceu em 1495, Gil Vicente tinha pelo menos 25 annos; era um homem feito, que provavelmente trabalhava n'uma officina de ourives—talvez a sua propria—e no seu espirito de artista deviam-se ter gravado as impressões da epocha extraordinaria do reinado do Principe Perfeito, durante o qual se manteve e desenvolveu a continuidade da empreza, que preparou o triumpho da raça Portugueza, triumpho symbolizado pela viagem de Vasco da Gama. Em 1502, quando Gil Vicente entrou em scena como auctor e actor, a via maritima tinha sido descoberta, reinava o Senhor da Esphera, verdadeiro Principe da Renascença, e Portugal chegava ao ponto culminante da sua gloria e da sua riqueza. A partir de essa data, graças á desvelada protecção da Rainha D. Leonor, Gil Vicente gozou do favor de D. Manuel, de D. João III e da Rainha D. Catherina. Durante a sua longa vida, pre-

the municipality of Lisbon, with a seat on the city council, artist of genius and poet of genius, was certainly one of the outstanding figures of the XVIth century. Born in the reign of Dom Affonso V, the knightly King, Gil Vicente, during his childhood, must have heard much talk about the *Africano*, the wars with Castile, the Portuguese exploits in Africa, and the discoveries; he may even have listened to old men gathered round the fire comparing their memories of the *Mestre de Aviz*, the *King of Good Memory*, and of the sainted Constable, for at that time the people still had a very lively remembrance of Portugal's sufferings during her struggle for independence; and he surely did not forget what he heard. As he grew up, during the reign of Dom João II, he saw the conflicts, the conspiracies, the humiliation and abasement of the nobles, the increase of the royal power, the new and splendid discoveries, the reorganisation of the Kingdom, the name of Portugal raised high, and that of the Perfect Prince, the protector of everything Portuguese, esteemed and respected by all. When Dom João II died, in 1495, Gil Vicente was at least twenty-five years old, a grown man, probably working in some goldsmith's shop—perhaps his own—and his artistic soul must have received a profound impression from the wonderful events of this reign, during which the great enterprise had been carried on and developed in preparation for the triumph of the Portuguese race, symbolised by Vasco da Gama's voyage. In 1502, when Gil Vicente started his career as author and actor, the sea route had been discovered, the Lord of the Sphere, the true Prince of the Renaissance, was on the throne, and Portugal was near the height of her glory and prosperity. From that date onwards, thanks to Queen Leonor's watchful protection, Gil Vicente enjoyed the favour of Dom Manuel, Dom João III and Queen Catherina. During his long life he witnessed many vital

senceou grandes e notaveis transformações; vivendo muitos annos na côrte do Venturoso—a mais sumptuosa da Europa—viu Affonso de Albuquerque fundar o nosso colossal Imperio; assistiu ao desenvolvimento das sciencias, das artes e das lettras; ouviu o nome de Portugal celebrado por toda a parte com assombro e inveja; viu, emfim, o nosso apogeo, luz fulgurante é passageira como a de um meteoro, mas que illuminou o mundo. Gil Vicente, essencialmente Portuguez, vibrou de enthusiasmo com as glorias do seu paiz. Na *Exortação da guerra* percebe-se o seu orgulho, quando exclama:

"Oo famoſo Portugal
conhece teu bem profundo
pois atee o Polo ſegundo
chega o teu poder real."

(*Copilacam*, fl. CLIX.)

E no *Auto da Fama*, Gil Vicente, muitos annos antes de João de Barros, levantou a bandeira dos feitos da Patria, bandeira das Quinas, pondo na bocca da "Fé" estas tão bellas palavras:

"Vos Portugueſa fama nam tenhaes ceumes
que eſtaes colocada na flor dos Chriſtãos.
Voſſas façanhas eſtam colocadas
diante de Chriſto ſenhor das alturas
voſſas conquiſtas, grandes auenturas
ſam caualarias muy bem empregadas.

. . . . .

Porque o triumpho do voſſo vencer
ꝛ voſſas vitorias exalçam a fee
de ſerdes laureada grande rezam he
princeſa das famas por voſſo valer."

(*Copilacam*, fl. CCI vº.)

Mas, se Gil Vicente viu os tempos da maior grandeza do paiz, e se celebrou as façanhas, aventuras, victorias e conquistas dos Portuguezes, não esqueceu as suas baixezas nem os seus vicios, em innumeros casos devidos á invasão do ouro do Oriente, que, trazendo comsigo a corrupção, creou novas e descomedidas ambições em todas as classes. Emquanto todos queriam riqueza, luxo e prazeres, poucos realizavam que o vil

changes; having spent many years at the court of Dom Manuel—the most sumptuous in Europe—he saw Affonso de Albuquerque found our colossal Empire, he watched the development of science, art and letters, he heard the name of Portugal universally acclaimed with admiration and envy, he saw Portugal's apogee, when her dazzling though meteoric brightness for a moment illumined the whole world. Gil Vicente, so essentially Portuguese, could not but thrill with enthusiasm at his country's glory, and his patriotic pride is evident, when he exclaims in the *Exortação da guerra*:

"O renownèd Portugal,
Learn to know thy noble worth
Since thy power imperial
Reaches to the ends of Earth."

(Aubrey Bell, *Four Plays of Gil Vicente*, p. 31.)

And in the *Auto da Fama*, Gil Vicente raised the banner of his country's triumphs—many years before João de Barros—when he put these beautiful words in the mouth of Faith:

"You Portuguese, be not jealous of fame,
for you are set among the flower of Christianity.
Your exploits are set
before Christ, the Lord of the heights,
your conquests and great adventures
are worthy deeds of chivalry.

. . . . .

Because the triumph of your conquest
and your victories exalt faith,
it is a great reason why you should be crowned with laurels,
princess of fame, for your worth."

(*Copilacam*, fl. CCI vo.)

But if Gil Vicente saw the time of his country's greatest achievement and celebrated the exploits, adventures and victories of his compatriots, he was not blind to their faults nor to the many vices which came into Portugal with the gold from the East, whose corrupting influence created new ambitions in all classes. While all desired wealth, luxury and pleasure, few realised that the base

metal, exercendo a sua acção deleteria e pene-trante, havia de amollecer a forte raça, creando-lhe uma mentalidade falsa, e ser a origem, primeiro, da decadencia e, depois, da ruina do paiz. Gil Vicente previa e encarava essa trans-formação fatal; por isso, já na *Exortação da guerra*, "auto que é, póde dizer-se, todo êle um entusiás-tico hino consagrado á Pátria" (Dr Mendes dos Remedios, *História da Literatura Portuguêsa, loc. cit.*), faz ouvir estes tão sensatos conselhos:

> "Oo deyxay de edificar
> tantas camaras dobradas
> muy pintadas ꝛ douradas
> que he gaſtar ſem preſtar.
> . . . .
> nam queyrais ſer Genoeſes
> ſenam muyto Portugueſes
> ꝛ morar em caſas pardas
> Cobray fama de ferozes
> nam de ricos que he perigoſa
> douray a patria voſſa
> com mais nozes que as vozes."
> (*Copilacam*, fl. CLIX.)

O seu amor a Portugal—verdadeiro amor *á terra* de homem do campo—ao qual junctava um tão profundo conhecimento dos homens, dava-lhe uma visão exacta dos perigos para essa terra que tanto amava; na verdade, como descreve admiravelmente o illustre critico Aubrey Bell, Gil Vicente

"never lost sight of the fact that the nation's strength lay not in rich imports, however fabulous and envied, but in the good use of its own soil and capacities and in the vigour, energy and dis-cipline of its inhabitants, and a note of warning sounded again and again in his plays as he saw the old simplicity sink and disappear before wave on wave of luxury, ambition and hollow display" (*Four Plays of Gil Vicente—Introduction*, p. xxxv).

Se, alarmado pelos successos symptomaticos de que era testemunha, fez a miudo criticas severas e mesmo mordazes, outras vezes deixa perceber a verdadeira magua que sentia pela transformação a que tinha de assistir. Ao mesmo tempo, mostra-

metal was to weaken the vigorous race by falsi-fying its standards, and to bring with it first decadence and then stark ruin. Gil Vicente recognised the signs of this fatal transformation, and in the *Exortação da guerra*—"a play which is, we may say, throughout an enthusiastic hymn dedicated to his native land" (Dr Mendes dos Remedios, *História da Literatura Portuguêsa, loc. cit.*)—he proffers the following wise counsels:

> "O cease ye eagerly to build
> So many a richly furnished chamber,
> And to paint them and to gild.
> Money so spent will nothing yield.
> . . . . .
> Not for Genoese fashions strive
> But as Portuguese to live
> And in houses plain to dwell.
> As fierce warriors win renown,
> Not for wealth most perilous,
> Give your country a golden crown
> Of deeds, not words that mock at us."
> (Aubrey Bell, *op. cit.* pp. 31–32.)

His love for Portugal—the love of the land of a man of the countryside—added to his profound knowledge of human nature, gave him a true vision of the perils encompassing the country he loved so well; in truth, as Aubrey Bell expresses it so admirably, Gil Vicente

"never lost sight of the fact that the nation's strength lay not in rich imports, however fabulous and envied, but in the good use of its own soil and capacities and in the vigour, energy and dis-cipline of its inhabitants, and a note of warning sounded again and again in his plays as he saw the old simplicity sink and disappear before wave on wave of luxury, ambition and hollow display" (*op. cit. Introduction*, p. xxxv).

Though his alarm at the symptoms of decay he saw on every side rendered many of his criticisms severe and bitter, yet he often allows us to see his sorrow at the transformation he was forced to watch. At the same time, he gives a

nos a maneira de pensar da maioria dos homens, com um arrojo de concepção que nos assombra, como escreve o Dr Mendes dos Remedios (*loc. cit.*). No *Auto chamado da Luſitania* encontra-se uma scena admiravel entre o rico mercador *Todo o Mundo* e o pobre *Ninguem*, cujas palavras os diabos Dinato e Berzabu vão registando e commentando em fórma de antithese. Escripta ha quatro centos annos, essa profunda analyse da humanidade, cruel mas verdadeira, podia ter sido composta hontem, porque se, com o decorrer dos seculos, innumeras cousas teem soffrido frequentes transformações, seja para o bem seja para o mal, outras, infelizmente, são immutaveis. Gil Vicente põe na bocca de Berzabu estas notaveis sentenças, commentarios ao dialogo dos protogonistas, que elle dicta ao seu collega Dinato, e que, como diz o povo, são verdades como punhos:

"ninguem buſca conciencia
ꝛ todo mundo dinheiro.
. . . . . .
que buſca honra Todo mundo
ꝛ ninguem buſca virtude.
. . . . . .
todo o mundo buſca a vida
ꝛ ninguem conhece a morte.
. . . . . .
Que todo mundo he mẽtiroſo
ꝛ ninguem diz ha verdade.
. . . . . .
todo mundo he liſongeyro
ꝛ ninguem deſenganado."
(*Copilacam*, fl. CCXLIII vº–fl. CCXLIIII.)

O talento do poeta era multiforme, e a sua lyra tinha cordas cujo som era inteiramente differente. Umas vezes, como vimos, feria a nota patriotica; outras vezes, era a nota lyrica que soava, como no admiravel *Auto da Alma*, do qual—exceptuando a allegoria final da refeição—o Dr Fidelino de Figueiredo justamente escreve: "este auto é uma verdadeira obra de arte, onde sobra a inspiração lyrica e onde nobremente se affirma o poder inventivo de Gil Vicente, como dramaturgo liturgico" (*ob. cit.* p. 80).

Mas, a sua musa era sobretudo satyrica, "rica de sal," como diz Sabugosa (*ob. cit.* p. 9). Gil

picture of most men's way of thinking, with a boldness of conception which, as Dr Mendes dos Remedios says (*loc. cit.*), leaves us amazed. In the *Auto chamado da Luſitania* there is a magnificent scene between the rich merchant *Everyman* and the poor man *No Man*, whose words are written down and commented upon by the devils Dinato and Berzabu. Written four hundred years ago, this searching analysis of mankind might have been composed yesterday, because although, in the course of centuries, many things have changed, either for good or evil, others are, alas! immutable. Gil Vicente makes Berzabu dictate the following notable commentary on the dialogue of the other two actors, to his colleague Dinato:

"No man seeks conscience
and everyman money.
. . . . . .
That Everyman seeks honour
and no man seeks virtue.
. . . . . .
Everyman seeks life
and no man knows death.
. . . . . .
That everyman is deceitful
and no man speaks the truth.
. . . . . .
Everyman is full of flattery
and no man is undeceived."
(*Copilacam*, fl. CCXLIII vo.–fl. CCXLIIII.)

The poet's genius was many-sided and he struck many different notes on his lyre. Sometimes, as we have seen, he touched the patriotic note, at others it was the lyric note which sounded, as in the *Auto da Alma*, of which—with the exception of the allegorical end—Dr Fidelino de Figueiredo says: "this *auto* is a true work of art, where lyrical inspiration is transcendent, and where Gil Vicente's inventive power as a liturgical dramatist is nobly affirmed" (*op. cit.* p. 80).

But above all else, his muse was satirical, "rich in salt" as Sabugosa says (*op. cit.* p. 9). In many

Vicente, n'um grande numero das suas obras, serviu-se d'essa extraordinaria veia comica, para, com o seu agudo espirito critico, expôr os vicios e podridões dos contemporaneos, muitas vezes de uma maneira caustica e mesmo cruel, e sem poupar ninguem. E como n'uma lanterna magica, o genial auctor faz passar diante dos nossos olhos personagens de todas as classes, dos mais altos aos mais baixos, apontando os seus defeitos e os abusos que commettiam; ás vezes fez mesmo referencias desagradaveis e offensivas a pessoas que nomeava pelos seus nomes. Nos seus frequentes ataques contra o clero, ha, sem duvida, muitas irreverencias; mas essa questão das "irreverencias de Gil Vicente" já foi claramente exposta pelo D^r^ Fortunato de Almeida, e de uma fórma com a qual estamos plenamente de acordo (ver *loc. cit.*). Aubrey Bell, tratando do mesmo ponto, diz com inteira razão,

"That Vicente himself was a devout Christian and Catholic and a deeply religious man such plays as the *Auto da Alma*, the *Barcas*, the *Sumario*, the *Auto da Cananea* are sufficient proof....His irreverence is wholly external, it was abuses not doctrine that he attacked, the ministers of the Church and not the Church itself" (*ob. cit.* p. xxxiii).

E não podia ser de outra fórma; todas as obras que conteem essas irreverencias fôram representadas diante de D. Leonor, D. Manuel, D. João III e D. Catherina, personagens profundamente crentes e religiosos, e protectores de Gil Vicente, que, como diz o D^r^ Fidelino de Figueiredo (*ob. cit.* p. 92), era "um poeta essencialmente christão." Se as suas irreverencias tivessem sido consideradas irreligiosas, nunca nenhum d'esses Senhores as teria permittido. A critica aos abusos do clero viera de cima, e não devemos esquecer a Embaixada que por esse motivo foi enviada ao Papa Alexandre VI por Fernando o Catholico e D. Manuel (ver Damião de Goes, *ob. cit.* Parte I, cap. xxxiii). Demais, as satyras ao clero tinham sido de ha muito um dos principaes recursos dos auctores comicos.

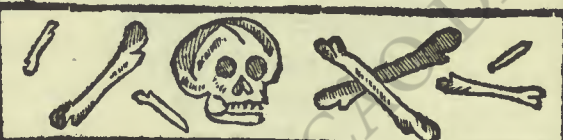
of his works he made use of this comic vein to expose all that his critical spirit saw of vice and corruption among his contemporaries, sparing none from the attacks of his caustic and often cruel pen. And as in a magic lantern he brings before our eyes persons of every class, from the highest to the lowest, pointing out all their faults and misdeeds; sometimes he even makes disagreeable and offensive references to people whom he openly names. His frequent attacks upon the clergy certainly contain much that is irreverent; but an excellent study—with which we are in complete agreement—of the "irreverences of Gil Vicente" has already been made by Dr Fortunato de Almeida (*loc. cit.*), and as Aubrey Bell so rightly says,

"That Vicente himself was a devout Christian and Catholic and a deeply religious man such plays as the *Auto da Alma*, the *Barcas*, the *Sumario*, the *Auto da Cananea* are sufficient proof....His irreverence is wholly external, it was abuses not doctrine that he attacked, the ministers of the Church and not the Church itself" (*op. cit.* p. xxxiii).

And it could not have been otherwise; all the plays which contain irreverences were performed before either Dona Leonor and Dom Manuel or Dom João III and Dona Catherina, all of whom were deeply religious and all of whom extended their protection to Gil Vicente, who, as Dr Fidelino de Figueiredo says (*op. cit.* p. 92), was "essentially a Christian poet." If his irreverences had been considered irreligious, none of these Sovereigns would have allowed them. Criticism of the abuses of the clergy had come from above, and we must not forget the embassy sent to Pope Alexander VI for this express purpose by Ferdinand the Catholic and Dom Manuel (see Damião de Goes, *op. cit.* Part I, chap. xxxiii). Furthermore, it had long been one of the principal resources of comic writers to satirise the clergy.

161 Folha do rosto do Libro I da *Copilacam de todalas obras* de Gil Vicente
Title-page of Book I of the *Copilacam de todalas obras* de Gil Vicente
Coimbra e Lisboa, 1562

162 Folha do rosto do Livro II da *Copilacam de todalas obras* de Gil Vicente
Title-page of Book II of the *Copilacam de todalas obras* of Gil Vicente
Coimbra e Lisboa, 1562

COME
CAM AS OBRAS DO
liuro terceyro que he das
Tragicomedias.

¶E eſta primeyra he ſobre os amores de
dom Duardos principe de Inglater-
ra, com Flerida filha do Em-
perador Palmeyrim de Cõ
ſtantinopla. Foy repre
ſentada ao ſere-
niſsimo
Prin-
cipe & poderoſo Rey dom
Ioam o terceyro deſte
nome em Por-
tugal.

163 Folha do rosto do Livro III da *Copilacam de todalas obras* de Gil Vicente
Title-page of Book III of the *Copilacam de todalas obras* of Gil Vicente
Coimbra e Lisboa, 1562

¶Sepultura de Gil Vicente.

¶O gram juyzo esperando
jaço aqui nesta morada
tambem da vida cansada
descansando.

¶Preguntame quem fuy eu
atenta bem pera mi
porque tal fuy coma ti
⁊ tal has de ser comeu.
E pois tudo a isto vem
oo lector de meu conselho
tomame por teu espelho
olhame ⁊ olha te bem.

164 Gravuras da *Copilacam de todalas obras* de Gil Vicente
Woodcuts from the *Copilacam de todalas obras* of Gil Vicente
Coimbra e Lisboa, 1562

¶ Impresso em a muy nobre & sempre leal cidade de Coimbra per Ioão Aluarez, impressor del Rey N. S.
M. D. LXII.

Com priuilegio
Real.

165 Colophon do Livro I da *Copilacam de todalas obras* de Gil Vicente
Colophon of Book I of the *Copilacam de todalas obras* of Gil Vicente
Coimbra e Lisboa, 1562

¶ Acabouse de emprimir està copilaçam das obras de Gil vicente em Lixboa em casa de Ioam Aluarez impressor del Rey nosso senhor na vniuersidade de Coimbra aos .xij. dias do mes de Setembro de M. D. Lxij. annos. Vam nestes cabos assinados todos os liuros por Luis vicēte, por senā poderē empremir nem vender outros per outras pessoas que nam tem o preuilegio de sua alteza que no principio vay impresso, porque soomēte os que forem assinados se conheceram serē desta impressam & per licença da pessoa a quem se o priuilegio concedeo. Achar se ham neste liuro algũs erros, assi de faltas de letras, como tābem algũas mudadas; porem sam tā conhecidos os erros, que facilmente podera o discreto lector supprilos. E portanto se nam faz aqui errata delles porq̃ parece q̃ yr buscar o erro ao fim do liuro he cousa muy prolixa.
Laus Deo.

166 Colophon da *Copilacam de todalas obras* de Gil Vicente, com a assignatura autographa de Luiz Vicente
Colophon of the *Copilacam de todalas obras* of Gil Vicente, with the autograph signature of Luiz Vicente
Coimbra e Lisboa, 1562

As criticas de Gil Vicente, inspiradas pelo seu extraordinario espirito de observação, são magistraes, e admiramos a independencia e coragem com que as expoz. Mas, seja-nos licito accrescentar, que admiramos egualmente a liberdade que havia nos tempos da monarchia absoluta, em que um homem como Gil Vicente podia dizer abertamente, e diante dos seus Reis e dos mais altos personagens, tudo o que sentia e pensava. Não ha duvida que n'essa epocha practicava-se mais a liberdade e fallava-se menos n'ella; hoje é o contrario.

Gil Vicente, o fundador do theatro Portuguez, é uma gloria nacional e um verdadeiro genio. Como ninguem, talvez, soube mostrar os perigos que ameaçavam o seu querido Portugal, perigos devidos em grande parte ás riquezas do Oriente. Essas riquezas fabulosas, que elle receava, desappareceram; mas ficou o primeiro ouro trazido por Vasco da Gama—os dois mil miticaes—que D. Manuel entregou a Gil Vicente para que d'elle fizesse a custodia de Belem. Crente, o Venturoso quiz que o primeiro ouro da India pertencesse a Deus e fôsse usado no Seu serviço no mosteiro que fundára para commemorar o descobrimento da via maritima. Crente como o seu Rei, o duplo artista executou a reliquia inestimavel. Se nas obras que escreveu se sente a mão do artista, na joia maravilhosa, na qual trabalhou durante tres annos, tambem se percebe a do poeta. E acima de tudo, quando se olha para a obra prima, realiza-se o amor com que cinzelou esse ouro. Então, o vil metal não era á sua vista o portador da corrupção e dos vicios, que a sua satyra havia de flagellar; era a materia preciosa, a symbolica offerta do seu Rei ao Rei dos Reis, na qual o seu genio creador ia lavrar a custodia admiravel, para que n'ella fôsse exposto o Corpo de Deus á adoração dos Portuguezes, no templo que representava a nossa maior gloria!

His criticisms, inspired by his extraordinarily observant mind, are masterly, and we admire his courage and independence in expressing them. But may we be allowed to add that we also admire the liberty which existed in the time of the absolute monarchy, when a man like Gil Vicente could give free expression to all he thought and felt, even before his King and the highest in the land. There is no doubt that there was much more liberty in those days, though it was less talked of than now.

Gil Vicente, the founder of the Portuguese theatre, is a national glory and a true genius. He showed, as perhaps no one else was able to do, the dangers which menaced his beloved Portugal, dangers due in large measure to the gold from the East. The fabulous wealth he so greatly feared has disappeared; but there remains the first gold brought by Vasco da Gama—the two thousand *miticaes* which Dom Manuel gave to Gil Vicente to be made into the Belem monstrance. As a believer, the King wished the first gold from India to be used in the service of God, in the monastery he had founded to celebrate the discovery of the sea route. A believer, like his Sovereign, the two-fold artist created a masterpiece. If one feels the hand of the artist in his plays and poems, one can also sense the poet in the wonderful jewel upon which he laboured for three years. And above all, when looking at this inestimable relic, one realises with what love he must have worked upon it. That gold was not in his eyes the base metal bringing in its train the corruption and vice his satires were to castigate; it was the precious material, the symbolical gift of his King to the King of Kings, from which his creative genius was to form the beautiful monstrance in which the Body of his Lord should lie for the adoration of the Portuguese, in the temple commemorating their greatest glory!

¶ Coloquios dos ſimples, e
drogas he couſas mediçinais da India, e
aſsi dalgũas frutas achadas nella onde ſe
tratam algũas couſas tocantes amediçina,
pratica, e outras couſas boas, pera ſaber
cõpoſtos pello Doutor garçia dorta: fiſico
del Rey noſſo ſenhor, viſtos pello muyto
Reuerendo ſenhor, ho liçençiado
Alexos diaz: falcam deſenbar-
gador da caſa da ſupricaçã
inquiſidor neſtas
partes.

¶ Com priuilegio do Conde viſo Rey.

Im preſſo em Goa, por Ioannes
de endem as x. dias de
Abril de 1563. annos.

167 Folha do rosto dos *Coloquios dos ſimples, e drogas da India* de Garcia da Orta
Title-page of the *Coloquios dos ſimples, e drogas da India* of Garcia da Orta
Goa, 1563

100 GARCIA DA ORTA, COLOQUIOS DOS SIMPLES, E DROGAS DA INDIA.

Goa, João de Endem, 1563.

Coloquios dos ſimples, e | drogas he couſas mediçinais da India, e | aſsi dalgũas frutas achadas nella onde ſe | tratam algũas couſas tocantes amediçina, | pratica, e outras couſas boas, pera ſaber | cõpoſtos pello Doutor garçia dorta: fiſico | del Rey noſſo ſenhor, viſtos pello muyto | Reuerendo ſenhor, | ho liçençiado | Alexos diaz: falcam deſenbar- | gador da caſa da ſupricaçã | inquiſidor neſtas | partes. | Com priuilegio do Conde viſo Rey. | Impreſſo em Goa, por Ioannes | de endem as [*sic*] x. dias de | Abril de 1563. annos.

[fl. 2]
Privilegio do Conde Vice-Rei, datado de Goa a 5 de Novembro de 1562[1].

[fl. 2 vo.] AO muyto iluſtre ſenhor Martin afonſo de ſouſa | do cõſelho Real ſenhor das villas dalcuentre, e ho | tagarro ſeu criado ho doutor orta lhe deſeia perpe- | tua feliçidade [...]

[fl. 4] Do autor falando cõ ho ſeu libro, | e mandao ao ſenhor Martin | afonſa [*sic*] de ſousa. [...]
É um soneto[2].

[fl. 4 vo.] Ao Conde do Redondo, viſo Rey | da India, Luis de camoẽs. [...]

[fl. 5 vo.]
Fim da ode de Camões[3].

[fl. 6] Do liçençiado, dimas bosque, medico | valençiano ao leitor. [...]

[fl. 7] [...] em Goa: aos dous dias | dabril: de 1563. annos.

fl. 1. COLOQVIO PRIMEIRO, [...]

fl. 226 vo.
Fim do coloquio 58[4].

fl. 227. Præſtantiſsimo doctori Thomæ Roderico | in conimbricenſi academia medi- corum | primo Dymas bosque medicus | valentinus. S.P.D. [...]

fl. 228. [...] Vale Goæ | primo nonis | Aprilis.

fl. 228 vo. Ad Gartiam ab horto medicum apud | Indos, doctorèmq; clariſsimum Epigramma | Thoma caiado autore. [...]

1 *Privilege granted by the Vice-Roy, dated from Goa on November 5th, 1562.*
2 *This is a sonnet.*
3 *End of Camões' ode.*
4 *End of the 58th colloquy.*

fl. 229. Erros da emprenſam [...]

fl. 238 vo.
Fim das erratas[1].

fl. 239. Taboada do conteudo neſte liuro [...]

fl. 249 vo. [...] Finis.

fl. 210 [aliás 251]. Coloquio do betre e outras couſas em q̃ ſe enmẽ- | dam [*sic*] algũas faltas de toda a obra as quais fica | ram por eſqueçimento, e pode os o lei- | tor ler acabados os coloquios da le | tra. B. q̃ he no coloquio do betre. [...]

fl. 217 [aliás 258].
Fim da obra[2].

4º—[7], 249 [1 branca], 210-217 folhas—25-27 linhas—sem reclamos—numeração de algumas folhas errada.

Numeração dos cadernos: g, 7 folhas; A-B, 8 folhas cada caderno; C, 10 folhas; D-Z, 8 folhas cada caderno; Aa-Ii, 8 folhas cada caderno; total de 265 folhas; as folhas g, g2 e g4 não teem assignaturas; C3, C4 e C5 teem assignaturas erradas Cij, Ciij e Ciiij respectivamente.

Encadernação de carneira.

4to.—[7], 249 [1 blank], 210-217 leaves—25-27 lines—no catchwords—some leaves wrongly numbered.

Collation by signatures: g, 7 leaves; A-B, each 8 leaves; C, 10 leaves; D-Z, each 8 leaves; Aa-Ii, each 8 leaves; total 265 leaves; leaves g, g2 and g4 have no signature marks, and C3, C4 and C5 are wrongly marked Cij, Ciij and Ciiij respectively.

Calf binding.

O livro de Garcia da Orta, "fiſico del Rey noſſo ſenhor," intitulado *Coloquios dos ſimples, e drogas he couſas mediçinais da India*, e impresso em Goa por João de Endem em 1563, é uma obra extremamente rara, á qual se referem diversos auctores, entre os quaes mencionaremos: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 325), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 93), Innocencio (*Diccionario*, vol. III, pp. 116-118), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, pp. 327-328), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 307), Brunet (*Manuel du Libraire*, t. IV, col. 240), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 535), que fornecem uma detalhada descripção do livro, e

The *Coloquios dos ſimples, e drogas he couſas mediçinais da India*, composed by Garcia da Orta, "physician to the King our lord," and printed in Goa by João de Endem in 1563, is an extremely rare work; and among the authors who refer to it are: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, p. 325), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 93), Innocencio (*Diccionario*, vol. III, pp. 116-118), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, pp. 327-328), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 307), Brunet (*Manuel du Libraire*, vol. IV, col. 240), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 535), who give a detailed description of the book, and cite copies

[1] *End of the errata.*
[2] *End of the work.*

indicam a existencia de exemplares nas seguintes Bibliothecas: Lisboa (dois exemplares), Archivo Nacional, Ajuda, Evora (dois exemplares), Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, e Bibliotheca Real de Stockholm. Alem dos dois exemplares—um na Bibliotheca Nacional de Paris, outro na Bibliotheca da Universidade de Leyde—mencionados pelo Conde de Ficalho (*Garcia da Orta e o seu tempo*, p. 369), podemos accrescentar mais quatro a esta lista: um no Museu Britannico, um na Catholic University of America (Oliveira Lima Collection), Washington, um na posse de Messrs. Maggs Bros., e, finalmente, o nosso exemplar, completo e perfeito, que, como já dissemos (ver p. 574), nos foi gentilmente cedido pelo Museu Britannico, em troca de um exemplar da primeira edição do *Itinerario* de Antonio Tenreiro.

As noticias que podémos colher a respeito do "imprimidor" João de Endem são muito escassas e vagas, sendo profundamente lamentavel o pouco que se conhece a respeito do estabelecimento da imprensa na India. Já vimos (p. 554) que João Blavio possuia uma officina typographica na India—certamente em Goa—para a qual recebeu certos privilegios n'um alvará de 14 de Maio de 1560 (ver Sousa Viterbo, *ob. cit.* pp. 327–328).

Já dissemos tambem que a mercê concedida a João Blavio foi, depois da sua morte, mantida a seus herdeiros e testamenteiros, que, comtudo, não lográram d'ella, visto as officinas que Blavio possuira em Lisboa e na India terem sido arrendadas ao impressor Francisco Corrêa em 1564 (p. 244). Esse arrendamento foi confirmado n'um alvará de 12 de Novembro de 1566, e Deslandes, que transcreve o documento da Chancellaria de D. Sebastião, diz:

"Do teor d'este alvará fica bem entendido e sem logar de duvida que João Blavio, seus herdeiros e testamenteiros, e Francisco Correa, arrendatario das officinas, que ficaram por morte de João Blavio, tiveram, por meiado do XVI seculo, officina de impressão na India. É

in the following Libraries: Lisbon (two copies), Archivo Nacional, Ajuda, Evora (two copies), National Library of Rio de Janeiro and the Royal Library at Stockholm. To this list must be added the two copies—one in the Paris National Library and the other in the Leyden University Library—mentioned by the Conde de Ficalho (*Garcia da Orta e o seu tempo*, p. 369), the copy in the British Museum, one in the Catholic University of America (Oliveira Lima Collection) at Washington, one at Messrs Maggs Bros., and our own complete and perfect copy, which, as we have said (see p. 574), was courteously given to us by the British Museum, in exchange for a copy of the first edition of Antonio Tenreiro's *Itinerario*.

We have not been able to find much information about João de Endem, and it is most regrettable that so little is known about the establishment of printing in India. We have already seen (p. 554) that João Blavio had a press in India—certainly in Goa—for which he received certain privileges in an *alvará* of May 14th, 1560 (see Sousa Viterbo, *op. cit.* pp. 327–328).

We have also stated that the privilege granted to João Blavio was afterwards conceded to his heirs and executors, who did not, however, take advantage of it, because Blavio's presses in Lisbon and India were leased to Francisco Corrêa in 1564 (p. 244). This contract is confirmed in an *alvará* of November 12th, 1566, and Deslandes, who transcribes the document from Dom Sebastião's archives, says:

"The purport of this *alvará* shows clearly and without a doubt that João Blavio, his heirs and executors, and Francisco Corrêa, the lessee of the presses which were left upon the death of João Blavio, had a printing-office in India in the middle of the XVIth century. It is well within the

lanço de boa conjectura suppôr que fosse a de Goa (de nenhuma outra por aquelle tempo achâmos memoria nem certeza), onde foi primeiro a trabalhar o impressor João Quinquenio de Campania, tendo por companheiro a João de Endem, nas mãos de quem, por aquelle faltar ao entrar do anno de 1563, ficou a estampa dos *Colloquios dos Simples e Drogas*, do doutor Garcia da Orta....João de Endem continuou n'esta officina até ao anno de 1573 que foi, acaso por fallecimento d'este impressor, o ultimo da sua existencia" (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos Seculos* XVI *e* XVII, 1888, pp. 42–45).

A unica obra conhecida impressa por João Quinquenio e João de Endem é o *Compendio eſpiritual da vida Chriſtãa*, composto por D. Gaspar de Leão Pereira, primeiro Arcebispo de Goa, e estampado em 1561 (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 540). Comtudo, como se póde ver no alvará de D. Sebastião, a officina de João Blavio na India já existia em 1560, e provavelmente antes. Entre a impressão do *Compendio eſpiritual* e a dos *Coloquios dos ſimples*, decorreram, approximadamente, dois annos, sendo admissivel que outras obras, mesmo documentos officiaes, tenham sido estampadas durante esse intervallo; porem, se assim succedeu, pertencem ellas ao numero, infelizmente bem grande, das que se perderam. De 1563 a 1573, João de Endem publicou cinco obras (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nºˢ 535–539) em caractéres redondos, sendo as suas impressões pouco cuidadas. O primeiro livro que estampou só, os *Coloquios dos ſimples*, está cheio de erros e descuidos, talvez por ter faltado "o prinçipal, em preſor (*sic*) e ficar a obra em maõs dehũ (*sic*) homẽ ſeu cõpanheiro que no era ainda mui deſtro na arte de enprimer," como escreve o Licenciado Dimas Bosque na sua carta ao leitor. Comtudo, não obstante os seus trabalhos nunca terem chegado a ser dignos de grandes elogios, João de Endem aperfeiçoou-se na impressão das outras obras que publicou, pelo menos de duas, o *Tratado cõtra os*

bounds of possibility to assume that it was the one in Goa (we have found no record or proof of the existence of any other at that time), where the printer João Quinquenio de Campania was the first to work, having as companion João de Endem, to whom, as Quinquenio was no longer there at the beginning of 1563, the printing of Doctor Garcia da Orta's *Colloquios dos Simples e Drogas* was entrusted....João de Endem stayed at this office until 1573, which was, perhaps on account of this printer's death, the last year of its existence" (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos Seculos* XVI *e* XVII, 1888, pp. 42–45).

The only known work issued by João Quinquenio and João de Endem is the *Compendio eſpiritual da vida Chriſtãa*, composed by Dom Gaspar de Leão Pereira, the first Archbishop of Goa, and printed in 1561 (see Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 540). However, as may be seen in Dom Sebastião's *alvará*, João Blavio's press in India was already in existence in 1560 and probably before. About two years elapsed between the publication of the *Compendio eſpiritual* and of the *Coloquios dos ſimples*, and other works, and even official documents, may well have been printed during this period, though, if any were published, they have long since been lost. From 1563 to 1573, João de Endem printed five works (see Anselmo and Proença, *op. cit.* nos. 535–539), all in roman type and of little typographical merit. The first book he printed alone, the *Coloquios dos ſimples*, is full of careless mistakes, perhaps because "the chief printer was missing and the work was left in the hands of his companion, a man who was not yet very skilled in the art of printing," as the licentiate Dimas Bosque writes in his letter to the reader. Yet, although his productions never reached a very high standard, there is evidence of improvement in the later works he printed, at least in two, of which we possess

judeus, 1565, e o *Primeiro Concilio de Goa*, 1568, de que possuimos admiraveis exemplares.

Anselmo e Proença (*ob. cit.* p. 151) escrevem que, apezar das suas impressões pouco cuidadas, a honra de serem os primeiros que imprimiram na India cabe a João de Endem e a João Quinquenio; porem, esta declaração não póde ser acceite sem reservas. Já dissemos o que se sabe, com certeza, a respeito da officina de Goa, onde trabalháram Quinquenio e Endem; mas não dissemos que ella fôsse a unica, porque temos motivos de sobejo para julgar—mesmo para affirmar—que existia uma outra "casa de stãpar" em Goa na mesma epocha, senão mais cedo. Ficalho, depois de se referir aos importantes estudos dos Padres da Companhia de Jesus, e aos notaveis cursos que elles faziam em Goa, escreve: "Aos jesuitas se deveu tambem a introducção da imprensa na India. No anno de 1557 saía dos seus prelos um compendio de doutrina christan, composto pelo padre mestre Francisco Xavier. Precediam assim os impressores independentes, como João Quinquennio e João de Endem, que só alguns annos depois começaram a trabalhar em Goa" (*ob. cit.* p. 207; ver tambem Sir Clements Markham, *Colloquies on the Simples and Drugs of India—Introduction*, p. xi).

Procurámos em vão nas muitas bibliographias que possuimos, qualquer referencia ao compendio composto por S. Francisco Xavier e impresso nos prelos dos Jesuitas em Goa; mas, como Ficalho baseou a sua noticia sobre a declaração do Padre Francisco de Sousa (ver *Oriente conquistado*, Parte I, p. 29), ella merece a nossa inteira confiança, porque esse illustre Jesuita, que durante largos annos viveu em Goa, onde falleceu no Collegio de S. Paulo em 1713, deve ter possuido informações exactas ácerca da imprensa do Collegio no seculo XVI. Teria sido para estranhar que os Jesuitas—que em toda a parte, alem da sua obra missionaria, promoviam a instrucção e davam um notavel impulso ao movimento litterario e

magnificent copies: the *Tratado cõtra os judeus*, 1565, and the *Primeiro Concilio de Goa*, 1568.

Anselmo and Proença (*op. cit.* p. 151) say that, in spite of their somewhat slipshod work, João de Endem and João Quinquenio had the honour of being the first men to print in India; but this declaration cannot be accepted without reservations. We have already given such information as we have been able to find about the press in Goa where Quinquenio and Endem worked; but we did not say it was the only one there, because we have reason to believe—and even to affirm—that there was another "printinghouse" in Goa at that period, if not before. Ficalho refers to the important studies carried out by the Fathers of the Society of Jesus, and to the remarkable courses of instruction they gave in Goa, adding: "The introduction of printing in India was also due to the Jesuits. In 1557 their press issued a compendium of Christian doctrine composed by St Francis Xavier. They thus preceded the independent printers like João Quinquennio and João de Endem, who did not begin to work in Goa until some years later" (*op. cit.* p. 207; also see Sir Clements Markham, *Colloquies on the Simples and Drugs of India—Introduction*, p. xi).

We have searched in vain through the many bibliographies we possess, for some reference to this compendium printed in the Jesuit press in Goa; but, as Ficalho based his affirmation on a statement of Father Francisco de Sousa (see *Oriente conquistado*, Part I, p. 29), we have entire confidence in it, for Father Francisco, who lived for many years in Goa, where he died in the College of St Paul in 1713, must have had accurate information about the press in the College in the XVIth century. It would have been strange if the Jesuits—who, in addition to their missionary labours, promoted instruction everywhere, and gave a notable impulse to the literary

scientifico—não tivessem estabelecido uma officina typographica no seu collegio principal no Oriente; mas, apezar de não se conhecer uma só obra que fôsse estampada n'essa officina, não póde haver duvida que ella existiu, mesmo antes de 1560; e eis a prova. N'uma carta escripta do Collegio de S. Paulo de Goa a 8 de Dezembro de 1560, o Padre Luiz Froes conta que o Patriarcha D. João Nunes Barreto "ordeno," com o Padre Francisco Rodrigues (Reitor do Collegio de S. Paulo), que se imprimissem no Collegio—"aqui de forma"—algumas imagens de Christo crucificado, com a Virgem Nossa Senhora de um lado e S. João do outro, para serem distribuidas pelos Christãos; e accrescenta que no Domingo 24 de Novembro, cada um dos Irmãos levou comsigo cerca de uma duzia d'essas imagens, as primeiras que tinham sido feitas, para que fôssem dadas aos principaes Christãos nas differentes egrejas (ver *Cartas de los Jesuitas dela India*, 1562, fl. 93 vº). É natural que essa officina typographica estivesse bem provida de material, sendo possivel que os "caratules de letras," ou parte d'elles, tivessem sido fundidos no proprio Collegio, e pelo seguinte motivo: na mesma carta, o Padre Froes conta tambem que o Padre Francisco Rodrigues mandou que se fundissem no Collegio—"fundieſſen aqui ẽ el colegio"—muitas cruzes de estanho bem lavradas, para serem dadas como premio aos pequenos gentios que tivessem apprendido melhor a doutrina (ver *ob. cit.* fl. 90 vº). O que acabamos de transcrever torna admissivel a nossa supposição; e se não, prova, pelo menos, que o Collegio de S. Paulo, alem da sua officina typographica, tambem possuia uma de fundição. De toda essa notavel organização, nada resta! E quanto lastimamos que, ao menos, não tivesse ficado uma obra estampada pelos Jesuitas nos prelos que alli possuiam. Da nossa imprensa na India no seculo XVI, remanecem apenas as seis obras que mencionámos, impressas entre 1561 e

and scientific movement—had not set up a printing-office in the most important of their colleges in the East; but, although no single work printed there is known to-day, there can be no doubt that such a press existed, even before 1560. In a letter written from the College of St Paul in Goa on December 8th, 1560, Father Luiz Froes says that the Patriarch Dom João Nunes Barreto, in agreement with Father Francisco Rodrigues (the Rector of the College of St Paul), ordered that certain pictures of Christ upon the Cross, with the Holy Virgin and St John standing on either side, should be printed in the College, so that they could be distributed among the Christians; and he adds that on Sunday, November 24th, each of the brothers had taken with him about a dozen of these pictures, which, as they were the first to be done, had been given to the chief Christians in the various churches (see *Cartas de los Jesuitas dela India*, 1562, fl. 93 vo.). This printing-press must have been well stocked with material, and it seems possible that some at least of the type was founded on the premises, because, in the same letter, Father Luiz says that Father Francisco Rodrigues had ordered many tin crosses, well finished, to be founded in the College, and given as prizes to the little heathens who had learnt the catechism best (see *op. cit.* fl. 90 vo.). The above passage certainly lends colour to our hypothesis, and proves that there was a foundry as well as a printing-press in the College of St Paul in the XVIth century. It is sad to think that nothing is left of all that magnificent organisation, not even one book printed by the Jesuits in their press at Goa. Only six books remain to bear witness to Portuguese printing in India in the XVIth century, but one of these, the *Coloquios*

1573; mas a impressão de uma d'ellas, os *Coloquios dos ſimples* de Garcia da Orta, perpetuou a memoria da officina typographica de Goa.

Mesmo que o livro do tão illustre "fiſico del Rey noſſo ſenhor" não tivesse outras causas para o tornar celebre, o facto de conter a primeira poesia impressa do immortal Camões—a ode ao Conde de Redondo, Vice-Rei da India, na qual canta o elogio do grande medico seu amigo—bastaria para lhe dar uma especial nomeada; mas a obra de Garcia da Orta—aquelle a quem o genial auctor dos *Lusiadas* chamou

"...orta, honde floreçem
Prantas nouas, que hos doutos não conheçem"

—é um monumento da sciencia Portugueza.

A um saudoso amigo, que tantos serviços prestou á sciencia e ás lettras Portuguezas, devemos o verdadeiro conhecimento do valor de Garcia da Orta e da sua obra.

Com inteira razão, o Dr Teixeira de Carvalho escreve:

"A biografia de Garcia d'Orta está feita. Traçou-a magistralmente o Conde de Ficalho. Poucos sábios têm tido, como Garcia d'Orta, a fortuna de encontrar, no nosso país, para biógrafo, quem aliasse tão rara erudição, sensibilidade mais impressionável às cousas portuguesas, mais aristocrática elegância no dizer" (*Homens de Outros Tempos—Garcia d'Orta*, p. 5).

E o grande Professor Ricardo Jorge, referindo-se á obra de Ficalho como biographo e commentador do auctor dos *Coloquios dos ſimples*, diz com a sua excepcional auctoridade: "Professo por êsse monumento, o melhor entre nós consagrado á história das sciências em Portugal, a máxima admiração" (*ob. cit. Prefacio*, p. x). Sir Clements Markham tambem faz um caloroso elogio do Conde de Ficalho; depois de se reportar ao admiravel trabalho que elle executou na revisão do texto da edição dos *Coloquios* de 1563, escreve estas palavras:

"But Count Ficalho did much more. The re-

dos ſimples of Garcia da Orta, has turned the thoughts of many towards early printing in Goa.

Even had this book nothing else to recommend it, the fact that it contains the first of Camões' poems to be printed—the ode extolling the great doctor to the Conde Redondo, the Vice-Roy of India—would alone be enough to give it special renown; but the work of Garcia da Orta—whom his poet friend called

"...*orta* (garden) where there flourish
New plants, unknown to the learned"

—has in itself a strong claim to immortality, for it is a monument to Portuguese science.

We owe the true understanding of the worth of Garcia da Orta and his work to one who was a dear friend of ours and who rendered immeasurable service to Portuguese literature and science.

Dr Teixeira de Carvalho is indeed right when he says:

"Garcia da Orta's biography has been written. The Conde de Ficalho has traced it in masterly style. Few learned men have had Garcia da Orta's good fortune in finding in our country a biographer who possessed such rare erudition, the most impressionable sensitiveness to Portuguese things, as well as the most aristocratic elegance of speech" (*Homens de Outros Tempos—Garcia d'Orta*, p. 5).

Professor Ricardo Jorge authoritatively states with reference to Ficalho's work as Garcia da Orta's biographer and commentator: "I must avow that I have the greatest possible admiration for this monument, the greatest in our country, consecrated to the history of the sciences in Portugal" (*op. cit. Prefacio*, p. x). And Sir Clements Markham also praises the Conde de Ficalho warmly for his admirable work in revising the text of the 1563 edition of the *Coloquios*, saying:

"But Count Ficalho did much more. The re-

search and erudition of this eminent Portuguese botanist are marvellous. Nothing seems to have escaped him that bore upon his subject, in whatever language, or however concealed in the number of periodical publications. The notes of Ficalho to each Colloquy are most valuable and he completed his labour of love, by the publication of that most interesting work, *Garcia da Orta e o seu tempo*" (*Garcia da Orta* (*An Appreciation*) in *Revista de Historia*, vol. II, p. 8).

Reproduzimos estas auctorizadas opiniões, para assim prestarmos uma sentida homenagem á memoria do illustre Portuguez, fidalgo e sabio.

O licenciado Orta—Garcia da Orta, Dorta, da Horta, ou, talvez mais correctamente, d'Orta—nasceu, segundo parece, em Elvas no fim do seculo XV; mas desconhece-se a data exacta, e ignora-se quem fôram seus paes. Novo ainda, partiu para Hespanha, onde estudou nas Universidades de Salamanca e Alcalá. Terminados os seus estudos, regressou a Portugal em 1525 ou 1526, e exerceu a medicina em Castello de Vide; mas a sua estada n'essa villa não foi de longa dura, "porque já em 1526–1527 o encontramos em Lisboa, com parte activa na vida universitária. É dêste ano, e não do de 1532–1533, que data o primeiro documento dos livros universitários com referência ao moço licenciado" (Dr Teixeira de Carvalho, *ob. cit.* p. 13). Este douto auctor narra então, apoiando-se n'um verdadeiro rol de documentos comprovativos, a vida de Garcia da Orta na Universidade de Lisboa, onde regeu a cadeira de Philosophia natural (ver *ob. cit.* p. 14 *e seg.*). Alli, encontrou um amigo, que já tinha sido seu companheiro de estudos em Hespanha, e que, como elle, havia de ser uma das glorias da sciencia Portugueza no seculo XVI: Pedro Nunes.

Em 1534, Garcia da Orta embarcou para India na armada de que era Capitão Mór o seu protector e amigo Martim Affonso de Sousa, que tanta influencia teve na sua vida. Não nos compete escrever aqui a biographia de Martim Affonso de Sousa, que veiu a

search and erudition of this eminent Portuguese botanist are marvellous. Nothing seems to have escaped him that bore upon his subject, in whatever language, or however concealed in the number of periodical publications. The notes of Ficalho to each Colloquy are most valuable and he completed his labour of love, by the publication of that most interesting work, *Garcia da Orta e o seu tempo*" (*Garcia da Orta* (*An Appreciation*) in *Revista de Historia*, vol. II, p. 8).

We have reproduced the opinions of these authorities as an expression of our heartfelt homage to the memory of that distinguished Portuguese nobleman and scholar.

The licentiate Orta—Garcia da Orta, Dorta, da Horta, or, perhaps more correctly, d'Orta—was born, it appears, in Elvas at the end of the XVth century; but the exact date is not recorded, and his parentage is unknown. He went to Spain at an early age, and frequented the Universities of Salamanca and Alcalá. At the conclusion of his studies, he returned to Portugal, in 1525 or 1526, and practised medicine in Castello de Vide; but he did not stay there long, "because in 1526–1527 we already find him taking an active part in the university life of Lisbon. The first document in the university books with reference to the young licentiate dates from that year, and not from 1532–1533" (Dr Teixeira de Carvalho, *op. cit.* p. 13). This learned author then proceeds, with a wealth of documentary proof, to describe Garcia da Orta's life at Lisbon University, where he lectured on natural philosophy (see *op. cit.* p. 14 *et seq.*). There he fell in with one who had studied with him in Spain, and who, like him, was to become one of the glories of Portuguese science in the XVIth century: Pedro Nunes.

In 1534 he set out for India in the armada commanded by his friend and protector Martim Affonso de Sousa, who had a strong influence on his life. This is no place to write a biography of Martim Affonso de Sousa, who became governor

ser Governador da India; como diz Ficalho, elle foi "um mixto singular de brilhantes qualidades e condemnaveis vicios" (*ob. cit.* p. 145). Se teve vicios, se a sua probidade não foi immaculada, possuiu extraordinarias qualidades, pois á sua admiravel coragem, ao seu notavel bom conselho, uniam-se brilhantes faculdades intellectuaes, e uma instrucção pouco vulgar, porque, alem de ser um profundo latinista, um escriptor e um mathematico, era perito nas questões de navegação e cosmographia (ver (*Livros Antigos Portuguezes*, vol. 1, p. 551). Parece não haver duvidas que teve serios defeitos, mas não podemos esquecer que tres dos seus illustres contemporaneos, S. Francisco Xavier, D. João de Castro e Luiz de Camões, fazem o seu elogio (ver Ficalho, *ob. cit.* pp. 65–84). A este homem, certamente notavel, devemos um serviço bem importante: o ter levado para a India o seu amigo Garcia da Orta, abrindo-lhe assim o caminho da fama.

O grande medico e botanico viveu no Oriente durante mais de trinta annos; alli estudou a natureza, e emprehendeu as investigações, que lhe permitteram, quando já era velho, publicar a sua obra monumental.

"Os *Coloquios dos simples e drogas medicinaes* são um dos livros que mais honram a medicina nacional, e da sua influencia na medicina europeia são prova bastante as traducções e commentarios das suas obras que se consumiram com pasmosa velocidade" (Dr Maximiano Lemos, *Historia da Medicina em Portugal*, vol. 1, p. 279).

Verdadeiro sabio, possuia uma "pasmosa erudição" adquirida pelo estudo constante; se leu innumeros livros antigos, tambem manuseou os modernos, mesmo alguns dos ultimos impressos em Portugal; é summamente interessante vel-o citar Gaspar Barreiros, cuja *Chorographia* tinha sido estampada em Coimbra em 1561, quer dizer apenas dois annos antes da publicação dos seus *Coloquios* em Goa (ver Ficalho, *ob. cit.* pp. 297–298). Mas, a sua sciencia não era especialmente devida aos livros; derivava sobre-

of India; as Ficalho says, he was "a singular mixture of brilliant qualities and lamentable vices" (*op. cit.* p. 145). But though he had vices, and though his integrity was not without stain, he possessed amazing qualities, for to his magnificent courage and his eminent wisdom in counsel were joined notable intellectual faculties and a knowledge of uncommon scope, because in addition to his profound Latin scholarship and his talents as a writer and mathematician, he was skilled in the sciences of navigation and cosmography (see *Early Portuguese Books*, vol. 1, p. 551). There seems no doubt that he had serious faults, but we cannot forget that three notable men among his contemporaries, St Francis Xavier, Dom João de Castro and Luiz de Camões, all sang his praises (see Ficalho, *op. cit.* pp. 65–84). We owe this notable man one most important service: that he took Garcia da Orta to India, thus setting him on the pathway to fame.

The great physician and botanist lived in the East for more than thirty years, and there he carried out the studies and researches which enabled him, in his old age, to publish his monumental work.

"The *Coloquios dos simples e drogas medicinaes* is one of the books which bring the greatest honour to medicine in Portugal, and the many translations and commentaries of his works, which were exhausted with amazing speed, are a sufficient proof of his influence on European medicine" (Dr Maximiano Lemos, *Historia da Medicina em Portugal*, vol. 1, p. 279).

A true scholar, he had acquired "amazing erudition" by constant study of books both ancient and modern; he even cites Gaspar Barreiros, whose *Chorographia* had been printed in 1561, only two years before the publication of the *Coloquios* in Goa (see Ficalho, *op. cit.* pp. 297–298). But his scientific knowledge was really the result of the extensive practical ex-

tudo d'aquella "longua experiençia" a que se refere o seu amigo Camões. Pór isso, a "Orta insigne," como o poeta lhe chama no seu espirituoso trocadilho, poude produzir o "grão volume" que

"Dara na Mediçina hum nouo lume,
E descobrindo ira segredos çertos
A todos hos antiguos encubertos."

Esse "nouo lume" podia, em parte, ser o resultado da sua erudição; mas os "segredos çertos," que dão o excepcional valor á sua obra, são o fructo da experiencia que tinha adquirido, e das observações directas que tinha feito durante tantos annos, comprovadas pelos resultados practicos que tinha obtido.

"Garcia da Horta estava de posse d'um methodo scientifico rigoroso e arvorava a observação em criterio infallivel nas sciencias naturaes. N'este sentido, é um homem superior á sua época, porquanto, quando os mais avançados apenas faziam consistir a sua ousadia em preferir aos commentadores de Galeno o texto de Hippocrates, expurgado das alterações que lhe haviam feito soffrer, Garcia da Horta emancipa-se do respeito pela auctoridade e a sua divisa é esta: *eu vi*. Tambem o meio em que vivia dava-lhe uma certa liberdade de pensar e de exprimir o seu pensamento. Em Hespanha—é elle que o diz—certamente se não atreveria a affirmar coisa alguma contra os gregos e nomeadamente contra Galeno, mas nos sertões indianos, livre de peias, no seio d'uma vegetação livre e luxuriante, que importava o que haviam dito Dioscorides e Plinio, Avicena e Galeno, os antigos e os modernos? *Não me ponhaes medo com elles, eu vi*" (Dr Maximiano Lemos, *ob. cit.* pp. 280–281).

Tendo viajado muito na India, o seu espirito de observação e o seu criterio natural fizeram-lhe realizar a verdade ácerca das duas sciencias em que era mestre, o que lhe permittiu completar, aperfeiçoar ou emendar o que tinha lido nos livros. E nos seus *Coloquios*, sem pretenções a escriptor—e não as tinha certamente, porque escrevia mal—contou singelamente o que tinha

perience to which his friend Camões refers. All this enabled "the renowned Orta," as the poet calls him in his witty poem, to produce the "great volume" which

"Will give a new brilliance to Medicine
And will make known certain secrets
Which were hidden from all the ancients."

The "new brilliance" was partly the result of his book learning, but the "certain secrets" which give such exceptional value to his book were the fruit of his own personal observation and experiments over a long period of years.

"Garcia da Horta adhered to a rigorous scientific method and set up observation as an infallible criterion in natural sciences. In this respect he was ahead of his time, because when the most advanced considered themselves greatly daring in preferring the unaltered text of Hippocrates to the commentators of Galen, Garcia da Horta emancipated himself from respect for authority, taking as his motto: *I have seen*. Furthermore, the centre in which he lived gave him a certain freedom of thought and expression. In Spain—he says so himself—he would never have dared to affirm anything contrary to the Greek theories and particularly to those of Galen; but in the heart of India, free from the fetters of convention, in the midst of a free and luxuriant vegetation, it mattered little what Dioscorides had said, or Pliny, Avicenna or Galen, the ancients or the moderns. *Do not frighten me with them, I have seen*" (Dr Maximiano Lemos, *op. cit.* pp. 280–281).

Having travelled a great deal in India, he was able, through his powers of observation and his natural judgment, to gain valuable information connected with the two branches of science in which he was interested, and to correct and improve upon what he had read. And in his *Coloquios*, with no pretensions towards literary style—for he wrote badly—he gave an artless account of

visto. Como tão bem diz Ficalho, Garcia da Orta tinha

"uma certa curiosidade sceptica, que o levava a querer ver pelos seus olhos; tinha depois uma grande *probidade* scientifica, que o levava a dizer unicamente o que víra. Nada mais, e nada menos. Mas isto mesmo já era muito. Já era o bastante para o collocar entre os precursores da sciencia moderna; entre aquelles, que não leram só nos pesados in-folios, mas começaram a soletrar no grande livro, aberto á luz do sol."

Depois, descrevendo a auctoridade que, pela sua longa permanencia na India, o medico de Goa tinha adquirido para corrigir Dioscorides, escreve:

"E fel-o do modo o mais natural. Bastava-lhe dar um passeio em volta de Cochim, e ver a delicada planta da pimenta enrolando-se pelos troncos das arvores, para reconhecer que não era um arbusto erecto, como dissera Dioscorides, nem um vegetal similhante ao zimbro, como affirmára Plinio. Abalada assim a fé n'aquelles livros infalliveis, e dado o seu amor pela verdade, o resto vinha naturalmente. É, portanto, no grande movimento de viagens e descobrimentos dos portuguezes, que se filia toda a parte nova e original do seu livro. Orta dil-o claramente, quando exclama com um orgulho perfeitamente justificado: '*que se sabe mais em hũ dia aguora pellos Portuguezes do que se sabia em cem annos pellos Romanos.*'"

Finalmente, referindo-se á declaração de Garcia da Orta—que já mencionámos—na qual dizia que se estivesse em Hespanha não ousaria affirmar cousa alguma contra Galeno e contra os Gregos, Ficalho explica magistralmente essas palavras e a sua importancia:

"Esta phrase é sem duvida a mais notavel de todo o livro; é como a sua synthese. Resume a sua significação e explica as suas origens. Por ella nós vemos as viagens quebrando as peias da tradição auctoritaria; os horisontes scientificos alargando-se á medida que se alargam os horisontes geographicos; e Garcia da Orta dizendo-nos de Goa ou de Cochim o que não ousaria e

what he had seen. As Ficalho says so aptly, Garcia da Orta had

"a certain sceptical curiosity, which made him wish to see things with his own eyes; he had besides a great scientific *probity* which allowed him to say only what he had seen. Nothing more, and nothing less. But even this was already a great deal. It was enough to place him among the pioneers of modern science, among those who did not confine their reading to weighty folios, but were beginning to spell out words in that great book which is open to the light of day."

Then, referring to the fact that Orta's researches during his long stay in India had given him full authority to correct Dioscorides, he writes:

"And he did it in the most natural way. It was enough for him to take a walk round Cochin and to see the delicate pepper plant twining itself round the trunks of trees, to make him realise that it was not an erect shrub, as Dioscorides had said, nor a plant similar to the juniper, as Pliny had affirmed. His faith in these infallible books having been thus shaken, the rest came naturally to one with his innate love of truth. It is, however, to the great Portuguese movement of voyages and discoveries that all the new and original part of his book is due. Orta says so clearly, when he exclaims with perfectly just pride: '*that now more is learnt in one day through the Portuguese than was learnt in a hundred years by the Romans.*'"

Lastly, Ficalho gives a masterly explanation of the significance of Orta's statement that in Spain he would not dare to contradict Galen and the Greeks:

"This phrase is certainly the most notable in the whole book; it is like the synthesis of it. It summarises its significance and explains its origin. Through it we see the voyages breaking the fetters of dominating tradition; we see the scientific horizon widening as the geographical horizon widens; and we hear Garcia da Orta telling us things from Goa or Cochin which he would not have been able or have dared to ex-

não saberia dizer em Lisboa ou em Salamanca. Por esta phrase nós assistimos a todo o trabalho intellectual que libertou o medico portuguez do respeito cego pelos textos, e do qual nasceram os *Coloquios*" (*ob. cit.* pp. 302–303).

Tudo o que se podia dizer sobre Garcia da Orta, a sua vida, o seu tempo e a sua obra, foi dito pelo Conde de Ficalho, seu illustre biographo, cujas tão notaveis obras—*Garcia da Orta e o seu tempo* e *Coloquios dos Simples e Drogas da India. Edição dirigida e annotada pelo Conde de Ficalho*—estudámos especialmente para a composição d'estas notas. Comtudo, recorremos ainda á auctoridade de mais alguns escriptores, entre os quaes mencionaremos: Dr Maximiano Lemos (*ob. cit.* pp. 274–291), Sir Clements Markham (*ob. cit.*), Dr Teixeira de Carvalho (*ob. cit.* pp. 5–61), Dr A. da Silva Carvalho (*História da medicina portuguesa*, p. 18, e *Medicina. A literatura médica até ao fim do século* XVI in *Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada*, t. III, pp. 76–78), Aubrey Bell (*Portuguese Literature*, pp. 225–226), e Louis H. Roddis (*Garcia da Orta—The first European writer on tropical medicine and a pioneer in pharmacognosy*). Este ultimo auctor, depois de fazer um caloroso elogio do famoso medico Portuguez, alvitra a seguinte idea, que merece a nossa inteira sympathia:

"March 10, 1934 will be just four hundred years from the day on which da Orta set sail for India. It would be well if this date could be commemorated in some suitable manner by societies throughout the world concerned with the study and advancement of tropical medicine, pharmacy and botany. The issue of special editions of their official publications, or of articles and editorials on da Orta, his time and his work would well fit the occasion and bring to members of the professions of medicine and pharmacy the memory of a pioneer in both fields."

Esperamos que a idea suggerida se tornará uma realidade no momento dado, pois, seria para nós um motivo de alegria ver prestar uma homenagem

press in Lisbon or Salamanca. This phrase enables us to visualise the whole of the intellectual labour which freed the Portuguese medical man from his blind respect for the printed text, and which brought the *Coloquios* into being" (*op. cit.* pp. 302–303).

All that can be said about Garcia da Orta, his life, his work and his times, has been said by his distinguished biographer, the Conde de Ficalho, whose notable works—*Garcia da Orta e o seu tempo* and *Coloquios dos Simples e Drogas da India. Edição dirigida e annotada pelo Conde de Ficalho*—have been our chief authority in the composition of these notes. We have, however, consulted certain other writers, among whom we would mention: Dr Maximiano Lemos (*op. cit.* pp. 274–291), Sir Clements Markham (*op. cit.*), Dr Teixeira de Carvalho (*op. cit.* pp. 5–61), Dr A. da Silva Carvalho (*História da medicina portuguesa*, p. 18, and *Medicina. A literatura médica até ao fim do século* XVI in *Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada*, vol. III, pp. 76–78), Aubrey Bell (*Portuguese Literature*, pp. 225–226), and Louis H. Roddis (*Garcia da Orta—The first European writer on tropical medicine and a pioneer in pharmacognosy*). The last of these makes the following suggestion, which has our complete sympathy:

"March 10, 1934 will be just four hundred years from the day on which da Orta set sail for India. It would be well if this date could be commemorated in some suitable manner by societies throughout the world concerned with the study and advancement of tropical medicine, pharmacy and botany. The issue of special editions of their official publications, or of articles and editorials on da Orta, his time and his work would well fit the occasion and bring to members of the professions of medicine and pharmacy the memory of a pioneer in both fields."

We hope that the suggestion will be carried out at the appropriate time, for it would give us real joy to see homage rendered to this Portuguese

Ao Conde do Redondo, viso Rey da India, Luis de camoēs.

Aquelle vnico exemplo
De fortalezà eroyca, e de ousadià.
Que mereçeo, no templo
Dà eternidade, ter perpetuo dià:
Ho grão filho de thetis, que dez annos
flagello foi dos miseros troianos.
Não menos insinado
Foi nas eruas, e medica notiçia,
Que destro, e costumado
No soberbo exerçiçio da miliçi a:
Asi que has maós, que a tantos morte deram
tambem a muytos vida dar puderam.
E não se desprezou
Aquelle fero, e indomito mançebo
Das artes, que insinou.
Par ho langui do corpo, ho intonso Phebo:
Que ho temido Heitor matar podia
Tambem chaguas mortais curar sabia:

Tais artes aprendeo
Do semiuiro mestre, e douto velho.

Donde

Coloquios dos simples, e drogas da India

168 Primeira pagina da ode de Luiz de Camões ao Conde do Redondo
First page of the ode by Luiz de Camões addressed to the Conde do Redondo

Medea, e cirçe nũcà conheçeram.
Posto que has leis da Magica excederam
E vede carreguado
Danos letras, e longua experiençia.
Hum velho que insinado
Das guangeticas Musas, na sciençia:
Podaliria sutil, e artè Siluestre.
Vençe ho velho chirom de achiles mestre:
Ho qual esta pidindo
Vosso fauor, e aiuda ao grão volume
Que aguora em luz saindo.
Dara na Mediçina hum nouo lume,
E descobrindo ira segredos çertos
A todos hos antiguos encubertos.

ASsi que não podeis
Neguar (como vos pede) beninà aura:
Que se muyto valeis
Na poluorosa guerra Indica, e Maura
A juday, quem aiuda contra ha morte
E sereis semalhante ao Greguo forte.

Coloquios dos simples, e drogas da India

169 Ultima pagina da ode de Luiz de Camões ao Conde do Redondo
Last page of the ode by Luiz de Camões addressed to the Conde do Redondo

ao sabio Portuguez e á sua obra. Sir Clements Markham, prestando um grande serviço, já honrou a memoria de Garcia da Orta, traduzindo em Inglez os seus *Coloquios*. Mas, elle merecia, realmente, ser commemorado, porque, como escreve o proprio Sir Clements,

"There have been eminent Indian botanists since his time. One need only mention the names of Van Reed, Roxburgh, Wallich, Wight and Hooker. But in the first place must always stand, 'primus inter pares,' the name of the illustrious Portuguese physician Garcia da Orta" (*loc. cit.*).

O medico de Goa, pelo seu saber e pela sua obra, faz parte do grupo de grandes homens que, n'aquella epocha admiravel, levantáram tão alto o nome de Portugal, porque todos—cada um na sua especialidade—souberam servir a Patria. E Garcia da Orta, escrevendo na India o seu famoso livro, serviu com honra o paiz a que tanto se orgulhava de pertencer, e foi um notavel obreiro do monumento da fama Portugueza no seculo XVI. Com inteira razão Ficalho escreve:

"Havia um dever de honra para a sciencia Portugueza, apontado por Matthioli e por Laguna—o de escrever um livro sobre as drogas d'aquella riquissima região, da qual Portugal se apoderára pelas armas. D'esse dever desempe-nhou-se Garcia da Orta, gloriosamente para si e para o seu paiz. Do mesmo modo que os *Tratados* de Pedro Nunes, ou os *Roteiros* de D. João de Castro, os *Coloquios* definem e accentuam o cunho scientifico da grande epocha dos descobrimentos Portuguezes" (*Garcia da Orta e o seu tempo*, p. 365).

Por todos os motivos, os *Coloquios dos ſimples* de Garcia da Orta, impressos em Goa em 1563, são não só uma preciosidade bibliographica, mas uma reliquia viva dos tempos em que a nossa sciencia fazia parte d'aquella historia, que—na phrase admiravel do Padre Antonio Vieira—"era o ſilencio de todas as hiſtorias"!

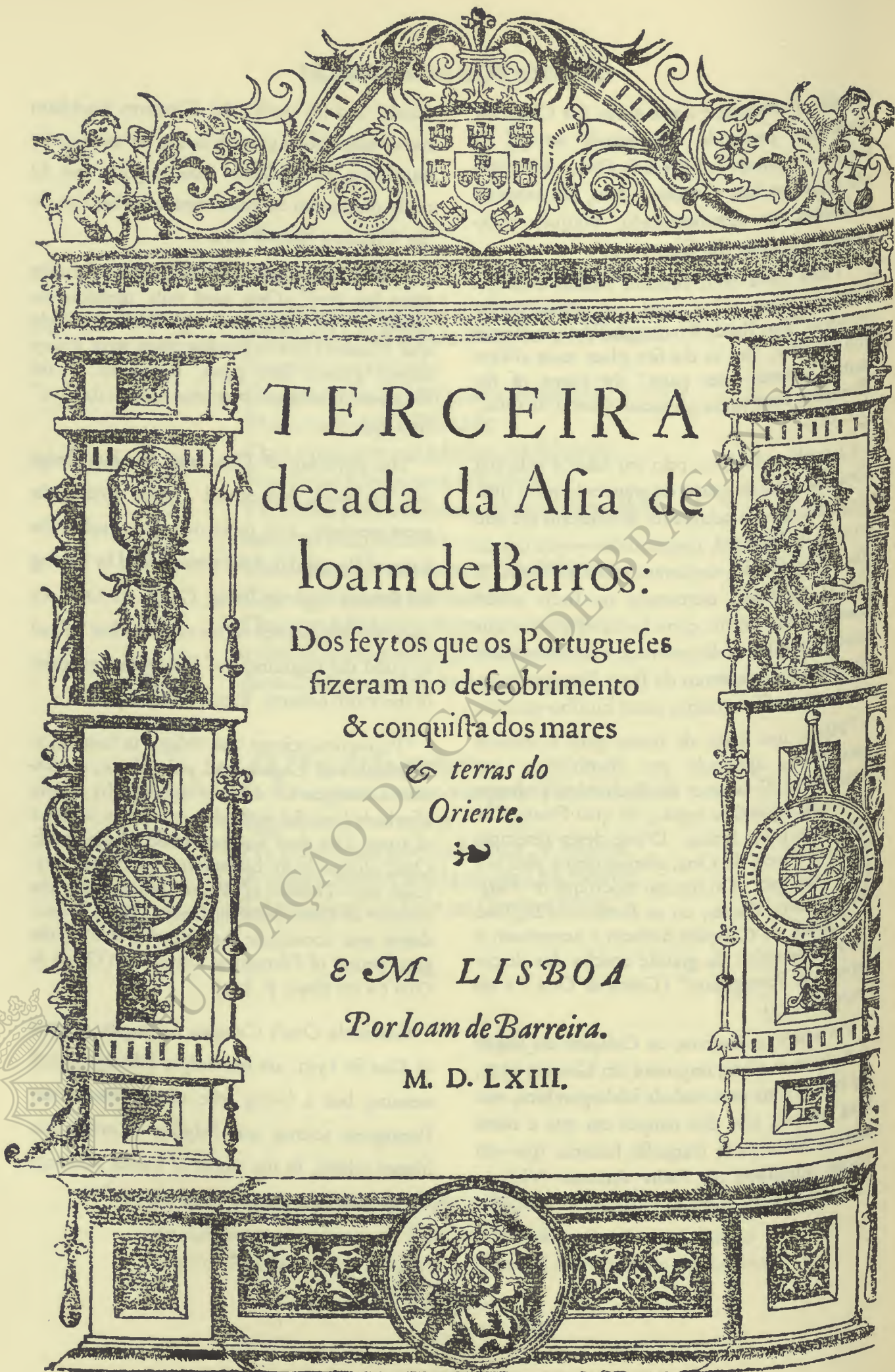
scholar and his work. Sir Clements Markham has already done a great service to his memory by translating the *Coloquios* into English; but he really deserves to be commemorated because, as Sir Clements himself says,

"There have been eminent Indian botanists since his time. One need only mention the names of Van Reed, Roxburgh, Wallich, Wight and Hooker. But in the first place must always stand, 'primus inter pares,' the name of the illustrious Portuguese physician Garcia da Orta" (*loc. cit.*).

The physician of Goa, with his knowledge and his work, has earned a place among the great men who, each in his own way, exalted the name of Portugal in those times. And by writing his famous book in India, Garcia da Orta not only brought honour to his country, but helped to build the monument of Portuguese greatness in the XVIth century. Ficalho truly says:

"Portuguese science was obliged in honour, as Matthioli and Laguna had pointed out, to produce a book on the drugs of that wealthy region, of which Portugal had taken possession by force of arms. This duty was performed by Garcia da Orta, gloriously for himself and for his country. Like the *Tratados* of Pedro Nunes and the *Roteiros* of Dom João de Castro, the *Coloquios* define and accentuate the scientific side of the great period of Portuguese discovery" (*Garcia da Orta e o seu tempo*, p. 365).

Garcia da Orta's *Coloquios dos ſimples*, printed in Goa in 1563, are not only a bibliographical treasure, but a living relic of the time when Portuguese science was helping to make that history which, in the words of Father Antonio Vieira, "was the silencer of all histories"!

170 Folha do rosto da *Terceira decada da Asia* de João de Barros
Title-page of the *Terceira decada da Asia* of João de Barros
Lisboa, 1563

101 JOÃO DE BARROS, TERCEIRA DECADA DA ASIA.
Lisboa, João de Barreira, 1563.

TERCEIRA | decada da Aſia de | Ioam de Barros: | Dos feytos que os Portu- gueſes | fizeram no deſcobrimento | & conquiſta dos mares | *& terras do* | *Oriente.* | *EM LISBOA* | *Por Ioam de Barreira.* | M. D. LXIII.

Titulo enquadrado por uma portada ornada de figuras e Espheras armillares, que tem na parte superior, ao meio, o escudo das Armas Reaes[1].

[fl. 2] A tauoada dos capitolos que ſe contem neſta obra | he a ſeguinte. [...]

[fl. 4] [...] Fim da Tauoada.

[fl. 5] PROLOGO. [...]

fl. 1. TERCEIRA DECADA | da Aſia de Ioam de Barros, [...] *Capitollo Primeiro.* [...]

fl. 266. [...] Fim da terceira Decada. | *Foy impreſſa a preſente obra em Lixboa, por Ioam de Barreira* | *impreſſor delRey noſſo ſenhor. Acabouſe aos* | *xviij. dias do mes de Agoſto. De* | *M.D.LXIII.*

Folio—[8], 266 folhas—38–40 linhas—algumas folhas teem numeração errada.

Numeração dos cadernos: ✠, 8 folhas; A–Z, 8 folhas cada caderno; Aa–Ii, 8 folhas cada caderno; Kk, 6 folhas; Ll, 4 folhas; total de 274 folhas.

Encadernação de carneira.

Folio—[8], 266 leaves—38–40 lines—some leaves wrongly numbered.

Collation by signatures: ✠, 8 leaves; A–Z, each 8 leaves; Aa–Ii, each 8 leaves; Kk, 6 leaves; Ll, 4 leaves; total 274 leaves.

Sheepskin binding.

A *Terceira decada da Aſia* de João de Barros foi impressa em Lisboa por João de Barreira em 1563, quer dizer dez annos depois da segunda ter sahido dos prelos de Germão Galharde. É uma obra muito rara—talvez mesmo mais rara que as duas que a precederam—á qual se referem numerosos auctores, entre os quaes citaremos: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 607), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 103), In-

The *Terceira decada da Aſia* of João de Barros was printed in Lisbon by João de Barreira in 1563, that is ten years after the publication of the second *Decad* by Germão Galharde. It is a very rare work—perhaps even more so than the two books which preceded it—and is referred to by many authors, including Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, p. 607), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI,

[1] *Title within an architectural border adorned with figures and armillary Spheres, and having the Royal Arms in the centre at the top.*

nocencio (*Diccionario*, vol. III, p. 322), Figaniere (*Bibliographia Historica Portugueza*, p. 169), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 63), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 180), Brunet (*Manuel du Libraire*, t. I, col. 669), Salvá (*Catálogo*, nº 3272), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 176), que nos indicam a existencia de apenas tres exemplares: um na Bibliotheca da Ajuda, um em Paris (Bibliothèque de l'Arsenal), e um na New York Public Library. Comtudo, Innocencio, Figaniere e Sousa Viterbo mencionam um exemplar na Bibliotheca Nacional e outro no Archivo Nacional; em vista de Anselmo e Proença os omittirem da sua lista, suppômos que elles tenham desapparecido. Alem dos exemplares indicados, temos conhecimento de mais tres: um no Museu Britannico, outro na Bibliotheca da Universidade de Harvard (*Catalogo Palha*, nº 4141), e o nosso, que se encontra perfeitamente conservado.

Como já escrevemos tudo o que nos parecia necessario a respeito do illustre João de Barros, da sua vida e da sua obra, nas nossas notas sobre a *Aſia, Decadas* I e II (ver pp. 288–301), e sobre a *Cronica do Emperador Clarimundo* (ver pp. 466–473), nada mais accrescentaremos aqui, a não ser algumas phrases do *Prologo* da *Terceira decada*, nas quaes elle demonstra a profundidade das suas ideas.

Ahi, depois de se referir a muitos auctores da antiguidade, Barros explica a importancia da "liçã da hiſtoria" para as diversas nações e para os homens que as governam e administram; por isso, diz, se alguem entrar "no conſelho pubrico" sem o conhecimento da historia, "ę como hũ mudo entre doctos oradores, ou ſurdo ante armonia de vozes." E accrescenta que os Italianos são

"gęralmente tam dados á liçam da hiſtoria, por cauſa do gouerno da patria, pera da conferencia do paſſado ordenarem o preſente, que ſe traz quáſy em prouerbio: Italianos ſe gouernam pello

p. 103), Innocencio (*Diccionario*, vol. III, p. 322), Figaniere (*Bibliographia Historica Portugueza*, p. 169), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 63), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 180), Brunet (*Manuel du Libraire*, vol. I, col. 669), Salvá (*Catálogo*, no. 3272), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 176), who indicate the existence of only three copies: one in the Ajuda Library, one in Paris (Bibliothèque de l'Arsenal), and one in the New York Public Library. Innocencio, Figaniere and Sousa Viterbo mention copies in the National Library and in the Archivo Nacional; but, as Anselmo and Proença omit them from their list, we presume that these two must have disappeared. We know of three more copies, however, one in the British Museum, another in the Harvard University Library (*Palha Catalogue*, no. 4141) and our own, which is in a very good state of preservation.

As we have written all that seemed to us necessary about João de Barros, his life and his work, in our notes on the *Aſia, Decads* I and II (see pp. 288–301), and on the *Cronica do Emperador Clarimundo* (see pp. 466–473), we shall do no more here than to reproduce a few passages from the *Prologo* to this third *Decad*, where he gives evidence of a great depth of thought.

There, Barros refers to many writers of antiquity and explains how important it is for the different nations and their governors and administrators to devote themselves to the "reading of history," going so far as to say that if anyone takes part "in the public council" without knowledge of history, "he is like a dumb man among learned orators, or a deaf man before the harmony of voices." And he adds that the Italians are

"generally so given to the reading of history, in connection with the government of the country, so as to order the present in accordance with the past, that it has become almost a proverb that the Italians are governed by the past, the Spaniards

paſſado, Eſpanhões pello preſente, & os Franceſes pera o que eſtá por vir."

Na verdade, o seu *Prologo* é uma licção de historia—"eſpertador do entendimento"—na qual explica e critica muita cousa. Censura aquelles que, conhecendo a historia Grega e Romana, não sabem o nome do ultimo Rei do seu paiz, "ainda que coma os beẽs da coroa que o proprio rey dá (*sic*) aſeu avõ"; e censura egualmente aquelles que esquecem o nome

"do primeiro jnſtituidor do morgado ou capęlla que peſſuyem. No qual eſquecimento, parece que o tal jnſtituidor do morgado, o adquirio & adjuntou per tal módo, que a cõta deos em numero daquelles per os quáes a eſcriptura diz: & álem-brança delles ſerá deſerta, quaſy como ſe nam foram no mundo. Por ſer juſta couſa eſquecerem aquelles: que por ſerem lembrados na tęrra, ſe eſqueceram do ceo."

Verdadeiro mestre, o *Livio Portuguez* compoż, n'uma linguagem bella e sonora, uma perfeita licção sobre a historia e a maneira de a escrever. Por isso, queixa-se dos escriptores que não dizem a verdade, ou aquelles que calam "os louuores dalguem," ou notam "ſuas táchas por ódio: ou por comprazer a outrem." Não se deve inventar, diz, como se não devem escrever vitu-perios, infamias ou falsidades.

"Nẽ menos conuẽ á fę da hiſtoria, dizer, q̃ dos jmigos morrerã tantos mil, feridos ſem conto, & dos noſſos mortos forã dous ou tres, & feridos doze. Iá nomes torpes, cruęes & de vituperio, como vſã algũs neſte noſſo tẽpo, chamando aos reys de Frãça & Ingratęrra o Frances o Ingres, & per eſte módo os da parte cõtraira outros taes ao Emperador: mais victupęrã a quem os diz, q̃ porquẽ ſe dizem." Admiravel sentença!

Refere-se então ás fabulas, citando algumas das principaes, tanto antigas como modernas, com as quaes não concorda, apezar de que ás vezes "eſte

by the present, and the French by what is to come."

The *Prologo* is in truth a lesson in history—that "awakener of the understanding"—and much is explained and criticised therein. There is blame for those who are steeped in Greek and Roman history, but do not know the name of the last King of their country, "although they are living on the crown-lands which that very king had made over to their grandfather"; and also for those who forget the name

"of the founder of the estate they possess. From which forgetfulness it would appear that the said founder of the estate had acquired and formed it in such a way that God accounted him among those of whom the Holy Scripture says: 'and the remembrance of them shall cease, almost as if they had never been in the world'; since it is right that they should be forgotten, who, in order to make themselves remembered on earth, have for-gotten heaven."

Like a true master, the *Portuguese Livy* gives, in his beautiful and sonorous prose, a perfect lesson on history and how it should be written. He complains of writers who do not tell the truth, or withhold "the praises of someone," or note "his faults through hatred: or to please some-one else." Nothing must be invented, he says, nor must anyone give way to vituperation or write down scandals or falsehoods.

"Still less does it contribute to faithful history to say that so many thousands of the enemy were killed, and their wounded were countless, while only two or three of our men were killed and twelve wounded. Already base, cruel and vitu-perative names are used by some writers in this our time, who call the kings of France and England the Frenchman, the Englishman, while those on the other side apply similar names to the Emperor: but these vilify those who use them more than those against whom they are used."

Barros then refers to fables ancient and modern, citing some in which he does not believe, al-though in some cases "this mode of writing" has

TERCEIRA DECADA da Asia de Ioam de Barros, dos feitos que os Portugueses fizeram no descobrimento & conquista dos mares & terras do Oriente.

¶ Capitollo Primeiro. Como el Rey dom Manuel mandou por capitam geral & gouernador da India Lopo Soárez Dalbergaria em hũa armada de treze náos: o qual partio deste reyno o anno de quinhẽtos & quinze. E do que fez depois que partio, & assi na India com sua chegáda.

OMO o coraçam dos Reys (segũdo diz a escriptura) está em a mão de Deos, por serem na terra seus ministros no gouerno della, moueo o animo del Rey dom Manuel, aque este anno de quinhẽtos & quinze mandasse gouernador á India, pola necessidade q̃ auia de ter de quem á gouernasse, por causa do falecimento de Afonso Dalboquerque, segũdo elle mesmo dezia, estando na agonia da mórte: posto que a tençá del Rey em ô mandar vir, era pera lhe dar galardam do trabalho das armas q̃ per espaço de dez annos tinha passado. E porque Lopo Soárez Dalbergaria, filho do Châceler mór Ruy Gomez Daluarenga, era neste reyno estimado por hũa pessoa de muyta prudençia, & narmada q̃ o anno de quinhétos & quátro el Rey mãdou á India, de q̃ elle foy por capitam mór, se mostrou poder seruir este cárgo de gouernador & capitã geral da India: ordenou de ô mandar narmada deste anno de quinze, em q̃ Afonso Dalboquerque se auia de vir. No qual anno el Rey tomou outro termo açerca do gouerno das cousas da India: assi naquellas q̃ tocauã á conquista & guerra della, co-

A j mo

171 Primeira pagina da *Terceira decada da Asia* de João de Barros
First page of the *Terceira decada da Asia* of João de Barros
Lisboa, 1563

genero de efcriptura" tenha tido por fim "dar na duçurá da fabula o leite da doctrina"; e termina o seu *Prologo*—e nós as nossas notas—com este periodo magistral, que, se João de Barros o deixou cahir da sua penna ha mais de trezentos e cincoenta annos, parece ter sido dedicado a uma grande parte da litteratura actual:

"Mas efcripturas que nam tem efta vtilidade de liçam, alem de fe nellas, perder o tempo que ę a mais preciofa coufa da vida, barbarizam o engenho & enchem o intendimento de cifco, cõ a enxurrada dos feitos & dictos que trazem. E o que ę mais pera temer efcandalizam álma, concebendo ódio & má opiniam das partes jnfamadas per elles. Por caufa de euitar os quáes damnos, parece que feria coufa muy jufta per edito pubrico, apepelada (*sic*) das taes efcripturas, fer entregue ás tendeyras pera emburilhar cominhos, como dizia Perfio polos verfos dalguũs fracos poëtas do feu tempo."

been used "to impart the milk of knowledge in the sweetness of fable"; and he concludes his *Prologo*—as we will end our notes—with this magnificent passage, which, although it was penned more than three hundred and fifty years ago, might have been inspired by much in present-day literature:

"But writings which do not contain this useful teaching, besides wasting time, which is the most precious thing in life, barbarise the intelligence and fill the mind with filth, because of the multitude of facts and sayings they contain. And what is more to be feared, they offend the soul, and create hatred and scorn of the virtues execrated by them. In order to avoid this harm, it seems that it would be a very just thing to make a public edict that the paper covered by such writings should be handed over to the shopkeepers for wrapping up caraway seeds, as Persius said of the verses of certain weak poets of his time."

Foy impreffa a prefente obra em Lixboa, por Ioam de Barreira impreffor del Rey noffo fenhor. Acaboufe aos xviij. dias do mes de Agofto. De M.D.LXIII.

172 Colophon da *Terceira decada da Afia* de João de Barros
Colophon of the *Terceira decada da Afia* of João de Barros
Lisboa, 1563

HORAS
DE NOSSA SENHORA
ROMAANS EN LINgoaiem Portugues, emẽdadas com muyta diligẽçia e acreçentadas de muyto mais Cousas, que em outras nam ha.

EM PARIS,
Em Casa de Ieronymo de Marnef, à o signo do Pelicano.
M. D. LXIII.

173 Folha do rosto das *Horas de Nossa Senhora*
Title-page of the *Horas de Nossa Senhora*
Paris, 1563

102 HORAS DE NOSSA SENHORA.

Paris, Jeronymo de Marnef, 1563.

HORAS | DE NOSSA SENHORA | ROMAANS EN LIN- | goaiem Portugues, emẽdadas | com muyta diligẽçia e acre | çentadas de muyto mais | Cousas, que em ou- | tras nam ha.

Gravura de um pelicano, com a legenda, aos lados[1]*:*

EM MIM A MORTE. | EM MIM A VIDA.

| EM PARIS, | Em Casa de Ieronymo de Marnef, | à o signo do Pelicano. | M. D. LXIII.

fl. 2.

Começa o calendario[2].

fl. 151 vo. [...] As cousas conteudas em o presente | liuro sam estas que se seguem. [...]

[fl. 1 vo.] [...] FINIS.

16º—151, [1] folhas—24 linhas—a negro e vermelho—sem reclamos—com gravuras.

Numeração dos cadernos: A–T, 8 folhas cada caderno; total de 152 folhas.

Encadernação de marroquim.

O livro intitulado *Horas de Nossa Senhora Romaans en Lingoaiem Portugues,* impresso em Paris "Em Casa de Ieronymo de Marnef, à o signo do Pelicano" em 1563, é quasi desconhecido. Innocencio (*Diccionario,* vol. VII, p. 376) menciona-o, mas com o titulo errado; e consultámos muitos outros auctores, mas o unico entre elles que o descreve, ou mesmo que o menciona, é Sousa Viterbo, porque poude examinar o exemplar, absolutamente perfeito, que existia na livraria do bibliophilo Ferreira das Neves, e que hoje se encontra na nossa Bibliotheca. Segundo consta, existe tambem um exemplar incompleto na Bibliotheca Nacional de Paris.

Este rarissimo livro, cuidadosamente impresso a negro e vermelho, contem diversas delicadas gravuras, que reproduzimos. Quanto ao seu

16mo.—151, [1] leaves—24 lines—in red and black—no catchwords—with woodcuts.

Collation by signatures: A–T, each 8 leaves; total 152 leaves.

Morocco binding.

The *Horas de Nossa Senhora Romaans en Lingoaiem Portugues,* printed in Paris "in the House of Jeronymo de Marnef at the sign of the Pelican" in 1563, is an almost unknown work. Innocencio (*Diccionario,* vol. VII, p. 376) mentions it, but gives the title incorrectly; and we have consulted many other authors, but the only one among them who describes it, or even mentions it, is Sousa Viterbo, who was able to examine the perfect copy which used to be in the library of the bibliophile Ferreira das Neves and is now in our possession. It appears that there is also an incomplete copy in the Paris National Library.

The book is beautifully printed in red and black, and contains some fine engravings, which we reproduce. The author is unknown, and, as

[1] *Woodcut of a pelican, and, down the sides, the legend:*
[2] *Beginning of the calendar.*

auctor, ignora-se quem fôsse, e no livro não vem a minima indicação que, como escreve Sousa Viterbo, "nos servisse de fio de Ariadne para encontrar o auctor."

Como já vimos (p. 546), Brunet cita umas *Horas de Nossa Senhora* em Portuguez, impressas em Paris em 1500 (ver *Manuel du Libraire*, t. v, col. 1667); porem, essa edição não é a unica que alli foi estampada antes da que possuimos, pois Sousa Viterbo—citando o livro de Francisque Michel, *Les Portugais en France et les Français en Portugal*—menciona umas outras *Horas de Nossa Senhora*, egualmente em linguagem, impressas em Paris em 1555. Como nas *Horas* de 1500, descriptas por Brunet, se lê, "Tresladado todo d'latin ẽ linguoajẽ purtuges visto e emẽdado por o reuerẽdo frei Johã claro pourtuges doctor," Sousa Viterbo escreve, referindo-se ás *Horas* de 1555 e 1563:

"Serão estas edições meras reproducções da de 1500, apenas modificadas na linguagem, ou foram redigidas por outra penna? O estylo julgamol-o um pouco antiquado para a epocha e parece que se está a revêr n'elle a escripta de fr. João Claro. Mera supposição, destituida talvez de fundamento."

A supposição do douto academico é sem duvida admissivel, e não custa a crer que a edição de 1563—pois só essa conhecemos—seja uma reproducção, certamente modificada na linguagem, d'aquella traduzida, vista e emendada em 1500 pelo illustre monge de Cister João Claro, cujos brilhantes estudos em Paris lhe alcançáram grande fama como theologo, e que depois foi lente de Theologia da hora de vespera na Universidade de Lisboa, e finalmente Abbade de S. João de Tarouca.

Em todo o caso, não póde haver duvida que o livro contem algumas ideas e expressões surprehendentes. Nos dez mandamentos, por exemplo, lê-se (fl. 143 vº): "Nam faras nem cauaras ymagem. Nem ſemelhãca (*sic*) de couſa que ſeia em cima do ceeo. Nem da terra aiuſo. Nem que ande nas agoas do mar &

Sousa Viterbo says, the work contains not the slightest indication which could "serve as a clew of Ariadne and lead us to the author."

As we have already seen (p. 546), Brunet refers to some *Horas de Nossa Senhora* in Portuguese, printed in Paris in 1500 (see *Manuel du Libraire*, vol. v, col. 1667); but that was not the only edition printed there before the one of which we have a copy. Sousa Viterbo—citing Francisque Michel's work *Les Portugais en France et les Français en Portugal*—mentions another book of Hours in Portuguese printed in Paris in 1555. The *Horas* of 1500, described by Brunet, contains a declaration that it was "All translated from Latin into the Portuguese tongue, revised and corrected by the reverend Portuguese brother, Doctor John Claro"; and Sousa Viterbo writes of the 1555 and 1563 editions:

"Would these editions be mere reproductions of that of 1500, scarcely altered in language, or were they the work of another pen? The style seems to us a little antiquated for the period, and one seems to see the hand of Frei John Claro in it. This is mere supposition, perhaps without any foundation."

The learned academician's hypothesis is certainly admissible, and we do not find it hard to believe that the 1563 edition—which is the only one we know—may be a reproduction, with a few changes, of the one translated, revised and corrected in 1500 by the Cistercian monk John Claro, whose brilliant studies in Paris earned him fame as a theologian, and who became a professor of Theology in Lisbon University, and was afterwards made the Abbot of S. João de Tarouca.

But there is no doubt that the book contains some surprising ideas and expressions. For instance one of the ten commandments reads (fl. 143 vo.): "Thou shalt not make or hollow out an image, or the likeness of anything above the sky or in the earth beneath, or in the waters of the sea, or under the earth." And we learn with surprise that the seventh work of charity is "to

ſo a terra." E nas obras de miſericordia (fl. 144), vêmos com assombro, que a setima é "repairar egreias & pontes"! Alem d'estas estranhas affirmações, certas orações do livro, que dizem ser privilegiadas com indulgencias fabuloſas concedidas pelos Papas João XXII, Innocencio III e Sixto IV, são realmente supersticiosas: por conſequencia, comprehende-se que as "Horas de noſſa Senhora que trazem titulos de indulgencias fingidas, ou virtudes de certas orações ſuperſticioſas," tenham sido prohibidas no *Rol dos liuros defeſos* de 1564, e novamente no *Catalogo* de 1581, o que explica a extrema raridade de *Horas* Portuguezas do seculo XVI. Apezar de se encontrarem algumas cousas estranhas n'esta obra, ella contem tambem uma oração, bella, devota e cheia de encanto, que tem para nós um significado especial: a *Oraçam a noſſa ſenhora por os nauegantes das indias.*

"O Glorioſa virgem Maria caminho dos errados & verdadeyra eſtrella do mar a qual ſempre endereças & metes em a via & porto de ſaude os peccadores andantes & errantes em o mar em hõdas deſte mundo: humildoſamente te rogamos que queyras tornar a tua benigna face: & auer piedade & miſericordia: & rogando teu doce: & muyto amado filho Ieſu Chriſto q̃ lhe praza em prazer, & alegria: & ſaude da alma & do corpo leuar & trazer teus proues & indignos ſeruidores nauegantes em os horriueys & impetuoſos mares das indias os quaes nam tanto por auareza & cobiiça de beens riquezas terreaes como por proueyto & vtilidade do pouoo comum ſam de dia & de noyte em periigo de ſuas vidas & trabalho de ſeus corpos em grãde pena & calamidade miſerauel ſobre as agoas do mar. E te rogamos doçe madre de deos tu que es teſouro & madre de graça que eſtendas atua maon (*sic*) deeſtra & deſtribuas & des dos teſouros da tua miſericordia a te⁹ indignos ſeruidores os quaaes nam tem outro refugio nem eſperança depoys do teu muyto amado filho Ieſu Chriſto ſe nã tu em maneyra que por teus dignos merecimentos & rogos poſſam viir ao porto deſeiado: & dignamente ſeruir & ſaudar com

repair churches and bridges" (fl. 144)! In addition to these strange affirmations, there are prayers full of superstition which are supposed to carry with them the most fabulous indulgences said to have been conceded by Popes John XXII, Innocent III and Sixtus IV, so it is easy to understand why "Books of Hours of Our Lady containing feigned indulgences or certain superstitious prayers" were banned in the *Rol dos liuros defeſos* of 1564 and again in the *Catalogo* of 1581, a fact which explains the rarity of Portuguese XVIth century books of Hours. But though it contains some strange things, it contains *A Prayer to Our Lady for those sailing to the Indies* which has a special significance for us.

"O glorious Virgin Mary, the pathway of the lost ones and the true star of the sea, who always directest and settest in the way and haven of safety all the wandering sinners who go upon the surging sea of this world: we humbly beseech thee to turn thy benign face and have pity and mercy, asking thy sweet and well beloved Son Jesus Christ to be pleased to lead and bring thy poor and unworthy servants in contentment, joy and health of body and mind across the dread and impetuous Indian seas; for the navigators—not so much from avarice and covetousness for the goods and riches of this world, as from a desire to profit and help the common people—are night and day in peril of their lives, labouring with their bodies, in great suffering and miserable distress on the waters of the sea. And we beseech thee, sweet Mother of God, thou who art the treasury and mother of grace, that thou wilt stretch out thy right hand and distribute and give of the treasures of thy charity to thine unworthy servants, who, after thy well beloved Son Jesus Christ, have no refuge and hope but in thee, in such a way that by thy worthy merits and prayers they may reach the longed-for port, and worthily serve and salute thee with

aquella angelical ſaudaçam com a qual o anio Gabril te ſaudou dizendo. Aue Maria" (fl. 142–fl. 143).

A esta encantadora oração segue-se uma outra, curiosa e em verso, por El-Rei e pela Rainha.

Grande parte das nossas informações fôram colhidas do interessante estudo de Sousa Viterbo, do qual citámos diversos trechos (ver *A Livraria Real, especialmente no reinado de D. Manuel—Livros de Horas*, pp. 42–52). Não ha duvida que as *Horas* Portuguezas do seculo XVI desappareceram quasi inteiramente, sendo o nosso exemplar da edição estampada em Paris em 1563 talvez o unico completo que exista. Até ha pouco tempo não havia conhecimento de *Horas* em linguagem impressas em Portugal no seculo XVI. Sabiamos (ver p. 244) que em 1572 Francisco Corrêa tivera, por dez annos, o privilegio para a impressão do livro *Horas de Nossa Senhora*; mas não ha o minimo vestigio da obra que deve ter sahido dos prelos d'esse impressor. Comtudo, em 1931, dois fragmentos de livros de *Horas* em linguagem, e estampados em Portugal, fôram achados, quasi milagrosamente, um na Belgica, outro na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e ambos—facto curioso—dentro de encadernações de livros antigos. Já podémos examinar estes dois interessantes fragmentos: o de Lisboa (30 folhas), impresso em 1563, tivemol-o entre mãos em Paris em 1931—na Exposição de Arte Portugueza—graças á gentileza do Dr José de Figueiredo, a quem apresentamos os nossos agradecimentos; o da Belgica (40 folhas), impresso por João Alvares dois annos depois, em 1565, tambem o podémos manusear socegadamente, devido ao seu proprietario, que teve a amabilidade de o enviar a Londres para que o podessemos ver, e a quem agradecemos egualmente a gentileza. É realmente curioso que, depois de seculos, as *Horas de Nossa Senhora* em linguagem comecem a apparecer nova-

the angelic salutation with which the angel Gabriel saluted thee: saying *Ave Maria*" (fl. 142–fl. 143).

This lovely prayer is followed by a curious one in verse, for the King and Queen.

A great part of our information is taken from Sousa Viterbo's interesting study, from which we have quoted several passages (see *A Livraria Real, especialmente no reinado de D. Manuel—Livros de Horas*, pp. 42–52). There is no doubt that such Portuguese books of Hours as were published in the XVIth century have almost entirely disappeared, our copy of the Paris edition of 1563 being perhaps the only complete one in existence. Until a short time ago, no Portuguese books of Hours printed in Portugal at that period were known. We were aware (see p. 244) that in 1572 Francisco Corrêa was granted the monopoly of printing the *Horas de Nossa Senhora* for ten years; but so far no trace of any work of the kind from his press has been found. In 1931, however, some leaves from two books of Hours in Portuguese, and printed in Portugal, made an almost miraculous appearance, both inside the bindings of old books, one in Belgium, and the other in the Lisbon National Library. The Lisbon fragment consists of thirty leaves from an edition printed in 1563, and it was included in the Exhibition of Portuguese Art in Paris in 1931, when, thanks to the courtesy of Dr José de Figueiredo, to whom we would express our gratitude, we were able to make a careful examination of it. We were equally fortunate as regards the Belgian find of forty leaves from an edition printed by João Alvares two years later, in 1565, for the owner, to whom we tender our sincere thanks, was kind enough to send his interesting possession over to London for us to see. It is indeed curious that, after so many centuries, the *Horas de Nossa Senhora* in the Portuguese

KL Nouẽbro tẽ di xxx.lu.xxix.
noyte tem.xvj.ho.dia.viij.

	d	Dia de todollos ſanctos.
xiij	e	comemoraçam dos finados
ij	f	reſtituo confeſſor.
	g	amancio biſpo & cõfeſſor.
x·	A	
	b	leonardo confeſſor.
xviij	c	herculiano biſpo & martyr.
vij	d	hos quatro coroados mar.
	e	theodoro martyr.
xv	f	
iiij	g	Martinho biſpo & cõfeſſor.
	A	martinho papa.

B iiij

174 Gravuras das *Horas de Nossa Senhora.* Woodcuts from the *Horas de Nossa Senhora.* Paris, 1563

175 Gravuras das *Horas de Nossa Senhora*. Woodcuts from the *Horas de Nossa Senhora*. Paris, 1563

mente. Esperamos que, um dia, se encontre um exemplar completo, e no qual seja dito, tambem, quem foi o seu auctor. O volume que possuimos, um dos pouquissimos textos Portuguezes impressos no estrangeiro durante o seculo XVI, é realmente uma linda preciosidade bibliographica.

vernacular should begin to appear again. We only wish another complete copy would come to light, but one bearing the author's name. Our own copy of one of the few Portuguese texts to be printed outside Portugal in the XVIth century is truly a bibliographical treasure.

176 Gravuras das *Horas de Nossa Senhora*
Woodcuts from the *Horas de Nossa Senhora*
Paris, 1563

Quia abſcondiſti hæc a ſapientibus & prudentibus, & reuelaſti ea paruulis. Math. xj.
Confiteor tibi pater Domine cœli & terræ

VES·TODO·ESTE·SANGVE
DERRAMEI·POR·TEV·AMOR

Liuro da vida admirauel da Bēauēturada
Catherina de Genoa, & de ſua ſctā doctri-
na. Traduzido de Italiano ē Romāce Por
tugues, por o Doctor Helias de lemos
E hūa ſua breue & proueitoſa doctrina.
¶Contem ſe alem da vida da ſancta, hū tratado do
Purgatorio da meſma ſancta, & hū ſeu Dialogo:

177 Folha do rosto da *Vida da Bēauēturada Catherina de Genoa* do Dr Elias de Lemos
Title-page of the *Vida da Bēauēturada Catherina de Genoa* of Dr Elias de Lemos
Lisboa, 1564

103 ELIAS DE LEMOS, VIDA DA BẼAUẼTURADA CATHERINA DE GENOA.

Lisboa, João de Barreira, 1564.

Liuro da vida admirauel da Bẽauẽturada | Catherina de Genoa, & de ſua ſctã doctri- | na. Traduzido de Italiano ẽ Romãce Por | tugues, por o Doctor Helias de lemos | E hũa ſua breue & proueitoſa doctrina, | Contemſe alem da vida da ſancta, hũ tratado do | Purgatorio da meſma ſancta, & hũ ſeu Dialogo.

Por cima, uma gravura que representa Nosso Senhor com a Cruz ás costas, vertendo sangue, e a Santa de joelhos; ao redor o versiculo de S. Mattheus[1]*:*

Confiteor tibi pater Domine cœli & terræ | Quia abſcondiſti hæc a ſapientibus | & prudentibus, & reuelaſti ea paruulis. Math. xj.

e na parte inferior da gravura as palavras[2]*:*

VES. TODO. ESTE. SANGVE. | DERRAMEI. POR. TEV. AMOR.

[fl. 1 vo.—fl. 2]

Privilegio Real de 10 Outubro, 1564, e approvações de Fr. Jeronymo de Genova e Fr. Manuel da Veiga[3].

[fl. 2 vo.] Ao muito magnifico ſenhor | Dom Martinho pereira. | Epiſtola do padre Helias de Lemos inter- | prete deſta obra. [...]

[fl. 3 vo.] TABOADA. [...]

[fl. 7] [...] Fim da Taboada. | Se o lector achar no processo do liuro al | gũa ſentẽça eſcura recorra aos erros da im | preſſam q̃ ſam os ſeguintes, [...]

fl. 8 vo. Dom Manoel de Portugal, em lou- | uor da bẽauenturada Catherina de | Genoa, & da tradução q̃ da ſua vi | da fez ho Doctor Helias de | Lemos. [...]

É um soneto[4].

fl. 1—fl. 44 vo. Breue doctrina a modo | de prohemio do Doctor Helias de | lemos [...]

fl. 1. Quaes foram os padres & | parentes da bẽ auenturada Catherina, [...] Capitulo primeiro. [...]

fl. 219 [aliás 217] vo. [...] Acabaſe a vida da nobre madona | Catherina Adorna.

fl. 220 [aliás 218]. Tratado do Purgatorio. Da | MESMA BEMAVENTV | rada Catherina Adorna. [...]

[1] *Above is a woodcut of Our Lord, bearing the Cross on His shoulders, with blood pouring from His wounds, and the Saint kneeling before Him; around it is the verse from St Matthew:*
[2] *And at the bottom of the woodcut are the words:*
[3] *Royal privilege dated October 10th, 1564, and approbations of Fra Geronimo of Genoa and Frei Manuel da Veiga.*
[4] *This is a sonnet.*

fl. 237 [aliás 235]. Dialogo da meſma bẽauen | TVRADA CATHERINA | entre a alma & o corpo, [...]

fl. 346 [aliás 344]. [...] FIM.

fl. 346 [aliás 344] vo. Acabouſe de imprimir em | Lixboa em caſa de Ioão da Bar | reira impreſſor delRey noſſo | ſenhor, aos ſete Doutubro. | De M. D. LXIIII.

8º—[8], 44, 346 (aliás 344) folhas—20 linhas—sem titulos correntes.

Numeração dos cadernos: ✠, 8 folhas; a–e, 8 folhas cada caderno; f, 4 folhas; A–Z, 8 folhas cada caderno; Aa–Vv, 8 folhas cada caderno; total de 396 folhas; as folhas ✠ 3 e a 2 não teem as-signaturas; b 3, d 3, Y 4 e Gg 4 teem assignaturas erradas a 3, c 3, V 4 e Hh 4 respectivamente.

Encadernação de carneira.

8vo.—[8], 44, 346 (alias 344) leaves—20 lines—no headlines.

Collation by signatures: ✠, 8 leaves; a–e, each 8 leaves; f, 4 leaves; A–Z, each 8 leaves; Aa–Vv, each 8 leaves; total 396 leaves; leaves ✠ 3 and a 2 have no signature marks, and b 3, d 3, Y 4 and Gg 4 are wrongly marked a 3, c 3, V 4 and Hh 4 respectively.

Sheepskin binding.

O *Liuro da vida admirauel da Bẽauẽturada Catherina de Genoa*, traduzido de Italiano "ẽ Romãce Portugues, por o Doctor Helias de lemos," foi impresso em Lisboa por João de Barreira em 1564, sendo possivel que o nosso exemplar—o mesmo que fez parte da Bibliotheca do Marquez de Castello Melhor, e depois da de Nepomuceno (ver *Catalogo*, nº 948)—seja o unico que exista. São poucos os auctores que se referem a esta preciosidade bibliographica: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. I, p. 749) menciona-a como uma obra manuscripta; Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos Seculos* XVI *e* XVII, 1888, p. 75) reproduz o alvará de 10 de Outubro de 1564 concedendo a Elias de Lemos o privilegio para a impressão da sua traducção por seis annos; Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 183–185) dá uma detalhada descripção do livro, da qual Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 182) extrahiram a sua noticia.

Segundo Barbosa, Elias de Lemos, cuja patria ignora, foi Dominicano, e teve a fortuna de ser discipulo do illustre Frei Bartholomeu dos

The *Liuro da vida admirauel da Bẽauẽturada Catherina de Genoa*, translated from the Italian "into Portuguese by Doctor Helias de Lemos," was printed in Lisbon by João de Barreira in 1564, and our copy—formerly in the Library of the Marquis de Castello Melhor and afterwards in that of Nepomuceno (see *Catalogo*, no. 948)—is possibly the only one in existence. Few authors refer to this bibliographical treasure. Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. I, p. 749) mentions it only as a manuscript work; Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos Seculos* XVI *e* XVII, 1888, p. 75) reproduces the *alvará* of October 10th, 1564, granting to Elias de Lemos the sole rights to publish his translation for a period of six years; Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 183–185) gives a detailed description of the book, which is copied by Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 182).

According to Barbosa, Elias de Lemos, whose birthplace is unknown, was a Dominican monk, and was fortunate enough to be a disciple of

Martyres; mas, soffrendo de varias molestias que lhe impediam a observancia da vida religiosa, deixou o claustro,

"e como era muito verſado na Theologia Moral foy provido em o Priorado da Igreja Matriz do Salvador da Villa de Pombeiro Cabeça de Condado em o Biſpado de Coimbra onde exercitou as obrigaçoens de vigilante Paſtor" (*loc. cit.*).

E nada mais sabemos do Padre Elias de Lemos. Certamente, teve uma grande devoção pela Bemaventurada Catherina de Genova, da nobre familia dos Fieschi, que passou a sua vida em Genova soccorrendo os doentes, de quem tractou especialmente durante as epidemias de peste que assoláram a cidade em 1497 e 1501. Nascida cerca de 1448, falleceu em Genova em 1510, vindo a ser canonizada pelo Papa Clemente XII em 1737.

N'uma especie de prefacio, intitulado "Breue doctrina a modo de prohemio"—apezar de ser mais longo do que breve—o Dr Elias de Lemos escreve:

"Ho q̃ eſcreueo a vida deſta ſancta, foy o ſeu confeſſor (como no liuro ſe diz) [na folha 153 vº diz-se com effeito que grande parte do livro foi escripto pelo confessor da Bemaventurada Catherina, sem, comtudo, indicar o seu nome] ho q̃l era homẽ de muy grãde credito, ẽ toda Genoa por ſua virtude & grãde ſãctidade & Reitor do hoſpital grande.... Outro religioſo juntamẽte deuoto da ſancta ajudou ao cõfeſſor a eſcreuer eſtas couſas q̃ da propria boca da ſancta ouuirã, & nã pretẽdeo o ſancto cõfeſſor a elegãçia & eſtilo, mas ſó a verdade & ſimplicidade cõ q̃ a ſctã iſto dizia, & por iſto nã vã eſtas couſas muito ordenadas."

E accrescenta esta interessante declaração:

"A tradução foi cõ tãta preſſa, q̃ os q̃ me mouerã a traduzir me derão, q̃ ꝑa tã pouco tẽpo creo q̃ ſoprio o fauor da bẽauẽturada Caterina, porq̃ dẽtro de dous meſes ſe determinou imprimir, & ſe traduzio, imprimio, & eſcreueo quãto eſtá neſte liuro, alẽ de paſſarẽ tudo os deputados do ſancto officio."

Frei Bartholomeu dos Martyres; but various troubles made it difficult for him to observe the monastic rule, so he left the convent,

"and, as he was most proficient in Moral Theology, he was made Prior of the Mother Church of Our Saviour in Pombeiro, the Head of the *Condado* in the Bishopric of Coimbra, where he fulfilled the obligations of a vigilant Pastor" (*loc. cit.*).

Father Elias de Lemos seems to have had a special devotion for St Catherine of Genoa, who belonged to the noble family of Fieschi, and spent her life in Genoa caring for the sick, especially during the plagues in 1497 and 1501. Born about 1448, she died in Genoa in 1510, and was formally canonised by Pope Clement XII in 1737.

In a kind of preface, called "Brief doctrine by way of a prologue," though it is far from brief, Dr Elias de Lemos says:

"The writer of the life of this saint was her confessor (as it says in the book) [it is indeed affirmed on leaf 153 vo. that most of the book was composed by St Catherine's confessor, but there is no indication of his name] who was a man of great credit in all Genoa, on account of his virtue and great holiness, and was Rector of the great hospital.... Another monk, equally devoted to the saint, helped the confessor to write these things which they had heard from the saint's own mouth, and the holy confessor did not seek after elegance and style but simply to set down the truth and simplicity with which the saint herself spoke, wherefore these things are not in very good order."

He adds this interesting declaration:

"The translation was made in such haste, to which those who induced me to translate urged me, that I believe the blessed Catherine's favour must have had to do with the shortness of the time, because within the space of two months it was decided to print the work, and all that is in this book was translated, written and printed, not to mention that it was passed by the deputies of the Holy Office."

❧ Acabouſe de imprimir em Lixboa em caſa de Ioão da Bar reira impreſſor delRey noſſo ſenhor, aos ſete Doutubro. De M. D. LXIIII.

178 Colophon da *Vida da Bẽauẽturada Catherina de Genoa* do Dr Elias de Lemos
Colophon of the *Vida da Bẽauẽturada Catherina de Genoa* of Dr Elias de Lemos
Lisboa, 1564

Depois de diversas considerações, termina o "prohemio" com estas palavras:

"E o q̃ efte liuro cõtẽ, ę tudo o q̃ efcreui á determinaçã & juizo da fctã madre igreja, ẽ cuja fe efpo viuer & morrer" (fl. 43 vº–fl. 44 vº).

O livro sahido dos prelos de João de Barreira a 7 de Outubro de 1564, "foy vifto & aprouado" pelo Padre Manuel da Veiga, "examinador de liuros" do Cardeal Infante D. Henrique, Inquisidor Mór; porem, no tempo da dominação Hespanhola, encontramol-o no *Catalogo dos Liuros defefos nos Regnos de Portugal* de 1581; na folha 17 vº lê-se: *Caterina de Genua.* É mais uma obra que, tendo sido approvada pelos representantes do Cardeal Infante, foi prohibida pela censura Felippina! Esse facto explica a extrema raridade da *Vida da Bẽauẽturada Catherina de Genoa* "ẽ Romãce Portugues," da qual o unico exemplar conhecido se encontra na nossa Bibliotheca.

The *prohemio* concludes with these words:

"And this book contains all that I wrote in accordance with the decision and determination of holy mother church, in whose faith I hope to live and die" (fl. 43 vo.–fl. 44 vo.).

The book finished by João de Barreira on October 7th, 1564, was "seen and approved" by Father Manuel da Veiga, "examiner of books" to the Cardinal Infante Dom Henrique, the Inquisitor General; yet we find *Caterina de Genua* prohibited in the *Catalogo dos Liuros defefos nos Regnos de Portugal* (fl. 17 vo.) published in 1581, during the Spanish domination. So we have yet another work which the censorship under Spanish influence saw fit to ban, though it had been approved by the representatives of the Cardinal Infante! This fact explains the rarity of the Portuguese translation of the *Vida da Bẽauẽturada Catherina de Genoa,* the only known copy of which is in our Library.

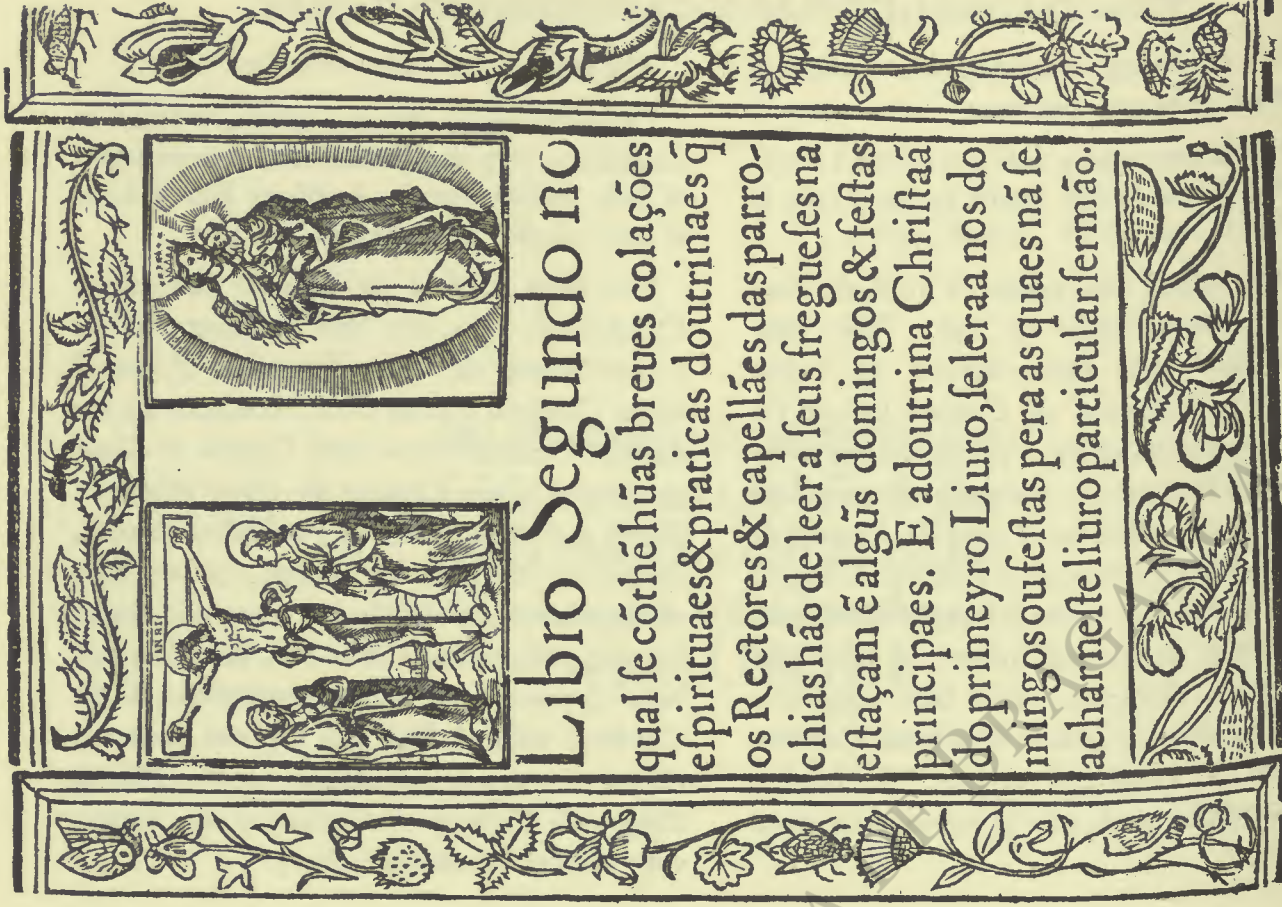
Catechiſmo ou Doutri
na Chriſtaã & Praticas ſpirituaes. Orde-
nado por Dom Frey Bartholameu dos
Martyres Arcebiſpo & ſenhor
de Braga Primas das
Eſpanhas &c.

*Pera ſe ler nâs parrochias deſte noſſo Arcebiſpado
onde não ha pregacam.*

Em Braga.
Por Antonio de Maris Empreſſor do Senhor
Arcebiſpo. E cõ licença de ſua S. R.
1564.
Taxado ẽ papel a cẽto[illegible] [illegible]ncoetarẽs.

179 Folha do rosto do *Catechiſmo* de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres
Title-page of the *Catechiſmo* of D. Fr. Bartholomeu dos Martyres
Braga, 1564

Libro Segundo no
qual ſe cõthẽ hũas breues colações
eſpirituaes & praticas doutrinaes q̃
os Rectores & capellães das parro-
chias hão de leer a ſeus fregueſes na
eſtaçam ẽ algũs domingos & feſtas
principaes. E a doutrina Chriſtaã
do primeyro Liuro, ſe leraa nos do
mingos ou feſtas pera as quaes nã ſe
achar neſte liuro particular ſermão.

180 Folha do rosto do Livro II do *Catechiſmo* de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres
Title-page of Book II of the *Catechiſmo* of D. Fr. Bartholomeu dos Martyres
Braga, 1564

104 D. FR. BARTHOLOMEU DOS MARTYRES, CATECHISMO. Braga, Antonio de Mariz, 1564.

Catechiſmo ou Doutri | na Chriſtaã & Praticas ſpirituaes. Orde- | nado por Dom Frey Bartholameu dos | Martyres Arcebiſpo & ſenhor | de Braga Primas das | Eſpanhas &c. | *Pera ſe ler nas parrochias deſte noſſo Arcebiſpado* | *onde não ha pregacam.* |
Brasão do Arcebispo de Braga[1].

Em Braga. | Por Antonio de Maris Empreſſor do Senhor | Arcebiſpo. E cõ licença de ſua S.R. | 1564. | *Taxado ẽ papel a cẽto & cincoẽta rẽs.*

[fl. 2] DOm frey Bartholameu dos Martires [...] Arcebp̃o | & ſñor de Braga [...] Pol- | la preſẽte mãdamos [...] | Dada em Braga aos tres dias de Nouẽbro de 1564.
Assignatura em fac-simile[2]: O arcebispo primas.

[fl. 2 vo.] Taboada do que ſe | conthem no preſente Catheciſmo. [...]

[fl. 4] Proemio. [...]

fl. j. Liuro .j. Da Doutrina Chriſtaã. | [...] Capitulo Primeyro. [...]

fl. cvj. [...] Fim do primeyro | Liuro.

[fl. cxiij] Libro Segundo no | qual ſe cõthẽ hũas breues colações | eſpirituaes & Praticas doutrinaes q̃ | os Rectores & capellães das parro- | chias hão de leer a ſeus fregueſes na | eſtaçam ẽ algũs domingos & feſtas | principaes. E adoutrina Chriſtaã | do primeyro Liuro, ſe leraa nos do | mingos ou feſtas pera as quaes nã ſe | achar neſte liuro particular ſermão.
A epigraphe é emmoldurada por tarjas, e tem por cima duas pequenas gravuras[3].

fl. ccxxxvj vo. [...] Fim da Doutrina Chriſtaã | E Praticas Spirituaes.

[fl. ccxxxvij] Algũs auiſos geeraes | pera os Rectores & Curas. [...]

fl. ccxl vo. [...] LAVS DEO. | ACABOVSE DE IMPRIMIR | o preſente Catechiſmo na Cidade de Braga | em caſa de Antonio de Maris Empreſor | do Senhor Arcebiſpo, aos iiij. de | Nouembro. 1564.

4º—[6], cvj, [cxiij]—ccxl folhas—25 linhas.
Numeração dos cadernos: ✠, 6 folhas; A–N, 8 folhas cada caderno; O, 2 folhas; P–Z, 8 folhas cada caderno; Aa–Gg, 8 folhas cada caderno; total de 240 folhas; a folha Cc 3 tem assignatura errada C iij.

Encadernação de marroquim.

4to.—[6], cvj, [cxiij]—ccxl leaves—25 lines.
Collation by signatures: ✠, 6 leaves; A–N, each 8 leaves; O, 2 leaves; P–Z, each 8 leaves; Aa–Gg, each 8 leaves; total 240 leaves; leaf Cc 3 is wrongly marked C iij.

Morocco binding.

[1] *Arms of the Archbishop of Braga.*
[2] *Facsimile signature of:* O arcebispo primas.
[3] *The title is beneath two small woodcuts and the whole is within a woodcut border.*

O *Catechiſmo ou Doutrina Chriſtaã & Praticas ſpirituaes*, ordenado por D. Frei Bartholomeu dos Martyres, foi impresso pela primeira vez em Braga em 1564 por Antonio de Mariz, "Empreſſor do Senhor Arcebiſpo." Entre os auctores que se referem a esta rara edição *princeps*, citaremos: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. I, p. 469), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 84), Innocencio (*Diccionario*, vol. I, pp. 334-335), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 381), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 59), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 840), que indicam a existencia de exemplares nas seguintes Bibliothecas: Lisboa (tres exemplares), Porto, Evora e Rio de Janeiro; a essa lista podemos accrescentar mais dois exemplares: o da Catholic University of America (Oliveira Lima Collection) em Washington, e o nosso, admiravelmente conservado, e que pertenceu ao bibliophilo Jeronymo Ferreira das Neves.

O *Catechiſmo ou Doutrina Chriſtaã* de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres é bastante semelhante ao *Compendio De doctrina Chriſtãa* compilado pelo seu amigo Fr. Luiz de Granada, do qual já nos occupámos (ver pp. 552-557); a sua obra, "Pera ſe ler nas parrochias deſte noſſo Arcebiſpado onde não ha pregacam (*sic*)," teve por fim—como o *Compendio* do Provincial da Ordem de S. Domingos—tornar mais conhecida a palavra de Deus. No *Proemio*, o grande Arcebispo de Braga, depois de se referir á obrigação imposta por Nosso Senhor aos "paſtores das almas" quando lhes disse, "Apaſcẽtai minhas ouelhas," escreve:

> "Não he minha tençam agora lamẽtar quam mal os paſtores neſtes triſtes tẽpos cũprẽ cõ eſta obrigaçã, porque não ordenei eſte tratado pera remediar ou enſinar os paſtores, mas ſomẽte pera em algũa maneira ſoccorrer ao deſemparo das pobres ouelhas."

Ha, diz, tres maneiras de dar "paſto" ás ove-

The *Catechiſmo ou Doutrina Chriſtaã & Praticas ſpirituaes*, composed by Dom Frei Bartholomeu dos Martyres, was printed for the first time in 1564 in Braga by Antonio de Mariz, "Printer to the Lord Archbishop." Among those who refer to this rare *editio princeps* are: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. I, p. 469), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 84), Innocencio (*Diccionario*, vol. I, pp. 334-335), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 381), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 59), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 840), who mention copies in the following Libraries: Lisbon (three copies), Oporto, Evora and Rio de Janeiro. We can add two more to this list: the one in the Catholic University of America (Oliveira Lima Collection) at Washington, and our own beautiful copy, which belonged to Jeronymo Ferreira das Neves.

Dom Frei Bartholomeu dos Martyres' *Catechiſmo ou Doutrina Chriſtaã* greatly resembles the *Compendio De doctrina Chriſtãa* compiled by his friend Frei Luiz de Granada, which we have already studied (see pp. 552-557), for, like the *Compendio*, this work—"To be read in the parishes of this our Archbishopric where there is no sermon"—was written to spread the word of God. In the *Proemio*, the great Archbishop refers to the obligation which Our Lord laid upon "shepherds of souls" when He said to them, "Feed my sheep," and writes:

> "It is not now my intention to lament how badly pastors in these sad times fulfil this obligation, because I did not compose this treatise to remedy or teach pastors, but only to relieve in some measure the distress of the poor sheep."

There are three kinds of "pasture" for the sheep:

lhas; "paſto de doutrina, de exemplo de vida, & de oraçam"; este ultimo,

"que he o mais occulto, elles & Deos vem quam frios & negligentes ſam niſſo. E quanto ao paſto de bom exemplo de vida, todo mundo vee quãtos ha que neſte caſo mais cumprem com o officio de lobos que de paſtores."

Ácerca da doutrina, o Santo Primaz queixa-se da negligencia dos

"Abbades, Rectores, & Capelães, em fazer exhortações ſanctas & eſpirituaes a ſeus freguefes. ...E ſe algũs dizem algũas palauras, ſam de maneyra que nem pegam, nem fazem fructo, nem edificam as conſciencias, nem acendẽ faiſca algũa de deuaçam ou de bom propoſito nos corações dos ouuintes: antes tam frios & diſtrahidos ſe tornam acabada a Miſſa como entraram na ygreja."

Este mal, "que ſe muyto deue chorar na ygreja de Deos," faz-se sentir sobretudo nas egrejas "dos montes & lugares onde nunca ou muy poucas vezes ha prêgaçam," porque os "freguefes" nunca ouvem outra doutrina senão a que lhes diz o cura ao Domingo. "Toda a ſomana (*sic*) tratam, falam, & cuydam nas couſas deſte mundo: ao domingo vam a caſa de Deos buſcar hum bocado de mantimẽto pera a alma"; o dever do pastor é "terlhe feito o jãtar eſpiritual" com "algũa ſancta doutrina," que lhes "deſperte a memoria pera ſe lẽbrarem das couſas de ſua saluaçam." E na sua linguagem singela, mas bella pôr lhe ser dictada pelo amor tão sincero que tem ao seu rebanho, o Arcebispo exclama:

"Se as miſeras ouelhas nam acham eſte comerzinho feito, q̃ faram? Taes ſe tornarão quaes vieram....Que ſe pode eſperar, ſenam que aſsi como os corpos morrem quãdo paſſam muytos dias ſem lhe darem de comer, aſsi moiram aquellas almas por falta do mantimento eſpiritual."

D. Fr. Bartholomeu não pretende que os curas "ſe ponhã a tratar couſas altas, & materias que nam entendẽ"; quer simplesmente que elles en-

"pasture of holy doctrine, of an example of life, and of prayer"; with regard to the last

"which is the most hidden, they and God can see how cold and negligent they are in this. And as for the pasture of a good example of life, all the world can see how many there are who in this respect fulfil the office of wolves rather than shepherds."

The Primate then complains of the neglect of the

"Abbots, Rectors and Chaplains to make holy and spiritual exhortations to their parishioners.... And if any do say a few words, it is in such a way that they neither take root, nor bear fruit, nor stimulate the conscience, nor kindle any spark of devotion or good resolution in the hearts of the hearers, who go home at the end of the Mass as cold and unheeding as they were when they entered the church."

This evil "which should be greatly bewailed in the church of God" is most evident in the churches "in the mountains and places where there is never or hardly ever a sermon," because the parishioners never hear any doctrine but what the curate tells them on Sunday. "All the week they treat, speak and think of the things of this world and on Sunday they go to the house of God to seek a morsel of food for the soul"; the pastor's duty is "to have prepared the spiritual dinner for them" with "some holy doctrine" which "will rouse their minds to remember the things necessary for their salvation." And in his ingenuous language, made beautiful by the sincere love to which it bears witness, the Archbishop exclaims:

"If the miserable sheep do not find this little meal waiting, what will they do? They will go back as they came.... What can be expected but that, as bodies die when many days pass without their receiving food, so will those souls die for lack of spiritual nourishment."

Dom Frei Bartholomeu maintains that the priests need not "set themselves to discuss high things, and matters which they do not under-

sinem ás suas ovelhas "doutrinas moraes," que lhes lembrem a paixão de Christo, e as exhortem ao amor das virtudes e odio do peccado, ao temor da morte, do juizo e do inferno, e á esperança do paraizo, dizendo: "Nas quaes cousas quanto basta pera o pouo, sabe bem falar todo sacerdote que bem sabe viuer."

Exposta a situação em que se encontra o seu querido rebanho, o Prelado declara:

"E querendo eu em algũa maneira acodir a este mal (como me obriga meu officio pastoral) polla multidam das freguesias que ha neste Arcebispado de Braga, na mayor parte das quaes nam ha preegaçam: Detreminei (*sic*) ordenar a seguinte doutrina accõmodada ao proposito que disse. s. qual conuem pera se dizer aa gente popular, pera os trazer a algum conhecimento & amor de Deos. E por isso nam quis multiplicar autoridades, nem trazer doutrinas de Theologia escuras & difficiles de entender, somẽte escolhi aquillo que me pareceo ser mais conueniente a este proposito."

Então, explica que a sua obra se divide em dois livros, tractando o primeiro da doutrina Christã, e o segundo das practicas espirituaes sobre as Missas de diversos Domingos e festas principaes do anno, para que o povo "em algũa maneira entenda & goste o que se diz na Missa, pois pera isso se diz." A esta explicação, accrescenta a seguinte phrase, que prova a sua firmeza, e demonstra o conhecimento que tinha das suas ovelhas:

"E os Rectores & Capellães nã leterados, não se escusem dizendo que nam sabem decrarar ao pouo a doutrina que a Igreja traz na Missa: porque lendo elles ao pouo em cada domingo & festa o sermanzinho & sancta pratica que pera tal dia a qui vay escrita, comprirão com sua obrigaçam, & o pouo ficarà consolado & edificado."

D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, sem duvida uma das mais illustres figuras da Egreja em Portugal, nasceu em Lisboa, na freguezia dos

stand," but should simply teach their people "moral doctrines," remind them of the Passion of Christ, and exhort them to the love of virtue and hatred of sin, to the fear of death, judgment and hell, and to the hope of paradise, saying that "Every priest who knows how to live a good life can say enough on these subjects for the people's needs."

Having expounded the unhappy situation of his beloved flock, the Prelate declares:

"And as I wished in some way to check this evil (as I am obliged to do by my pastoral office) throughout the multitude of parishes in this Archbishopric of Braga, in most of which there is no sermon, I decided to compile the following doctrine in accordance with the purpose I have explained, that is, doctrine suitable for the common people, to bring them to some knowledge and love of God. And for this reason I have not sought to multiply authorities or to find obscure and difficult theological doctrines, but have chosen only what I thought most convenient for this purpose."

He then explains that his work is divided into two books, the first treating of the Christian doctrine and the second containing spiritual expositions on the Masses for certain Sundays and the principal feasts of the year, so that the people "may in some measure understand and enjoy what is said at Mass, for that is why it is said"; and he adds the following sentence, which shows his strength of mind and his understanding of his flock:

"And the unlettered Rectors and Chaplains have no excuse for saying that they are unable to declare to the people the doctrine which the Church has embodied in the Mass; because if they will read to the people each Sunday and feast day the little sermon and holy doctrine which is written here for that day, they will fulfil their obligation and the people will be consoled and edified."

Dom Frei Bartholomeu dos Martyres, who was certainly one of the outstanding figures in the Portuguese Church, was born in Lisbon, in

Martyres, em Maio de 1514, sendo filho de Domingos Fernandes e Maria Corrêa que, escreve Frei Luiz de Sousa, "vivião abaſtados de bẽs da terra, & não tinhão menos do Ceo." Conta o mesmo celebre Dominicano, que o futuro Arcebispo Primaz veiu ao mundo

"com hum notavel ſinal, & bem illustre pronoſtico do que auia de ſer delle ao diante. Tinha na mão direita ſobre as coſtas della naturalmẽte impreſſa hũa Cruz, florida de quatro flores de liz nos quatro remates, como feitas de pincel, & da meſma forma, que ſaõ as que uzão os Comendadores de Auís, & as que andão nas diviſas da nossa Ordem....Muitas vezes acontece hõrar Deos com ſinaes anticipados os que tem eſcolhido pera ſerẽ inſignes no mundo" (*Vida de Dom Frei Bertolamev dos Martyres*, 1619, fl. 3).

Novissimo, pois tinha apenas 14 annos, recebeu em 1528 o habito de S. Domingos no mosteiro de Lisboa, onde, no anno seguinte, fez a profissão solemne.

"Alli fez o curso de artes e estudou depois theologia, revelando nos seus estudos grande engenho. No capítulo provincial celebrado em Guimarães em 1532, defendeu conclusões com notavel argúcia. Dedicou-se depois á theologia mýstica, e durante mais de vinte annos regeu cadeiras de artes e theologia nos conventos de Lisboa e da Batalha. Nomeado em 1551 por companheiro do provincial Fr. Francisco de Bovadilha, para votar no capítulo geral que se celebrava no convento de Santo Estevam de Salamanca, alli defendeu conclusões com tanto crédito da ordem dominicana e applauso do seu nome, que o geral da ordem, Fr. Francisco Romeu, lhe conferiu a patente de mestre com grandes elogios. Em junho do mesmo anno reuniu-se em Lisboa capítulo provincial, em que foi eleito por definidor" (Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, t. III, parte II, p. 743).

N'essa epocha, o Infante D. Luiz, "Principe de quem ſe não pòde falar, por ſuas grandes partes, ſem prologos de muito louvor," pediu nomeadamente Fr. Bartholomeu para ensinar

the parish of Martyres in May, 1514. His parents were Domingos Fernandes and Maria Corrêa, who, as Frei Luiz de Sousa writes, "had a sufficiency of the goods of this world, and not less of those of Heaven." The same Dominican tells that the future Primate was born

"with a notable sign and most illustrious prognostication of what he was afterwards to become. On the back of his right hand there was the natural impression of a Cross, with four fleurs-de-lys at the four ends, as though painted in, and of the same shape as those used by the Knights Commanders of Aviz, and as those in the devices of our Order....God often honours with prophetic signs those whom he has chosen to be eminent in this world" (*Vida de Dom Frei Bertolamev dos Martyres*, 1619, fl. 3).

At the early age of fourteen, he received the habit of St Dominic in the Lisbon monastery, where he took solemn vows the following year.

"There he studied the arts, and afterwards took a course of theology, revealing a great aptitude for his studies. During the provincial assembly at Guimarães in 1532, he defended theses with notable subtlety. He afterwards devoted himself to mystical theology and for more than twenty years he held professorships of arts and theology in the monasteries of Lisbon and Batalha. In 1551, he was nominated as companion to the provincial Frei Francisco de Bovadilha to vote at the general assembly in the convent of St Stephen in Salamanca, and there his defence of theses brought such credit upon the Dominican Order and drew such applause for him personally, that the general of the Order, Frei Francisco Romeo, praised him greatly and made him a *mestre*. In June of the same year the provincial assembly was held in Lisbon, and he was then elected assistant provincial" (Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. III, part II, p. 743).

At that time, the Infante Dom Luiz, "a Prince of whom one cannot speak without prefacing one's words with much praise of his many qualities," particularly asked Frei Bartholomeu

theologia a seu filho D. Antonio, o futuro Prior do Crato. O virtuoso Dominicano seguiu logo para Evora, onde estava o discipulo. Alli residia, quando foi eleito Prior do Convento de Bemfica, logar que exerceu até 1559 (ver Fr. Luiz de Sousa, *ob. cit.* fl. 9–fl. 11), quando, com magua e surpreza suas, foi nomeado Arcebispo de Braga. Já contámos como foi escolhido para esse tão elevado cargo (ver p. 555).

D. Fr. Bartholomeu começou então a sua obra admiravel de Arcebispo Primaz, na qual, como verdadeiro e santo pastor, trabalhou durante vinte e dois annos, de 1559 a 1581. Não podemos, infelizmente, narrar essa vida tão bella; demais, ella foi escripta por uma penna illustre, a de Fr. Luiz de Sousa. N'esse livro encantador, podemos seguir passo a passo o grande Arcebispo, desde o seu nascimento até á sua morte em 1590. Exemplar em tudo, D. Fr. Bartholomeu pensou unicamente nas suas ovelhas, e nunca em si; dava tudo o que podia, e mesmo mais do que podia. Sendo Arcebispo Primaz, considerava-se sempre um humilde frade, e essa humildade causava o espanto e a admiração de todos. Quando foi ao Concilio de Trento em 1560, conta o seu biographo, procurou durante a viagem occultar sempre que poude a sua elevada situação, pedindo pousada nos conventos da sua Ordem, como um simples religioso. Não queria nem honras nem festas, e muitas vezes, para não ser reconhecido, entrava a pé nas terras onde devia passar a noite, e só, ou com o seu companheiro Fr. Henrique de Tavora, que depois foi Bispo de Cochim e Arcebispo de Goa, ia, como um peregrino, bater á porta de um convento.

E assim chegou a Trento. No Concilio, a sua santidade, a sua auctoridade, e a sua sabedoria creáram-lhe uma verdadeira fama, sendo a sua voz ouvida sempre com respeito. Deu prova d'essa excepcional auctoridade quando foi discutida no Concilio a questão se os Cardeaes

to teach theology to his son Dom Antonio, the future *Prior do Crato*; so the Dominican proceeded to Evora, where his pupil was in residence. He was still living there when he was elected Prior of the Convent of Bemfica, a position he held until 1559 (see Frei Luiz de Sousa, *op. cit.* fl. 9–fl. 11), when, to his own surprise and grief, he was nominated Archbishop of Braga. We have already described how he came to be chosen for this high position (see p. 555).

For the next twenty-two years, until 1581, Dom Frei Bartholomeu, as Primate, worked among his flock like a true and saintly shepherd. We cannot, unfortunately, write the life of this Archbishop; but in the pages of Frei Luiz de Sousa's delightful book we can follow him step by step, from his birth until his death in 1590. Exemplary in every way, Dom Frei Bartholomeu thought only of his people and never of himself; he gave all he could, and more. Though he was the Primate, he always considered himself a humble monk, and his humility was admired and wondered at by everyone. His biographer tells that, on the way to the Council of Trent in 1560, he tried as much as possible to disguise his high position, and used to beg a lodging in the monasteries of his Order, as though he had been an ordinary monk. He wanted neither honours nor festivities, and often, to avoid being recognised, he would go on foot in the places where he was to pass the night, either alone or with his companion Frei Henrique de Tavora (afterwards Bishop of Cochin and Archbishop of Goa), and would knock at the door of some monastery like a poor pilgrim.

On his arrival at Trent, his holiness, his authority, and his knowledge soon earned him veritable fame in the Council, where his voice was always heard with the deepest respect. He gave proof of his exceptional authority when the question as to whether or not the Cardinals should be included in the reform of the Church,

deviam ou não ser comprehendidos na reforma da Egreja. Tendo começado a votação, "hũ a pos outro nemine discrepante, forão dizendo com a cortezia costumada: que os Illustrissimos, & Reverendissimos Cardeaes não avião mister reformados." Chegada a sua vez, o Arcebispo levantou-se, e, aproveitando-se da mesma phrase dos que tinham fallado antes d'elle, pronunciou, alto e bom som, estas palavras famosas, que fôram celebradas por toda a Christandade:

"*Os Illustrissimos, & Reuerendissimos Cardeaes hão mister hũa Illustrissima & Reuerendissima reformação.* E logo virando cõ muyta segurança pera onde estavão os Cardeaes Legados, & fazẽdo hũa muy cortez inclinação, disse com voz grave & sonora. *Vossas Senhorias Illustrissimas são as fontes donde todos os Prelados bebemos: E por tanto conuem que esta agoa esteja muy limpa & pura.*"

E Fr. Luiz de Sousa accrescenta:

"Aqui se mostrou bẽ quanto poder tem reformar hum homẽ primeiro em sy, o que pretende emendar nos outros. Como era publica, & conhecida a muyta religião, & rigor de vida do Arcebispo, não sòmente não causou alteração esta liberdade nos Cardeaes Legados, mas antes se affirma que ficàrão muy edificados della. Pera todos os mais Padres foy materia de gravissimo espanto, & a que nenhum se atrevera. E não os admirou menos a confiança com que se declarou: & sobre tudo verem suas palavras não sò toleradas, mas bẽ recebidas dos Cardeaes" (*ob. cit.* fl. 65–fl. 65 vº).

Aproveitando um intervallo das sessões do Concilio, foi a Roma. A narração d'essa viagem, em parte feita em companhia do Cardeal de Lorena, "seu grande affeiçoado," tambem é muito interessante. Lamentamos que a falta de espaço não nos permitta contar aqui a estada de D. Fr. Bartholomeu em Roma, e a maneira tão carinhosa como foi recebido pelo Papa. Paulo IV deu-lhe innumeras provas de consideração, ouvindo-o e consultando-o sobre diversos e importantes assumptos. E o Santo Arcebispo, com toda a humildade, mas com toda a firmeza, não

was being discussed in the Council. When the voting began, "one after the other, *nemine discrepante*, said with the customary courtesy that the most Illustrious and Reverend Cardinals had no need to be reformed." But when his turn came, the Archbishop rose, and using the same formula as those who had spoken before him, said these famous words plainly for all to hear:

"'The most Illustrious and Reverend Cardinals need a most Illustrious and Reverend reformation.' And then turning firmly to where the Cardinal Legates were seated, and making a very courtly bow, he said, in a deep and sonorous voice: 'Your most Illustrious Lordships are the fountains whence all we Prelates drink. It is therefore fitting that this water should be very clean and pure.'"

Frei Luiz de Sousa adds:

"This shows what power it gives a man to have reformed first in himself that which he aims at correcting in others. As the Spartan and very religious life led by the Archbishop was publicly known to all, this liberty did not anger the Cardinal Legates, but, on the contrary, it is affirmed that they were much edified by it. To all the other Fathers it was a matter of the gravest astonishment, and more than any of them would have dared to do. And they were not less amazed by the confidence with which he spoke, and above all by the realisation that his words were not only tolerated but well received by the Cardinals" (*op. cit.* fl. 65–fl. 65 vo.).

He took advantage of an interval in the sessions of the Council to go to Rome, and the account of his journey, part of it in company with the Cardinal de Loraine, "who had a great affection for him," is also most interesting. We regret that lack of space prevents us from describing Dom Frei Bartholomeu's stay in Rome, and his affectionate reception by the Pope. Paul IV gave him many proofs of esteem, consulting him on various important matters; and the holy Archbishop, firm through all his humility, never

hesitou nunca em dizer a Sua Santidade tudo o que pensava para o bem da Egreja. Como premio, pediu ao Papa que lhe acceitasse a sua renunciação do Arcebispado, pedido que o Pontifice não satisfez. Durante a sua estada em Roma, travou uma estreita amizade com um illustre Cardeal e futuro Santo: Carlos Borromeu, Arcebispo de Milão. Na Cidade Eterna, as suas relações com o Cardeal Carlos de Lorena, Arcebispo de Reims, ainda mais se estreitáram. Ambos deviam voltar para Trento, e o Cardeal desejava fazer a viagem na companhia do Arcebispo; mas este, que não queria nem honras nem recepções, pretendia regressar só com a sua modesta comitiva. O Papa, a instancias do Cardeal de Lorena, disse-lhe que devia esperar pelo amigo: então, D. Fr. Bartholomeu replicou "que não ſe atrevia cõ tal companhia," e para encobrir a verdadeira razão da sua escusa, que, como sempre, era a sua santa humildade,

"acrecētou, que o Cardeal caminhava em huã mula q̃ voava, como aguia, & a ſua não na podia aturar. Não ſeja eſſa a duvida tornou o Papa. Eu vos darey huã mula que tambem he aguia. Deyxayvos eſtar. Aſſi o deſpidio & logo à tarde lhe levou hum eſtribeyro a mula. Era ruſſa pomba, & muy bem feyta, & bem merecedora do nome de Aguia que ſẽpre lhe ficou, porque na verdade no paſſeyo não tinha igual, & por tal, quando S. Santidade fazia caminho fora de Roma não cavalgava noutra."

Finalmente, o nosso Arcebispo teve licença de partir, e o Papa, depois de o abençoar e abraçar, "tirou hum anel do dedo & diſſelhe q̃ o levaſſe em ſeu nome & em penhor de amor & lembrança." No dia seguinte, de manhã cedo, o Arcebispo, sempre Portuguez, foi dizer Missa sobre a sepultura do famoso Cardeal D. Jorge da Costa, na egreja de Nossa Senhora do Populo. Celebrado o santo sacrificio, montou a mula papal, e sahiu da Cidade Eterna. Caminhou ella com tanta velocidade, que galgava nove legoas em cada jornada; e Fr. Luiz de Sousa ac-

hesitated to speak his mind for the good of the Church. As a reward, he asked the Pope to accept his resignation of the Archbishopric, but this Paul IV refused to do. During his stay in Rome he became a firm friend of the sainted Cardinal Carlo Borromeo, the Archbishop of Milan, while his relations with Cardinal Charles de Loraine, the Archbishop of Reims, became even closer. As they both had to return to Trent, the Cardinal de Loraine wished to travel with Dom Frei Bartholomeu, but the Archbishop, in his desire to escape honours and receptions, insisted on going alone with his modest company. Even when the Pope joined his voice to the Cardinal's entreaties, he replied "that he dared not venture in such company," and to hide his real reason, which was humility,

"he added that the Cardinal rode on a mule which flew like an eagle, and his own could not endure the pace. 'Do not let that stand in the way,' said the Pope. 'I will give you a mule which is like an eagle too. Do not worry yourself.' So he dismissed him, and the same afternoon an equerry brought him the mule. She was light grey and very well made, and thoroughly deserved the name of Eagle by which she was always called, for in truth she had no equal in pace, for which reason his Holiness always rode her when he went out of Rome."

The Archbishop at length received permission to depart, and the Pope, having embraced and blessed him, "drew a ring from his finger and told him to take it in his name and as a pledge of love and remembrance." Early next morning the Archbishop, like a true Portuguese, went to say Mass at the tomb of Cardinal Dom Jorge da Costa in the church of Santa Maria del Popolo, after which he bestrode the papal mule and soon left Rome behind him. Indeed his steed went so fast that he covered nine leagues a day; and Frei Luiz de Sousa adds: "that his joy at quitting

crescenta, "que o gosto de se ver livre de Roma lhe fazia apertar o passo de maneira que a Aguia levava azas" (*ob. cit.* fl. 96 vº–fl. 97).

A mula de Sua Santidade caminhou até Braga, mas alli, "por não estar ociosa"—o Santo Arcebispo queria que todos trabalhassem em obras uteis—

"seruia de acarretar cal, & agoa pera as obras do Collegio da Companhia, & em Viana pera as de seu mosteiro, & depoes tirada a albarda se punha de sella quando era necessario vsar della o Arcebispo" (D. Rodrigo da Cunha, *Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga*, Parte II, 1635, p. 372).

Encerrado o Concilio de Trento, onde fizera tão brilhante figura, poz-se a caminho de Portugal, passando por Genova, Nice, Antibes, Fréjus, e chegou a S. Maximin, onde pousou no mosteiro de Dominicanos. Na bella basilica guarda-se uma preciosa reliquia, a cabeça de Santa Maria Magdalena. Ainda no verão de 1931, estivemos em S. Maximin: era em Agosto, e com um tempo ideal que nos fazia amargas saudades da nossa querida terra. Entrámos na basilica, que bem conheciamos de diversas visitas; ao fundo, na sacristia, estava um Dominicano rodeado de creanças. Aproximámos-nos do frade, com quem conversámos; cheio de interesse, o religioso fallou-nos de Portugal, e nós pensavamos no admiravel Prelado que alli estivera, e certamente dissera Missa, rogando a Deus que abençoasse Portugal! Ajoelhámos-nos tambem juncto á reliquia que D. Fr. Bartholomeu venerára, e, como sempre, pedimos ao Altissimo, com o pensamento no Santo Arcebispo, que protegesse o nosso paiz!

No seu regresso a Braga, tractou de construir o seminario, e de visitar as egrejas da sua diocese; poucos Prelados se desempenháram com maior zelo d'essa missão. Em 1566, reuniu, Concilio provincial. Em 1570, houve uma tremenda epidemia de peste, durante a qual o Arcebispo, apezar das instancias repetidas d'El-Rei e do Cardeal D. Henrique, não arredou pé da cidade,

Rome made him increase the pace to such an extent that the Eagle went on wings" (*op. cit.* fl. 96 vo.–fl. 97).

His Holiness's mule eventually reached Braga, and "so that she should not be idle" there—for the Archbishop wished everyone to be occupied in useful work—

"she was used for carting lime and water for the works on the Jesuit College there, and in Vianna for the works on the monastery, and afterwards the pack was taken off and she was saddled when the Archbishop needed to use her" (D. Rodrigo da Cunha, *Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga*, Part II, 1635, p. 372).

At the close of the Council of Trent, where he had played such a brilliant part, he set out for Portugal by way of Genoa, Nice, Antibes, Fréjus and St Maximin, stopping at the Dominican monastery, where a precious relic—the head of St Mary Magdalene—is kept. We ourselves visited St Maximin in the summer of 1931: it was August, and the beautiful weather made us homesick for our own dear land. We entered the basilica, with which we were familiar from previous visits; at the end, in the sacristy, surrounded by children, was a Dominican monk, with whom we entered into conversation. He spoke of Portugal, and we thought of the admirable Portuguese Prelate who went there on his way home, and surely said Mass, praying God to bless Portugal! We knelt by the relic which Dom Frei Bartholomeu had venerated, and, with him ever present in our thoughts, we also asked the Almighty to protect our country!

Upon his return to Braga, the Archbishop busied himself with the construction of the seminary, and with the visitation of the churches in his diocese; few Prelates have been more zealous than he in carrying out their duties. In 1566, he convoked a provincial Council. In 1570, there was a terrible epidemic of the plague; but in spite of the repeated entreaties of the King and of the Cardinal Dom Henrique, he refused to

dando innumeras provas da sua coragem e da sua extraordinaria caridade.

Durante os seguintes annos, D. Fr. Bartholomeu continuou a sua obra de pastor, cuidando unicamente do seu rebanho; n'uma linguagem simples e cheia de fé, fallava ao povo, ensinando-lhe o bem; era incançavel, visitando todas as terras do seu Arcebispado.

Depois do desastre de Alcacer-Quibir em 1578, e quando se levantáram as questões da successão da corôa, o Prelado, querendo conservar-se alheo ás alterações e conflictos que tinham logar no reino, retirou para Tuy, onde adoeceu gravamente. Restabelecido, e já reinando Filippe II, regressou a Braga. Pouco depois, o Soberano chamou-o a Thomar para que assistisse ás Côrtes que alli convocára; escusou-se duas vezes, mas instado novamente, partiu para Thomar, onde entrou com a sua Cruz Primacial diante levantada, como Primaz das Hespanhas; encontrando-se na cidade Filippe II, o acto do Arcebispo mostra, mais uma vez, a sua firmeza e a sua coragem. Mas, muito antes d'isso, quando regressava de Trento, atravessou a cidade de Toledo da mesma maneira, o que é ainda um acto de maior coragem (ver D. Rodrigo da Cunha, *ob. cit.* p. 381; Duarte Nunez do Leão, *Descrição do Reino de Portvgal*, 1610, fl. 93).

Foi nas mãos do Primaz, que seguravam os Evangelhos, que Filippe II prestou juramento como Rei de Portugal. Calculamos facilmente o desgosto que o Prelado tão Portuguez deve ter soffrido! Encerradas as Côrtes de Thomar de 1581, D. Fr. Bartholomeu pediu a renuncia do Arcebispado, que foi acceite. Na sua humildade, já tinha feito diversas vezes esse pedido, mesmo directamente ao Papa, como vimos; mas não duvidamos, que, alem dos motivos que já existiam, houvesse um outro em 1581; não queria ser Primaz com um Rei Hespanhol.

Recolheu-se então em 1582 ao mosteiro de Santa Cruz em Vianna, onde passou oito annos

leave the city, and gave many proofs of his indomitable courage and far-reaching charity.

During the years which followed, Dom Frei Bartholomeu carried on his priestly labours, thinking only of his flock. He spoke to the people in a simple language of faith and showed them the way of truth, and he was tireless in travelling to the different parts of his diocese.

After the disaster at Alcacer-Quibir in 1578, and when the question of the succession to the throne was raised, the Archbishop, wishing to escape from the changes and conflicts in the kingdom, withdrew to Tuy, where he became gravely ill. On his recovery, he returned to Portugal, where Filippe II was already on the throne. Soon afterwards the King summoned him to take part in the *Côrtes* at Thomar; he twice excused himself, but as the King again insisted, he was forced to obey, and showed great courage in entering Thomar, where Filippe II was in residence, with his Primate's cross raised before him, as Primate of all Spain. But long before this, on his return from Trent, he had shown even greater spirit by going through Toledo in the same way (see Dom Rodrigo da Cunha, *op. cit.* p. 381; Duarte Nunez do Leão, *Descrição do Reino de Portvgal*, 1610, fl. 93).

It was to the Archbishop, holding the Gospel, that Filippe II made his oath as King of Portugal, and it is easy to imagine how so Portuguese a Prelate must have suffered as he listened to the fatal words. At the conclusion of the *Côrtes* of Thomar of 1581, Dom Frei Bartholomeu asked and received permission to resign his Archbishopric. His humility had, as we have seen, several times prompted him to make this request; but we feel sure that in 1581 he had yet another reason for seeking retirement: that he could not bear to hold office under a Spanish king.

In 1582, he withdrew to the monastery of Santa Cruz in Vianna, where for eight years he lived a

como um simples frade em practicas piedosas. Uma das suas maiores alegrias era ensinar a doutrina ás creanças pequenas. Até ao fim da sua longa vida foi um pastor. Finalmente, a 16 de Junho de 1590, entregou a alma a Deus (ver Fr. Luiz de Sousa, *ob. cit.*; D. Rodrigo da Cunha, *ob. cit.* pp. 362–392; Duarte Nunez do Leão, *ob. cit.* fl. 84 v°–fl. 96 v°; Barbosa, *ob. cit.* pp. 464–471 e *Memorias para a Historia DelRey D. Sebastião*, t. I, pp. 110–115, 326–327, 335–339, 542–546, 548–559; t. II, pp. 32–40, 306–313, 411, 633; Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. III, parte I, pp. 452–454; t. III, parte II, pp. 319, 336, 347, 355, 519, 606, 743–745).

Grande figura e grande Prelado, o seu nome ficou venerado como o de um Santo. Na verdade, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres foi um dos que souberam cumprir á risca as palavras de Nosso Senhor: "Apaſcẽtai minhas ouelhas."

pious life as a simple monk, one of his greatest joys being to teach little children the catechism. He died on June 16th, 1590, a priest to the end (see Frei Luiz de Sousa, *op. cit.*; D. Rodrigo da Cunha, *op. cit.* pp. 362–392; Duarte Nunez do Leão, *op. cit.* fl. 84 vo.–fl. 96 vo.; Barbosa, *op. cit.* pp. 464–471, and *Memorias para a Historia DelRey D. Sebastião*, vol. I, pp. 110–115, 326–327, 335–339, 542–546, 548–559; vol. II, pp. 32–40, 306–313, 411, 633; Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. III, part I, pp. 452–454; vol. III, part II, pp. 319, 336, 347, 355, 519, 606, 743–745).

A great man and a great Prelate, he is venerated like a Saint. Dom Frei Bartholomeu dos Martyres was in truth one who fully carried out Our Lord's precept: "Feed my sheep."

ACABOVSE DE IMPRIMIR o preſente Catechiſmo na Cidade de Braga em caſa de Antonio de Maris Empreſor do Senhor Arcebiſpo, acs iiij. de Nouembro. 1564.

181 Colophon do *Catechiſmo* de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres
Colophon of the *Catechiſmo* of D. Fr. Bartholomeu dos Martyres
Braga, 1564

Naufragio da Nao ſam Bẽto.

Summario de viagẽ que fez Fernão d'Aluarez Cabral, q̃ partio pera a India por Capitão moor da armada q̃ foy ho anno de M. D. LIII. até que ſe perdeo na coſta do Cabo de Boa eſperança, & dos ſeus trabalhos & morte. E do q̃ mais ſocedeo aos q̃ da ſua cõpanhia eſcaparão do caminho q̃ fizerão per terra & mar: até chegarem as ditas partes.

Feyto por Manoel da [illegible]quita paleſtrelo.
M. D. LXIIII.

182 Folha do rosto do *Naufragio da Nao ſam Bẽto* de Manuel de Mesquita Perestrello
Title-page of the *Naufragio da Nao ſam Bẽto* of Manuel de Mesquita Perestrello
Coimbra, 1564

105 MANUEL DE MESQUITA PERESTRELLO, NAUFRAGIO DA NAO SAM BẼTO.

Coimbra, João de Barreira, 1564.

Naufragio da Nao ſam Bẽto.

Gravura que representa um desembarque, e que já foi usada na Coronica del prĩcipe dõ Florãdo, *impressa por Germão Galharde em* 1545[1].

| Summario de viagẽ que fez | Fernão d'Aluarez Cabral, q̃ partio pera | a India por Capitão moor da armada q̃ | foy ho anno de M. D. LIII. até que | ſe perdeo na coſta do Cabo de Boa eſpe- | rança, & dos ſeus trabalhos & morte. E | do q̃ mais ſocedeo aos q̃ da ſua cõpanhia | eſcaparão do caminho q̃ fizerão per terra | & mar: até chegarem as ditas partes. | *Feyto por Manoel da miſquita paleſtrelo.* | *M. D. LXIIII.*

fl. 2. AO LECTOR [...]

fl. 2 vo.

Approvação de Fr. Manuel da Veiga[2].

fl. 3. Capitulo primeiro. [...]

fl. 73 [aliás 74] vo. [...] *LAVS DEO.* | Foy impreſſo em Coymbra por Ioão de | Barreyra. Acabouſe aos xiij. dias do | mes de Nouembro. Anno de | M. D. LXIIII.

8º—[1], 2–73 (aliás 74) folhas—29 linhas.

Numeração dos cadernos: A–H, 8 folhas cada caderno; I, 10 folhas; total de 74 folhas; as folhas D 2 e E 3 não teem assignaturas.

Encadernação de marroquim.

8vo.—[1], 2–73 (alias 74) leaves—29 lines.

Collation by signatures: A–H, each 8 leaves; I, 10 leaves; total 74 leaves; leaves D 2 and E 3 have no signature marks.

Morocco binding.

O *Naufragio da Nao ſam Bẽto*, escripto por Manuel de Mesquita Perestrello, e impresso em Coimbra por João de Barreira em 1564, é uma obra excessivamente rara, da qual, alem do nosso exemplar, não temos conhecimento de nenhum outro. São poucos os auctores que mencionam esta preciosa primeira edição: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. III, p. 312), Innocencio (*Diccionario*, vol. VI, p. 61), e Anselmo e Proença

The edition of Manuel de Mesquita Perestrello's *Naufragio da Nao ſam Bẽto*, printed in Coimbra by João de Barreira in 1564, is almost unknown, our copy being the only one we can trace. Few authors mention it: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. III, p. 312) and Innocencio (*Diccionario*, vol. VI, p. 61) give brief and inaccurate descriptions of it, while the notice given by Anselmo

[1] *Woodcut of a disembarkation, which had previously been used by Germão Galharde in 1545 in the* Coronica del prĩcipe dõ Florãdo.

[2] *Approbation of Frei Manuel da Veiga.*

(*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 184), cuja noticia foi extrahida de Barbosa; as descripções fornecidas pelos dois primeiros bibliophilos são, alem de escassas, pouco correctas.

Manuel de Mesquita Perestrello—de quem nada consta da sua naturalidade e nascimento—partiu para a India em companhia de seu pae, Pedro Sobrinho de Mesquita, e de seu irmão Antonio. Depois de alli ter militado "com animo deſtemido" durante annos, embarcou com ambos, a 1 de Fevereiro de 1554, na nau S. Bento commandada por Fernão Alvares Cabral, para, junctos, regressarem a Portugal (ver Barbosa, *loc. cit.*). Na viagem, devido a um terrivel temporal, a nau perdeu-se na costa do Cabo da Boa Esperança. Manuel de Mesquita Perestrello, tendo sido um dos que se salváram do desastre, resolveu, como testemunha ocular, escrever a narração da viagem, do naufragio, da morte de Fernão Alvares Cabral, "E do q̃ mais ſocedeo aos q̃ da ſua cõpanhia eſcaparão do caminho q̃ fizerão per terra & mar: até chegarem as ditas partes." Dirigindo-se "Ao Lector," Perestrello diz, que

"vendo como os mays dos que eſcaparam deſta jornada ſe occupam em eſcreuer os trabalhos della, poſto que conheço de mim que nam irey mays ao propoſito no pouco que poſſo dizer a reſpeyto do muyto que ha pera contar, porque ſoo nam ſeja tachado de ocioſo, quis ſer companheyro niſto como o fuy nas outras couſas. E juntamente pera que ſe ouuer alguem que peſaroſo de ver em tam poucos dias gaſtada do eſquecimento hũa dor tam geral, & acontecimento tam raro, queyra leuantalo deſte abiſmo eterno & perpetualo a peſar do tempo na memoria dos vindouros (empreſa certo aſſaz diuida a tão laſtimoſo caſo) ache neſte trabalho de minha penna a verdadeyra enformaçam delle."

Então, conta a partida de Cochim da nau S. Bento, dizendo que nos primeiros dias tiveram bom tempo, e o vento lhes foi tão pro-

and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 184) is taken from Barbosa.

Manuel de Mesquita Perestrello—the date and place of whose birth are unknown—set sail for India with his father Pedro Sobrinho de Mesquita and his brother Antonio. Having fought there "with dauntless courage" for some years, they embarked, on February 1st, 1554, on the *S. Bento* commanded by Fernão Alvares Cabral, to return to Portugal together (see Barbosa, *loc. cit.*). The ship encountered a terrible storm and was wrecked off the Cape of Good Hope. Manuel de Mesquita Perestrello, who was among the survivors, decided to write an account of the voyage, the wreck, the death of Fernão Alvares Cabral, "And of the further adventures of those of the company who lived through the journey they made by land until they reached the said place." Addressing himself "To the Reader," Perestrello says that:

"seeing how the others who escaped from this journey are busying themselves with writing down the toils of it, although I know I shall not get any nearer the purpose in the little I can say of the much there is to be told, only so that I could not be taxed with laziness, I wanted to be their companion in this, as I was in the other things. And also so that if anyone, grieving to see such general affliction and such an unusual happening so soon lost to memory, should ever wish to raise it from this eternal abyss and perpetuate it, in spite of time's passing, in the remembrance of those to come (an undertaking which surely such a sorrowful case well deserves) he might find a true account of it in this work of my pen."

He then tells how the *S. Bento* left Cochin in fine weather and with a propitious wind which

picio, que rapidamente alcançáram a latitude de dezeseis graus sul.

"Mas como os contentamentos do mundo não ſejão de muyta dura, & principalmente os dos mareantes, por eſtribarem na pouca conſtancia do mar & vẽto, chegando ãparajẽ que dito tenho, ſe nos mudou todo ho noſſo ao contrario, porq̃ acalmando aquelle bom tempo que traziamos, ſe leuantou outro do ſulſudueſte, tão teſo q̃ a qual‑quer boa nao por boyante: & marinheyra que eſtiuera ſe podera ter receo, quanto mays aquella, que alem de vir per bayxo das cubertas toda mociça com fazendas, trazia no conuez ſetenta & duas cayxas de marca, & cinco pipas dagoa a caualete: a fora tãta multidão de cayxões & far‑dagem, que a altura deſtas couſas igualaua ho conuez com os caſtellas & chapiteo: o que ajuntando cõ a furia do temporal, que todauia hia creſcendo, fez ſofrer a nao tão mal ho payro, que ficando por muitas vezes afogada dos mares, elles ẽtrauão ſem reſiſtencia algũa por ambos os bordos, & a trazião de todo vencida" (fl. 5).

A 23 de Março, morreu o pae do auctor, Pedro Sobrinho de Mesquita, "eſtando guardada aquella fria & enquieta ſepultura a os ſeus canſados ſetenta annos" (fl. 6 vº).

O mar era tremendo, e a nau, sem governo, foi quebrar‑se nas costas de Africa, morrendo cento e cincoenta pessoas—quarenta e quatro Portuguezes, entre os quaes D. Alvaro de Noronha, e mais de cem escravos. Os sobre‑viventes, muitos dos quaes feridos, e quasi todos sem mantimentos, e debaixo de um chuva con‑stante, decidiram, após alguns dias de espera, encaminhar‑se para Sofala. Primeiro, tentáram encontrar um caminho atravez o interior, mas depois de treze dias de marcha atribulada e cheia de difficuldades, achàram‑se novamente na costa, no local onde o galeão de Manuel de Sousa se tinha perdido. Resolveram então seguir "a coſta da terra que ſe chama natal," e onde, na baixa mar, encontravam muitas ostras e mexilhões (fl. 27).

bore her rapidly to a latitude of sixteen degrees south.

"But as the joys of this world are not of long duration, and particularly those of sailors, which depend upon the inconstant sea and wind, when we reached the latitude I have men‑tioned, everything went against us, because when the good wind which had brought us dropped, another arose from the south‑south‑west, violent enough to arouse fears for any ship, however buoyant and seaworthy; and much more for ours, because, besides being full up to the hatches with merchandise, she carried on deck seventy‑two cases and five casks of water piled one on the top of the other, in addition to such a multitude of large chests and baggage that they made the height of the deck level with the forecastle and the poop and the highest part of the stem and stern; all of which, added to the fury of the storm, which went on increasing in intensity, made the ship suffer greatly, and she was many times swamped by the heavy seas, until the water could enter freely on all sides and she was com‑pletely overcome" (fl. 5).

The author's father, Pedro Sobrino de Mes‑quita, died on March 23rd, "for that cold and unquiet grave had been awaiting his weary seventy years" (fl. 6 vo.).

The seas were overwhelming, and the rudder‑less ship was wrecked on the African coast, bear‑ing a hundred and fifty people to their death—forty‑four of these were Portuguese, including Dom Alvaro de Noronha, and the remainder were slaves. The survivors were in a miserable plight, many of them were wounded, they had hardly any food and were at the mercy of a cease‑less downpour of rain, so, after some days, they decided to walk to Sofala. First they tried to find a way inland, but after an arduous march of thirteen days they found themselves back on the coast, at the place where Manuel de Sousa's galleon had been lost; so they determined to pro‑ceed along "the coast of the land which is called Natal"—and there at low tide they found many oysters and mussels (fl. 27). Their progress was

Essa ardua jornada tornou-se ainda mais difficil pelos muitos rios que tiveram de atravessar; n'uma d'essas perigosas passagens, Fernão Alvares Cabral morreu afogado.

Durante a sua angustiosa marcha, os sobreviventes do naufragio soffreram as mais atrozes privações:

"andauã todos tã ſem ſẽtido & treſportados com eſta mingoa, q̃ nem os q̃ ficauam ſentiam q̃ auiam de morrer naquelle deſemparo & dalli apoucas oras, nem os q̃ hião por diãte, eſperando cada momento ver o meſmo em ſi leuauão ja magoa de couſa tanto pera a ter: & aſſi paſſauã hũs pelos outros, ſem nelles enxergar ſinal algũ de ſentimẽto, como q̃ todos forã alimarias jrracionaes, q̃ por ali andauã pacendo: trazendo ſomẽte o intẽto & olhos paſmados & eſpalhados polo campo a ver ſe poderiã deſcobrir erua, oſso, ou bicho (a quẽ não valia ſer peçonhẽto) de q̃ podeſſe lãçar mao: & parecẽdo corriã todos quẽ mais podia ꝑa o tomar primeiro. E muitas vezes chegauã ater paixoes (*sic*) parentes com parente & amigos com amigos sobre hum gaſanhoto, biſouro ou lagartixa, tanta era a neceſſidade & deſauentura que fazia tão torpes couſas" (fl. 44).

Esta desoladora descripção mostra os horrores que tinham de supportar; enfraquecidos por tantas privações, e exhaustos moral e physicamente por tamanhos soffrimentos, muitos morreram no caminho, entre os quaes Antonio Sobrinho de Mesquita, o irmão do auctor. As condições em que se encontravam os sobreviventes eram terriveis e dignas de compaixão, porque iam "nuus, deſcalços, carregados, eſtrãgeiros, perdidos, & neceſſitados, paſcendo as eruas cruas, deque ainda não eramos abaſtados pellos valles & outeyros daquelles deſertos" (fl. 51).

Para completar a sua desgraça, aquella pobre gente foi frequentemente maltractada pelos indigenas; mas, apezar de tudo, o pequeno grupo de Portuguezes nunca perdeu a sua fé admiravel,

rendered even more difficult by the many rivers they were forced to cross; and during one of these perilous passages Fernão Alvares Cabral was swept away and drowned.

They suffered the most terrible privations on their agonising journey:

"they all went along half dead from starvation and with their senses so benumbed that those who remained on the way did not realise that in a few hours they would die in that abandonment, nor did those who went on, expecting at every moment to see themselves in the same condition, any longer feel grief at such a sorrowful thing; and so they passed by one another without showing any signs of feeling, as if they had all been unreasoning animals, going along there grazing, with only one idea in their minds and their eyes staring and roving about the country to see if they could light on any grass, bone or insect (it did not matter if it were poisonous) on which they could lay hand; and when any appeared they all ran as fast as they could so as to seize it first. And there were often quarrels between relation and relation and friend and friend over a locust, beetle or small lizard, such were the necessity and misfortune which brought about such shameful things" (fl. 44).

This description shows what horrors the unfortunate survivors of the wreck had to undergo; all were weakened by privation, morally and physically exhausted by their terrible sufferings, and numbers died on the way, among those who succumbed being Antonio Sobrinho de Mesquita, the author's brother. The condition of those who remained was enough to excite compassion in the hardest heart, for they were "naked, barefoot, heavy laden, strangers, lost and needy, living on raw herbs—and we could not find enough even of these as we dragged ourselves over the hills and valleys of those desert lands" (fl. 51).

To add to their miseries, the poor unfortunates were often attacked by the natives; but in the midst of it all, the little band of Portuguese never lost their wonderful faith, which gave them con-

que lhes deu a confiança indispensavel para con-tinuar a marcha. Finalmente, alcançáram "a boca da baya do rio Sanct Spirito" (fl. 58); deram graças a Deus, e fôram recebidos n'uma aldea proxima.

"Aqui chegamos cincoenta & feys Portuguefes fomente & mays tres efcrauos aos fete dias de Iulho, auendo fetenta & dous q̃ caminhauamos, em que andamos paffante de trezentas legoas, pellos rodeos que fizemos" (fl. 60 vº).

Os indigenas não os tractáram bem, porque, a magreza em que estavam,

"junta com ho pouco ornamento de noffos effarrapados atauios, & inmundicia de que nos ho trabalho & mingoa fazia vir cubertos, caufaua tãmanho nojo na gẽte da terra, q̃ alli onde eftauamos nos vinhão ꝑfeguir com mil maneyras de injurias & efcarnios" (fl. 61).

O Rei da terra deu-lhes então umas choupanas separadas; mas fôram atacados por tigres, leões "& todo ho outro genero de alimarias nociuas." Demais, como não tinham sufficiente comida, decidiram, passado algum tempo, dividirem-se em pequenos grupos pelas differentes aldeas vizinhas; e Perestrello escreve:

"A vida que nefte tempo paffauamos era efcolher cada hũ na pouoação onde eftaua, ho Cafre que lhe melhor acõdiçoado parecia, & feruilo da agoa & lenha que lhe era neceffaria, pera que lhe ficaffe valedor contra os q̃ o quifeffem mal tratar.... E quãdo vinhão as horas de cea que he ho feu principal comer hiamonos affentar as portas deftes a q̃ chamauamos amos, & então partião com nofco do q̃ queriã ou podião" (fl. 69).

Havia cinco mezes que assim viviam, quando chegou um navio Portuguez, pilotado por Bastião de Lemos, que, mandado por D. Diogo de Sousa, Capitão de Sofala e Moçambique, vinha buscar marfim "pera ElRey noffo fenhor," e no qual os poucos sobreviventes embarcáram.

fidence to continue their march. At length their perseverance was rewarded, and they reached "the mouth of the river Sanct Spirito" (fl. 58), where they gave thanks to God. They were received in a village near by.

"When we arrived here on July 7th, there re-mained only fifty-six Portuguese and three slaves, and we had been on the march for seventy-two days, having covered more than three hundred leagues on account of the circuitous way we had come" (fl. 60 vo.).

They were not well treated by the natives, be-cause their extreme emaciation,

"together with the unprepossessing appearance of our ragged clothes and the filth with which we were covered through toil and want, aroused such disgust among the people of the country that they came to persecute us where we were, with a thousand different insults and con-tumelies" (fl. 61).

The native King thereupon gave them some separate huts; but there they were attacked by tigers, lions "and all other kinds of hurtful animals." After a time, as they were also unable to obtain sufficient food, they decided to divide themselves into little groups and scatter among the neighbouring villages; and Perestrello says:

"The life we led at this time was for each one to choose the Kafir who seemed to him the best natured in the village where he was, and to keep him supplied with the water and firewood he needed, so that he would protect him against those who tried to harm him.... And when it came to time for supper, which is their principal meal, we would go and sit at the doors of those we called masters and they would share with us what they would or could" (fl. 69).

They had been living in this way for five months, when a Portuguese ship arrived, piloted by Bastião de Lemos, who had been sent by Dom Diogo de Sousa, the captain of Sofala and Moçambique, to seek ivory "for the King our lord." The few survivors eventually embarked on this ship.

"Alli nos ajuntamos vinte Portuguefes & tres efcrauos fomente, de trezẽtas vinte duas almas, que partiramos donde a nao deu a cofta, todos os mays ficarão pello caminho & nos lugares em q̃ eftiuemos: delles mortos de diuerfas mortos (*sic*) & defaftres & delles cãfados, delles em pouoado & delles no deferto fegundo noffo Senhor era feruido" (fl. 70—aliás 71—v°).

Passado algum tempo, aportáram a Moçambique a 2 de Abril de 1555, um anno depois da nau S. Bento ter naufragado. Logo que desembarcáram, todos os Portuguezes fôram orar na egreja do Espirito Santo, e dar graças a Deus.

"As relações dos naufragios foram um dos generos creados pelo theor de vida que em Portugal se viveu, durante o seculo XVI," como tão bem escreve o Dr Fidelino de Figueiredo (*Historia da Litteratura Classica*, p. 333). Essas narrações singelas emocionam, porque nos mostram, sem "adornos e artificios," as tragicas situações em que os Portuguezes se encontráram tantas e tantas vezes. Referindo-se aos grandes dramas da navegação d'essa epocha, o mesmo illustre auctor deixou cahir da sua penna esta notavel phrase:

"Essas relações abrem horizontes novos aos olhos cansados de verem o mar através dos poemas homericos e da *Eneida*, com suas tempestades reguladas por aquelles modelos e povoadas de nymphas; as relações revelam o mar tal como o viram, singraram e soffreram os marinheiros da India" (*ob. cit.* p. 335).

Os auctores d'essas relações, como Manuel de Mesquita Perestrello, contam o que viram, quer dizer a verdade. N'este caso, aos horrores do temporal medonho, da viagem tormentosa, e do naufragio, ajuntam-se todas as angustiosas tribulações padecidas durante um anno nas terras selvagens d'Africa. O livro contem paginas que são realmente bellas, porque, com admiravel sinceridade, mostram os soffrimentos passados pelos Portuguezes, quando iam para a India ou d'ella regressavam. Esses auctores, testemunhas

"There we gathered together only twenty Portuguese and three slaves of the three hundred and twenty-two souls who had set out from the scene of the shipwreck. All the rest had been left by the way and in the places where we had been, some of them dead from different causes and disasters, and some of them from weariness, some of them in villages and some in the desert, as Our Lord willed" (fl. 70—alias 71—vo.).

They reached Moçambique on April 2nd, 1555, a year from the time when the *S. Bento* had met with disaster. As soon as they had disembarked, the Portuguese all went to the church of the Holy Spirit, to give thanks to God.

As Dr Fidelino de Figueiredo says so well: "The accounts of shipwrecks were one of the styles of literature created by the mode of life in Portugal during the XVIth century" (*Historia da Litteratura Classica*, p. 333). These ingenuous narratives are very moving, because they give a plain and unvarnished picture of the tragic situations in which the Portuguese so often found themselves. The same author says with reference to the great dramas of the sea in this period:

"These accounts open up new horizons before eyes tired of seeing the sea through poems modelled on Homer and the *Æneid*, with their storms regulated according to those patterns, and peopled with nymphs; the accounts revealed the sea as it was seen, navigated and suffered upon by the mariners of India" (*op. cit.* p. 335).

The authors of accounts like that of Manuel de Mesquita Perestrello tell what they saw, that is, they tell the truth. In this case to the terrors of the storm, the tempestuous voyage and the shipwreck, are added the tribulations suffered during a year in the wild country of Africa. The book contains some pages of real beauty, which show the terrible risks run by the Portuguese on their way to and from India. Those who wrote of these tragedies from their own experience have

oculares de grandes tragedias, prestáram um grande serviço á historia e á litteratura patrias; e nós sentimos não só a maior admiração mas a maior gratidão por esses modestos escriptores, que nos reveláram mais um aspecto do valor e coragem da raça Portugueza.

rendered a great service to Portuguese history and literature; and we feel not only the greatest admiration but the greatest gratitude towards these modest writers, who have given us yet another proof of the worth and courage of the Portuguese race.

¶Foy impresso em Coymbra por Ioão de Barreyra. Acabouse aos xiij. dias do mès de Nouembro. Anno de M. D. LXIIII.

183 Colophon do *Naufragio da Nao ſam Bẽto* de Manuel de Mesquita Perestrello
Colophon of the *Naufragio da Nao ſam Bẽto* of Manuel de Mesquita Perestrello
Coimbra, 1564

Benedicta tu in mulieribus,

Aue Maria gracia plena dominus tecū.

& benedictus fructus ventris tui Iesus.

OBRAS DELOS QVE AMAN A
Dios copiladas por fray Luis de Montoya dela orden delos hermitaños del bienauenturado padre sancto Augustin Obispo y doctor dela sctá yglesia.

¶Vendense em casa de Christouão Lopez liureiro à See. ¶Com preuilegio Real. 1565

184 Folha do rosto das *Obras delos qve aman a Dios* de Fr. Luiz de Montoya
Title-page of the *Obras delos qve aman a Dios* of Frei Luiz de Montoya
Lisboa, 1565

106 FR. LUIZ DE MONTOYA, OBRAS DELOS QVE AMAN A DIOS.

Lisboa, João de Barreira, 1565.

OBRAS DELOS QVE AMAN A | Dios copiladas por fray Luis de Montoya dela or | den delos hermitaños del bienauenturado padre | ſancto Auguſtin Obiſpo y doctor dela ſctã yglesia. | Vendenſe em caſa de Chriſtouão Lopez liureiro | à See. Com preuilegio Real. 1565

Por cima, gravura que representa Nossa Senhora com o Menino Jesus nos braços, tendo em volta a saudação[1]*:*

Aue Maria gracia plena dominus tecũ. | Benedicta tu in mulieribus, | & benedictus fructus ventris tui Ieſus.

[fl. 2]

Privilegio datado em Almeirim a 6 de Janeiro de 1565[2].

[fl. 2 vo.]

Approvação de Fr. Manuel da Veiga[3].

[fl. 3] Eſtã en eſte libro para gloria dela vir- | gẽ Maria madre de Dios y ſeñora nrã, | nueue tratados de amor de Dios. [...]

[fl. 4] Prologo del Auctor. [...]

[fl. 8 vo.] [...] Fin del Prologo.

[fl. 1] Meditacion breue | de la paſsion de nueſtro ſeñor Ieſu | Chriſto. Repartida por las ſiete ho | ras canonicas, copilada por fray | Luis de Montoya, [...]

Por cima, gravura que representa o Calvario, e tudo enquadrado por tarjas[4].

[fl. 1 vo.] PROLOGO. [...]

fl. 242. [...] Laus Deo.

fl. 242 vo. Tabla delas coſas que ſe contienen | en eſte Libro. [...]

[fl. 5 vo.] Foy impreſſo em Lixboa | em caſa de Ioam da Barreyra | impreſſor delRey noſſo | ſenhor, aos quinze | de Ianeyro. | De M.D.LXIIII.

8º—[8], 242, [5] folhas—19 linhas.

Numeração dos cadernos: ✠, 8 folhas; A–Z, 8 folhas cada caderno; Aa–Gg, 8 folhas cada caderno; Hh, 7 folhas; total de 255 folhas.

Encadernação de marroquim.

8vo.—[8], 242, [5] leaves—19 lines.

Collation by signatures: ✠, 8 leaves; A–Z, each 8 leaves; Aa–Gg, each 8 leaves; Hh, 7 leaves; total 255 leaves.

Morocco binding.

[1] *Above is a woodcut of Our Lady with the Infant Jesus, surrounded by the words of the salutation:*
[2] *Privilege dated Almeirim, January 6th, 1565.*
[3] *Approbation of Frei Manuel da Veiga.*
[4] *Above is a woodcut of the Crucifixion, and the whole is within a woodcut border.*

O livro compilado por Frei Luiz de Montoya com o titulo de *Obras delos qve aman a Dios*, impresso em Lisboa por João de Barreira em 1565, é excessivamente raro. Sousa Viterbo (*A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 338, e *O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 186), Palau (*Manual del Librero Hispano-Americano*, t. V, p. 234), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 190) descrevem-o; porem, estes dois ultimos bibliophilos, que não conhecem o paradeiro de um só exemplar d'esta obra, declaram não ter achado na Bibliotheca Nacional de Lisboa o que alli se encontrava, e fôra indicado por Sousa Viterbo. Alem do nosso exemplar, completo e perfeitamente conservado, sabemos apenas da existencia de mais um: o do Museu Britannico.

Na folha do rosto lê-se: "Vendenſe em caſa de Chriſtouão Lopez liureiro à See." N'essa epocha, houve diversos livreiros com esse appellido, sendo possivel que Christovão, que já estava estabelecido em 1563, fôsse proximo parente de Bartholomeu Lopes e do livreiro-impressor Simão Lopes. Christovão Lopes, Christão novo, já era livreiro ou encadernador em 1556, pois em Março d'esse anno foi denunciado por Matheus Dias, torneiro, por nunca ir á Missa, e a sua mulher, Ignez Delgado, foi accusada de guardar os sabbados (ver Gomes de Brito, *Noticia de Livreiros e Impressores em Lisbôa*, p. 7; Tito de Noronha, *A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, p. 34; Dr Antonio Baião, *A Inquisição em Portugal e no Brazil* in *Archivo Historico Portuguez*, t. VII, p. 8). Apezar da denuncia de 1556, vendia obras piedosas na sua casa juncto da Sé em 1565.

Fr. Luiz de Montoya, Hespanhol, Eremita de Santo Agostinho, desempenhou uma parte muito importante na reforma da sua Ordem em Portugal, reforma principiada em 1535, e que foi primeiro levada a effeito no Convento de Nossa Senhora da Graça em Lisboa; por esse motivo, Fr. Luiz de Montoya é tambem co-

The book composed by Frei Luiz de Montoya under the title of *Obras delos qve aman a Dios*, and printed in Lisbon by João de Barreira in 1565, is extremely rare. It is mentioned by Sousa Viterbo (*A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 338, and *O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 186), Palau (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. V, p. 234), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 190). Sousa Viterbo refers to a copy in the Lisbon National Library; but Anselmo and Proença say that they have been unable to find this, and that they do not know the whereabouts of any copy. Besides our own, which is complete and in a perfect state of preservation, there is a copy in the British Museum.

On the title-page we read: "They are sold in the house of Christovão Lopes, bookseller near the Cathedral." At that time there were several booksellers of the name in Portugal, and Christovão may perhaps have been a near relation of Bartholomeu Lopes and of the publisher Simão Lopes. Christovão, a new Christian, was a bookseller or bookbinder as early as 1556, for in March of that year he was denounced to the Inquisition, by a turner called Matheus Dias, for not going to Mass, while his wife Ignez Delgado was accused of keeping the Sabbath (see Gomes de Brito, *Noticia de Livreiros e Impressores em Lisbôa*, p. 7; Tito de Noronha, *A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, p. 34; Dr Antonio Baião, *A Inquisição em Portugal e no Brazil*, in *Archivo Historico Portuguez*, vol. VII, p. 8). In spite of his denunciation in 1556, Christovão Lopes was selling pious books in his shop near the Cathedral in 1565.

Frei Luiz de Montoya, a Spanish hermit of the Order of St Augustine, had an important part in the reform of his Order begun in Portugal in 1535, the first monastery to be affected being that of Nossa Senhora da Graça in Lisbon; for this reason, Frei Luiz is also known as the re-

nhecido pelo nome de reformador dos Gracianos. Em 1543, D. João III fundou em Coimbra o Collegio da Graça, e incumbiu a obra ao nosso auctor (ver Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, t. III, parte I, pp. 328, 354, 355). Era um douto theologo, pregador illustre, e grande reformador; segundo o Padre Francisco de S. Maria (*Anno Historico*, 1744, t. III, p. 32) foi tambem mestre e confessor d'El-Rei D. Sebastião. Tractando dos pestiferos com admiravel caridade, falleceu a 7 de Setembro de 1569, com 73 annos de edade.

Este livro de devoção, que compilou em Hespanhol "para gloria dela virgẽ Maria madre de Dios y ſeñora nr̃a," contem nove tractados sobre o amor de Deus. O seu interesse provem da sua extrema raridade.

former of the *Gracianos*. In 1543, Dom João III founded the College of Graça in Coimbra, and charged our author to superintend the work (see Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. III, part I, pp. 328, 354, 355). He was a learned theologian, a notable preacher and a great reformer; according to Padre Francisco de S. Maria (*Anno Historico*, 1744, vol. III, p. 32) he was also tutor and confessor to King Sebastião. Caring for those stricken with the plague, he died on September 7th, 1569, at the age of seventy-three.

This book of devotion composed in Spanish "para gloria dela virgẽ Maria madre de Dios y ſeñora nr̃a" contains nine meditations on the love of God. Its interest is derived from its extreme rarity.

¶ Foy impreſſo em Lixboa
em caſa de Ioam da Barreyra
impreſſor delRey noſſo
ſenhor, aos quinze
de Ianeyro.
De M.D.LXIIIII.

185 Colophon das *Obras delos qve aman a Dios* de Fr. Luiz de Montoya
Colophon of the *Obras delos qve aman a Dios* of Frei Luiz de Montoya
Lisboa, 1565

Esta he hũa breue relação da embaixada q̃ o Patriarcha dõ Ioão Bermudez trouxe do Emperador da Ethiopia, chamado vulgarmente Preste Ioão, ao christianissimo, & zelador da fee de Christo Rey de Portugal dom Ioão o terceiro deste nome: dirigida ao muy alto & poderoso, de felicissima esperança, Rey tãbem de Portugal dom Sebastião o primeiro deste nome. Em a qual tãbem conta a morte de dom Christouão da gama: & dos sucessos que acontecerão aos Portugueses que forão em sua companhia.

Em Lixboa en casa de Francisco Correa Impressor do Cardal Inffante.

Anno de 1565.

186 Folha do rosto da *Breve Relação* de João Bermudes
Title-page of the *Breve Relação* of João Bermudes
Lisboa, 1565

107 JOÃO BERMUDES, BREUE RELAÇÃO DA EMBAIXADA Q̃ DÕ IOÃO BERMUDEZ TROUXE DO EMPERADOR DA ETHIOPIA.

Lisboa, Francisco Corrêa, 1565.

Eſta he hũa breue re- | lação da embaixada q̃ o Patri | archa dõ Ioão Bermudez trou | xe do Emperador da Ethiopia, chamado | vulgarmente Preſte Ioão, ao chriſtianiſsi | mo, & zelador da fee de Chriſto Rey de | Portugal dom Ioão o terceiro deſte no- | me: dirigida ao muy alto & poderoſo, de | feliciſsima eſperança, Rey tãbem de Por- | tugal dom Sebaſtião o primeiro deſte no | me. Em a qual tãbem conta a morte de | dom Chriſtouão da gama: & dos ſuceſſos | que acontecerão aos Portugueſes que fo- | rão em ſua companhia. | Em Lixboa en caſa de Fran- | ciſco Correa Impreſſor do Cardal [*sic*] | Inffante.

Rosto enquadrado por uma portada ornada de figuras e fructas, e que tem na parte inferior as palavras[1]:

Anno de | 1565.

[fl. 1 vo.] Carta do Patriarcha dom Ioão Bermudez | a el Rey noſſo ſenhor. | [...] *Amen.* |

Segue-se a approvação do R. P. Fr. Manuel da Veiga[2].

fl. 1 [aliás 2]. *Cap. j. em que conta como dom Ioão Bermudez foy eley- | to em Patriarcha do Preſte & enuiado a Roma a dar | a obediencia ao ſancto Padre.* [...]

fl. 80. [...] Amen. | Acabouſe de imprimir em Lixboa a xx. | dias de Iunho em caſa de Franciſco | correa Anno de 1565.

4º—[1], 1 (aliás 2)–80 folhas—26 linhas—peças preliminares e epigraphes em caractéres italicos.

Numeração dos cadernos: A–K, 8 folhas cada caderno; total de 80 folhas; a folha G3 tem assignatura GH3.

Encadernação de marroquim.

4to.—[1], 1 (alias 2)–80 leaves—26 lines—preliminary pieces and chapter headings in italics.

Collation by signatures: A–K, each 8 leaves; total 80 leaves; leaf G3 is marked GH3.

Morocco binding.

O livro intitulado *Eſta he hũa breue relação da embaixada q̃ o Patriarcha dõ Ioão Bermudez trouxe do Emperador da Ethiopia*, impresso em Lisboa por Francisco Corrêa em 1565, é, certamente, um dos mais raros e curiosos que fôram estampados em Portugal no seculo XVI. Entre os auctores que o descrevem, citaremos: Figaniere (*Bibliographia Historica Portugueza*, pp. 188–189), Innocencio (*Diccionario*, vol. III, pp. 324–326),

The book entitled *Eſta he hũa breue relação da embaixada q̃ o Patriarcha dõ Ioão Bermudez trouxe do Emperador da Ethiopia*, printed in Lisbon by Francisco Corrêa in 1565, is certainly one of the rarest and most curious published in Portugal in the XVIth century. Among those who describe it are: Figaniere (*Bibliographia Historica Portugueza*, pp. 188–189), Innocencio (*Diccionario*, vol. III, pp. 324–326), Mattos (*Manual Bibliographico Por-*

[1] *Title within a woodcut border adorned with figures and fruit, and having the words* Anno de | 1565 *in the lower part.*

[2] *Approbation of Frei Manuel da Veiga.*

Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 70), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 106), Salvá (*Catálogo*, nº 3277), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 476); estes dois ultimos bibliophilos, cuja noticia foi extrahida de Figaniere e de Salvá, não indicam o paradeiro de um só exemplar. No meiado do seculo passado, existiam dois exemplares em Portugal; um no Archivo Nacional—donde desappareceu ha muitos annos—e outro que pertencia ao Visconde de Juromenha, e serviu de texto para a reimpressão publicada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa em 1875, e que hoje está na posse de Messrs. Maggs Bros. Alem d'esse exemplar, conhecemos apenas mais dois: o do Museu Britannico, e o nosso, absolutamente perfeito.

João Bermudes, que se denominou Patriarcha da Ethiopia, offereceu a sua *Breve Relação* a El-Rei D. Sebastião nos seguintes termos:

"Mvyto alto & muyto poderoſo Rey voſſa Alteza me diſſe os dias paſſados que folgaria de ſaber a verdade do que acontecera a hum Capitão & gente que me el Rey voſſo auò que eſtà em gloria deu pera leuar em ſocorro do Emperador da Ethyopia Onadinguel chamado preſte Ioão, por desfazer os erros que algũas peſſoas diſto eſcreuem, em tanto que a tè o nome do dito Capitão errão, chamandolhe dom Paulo, ſendo elle dom Chriſtouão ſeu yrmão: & outros eſcreuem, & dizem algũas couſas que não paſſarão na verdade, nem elles as virão. Por tanto eu que tudo vi, lhe contarey breuemente o q̃ paſſou neſta pequena eſcriptura. Noſſo Senhor guarde ſua peſſoa, acrecente ſua noua ydade, & proſpere ſeu real eſtado. Amen."

João Bermudes é, realmente, um dos maiores impostores da nossa historia do seculo XVI. Innumeros auctores, a partir d'essa epocha, occupáram-se d'esse ente extraordinario, mas foi especialmente sobre os estudos de tres escrip-

tuguez, p. 70), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 106), Salvá (*Catálogo*, no. 3277) and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 476). The last-mentioned bibliographers, whose description is taken from Figaniere and Salvá, are unable to indicate the whereabouts of a single copy. In the middle of the XIXth century, there were two copies in Portugal; one was in the Archivo Nacional—whence it has long since disappeared—and the other, which belonged to the Visconde de Juromenha, was used for the reprint published by the Royal Academy of Sciences of Lisbon in 1875, and is now in the possession of Messrs Maggs Bros. To-day we know of only two other copies: the one in the British Museum, and our own, which is absolutely perfect.

João Bermudes, who called himself the Patriarch of Ethiopia, offered his *Breve Relação* to King Sebastião in the following terms:

"Most high and powerful King, your Highness told me some time ago that you would like to know the truth of what happened to a Captain and men whom the King your grandfather, who is in glory, gave me to take to the help of the Emperor of Ethiopia, Onadinguel, called Prester John, to correct the erroneous accounts some people have written of this, inasmuch as they have even quoted the said Captain's name wrongly, calling him Dom Paulo, when he was Dom Christovão his brother; and others write and say things which did not really happen, and which they did not see. I, who saw everything, will therefore tell you briefly what happened, in this little record. May Our Lord keep you and increase your years, and prosper your royal estate. Amen."

João Bermudes was one of the greatest impostors in the history of Portugal in the XVIth century. Many authors, from that period onwards, have studied this extraordinary personage, but it is upon the works of three writers in parti-

tores—Conde de Ficalho (*Viagens de Pedro da Covilhan*, pp. 315–335), Dr Fortunato de Almeida (*História da Igreja em Portugal*, t. III, parte II, pp. 63–71), e Padre Francisco Rodrigues (*Mestre João Bermudes* in *Revista de Historia*, vol. VIII, pp. 119–137)—que baseámos estas notas.

Tendo vivido muitos annos na côrte do Negus, Bermudes, como quasi tudo o que tocou de perto o mytho chamado Preste João, e devido á fama do nome d'esse *Rei dos Reis* e das lendas que o envolviam, tornou-se um personagem celebre, graças á "sombra do mysterio." Comtudo, não póde haver duvida sobre um ponto: era intelligente, ainda mais esperto, ambicioso, activo, e, se não tinha muitos escrupulos, era doado de um grande descaramento; por consequencia, possuia os requisitos necessarios a um illustre aventureiro. Ignora-se quem era e donde vinha; alguns auctores fazem-o natural da Galliza, mas outros, talvez com mais fundadas razões, dizem que era Portuguez. O nosso auctor apparece em scena, n'um modesto papel, como "mestre João," medico da Embaixada de D. Rodrigo de Lima, cuja chronica foi escripta pelo Padre Francisco Alvares (ver pp. 14–43). N'essa qualidade, entrou na Ethiopia em 1520, e lá ficou, depois da partida da Embaixada em 1526, em penhor ou refens pelo enviado Abexim Saga Zaâb, que acompanhou D. Rodrigo de Lima. O facto de ser medico ou cirurgião fez-lhe adquirir influencia e as boas graças do Negus, pois, como escreve Ficalho,

"A sua profissão foi sempre, como ainda hoje é, a melhor das recommendações entre os povos selvagens ou semi-selvagens. Por leve que fosse a sua bagagem scientifica, era muito superior á dos curandeiros abexins; e duas ou tres curas faceis nas rainhas ou princezas seriam sufficientes para estabelecer a sua reputação" (*ob. cit.* p. 317).

Em quanto Bermudes alcançava influencia e uma posição, chegando a ser—segundo elle diz—compadre do Negus Lebna-Dengel "no bau-

cular—Conde de Ficalho (*Viagens de Pedro da Covilhan*, pp. 315–335), Dr Fortunato de Almeida (*História da Igreja em Portugal*, vol. III, parte II, pp. 63–71) and Father Francisco Rodrigues (*Mestre João Bermudes* in *Revista de Historia*, vol. VIII, pp. 119–137)—that we have based our notes.

Having lived for many years at the court of the Negus, Bermudes became tinged with the glamour surrounding that *King of Kings*, and, like almost everything closely connected with the mythical Prester John, he became celebrated through the "shadow of mystery." There is, however, no doubt that he was intelligent, cunning, ambitious and active, and that, though not very scrupulous, he had amazing audacity, thus combining all the characteristics of a true adventurer. We do not know who he was or whence he came; some say that he was a native of Galicia, others, perhaps more correctly, that he was Portuguese. He first appears on the scene as modest "*mestre* João," doctor to the embassy of Dom Rodrigo de Lima, whose adventures are recounted by Father Francisco Alvares (see pp. 14–43). In this capacity, he went into Ethiopia in 1520, and, when the embassy left in 1526, he remained behind as a hostage for the safety of the Abyssinian ambassador Saga Zaâb, who accompanied Dom Rodrigo de Lima. The fact that he was a doctor or surgeon gave him influence and earned him the good graces of the Negus, for, as Ficalho says,

"His profession was always, as it still is to-day, the best of recommendations among savage and semi-savage peoples. However light his scientific baggage, it was infinitely superior to that of the Abyssinian healers; and two or three easy cures effected upon the queens or princesses would be sufficient to establish his reputation" (*op. cit.* p. 317).

While Bermudes was making a position for himself at court, where—so he says—the Negus Lebna-Dengel made him "a godfather at the

tiſmo de ſeu filho primogenito Gradeus" (*Breve Relação*, fl. 79 vº), a situação tornava-se novamente grave na Abyssinia. Em 1527, os Mouros, que annos antes haviam sido vencidos, recomeçáram as hostilidades, tendo á sua frente o temivel Ahmed ibn Ibrahim el-Ghazy, mais conhecido pela alcunha de Gránhe (o canhoto), e que esteve a ponto de destruir o Imperio Christão da Abyssinia. Em victorias consecutivas, Gránhe conquistou as terras da Ethiopia, saqueando, roubando e arruinando tudo. Reduzido aos ultimos apertos, acossado de montanha para montanha, e vendo proxima a derrota final e completa, o Negus—o Preste João!—lembrou-se de appellar para o Rei de Portugal, resolvendo ao mesmo tempo enviar a sua submissão ao Santo Padre. Como diz Ficalho (*ob. cit.* p. 320), é difficil de decidir se Lebna-Dengel tinha o espirito inclinado para as doutrinas Catholicas, devido á convivencia de seis annos com D. Rodrigo de Lima e o Padre Alvares, ou se o aperto do momento o obrigou a dar esse passo. Como o pobre Negus, para os fins que tinha em vista, precisava de um Embaixador e de um alto dignitario da sua Egreja, escolheu Bermudes para Embaixador, e nomeou-o Patriarcha: a promoção era realmente rapida e inesperada, sobretudo para um simples medico leigo como "mestre João." O nosso auctor descreve, á sua maneira, o succedido, dizendo que:

"Eſtando em paſſamento de morte hum Patriarcha daqlla terra per nome Abunamarcos [era o velhissimo Patriarcha Marcos, que Pedro da Covilhã e o Padre Alvares tinham conhecido] no anno de mil & quinhentos & trinta & cinco de noſſa redempçam: o dito Emperador diſſe a aquelle Patriarcha, que lhe rogaua, que cõforme ao ſeu coſtume elle antes de falecer me inſtituiſſe em ſeu ſucceſſor & Patriarcha daquella tera (*sic*) como elle a tè então fora. E o dito Patriarcha o fez aſsi, ordenandome primeyro de todas as ordẽs ſacras. O que eu aceitey com tal condição que auia de ſer confirmado pello ſummo Pontifice Romano ſucceſſor de ſam Pedro, ao qual todos auiamos de dar a obediencia. O dito Emperador

baptism of his eldest son Gradeus" (*Breve Relação*, fl. 79 vo.), the Christian Empire in Abyssinia was seriously menaced with destruction. In 1527, the Moors, who had been vanquished years before, reopened hostilities under the formidable leadership of Ahmed ibn Ibrahim el-Ghazy—better known by his nickname of Gránhe (the left-handed)—and made a victorious progress through the land, sacking, robbing and devastating everywhere they went. Reduced to desperate straits, chased from mountain to mountain, with final and utter defeat drawing nearer and nearer, the Negus—Prester John—bethought him of calling upon the King of Portugal for help, and resolved to send his submission to the Pope at the same time. As Ficalho says (*op. cit.* p. 320), it is difficult to decide whether Lebna-Dengel turned to Roman Catholicism on account of the six years' residence at his court of Dom Rodrigo de Lima and Father Alvares, or simply to suit the exigencies of the moment. The Negus had need of an ambassador and high dignitary of his church to carry out his plan, so he chose Bermudes and nominated him the Patriarch of Ethiopia—a rapid and unexpected promotion for a layman doctor like "*mestre* João." Our author describes the event in his own way, saying that:

"As a Patriarch of that land, Abunamarcos by name [it was the old Patriarch Marcos, whom Pedro da Covilhã and Father Alvares had known], was lying at the point of death in the year one thousand five hundred and thirty-five of our redemption, the said Emperor begged that Patriarch, as was customary, before he died to institute me as his successor and the Patriarch of that land, as he had hitherto been. And the said Patriarch did so, first ordaining me in all the sacred orders. All of which I accepted on condition that it should be confirmed by the Pope of Rome, the successor of St Peter, to whom we all owed obedience. The said Emperor replied that he was very pleased, and further asked me to go to Rome

me refpondeo que era muy contente: & mais me rogaua que por my, & por elle, & todos feus Reynos foffe a Roma a dar obediẽcia ao S. Padre: & dahi vieffe a Portugal a dar cõcrufã a hũa ẽbaixada q̃ qua tinha mandada per hũ homem daquella terra chamado Tegazauo [Saga Zaâb] em cuja cõpanhia veyo o padre Francifcaluerez" (*ob. cit.* fl. 1–fl. 1 vº).

Isto é o que Bermudes conta; porem, Diogo do Couto diz ter sido elle que persuadiu o Emperador a prestar obediencia ao Santo Padre, e lhe pediu para ser mandado como Patriarcha (ver *Decada* VII, 1782, Liv. 1, cap. 1, p. 4). Seja como fôr, o simples "mestre João" achou-se transformado em Patriarcha—sabe lá Deus com que "ordẽs facras"—e Embaixador do Preste João. Ouçamos agora uma opinião auctorizada, e quasi benevola:

"A nossa fonte principal de informação n'este ponto, e nos successos que seguem, é o livro do proprio João Bermudez; e devemos desde já dizer a conta em que o temos. É claro, que o não podemos condemnar como um simples tecido de falsidades e de invenções, pois contém um grande numero de noticias exactas, e confirmadas pelas procedentes de outras fontes; mas é certo tambem, que o não podemos seguir sem muitas cautellas e reservas. A *Breve relação* de João Bermudez está bem longe de nos dar a impressão de segurança e fidelidade que nos dão outros escriptos do tempo, que nos dá, por exemplo, o livro do padre Alvares. A *Breve relação* é um livro confuso, trapalhão, onde alguns factos vem trocados por falhas de memoria, e outros deformados e ampliados pela indole do escriptor. Bermudez revela-se effectivamente na sua obra um homem vaidoso, possuido da mania das grandezas, inclinado a referir todas as coisas á sua pessoa, e sem grandes escrupulos de exacção" (Ficalho, *ob. cit.* pp. 320–321).

Cheio de si, partiu para Roma, onde chegou depois "de paffados pello caminho muytos trabalhos." Continuando a sua extraordinaria narrativa, Bermudes escreve que o Papa Paulo III o recebeu "cõ muyta clemencia & fauor, & me confirmou tudo o q̃ de la trazia feito, & a meu requerimẽto tornou a retificar tudo, & me man-

and render obedience to the Holy Father on behalf of myself, of him and of all his kingdoms, and thence to come to Portugal and make an end of an embassy he had sent by a man called Tegazauo [Saga Zaâb] in whose company Father Francisco Alvarez came" (*op. cit.* fl. 1–fl. 1 vo.).

Diogo do Couto says, however, that it was Bermudes who persuaded the Emperor to render obedience to the Pope, and who asked to be sent as Patriarch (see *Decad* VII, 1782, Book I, chap. I, p. 4). However it happened, "*mestre* João" was ordained in God knows what sacred orders and promoted to the rank of Patriarch and ambassador of Prester John. Let us now quote an authoritative and almost benevolent opinion:

"Our principal source of information on this point, and on the events which follow, is the book of João Bermudez himself; and we must at once state our opinion of him. Clearly we cannot condemn his story as a mere tissue of lies and inventions, since it contains a number of facts, afterwards confirmed from other sources; but it is equally certain that we cannot follow him without much caution and many reservations. The *Breve relação* of João Bermudez is very far from giving us the impression of dependability and truth which we receive from other writings of the period, such as, for instance, Father Alvares' book. The *Breve relação* is a confused book, where some facts have been altered by lapses of memory and others distorted and exaggerated by the author's own character. Bermudez effectively reveals himself in his book as a vain man, possessed by a mania for greatness, inclined to refer everything to his own person, and without undue scruples for exactitude" (Ficalho, *op. cit.* pp. 320–321).

Filled with his own importance, he set out for Rome, where he eventually arrived, having "passed through many difficulties on the way." He goes on to say that Pope Paul III received him "with great clemency and favour, and confirmed all that had been done for me, and at my request he put everything right, and ordered me to sit

dou aſſentar na cathedra de Alexandria, & que me intitulaſſe Patriarcha, & Põtifice daq̃lla See" (*loc. cit.*).

Inchado de vaidade causada pelas honras que elle dizia lhe terem sido conferidas ou confirmadas, Bermudes seguiu para Portugal; segundo a sua relação, D. João III recebeu-o em Evora "cõ a ſua acoſtumada graça & benignidade" (ver Ficalho, *ob. cit.* p. 322, nota 2). O nosso auctor veiu em seguida para Lisboa, e avistou-se com o enviado Saga Zaâb que, diz elle, "me reconheceu por ſeu Patriarcha & ſuperior, & me beijou a mão, & me deu o ſeu lugar, ſem mais falar palaura." Bermudes, como prova de gratidão e agradecimento pela submissão do pobre Abexim, mandou-o prender "cõ duas cadeas de ferro em cada braço ſua (*sic*) ao vſo da ſua terra: as quaes lhe torney a tirar dahi a poucos dias por mo rogar ſua alteza, poſto que era fora da ordenança do Emperador, que mo aſsi mandara fazer." Já isto é inadmissivel; mas ha mais e melhor, visto accrescentar:

"Naq̃lle comenos veo ſua A. pera Lixboa, & pouſando nos paços do Duque de Bragança o fuy ver acompanhado do Nũcio do Papa dõ Hieronymo Ricenas de capite ferreo [Jeronymo Ricenati Capodiferro, Nuncio em Portugal no anno de 1537 e seguintes], & dõ Martinho de Portugal Arcebiſpo do Funchal, dandome ſempre o primeyro lugar junto do Nuncio como conuinha a minha dignidade."

E "mestre João," o simples medico ou cirurgião, ajunta esta phrase absolutamente phantastica, quando se pensa que ella diz respeito ao seu Soberano: "& referi a ſua A. a embaixada do meu Emperador" (*ob. cit.* fl. 3).

Como diz Ficalho:

"É muito possivel e é mesmo muito provavel, que Lebna Dengel, de accordo com o velho e já meio tonto abuna Marcos, o nomeasse Papas ou patriarcha do clero abexim. Sempre na Ethiopia foram pouco escrupulosos na escolha dos seus abunas.... Quanto, porém, á confirmação

in the episcopal chair of Alexandria and to call myself Patriarch and Pontiff of that See" (*loc. cit.*).

Puffed up with pride in the honours which he says had been conferred upon him, Bermudes proceeded to Portugal, where, according to him, Dom João III received him in Evora "with his customary grace and benignity" (see Ficalho, *op. cit.* p. 322, note 2). Our author then proceeded to Lisbon, where he had an interview with the envoy Saga Zaâb, who, he says, "recognised me as his Patriarch and superior, and kissed my hand, and gave me his place, without saying another word." Bermudes rewarded the unfortunate Abyssinian for his submission by having him bound "with two iron chains on each of his arms, after the custom of his land, which I took off him again a few days later, as his Highness begged me to do so, though it was against the orders of the Emperor who had commanded me to do this." All this is sufficiently incredible, but Bermudes goes so far as to say:

"In the meantime, his Highness came to Lisbon and stayed in the palace of the Duke of Bragança, where I went to see him, accompanied by the papal Nuncio, Dom Jeronymo Ricenas de capite ferreo [Jeronymo Ricenati Capodiferro, Nuncio in Portugal in 1537 and the succeeding years], and Dom Martinho de Portugal, Archbishop of Funchal, who always gave me the first place beside the Nuncio as befitted my rank."

And "*mestre* João," who was, after all, no more than an ordinary doctor or surgeon, adds this sentence, which is positively amazing when one considers to whom it refers: "and I reported my Emperor's embassy to his Highness" (*op. cit.* fl. 3).

As Ficalho says:

"It is very possible, and even very probable, that Lebna Dengel, in agreement with the old and already feeble-minded abuna Marcos, may have nominated him *Papas* or patriarch of the Abyssinian clergy. They have never been very scrupulous in the choice of their abunas in Ethiopia.... As for the confirmation of his dignity by pope

da sua dignidade pelo papa Paulo III, o caso é diverso. Nem é provavel, que o papa se apressasse a confirmal-o sem detido exame; nem é admissivel que o fizesse sem previo accordo com o Rei de Portugal, com quem os seus antecessores, Leão X e Clemente VII, haviam sempre tratado os negocios relativos á Abyssinia."

E adiante, accrescenta estas palavras, que resumem a questão: "toda a historia da sua confirmação em Roma e reconhecimento d'essa confirmação em Lisboa deve ser um simples producto do seu espirito vaidoso" (*ob. cit.* pp. 323–325).

Dois documentos, que fôram reproduzidos diversas vezes, provam que D. João III tinha o pseudo-Patriarcha na conta de um perfeito impostor. N'uma carta dirigida ao Negus Claudio a 13 de Março de 1546, o Monarcha queixa-se de João Bermudes, o Embaixador que seu pae lhe enviou, e lhe "desaprouve muito," dizendo que, "nem dele conheço mais que ser hum clerigo simpres, e dos poderes que diz que o sancto Padre lhe concedeo não sei nada," como nada sabe "desta dignidade de Patriarcha, que ele sem ningem dar quis tomar." E escrevendo para Roma a Balthazar de Faria, em Agosto do mesmo anno, o Soberano dizia-lhe que era necessario "atalhar ao dapno que o dito dom Johão Bermudez com o dito nome de patriarca fazia" (ver Graça Barreto, *Documenta*, cccxvi e cccxxii, e *Corpo Diplomatico*, t. vi, p. 71).

Em 1537, El-Rei concedeu o auxilio que o Negus lhe pedira contra o Gránhe. Tudo estava prompto a partir para a India em 1538, na armada de D. Garcia de Noronha, quando o nosso Patriarcha adoeceu subitamente—envenenado, segundo elle suspeitou, pelo pobre Saga Zaâb—e só poude seguir viagem no anno seguinte, na armada commandada por Pedro Lopes de Sousa, irmão de Martim Affonso de Sousa, o amigo e protector de Garcia da Orta.

Chegado a Goa, foi recebido "com muyta alegria" pelo Vice-Rei, que lhe "fez muyta

Paul III, however, the case is different. It is neither probable that the pope would have hastened to confirm it without a lengthy examination; nor admissible that he should have done so without previous consultation with the king of Portugal, with whom his predecessors Leo X and Clement VII had always discussed the negotiations with Abyssinia."

He adds: "the whole story of his confirmation in Rome and the acknowledgment of this confirmation in Lisbon must be merely a product of his conceited mind" (*op. cit.* pp. 323–325).

Two documents, which have been reproduced several times, clearly show that Dom João III regarded Bermudes as an impostor pure and simple. In a letter written to the Negus Claudio on March 13th, 1546, the King complains of João Bermudes, the ambassador sent by Claudio's father, and "blames him greatly," saying, "I know nothing of him but that he is an ordinary clergyman, and of the powers he says the holy Father conferred upon him I know nothing," nor does he understand "this dignity of Patriarch which he has taken upon himself without anyone's authorisation." And in August of the same year, the King wrote to Balthasar de Faria in Rome informing him that it was necessary "to put a stop to the harm which the said dom Johão Bermudez was doing with the said name of patriarch" (see Graça Barreto, *Documenta*, cccxvi and cccxxii, and *Corpo Diplomatico*, vol. vi, p. 71).

In 1537, the King agreed to help the Negus against Gránhe; but when all was ready for him to set out the following year, in Dom Garcia de Noronha's armada, our Patriarch suddenly fell ill—poisoned, he suspected, by the unhappy Saga Zaâb—and he was unable to travel until 1539, when he embarked in the armada commanded by Pedro Lopes de Sousa, the brother of Martim Affonso de Sousa, Garcia da Orta's protector and friend.

On arrival at Goa, he was received "with great joy by the Viceroy," who did him "much

honra." E sempre possuido da mania das grandezas, escreve:

"O Biſpo de Goa me veo receber cõ ſeu cabido em prociſsão cõ Cruz aleuantada & me leuarão da praya do mar a tè a See em hũa cadeyra que me pera iſſo deu el Rey ſeu auò: indo a meus lados de hũa parte o uiſorey dõ Garcia, & da outra dõ Ioã deça capitão de Goa; & conhecẽdome por Patriarcha me fizerão a honra diuida a minha dignidade" (*ob. cit.* fl. 4 vº).

Bermudes insistia tanto e tantas vezes nas honras devidas á sua dignidade de Patriarcha, que elle mesmo parecia mostrar duvidas ácerca dos seus direitos ao alto cargo que pretendia exercer, e, por consequencia, procurava convencer-se a si proprio, para assim poder illudir os outros.

Depois de demoras, embarcou em 1541 na armada que D. Estevão da Gama ia levar ao Mar Vermelho, com o fim principal de destruir os navios Turcos que se estavam apparelhando em diversos portos d'esse mar. A expedição á Abyssinia foi organizada em Massauá, sendo o seu commando entregue a D. Christovão da Gama. Se na *Breve Relação*, Bermudes narra muitas invenções a respeito de nomeações para o commando da expedição, e se todas as questões são sempre vistas atravez da sua vaidade quasi doentia, por outro lado, não ha duvida que elle empregou todos os esforços para que ella se realizasse, prestando assim um verdadeiro serviço, pois essa expedição—que Bermudes acompanhou—de um punhado de valerosos Portuguezes, debaixo das ordens do filho de Vasco da Gama, contribuiu poderosamente para salvar o Imperio Christão da Ethiopia. A historia da campanha de D. Christovão da Gama foi devidamente contada por muitas pennas auctorizadas, e, por falta de espaço, somos obrigados a nos occupar unicamente de João Bermudes. Depois da morte de D. Christovão—morte de um heroe e de um martyr—a situação tornou-se angustiosa; mas tendo sido morto o Gránhe, a campanha terminou, dispersando-se as tropas Mouras e Turcas, que o seu prestigio mantera unidas. O Negus

honour"; and with his eternal mania for greatness, Bermudes adds:

"The Bishop of Goa, with his chapter, came to meet me in procession, bearing the Cross on high, and I was carried from the seashore to the Cathedral in a chair which the King your grandfather gave me for this, with the Viceroy Dom Garcia on one side of me and Dom João d'Eça, the captain of Goa, on the other, and, recognising me as Patriarch, they did me the honour due to my position" (*op. cit.* fl. 4 vo.).

Bermudes' insistence on the honours due to him as Patriarch seems to show that he himself had doubts as to his claims, and was making a strong effort to convince himself, so as to be able to delude others.

At length, in 1541, he embarked in the armada Dom Estevão da Gama was taking to the Red Sea, with the primary object of destroying the Turkish vessels which were being equipped in the various ports there. The Abyssinian expedition was made ready at Massowah, under Dom Christovão da Gama; and though Bermudes makes many false assertions about the nominations for the command of the expedition, and shows all the events through the distorting glass of conceit, there is no doubt that he used every effort to bring it into being, thus rendering notable service; for this handful of Portuguese soldiers—whom he himself accompanied—under the command of Vasco da Gama's son, contributed in large measure to the salvation of the Christian Empire in Ethiopia. Dom Christovão's campaign has been worthily described by many authorities, and for lack of space we are forced to restrict ourselves to Bermudes himself. After the death of Dom Christovão da Gama—who died like a hero and a martyr—the situation became most anxious; but when Gránhe was killed, the Moorish and Turkish troops, which only his leadership had kept together, were scattered, and the Negus

Claudio era de novo Senhor do seu Imperio. Analysando estes factos, e o seu alcance, Ficalho escreveu estas palavras tão verdadeiras como profundas:

"Por certo, quando D. João II mandava Pedro da Covilhan procurar um Preste João problematico a terras incertas, não podia prever, que uns cincoenta e tantos annos depois os portuguezes iriam manter e restabelecer no seu throno o proprio Preste João. Invertera-se o que imaginara nos remotos tempos da Edade media o bispo Jayme de Vitry, o que imaginavam mais recentemente D. Manuel, Leão X e Duarte Galvão—o Preste não viera defender a Christandade, e pelo contrario foram os portuguezes defendel-o a elle dos ataques dos infieis" (*ob. cit.* p. 331).

Durante esses tempos de campanha, "mestre João" sentia-se cada vez mais Patriarcha. Distribuia benções, perdões e indulgencias ás tropas, "o q̃ podia fazer por mo o Papa outorgar" (*ob. cit.* fl. 19); cheio de zelo, quiçá intempestivo, pela religião Catholica, Bermudes, já antes da batalha de Uaina Daga, instára com o Negus Claudio para que prestasse á Santa Sé a obediencia que o Imperador David lhe promettera. Agastado, o jovem Negus recusou, dizendo a Bermudes: "Vos nam ſois noſſo pay, nem prelado: mas ſois Patriarcha dos frangues, & ſois arriano que tendes quatro deoſes: & nam vos chamaremos mais daqui por diante pay."

Em vista d'estas palavras, Bermudes perdeu a cabeça, e declarou na cara do Preste, "que elle mentia," e que "o hauia por excomungado maldito"; mas Claudio respondeu: "que eu era o excomungado & elle nam" (*ob. cit.* fl. 34).

Porem, o Negus precisava dos Portuguezes para o livrarem do Gránhe e dos Mouros; por consequencia, fingiu-se arrependido, pediu perdão e, ao som de trombetas, prestou obediencia solemne ao Santo Padre.

Vencidos os Mouros, a scena mudou de aspecto, e Claudio negou-se a cumprir as promes-

Claudio was again the master of his Empire. In an analysis of these facts and their scope, Ficalho writes these true and significant words:

"Certainly, when Dom João II sent Pedro da Covilhan in search of a problematic Prester John, he could not foresee that, some fifty years later, the Portuguese were to go to the support of Prester John himself and to re-establish him on his throne. The imaginings of Bishop James of Vitry in the middle ages and, later on, of Dom Manuel, Leo X and Duarte Galvão, were reversed—the Prester did not come to the aid of Christendom, on the contrary, the Portuguese went to defend him against the attacks of the infidels" (*op. cit.* p. 331).

During this campaign, "*mestre* João" felt himself growing more patriarchal from day to day: he showered blessings, pardons and indulgences upon the troops—"which I could do because I had the Pope's authorisation" (*op. cit.* fl. 19)—and before the battle of Uaina Daga, he showed great, though perhaps untimely, zeal for the Roman Catholic religion, by importuning the Negus Claudio to render obedience to the Holy See, in accordance with the Emperor David's promise. The young ruler angrily refused, saying: "You are not our father or prelate, but the Patriarch of the Franks and you are an Arian who has four Gods; and after this we will never call you father again."

At these words Bermudes lost his head and told the Prester to his face, "that he lied" and that he "excommunicated him for his wickedness"; but Claudio replied: "that it was I who was excommunicated and not he" (*op. cit.* fl. 34).

The Negus could not, however, dispense with the Portuguese help in his war against Gránhe and the Moors, so he feigned repentance, begged Bermudes' pardon, and rendered solemn obedience to the Pope to the sound of trumpets.

But when the Moors were overcome, Claudio changed his mind and refused to fulfil his pro-

sas feitas; Bermudes chamou-lhe novamente "excomungado maldito," e não hesitou em reprehendel-o com a maior violencia. Irritado por tamanha ousadia, o Negus ameaçou-o, e finalmente, perdendo a paciencia, mandou-o prender, e depois desterrar. O pseudo-Patriarcha foi obrigado a partir, mas na sua retirada, amaldiçoava as terras por onde passava!

"Deve ser por esta occasião que o Negus se mandou queixar a D. João III do chamado patriarcha; e lhe deu tão boas razões das suas queixas, que o rei de Portugal reconheceu a justiça com que o mandaria matar, e unicamente lhe pediu o não fizesse, em attenção á dignidade de patriarcha de que usava, posto que indevidamente, pois isso seria 'grande descredito na christandade.' E não só lhe pedia tivesse paciencia, mas lhe promettia mandar-lhe um verdadeiro patriarcha, '...que seja tal e de tal zelo e bom exemplo de vida que nestas cousas possa e saiba servir bem nosso senhor.' A condemnação de João Bermudez não podia ser mais completa" (Ficalho, *ob. cit.* p. 333).

Esteve mezes no seu desterro, mas, por duas vezes, safou-se, e veiu á côrte, onde foi mal recebido, como era natural; finalmente foi para Debaroá, demorando-se alli dois annos. O Negus não o reconhecia, e agora, recebia, pelo Jesuita Gonçalo Rodrigues, a noticia da nomeação do verdadeiro Patriarcha, D. João Nunes Barreto: era o fim da aventura.

Bermudes, comtudo, ao terminar a sua *Breve Relação*, affirma mais uma vez que Paulo III approvou a sua nomeação como Patriarcha da Ethiopia, e que, alem d'isso, o

"inſtituyo & confirmou em Patriarcha de Alexandria, & me deu peſſoalmente a poſſe daquella cathedra. E em teſtemunho da fé, & verdade de tudo iſto me mandou paſſar ſuas acoſtumadas letras, & inſtrumentos autenticos, que neſte reyno foram viſtos & aprouados."

Já vimos o que D. João III pensava a respeito das suas credenciaes; mas o impostor

mise; Bermudes again excommunicated him and did not hesitate to reprove him with the utmost violence. His effrontery incensed the Negus, who first threatened him and finally lost all patience and had him taken prisoner and banished from his sight. Bermudes showed his independence by cursing all the lands through which he passed!

"It must have been on this occasion that the Negus sent to Dom João III complaining of the so-called patriarch, and showed such good cause for complaint that the king of Portugal acknowledged that he had every right to sentence him to death, and only begged him not to do so on account of the rank of Patriarch which Bermudes claimed, however unjustly, for that would be 'a great discredit in Christendom.' And he not only asked him to have patience, but promised to send him a real patriarch, '...who shall be such and of such zeal and exemplary life that in these things he will be able to serve Our Lord truly and well.' There could not have been a more complete condemnation of João Bermudes" (Ficalho, *op. cit.* p. 333).

He was in exile for months, though he twice escaped and went to the court, where, as was only natural, he had a very poor reception, and he eventually went to Debaroá, where he stayed for two years. The Negus refused to recognise him, and Bermudes' pretensions were finally shattered by the arrival of the Jesuit Gonçalo Rodrigues bringing word of the nomination of the true Patriarch, Dom João Nunes Barreto.

Bermudes, however, again asserts at the end of his *Breve Relação* that Paul III had approved his nomination as Patriarch of Ethiopia and that, in addition to this,

"he instituted and confirmed me as Patriarch of Alexandria and personally gave me possession of that chair. And in witness of the good faith and truth of all this, he ordered the customary letters and authentic instruments to be handed over to me, and they were seen and approved in this kingdom."

We have already seen what Dom João III thought of his credentials; but Bermudes cun-

velhaco accrescenta: "Os quaes perdi com muitas outras cousas na batalha em q̃ dom Chriſtouã foy preſo" (*ob. cit.* fl. 79 v°–fl. 80).

Como a sua situação era insustentavel na Ethiopia, embarcou para a India, chegando a Goa em Maio de 1556, onde o Governador Francisco Barreto o mandou aposentar no Collegio dos Jesuitas, "os quaes me fezerão muita caridade, & honra em quãto alli eſtiue, q̃ ſeria eſpaço de noue ou dez meſes" (*ob. cit.* fl. 77).

Ora n'esse mesmo anno, chegou a Goa o verdadeiro Patriarcha da Ethiopia, D. João Nunes Barreto, nomeado por Julio III em 23 de Janeiro de 1555, que, como é natural, ficou pasmado "de lhe dizer Bermudes que elle era o Patriarcha d'aquella Sé"! Nunes Barreto assustou-se, pois era um pouco timorato; tractou de obter informações, e como não conseguia noticias seguras, escreveu para Portugal, a 6 de Novembro de 1556, ao Padre Luiz Gonçalves da Camara, dizendo:

"Hum velho achamos aqui que chamam Dom João Vermudes que diz que foy consagrado por Patriarcha da Ethiopia e ouve Bulla do Papa Paulo 3°. em que entendeu, segundo elle diz, o cardeal Santa Cruz, e por tal foy recebido nessa corte del Rey e Infantes, e isto he certo porque ay pessoa quaa que afirma que o Infante dom Luis que santa gloria aja, sayo com elle de uma camara para fóra e no banco na capella del-rey diz que precedeu ao arcebispo D. Martinho e aos outros, qua nesta cidade foy recebido com grande fausto como Patriarcha e foy com Dom Xpovão á Ethiopia nessa posse; ay pessoas que virão suas letras que diz que lhe tomarão no desbarate e que disse hum homem que as leo: Patriarcha he. Elle vay para esse reyno, veja-se lá bem isto, e escreva V.R. a Roma sobre isto, e tambem se saiba de El-Rey porque as minhas Bullas não fazem menção disto. E sendo assim como elle diz, estou...e fora desta carrega ou se aja recurso ao Papa. Encarrego isto m[to] a V.R. e aos P[es] porque tenho escrupulo disto, e esta foy huma das cousas porque me não pessou (*sic*) tanto de

ningly adds: "Which with many others I lost in the battle in which Dom Christovão was captured" (*op. cit.* fl. 79 vo.–fl. 80).

As he could no longer sustain his position in Ethiopia, he set sail for India, and landed in Goa in May, 1556. The Governor, Francisco Barreto, had him lodged in the College of the Jesuits "who did me much honour as long as I stayed there, which would be for nine or ten months" (*op. cit.* fl. 77).

Now in that same year, Dom João Nunes Barreto, the real Patriarch of Ethiopia, who had been duly appointed by Julius III on January 23rd, 1555, arrived in Goa, and was amazed when "Bermudes told him that he was the Patriarch of that See." Nunes Barreto was startled, for he was rather a timorous man; and being unable to obtain reliable information in Goa, he wrote to Portugal to Father Luiz Gonçalves da Camara, on November 6th, 1556, saying:

"We have found an old man here, called Dom João Bermudes, who says he was consecrated Patriarch of Ethiopia, and that there was a Bull of Pope Paul III, with which, so he says, Cardinal Santa Cruz had to do, and that he was received as such at the Portuguese court by the King and Princes, and that much is certain, because there is someone here who affirms that the Infante Dom Luis—may he have holy glory—went out of an audience-chamber in company with him, and that his seat in the king's chapel was higher than that of Archbishop Dom Martinho and the others. Here in this city he was received with great pomp as Patriarch, and went with Dom Christovão to Ethiopia in that capacity; there are people who have seen his letters, which he says were taken from him in the confusion of battle and that a man who read them said: He is a Patriarch. He is going to that kingdom [Portugal]; will your reverence please look into this matter well there, and write to Rome about it, and also ask the King, because my Bulls do not mention this. And if it be as he says, either I am out of this charge or we must have recourse to the Pope. I recommend this greatly to your reverence and to the Fathers, because I have some scruples about

não ir este anno para saber primeiro a verdade. Deve escrever sobre isto a Roma, porque ser recebido nesse reino e qua por Patriarcha consta claramente, e este homem he simplex e não sey se teria arte para aver letras falsas; elle vay para laa, engemineo bem, mas qua não podemos tirar delle outra cousa, nem seu confessor a quem isto encommendei muyto..." (Pe Francisco Rodrigues, *ob. cit.* p. 128).

Depois de analysar esta curiosa carta, o Padre Francisco Rodrigues mostra claramente que as bullas do verdadeiro Patriarcha não mencionavam Bermudes, pela simples razão de elle nunca ter sido nomeado Patriarcha da Ethiopia pela Santa Sé.

Já em Março de 1546—poucos dias depois de D. João III escrever a carta ao Emperador Claudio, que citámos—o Padre Simão Rodrigues narrava a Santo Ignacio o que se passava, n'estes termos:

"...Y los annos passados partió daqui hun clérigo muy inepto y ignorante, y se hizo allá patriarca, y ellos lo creieron e recibieron por patriarca; y como en él conosciesen poca abelidad, mandaron aquá saber del rei si era el patriarca ó no..." (Pe Francisco Rodrigues, *ob. cit.* p. 131).

Em vista d'estas informações, e do que D. João III escrevera ao seu Embaixador em Roma e ao Geral dos Jesuitas,

"S. Ignacio dirigiu-se immediatamente aos jesuitas que estavam no concilio de Trento, a consultá-los sobre aquelle assumpto e em particular sobre o que o Rei dizia na carta ácerca de João Bermudes, para que se inteirassem do que havia de verdade na sua pretendida eleição. Felizmente o negocio de Bermudes tinha corrido pelas mãos do Cardial de Santa Cruz, então em Trento, o qual pôde ministrar informações seguras. Contou o Cardial que effectivamente um português viera da Ethiopia trazendo carta do imperador a pedir ao Summo Pontifice Patri-

it, and this was one of the reasons why it did not weigh upon me so heavily not to go this year, so that I can first learn the truth. You ought to write to Rome about this, because it is clear that he is received as a Patriarch in that kingdom, and he is a simple man and I do not know whether he would be clever enough to have false credentials; he is going there; look into the matter thoroughly, because here we cannot get anything else out of him, not even his confessor to whom I greatly recommended this..." (Father Francisco Rodrigues, *op. cit.* p. 128).

After analysing this curious letter, Father Francisco Rodrigues shows conclusively that the only reason why the true Patriarch's bulls made no mention of Bermudes was that he was never nominated Patriarch of Ethiopia by the Holy See.

In March of 1546—a few days after King João III wrote the letter to the Emperor Claudio which we have quoted—Father Simão Rodrigues had already written to St Ignatius in the following terms:

"...Y los annos passados partió daqui hun clérigo muy inepto y ignorante, y se hizo allá patriarca, y ellos lo creieron e recibieron por patriarca; y como en él conosciesen poca abelidad, mandaron aquá saber del rei si era el patriarca ó no..." (Father Francisco Rodrigues, *op. cit.* p. 131).

In view of the information sent by Dom João III to his ambassador in Rome and to the General of the Jesuits,

"St Ignatius immediately addressed himself to the Jesuits attending the council of Trent and consulted them on that subject and especially on what the King had said in the letter about João Bermudes, so that they could find out how much truth there was in his pretended election. Happily the Bermudes affair had passed through the hands of the Cardinal of Santa Cruz, who was then in Trent and was able to furnish reliable information. The Cardinal said that a Portuguese had indeed come from Ethiopia bringing a letter from the Emperor asking the Pope to appoint a Patriarch

archa para seu imperio; mas, sem esperar a resposta, desapparecêra de Roma e se fôra para Ethiopia, onde affirmára publicamente, como se soube por noticia posterior, que Sua Santidade o fizera a elle Patriarcha. O Papa nomeou logo uma commissão de Cardiaes, de que fazia parte Santa Cruz, para deliberarem no assunto, e averiguaram que o tal português era um intruso, que não fôra eleito nem sagrado, nem de sua eleição levára Bullas nenhumas."

E o Padre Francisco Rodrigues reproduz a carta do Padre Salmeron, dirigida a Santo Ignacio, na qual relata estes successos, e que é a prova indubitavel da impostura de João Bermudes (ver *ob. cit.* pp. 131–132).

O que nos surprehende sobremaneira, é o elle ter podido representar o papel de Patriarcha da Ethiopia durante muitos annos, e que tantos auctores, alguns bem illustres, tenham podido accreditar de boa fé nas palavras de tamanho embusteiro. Não ha duvida que escriptores como Gaspar Corrêa, Diogo do Couto, Fr. João dos Santos, Fr. Antonio de Gouvêa, Fr. Luiz de Sousa, os Missionarios Jesuitas na Ethiopia—Padre Pero Paes, Padre Manuel Barradas, e o Patriarcha D. Affonso Mendes —Balthasar Telles, Francisco de Sousa, Antonio Franco, Cardeal Hergenröther, Cesar Cantu, Pinheiro Chagas e Bruno, consideram João Bermudes como verdadeiro Patriarcha. Todavia, Maffei, Orlandini e o auctor dos *Annaes Ecclesiasticos* não fazem a menor referencia a Bermudes, e o Padre Manuel de Almeida, apezar de não lhe negar o titulo de Patriarcha, confessa que a sua nomeação causa pasmo.

Mais tarde, o annotador das *Lendas da India* já chamou a mestre João "pseudo Patriarcha de Alexandria," e Silva Tullio, no prefacio da reimpressão da *Breve Relação*, mostrou serias duvidas sobre a veracidade das palavras de Bermudes. Depois, Ficalho e Fortunato de Almeida apontáram razões sólidas, que, pouco a pouco, começáram a desfazer a lenda; finalmente, o Padre Francisco Rodrigues, com uma argumen-

for his dominions; but that, without awaiting a reply, he had disappeared from Rome and gone back to Ethiopia, where, as it was afterwards learned, he had publicly affirmed that His Holiness had made him Patriarch. The Pope then appointed a commission of Cardinals, including Santa Cruz, to deliberate upon the subject, and they found that the said Portuguese was an intruder, that he had not been elected or consecrated, and had been given no Bulls to certify his election."

Father Francisco Rodrigues then reproduces a letter from Father Salmeron to St Ignatius, which proves João Bermudes' imposture beyond a doubt (see *op. cit.* pp. 131–132).

What amazes us is that he should have been able to play the part of Patriarch for so many years and that such numbers of writers should have believed in him. Even authorities like Gaspar Corrêa, Diogo do Couto, Frei João dos Santos, Frei Antonio de Gouvêa, Frei Luiz de Sousa, the Jesuit missionaries in Ethiopia—Father Pero Paes, Father Manuel Barradas, and the Patriarch Dom Affonso Mendes—Balthasar Telles, Francisco de Sousa, Antonio Franco, Cardinal Hergenröther, Cesar Cantu, Pinheiro Chagas and Bruno recognised Bermudes as a Patriarch. Nevertheless, Maffei, Orlandini and the author of the *Annaes Ecclesiasticos* ignore him altogether, and Father Manuel de Almeida, though he does not deny him the title of Patriarch, confesses that he is amazed at his nomination.

Later the annotator of the *Lendas da India* called "*mestre* João" the "pseudo Patriarch of Alexandria," and Silva Tullio, in the preface to the reimpression of the *Breve Relação*, expresses serious doubts as to Bermudes' veracity. Ficalho and Fortunato de Almeida brought forward solid reasons which began to destroy the legend, and Father Francisco Rodrigues has produced well conceived arguments, based upon irrefutable

tação cerrada, baseada em documentos incontestaveis, deu o golpe decisivo na questão, demonstrando de uma fórma cabal as invenções de João Bermudes. Porem, ha testemunhos contemporaneos, que mostram claramente a figura do nosso auctor; o illustre Jesuita Gaspar Barzeo—que escrevia da India baseando-se nas informações dos Portuguezes recem-chegados da Ethiopia em 1551—dá-nos a seguinte descripção:

"O patriarcha dom Joam Bramudes he homem que não tem ninhumas letras e com trabalho reza seu officio divino pelo não saber milhor...he homem cobiçoso de bens temporaes e tiraniza de algumas cousas que lhe dam pera seu comer; não tem agora ninhum mando nem dignidade nem credito no reino nem se fas ninhum caso delle; nam prega porque o nam sabe fazer; andase na companhia dos portuguezes sem dizer missa nem se confessar averá doze annos; nam tem mais no reino que o nome de patriarcha; he muito facil no excomungar e absolver e isto pelo muito que carece de prudencia e nam ser nada expediente pera a terra. Será homem de sesenta annos...nunqua se vio com o patriarcha que veo de Jerusalem, porque não se atreve pela roim oratoria que tem e se embaraçar ainda nos sete psalmos penitenciais."

E o Padre Francisco Rodrigues accrescenta com razão:

"Mas, com toda a sua ignorancia seria pelo menos sacerdote este Patriarcha de Alexandria? Nem sequer o caracter sacerdotal lhe podemos reconhecer. As ordens sacras, que elle diz que tinha, só lhas conferiu o Abuná Marcos de Ethiopia. Ora, nos Prelados desta região havia tão pouco escrupulo no tocante ás ordenações de seus chamados sacerdotes, que muitos foram ordenados com desprezo absoluto das formulas e ritos sacramentaes, e confessou o proprio João Bermudes ao Patriarcha Nunes Barreto que o Abuná lhe dera as ordens com formula tal, que, segundo a theologia catholica, havemos de ter por invalida. Sendo assim, vemo-nos, sobre tudo o mais, forçados a declarar Bermudes réu de grave sacrilegio por ter exercitado as ordens de que não

documents, which have dealt the final blow to Bermudes' pretensions. There are, however, contemporary witnesses who give clear enough pictures of our author's character; for instance, the illustrious Jesuit Gaspar Barzeo—who wrote from India, basing his affirmations on the accounts of the Portuguese newly arrived from Ethiopia in 1551—described him as follows:

"The patriarch Dom João Bermudes is an entirely unlettered man and he has difficulty in reading the divine service because he does not know it better....He is covetous of temporal goods and is tyrannical over things which are given him for his use; he has now no authority or dignity or credit in the kingdom nor does anyone take any notice of him; he does not preach because he is unable to do so; he has been in company with the Portuguese without saying Mass or confessing himself for about twelve years; he has nothing in the kingdom but the bare name of patriarch; he is very lavish with excommunications and absolutions because he is most lacking in prudence and thoroughly unfitted for that land. He must be a man of about sixty years old....He never visited the patriarch who came from Jerusalem, because he did not dare, as his oratory is so vile and he even gets muddled in the seven penitential psalms."

Father Francisco Rodrigues rightly adds:

"But with all his ignorance, was this Patriarch of Alexandria at least a priest? We cannot even recognise him as that. The holy orders he says he had were only conferred upon him by the Abuna Marcos of Ethiopia. Now the Prelates of that region had so few scruples with regard to the ordination of their so-called priests, that many were ordained with complete neglect of the sacramental rites and formulas, and Bermudes himself confessed to the Patriarch Nunes Barreto that the Abuna had ordained him in a way which, in catholic theology, must be held to be invalid. This being the case we are forced, in addition to all the rest, to declare Bermudes guilty of grave sacrilege in using powers with which he had not been duly invested, celebrating the holy

estava investido, celebrando o santo sacrificio da missa e confessando no tribunal da penitencia, como elle assevera na sua *Relação*; a não ser que a sua ignorancia fosse tão desmarcada que hajamos de o ter por inconsciente e irresponsavel!" (*ob. cit.* p. 134).

Em 1557, Bermudes embarcou para Portugal, onde chegou em 1559, depois de se demorar alguns mezes na ilha de Santa Helena. Durante onze annos, viveu retirado em Lisboa, juncto da ermida de S. Sebastião da Pedreira. Na sua modesta casa, onde escreveu o seu livro, era ás vezes visitado pelo jovem Rei D. Sebastião. Talvez que a fama do Preste João e o espirito de aventura alli levassem o *Desejado* para ouvir as narrativas de um grande aventureiro!

Bermudes falleceu em 1570, sendo sepultado na ermida; mas, em 1650, devido ao Padre Jorge Cardoso, os seus ossos fôram trasladados para a nova egreja de S. Sebastião da Pedreira, e na campa gravou-se uma inscripção, que lhe perpetua o titulo de Patriarcha de Alexandria. "Talvez pudesse ter sido benemerito da Patria, se, refreando a ambição de titulos pomposos, que desmerecia, se contentasse com a denominação mais humilde, mas honrada, de mestre João Bermudes," como escreve o Padre Francisco Rodrigues (*ob. cit.* p. 137). Não ha duvida; porem, hoje, perante provas irrefragaveis, somos forçados a consideral-o como um dos maiores e mais curiosos impostores do nosso seculo XVI.

A *Breve Relação*, verdadeira preciosidade bibliographica, alem das noticias que contem, merece um interesse muito especial, devido á figura extraordinaria do seu auctor.

sacrifice of the Mass, and confessing penitents, as he informs us in his *Relação* that he did, unless his ignorance was so unbounded that we must regard him as unconscious of his guilt and therefore not responsible!" (*op. cit.* p. 134).

Bermudes embarked for Portugal in 1557, and, having spent some months at St Helena on the way, arrived there in 1559. He lived a retired life in Lisbon, near the chapel of S. Sebastião da Pedreira, and his modest house, where he worked on his book, was sometimes honoured by a visit from the young King Sebastião. Perhaps it was the fame of Prester John and a spirit of adventure which drew the *Desejado* there to listen to the stories of a very great adventurer!

Bermudes died in 1570, and was buried in the chapel, but in 1650, through Father Jorge Cardoso, his bones were moved to the new church of S. Sebastião da Pedreira, and an inscription perpetuating his title of Patriarch of Alexandria was engraved on his tombstone. As Father Francisco Rodrigues says, João Bermudes "might perhaps have been a worthy son of Portugal if he had curbed his ambition for pompous titles which he did not deserve, and contented himself with the more humble, but honourable, denomination of *mestre* João Bermudes" (*op. cit.* p. 137). But today we have irrefragable proof that he was one of the most amazing impostors of the XVIth century.

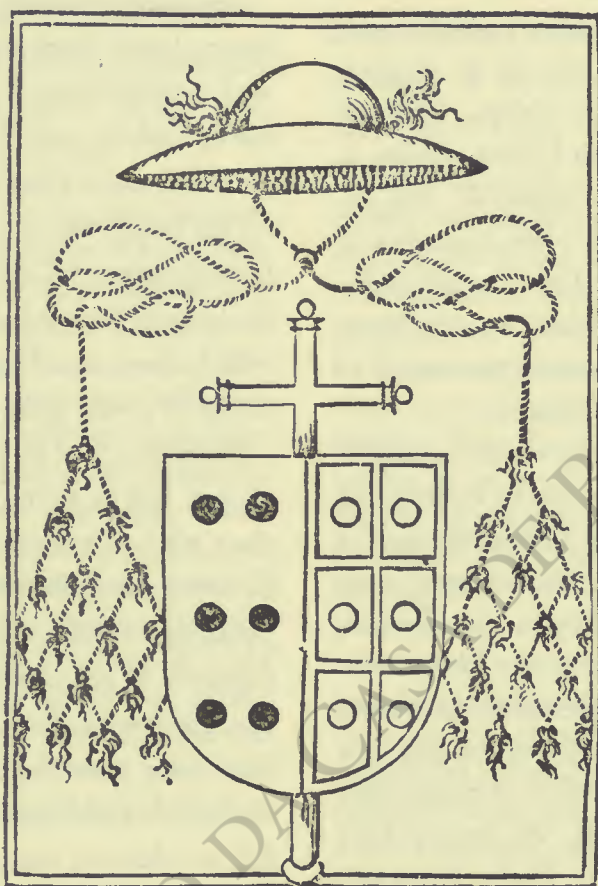
The *Breve Relação*, a real bibliographical treasure apart from the story it contains, derives particular interest from the extraordinary character of its author.

¶Acabouſe de imprimir em Lixboa a xx.
dias de Iunho em caſa de Franciſco
correa Anno de 1565.

187 Colophon da *Breve Relação* de João Bermudes
Colophon of the *Breve Relação* of João Bermudes
Lisboa, 1565

188 Folha do rosto das *Constituições do arcebispado Deuora*
Title-page of the *Constituições do arcebispado Deuora*
Evora, 1565

108 CONSTITUIÇÕES DO ARCEBISPADO DEUORA.

Evora, André de Burgos, 1565.

Conſtituições do arcebiſpado | Deuora/ nouamente feitas | por mandado do illuſtriſ/ | ſimo ꝛ reuerendiſſimo | ſeñor dom Ioam de Mello, arcebiſ/ | po do dito arcebiſpado &c. | 1565.

Por cima do titulo, o brasão do Arcebispo de Evora; tudo enquadrado por tarjas[1].

[fl. 2] Tauoada das conſtituições [...]

[fl. 8] [...] Fim da tauoada.

[fl. 8 vo.]

Alvará de D. João de Mello, datado de 20 de Julho, 1565[2].

fl. j. Titulo primeiro do ſacra/ | mento do Baptiſmo. | Capitulo primeiro, [...]

fl. lxxxviij. [...] Foram acabadas de imprimir | eſtas Conſtituyções em ha cidade Deuora por manda | do do muito reuerendiſſimo & illuſtrimo [*sic*] ſeñor ho | ſeñor dom Ioam de Mello Arcebiſpo Deuora | do cõſelho del Rey noſſo ſeñor. &c. Em | caſa de Andrę de Burgos impreſſor | & caualleiro da caſa do Cardeal | iffante. Aos vinte de julho | de. 1565. annos.

Assignatura autographa de: Antº de gouuea[3].

[fl. 1] Por ha conjunçam ꝛ neceſſida | de do tẽpo & frieza do amor que ſe tẽ ao ſeruiço de no | ſſo ſeñor, & eſquecimento de couſas neceſſarias, de q̃ | depende ha ſaluaçam que cada hum deue procurar, & | proueito ſpiritual de que ſe deue lançar mão, pareceo | neceſſario no fim deſte liuro das Conſtituyções, orde | narem ſe algũas breues lembrãças & cõſiderações dos | myſterios da miſſa, proueitoſas aſſi pera os miniſtros | della, como pera as mais peſſoas que diſſo ſe quiſerem | aproueitar. [...]

[fl. 4] [...] Laus deo.

Folio—[8], lxxxviij, [4] folhas—41 linhas—a 1ª linha das principaes epigraphes é em caractéres gothicos—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: A, 8 folhas; a–l, 8 folhas cada caderno; A, 4 folhas; total de 100 folhas.

Encadernação de pergaminho.

Folio—[8], lxxxviij, [4] leaves—41 lines—the first line of the principal headings is in Gothic letter—no catchwords.

Collation by signatures: A, 8 leaves; a–l, each 8 leaves; A, 4 leaves; total 100 leaves.

Vellum binding.

[1] *Above the title are the arms of the Archbishop of Evora, and the whole is within a woodcut border.*

[2] *Charter of Dom João de Mello, dated July 20th, 1565.*

[3] *Autograph signature of:* Antº de gouuea (*Antonio de Gouvêa*).

As *Conſtituições do arcebiſpado Deuora* impressas em Evora por André de Burgos em 1565, por mandado do Arcebispo D. João de Mello, são muito raras. Entre outros, referem-se a esta obra os seguintes auctores: Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 101; vol. III, p. 418), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 173), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 25–26), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 394), que mencionam a existencia de dois exemplares: um no Archivo Nacional, e outro na Bibliotheca da Ajuda. Conhecemos mais tres: o da Bibliotheca da Universidade de Harvard (*Catalogo Palha*, nº 329), e os dois exemplares, completos e perfeitamente conservados, da nossa Bibliotheca.

Nas nossas notas sobre a *Historia, da Antigvidade da Ciidade Evora* de André de Resende (pp. 381–393) e sobre as *Conſtituições do Biſpado de Euora* de 1558 (pp. 519–535), já nos occupámos da historia da capital do Alemtejo, da sua diocese, e de muitos dos seus Prelados. Como vimos, em 1558, o Cardeal Infante D. Henrique, Arcebispo de Evora, mandou estampar novamente as *Conſtituições* que o Cardeal Infante D. Affonso, Bispo de Evora, mandára imprimir por Germão Galharde em 1534, após a reunião do synodo que elle convocára n'esse anno. D. Henrique, successor de seu irmão na Sé de Evora em 1540, administrou a diocese por intermedio de vigarios até 1564, anno em que resignou a egreja eborense, sendo nomeado Arcebispo o seu coadjutor e vigario geral, D. João de Mello, Bispo do Algarve. Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, pp. 698–699) diz-nos que D. João de Mello e Castro, filho de Pedro de Castro de Azevedo, Alcaide Mór de Melgaço, e de D. Brites de Mello, nasceu em Villa Viçosa. Tendo estudado na Universidade de Salamanca, onde se doutorou em direito canonico, regressou a Portugal, e foi admittido na casa do Cardeal D. Affonso, Bispo de Evora.

The *Conſtituições do arcebiſpado Deuora* printed in Evora by André de Burgos in 1565, by order of the Archbishop Dom João de Mello, are very rare. Among those who refer to them are: Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 101; vol. III, p. 418), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 173), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 25–26), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 394), who mention two copies, one in the Archivo Nacional, and the other at the Ajuda. We know of three more: the one in Harvard University Library (*Palha Catalogue*, no. 329) and the two complete and perfect copies in our own Library.

We have already studied the history of the city and diocese of Evora, and of many of its Prelates in our notes on André de Resende's *Historia, da Antigvidade da Ciidade Evora* (pp. 381–393) and on the *Conſtituições do Biſpado de Euora* of 1558 (pp. 519–535). As we saw, in 1534, the Cardinal Infante Dom Affonso, Bishop of Evora, commanded Germão Galharde to print the constitutions drawn up at the synod he had convoked that year; these were reprinted in 1558 by order of the Cardinal Infante Dom Henrique, Archbishop of Evora. Dom Henrique, who succeeded his brother in the See of Evora in 1540, deputed various vicars to administer the diocese until 1564, when he resigned office, his chief helper and vicar general, Dom João de Mello, Bishop of the Algarve, being appointed in his place. Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, pp. 698–699) tells us that Dom João de Mello e Castro—the son of Pedro de Castro de Azevedo, Governor of Melgaço, and Dona Brites de Mello—was born in Villa Viçosa. He studied at the University of Salamanca, where he took a degree in canon law, and, on his return to Portugal, was admitted into the household of Cardinal Dom Affonso, Bishop of Evora.

"Por esse tempo foi nomeado cónego de Cabo Verde. Membro de Conselho geral do Santo Offício em 10 de outubro de 1536, e substituto do inquisidor mór, foi depois reconduzido no Conselho geral pelo Cardeal D. Henrique, de quem era muito estimado. Foi desembargador da Casa da supplicação e dos aggravos da Casa do cível. Escolhido por D. João III para bispo de Silves, foi confirmado por Paulo III em 13 de março de 1549" (Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, t. III, parte II, p. 889; ver tambem pp. 242, 243, 248, 518, 598 *e seg.*, 804, 847–848, 888).

Cinco annos depois da sua nomeação, reuniu synodo, no qual fôram approvadas as Constituições da diocese. Em 1555, esteve no Concilio de Trento, onde "foy admirada a ſua grande litteratura." No seu regresso a Portugal, foi nomeado Regedor das Justiças, de que tomou posse a 17 de Setembro de 1557 (ver Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Cintra*, t. III, pp. 197–198). Mais tarde, o Cardeal D. Henrique escolheu-o para vigario geral do Arcebispado de Evora, e, em 1564, o Infante, tendo sido transferido para a Sé de Lisboa, renunciou a de Evora em D. João de Mello. Logo no anno seguinte, o novo Arcebispo reuniu o synodo diocesano, no qual fôram reformadas e actualizadas as Constituições do Cardeal Infante D. Affonso, e que mandou imprimir, no mesmo anno, por André de Burgos. N'esse Concilio diocesano, André de Resende, que tinha então setenta e dois annos, recitou uma notavel oração latina, "a qual foi Introducção ao Synodo" (ver Leitão Ferreira, *Vida de André de Resende* in *Archivo Historico Portuguez*, vol. VII, pp. 373–374; vol. VIII, pp. 365–366).

D. João de Mello, notavelmente intelligente, elevou-se aos mais altos logares da hierarchia ecclesiastica e judiciaria de Portugal (ver Dr Antonio Baião, *A Inquisição em Portugal e no Brazil* in *Archivo Historico*, vol. IV, pp. 405–406, 423). Zeloso defensor da fé, não ha duvida que foi um

"At this time he was made a canon of Cape Verde. A member of the Council general of the Holy Office on October 10th, 1536, and deputy inquisitor-general, he was afterwards reintroduced into the Council general by Cardinal Dom Henrique, who esteemed him very highly. He was a judge of the *Casa da supplicação* and of the court of appeal of the *Casa do civel*. Chosen as bishop of Silves by Dom João III, he was confirmed in office by Paul III on March 13th, 1549" (Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. III, part II, p. 889; also see pp. 242, 243, 248, 518, 598 *et seq.*, 804, 847–848, 888).

Five years after his nomination, he convoked a synod, at which the constitutions of the diocese were approved. In 1555, he took part in the Council of Trent, where "his great literary knowledge caused amazement." When he returned to Portugal, he was made Lord Chief Justice, and took over the reins of office on September 17th, 1557 (see Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Cintra*, vol. III, pp. 197–198). Later, as we have said, Cardinal Dom Henrique chose him as vicar general of the Archbishopric of Evora, and in 1564, when the Infante was transferred to Lisbon, he renounced the See of Evora in favour of Dom João de Mello. In the following year, the new Archbishop convoked a synod at which the constitutions drawn up by Cardinal Dom Affonso were revised and brought up to date, being printed the same year by André de Burgos. This diocesan Council was opened by André de Resende—then seventy-two years old—who recited a notable Latin oration (see Leitão Ferreira, *Vida de André de Resende* in *Archivo Historico Portuguez*, vol. VII, pp. 373–374; vol. VIII, pp. 365–366).

Dom João de Mello was of notable intelligence, and rose to the highest positions in the ecclesiastical and juridical hierarchy of Portugal (see Dr Antonio Baião, *A Inquisição em Portugal e no Brazil* in *Archivo Historico*, vol. IV, pp. 405–406, 423). A zealous defender of the faith, there is no

Foram acabadas de imprimir estas Constituyções em ha cidade Deuora por mandado do muito reuerendissimo & illustrimo señor ho señor dom Ioam de Mello Arcebispo Deuora do cõselho del Rey nosso señor. &c. Em casa de Andrę de Burgos impressor & caualleiro da casa do Cardeal iffante. Aos vinte de julho de.1565.annos.

Ant.º de gonne

189 Colophon das *Constituições do arcebispado Deuora*
Colophon of the *Constituições do arcebispado Deuora*
Evora, 1565

inimigo dos Christãos novos, desempenhando um papel importante como Inquisidor; arguto jurisconsulto, soube mostrar a sua habilidade na resposta que, segundo parece, minutou á con-sulta feita por D. João III a quatro Judeus (ver *Corpo Diplomatico*, t. VI, pp. 105–125). Hercu-lano, tão parcial, e muitas vezes injusto nas suas apreciações, não poude, apezar das violentas ac-cusações que fez contra D. João de Mello, negar-lhe o seu valor intellectual (ver *Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, t. II, p. 238 *e seg.*; t. III, p. 176 *e seg.*). A 6 de Agosto de 1574, "deixou a vida caduca pela eterna," como escreve Barbosa, depois de ter exercido durante dez annos o alto cargo de Arcebispo de Evora.

doubt that he was hostile to the new Christians, playing an important part as Inquisitor. He was a subtle jurisconsult and gave proof of his ability in the reply he is said to have drawn up to the requests made to Dom João III by four Jews (see *Corpo Diplomatico*, vol. VI, pp. 105–125). In spite of his violent accusation of Dom João de Mello, Herculano, who is seldom impartial and often unjust in his conclusions, cannot deny his in-tellectual worth (see *Historia da origem e estabeleci-mento da Inquisição em Portugal*, vol. II, p. 238 *et seq.*; vol. III, p. 176 *et seq.*). On August 6th, 1574, "he left this perishable life for the eternal," as Barbosa says, after ten years in the high office of Archbishop of Evora.

TRATADO QVE ſez meſtre Hieronimo, me= dico do papa Benedicto. 13. cõtra os judeus: ẽ que proua o Meſsias da ley ſer vindo.

Carta do primeiro Arcebiſpo de Goà a o pouo de Iſrael ſeguidor ainda da ley de Moiſes, & do talmud, por engano & malicia dos ſeus Rabis.

✠✠
✠

Impreſſo em Goa por Ioão de Endem, por mandado do ſenhor Arcepiſpo da India.

190 Folha do rosto do *Tratado cõtra os judeus* de D. Gaspar de Leão Pereira
Title-page of the *Tratado cõtra os judeus* of D. Gaspar de Leão Pereira
Goa, 1565

109 [JERONYMO DE SANTA FÉ], D. GASPAR DE LEÃO PEREIRA, TRATADO CÕTRA OS JUDEUS.

Goa, João de Endem, 1565.

TRATADO QVE | fez meſtre Hieronimo, me- | dico do papa Benedicto. 13. | cõtra os judeus: ẽ que proua | o Meſsias da ley ſer vindo. | Carta do primeiro Arcebiſpo de Goà a | o pouo de Iſrael ſeguidor ainda da | ley de Moiſes, & do talmud, | por en- gano & malicia | dos ſeus Rabis. | Impreſſo em Goa por Ioão de Endem, por | mandado do ſenhor Arcepiſpo [*sic*] da India.

[fl. 1 vo.]

Começa a carta do Arcebispo de Goa, por estas palavras[1]:

A obrigação do officio paſtoral me o- | briga [...]

[fl. 16 vo.] [...] Deo gracias.

fl. 1. IESVS. | TRATADO QVE FEZ | MESTRE HIERONIMO | MEDICO DO PAPA BENE- | DICTO 13. Cõtra os Iudeus, | em que proua o Meſsias | da ley ſer vindo. | Prologo do autor. [...]

fl. iij. [...] | Agora começaremos a decrarar a | entenção de cada hum capitulo, [...]

fl. xlviij vo. [...] FINIS.

fl. xlix. IESVS. | Começa outro tratado, que fez o ſobre | dicto meſtre Hieronimo [...] em | o qual proua como o liuro | do talmud he falſo. | Prologo do author. [...]

fl. lj. [...] | Capitulo primeiro. [...]

fl. lxxv. [...] Laus Chriſto.

fl. lxxv vo. Acabouſe eſte preſente liuro, á honra & louuor de | Deos todo poderoſo & da ſacratiſsima vir- | gem Maria, em a muy nobre & leal | cidade de Goa, a os 29. dias | do meſ de Setembro, de | 1565. annos.

4º—[16], lxxv folhas—27 linhas.

Numeração dos cadernos: ¶, 8 folhas; +, 8 folhas; A–I, 8 folhas cada caderno; K, 3 folhas; total de 91 folhas.

Encadernação de marroquim.

O *Tratado qve fez meſtre Hieronimo, medico do papa Benedicto.* 13. *cõtra os judeus*, precedido da *Carta do primeiro Arcebiſpo de Goà ao pouo de Iſrael*, e im- presso em Goa por João de Endem em 1565, é uma obra extremamente rara, da qual fazem menção, entre outros, os seguintes auctores: Bar- bosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 358), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 93, e *Ensayo de huma*

4to.—[16], lxxv leaves—27 lines.

Collation by signatures: ¶, 8 leaves; +, 8 leaves; A–I, each 8 leaves; K, 3 leaves; total 91 leaves.

Morocco binding.

The *Tratado qve fez meſtre Hieronimo, medico do papa Benedicto.* 13. *cõtra os judeus*, preceded by the *Carta do primeiro Arcebiſpo de Goà ao pouo de Iſrael*, and printed in Goa by João de Endem in 1565, is an extremely rare work, which is mentioned by the following authors, among others: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, p. 358), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Por- tugueza do Seculo* XVI, p. 93, and *Ensayo de huma*

[1] *The Archbishop of Goa's letter begins, with these words:*

Bibliotheca Lusitana Anti-Rabbinica in *Memorias de Litteratura Portugueza*, t. VII, pp. 326–339), Innocencio (*Diccionario*, vol. III, pp. 129–130 e vol. X, pp. 23–24), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 341), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 536), que indicam a existencia de dois exemplares; um na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e outro na Bibliotheca da Universidade de Coimbra; só temos conhecimento de mais um exemplar: o nosso, completo e admiravelmente conservado.

O primeiro Bispo de Goa, confirmado por Paulo III em 11 de Abril de 1537, foi D. João Affonso de Albuquerque, Hespanhol, e confessor de D. João III, que chegou á India na armada de D. Garcia de Noronha em Março de 1538. Vinha muito doente, conta Gaspar Corrêa, "e por isso lhe nom fizerão seu diuido recebimento"; mas, depois de restabelecido, "seruio muy bem seu cargo, e com os crelgos brandamente, porque nom dissessem que era aspero por ser castelhano" (*Lendas da India*, t. IV, p. 10). Durante dezeseis annos, exerceu com grande zelo o seu alto cargo, tendo, por varias vezes, assumido o governo da India. Falleceu em 1553 (ver Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, t. III, parte II, pp. 1011–1012).

Antes da nomeação de D. João de Albuquerque, os Christãos da India, como os de todas as outras terras do ultramar descobertas pelos Portuguezes, estiveram durante muito tempo subordinados ao vigario de Thomar (ver p. 561); depois, em 1514, passáram á jurisdicção do Bispo do Funchal. Desde o estabelecimento dos Portuguezes na India, El-Rei enviou áquellas paragens Bispos titulares que, exercendo as funcções de commissarios apostolicos, proviam ás necessidades religiosas dos habitantes e, especialmente, ministravam os sacramentos da confirmação e da ordem. Em 1532, D. João III pediu ao Santo Padre a creação de uma diocese em Goa; mas apezar de Clemente VII ter deferido o pedido em Janeiro de 1533, a bulla de erecção

Bibliotheca Lusitana Anti-Rabbinica in *Memorias de Litteratura Portugueza*, vol. VII, pp. 326–339), Innocencio (*Diccionario*, vol. III, pp. 129–130 and vol. X, pp. 23–24), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 341), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 536), who mention two copies, one in the Lisbon National Library, and the other at Coimbra University. The only other copy we know is our own, which is complete and in a magnificent state of preservation.

The first Bishop of Goa, confirmed in office by Paul III on April 11th, 1537, was Dom João Affonso de Albuquerque, a Spaniard, who had been confessor to Dom João III and went to India in Dom Garcia de Noronha's armada. Gaspar Corrêa tells that when he arrived in March, 1538, he was very ill, "and for this reason they did not give him the reception due to him"; but when he was restored to health, "he carried out his duties very well and was kind to the clergy, so that they could not say he was harsh because he was Castilian" (*Lendas da India*, vol. IV, p. 10). He exercised his high charge for sixteen years and several times took over the government of India. He died in 1553 (see Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. III, part II, pp. 1011–1012).

Before the nomination of Dom João de Albuquerque, the Christians of India, like those of the other lands overseas newly discovered by the Portuguese, had been under the spiritual jurisdiction of Thomar (see p. 561), until 1514, when they came under that of the Bishop of Funchal. In those early times, the King used to send to India titular Bishops, who exercised the functions of ecclesiastical commissioners and satisfied the people's religious needs, especially in the administration of the sacraments of confirmation and ordination. In 1532, Dom João III asked the Pope to create a diocese in Goa; but although Clement VII had agreed to his request in January,

da nova Sé só foi expedida em Novembro de 1534 por Paulo III. A nova diocese ficou suffraganea do Arcebispo do Funchal, mas, quando foi retirada a essa Sé—em 1550—a dignidade metropolitica, o Bispo de Goa passou a suffraganeo do Arcebispo de Lisboa, até que a sua Cathedral foi elevada a metropole por Paulo IV em 4 de Fevereiro de 1557. Ignora-se o anno em que o Arcebispo de Goa recebeu o titulo de Primaz; comtudo, no Concilio de Trento, tendo o Patriarcha dos Assyrios affirmado, na sua protestação de fé e obediencia, que a egreja de Goa estava sob a sua jurisdicção, o orador d'El-Rei protestou, dizendo que as egrejas situadas em dominios Portuguezes no Oriente só reconheciam a jurisdicção do Arcebispo de Goa, "que é o Primaz de toda a India." Não obstante D. Gaspar de Leão Pereira já se ter intitulado Primaz no primeiro Concilio provincial de Goa em 1567, a dignidade primacial só foi, que se saiba com certeza, reconhecida á Sé de Goa por Gregorio XIII, no breve *Pastoralis officii* de 13 de Dezembro de 1572 (ver Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. III, parte I, pp. 74–81).

Depois da morte de D. João de Albuquerque, a diocese ficou vaga durante alguns annos, e D. João Nunes Barreto, Patriarcha da Ethiopia, que, por não poder entrar na Abyssinia, residia em Goa, exerceu actos de ordem episcopal, sem, comtudo, ter a jurisdicção. Em 1558, chegou á India o primeiro Bispo de Malaca, D. Fr. Jorge de Santa Luzia, que governou a diocese até á chegada do novo Prelado.

Como vimos, a Cathedral de Goa tinha sido elevada a metropole em 1557, e, em 1559, D. Gaspar de Leão Pereira, natural de Lagos, Conego e Arcediago da Sé de Evora, e Esmoler Mór do Cardeal Infante D. Henrique, foi nomeado primeiro Arcebispo de Goa (ver Barbosa, *ob. cit.* pp. 356–358). D. Gaspar, "varão douto em Theologia, e de vida muito approvada" (Diogo do Couto, *Decada* VII, Liv. VIII, cap. II, p. 183; ver tambem Faria e Sousa, *Asia*

1533, the bull creating the new See was not issued until November, 1534, by Paul III. The new diocese was made suffragan to the Archbishop of Funchal; but when that See lost its metropolitan status in 1550, the Bishop of Goa became suffragan to the Archbishop of Lisbon, until the Cathedral of Goa was given metropolitan rank by Paul IV on February 4th, 1557. It is not known in what year the Archbishop of Goa received the title of Primate; though when the Patriarch of Assyria affirmed, in his declaration of faith and obedience at the Council of Trent, that the church of Goa was under his jurisdiction, the speaker on behalf of the King of Portugal protested, saying that all churches in the Portuguese dominions in the East recognised only the jurisdiction of the Archbishop of Goa, "who is the Primate of all India." Dom Gaspar de Leão Pereira called himself Primate at the first provincial Council of Goa in 1567; but there is no record that the title was authorised by the Pope until 1572, when Gregory XIII gave it official recognition in the brief *Pastoralis officii* of December 13th (see Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. III, part I, pp. 74–81).

After the death of Dom João de Albuquerque, the See was vacant for some years, and while Dom João Nunes Barreto, the Patriarch of Ethiopia, being unable to proceed to Abyssinia, was residing in Goa, he performed various episcopal duties, though he had no jurisdiction. In 1558, the first Bishop of Malacca, Dom Frei Jorge de Santa Luzia, reached India, and he governed the diocese until the arrival of the new Prelate.

As we have seen, the Cathedral of Goa was given metropolitan status in 1557, and, in 1559, Dom Gaspar de Leão Pereira—who was born in Lagos and had been canon and archdeacon of Evora and Grand Almoner to the Cardinal Infante Dom Henrique—was nominated the first Archbishop of Goa (see Barbosa, *op. cit.* pp. 356–358). Dom Gaspar, "a man learned in Theology, and of a most praiseworthy life" (Diogo do Couto, *Decad* VII, Book VIII, chap. II, p. 183; also

Portuguesa, t. II, parte II, cap. XVI, p. 353), não quiz, por humildade, acceitar um logar tão alto; mas El-Rei, por intermedio do seu Embaixador em Roma, pediu ao Papa que o obrigasse a acceitar o Arcebispado. Em attenção á supplica do Soberano, o Papa expediu um breve, ordenando a D. Gaspar, "sob pena de excommunhão," que fôsse administrar a sua diocese (ver *Corpo Diplomatico*, t. VIII, pp. 62–63, 343 *e seg.*, 364 *e seg.*; *Quadro Elementar*, t. XIII, pp. 13, 98–99, 110, 118). O Arcebispo obedeceu, e tendo embarcado em Abril de 1560, chegou á India em Dezembro do mesmo anno. Alli, occupou-se com o maior desvelo do seu rebanho; em 1567 convocou o primeiro Concilio provincial de Goa, e publicou as Constituições, que fôram impressas em 1568. Aspirando a resignar o seu elevado cargo, retirou-se para um convento, e o governo da diocese foi entregue a D. Fr. Jorge Themudo, primeiro Bispo de Cochim; porem, como a sua renuncia nunca fôra acceite pela Santa Sé, e fallecendo D. Fr. Jorge em 1571, D. Gaspar foi constrangido pelo Soberano Pontifice "para que ſegunda vez tomaſſe sobre os hombros o inſoportavel pezo da dignidade Paſtoral." Em 1575, reuniu o segundo Concilio provincial, e falleceu a 15 de Agosto de 1576 (ver Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. III, parte II, pp. 987 e 1013).

D. Gaspar de Leão, durante o seu governo do Arcebispado de Goa, occupou-se muito da conversão dos Mouros e gentios na India, e, talvez mais especialmente ainda, da dos Judeus. Para conseguir esse fim, e levado pelo grande zelo que o animava, entendeu que a melhor maneira de convencer dos seus erros os sectarios da lei de Moysés, era publicar, depois de trasladados em linguagem, os dois tractados contra os Judeus compostos em Latim pelo Hespanhol Mestre Jeronymo de Santa Fé, Judeu converso, medico

see Faria y Sousa, *Asia Portuguesa*, vol. II, part II, chap. XVI, p. 353), deemed himself unworthy of such a high position and was unwilling to accept it; but the King, through his ambassador in Rome, asked the Pope to make him take office. The Pope thereupon sent a brief ordering Dom Gaspar "on pain of excommunication" to go and administer his diocese (see *Corpo Diplomatico*, vol. VIII, pp. 62–63, 343 *et seq.*, 364 *et seq.*; *Quadro Elementar*, vol. XIII, pp. 13, 98–99, 110, 118); so the Archbishop embarked in April, 1560, arriving in India in December of the same year. He looked after his flock with the greatest diligence, and in 1567 called the first provincial Council of Goa, and published the constitutions, which were printed the following year. Wishing to resign his high charge, he retired to a monastery, and the government of the diocese was entrusted to Dom Frei Jorge Themudo, the first Bishop of Cochin; but upon the death of Dom Frei Jorge in 1571, as his resignation had never been accepted by the Holy See, Dom Gaspar was constrained by the Pope "to take the unbearable weight of priestly dignity on his shoulders for a second time." He called the second provincial Council in 1575, and he died on August 15th, 1576 (see Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. III, part II, pp. 987 and 1013).

While he was Archbishop of Goa, Dom Gaspar de Leão interested himself greatly in the conversion of Moors and pagans, and, even more especially, of Jews. He thought that the best way to convince the Jews of their errors was to publish a Portuguese version of the two Latin treatises against the Jews composed by *Mestre* Jeronymo de Santa Fé, a converted Spanish Jew, who became physician to Benedict XIII. So he himself made a faithful translation of both works—one

de Bento XIII. D. Gaspar, illustre theologo, traduziu fielmente os dois tractados de Mestre Jeronymo—um "em que proua o Meſsias da ley ſer vindo," o outro "em o qual proua como o liuro do talmud he falſo"—e mandou-os imprimir, precedidos de uma carta endereçada "ao pouo de Iſrael," e na qual demonstra a sua profunda sabedoria. N'esse documento extremamente interessante, o Arcebispo dirige-se aos Judeus, dizendo-lhes que a sua obrigação pastoral lhe ordena cuidar das suas ovelhas desencaminhadas e perdidas, apontar-lhes as suas miserias, e mostrar-lhes o bom caminho. Depois de se ter referido, com muita doutrina, aos erros dos Hebreus, e de os exhortar á conversão, escreve:

"ſendo [Mestre Jeronymo de Santa Fé] rabi na judaria de Roma, & dos principaes letrados della ſe cõuerteo aa fee Catholica no tempo do ſanɛto padre Papa Benediɛto decimo tercio, & em preſença de ſua ſanɛtidade, juntos os judeus letrados & não letrados, por argumentos & em diſputa com os rabis prouou o Meſsias ſer vindo, & Ieſu Chriſto noſſo ſaluador ſer o Meſsias prometido na ley & prophetas. E não ſomẽte aos preſentes daquelle tempo manifeſtou eſta verdade, per palauras, mas a meſma diſputa deixou eſcripta pera os vindouros neſte liuro que vos apreſento pera deſcobrimento de voſſos enganos. Meſtre Hieronimo foy judeu, naſcido de judeus, doɛtrinado dos talmudiſtas, o mais do tempo gaſtou em ler o talmud, & enſinar as falſidades delle a o pouo judaico: mouido pois eſte autor com zello entranhauel de voſſa ſaluação, compos eſte tratado, no qual proua Ieſu Chriſto filho de Deos ſer o Meſsias. E as razões que traz, não ſam da ley, nem dos prophetas como vereis, ſe não dos rabis do talmud em que tendes poſta voſſa crença & ſaude. Ora ſe os rabis já fallecidos per onde os viuos ſe gouernão, & ſua doɛtrina vos enſinão, vos manifeſtão o Meſsias ſer vindo, & ſe vos proua que he o ſenhor Ieſu, quem terá de vos piedade, ſe ainda perſeuerardes no errado credito de voſſos rabis?"

"in which he proves that the Messiah of the law has come" and the other "in which he proves that the book of Talmud is false"—and had them printed, preceded by a letter "to the people of Israel." In this extremely interesting letter, where he gives ample proof of his knowledge, Dom Gaspar tells the sons of Israel that it is his pastoral duty to care for those of his flock who are lost and straying, to point out to them the sadness of their condition, and put them on the right path. Having made a learned discourse on the errors of the Jews, and exhorted them to be converted to the true religion, he writes:

"[*Mestre* Jeronymo de Santa Fé] a Rabbi in the jewry of Rome and one of the most learned Jews there, was converted to the Catholic faith in the time of the holy father Pope Benedict XIII, and, in the presence of his Holiness and before all the Jews, lettered and unlettered, he proved by argument and debate with the Rabbis that the Messiah is come, and that Jesus Christ our Saviour is the Messiah promised in the law and prophets. And he not only showed forth this truth by word of mouth to those present at that time, but left the same dispute in writing for those to come, in this book which I present to you to show you your mistakes. *Mestre* Hieronymo was a Jew, born of Jews, taught by the Talmudists, and had spent most of his time reading the Talmud and teaching its false doctrines to the people of Israel; but, moved with this extraordinary zeal for your salvation, he composed this treatise, in which he proves that Jesus Christ the Son of God is the Messiah. And the reasons he brings forward are not from the law nor from the prophets, as you will see, but from the very Talmudists in whom you have put your trust for your salvation. Now if Rabbis already dead, by whom the living are governed, and whose doctrine you are taught, show you that the Messiah is come, and if it be proved to you that He is the Lord Jesus, who will have pity on you, if you still persist in the erroneous beliefs of your Rabbis?"

Acabouſe eſte preſente liuro, á honra & louuor de
Deos todo poderoſo & da ſacratiſsima vir-
gem Maria, em a muy nobre & leal
cidade de Goa, a os 29. dias
do meſ de Setembro, de
1565. annos.

191 Colophon do *Tratado cõtra os judeus* de D. Gaspar de Leão Pereira
Colophon of the *Tratado cõtra os judeus* of D. Gaspar de Leão Pereira
Goa, 1565

E o Arcebispo accrescenta:

"O cabedal que pus neſte liuro foy traſladalo de hua linguagem em outra, não mudando hum cabello da ſubſtancia, & ainda guardei as fraſes, & maneira de falar. O motiuo que tiue foy o meſmo zello do Autor, & compaixão de voſſos enganos, & tambẽ a obrigação de Prelado, como diſſe no principio."

Explicadas as razões da obra que emprehendeu, D. Gaspar, verdadeiro pastor, termina a sua carta com estas bellas palavras, escriptas n'um estylo simples mas cheio de grandeza, nas quaes se sente a bondade do seu coração, e o nobre zelo que professava pelas suas ovelhas.

"Se vos ſaluardes, a obra ſerá de Deos, ao q̃l ſe deue toda gloria & louuor. Porem empremio (*sic*) deſte pequeno trabalho que por vos tomei, nã quero outro ſe nã o que leais eſta obra muytas vezes, tirando primeiro o odio q̃ tendes aa religião Chriſtã. Nẽ menos eſpero que leais eſte liuro logo cõ entenção de vos ſaluar, mas ficarei ſatisfeito, ſe ao menos o lerdes como gente ocioſa eſcondido de voſſos rabis, confiando no ſenhor que por via da curioſidade, auerá de vos miſericodia (*sic*), abrindo os olhos de voſſo intendimẽto: pera que vendo os enganos em que vos trazẽ os rabis, acudais aa fee catholica, como verdadeiros filhos de Abaham (*sic*)."

A *Carta do primeiro Arcebiſpo de Goa ao pouo de Iſrael* é uma notavel exhortação, que prova a caridade de D. Gaspar de Leão Pereira. Sem duvida, é ella que dá um interesse especial a este rarissimo livro, que, por mandado do illustre Prelado, foi impresso em Goa por João de Endem em 1565, "á honra & louuor de Deos todo poderoſo & da ſacratiſsima virgem Maria."

And the Archbishop adds:

"I have translated the text in this book from one language to another, without deviating one hair's breadth from the sense, and I have even kept the same phrasing and way of speaking. My reason was the same zeal as inspired the author, and compassion for your errors, and also my obligation as Prelate, as I said at the beginning."

Having explained his reasons for undertaking the work, Dom Gaspar, a true pastor, concludes his letter with these grand yet simple words, which bear witness to his goodness of heart and noble zeal in the care of his flock:

"If you are saved, it will be the work of God, to whom all honour and praise are due. And as a reward for this little trouble I have taken for you, I ask only that you will read this work many times, first casting away your hatred for the Christian religion. Not less do I hope that you will then read this book with the intention of being saved, but I shall be satisfied if at least you read it at your leisure, hidden from your Rabbis, for I trust that the Lord, through your curiosity, will have pity on you, opening the eyes of your mind, so that, seeing the errors into which the Rabbis are leading you, you may turn to the Catholic faith, like true sons of Abraham."

The *Carta do primeiro Arcebiſpo de Goa ao pouo de Iſrael* is a notable exhortation. It proves the charity of Dom Gaspar de Leão Pereira, and certainly imparts a special interest to the rare book which was printed at his command in Goa by João de Endem in 1565, "to the honour and praise of God the all powerful and of the Holy Virgin Mary."

COPIA DE LAS

Cartas que los Padres y hermanos de la Compañia de IESVS que andan en el Iapon eſcriuieron a los de la miſma Compañia de la India, y Europa, deſde el año de M.D.XLVIII. que começaron, haſta el paſſado

De LXIII.

Traſladadas de Portogues en Caſtellano.
Y con licencia impreſſas.

En Coimbra.
Por Iuan de Barrera, y Iuan Aluarez.
M. D. LXV.

192 Folha do rosto das *Cartas de los Jesuitas del Japon*
Title-page of the *Cartas de los Jesuitas del Japon*
Coimbra, 1565

110 CARTAS DE LOS JESUITAS DEL JAPON.
Coimbra, João de Barreira e João Alvares, 1565.

COPIA DE LAS | *Cartas que los Padres y hermanos de la Com- | pañia de IESVS que andan en el Iapon | eſcriuieron a los de la miſma Compañia | de la India, y Europa, deſde el año | de M. D. XLVIII. que | começaron, haſta el paſſado* | De LXIII.

Monogramma da Companhia de Jesus[1].

Traſladadas de Portogues en Caſtellano. | Y con licencia impreſſas. | *En Coimbra.* | Por Iuan de Barrera, y Iuan Aluarez. | M. D. LXV.

[fl. 1 vo.]

Approvação de Fr. Martin de Ledesma, e licença do Dr Francisco Fernandes[2].

[fl. 2] *Cypriano Soarez Sacerdote de la Compa- | ñia de IESVS, al Chriſtiano lector, | Salud enel Señor.* [...]

[fl. 3] INDVLGENCIAS | *Que Nueſtro Sancto Padre el Papa Pio quarto conce- | dio en fauor de la conuerſion de los infieles a nueſtra | Sancta fe Catholica.* [...]

[fl. 4 vo.] [...] Dadas en Roma [...] die ſecundo Februarij. M. D. LXIII. à Pontif. noſtri, | anno. 4.

p. 1. IESVS. | Copia de vna carta de Pablo de ſancta fe Ia | pon de nacion, [...]

p. 477. [...] FIM

[p. 1]

Erratum; por baixo[3]:

En preſſas ẽ Coimbra por Iuan Aluarez & Iuande [*sic*] | Baerrra [*sic*] impreſſores dela vniuerſidad año de 1564.

4º—[4] folhas, 477, [1] paginas—25 linhas.

Numeração dos cadernos: 4 folhas sem paginação nem assignaturas; A–Z, 8 folhas cada caderno; Aa–Ee, 8 folhas cada caderno; ff, 8 folhas; gg, 7 folhas; total de 243 folhas.

Encadernação de marroquim.

4to.—[4] leaves, 477, [1] pages—25 lines.

Collation by signatures: 4 unnumbered leaves without signature marks; A–Z, each 8 leaves; Aa–Ee, each 8 leaves; ff, 8 leaves; gg, 7 leaves; total 243 leaves.

Morocco binding.

Lista das cartas contidas n'esta edição:
List of the letters in this edition:

Paulo de Santa Fé, Goa: 29. XI. 1548 (pp. 1–6).
P. Cosme de Torres, Goa: 25. III. 1549 (pp. 6–10).
P. M. Francisco Xavier, Malaca: 22. VI. 1549 (pp. 11–19).
P. M. Francisco Xavier, Cangoxima: 5. XI. 1549 (pp. 19–43).
Paulo de Santa Fé, Cangoxima: 5. XI. 1549 (pp. 43–44).
P. Cosme de Torres, Japão [Yamaguchi]: 29. IX. 1551 (pp. 44–51).
Fr. João Fernandes, Yamaguchi: 20. X. 1551 (pp. 52–56).

[1] *Monogram of the Jesuits.*
[2] *Approbation of Frei Martin de Ledesma, and licence of Dr Francisco Fernandes.*
[3] *Erratum; below is the colophon.*

P. Gaspar Villela, Cochim: 24. IV. 1554 (pp. 57–58).
Fr. Pedro de Alcaçova, Goa: 1554 (pp. 58–71).
P. M. Belchior Nunes Barreto, Malaca: 3. XII. 1554 (pp. 71–82).
Fr. Ayres Brandão, Goa: 23. XII. 1554 (pp. 82–94).
Fr. Duarte da Silva, Bungo (Honshiu): 20. IX. 1555 (pp. 94–111).
P. Balthasar Gago, Firando (Hirado): 23. IX. 1555 (pp. 111–123).
P. M. Belchior Nunes Barreto, China [Macão]: 21. XI. 1555 (pp. 123–144).
Rey de Firando [Taqua Nombo], Firando: 16. X. 1555 (p. 145).
P. Cosme de Torres, [Bungo]: 7. IX. 1557 (pp. 145–149).
P. Gaspar Villela, Firando: 19. X. 1557 (pp. 150–180).
Fr. Luiz de Almeida, Bungo: 1. XI. 1557 (pp. 180–187).
P. M. Belchior Nunes Barreto, Cochim: 10. I. 1558 (pp. 187–198).
P. Gaspar Villela, Japão [Bungo]: 1. IX. 1559 (pp. 198–201).
Fr. João Fernandes, Bungo: 5. X. 1559 (pp. 201–165 [aliás 205]).
Fr. Guilherme [Perreira ou Ferreira], Bungo: 4. X. 1559 (pp. 165 [aliás 205]–207).
P. Balthasar Gago, Bungo: 1. XI. 1559 (pp. 207–227).
Frei Luiz de Almeida, Bungo: 20. XI. 1559 (pp. 227–229).
Fr. Lourenço, Miyako (Kioto): 2. VI. 1560 (pp. 233 [aliás 230]–238).
Fr. Gonçalo Fernandes, [Goa]: 1. XII. 1560 (pp. 238–243).
Fr. Luiz de Almeida, Bungo: 1. X. 1561 (pp. 244–264).
P. Cosme de Torres, Bungo: 8. X. 1561 (pp. 264–280).
Fr. João Fernandes, Bungo: 8. X. 1561 (pp. 281–305).
P. Gaspar Villela, Sakai: 17. VIII. 1562 (pp. 305–327).
Fr. Ayres Sanches, Bungo: 11. X. 1562 (pp. 327–336).
Fr. Luiz de Almeida, Japão [Vocoxiura]: 25. X. 1562 (pp. 337–368).
Rey de Cangoxima [Shimazu Takahisa], Satsuma: [7. XI. 1562] (p. 369).
Rey de Cangoxima [Shimazu Takahisa], Satsuma: [7. XI. 1562] (pp. 369–370).
P. Gaspar Villela, Sakai: 1562 (pp. 370–379).
P. Balthasar Gago, Goa: [10. XII.] 1562 (pp. 358 [aliás 380]–398).
P. Gaspar Villela, Sakai: [27. IV. 1563] (pp. 398–406).
Fr. João Fernandes, Vocoxiura: 7. IV. 1563 (pp. 406–418).
P. Luiz Froes, Japão [Vocoxiura]: 14. XI. 1563 (pp. 419–442).
Fr. Luiz de Almeida, Japão [Vocoxiura]: 27. XI. 1563 (pp. 443–477).

Esta collecção de cartas, escriptas do Japão por diversos Padres e Irmãos da Companhia de Jesus, e impressa em Coimbra por João de Barreira e João Alvares em 1565, é uma obra extrema- mente rara, da qual fazem menção, entre outros,

This collection of letters, written from Japan by various Fathers and Brothers of the Society of Jesus, printed in Coimbra by João de Barreira and João Alvares in 1565, is extremely rare, and among the authors who mention it are: Figaniere

os seguintes auctores: Figaniere (*Bibliographia Historica Portugueza*, p. 284), Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 42), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 129), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 222–223), Salvá (*Catálogo*, nº 3300), Palau (*Manual del Librero Hispano-Americano*, t. II, p. 288), Streit (*Bibliotheca Missionum*, vol. IV, nº 1447), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 300). Estes dois ultimos bibliophilos não indicam a existencia de um só exemplar, apezar de Figaniere e Sousa Viterbo se referirem a um exemplar da Bibliotheca Nacional de Lisboa; por consequencia, é provavel que—como outras obras, infelizmente—tenha desapparecido. Alem do nosso exemplar, absolutamente perfeito, não temos conhecimento de nenhum outro, seja em Portugal seja no estrangeiro.

Como esta edição é hoje quasi desconhecida, julgámos conveniente incluir, appensa á collacionação (ver pp. 735–736), a lista completa, e por ordem, das quarenta cartas que ella contem. Streit não dá uma descripção circumstanciada do conteúdo do livro, como fez com a edição de 1562, mas menciona todas as cartas, separadamente, sob as suas datas respectivas, apezar de nem sempre indicar que ellas fôram publicadas na edição de 1565 (ver *ob. cit.* t. IV, nºs 617, 771, 871, 1368, 1369, 1372, 1373, 1385, 1386, 1395, 1398–1400, 1402, 1404, 1405, 1407–1410, 1413–1416, 1418, 1419, 1422–1431, 1433–1436).

As seguintes cartas d'este volume já tinham sido estampadas na edição das *Cartas dela India, Iapon, y Brasil*, 1555 (ver p. 478): Pedro de Alcaçova, Goa, 1554; Belchior Nunes Barreto, Malaca, 3 de Dezembro, 1554; Ayres Brandão, Goa, 23 de Dezembro, 1554. Já vimos tambem, que algumas das *Cartas de los Jesuitas dela India*, 1562, fôram novamente publicadas n'esta edição (ver p. 593). Finalmente, todas as cartas contidas n'este livro, exceptuando a do Irmão Guilherme,

(*Bibliographia Historica Portugueza*, p. 284), Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 42), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 129), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 222–223), Salvá (*Catálogo*, no. 3300), Palau (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. II, p. 288), Streit (*Bibliotheca Missionum*, vol. IV, no. 1447) and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 300). Figaniere and Sousa Viterbo both refer to a copy in the Lisbon National Library; but, as Anselmo and Proença do not indicate the whereabouts of a single copy, we presume that this, like others, unfortunately, must have disappeared. Apart from our own complete and perfect copy, we know of none, either in or out of Portugal.

As this book is almost unknown, we have appended to the collation (see pp. 735–736) a complete list of the forty letters it contains, in order. Streit does not give a full description of the book's contents, as he did for the edition of 1562, but he mentions all the letters separately under their respective dates, though not always stating that they were published in the 1565 edition (see *op. cit.* vol. IV, nos. 617, 771, 871, 1368, 1369, 1372, 1373, 1385, 1386, 1395, 1398–1400, 1402, 1404, 1405, 1407–1410, 1413–1416, 1418, 1419, 1422–1431, 1433–1436).

The following letters from this edition had already been printed in the *Cartas dela India, Iapon, y Brasil* of 1555 (see p. 478): Pedro de Alcaçova, Goa, 1554; Belchior Nunes Barreto, Malacca, December 3rd, 1554; Ayres Brandão, Goa, December 23rd, 1554; and, as we have seen, some of the *Cartas de los Jesuitas dela India*, 1562, were republished in this edition (see p. 593). All the letters in this volume, except the one from

Bungo, 4 de Abril, 1559, fôram depois impressas em Portuguez na edição das *Cartas do Japão e da India* de 1570, e, mais uma vez, no tomo primeiro das *Cartas do Japão* de 1598.

Barbosa dá-nos valiosas informações a respeito de muitos dos auctores d'estas cartas e das suas obras (ver *Bibliotheca Lusitana*, t. I, pp. 78, 80–81, 448–450, 495–497, 744–745; t. II, pp. 373–375; t. III, pp. 51–52, 98–102, 547; t. IV, p. 70), e o Dr Fortunato de Almeida tambem se refere a alguns d'elles (ver *História da Igreja em Portugal*, t. III, parte I, pp. 325, 433, 735, 736, 755, 763–770, 775–780, 783).

Da mesma maneira que nas edições de 1555 e 1562, as cartas publicadas em 1565 tinham sido escriptas em Portuguez, mas, para maior conveniencia dos Jesuitas espalhados pelo mundo, fôram traduzidas em Hespanhol, e impressas n'essa lingua.

Nas nossas diversas notas sobre os Padres da Companhia de Jesus no Oriente e no Brazil (ver pp. 263–271, 475–485, 591–607), procurámos mostrar o admiravel trabalho feito por esses missionarios, que leváram os nomes de Deus e de Portugal ás terras mais remotas. As cartas d'esses verdadeiros obreiros do nosso colossal Imperio conteem sempre innumeras noticias interessantes ácerca dos paizes, quasi desconhecidos, que percorriam e evangelizavam. Teriamos estimado reproduzir aqui alguns trechos das cartas d'esta collecção, mas, como —exceptuando uma—todas fôram novamente impressas nas edições em Portuguez de 1570 e 1598, esperamos poder occuparmos-nos d'algumas d'ellas um pouco mais detalhadamente no terceiro volume da nossa obra.

A falta de espaço com que luctamos, obrigou-nos a escolher o assumpto principal d'estas notas; por consequencia, preferimos, por o julgar mais conveniente, dar todas as indicações bibliographicas a respeito d'esta edição, que pódem ser uteis áquelles que desejem estudar o assumpto, completando, na medida das nossas posses, os

Brother Guilherme, Bungo, April 4th, 1559, were afterwards published in Portuguese in the *Cartas do Japão e da India* of 1570, and, again, in the first volume of the *Cartas do Japão*, in 1598.

Barbosa gives valuable information about many of the writers of these letters and their works (see *Bibliotheca Lusitana*, vol. I, pp. 78, 80–81, 448–450, 495–497, 744–745; vol. II, pp. 373–375; vol. III, pp. 51–52, 98–102, 547; vol. IV, p. 70), and some of them are also mentioned by Dr Fortunato de Almeida (see *História da Igreja em Portugal*, vol. III, part I, pp. 325, 433, 735, 736, 755, 763–770, 775–780, 783).

Like those in the editions of 1555 and 1562, the letters published in 1565 were originally written in Portuguese and translated into Spanish before they were printed, for the greater convenience of Jesuits in other countries.

In our notes on the Jesuit Fathers in the East and in Brazil (see pp. 263–271, 475–485, 591–607), we have tried to show the wonderful work they did in carrying the word of God and the name of Portugal to those distant countries. The letters of these true workers for the Portuguese Empire are always full of interesting information about the almost unknown lands whose inhabitants they were striving to evangelise. We should have liked to quote some passages from the letters in this collection; but as, with one exception, they were all printed in Portuguese in the editions of 1570 and 1598, we hope we may be able to make a more detailed reference to some of them in the third volume of our work.

As lack of space has restricted our notes on this subject, we have thought it most convenient to give such bibliographical data as might be useful to those desirous of studying the subject more fully, thus completing, as far as we are able, the works already published on this matter.

trabalhos já publicados a esse respeito. A collecção de *Cartas de los Jesuitas del Japon*, impressa por João de Barreira e João Alvares em 1565—uma das mais raras que possuimos—é, sem duvida, alem de outros e importantes meritos, uma verdadeira preciosidade bibliographica.

In addition to all its other merits, the collection of *Cartas de los Jesuitas del Japon* printed in 1565 by João de Barreira and João Alvares—one of the rarest in our Library—is a veritable bibliographical treasure.

¶En pressas ẽ Coimbra por Iuan Aluarez & Iuande Baerrra impressores dela vniuersidad año de 1564.

193 Colophon das *Cartas de los Jesuitas del Japon*
Colophon of the *Cartas de los Jesuitas del Japon*
Coimbra, 1565

O primeiro liuro das Ordenaçoes.

194 Folha do rosto das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Title-page of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1565

111 ORDENAÇÕES D'EL-REI D. MANUEL.
Lisboa, Manuel João, 1565.

LIVRO PRIMEIRO.

O primeiro liuro das Ordenações.

Titulo por baixo de uma portada, que tem ao centro o escudo das Armas Reaes, com o grypho entre a Esphera armillar e a cruz de Christo[1].

[fl. 1 vo.] PROLOGO. | DOM Manuel Per graça de Deos Rey de | portugal ꝛ dos algarues, [...]

[fl. 2] Seguese atauoada deste primeyro | liuro das ordenações. [...]

[fl. 3 vo.] [...] Fim da tauoada.

fl. j. In nomine domini nostri Iesu Christi. | Começa o primeiro liuro das Ordenações. | Titulo primeiro. [...]

fl. clx. [...] Fim. | Aqui acaba oprimeiro liuro | das ordenações. Foy impresso em | ha çidade de Lixboa por | Manoel Ioam.

Registro[2].

LIVRO SEGUNDO.

[fl. 1] Seguese a tauoada deste segundo li- | uro das ordenações. [...]

[fl. 2 vo.] [...] Fim da tauoada deste segundo liuro.

fl. j. Aqui começa o segundo liuro. | Titulo primeiro. [...]

fl. lxix vo. [...] Fim.

[fl. 1] Aqui acaba osegundo liuro | das Ordenações. Foy impresso em | ha çidade de Lixboa por | Manoel Ioam.

Registro[2].

LIVRO TERCEIRO.

O terçeiro liuro das Ordenações.

Titulo por baixo de uma portada egual á do Livro 1[3].

[fl. 1 vo.] Seguese a tauoada deste terçeyro li- | uro das Ordenações. [...]

[fl. 3 vo.] [...] Fim da tauoada do terceiro liuro.

fl. j. O terçeiro liuro das Ordenações. | Titulo primeiro [...]

fl. xcvj vo. [...] FIM. | Aqui acaba ho terçeiro liuro | das Ordenações. Foi impresso em | a çidade de Lixboa por Ma | nuel Ioam.

Registro[2].

[1] *Title beneath a woodcut of the Royal Arms, with the griffin crest between the armillary Sphere and the cross of the Order of Christ.*

[2] *Register.*

[3] *Title beneath a woodcut like that in Book* 1.

LIVRO QUARTO.

[fl. 1] Seguese a tauoada deste quarto li- | uro das ordenações. [...]

[fl. 3] [...] Fim da tauoada.

fl. j. Começa o quarto liuro. | Titulo primeiro [...]

fl. lxvj. Aqui acaba o quarto liuro | das Ordenações. Foi impresso em | ha çidade de Lixboa por | Manuel Ioam.

Registro[1].

LIVRO QUINTO.

[fl. 1] Seguese a tauoada deste quinto li- | uro das ordenações. [...]

[fl. 4] [...] Fim da tauoada.

fl. j. Começa o quinto liuro das Ordenações. | Titulo primeiro. [...]

fl. xcvij vo. [...] Finis: Laus Deo.

fl. xcviij.

Declaração relativa á edição[2].

fl. xcviij vo.

Erratas[3].

| Aqui acaba o quinto li- | uro das Ordenações. Foi impres | so em a çidade de Lixboa por | Manuel Ioam, & se aca- | bou aos. 3. dias de Mar | ço de. 1565. | DEO GRATIAS. | Quarta impressam.

Folio—Liv. I [4, sendo a ultima branca], clx folhas; Liv. II [2], lxix, [1] folhas; Liv. III [4, a ultima branca], xcvj folhas; Liv. IV [4, a ultima branca], lxvj folhas; Liv. V [4], xcviij folhas—38 linhas—caractéres gothicos, excepto a 1ª linha das epigraphes e os titulos correntes.

Numeração dos cadernos: Liv. I: A, 4 folhas; a–v, 8 folhas cada caderno; total de 164 folhas. Liv. II: 2 folhas sem paginação nem assigna- turas; a–g, 8 folhas cada caderno; h, 10 folhas; i, 4 folhas; total de 72 folhas; a primeira folha do caderno a tem assignatura aa. Liv. III: A, 4 folhas; a–m, 8 folhas cada caderno; total de 100 folhas; a primeira folha do caderno a tem as- signatura aaa. Liv. IV: a, 4 folhas; a–g, 8 folhas cada caderno; h, 10 folhas; total de 70 folhas; a primeira folha do caderno a tem assignatura aaaa. Liv. V: ✠, 4 folhas; A–L, 8 folhas cada caderno; M, 10 folhas; total de 102 folhas.

Encadernação de carneira.

Folio—Book I [4, the last blank], clx leaves; Book II [2], lxix, [1] leaves; Book III [4, the last blank], xcvj leaves; Book IV [4, the last blank], lxvj leaves; Book V [4], xcviij leaves—38 lines—Gothic letter except for the headlines and the first lines of the chapter headings.

Collation by signatures: Book I: A, 4 leaves; a–v, each 8 leaves; total 164 leaves. Book II: 2 un- numbered leaves without signature marks; a–g, each 8 leaves; h, 10 leaves; i, 4 leaves; total 72 leaves; the first leaf of quire a is marked aa. Book III: A, 4 leaves; a–m, each 8 leaves; total 100 leaves; the first leaf of quire a is marked aaa. Book IV: a, 4 leaves; a–g, each 8 leaves; h, 10 leaves; total 70 leaves; the first leaf of quire a is marked aaaa. Book V: ✠, 4 leaves; A–L, each 8 leaves; M, 10 leaves; total 102 leaves.

Sheepskin binding.

[1] *Register.*

[2] *Declaration about the edition.*

[3] *Errata.*

Nas nossas notas sobre as edições de 1514, 1521 e 1539 (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 253–285, 393–405, 601–609), já nos occupámos detalhadamente das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel.* A segunda compilação das *Ordenações* do Venturoso, publicada em 1521, foi reimpressa pela ultima vez em Lisboa por Manuel João em 1565, e serviu de lei do Estado até á publicação das *Filippinas* em 1603.

Entre outros, referem-se a este livro os seguintes auctores: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 733), Innocencio (*Diccionario*, vol. VI, p. 326, e vol. XVI—10º do *Supplemento*—p. 124), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 431), Tito de Noronha (*Ordenações do Reino* in *Archeologia Artistica*, vol. I, fasc. II, pp. 94–101), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 255), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 712), que indicam a existencia de um exemplar em cada uma d'estas Bibliothecas: Lisboa, Ajuda, Porto, Sociedade Martins Sarmento em Guimarães, e Universidade de Leipzig. A essa lista, ha a accrescentar o exemplar da Bibliotheca da Universidade de Harvard (*Catalogo Palha*, nº 268), e os dois que possuimos, bem conservados.

As noticias ácerca do impressor Manuel João são poucas; conhecem-se quinze trabalhos por elle estampados em Lisboa (1565–1568 e 1578) e em Vizeu (1569–1572); mas entre os annos de 1572 e 1578, não se sabe de nenhum livro sahido dos seus prelos. As obras d'este "imprimidor" são pouco perfeitas, sendo o typo cançado e a impressão irregular; sem duvida, testemunham a decadencia da "nobre arte impreſſoria" a que já nos referimos mais de uma vez. Em alguns dos seus trabalhos impressos em Lisboa, Manuel João usou o escudo das Armas Reaes com o grypho no timbre, e nos quatro que executou em

We have already made a detailed study of the *Ordenações* of King Manuel in our notes on the editions of 1514, 1521 and 1539 (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 253–285, 393–405, 601–609). The second compilation of Dom Manuel's laws, issued in 1521, was reprinted for the last time by Manuel João in Lisbon in 1565, and served as the law of the land until the publication of the *Filippinas* in 1603.

Among those who refer to this book are: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, p. 733), Innocencio (*Diccionario*, vol. VI, p. 326 and vol. XVI—10th of the *Supplement*—p. 124), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 431), Tito de Noronha (*Ordenações do Reino* in *Archeologia Artistica*, vol. I, fasc. II, pp. 94–101), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 255) and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 712), who indicate the existence of one copy in each of the following Libraries: Lisbon, Ajuda, Oporto, the Sociedade Martins Sarmento in Guimarães, and the University of Leipzig. To this list must be added the copy in Harvard University Library (*Palha Catalogue*, no. 268) and our own two well-preserved copies.

There is very little information available about Manuel João. Fifteen works printed by him in Lisbon (1565–1568 and 1578) and Vizeu (1569–1572) are known; but no book issued by him between 1572 and 1578 has so far been traced. His publications are of no great perfection, the type being old and the printing irregular; and he certainly did nothing to check the decadence in the "noble art of printing" to which we have already referred several times. Manuel João used the Royal Arms of Portugal with the griffin crest in some of the works he printed in Lisbon, while the four he executed

Aqui acaba oprimeiro liuro das ordenações. Foy impresso em ha çidade de Lixboa por Manoel Joam.

195 Colophon do Livro I das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Colophon of Book I of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1565

Aqui acaba osegundo liuro das Ordenações. Foy impresso em ha çidade de Lixboa por Manoel Joam.

196 Colophon do Livro II das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Colophon of Book II of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1565

Aqui acaba ho terçeiro liuro das Ordenações. Foi impresso em a çidade de Lixboa por Ma nuel Joam.

197 Colophon do Livro III das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Colophon of Book III of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1565

Aqui acaba o quarto liuro das Ordenações. Foi impresso em ha çidade de Lixboa por Manuel Joam.

198 Colophon do Livro IV das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Colophon of Book IV of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1565

Aqui acaba o quinto li-
uro das Ordenações. Foi impres
so em a çidade de Lixboa por
Manuel Ioam, & se aca-
bou aos. 3. dias de Mar
ço de. 1 5 6 5.

DEO GRATIAS.

199 Colophon do Livro V das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Colophon of Book V of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1565

Vizeu, imprimiu o brasão do Bispo da diocese, D. Jorge de Athayde, que possivelmente o convidára a alli estabelecer uma officina; o seu unico titulo honorifico foi o de impressor ou typographo d'esse Prelado. Certamente Portuguez, ignora-se, comtudo, a sua proveniencia, onde trabalhára, e quando falleceu (ver Ribeiro dos Santos, *Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, pp. 110, 128; Sousa Viterbo, *ob. cit.* pp. 255–261; Tito de Noronha, *ob. cit.* pp. 101–103 e *A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, pp. 21–22, 28; Gomes de Brito, *Noticia de Livreiros e Impressores em Lisbôa*, pp. 23–26, 31–35; Anselmo e Proença, *ob. cit.* p. 204, e n^os^ 712–726).

Já dissemos tudo o que sabemos a respeito das *Ordenações*, assim como sobre as edições de que possuimos exemplares. Hoje—declarámol-o uma vez (ver p. 363)—alem das edições de 1514, 1521, 1539, e 1565, temos na nossa Bibliotheca o unico exemplar conhecido dos livros primeiro e segundo da edição de 1512 e 1513, impressos por Valentim Fernandes—sem duvida uma das nossas maiores preciosidades bibliographicas. O livro estampado por Manuel João tem para nós o interesse de ser a ultima edição das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel.*

in Vizeu bear the arms of the Bishop ot that diocese, Dom Jorge de Athayde, who may possibly have invited him to set up a press there; the only title he used was that of printer or typographer to this Prelate. Though he must certainly have been Portuguese, we do not know where he was born, where he learnt his trade, or when he died (see Ribeiro dos Santos, *Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, pp. 110, 128; Sousa Viterbo, *op. cit.* pp. 255–261; Tito de Noronha, *op. cit.* pp. 101–103 and *A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, pp. 21–22, 28; Gomes de Brito, *Noticia de Livreiros e Impressores em Lisbôa*, pp. 23–26, 31–35; Anselmo and Proença, *op. cit.* p. 204, and nos. 712–726).

We have already said all we can about the *Ordenações* and the editions of which we possess copies, and we have stated elsewhere (see p. 363) that besides the editions of 1514, 1521, 1539 and 1565, we now possess the only known copy of the first and second books of the 1512 and 1513 edition, printed by Valentim Fernandes—which is certainly one of the greatest bibliographical treasures in our Library. The book printed by Manuel João interests us as being the last edition of the *Ordenações* of King Manuel.

NAVFRAGIO

Da viagem que fez a Nao Sancta Maria da barca, deſte Reyno pera a India: em q̃ hia por Capitão môr dom Luis fernandez de Vaſconcellos. No ãno de. M. D. L. VII.

¶Foy impreſſo em Lixboa em caſa de Marcos borges impreſſor del Rey noſſo ſenhor. Aos quatro de Ianeyro. De. M. D. LXVI.

¶Vendem ſe na impreſſam detras de Noſſa ſenhora da palma. Com licença impreſſo.

200 Folha do rosto do *Navfragio da Nao Sancta Maria da barca*
Title-page of the *Navfragio da Nao Sancta Maria da barca*
Lisboa, 1566

112 NAVFRAGIO DA NAO SANCTA MARIA DA BARCA.
Lisboa, Marcos Borges, 1566.

NAVFRAGIO | Da viagem que ſez a Nao Sancta Maria | da barca, deſte Reyno pera a India: em q̃ | hia por Capitão môr dom Luis fernandez | de Vasconcellos. No ãno de. M. D. L. VII.

Gravura que representa uma nau[1].

Foy impreſſo em Lixboa em caſa de Marcos borges | impreſſor delRey noſſo ſenhor. Aos quatro de | Ianeyro. De. M. D. LXVI. | Vendem ſe na impreſſam detras de Noſſa | ſenhora da palma. Com licença impreſſo.

[fl. 1 vo.] DOm Luys fernandez de vaſcon | celos partio deſte reyno pera a | India na nao. S. Maria da bar- | ca: [...]

Começa a obra[2].

[fl. 14 vo.] [...] FINIS

4º—[14] folhas—26 linhas—sem titulos correntes.
Numeração do caderno: A, 14 folhas; a folha A 8 tem assignatura errada A ix.

Encadernação de marroquim.

4to.—[14] leaves—26 lines—no headlines.
Collation by signatures: A, 14 leaves; leaf A 8 is wrongly marked A ix.

Morocco binding.

Esta edição—sem duvida a primeira—do *Navfragio da Nao Sancta Maria da barca,* impressa em Lisboa por Marcos Borges em 1566, é desconhecida de todos os bibliophilos que podémos consultar; por consequencia, é provavel que o nosso exemplar seja o unico hoje existente. Apezar de se ler na folha do rosto: "Vendem ſe na impreſſam detras de Noſſa ſenhora da palma. Com licença impreſſo," o pequeno livro não contem o visto do tribunal do Santo Officio, o que, talvez, seja a causa de elle ter desapparecido, póde dizer-se, por completo. A gravura da folha do rosto é especialmente interessante: Valentim Fernandes usou-a, pela primeira vez, na *Estoria de Vespesiano*, 1496, e, em seguida, no *Marco paulo*, 1502. Essa estampa é preciosa, porque, como escreve Henrique Lopes de Mendonça (*Estudos sobre navios portuguezes nos seculos* XV *e* XVI, p. 7), ella deve ser o exemplar que mais se approxima do typo geral das naus de Vasco da Gama (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 61, 151, 154).

As noticias que temos a respeito de Marcos Borges são bastante escassas. Que se saiba, o

This edition—which must certainly be the first—of the *Navfragio da Nao Sancta Maria da barca,* printed in Lisbon by Marcos Borges in 1566, is unknown to all the bibliographers we have been able to consult; it is, therefore, probable that ours is the only copy now in existence. Though we read on the title-page that copies "are sold at the press behind Nossa Senhora da palma. With licence for printing," the little book does not contain the visé of the Inquisition, which may perhaps be the reason why it has almost completely disappeared. The woodcut on the title-page is interesting: Valentim Fernandes used it, first in the *Estoria de Vespesiano*, 1496, and again in the *Marco paulo*, 1502. As Henrique Lopes de Mendonça says (*Estudos sobre navios portuguezes nos seculos* XV *e* XVI, p. 7), it is precious as being the nearest example we have of the type of ship used by Vasco da Gama (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 61, 151, 154).

Very little is recorded of Marcos Borges. As far as we know, the first time his name appears is

[1] *Woodcut of a ship.*
[2] *Beginning of the work.*

seu nome apparece pela primeira vez n'uma obra que elle estampou de parceria com João de Barreira em 1565, o que permitte suppôr que elle tenha sido discipulo d'esse impressor. Da sua officina, situada detraz da ermida de Nossa Senhora da Palma—ermida destruida pelo terremoto de 1755, e que ficava situada, pouco mais ou menos, no local onde se encontra hoje a egreja de S. Nicolau—sahiram, entre os annos de 1565 e 1587, umas vinte obras. Dos trabalhos, bastante ordinarios, que publicou, e podémos examinar, o *Navfragio da Nao Sancta Maria da barca* é, sem duvida, o mais nitido. É provavel que tenha estampado, pelo menos, mais uma obra, hoje perdida, as *Cartilhas* de D. João Soares, Bispo de Coimbra, porque, em 1578, obteve o privilegio por tres annos para a sua impressão; mas não se conhece nenhum exemplar d'essa obra sahida da sua officina, não havendo mesmo qualquer referencia a seu respeito. Passados alguns annos, em 1585, esteve associado com Antonio Ribeiro e Antonio Alvares. Ignora-se a data da morte de Marcos Borges, "Impreſſor delRey noſſo Senhor" (ver Ribeiro dos Santos, *Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, pp. 128–129; Tito de Noronha, *A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, p. 28; Deslandes, *Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos Seculos* XVI *e* XVII, 1888, p. 99; Gomes de Brito, *Noticia de Livreiros e Impressores em Lisbôa*, pp. 19–23; Anselmo e Proença, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, p. 93, e nos 301, 359–378).

A narração anonyma do *Navfragio da Nao Sancta Maria da barca* foi impressa na *Historia Tragico-Maritima* em 1735 (ver t. I, pp. 309–349), e na nova edição publicada em 1904–1907. O titulo da impressão de 1566—como se póde ver na reproducção da folha do rosto—alem de ser differente do da edição de 1735, é confuso e mal redigido, pois parece indicar que o naufragio da nau commandada por D. Luiz Fernandes de Vasconcellos teve logar em 1557, na viagem de Portugal para a India. D. Luiz partiu com

in a book he published in partnership with João de Barreira in 1565, so he may have been apprenticed to this printer. Between 1565 and 1587 some twenty works were issued from his printing-office behind Nossa Senhora da Palma—a chapel destroyed in the earthquake of 1755, and which was situated more or less where the church of S. Nicolau stands to-day. His publications are fairly ordinary, and the *Navfragio da Nao Sancta Maria da barca* is the most neatly printed we have been able to examine. He probably published at least one other work which is now lost, because in 1578 he received a charter granting him the monopoly of printing the *Cartilhas* of Dom João Soares, Bishop of Coimbra; but no copy of this work from his press appears to exist, nor can we find any reference to it. Some years later, in 1585, he was associated with Antonio Ribeiro and Antonio Alvares. The date of the death of Marcos Borges, "Printer to the King our Lord," is unknown (see Ribeiro dos Santos, *Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, pp. 128–129; Tito de Noronha, *A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, p. 28; Deslandes, *Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos Seculos* XVI *e* XVII, 1888, p. 99; Gomes de Brito, *Noticia de Livreiros e Impressores em Lisbôa*, pp. 19–23; Anselmo and Proença, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, p. 93 and nos. 301, 359–378).

The anonymous account of the *Navfragio da Nao Sancta Maria da barca* was printed in the *Historia Tragico-Maritima* of 1735 (see vol. I, pp. 309–349) and again in the new edition published in 1904–1907. The title of the 1566 edition is different from that in the later publication, and, as may be seen in the reproduction of the title-page, it is badly worded and confusing, as it seems to indicate that the wreck of the ship commanded by Dom Luiz Fernandes de Vasconcellos took place in 1557, on the voyage out to India. Dom Luiz certainly left Lisbon in that

effeito de Lisboa n'esse anno, mais foi no regresso da India, em 1559, que a nau se perdeu. Na sua essencia, a relação do auctor desconhecido, estampada por Marcos Borges, é identica á que foi publicada na obra compilada por Bernardo Gomes de Brito, apezar de ser mais succinta e concisa; todos os factos importantes são claramente contados n'um estylo singelo, mas, muitos detalhes que se lêem na *Historia Tragico-Maritima* tinham sido omittidos na edição de 1566.

Como vimos nas nossas notas sobre o *Naufragio da Nao ſam Bēto*, 1564, Manuel de Mesquita Perestrello diz que compoz o seu livro porque outros "dos que eſcaparam deſta jornada ſe occupam em eſcreuer os trabalhos della." Se outras narrações fôram escriptas d'esse naufragio —apezar de talvez não publicadas—é possivel que o mesmo tenha succedido com respeito á *Nao Sancta Maria da barca.* Por consequencia, inclinamos-nos a crer que a narração impressa em 1566 não é do mesmo auctor que o manuscripto achado por Gomes de Brito e por elle publicado em 1735. O auctor da primeira escreveu um simples jornal dos lamentaveis successos da viagem e do naufragio; o da segunda, contando os mesmos factos, ajuntou-lhe muitos detalhes que o seu provavel companheiro desprezou.

Narrações como esta, grandiosas na sua despretenciosa verdade, provam, melhor talvez que qualquer outra obra litteraria, a coragem, a resignação, a perseverança e, acima de tudo, a fé d'aquelles admiraveis Portuguezes dos seculos XV e XVI. Quando pensamos nas luctas constantes que sustentáram e nas atrozes privações de todo o genero que padeceram, realizamos, com orgulho, como um punhado de homens—na verdade forte e admiravel gente—debaixo do commando de grandes chefes, poude edificar o nosso colossal Imperio!

year, but it was not until the return journey, in 1559, that his ship was lost. The narrative printed by Marcos Borges, though more concise, is in essence the same as the one published by Bernardo Gomes de Brito; all the important facts are clearly and simply told, but many details which appear in the *Historia Tragico-Maritima* were omitted in the 1566 edition.

As we saw in our notes on the *Naufragio da Nao ſam Bēto*, 1564, Manuel de Mesquita Perestrello said that one of the reasons why he wrote his book was because others "who escaped from this journey are busying themselves with writing down the toils of it." If other accounts of that shipwreck were written, though perhaps not published, the same thing may have happened with regard to the *Sancta Maria da barca.* We are, therefore, inclined to think that the narration printed in 1566 is not by the same author as the manuscript found by Gomes de Brito and published by him in 1735. The first is an unpretentious journal of the tragic incidents of the voyage and the wreck, while in the second, the same story is embellished with many fresh details.

Such narratives as this prove, perhaps more clearly than any other literary work, the courage, resignation, perseverance and, above all, the faith of the splendid Portuguese people of the XVth and XVIth centuries. When we think of their fortitude in the face of almost unbearable privations of every kind, we are able proudly to understand how a handful of men—truly strong and noble—commanded by great leaders, were able to build up the far-reaching Empire of Portugal!

✠ La coronica delos muy valiẽtes cavalleros don Floriſel de Niquea y el fuerte Anaxartes hijos del excelente principe Amadis de grecia Emendada del eſtilo antiguo ſegun que la eſcriuio Cirfea reyna de Argines por el noble cauallero Feliciano de Silua.

Foy viſto & aprouado eſte libro pellos deputados da ſãcta inquiſição & ordinario. Impreſſo ẽ lixboa ẽ caſa de Marcos borges ẽpreſſor del rey noſſo ſenhor.

201 Folha do rosto de *La coronica de don Floriſel de Niquea* de Feliciano de Silva
Title-page of *La coronica de don Floriſel de Niquea* of Feliciano de Silva
Lisboa, 1566

113 FELICIANO DE SILVA, CORONICA DELOS CAUALLEROS DON FLORISEL DE NIQUEA Y ANAXARTES.

Lisboa, Marcos Borges, 1566.

La coronica delos muy valiẽtes caualleros don Floriſel de Niquea | y el fuerte Anaxartes hijos del excelente principe Amadis de grecia | Emendada del eſtilo an- tiguo ſegun que la eſcriuio Cirfea rey- | na de Argines por el noble cauallero Feliciano de Silua. | *Foy viſto & aprouado eſte libro pellos deputados da ſãcta inquiſição & ordi- | nario. Impreſſo ẽ lixboa ẽ caſa de Marcos borges ẽpreſſor del rey noſſo ſenhor.*

Titulo, a negro e vermelho, por baixo de uma gravura egual á da folha do rosto da Verdadera informaçam, 1540[1].

[fl. 2] Tabla. [...]

[fl. 4] [...] Fin dela Tabla.

fl. 1. Coronica delos muy valientes y eſforçados caualleros don | Floriſel de Niquea, y el fuerte Anaxartes, hijos del muy excelente principe Amadis de | Grecia, emendada del eſtilo antiguo, ſegun q̃ la eſcriuio Cirfea reyna de Argines, por el | grande amor que a ſus padres tuuo: que fue traduzida de Griego en latin, y de latin en | Romance Caſtellano, por el muy noble cauallero Feliciano de ſilua. | *Capitulo. j.* [...]

fl. cxv vo. [...] *Fin del primero libro.*

fl. cxvi. *Parte ſegunda dela Cronica delos excelentes principes don Floriſel de* | Niquea, y del fuerte Anaxartes, la qual trata delas grandes guerras y defenſiones q̃ | entre los principes Chriſtianos la fortuna que es muy aduerſa puſo, por cauſa dela ſe- | gunda Elena: del qual teſtimonio los campos de Grecia con vniuerſal ſangre go- | zaron: ſegun que en len- gua Griega la Reyna de Argines la eſcriuio, q̃ deſ- | pues fue de latin reduzida en nueſtro romance Caſtellano, por el muy | noble Cauallero Feliciano de Siluia [*sic*]. | *Capitulo primero.* [...]

fl. ccxxii vo. [...] FIN. | A abouſe o preſente liuro em a muy no- | bre & leal cidade de Lixboa aos. xx. | dias de Abril de 1566. Em ca- | ſa de Marcos borges Impreſſor | del Rey noſſo Senhor.

Folio—[4], ccxxii folhas a 2 columnas—49 linhas—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: ✠, 4 folhas; a–z, 8 folhas cada caderno; A–D, 8 folhas cada caderno; E, 6 folhas; total de 226 folhas; a folha p. 1 não tem assignatura.

Encadernação de pergaminho.

La coronica delos muy valiẽtes caualleros don Floriſel de Niquea y el fuerte Anaxartes hijos del excelente principe Amadis de grecia, impressa em Lisboa por Marcos Borges em 1566, é uma obra excessiva- mente rara, da qual fazem menção, entre outros, os seguintes auctores: Innocencio (*Diccionario,*

Folio—[4], ccxxii leaves—double columns—49 lines—no catchwords.

Collation by signatures: ✠, 4 leaves; a–z, each 8 leaves; A–D, each 8 leaves; E, 6 leaves; total 226 leaves; leaf p. 1 has no signature mark.

Vellum binding.

La coronica delos muy valiẽtes caualleros don Floriſel de Niquea y el fuerte Anaxartes hijos del excelente principe Amadis de grecia, printed in Lisbon by Marcos Borges in 1566, is an extremely rare work, and among those who mention it are: Innocencio

[1] *Title, in red and black, beneath a woodcut like the one on the title-page of the* Verdadera informaçam, 1540.

vol. II, pp. 257–258), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 271), Sousa Viterbo (*A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 237, e *O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 273–274), Brunet (*Manuel du Libraire*, t. I, col. 212), Salvá (*Catálogo*, nº 1515), Palau (*Manual del Librero Hispano-Americano*, t. I, p. 64), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 364). Mattos e Sousa Viterbo referem-se a um exemplar incompleto, e em mau estado, na Bibliotheca do Porto, possivelmente o unico existente em Portugal; no estrangeiro temos conhecimento de tres: um no Museu Britannico, um, imperfeito, na Bibliotheca da Hispanic Society of America, e o nosso, completo e bem conservado.

Quando nos occupámos da *Hiſtoria de Lucano*, 1541—a primeira obra em Hespanhol reproduzida n'este volume—declarámos que as nossas notas sobre livros impressos em Portugal, mas escriptos n'uma lingua estrangeira, por auctores que não eram Portuguezes, seriam unicamente bibliographicas, e que só tractariamos da "nobre arte impreſſoria" d'essas obras, ou da importancia da edição publicada no nosso paiz (ver p. 98). Por consequencia, seguiremos aqui essa linha de conducta, sobretudo porque já tractámos assaz detalhadamente dos romances de cavallaria e da influencia que exerceram, nas nossas notas sobre a *Coronica del Prĩcipe dõ Florãdo ꝺ Inglatierra*, 1545 (ver pp. 179–189).

Sem duvida, estes livros de cavallaria gozáram de uma extraordinaria popularidade no seculo XVI, apezar de muitos auctores condemnarem essas ficções. Em 1540, o Dr João de Barros chamava-lhes "patranhas" e "sensaborias"; e em muitos casos tinha razão, não obstante o encanto, poesia, bellas ideas, que algumas d'essas obras continham. Comtudo, o Dr João de Barros tinha motivos de sobejo para incluir este romance no seu rol de "patranhas," e para declarar que devia ser—como outros—exterminado. Demais, o seu conselho foi depois repetido pelo im-

(*Diccionario*, vol. II, pp. 257–258), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 271), Sousa Viterbo (*A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 237, and *O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 273–274), Brunet (*Manuel du Libraire*, vol. I, col. 212), Salvá (*Catálogo*, no. 1515), Palau (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. I, p. 64), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 364). Mattos and Sousa Viterbo refer to an incomplete copy, in poor condition, in the Oporto Library, and this is possibly the only one in Portugal; there is a copy in the British Museum and an incomplete one in the Library of the Hispanic Society of America, while our own is complete and in a good state of preservation.

When we dealt with the *Hiſtoria de Lucano*, 1541—the first work in Spanish described by us in this volume—we said that our notes on books printed in Portugal, but written in a foreign tongue by other than Portuguese authors, would be purely bibliographical (see p. 98). We will therefore follow that rule in connection with this work, especially as we have already made a fairly detailed study of romances of chivalry and their influence, in our notes on the *Coronica del Prĩcipe dõ Florãdo ꝺ Inglatierra*, 1545 (see pp. 179–189).

These romances were certainly amazingly popular in the XVIth century, in spite of their condemnation by many authors. In 1540, Dr João de Barros called them "fables" and "insipidities," and, though some of them had the charm of poetic and beautiful ideas, he certainly had every right to condemn to destruction such romances as the story of Don Florisel. His advice was, moreover, repeated by Cervantes, for

mortal Cervantes, que, por bocca do cura occupado na queima dos livros de cavallaria pertencentes a D. Quixote, dizia que o *Amadis de Grecia*, o *Florisel de Niquea*, e a sua geração, deviam ser condemnados ao fogo.

O Dr H. Thomas, na sua notavel obra, escreve: "Most people know little, and care less, about these books of Silva's" (*Spanish and Portuguese Romances of Chivalry*, p. 76; ver tambem pp. 77, 174 *n*. 1, 175, 193, 196, e Varnhagen, *Da Litteratura dos Livros de Cavallarias*, pp. 80, 224). Confessamos o nosso peccado—se elle existe—dizendo que o decimo livro da serie de *Amadis de Gaula* nos importa pouco: interessa-nos apenas a sua edição estampada em Lisboa em 1566.

Marcos Borges tinha sido feliz na selecção da gravura para a folha do rosto do *Navfragio da Nao Sancta Maria da barca*, 1566; mas, não podemos dizer o mesmo da escolha que fez para a sua impressão do longo romance de Feliciano de Silva, pois foi buscar a gravura da folha do rosto da *Verdadera informaçam*, 1540, do Padre Alvares (ver p. 12), e estampou-a n'este livro, transformando o Embaixador de Portugal juncto do Preste João, D. Rodrigo de Lima—que ella certamente representa (ver Ficalho, *Viagens de Pedro da Covilhan*, p. 229)—em Florisel de Niquea! Provavelmente, como se tractava de uma novella de cavallaria, julgou conveniente publicar a imagem de um cavalleiro, esquecendo, todavia, que n'ella se vêem egualmente reproduzidas a bandeira das Quinas, a Esphera, e a Cruz de Christo. Para nós, o valor d'esta obra provem da sua extrema raridade.

the curate, when he was going through Don Quixote's books, declared most emphatically that *Amadis de Grecia*, *Florisel de Niquea* and all their offspring should be consigned to the flames.

Dr H. Thomas says: "Most people know little, and care less, about these books of Silva's" (*Spanish and Portuguese Romances of Chivalry*, p. 76; also see pp. 77, 174 *n*. 1, 175, 193, 196, and Varnhagen, *Da Litteratura dos Livros de Cavallarias*, pp. 80, 224). We must confess that the tenth book of the series of *Amadis de Gaula* has very little importance in our eyes: all that interests us is the edition printed in Lisbon in 1566.

Marcos Borges was not so happy in the choice of a woodcut for the title-page of Feliciano de Silva's lengthy novel as he had been for the *Navfragio da Nao Sancta Maria da barca*, 1566. He used the picture from the title-page of Father Alvares' *Verdadera informaçam*, 1540 (see p. 12), thus transforming Dom Rodrigo de Lima, the Portuguese ambassador to Prester John—whom the woodcut certainly represents (see Ficalho, *Viagens de Pedro da Covilhan*, p. 229)—to Florisel de Niquea! He probably thought that, as the book was a romance of chivalry, this woodcut of a knight was perfectly in keeping, but he seems to have forgotten that it also shows the banner of Portugal, the Sphere and the Cross of Christ. For us this book is chiefly interesting on account of its great rarity.

¶ A cabouse o presente liuro em a muy nobre & leal cidade de Lixboa aos.xx. dias de Abril de 1566. Em casa de Marcos borges Impressor del Rey nosso Senhor.

202 Colophon de *La coronica de don Florisel de Niquea* de Feliciano de Silva
Colophon of *La coronica de don Florisel de Niquea* of Feliciano de Silva
Lisboa, 1566

Primaleon.

Libro del inuencible Cauallero Primaleon, hijo de Palmerin de Oliua: donde se tractan los sus altos hechos en armas, y los de Polendos su hermano, y los de don Duardos principe de Inglaterra, y de otros preciados caualleros de la corte del emperador Palmerin.

Fue impresso en Lisboa en casa de Manuel Ioan. Año de 1566

Vendese en casa de Frācisco Graphea y de Fracisco Fernādec libreros en la Rua noua

203 Folha do rosto do *Libro del inuencible Cauallero Primaleon*
Title-page of the *Libro del inuencible Cauallero Primaleon*
Lisboa, 1566

114 LIBRO DEL INUENCIBLE CAUALLERO PRIMALEON.
Lisboa, Manuel João, 1566.

Primaleon. |

Por baixo, um cavalleiro com a espada desembainhada[1].

Libro del inuencible Cauallero Prima- | leon, hijo de Palmerin de Oliua: donde ſe tractan los ſus altos hechos | en armas, y los de Polendos ſu hermano, y los de don Duardos | principe de Inglaterra, y de otros preciados caua- | lleros de la corte del em- perador | Palmerin. | Fue impreſſo en Liſboa en caſa de Manuel Ioan. Año de 1566 | Vendẽſe en caſa de Frãciſco Graphea [*sic*] y de Fraciſco Fernãdec [*sic*] libreros en la Rua noua.

[fl. 1 vo.] Al muy Magnifico ſeñor Iuan Alamos de | Barrientos, Capitan de ſu Mageſtad, y Regidor de | la villa de Medina del Campo, &c. | Benito Boyer. S. [...]

fl. j. Liuro ſegũdo del Emperador Palme | rin, en que ſe recuentan los grãdes y hazañoſos hechos de Pri- | maleon, y Polendos ſus hijos, y de otros buenos caualleros | eſtrangeros que a ſu corte vinieron. | Capi. j. [...]

fl. ccxlij [aliás 232]. [...] A Dios gracias.

fl. ccxlij [aliás 232] vo. Al Lector. [...]

É uma poesia; por baixo o colophon[2]:

Aqui haze fin el libro de valeroſo y esforçado cauallero Prima- | leon, hijo de Pal- merin de Oliua. Fue impreſſo en Liſboa en caſa de Ma- | nuel Ioan Impreſſor de libros. En eſte año de | M. D. LXVI.

Folio—[1], ccxlij (aliás 232) folhas a 2 columnas —50 linhas—caractéres gothicos, excepto as peças preliminares e finaes, e as epigraphes.

Numeração dos cadernos: A–Z, 8 folhas cada caderno: Aa–Ee, 8 folhas cada caderno; Ff, 9 folhas; total de 233 folhas.

Encadernação de vitella.

O *Libro del inuencible Cauallero Primaleon*, im- presso em Lisboa por Manuel João em 1566, é uma obra rarissima, á qual se referem, entre outros, os seguintes auctores: Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, pp. 411–412), Sousa Viterbo (*A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 232, e *O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 255–256), Brunet (*Manuel du Libraire*, t. IV, col. 875), Salvá (*Catálogo*, nº 1651), Palau (*Manual del Librero Hispano-Americano*,

Folio—[1], ccxlij (alias 232) leaves—double columns—50 lines—Gothic letter, except the preliminary and final pieces and the headings.

Collation by signatures: A–Z, each 8 leaves; Aa–Ee, each 8 leaves; Ff, 9 leaves; total 233 leaves.

Calf binding.

The *Libro del inuencible Cauallero Primaleon*, printed in Lisbon by Manuel João in 1566, is very rare indeed. Among those who refer to it are: Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, pp. 411–412), Sousa Viterbo (*A Litteratura hespanhola em Portugal*, p. 232, and *O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 255–256), Brunet (*Manuel du Libraire*, t. IV, col. 875), Salvá (*Catálogo*, no. 1651), Palau (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. VI, p. 160), and An-

[1] *Below is a mounted knight with drawn sword.*

[2] *It is a poem; below is the colophon.*

t. VI, p. 160), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 717). Não ha noticia de nenhum exemplar d'este livro em Portugal, emquanto que no estrangeiro conhecemos apenas dois: o do Museu Britannico, e o nosso, completo e admiravelmente conservado.

Nas nossas notas sobre a *Coronica de don Florisel de Niquea*, que precedem estas, repetimos a nossa regra a respeito de livros impressos em Portugal, mas que não são de auctores nacionaes nem escriptos em linguagem; ao mesmo tempo, referindo-nos aos livros de cavallaria, e á influencia que elles exerceram, reportámos-nos ao que dissemos nas nossas notas sobre a *Coronica del Pr̃icipe dõ Florãdo ꝺ Inglatierra* (ver pp. 179–189).

Ignora-se quem foi, ao certo, o auctor—ou auctora—do *Palmerin de Oliva*, que gozou de uma extraordinaria popularidade no seculo XVI (ver H. Thomas, *Spanish and Portuguese Romances of Chivalry*, p. 84 *e seg.*); comtudo, Cervantes, "apezar de compatriota do autor, fez-lhe, sem misericordia, o catatau, ordenando que fosse, como lenha de zambujo, rachado e lançado á fogueira; com recomendação de que nem sequer ficassem delle as cinzas" (Varnhagen, *Da Litteratura dos Livros de Cavallarias*, p. 90).

A seguir ao *Palmerin*, cuja primeira edição conhecida foi impressa em Salamanca em Dezembro de 1511, appareceu, em Julho de 1512, egualmente estampada em Salamanca, a primeira edição de segundo livro do *Palmerin*—o *Primaleon*—no qual são narrados os feitos dos seus filhos Primaleon e Polendos. Este romance, escripto sem duvida pelo mesmo auctor que compoz o antecedente, foi, no seculo XVI, tão popular como o seu predecessor. Cervantes não o nomeia entre as novellas a lançar na fogueira, sendo, comtudo, possivel e provavel que tacitamente incluisse o filho na condemnação do pae. Porem, se o genial auctor de *Don Quixote* condemnava ao fogo o *Palmerin de Oliva*, do qual nem as cinzas

selmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 717). We can find no record of any copy in Portugal, and we know of only two outside the country—the one in the British Museum, and our own complete and perfect copy.

In our notes on the *Coronica de don Florisel de Niquea*, which precede these, we have referred to our rule about books printed in Portugal, but written in a foreign tongue by foreign authors, and also to the fact that we have made a study of romances of chivalry in our notes on the *Coronica del Pr̃icipe dõ Florãdo ꝺ Inglatierra* (see pp. 179–189).

We do not know who was the author—or authoress—of the *Palmerin de Oliva*, which enjoyed great popularity in the XVIth century (see H. Thomas, *Spanish and Portuguese Romances of Chivalry*, p. 84 *et seq.*), though Cervantes, "in spite of being the author's compatriot, mercilessly wreaks vengeance upon it, ordering that like olive wood it should be chopped up and thrown into the bonfire, with recommendations that not even the ashes of it should be allowed to remain" (Varnhagen, *Da Litteratura dos Livros de Cavallarias*, p. 90).

The *Palmerin*, the first known edition of which was printed in Salamanca in December of 1511, was followed by the *Primaleon*—printed, also in Salamanca, in July of 1512—which contains the history of Palmerin's two sons, Primaleon and Polendos. This romance, which must have been by the same author as its predecessor, was also very widely read in the XVIth century. Cervantes does not mention it in his list of novels to be consigned to the flames; but he may perhaps have meant tacitly to include the son in his condemnation of the father! But though the author of *Don Quixote* condemned *Palmerin de Oliva* to utter

deviam ficar, entendia, pelo contrario, que a "palma de Inglaterra" devia ser guardada e conservada como cousa unica, n'uma caixa especial, semelhante á que Alexandre mandára fazer para guardar as obras de Homero, primeiro porque o livro "por si es muy bueno," e depois—ponto especialmente interessante—porque tem a fama de ter sido composto por "um discreto rey de Portugal." Esta curiosa tradição a que Cervantes se refere, teve, certamente, a sua origem na supposição de D. João III, quando Infante, ter collaborado com João de Barros na composição do *Clarimundo* (ver pp. 467–468). Do que não póde haver duvida é que Cervantes preferia o *Palmeirim* Portuguez ao Hespanhol. Hoje —depois da longa controversia, durante a qual houve quem procurasse baptizal-o Hespanhol —nenhum critico competente duvída que o *Palmeirim de Inglaterra* é de nacionalidade Portugueza, e que a sua auctoria pertence a Francisco de Moraes (ver W. E. Purser, *Palmerin of England*, p. 362; Menéndez y Pelayo, *Orígenes de la Novela*, p. cclxx; Dr José Maria Rodrigues, *Fontes dos Lusiadas*, p. 475; Dr Mendes dos Remedios, *História da Literatura Portuguêsa*, p. 186; Dr H. Thomas, *ob. cit.* p. 103 *e seg.*; Dr Fidelino de Figueiredo, *Historia da Litteratura Classica*, pp. 191–204; Aubrey Bell, *Portuguese Literature*, pp. 232–234).

Deve ter havido uma primeira edição Portugueza do *Palmeirim*, talvez de 1544, hoje perdida; alem d'essa, existem, comtudo, duas edições conhecidas do seculo XVI em linguagem: uma de 1567, impressa por André de Burgos, e outra de 1592, estampada por Antonio Alvares (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nos 397 e 26). Em 1786, foi feita uma nova edição em tres volumes na officina de Simão Thaddeo Ferreira "com licença da Real Meza Censoria." Possuimos não só um bello exemplar d'essa edição, mas a copia manuscripta que serviu para a sua impressão, contendo, em diversas paginas, a seguinte declaração: "Imprima-se, e volte a conferir," com as assigna-

extinction, he considered that the "palma de Inglaterra" ought to be carefully kept and preserved as something unique, in a specially made box, like the one in which Alexander kept Homer's works, firstly because the book "por si es muy bueno," and secondly because—and this point is particularly interesting—it was reputed to have been written by "un discreto rey de Portugal." This curious tradition must surely have originated in the current belief that Dom João III, while still an Infante, had collaborated with João de Barros in the composition of the *Clarimundo* (see pp. 467–468). The one thing certain is that Cervantes preferred the Portuguese *Palmeirim* to the Spanish. To-day—after many long years of controversy about its authorship, which many have tried to prove was Spanish—no competent critic doubts that *Palmeirim de Inglaterra* is a Portuguese work, written by Francisco de Moraes (see W. E. Purser, *Palmerin of England*, p. 362; Menéndez y Pelayo, *Orígenes de la Novela*, p. cclxx; Dr José Maria Rodrigues, *Fontes dos Lusiadas*, p. 475; Dr Mendes dos Remedios, *História da Literatura Portuguêsa*, p. 186; Dr H. Thomas, *op. cit.* p. 103 *et seq.*; Dr Fidelino de Figueiredo, *Historia da Litteratura Classica*, pp. 191–204; Aubrey Bell, *Portuguese Literature*, pp. 232–234).

There must have been an original edition of the *Palmeirim* in Portuguese, perhaps published in 1544, though no copy is recorded. Two Portuguese editions of the XVIth century are, however, known: one printed by André de Burgos in 1567 and the other by Antonio Alvares in 1592 (see Anselmo and Proença, *op. cit.* nos. 397 and 26). In 1786, a new edition in three volumes was printed by Simão Thaddeo Ferreira "with the licence of the Royal tribunal of censorship." We possess a beautiful copy of this edition, and also of the manuscript from which it was made, several pages of which have the following declaration, signed by the three members of the

Al Lector.

O Tu que desseas batallas leer
amigo de Marte y belligera géte,
hablar de amores, d estilo excelête,
rieptos, e lides procuras saber:
Aqui las de Venus podras conoscer,
de Marte, Minerua, y sabroso Cupido,
razones y hablas en todo sentido,
e libro apazible si quieres tener.

¶ A qui la excelécia de Tulio esmaltada
vence y excede los libros Hispanos
las puertas d troya, de grecia, y romanos
dibuxa con pluma de sciencia dorada:
Aqui Palmerin corona su espada,
las cosas del hijo grãn Primaleon
demuestra inuuécibles con mucha razõ,
y buelue las otras vencibles en nada.

¶ Aqui se declara de Caualleria
doctrina y manera de reglas viuir,
reptar por palabras, saber combatir
a toda persona que aleue hazia:
Aqui por donzellas traçaua y hendia
la espada de Primaleon los reptados,
muestra ganar se por armas ditados,
por sciencia, virtudes, y genealogia.

¶ Aqui se sublima la gente Christiana
con sancta razon y catholica vida
a yr contra ma los incita y combida,
aunque paresce materia profana:
La lengua adelgaza sotil Castellana,
espejo y carrera delos que ventura
prosiguen la honra de clara natura
que haze succedan en mas soberana.

¶ Eneste esmaltado a y muy rico dechado,
vá esculpidas muy bellas lauores,
de paz, y de guerra, y de castos amores
por mano de dueña prudente labrado:
Es por exemplo de todos notado
que lo verisimil veamos en flor,
es de Augustobrica aquesta lauor
que en Lisboa se ha agora estampado.

¶ Recuerda y contempla discreto lector
quan vtiles sean leer sus renglones
y con letras de oro notar sus razones
que fueren notables, si ouieres sabor:
Ruega y suplica os su hystoriador
no muerda ni roya sus hablas alguno,
porque no vemos se atreue ninguno
hazer tan gran libro y de tanto dulçor.

Aqui haze fin el libro del valeroso y esforçado cauallero Primaleon, hijo de Palmerin de Oliua. Fue impresso en Lisboa en casa de Manuel Ioan Impressor de libros. En este año de
M. D. LXVI.

204 Ultima pagina e colophon do *Libro del inuencible Primaleon*
Last page and colophon of the *Libro del inuencible Primaleon*
Lisboa, 1566

turas autographas dos tres membros da "Real Meza Cenſoria."

Se houve auctores que reclamáram para a Hespanha a nacionalidade do *Palmeirim de Inglaterra*, Barbosa, em troca, attribuiu o *Primaleon* (de que só menciona a edição de 1598, impressa em Lisboa por Simão Lopes) a Francisco de Moraes (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 209; ver tambem Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 820; Mattos, *ob. cit.* pp. 408–412). O erudito Abbade parece ter esquecido que o *Primaleon* era a continuação do *Palmerin de Oliva*, e não do *Palmeirim de Inglaterra*, e resolveu simplesmente o problema attribuindo a "paternidade" da novella ao auctor do *Palmeirim*, que conhecia, paternidade que o illustre Commendador de Christo teria certamente repudiado, e com razão.

Para nós, o interesse principal do *Libro del inuencible Cauallero Primaleon*, impresso por Manuel João em 1566, é derivado da sua raridade.

"Royal tribunal of censorship": "To be printed and returned for comparison."

Though many authors have claimed *Palmeirim de Inglaterra* as a Spanish work, Barbosa, on the other hand, has attributed the *Primaleon* (of which he mentions only the edition printed in Lisbon by Simão Lopes in 1598) to Francisco de Moraes (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, p. 209; also see Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 820; Mattos, *op. cit.* pp. 408–412). This learned bibliographer seems to have forgotten that the *Primaleon* was a sequel to the *Palmerin de Oliva*, and not to the *Palmeirim de Inglaterra*, and to have thought that the simplest way of deciding the "paternity" of the book was to attribute it to the author of the *Palmeirim*, of whom he knew, though the commander of the Order of Christ would certainly, and with good reason, have repudiated the work.

For us the *Libro del inuencible Cauallero Primaleon*, printed by Manuel João in 1566, is chiefly interesting on account of its rarity.

CHRONICA DO FELICISSIMO REI DOM EMANVEL, COMPOSTA PER DAMIAM DE GOES, DIVIDIDA EM QVATRO PARTES,

das quaes esta he ha primeira.

¶ Foi vista, & aprouada per ho R.P.F. Emanuel da veiga examinador dos liuros.

¶ Em Lisboa em casa de Françisco correa, impressor do serenissimo Cardeal Infante, ahos xvij dias do mes de Iulho de 1566.

¶ Està taxada em papel a duzentos, & çincoenta reaes.

Com Priuilegio Real.

205 Folha do rosto da 1ª impressão da Parte 1 da *Chronica DelRei dom Emanvel* de Damião de Goes
Title-page of the 1st issue of Part 1 of the *Chronica DelRei dom Emanvel* of Damião de Goes
Lisboa, 1566

CHRONI
CA DO FELICISSIMO REI DOM EMANVEL, COMPOSTA PER DAMIAM DE GOES, DIVIDIDA EM QVATRO PARTES,

das quaes eſta he ha primeira.

¶Foi viſta, & approuada per ho R. P F. Emanuel da veiga examinador dos liuros.

¶Em Lisboa em caſa de Françiſco correa, impreſſor do ſereniſsimo Cardeal Infante, ahos xvij dias do mes de Iulho de 1566.

¶Eſta taxada eſta primeira parte no regno em papel a duzentos, & çinquoenta reaes, & fora delle ſegundo ha diſtançia dos lugares onde ſe vender, & has outras tres partes pelo meſmo modo naquillo em que forem taxadas.

Com priuilegio Real.

206 Folha do rosto da 2ª impressão da Parte I da *Chronica DelRei dom Emanvel* de Damião de Goes
Title-page of the 2nd issue of Part I of the *Chronica DelRei dom Emanvel* of Damião de Goes
Lisboa, 1566

115 DAMIÃO DE GOES, CHRONICA DELREI DOM EMA- NVEL.

Lisboa, Francisco Corrêa, 1566–1567.

PARTE I (*primeira impressão*[1]).

CHRONI | CA DO FELICISSIMO REI DOM EMA- | NVEL, COM- POSTA PER DAMIAM DE | GOES, DIVIDIDA EM QVATRO PARTES, | das quaes eſta he ha primeira. |

Escudo das Armas Reaes, ladeado por dois anjos que sustentam, um a cruz de Christo, e o outro a Esphera armillar[2].

Foi viſta, & aprouada per ho R.P.F. Emanuel da veiga examinador dos liuros. | Em Lisboa em caſa de Françiſco correa, impreſſor do ſere- | niſsimo Cardeal Infante, ahos xvij dias do mes de Iulho de 1566. | Eſtà taxada em papel a duzentos, & çincoenta reaes. | Com Priuilegio Real.

Assignatura autographa do auctor[3]: Damiam de goes.

[fl. 1 vo.]

Privilegio Real de 29 Março, 1566; approvação de Fr. Manuel da Veiga de 4 Julho, 1566[4].

[fl. 2] Tauoada dos capitulos | deſta primeira parte. | [...]

[fl. 3 vo.] [...] Fim da Tauoada.

[fl. 4] Erros da impreſſam, [...]

fl. 1. PROLOGO NA CHRONICA DEL | REI DOM EMANVEL, DIRIGIDA PER | DAMIAM DE GOES AHO SERENISSIMO PRIN- | çipe dom HENRRIQVE, Infante de Portugal, | Cardeal do titulo dos Sanctos quatro | Coroados, filho deſte feli- | çiſsimo REI. [...]

fl. 3 [aliás 2]. CHRONICA DO FELIÇISSIMO | Rei dom Emanuel [...] | CAPITVLO Primeiro. [...]

fl. 107 vo. [...]

Assignatura fac-simile de Fr. eman[l] da Veiga[5].

| Acabouſe de imprimir eſta primeira parte da Chronica do | feliciſsimo Rei dom EMANVEL em Lisboa em | caſa de Françiſcocorrea [*sic*] impreſſor do | ſereniſsimo Cardeal Infante.

Folio—[4], 107 folhas—2 columnas—40 linhas.

Numeração dos cadernos: ❧, 4 folhas; A–N, 8 folhas cada caderno; O, 3 folhas; total de 111 folhas.

Folio—[4], 107 leaves—double columns—40 lines.

Collation by signatures: ❧, 4 leaves; A–N, each 8 leaves; O, 3 leaves; total 111 leaves.

[1] *First issue.*

[2] *The Royal Arms flanked by two angels, one of whom supports the cross of the Order of Christ, and the other the armillary Sphere.*

[3] *Autograph signature of the author:* Damiam de goes.

[4] *Royal privilege of March 29th, 1566; approbation of Frei Manuel da Veiga, dated July 4th, 1566.*

[5] *Signature of* Fr. eman[l] da Veiga *in facsimile.*

PARTE I (*segunda impressão*[1]).

CHRONI | CA DO FELICISSIMO REI DOM EMA‑ | NVEL, COM‑POSTA PER DAMIAM DE | GOES, DIVIDIDA EM QVATRO PARTES, | das quaes eſta he ha primeira. |

Escudo das Armas Reaes, ladeado por dois anjos que sustentam, um a cruz de Christo, e o outro a Esphera armillar[2].

Foi viſta, & approuada per ho R.P.F. Emanuel da veiga examinador dos liuros. | Em Lisboa em caſa de Françiſco correa, impreſſor do ſereniſsi‑ | mo Cardeal Infante, ahos xvij dias do mes de Iulho de 1566. | Eſta taxada eſta primeira parte no regno em papel a duzentos, & çinquoenta [*sic*] reaes, & fora delle | ſegundo ha diſtançia dos lugares onde ſe vender, & has outras tres partes pelo meſmo | modo naquillo em que forem taxadas. | Com priuilegio Real.

Assignatura autographa do auctor[3]: Damiam de goes.

[fl. 1 vo.]

Privilegio Real de 29 Março, 1566; approvação de Fr. Manuel da Veiga de 4 Julho, 1566[4].

[fl. 2] Tauoada dos Capitulos da Primeira parte da | Chronica delRei dom Ema‑nuel. [...]

[fl. 3 vo.] [...] Fim.

fl. 1. PROLOGO NA CHRONICA DEL | REI DOM EMANVEL, DIRIGIDA PER | DAMIAM DE GOES AHO SERENISSIMO PRIN‑ | çipe dom HENRRIQVE, [...]

fl. 3 [aliás 2]. CHRONICA DO FELIÇISSIMO | Rei dom Emanuel [...] | CAPITVLO Primeiro. [...]

fl. 107 vo. [...]

Assignatura fac‑simile de Fr. eman[l] da Veiga[5].

| Acabouſe de imprimir eſta primeira parte da Chronica do | feliçiſsimo Rei dom EMANVEL, em Lisboa em | caſa de Françiſco Correa, impreſſor do | ſereniſsimo Cardeal Infante.

PARTE II.

SEGVNDA | PARTE DA CHRONICA DO FE‑ | LIÇISSIMO REI DOM EMANVEL, | COMPOSTA PER DAMIAM DE | Goes.

Escudo egual ao da Parte 1[6].

| Foi viſta, & aprouada pelo R.P.F. Emanuel da | veiga, examinador dos liuros. | Em Lisboa, em caſa de Françiſco correa, impreſſor do ſereniſsimo | Cardeal Infante,

1 *Second issue.*
2 *The Royal Arms flanked by two angels, one of whom supports the cross of the Order of Christ, and the other the armillary Sphere.*
3 *Autograph signature of the author:* Damiam de goes.
4 *Royal privilege of March 29th, 1566; approbation of Frei Manuel da Veiga, dated July 4th, 1566.*
5 *Signature of* Fr. eman[l] da Veiga *in facsimile.*
6 *The same coat of arms as in Part 1.*

ahos dez dias de Septẽbro de 1566. | Eſtà taxada em papel a çento, & çinquoẽta reaes. | Com Priuilegio Real.

Assignatura autographa do auctor[1].

[fl. 1 vo.]

Privilegio Real[2].

[fl. 2] Tauoada dos capitulos | deſta ſegunda parte. [...]

[fl. 3] [...] Fin [*sic*] da Tauoada.

[fl. 3 vo.] Erros da impreſſam, [...]

fl. 1. SEGVNDA PARTE DA CHRONI- | CA DO FELIÇISSIMO REI DOM EMA- | NVEL [...] | CAPITVLO Primeiro. [...]

fl. 75 vo. [...] Laus Deo. | Impreſſo em Lisboa, em caſa de Françisco [*sic*] correa, | impreſſor do ſereniſsimo Cardeal Infante. Ahos | dez dias do mes de Septem- | bro de 1566.

Assignatura fac-simile de Fr. eman[l] da Veiga[3].

PARTE III.

TERÇEI | RA PARTE DA CHRONICA DO FE | LIÇISSIMO REI DOM EMANVEL, | COMPOSTA PER DAMIAM DE | Goes.

Escudo egual ao da Parte 1[4].

| Foi viſta, & aprouada per ho. R.P.F. Emanuel da veiga examinador dos liuros. | Em Lisboa em caſa de Françiſco correa, impreſſor do ſere- | niſſimo Cardeal Infante, a hos. xxiiij. dias do mes de Ianeiro de. 1567. | Eſta taixada ẽ papel a duzentos, & çincoenta reaes. | Com Priuilegio Real.

Assignatura autographa do auctor[1].

[fl. 1 vo.]

Privilegio Real; approvação de Fr. Manuel da Veiga de 24 Janeiro, 1567[5].

[fl. 2] Tauoada dos Capitulos | deſta Terçeira parte. [...]

[fl. 3 vo.] [...] Fim da Tauoada.

[fl. 4] Erros da Impreſſam [...]

fl. 1. TERCEIRA PARTE DA CHRO- | NICA DO FELIÇISSIMO REI DOM EMA | NVEL [...] | CAPITVLO Primeiro. [...]

fl. 138 [...] | Fim da terçeira parte da Chronica | delRei dom Emanuel.

PARTE IV.

QVARTA | E VLTIMA PARTE DÆ CHRONICA | DO FELIÇIS- SIMO REI DOM EMANVEL, | COMPOSTA PER DAMIAM DE GOES.

Escudo egual ao da Parte 1[4].

[1] *Autograph signature of the author.*
[2] *Royal privilege.*
[3] *Signature of* Fr. eman[l] da Veiga *in facsimile.*
[4] *The same coat of arms as in Part* 1.
[5] *Royal privilege; approbation of Fr. Manuel da Veiga dated January 24th, 1567.*

| Foi vista, & approuada por ho R.P. Frei Françisco Foreiro. | Em Lisboa em casa de Françisco correa, Impressor do Serenissimo | Cardeal Infante, ahos xxv dias do mes de Iulho de 1567. | Esta taxada esta Quarta parte no Regno em papel a duzentos, & çinquoenta reaes, & fora | delle segundo ha distançia dos lugares onde se vender. | Com priuilegio Real.

Assignatura autographa do auctor[1].

[fl. 1 vo.]

Privilegio Real; approvação de Fr. Francisco Foreiro de 2 Janeiro, 1566[2].

[fl. 2] Tauoada dos Capitulos | desta quarta parte da Chro- | nica delRei dom | Emanuel. [...]

[fl. 3 vo.] [...] Fim.

[fl. 4] Erros da Impressam [...]

fl. 1. QVARTA PARTE DA | CHRONICA DO FELI- | ÇISSIMO REI DOM | EMANVEL: | CAPITVLO PRIMEIRO [...]

fl. 114. [...] | LAVS DEO. | Fim da Chronica do feliçissimo | Rei dom Emanuel.

Folio—Parte I: [4, a ultima branca], 107, [1 branca] folhas; Parte II: [4, a ultima branca], 75, [1 branca] folhas; Parte III: [4], 138 folhas; Parte IV: [4], 114 folhas—2 columnas—40 linhas.

Numeração dos cadernos: Parte I: 4 folhas sem numeração nem assignaturas; A–N, 8 folhas cada caderno; O, 4 folhas; total de 112 folhas. Parte II: ❧, 4 folhas; A–I, 8 folhas cada caderno; K, 4 folhas; total de 80 folhas; a folha D 3 não tem assignatura. Parte III: ❧, 4 folhas; A–R, 8 folhas cada caderno; S, 2 folhas; total de 142 folhas. Parte IV: ❧, 4 folhas; A–N, 8 folhas cada caderno; O, 10 folhas; total de 118 folhas.

Encadernação de carneira.

A *Chronica DelRei Dom Emanvel*, composta por Damião de Goes e impressa em Lisboa por Francisco Corrêa em 1566–1567, é uma obra rara mencionada por muitos auctores, entre os quaes citaremos: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. I, pp. 620–621), Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 124; vol. IX, pp. 102–104), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, pp. 302–304), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no*

Folio—Part I: [4, the last blank], 107, [1 blank] leaves; Part II: [4, the last blank], 75, [1 blank] leaves; Part III: [4], 138 leaves; Part IV: [4], 114 leaves—double columns—40 lines.

Collation by signatures: Part I: 4 unnumbered leaves with no signature marks; A–N, each 8 leaves; O, 4 leaves; total 112 leaves. Part II: ❧, 4 leaves; A–I, each 8 leaves; K, 4 leaves; total 80 leaves; leaf D 3 has no signature mark. Part III: ❧, 4 leaves; A–R, each 8 leaves; S, 2 leaves; total 142 leaves. Part IV: ❧, 4 leaves; A–N, each 8 leaves; O, 10 leaves; total 118 leaves.

Sheepskin binding.

The *Chronica DelRei Dom Emanvel* by Damião de Goes, printed in Lisbon by Francisco Corrêa in 1566–1567, is a rare work, mentioned by many authors, including: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. I, pp. 620–621), Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 124; vol. IX, pp. 102–104), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, pp. 302–304), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal*

[1] *Autograph signature of the author.*
[2] *Royal privilege; approbation of Fr. Francisco Foreiro dated January 2nd, 1566.*

século XVI, pp. 108–109), Joaquim de Vascon-cellos (*Goësiana—Bibliographia*, pp. 16–17), Gui-lherme J. C. Henriques (*A Bibliographia Goesiana*, pp. 37–53), Brunet (*Manuel du Libraire*, t. II, col. 1643), Salvá (*Catálogo*, nº 2958), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 491), que dão uma descripção detalhada do livro, e indicam a existencia de exemplares nas seguintes Bibliothecas: Lisboa, Archivo Nacional, Ajuda, Academia das Sciencias, Evora, Universidade de Coimbra, Paris (S^te^ Geneviève), Berlim, Stockholm, e New York Public Library; a esta lista podemos accrescentar mais seis exemplares: um na Livraria Sabugosa, um no Museu Britannico, um na Catholic University of America (Oliveira Lima Collection) em Washington, um na Bibliotheca da Universidade de Harvard (*Catalogo Palha*, nº 2828), um na posse de Messrs. Maggs Bros., e o que se encontra na nossa Bibliotheca, com-pleto e perfeito.

Já nos occupámos de Damião de Goes, da sua vida e das suas obras, nas nossas notas sobre a *Vrbis Olisiponis Descriptio*, 1554, onde indicá-mos, tambem, um grande numero de auctores que convem consultar para o estudo do celebre humanista (ver pp. 441–453). Quanto á *Chronica DelRei Dom Emanvel*, como a temos citado constantemente no decorrer da nossa obra, tran-screvendo mesmo numerosos trechos, pareceu-nos descabido fazer aqui a sua analyse, sobretudo quando esse trabalho já foi emprehendido por varias pennas auctorizadas.

Egualmente, nada diremos agora a respeito do Venturoso, porque já tentámos, na *Introducção*, dar a conhecer a sua figura, fazendo-lhe justiça, e em varios estudos publicados no vol. I dos *Livros Antigos Portuguezes*—especialmente nas nossas notas sobre o *Almanach perpetuum*, o *Marco paulo*, os *Autos dos Apostolos*, a *Legẽda dos ſãtos martires*, as Ordens de Christo, S. Thiago, e Aviz, e as *Ordenações* de 1514 e 1521—pro-

no século XVI, pp. 108–109), Joaquim de Vas-concellos (*Goësiana—Bibliographia*, pp. 16–17), Guilherme J. C. Henriques (*A Bibliographia Goesiana*, pp. 37–53), Brunet (*Manuel du Libraire*, vol. II, col. 1643), Salvá (*Catálogo*, no. 2958), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 491), who give a detailed description of the book and in-dicate copies in the following Libraries: Lisbon, Archivo Nacional, Ajuda, Academy of Sciences, Evora, Coimbra University, Paris (Ste Gene-viève), Berlin, Stockholm, and New York Public Library. To this list must be added six more copies: those in the Sabugosa Library, the British Museum, the Catholic University of America (Oliveira Lima Collection) at Wash-ington and Harvard University Library (*Palha Catalogue*, no. 2828), the one in the possession of Messrs Maggs Bros., and our own complete and perfect copy.

We have studied Damião de Goes, his life and his works, in our notes on the *Vrbis Olisiponis Descriptio*, 1554, where we have indicated many of the authors to be consulted by those who wish for more information about the famous humanist (see pp. 441–453). As for the *Chronica DelRei Dom Emanvel*, we have referred to it and tran-scribed passages from it so often in the course of our work, that we consider it unnecessary to make a further analysis of it here, especially as the task has already been undertaken by various authorities.

Nor will we now say anything about King Manuel, because we have tried to give a just estimate of his personality in the *Introduction*, and have described various episodes of his life and shown different interesting aspects of his cha-racter in various studies published in vol. I of *Early Portuguese Books*, especially in our notes on the *Almanach perpetuum*, the *Marco paulo*, the *Autos dos Apostolos*, the *Legẽda dos ſãtos martires*, on the Orders of Christ, St James and Aviz and on

curámos descrever diversos actos ou episodios da sua vida, mostrando, simultaneamente, alguns aspectos interessantes do seu caracter. N'este volume da nossa obra, encontram-se, tambem, trabalhos que se referem a D. Manuel, taes como os que escrevemos sobre os *Artijgos das ſyſas*, 1542, os *Commentarios de Afonſo Dalboquerque*, 1557, e a *Copilacam* das obras de Gil Vicente, 1562; todavia, foi nas nossas notas sobre a *Consolacam as Tribvlacoens de Israel*, 1553, que nos dedicámos particularmente ao estudo de D. Manuel, diligenciando evidenciar o verdadeiro papel por elle representado na questão dos Judeus, sem duvida uma das mais importantes do seu reinado. Assim, temos-nos aproveitado dos livros para, pouco a pouco, mostrar a figura—tão mal delineada e, por consequencia, julgada—do Venturoso; e n'essa ordem de ideas, continuaremos a nos servir das opportunidades fornecidas por esses "amigos silenciosos e fieis, juncto dos quaes se apprende a licção da vida."

Ácerca de Damião de Goes, já dissemos, brevemente, tudo o que nos parecia necessario; consequentemente, nas nossas notas sobre a sua *Chronica DelRei Dom Emanvel*, tractaremos só de duas questões: uma bibliographica—por um exemplar (que pertenceu a El-Rei D. Pedro V) não censurado da primeira parte da *Chronica* de D. Manuel se encontrar na nossa Bibliotheca—a outra historica—porque possuimos documentos que lhe dizem respeito.

Ácerca da primeira, desempenhamos um papel insignificante, que se reduz a dar a collacionação exacta do rarissimo livro, e a reproduzir em fac-simile—o que, crêmos, nunca foi feito—a folha do rosto e duas paginas, que, publicadas ao lado das mesmas paginas da tiragem censurada, mostram claramente os córtes e alterações que soffreram (ver pp. 768, 769, 772, 773). Quanto á comparação do texto da primeira edição

the *Ordenações* of 1514 and 1521. There are also many references to Dom Manuel in this volume of our work, as, for instance, in connection with the *Artijgos das ſyſas*, 1542, the *Commentarios de Afonſo Dalboquerque*, 1557, and the *Copilacam* of the works of Gil Vicente, 1562; it is, however, in our study of the *Consolacam as Tribvlacoens de Israel*, 1553, that we have specially endeavoured to show the figure of Dom Manuel, bringing evidence to bear upon the real part he played in the question of the Jews, which was certainly one of the most important that arose in his reign. So, through the books, we have tried, little by little, to give a picture of the Fortunate King—so often ill-drawn and, therefore, misjudged; and we shall continue to make similar use of the opportunities provided by these "silent and faithful friends, through whom we may learn to read life."

We have already said, briefly, all we consider necessary about Damião de Goes, so in our notes on his *Chronica DelRei Dom Emanvel*, we shall confine ourselves to two questions, one bibliographical—because an uncensored copy (which belonged to King Pedro V) of the first part of the *Chronica* is in our Library—and the other historical—because we possess some interesting documents dealing with it.

With regard to the first, our part is small, it is merely to give an accurate collation of this extremely rare book, with facsimile reproductions—never before published so far as we know—of the title-page and two pages of the text, which we have placed side by side with the corresponding pages from the censored issue, clearly showing the cuts and alterations that were made (see pp. 768, 769, 772, 773). We shall not make any further comparison between the two

dos ſeus criados no foro em que andaſſem em ſeus liuros, com caſamento, das quaes rendas quomo eu achei por lembrança em hum liuro de regiſtos da fazenda do dicto Duque dom Emanuel: elle deſpendia cadanno vinta tres contos, & quinhentos mil reaes, de que hos treze çontos eram em aſſentamentos, & tenças que daua, aſsi á Infante dona Beatriz ſua mai, & outras peſſoas que com elle nam viuiam, quomo ahos moradores de ſua caſa, & dez contos, quinhentos mil reaes que deſpendia, em ordenados, merçes, moradias, ordinarias, guarda roupa, veſtearias, compras, eſmolas, caſamẽtos, & obras, & do que ſobejaua deſtas rendas paguaua cadanno parte das diuidas, ſeruiços, & obriguações que ficaram do Infante dom Henrrique, cujo neto adoptiuo era, & aſsi has do Infante dõ Fernando ſeu pai, & do Duque dõ Diogo ſeu irmão. Has quaes elle quomo bom, & chriſtianiſsimo Prinçipe por deſcarguo de ſuas almas pagou todas, & com eſtas tenças, & ordenados que daua, & merçes que fazia, aſsi ahos de ſua caſa, quomo ahos moradores da delRei, era mui quiſto, & amado, & ſobre todos delRei dom Ioão, que pellas partes, & habelidades que nelle via, & conheçia, allem de ho criar a par de ſim na ſua corte, & caſa juntamẽte com ho Prinçipe dom Afonſo ſeu filho, ho meteo no conſelho antes de ter idade pera iſſo, & neſte eſtado, & modo de vida ho criou atte ho ãno de mil, & quatroçentos, & nouenta, em que ho Prinçipe dom Afonſo caſou, porque entam tomou ho Duque ſua caſa apartada da delRei, & do Prinçipe, ha qual atte q̃ foi Rei ſempre teue mui chea, & acompanhada da mór parte da nobreza deſtes Regnos, pello q̃, & pollas calidades de ſua peſſoa, & por ter tamanha, & tam honrrada caſa, elRei dom Ioão ho eſcolheo antre todolos ſenhores do Regno, pera em nome do Prinçipe dõ Afonſo ir reçeber ha Prinçeſa dona Iſabel á Raia de Caſtella, quomo fez, & lhe foi entregue pello Cardeal de Caſtella dõ Pedro gonçaluez de mendonça, entre Badajoz, & Eluas, na ribeira de Caia, onde ſe departem hos Regnos, & dali ha trouxe a Eluas, & Deluas a Eſtremoz, onde ho Prinçipe ha reçebeo, quomo na Chronica delRei dõ Ioão ſe tudo mais per extenſo relata.

Capitu. vii. De quomo se elrei foi dalcaçer do ſal a Monte mór ho nouo, onde dom George ho veo ver ha primeira vez, & do que dom Diogo fernãdez dalmeida Prior do Crato ſeu aio dixe a elRei.

Depois

207 Uma pagina da 1ª impressão da Parte 1 da *Chronica DelRei dom Emanvel* de Damião de Goes
A page of the 1st issue of Part 1 of the *Chronica DelRei dom Emanvel* of Damião de Goes
Lisboa, 1566

roupa, vestiarias, compras, esmolas, casamẽtos, & obras, & do que sobejaua destas rendas paguaua cadanno parte das diuidas, seruiços, & obriguações que ficaram do Infante dom Henrrique, cujo neto adoptiuo era, & asi has do Infante dõ Fernando seu pai, & do Duque dõ Diogo seu irmão. Has quaes elle quomo bom, & christianissimo Principe por descarguo de suas almas pagou todas, & com estas tenças, & ordenados que daua, & merçes que fazia, asi ahos de sua casa, quomo ahos moradores da delRei, era muĩ quisto, & amado, & sobre todos delRei dom Ioão, que pellas partes, & habilidades que nelle via, ho criar a par de sim, na sua corte, & casa juntamenre com ho Prinçipe dom Afonso seu filho, atte ho anno de mil, & quatroçẽtos, & nouenta, em que ho Prinçipe casou, porque entam tomou ho Duque sua casa apartada da delRei, & do Prinçipe, ha qual atte que foi Rei sempre teue muĩ honrrada, & acompanhada da mór parte da nobreza destes Regnos.

Capitu. vii. De quomo se elRei foi dalcaçer do sal a Monte mòr ho nouo, onde dom George ho veo ver ha primeira vez, & do que dom Diogo fernãdez dalmeida, Prior do Crato seu aio dixe a elRei.

DEPOIS DELREI ser jurado pella Rainha, & pellos Prelados, senhores, & fidalguos que se naquelle tempo acharam em Alcaçer do sal, & ter ordenado algũas cousas que compriam aho regimento do Regno, & de sua casa, loguo se dali foi pera Mõte mòr ho nouo, onde per suas cartas tinha notificado ahos estados do Regno que se ajuntassem pera fazer cortes, & tomar ha menagem à quelles que tinham obrigaçam de lha fazer, aho qual lugar loguo dahi a poucos dias veo dom George em idade de xiiij annos, acõpanhado dos mais dos fidalguos que em Aluor forão presentes aho faleçimento del Rei seu pai, & asi elle, quomo todolos de sua companhia vinhão vestidos d burel, trajo de tristeza que se naquelle tempo acustumaua nestes Regnos, ho vso do qual se defendeo per expressa lei que sobre isso fez elRei dom Emanuel. Ho dia q̃ dom George cheguou a Monte mòr, posto que fosse com tanta tristeza, quanta se bem pode crer que elle teria, & viesse mais desejoso de nam ser visto, que de ho verem, cõ tudo hos mais dos prelados, senhores, & fidalguos que ali estauam ho foram reçeber, & ho acompanharam atte camara onde ho elRei estaua sperando, de quem foi reçebido com tanto amor, & humanidade que todolos

208 Uma pagina da 2ª impressão da Parte I da *Chronica DelRei dom Emanvel* de Damião de Goes
A page of the 2nd issue of Part I of the *Chronica DelRei dom Emanvel* of Damião de Goes
Lisboa, 1566

com o da segunda, não a emprehendemos, pois já foi feita (ver Visconde de Azevedo, *Elencho das Variantes e differenças notaveis que se encontram na primeira parte da Chronica d'El-Rei D. Manoel escripta por Damião de Goes e duas vezes impressa no anno de* 1566; Joaquim de Vasconcellos, *Goësiana—As Variantes das Chronicas*; Ernesto do Canto, *Additamento á Reproducção do Elencho das Variantes publicada pelo Visconde de Azevedo*; ver tambem Guilherme J. C. Henriques, *loc. cit.*). Já nos referimos á censura, perfeitamente comprehensivel, de certas passagens do livro de Goes, e a esse respeito, citámos a tão sensata como espirituosa opinião do nosso amigo Professor Prestage (ver pp. 448–450), com a qual concordamos inteiramente.

Quanto á questão historica—e para nós de familia—possuimos dois documentos extremamente interessantes, assignados por D. Manuel, que julgamos conveniente reproduzir em facsimile, por se reportarem a acontecimentos narrados na *Chronica*. No capitulo LXI da Parte I, Damião de Goes refere-se ao casamento de D. Jayme, Duque de Bragança, com D. Leonor de Gusmão, filha do Duque de Medina Sidonia—"com ha qual ſenhora lhe deram grãde dote de dinheiro, baixellas, & ornamẽtos de ſua caſa"—a que fôra obrigado em 1501 por D. Manuel, a Rainha D. Leonor, e a Duqueza D. Izabel sua mãe. D. Jayme, desgostoso d'esse casamento com uma creança, que trouxeram para Portugal em 1502, e "com ha vontade que trazia de ſeruir a Deos em religiam, mais que no eſtado matrimonial," seguiu os conselhos de certos frades franciscanos "da obſeruançia a que chamam da Piedade, de quẽ era, & ſempre foi muito deuoto," e resolveu sahir do reino, para em Jerusalem "tomar habito de religiam, & nelle paſſar todo ho diſcurſo de ſua vida." Antes de pôr em execução o seu designio, o Duque, segundo Goes, escreveu a D. Manuel uma carta, pedindo-lhe "que não tomasse a mal ſua determinaçam," pois

texts, as that has already been done (see Visconde de Azevedo, *Elencho das Variantes e differenças notaveis que se encontram na primeira parte da Chronica d'El-Rei D. Manoel escripta por Damião de Goes e duas vezes impressa no anno de* 1566; Joaquim de Vasconcellos, *Goësiana—As Variantes das Chronicas*; Ernesto do Canto, *Additamento á Reproducção do Elencho das Variantes publicada pelo Visconde de Azevedo*; also Guilherme J. C. Henriques, *loc. cit.*). We have already referred to the perfectly justifiable censorship of certain passages in Goes' book, and have cited the wise and witty remarks of our friend Professor Prestage in this connection (see pp. 448–450).

As for the historical question—a family matter for us—we possess two most interesting documents, signed by Dom Manuel, which we consider it convenient to reproduce in facsimile, as they have to do with events described in the *Chronica*. In Part I, chapter LXI, Goes refers to the marriage of Dom Jayme, Duke of Bragança, with Dona Leonor de Guzman, the daughter of the Duke of Medina Sidonia—"with which lady they gave him a large dowry of money, plate, and ornaments from her house." This marriage had been forced upon the reluctant Dom Jayme in 1501 by his mother, the Duchess Izabel, and by Dom Manuel and Queen Leonor; and in 1502 the child bride was brought to Portugal. Dom Jayme, "with his desire to serve God in a religious order rather than in the state of matrimony," followed the advice of some Franciscans "of the order which they call of Piety, for which he had then and always a great devotion," and decided to leave Portugal for Jerusalem, there "to put on the monkish habit, and to spend the rest of his life in it." Before setting out, the Duke, according to Goes, wrote a letter to Dom Manuel, asking him "not to take his decision amiss," because he con-

V Carta assignada por El-Rei D. Manuel em Lisboa a 4 de Junho de 1502

Letter signed by King Manuel I in Lisbon on June 4th, 1502

só para a vida religiosa se achava apto, e que, com o mesmo titulo de Duque, desse todos os seus bens a seu irmão D. Diniz, "no que faria ſeruiço a Deos & a elle aſsinada merçe." Entregue a carta a um dos frades, que a levou a El-Rei, D. Jayme montou a cavallo em Villa Viçosa com um só companheiro—"ſem outro nenhum criado"—e poz-se a caminho; mas só chegou "á çidade de Calataud, no Regno Daragam, onde foi achado per algũas das peſſoas que elRei dom Emanuel mãdou tras elle, per mar, & per terra." Como veremos, as ordens de D. Manuel eram terminantes, e o Duque de Bragança regressou ao Reino, onde "fez vida cõ ſua molher." Na edição não censurada (ver p. 772), Goes accrescenta: "ha qual Duqueza dõna Leanor elle [D. Jayme] mattou ás punhaladas com hum ſeu page de ſobrenome Alcoforado, com quem tinha ſuſpeita que lhe fazia adulterio." Infelizmente, é verdade que o Duque assassinou D. Leonor, mas o chronista não precisava, sobretudo n'uma obra official e que lhe tinha sido encommendada e paga, dizer a verdade nua e crua. Não ha duvida que Goes gostava de pôr sal no que escrevia, esquecendo, e muitas vezes, o velho dictado: nem todas as verdades se dizem.

As duas cartas de D. Manuel que publicamos, assignadas pelo punho do Soberano, são realmente muito interessantes; ambas ellas fôram decifradas por Miss Sarah de Laredo, a quem apresentamos os nossos agradecimentos. N'uma das cartas, com data de 4 de Junho de 1502, D. Manuel dirige-se a todas as auctoridades Castelhanas,

"Duques, Marqueses, Comdes, fidalgos, cavalleiros, rejedores, governadores, asystemtes, correjedores, alcaldes e todas outs (outras) Iustiças dos Reynos de Castilha e todos seus S[rios] aquem esta nosa carta pello mostrador della for mostrada."

Então, diz ter recebido

"ora recado como o Duque de Bragança e de Guymaraes meu muyto amado e preçado sobri-

sidered himself fitted only for a life of religion, and to give all his (D. Jayme's) worldly goods to his brother Dom Diniz, with the title of Duke, "for thus he would serve God and grant him a great mercy." Having charged one of the monks to take the letter to the King, Dom Jayme rode away from Villa Viçosa, with only one companion "and no other servant whatever"; but he got no farther than "the city of Calatayud in the kingdom of Aragon, where he was found by some of the people King Manuel sent after him by sea and by land." As we shall see, Dom Manuel's orders were decisive, so the Duke of Bragança was constrained to return to Portugal, where he "lived with his wife." In the uncensored edition of the chronicle (see p. 772), Goes adds "which Duchess Dona Leanor he [Dom Jayme] stabbed to death with one of his pages called Alcoforado, with whom he suspected her of committing adultery." Unfortunately, the Duke did indeed assassinate Dona Leonor, but the chronicler had no need to make such a bald statement of the fact, especially in an official work for which he was being paid out of the Royal treasury. Goes certainly enjoyed adding spice to what he wrote, and he often seems to have forgotten the old proverb: all truths are not to be told.

The two letters we publish, both signed by Dom Manuel, are most interesting, and have been deciphered by Miss Sarah de Laredo, to whom we would express our thanks. In one of them, dated June 4th, 1502, and addressed to all the Spanish authorities,

"Dukes, Marquesses, Counts, noblemen, knights, administrators, governors, assistants, magistrates, alcaldes, and all other justices of the kingdoms of Castile and all their dominions to whom this letter may be shown,"

the King says he has received

"a message now that the Duke of Bragança and Guimarães, my much beloved and esteemed

nobres,que nella viuiã,muita cortesia,& dahi se tornou aho regno, & fez vida cõ sua molher, de que houue dõ Theodosio q̃ ho soccedeo,& dõna Isabel q̃ casou cõ ho Infante dõ Duarte filho delrei dõ Emanuel,ha qual Duquesa dõna Leanor elle mattou ás punhaladas com hum seu page de sobrenome Alcoforado,com quem tinha suspeita que lhe fazia adulterio, & acabo doito annos se casou no de Mil, & quinhentos, & vinte, per vontade delrei dõ Emanuel,com hũa dama muito fermosa,prudente,& discreta,per nome donna Ioanna de mẽdonça, de q̃ houue filhos,& filhas,ha qual senhora ainda viue, com honrrada casa,& estado que lhe ho Duque seu marido deixou. Neste anno de Mil,& quinhẽtos,& dous,mãdou elRei no mes de Feuereiro hũa armada á India,đ que foi por capitão dom Vasquo da gama,do socçesso da qual, & do que na India fez,& passou em toda ha viagem direi no anno de Mil,& quinhentos, & tres em que tornou a estes Regnos.

Capitu. lxii. Do nasçimento do principe dõ Ioam,& da armada que elRei mandou aho Estreito.

QVOMO ATRAS FICA scripto,elrei dom Emanuel casou na Villa Dalcaçer do sal com ha rainha donna Maria,hũa sesta feira trinta dias do mes Doctubro de Mil, & quinhentos, nas casas de Rui gago, & dalli se vieram a Lisboa, onde ha Rainha pario ho Prinçipe dom Ioam,nos paços Dalcaçoua,hũa segunda feira,seis dias do mes de Iulho de mil,& quinhentos,& dous,no qual dia foi na çidade tamanha tẽpestade de chuuas,coriscos, & trouões, que nenhum dos antiguos se lembraua doutra tal, per cujo nasçimento se fezeram na çidade, & no Regno muitas festas. E passados hos oito dias do parto, ho Prĩçipe foi baptizado na capella đ S.Miguel dos mesmos paços:no qual dia se açẽdeo fogo nelles. Baptizou ho dõ Martinho da costa Arçebispo đ Lisboa, leuouho á pia dõ Iaimes Duq̃ de Bragãça: has madrinhas forã ha Infante dõna Beatriz mai đlrei dõ Emanuel,& ha rainha dõna Leanor. Ho padrinho foi Pero pasqualigio embaixador đ Veneza, que em nome da Senhoria, viera dar has graças a elRei pello socorro q̃ lhes mandára cõtra ho Turco,quomo atras fica dicto. A este Embaixador armou elRei caualleiro de sua mão, & lhe deu liçença que podesse trazer no escudo de suas armas ha insignia da Sphera dourada,allem do que lhe fez

209 Uma pagina da 1ª impressão da Parte 1 da *Chronica DelRei dom Emanvel* de Damião de Goes
A page of the 1st issue of Part 1 of the *Chronica DelRei dom Emanvel* of Damião de Goes
Lisboa, 1566

deo, & donna Isabel que casou cõ ho Infante domDuarte filho delRei dom Emanuel. Depois da morte da qual senhora oito annos, elle se casou no de Mil, & quinhentos, & vinte, per vontade delRei dom Emanuel, com hũa dama fermosa, prudente, & discreta, per nome dõna Ioanna de Mẽdoça, de que houue filhos, & filhas. s. dom Iaimes que faleçeo solteiro, dom Costantino que foi camareiro mór delRei dom Ioão terçeiro, & viçerei da India, dom Fulgençio que he clériguo, dom Theotonio tambem clériguo, & viue com elRei dom Phelippe de Castella, donna Ioanna que casou ẽ castella cõ ho marques Delche, filho herdeiro do duque de Maqueda, donna Eugenia que casou com dõ Françisquo de Mello cõde de Tentugal, filho herdeiro de dom Rodrigo de mello, marques de Ferreira, donna Maria, & dõna Vinçençia ambas freiras profesas: ha qual senhora ainda viue, com honrrada casa, & estado que lhe ho Duque seu marido deixou. Neste anno de Mil, & quinhentos, & dous, mãdou elRei no mes de Feuereiro hũa armada á India, de que foi por capitão dom Vasquo da gama, do succeßo da qual & do que na India fez, & passou em toda ha viagem direi no anno de Mil, & quinhentos, & tres em que tornou a estes Regnos.

Capitu. lxii. Do nasçimento do Prinçipe dom Ioam, & da armada que elRei mandou aho Estreito.

COMO atras fica scripto, elRei dõ Emanuel casou na Villa Dalcaçer do sal com ha Rainha donna Maria, hũa sesta feira trinta dias do mes Doctubro de Mil, & quinhentos, nas casas de Rui gago, & dalli se vieram a Lisboa, onde ha Rainha pario ho Prinçipe dom Ioam, nos paços Dalcaçoua, hũa segunda feira, seis dias do mes de Iunho de mil, & quinhentos, & dous, no qual dia foi na çidade tamanha tẽpestade de chuuas, coriscos, & trouões, que nenhum dos antiguos se lembraua doutra tal, per cujo nasçimento se fezeram na çidade, & no Regno muitas festas. E passados hos oito dias do parto, ho Prinçipe foi baptizado na capella de sam Miguel dos mesmos paços, no q̃l dia se açendeo fogo nelles. Baptizouho dom Martinho da costa Arçebispo de Lisboa. Leuouho á pia dom Iaimes Duque de Bragança: has madrinhas foram ha Infante donna Beatriz maí delrei dom Emanuel, & ha rainha dõna Leanor sua irmam. Ho padrinho foi Pero pasqualigio embaixador de Veneza, que em nome da Senhoria, viera dar has graças a elRei pelo socorro que lhes mandára

210 Uma pagina da 2ª impressão da Parte 1 da *Chronica DelRei dom Emanvel* de Damião de Goes
A page of the 2nd issue of Part 1 of the *Chronica DelRei dom Emanvel* of Damião de Goes
Lisboa, 1566

nho he partydo destes Reynos sem termos recado certo de sua detryminaçam pello qual nos lhe screvemos e emviamos em sua busca encomendamdolhe e mandamdo que logo sse torne."

Em vista do succedido, o Soberano pede

"a todos em gerall e a cada hum em especial da nossa (parte) e encomendamos e rogamos da parte delRey e da Rª de Castella os meos muyto amados e preçados padre e madre que nam sse queremdo elle (D. Jayme) deteer e tornar como nos lho screvemos e mandamos vos todos e cada hum de vos ho retenheaes e no leixes pasa (passar) nem hyr mais adiamte do lugar homde o achardes";

e El-Rei accrescenta que, se assim procederem,

"nos fares nisso muy syngullar prazer e serviço que vos muyto gradeceremos."

Se este documento já elucida a narração de Goes, a outra carta, extremamente curiosa, alem de confirmar as palavras do chronista, dá detalhes interessantissimos sobre a fuga do Duque de Bragança e as ordens que D. Manuel deu sobre o caso, o que prova—ponto importante—que se não se brincava com o Principe Perfeito, tambem não se podia fazel-o, impunemente, com o Venturoso. A carta que reproduzimos, e em parte transcrevemos, é dirigida a Diogo Lopez de Lima, que, pelo seu teor, parece ter sido o chefe da missão enviada por D. Manuel em busca do Duque. No extenso documento, egualmente datado de 4 de Junho de 1502, o Soberano começa por dizer: "Vos levaaes huma carta nosa pa o Duque de Bragança meu sobrinho," e ordena ao seu enviado, que parta com "muy grande presa" para colher informações sobre o caminho tomado pelo Duque que o habilitem a seguil-o; e accrescenta:

"porem porque nos emviamos outs (outras) pessoas em sua busca hordenares todos vosso caminho de maneira que nam posaes hyr todos por hum antes asy apartados e cada hum por sseu que vos no possaaes topar e achar em hum caminho todos pois de forma que se comprysse

nephew has left these Kingdoms, without our having certain knowledge of his decision, wherefore we have written to him and sent people in search of him, charging and ordering him to come back at once."

He therefore asks

"all in general and each in particular on our own behalf, and we charge you and beg you on behalf of the King and Queen of Castile, my much beloved and esteemed father and mother, that if he (Dom Jayme) will not stop and turn back as we have written ordering him to do, you will each and all of you detain him and not let him pass or go on from the place where you find him";

and the King adds that

"in this you will afford us very singular pleasure and do us a service for which we shall be very grateful to you."

While this document throws light upon Goes' account, the second letter, besides confirming the chronicler's words, gives interesting details about the Duke's flight and Dom Manuel's subsequent orders, proving that one could not trifle with the Fortunate King any more than with the Perfect Prince. This letter, also dated June 4th, 1502, is addressed to Diogo Lopez de Lima, who appears to have been at the head of the people sent in search of the Duke by Dom Manuel. It begins with the statement: "You have a letter of ours for the Duke of Bragança my nephew" and orders the messenger to set out with "very great speed," so as to gather information about the road taken by the Duke and to be able to follow him;

"though as we have sent other persons in search of him, you must all decide upon your road in such a manner that you do not all go one way, but rather separately and each by himself, for you will not be able to meet and find him if you all go the same way, but if this plan is carried out

VI Carta assignada por El-Rei D. Manuel em Lisboa a 4 de Junho de 1502
Letter signed by King Manuel I in Lisbon on June 4th, 1502

Alvres pa o s.r dioguo lopes de lima q se hia
e ir apos o duque de bragança do Reino

[illegible]

podereys aver recado huns dos outros e ysto leixamos a vos que vos ordenes asy bem que sejamos nos servydo."

Então, depois de dar a Diogo Lopez de Lima as instrucções necessarias sobre a maneira como ha de proceder, El-Rei manda-lhe que dê o seguinte recado ao Duque em seu Real nome:

"E topando o dyto meu sobrinho darlhees a dita nosa carta e allem do que por ella lhe escrevemos dirlhees de nosa parte que desta partyda e aballo sseu temos recebido tanto nojo e desprazer como poderamos de cousa que mais a nosso estado e serviço podera tocar: e que ho aja assy por muy serto: e que por ysso e pello muy grande nojo que de sua detryminaçao e efeyto della se segue e pode seguyr a sua may aquel por seu divyda termos que mosstra como a nos e a s^{ra} Ifanta minha may e a S^{ra} R^{a} minha Irmaa e por todos o outs (os outros) respeytos a que elle tem tanta dyvyda e obrigaçao nos quaes emtra sua comciencia lhe rogamos e mandamos estreytamente pella obediencia que nos deve que elle nam vaa mais adiante e sse torne: e que se lembre de tam poucos dias ha que cassou e jurou sseu casamento e como o dote tem recebido de sseu ssogro e he em nossa maao: e nam faça tal estremo de vida por que ha mais pequena destas deve obrygallo a disso se a redar e tornar: e que passamdo a tall detryminaçao lhe seya muy grande ygonha (vergonha): e que nam tenha pejo pa o fazer por ja em tanto ter pasado por que el Rey Dom Ao (D. Affonso V) meu tyo semdo tam grande e tam honrado Rey como era temdo o semelhante cometydo sse tornou e no perdeo por isso de seu nome e onra nada e asy outs (outros) principes e grandes Sres que os taaes caminhos cometerã. E que nam he cousa nova no mundo pa elle ter pejo em compryr o que lhe mandamos: e que neste casso posto que ho ouvesse por compryr dyvyda tam obrygatorya como he fazer o que lhe screvemos e mandamos em sua tornada sso penna de dessobediencia ele ho deve pospoer e que por tanto elle no faça out (outra) cousa sallvo satisfazer e cumpryr o que elle por tamtas rezoes deve e he obrigado."

you will be able to receive messages from one another, and we leave it to you to arrange it well thus, that we may be served."

After giving Diogo Lopez de Lima all the necessary instructions, the King orders him to give the following message to the Duke in his name:

"And if you meet my said nephew you must give him our said letter, and in addition to what we have written to him in it, you must tell him on our behalf that his departure and flight has given us as much grief and displeasure as we could well receive from a matter which touches our estate and service so closely; and that he may be very sure of this; and that on account of this and of the great hurt which his decision and its consequences is doing and may do to his mother —which we consider he is showing through his fault—and also to us and the Lady Infanta my mother and the Lady Queen my sister, and also on account of the other matters where he has such great obligations, as his conscience should tell him, we beg and command him earnestly by the obedience he owes us not to go any further on, but to turn back: and to remember how few days it is since he was married and took his marriage vows, and that he has received the dowry from his father-in-law, and it is in our hands, and not to take such an extreme step, because the least of these considerations should oblige him to withdraw from this and turn back: and that if he proceeds with his plan it will be very disgraceful: and that he need feel no shame in turning back when he has got so far, because King Affonso, my uncle, great and honoured King as he was, did a similar thing and turned back without tarnishing his name or his honour in the least, and other princes and great lords who had set out on the same road have done the same. And that it is no new thing in the world to give him cause for shame in doing what we tell him; and although in this case he may consider that it is as much his duty and obligation to carry out his purpose as to return—as we write and command him to do under pain of disobedience —yet he must set aside his plan and must do nothing but fulfil and accomplish that which is his duty and obligation for so many reasons."

¶Acabouſe de imprimir eſta primeira parte da Chronica do
felicisſimo Rei dom EMANVEL em Lisboa em
caſa de Françiſcocorrea impreſſor do
ſereniſsimo Cardeal Infante.

211 Colophon da 1ª impressão da Parte I da *Chronica DelRei dom Emanvel* de Damião de Goes
Colophon of the 1st issue of Part I of the *Chronica DelRei dom Emanvel* of Damião de Goes
Lisboa, 1566

¶Acabouſe de imprimir eſta primeira parte da Chronica do
feliçiſsimo Rei dom EMANVEL, em Lisboa em
caſa de Françiſco Correa, impreſſor do
ſereniſsimo Cardeal Infante.

212 Colophon da 2ª impressão da Parte I da *Chronica DelRei dom Emanvel* de Damião de Goes
Colophon of the 2nd issue of Part I of the *Chronica DelRei dom Emanvel* of Damião de Goes
Lisboa, 1566

¶ Impreſſo em Lisboa, em caſa de Françisco correa,
impreſſor do ſereniſsimo Cardeal Infante. Ahos
dez dias do mes de Septem-
bro de 1566.

213 Colophon da Parte II da *Chronica DelRei dom Emanvel* de Damião de Goes
Colophon of Part II of the *Chronica DelRei dom Emanvel* of Damião de Goes
Lisboa, 1566

Estas instrucções já eram claras, mas D. Manuel parece ter previsto todas as hypotheses, pois accrescenta:

"E parecendovos pella ventura que elle estaa pejado nisso entam lhe dyres como levaes cartas pa ser retydo [uma das cartas a que o Soberano se refere deve ter sido a que dirigiu as auctoridades Castelhanas, e que transcrevemos] e que de necesydad ho ha desser e que lhe rogamos que nam se queira ver em tall vergonha por que nos ho sentyremos em grande estremo: e achando como esperamos em nosso Snor e ele sservymdo no vos apartares delle por nenhum modo posto que elle vollo diga em cuando nem pa ysso tenha outro qualquer mo. e vyrvoses com elle direito a Duquesa minha Irmaa: e a carta que levaes pa ser retydo no mostrares sallvo quando ho topaseys e elle se nam quissesse vyr. Ysto beem veds quanto nos toca e releva a nosso serviço."

Para essa delicada missão, o Monarcha contava com "a deligencia e com aquele cuydado que de vos comfiamos." E termina a sua curiosissima carta, dando ao seu enviado esta ultima ordem: "et a os gardyaes e priores de quaesquer moesteiros em que souberdes que elle (o Duque) estaa regleres da parte del Rey e da Ra. da Castella meu padre e madre que ho nam recebam."

Os dois documentos que transcrevemos são certamente importantes: ao mesmo tempo, nas nossas notas sobre a *Chronica DelRei Dom Emanvel* de Damião de Goes, pareceu-nos interessante reproduzir duas cartas de D. Manuel, porque não só se referem a factos contados pelo illustre chronista, mas completam a sua narração com uma excepcional auctoridade—a assignatura do Venturoso.

These instructions were already sufficiently clear, but Dom Manuel seems to have foreseen every eventuality, for he adds:

"And if by any chance you think he seems reluctant to do this, then you must tell him that you have letters authorising his detention [the letter addressed to the Spanish authorities, part of which we have transcribed above, must have been one of these], and that he will have to be detained: and that we beg him not to allow himself to be put in such a shameful position, as we should be extremely sorry to see it: and if you find him, as we hope in Our Lord you will, and if he obey, you must not be separated from him under any consideration, however much he asks you, without further instructions, and you must come with him straight to the Duchess my sister: and you must not show the letter authorising his detention unless he refuses to come when you meet him. You can see well how nearly this touches us and how important it is for our service."

The King counted upon "the diligence and care we are confident you have," for the successful accomplishment of this delicate mission; and he concludes this remarkable letter with the following order: "and you will ask the guardians and priors of whatever monasteries you know him (Dom Jayme) to be in to refuse him shelter in the name of the King and Queen of Castile, my father and mother."

The two documents we have quoted certainly contain important information connected with Damião de Goes' *Chronica DelRei Dom Emanvel*, and give an authoritative confirmation of his account—for both are signed by Dom Manuel.

CHRONICA DO PRINCIPE DOM IOAM, REI QVE FOI DESTES REGNOS SEGVNDO DO NOME, EM QVE SVMMARIAMENTE SE TRATTAM

has cousas sustançiaes que nelles aconteçerão do dia de seu nasçimento atte ho em que elRei dom Afonso seu pai faleçeo. Composta de nouo per Damiam de Goes, Dirigida aho muito magnanimo, & poderoso Rei dom Ioam terçeiro do nome.

¶Foi vista, & approuada per ho R·P·F. Emanuel da veiga examinador dos liuros.

¶Em Lisboa em casa de Françisco Correa, impressor do Serenissimo Cardeal Infante, ahos xj dias do mes de Abril de 1567.

¶Esta taxada esta Chronica no Regno a duzentos reaes em papel, & fora delle segundo ha distançia dos lugares.

¶Com Priuilegio Real.

Damiam de Goes

214 Folha do rosto da *Chronica do Principe Dom Ioam* de Damião de Goes
Title-page of the *Chronica do Principe Dom Ioam* of Damião de Goes
Lisboa, 1567

116 DAMIÃO DE GOES, CHRONICA DO PRINCIPE DOM IOAM.

Lisboa, Francisco Corrêa, 1567.

CHRONI | CA DO PRINCIPE DOM IOAM, REI | QVE FOI DESTES REGNOS SEGVNDO DO | NOME, EM QVE SVMMARIAMENTE SE TRATTAM | has cousas sustançiaes que nelles aconteçerão do dia de seu na- | sçimento atte ho em que elRei dom Afonso seu pai faleçeo. Composta de nouo per Damiam de | Goes, Dirigida aho muito magnanimo, & poderoso Rei dom Ioam terçeiro do nome.

Escudo das Armas Reaes, egual ao da Chronica DelRei dom Emanvel, 1566–1567[1].

| Foi vista, & approuada per ho R.P.F. Emanuel da veiga examinador dos liuros. | Em Lisboa em casa de Françisco Correa, impressor do Serenissi- | mo Cardeal Infante, ahos xj dias do mes de Abril de 1567. | Esta taxada esta Chronica no Regno a duzentos reaes em papel, & fora | delle segundo ha distançia dos lugares. | Com Priuilegio Real.

Assignatura autographa do auctor[2]: Damiam de goes.

[fl. 1 vo.]

Privilegio Real de 29 Março, 1566; approvação de Fr. Manuel da Veiga de 5 Junho, 1566; erratas[3].

[fl. 2] Tauoada dos Capitulos | da Chronica do Prinçipe | dom Ioam. [...]

[fl. 3 vo.] [...] Fim da Tauoada.

[fl. 4] Prologo. [...]

fl. 1. CAPITVLO PRIMEIRO DO | NASÇIMENTO DO PRINÇIPE DOM | IOAM, E DOVTRAS COVSAS QVE NO MESMO | ANNO PASSARAM NO REGNO. [...]

fl. 100. [...] | Fim desta Chronica do Prinçipe | dom Ioam.

Folio—[4], 100 folhas—2 columnas—37 linhas.

Numeração dos cadernos: ❧, 4 folhas; A–M, 8 folhas cada caderno; N, 4 folhas; total de 104 folhas.

Encadernação de marroquim.

Entre os muitos auctores que se referem á primeira edição da *Chronica do Principe Dom Ioam*, composta por Damião de Goes e impressa em Lisboa por Francisco Corrêa em 1567, citaremos: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. I, p. 621), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 104), Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 125), Mattos

Folio—[4], 100 leaves—double columns—37 lines.

Collation by signatures: ❧, 4 leaves; A–M, each 8 leaves; N, 4 leaves; total 104 leaves.

Morocco binding.

Among the many authors who refer to the first edition of Damião de Goes' *Chronica do Principe Dom Ioam*, printed in Lisbon by Francisco Corrêa in 1567, are: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. I, p. 621), Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 104), Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 125),

[1] *Royal coat of arms like the one in the* Chronica DelRei dom Emanvel, 1566–1567.
[2] *Autograph signature of the author:* Damiam de goes.
[3] *Royal privilege of March 29th, 1566; approbation of Frei Manuel da Veiga, dated June 5th, 1566; errata.*

(*Manual Bibliographico Portuguez*, pp. 303–304), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 110), Joaquim de Vasconcellos (*Goësiana—Bibliographia*, pp. 17–18), Guilherme J. C. Henriques (*A Bibliographia Goesiana*, pp. 56–59), Brunet (*Manuel du Libraire*, t. II, col. 1643), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 492). Estes dois ultimos bibliophilos, alem de darem uma minuciosa descripção do livro, mencionam os exemplares das seguintes Bibliothecas: Lisboa, Archivo Nacional, Porto, e Universidade de Coimbra; conhecemos a existencia de mais cinco: o do Museu Britannico, o da Bibliotheca da Universidade de Harvard (*Catalogo Palha*, nº 2826), o da Catholic University of America (Oliveira Lima Collection) em Washington, o que pertence a Messrs. Maggs Bros., e o nosso, completo e absolutamente perfeito.

Infelizmente, Francisco Corrêa não deu provas de grande imaginação na impressão d'este livro, pois foi buscar a mesma gravura de que se tinha servido na folha do rosto da *Chronica DelRei Dom Emanvel*, e usou-a novamente na *Chronica do Principe Dom Ioam*.

Já tractámos, em outras notas, de Damião de Goes e da sua *Chronica* do Venturoso (ver pp. 441–453 e pp. 760–777); por consequencia, agora, occupar-nos-hemos unicamente, e em poucas palavras, da *Chronica do Principe Dom Ioam*. Não obstante esta obra só ter sahido dos prelos do "imprimidor" do Cardeal Infante em 1567, Goes começára-a depois da publicação da sua *Vrbis Olisiponis Descriptio*, em 1554. É o proprio auctor que nos dá essa informação, pois, na *Chronica* de D. João (cap. V, fl. 3 vº), ao mencionar uma Ordem religiosa, diz que ella existia em Portugal "aho prefente tempo em q̃ corre ho anno do ſenhor de M.D.LVI"; e mais adiante (cap. VI, fl. 4 vº), referindo-se a um outro assumpto, confirma as palavras anteriores, escrevendo: "quomo ho mais largamẽte tratto na quarta parte da chronica delrei dõ Emanuel

Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, pp. 303–304), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 110), Joaquim de Vasconcellos (*Goësiana—Bibliographia*, pp. 17–18), Guilherme J. C. Henriques (*A Bibliographia Goesiana*, pp. 56–59), Brunet (*Manuel du Libraire*, vol. II, col. 1643), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 492). The two last-mentioned bibliographers give a detailed description of the book and mention copies in the following Libraries: Lisbon, Archivo Nacional, Oporto and Coimbra University. Five more copies must be added to this list: the one in the British Museum, the one in Harvard University Library (*Palha Catalogue*, no. 2826), the one in the Catholic University of America (Oliveira Lima Collection) at Washington, the one in the possession of Messrs Maggs Bros., and lastly our own, which is complete and perfect.

Unfortunately, Francisco Corrêa did not show much imagination in the printing of this work, for he chose the same woodcut for the title-page as he had used in the *Chronica DelRei Dom Emanvel*.

We have dealt with Damião de Goes and his *Chronica* of Dom Manuel in other notes (see pp. 441–453 and pp. 760–777), so we shall now confine ourselves to a brief study of the *Chronica do Principe Dom Ioam*. Although this work was not printed until 1567, Goes had begun to write it after the publication of his *Vrbis Olisiponis Descriptio*, in 1554. He himself says so in this Chronicle, for in chapter V (fl. 3 vo.) he speaks of a religious Order as being in existence in Portugal "in this present time of the year of Our Lord of 1556"; and further on (chap. VI, fl. 4 vo.), with reference to another subject, he says: "as I state at greater length in the fourth part of the

cap. xxxvij, q̃ cõpus algũs annos depois deſta." O Dr Maximiano Lemos, que dá conta d'esta interessante questão de datas no seu notavel trabalho, diz:

"Os anos a que se refere não foram muitos, porque em 1558 lhe foi confiada a missão de escrever a *Cronica de D. Manuel*" (*Damião de Goes* in *Revista de Historia*, vol. XI, p. 37).

Apezar da *Chronica do Principe Dom Ioam* não ter sido publicada senão em 1567, na folha do rosto lê-se a seguinte declaração: "Dirigida aho muito magnanimo, & poderoſo Rei dom Ioam terçeiro do nome." Ora como o *Piedoso* tinha fallecido havia dez annos, o facto de Goes ter "dirigido" esta obra a D. João III, alem de confirmar o que transcrevemos, parece indicar que o titulo estampado foi reproduzido d'aquelle escripto pelo chronista—talvez em 1554—quando principiou o seu livro sobre D. João, no qual narra a vida do Principe desde o seu nascimento até á sua ascensão ao throno.

No interessante *Prologo*, Goes escreve:

"Grave negoçio comette ſereniſſimo Rei, quem ou por obrigaçam, ou por lhe ser mandado ſe deſpoẽ a dar nouo teſtemunho dos feitos, & proezas de Reis, & prinçipes, cujos mereçimentos ſam taes, que ha razam obriga a louualos, & ha induſtria a trabalhar pera com arte, & prudẽçia ſe encomendarem à ſcriptura, maĩ da eterna memoria."

Alem d'estas difficuldades, diz, o auctor deve ainda recear o perigo de "has meſmas couſas" já terem sido compostas e divulgadas por outros escriptores. Egualmente, quando "ſe tratta de feitos de Reis, & grandes ſenhores," é necessario

"alto ſtylo deſcreuer, grãde ornamento de lingoagem, ſotil, & diſcreto artifiçio rhetorico, & iſto tam temperado, que ho diſcuido do ſcriptor nam çegue a gloria do que tratta, nem ho deſacoſtumado modo de dar cores deſneçeſſarias aho que quer dizer, faça ſuſpeita de pouca fé, & pareça ſer

Chronicle of King Manuel, chap. xxxvij, which I composed some years after this." Dr Maximiano Lemos, who goes into this interesting question of dates in his notable work, says:

"The years to which he refers were not many, for in 1558 he had already been charged to write the *Cronica de D. Manuel*" (*Damião de Goes* in *Revista de Historia*, vol. XI, p. 37).

Although the *Chronica do Principe Dom Ioam* was not published until 1567, the title contains the following statement: "Addressed to the most magnanimous and powerful King Dom Ioam, the third of that name." Now Dom João III had died ten years before, so the fact that Goes had "addressed" this work to him is a confirmation of the passages we have quoted above, and seems to indicate that the printed title was taken directly from the one composed by the chronicler—perhaps in 1554—when he began his book on Dom João, which tells of that Prince's life from his birth until his accession to the throne as Dom João II.

In the interesting *Prologo*, Goes says:

"He undertakes a serious task, most serene King, who, either from a sense of duty, or in obedience to a command, prepares to give new testimony of the deeds and prowess of Kings and princes, whose merits are such that reason obliges him to praise them and industry urges him to labour so that they may be committed to writing—the mother of eternal remembrance—with art and prudence."

In addition to these difficulties, he says, the writer must beware that "the same things" may already have been described and divulged by others before him. Also, when "dealing with the exploits of Kings and great lords," one needs

"a lofty descriptive style and discreet rhetorical art, and this so finely tempered that no carelessness on the part of the writer may cloud the glory of which he is treating, and that the unaccustomed way of giving unnecessary colour to what he wants to say, may not lay him open to the

ha tal ſcriptura, mais imitaçam de tragedias ſabuloſas, ſob cor de verdade."

E accrescenta estas bellas palavras: que no estylo historico

"ſe requere çerta notiçia do q̃ ſe tratta, & inteira fé no q̃ ſe conta, & grande prudençia no q̃ ſe ſcreue: polo q̃ ha hiſtoria tẽ em ſim tãta mageſtade, q̃ nella ſe nam pode ſofrer palaura nenhũa, que no lugar em que ſe poẽ nam traga cõſigo grauidade, honeſtidade, & authoridade."

No *Prologo* da Chronica de D. Manuel, Goes tambem deixou cahir da sua penna uma phrase digna de nota: "no ſcreuer das Chronicas ſe requere...com verdade dar a cada hũ ho louuor, ou reprehenſam que mereçe."

A sua licção sobre a maneira de escrever a historia é notavel, e as opiniões que exprimiu são admiraveis; comtudo, como já vimos (pp. 450–451), nem sempre as poz em practica. É possivel que tenha tido "inteira fé" no que contou, mas não usou, sem duvida, em todas as questões da "grande prudençia" que advoga; póde-se mesmo dizer que, em certos casos, não respeitou muito a "magestade" da historia, não se importando contar, malevolamente, falsidades "ſob cor de verdade."

Continuando a sua exposição, Goes explica as razões porque compoz a *Chronica do Principe Dom Ioam*, que são simples: "Ruy de Pina e Garcia de Rezende já haviam reconstituido a biographia do Principe Perfeito. Mas Goes quiz corrigir as versões correntes desse periodo" (Dr Fidelino de Figuereido, *Historia da Litteratura Classica*, p. 242). Tendo em vista esse intento, o illustre Damião declara que a sua tenção

"he reduzir ha Chronica delRei dom Afonſo quinto do nome, deſno (*sic*) naſçimento do Prinçipe dom Ioam ſeu filho, atté que elle faleçeo á melhor modo, & ordem da em que anda diuulgada, ho que nas mais Chronicas deſtes Regnos ſeria tambem neçeſſario fazerſſe, ſe ho tempo a iſſo de ſim deſſe lugar, porque nellas faltam muitas couſas, que por negligençia, ou reçeo do trabalho, hos

suspicion of untrustworthiness and make his writing seem more like an imitation of the tragedies of fiction under the guise of truth."

And he adds this definition of what is needful in writing history:

"one must have certain information about the matter to be dealt with, entire belief in what one is telling, and great prudence in the writing of it; for history has in itself so much majesty, that one cannot tolerate any word in it which does not bring gravity, truth and authority to the place where it is put."

Goes also penned a phrase worthy of quotation in the *Prologo* to the Chronicle of Dom Manuel, when he said: "in writing Chronicles one must ...truthfully give to each one the praise or blame he deserves."

His lesson on how to write history is notable, and the opinions he expresses are admirable; but, as we have seen (pp. 450–451), he did not always put them into practice. He may perhaps have had "entire belief" in what he told; but he certainly did not always show the "great prudence" he advocates. It may even be said that, in certain cases, he cared little for the "majesty" of history, but abused the confidence of his readers by maliciously writing falsehoods "under the guise of truth."

Goes proceeds to explain the reasons why he wrote the *Chronica do Principe Dom Ioam*, which were simple enough: "Ruy de Pina and Garcia de Rezende had already reconstructed the biography of the Perfect Prince. But Goes wished to correct the versions current at that period" (Dr Fidelino de Figueiredo, *Historia da Litteratura Classica*, p. 242). Goes also declares that, with the same end in view, he intends

"to reduce the Chronicle of King Dom Affonso the fifth of the name, from the birth of Prince Joam his son, until his death, to a better style and order than that in which it is now being made known, a work which it would be necessary to do in the other Chronicles of these Kingdoms, if there be time, because many things are missing from them, which former chroniclers, either

Chroniſtas paſſados deixaram deſcreuer, & aſſentar nos lugares em que ho fio da hiſtoria da manifeſto ſinal do deſcuido que nelles houue."

Ácerca d'esta obra de Damião de Goes, o Dr Fidelino de Figueiredo, chamando a at-tenção para dois pontos importantes, escreve:

"A novidade principal desta pequena chronica é o lugar que dá á exposição das explorações oceanicas do infante D. Henrique, de que então com desenvolvimento só fallára Luiz Cada-mosto, participe de algumas dellas. Goes de-plora que os chronistas antecedentes não houves-sem dado a essa materia a attenção devida, essas considerações, bem como outras que expende na *Chronica de D. Manuel I*, fazem delle o pae da critica historica, que, como se vê, acompanhou o apparecimento da critica litteraria, só iniciada por Antonio Ferreira" (*loc. cit.*).

Graças aos estudos do erudito Joaquim de Vasconcellos, sabe-se que a *Chronica do Principe Dom Ioam* de 1567 tambem teve duas edições ou tiragens; mas, apezar d'estas variantes não terem a importancia das da primeira parte da *Chronica DelRei Dom Emanvel*, ellas provam, comtudo, que houve uma censura (ver *Goësiana—As Variantes das Chronicas*, pp. v–vi e 78–87; ver tambem Guilherme J. C. Henriques, *loc. cit.*). Tendo examinado cuidadosamente o nosso exemplar, podemos affirmar que elle é identico ao que foi consultado por Joaquim de Vasconcellos na Bibliotheca Municipal do Porto.

Se não admiramos—pelas razões que já ex-pozemos—alguns aspectos do caracter de Damião de Goes, não póde haver duvida de que elle foi um illustre Portuguez e celebre humanista, e que deixou obras cujo logar é proeminente na nossa historia e na nossa litteratura.

through carelessness or fear of work, have omitted to write and set down in the places where the thread of the history clearly shows the negligence with which they [the chronicles] were written."

Dr Fidelino de Figueiredo calls attention to two important points in connection with this chronicle, when he says:

"The chief innovation in this little chronicle is the prominence it gives to the maritime ex-plorations of the Infante Dom Henrique, of which at that time only Luiz Cadamosto, who took part in some of them, had given a clear account. Goes deplores the fact that earlier chroniclers had not given this matter due atten-tion, and these reflections, with others he makes in the *Chronica de D. Manuel I*, mark him as the father of historical criticism, which, as may be seen, appeared at the same time as literary criticism, initiated by Antonio Ferreira" (*loc. cit.*).

Careful research on the part of the learned Joaquim de Vasconcellos has proved that there were also two issues of the *Chronica do Principe Dom Ioam* in 1567, and though the variations are of much less importance than those in the first part of the Chronicle of Dom Manuel, they prove that there was a censorship (see *Goësiana—As Variantes das Chronicas*, pp. v–vi and 78–87; also Guilherme J. C. Henriques, *loc. cit.*). We have made a careful examination of our copy, and can affirm that it is exactly the same as the one which Joaquim de Vasconcellos consulted, in the Municipal Library of Oporto.

Though there are certain aspects of the cha-racter of Damião de Goes which—for the reasons we have explained—we cannot admire, there is no doubt that he was a distinguished Portuguese and a notable humanist, and that he left works which have won a high place in the history and literature of Portugal.

L. ANDR.
RESENDII CAR
MEN ENDECASYLLA
bon, ad Sebastianum Regem
Serenißimum.

OLISIPONE.
Apud Franciſcum Garcionem in officina Ioãnis
Barreræ, Typographi Regij, Anno.
M. D. LXVII.

215 Folha do rosto do livro *Carmen endecasyllabon* de André de Resende
Title-page of the book *Carmen endecasyllabon* of André de Resende
Lisboa, 1567

117 ANDRÉ DE RESENDE, CARMEN ENDECASYLLABON AD SEBASTIANUM REGEM.
Lisboa, João de Barreira, 1567.

L. ANDR. | RESENDII CAR | MEN ENDECASYLLA | *bon, ad Sebaſtianum Regem* | *Sereniſsimum.*

Gravura que representa um Santo com um livro na mão[1].

OLISIPONE. | Apud Franciſcum Garcionem in officina Ioãnis | Barreræ, Typo‑graphi Regij, Anno. | M. D. LXVII.

[fl. 2] SEBASTIANO EXCEL‑ | SO LVSITANIÆ REGI, | L. Andr. Reſendius. [...]

fl. 3. SEBASTIANO HVIVS | NOMINIS PRIMO, LVSITANIÆ | Regi, Africo, Atlantico, Æthiopico, Arabi‑ | co, Perſico, Indico, Traprobanico, | L. Andr. Reſendius. S. D. | humillimè. [...]

fl. 9. L. ANDR. RESENDII | PRO SANCTIS CHRISTI MARTY‑ | *ribus Vincentio Oliſiponenſi patrono, Vin‑* | *centio, Sabina, & Chriſthetide, Ebo‑* | *renſibus ciuibus, & ad quæ‑* | *dam alia Reſponſio.* | Ad Bartholomæum kebedium, ſanctæ Toletanæ eccleſiæ | ſacerdotem, virum doctiſsimum. [...]

fl. 38. [...] Ebo‑ | ræ, quarto Nonas | Maij. | M. D. LXVII.

fl. 38 vo. L. AND. RESENDII | *ad Deum patrem ob calamitatem* | *ſectarum, Ode.* [...]

fl. 40 vo. [...] Ad Chriſtum opt. maximum | *Reſendij confeſsio.* [...]

fl. 42. [...] L. ANDR. RESENDII | *Epiſtola ad Reuerendũ in Chriſto patrem* | *D. Gaſparem Caſalem, Epiſcopum Leirenenſem.* [...]

fl. 54 [aliás 45]. [...] MAGNIFICI ORATORIS | Angliæ, in effigiem Sebaſtiani re‑ | gis noſtri Chriſtianiſsimi | Epigramma. [...] | Reſendij reſponſio. [...]

fl. 54 vo. [aliás 45 vo.] [...] Permiſſu & auctoritate magnifici D. Georgij Almeidæ pro | ſereniſſimo principe Henrico S. R. E. Cardinale Oliſiponen‑ | ſi archiepiſcopo, ordinaria poteſtate fungentis, & Reueren‑ | di patris. F. Franciſci Forerij ordinis fratrum Prædi‑ | catorum in Portugalia prouincialis præfecti, | Impreſſit hæc L. Andr. Reſendij opu | ſcula Franciſcus Garcio | Oliſipone. | M. D. LXVII.

4º—54 (aliás 45) [1 em branco] folhas—21 linhas nas poesias, que são em caractéres italicos, e 30 linhas na *Epistola ad Kebedium*, em redondos—com inscripções Romanas.

Numeração dos cadernos: A, 8 folhas; B–I, 4 folhas cada caderno; K, 6 folhas; total de 46 folhas.

Encadernação de pergaminho.

4to.—54 (alias 45) leaves, [one blank leaf]—21 lines in the poems, which are in italics, and 30 lines in the *Epistola ad Kebedium*, in Roman type—with Roman inscriptions.

Collation by signatures: A, 8 leaves; B–I, each 4 leaves; K, 6 leaves; total 46 leaves.

Vellum binding.

[1] *Woodcut of a Saint carrying a book in his hand.*

A obra intitulada *L. Andr. Resendii Carmen Endecasyllabon, ad Sebaſtianum Regem Sereniſſimum* foi impressa em Lisboa por João de Barreira em 1567, e, entre os auctores que a ella se referem, citaremos: Leitão Ferreira (*Noticias da vida de André de Resende* in *Archivo Historico Portuguez*, t. IX, pp. 177-186), Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. I, p. 165), D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*Lucius Andreas Resendius Lusitanus*, p. 20), Anselmo Braamcamp Freire (*Bibliografia Resendiana* in *Archivo Historico*, t. IX, pp. 294-295), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 190), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 197), que mencionam a existencia de tres exemplares: um na Bibliotheca Nacional de Lisboa, outro na Bibliotheca de Evora, e um que era do bibliophilo J. Ferreira das Neves. Alem do nosso exemplar, completo e perfeito, só temos conhecimento do que pertencia a Braamcamp Freire.

Esta obra rara, que Resende offereceu a El-Rei D. Sebastião, contem diversos trabalhos—dos quaes damos a lista detalhada na collacionação—do illustre Eborense; o mais interessante é, sem duvida, a "dilatada Epistola" dirigida ao seu amigo Bartholomeu Quebedo, conego de Toledo, que citámos varias vezes. N'essa carta, Mestre André tracta de innumeros assumptos, sobre os quaes dá, seja a seu parecer, seja noticias e informações. Refere-se á origem do nome de Portugal—n'uma passagem que já transcrevemos (ver pp. 71-72)—e ao Papa S. Damaso, que diz ter nascido em Guimarães: occupa-se de S. Vicente, Padroeiro de Lisboa, e dos santos martyres Vicente, Sabina e Christeta, naturaes da sua querida Evora: disserta sobre antiguidades—um dos seus assumptos favoritos—e sobre historia e litteratura, mencionando nomes celebres, taes como Ayres Barbosa, Antonio de Lebrixa, Nicolau Clenardo e João Vaseu. Um trecho da carta tem para nós um interesse especial, porque Resende

The *L. Andr. Resendii Carmen Endecasyllabon, ad Sebaſtianum Regem Sereniſſimum* was printed in Lisbon by João de Barreira in 1567, and among those who refer to it are: Leitão Ferreira (*Noticias da vida de André de Resende* in *Archivo Historico Portuguez*, vol. IX, pp. 177-186), Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. I, p. 165), Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*Lucius Andreas Resendius Lusitanus*, p. 20), Anselmo Braamcamp Freire (*Bibliografia Resendiana* in *Archivo Historico*, vol. IX, pp. 294-295), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 190) and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 197), who mention three copies: one in the Lisbon National Library, another in the Evora Library and one which belonged to the bibliophile J. Ferreira das Neves. The only other copy we know, besides our own complete and perfect one, is that which belonged to Braamcamp Freire.

This rare book, which Resende dedicated to Dom Sebastião, contains various works—enumerated in the collation—of which we have several times quoted the most interesting: the "lengthy Epistle" he wrote to his friend Bartholomeu Quebedo, a canon of Toledo. In this letter, *Mestre* André touches upon many subjects, giving his opinion about some, and new information about others. He refers to the origin of the name of Portugal—in a passage we have transcribed elsewhere (see pp. 71-72)—to Pope St Damasus, who, he says, was a native of Guimarães: he mentions St Vincent, the patron Saint of Lisbon and the holy martyrs Vicente, Sabina and Christeta, who were born in his beloved Evora: he discusses antiquities—one of his favourite subjects—also history and literature, mentioning famous names like those of Ayres Barbosa, Antonio de Lebrixa, Nicholas Cleynarts and João Vaseu. We are particularly interested in the part where he

VII Copias, escriptas pelo punho de André de Resende, de quatro cartas datadas de Evora em 1534

Copies, in André de Resende's handwriting, of four letters dated from Evora in 1534

1534

Diuo Alphonso Cardinali, principi humaniss. L. And. Resendius. s.

O nimium dilecte deo, cui magnus Apollo,
Et coniuratae ueniunt ad uota Camenae.

Libet enim mihi iisdem prope te uersib. compellare, mi princeps, quib. ille Theodosium Augustum olim, non maiore fortasse merito, compellarat. Nam quid non mereatur suauissima, humanissima, latinissima, & haec insuper extemporalis epistola? ut interim à quo ad quem missa sit, non commemorem. Uicisti princeps exspectationem meam, quamquam animi & ingenij tui dotes probe mihi perspectas habere uidebar. Uicisti eorum qui audiuerint, quiue legerint fidem. Uix horae unius dimidio epistolam scripsisti inter aulicos tumultus, nec semotis arbitris, quam aut in musaeis à turba remotissimus, aut inter cupressiferi Lycaei recessus, exercitatissimum quemque in eo genere integra lucubratione una scribere non poeniteret. Sed haec mihi compertissima, quum diuinae mentis tuae indoles in castissimarum aurium penetralia non libenter admittat,

cogor inuitus, siue deus potius nolentem, uolentem, cogit, pudori tuo diuinissimo ingerere. Quod uero nudius tertius, quia deerat argumentum, ab incepto destitisti, tantum abest ut mirer, ut potius stupeam, mihiq; pro miraculo habeatur, tibi nulla ex re uerba, tamquam ab Apolline ipso fuisse tunc suppeditata. Contionem autem meam tibi placuisse, serio triumpho. Siue enim amore falleris, abs te amari dulcissimum est, siue non falleris, iudicio tuo exactissimo comprobari, maxime honorificum. Utroq; nomine sum felix. Utroq; gratiam habeo, si non quantam humanitas tua, princeps diuine, meretur, certe quantam maximam mei animi uis habere & adgnoscere tametsi potest, referre nequaquam potest. Uale. & quoniam extemporalib. epistolis mecum certas, balbutiem & lituras boni consule.

D. Alphonsus Card. L. Andr.
Resendio. s.

Suauissimis tuis literis tantum delectatus sum, ut et si mihi linguæ centum, oraq centum, ferrea vox sit, non possem quantum mihi iucunditatis attulerint enarrare. Non quod eam laudem in me adgnoscam, quam totis virib. summaq eloquentia, mihi eisdem in literis tribuere conaris, sed quod mihi sit semper suaue atq iucundum cum bonarum literarum emerito decertare. Huiusmodi enim exercitatio quantum commodi ad eruditionem adferat, tu melius nosti. Quid igitur faciam? Si tecum extemporalib. epistolis contendere nitor, statim balbutiem, imo barbariem meam in lucem emittere cogor. quod maxime abhorrendum est. At nulla est ars, in qua non peccando discatur. Quapropter sat mihi sit præmeditatam epistolam multis lucubrationib. dictitare, aut quæq carmina prius terq quaterq Apolline inuocato componere. Tibi uero, cui musæ summas ingenij dotes, et mellifluam

eloquentiam tribuere, hæ laudes, quas in me congeris, iure optimo debentur. Sed rogabis, unde tam criticus aduersus me ipsum insurgam? An nescis solitum esse dici apud græcos γνῶθι σεαυτ; Cæterum hoc iudicium, nec mihi tamquam in caussa mea, nec tibi tamquam beneuolo iudici, sed alijs relinquamus, quorum sententia sine aliqua animi perturbatione, si necesse fuerit, proferetur. Vale. Eboræ, XII. Cal. Ianuarij.

L. Resendius, Diuo Alph.
Cardinali, S.

Nunc mihi demum Terentianus adulescens non omnino ineptiuisse visus est, quum, licet in re longe absimili, uerba illa protulit, Nunc est profecto interfici, quum perpeti me possum, ne hoc gaudium contaminet uita ægritudine aliqua. Legi epistolam hesternam tuam, & nescio gratulatus mihi ne magis fuerim, an me mei ipsius puduerit magis. Vbi tantum honoris, quantum nec

à dijs immortalib· sperare auderem, à te mihi tribu-
tum esse uidebam, princeps suauissime, exsilibat
supra quam dici possit gaudio perfusus animus.
Ubi rursum me consulens ad me redibam, pude-
bat erroris mei, quod induci poteram, ut gaude-
rem, eloquentiam, nec eam sane mediocrem, uerum
summam, mihi tribui, idq à te, atq adeo epistola
bone deus elegantissima, quæq mihi potius imitan-
da foret summis uiribus, quam laudanda perexi-
guis. Et, ut liberius dicam, quæ mei honoris ergo
potius à me supprimi, quam ostentari deberet,
nisi longe carior tua mihi gloria, mi princeps,
quam mei honoris ratio profecto esset. Scilicet,
ea est ars, id encomiasticus ordo postulat. Lau-
dasti epistolam meam. At ita laudasti, ut, ne
falsum dixisse uideare, sit opus alteram absentem
esse, quum altera legetur. Quoniam uero de iudicio
styli tui nec tibi tamquam in caussa tua, nec mihi
ut pote beneuolo iudici credi uis, en sequestrem &
disceptatorem adduco, ἀπαθέα τὸν κριτήν. Con-

ueni hodie Clenardum, ostendi epistolas tuas, stupefeci hominem. Quid pronunciauerit rogas? Ignosce mihi mi princeps, minime enim dicam. Nam silentio certum est bellas istas epistolas quas ad nos mittis ulcisci. Sed ego scelestus sum, qui ita loquor. Perge potius omneis qui viuunt scriptores post te relinquere, sicut omneis qui viuunt homines humanitate tua, morumque facilitate longo interuallo reliquisti. Vale. XI. Cal. Ianuarij.

D. Alphons. Cardinalis.
L. Andr. Resendio. S.

Saepius ad te literas scriberem, si aut mihi per varias occupationes liceret, aut tuam in manifestandis meis epistolis diligentiam non timerem. Tot enim negotijs tum reipub. tum familiaribus impedior, ut nonnunquam sit mihi dolendum, in bonarum literarum exercitatione apud doctos non versari. Quod uero eas literas, quas nuper ad te

misi, tantum ostentas, ac nimium fortasse lau
das, hoc certe amori tribuendum est. Nec ta-
men ideo à multis perlectas uoluissem. Nam
satis superq; erit, me balbutientem à te solo
audiri. Hoc enim ratio postulat in familiarib.
epistolis, ut tantum apud te ipsum reconderes,
quae aut minus diligenter conscripta, aut inemen-
data ad te missa sunt. Iustinum Philosophum
& martyrem, virum equidem doctissimum, &
elegantem, iam totum perlegi. Sed quum breuio-
rem quam optabam inuenirem, non potui non
multum dolere. Sic eius suauissima lectione
adficiebar. Vale. Eborae, tertio nonas Ia
nuarij. M. D. XXXIIII.

"Nota o contragenio dos Castelhanos para com os Portuguezes; e assigna alguns exemplos em que elles escurecem a nossa gloria; como saõ, tocarem só na superficie a victoria do Salado, por pertencer aos Portuguezes a maior parte della, ou quasi toda; naõ fazerem commemoraçaõ do soccorro da Armada Portugueza, em que foi o Infante Dom Luiz à famosa expugnaçaõ de Tunes; e que elle Resende estando em Salamanca ouvira ao Padre Frei Affonso de Castro prègar em hũa festa do glorioso Portuguez Santo Antonio, e sendo preciso declarar-lhe a Patria, dissera: 'foi natural da cidade de Lisboa'; e que abanando a cabeça com algũa colera, concluhira: 'Foy o nosso Antonio Portuguez'" (Leitão Ferreira, *loc. cit.*).

O nosso antiquario tinha um entranhado amor á sua terra—uma das grandes qualidades que o tornam tão sympathico aos nossos olhos—e por esse motivo, os exemplos que aponta do "contragenio" dos Hespanhoes para com os seus compatriotas indignavam-o profundamente, e com inteira razão. Mas já tractámos, e sempre com gosto, do celebre Eborense em alguns dos nossos estudos, nos quaes procurámos mostrar a sua figura, as suas qualidades—e mesmo as suas fraquezas—o valor de algumas das suas obras, e a influencia que elle exerceu (ver *Livros Antigos Portuguezes*, vol. I, pp. 499–511; vol. II, pp. 47–55, 59–63, 172–177, 381–393, 618–619). E se nada temos a accrescentar ao que escrevemos sobre o illustre humanista, ainda nos resta, comtudo, a cumprir um agradavel dever: tornar conhecidos, reproduzindo-os em fac-simile, quatro documentos ineditos do proprio punho de Mestre André. Comparando a bella e caracteristica lettra dos nossos documentos com a da carta de Resende a D. João de Castro, publicada por Braamcamp Freire (ver *Critica e Historia*, pp. 84–85), não póde haver duvida que os documentos que apresentamos fôram escriptos pela mão de Lucius Andreas. São elles as copias de quatro cartas, duas dirigidas por Resende ao Cardeal Infante D. Affonso, e duas pelo Cardeal a

"Notes the ill-will of the Castilians towards the Portuguese, and gives several examples of their attempts to rob the Portuguese of glory: such as their touching only lightly upon the victory of Salado, because almost all of it was due to the Portuguese, and their not recording the help given by the Infante Dom Luiz and the Portuguese Armada in the famous storming of Tunis. Resende adds that once, when he was in Salamanca, he heard Father Affonso de Castro preaching at the feast of the glorious Portuguese Saint Anthony, and that, as it was necessary to declare the Saint's nationality, he said: 'he was a native of the city of Lisbon' and concluded, shaking his head with some anger: 'Our Anthony was Portuguese'" (Leitão Ferreira, *loc. cit.*).

This antiquarian had a deep love for his country—one of the great qualities which have earned him our regard—and for this reason the examples he gives of the Spanish "ill-will" towards his compatriots filled him with righteous indignation. We have already had several opportunities of studying the famous citizen of Evora—a task much to our liking—and we have tried to give a true picture of him, showing his weaknesses as well as his qualities, and testifying to the value of his works and the influence he exercised (see *Early Portuguese Books*, vol. I, pp. 499–511; vol. II, pp. 47–55, 59–63, 172–177, 381–393, 618–619). And though we have nothing to add to our notes on the famous humanist, we have still a most agreeable duty to carry out: the publication of facsimile reproductions of four unknown documents in Resende's own hand. A comparison of the beautiful and characteristic writing in these documents with that in the letter from Resende to Dom João de Castro, published by Braamcamp Freire (see *Critica e Historia*, pp. 84–85), shows clearly that they were indeed written by Lucius Andreas. As the reproductions show, there are four letters, two from Resende to the Cardinal Infante Dom

¶ Permissu & auctoritate magnifici D. Georgij Almeidæ pro serenissimo principe Henrico S. R. E. Cardinale Olisiponensi archiepiscopo, ordinaria potestate fungentis, & Reuerendi patris. F. Francisci Forerij ordinis fratrum Prædicatorum in Portugalia prouincialis præfecti, Impressit hæc L. Andr. Resendij opuscula Franciscus Garcio Olisipone.

M. D. LXVII.

216 Colophon do livro *Carmen endecasyllabon* de André de Resende
Colophon of the book *Carmen endecasyllabon* of André de Resende
Lisboa, 1567

Mestre André, copias que o Eborense,—provavelmente para as poder communicar aos seus amigos—escreveu n'um caderno. É uma pequena correspondencia em Latim, especialmente curiosa por causa dos personagens que a escreveram. Resende tece, póde dizer-se com exagero, os encomios do Infante, pois incensa em demasia o talento do Real Prelado; não ha louvor que não faça ao seu Latim e ao seu estylo, dizendo que a suas cartas são verdadeiros modelos. O trecho mais interessante encontra-se na segunda carta de Resende, quando conta, que tendo encontrado "hoje" Clenardo, lhe mostrou as cartas de D. Affonso, e que o homem ficou pasmado ("ſtupefeci hominem"). Mas tantos elogios não eram do agrado do Infante, e na sua segunda carta, apezar de se mostrar sensibilizado por todas as provas de affecto e pelos louvores de Resende, o Cardeal escreve que preferiria que as suas cartas não fôssem lidas por tanta gente, visto lhe bastar plenamente, que as suas "balbuciadas" palavras sejam ouvidas por elle só. E accrescenta que, n'uma correspondencia particular, elle devia considerar como estrictamente confidenciaes as cartas que lhe tinha escripto sem muito cuidado ou sem as corrigir.

As cartas mostram aspectos interessantes dos caractéres de Resende e do Infante: o primeiro, mestre famoso e amigo dedicado do Real Bispo de Evora, no seu desejo de fazer o elogio de D. Affonso, forçou a nota e, até certo ponto pelo menos, desempenhou o papel de um adulador; o segundo, Infante e Cardeal, dá prova da sua intelligencia e do seu bom senso, pois mostra que as lisonjas lhe desagradavam. É nos summamente agradavel ter podido ajuntar ás nossas notas sobre este livro de Mestre André quatro documentos importantes escriptos pela penna illustre de Lucius Andreas Resendius.

Affonso, and two from the Cardinal to *Mestre* André, and all have been carefully copied into a kind of book by the humanist—probably so that he could show them to his friends. This series of Latin letters is especially interesting on account of the position and attainments of the writers. Resende weaves the most exaggerated encomiums around the Infante; there is nothing he leaves unpraised, the Prince's Latin, his style and the model redaction of his letters. In one passage of his second letter, Resende says he has "to-day" met Cleynarts and shown him Dom Affonso's letters, with which he dumbfounded the man ("ſtupefeci hominem"). But this shower of praises was not entirely pleasing to the Infante, and in his second letter, though he thanks Resende for his many proofs of affection and for all his compliments, he says he would rather not have his letters read by everyone, as it suffices him for his halting words to be heard by *Mestre* André, adding that in private correspondence such as this, Resende ought to regard the letters, written with no great care and without revision, as strictly confidential.

The letters show interesting aspects of the characters of Resende and the Infante: the former, a learned man and the devoted friend of the Royal Bishop of Evora, so forced the note of praise that he almost degenerated into a mere adulator; but the Cardinal gives proof of his intelligence and common sense, for he plainly shows that he had no taste for such fulsome flattery. It is a great pleasure for us to be able to illustrate our notes on this book with four important documents in the handwriting of the distinguished Lucius Andreas Resendius.

IESVS.

O PRIMEIRO CONCILIO
Prouinçial çelebrado em Goa,
no anno de 1567.

217 Folha do rosto de *O primeiro Concilio Prouinçial çelebrado em Goa*
Title-page of *O primeiro Concilio Prouinçial çelebrado em Goa*
Goa, 1568

118 O PRIMEIRO CONCILIO PROUINÇIAL ÇELEBRADO EM GOA.

Goa, João de Endem, 1568.

IESVS.

Brasão do Arcebispo de Goa[1].

O PRIMEIRO CONCILIO | Prouinçial çelebrado em Goa, | no anno de 1567.

[fl. 1 vo.]

Carta de D. Jorge Themudo, Arcebispo de Goa, sobre o Concilio, datada de 10 de Junho, 1568[2].

[fl. 2 vo.] DECRETOS E DETERMINA- | ções do ſagrado Cõcilio Prouinçial de Goa. | PRIMEIRA ACCAM. [...]

fl. 44 vo. Emenda de algũs erros. [...] | Impreſſo em a muyto nobre & ſempre leal çidade | de Goa, por mandado do ſenhor Arcebiſpo, | em caſa de Ioão de endem im- preſſor, a | os 21. dias do més de Iunho | de 1568. annos. | Vendenſe em caſa de Fernão de Caſtilho, liureiro | de fronte dos açougues, Eſta taxado á tanga | & mea em papel. | Laus deo.

4º—[2], 2–44 folhas—28 linhas.

Numeração dos cadernos: 1 folha sem numeração nem assignatura; A–D, 8 folhas cada caderno; E–G, 4 folhas cada caderno; total de 45 folhas; a folha A 1 não tem assignatura.

Encadernação de marroquim.

A obra intitulada O *Primeiro Concilio Prouinçial çelebrado em Goa,* impressa n'essa cidade por João de Endem em 1568, é excessivamente rara, e entre os poucos auctores que a ella se referem, citaremos: Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 94), Innocencio (*Diccionario*, vol. II, pp. 95 e 102–103), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 307), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 538), que mencionam um só exemplar—o da Bibliotheca de Evora. O nosso exemplar, absolutamente perfeito, é o unico outro de que temos conhecimento.

4to.—[2], 2–44 leaves—28 lines.

Collation by signatures: 1 unnumbered leaf without a signature mark; A–D, each 8 leaves; E–G, each 4 leaves; total 45 leaves; leaf A 1 has no signature mark.

Morocco binding.

The work entitled O *Primeiro Concilio Prouinçial çelebrado em Goa,* printed in Goa by João de Endem in 1568, is exceedingly rare, and among the few authors who refer to it are: Ribeiro dos Santos (*Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo* XVI, p. 94), Innocencio (*Diccionario*, vol. II, pp. 95 and 102–103), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 307), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 538), who mention only one copy —in the Evora Library. Our own complete and perfect copy is the only other one we know.

[1] *Arms of the Archbishop of Goa.*
[2] *Letter about the Council, written by Dom Jorge Themudo, Archbishop of Goa, and dated June 10th, 1568.*

Este Concilio, convocado e presidido pelo Arcebispo de Goa, D. Gaspar de Leão Pereira, em 1567, foi o primeiro que se celebrou em toda a Asia oriental e meridional (ver Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, t. III, parte II, pp. 519–520). Entre outras auctoridades ecclesiasticas, tomou parte no Concilio D. Jorge Themudo, primeiro Bispo de Cochim, que—tendo assumido o governo do Arcebispado quando D. Gaspar se retirou para um con-vento—mandou publicar este livro, que contem os "Decretos e Determinações do ſagrado Cõcilio Prouinçial de Goa."

Nas nossas notas sobre o *Tratado cõtra os judeus*, 1565, já nos occupámos da fundação da diocese de Goa, dos seus Prelados, e em especial do seu primeiro Arcebispo, D. Gaspar de Leão Pereira: referimos-nos tambem ao seu suc-cessor provisorio, D. Jorge Themudo (ver pp. 728–730).

D. Gaspar ainda estava á frente da Sé de Goa em 1567, porem, em 1568, já se tinha recolhido n'um convento, e era D. Jorge Themudo que governava a diocese, como Arcebispo Primaz das Indias; comtudo, segundo escreve o Dr Fortunato de Almeida, parece que a renuncia de D. Gaspar jamais foi acceite, e que D. Jorge, mesmo se foi eleito, nunca foi confirmado como Arcebispo de Goa (ver *ob. cit.* t. III, parte II, pp. 987 e 1013). Mas, mesmo se elle não foi confirma-do n'esse alto cargo durante os tres annos que exer-ceu ministerio pastoral em Goa, não póde haver duvida que usou o titulo de Arcebispo, e mesmo o de Primaz, visto na carta, datada de 10 de Junho de 1568, que precede os decretos do Con-cilio, se ler: "Dom Iorge themudo por merçe de Deos, & da madre ſancta Igreja de Roma, Arce-biſpo de Goa, primás das Indias, & partes orientaes."

N'esse documento, D. Jorge, depois de se re-

The Council convoked and presided over by the Archbishop of Goa, Dom Gaspar de Leão Pereira, in 1567, was the first to be held in the whole of eastern and southern Asia (see Fortu-nato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. III, part II, pp. 519–520). Among the ecclesiastical authorities who took part in the Council was Dom Jorge Themudo, first Bishop of Cochin, who—having taken over the govern-ment of the Archbishopric upon the retirement of Dom Gaspar—ordered the publication of this book, which contains the "Decrees and Decisions of the holy Provincial Council of Goa."

We have studied the foundation of the diocese of Goa, its Prelates and especially the first Arch-bishop, Dom Gaspar de Leão Pereira, in our notes on the *Tratado cõtra os judeus*, 1565; we have also referred to Dom Jorge Themudo, Dom Gaspar's temporary successor (see pp. 728–730).

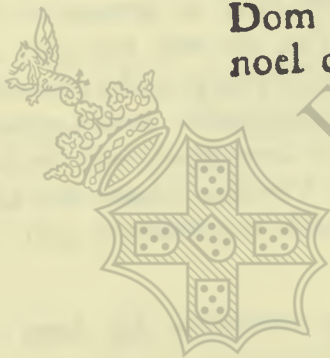
Dom Gaspar was still at the head of the See of Goa in 1567, but the next year he withdrew to a monastery, and Dom Jorge Themudo governed the diocese, as Primate of the Indies; however, according to Fortunato de Almeida, Dom Gaspar's resignation was apparently never ac-cepted, and even if Dom Jorge was elected, he was never confirmed as Archbishop of Goa (see *op. cit.* vol. III, part II, pp. 987 and 1013). But although he may not have been confirmed in this high office, there is no doubt that Dom Jorge used the title of Archbishop, and even of Primate, during his three years of ministry in Goa, for in the letter, dated June 10th, 1568, which precedes the Council's decrees, he is designated: "Dom Jorge Themudo, by the grace of God and of the holy mother Church of Rome, Archbishop of Goa, Primate of the Indies and the East."

In this document Dom Jorge first refers to the

DECRETOS E DETERMINAçóes do ſagrado Cõcilio Prouinçial de Goa.

PRIMEIRA ACCAM.

Decreto da proteſtação da fee.

EM nome da ſanctiſsima & indiuiſa Trindade padre & filho & ſpiritu ſancto. Em o anno do naçimẽto de noſſo ſeñor Ieſu Chriſto de 1567. de baixo do ſãctiſsimo ſeñor noſſo PIO quinto ſummo Pontifiçe, em o ſegundo anno do ſeu Pontificado, auendo dez annos q̃ Reinaua o ſereniſsimo Dom Sebaſtião primeiro deſte nome Rey de Purtugal & dos Algarues, &c. Gouernando ho eſtado da India(ſubjeito a o meſmo Rey) o muy illuſtre ſenhor Dom Antão de noronha ſeu Viſo Rey, na cidade de Goa, em as partes oriẽtais do imperio dos Portugueſes Metropolitana, em a Igreja Cathedral della dedicada á benauẽturada Virgem & martir ſancta Catherina, ſe ajuntarão em ſinodo prouinçial(conforme a os ſagrados Canones & decretos do çcumenico Concilio Tridentino) o reuerendiſsimo em Chriſto Padre o ſenhor Dom Gaſpar primeiro Arcebiſpo da dita çidade, primás das Indias & Preſidente em a meſma ſinodo & Dom Iorge temudo Biſpo de Cochim, & Manoel coutinho adminiſtrador de Moçambique, &

218 Primeira pagina de *O primeiro Concilio Prouinçial çelebrado em Goa*
First page of *O primeiro Concilio Prouinçial çelebrado em Goa*
Goa, 1568

ferir ao Concilio celebrado em 1567, e ás resoluções que n'elle fôram tomadas, diz que tem a obrigação, como Prelado, de "inteiramente guardar & comprir em noſſa prelazia os decretos que no dito Concilio prouinçial ſe determinarão," e que, como Metropolitano, lhe compete

"ordenar como ſe guardem, e cumpram em todas as Igrejas deſta prouinçia, & quanto pera eſte fim cõuinha os ditos decretos ſerem impreſſos em lingoagem: pera a todos ſerem notorios & os poderem melhor guardar (o q̃ muito em o ſenhor deſejamos) ordenamos que o dito Cõcilio ſe traſladaſſe em noſſa lingoa purtugueſa, & ſe imprimiſſe pera de todos ſe lér & ſaber."

Encommenda a todos os Prelados "deſta noſſa prouinçia," que mandem publicar e guardar os decretos, e ordena a todo o clero do Arcebispado

"que em ſuas eſtações os leão & notifiquẽ a ſeus fregueſes (os que pertençem a o pouo) De modo que ſejam notorios a todos & não poſſam pretender ignorançia, & os fação inteiramente guardar."

D. Jorge Themudo accrescenta então este trecho interessante, que completa as suas instrucções:

"E porque antre os ditos decretos vão algũas petições que o Concilio fez a. S.A. [El-Rei D. Sebastião] em materias que não ſam da jurisdição eccleſiaſtica: declaramos que os Prelados, Priores, Vigairos (*sic*), & Curas, & mais peſſoas eccleſiaſticas nam podem vſar dellas como de decreto do Conçilio. Porque o não ſam. E ſoomẽte ſe pede a. S.A. proueja no contheudo nellas, & poderão vſar no que a ellas toqua conforme a ley que o ſenhor Viſo Rey fez ſobre as ditas petições q̃ vay junta ao Ccõilio (*sic*)."

O Arcebispo termina a sua carta com as seguintes palavras:

"E auemos por bem & mandamos que a o volume dos ditos decretos, Impreſſo por Ioão de

Council celebrated in 1567, and to the decisions made there, and then says that, as Prelate, it is his duty perfectly "to keep and carry out the decrees made in the said provincial Council in our diocese," and that, as Metropolitan, he must

"command them to be kept and carried out in all the churches of this province, and as for this purpose it was most convenient to have the said decrees printed in the vernacular, so that they could be made known to all and thus better kept (which we desire greatly in Our Lord), we ordered that the decisions of the said Council should be translated into our Portuguese tongue and printed so that they could be read and known by all."

He then commends all the Prelates "of this our province" to have the decrees published and kept, and orders all the clergy of the diocese

"to read them and bring them to the notice of their parishioners (those belonging to the people) in such a way that they may be known to all and none can pretend to ignorance, and to see that they are fully kept."

Dom Jorge completes his instructions with this interesting passage:

"And because among the said decrees there are some petitions addressed by the Council to His Highness [King Sebastião] concerning matters which do not come under ecclesiastical jurisdiction, we hereby declare that Prelates, Priors, Vicars, Curates and other ecclesiastical persons may not use them as decrees of the Council. Because they are not, but they are merely to ask His Highness to make provision for the matters contained therein. And touching these they may act in accordance with the law made by the lord Vice-Roy about the said petitions, a law which is published with the Council decrees."

The Archbishop concludes his letter as follows:

"And it seems good to us and we command that the volume of the said decrees, printed by

endem, E afsinado pello noſſo prouiſor ſe dé inteira fee, & credito como ao proprio original."

Este livro é, na verdade, duplamente precioso por causa da sua extrema raridade e, ainda mais, por ser o volume dos decretos do primeiro Concilio celebrado em Goa, e impresso n'essa cidade. Para nós, é realmente uma reliquia do passado glorioso.

João de Endem and signed by our vicar-general, shall be as fully believed and accredited as the original."

This book is, in truth, doubly interesting on account of its rarity and of being the record, printed in Goa, of the first Council celebrated in that city. It is for us a precious relic of the glorious past.

Impreſſo em a muyto nobre & ſempre leal çidade
de Goa, por mandado do ſenhor Arcebiſpo,
em caſa de Ioão de endem impreſſor, a
os 21. dias do més de Iunho
de 1568. annos.

¶ Vendenſe em caſa de Fernão de Caſtilho, liureiro
de fronte dos açougues, Eſta taxado á tanga
& mea em papel.

Laus deo.

219 Colophon de *O primeiro Concilio Prouinçial çelebrado em Goa*
Colophon of *O primeiro Concilio Prouinçial çelebrado em Goa*
Goa, 1568

IMAGEM
DA VIDA
CHRISTAM

Ordenada per dialogos como
membros de ſua
compoſiçam.

O p̄meiro he da v̄dadeira philoſophia.
O ſegundo da religiam.
O terceiro da juſtiça.
O quarto da tribulaçam.
O quinto da vida ſolitaria.
O ſexto da lembrança da morte.

Compoſtos per. F. Hector Pinto
frade Ieronimo. E por elle a-
creſcentados com mui-
ta diligencia.
1567

220 Folha do rosto da *Imagem da Vida Christam* de Fr. Heitor Pinto
Title-page of the *Imagem da Vida Christam* of Fr. Heitor Pinto
Evora, 1569

119 FR. HEITOR PINTO, IMAGEM DA VIDA CHRISTAM.
Evora, André de Burgos, 1569.

IMAGEM | DA VIDA | CHRISTAM | Ordenada per dialogos como | membros de ſua compoſiçam. | O p̃meiro he da ỹdadeira philoſophia. | O ſegundo da religiam. | O terceiro da juſtiça. | O quarto da tribulaçam. | O quinto da vida ſolitaria. | O ſexto da lembrança da morte. | Compoſtos per. F. Hector Pinto | frade Ieronimo. E por elle a- | creſcentados com mui- | ta diligencia. | 1567

[fl. 1 vo.]

Approvação de Fr. Manuel da Veiga de 23 Janeiro, 1563, e licença do Provincial dos Jeronymos, de 20 Julho, 1563[1].

[fl. 2] PROLOGO DO | auctor, dirigido ao illuſtriſſi- | mo & muito excelente ſe | ñor dom Theodoſio | duque de Bragan | ça. &c. [...]

[fl. 6 vo.] Os auctores q̃ ſe allegã neſta obra ſam os | ſeguintes: [...]

[fl. I] DIALOGO DA VER- | dadeira philoſophia, [...] | CAPITVLO .I.[...]

fl. CCCLXXVI [aliás CCCLXXIII]. [...] Amẽ. | Vi eſte papel, & nam tẽ nada q̃ | cõtradiga a ſctã fee catholica. | Frater Martinus | de Ledeſma | Impreſſos em Euora em caſa de | andrę de Burgos, caualleiro da | caſa do Cardeal Iffante, & | imp̃ſſor da vniuerſidade | de Euora: aos tres | de Ianeiro. 1569

8º—[7], [I] II-CCCLXXVI (aliás CCCLXXIII) folhas—22 linhas—sem reclamos—a numeração das folhas está errada.

Numeração dos cadernos: a-z, 8 folhas cada caderno; A-Z, 8 folhas cada caderno; AA, 8 folhas; BB, 4 folhas; total de 380 folhas; a folha g5 tem assignatura errada hv.

Encadernação de marroquim.

A edição da *Imagem da Vida Christam* de Fr. Heitor Pinto impressa em Evora por André de Burgos em 1569 é desconhecida da grande maioria dos bibliophilos. Innocencio (*Diccionario*, vol. III, p. 176) e Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 459) mencionam-a, mas quasi que duvidando da sua existencia; porem, muito mais recentemente, Manuel dos Santos (*Bibliografia Geral*, t. II, nº 7967) deu uma descripção detalhada da obra, da qual Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 396) extrahiram a noticia que

8vo.—[7], [I] II-CCCLXXVI (alias CCCLXXIII) leaves—22 lines—no catchwords—the numeration of the leaves is incorrect.

Collation by signatures: a-z, each 8 leaves; A-Z, each 8 leaves; AA, 8 leaves; BB, 4 leaves; total 380 leaves; leaf g5 is wrongly marked hv.

Morocco binding.

The edition of Frei Heitor Pinto's *Imagem da Vida Christam* printed in Evora by André de Burgos in 1569 is unknown to almost all bibliographers. Innocencio (*Diccionario*, vol. III, p. 176) and Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 459) mention it, but seem almost to doubt its existence; more recently, however, a detailed description has been given by Manuel dos Santos (*Bibliografia Geral*, vol. II, no. 7967), from whom Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 396) took the notice they publish. Our own complete and perfect

[1] *Approbation of Frei Manuel da Veiga, dated January 23rd, 1563, and licence of the Provincial of the Order of St Jerome, dated July 20th, 1563.*

publicáram. Alem do nosso exemplar, completo e perfeito, não temos conhecimento de nenhum outro. Esta edição contem os seis primeiros dialogos, que fôram impressos pela primeira vez em 1563; a *Segunda parte dos dialogos da imagem da vida Chriſtam* foi estampada pela primeira vez em 1572. Ambos os livros tiveram numerosas edições no seculo XVI (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nos 19, 24, 174, 188, 214, 215, 782, 799, 808, 846, 922, 944, 974, 994), o que prova o exito da *Imagem da Vida Christam.*

Fr. Heitor Pinto, natural da Covilhã, professou o instituto de S. Jeronymo no Convento de Belem em 1543; começou os seus estudos no Convento da Costa, em Guimarães, que continuou, primeiro na Universidade de Coimbra e depois na de Siguença, onde se doutorou em Theologia. Tendo regressado ao reino, foi nomeado reitor do Collegio de Coimbra em 1565, e eleito Provincial da sua Ordem em 1571. "Como foſſe peritiſſimo nas linguas Orientaes com que tinha penetrado as mayores dificuldades de hum, e outro Teſtamento" (Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 427), tomou posse, em 1576, da Cadeira de Escriptura Sagrada na Universidade de Coimbra, para elle especialmente creada. Depois da morte do Cardeal Rei D. Henrique, Fr. Heitor Pinto, Portuguez dos quatro costados, defendeu com nobreza a causa de D. Antonio, Prior do Crato. Filippe II, escreve Barbosa, querendo livrar-se

"de hum taõ forte Antegoniſta o levou em ſua companhia para Madrid quando voltava de Portugal, com o pretexto honorifico de ſeu Conſultor em os negocios mais graves. Ao entrar naquella Corte diſſe com apoſtolica liberdade: *ElRey Filippe bem me poderá meter em Caſtella, mas Caſtella em mim he impoſſivel*" (*ob. cit.* p. 428).

Não ha duvida que, por ordem do Monarcha, foi affastado do ensino e transferido para o Convento de Silla, juncto de Toledo; sabe-se tambem

one is the only copy we know. This book contains the first six dialogues, which were printed for the first time in 1563; the *Segunda parte dos dialogos da imagem da vida Chriſtam* was published in 1572. Both books were reprinted many times in the XVIth century (see Anselmo and Proença, *op. cit.* nos. 19, 24, 174, 188, 214, 215, 782, 799, 808, 846, 922, 944, 974, 994), a proof of the success of the *Imagem da Vida Christam.*

Frei Heitor Pinto, a native of Covilhã, entered the Order of St Jerome in the monastery of Belem in 1543. He began his studies in the Convent of Costa in Guimarães, whence he proceeded to Coimbra University and afterwards to Siguenza, where he graduated in theology. On his return to Portugal, he was nominated rector of the College of Coimbra in 1565, and in 1571 he was made Provincial of his Order. "As he was most learned in the Oriental tongues, by means of which he had overcome the greatest difficulties in both Testaments" (Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, vol. II, p. 427), a Chair of Holy Scripture was specially created for him in Coimbra University in 1576. After the death of the Cardinal King Dom Henrique, Frei Heitor Pinto, who was every inch Portuguese, nobly defended the cause of Dom Antonio, the *Prior do Crato.* Barbosa says that Filippe II, desirous of ridding himself

"of such a powerful antagonist, took him with him to Madrid when he returned there from Portugal, under the honourable pretext of consulting him in important matters. But when they arrived at the Court there, he said with apostolic freedom: 'King Filippe can easily put me in Castile, but he can never put Castile into me'" (*op. cit.* p. 428).

There is no doubt that the King prevented him from teaching and transferred him to the monastery of Silla near Toledo; it is also known

que não foi incluido na amnestia concedida por esse Soberano em 1581. Heitor Pinto falleceu no seu exilio em 1584, suspeitando-se que a sua morte fôra devida a veneno mandado propinar por Filippe II; mas, como diz Aubrey Bell, "King Philip could scarcely have considered him worth poisoning, especially when removed from his sphere of influence" (*Portuguese Literature*, p. 236).

Este auctor occupa, indubitavelmente, um logar proeminente entre os nossos prosadores mysticos do seculo XVI; certamente, Fr. Heitor Pinto, D. Fr. Amador Arraiz e Fr. Thomé de Jesus são os nossos maiores moralistas de esse seculo. Ácerca do merecimento de Fr. Heitor Pinto, o douto philologo Francisco Dias Gomes escreve com razão:

"Quem quizer ver uma verdadeira imagem da eloquencia do divino Platão, e do eloquentissimo Cicero, lêa os *Dialogos* d'este auctor. Além da mais pura e sancta moral christã, que constitue o fundo especial dos ditos dialogos, n'elles admirará quem os lêr em grau superior todas as graças do estylo, o mais puro e correcto" (*Obras Poeticas*, p. 29).

Eminente escriptor sagrado, Frei Heitor Pinto é um verdadeiro mestre da lingua; como diz o illustre critico Aubrey Bell: "It is impossible to read a page of these dialogues and not be struck by the extraordinary fascination of their style" (*ob. cit.* p. 237). Á sua notavel sciencia, pureza e primores de linguagem, perfeita moral Christã, e admiravel eloquencia, juncta-se a sua fé profunda; reunindo tantas bellas e grandes qualidades e virtudes, Fr. Heitor Pinto compoz uma obra que é um monumento da nossa litteratura (ver Barbosa, *ob. cit.* pp. 427–430; D[r] Mendes dos Remedios, *História da Literatura Portuguêsa*, p. 184; D[r] Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, t. III, parte II, pp. 322, 336,

that he was excluded from the amnesty granted by this Sovereign in 1581. Heitor Pinto died in exile in 1584, and there was some suspicion that he had been poisoned by the King's orders; but, as Aubrey Bell says, "King Philip could scarcely have considered him worth poisoning, especially when removed from his sphere of influence" (*Portuguese Literature*, p. 236).

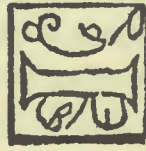
This author certainly had an important place among the Portuguese writers of mystic prose in the XVIth century; for Frei Heitor Pinto, Dom Frei Amador Arraiz and Frei Thomé de Jesus were the greatest Portuguese moralists of the period. The distinguished philologist, Francisco Dias Gomes, rightly says of Frei Heitor:

"Let anyone desirous of seeing a true image of the eloquence of Plato the divine, and of the ever eloquent Cicero, read this author's *Dialogos*. In addition to the purest and most holy Christian morality which is the basis of the said dialogues, the reader will admire in them, in a superior degree, all the graces of the purest and most correct style" (*Obras Poeticas*, p. 29).

An eminent writer of sacred works, Frei Heitor Pinto was a master of language, and, in the words of Aubrey Bell, "It is impossible to read a page of these dialogues and not be struck by the extraordinary fascination of their style" (*op. cit.* p. 237). To his remarkable knowledge, purity and elegance of style, perfect Christian morality and superb eloquence, he joined a deep religious faith, and with all these qualities he succeeded in composing a work which is outstanding in Portuguese literature (see Barbosa, *op. cit.* vol. II, pp. 427–430; Dr Mendes dos Remedios, *História da Literatura Portuguêsa*, p. 184; Dr Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. III, part II, pp. 322, 336, 355;

¶ DIALOGO DA VERdadeira philoſophia, interlocutores hũ philoſopho, hũ ſeu cõpanheiro & hũ ermitam

CAPITVLO.I.

¶ Da excelẽcia da viſta ſobre os outros ſentidos, & do deſcobrimẽto da verdade.

INdo praticãdo pelos cẽſeyraes de coimbra, ao lõgo do Mõdego dous amigos q̃ ſayrã da cidade, hũ delles dado muito ao eſtudo da humanidade, q̃ pſumia exceſſiuamẽte de diſcreto & grãde philoſopho, & q̃ria ãtes parecelo q̃ ſelo, da cõdiçã dos q̃ eſcolhẽ antes Latam luſtroſo que prata ſem luſtro: outro menos humaniſta, mas mais humano, encontraram com hum ermitã homẽ religioſo & letrado, de que tinham

CAPIT.I. CX

DIALOGO

da juſtiça: interlocutores hũ doutor Theologo, hũ Mathematico, hũ juriſta & hũ cidadão.

CAPITVLO.I.

¶ Da perda do tẽpo & da definiçam da juſtiça.

ACHãdo ſe hũ dia quatro amigos praticãdo, hũ delles doctor em theologia Outro philoſopho Mathematico, & hũ eſtudãte em leys & hũ cidadão: diſſe o Theologo, em cuja caſa elles eſtauam. Eu ſempre tiue pera mĩ, & tenho inda agora, q̃ hũa das grandes perdas que ha no mundo, he a do tempo: porque he elle precioſo muito, & val a peſo do ouro, & perdido nam ſe pode mais cobrar. E por iſſo o pintaram os

p ij

221 Duas paginas da *Imagem da Vida Christam* de Fr. Heitor Pinto
Two pages of the *Imagem da Vida Christam* of Fr. Heitor Pinto
Evora, 1569

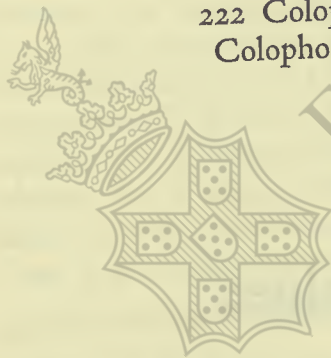
355; D[r] Fidelino de Figueiredo, *Historia da Litteratura Classica*, pp. 304–311; D[r] Joaquim de Carvalho, *Literatura Religiosa* (*Fr. Heitor Pinto*; *D. Fr. Amador Arrais e Fr. Thomé de Jesus*) in *Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada*, t. III, pp. 90–93; Aubrey Bell, *loc. cit.*).

Se deixou um nome illustre nas lettras nacionaes, esse nome tambem merece o respeito de todos os Portuguezes pela maneira tão nobre com que procurou defender a independencia da sua patria.

Dr Fidelino de Figueiredo, *Historia da Litteratura Classica*, pp. 304–311; Dr Joaquim de Carvalho, *Literatura Religiosa* (*Fr. Heitor Pinto*; *D. Fr. Amador Arrais e Fr. Thomé de Jesus*) in *Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada*, vol. III, pp. 90–93; Aubrey Bell, *loc. cit.*).

If he earned himself a distinguished name in letters, he also deserves the respect of all Portuguese for the noble way he tried to defend his country's independence.

¶ Impressos em Euora em casa de andre de Burgos, caualleiro da casa do Cardeal Iffante, & impressor da vniuersidade de Euora: aos tres de Ianeiro. 1569

222 Colophon da *Imagem da Vida Christam* de Fr. Heitor Pinto
Colophon of the *Imagem da Vida Christam* of Fr. Heitor Pinto
Evora, 1569

LEIS EXTRAVA GANTES COLLEGIDAS E RELATADAS PELO LICENCIADO DVARTE NVNEZ DO LIAM PER MANDADO do muito alto & muito poderoso Rei Dom SEBASTIAM. nosso Senhor.

Com Priuilegio Real.

Em Lisboa per Antonio Gonçaluez.
Anno de M.D.LXIX.

223 Folha do rosto das *Leis Extravagantes* de Duarte Nunez do Leão
Title-page of the *Leis Extravagantes* of Duarte Nunez do Leão
Lisboa, 1569

120 DUARTE NUNEZ DO LEÃO, LEIS EXTRAVAGANTES.
Lisboa, Antonio Gonçalves, 1569.

LEIS EXTRAVA | GANTES COLLEGIDAS E | RELATADAS PELO LICENCIADO | DVARTE NVNEZ DO LIAM PER MAN- DADO | do muito alto & muito poderoſo| Rei Dom SEBASTIAM. | noſſo Senhor. |

Gravura das Armas Reaes[1].

Com Priuilegio Real. | Em Lisboa per Antonio Gonçaluez. | *Anno de M.D.LXIX.*

[fl. 1 vo.]

Privilegio Real, datado de 15 de Novembro, 1568[2].

[fl. 2] AO MVITO ALTO E MVITO | poderoſo Rei Dom Sebaſtião noſſo ſenhor, | o Licenciado Duarte Nunez do Lião, [...]

[fl. 3]

Alvará Regio ordenando a compilação, datado de 14 de Fevereiro, 1569[3].

[fl. 4] TITVLOS DAS LEIS EXTRAVAGANTES. [...]

fl. 1. LEIS EXTRAVA | GANTES COLLEGIDAS E | RELATADAS PELO LICENCIA- | DO DVARTE NVNEZ DO LIAM, [...] | PRI- MEIRA PARTE [...] | Tit. primeiro [...]

fl. 217 vo. [...] FIM.

fl. 218. AOS LECTORES. [...] | *Erros da Impreſſão.* [...] | *Impreſſo com licença.* | Bulhão. F. Antonio de S. Domingos.

[fl. 1] REPERTORIO DAS MATE- | rias que ſe conteem nas ſeis partes das leis | extrauagantes. [...]

[fl. 16 vo.] [...] FIM.

Folio—[4], 218, [16] folhas—38 linhas—dedi- catoria e parte das epigraphes em caractéres italicos.

Numeração dos cadernos: ❦, 4 folhas; A–K, 8 folhas cada caderno; L, 10 folhas; M–N, 8 folhas cada caderno; O, 4 folhas; P–Y, 8 folhas cada caderno; Z, 4 folhas; Aa–Bb, 8 folhas cada caderno; Cc, 4 folhas; Dd–Ee, 8 folhas cada caderno; Ff, 4 folhas; ❧, 8 folhas; ∞, 8 folhas; total de 238 folhas; as folhas ❧ 2 e ❧ 3 teem assignaturas erradas ∞ 2 e ∞ 3.

Segue-se, com rosto e paginação especial[4]:

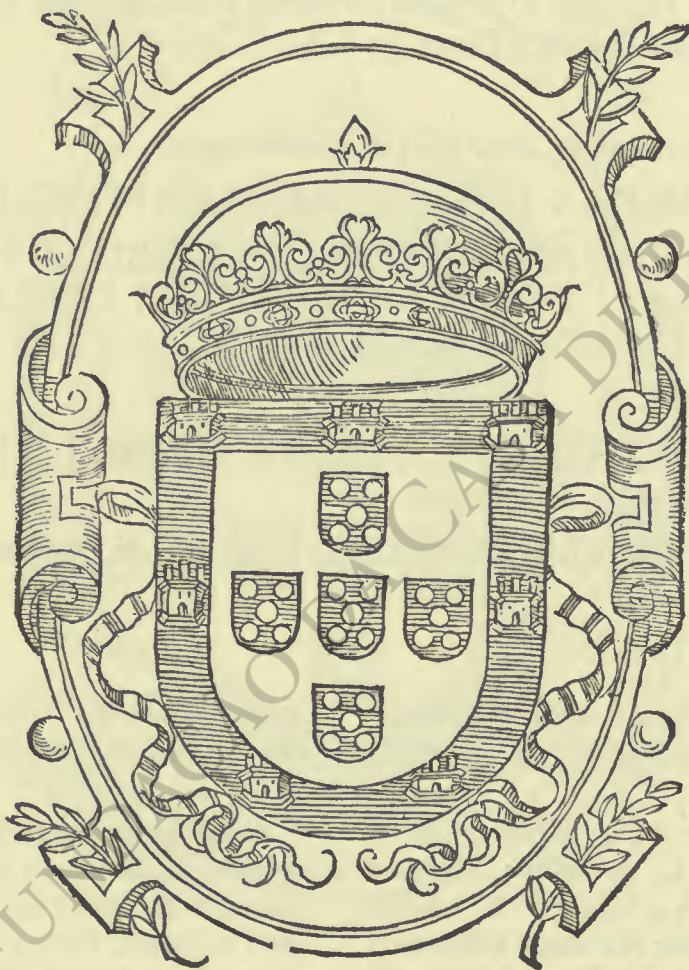
Folio—[4], 218, [16] leaves—38 lines—dedi- cation and part of the headings in italics.

Collation by signatures: ❦, 4 leaves; A–K, each 8 leaves; L, 10 leaves; M–N, each 8 leaves; O, 4 leaves; P–Y, each 8 leaves; Z, 4 leaves; Aa–Bb, each 8 leaves; Cc, 4 leaves; Dd–Ee, each 8 leaves; Ff, 4 leaves; ❧, 8 leaves; ∞, 8 leaves; total 238 leaves; leaves ❧ 2 and ❧ 3 are wrongly marked ∞ 2 and ∞ 3.

1 *Woodcut of the Royal Arms.*
2 *Royal privilege, dated November 15th, 1568.*
3 *Royal charter authorising the compilation, dated February 14th, 1569.*
4 *There follows with separate title-page and pagination:*

ANNOTACÕES SOBRE AS ORDENACÕES DOS CINQVO LIVROS, que pelas leis extrauagantes ſão reuogadas ou interpretadas.

Item os caſos das meſmas extrauagantes per que os julgadores ſão obrigados a deuaſſar.

Pelo Licenciado Duarte Nunez do Lião.

Em Lisboa per Antonio Gonçaluez.
Anno M. D. LXIX.

Leis Extravagantes
224 Folha do rosto das *Annotacões sobre as Ordenacões* de Duarte Nunez do Leão
Title-page of the *Annotacões sobre as Ordenacões* of Duarte Nunez do Leão
Lisboa, 1569

ANNOTACÕES [*sic*] SOBRE AS | ORDENACÕES [*sic*] DOS CINQVO LIVROS, | que pelas leis extrauagantes ſão | reuogadas ou interpretadas. | Item os caſos das meſmas extrauagantes per que os julgadores | ſão obrigados a deuaſſar. | *Pelo Licenciado Duarte Nunez do Lião.* |

Gravura das Armas Reaes, egual á da obra anterior[1].

Em Lisboa per Antonio Gonçaluez. | Anno M. D. LXIX.

[fl. 1 vo.] O Licenciado Duarte Nunez do Lião | Aos Lectores. [...]

fl. 2. ORDENACOES [*sic*] DOS CINQVO | liuros que pelas leis extrauagantes ſão | reuogadas ou interpretadas. | Liuro primeiro. [...]

fl. 5 vo. [...] Fim.

fl. 6. CASOS DAS LEIS EXTRAVA- | gantes, de que os julgadores ſão obrigados a | tirar deuaſſas, ou tomar informações. [...]

fl. 8. [...] FIM.

Assignatura autographa de: Duarte Nunez do Leão[2].

Folio—[1], 2–8 folhas—38 linhas—os *Casos das Leis extrauagantes* impressos em caractéres redondos, o resto em italicos.

Numeração do caderno: AA, 8 folhas.

Encadernação de vitella.

As *Leis Extravagantes collegidas e relatadas pelo Licenciado Dvarte Nvnez do Liam*, por mandado d'El-Rei D. Sebastião, fôram impressas em Lisboa por Antonio Gonçalves em 1569. Entre os auctores que se referem a esta obra, citaremos: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. I, p. 737), Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 210), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 339), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 49), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nos 689–690), que mencionam os exemplares das seguintes Bibliothecas: Lisboa (5 exemplares), Archivo Nacional, Ajuda, Academia das Sciencias, Porto, Evora, Universidade de Coimbra, Sociedade Martins Sarmento (Guimarães), Universidade de Leipzig; a essa lista podemos accrescentar mais tres exemplares: o da Livraria

Folio—[1], 2–8 leaves—38 lines—the *Casos das Leis extrauagantes* are in Roman type, the rest in italics.

Collation by signatures: AA, 8 leaves.

Calf binding.

The *Leis Extravagantes collegidas e relatadas pelo Licenciado Dvarte Nvnez do Liam*, by command of King Sebastião, were printed in Lisbon by Antonio Gonçalves in 1569. Among those who refer to the work are: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. I, p. 737), Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 210), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 339), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 49), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nos. 689–690), who mention copies in the following Libraries: Lisbon (5 copies), Archivo Nacional, Ajuda, Academy of Science, Oporto, Evora, Coimbra University, Sociedade Martins Sarmento (Guimarães), and Leipzig University: to this list we are able to add three copies: one in the Sabugosa Library, one

1 *Woodcut of the Royal Arms, like the one in the previous work.*

2 *Autograph signature of:* Duarte Nunez do Leão.

Sabugosa, o da Bibliotheca da Universidade de Harvard (*Catalogo Palha*, nº 273), e o nosso, que se encontra completo e bem conservado.

Antonio Gonçalves foi um bom impressor; o primeiro livro conhecido que imprimiu tem a data de 1568, mas sabe-se que já tinha officina propria em Lisboa, á Costa do Castello, em 1566. Todos os seus trabalhos fôram estampados na capital, onde, até 1576, produziu umas 27 ou 28 obras, entre as quaes algumas—taes como o *De Rebvs Emmanvelis Gestis* de D. Jeronymo Osorio, 1571, o *Compendio das Chronicas da Ordẽ de Nossa Senhora do Carmo*, 1572, o *Comentario do cerco de Goa e Chavl*, 1573, e o *Svcesso do Segvndo cerco de Div*, 1574—fôram executadas com grande cuidado. Se outros trabalhos mostram a decadencia da arte typographica em Portugal na segunda metade do seculo XVI, os que acabamos de enumerar são, todavia, dignos de elogio. Alguns dos rostos das suas impressões são gravados em metal. Antonio Gonçalves não usou marca, e denominou-se simplesmente impressor, typographo ou imprimidor de livros; comtudo, uma vez—no *Libro primero del espejo del Principe Christiano* do Dr Francisco de Monçon, 1571—intitulou-se "impressor del illustrisimo y reuerendissimo señor don Iorge Arcobispo de Lisboa." Mas, se não teve titulos honorificos, cabe-lhe uma gloria especial: a de ter sido dos seus prelos que sahiu, em 1572, a primeira edição dos *Lusiadas*. Antonio Gonçalves não podia, como "imprimidor" de livros, ter cubiçado maior honra (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* p. 194 e nos 682–708; Sousa Viterbo, *ob. cit.* pp. 46–47; Tito de Noronha, *A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, pp. 21–22, 25; Deslandes, *Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos Seculos* XVI *e* XVII, 1888, p. 77; Gomes de Brito, *Noticia de Livreiros e Impressores em Lisbôa*, pp. 56–78).

Duarte Nunez do Leão, filho do Professor de Medicina João Nunez, era natural de Evora. Frequentou a Universidade de Coimbra, onde

in Harvard University Library (*Palha Catalogue*, no. 273), and our own, which is complete and perfect.

Antonio Gonçalves was a good printer: the first known work from his press is dated 1568, though he is known to have had a printing-office of his own in Lisbon at the Costa do Castello in 1566. He printed only in Lisbon, where, between 1568 and 1576, he issued some 27 or 28 works, and though some of them bear witness to the decadence of printing in Portugal in the second half of the XVIth century, others—such as the *De Rebvs Emmanvelis Gestis* of Dom Jeronymo Osorio, 1571, the *Compendio das Chronicas da Ordẽ de Nossa Senhora do Carmo*, 1572, the *Comentario do cerco de Goa e Chavl*, 1573, and the *Svcesso do Segvndo cerco de Div*, 1574—were very carefully done and are worthy of praise. The frontispieces in some of his productions are engraved on metal. Antonio Gonçalves used no special mark and called himself simply "typographer" or "printer of books," except in the *Libro primero del espejo del Principe Christiano* of Dr Francisco de Monçon, 1571, when he entitled himself: "printer to the most illustrious and reverend lord Dom Jorge, Archbishop of Lisbon." But though he had no honorific titles, he has a special title to glory, for the first edition of the *Lusiadas* came from his press in 1572, and no printer could covet a greater honour than to be entrusted with that masterpiece (see Anselmo and Proença, *op. cit.* p. 194 and nos. 682–708; Sousa Viterbo, *op. cit.* pp. 46–47; Tito de Noronha, *A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, pp. 21–22, 25; Deslandes, *Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos Seculos* XVI *e* XVII, 1888, p. 77; Gomes de Brito, *Noticia de Livreiros e Impressores em Lisbôa*, pp. 56–78).

Duarte Nunez do Leão, the son of the Professor of Medicine João Nunez, was born in Evora. He studied at Coimbra University,

tomou o grau de Licenciado em Direito Civil, e seguiu depois a vida judicial, chegando ao posto de Desembargador da Casa da Supplicação. Jurisconsulto de nomeada, foi encarregado pelo Conde de Redondo, Regedor das Justiças, de fazer o Reportorio dos cinco livros das Ordenações, com addição das leis extravagantes, que foi impresso por João Blavio em 1560 (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 335). Em 1569, fôram então impressas, por mandado d'El-Rei D. Sebastião, as *Leis Extravagantes*. O nosso auctor era um incançavel trabalhador, e prestou grandes serviços com os innumeros estudos que compoz (ver Barbosa, *ob. cit.* pp. 736–737; Innocencio, *ob. cit.* pp. 210–212), mas não nos é possivel tractar aqui de todas as suas obras. Infelizmente, o seu nome ficou, perante a historia patria, com uma triste macula, pois, após a morte do Cardeal Rei D. Henrique, abraçou enthusiasticamente a causa de Filippe II. É pena que Duarte Nunez do Leão, illustre Desembargador e erudito escriptor, tivesse manchado de essa fórma um nome que teria merecido o respeito dos Portuguezes. Mas trabalhou até ao fim da sua vida, vindo a fallecer, muito velho, em 1608.

Na sua dedicatoria a D. Sebastião, Duarte Nunez do Leão escreve que os Gregos e os Romanos entenderam necessario emendar ou revogar certas leis, porque, como o demonstráram diversos auctores d'esses tempos, assim o exigia o bem da Republica; e accrescenta:

"Polo que não he de espantar, despois da copilação das ordenações, que elRei Dom Manuel da glorioſa memoria voſſo biſauô mandou fazer, virem a receber tantas interpretações, extenſões, & limitações, & outras ſerem reuogadas tam juſtamente, como antes forão ſtabelecidas. Porque per experiencia, & pelos caſos que occorrerão ſe vio, q̃ quanta neceſſidade entam houue de ſe fazerem, tanta houue deſpois de ſe emendarem. Mas he de eſpantar o grande deſcuido dos antigos, & ainda dos preſentes, que leis tam vtiles & neceſſarias, feitas com tanta

where he took the degree of Licentiate in Civil Law, and afterwards practised the law with success, rising to be a judge of the *Casa da Supplicação* (appeal tribunal). Being a well-known jurisconsult, he was charged by the Conde de Redondo, the Chief Justice, to make a summary of the five books of the law of the land, with the addition of all the extra laws. This *Reportorio* was printed by João Blavio in 1560 (see Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 335), and the *Leis Extravagantes* were printed in 1569 by order of King Sebastião. Our author was an indefatigable worker, and rendered great service with the many books he wrote (see Barbosa, *op. cit.* pp. 736–737; Innocencio, *op. cit.* pp. 210–212); but it is impossible for us to study all his works here. Unfortunately his name is not without stain, for on the death of the Cardinal King Henrique, he enthusiastically embraced the cause of Filippe II. It is a pity that a learned judge and noted writer like Duarte Nunez do Leão should have allowed this blot upon a name which should have deserved the respect of all Portuguese. He went on working to the very end of his life, and died at an advanced age, in 1608.

In the dedication to Dom Sebastião, Duarte Nunez do Leão points out that even the Greeks and Romans were forced to amend or revoke certain laws, because, as various writers of the time pointed out, it was necessary for the good of the Republic; and he adds:

"Wherefore it is not surprising that the compilation of laws made by order of King Manuel of glorious memory, your great-grandfather, has received so many interpretations, extensions and curtailments, some laws being revoked as justly as they were before established. Because by experience and by the cases that occurred it was seen that there was as much need to amend them, as there had been before to make them. But the great negligence of people in the past and even to-day is to be wondered at, since, having such useful and necessary laws, made with such pru-

prudencia & deliberação, para vſo & conſeruação da Republica, aſsi nolas deixarão espalhadas & poſtas em esquecimento, & todas ſem ordem, que quaſi viuiamos ſem o vſo dellas. Polo que entre muitas couſas dignas de memoria, q̃ o Cardeal Infante Dom Henrique voſſo tio fez, no tempo que por voſſa Alteza regeo eſtes regnos, per que ſeu nome ſe perpetuaraa, não ſe deue contar por menor, a inuenção deſta copilação. Porque por ſaber que a principal guarda das leis conſiſte na noticia dellas, & querendo tirar os inconuenientes que antes hauia, com tanta efficacia me mandou & encomendou o cargo della, que pudera ſer bõa teſtemunha, do zelo que ſempre teue da juſtiça & bem cõmum. O que V.A. hora approuãdo, mandou executar, & diuulgar, para que todos participaſſem deſte beneficio."

No seu alvará de 14 de Fevereiro de 1569, D. Sebastião declara que muitas leis e ordenações tinham sido feitas depois da compilação das *Ordenações* de D. Manuel, algumas haviam sido revogadas, outras tinham creado duvidas, e que, visto "as ditas leis, ordenações, & determinações" terem sido feitas em diversos tempos, "& não ſtarem reduzidas em certo volume, não podião vir a noticia de todos: o que era cauſa de hauer muitas duuidas, & ſe ſeguião diſſo muitos inconuenientes."

Para remediar todos esses inconvenientes, El-Rei mandou

"ao Licenciado Duarte Nunez do Lião...que ajuntaſſe todas as ditas extrauagantes & determinações, que ao preſente ſtauão em vſo & ſe praticauão, & fizeſſe hũ relatorio da ſubſtançia de cada hũa das ditas leis, ordenações, & determinações, per titulos, & em tal ordem, q̃ na relação de cada hũa ſe comprehendeſſe tudo o que ſe continha na original. O qual relatorio o dito Licençiado fez, como lhe per mĩ foi mandado. E deſpois de feito, eu o mãdei ver per Lourenço da Sylua...& per algũs letrados do meu conſelho & deſembargo. E por ſe achar, que ſtaua na ordem q̃ conuinha, & conforme a os lugares originaes, donde as ditas leis, ordenações,

dence and deliberation for the use and preservation of the Republic, they left them scattered and forgotten and all in disorder, so that we were living almost without using them. Wherefore the invention of this compilation must not be accounted the least of the many things deserving of remembrance done by the Cardinal Infante Dom Henrique your uncle, when he was ruling these kingdoms for your Highness, to perpetuate his name. Because realising that the best way to have laws kept is to make them known, and wishing to make an end of the inconvenience there had been before, he so efficiently ordered and commanded me to undertake this work, that it shall ever testify to his perpetual zeal for justice and the common good. And now your Highness approving this, has ordered it to be finished and divulged, so that all may benefit by it."

In his *alvará* of February 14th, 1569, Dom Sebastião declares that many laws and statutes had been made after the compilation of the *Ordenações* of Dom Manuel, and some had been revoked and others were of doubtful interpretation, and that, as "the said laws, statutes and determinations" had been drawn up at different times "and were not collected together in one volume, they could not be brought before the notice of all: which led to many doubts and inconveniences."

To remedy this the King ordered

"the Licentiate Duarte Nunez do Leão...to collect all the said extra laws and determinations which were at present in use and being practised, and to make a report of the substance of each of the said laws, statutes and determinations, by their titles, and in such order that the contents of the original could be clearly understood from the account of each one. Which report was made by the said Licentiate as I had commanded him. And when it was finished I ordered Lourenço da Sylva to look through it...and also other learned men of my council and court of justice. And as it was found to be in convenient order and in accordance with the places from which the said laws, statutes and determinations had

& determinações forão tiradas, mandei que odito liuro se imprimisse, para q̃ podesse vir a noticia de todos. E por tanto hei por bem & mando, que a todas as ditas extrauagantes & determinações scriptas no dito liuro, se dee aquella fee & credito, & tenhão a mesma authoridade que teem as proprias leis, determinações, & prouisões originaes, a q̃ se referem, como se de verbo a verbo fossẽ scriptas no dito liuro: por q̃nto se achou, que na relação q̃ nelle se faz das ditas leis & determinações não faltaua cousa algũa do q̃ toca aa decisão & substançia dellas."

N'estes dois documentos, que em parte transcrevemos, veem explicadas as *Leis Extravagantes*, e demonstram o extraordinario trabalho feito por Duarte Nunez do Leão.

E com estas notas terminamos o segundo volume da obra que emprehendemos com o unico fim—"não movido de premio vil"—de Servir a nossa Patria!

been taken, I ordered the said book to be printed, so that it could be brought before the notice of all. I therefore think well and command, that all the said extra laws and determinations written in the said book be given faith and credit and the same authority as the original laws and determinations from which they are taken, as if these were written word for word in the said book, inasmuch as it has been found that, in the report of the said laws and determinations therein made, nothing touching their decisions and substance is lacking."

The two documents, parts of which we have transcribed, explain the *Leis Extravagantes*, and help us to realise the magnitude of the task accomplished by Duarte Nunez do Leão.

And with these notes we conclude the second volume of the work we have undertaken with but only one aim—to serve our country!

LAUS DEO.

225 Assignatura autographa de Duarte Nunez do Leão
Autograph signature of Duarte Nunez do Leão

LIVROS CONSULTADOS PARA A COMPOSIÇÃO DO TOMO II D'ESTA OBRA

BOOKS CONSULTED FOR THE COMPOSITION OF VOLUME II OF THIS WORK

ALBUQUERQUE (AFFONSO DE): *Comentários do grande Afonso de Albuquerque, capitão geral que foi das Indias Orientais em tempo do muito poderoso Rey D. Manuel.* 4ª edição conforme a segunda prefaciada e revista por Antonio Baião. Coimbra, 1923 (2 vols.).

ALEMAN (MATHEO): *Primera Parte de Gusman de Alfarache.* Coimbra, 1600.

ALEXANDRE VI (PAPA): *Bulla Dudum Siquidem Omnes.* Madrid, 1530 (fac-simile).

ALMEIDA GARRETT (VISCONDE DE): *Um Auto de Gil Vicente.* (In—*Theatro*, vol. II, Lisboa, 1869.)

ANDRADA (FRANCISCO DE): *O primeiro Cerco que os Turcos puserão há fortaleza de Diu.* Coimbra, 1589.

ARIGITA Y LASA (MARIANO): *El Doctor Navarro Don Martin de Azpilcueta y sus obras.* Pamplona, 1895.

AYRES DE MAGALHÃES SEPULVEDA (CHRISTOVÃO): *Fernão Mendes Pinto. Subsidios para a sua biographia e para o estudo da sua obra.* Lisboa, 1904.

—— *Fernão Mendes Pinto e o Japão.* Lisboa, 1906.

AZEVEDO (PEDRO DE): *O fidei-commisso de Affonso de Albuquerque.* (In—*Archivo Historico Portuguez*, vol. I, Lisboa, 1903.)

—— *Os ciganos em Portugal no sec.* XVI *e* XVII. (In—*Archivo Historico Portuguez*, vols. VI e VII, Lisboa, 1908–1909.)

AZEVEDO (VISCONDE DE): *Elencho das Variantes e differenças notaveis que se encontram na primeira parte da Chronica d'ElRei D. Manuel escripta por Damião de Goes e duas vezes impressa no anno de 1566.* Porto, 1866.

BAIÃO (ANTONIO): *Affonso d'Albuquerque* (*Grandes Vultos Portuguêses*—III). Lisboa, 1914.

—— *Alguns Ascendentes de Albuquerque e o seu filho á luz de documentos inéditos. A Questão da sepultura do governador da India.* Coimbra, 1915.

—— *Brás de Albuquerque, o autor dos Comentários.* (In—*Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada*, vol. III, Lisboa, 1932.)

—— *Damião de Góis.* (In—*Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada*, vol. III, Lisboa, 1932.)

—— *Documentos inéditos sôbre João de Barros.* Coimbra, 1917.

—— *O Guarda-Mor Damião de Góis e alguns serviços da Torre do Tombo no seu tempo.* (In—*Anais das Bibliotecas e Arquivos*, vol. IX, Lisboa, 1931.)

—— *A Inquisição em Portugal e no Brazil. Subsidios para a sua Historia.* (In—*Archivo Historico Portuguez*, vols. IV–VII, IX–X, Lisboa, 1906–1916.)

—— *Itinerários da Índia a Portugal por terra.* Revistos e prefaciados por Antonio Baião. Coimbra, 1923.

—— *O matemático Pedro Nunes e sua família.* Coimbra, 1915.

[BARROS (JOÃO DE)]; ULLOA (ALFONSO): *L'Asia del S. Giovanni di Barros. Nuouamente di lingua Portoghese tradotta.* Venetia, 1561.

BELL (AUBREY F. G.): *Fernam Lopez.* Oxford, 1921.

—— *Four Plays of Gil Vicente.* Cambridge, 1920.

—— *Gil Vicente.* (In—*Revista de Historia*, vol. V, Lisboa, 1916.)

BENARUS (ADOLFO): *Os Judeus. Historia estranha deste povo até aos nossos dias.* Lisboa, s.d.

BERMUDES (JOÃO): *Breve Relação da Embaixada que o Patriarcha D. João Bermudes trouxe do Imperador da Ethiopia chamado vulgarmente Preste João.* Publicada pela Academia Real das Sciencias. Lisboa, 1875.

BERWICK E DE ALBA (DUQUE DE): *Correspondencia de Gutierre Gomez de Fuensalida, Embajador en Alemania, Flandes é Inglaterra* (1496–1509). Madrid, 1907.

BRAAMCAMP FREIRE (ANSELMO): *Bibliographia Resendiana.* (In—*Archivo Historico Portuguez*, vol. VIII, Lisboa, 1914.)

—— *As conspirações no reinado de D. João II.* (In—*Archivo Historico Portuguez*, vols. I e II, Lisboa, 1903–1904.)

—— *Gil Vicente—Poeta e Ourives.* Coimbra, 1914.

—— *Maria Brandoa—a do Crisfal.* (In—*Archivo Historico Portuguez*, vols. VI–VIII, Lisboa, 1908–1910.)

—— *Povoação da Estremadura no* XVI. *seculo.* (In—*Archivo Historico Portuguez*, vol. VI, Lisboa, 1908.)

—— *As Sepulturas do Espinheiro.* Lisboa, 1901.

BRAGA (MARQUES): *Bernardim Ribeiro—Eglogas.* Lisboa, 1923.

BRAGA (THEOPHILO): *Historia da Litteratura Portugueza.* I. *Edade Media*, Porto, 1909; II. *Renascença*, 1914; III. *Os Seiscentistas*, 1916; IV. *Os Arcades*, 1918.

—— *Historia das Novellas Portuguezas de Cavalleria. Amadis de Gaula.* Porto, 1873.

—— *Historia do Theatro Portuguez.* Porto, 1870.

—— *Historia da Universidade de Coimbra nas suas relações com a instrucção publica portugueza.* Lisboa, 1892–1902 (4 vols.).

BRITO REBELLO (J. I. DE): *Gil Vicente* (*Ementas Historicas*—II). Lisboa, 1902.

—— *Gil Vicente* (1470(?)–1540(?)) (*Grandes Vultos Portuguêses*—II). Lisboa, 1912.

BRUNET (JACQUES-CHARLES): *Manuel du Libraire et de l'Amateur de Livres.* Paris, s.d. (6 vols.).

—— *Manuel du Libraire et de l'Amateur de Livres. Supplément.* Paris, s.d. (2 vols.).

CAMINHA (ANTONIO LOURENÇO): *Obras ineditas de D. Hieronimo Ozorio.* Lisboa, 1818.

CAMPOS (AGOSTINHO DE): *Os Cronistas.* (In—*Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada*, vol. I, Lisboa, 1929.)

—— *Fernão Lopes.* Lisboa, 1921–1922 (3 vols.).

CANTO (ERNESTO DE): *Additamento á Reproducção do* Elencho das Variantes...*publicada pelo Visconde de Azevedo.* Coimbra, 1913.

—— *Analyse e estudo bibliographico da 1ª edição do 1º livro da* Conquista da India *por Fernão Lopes de Castanheda.* (In—*Archivo Bibliographico*, Coimbra, 1877–1878.)

[CASTANHEDA (FERNÃO LOPES DE)]: *Hiſtoria del deſcvbrimiento y conquiſta dela India por los Portugueſes...traduzida nueuamente en Romance Caſtellano.* Anvers, 1554.

[CASTANHEDA (FERNÃO LOPES DE)]; GROUCHY (NICOLAS DE): *Le premier livre de l'Histoire de l'Inde.* Paris, 1553.

[CASTANHEDA (FERNÃO LOPES DE)]; LICHEFIELD (NICHOLAS): *The firſt Booke of the Historie of the Diſcouerie and Conqueſt of the East Indias, enterpriſed by the Portingales, in their daungerous Nauigations, in the time of King Don Iohn, the ſecond of that name.* London, 1582.

CASTELLO BRANCO (CAMILLO): *Curso de Litteratura Portugueza.* Lisboa, 1876.

—— *Noites de Insomnia.* Porto e Braga, 1874 (4 vols.).

CASTILHO (ANTONIO DE): *Comentario do cerco de Goa e Chavl, no anno de* M. D. LXX. Lixboa, 1573.

CASTILHO (JULIO DE): *Mocidade de Gil Vicente. Quadros da vida portugueza nos seculos* XV *e* XVI. Lisboa, 1896.

CASTILHO (JULIO DE) e BRAAMCAMP FREIRE (ANSELMO): *Indices do Cancioneiro de Resende e das Obras de Gil Vicente.* Lisboa, 1900.

CATALDO SICULO: *Epiſtole Cataldi.* Vlyxbone, 1500.

Catalogo dos Livros qve se prohibem neſtes Regnos & Senhorios de Portugal. Lisboa, 1581.

CIDADE (HERNANI): *Fernão Lopes é ou não o autor da "Crónica do Condestabre"?* Coimbra, 1931.

COELHO (FR. SIMÃO): *Primeira parte do Compẽdio de Chronicas da Ordem da muito bemauenturada ſempre virgem Maria do monte do Carmo.* Lisboa, 1572.

Corpo Diplomatico Portuguez contendo os actos e relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo desde o seculo XVI *até os nossos dias.* Lisboa, 1862–1910 (14 vols.).
CORTE REAL (JERONYMO): *Svcesso do segũdo cerco de Div.* Lixboa, 1574.
CRASSET (R. P.): *Histoire de l'Église du Japon.* Paris, 1715 (2 vols.).
CUNHA (PROF. PEDRO JOSÉ DA): *Bosquejo histórico das matemáticas em Portugal.* Lisboa, 1929.
CUNHA (D. RODRIGO DA): *Catalogo dos Bispos do Porto.* Com Supplementos de varias memorias ecclesiasticas por Antonio Cerqueira Pinto. Porto, 1742.
DENIS (FERDINAND): *Historia de Portugal desde os tempos mais remotos até á actualidade.* Lisboa, s.d. (8 vols.).
ESTEVES PEREIRA (FRANCISCO MARIA): *A Chronica do Condestabre de Portugal D. Nuno Alvarez Pereira.* (In—*Boletim da Segunda Classe da Academia das Sciencias de Lisboa,* vol. IX, Lisboa, 1915.)
FERREIRA (ANTONIO): *Poemas Lvsitanos.* Lisboa, 1598.
FIGUEIREDO (FIDELINO DE): *Menéndez y Pelayo e os estudos portugueses.* (In—*Revista de Historia,* vol. VIII, Lisboa, 1919.)
FREITAS (JORDÃO A. DE): *Fernão Mendes Pinto, sua ultima viagem á China* (1554–1555). (In—*Archivo Historico Portuguez,* vol. III, Lisboa, 1905.)
—— *A Inquisição em Goa. Subsidios para a sua Historia.* (In—*Archivo Historico Portuguez,* vol. V, Lisboa, 1907.)
—— *Literatura de Viagens.* (In—*Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada,* vol. III, Lisboa, 1932.)
—— *Subsidios para a bibliographia portugueza relativa ao estudo da lingua japoneza e para a biographia de Fernão Mendes Pinto.* Coimbra, 1905.
GAMA BARROS (HENRIQUE DA): *Historia da Administração Publica em Portugal nos seculos* XII *a* XV. Lisboa, 1885–1922 (4 vols.).
GAMS (P. PIUS BONIFACIUS): *Series Episcoporum Ecclesiæ Catholicæ.* Leipzig, 1931.
GARÇÃO-STOCKLER (FRANCISCO DE BORJA): *Ensaio Historico sobre a origem e progressos das Mathematicas em Portugal.* Paris, 1819.
GIRÁLDEZ (ÁLVARO): *Gil Vicente—Auto de la Sibila Casandra.* Madrid, 1921.
GOES (DAMIÃO DE): *De Bello Cambaico vltimo commentarii tres.* Louvain, 1549.
—— *Fides, Religio, Moresqve Aethiopvm.* Paris, 1541.
—— *Hispania.* Louvain, 1542.
—— *Legatio Dauid Aethiopiæ Regis ad Sanctissimum D. N. Clementem Papam VII.* Antuerpiae, 1533.
—— *Liuro das geracoẽs* (*sic*) *de Portugual.* MS. 1616.
[GOES (DAMIÃO DE)]; M.N.N.N.: *La Legation o vero Embasciaria dil Serenissimo Dauid Re di Ethiopia sopra. lxij. Reami al Sommo Pontefice Clemẽte Papa. vij.* Sem logar, data e impressor.
GOMES DE BRITO (BERNARDO): *Historia Tragico-Maritima.* Lisboa, 1735–1736 (2 vols.).
GOMES DE BRITO (JOSÉ JOAQUIM): *Noticia de Livreiros e Impressores em Lisbôa na 2ª metade do seculo* XVI. Lisboa, 1911.
—— *As Tenças testamentarias da Infanta D. Maria.* (In—*Archivo Historico Portuguez,* vols. V, VI, VIII, Lisboa, 1907–1910.)
GONÇALVES CEREJEIRA (DR. M.): *O humanismo em Portugal—Clenardo* (2 vols.). Coimbra, 1918 e 1926.
—— *Do valor histórico de Fernão Lopes.—Esbôço crítico de "D. Pedro I e a sua época" do Sr. General Moraes Sarmento, Lisboa,* 1924. Coimbra, 1925.
HENRION (LE BARON): *Histoire Générale des Missions Catholiques depuis le* XIII[e] *siècle jusqu'à nos jours.* Paris, 1847 (4 vols.).
HENRIQUES (GUILHERME J. C.): *A Bibliographia Goesiana.* Lisboa, 1911.
—— *Buchanan na Inquisição.* (In—*Archivo Historico Portuguez,* vol. IV, Lisboa, 1906.)
—— *Ineditos Goesianos,* vol. I. *Documentos.* Lisboa, 1896.

HERCULANO (ALEXANDRE): *Os amores de Bernardim Ribeiro e a infanta D. Beatriz.* (In—*Panorama*, vol. III, Lisboa, 1839.)

HERCULANO (ALEXANDRE): *Damião de Goes.* (In—*Panorama*, vol. I, Lisboa, 1837.)

HOBSON (G. D.): *Bindings in Cambridge Libraries.* Cambridge, 1929.

Index Librorvm Prohibitorvm. Lisboa, 1597.

KLACZKO (JULIAN): *Rome et la Renaissance—Essais et Esquisses—Jules II.* Paris, 1902.

LAPA (RODRIGUES): *Froissart e Fernão Lopes.* Lisboa, 1930.

LEMOS (MAXIMIANO): *O "Auto dos Fisicos" de Gil Vicente. Comentario medico.* Pôrto, 1921.

—— *Damião de Goes.* (In—*Revista de Historia*, vols. IX, X, XI. Lisboa, 1920–1922.)

—— *Gil Vicente naturalista.* Pôrto, 1922.

LOPES (DAVID): *Chronica dos Reis de Bisnaga. Manuscripto inedito do seculo* XVI. Lisboa, 1897.

—— *Historia dos Portugueses no Malabar por Zinadím. Manuscripto Arabe do seculo* XVI. Lisboa, 1898.

LOPES (FERNÃO): *Primeira parte da Crónica de D. João I.* Publicada por Anselmo Braamcamp Freire. Lisboa, 1914.

LOPES DE MENDONÇA (A. P.): *Damião de Goes e a Inquisição de Portugal.* Lisboa, 1859.

LOPES VIEIRA (AFFONSO): *Autos de Gil Vicente, seguidos de alguns excertos.* Porto, 1916.

—— *A Campanha Vicentina. Conferencias e outros escriptos.* Lisboa, 1914.

MARKHAM (SIR CLEMENTS): *Garcia da Orta (An Appreciation).* (In—*Revista de Historia*, vol. II, Lisboa, 1922.)

DE MAULDE (M.): *Les Juifs dans les États français du Saint-Siège au Moyen Age.* Paris, 1886.

MELLO (D. FRANCISCO MANUEL DE): *Carta de Gvia de Casados.* Lisboa, 1651.

MENDES DOS REMEDIOS (JOAQUIM): *Consolaçam ás tribulaçoens de Israel por Samuel Usque.* (*Subsidios para o estudo da Historia da Litteratura Portuguesa*, vols. VIII–X.) Coimbra, 1906–1908.

—— *Obras de Gil Vicente.* (*Subsidios para o estudo da Historia da Litteratura Portuguesa*, vols. XI, XV e XVII.) Coimbra, 1907, 1912 e 1914.

MENÉNDEZ Y PELAYO (MARCELINO): *Antología de Poetas líricos castellanos desde la formación del idioma hasta nuestros días.* Madrid (14 vols.).

MONTEIRO (FR. PEDRO): *Historia da Sancta Inquisição do reino de Portugal e suas conquistas.* Lisboa, 1749–1750 (2 vols.).

MORAES SARMENTO (GENERAL J. E. DE): *D. Pedro I e a sua época.* Porto, 1924.

MOREIRA (EDUARDO): *O Erasmo Português.* (In—*Revista de Historia*, vol. IV, Lisboa, 1915.)

MORSE STEPHENS (H.): *Albuquerque.* Oxford, 1892.

NEMÉSIO (VITORINO): *Alguns Aspectos da Prosa medieval. Principalmente através da "Primeira Parte da Crónica de D. João I" de Fernão Lopes.* (In—*O Instituto*, vols. 80 e 81, Coimbra, 1930–1931.)

NORONHA (TITO DE): *A primeira edição dos Lusiadas.* Porto, 1880.

Notice sur les rapports d'Erasme avec Damien de Goès. (Artigo publicado no *Annuaire* de l'Université Catholique de Louvain, 1853.) Lisboa, 1912.

NUNEZ DO LEÃO (DUARTE): *Orthographia da Lingoa Portvgvesa.* Lisboa, 1576.

Ordenações d'El-Rei D. Manuel. Livros I e II. Lisboa, 1512–1513.

[ORTA (GARCIA DA)]; MARKHAM (SIR CLEMENTS): *Colloquies on the Simples and Drugs of India.* London, 1913.

OUGUELLA (VISCONDE DE): *Gil Vicente.* Lisboa, 1890.

[PASTOR (DR. LUDWIG)]; POIZAT (ALFRED): *Histoire des Papes depuis la fin du moyen âge.* Paris, 1909.

PEDRO (D.), CONDE DE BARCELLOS: *Nobiliario.* Ordenado y ilvstrado con notas y indices por Ivan Bavtista Lavaña. Roma, 1640.

PENNEY (CLARA L.): *List of books printed before 1601 in the Library of the Hispanic Society of America.* New York, 1929.

PEREIRA DE SANCTA ANNA (FR. JOSÉ): *Chronica dos Carmelitas da antiga e regular observancia n'estes reinos de Portugal, Algarve e seus dominios.* Lisboa, 1745 e 1751 (2 vols.).

PEREIRA DA SILVA (LUCIANO): *Os dois Doutores Pedro Nunes.* (In—*Revista da Universidade de Coimbra*, vol. II, Coimbra, 1913.)

PHILIPPE (BARTHOLOMEU): *Repetitio in Canone Scĩdite.* Vlysbonae, 1539.

Portvgaliae Monvmenta Historica a saecvlo octavo post Christvm vsqve ad qvintvmdecimvm ivssv Academiae Scientiarvm Olisiponensis edita. Olisipone, 1856–1897 (4 vols.).

PRATT (OSCAR DE): *Gil Vicente. Notas e comentários.* Lisboa, 1931.

PRESCOTT (WILLIAM H.): *History of the Reign of Ferdinand and Isabella, the Catholic, of Spain.* London, 1867 (2 vols.).

PRESTAGE (EDGAR): *Affonso de Albuquerque, Governor of India. His life, conquests and administration.* Watford, 1929.

—— *The Chronicles of Fernão Lopes and Gomes Eannes de Zurara.* Watford, 1928.

—— *Critica contemporanea da "Chronica de D. Manuel" de Damião de Goes.* (In—*Archivo Historico Portuguez*, vol. IX, Lisboa, 1914.)

—— *The Portuguese Drama in the Sixteenth Century—Gil Vicente.* (In—*The Manchester Quarterly*, vol. XVI, 1896.)

PURSER (W. E.): *Palmerin of England. Some remarks on this romance and on the controversy concerning its authorship.* Dublin, 1904.

RASTEIRO (JOAQUIM): *Quinta e Palacio da Bacalhoa em Azeitão. Monographia historico-artistica.* Lisboa, 1895.

REBELLO DA SILVA (LUIZ AUGUSTO): *Historia de Portugal nos seculos* XVII *e* XVIII. Lisboa, 1860–1871 (5 vols.).

—— *Memoria sobre a População e a Agricultura de Portugal desde a Fundação da Monarchia até* 1865. Lisboa, 1868.

RESENDE (ANDRÉ DE): *Narratio rervm gestarvm in India a Lvsitanis, anno* M. D. XXX. Louanij, 1531.

RIBEIRO (BERNARDIM): *Menina e Moça.* Edição dirigida e preparada por D. José Pessanha. Porto, 1891.

—— *Obras.* Publicadas por Manoel da Sylva Mascarenhas. Lisboa, 1645.

RIBEIRO DOS SANTOS (ANTONIO): *Ensayo de huma Bibliotheca Lusitana Anti-Rabbinica.* (In—*Memorias de Litteratura Portugueza*, vol. VII, Lisboa, 1806.)

—— *Memoria da Vida e Escritos de Pedro Nunes.* (In—*Memorias de Litteratura Portugueza*, vol. VII, Lisboa, 1806.)

—— *Memorias da Litteratura Sagrada dos Judeos Portuguezes no Seculo* XVI. (In—*Memorias de Litteratura Portugueza*, vol. II, Lisboa, 1792.)

RODDIS (LOUIS H.): *Garcia da Orta—The first European writer on tropical medicine and a pioneer in pharmacognosy.* New York, s.d.

RODRIGUES (Pe FRANCISCO): *Mestre João Bermudes.* (In—*Revista de Historia*, vol. VIII, Lisboa, 1919.)

—— *O Seculo* XVI *em Quadro chronologico.* (In—*Revista de Historia*, vol. VI, Lisboa, 1917.)

RODRIGUES (DR. JOSÉ MARIA): *Algumas observações a uma edição comentada dos Lusíadas.* (In—*Revista da Universidade de Coimbra*, vols. II–IV, Coimbra, 1913–1915.)

—— *Fontes dos Lusiadas.* Coimbra, 1905.

Rol dos Livros que neste Reyno se prohibem. Lisboa, 1564.

ROSS (SIR E. DENISON): *The Portuguese in India and Arabia between* 1507 *and* 1517. Separato do *Journal of the Royal Asiatic Society*, October, 1921.

—— *Prester John and the Empire of Ethiopia.* (In—*Travel and Travellers of the Middle Ages* edited by A. P. Newton, London, 1926.)

SABUGOSA (CONDE DE): *Embrechados.* Lisboa, 1921.

—— *Gil Vicente—Auto da Festa. Obra desconhecida, com uma explicação previa.* Lisboa, 1906.

SANTA MARIA (P. FRANCISCO DE): *O Ceo aberto na Terra. Historia das sagradas congregações dos Conegos Seculares de S. Jorge em Alga de Venesa & de S. Joaõ Evangelista em Portugal.* Lisboa, 1647 (2 vols.).

SANTA MARIA (P. NICOLAO DE): *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho.* Lisboa, 1668 (2 vols.).

SCHÄFER (DR. HEINRICH): *Geschichte von Portugal.* Hamburg, 1836–1854 (5 vols.).

SEELIGMAN (SIGMUND): *Bibliographie en Historie. Bijdrage tot de Geschiedenis der eerste Sephardim in Amsterdam.* Amsterdam, 1927.

SILVA CARVALHO (DR. A. DE): *História da medicina portuguesa.* Lisboa, 1929.

—— *Medicina. A Literatura Médica até ao fim do século* XVI. (In—*Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada,* vol. III, Lisboa, 1932.)

SILVA GAIO (DR. MANOEL DA): *O Bucolismo (a escola, ou medida, velha): Bernardim Ribeiro; Cristovão Falcão.* (In—*Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada,* vol. II, Lisboa, 1930.)

SOUSA VITERBO (FRANCISCO MARQUES DE): *Amas, amos e collaços de pessoas reaes e personagens illustres.* (In—*Revista de Historia,* vols. II e III, Lisboa, 1913–1914.)

—— *A Armaria em Portugal. Noticia documentada dos fabricantes de armas brancas que exerceram a sua profissão em Portugal.* Lisboa, 1907.

—— *Artífices portugueses ou domiciliados em Portugal.* Coimbra, 1917.

—— *A avó materna de Affonso de Albuquerque. (Os penhoristas do seculo* XV.) (In—*Archivo Historico Portuguez,* vol. I, Lisboa, 1903.)

—— *Caligrafos e iluminadores portugueses. Ensaio historico-bibliográfico.* Coimbra, 1916.

—— *A cultura intellectual de D. Affonso V.* (In—*Archivo Historico Portuguez,* vol. II, Lisboa, 1904.)

—— *As dadivas de Affonso de Albuquerque.* (In—*Archivo Historico Portuguez,* vol. II, Lisboa, 1904.)

—— *Damião de Goes e D. Antonio Pinheiro. Apontamentos para a biographia do chronista de D. Manuel.* Coimbra, 1895.

—— *A Dote de D. Beatriz de Portugal Duqueza de Saboya.* (In—*Archivo Historico Portuguez,* vol. VI, Lisboa, 1908.)

—— *Estudos sobre Damião de Goes. Segunda serie.* Coimbra, 1900.

—— *Estudos sobre Gil Vicente. A Trilogia das Barcas.* (In—*Revista de Historia,* vol. I, Lisboa, 1912.)

—— *Gil Vicente. Dois traços para a sua Biographia.* (In—*Archivo Historico Portuguez,* vol. I, Lisboa, 1903.)

—— *Occorencias da vida judaica.* (In—*Archivo Historico Portuguez,* vol. II, Lisboa, 1904.)

—— *Relações de Portugal com alguns potentados africanos e asiaticos.* (In—*Archivo Historico Portuguez,* vol. II, Lisboa, 1904.)

STEINSCHNEIDER (JULIUS): *Zur Geschichte jüdischer Martyrologien. (R. Samuel Usque's "Trost Israels in seinen Trübsalen").* (In—*Festschrift zum* X. *Stiftungsfest des Akademischen Vereins für jüdische Geschichte und Litteratur,* Berlin, 1893.)

STREIT (ROBERT) e DINDINGER (JOHANNES): *Bibliotheca Missionum.* 1916–1931 (7 vols.).

TEIXEIRA (FR. DOMINGOS): *Vida de D. Nuno Alvares Pereira, segundo Condestavel de Portugal, progenitor da Casa Real pela Serenissima de Bragança.* Lisboa, 1723.

TEIXEIRA DE CARVALHO (DR. J. M.): *Dois capítulos da vida de Pedro Nunes.* (In—*Revista da Universidade de Coimbra,* vol. IV, Coimbra, 1915.)

—— *Homens de Outros Tempos.* Coimbra, 1924.

—— *A Universidade de Coimbra no século* XVI. Coimbra, 1922.

VARNHAGEN (FRANCISCO ADOLPHO DE): *Da Litteratura dos Livros de Cavallarias.* Vienna, 1872.

VASCONCELLOS (D. AGOSTINHO MANUEL DE): *Vida y acciones delrey Don Juan el II, decimo tercero Rey de Portugal.* Madrid, 1629.

VASCONCELLOS (D. CAROLINA MICHAËLIS DE): *Novos Estudos sôbre Sá de Miranda.* (In—*Boletim da Segunda Classe da Academia das Sciencias de Lisboa,* vol. v, Coimbra, 1912.)
VASCONCELLOS (JOAQUIM DE): *Arte Religiosa em Portugal.* Lisboa, 1914.
—— *Goesiana.* (In—*Archeologia Artistica:*
Fasc. VII. *Goesiana (a) O retrato de Albrecht Dürer,* 1879.
Fasc. VIII. *Goesiana (b) Bibliographia,* 1879.
Fasc. VIII, parte II. *Damião de Goes. Novos Estudos,* 1879.
Fasc. IX. *Goesiana (c) As cartas latinas,* s.d.
Fasc. X. *Goesiana (d) As Variantes das Chronicas,* 1881.
VELOSO (DR. QUEIRÓS): *Gil Vicente—Fundador do Teatro Português. A sua Vida e as suas Obras.* (In—*Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada,* vol. II, Lisboa, 1930.)
VICENTE (GIL): *Obras completas.* Reimpressão "fac-similada" da edição de 1562. Lisboa, 1928.
—— *Obras.* Lisboa, 1852 (3 vols.).
WOLF (LUCIAN): *Report on the "Marranos" or Crypto-Jews of Portugal.* London, 1926.

D'ESTA OBRA FÔRAM FEITAS AS SEGUINTES TIRAGENS: QUARENTA E CINCO EXEMPLARES EM PAPEL VAN GELDER, NUMERADOS E RUBRICADOS POR SUA MAJESTADE EL-REI D. MANUEL; SEISCENTOS E CINCOENTA EXEMPLARES EM PAPEL TELA; E TRES EXEMPLARES (FÓRA DO MERCADO) EM PAPEL HEAD FEITO Á MÃO.

IMPRESSO POR WALTER LEWIS NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE CAMBRIDGE EM MCMXXXII

OF THIS WORK
FORTY-FIVE COPIES ON VAN GELDER PAPER SIGNED BY HIS MAJESTY KING MANUEL, SIX HUNDRED & FIFTY COPIES ON ANTIQUE PAPER ARE FOR SALE, AND THREE COPIES ON HEAD'S HAND-MADE PAPER NOT FOR SALE.

PRINTED BY WALTER LEWIS, M.A., AT THE UNIVERSITY PRESS, CAMBRIDGE, MCMXXXII